E-BOOK

JÚLIO VERNE

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

JÚLIO VERNE

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

JÚLIO VERNE

VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS

As Extraordinárias Viagens de JÚLIO VERNE

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

JÚLIO VERNE

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

Tradução
Juliana Ramos Gonçalves

Principis

Capítulo 1

No dia 24 de maio de 1863, um domingo, meu tio, o professor Lidenbrock, voltou apressadamente à sua pequena casa situada no número 19 da Königstrasse, uma das mais antigas ruas do centro velho de Hamburgo.

A governanta Martha deve ter pensado que estava bem atrasada, pois o jantar mal começara a apitar no forno da cozinha.

“Bom” – disse para mim mesmo –, “se o meu tio, que é o mais impaciente dos homens, estiver com fome, ele vai dar gritos de desespero”.

– Mas já, sr. Lidenbrock?! – exclamou Martha estupefata, entreabrindo a porta da sala de jantar.

– Sim, Martha. Mas o jantar tem o direito de não estar pronto, pois ainda não são duas horas. Acabou de soar uma e meia na Igreja de São Miguel.

– Então por que o senhor Lidenbrock está em casa?

– É o que ele provavelmente vai nos dizer.

– Ah, senhor Axel, aqui está o senhor! Escapei dessa! Faça-o recuperar a razão.

E a governanta Martha voltou ao seu laboratório culinário.

Fiquei sozinho. Mas fazer o mais irascível dos professores recuperar a razão é o que a minha personalidade um tanto vacilante não me permitiria. Assim, eu já me preparava para
voltar prudentemente ao meu pequeno quarto no andar de cima quando a porta da rua rangeu e grandes pés fizeram a escada de

madeira estalar. O dono da casa, atravessando a sala de jantar, dirigiu-se imediatamente ao seu escritório.

Porém, durante essa rápida passagem, ele havia jogado em um canto a sua bengala com castão de quebra-nozes, sobre a mesa, seu largo chapéu de pelos espetados, e sobre seu sobrinho, estas sonoras palavras:

– Siga-me, Axel!

Eu mal tivera tempo de me mexer e o professor já gritava com um tom pronunciado de impaciência:

– Ora essa! Você ainda não está aqui?

Lancei-me em direção ao escritório de meu temível mestre.

Otto Lidenbrock não era um homem mau, admito de bom grado. Porém, a menos que houvesse transformações improváveis, morreria como um homem terrivelmente excêntrico.

Ele era professor de mineralogia no Johannaeum e, durante as aulas, frequentemente ficava uma ou duas vezes colérico. Não que ele se preocupasse em ter alunos assíduos em suas aulas ou com o grau de atenção que eles lhe dirigiam, nem com o sucesso que poderiam obter futuramente. Esses detalhes não o inquietavam muito. Ele professava "subjetivamente" – segundo uma expressão da filosofia alemã – para ele, e não para os outros. Era um sábio egoísta, um poço de ciência cuja roldana enguiçava quando se desejava puxar alguma coisa. Em uma palavra, um avarento.

Existem alguns professores desse tipo na Alemanha.

Meu tio, infelizmente, não gozava de uma grande facilidade de pronunciação, se não na intimidade, ao menos quando falava em público, o que é um defeito lamentável para um orador. De fato, em suas exposições no Johannaeum, o professor com frequência parava de repente e lutava contra uma palavra recalcitrante que não queria sair de sua boca – uma dessas palavras que resistem, se inflam e acabam escapando sob a forma pouco científica de um palavrão. E daí vinha uma grande cólera.

Ora, na mineralogia existem várias denominações semigregas e semilatinas difíceis de se pronunciar, rudes designações que feririam os lábios de um poeta. Não quero falar mal dessa ciência. Longe de mim. Mas quando estamos na presença de cristalizações romboédricas,

resinas retinoasfálticas, guelenitas, fangasitas, molibdatos de chumbo, tungstatos de manganês e titanatos de zircônio, é permitido à língua mais habilidosa tropeçar.

Assim, essa perdoável enfermidade de meu tio era bem conhecida na cidade, e as pessoas se aproveitavam dela, e a aguardavam nos trechos perigosos, e ele ficava enfurecido, e então riam – o que não é algo de bom gosto, mesmo entre os alemães. E embora sempre houvesse uma grande afluência de ouvintes nos cursos de Lidenbrock, quantos deles não os acompanhavam assiduamente sobretudo para rir das grandes cóleras do professor?

De qualquer forma, eu não saberia expressar o quanto meu tio era um verdadeiro sábio. Ainda que ele às vezes quebrasse suas amostras ao testá-las de um modo brusco demais, ele aliava ao gênio do geólogo o olhar do mineralogista. Com seu martelo, sua broca de aço, sua agulha imantada, seu maçarico e seu frasco de ácido nítrico, era um homem muito habilidoso. Diante das fendas, do aspecto, da dureza, da fusibilidade, do som, do odor e do gosto de um mineral qualquer, classificava-os sem hesitar dentre as seiscentas espécies que a ciência contabiliza hoje em dia.

Além disso, o nome de Lidenbrock ressoava com honra nos colégios e nas associações nacionais. Os senhores Humphry Davy e Humboldt e os capitães Franklin e Sabine nunca deixavam de visitá-lo quando passavam por Hamburgo. Os senhores Becquerel, Ebelmen, Brewater, Dumas e Milne-Edwards gostavam de consultá-lo sobre as questões mais palpitantes da química. Essa ciência lhe devia algumas belas descobertas. Em 1853, havia surgido em Leipzig um *Tratado de cristalografia transcendente* de autoria do professor Otto Lidenbrock, grande in-fólio com pranchas que, todavia, não lhe proporcionou nenhum lucro.

Acrescente-se a isso que meu tio era o conservador de uma preciosa coleção de renome na Europa: o museu mineralógico do sr. Struve, embaixador da Rússia.

Eis o personagem que me interpelava com tanta impaciência. Imagine um homem alto, magro, com uma saúde de ferro e uma loirice juvenil que lhe subtraía dez bons anos dos seus cinquenta. Seus grandes olhos se mexiam incessantemente por trás de consideráveis óculos. Seu nariz, longo e fino, parecia uma lâmina afiada; os maldosos até mesmo diziam que ele atraía limalha de ferro. Pura calúnia. Ele só atraía tabaco – mas em grandes quantidades, para ser sincero.

Quando eu acrescentar que meu tio dava passadas matemáticas de meia toesa,[1] e se eu disser que ao caminhar ele mantinha seus punhos solidamente fechados, sinal de um temperamento impetuoso, ele será suficientemente conhecido para que sua companhia não seja tão apreciada.

Ele vivia em sua pequena casa da Königstrasse, uma habitação metade de madeira, metade de tijolos, com um frontão denteado. Ela dava para um desses canais sinuosos que se cruzam no meio do mais antigo bairro de Hamburgo, que o incêndio de 1842 felizmente poupou.

A velha casa pendia um pouco, é verdade, e exibia seu ventre aos passantes. Seu telhado caía-lhe sobre as orelhas como a boina de um estudante da Tugendbund. O aprumo de suas linhas deixava a desejar. Porém, no fim das contas, ela se mantinha bem graças a um velho olmeiro incrustado em sua fachada, que na primavera empurrava seus botões em flor contra os vidros das janelas.

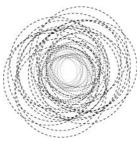
Para um professor alemão, meu tio não deixava de ser rico. A casa lhe pertencia completamente, continente e conteúdo. O conteúdo era sua afilhada Grauben, jovem virlandesa de dezessete anos, a governanta Martha e eu. Em minha dupla qualidade de sobrinho e órfão, tornei-me o ajudante de suas experiências.

Confesso que me lancei com muita sede nas ciências geológicas. Eu tinha sangue de mineralogista nas veias e nunca me entediava na companhia de minhas preciosas pedras.

Em suma, era possível viver feliz nessa casinha da Königstrasse, apesar das impaciências de seu proprietário, pois, por mais que ele agisse de um modo um pouco bruto, não deixava de me amar. Mas esse homem não sabia esperar, e ele estava mais apressado que de costume.

Quando, em abril, ele plantara nos vasos de louça de sua sala pés de resedá ou ipomeia, ele ia a cada manhã puxá-los pelas folhas a fim de apressar seu crescimento.

A um excêntrico desses, só se podia obedecer. Precipitei-me, então, em direção ao seu escritório.

Medida antiga de comprimento francesa, equivalente a seis pés.

Capítulo 2

Esse escritório era um verdadeiro museu. Todas as amostras do reino mineral lá estavam etiquetadas na ordem mais perfeita, segundo as três grandes divisões dos minerais: inflamáveis, metálicos e litoides.

Como eu conhecia bem aqueles bibelôs da ciência mineralógica! Quantas vezes, em vez de vaguear com os meninos da minha idade, eu me deleitava tirando o pó de grafites, antracites, hulhas, lignitos e turfas! E os betumes, as resinas e os sais orgânicos, que era preciso preservar do menor átomo de poeira! E aqueles metais, do ferro ao ouro, cujo valor relativo desaparecia diante da igualdade absoluta dos espécimes científicos! E todas aquelas pedras que teriam bastado para reconstruir a casa da Königstrasse, até mesmo com um belo quarto a mais, com o qual eu ficaria bem satisfeito!

Porém, ao entrar no escritório, eu não sonhava muito com essas maravilhas. Apenas meu tio ocupava meu pensamento. Ele estava afundado em sua grande poltrona revestida com veludo de Utrecht e segurava entre as mãos um livro que observava com a mais profunda admiração.

– Que livro! Que livro! – ele exclamava.

Essa exclamação me fez lembrar que o professor Lidenbrock também era bibliômano em suas horas vagas. Mas um livro só tinha valor diante de seus olhos caso fosse inencontrável ou, ao menos, ilegível.

– Ora essa! – ele me disse. – Você não está vendo? É um tesouro inestimável que achei esta manhã bisbilhotando a loja do judeu Hevelius.

– Magnífico! – respondi com um entusiasmo forçado.

De fato, qual a razão de fazer tal barulho por um velho in-quarto cuja lombada, capa e quarta capa pareciam feitas de um couro ordinário, um livro amarelado do qual pendia um fitilho desbotado?

Nesse meio-tempo, as interjeições admiradas do professor não cessavam.

– Veja – ele dizia respondendo às perguntas que fazia para si mesmo –, não é bonito? Sim, é admirável! E que encadernação! Será que esse livro se abre facilmente? Sim, pois ele fica aberto em qualquer página! Mas será que ele se fecha direito? Sim, pois a capa e as folhas formam um conjunto bem unido, que não se separa e nem fica entreaberto. E essa lombada, que não tem nenhum estrago depois de setecentos anos de existência? Ah! Aqui está uma encadernação que deixaria Bozerian, Closs ou Purgold orgulhosos!

Ao dizer isso, meu tio abria e fechava sucessivamente o velho livro. O mínimo que eu podia fazer era lhe perguntar sobre seu conteúdo, ainda que isso não me interessasse de modo algum.

– E qual é, então, o título desse maravilhoso volume? – perguntei com uma avidez entusiasmada demais para não ser fingida.

– Esta obra – respondeu meu tio se animando – é o *Heimskringla*, de Snorre Sturlason, o famoso autor islandês do século XII. É a crônica dos príncipes noruegueses que reinaram na Islândia.

– É mesmo?! – exclamei o melhor que pude – E é uma tradução em alemão, certo?

– Ora – replicou vivamente o professor –, uma tradução! E o que é que eu faria com uma tradução? Quem é que se preocupa com uma tradução? Esta aqui é a obra original em islandês, esse magnífico idioma ao mesmo tempo rico e simples, que permite as combinações gramaticais mais variadas e numerosas modificações nas palavras!

– Como o alemão – insinuei com graça.

– Pois é – respondeu meu tio erguendo os ombros –, além disso, a língua islandesa admite três gêneros, como o grego, e declina os nomes próprios, como o latim!

– Ah! – falei com minha indiferença um tanto abalada – E os caracteres desse livro são bonitos?

– Caracteres? Quem lhe falou de caracteres, infeliz Axel? Caracteres!

Você está achando que isto é um impresso? Não, ignorante, é um manuscrito, um manuscrito rúnico!

– Rúnico?

– Sim! Agora você vai querer que eu também explique essa palavra?

– Isso eu dispenso! – repliquei com o tom de alguém cujo amor-próprio havia sido ferido.

Mas meu tio continuou com mais afinco e, contra a minha vontade, ensinou-me coisas das quais eu não queria muito saber.

– As runas – ele retomou – eram caracteres de escrita antigamente comuns na Islândia, e, de acordo com a tradição, foram inventados pelo próprio Odin! Então olhe, ímpio, admire esses tipos que saíram da imaginação de um deus!

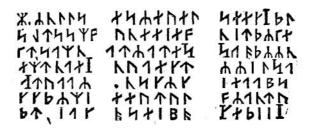
É claro que, na falta de uma réplica, eu já ia me curvar – um tipo de resposta que deve agradar tanto aos deuses quanto aos reis, pois ela tem a vantagem de nunca deixá-los embaraçados –, quando um incidente veio desviar o curso da conversa.

A aparição de um pergaminho imundo que escorregou do livro e caiu no chão.

Meu tio avançou sobre aquele cacareco com uma avidez fácil de se compreender. Um velho documento, talvez encerrado dentro de um velho livro há um tempo imemorial, não podia deixar de ter um alto valor diante de seus olhos.

– O que é isso? – ele exclamou.

Ao mesmo tempo, ele desenrolava cuidadosamente sobre a mesa um pedaço desse pergaminho que media treze centímetros de altura e oito de largura, e sobre o qual se estendiam, em linhas transversais, caracteres enigmáticos.

Aqui está o fac-símile exato. Preciso apresentar estes sinais bizarros, pois foram eles que levaram o professor Lidenbrock e seu sobrinho a empreender a mais estranha expedição do século XIX:

O professor analisou durante alguns instantes essa série de caracteres. Depois disse, levantando seus óculos:

– São rúnicos! Esses tipos são absolutamente idênticos àqueles do manuscrito de Snorre Sturlason! Mas o que será que isso significa?

Como as runas me pareciam uma invenção de sábios para mistificar o pobre mundo, no fundo achei graça ao ver que meu tio não entendia nada. Pelo menos foi o que me pareceu ao ver os movimentos de seus dedos, que começavam a tremer terrivelmente.

– Mas isso é islandês antigo! – ele murmurava entre os dentes.

E o professor Lidenbrock devia saber o que estava dizendo, pois era um verdadeiro poliglota. Não que ele falasse fluentemente as duas mil línguas e os quatro mil idiomas empregados na superfície do globo, mas conhecia uma boa parte deles.

Assim, diante dessa dificuldade, ele já ia se entregar a todo o ímpeto de sua personalidade, e eu já estava prevendo uma cena violenta, quando duas horas soaram no reloginho de parede da lareira.

Imediatamente a governanta Martha abriu a porta do escritório e disse:

– A sopa está na mesa.

– Para os diabos com a sopa! – exclamou meu tio. – E também aquela que a fez e aqueles que vão comê-la!

Martha deu no pé. Saí correndo no rastro dela e, sem saber como, encontrei-me sentado em meu lugar de costume na sala de jantar.

Esperei alguns instantes. O professor não veio. Até onde eu sabia, era a primeira vez que ele faltava à solenidade do jantar. E que jantar, aliás! Uma sopa com salsinha, uma omelete de presunto temperada com azeda e noz-moscada, um lombo de vitela com compota de

ameixas e, para a sobremesa, camarões no açúcar, tudo isso regado por um belo vinho da Mosela.

Era isso que um papel velho ia custar ao meu tio. É claro que, na qualidade de sobrinho dedicado, achei que eu era obrigado a comer ao mesmo tempo por ele e por mim. Foi o que fiz com convicção.

– Eu nunca vi uma coisa dessas! – dizia a governanta Martha ao servir. – O sr. Lidenbrock não estar à mesa!

– É mesmo inacreditável!

– Isso é o presságio de algum acontecimento grave! – continuou a velha criada, balançando a cabeça.

Na minha opinião, isso não era presságio de nada, a não ser de uma cena assustadora quando meu tio descobrisse que seu jantar havia sido devorado.

Eu estava em meu último camarão quando uma voz sonora me arrancou das voluptuosidades da sobremesa. Fui da sala ao escritório em um único pulo.

Capítulo 3

– Com certeza são runas – dizia o professor franzindo o cenho. – Mas existe um segredo aqui e eu vou descobrir, senão…

E um gesto violento concluiu seu pensamento.

– Sente-se ali – acrescentou indicando-me a mesa – e escreva.

Em um instante eu estava pronto.

– Agora vou lhe ditar cada letra de nosso alfabeto que corresponde a um desses caracteres islandeses. Vamos ver no que isso vai dar. Mas, por São Miguel, preste atenção para não se enganar!

O ditado começou. Fiz o meu melhor. Cada letra foi dita uma após outra, formando a incompreensível sequência das seguintes palavras:

m.rnlls esreuel seecJde

sgtssmf unteief niedrke

kt,samn atrateS Saodrrn

emtnael nuaect rrilSa

Atvaar .nscrc ieaabs

ccdrmi eeutul frantu

dt,iac oseibo KediiY

Quando esse trabalho terminou, meu tio apanhou energicamente a folha sobre a qual eu acabara de escrever e a examinou por muito tempo, com atenção.

– O que será que isso quer dizer? – ele repetia de maneira automática.

Garanto que eu era incapaz de lhe dar uma resposta. De qualquer forma, ele não estava perguntando isso para mim, e continuou falando consigo mesmo:

– É isso que chamamos de um criptograma – dizia –, em que o sentido fica escondido pelas letras embaralhadas propositadamente. Mas, se dispostas como convém, essas letras acabam formando uma frase inteligível! Ah, quando penso que aqui talvez haja a explicação ou a indicação de uma grande descoberta!

Quanto a mim, eu achava que não havia absolutamente nada, mas guardava a minha opinião com prudência.

O professor, então, pegou o livro e o pergaminho e os comparou.

– Essas duas escritas não são da mesma mão – disse. – O criptograma é posterior ao livro, e estou vendo uma prova irrefutável. De fato, a primeira letra é um M duplo, que procuraríamos em vão no livro de Sturlason, pois ela só foi acrescentada ao alfabeto islandês no século XIV. Portanto, há pelo menos duzentos anos entre o manuscrito e o documento.

Confesso que isso me pareceu bastante lógico.

– Portanto – continuou meu tio –, sou levado a pensar que um dos donos deste livro terá traçado estes caracteres misteriosos. Mas quem diabos era esse dono? Será que ele não pôs seu nome em algum lugar deste manuscrito?

Meu tio levantou seus óculos, pegou uma boa lupa e passou em revista as primeiras páginas do livro. No verso da segunda, aquela do falso frontispício, ele descobriu uma espécie de mancha que parecia um borrão de tinta. No entanto, ao olhá-la de perto, era possível distinguir alguns caracteres meio apagados. Meu tio percebeu que esse era o ponto de interesse. Assim, ele investiu contra a mancha e, com a ajuda de sua grossa lupa, acabou reconhecendo estes signos, caracteres rúnicos que leu sem hesitar:

– Arne Saknussemm! – exclamou com um tom triunfante. – Mas isso é um nome! Um nome islandês, ainda por cima! O nome de um sábio do

século XVI, de um alquimista célebre!

Olhei para o meu tio com uma certa admiração.

– Esses alquimistas – ele continuou –, Avicenne, Bacon, Lulle e Paracelse, foram os verdadeiros e únicos sábios de sua época. Eles fizeram descobertas que nos deixam espantados. Por que Saknussemm não teria escondido sob este incompreensível criptograma alguma invenção surpreendente? Deve ser isso. Com certeza é.

A imaginação do professor excitou-se com essa hipótese.

– Sem dúvidas – ousei responder. – Mas qual interesse esse sábio poderia ter em esconder assim alguma descoberta maravilhosa?

– Qual interesse?! Qual interesse?! Bom, como vou saber? Galileu também não agiu assim quanto a Saturno? De qualquer forma, é o que vamos ver. Vou desvendar o segredo deste documento, e não vou comer nem dormir antes de adivinhá-lo.

“Oh!” – pensei.

– Nem você, Axel! – ele continuou.

“Diabos!” – disse para mim mesmo. “Ainda bem que jantei por dois!”

– Em primeiro lugar – disse meu tio –, precisamos descobrir a língua deste código. Isso não deve ser muito difícil.

A essas palavras, levantei a cabeça prontamente. Meu tio retomou seu solilóquio:

– Nada é mais simples. Neste documento há cento e trinta e duas letras que se dividem entre setenta e nove consoantes e cinquenta e três vogais. Ora, é mais ou menos segundo essa proporção que as palavras das línguas meridionais são formadas, enquanto os idiomas do Norte são infinitamente mais ricos em consoantes. Trata-se, portanto, de alguma língua do Sul.

Essas conclusões eram bastante legítimas.

– Mas que língua é essa?

Era aí que eu queria ver como se sairia o sábio, que não deixava de se revelar um profundo analista.

– Esse Saknussemm – ele retomou – era um homem instruído. Ora, a

partir do momento em que ele não estava escrevendo em sua língua materna, ele devia escolher de preferência a língua corrente entre os espíritos cultivados do século XVI, isto é, o latim. Caso eu esteja enganado, ainda posso tentar o espanhol, o francês, o italiano, o grego ou o hebraico. Mas os sábios do século XVI escreviam geralmente em latim. Tenho, portanto, o direito de dizer *a priori*: isto é latim.

Dei um pulo de minha cadeira. As minhas lembranças de latinista se revoltavam contra a pretensão de que essa sequência de palavras barrocas pudesse pertencer à doce língua de Virgílio.

– Sim, latim! – retomou meu tio. – Mas um latim embaralhado.

"Ah, bom!" – pensei –, "Se você desembaralhar isso, meu tio, é porque é um homem muito esperto".

– Vamos examinar direito – ele disse pegando a folha na qual eu havia escrito. – Eis aqui uma série de cento e trinta e duas letras que se apresentam segundo uma aparente desordem. Há palavras em que constam apenas consoantes, como a primeira, "m.rnlls", e outras, pelo contrário, em que as vogais são abundantes, por exemplo, a quinta, "unteief", ou a penúltima, "oseibo". Ora, é evidente que essa disposição não foi proposital: ela foi dada *matematicamente* por uma razão desconhecida que gerou a sequência dessas letras. Parece-me certo que a frase original foi escrita normalmente e depois foi embaralhada segundo uma lei que precisamos descobrir. Aquele que possuir a chave deste código poderá lê-lo fluentemente. Mas que chave é essa? Axel, você tem essa chave?

A essa questão, não respondi nada, e não sem razões. Meu olhar havia se detido em um encantador retrato pendurado na parede, o retrato de Grauben. A pupila de meu tio estava em Altona, na casa de uma de suas parentes, e a sua ausência me deixava muito triste, pois – agora posso confessá-lo – a linda virlandesa e o sobrinho do professor se amavam com toda a paciência e tranquilidade alemãs. Havíamos noivado sem o conhecimento de meu tio, geólogo demais para compreender tais sentimentos. Grauben era uma encantadora jovem loira de olhos azuis, de personalidade um tanto austera e espírito um tanto sério. Mas nem por isso ela deixava de me amar. Por minha vez, eu a adorava – se esse verbo existe na língua tudesca! Assim, a imagem de minha pequena virlandesa me transportou por um instante do mundo real para aquele das quimeras, das lembranças.

Revi a fiel companheira de meus trabalhos e de meus prazeres. Todos os dias ela me ajudava a organizar as preciosas pedras de meu tio e as

etiquetava comigo. Era uma ótima mineralogista essa senhorita Grauben! Ela gostava de se aprofundar nas questões árduas da ciência. Que doces horas havíamos passado estudando juntos! E como eu invejava a sorte dessas insensíveis pedras que ela manejava em suas encantadoras mãos!

Depois, quando vinha o momento de lazer, saíamos juntos, seguíamos pelas alamedas frondosas do Rio Alster e chegávamos ao velho moinho revestido de alcatrão, que tanto impressiona, na extremidade do lago. Terminado o caminho, conversávamos de mãos dadas. Eu lhe contava coisas que a faziam rir ao seu modo. Chegávamos assim até a margem do Elba e, depois de dizer boa-noite aos cisnes que nadam entre os grandes nenúfares brancos, voltávamos ao cais na barca a vapor.

Ora, eu estava nesse ponto de meu sonho quando meu tio, batendo com o punho na mesa, trouxe-me violentamente de volta à realidade.

– Vejamos – ele disse –, acho que a primeira ideia que deve vir à mente para embaralhar as letras de uma frase é escrever as palavras na vertical, em vez de traçá-las na horizontal.

“Olhe só!” – pensei.

– Precisamos ver o que sai disso. Axel, escreva uma frase qualquer neste pedaço de papel. Porém, em vez de dispor as letras umas atrás das outras, coloque-as sucessivamente em colunas verticais, de modo a agrupá-las em cinco ou seis.

Entendi do que se tratava e imediatamente escrevi, de cima para baixo:

A c n q G e
m ê h u r n
o , a e a !
v m p n u
o i e a b

– Bom – disse o professor sem ler –, agora, disponha essas palavras em uma linha horizontal.

Obedeci e obtive a seguinte frase:

AcnqGe mêhurn o,aea! vmpnu oieab

– Perfeito! – disse meu tio tirando o papel de minhas mãos. – Agora já está parecendo com o velho documento. Tanto as vogais quanto as consoantes estão agrupadas na mesma desordem. Existem até mesmo algumas maiúsculas no meio das palavras, assim como vírgulas. Exatamente como no pergaminho de Saknussemm!

Não pude deixar de achar essas observações muito engenhosas.

– Ora – retomou meu tio dirigindo-se diretamente a mim –, para ler a frase que você acabou de escrever, e que eu não conheço, basta que eu pegue sucessivamente a primeira letra de cada palavra, e depois a segunda, e depois a terceira, e assim por diante.

E o meu tio, para seu grande espanto – e sobretudo para o meu –, leu:

Amo você, minha pequena Grauben!

– Ãh? – disse o professor.

Pois é. Sem perceber, eu, um apaixonado distraído, havia traçado essa frase comprometedora!

– Ah! Você ama a Grauben? – continuou meu tio com um verdadeiro tom de tutor.

– Sim… Não… – balbuciei.

– Ah! Você ama a Grauben! – ele continuou maquinalmente – Bom, vamos aplicar o meu procedimento ao documento em questão!

Meu tio, tendo voltado à sua absorvente contemplação, já esquecia as minhas palavras imprudentes. Digo imprudentes porque a cabeça do sábio não poderia compreender as coisas do coração. Mas felizmente a grande questão do documento o capturou.

No momento de fazer sua experiência capital, os olhos do professor Lidenbrock brilhavam por trás dos óculos. Seus dedos tremeram quando pegou o velho documento. Ele estava realmente emocionado. Enfim, ele tossiu fortemente e com uma voz grave, dizendo sucessivamente a primeira letra e depois a segunda de cada palavra, ditou-me a seguinte sequência:

mmessunkaSenrA.icefdoK.segnittamurtn

ecertserrette,rotaivsadua,ednecsedsadne

lacartniiiluJsiratracSarbmutabiledmek

meretarcsilucoIsleffenSnI

Ao terminar, confesso que eu estava emocionado. Essas letras, ditas uma por uma, não tinham formado nenhum sentido em minha mente. Esperava, portanto, que o professor deixasse escapar pomposamente de seus lábios uma frase de uma magnífica latinidade.

Porém – quem poderia tê-lo previsto? –, um violento soco sacudiu a mesa. A tinta respingou e a pena pulou das minhas mãos.

– Mas não é isso! – exclamou meu tio. – Isso não faz sentido!

E depois, atravessando o escritório como uma bala e descendo a escada como uma avalanche, ele se lançou na Königstrasse e saiu correndo depressa.

Capítulo 4

– Ele saiu? – exclamou Martha indo em direção ao barulho da porta da rua, que, ao ser fechada violentamente, acabava de fazer a casa toda tremer.

– Saiu! – respondi. – Saiu mesmo!

– Ora essa! E o jantar dele? – disse a velha criada.

– Ele não vai jantar!

– E a ceia?

– Ele não vai cear!

– Como assim?! – disse Martha juntando as mãos.

– Não, governanta Martha, nem ele nem ninguém nesta casa vai mais comer! Meu tio Lidenbrock está deixando todos em dieta até que ele decifre um velho enigma que é absolutamente indecifrável!

– Jesus! Então nós vamos morrer de fome!

Não ousei confessar que, com um homem tão absoluto quanto o meu tio, esse era um destino inevitável.

A velha criada, seriamente alarmada, voltou à cozinha se lamentando.

Quando fiquei sozinho, tive a ideia de ir contar tudo a Grauben. Mas como sair de casa? O professor podia voltar a qualquer instante. E se ele me chamasse? E se ele quisesse recomeçar esse trabalho logogrífico que teria sido inutilmente proposto ao velho Édipo? E se eu não respondesse ao seu chamado, o que aconteceria?

O mais sensato seria ficar. Um mineralogista de Besançon justamente havia acabado de nos enviar uma coleção de geoides silicíferos que precisava ser classificada. Pus-me a trabalhar. Triei, etiquetei e dispus em suas vitrines todas essas pedras esburacadas dentro das quais se agitavam pequenos cristais.

Mas essa ocupação não me absorvia. A questão do velho documento não deixava de, estranhamente, me preocupar. Minha cabeça fervia e eu me sentia tomado por uma vaga inquietação. Tinha o pressentimento de que uma catástrofe se aproximava.

Ao cabo de uma hora, meus geoides estavam agrupados e em ordem. E então, na grande poltrona de Utrecht, eu me deixei levar com os braços pendidos e a cabeça revirada. Acendi meu cachimbo de grande haste curva, cujo fornilho esculpido representava uma náiade preguiçosamente estendida. Depois me diverti acompanhando o progresso da carbonização, que pouco a pouco tornava minha náiade negra. De tempos em tempos, tentava escutar se algum passo ressoava na escada. Mas nada. Onde meu tio poderia estar naquele momento? Eu o imaginava correndo sob as belas árvores da estrada de Altona, gesticulando, batendo nos muros com sua bengala, atacando as plantas com um gesto violento, decapitando os cardos e estorvando o descanso das solitárias cegonhas.

Voltaria para casa triunfante ou desencorajado? Quem venceria, o segredo ou ele? Enquanto me fazia essas perguntas, segurei maquinalmente entre os dedos a folha de papel na qual se desenrolava a incompreensível sequência de letras traçadas por mim. Repetia para mim mesmo:

– O que é que isso significa?

Tentei agrupar essas letras de modo a formar palavras. Impossível! Que fossem reunidas em grupos de duas, três, cinco ou seis, não resultavam em nada inteligível. Havia, é verdade, a décima quarta, quinta e sexta letras que formavam a palavra inglesa *ice*. A octogésima quarta, quinta e sexta formavam a palavra *sir*. Por fim, no corpo do documento, na terceira linha, também notei as palavras latinas *rota*, *mutabile*, *ira*, *nec* e *atra*.

"Diabos" – pensei –, "essas últimas palavras aparentemente dão razão ao meu tio quanto à língua do documento! Além disso, na quarta linha, ainda estou vendo a palavra *luco*, que se traduz por 'bosque sagrado'. É verdade que, na terceira, lemos a palavra *tabiled*, de expressão perfeitamente hebraica, e, na última, os vocábulos *mer*, *arc*

e *mère*, que são puramente franceses".

Havia ali o bastante para se perder a cabeça! Quatro idiomas diferentes naquela frase absurda! Que relação poderia existir entre as palavras "gelo", "senhor", "cólera", "cruel", "bosque sagrado", "mutável", "mãe", "arco" ou "mar"? Apenas a primeira e a última se aproximavam facilmente: nenhuma surpresa que, em um documento escrito na Islândia, estivesse em questão um "mar de gelo". Mas daí a compreender o resto do criptograma era outra coisa.

Eu me debatia, assim, contra uma dificuldade insolúvel. Minha cabeça fervilhava, meus olhos pestanejavam sobre a folha de papel. As cento e trinta e duas letras pareciam rodopiar em torno de mim, como esses pontos luminosos que deslizam pelos ares ao redor da cabeça quando o sangue sobe rápido demais.

Uma espécie de alucinação me assombrava. Eu estava sufocando, precisava de ar. Maquinalmente, abanei-me com a folha de papel, cuja frente e o verso apareceram alternadamente diante dos meus olhos.

Qual não foi a minha surpresa quando, em uma dessas rápidas voltas, no momento em que o verso se virava na minha direção, pensei ter visto surgir palavras perfeitamente legíveis, palavras latinas, dentre as quais *craterem* e *terrestre*!

De repente a minha mente se iluminou. Esses únicos indícios me fizeram entrever a verdade. Eu havia descoberto a regra do código. Para ler esse documento, não era preciso nem mesmo ler pelo avesso da folha! Não. Tal qual estava e me havia sido ditado, ele podia ser fluentemente soletrado. Todas as engenhosas combinações do professor se realizavam. Ele tinha razão quanto à disposição das letras, quanto à língua do documento! Faltou um nada para que ele pudesse ler do começo ao fim essa frase latina, e esse nada acabava de me ser dado pelo acaso!

É fácil imaginar como eu estava emocionado! Meus olhos se turvaram. Não conseguia me servir deles. Eu havia deixado a folha de papel sobre a mesa. Bastava lançar um olhar sobre ela para que eu me tornasse dono do segredo.

Enfim consegui acalmar minha agitação. Impus-me a regra de dar duas voltas em torno do quarto para apaziguar meus nervos, e mais uma vez me afundei na vasta poltrona.

– Vamos ler – exclamei para mim mesmo depois de ter armazenado em meus pulmões uma ampla provisão de ar.

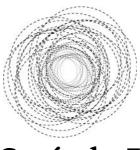
Inclinei-me sobre a mesa. Coloquei meu dedo sucessivamente sobre cada palavra e, sem parar, sem hesitar por um único instante, pronunciei em voz alta a frase inteira.

Mas que estupefação, que terror me invadiu! Primeiro fiquei como atingido por um golpe súbito. Como?! O que eu acabara de saber havia sido feito? Um homem havia tido audácia o bastante para adentrar…?

– Ah! – exclamei dando um pulo. – Não, não! Meu tio não vai saber disso! Só faltava ele conhecer uma viagem dessas! Ele também ia querer experimentá-la! Nada o poderia deter! Um geólogo tão determinado! Ele partiria de qualquer jeito, apesar de tudo, a despeito de tudo! E me levaria com ele, e nós não voltaríamos de lá! Nunca! Nunca!

Eu sentia uma grande exaltação, difícil de figurar.

– Não, não! Isso não vai acontecer! – disse energicamente. – E já que posso impedir que tal ideia venha à mente de meu tirano, é o que vou fazer. Virando e revirando este documento, ele poderia descobrir o código por acaso. Vamos destruí-lo.

Havia um resto de fogo na lareira. Peguei não apenas a folha de papel, mas também o pergaminho de Saknussemm. Com uma mão febril, eu estava indo jogar tudo isso na brasa e aniquilar esse perigoso segredo quando a porta do escritório se abriu. Meu tio apareceu.

Capítulo 5

Só tive tempo de recolocar o malfadado documento sobre a mesa.

O professor Lidenbrock parecia profundamente absorvido. Seu pensamento dominante não lhe dava um instante de repouso. Era evidente que, durante sua caminhada, ele sondara e analisara o caso, pusera em ação todos os recursos de sua imaginação, e agora retornava para aplicar alguma combinação inédita.

De fato, ele se sentou em sua poltrona e, com a pena na mão, começou a desenvolver fórmulas que pareciam um cálculo algébrico.

Eu acompanhava com o olhar a sua mão trêmula, não perdia nenhum de seus movimentos. Será que algum resultado inesperado se produziria inopinadamente? Eu estava tremendo, e sem razão, pois como a verdadeira e única combinação já havia sido descoberta, qualquer outra sondagem se tornava necessariamente vã.

Durante três longas horas meu tio trabalhou sem falar e sem levantar a cabeça, apagando, retomando, rasurando e recomeçando mil vezes.

Eu bem sabia que, se ele conseguisse organizar as letras segundo todas as posições relativas que elas podiam ocupar, a frase estaria feita. Mas eu também sabia que apenas vinte letras podem formar dois quintilhões, quatrocentos e trinta e dois quatrilhões, novecentos e dois trilhões, oito bilhões, cento e sessenta e seis milhões e seiscentas e quarenta mil combinações. Ora, havia cento e trinta e duas letras na frase, e essas cento e trinta e duas letras resultavam em um número de diferentes frases composto de ao menos trinta e três cifras, número quase impossível de enumerar e que escapa a qualquer apreciação.

Eu estava tranquilo quanto a esse modo heroico de resolver o problema.

Enquanto isso, o tempo transcorria. A noite caiu. Os ruídos da rua se apaziguaram. Ainda curvado sobre sua tarefa, meu tio não viu nada, nem mesmo quando a governanta Martha entreabriu a porta. Ele não ouviu nada, nem mesmo a voz dessa digna criada dizendo:

– O senhor vai cear esta noite?

Desse modo, Martha teve de ir embora sem uma resposta. Quanto a mim, depois de ter resistido por algum tempo, fui tomado por um sono invencível e adormeci em um canto do sofá, enquanto meu tio Lidenbrock continuava calculando e rasurando.

Quando acordei no dia seguinte, o incansável desbravador ainda estava trabalhando. Seus olhos vermelhos, seu rosto lívido, seus cabelos despenteados sob a sua mão febril e suas bochechas vermelhas bem indicavam sua terrível luta contra o impossível. Com que cansaço da mente, com que contenda mental as horas não devem ter transcorrido para ele!

Ele me deu pena de verdade. Apesar das críticas que eu me achava no direito de lhe fazer, uma certa emoção me ganhou. O pobre homem estava tão possuído por sua ideia que esquecia de ficar bravo. Todas as suas forças vivas se concentravam em um único ponto, e como elas não estavam escapando por sua válvula ordinária, podia-se temer que sua tensão o fizesse explodir de um instante para o outro.

Com um único gesto, com uma única palavra eu podia desapertar esse torno de ferro que lhe apertava o crânio. E eu não fiz nada.

Contudo, eu tinha um bom coração. Mas por que eu permanecia mudo em tal circunstância? Pelo bem do meu próprio tio.

“Não, não” – eu repetia –, “não, eu não vou falar! Ele teria vontade de ir até lá, eu o conheço. Nada poderia impedi-lo. Ele tem uma imaginação vulcânica e, para fazer aquilo que outros geólogos nunca fizeram, arriscaria a sua vida. Vou me calar. Vou guardar esse segredo do qual o acaso me fez detentor. Revelá-lo seria matar o professor Lidenbrock. Que ele o adivinhe, se puder. Não quero me censurar um dia por tê-lo levado à perdição”.

Isso bem decidido, cruzei os braços e esperei. Mas eu não havia contado com um incidente que aconteceu algumas horas depois.

Quando a governanta Martha quis sair de casa para ir ao mercado, encontrou a porta trancada. A grande chave não estava na fechadura. Quem a havia retirado? Meu tio, é claro, quando voltara na véspera

depois de sua excursão precipitada.

Teria sido intencional? Teria sido sem querer? Queria ele nos submeter aos rigores da fome? Isso me parecia um tanto forte demais. Como assim? Martha e eu seríamos vítimas de uma situação com a qual não tínhamos nada a ver? Sem dúvida, e eu me lembrei de um precedente propício a nos assustar. De fato, alguns anos antes, na época em que meu tio trabalhava em sua grande classificação mineralógica, ele ficou quarenta e oito horas sem comer, e toda sua casa teve de se conformar a essa dieta científica. Eu ganhei dores no estômago nem um pouco divertidas para um garoto de natureza tão voraz.

Ora, tive a impressão de que não haveria desjejum, assim como não houvera ceia na véspera. Contudo, decidi ser heroico e não ceder diante das exigências da fome. Martha levava isso muito a sério e estava desolada, a pobre mulher. Quanto a mim, a impossibilidade de sair de casa me preocupava mais, e não sem razões. Creio que me entendem.

Meu tio continuava trabalhando. Sua imaginação se perdia no mundo ideal das combinações. Ele vivia longe da terra e realmente fora das necessidades terrestres.

Por volta do meio-dia, a fome me cutucou seriamente. Martha, com muita inocência, havia devorado as provisões da despensa na véspera. Não restava mais nada em casa. Mas aguentei firme. Considerava isso uma questão de honra.

Duas horas soaram. Aquilo estava ficando ridículo, até mesmo intolerável. Meus olhos estavam arregalados. Comecei a me dizer que estava exagerando a importância do documento, que meu tio não lhe daria fé, que ele veria ali uma simples mistificação, que, na pior das hipóteses, o seguraríamos contra sua vontade caso ele quisesse arriscar a aventura, e, por fim, que ele próprio poderia descobrir a chave do código e que eu pagaria pela minha abstinência.

Essas razões, que na véspera eu teria rejeitado com indignação, me pareceram excelentes. Achei até mesmo muito absurdo ter esperado por tanto tempo. Decidi contar tudo.

Eu procurava, assim, um modo não muito brusco de introduzir o assunto, quando o professor se levantou, colocou seu chapéu e se preparou para sair.

O quê?! Sair de casa e nos trancar mais uma vez? Nunca.

– Meu tio! – eu disse.

Ele não parecia me ouvir.

– Tio Lidenbrock! – repeti, erguendo a voz.

– Ãh? – ele disse, como alguém que tivesse acordado de repente.

– Bom… E a chave?

– Que chave? A chave da porta?

– Não! – exclamei – A chave do documento!

O professor me olhou por cima de seus óculos. Sem dúvidas percebeu alguma coisa de insólito na minha fisionomia, pois segurou energicamente meu braço e, sem conseguir falar, interrogou-me com o olhar. Nenhuma pergunta jamais fora formulada de um modo mais claro.

Sacudi a cabeça para cima e para baixo.

Ele balançou a sua com uma espécie de piedade, como se estivesse lidando com um louco.

Fiz um gesto mais afirmativo.

Em seus olhos brilhou um vívido clarão. Sua mão tornou-se ameaçadora.

Essa conversa muda naquelas circunstâncias teria interessado ao espectador mais indiferente. E eu realmente chegava ao ponto de não ousar mais falar, de tanto que temia que meu tio me sufocasse com as primeiras manifestações de sua alegria. Mas ele ficou tão insistente que tive de responder.

– Sim, é essa chave!... O acaso…

– O que você está dizendo? – ele exclamou com uma emoção indescritível.

– Pegue – eu lhe disse, mostrando a folha de papel na qual havia escrito. – Leia.

– Mas isto não significa nada! – ele respondeu amarrotando a folha.

– Nada se começar a ler pelo começo, mas, pelo fim…

Eu mal terminara minha frase e o professor já dava um grito – mais que um grito, um verdadeiro rugido! Uma revelação acabava de se dar em sua mente. Ele estava transfigurado.

– Ah, engenhoso Saknussemm! – ele exclamou. – Então primeiro você escreveu sua frase ao contrário?

Precipitando-se sobre a folha de papel, com o olhar perturbado e a voz comovida, ele leu o documento inteiro, indo da última letra até a primeira.

Estava escrito assim:

In Sneffels Yoculis craterem kem delibat

umbra Scartaris Julii intra calendas descende,

audas viator, et terrestre centrum attinges.

Kod feci. Arne Saknussemm.

Esse mau latim pode ser traduzido como:

Desce na cratera do Sneffels Yocul que a sombra do

Scartaris vem roçar antes das calendas de julho,

viajante audacioso, e tu chegarás ao centro da Terra.

Foi o que fiz. Arne Saknussemm.

Ao ler isso, meu tio deu um pulo como se tivesse esbarrado sem querer em uma garrafa de Leyden. Era impressionante sua audácia, sua alegria e sua convicção. Ele ia para lá e para cá, levava as mãos à cabeça, mudava as cadeiras de lugar, empilhava seus livros, fazia malabarismos com seus preciosos geoides – era inacreditável! –, dava um soco aqui e um tapa acolá. Finalmente seus nervos se acalmaram e, como alguém esgotado após um grande gasto de energia, desabou em sua poltrona.

– Que horas são? – perguntou depois de alguns instantes de silêncio.

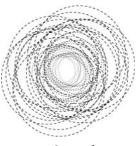
– Três horas – respondi.

– Nossa! Meu jantar passou depressa. Estou morrendo de fome. Já à mesa! E depois…

– E depois?

– Você vai fazer minha mala.

– Ãh?! – exclamei.

– E a sua também! – respondeu o impiedoso professor entrando na sala de jantar.

Capítulo 6

A essas palavras, um arrepio me percorreu todo o corpo, mas eu me contive. Resolvi até mesmo fingir que estava tudo bem. Apenas argumentos científicos poderiam impedir o professor Lidenbrock. Ora, havia alguns, e alguns bons, contra a possibilidade de tal viagem. Ir ao centro da terra! Que loucura! Guardei minha dialética para o momento oportuno e me ocupei de minha refeição.

Inútil descrever as imprecações de meu tio diante da mesa não posta. Tudo ficou claro. A liberdade foi devolvida à governanta Martha. Ela correu ao mercado e tanto fez que, uma hora depois, minha fome estava acalmada e eu voltava a pensar na situação.

Durante a refeição, meu tio estava quase alegre. Escapavam-lhe algumas dessas piadinhas de sábios que nunca são muito nocivas. Depois da sobremesa, ele me fez um sinal para que eu o seguisse ao seu escritório.

Obedeci. Ele se sentou a uma das pontas de sua mesa de trabalho e eu, à outra.

– Axel – disse com uma voz bem suave –, você é um rapaz muito engenhoso e me prestou um serviço fiel quando, já vencido, eu ia abandonar aquelas minhas tentativas. Onde será que eu ia parar? Impossível saber! Nunca vou esquecer disso, meu rapaz, e você terá sua parte na glória que vamos alcançar.

"Ora essa" – pensei –, "ele está de bom humor! Chegou o momento de discutir essa glória".

– Antes de mais nada – continuou meu tio –, eu lhe recomendo o mais absoluto segredo, você está entendendo? Não faltam invejosos no mundo dos sábios. Tantos gostariam de empreender essa viagem que é

melhor que só saibam dela quando voltarmos.

– O senhor acha mesmo que a quantidade desses audaciosos seria tão grande? – eu disse.

– Claro! Quem hesitaria em conquistar tal renome? Se esse documento fosse conhecido, um exército inteiro de geólogos se lançaria sobre as pegadas de Arne Saknussemm!

– Não estou convencido disso, meu tio, pois nada prova a autenticidade dsse documento.

– Como?! E o livro onde o encontramos?

– Bom, concordo que esse Saknussemm tenha escrito essas linhas, mas será que ele realmente cumpriu essa viagem? E esse velho pergaminho não poderia ser uma mistificação?

Quase me arrependi de ter pronunciado, um pouco ao acaso, esta última palavra. O professor franziu suas espessas sobrancelhas. Tive receio de ter comprometido a continuidade da conversa. Felizmente isso não foi nada. Meu severo interlocutor esboçou uma espécie de sorriso em seus lábios e respondeu:

– É o que vamos ver.

– Ah! – eu disse um pouco vexado. – Mas o senhor me permita esgotar uma série de objeções relativas a esse documento.

– Fale, meu garoto, não tenha receio. Eu lhe dou toda a liberdade para expressar sua opinião. Você não é mais meu sobrinho, mas meu colega. Então continue!

– Bom, em primeiro lugar, pergunto-lhe o que são esses tais Yocul, Sneffels e Scartaris, dos quais nunca ouvi falar.

– Nada é mais simples. Justamente, recebi, há algum tempo, um mapa de meu amigo Peterman, de Leipzig. Ele não podia ter chegado em momento mais oportuno! Pegue o terceiro atlas na segunda fileira da grande biblioteca, série Z, prateleira 4.

Levantei-me e, graças a essas indicações precisas, encontrei rapidamente o atlas solicitado. Meu tio o abriu e disse:

– Este aqui é um dos melhores mapas da Islândia, o de Handerson, e acredito que ele vá nos oferecer a solução para todas as suas

dificuldades.

Inclinei-me sobre o mapa.

– Veja esta ilha composta de vulcões – disse o professor – e repare que todos eles levam o nome de Yocul. Essa palavra quer dizer “geleira” em islandês. Na latitude elevada da Islândia, a maioria das erupções abre seu caminho através das camadas de gelo. Daí a denominação Yocul, aplicada a todos os montes ignívomos da ilha.

– Certo – respondi –, mas o que é Sneffels?

Eu achava que não haveria uma resposta a essa pergunta. Enganei-me. Meu tio continuou:

– Siga-me pela costa ocidental da Islândia. Você está vendo Reykjavík, sua capital? Pois bem. Suba pelos inúmeros *fjördes*[2] dessa costa erodida pelo mar e detenha-se um pouco acima dos sessenta e cinco graus de latitude. O que você está vendo?

– Uma espécie de península parecida com um osso descarnado e que termina em uma enorme rótula.

– A comparação é justa, meu garoto. Agora, você não está vendo nada nessa rótula?

– Sim, um monte que parece ter brotado do mar.

– Muito bom! Esse é o Sneffels.

– O Sneffels?

– O próprio, uma montanha de mil e quinhentos metros de altura, uma das mais notáveis da ilha. E com certeza será a mais famosa do mundo todo, caso a sua cratera dê no centro do globo.

– Mas é impossível! – exclamei levantando os ombros, revoltado contra tal suposição.

– Impossível? – respondeu o professor Lidenbrock com um tom severo. – E por quê?

– Porque essa cratera obviamente está obstruída pelas lavas, pelas rochas escaldantes e…

– E se for uma cratera inativa?

– Inativa?

– Sim. O número dos vulcões ativos na superfície do globo atualmente não passa de uns trezentos, mas existe uma quantidade bem maior de vulcões inativos. Ora, o Sneffels está entre estes últimos, e desde os tempos históricos ele só teve uma única erupção, a de 1219. A partir dessa época, seus ruídos pouco a pouco se apaziguaram e ele não figura mais entre os vulcões ativos.

A essas afirmações positivas, eu não tinha mais nada a responder. Então me debrucei sobre as outras obscuridades que envolviam o documento.

– O que significa essa palavra Scartaris? – perguntei. – E o que as calendas de julho têm a ver com isso?

Meu tio refletiu por alguns momentos. Tive um instante de esperança, mas apenas um instante, pois ele logo me respondeu nestes termos:

– O que você chama de obscuridade para mim é clareza. Isso prova os engenhosos cuidados com os quais Saknussemm quis precisar sua descoberta. O Sneffels é formado por diversas crateras; havia, portanto, a necessidade de indicar qual delas levava ao centro do globo. O que fez o sábio islandês? Ele percebeu que na iminência das calendas de julho, isto é, por volta dos últimos dias do mês de junho, um dos picos da montanha, o Scartaris, projetava sua sombra até a abertura da cratera em questão, e registrou tal fato em seu documento. Poderia ele imaginar uma indicação mais exata? E nós, uma vez tendo chegado ao topo do Sneffels, correríamos o risco de hesitar quanto ao caminho a tomar?

Decididamente, meu tio tinha resposta para tudo. Percebi que ele era inatacável em relação às palavras do velho pergaminho. Parei, então, de pressioná-lo sobre esse assunto e, como era preciso convencê-lo antes de mais nada, passei às objeções científicas – muito mais graves, na minha opinião.

– Vamos lá – eu disse –, sou forçado a convir que a frase de Saknussemm é clara e não pode deixar nenhuma dúvida. Concordo até mesmo que o documento tenha um ar de perfeita autenticidade. Esse sábio foi ao fundo do Sneffels, viu a sombra do Scartaris roçar as bordas da cratera antes das calendas de julho e até ouviu contarem, nas narrativas lendárias de seu tempo, que essa cratera levava ao centro da terra. Mas quanto a ele próprio ter chegado lá, quanto a ter feito a viagem e ter voltado de lá, quanto a ter empreendido isso…

Não, cem vezes não!

– E qual a razão? – disse meu tio com um tom singularmente zombeteiro.

– Todas as teorias da ciência demonstram que um empreendimento desses é impraticável!

– Todas as teorias dizem isso? – respondeu o professor assumindo um ar bonachão. – Ah, essas teorias malvadas! Como elas vão nos importunar, essas pobres teorias!

Percebi que ele estava zombando de mim, mas mesmo assim continuei.

– Sim! É perfeitamente reconhecido que o calor aumenta mais ou menos um grau a cada vinte metros de profundidade abaixo da superfície do globo. Ora, admitindo que essa proporcionalidade seja constante, e sendo o raio terrestre de seis mil quilômetros, existe no centro uma temperatura que ultrapassa duzentos mil graus. As matérias no interior da terra se encontram, assim, no estado de gás incandescente, pois os metais – o ouro, a platina, as rochas mais duras – não resistem a tal calor. Portanto, tenho o direito de perguntar se é possível penetrar em um meio desses!

– Então é o calor que embaraça você, Axel?

– É claro! Se chegássemos a uma profundidade de apenas quarenta quilômetros, teríamos atingido o limite da crosta terrestre e a temperatura já seria superior a mil e trezentos graus.

– E você tem medo de entrar em fusão?

– Deixo que o senhor decida essa questão – respondi mal-humorado.

– É isto o que decido – respondeu o professor Lidenbrock assumindo ares de importância –, que nem você nem ninguém sabe com certeza o que se passa no interior do globo, visto que só conhecemos doze milésimos de seu raio, que a ciência é eminentemente perfectível e que cada teoria sempre é destruída por uma teoria nova. Até Fourier, não acreditávamos que a temperatura dos espaços planetários ia sempre diminuindo? E hoje não sabemos que os maiores frios das regiões etéreas não ultrapassam quarenta ou cinquenta graus abaixo de zero? Por que não seria o mesmo com o calor interno? Por que ele não atingiria, a uma certa profundidade, um limite intransponível em vez de se elevar até o grau de fusão dos minerais mais refratários?

Como meu tio levava a questão ao terreno das hipóteses, não tive o que responder.

– Pois bem, eu lhe digo que verdadeiros sábios, entre eles Poisson, provaram que, caso um calor de dois milhões de graus existisse no interior do globo, os gases incandescentes oriundos das matérias derretidas adquiririam tal elasticidade que a crosta terrestre não poderia resistir e explodiria como as paredes de uma caldeira sob a força do vapor.

– É a opinião de Poisson, meu tio. E isso é tudo.

– Tudo bem, mas também é da opinião de outros geólogos distintos que o interior do globo não seja formado nem de gás, nem de água, nem das mais pesadas pedras que conhecemos, pois neste caso a terra teria um peso duas vezes menor.

– Ah, mas com os números se prova qualquer coisa!

– E com os fatos, meu garoto, também é assim? Não é uma constante que o número de vulcões tenha consideravelmente diminuído desde os primeiros dias do mundo? E se existe um calor central, não podemos concluir que ele tende a se enfraquecer?

– Tio, se o senhor entrar no campo das suposições, eu não tenho mais nada a discutir.

– E eu tenho a dizer que à minha opinião se juntam as opiniões de pessoas muito competentes. Você se lembra de uma visita que o célebre químico inglês Humphry Davy me fez em 1825?

– De jeito nenhum, pois só vim ao mundo dezenove anos depois.

– Pois bem, Humphry Davy veio me ver em sua passagem por Hamburgo. Entre outras questões, discutimos por muito tempo a hipótese da liquidez do núcleo da terra. Estávamos ambos de acordo que essa liquidez não poderia existir, por uma razão para a qual a ciência jamais encontrou uma resposta.

– E qual é ela? – perguntei, um pouco espantado.

– É que essa massa líquida estaria sujeita, como o oceano, à atração da lua, e, consequentemente, seriam produzidas, duas vezes por dia, marés internas que soergueriam a crosta terrestre e causariam terremotos periódicos!

– Mas é evidente, por outro lado, que a superfície do globo foi submetida à combustão, e cabe supor que a crosta exterior se resfriou primeiro, enquanto o calor se refugiava em seu centro.

– Errado – respondeu meu tio. – A terra foi aquecida pela combustão de sua superfície, e não o contrário. Sua superfície era composta de uma grande quantidade de metais, como o potássio e o sódio, que têm a propriedade de se inflamar em um simples contato com o ar e a água. Esses metais pegaram fogo quando os vapores atmosféricos se precipitaram sobre o solo em forma de chuva e, pouco a pouco, quando as águas penetraram nas fissuras da crosta terrestre, elas determinaram novos incêndios com explosões e erupções. Daí os vulcões serem tão numerosos nos primeiros dias do mundo.

– Mas essa hipótese é bem engenhosa! – exclamei um pouco a contragosto.

– E Humphry Davy comprovou isso aqui mesmo, com uma experiência bem simples. Ele compôs uma bola metálica feita principalmente dos metais dos quais acabo de falar, e que representava perfeitamente nosso globo. Quando deixávamos uma simples gota cair em sua superfície, esta se empolava, se oxidava e formava uma pequena montanha. Uma cratera se abria em seu topo, a erupção acontecia e transmitia à bola toda um calor tão grande que ficava impossível segurá-la nas mãos.

Eu realmente começava a ficar balançado pelos argumentos do professor. Aliás, ele os valorizava com sua paixão e seu entusiasmo habituais.

– Veja, Axel – ele acrescentou –, que o estado do núcleo central levantou diversas hipóteses entre os geólogos. Nada é menos provado do que esse fato de um calor interno. Segundo penso, ele não existe e não poderia existir. É o que veremos, aliás. Assim como Arne Saknussemm, saberemos ao que dar crédito sobre essa grande questão.

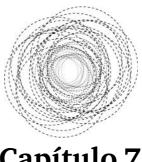
– Pois bem! – respondi, sentindo-me ganhar por esse entusiasmo. – Sim, é o que veremos! Se lá for possível ver, contudo.

– E por que não seria? Não podemos contar com fenômenos elétricos para nos iluminar? E talvez mesmo com a atmosfera, cuja pressão pode torná-la luminosa nas imediações do centro?

– Sim! – eu disse. – Sim! No fim das contas, isso é possível.

– Isso é certeiro – respondeu triunfalmente meu tio. – Mas silêncio,

está ouvindo? Silêncio quanto a tudo isso. Que ninguém tenha a ideia de descobrir o centro da terra antes de nós.

Nome dado aos golfos estreitos nos países escandinavos. (N.O.) [Palavra norueguesa cuja grafia em português é “fiorde”.]

Capítulo 7

Assim terminou essa memorável reunião. A conversa me deu febre. Saí do escritório de meu tio aturdido e não havia ar suficiente nas ruas de Hamburgo para eu me recuperar. Fui, então, até as margens do Elba, do lado da balsa a vapor que põe a cidade em comunicação com a estrada de ferro de Harburgo.

Estaria eu convencido do que acabava de saber? Não teria sofrido a influência do professor Lidenbrock? Deveria levar a sério a sua decisão de ir até o centro do maciço terrestre? Será que acabava de escutar as especulações insensatas de um louco ou as deduções científicas de um grande gênio? Nisso tudo, onde terminava a verdade e onde começava o erro?

Eu flutuava entre mil hipóteses contraditórias sem poder me ater a nenhuma delas.

No entanto, me lembrava de ter sido convencido, ainda que meu entusiasmo começasse a esmorecer. Mas eu preferiria ter partido imediatamente e não ter tido tempo para reflexões. Pois é, não me faltaria coragem para fechar a minha mala naquele momento.

Preciso confessar, contudo, que uma hora depois essa grande empolgação acabou. Meus nervos se distenderam e eu retornei dos profundos abismos da terra para a superfície.

– É um absurdo! – exclamei. – Isso não faz sentido! Não é uma proposta séria a se fazer a um rapaz sensato. Nada disso é real. Eu dormi mal, tive um pesadelo.

Nesse meio-tempo, eu havia seguido a margem do Elba e contornado a cidade. Depois de ter cruzado a ponte, havia chegado à estrada de Altona. Um pressentimento me conduzia – pressentimento justificado,

pois logo vi minha pequena Grauben que, com seu passo firme, voltava bravamente a Hamburgo.

– Grauben! – gritei-lhe de longe.

A jovem moça estacou, um pouco confusa, imagino, ao ser chamada assim no meio de uma grande estrada. Em dez passos eu já estava perto dela.

– Axel! – ela disse, surpresa. – Ah! Você veio ao meu encontro! Que bom, meu senhor!

Porém, ao me ver, Grauben não se enganou quanto ao meu ar inquieto e transtornado.

– O que você tem? – ela disse me estendendo a mão.

– O que eu tenho, Grauben?! – exclamei.

Em dois segundos e três frases minha linda virlandesa estava a par da situação. Durante alguns instantes ela ficou em silêncio. Será que seu coração palpitava como o meu? Não sei dizer, mas sua mão não estava tremendo na minha. Demos uma centena de passos sem falar nada.

– Axel! – ela me disse enfim.

– Minha querida Grauben!

– Vai ser uma bela viagem!

Dei um pulo ao ouvir essas palavras.

– Sim, Axel, e digna do sobrinho de um sábio. É bom que um homem se distinga por algum grande empreendimento!

– Como? Grauben, você não vai me dissuadir de tentar uma expedição dessas?

– Não, querido Axel. E eu acompanharia você e seu tio de bom grado se uma pobre moça não lhes fosse um incômodo.

– Está falando sério?

– Estou falando sério.

Ah! Mulheres, moças, corações femininos sempre incompreensíveis! Quando não são os mais tímidos dos seres, são os mais corajosos! A

razão não tem vez perto de vocês. Mas como? Essa criança me encorajava a fazer parte da expedição? Ela não teria medo de tentar a aventura? Ela estava impelindo justo aquele que amava!

Eu estava desconcertado e, por que não dizê-lo, envergonhado.

– Grauben – retomei –, vamos ver se amanhã você vai falar desse modo.

– Amanhã, querido Axel, vou falar como hoje.

De mãos dadas, mas conservando um profundo silêncio, Grauben e eu continuamos o nosso caminho. Eu estava esgotado pelas emoções do dia.

“No fim das contas” – pensei –, “as calendas de julho ainda estão longe, e daqui até lá vão se passar muitos acontecimentos que vão dissuadir meu tio da sua mania de viajar debaixo da terra”.

A noite já havia caído quando chegamos à casa da Königstrasse. Eu esperava encontrar a residência tranquila, meu tio deitado, segundo seus hábitos, e a governanta Martha dando a última espanada da noite na sala de jantar.

Mas eu não havia contado com a impaciência do professor. Encontrei-o gritando, agitando-se no meio de uma tropa de carregadores que descarregavam algumas mercadorias na rua. A velha criada não sabia mais o que fazer.

– Venha logo, Axel, se apresse, infeliz! – exclamou meu tio assim que me viu. – E a sua mala, que ainda não está pronta? E os meus documentos, que não estão em ordem? E a chave da minha bolsa de viagem, que não encontro? E as minhas polainas, que ainda não chegaram?

Fiquei estupefato. A voz não me vinha. Foi com muita dificuldade que meus lábios puderam articular estas palavras:

– Nós vamos partir, então?

– Vamos, seu infeliz! Vá andando em vez de ficar aí parado!

– Nós vamos partir? – repeti com uma voz enfraquecida.

– Vamos, depois de amanhã pela manhã, assim que amanhecer.

Não pude ouvir mais nada e saí correndo para o meu quartinho.

Não havia mais do que duvidar. Meu tio acabara de passar a tarde providenciando uma parte dos objetos e utensílios necessários à sua viagem. A rua estava encoberta por escadas de corda, tochas, cantis, ganchos de ferro, picaretas, bastões de trilha e enxadas suficientes para equipar ao menos dez homens.

Passei uma noite horrível. No dia seguinte, ouvi me chamarem bem cedo. Eu estava decidido a não abrir minha porta. Mas como resistir à doce voz que pronunciava estas palavras: “Meu querido Axel”?

Saí do meu quarto. Achei que meu ar abatido, minha palidez e meus olhos vermelhos pela insônia fossem produzir um efeito sobre Grauben e fazê-la mudar de ideia.

– Ah! Meu querido Axel – ela me disse –, vejo que está melhor e que a noite o acalmou.

– Acalmou?! – exclamei.

Precipitei-me em direção ao espelho. Bem, eu estava com uma aparência melhor do que supunha. Era difícil de acreditar.

– Axel – disse-me Grauben –, conversei um bom tempo com meu tutor. Ele é um sábio audacioso, um homem de grande coragem, e não se esqueça de que o sangue dele corre em suas veias. Ele me contou seus projetos e esperanças, por que e como espera atingir seu objetivo. E ele vai alcançá-lo, não duvido disso. Ah, querido Axel, é bonito dedicar-se assim à ciência! Que glória aguarda o sr. Lidenbrock! E ela também vai recair sobre o seu companheiro. Na volta, Axel, você será um homem como ele, livre para falar, livre para agir e, enfim, livre para…

A jovem moça, enrubescendo, não terminou de falar. Suas palavras me reanimaram. No entanto, eu ainda não queria acreditar em nossa partida. Levei Grauben ao escritório do professor.

– Meu tio – eu disse –, então está mesmo decidido que vamos partir?

– Como? Você duvida?

– Não – eu disse para não contrariá-lo. – Eu só queria perguntar o que está nos apressando.

– O tempo, oras! O tempo que passa com uma rapidez irreparável!

– Mas nós só estamos no dia 26 de maio, e até o final de junho…

– Ah, ignorante, então você acha que podemos chegar tão facilmente à Islândia? Se você não tivesse me deixado feito um louco, eu o teria levado à agência de Copenhague, a Liffender e Cia. Lá você teria visto que de Copenhague a Reykjavík só existe um único serviço, no dia 22 de cada mês.

– E daí?

– E daí? Se esperássemos até o dia 22 de junho, chegaríamos tarde demais para ver a sombra do Scartaris roçar a cratera do Sneffels! Então temos de chegar a Copenhague o mais rápido possível e lá procurar um meio de transporte. Vá fazer a sua mala!

Não havia mais o que responder. Voltei ao meu quarto. Grauben me seguiu. Foi ela que se encarregou de ordenar, dentro de uma pequena mala, os objetos necessários à minha viagem. Não parecia estar mais emocionada do que se se tratasse de um passeio a Lubeck ou a Helgoland. Suas pequenas mãos iam e vinham sem pressa. Ela conversava com calma, me dava as razões mais sensatas a favor de nossa expedição. Ela me enfeitiçava e eu sentia uma grande raiva. Às vezes eu queria me exaltar, mas ela não dava atenção a isso e continuava metodicamente sua tranquila tarefa.

Finalmente, a última correia da mala foi presa. Desci até o térreo.

Durante todo esse dia, os fornecedores de instrumentos de física, de armas e de aparelhos elétricos haviam se multiplicado. A governanta Martha estava perdendo a cabeça.

– Será que o patrão ficou louco? – ela me perguntou.

Fiz um sinal afirmativo.

– E ele o está levando junto?

Mesma afirmação.

– E para onde? – ela perguntou.

Apontei com o dedo para o centro da terra.

– Para o porão? – exclamou a velha criada.

– Não – eu disse enfim. – Mais embaixo!

A noite caiu. Eu não tinha mais consciência do tempo transcorrido.

– Até amanhã de manhã – disse meu tio –, partiremos exatamente às seis horas.

Às dez horas, caí em minha cama como uma massa inerte.

Durante a noite, meus temores voltaram a me tomar.

Passei a noite toda sonhando com abismos! Estava atormentado pelo delírio. Sentia-me preso pela forte mão do professor, arrastado, despenhado, enterrado! Eu caía no fundo de insondáveis precipícios com essa velocidade crescente dos corpos abandonados no espaço. Minha vida não era mais do que uma queda interminável.

Acordei às cinco horas, esgotado pela fatiga e pela emoção. Desci à sala de jantar. Meu tio estava à mesa. Ele devorava o que podia. Olhei-o com um sentimento de horror. Mas Grauben estava lá. Eu não disse nada. Não pude comer.

Às cinco e meia, ouvimos um barulho na rua. Uma grande carruagem chegava para nos conduzir à estrada de ferro de
Altona. Ela logo foi encoberta pelos pacotes do meu tio.

– E a sua mala? – ele me disse.

– Está pronta – respondi desfalecendo.

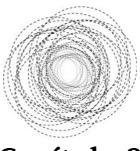
– Então se apresse para descê-la, ou você vai nos fazer perder o trem!

Lutar contra o meu destino me pareceu impossível. Subi ao meu quarto e, deixando minha mala escorregar pelos degraus da escada, desci atrás dela.

Nesse momento, meu tio colocava solenemente entre as mãos de Grauben as rédeas da casa. Minha linda virlandesa conservava sua calma costumeira. Ela abraçou seu tutor, mas não pôde conter uma lágrima ao aflorar minha bochecha com seus doces lábios.

– Grauben! – exclamei.

– Vá, meu querido Axel, vá! – ela me disse. – Você está deixando sua noiva, mas na volta encontrará sua mulher.

Envolvi Grauben nos meus braços e depois ocupei meu lugar na carruagem. Da soleira da porta, Martha e a jovem moça nos dirigiram um último adeus. Em seguida, os dois cavalos, atiçados pelo assobio do condutor, lançaram-se a galope pela estrada de Altona.

Capítulo 8

Altona, verdadeiro subúrbio de Hamburgo, é o ponto de partida da estrada de ferro de Kiel, que nos conduziria ao estreito de Belt. Em menos de vinte minutos, entrávamos no território da Holsácia.

Às seis horas e meia a carruagem parou diante da estação. Os numerosos pacotes de meu tio, seus volumosos artigos de viagem foram descarregados, transportados, pesados, etiquetados e recarregados no vagão de bagagens, e às sete horas estávamos sentados um em frente ao outro, no mesmo compartimento. O vapor apitou, a locomotiva se pôs em movimento. Havíamos partido.

Eu estava resignado? Ainda não. No entanto, o ar fresco da manhã e os detalhes da estrada, rapidamente renovados pela velocidade do trem, distraíram-me de minha grande preocupação.

Quanto aos pensamentos do professor, eles evidentemente se adiantavam em relação àquele comboio lento demais para a sua impaciência. Estávamos sozinhos no vagão, mas não falávamos. Meu tio revistava seus bolsos e sua bolsa de viagem com uma atenção minuciosa. Dos itens necessários à execução de seu projeto, percebi que nada lhe faltava.

Dentre estes, uma folha de papel, dobrada com cuidado, portava o carimbo da chancelaria dinamarquesa e tinha a assinatura do sr. Christiensen, cônsul em Hamburgo e amigo do professor. Isso deveria nos dar toda a facilidade de obter, em Copenhague, recomendações ao governador da Islândia.

Vi também o famoso documento, preciosamente escondido no mais secreto compartimento de sua carteira. Eu o maldisse do fundo do coração e tornei a observar o território. Era uma ampla sequência de planícies pouco interessantes, monótonas, lamacentas e bastante

férteis: um campo muito favorável ao estabelecimento de um *railway*[3] e propício a essas linhas retas tão caras às companhias de estradas de ferro.

Mas essa monotonia não teve tempo de me cansar, pois três horas depois de nossa partida o trem já parava em Kiel, a dois passos do mar.

Como nossas bagagens haviam sido registradas para Copenhague, não havia por que se preocupar com elas. No entanto, o professor as seguiu com um olhar inquieto enquanto eram transportadas ao barco a vapor. Lá elas desapareceram no fundo do porão.

Em sua pressa, meu tio havia calculado tão bem as horas de correspondência entre a estrada de ferro e o barco que nos restava um dia inteiro a perder. O *steamer Ellenora* não partiria antes do anoitecer. Por causa disso, uma inquietação de nove horas, durante a qual o irascível viajante mandou aos diabos a administração dos barcos e das *railways* e também os governos, que toleravam tal abuso. Tive de fazer coro com ele quando pressionou o capitão do *Ellenora* sobre esse assunto. Ele queria obrigá-lo a aquecer as caldeiras sem perder um único instante. E este o mandou passear.

Em Kiel, como em qualquer outro lugar, um dia acaba passando. De tanto passearmos pela costa verdejante da baía ao fundo da qual se eleva a pequena cidade, percorrermos os bosques densos que a fazem parecer um ninho em um feixe de galhos, admirarmos as vivendas providas de suas pequenas casas de banhos frios e, enfim, andarmos e praguejarmos, chegamos às dez horas da noite.

Os turbilhões de fumaça do *Ellenora* se desenrolavam no céu. A ponte tremulava sob as agitações da caldeira. Estávamos a bordo e dispúnhamos do beliche do único quarto do barco.

Às dez horas e quinze as amarras foram soltas e o *steamer*[4] seguiu rapidamente sobre as águas sombrias do Grande Belt.

A noite estava escura. Havia uma bela brisa e um mar agitado. Algumas luzes da costa apareceram em meio às trevas. Mais tarde, não sei onde, um farol intermitente brilhou acima das ondas. Foi tudo o que restou em minha lembrança dessa primeira travessia.

Às sete horas da manhã desembarcamos em Korsor, pequena cidade situada na costa ocidental da Zelândia. Lá saltamos do barco para uma nova estrada de ferro, que nos levou por uma região não menos plana

do que os campos da Holsácia.

Faltavam ainda três horas de viagem antes de chegar à capital da Dinamarca. Meu tio não tinha pregado o olho à noite. Em sua impaciência, acho que ele até empurrava o vagão com seus pés.

Enfim ele avistou o mar.

– O Sund! – exclamou.

Havia à nossa esquerda uma grande construção que parecia um hospital.

– É um hospital de doidos – disse um dos nossos companheiros de viagem.

“Bom” – pensei –, “esse aí é o estabelecimento onde deveríamos terminar os nossos dias! E, por maior que seja, esse hospício ainda seria pequeno demais para conter toda a loucura do professor Lidenbrock”.

Finalmente, às dez horas da manhã nos instalávamos em Copenhague. As bagagens foram postas em uma carruagem e conduzidas conosco ao Hotel Phoenix, na Bredgade. Isso durou uma meia hora, pois a estação se situa fora da cidade. Em seguida, meu tio, tendo feito uma toalete sumária, saiu e me levou junto com ele. O porteiro do hotel falava alemão e inglês, mas o professor, em sua qualidade de poliglota, interrogou-o em bom dinamarquês. E foi em bom dinamarquês que este personagem lhe indicou a localização do Museu das Antiguidades do Norte.

O diretor desse curioso estabelecimento, onde são amontoadas maravilhas que permitiriam reconstruir a história do país com suas velhas armas de pedra, seus utensílios e seus adereços, era um sábio amigo do cônsul de Hamburgo, sr. Professor Thomson.

Meu tio tinha uma bela carta de recomendação para ele. Em geral, um sábio recebe muito mal o outro. Mas ali foi diferente. O sr. Thomson, como um homem prestativo, recebeu cordialmente o professor Lidenbrock e seu sobrinho. Desnecessário dizer que nosso segredo foi guardado diante do excelente diretor do Museu. Queríamos simplesmente visitar a Islândia como amadores desinteressados.

O sr. Thomson se colocou inteiramente à nossa disposição e fomos percorrer o cais a fim de procurar um navio de partida.

Eu imaginava que não haveria nenhum meio de transporte, mas não foi isso que aconteceu. Uma pequena escuna dinamarquesa, a *Valkyria*, aparelharia as velas no dia 2 de junho rumo a Reykjavík. O capitão, sr. Bjarne, encontrava-se a bordo. Seu futuro passageiro, em sua alegria, apertou-lhe as mãos com muita força. O corajoso homem ficou um pouco espantado com tal cumprimento. Ele achava que ir à Islândia era muito simples, já que este era o seu trabalho. Meu tio achava isso sublime. O digno capitão se aproveitou desse entusiasmo para nos fazer pagar em dobro, mas nós nem nos demos conta disso.

– Estejam a bordo terça-feira, às sete horas da manhã – disse o sr. Bjarne depois de ter embolsado uma quantia respeitável de dólares.

Então agradecemos ao sr. Thomson pela sua atenção e voltamos ao Hotel Phoenix.

– Estamos indo bem! Estamos indo muito bem! – repetia meu tio. – Que feliz acaso o de ter encontrado esse barco pronto para partir! Agora vamos almoçar e visitar a cidade!

Fomos até a Kongens Nytorv, uma praça irregular onde se encontra um posto militar com dois inocentes canhões apontados que não fazem medo em ninguém. Bem perto dali, no número 5, havia um restaurante francês mantido por um cozinheiro chamado Vincent. Lá comemos suficientemente pelo módico preço de quatro marcos por pessoa.[*]

* Aproximadamente dois francos e setenta e cinco

centavos.

Depois, senti um prazer pueril ao percorrer a cidade. Meu tio se deixava levar. Aliás, ele não viu nada, nem o insignificante palácio do rei, nem a bela ponte do século XVII que cruza o canal diante do Museu, nem o imenso cenotáfio de Thorvaldsen, ornamentado com horríveis pinturas murais e contendo as obras desse escultor, nem o castelo requintado de Rosenborg que fica em um belo parque, nem o admirável edifício renascentista da Bolsa, nem seu campanário feito com as caldas entrelaçadas de quatro dragões de bronze, nem os grandes moinhos das muralhas, cujas vastas pás se inflavam como as velas de um navio ao vento do mar.

Que deliciosos passeios teríamos feito, minha linda virlandesa e eu, nas imediações do porto onde as fragatas e os navios de dois conveses dormiam pacificamente sob sua cobertura vermelha, às margens verdejantes do estreito, em meio a essas sombras frondosas no seio das quais se esconde a cidadela, cujos canhões alongam sua boca escura entre os galhos dos salgueiros e sabugueiros!

Mas minha pobre Grauben estava longe, infelizmente! Podia eu ter a esperança de revê-la um dia?

No entanto, se meu tio não reparou em nenhum desses lugares encantadores, ele ficou extremamente impressionado com a vista de um certo campanário situado na ilha de Amak, que forma a porção sudoeste de Copenhague.

Recebi a ordem de dirigir nossos passos nessa direção. Subi em uma pequena embarcação a vapor que fazia o serviço dos canais. Em poucos instantes ela atracou no cais de Dockyard.

Depois de ter atravessado algumas ruas estreitas onde alguns galerianos vestidos com calças metade amarelo e metade cinza trabalhavam sob a pressão dos capatazes, chegamos diante da Vor Frelsers Kirke. Essa igreja não tinha nada de especial. Mas eis por que seu campanário bem alto havia chamado a atenção do professor: a partir de sua base, uma escada externa contornava seu coruchéu e suas espirais se desenrolavam ao ar livre.

– Vamos subir – disse meu tio.

– Mas e a vertigem? – repliquei.

– Uma razão a mais. É preciso se acostumar.

– Mas…

– Venha, estou lhe dizendo. Não vamos perder tempo.

Tive de obedecer. Um vigia que estava do outro lado da rua nos entregou uma chave e a subida começou.

Meu tio me precedia com um passo alerta. Eu o seguia não sem pavor, pois minha cabeça girava com uma facilidade deplorável. Eu não tinha o aprumo das águias, nem o controle dos nervos.

Enquanto estávamos encerrados na escada interna, tudo ia bem. Mas depois de cento e cinquenta degraus o ar veio me bater no rosto. Havíamos chegado à base do campanário. Lá começava a escada aérea protegida por um frágil corrimão e cujos degraus, cada vez mais estreitos, pareciam subir até o infinito.

– Eu nunca vou conseguir! – exclamei.

– Você é medroso, por acaso? Suba! – respondeu impiedosamente o professor.

Para segui-lo tive de me agarrar. O ar livre me atordoava. Eu sentia o campanário oscilar sob as rajadas de vento. Minhas pernas vacilavam. Logo eu estava subindo de joelhos, e depois de barriga no chão. Fechava meus olhos. Sentia vertigem.

Finalmente, tendo meu tio me puxado pelo colarinho, cheguei perto da esfera.

– Olhe – ele me disse –, e olhe bem! É preciso ter *aulas de abismo*!

Abri meus olhos. Eu via as casas achatadas, como se esmagadas por uma queda, em meio a uma névoa de fumaça. Acima de minha cabeça passavam nuvens desenfreadas, e, por uma ilusão de óptica, elas me pareciam imóveis, enquanto o campanário, a esfera e eu éramos carregados com uma fantástica velocidade. Ao longe, de um lado se estendia o campo verdejante, e do outro, o mar brilhava sob um feixe de raios. O Sund se desenrolava até a ponta de Helsingor e nele havia algumas velas brancas, verdadeiras asas de gaivota. Na bruma do Leste ondulava a costa meio encoberta da Suécia. Toda essa imensidão girava diante dos meus olhos.

Contudo, precisei me levantar, ficar em pé e olhar. Minha primeira lição de vertigem durou uma hora. Quando finalmente me foi permitido descer e tocar com meus pés o sólido pavimento das ruas,

eu estava todo dolorido.

– Amanhã recomeçamos – disse meu professor.

Durante cinco dias, de fato retomei esse exercício vertiginoso e, por bem ou por mal, fiz sensíveis progressos na arte das altas contemplações.

Em inglês no original, “estrada de ferro”. (N.T.)

Em inglês no original, “barco a vapor”. (N.T.)

Capítulo 9

O dia da partida chegou. Na véspera, o cordial sr. Thomson havia nos dado insistentes cartas de recomendação para o conde Trampe, governador da Islândia, para o sr. Pietursson, bispo-coadjutor, e para o sr. Finsen, prefeito de Reykjavík. Em agradecimento, meu tio lhe concedeu os mais calorosos apertos de mão.

No dia 2, às seis horas da manhã, nossas preciosas bagagens estavam a bordo da *Valkyria*. O capitão nos conduziu até cabines bem estreitas situadas em uma espécie de camarote de convés.

– O vento está bom? – perguntou meu tio.

– Excelente – respondeu o capitão Bjarne. – Um vento do Sudeste. Vamos sair do Sund com vento em popa e todas as velas içadas.

Alguns instantes mais tarde, a escuna, com sua mezena, sua vela mestra quadrangular, sua gávea e sua joanete, aparelhou e se lançou no estreito a plenas velas. Uma hora depois, a capital da Dinamarca parecia imergir nas vagas distantes e a *Valkyria* passava rente à costa de Helsingor. Na disposição nervosa em que eu me encontrava, esperava ver a sombra errante de Hamlet sobre o lendário terraço.

– Ah, sublime insensato! – eu dizia. – Você sem dúvida nos aprovaria! Talvez até nos seguisse ao centro do globo a fim de buscar uma solução para sua dúvida eterna!

Mas nada apareceu sobre as antigas muralhas. O castelo, aliás, é muito mais jovem do que o heroico príncipe da Dinamarca. Agora ele serve de camarim suntuoso para o guardião do Estreito de Sund, por onde a cada ano passam quinze mil navios de todas as nações.

Logo o Castelo de Kronborg desapareceu em meio à bruma, assim

como a Torre de Helsingborg, elevada na margem sueca. E a escuna se inclinou ligeiramente sob as brisas do Kattegat.

A *Valkyria* era um ótimo veleiro, mas quando se trata de um navio a vela nunca sabemos bem com o que contar. Ela transportava carvão, utensílios domésticos, peças de cerâmica, roupas de lã e uma carga de trigo a Reykjavík. Cinco tripulantes, todos dinamarqueses, bastavam para manobrá-la.

– Quanto tempo vai durar a travessia? – perguntou meu tio ao capitão.

– Uns dez dias – este respondeu –, se não encontrarmos muitas borrascas do Noroeste perto das Ilhas Faroé.

– Mas então não estamos sujeito a passar por atrasos consideráveis?

– Não, senhor Lidenbrock. Fique tranquilo, nós vamos chegar.

Perto do anoitecer, a escuna dobrou o cabo de Skagen na ponta norte da Dinamarca, atravessou o Skagerrak pela noite, costeou a extremidade da Noruega próximo ao cabo de Lindesnes e alcançou o Mar do Norte.

Dois dias depois, tomávamos conhecimento do litoral da Escócia na altura de Peterhead, e então a *Valkyria* se dirigiu às Ilhas Faroé passando pelas Órcades e as Shetland.

Logo nossa escuna foi atingida pelas ondas do Atlântico. Ela teve de bordejar contra o vento do Norte e alcançou, não sem dificuldades, as Faroé. No dia 3, o capitão reconheceu Mykines, a mais oriental dessas ilhas e, a partir desse momento, rumou diretamente para o cabo Portland, situado na costa meridional da Islândia.

A travessia não ofereceu nenhum incidente notável. Suportei muito bem as provações do mar. Meu tio, para seu desprazer e sobretudo para sua vergonha, não parou de ficar doente.

Ele não pôde, assim, discutir com o capitão Bjarne sobre a questão do Sneffels, sobre os meios de comunicação e sobre as possibilidades de transporte. Ele teve de postergar essas explicações para sua chegada, e passou todo o tempo estendido em sua cabine, cujas paredes divisórias estalavam aos grandes movimentos de arfagem. Confesso que ele merecia um pouco a sua sorte.

No dia 11 localizamos o cabo Portland. Como o tempo estava aberto, pudemos ver o Myrdals Yocul, que o domina. O cabo é formado por

um grande morro de escarpas íngremes, erigido de modo completamente solitário na praia.

A *Valkyria* se manteve a uma distância razoável da costa, margeando-a na direção oeste em meio à numerosa “tropa” de baleias e tubarões. Logo surgiu um imenso rochedo completamente perfurado, através do qual o mar espumoso avançava com fúria. As ilhotas Westman pareciam brotar do Oceano, como se tivessem semeado algumas rochas sobre a planície líquida. A partir desse momento, a escuna recuou para contornar a uma boa distância o cabo Reykjanes, que forma o ângulo ocidental da Islândia.

O mar, muito agitado, impedia meu tio de subir ao convés para admirar aquela costa recortada e fustigada pelo vento do Sudoeste.

Quarenta e oito horas depois, ao sairmos de uma tempestade que forçou a escuna a seguir com as velas recolhidas, avistamos ao leste a baliza do pontal de Skagen, cujas perigosas rochas continuam a se prolongar sob as ondas até uma grande distância. Um piloto islandês subiu a bordo e três horas depois a *Valkyria* ancorava diante de Reykjavík, na baía de Faxa.

O professor finalmente saiu de sua cabine, um pouco pálido, um pouco desfeito, mas ainda entusiasmado e com uma expressão de satisfação em seu olhar.

A população da cidade se agrupava no cais, singularmente interessada pela chegada de um navio que sempre trazia alguma coisa para cada um.

Meu tio estava com pressa de abandonar sua prisão flutuante, para não dizer seu hospital. Mas, antes de sair do convés da escuna, ele me conduziu até a proa e lá me apontou, na parte setentrional da baía, uma alta montanha de dois picos, um duplo cone recoberto por neves eternas.

– O Sneffels! – ele exclamou. – O Sneffels!

Em seguida, depois de ter me recomendado com um gesto um silêncio absoluto, ele desceu ao bote que o aguardava. Eu o segui e logo púnhamos os pés em solo islandês.

Primeiro, apareceu um homem de boa aparência vestido com um uniforme de general. Porém, não se tratava de um simples magistrado, o governador da ilha, o sr. barão Trampe em pessoa. O professor percebeu com quem estava lidando. Ele entregou ao governador as

suas cartas de Copenhague. Estabeleceu-se, em dinamarquês, uma curta conversa da qual não entendi absolutamente nada, e não sem razões. Desse primeiro contato resultou que o barão Trampe se colocava inteiramente à disposição do professor Lidenbrock.

Meu tio recebeu uma acolhida bastante amável do prefeito, o sr. Finson, que não era menos militar do que o governador em relação ao uniforme, mas que era igualmente pacífico em relação ao temperamento e à posição que ocupava.

Quanto ao coadjutor, o sr. Pictursson, ele atualmente fazia uma visita episcopal na jurisdição do norte. Por ora devíamos abdicar de lhe ser apresentados. Mas um homem encantador – e cuja ajuda se tornou muito preciosa para nós – foi o sr. Fridriksson, professor de ciências naturais na faculdade de Reykjavík. Esse modesto sábio só falava islandês e latim. Ele veio me oferecer seus serviços na língua de Horácio, e eu senti que havíamos sido feitos para nos entender. Foi, de fato, o único personagem com o qual pude conversar durante minha estada na Islândia.

Dos três quartos que compunham sua casa, esse excelente homem colocou dois à nossa disposição. Logo nos instalamos ali com as nossas bagagens, cuja quantidade espantou um pouco os habitantes de Reykjavík.

– Bom, Axel – meu tio me disse –, estamos indo bem e já fizemos o mais difícil.

– Como assim, o mais difícil? – exclamei.

– É claro, agora só temos de descer!

– Nesse sentido o senhor tem razão. Mas depois de termos descido precisaremos subir, não é?

– Ora, isso não me preocupa em nada! Bom, não temos tempo a perder. Vou até a biblioteca. Talvez lá tenha algum manuscrito de Saknussemm, e eu ficaria muito contente em consultá-lo.

– Então, nesse meio-tempo, vou visitar a cidade. O senhor não gostaria de fazer o mesmo?

– Ah, isso não me interessa! O que é instigante nesta terra islandesa não está em cima, mas embaixo.

Saí e vaguei ao acaso.

Perder-se nas duas ruas de Reykjavík não teria sido algo fácil de acontecer. Portanto, não fui obrigado a fazer perguntas sobre o caminho – o que, na língua dos gestos, nos expõe a muitos desentendimentos.

A cidade se prolonga entre duas colinas, sobre um solo bastante plano e pantanoso. Uma imensa torrente de lava a recobre de um lado e desce em encostas bem suaves em direção ao mar. Do outro lado se estende a vasta baía de Faxa, limitada ao norte pela enorme geleira do Sneffels, na qual apenas a *Valkyria* estava atracada naquele momento. Normalmente, os navios de guarda costeira ingleses e franceses ficam ancorados ali, a uma meia distância, mas eles estavam a serviço na costa oriental da ilha.

A mais longa das duas ruas de Reykjavík é paralela à costa. Lá ficam os mercadores e os negociantes, em cabanas feitas de vigas vermelhas horizontalmente dispostas. A outra rua, situada mais a oeste, corre em direção a um pequeno lago, entre as casas do bispo e de outros personagens que não lidam com o comércio.

Não demorei muito para percorrer essas vias tediosas e tristes. Às vezes eu entrevia um pedaço de relva descolorida, como um velho tapete de lã gasto pelo uso, ou então algo que se assemelhava a uma horta, cujos raros legumes – batatas, repolhos e alfaces – teriam figurado com folga em uma mesa liliputiana. Alguns goivos enfermos também tentavam tomar um pouquinho de sol.

Mais ou menos na metade da rua não comercial encontrei o cemitério público encerrado por um muro de terra, no qual não faltava espaço. Depois, em algumas passadas, cheguei à casa do governador – um pardieiro se comparada à prefeitura de Hamburgo, mas um palácio perto das cabanas da população islandesa.

Entre o pequeno lago e a cidade se elevava a igreja, edificada ao gosto protestante e construída com pedras calcinadas que os próprios vulcões se encarregam de extrair. No período dos grandes ventos do Oeste, para o grande prejuízo dos fiéis, seu telhado de telhas vermelhas certamente devia se dispersar pelos ares.

Sobre uma elevação próxima avistei a Escola Nacional, onde – como soube mais tarde pelo nosso anfitrião – ensinava-se hebraico, inglês, francês e dinamarquês, quatro línguas das quais, para minha vergonha, não conheço uma só palavra. Eu teria sido o último dos quarenta alunos desse pequeno colégio, indigno de dormir naquelas espécies de armários de dois compartimentos onde os mais delicados

sufocariam já na primeira noite.

Em três horas eu havia visitado não apenas a cidadela, mas também suas imediações. O aspecto geral era singularmente triste. Nada de árvores e nada de vegetação, por assim dizer. Por todo lado, as arestas vivas das rochas vulcânicas. As cabanas dos islandeses são feitas de terra e turfa e suas paredes são inclinadas para dentro. Parecem telhados dispostos sobre o chão. Mas esses telhados são pradarias relativamente férteis. Graças ao calor da habitação, a grama ali cresce com bastante perfeição, sendo aparada na época da ceifa, pois em caso contrário os animais domésticos viriam pastar sobre essas moradas verdejantes.

Durante minha excursão encontrei poucos habitantes. Voltando da rua comercial, vi a maior parte da população ocupada em secar, salgar e transportar o bacalhau, principal artigo de exportação. Os homens pareciam robustos, mas pesados, espécies de alemães loiros, de expressão pensativa e que se sentem um pouco fora da humanidade. Esses pobres exilados, relegados àquela terra de gelo, bem que deviam ser esquimós, já que a natureza os condenava a viver no limite do círculo polar! Eu tentava em vão surpreender um sorriso em seu rosto. Às vezes eles riam, por uma espécie de contração involuntária dos músculos, mas não sorriam jamais.

O uniforme deles consistia em uma camisa grosseira de lã preta – conhecida em todos os países escandinavos pelo nome de *vadmel* –, um chapéu de abas largas, uma calça de barra vermelha e um pedaço de couro dobrado à guisa de sapato.

As mulheres, de ar triste e resignado e de um tipo bem agradável, mas sem expressão, estavam vestidas com um corpete e uma saia de *vadmel* escura: se moças, elas portavam sobre os cabelos trançados em guirlanda um pequeno chapéu de tricô marrom; se casadas, envolviam a cabeça com um lenço colorido arrematado com um adorno de tela branca.

Quando voltei à casa do sr. Fridriksson depois de uma longa caminhada, meu tio já estava lá na companhia de seu anfitrião.

Capítulo 10

O jantar estava pronto. Ele foi devorado com avidez pelo professor Lidenbrock, cuja dieta forçada a bordo havia transformado seu estômago em um abismo profundo. Essa refeição, mais dinamarquesa que islandesa, não teve em si nada de notável; mas nosso anfitrião, mais islandês que dinamarquês, me lembrou os heróis de antiga hospitalidade. Pareceu-me evidente que nos sentíamos mais em casa do que ele próprio.

A conversa se deu na língua nativa. Meu tio a entremeava com alemão e o sr. Fridriksson, com latim, a fim de que eu pudesse compreendê-la. Ela versou sobre questões científicas, como convém aos sábios. Mas o professor Lidenbrock se manteve na mais excessiva reserva, e a cada frase seus olhos me recomendavam um silêncio absoluto em relação aos nossos futuros projetos.

Inicialmente, o sr. Fridriksson indagou meu tio sobre o resultado de suas pesquisas na biblioteca.

– A biblioteca dos senhores? – exclamou este último. – Ela só é composta de coleções sem par em seções quase desertas!

– Como assim? – respondeu o sr. Fridriksson. – Nós possuímos oito mil volumes, muitos deles preciosos e raros. Também há obras na velha língua escandinava e várias novidades com as quais Copenhague nos abastece todo ano.

– De onde o senhor tirou esses oito mil volumes? Pelas minhas contas…

– Ora, senhor Lidenbrock, eles rodam o país. Temos gosto pelo estudo em nossa velha ilha de gelo! Não há um único agricultor, um único pescador que não saiba ler e que não leia. Acreditamos que os livros,

em vez de criar bolor em uma estante de ferro e ficar longe de olhares curiosos, sejam destinados a se consumir sob os olhos dos leitores. Desse modo, esses volumes passam de mão em mão, são folheados, lidos e relidos, e com frequência só retornam à sua seção depois de um ou dois anos de ausência.

– E os estrangeiros – respondeu meu tio com um certo despeito –, enquanto esperam…

– O que os senhores querem? Os estrangeiros têm suas próprias bibliotecas em seus países e, antes de qualquer coisa, é preciso que nossos camponeses se instruam. Repito ao senhor, o amor pelo estudo está no sangue islandês. É por isso que, em 1816, fundamos uma Sociedade Literária que está indo muito bem. Sábios estrangeiros ficam honrados em fazer parte dela. Publicamos livros destinados à educação de nossos compatriotas e prestamos verdadeiros serviços ao país. Se o senhor quiser ser um de nossos membros correspondentes, senhor Lidenbrock, nos dará um grande prazer.

Meu tio, que já pertencia a uma centena de sociedades científicas, aceitou de bom grado. O sr. Fridriksson ficou comovido.

– Agora – este retomou –, queira me indicar quais livros o senhor esperava encontrar em nossa biblioteca, e talvez eu possa lhe indicar o paradeiro deles.

Olhei para o meu tio. Ele hesitou em responder. Isso tinha relação direta com seus projetos. No entanto, depois de ter refletido, ele decidiu falar.

– Senhor Fridriksson – ele disse –, eu gostaria de saber se, dentre as obras antigas, os senhores possuiriam aquelas de Arne Saknussemm.

– Arne Saknussemm?! – respondeu o professor de Reykjavík. – O senhor está falando desse grande sábio do século XVI que era, ao mesmo tempo, grande naturalista, grande alquimista e grande viajante?

– Exatamente.

– Uma das glórias da literatura e da ciência islandesas?

– Como o senhor diz.

– Um homem ilustre em meio à massa?

– Estou de acordo.

– E cuja audácia se equiparava ao seu gênio?

– Vejo que o conhece bem.

Meu tio estava nas nuvens ao ouvir falar assim de seu herói. Ele devorava o sr. Fridriksson com os olhos.

– Pois bem! – E perguntou: – E as suas obras?

– Ah, as suas obras! Não as temos!

– Como assim? Na Islândia?

– Elas não existem nem na Islândia, nem em nenhum outro lugar.

– E por quê?

– Porque Arne Saknussemm foi acusado de heresia, e em 1573 suas obras foram queimadas por um carrasco em Copenhague.

– Ótimo! Perfeito! – exclamou meu tio, para o grande espanto do professor de ciências naturais.

– Ãh? – disse este último.

– Sim! Tudo se explica, tudo se encadeia, tudo está claro! E agora entendo por que Saknussemm, colocado no Index e forçado a esconder as descobertas de seu gênio, teve de ocultar em um incompreensível criptograma o segredo…

– Que segredo? – perguntou vivamente o sr. Fridriksson.

– Um segredo que… que… – respondeu meu tio balbuciando.

– O senhor teria algum documento em particular? – retomou nosso anfitrião.

– Não. Eu estava fazendo uma pura suposição.

– Bom – respondeu o sr. Fridriksson, que teve a bondade de não insistir ao ver o embaraço de seu interlocutor. – Eu espero – ele acrescentou – que o senhor não deixe a nossa ilha antes de ter escavado suas riquezas mineralógicas.

– Claro – respondeu meu tio. – Mas acho que estou chegando um

pouco tarde. Alguns sábios já passaram por aqui, não é?

– Sim, senhor Lidenbrock. Os trabalhos dos senhores Olafsen e Povelsen, realizados sob as ordens do rei, os estudos de Troïl, a missão científica dos senhores Gaimard e Robert, a bordo da corveta francesa *La Recherche*,* e, por último, as observações dos sábios embarcados na fragata *La Reine Hortense* contribuíram muitíssimo para o mapeamento da Islândia. Porém, acredite, ainda há o que ser feito.

– É o que o senhor acha? – perguntou meu tio com um ar bonachão, tentando moderar o brilho de seus olhos.

– Sim. Quantas montanhas, geleiras e vulcões a estudar e que são pouco conhecidos! Veja bem, não precisamos ir mais longe. Repare nesse monte que se eleva no horizonte. É o Sneffels.

– Ah! – disse meu tio. – O Sneffels.

– Sim, um dos vulcões mais curiosos, cuja cratera raramente é visitada.

– Está extinto?

– Ah, sim! Extinto há quinhentos anos.

– Pois bem – respondeu meu tio, que cruzava freneticamente as pernas para não saltar pelos ares –, tenho vontade de começar meus estudos geológicos por esse Seffel… Fessel… Como o senhor disse?

– Sneffels – retomou o excelente sr. Fridriksson.

Essa parte da conversa acontecera em latim. Eu havia entendido tudo e mal conseguia manter minha seriedade ao ver meu tio conter sua satisfação, que transbordava por todos os lados. Ele tentava conservar uma expressão inocente que lhe deixava parecendo um velho diabo fazendo caretas.

– Ótimo – ele disse –, as suas palavras me fazem decidir. Vamos tentar escalar esse Sneffels, e talvez até mesmo estudar sua cratera!

– Sinto muito que as minhas ocupações não permitam que eu me ausente – respondeu o sr. Fridriksson. – Eu os acompanharia com prazer e isso seria bem proveitoso.

– Oh, não! Oh, não! – respondeu vivamente meu tio. – Não queremos incomodar ninguém, senhor Fridriksson. Eu lhe agradeço de coração.

A presença de um sábio como o senhor seria muito útil, mas os deveres de sua profissão…

Gosto de pensar que o nosso anfitrião, na inocência de sua alma islandesa, não compreendeu as grandes malícias do meu tio.

– Senhor Lidenbrock – ele disse –, dou a minha aprovação para que comece por esse vulcão. O senhor colherá muitas observações curiosas. Mas me diga, como está pensando em chegar à península do Sneffels?

– Pelo mar, atravessando a baía. É o caminho mais rápido.

– Sem dúvidas, mas ele é impossível de tomar.

– Por quê?

– Porque não temos um único bote em Reykjavík.

– Diabos!

– Será preciso ir por terra, seguindo o litoral. É mais longo, mas mais interessante.

– Bom, verei como encontrar um guia.

– Tenho justamente um a lhe oferecer.

– Um homem seguro e inteligente?

– Sim, um morador da península. É um caçador de êider muito hábil, com o qual ficará contente. Ele fala perfeitamente dinamarquês.

– E quando poderei vê-lo?

– Amanhã, se for de seu agrado.

– E por que não hoje?

– É que ele só chega amanhã.

– Amanhã, então – respondeu meu tio com um suspiro.

Essa importante conversa terminou alguns instantes depois, com calorosos agradecimentos do professor alemão ao professor islandês. Durante esse jantar, meu tio acabava de descobrir coisas importantes, como a história de Saknussemm e a razão de seu documento

misterioso, além de saber que seu anfitrião não o acompanharia em sua expedição e que, a partir do dia seguinte, um guia estaria à sua disposição.

capítulo 11

À noite, fiz um breve passeio pelo litoral de Reykjavík e voltei cedo para me deitar em minha cama de grandes tábuas, onde dormi um sono profundo.

Quando acordei, ouvi meu tio falando bastante na sala vizinha. Levantei-me imediatamente e fui depressa ao seu encontro.

Ele conversava em dinamarquês com um homem de grande estatura, vigorosamente constituído. O rapagão devia ter uma força incomum. Seus olhos, encavados em um rosto muito grande e ingênuo, pareceram-me inteligentes. Eles eram de um azul sonhador. Seus longos cabelos, que teriam passado por ruivos mesmo na Inglaterra, caíam sobre seus ombros atléticos. O nativo tinha movimentos flexíveis, mas mexia pouco os braços, como alguém que ignora ou desdenha a língua dos gestos. Tudo nele revelava um temperamento de uma perfeita calma – não indolente, mas tranquila. Via-se que ele não pedia nada a ninguém, que trabalhava como lhe convinha, e que, neste mundo, sua filosofia não poderia ser nem abalada, nem perturbada.

Pelo modo como o islandês escutava a verborragia passional de seu interlocutor, pude surpreender as nuances de sua personalidade. Ele permanecia com os braços cruzados, imóvel em meio aos múltiplos gestos do meu tio. Para negar, sua cabeça virava da esquerda para a direita; para afirmar, inclinava-se, mas tão pouco que seus longos cabelos mal saíam do lugar. Era a economia do movimento levada à avareza.

Certamente, ao ver esse homem, eu jamais teria adivinhado sua profissão de caçador. É claro que ele não devia espantar sua caça, mas como seria capaz de pegá-la?

Tudo fez sentido quando o sr. Fridriksson me contou que esse tranquilo personagem era apenas um “caçador de êider”, pássaro cuja plumagem constitui a maior riqueza da ilha. Na verdade, essa plumagem se chama edredom, e não é preciso um grande dispêndio de movimento para coletá-la.

Nos primeiros dias de verão, a fêmea do êider, uma espécie de belo pato, constrói seu ninho no meio dos rochedos dos *fjörds*, cuja costa é toda entrecortada. Tendo construído o ninho, ela o reveste com as plumas que arranca de seu próprio ventre. Imediatamente, o caçador – ou melhor, o negociante – chega, apanha o ninho e a fêmea tem de recomeçar seu trabalho. Isso dura enquanto que lhe restar alguma plumagem. Quando ela já se depenou inteiramente, é a vez do macho se desplumar. Mas como o despojo duro e grosseiro deste último não tem nenhum valor comercial, o caçador nem se dá ao trabalho de roubar a cama da ninhada. O ninho enfim fica pronto. A fêmea põe seus ovos, os pequenos eclodem e, no ano seguinte, a colheita do edredom recomeça.

Ora, como o êider não escolhe as rochas escarpadas para construir seu ninho, mas sim as rochas acessíveis e horizontais que se perdem em direção ao mar, o caçador islandês podia exercer sua profissão sem grandes agitações. Era um fazendeiro que não precisava semear nem ceifar sua produção, apenas colhê-la.

Esse personagem sério, fleumático e silencioso se chamava Hans Bjelke. Ele vinha por recomendação do sr. Fridriksson. Era o nosso futuro guia. Suas maneiras contrastavam singularmente com as do meu tio.

No entanto, eles se entenderam facilmente. Nem um nem o outro se preocupava com o dinheiro. Um estava pronto a aceitar o que lhe ofereciam, e o outro, pronto a pagar o que lhe fosse pedido. Nunca foi tão fácil concluir uma negociação.

Desse acordo resultou que Hans se comprometeria a nos conduzir ao vilarejo de Stapi, situado na costa meridional da península do Sneffels, ao próprio pé do vulcão. Por terra, era preciso contar com mais ou menos vinte e duas milhas, viagem a ser feita em dois dias, segundo a opinião do meu tio.

Mas quando ele ficou sabendo que se tratava de milhas dinamarquesas de mais de sete mil metros, teve de reconsiderar e contar, em vista das más condições das trilhas, com sete ou oito dias de caminhada.

Quatro cavalos seriam postos à sua disposição – dois para nos levar, ele e eu, e outros dois destinados às nossas bagagens. Hans iria a pé, segundo seu costume. Ele conhecia perfeitamente essa parte da costa e prometeu ir pelo caminho mais curto.

Seu compromisso com meu tio não terminaria com a nossa chegada em Stapi. Ele ficaria a seu serviço durante todo o tempo necessário às nossas excursões científicas, pelo valor de três rixdales por semana.[5] Mas ficou expressamente combinado que essa soma seria vertida ao guia todo sábado à noite, condição *sine qua non* do seu comprometimento.

Determinou-se que a partida seria em 16 de junho. Meu tio quis pagar um sinal ao caçador, mas este recusou com uma única palavra.

– *Efter* – ele disse.

– Depois – o professor traduziu para me instruir.

O acordo concluído, Hans se retirou como se fosse um bloco único.

– Um homem notável! – exclamou meu tio. – Mas ele mal espera o maravilhoso papel que o futuro está lhe reservando!

– Então ele vai nos acompanhar até…

– Sim, Axel, até o centro da terra.

Ainda nos restavam quarenta e oito horas. Para o meu pesar, tive de empregá-las em nossos preparativos. Toda a nossa inteligência foi usada para dispor cada objeto do modo mais vantajoso possível – os instrumentos de um lado, as armas de outro; as ferramentas neste pacote, os víveres naquele. Ao todo, eram quatro grupos.

Os instrumentos compreendiam:

1. Um termômetro centígrado de Eigel, graduado até cento e cinquenta graus, o que me parecia demais ou insuficiente. Demais, se o calor ambiente subisse até lá, e nesse caso seríamos cozidos. Insuficiente, se se tratasse de medir a temperatura das fontes ou de qualquer outra matéria em fusão.

2. Um manômetro de ar comprimido para indicar pressões superiores às da atmosfera ao nível do mar. De fato, um barômetro comum não teria bastado, já que a pressão atmosférica aumentaria proporcionalmente durante nossa descida abaixo da superfície da

terra.

3. Um cronômetro de Boissonnas simples de Genebra, perfeitamente regulado com o meridiano de Hamburgo.

4. Duas bússolas de inclinação e de declinação.

5. Uma luneta de visão noturna.

6. Dois aparelhos de Ruhmkorff, que, por meio de uma corrente elétrica, forneciam uma luz bastante portátil, segura e pouco incômoda.[6]

As armas consistiam em duas carabinas Purdley More e Cia. e dois revólveres Colt. E por que armas? Eu supunha que não tivéssemos de temer nem selvagens, nem animais ferozes. Mas meu tio parecia se preocupar com seu arsenal tanto quanto com seus instrumentos, e principalmente com uma notável quantidade de algodão-pólvora inalterável em meio úmido, cuja força expansiva é bem superior àquela da pólvora comum.

Os instrumentos compreendiam duas picaretas, duas enxadas, uma escada de tecido, três bastões de caminhada, um machado, um martelo, uma dúzia de estacas e pregos de ferro e extensas cordas com nós. Tudo isso não deixava de compor um volumoso pacote, pois só a escada tinha noventa metros de comprimento.

Por fim, havia as provisões. Embora não fosse grande, esse pacote era tranquilizador, pois eu sabia que, em carne desidratada e biscoitos secos, ele continha víveres para seis meses. O genebra compunha toda a parte líquida, pois não havia nada de água. Mas tínhamos cantis e o meu tio contava com nascentes para enchê-los. As objeções que pude fazer sobre a qualidade, a temperatura e até mesmo a ausência destas foram malsucedidas.

Para completar a listagem exata dos nossos artigos de viagem, menciono uma farmácia portátil contendo tesouras de lâminas embotadas, talas para fraturas, um pedaço de gaze, faixas e compressas, esparadrapo e uma bacia para sangria – todas essas coisas assustadoras. Além disso, havia uma série de frascos contendo dextrina, álcool vulnerário, acetato de chumbo líquido, éter, vinagre e amoníaco, todas essas drogas de uso pouco tranquilizador. Enfim, os materiais necessários aos aparelhos de Ruhmkorff.

Meu tio teve o cuidado de não esquecer sua provisão de tabaco, pólvora de caça e iscas de acender, assim como uma pochete de couro

que ele levava presa à sua cintura e na qual havia uma quantidade suficiente de moedas de ouro e de prata, além de dinheiro em papel. Seis pares de bons calçados, tornados impermeáveis com uma camada de piche e goma elástica, também se encontravam no grupo das ferramentas.

– Assim vestidos, calçados e equipados, não há nenhuma razão para não irmos longe – disse-me meu tio.

O dia 14 foi inteiramente dedicado a dispor esses diversos objetos. À noite, jantamos na casa do barão Trampe em companhia do prefeito de Reykjavík e do doutor Hyaltalin, o grande médico do país. O sr. Fridriksson não estava entre os convivas. Fiquei sabendo, mais tarde, que ele e o governador haviam se desentendido sobre uma questão administrativa e que não se encontravam mais. Assim, não pude entender uma única palavra do que foi dito durante esse jantar semioficial. Apenas percebi que meu tio falou o tempo todo.

No dia seguinte, o 15, os preparativos estavam prontos. Nosso anfitrião proporcionou um grande prazer ao professor ao lhe dar um mapa da Islândia incomparavelmente mais perfeito do que aquele de Henderson. Era o mapa do sr. Olaf Nikolas Olsen, de escala 1/180.000, publicado pela Sociedade Literária Islandesa, segundo os trabalhos geodésicos do sr. Scheel Frisac e o levantamento topográfico do sr. Bjorn Gumlaugsonn. Era um documento precioso para um mineralogista.

Passamos a última noite em conversas íntimas com o sr. Fridriksson, por quem eu sentia uma vívida simpatia. Um sono bastante agitado, ao menos para mim, sucedeu essa conversa.

Às cinco horas da manhã, o relincho de quatro cavalos que piafavam sob a janela me acordou. Vesti-me depressa e desci até a rua. Hans terminava de carregar nossas bagagens sem se mexer, por assim dizer. Mas ele trabalhava com uma destreza incomum. Meu tio fazia mais barulho do que esforço, e o guia parecia se preocupar muito pouco com as recomendações dele.

Tudo ficou pronto às seis horas. O sr. Fridriksson apertou nossas mãos. Meu tio agradeceu-lhe em islandês por sua benevolente hospitalidade, e o fez de bom grado. Quanto a mim, esbocei em meu melhor latim alguma saudação cordial. Em seguida, montamos em nossos cavalos e o sr. Fridriksson, em seu último adeus, dirigiu-me estes versos que Virgílio parecia ter escrito para nós, viajantes de rumo incerto:

Et quacunque viam dederit fortuna sequamur.[7]

Dezesseis francos e noventa e oito centavos. (N.O.) [O rixdale foi uma antiga moeda de prata dos Países Baixos e do norte da Europa, corrente desde o fim do século XVI.]

O aparelho do sr. Ruhmkorff consiste em uma pilha de Bunsen ativada por meio do bicromato de potássio, que não emite nenhum odor. Uma bobina de indução coloca a eletricidade produzida pela pilha em comunicação com uma lanterna de disposição particular. Dentro dessa lanterna há uma serpentina oca, na qual fica somente um resíduo de gás carbônico ou de nitrogênio. Quando o aparelho funciona, esse gás se torna luminoso, produzindo uma luz esbranquiçada e contínua. A pilha e a bobina ficam dispostas dentro de uma bolsa de couro que o viajante porta a tiracolo. A lanterna, colocada do lado de fora, clareia uma escuridão profunda de modo bastante suficiente. Ela permite aventurar-se em meio aos gases mais inflamáveis sem que se tema nenhuma explosão, e não se apaga nem mesmo nos mais profundos cursos d’água. O sr. Ruhmkorff [Heinrich Daniel Ruhmkorff, 1803-1877] é um sábio e habilidoso físico. Sua grande descoberta é a sua bobina de indução, que permite produzir eletricidade a uma alta tensão. Ele obteve, em 1864, o prêmio quinquenal de 50.000 francos que a França reserva à mais engenhosa aplicação da eletricidade. (N.O.)

Trata-se de uma citação ligeiramente modificada pelo autor da epopeia latina *Eneida*, de Virgílio (Livro X, verso 49). Em tradução livre, “Qualquer que seja o caminho indicado pela fortuna, sigamos”. (N.T.)

Capítulo 12

Havíamos partido com um tempo encoberto, mas estável. Sem calores fatigantes ou chuvas desastrosas a temer. Um clima de turistas.

O prazer de percorrer um país desconhecido a cavalo me deixou mais maleável nesse início da empreitada. Eu estava entregue à felicidade do excursionista, feita de desejos e de liberdade. Começava a me resignar à situação.

“Aliás” – eu me dizia –, “o que é que estou arriscando? Viajar pelo mais curioso país, escalar uma montanha bastante notável e, na pior das hipóteses, descer até o fundo de uma cratera inativa! É muito evidente que esse Saknussemm não fez nada além disso. Quanto à existência de uma galeria que leva ao centro do globo, é pura imaginação! A mais pura impossibilidade! Então vamos aproveitar o que há de bom nessa expedição, e sem fazer economias!”.

Eu mal terminara esse raciocínio e já tínhamos saído de Reykjavík.

Hans andava à frente com um passo rápido, uniforme e contínuo. Os dois cavalos carregando as nossas bagagens o seguiam sem que fosse necessário conduzi-los. Eu e meu tio vínhamos na sequência, e realmente não ficávamos tão mal em cima de nossos animais pequenos, mas vigorosos.

A Islândia é uma das grandes ilhas da Europa. Sua superfície mede por volta de dois mil e duzentos quilômetros e só conta com sessenta mil habitantes. Os geógrafos dividiram-na em quatro quadrantes, e nós tínhamos de atravessar quase obliquamente aquele que leva o nome de Região do Quadrante
Sudoeste, *Sudvestr Fjordùngr*.

Ao sair de Reykjavík, Hans havia seguido imediatamente a costa do

mar. Atravessamos magras pastagens que se esforçavam muito para ser verdes, mas o amarelo tinha mais sucesso. Os ásperos cumes das massas traquíticas esfumaçavam-se no horizonte sob as brumas do Leste. Em certos momentos, algumas placas de neve, concentrando a luz difusa, resplandeciam na encosta dos cimos distantes. Certos picos, mais atrevidamente posicionados, perfuravam as nuvens cinzas e reapareciam acima dos vapores movediços, como se fossem escolhos emergidos em pleno céu.

Com frequência essas rochas áridas avançavam na direção do mar e cortavam os pastos. Mas sempre restava um espaço suficiente para passarmos. Nossos cavalos, aliás, escolhiam por instinto os lugares propícios sem nunca diminuir o seu passo. Meu tio não tinha nem mesmo o consolo de espicaçar sua montaria com a voz ou o chicote. Não lhe era permitido ser impaciente. Eu não podia deixar de sorrir ao vê-lo tão grande sobre o seu pequeno cavalo e, como as suas longas pernas roçavam o solo, ele parecia um centauro de seis pés.

– Mas que belo animal! Que belo animal! – ele dizia. – Você vai ver, Axel, que nenhum animal vence o cavalo islandês em inteligência. Neves, tempestades, caminhos intransponíveis, rochedos, geleiras, nada disso o impede. Ele é corajoso, é sério, é seguro. Nunca um passo em falso, nunca uma reação. Que algum rio ou *fjörd* surja para atravessarmos e lá estará ele. Você vai vê-lo se jogar na água e chegar à margem oposta sem hesitar, como um anfíbio! Mas não o apressemos, deixemos que ele aja, e assim cumpriremos, um carregando o outro, nossos cinquenta quilômetros por dia.

– Nós, com certeza – respondi. – Mas e o guia?

– Ah, ele não me preocupa muito! Esse tipo de gente caminha sem nem mesmo perceber. Este aqui se mexe tão pouco que não deve nem se cansar. Aliás, se for preciso, posso ceder a ele a minha montaria. Se eu não fizer nenhum movimento, logo as cãibras vão me atacar. Os braços estão bem, mas é preciso se lembrar das pernas.

Nesse meio-tempo, avançávamos rapidamente. O país já estava praticamente deserto. Aqui ou acolá alguma fazenda isolada ou algum *boër*[8] solitário – construído com madeira, terra, pedaços de lava – surgia como um mendigo às margens de um caminho vazio. Essas cabanas deterioradas pareciam implorar pela caridade dos passantes, e por pouco não lhes demos uma esmola. Nesse país, as estradas e até mesmo as trilhas estavam completamente em falta, e a vegetação, por mais lenta que fosse, não tardava a apagar os passos dos raros viajantes.

No entanto, essa parte da província, situada a dois passos de sua capital, estava entre as porções habitadas e cultivadas da Islândia. O que seria, então, das regiões mais desertas do que aquele deserto? Tendo atravessado quase um quilômetro, ainda não havíamos encontrado nem um agricultor à porta de sua choupana, nem um pastor selvagem pastoreando um rebanho menos selvagem que ele, apenas algumas vacas e carneiros abandonados à própria sorte. O que seria, então, das regiões convulsionadas, sacudidas pelos fenômenos eruptivos, nascidas das explosões vulcânicas e dos choques subterrâneos?

Estávamos destinados a conhecê-las mais tarde. Porém, ao consultar o mapa de Olsen, vi que ainda as evitávamos ao ladear os sinuosos limites da costa. De fato, o grande movimento plutônico concentrou-se principalmente no interior da ilha. Ali, as camadas horizontais de rochas sobrepostas – chamadas de *trapps* na língua escandinava –, as faixas de traquitos, as erupções de basalto, de tufo e de todos os conglomerados vulcânicos e as torrentes de lava e de pórfiro em fusão perfizeram um país de um horror sobrenatural. Portanto, eu nem tinha muita ideia do espetáculo que nos esperava na península do Sneffels, onde as destruições de uma natureza impetuosa formavam um formidável caos.

Duas horas depois de sairmos de Reykjavík, chegávamos à vila de Gufunes, designada *aoalkirkja*, ou “igreja principal”. Ela não tinha nada de notável. Apenas algumas casas. Mal daria um povoado na Alemanha.

Hans fez uma parada de meia hora. Ele compartilhou nosso almoço frugal, respondeu com sim e não às perguntas de meu tio sobre a natureza do trajeto e, quando foi indagado sobre em que lugar estava pensando em passar a noite, disse apenas:

– Gardär.

Consultei o mapa para saber o que era Gardär. Vi um vilarejo com esse nome às margens do fiorde Hval, a quase trinta quilômetros de Reykjavík. Mostrei-o ao meu tio.

– Mas só trinta quilômetros? – ele disse. – Trinta quilômetros dos mais de cento e cinquenta? Mas que bela caminhada!

Ele quis fazer uma observação ao guia, que, sem lhe responder, retomou a dianteira dos cavalos e tornou a caminhar.

Três horas mais tarde, ainda pisando na relva descolorida dos pastos,

tivemos de contornar o fiorde Kolla, um desvio mais fácil e menos longo do que uma travessia desse mesmo golfo. Logo entrávamos em um *pingstaoer* – lugar de jurisdição municipal – chamado Ejulberg, cujo sino teria soado ao meio-dia se as igrejas islandesas fossem ricas o bastante para ter um relógio. Mas elas se pareciam muito com os seus paroquianos, que não têm relógios de bolso e vivem bem sem isso.

Ali, os cavalos se refrescaram. Depois, seguindo por uma orla estreita entre uma cadeia de montanhas e o mar, eles nos conduziram sem fazer paradas até a *aoalkirkja* de Brantar e, um quilômetro e meio adiante, até a *saurboër annexia* – igreja anexa –, situada na margem meridional do fiorde Hval.

Eram, então, quatro da tarde. Havíamos transposto quatro milhas dinamarquesas.[9]

Nesse ponto, o *fjörd* tinha uma largura de pelo menos oitocentos metros. As ondas rebentavam com estrondo nas rochas pontiagudas. Esse golfo se alargava entre muralhas de rochedos, espécies de escarpas com picos de novecentos metros de altura e notáveis por suas camadas castanhas separadas por caminhos de tufo de nuances avermelhadas. Por mais inteligentes que nossos cavalos fossem, eu não achava que seria bom ter de atravessar um verdadeiro braço de mar em cima do flanco de um quadrúpede.

– Se eles forem inteligentes – falei –, não vão tentar passar. Em todo caso, eu me encarrego de ser inteligente por eles.

Mas o meu tio não quis esperar. Ele esporeou seu cavalo em direção à margem. Sua montaria chegou a farejar a última ondulação das águas, e então parou. Meu tio, que tinha o seu próprio instinto, instigou-a ainda mais. Nova recusa do animal, que sacudiu a cabeça. E então, palavrões e chicotadas, mas também coices do animal, que começou a desequilibrar seu cavaleiro. Enfim o pequeno cavalo, dobrando seus joelhos, retirou-se de sob as pernas do professor e o deixou em pé, plantado em cima de duas pedras da margem como o Colosso de Rodes.

– Ah, maldito animal! – exclamou o cavaleiro subitamente, transformado em pedestre e envergonhado como um oficial de cavalaria que tivesse passado a infante.

– *Färja* – disse o guia tocando em seu ombro.

– O quê? Uma balsa?

– *Der* – respondeu Hans, apontando para uma embarcação.

– Sim! – exclamei. – Tem uma balsa ali.

– Você devia ter dito antes! Bom, vamos lá!

– *Tidvatten* – retomou o guia.

– O que ele disse?

– Ele disse "maré" – respondeu meu tio traduzindo a palavra dinamarquesa.

– Será que temos de esperar a maré?

– *Förbida*? – perguntou meu tio.

– *Ja* – respondeu Hans.

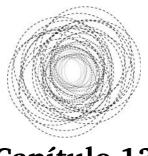
Meu tio chutou o chão, enquanto os cavalos se dirigiram à balsa.

Entendi perfeitamente a necessidade de esperar um determinado momento da maré para realizar a travessia do *fjörd* – aquele em que o mar, tendo chegado à sua maior altura, torna-se estacionário. É aí que o fluxo e o refluxo não têm nenhuma ação perceptível e a barca não corre o risco de ser arrastada, seja ao fundo do golfo, seja ao alto-mar.

O instante favorável só chegou às seis da tarde. Meu tio, eu, o guia, dois remadores e os quatro cavalos havíamos tomado nossos lugares em uma espécie de balsa plana e bastante frágil. Habituado como eu estava às balsas a vapor do Elba, achei que os remos dos barqueiros eram uma triste engenhoca mecânica. Foi preciso mais de uma hora para atravessarmos o *fjörd*, mas a passagem finalmente se deu sem nenhum acidente.

Meia hora depois, chegávamos à *aoalkirkja* de Gardär.

Casa do camponês islandês. (N.O.)

Oito léguas [aproximadamente trinta quilômetros]. (N.O.)

Capítulo 13

Era para estar escuro, mas no paralelo sessenta e cinco a claridade diurna das regiões polares não devia me surpreender. Na Islândia, durante os meses de junho e julho, o sol não se põe.

Contudo, a temperatura havia baixado. Eu sentia frio e sobretudo fome. Foi bem-vindo o *böer* que abriu hospitaleiramente as suas portas para nos receber.

Era a casa de um camponês, mas, em termos de hospitalidade, equivalia à de um rei. À nossa chegada, o dono da casa veio nos estender sua mão e, sem mais cerimônias, fez sinal para que o seguíssemos.

E realmente tivemos de segui-lo, pois acompanhá-lo teria sido impossível. Uma passagem comprida, estreita e escura dava acesso a essa habitação construída com vigas mal talhadas e permitia chegar a cada um dos cômodos. Eram quatro no total: a cozinha, o ateliê de tecelagem, o *badstofa* – quarto de dormir da família – e, o melhor de todos, o quarto de hóspedes. Meu tio, em cuja altura não haviam pensado ao construírem a casa, não deixou de dar três ou quatro vezes com a cabeça contra as saliências do teto.

Fomos apresentados ao nosso quarto, espécie de grande sala com um chão de terra batida, clareado por uma janela cujas vidraças eram feitas de membranas de carneiro muito pouco transparentes. As camas se compunham de forragem seca disposta sobre dois catres de madeira pintados de vermelho e ornamentados com frases islandesas. Eu não esperava por esse conforto, mas nessa casa reinava um forte odor de peixe seco, carne marinada e leite azedo com os quais o meu olfato não se dava muito bem.

Assim que deixamos de lado nossas tralhas de viajantes, ouvimos a

voz do anfitrião nos convidando a passar para a cozinha, único cômodo onde se fazia fogo, mesmo durante os frios mais intensos.

Meu tio se apressou a obedecer essa amigável injunção. Eu o segui.

A lareira da cozinha era de um modelo antigo. No meio do cômodo, uma pedra para o braseiro; no telhado, um buraco pelo qual a fumaça escapava. Essa cozinha também servia de sala de jantar.

Quando entramos, o anfitrião, como se ainda não tivesse nos visto, cumprimentou-nos com a palavra *saellvertu*, que significa "seja feliz", e veio nos beijar na bochecha.

Depois dele, sua mulher pronunciou as mesmas palavras, acompanhadas da mesma cerimônia. Em seguida, o casal, pondo a mão direita sobre o coração, fez uma reverência.

Apresso-me a dizer que a islandesa era mãe de dezenove filhos. Todos eles, os grandes e os pequenos, agitavam-se desordenadamente no meio das espirais de fumaça com as quais o fogo preenchia o cômodo. A todo instante eu percebia uma pequena cabeça loira e um tanto melancólica surgindo dessa névoa. Pareciam uma guirlanda de anjos encardidos.

Meu tio e eu acolhemos bem essa "ninhada", e logo havia três ou quatro desses pequenos sobre nossos ombros, essa mesma quantidade em nosso colo e o restante entre nossas pernas. Aqueles que já falavam repetiam *saellvertu* em todos os tons imagináveis, e aqueles que não falavam só sabiam gritar.

Esse concerto foi interrompido pelo anúncio da refeição. Neste momento entrou em casa o caçador, que acabara de prover a alimentação dos cavalos, o que significa dizer que ele economicamente os soltara no campo. Os pobres animais deveriam se contentar em pastar o raro musgo dos rochedos e alguns fucos pouco nutritivos, e no dia seguinte seriam eles, de espontânea vontade, que retomariam o trabalho da véspera.

– *Saellvertu* – disse Hans ao entrar.

E depois, tranquila e automaticamente, sem que um beijo fosse mais acentuado do que o outro, ele cumprimentou o anfitrião, a anfitriã e seus dezenove filhos.

A cerimônia terminada, sentamo-nos à mesa em um total de vinte e quatro e, consequentemente, uns em cima dos outros – no sentido

literal da expressão. Os mais felizardos só tinham dois pequenos no colo.

Contudo, o silêncio se fez nesse pequeno mundo com a chegada da sopa, e a taciturnidade natural – mesmo entre as crianças islandesas – retomou o seu domínio. O anfitrião nos serviu uma sopa de líquens nem um pouco desagradável, e depois uma enorme porção de peixe seco nadando em uma manteiga azedada há vinte anos e, consequentemente, bastante preferível à manteiga fresca, de acordo com as ideias gastronômicas da
Islândia. Junto a isso havia o *skyr*, uma espécie de leite coalhado acompanhado de biscoito e condimentado com o sumo das bagas de zimbro. Enfim, para beber, um soro de leite misturado com água, chamado de *blanda* naquele país. Se essa singular comida era boa ou não, é o que não pude julgar. Eu estava com fome, e, na sobremesa, engoli até o último bocado de uma espessa papa de trigo sarraceno.

Terminada a refeição, as crianças desapareceram. Os adultos rodearam o fogo onde se queimavam turfa, urzes, estrume de vaca e ossos de peixes dessecados. Em seguida, depois dessa “dose de calor”, os diversos grupos voltaram aos seus respectivos quartos. A anfitriã, segundo o costume, ofereceu-se para retirar nossas meias e calças. Porém, após nossa gentil recusa, ela não insistiu, e eu finalmente pude me encolher em minha cama de forragem.

No dia seguinte, às cinco horas, dizíamos adeus ao camponês islandês. Meu tio teve muita dificuldade em fazê-lo aceitar uma remuneração conveniente, e Hans deu o sinal da partida.

A cem passos de Gardär, o terreno começou a mudar de aspecto. O solo se tornou pantanoso e menos favorável à marcha. À direita, a série de montanhas se prolongava indefinidamente como um imenso sistema de fortificações naturais, cuja contraescarpa seguíamos. Com frequência, apareciam alguns riachos para atravessarmos, os quais necessariamente tínhamos de passar a vau, sem molhar demais as bagagens.

O deserto se fazia cada vez mais extenso. Às vezes, no entanto, uma sombra humana parecia fugir ao longe. Se os desvios da estrada nos aproximavam inopinadamente de um desses espectros, eu sentia uma repulsa repentina ao ver sua cabeça inchada, de pele luzente e desprovida de cabelos, além de suas feridas repulsivas que os rasgões dos miseráveis trapos acabavam traindo.

A infeliz criatura não vinha estender sua mão deformada. Pelo

contrário, ela fugia, mas não tão rápido a ponto de Hans não poder cumprimentá-la com o habitual “*saellvertu*”.

– *Spetelsk* – ele dizia.

– Um leproso! – repetia meu tio.

E só essa palavra já produzia um efeito repulsivo. Essa horrível doença da lepra é bem comum na Islândia. Ela não é contagiosa, mas hereditária, e por isso o casamento é proibido a esses miseráveis.

Essas aparições não eram propícias a alegrar a paisagem, que se tornava profundamente triste. Os últimos tufos de grama morriam sob nossos pés. Não havia nenhuma árvore, a não ser alguns buquês de bétulas-anãs semelhantes a moitas; nenhum animal, senão alguns cavalos cujos donos não podiam alimentar e que erravam pelas planícies mornas. Às vezes um falcão planava em meio às nuvens cinzas e fugia batendo suas asas na direção sul. Eu me deixava levar pela melancolia dessa natureza selvagem, e minhas lembranças me reconduziam ao meu país natal.

Logo foi preciso atravessar vários pequenos *fjörds* sem importância, e por fim um verdadeiro golfo. A maré, então estacionária, permitiu que passássemos sem ter de esperar e que chegássemos ao povoado de Alftanes, situado um quilômetro e meio adiante.

No fim do dia, depois de termos cruzado a vau dois rios ricos em trutas e em lúcio – o Alfa e o Heta –, fomos obrigados a passar a noite em um casebre abandonado, digno de ser assombrado por todos os gnomos da mitologia escandinava. Com certeza o espírito do frio o escolhera como seu lar, e ele aprontou das suas durante a noite toda.

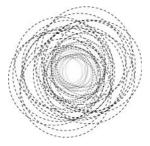
O dia seguinte não apresentou nenhum incidente particular. Ainda o mesmo solo pantanoso, a mesma uniformidade, a mesma fisionomia triste. À noite, havíamos cumprido a metade da distância a ser percorrida e dormimos na *annexia* de Krösolbt.

Em 19 de junho, no decorrer de mais ou menos um quilômetro e meio, um solo de lava estendeu-se sob nossos pés. Esse tipo do solo é chamado de *hraun* no país. A lava, enrugada na superfície, formava desenhos parecidos com cabos ora estendidos, ora enrolados sobre si mesmos. Uma imensa torrente descia das montanhas vizinhas – eram vulcões atualmente inativos, mas cujos detritos atestavam a antiga violência. Algumas fumaças de fontes quentes, contudo, alastravam-se aqui e acolá.

Faltava-nos tempo para observar esses fenômenos. Era preciso caminhar. Logo o solo pantanoso reapareceu sob os pés de nossa montaria. Pequenos lagos entrecortavam-no. Dirigíamo-nos para o Oeste. Havíamos efetivamente contornado a grande Baía de Faxa, e o duplo cume branco do Sneffels erguia-se em meio às nuvens, a menos de dez mil metros.

Os cavalos andavam bem. As dificuldades do solo não os impediam. Quanto a mim, eu começava a ficar muito cansado. Meu tio permanecia firme e aprumado como no primeiro dia. Eu não podia evitar de admirá-lo e de admirar o caçador, que encarava aquela expedição como se fosse um simples passeio.

No sábado, 20 de junho, às seis horas da tarde, chegamos a Büdir, vilarejo situado na costa do mar, e o guia exigiu seu pagamento combinado. Meu tio acertou as contas. Foi a própria família de Hans – isto é, seus tios e seus primos germanos – que nos ofereceu sua hospitalidade. Fomos bem recebidos, e, sem abusar da bondade dessa brava gente, eu teria ficado ali de bom grado para me recuperar do cansaço da viagem. Mas o meu tio, que não tinha nada a recuperar, não pensava assim, e no dia seguinte tivemos de montar novamente sobre os nossos bons animais.

O solo sofria as influências das imediações da montanha, cujas raízes de granito saíam da terra como as de um velho carvalho. Contornamos a imensa base do vulcão. O professor não tirava os olhos dele. Ele gesticulava, parecia desafiá-lo e dizer: “Aqui está o gigante que eu vou domar!”. Finalmente, depois de vinte e quatro horas de caminhada, os cavalos pararam por vontade própria à porta do presbitério de Stapi.

Capítulo 14

Stapi é um vilarejo formado por umas trinta cabanas e construído em cima da própria lava, sob os raios de sol refletidos pelo vulcão. Ele se estende ao fundo de um pequeno *fjörd* cravado em uma muralha basáltica da mais estranha aparência.

Sabe-se que o basalto é uma rocha escura de origem ígnea. Ela apresenta formas regulares que surpreendem por sua ordenação. Nela, a natureza age geometricamente e trabalha ao modo humano, como se manejasse o esquadro, o compasso e o prumo. Se em qualquer outro lugar a natureza faz obras de arte com suas grandes massas lançadas sem ordem, seus cones mal esboçados, suas pirâmides imperfeitas e suas bizarras sucessões de linhas, aqui, querendo dar o exemplo da regularidade e precedendo os arquitetos dos primeiros tempos, ela criou uma ordem severa, que nem os esplendores da Babilônia, nem as maravilhas da Grécia jamais superaram.

Eu já ouvira falar bastante da Calçada dos Gigantes, na Irlanda, e da Gruta de Fingal, em uma das Hébridas, mas o espetáculo de uma substrução basáltica ainda não havia sido oferecido aos meus olhos.

Ora, em Stapi, esse fenômeno se mostrava em toda a sua beleza.

A muralha do *fjörd*, como toda a costa da península, compunha-se de uma sequência de colunas verticais de quase dez metros de altura. Essas pilastras retas e de proporção exata davam sustentação a uma arquivolta feita de colunas horizontais, cuja inclinação formava uma meia abóbada acima do mar. Em certos momentos, sob esse implúvio natural, o olho surpreendia algumas aberturas ogivais de um desenho admirável, por meio das quais as ondas do alto-mar vinham se quebrar espumando. Alguns pedaços de basalto, arrancados pela fúria do oceano, estendiam-se no chão como os destroços de um templo antigo, ruínas eternamente jovens sobre as quais os séculos transcorriam sem

desgastá-las.

Assim era a última etapa da nossa viagem terrestre. Hans nos havia conduzido com inteligência, e eu me tranquilizava um pouco ao pensar que ele continuaria a nos acompanhar.

Ao chegarmos à porta da casa do pároco – uma simples cabana baixa, nem mais bonita, nem mais confortável que suas vizinhas –, vi um homem ferrando um cavalo, de martelo à mão e um avental de couro na cintura.

– *Saellvertu* – disse-lhe o caçador.

– *God dag* – respondeu o ferrador em um dinamarquês perfeito.

– *Kyrkoherde* – fez Hans virando-se para meu tio.

– O pároco! – repetiu este último. – Axel, parece que esse bravo homem é o pároco.

Durante esse tempo, o guia informava ao *kyrkoherde* a nossa situação. Este, suspendendo seu trabalho, deu uma espécie de grito sem dúvidas comum entre cavalos e alquiladores, e imediatamente uma enorme rabugenta saiu da cabana. Se ela não media um metro e oitenta, faltava pouco para isso.

Temi que ela viesse oferecer o beijo islandês aos viajantes. Mas não foi o que aconteceu, e na verdade ela foi muito pouco gentil ao nos introduzir em sua casa.

O quarto de hóspedes pareceu-me o pior do presbitério, estreito, sujo e infeto. Foi preciso nos contentar. O pároco não parecia praticar a antiga hospitalidade. Longe disso. Antes do final do dia, percebi que estávamos lidando com um ferreiro, um pescador, um caçador, um carpinteiro, e de modo algum com um ministro do Senhor. É verdade que estávamos no meio da semana. Talvez ele se remisse no domingo.

Não quero falar mal desses pobres padres que, no fim das contas, são bem miseráveis. Eles recebem do governo dinamarquês um tratamento ridículo e só ganham um quarto do dízimo de sua paróquia, o que não chega a um total de sessenta marcos correntes.[10] Daí a necessidade de trabalhar para viver. Mas pescando, caçando e ferrando cavalos, acaba-se adquirindo as maneiras, o tom e os costumes dos caçadores, dos pescadores e de outras figuras um tanto rudes. Naquela mesma noite, percebi que o nosso anfitrião não contava com a sobriedade dentre as suas virtudes.

Meu tio compreendeu rapidamente com que tipo de homem estava lidando. Em vez de um bravo e digno sábio, encontrava um camponês pesado e grosseiro. Resolveu, portanto, começar o mais rápido possível sua grande expedição e abandonar aquela residência paroquial pouco hospitaleira. Ele não levou em conta o cansaço e resolveu ir passar alguns dias na montanha.

Assim, os preparativos para a partida foram feitos desde o dia seguinte à nossa chegada em Stapi. Hans contratou o serviço de três islandeses para substituir os cavalos no transporte das bagagens. Porém, uma vez tendo chegado ao fundo da cratera, esses nativos voltariam para trás e nos abandonariam à nossa própria sorte. Isso ficou perfeitamente combinado.

Nessa ocasião, meu tio teve de informar ao caçador que sua intenção era continuar o reconhecimento do vulcão até seus últimos limites.

Hans se contentou em inclinar a cabeça. Ir até aqui ou ali, embrenhar-se nas entranhas de sua ilha ou percorrê-la, ele não via nenhuma diferença nisso tudo. Quanto a mim, até então eu estava distraído pelos incidentes da viagem e havia esquecido um pouco do futuro, mas agora começava a sentir a emoção me tomar com mais força. O que fazer? Se eu pudesse ter resistido ao professor Lidenbrock, teria sido em Hamburgo, e não aos pés do Sneffels.

Uma ideia entre tantas outras me inquietava bastante, uma ideia assustadora, feita para abalar nervos até menos sensíveis do que os meus.

“Vejamos” – eu me dizia –, “vamos escalar o Sneffels. Certo. Vamos visitar sua cratera. Ótimo. Outros também já fizeram isso e não morreram. Mas ainda não é tudo. Caso haja um caminho para descer às entranhas da terra, caso esse malfadado Saknussemm tenha dito a verdade, nós vamos nos perder nas galerias subterrâneas do vulcão. Ora, nada pode provar que o Sneffels esteja inativo! Quem é capaz de garantir que uma erupção não esteja se preparando? Só porque o monstro está dormindo desde 1229 é um motivo suficiente para ele não acordar? E se ele acordar, o que será de nós?”.

Valia a pena pensar sobre isso, e eu de fato pensava. Não conseguia dormir sem sonhar com erupções. Ora, representar o papel de escória vulcânica me parecia algo muito brutal.

Finalmente não pude mais me conter. Resolvi levar o caso ao meu tio do modo mais engenhoso possível, e sob a forma de uma hipótese

perfeitamente irrealizável.

Fui encontrá-lo. Compartilhei meus temores e recuei para deixar que ele explodisse à vontade.

– Eu estava pensando nisso – ele respondeu simplesmente.

O que significavam essas palavras? Será que ele ia ouvir a voz da razão? Será que pensava em suspender os seus projetos? Era bom demais para ser verdade.

Depois de alguns instantes de silêncio, durante os quais não ousei interrogá-lo, ele retomou, dizendo:

– Eu estava pensando nisso. Desde a nossa chegada em Stapi, estou preocupado com a grave questão que você acaba de me colocar, pois não devemos agir de modo imprudente.

– Não – respondi com ímpeto.

– Faz seiscentos anos que o Sneffels está mudo, mas ele pode falar. Ora, as erupções sempre são precedidas por fenômenos perfeitamente conhecidos. Portanto, interroguei os habitantes da região e estudei o solo, e agora posso lhe dizer, Axel, que não haverá uma erupção.

Diante dessa afirmação, fiquei estupefato e não pude replicar.

– Você duvida das minhas palavras? – disse meu tio. – Pois bem, venha comigo!

Obedeci maquinalmente. Ao sair do presbitério, o professor tomou um caminho direto que, por uma abertura da muralha basáltica, afastava-se do mar. Logo estávamos em um campo plano, se é possível dar esse nome a um imenso amontoado de dejeções vulcânicas. A região parecia ter sido esmagada por uma chuva de pedras enormes – *trapp*, basalto, granito e todas as rochas piroxenas.

Eu via aqui e acolá algumas fumarolas subindo pelos ares. Esses vapores brancos, chamados de *reykir* na língua islandesa, provinham das fontes termais e indicavam, de acordo com sua violência, a atividade vulcânica do solo. Isso parecia justificar os meus temores. Assim, caí do cavalo quando meu tio me disse:

– Você está vendo essas fumaças, Axel? Pois bem, elas provam que não precisamos temer a fúria do vulcão!

– Mas como? – exclamei.

– Guarde bem isto – retomou o professor –, quando uma erupção se aproxima, a atividade dessas fumarolas redobra e depois desaparece completamente enquanto o fenômeno em si dura, pois os fluidos elásticos, não tendo mais a pressão necessária, tomam o caminho das crateras em vez de escapar pelas fissuras do globo. Portanto, se esses vapores se mantêm em seu estado costumeiro e a energia deles não está crescendo, e se acrescentarmos a essa observação que o vento e a chuva não foram substituídos por um ar pesado e calmo, então podemos afirmar que não vai haver uma erupção em breve.

– Mas…

– Basta. Quando a ciência fala, só nos resta calar.

Voltei à residência paroquial de cabeça baixa. Meu tio havia me vencido com argumentos científicos. No entanto, eu ainda tinha uma esperança: que uma vez tendo chegado ao fundo da cratera, seria-nos impossível, na falta de galerias, descer mais para baixo, a despeito de todos os Saknussemm do mundo.

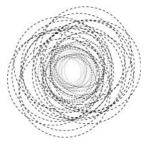
Passei a noite seguinte em pleno pesadelo no meio de um vulcão, e senti-me expelido das profundezas da terra para o espaço planetário sob a forma de uma rocha eruptiva.

No dia seguinte, 23 de junho, Hans nos esperava com seus companheiros carregados com os víveres, as ferramentas e os instrumentos. Dois bastões de marcha, dois fuzis e duas cartucheiras estavam reservados para meu tio e para mim. Em sua precaução, Hans havia acrescentado a nossas bagagens um odre cheio, que, junto com nossos cantis, assegurava-nos água para oito dias.

Eram nove horas da manhã. O pároco e sua grande rabugenta aguardavam diante da porta. Eles certamente queriam nos dar o adeus supremo do anfitrião ao viajante. Mas esse adeus adquiriu a forma inesperada de uma impressionante fatura, onde contabilizaram até mesmo o ar da casa pastoral – um ar infeto, ouso dizer. Esse digno casal nos extorquia como um alberguista suíço, e dava um belo preço à sua hospitalidade superestimada.

Meu tio pagou sem barganhar. Um homem que partia para o centro da terra não se importava com alguns rixdales.

Isso resolvido, Hans deu o sinal da partida, e alguns instantes depois já havíamos deixado Stapi para trás.

Moeda de Hamburgo. Aproximadamente trinta francos. (N.O.)

Capítulo 15

O Sneffels tem mil e quinhentos metros de altura. Com seu duplo cone, ele termina uma faixa traquítica que se destaca do sistema orográfico da ilha. De nosso ponto de partida, não conseguíamos avistar seus dois picos perfilando-se sobre o fundo acinzentado do céu. Eu só percebia uma enorme calota de neve caída sobre a fronte do gigante.

Marchávamos em fila indiana precedidos pelo caçador, que subia por trilhas estreitas onde duas pessoas não podiam andar lado a lado. Qualquer conversa tornava-se, então, quase impossível.

Para além da muralha basáltica do *fjörd* de Stapi, primeiro surgiu um solo de turfa herbácea e fibrosa, resíduo da antiga vegetação dos pântanos da península. A massa desse combustível ainda inexplorado bastaria para aquecer toda a população da Islândia durante um século. Essa vasta turfeira, medida a partir do fundo de certas valas, chegava com frequência a vinte metros de altura e apresentava sucessivas camadas de detritos carbonizados, separadas por folhas de tufo poroso.

Sendo um verdadeiro sobrinho do professor Lidenbrock – e malgrado minhas preocupações –, eu observava com interesse as curiosidades mineralógicas expostas nesse grande museu de história natural. Ao mesmo tempo, reconstituía em minha mente toda a história geológica da Islândia.

É evidente que essa ilha tão curiosa surgiu do fundo das águas em uma época relativamente moderna, e talvez ela ainda se eleve com um movimento imperceptível. Se isso de fato for verdade, só é possível atribuir sua origem à ação dos fogos subterrâneos. Portanto, neste caso, a teoria de Humphry Davy, o documento de Saknussemm, as pretensões de meu tio, tudo isso iria pelos ares. Essa hipótese me

levou a examinar atentamente a natureza do solo, e logo me dei conta da sequência dos fenômenos que presidiram a sua formação.

A Islândia, absolutamente privada de terrenos sedimentares, compõe-se unicamente de tufo vulcânico, isto é, de um aglomerado de pedras e rochas de textura porosa. Antes da existência dos vulcões, ela era feita de um maciço de *trapp*, que foi lentamente elevado acima das ondas pelo impulso das forças centrais. Os fogos internos ainda não haviam entrado em erupção.

Porém, mais tarde, uma larga fenda foi encavada diagonalmente, do Sudoeste ao Nordeste da ilha, e através dela toda a massa traquítica pouco a pouco se espalhou. O fenômeno se cumpriu sem violência. A saída era enorme, e as matérias fundidas, lançadas das entranhas do globo, estenderam-se tranquilamente em vastos lençóis ou em massas onduladas. Nessa época surgiram os feldspatos, os sienitos e os pórfiros.

Mas, graças a esse derramamento, a espessura da ilha aumentou consideravelmente, e, por conseguinte, a sua força de resistência. Pode-se imaginar a quantidade de fluidos elásticos que ficaram armazenados em seu interior quando, após o resfriamento da crosta traquítica, não houve mais nenhuma saída. Houve então um momento em que a potência mecânica desses gases era tal que eles levantaram a pesada crosta e escavaram altas chaminés. Foi assim, do levantamento da crosta, que surgiu o vulcão e depois a sua cratera, subitamente perfurada no cume do vulcão.

E, então, os fenômenos vulcânicos vieram após os fenômenos eruptivos. Pelas aberturas recém-formadas escaparam primeiro as dejeções basálticas, e a planície que atravessávamos naquele momento oferecia aos nossos olhos seus mais maravilhosos espécimes. Marchávamos sobre essas pesadas rochas de um cinza-escuro, moldadas pelo resfriamento na forma de prismas de base hexagonal. Ao longe, víamos um grande número de cones achatados, que antigamente haviam sido bocas ignívomas.

Depois, quando a erupção basáltica se esgotou, o vulcão, cuja força se somara à das crateras inativas, deu passagem às lavas e aos tufos de cinzas e escórias, cujas longas torrentes pareciam espalhadas sobre seus flancos como uma opulenta cabeleira.

Assim foi a sequência dos fenômenos que constituíram a Islândia. Todos provinham da ação dos fogos internos. Supor que a massa interna não continuasse em um estado constante de liquidez

incandescente era loucura. E era loucura ainda maior querer chegar ao centro do globo!

Eu tentava, assim, me tranquilizar quanto ao resultado da nossa empreitada, ao mesmo tempo em que marchava em direção ao ataque do Sneffels.

O caminho ficava cada vez mais difícil. O solo se inclinava, os fragmentos de rocha se moviam e era preciso ter a mais escrupulosa atenção para evitar quedas perigosas.

Hans avançava tranquilamente, como se estivesse em um terreno uniforme. Às vezes, ele desaparecia por detrás de grandes blocos e nós o perdíamos de vista por um momento. Então, um assobio agudo saído de seus lábios nos indicava a direção a seguir. Com frequência, ele também parava, apanhava alguns pedaços de rochas, dispunha-os de modo reconhecível e estabelecia, assim, alguns pontos de referência destinados a indicar o caminho de volta – uma precaução boa em teoria, mas que se tornou inútil diante dos acontecimentos futuros.

Três cansativas horas de caminhada haviam nos conduzido apenas até a base da montanha. Foi ali que Hans deu o sinal da parada e todos nós compartilhamos um almoço sumário. Meu tio engolia tudo sem mastigar para irmos mais rápido. Mas como essa parada para comer também era uma parada de descanso, ele teve de esperar ao bel-prazer do guia, que só deu o sinal de partida uma hora depois. Os três islandeses, tão taciturnos quanto seu camarada caçador, não pronunciaram uma única palavra e comeram discretamente.

Começávamos agora a escalar as escarpas do Sneffels. Seu cume nevado, por uma ilusão de óptica frequente nas montanhas, parecia-me bastante próximo. Mas quantas longas horas ainda tínhamos antes de alcançá-lo! E que cansaço, principalmente! As pedras, que não eram ligadas entre si por nenhum barro ou nenhuma relva, desmoronavam sob nossos pés e iam se perder na planície com a rapidez de uma avalanche.

Em certos lugares, os flancos do monte formavam com o horizonte um ângulo de pelo menos trinta e seis graus. Como era impossível escalá-las, essas ladeiras pedregosas tinham de ser contornadas, e não sem dificuldades. E, então, nós nos entreajudávamos, com o apoio extra de nossos bastões de caminhada.

Devo dizer que meu tio se mantinha o mais próximo de mim possível. Não me perdia de vista, e em várias ocasiões seu braço me ofereceu

um sólido apoio. Sem dúvidas ele tinha o sentimento inato do equilíbrio, pois não vacilava. Os islandeses, embora carregados, subiam com uma agilidade de montesinos.

Ao ver a altura do cume do Sneffels, parecia-me impossível alcançá-lo por aquele lado, se o ângulo de inclinação das encostas não se fechasse. Felizmente, depois de uma hora de cansaço e de grandes esforços, no meio do vasto tapete de neve estendido sobre o cimo do vulcão, surgiu inesperadamente uma espécie de escada, facilitando nossa subida. Era formada por uma dessas torrentes de pedras arremessadas pelas erupções, cujo nome em islandês é *stinâ*. Se essa torrente não tivesse sido barrada em sua queda pela disposição dos flancos da montanha, ela teria se precipitado no mar e formado novas ilhas.

Do modo como se apresentava, ela nos serviu bastante. A inclinação das escarpas aumentava, mas esses degraus de pedra permitiam escalá-las fácil e até rapidamente. Tanto que, tendo ficado um instante para trás enquanto meus companheiros continuavam sua subida, eu já os vi reduzidos, por conta da distância, a uma aparência microscópica.

Às sete horas da noite havíamos subido os dois mil degraus da escada e dominávamos uma protuberância da montanha, uma espécie de base sobre a qual se apoiava o cone da cratera propriamente dito.

O mar se estendia a uma distância de quase mil metros. Havíamos ultrapassado o limite das neves eternas – muito pouco elevado na Islândia por causa da umidade constante. Fazia um frio violento. O vento soprava com força. Eu estava esgotado. O professor percebeu que as minhas pernas se recusavam a trabalhar e, apesar de sua impaciência, decidiu fazer uma parada. Então ele fez um sinal ao caçador, que sacudiu a cabeça dizendo:

– *Ofvanför*.

– Parece que temos de subir mais – disse meu tio.

Em seguida, ele perguntou a Hans o porquê de sua resposta.

– *Mistour* – respondeu o guia.

– *Ja, mistour* – repetiu um dos islandeses com um tom assustado.

– O que significa essa palavra? – perguntei inquieto.

– Veja! – disse meu tio.

Virei-me em direção à planície. Uma imensa coluna de pedra-pomes pulverizada, areia e poeira elevava-se rodopiando como um redemoinho. O vento a arremessava contra o flanco do Sneffels ao qual estávamos agarrados. Essa cortina opaca estendida diante do sol projetava uma grande sombra na montanha. Se esse redemoinho se inclinasse, ele inevitavelmente nos enlaçaria em seu turbilhão. Esse fenômeno, bastante frequente quando o vento sopra das geleiras, chama-se *mistour* na língua islandesa.

– *Hastigt, hastigt* – exclamou nosso guia.

Sem saber dinamarquês, compreendi que tínhamos de seguir Hans o mais rápido possível. Ele começou a contornar o cone da cratera, mas de modo enviesado, para facilitar a marcha. O redemoinho logo desabou sobre a montanha, que tremeu ao choque. As pedras capturadas pelo turbilhão do vento voaram em forma de chuva, como em uma erupção. Felizmente estávamos na encosta oposta e a salvo de qualquer perigo. Sem a precaução do guia, nossos corpos retalhados e reduzidos a pó teriam caído longe, como se fossem os resíduos de algum meteoro desconhecido.

No entanto, Hans não julgou prudente passar a noite sobre o flanco do cone. Continuamos nossa subida em ziguezague. Os quatrocentos e cinquenta metros que restavam a cumprir levaram quase cinco horas. Os desvios, as diagonais e as contramarchas mediam pelo menos quinze quilômetros. Eu não aguentava mais, estava sucumbindo ao frio e à fome. O ar, um pouco rarefeito, não era suficiente para os meus pulmões.

Finalmente, às onze horas da noite, em plena escuridão, alcançamos o pico do Sneffels e, antes de me abrigar no interior da cratera, tive tempo de ver o “sol da meia-noite” no ponto mais baixo de seu percurso, projetando seus pálidos raios sobre a ilha adormecida aos meus pés.

Capítulo 16

A ceia foi rapidamente devorada e a pequena tropa se instalou o melhor que pôde. A cama era dura, o abrigo, pouco sólido, e a situação – a mil e quinhentos metros acima do nível do mar –, bastante penosa. Contudo, meu sono foi particularmente tranquilo durante essa noite, uma das melhores que tive em muito tempo. Nem mesmo sonhei.

No dia seguinte, acordamos meio congelados por um ar muito fresco e sob os raios de um belo sol. Saí de minha cama de granito e fui usufruir do magnífico espetáculo que se desenrolava diante dos meus olhos.

Eu ocupava o topo de um dos dois picos do Sneffels, aquele do sul. Dali, minha visão se estendia sobre a maior parte da ilha. A ilusão de óptica, comum a todas as grandes alturas, fazia as margens da ilha elevarem-se, enquanto suas partes centrais pareciam afundar. Era como se um desses mapas em alto-relevo de Helbesmer estivesse exposto aos meus pés. Via os vales profundos se cruzarem em todos os sentidos, os precipícios cavados como se fossem poços, os lagos se tornarem lagoas, os rios virarem riachos. À minha direita sucediam-se geleiras inumeráveis e múltiplos picos, alguns dos quais ornamentados com leves névoas. As ondulações dessas montanhas infinitas, cujas camadas de neve pareciam se transformar em espuma, faziam-me lembrar da superfície de um mar agitado. Quando me virava na direção oeste, o oceano se desenrolava em sua majestosa extensão, como se fosse uma continuação daqueles topos encarneirados. Onde terminava a terra, onde começavam as ondas – meu olhar mal podia distinguir.

Assim, eu mergulhava nesse prestigioso êxtase que os altos cumes propiciam, e dessa vez sem vertigens, pois finalmente me acostumava a essas sublimes contemplações. Meu olhar deslumbrado se banhava

na transparente irradiação dos raios solares. Esquecia quem eu era e onde estava para viver a vida dos elfos e dos silfos, habitantes imaginários da mitologia escandinava. Embriagava-me na volúpia das alturas, sem pensar nos abismos nos quais o destino em pouco tempo me faria mergulhar. Mas fui trazido de volta ao senso da realidade com a chegada do professor e de Hans, que se juntaram a mim no topo do pico.

Meu tio, virando-se para o Oeste, apontou-me um leve vapor, uma bruma, algo semelhante a terra dominando a linha das ondas.

– A Groenlândia – ele disse.

– A Groenlândia? – exclamei.

– Sim. Não estamos nem a cento e setenta quilômetros de lá, e durante os degelos os ursos-polares chegam até a Islândia carregados pelos blocos de gelo do Norte. Mas isso não importa. Estamos no cume do Sneffels. Aqui estão os dois picos, um ao Sul e o outro ao Norte. Hans vai nos dizer como os islandeses nomeiam este onde estamos agora.

Ao ouvir a pergunta, o caçador respondeu:

– Scartaris.

Meu tio me lançou um olhar triunfante.

– Na cratera! – ele disse.

A cratera do Sneffels representava um cone invertido cujo orifício devia ter uns dois quilômetros de diâmetro. Eu estimava sua profundidade em mais ou menos seiscentos metros. Não era difícil imaginar o estado de tal recipiente quando repleto de trovões e chamas. O fundo desse funil não devia medir mais de cento e cinquenta metros de circunferência, de modo que seus declives bem suaves permitiam chegar facilmente à sua parte inferior. Involuntariamente, eu comparava essa cratera a uma enorme garrucha de boca alargada, e essa comparação me apavorava.

“Descer dentro de uma garrucha quando ela talvez esteja carregada, podendo disparar ao menor choque, só pode ser coisa de doido!” – eu pensava.

Mas não queria recuar. Hans, com um ar indiferente, retomou a dianteira da tropa. Eu o segui sem dizer uma palavra.

A fim de facilitar a descida, Hans descrevia no interior do cone algumas elipses bem alongadas. Era preciso caminhar em meio às rochas eruptivas, algumas das quais, sacudidas de dentro de suas cavidades, precipitavam-se saltitando até o fundo do abismo. Suas quedas produziam reverberações de ecos de uma estranha sonoridade.

Algumas partes do cone formavam geleiras internas. Nesses momentos, Hans só avançava com uma extrema precaução, sondando o solo com seu bastão de marcha para descobrir as fissuras. Em certas passagens duvidosas, foi preciso nos prendermos uns aos outros com uma longa corda, para que aquele que inesperadamente viesse a pisar em falso fosse sustentado por seus companheiros. Essa solidariedade era prudente, mas não eliminava todo o perigo.

No entanto, e apesar das dificuldades de descer por declives que o guia não conhecia, o trajeto se fez sem acidentes, exceto pela queda de um pacote de cordas que escapou das mãos de um islandês e seguiu pelo caminho mais curto até o fundo do abismo.

Ao meio-dia havíamos chegado. Levantei a cabeça e vi o orifício superior do cone, no qual se enquadrava um pedaço de céu de circunferência singularmente reduzida, mas quase perfeita. Apenas em um ponto se destacava o pico do Scartaris, que se perdia na imensidão.

No fundo da cratera abriam-se três chaminés pelas quais, no tempo das erupções do Sneffels, o fogo central expulsava suas lavas e seus vapores. Cada uma dessas chaminés tinha mais ou menos trinta metros de diâmetro. Estavam ali, escancaradas aos nossos pés. Não tive forças para olhar no fundo delas. Já o professor Lidenbrock fez um rápido exame de sua disposição. Ele estava ofegante. Corria de uma à outra, gesticulando e soltando palavras incompreensíveis. Hans e seus companheiros o observavam, sentados sobre pedaços de lava. Com certeza consideravam-no louco.

De repente meu tio soltou um grito. Achei que ele tivesse pisado em falso e caído em um dos três abismos. Mas não. Vi-o de braços erguidos, pernas afastadas, em pé diante de uma rocha de granito disposta no centro da cratera, como se fosse um enorme pedestal feito para a estátua de Plutão. Tinha a pose de um homem estupefato, mas sua estupefação logo deu lugar a uma alegria insensata.

– Axel! Axel! – ele exclamou. – Venha! Venha!

Corri até lá. Nem Hans nem os islandeses se mexeram.

– Olhe – disse-me o professor.

Compartilhando sua estupefação, mas não sua alegria, li na face ocidental do bloco, em caracteres rúnicos meio corroídos pelo tempo, este nome mil vezes maldito:

– Arne Saknussemm! – exclamou meu tio. – Você ainda duvida?

Não respondi e voltei consternado para o meu banco de lava. A evidência me esmagava.

Não sei dizer quanto tempo fiquei assim mergulhado em minhas reflexões. Tudo o que sei é que, ao levantar a cabeça, vi meu tio e Hans sozinhos no fundo da cratera. Os islandeses haviam sido dispensados e agora desciam as escarpas externas do Sneffels para voltar a Stapi.

Hans dormia tranquilamente ao pé de uma rocha, em uma torrente de lava na qual fizera para si uma cama improvisada. Meu tio perambulava no fundo da cratera como um animal selvagem preso na armadilha de um caçador. Não tive forças nem vontade de me levantar. Tomando o guia como exemplo, deixei-me levar por uma dolorosa sonolência, acreditando ouvir barulhos ou sentir estremecimentos nos flancos da montanha.

Assim se passou essa primeira noite no fundo da cratera.

No dia seguinte, um céu cinza, nebuloso e pesado baixou sobre o topo do cone. Dei-me conta disso menos pela escuridão do abismo do que pela cólera que invadiu meu tio.

Entendi qual era a razão e um resto de esperança voltou ao meu peito. Eis o porquê.

Dos três caminhos abertos aos nossos pés, um único havia sido seguido por Saknussemm. Nos dizeres do sábio islandês, poderíamos reconhecê-lo por esta particularidade assinalada no criptograma: a sombra do Scartaris vinha roçar as suas bordas durante os últimos dias do mês de junho.

Podíamos, na verdade, considerar esse pico pontiagudo como o ponteiro de um imenso relógio de sol cuja sombra, em determinado

dia, indicaria o caminho para o centro do globo.

Ora, se faltasse sol, nada de sombra. Consequentemente, nada de indicação. Estávamos no dia 25 de junho. Se o céu ficasse encoberto durante seis dias, seria preciso adiar a observação para um outro ano.

Nem me arrisco a figurar a impotente cólera do professor Lidenbrock. O dia passou e nenhuma sombra veio se estender no fundo da cratera. Hans não saiu do lugar. Ele devia, porém, estar se perguntando o que nós esperávamos – se é que ele se perguntava alguma coisa! Meu tio não me dirigiu a palavra uma única vez. Seu olhar, invariavelmente voltado para o céu, perdia-se em meio aos tons cinzentos e nebulosos.

No dia 26, nada ainda. Uma chuva misturada com neve caiu durante todo o dia. Hans construiu uma cabana com pedaços de lava. Tive um certo prazer em seguir com o olhar as milhares de cascatas improvisadas nos flancos do cone, cujos murmúrios ensurdecedores eram amplificados pelas pedras.

Meu tio não se continha. Mas aquilo bastava para irritar alguém até mais paciente que ele, pois realmente significava morrer na praia.

Mas o céu sempre mistura as grandes dores com as grandes alegrias, e estava reservando ao professor Lidenbrock uma satisfação equivalente aos seus desesperados aborrecimentos.

No dia seguinte o céu ainda estava encoberto, mas no domingo, 28 de junho, o antepenúltimo dia do mês, a mudança da lua trouxe consigo a mudança de tempo. O sol verteu seus raios em abundância dentro da cratera. Cada montículo, cada rocha, cada pedra, cada aspereza participou de seu benfazejo eflúvio e projetou instantaneamente a sua sombra sobre o chão. Em meio a todas elas, a do Scartaris se desenhou como uma aresta viva e começou a girar imperceptivelmente junto com o astro radioso.

Meu tio girava com ela.

Ao meio-dia, em seu período mais curto, ela tocou suavemente a borda da chaminé central.

– É aqui! – exclamou o professor. – É aqui! Vamos ao centro do globo! – acrescentou em dinamarquês.

Olhei para Hans.

– *Forüt!* – disse tranquilamente o guia.

– Em frente! – respondeu meu tio.

Eram treze horas e treze minutos.

Capítulo 17

A verdadeira viagem estava começando. Até então o cansaço havia sido maior do que as dificuldades, mas agora estas de fato apareceriam diante de nós.

Eu ainda não havia mergulhado meu olhar naquele poço insondável onde logo me precipitaria. O momento enfim chegara. Ainda havia a possibilidade de me decidir pela empreitada ou recusá-la. Mas tive vergonha de recuar diante do caçador. Hans aceitava tão tranquilamente a aventura, com tal indiferença, com tão perfeita despreocupação quanto a qualquer perigo, que corei diante da ideia de ser menos corajoso do que ele. Sozinho, eu teria entabulado uma série de grandes argumentações. Na presença do guia, porém, fiquei calado. Meu pensamento voou em direção à minha linda virlandesa, e então me aproximei da chaminé central.

Como já dito, ela media trinta metros de diâmetro, ou noventa metros de circunferência. De cima de uma rocha mais alta, inclinei-me e olhei. Meus cabelos ficaram em pé. O sentimento do vazio invadiu todo o meu ser. Senti meu centro de gravidade se deslocar e a vertigem me subir à cabeça como uma embriaguez. Nada de mais inebriante do que essa atração pelo abismo. Eu estava quase caindo. Uma mão me segurou. Era a de Hans. Decididamente, eu não havia tido “lições de abismo” o bastante na Frelsers Kirke de Copenhague.

No entanto, mesmo tendo me arriscado muito pouco a olhar para aquele poço, já pude me dar conta de sua conformação. Suas paredes, quase um despenhadeiro, apresentavam várias saliências que deviam facilitar a descida. Mas, se havia uma escada, faltava-lhe o corrimão. Uma corda amarrada na abertura seria suficiente para nos sustentar, mas como desatá-la quando tivéssemos chegado à extremidade inferior?

Meu tio encontrou um meio muito simples para resolver essa dificuldade. Ele desenrolou uma corda da espessura de um polegar e com cento e vinte metros de comprimento. Primeiro ele deixou metade dela cair, depois enrolou uma parte em torno de um bloco de lava sobressalente, jogando a outra metade pela chaminé. E então cada um de nós poderia descer juntando nas mãos as duas metades da corda, que assim não se separariam. Uma vez tendo descido sessenta metros, nada seria mais simples do que recuperar a corda soltando uma de suas pontas e puxando a outra. E depois recomeçaríamos esse exercício *ad infinitum*.

– Agora, vamos nos ocupar das bagagens – disse meu tio depois de ter finalizado esses preparativos. – Elas vão ser divididas em três pacotes, e cada um de nós vai levar um deles nas costas. Estou falando apenas dos objetos frágeis.

Era evidente que o audacioso professor não nos incluía nesta última categoria.

– Hans – ele continuou –, você vai se encarregar das ferramentas e de uma parte dos víveres. Você, Axel, de outra parte dos víveres e das armas. E eu, do resto dos víveres e dos instrumentos delicados.

– Mas e as roupas? E esse monte de cordas e de escadas? – falei. – Quem vai carregá-los até lá embaixo?

– Isso tudo vai descer sozinho.

– Como assim? – perguntei bastante espantado.

– Você vai ver.

Meu tio empregava à vontade alguns meios drásticos, e sem hesitar. Às suas ordens, Hans reuniu em um único pacote os objetos não frágeis, e esse pacote, solidamente amarrado, foi simplesmente jogado no abismo.

Ouvi o ruído sonoro produzido pelo deslocamento das camadas de ar. Meu tio, debruçado sobre o abismo, seguia com um olhar satisfeito a queda de suas bagagens, e só se levantou depois de as ter perdido de vista.

– Pois bem – ele disse –, agora é a nossa vez.

Pergunto a todos aqueles de boa-fé se é possível escutar tais palavras sem estremecer!

O professor prendeu às suas costas o pacote dos instrumentos, Hans pegou aquele das ferramentas e eu, o das armas. A descida começou na seguinte ordem: Hans, meu tio e eu. Ela se deu em um silêncio profundo, quebrado apenas pela queda dos fragmentos de rocha que se precipitavam no abismo.

Deixava-me escorregar, por assim dizer, segurando freneticamente a dupla corda com uma mão e, com a outra, apoiando-me em meu bastão de marcha. Uma única ideia me dominava: tinha medo de que o ponto de apoio viesse a faltar. Aquela corda me parecia muito frágil para suportar o peso de três pessoas. Eu a utilizava o mínimo possível, fazendo milagres de equilíbrio sobre as saliências da lava, que meu pé tentava segurar como se fosse uma mão.

Quando algum desses degraus escorregadios estremecia sob os passos de Hans, ele dizia com sua voz tranquila:

– *Gif akt!*

– Atenção! – repetia meu tio.

Depois de meia hora, chegamos à superfície de uma rocha fortemente presa na parede da chaminé.

Hans puxou a corda por uma de suas pontas. A outra se ergueu no ar. Depois de passar pela rocha superior, ela caiu arrastando consigo pedaços de pedra e lava – uma espécie de chuva, ou melhor, de chuva de granizo bem perigosa.

Ao me inclinar por cima de nosso estreito platô, percebi que o fundo do buraco ainda não estava visível.

A manobra da corda recomeçou, e meia hora depois chegamos a uma nova profundidade de sessenta metros.

Não sei dizer se o mais fervoroso dos geólogos tentaria estudar, durante essa descida, a natureza dos terrenos que o envolvessem. Eu, por minha vez, não me preocupava com isso. Que se tratasse de plioceno, mioceno, eoceno, cretáceo, jurássico, triássico, permiano, carbonífero, devoniano ou primitivo, pouco me importava. Mas o professor sem dúvidas fez as suas observações ou tomou suas notas, pois, em uma de nossas paradas, ele disse:

– Quanto mais avanço, mais tenho confiança. A disposição desses terrenos vulcânicos dá absoluta razão à teoria de Davy. Estamos em pleno solo primordial, solo no qual se deu a operação química dos

metais inflamados ao contato com o ar e a água. Eu rejeito absolutamente o sistema de um calor central. Aliás, é isso que vamos ver.

Sempre a mesma conclusão. É fácil compreender por que eu não me animava a discutir. Meu silêncio foi tido por um consentimento, e então a descida recomeçou.

Ao cabo de três horas, eu ainda não vislumbrava o fundo da chaminé. Quando levantava a cabeça, via a sua abertura diminuindo sensivelmente. Suas paredes, por conta de uma ligeira inclinação, tendiam a se aproximar. A escuridão pouco a pouco se fazia.

Entretanto, continuávamos descendo. Parecia que as pedras desprendidas das paredes despencavam com uma repercussão mais abafada e que logo encontravam o fundo do abismo.

Como eu tivera o cuidado de anotar exatamente as manobras da corda, pude ter certeza da profundidade atingida e do tempo transcorrido.

Havíamos repetido catorze vezes aquela manobra que durava meia hora cada. Isso dava, portanto, sete horas, com mais catorze intervalos de quinze minutos, ou três horas e meia. No total, dez horas e meia. Havíamos partido à uma hora, então deviam ser onze horas naquele momento.

Quanto à profundidade que havíamos alcançado, essas catorze manobras com uma corda de sessenta metros resultavam em oitocentos e quarenta metros.

Nesse momento, ouviu-se a voz de Hans:

– *Halt!* – ele disse.

Parei bem no momento em que ia bater meus pés na cabeça do meu tio.

– Chegamos – ele falou.

– Onde? – perguntei, deixando-me escorregar até perto dele.

– Ao fundo da chaminé perpendicular.

– Então não há outra saída?

– Há sim, vejo uma espécie de corredor que faz uma curva para a

direita. Amanhã veremos isso. Agora vamos cear e depois dormir.

A escuridão ainda não era completa. Abrimos a bolsa com as provisões, comemos e nos acomodamos o melhor possível em uma cama de pedras e dejeções de lava.

E quando, deitado de costas, abri meus olhos, vi um ponto brilhante na extremidade desse tubo de mais de oitocentos metros, que se transformara em uma gigantesca luneta.

Era uma estrela desprovida de qualquer brilho e que, segundo meus cálculos, devia ser a Beta da Ursa Menor.

Em seguida, caí em um sono profundo.

Capítulo 18

Às oito horas da manhã, um raio de sol veio nos acordar. As mil facetas da lava das paredes recolhiam-no quando ele passava e espalhavam-no como uma chuva de centelhas.

Essa luz era forte o suficiente para nos fazer distinguir os objetos ao redor.

– E então, Axel, o que você tem a dizer? – exclamou meu tio esfregando as mãos. – Por acaso você já passou uma noite mais tranquila do que esta em nossa casa da Königstrasse? Acabaram-se os barulhos de charrete, os gritos de ambulantes e os berros dos barqueiros!

– Com certeza, estamos bem tranquilos no fundo deste poço. Mas essa própria calma tem algo de assustador.

– Ora essa! – exclamou meu tio. – Se você já está assustado agora, imagine depois! Ainda não entramos nem um tantinho nas entranhas da Terra.

– O que o senhor quer dizer?

– Quero dizer que só chegamos até o solo da ilha! Este longo tubo vertical que começa na cratera do Sneffels acaba mais ou menos no nível do mar.

– Tem certeza disso?

– Tenho! Consulte o barômetro!

De fato, depois de ter subido pouco a pouco no instrumento à medida que descíamos, o mercúrio havia se estabilizado em vinte e nove polegadas.

– Como você está vendo – retomou o professor –, nós ainda estamos sob a pressão de uma atmosfera. Mal posso esperar a hora do manômetro substituir o barômetro!

Este último instrumento de fato se tornaria inútil, já que o peso do ar iria ultrapassar sua pressão calculada ao nível do mar.

– Mas não deveríamos ter receio dessa pressão crescente se tornar muito penosa? – perguntei.

– Não. Estamos descendo lentamente e nossos pulmões vão se acostumar a respirar uma atmosfera mais comprimida. Os aeronautas acabam tendo falta de ar ao se elevarem nas camadas superiores, mas nós talvez tenhamos ar demais. Prefiro assim. Bom, não vamos perder um único instante. Onde está o pacote que chegou antes de nós dentro da montanha?

E então me lembrei que, na noite da véspera, nós o havíamos procurado em vão. Meu tio fez essa pergunta a Hans, que, depois de ter perscrutado atentamente com seus olhos de caçador, respondeu:

– *Der huppe!*

– Lá em cima.

De fato, o pacote estava preso em uma saliência da rocha, a uns trinta metros acima de nossas cabeças. Imediatamente, o ágil islandês escalou como um gato e, em alguns minutos, o pacote se juntou a nós.

– Agora – disse meu tio –, vamos tomar o desjejum, mas façamos isso como alguém que tem um longa corrida a cumprir.

O biscoito e a carne-seca foram regados a alguns goles de água misturada com genebra.

O desjejum terminado, meu tio retirou de seu bolso uma caderneta destinada às observações. Ele apanhou cada um de seus vários instrumentos e anotou os seguintes dados:

Segunda-feira, 1.º de julho

Cronômetro: 8h17m da manhã

Barômetro: 29 p. 7 l

Termômetro: 6º

Direção: ESE

Esta última observação relacionava-se à galeria obscura e havia sido fornecida pela bússola.

– Agora, Axel – exclamou o professor com uma voz entusiasmada –, vamos nos embrenhar de verdade nas entranhas do globo. Este é o momento exato em que a nossa viagem começa.

Dito isso, meu tio pegou o aparelho de Ruhmkorff preso ao seu pescoço com uma mão e, com a outra, pôs a corrente elétrica em comunicação com a serpentina da lanterna. Uma luz bem vívida dissipou as trevas da galeria.

Hans levava o segundo aparelho, que também foi posto em funcionamento. Essa engenhosa aplicação da eletricidade permitia-nos seguir por muito tempo, pois criava um dia artificial mesmo em meio aos gases mais inflamáveis.

– Em frente! – disse meu tio.

Cada um pegou seu fardo outra vez. Hans se encarregou de empurrar diante de si o pacote com o cordame e as roupas, e então entramos na galeria, eu por último.

No momento de me entranhar naquele corredor obscuro, levantei a cabeça e avistei pela última vez, através do imenso tubo, aquele céu da Islândia “que eu nunca mais reveria”.

Na última erupção de 1229, a lava abrira uma passagem por esse túnel. Ela revestia seu interior com uma camada espessa e brilhante. A luz elétrica refletia ali, centuplicando sua intensidade.

Toda a dificuldade do caminho consistia em não escorregar muito em uma descida de mais ou menos quarenta e cinco graus de inclinação. Felizmente, algumas erosões e protuberâncias faziam as vezes de degraus, e nós só tínhamos de descer deixando nossas bagagens seguirem presas por uma longa corda.

Mas o que eram degraus sob nossos pés se tornavam estalactites nas paredes. A lava, porosa em certos lugares, apresentava algumas pequenas ampolas arredondadas. Alguns cristais de quartzo opaco, ornamentados com límpidas gotas de vidro e suspensos na abóbada como se fossem lustres, pareciam se acender à nossa passagem. Era como se os gênios do abismo iluminassem seu palácio para receber os visitantes da terra.

– É magnífico! – exclamei involuntariamente. – Que espetáculo, meu tio! O senhor está vendo essas nuances da lava que vão do vermelho-tijolo ao amarelo vívido em gradações imperceptíveis? E esses cristais que parecem globos luminosos?

– Ah! Você está entrando no espírito, Axel! – respondeu meu tio. – Você acha isso esplêndido, meu rapaz? Pois vai ver muito mais, é o que eu espero. Agora vamos andando, vamos!

Seria melhor dizer "vamos escorregando", pois nos deixávamos levar sem cansaço pelas descidas inclinadas. Era o *facilis descensus Averni*, de Virgílio.[11] A bússola, que eu consultava com frequência, indicava a direção sudeste com um rigor imperturbável. Aquela torrente de lava não se virava nem para um lado nem para o outro. Tinha a inflexibilidade da linha reta.

No entanto, o calor não estava aumentando sensivelmente, o que dava razão às teorias de Davy. Mais de uma vez consultei o termômetro com espanto. Duas horas depois da partida, ele só marcava 10ºC, isto é, houvera um aumento de 4ºC. Isso me autorizava a pensar que a nossa descida era mais horizontal do que vertical. Quanto a saber exatamente a profundidade atingida, era muito simples. O professor media com rigor os ângulos de derivação e inclinação do caminho, mas guardava para si o resultado de suas observações.

À noite, por volta das oito horas, ele deu sinal para pararmos. Hans imediatamente se sentou. As lâmpadas foram presas em uma saliência da lava. Estávamos em uma espécie de caverna onde não nos faltava ar. Pelo contrário. Algumas brisas chegavam até nós. O que as causava? A qual agitação atmosférica atribuir sua origem? Era uma questão que eu não tentava resolver naquele momento. A fome e o cansaço me deixavam incapaz de raciocinar. Não se faz uma descida de sete horas consecutivas sem um grande gasto de energia. Eu estava esgotado. Senti prazer ao ouvir a palavra "parada". Hans dispôs algumas provisões sobre um bloco de lava e cada um comeu com apetite. No entanto, uma coisa me inquietava. Nossa reserva de água havia sido consumida pela metade. Meu tio esperava refazê-la nas fontes subterrâneas, mas até então elas absolutamente não existiam. Não pude evitar de chamar sua atenção sobre esse assunto.

– Essa falta de água o surpreende? – ele disse.

– É claro, e até me deixa inquieto. Nós só temos água para cinco dias.

– Fique tranquilo, Axel, garanto que encontraremos água, e mais do

que vamos precisar.

– Mas quando?

– Quando tivermos saído deste revestimento de lava. Como você quer que as fontes jorrem por essas paredes?

– Mas talvez esta torrente se prolongue até grandes profundidades. Tenho a impressão de que ainda não fizemos um caminho muito vertical.

– O que o faz supor isso?

– É que se tivéssemos avançado bastante no interior da crosta terrestre, o calor seria maior.

– Isso de acordo com o seu sistema – respondeu meu tio. – O que o termômetro está indicando?

– Quase quinze graus, o que significa apenas nove graus de aumento desde a nossa partida.

– Pois bem, então conclua.

– Bom, esta é a minha conclusão: segundo as observações mais exatas, o aumento da temperatura no interior do globo é de um grau a cada trinta metros. Mas certas condições de localização podem modificar esse número. Assim, em Yakutsk, na Sibéria, foi observado que há um aumento de um grau a cada dez metros. É evidente que isso depende da condutibilidade das rochas. Além disso, perto de um vulcão inativo e pela gnaisse, foi observado que a elevação da temperatura era de apenas um grau a cada trinta e oito metros. Tomemos esta última hipótese, que é a mais plausível, e calculemos.

– Calcule, meu rapaz.

– É muito simples – eu disse, dispondo números em minha caderneta. – Nove vezes trinta e oito metros dá trezentos e quarenta e dois metros de profundidade.

– Correto.

– E então?

– Bom, segundo minhas observações, chegamos a três mil e quarenta e oito metros abaixo do nível do mar.

– Mas isso é possível?

– Sim, ou então os números não são mais números!

Os cálculos do professor estavam corretos. Já havíamos ultrapassado em mil e oitocentos metros as maiores profundidades já alcançadas pelo homem, tais como as minas de Kitz Bahl, no Tirol, e as de Wuttemberg, na Boêmia.

A temperatura, que deveria ser de oitenta e um graus naquele lugar, mal chegava a quinze. Isso dava o que pensar.

Também aqui há uma referência ao poema *Eneida*, de Virgílio (Livro VI, verso 126). Em tradução livre, "é fácil descer ao Inferno". (N.T.)

Capítulo 19

No dia seguinte, terça-feira, 30 de junho, às seis horas, retomamos a descida.

Continuávamos seguindo a galeria de lava, uma verdadeira rampa natural, suave como os planos inclinados que ainda substituem a escada nas antigas casas. Foi assim até meio-dia e dezessete minutos, instante preciso em que alcançamos Hans, que acabava de parar.

– Ah! – exclamou meu tio. – Chegamos ao final da chaminé.

Olhei à minha volta. Estávamos no centro de um cruzamento no qual dois caminhos vinham dar, ambos sombrios e estreitos. Qual deles convinha tomar? Difícil saber.

No entanto, meu tio não quis parecer hesitar diante de mim ou do guia. Ele escolheu o túnel do leste, onde nós três logo nos embrenhamos.

Aliás, qualquer hesitação diante desse duplo caminho teria se prolongado indefinidamente, pois nenhum indício podia determinar a escolha de um ou do outro. Era preciso se entregar totalmente à sorte.

O declive dessa nova galeria era pouco perceptível e o seu perfil, bastante irregular. Às vezes uma sucessão de arcos se desenrolava diante de nós como as naves laterais de uma catedral gótica. Os artistas da Idade Média teriam podido estudar ali todas as formas dessa arquitetura religiosa que tem a ogiva como base. Um quilômetro e meio mais adiante, nossas cabeças se curvavam sob os arcos rebaixados do estilo romano, e grandes pilares engastados no maciço dobravam-se sob a base das abóbadas. Em certos lugares, essa disposição dava lugar a baixas substruções que pareciam obra de castores, onde tínhamos de deslizar rastejando por estreitos túneis.

O calor se mantinha em um grau suportável. Involuntariamente, eu fantasiava sobre sua intensidade quando as lavas vomitadas pelo Sneffels se precipitavam por aquele caminho hoje tão tranquilo. Imaginava as torrentes de fogo se dobrando nas curvas da galeria e os vapores superaquecidos se acumulando naquele meio estreito!

"Tomara que o velho vulcão não queira retomar uma fantasia tardia!" – pensei.

Eu não compartilhava essas reflexões com o tio Lidenbrock. Ele não as teria compreendido. Seu único pensamento era seguir adiante. Ele andava, deslizava e até mesmo escorregava com uma convicção que, no fim das contas, era melhor admirar.

Às seis horas da noite, depois de uma caminhada pouco cansativa, havíamos transposto dez quilômetros na direção sul, mas isso mal dava quinhentos metros de profundidade.

Meu tio deu o sinal para repousarmos. Comemos sem conversar muito e adormecemos sem pensar demais.

Nossos preparativos para a noite eram bastante simples. Uma manta de viagem na qual nos enrolávamos compunha toda a roupa de cama. Não tínhamos de recear nem o frio, nem uma visita inoportuna. Os viajantes que se embrenham nos desertos da África ou no seio das florestas do novo mundo são forçados a velar uns aos outros durante as horas de sono. Mas aqui, solidão absoluta e segurança completa. Não precisávamos temer nem selvagens nem animais ferozes – nenhuma dessas raças malfeitoras.

No dia seguinte, acordamos descansados e dispostos e retomamos a caminhada. Seguíamos por um caminho de lava como na véspera. Era impossível reconhecer a natureza dos terrenos que ele atravessava. Em vez de se embrenhar nas entranhas do globo, o túnel tendia a se tornar absolutamente horizontal. Até pensei que ele estivesse subindo em direção à superfície da terra. Por volta das dez horas da manhã, essa tendência se tornou tão evidente – e, em consequência, tão cansativa –, que fui forçado a moderar nossa marcha.

– E então, Axel? – disse o professor impacientemente.

– E então? Eu não posso mais – respondi.

– Como! Depois de três horas de caminhada em uma trilha tão fácil!

– Que é fácil, não discordo. Mas com certeza é cansativa.

– Como assim? Mas nós só temos de descer!

– De subir, sinto dizer!

– Subir? – fez meu tio levantando os ombros.

– Claro! Faz meia hora que os declives começaram a mudar. Seguindo-os assim, com certeza voltaremos às terras islandesas.

O professor balançou a cabeça como alguém que se recusa a se convencer. Tentei retomar a discussão. Ele não me respondeu e deu o sinal da partida. Percebi que seu silêncio não passava de um mau humor acumulado.

Nesse meio-tempo, peguei meu fardo com coragem e segui rapidamente Hans, que ia à frente de meu tio. Não queria me distanciar. Minha grande preocupação era não perder meus companheiros de vista. Eu tremia à ideia de me perder nas profundezas desse labirinto.

Aliás, se a trilha ascendente se tornava mais difícil, eu me consolava pensando que ela ao menos me reaproximava da superfície da terra. Era uma esperança. Cada passo confirmava isso, e eu me alegrava com a ideia de rever minha pequena Grauben.

Ao meio-dia houve uma mudança de aspecto nas paredes da galeria. Notei-a pelo enfraquecimento da luz elétrica refletida pelas muralhas. A rocha viva estava sucedendo o revestimento de lava. O maciço se compunha de camadas inclinadas e muitas vezes dispostas na vertical. Estávamos em plena época de transição, em pleno período siluriano.[12]

– É evidente que na segunda época da Terra os sedimentos das águas formaram estes xistos, calcários e arenitos! – exclamei. – Nós viramos as costas para o maciço granítico! Estamos parecendo alguém de Hamburgo que tomaria o caminho de Hanover para ir a Lubeck!

Eu deveria ter guardado essas observações para mim. Mas meu temperamento de geólogo foi mais forte que a prudência, e o tio Lidenbrock acabou ouvindo minhas exclamações.

– Mas o que você tem? – ele disse.

– Olhe! – respondi mostrando-lhe a sucessão variada de arenitos, calcários e os primeiros indícios dos terrenos de ardósia.

– E daí?

– Chegamos ao período no qual surgiram as primeiras plantas e os primeiros animais!

– Ah! É o que você acha?

– Pois olhe, examine, observe!

Forcei o professor a passar sua lâmpada pelas paredes da galeria. Esperava que ele fizesse alguma observação. Mas ele não disse uma única palavra e continuou seu caminho.

Será que ele havia me entendido? Será que não queria convir, por seu amor-próprio de tio e de sábio, que se enganara ao escolher o túnel do leste? Ou será que desejava fazer o reconhecimento dessa passagem até o fim? Era evidente que havíamos saído da trilha das lavas e que aquele caminho não poderia nos levar ao centro do Sneffels.

Contudo, perguntava-me se eu não estava atribuindo uma importância grande demais àquela modificação dos terrenos. Será que eu mesmo não estava enganado? Será que realmente atravessávamos as camadas de rochas sobrepostas ao maciço granítico?

“Se eu tiver razão” – pensava –, “devo encontrar algum resquício de uma planta primitiva, e então teremos de nos render às evidências. Vou procurar”.

Eu mal dera cem passos quando algumas provas incontestáveis surgiram diante dos meus olhos. E a razão disso era que, na época siluriana, os mares continham mais de mil e quinhentas espécies vegetais ou animais. Meus pés, habituados ao solo duro das lavas, de repente pisaram em uma poeira feita de resquícios de plantas e conchas. Nas paredes, viam-se claramente as marcas de fucos e licopódios. Não era possível que o professor Lidenbrock estivesse enganado, mas imagino que ele fechasse seus olhos e continuasse seu caminho com um passo invariável.

Sua teimosia ultrapassava todos os limites. Eu não aguentava mais. Apanhei uma concha perfeitamente conservada e que pertencera a um animal mais ou menos parecido com o atual tatu-bola. Depois fui até meu tio e lhe disse:

– Veja!

– Pois bem – ele respondeu tranquilamente –, é a concha de um crustáceo da extinta ordem dos trilobitas. Não passa disso.

– Mas o senhor não conclui que…

– O que você também conclui? Sim, perfeitamente. Saímos da camada de granito e do caminho das lavas. É possível que eu tenha me enganado. Mas só terei certeza do meu erro quando tiver alcançado o final desta galeria.

– O senhor tem razão em agir assim, meu tio, e eu o aprovaria se não tivéssemos de temer um perigo cada vez mais ameaçador.

– E qual é?

– A falta d’água.

– Ora! Então vamos racionar, Axel.

Assim nomeado porque os terrenos desse período são bastante propagados na Inglaterra, nas regiões antigamente habitadas pela tribo céltica dos Silures. (N.O.)

Capítulo 20

De fato, foi preciso racionar. Nossa provisão não duraria mais que três dias. Foi o que percebi à noite, na hora da ceia. E ainda havia uma expectativa inquietante: tínhamos poucas esperanças de encontrar alguma nascente viva naqueles terrenos da época de transição.

Durante todo o dia seguinte, a galeria desvelou diante de nossos passos seus intermináveis arcos. Andávamos quase sem falar. O mutismo de Hans nos tomava.

O caminho não subia, ao menos de um modo perceptível. Às vezes ele até parecia descer. Mas essa tendência – pouco pronunciada, aliás – não parecia tranquilizar o professor, pois a natureza das camadas não se modificava e o período de transição se afirmava cada vez mais.

A luz elétrica fazia brilharem esplendidamente os xistos, o calcário e os velhos arenitos vermelhos das paredes. Podíamos acreditar que estávamos em uma vala aberta no meio de Devonshire, que deu seu nome a esse tipo de terreno. Espécimes de mármores magníficos revestiam as muralhas, alguns de um cinza-ágata com veios brancos caprichosamente acentuados, outros de uma cor encarnada ou um amarelo com manchas vermelhas; mais ao longe, amostras desses mármores rajados de cores escuras nos quais o calcário se destacava em tons vivos.

A maioria desses mármores oferecia vestígios de animais primitivos. Desde a véspera, a criação tivera um evidente progresso. Em vez dos rudimentares trilobitas, eu via resquícios de uma ordem mais perfeita, como os peixes ganoides e os sauropterígeos, a partir dos quais o olho do paleontólogo soube descobrir as primeiras formas do réptil. Os mares devonianos eram habitados por um grande número de animais dessa espécie, que foram depositados aos milhares nas rochas em nova formação.

Era evidente que subíamos a escala da vida animal, cujo topo é ocupado pelo homem. Mas o professor Lidenbrock não parecia prestar atenção nisso.

Ele esperava por duas coisas: ou que um poço vertical viesse se abrir aos seus pés, permitindo-lhe retomar sua descida, ou que um obstáculo o impedisse de continuar aquele caminho. Mas a noite chegou sem que essa esperança se realizasse.

Na sexta-feira, depois de uma noite em que comecei a sentir os tormentos da sede, nossa pequena trupe se embrenhou novamente nos descaminhos da galeria.

Depois de dez horas de caminhada, percebi que a reverberação de nossas lâmpadas sobre as paredes diminuía singularmente. O mármore, o xisto, o calcário e os arenitos das muralhas davam lugar a um revestimento escuro e sem brilho. Em um momento em que o túnel ficou muito estreito, apoiei-me na parede da esquerda.

Quando retirei minha mão, ela estava completamente preta. Olhei mais de perto. Estávamos em plena mina de hulha.

– Uma mina de carvão! – exclamei.

– Uma mina sem mineiros – respondeu meu tio.

– Oras! Quem sabe?

– Eu sei – retrucou o professor com um tom seco –, e tenho certeza de que esta galeria aberta no meio dessas camadas de hulha não foi feita pela mão humana. Mas pouco importa que tenha sido obra da natureza ou não. É hora da ceia, vamos comer.

Hans preparou alguns alimentos. Quase não comi e bebi as poucas gotas de água que compunham a minha porção. O cantil meio cheio do guia era tudo o que restava para saciar três homens.

Depois da refeição, meus dois companheiros se estenderam sobre suas mantas e encontraram no sono um remédio para o seu cansaço. Quanto a mim, não consegui dormir e contei as horas até o amanhecer.

No sábado, às seis horas, partimos novamente. Vinte minutos mais tarde, chegávamos a uma grande cavidade. Acabei reconhecendo que a mão do homem não poderia ter escavado aquela mina de hulha, pois as abóbadas teriam sido escoradas – e, na verdade, elas só se

sustentavam por um milagre do equilíbrio.

Aquela espécie de caverna tinha trinta metros de largura por quarenta e cinco de altura. O terreno havia sido violentamente aberto por um abalo subterrâneo. O maciço terrestre, cedendo a algum poderoso impulso, havia se deslocado, deixando aquele amplo vazio onde os habitantes da terra penetravam pela primeira vez.

Toda a história do Período Carbonífero estava inscrita naquelas paredes sombrias, e um geólogo era capaz de acompanhar facilmente as suas diversas fases. As camadas de carvão estavam separadas por estratos de arenito ou argila compactos, como que esmagados pelas camadas superiores.

Nessa idade do mundo que precedeu a época secundária, a terra foi recoberta por imensas vegetações oriundas da dupla ação de um calor tropical e de uma persistente umidade. Uma atmosfera de vapores envolvia o globo por todos os lados, roubando-lhe os raios de sol.

Daí vem a conclusão de que as altas temperaturas não provinham dessa nova fonte de fogo. Talvez o astro do dia ainda nem estivesse pronto para desempenhar seu brilhante papel. Os “climas” ainda não existiam e um calor tórrido se espalhava por toda a superfície do globo, sendo o mesmo do Equador aos polos. De onde ele vinha? Do interior do globo.

A despeito das teorias do professor Lidenbrock, um fogo violento se alimentava nas entranhas do esferoide. Sua ação se fazia sentir até as últimas camadas da crosta terrestre. As plantas, privadas dos benfazejos eflúvios do sol, não davam flores nem perfume, mas suas raízes extraíam uma vida resistente nos terrenos ardentes dos primeiros dias.

Havia poucas árvores, apenas plantas herbáceas, relvas imensas, samambaias, licopódios, sigilárias e asterofilites, famílias raras cujas espécies, à época, contabilizavam milhões.

Ora, é precisamente a essa exuberante vegetação que a hulha deve sua origem. A crosta elástica do globo obedecia aos movimentos da massa líquida que ela recobria. Daí vieram as numerosas fissuras e os desabamentos. As plantas, carregadas para debaixo d’água, pouco a pouco formaram acúmulos consideráveis.

E então a ação da química natural interveio. No fundo dos mares, as massas vegetais primeiro se transformaram em turfa. Depois, graças à influência dos gases e sob o calor da fermentação, elas sofreram uma

mineralização completa.

Assim se formaram essas imensas camadas de carvão que um consumo excessivo, no entanto, pode esgotar em menos de três séculos caso os povos industrializados não estejam atentos.

Essas reflexões me vinham à mente enquanto eu examinava as riquezas da hulha acumulada naquela porção do maciço terrestre. Estas, sem dúvida, jamais seriam descobertas. A exploração dessas minas longínquas demandaria sacrifícios consideráveis. E para que isso, aliás, já que a hulha ainda está espalhada pela superfície da terra, por assim dizer, em várias regiões? Assim, tal como eu via aquelas camadas intactas, tais elas ainda estariam quando a última hora do mundo soasse.

Nesse meio-tempo, caminhávamos e, distante dos meus companheiros, eu esquecia a extensão da trilha para me perder em considerações geológicas. A temperatura aparentemente não mudara desde a nossa passagem pelas lavas e pelos xistos. Apenas meu olfato era afetado por um odor pronunciado de protocarboneto de hidrogênio. Imediatamente, reconheci nessa galeria a presença de uma notável quantidade desse fluido perigoso ao qual os mineiros deram o nome de grisu, e cuja explosão tantas vezes causou catástrofes assustadoras.

Felizmente estávamos iluminados pelos engenhosos aparelhos de Ruhmkorff. Se, por um infortúnio, tivéssemos explorado imprudentemente essa galeria com uma tocha à mão, uma explosão terrível teria posto fim à viagem, fazendo os viajantes desaparecerem.

Essa excursão na mina de hulha durou até a noite. Meu tio mal controlava a impaciência que a horizontalidade do caminho lhe causava. As trevas, sempre intensas a uma distância de vinte passos, impediam-nos de estimar o comprimento da galeria, e eu começava a acreditar que ela era interminável quando de repente, às seis horas, um muro apareceu de forma inesperada. À direita, à esquerda, em cima ou embaixo, não havia nenhuma passagem. Havíamos chegado ao fundo de um impasse.

– Pois bem, melhor assim! – exclamou meu tio. – Pelo menos sei em que me apoiar. Não estamos no caminho de Saknussemm e só nos resta voltar para trás. Vamos repousar esta noite, e antes de três dias já teremos retornado ao ponto onde as duas galerias se bifurcam.

– Sim, se ainda tivermos forças! – eu disse.

– E por que não teríamos?

– Porque amanhã a água vai acabar completamente.

– E a coragem, também vai acabar? – provocou o professor, olhando-me com uma expressão severa.

Não ousei lhe responder.

Capítulo 21

No dia seguinte, partimos de manhãzinha. Precisávamos nos apressar. Estávamos a cinco dias de caminhada da bifurcação.

Não vou me estender sobre os sofrimentos de nosso retorno. Meu tio suportou-os com a cólera de um homem que descobre não ser o mais forte; Hans, com a resignação de sua natureza pacífica; enquanto eu, confesso, lamentando-me e desesperando-me. Eu não tinha forças contra essa má sorte.

Assim como era previsto, a água acabou completamente ao fim do primeiro dia de caminhada. E então nossas provisões líquidas se reduziram ao genebra, mas esse licor infernal queimava a garganta e eu não conseguia nem mesmo vê-lo. Estava achando a temperatura sufocante. O cansaço me paralisava. Mais de uma vez, quase caí desfalecido. Nesses momentos, fazíamos uma parada. Meu tio ou o islandês me reconfortavam como podiam, mas eu já estava vendo que o primeiro reagia penosamente ao extremo cansaço e às torturas da privação de água.

Finalmente, na terça-feira, 8 de julho, arrastando-nos de quatro, chegamos meio-mortos ao ponto de intersecção das duas galerias. Ali fiquei como uma massa inerte, estendido sobre o chão de lava. Eram dez horas da manhã.

Hans e meu tio, apoiados na parede, tentaram mordiscar alguns pedaços de biscoito. Longos gemidos escapavam dos meus lábios inchados. Caí em uma profunda letargia.

Após certo tempo, meu tio se aproximou de mim e me suspendeu em seus braços:

– Pobre criança! – murmurou com um verdadeiro tom de pena.

Não estando habituado à afeição do selvagem professor, fui tocado por essas palavras. Segurei suas mãos trêmulas entre as minhas. Ele se deixou levar enquanto me olhava. Seus olhos estavam úmidos.

Então, vi-o apanhar o cantil pendurado ao seu lado. Para minha grande surpresa, ele o aproximou dos meus lábios:

– Beba! – disse.

Eu havia escutado direito? Meu tio estava louco? Olhei-o com um ar embasbacado. Não queria acreditar.

– Beba! – ele repetiu.

E, levantando seu cantil, esvaziou-o inteiramente entre meus lábios.

Oh, que prazer infinito! Um gole de água veio umedecer minha boca em brasa – um único gole, mas foi o suficiente para me fazer recuperar a vida que me escapava.

Agradeci meu tio juntando as mãos.

– Sim – ele disse –, um gole de água! O último! Você está ouvindo? O último! Eu o guardei preciosamente no fundo do meu cantil. Vinte vezes, cem vezes tive de resistir ao meu assustador desejo de bebê-lo! Mas não, Axel, eu o reservava para você.

– Meu tio! – murmurei enquanto pesadas lágrimas molhavam meus olhos.

– Sim, pobre criança. Eu sabia que, quando chegasse neste cruzamento, você cairia meio-morto, e então guardei minhas últimas gotas de água para reanimá-lo.

– Obrigado! Obrigado! – exclamei.

Embora minha sede tivesse sido apenas minimamente saciada, consegui recuperar alguma força. Os músculos de minha garganta, até então contraídos, enfim relaxaram. A inflamação dos meus lábios se suavizou. Eu podia falar.

– Vejamos – eu disse –, agora só temos uma decisão a tomar. A água acabou, precisamos voltar para trás.

Enquanto eu dizia isso, meu tio evitava olhar para mim. Ele baixava a cabeça e seus olhos se esquivavam dos meus.

– Precisamos voltar e retomar o caminho do Sneffels! – exclamei. – Que Deus nos dê forças para subir até o pico da cratera!

– Voltar? – disse meu tio, como se respondesse mais a si mesmo do que a mim.

– Sim, voltar. E sem perder um único instante.

Então houve um silêncio bastante longo.

– Mas então, Axel – retomou o professor com um tom estranho –, essas gotas de água não lhe deram coragem e energia?

– Coragem?!

– Vejo que está abatido como antes e dizendo palavras desesperadas!

Com que tipo de homem eu estava lidando? E que projetos sua mente audaciosa ainda formulava?

– Como? O senhor não quer…

– Renunciar a esta expedição no momento em que tudo indica que ela pode dar certo? Jamais!

– Então temos de nos resignar à morte?

– Não, Axel, não! Vá embora. Eu não quero que você morra! Que Hans o acompanhe. Deixe-me sozinho!

– Abandonar o senhor?

– Deixe-me sozinho, é o que lhe digo! Comecei esta viagem e vou cumpri-la até o fim, ou então não voltarei. Vá embora, Axel, vá embora!

Meu tio falava com uma extrema agitação. Sua voz, por um instante enternecida, voltava a ser dura e ameaçadora. Ele lutava contra o impossível com uma energia tenebrosa! Eu não queria abandoná-lo no fundo daquele abismo, mas, por outro lado, o instinto de preservação me impelia a fugir.

O guia acompanhava aquela cena com sua habitual indiferença. No entanto, ele compreendia o que se passava entre seus dois companheiros. Nossos gestos bastavam para indicar que cada um de nós tentava arrastar o outro para uma via diferente. Mas Hans parecia pouco se interessar pela questão que colocava sua vida em jogo, e

estava pronto para partir se lhe dessem o sinal da partida, ou pronto para ficar, ao menor indício da vontade de seu patrão.

Ah, se eu pudesse fazer com que ele me entendesse! Minhas palavras, meus lamentos, meu tom teriam sido mais fortes do que aquela fria natureza. Esses perigos de que o guia não parecia suspeitar, eu os teria tornado compreensíveis e palpáveis. Juntos, talvez tivéssemos convencido o teimoso professor. E se fosse preciso, nós o teríamos arrastado a contragosto para o topo do Sneffels!

Aproximei-me de Hans. Coloquei minha mão sobre a sua. Ele não se mexeu. Mostrei-lhe a direção da cratera. Ele ficou imóvel. Meu rosto ofegante revelava todo o meu sofrimento. O islandês balançou devagar a cabeça e, apontando tranquilamente meu tio:

– *Master* – falou.

– Patrão? – exclamei. – Seu insensato! Não, ele não é o dono da sua vida! Precisamos fugir! Precisamos levá-lo junto! Você está me ouvindo? Você está entendendo?

Eu segurava Hans pelo braço. Queria obrigá-lo a se levantar. Lutava contra ele. Meu tio interveio.

– Calma, Axel – ele disse. – Você não vai conseguir nada desse criado impassível. Então escute o que tenho a lhe propor.

Cruzei os braços e olhei meu tio bem nos olhos.

– A falta d’água é o único obstáculo para a realização dos meus projetos – ele falou. – Na galeria do leste, feita de lavas, xisto e hulha, não encontramos uma única molécula líquida. É possível que sejamos mais felizes se tomarmos o túnel do oeste.

Balancei a cabeça com um ar de profunda incredulidade.

– Escute-me até o fim – retomou o professor erguendo a voz. – Enquanto você jazia aqui desfalecido, fui fazer o reconhecimento dessa galeria. Ela penetra diretamente nas entranhas do globo, e em poucas horas vai nos conduzir ao maciço granítico. Lá, devemos encontrar fontes abundantes. É da natureza dessa rocha, e tanto o instinto quanto a lógica apoiam a minha convicção. Bom, isto é o que tenho para propor a você. Quando Colombo pediu três dias aos seus tripulantes para encontrar as novas terras, estes, doentes e espantados, mesmo assim aceitaram o pedido, e então ele descobriu o novo mundo. Eu, o Colombo das regiões subterrâneas, só lhe peço mais um

único dia. Depois desse tempo, se eu não tiver encontrado a água que nos falta, juro-lhe que voltaremos à superfície da terra.

Apesar da minha irritação, fiquei emocionado com essas palavras e com a violência com que meu tio se continha para sustentar tal linguagem.

– Pois bem! – exclamei. – Que seja como o senhor quiser, e que Deus recompense sua energia sobre-humana. O senhor só tem mais algumas horas para tentar a sorte! Vamos em frente!

Capítulo 22

Dessa vez a descida recomeçou pela nova galeria. Hans andava à frente, de acordo com o seu costume. Não havíamos dado nem cem passos quando o professor exclamou, passando sua lâmpada ao longo das muralhas:

– Aqui estão os terrenos primitivos! Estamos no caminho certo! Vamos andando, vamos!

Nos primeiros dias do mundo, quando a terra pouco a pouco se resfriou, a diminuição de seu volume produziu deslocamentos, rupturas, rachaduras e fendas. O atual corredor era uma fissura desse tipo, através da qual o granito eruptivo outrora se espalhou. Seus milhares de desvios formavam um inextricável labirinto em pleno solo primordial.

À medida que descíamos, a sucessão das camadas que compunham o terreno primitivo aparecia mais claramente. A ciência geológica considera o terreno primitivo a base da crosta mineral, identificando nele a presença de três camadas diferentes: os xistos, os gnaisses e os micaxistos, que repousam sobre essa rocha inabalável chamada granito.

Nunca um mineralogista havia estado em circunstâncias tão maravilhosas para estudar a natureza *in loco*. Aquilo que a sonda – uma máquina inteligente e bruta – não era capaz de comunicar à superfície do globo a respeito de sua textura interna, íamos estudar com nossos próprios olhos, tocar com nossas próprias mãos.

Por entre os estratos dos xistos, coloridos com belos tons de verde, serpenteavam filamentos metálicos de cobre e manganês com alguns traços de platina e ouro. Eu sonhava com essas riquezas embrenhadas nas entranhas do globo, que jamais seriam usufruídas pela ávida

humanidade! Os tremores dos primeiros dias enterraram esses tesouros a tais profundidades que nem a picareta nem a enxada conseguiriam arrancá-los de sua tumba.

Depois dos xistos vieram os gnaisses de estrutura estratiforme, notáveis pela regularidade e pelo paralelismo de suas folhas, e em seguida os micaxistos, dispostos em grandes lamelas realçadas ao olhar pelas cintilações da mica branca.

A luz dos aparelhos, repercutida pelas pequenas facetas da massa rochosa, fazia seus jatos de fogo se cruzarem em todos os ângulos, e eu me imaginava viajando por um diamante oco no qual os raios se quebravam em milhares de ofuscações.

Por volta das seis horas da noite, essa festa de luz diminuiu sensivelmente até quase acabar. As paredes adquiriram uma nuance cristalizada, mas sombria. A mica se misturou mais intimamente com o feldspato e o quartzo para formar a rocha por excelência, a pedra mais dura de todas, aquela que suporta, sem ser esmagada, os quatro andares dos terrenos do globo. Estávamos cercados pela imensa prisão de granito.

Eram oito horas da noite. A água ainda nos faltava. Eu sofria horrivelmente. Meu tio andava à frente, não queria parar. Ele estava de antena ligada, a fim de captar os murmúrios de alguma nascente. Mas nada!

Minhas pernas se recusavam a me carregar. Eu resistia às torturas para não obrigar meu tio a fazer uma parada. Para ele isso teria sido desesperador, pois o dia, o único que lhe fora concedido, já estava terminando.

Por fim, minhas forças me abandonaram. Dei um grito e desabei.

– Ajudem-me! Estou morrendo!

Meu tio voltou para trás. Ele me observou cruzando os braços. Depois, estas palavras surdas saíram de seus lábios:

– Tudo está acabado!

Um assustador gesto de cólera passou pela última vez diante dos meus olhos, e então os cerrei.

Quando os reabri, vi meus dois companheiros imóveis e enrolados em suas mantas. Será que dormiam? Quanto a mim, não conseguia ter um

instante sequer de sono. Eu estava sofrendo demais, sobretudo com a ideia de que meu mal não tinha remédio. As últimas palavras do meu tio reverberavam em meu ouvido. “Tudo estava acabado!”, pois em tal estado de fraqueza, não devíamos nem mesmo sonhar em voltar à superfície do globo.

Havia mais de sete quilômetros de crosta terrestre! Parecia que toda a carga dessa massa pesava sobre os meus ombros. Eu me sentia esmagado, e me esgotava em esforços violentos para me virar na minha cama de granito.

Algumas horas se passaram. Um silêncio profundo reinava em torno de nós, um silêncio de túmulo. Nada chegava pelas muralhas, cuja mais fina media oito mil metros de espessura.

No entanto, em meio à minha letargia, pensei ter ouvido um barulho. A escuridão dominava o túnel. Olhei mais atentamente e pensei ter visto o islandês desaparecer com a lâmpada na mão.

Por que Hans partia? Ele estava nos abandonando? Meu tio dormia. Quis gritar. Minha voz não conseguiu encontrar uma passagem por entre meus lábios ressecados. A escuridão havia se tornado profunda e os últimos ruídos acabavam de se extinguir.

“Hans está nos abandonando!” – exclamei – “Hans! Hans!”.

Eu gritava essas palavras dentro de mim mesmo. Elas não iam mais longe. No entanto, depois do primeiro instante de terror, senti vergonha por suspeitar de um homem cuja conduta não tinha nada de suspeito até então. Sua partida não podia ser uma fuga. Em vez de subir pela galeria, ele a estava descendo. Más intenções o teriam levado para cima, não para baixo. Esse raciocínio me acalmou um pouco e eu me voltei para um outro tipo de pensamento. Apenas um motivo grave poderia ter retirado Hans, esse homem pacífico, de seu repouso. Estaria indo procurar alguma coisa? Teria ele ouvido, durante a noite silenciosa, algum murmúrio que eu não percebera?

Capítulo 23

Durante uma hora, imaginei na minha mente em delírio todas as razões que poderiam ter feito o tranquilo caçador agir. As ideias mais absurdas se enredavam na minha cabeça. Achei que fosse ficar louco!

Mas um barulho de passos finalmente surgiu nas profundezas do abismo. Hans estava voltando. Uma luz incerta começou a deslizar pelas paredes, e logo depois desembocou na entrada do corredor. Hans apareceu.

Ele se aproximou do meu tio, colocou a mão em seu ombro e o acordou suavemente. Meu tio se levantou.

– O que foi? – ele perguntou.

– *Vatten* – respondeu o caçador.

É preciso acreditar que, sob a influência de dores violentas, todo mundo se torna poliglota. Eu não sabia uma única palavra de dinamarquês, mas compreendi, por instinto, a palavra do nosso guia.

– Água! Água! – exclamei batendo palmas e gesticulando como um louco.

– Água! – repetia meu tio. – *Hvar?* – perguntou ao islandês.

– *Nedat* – respondeu Hans.

Onde? Lá embaixo! Eu entendia tudo. Segurava as mãos do caçador e as apertava enquanto ele me olhava com calma.

Os preparativos da partida não foram demorados, e logo descíamos um corredor cujo declive chegava a quase trinta centímetros por metro.

Uma hora mais tarde, havíamos transposto mais ou menos dois quilômetros e descido seiscentos metros.

Nesse momento, escutei perfeitamente um som insólito percorrendo os flancos da muralha granítica, uma espécie de bramido surdo como um trovão longínquo. Durante a primeira meia hora de caminhada, não tendo encontrado a anunciada fonte, senti as angústias me tomarem de novo. Mas então meu tio me explicou a origem dos ruídos que ressoavam.

– Hans não se enganou – ele disse. – O que você está ouvindo agora é o barulho de uma torrente.

– Uma torrente? – exclamei.

– Sem dúvidas. Um rio subterrâneo está circulando em torno de nós.

Apressamos nossos passos, empolgados com a esperança. Eu não sentia mais cansaço. O barulho de uma água murmurante já me refrescava, e ele estava aumentando sensivelmente. A torrente, depois de ter ficado por muito tempo suspensa sobre nossas cabeças, agora corria pela parede da esquerda, bramindo e saltitando. Com frequência, eu passava minha mão pela rocha na esperança de encontrar traços de transpiração ou umidade, mas em vão.

Meia hora ainda se passou, e atravessamos mais uns dois quilômetros.

Então, ficou evidente que o caçador, durante sua ausência, não pudera prolongar sua busca para mais adiante. Guiado por um instinto particular aos montanheses e aos hidróscopos, ele "sentira" a torrente através da rocha, mas com certeza não vira o precioso líquido nem se saciara.

Logo não houve mais dúvidas de que, se nossa caminhada continuasse, nós nos afastaríamos da torrente cujo murmúrio tendia a diminuir.

Voltamos para trás. Hans parou no lugar preciso onde a torrente parecia estar mais próxima.

Sentei-me perto da muralha enquanto as águas corriam, a sessenta centímetros de mim, com uma violência extrema. Mas uma parede de granito ainda nos separava.

Sem refletir, sem me perguntar se não haveria algum meio de alcançar aquela água, deixei-me levar por um primeiro momento de desespero.

Hans olhou para mim e eu tive a impressão de ver um sorriso aparecer em seus lábios.

Ele se levantou e apanhou a lâmpada. Eu o segui. Ele se dirigiu à muralha. Eu o observei. Ele encostou sua orelha na pedra seca e a movimentou lentamente, escutando com a maior atenção. Entendi que ele procurava o ponto preciso onde a torrente fazia mais barulho, e o encontrou na parede lateral da esquerda, a um metro acima do chão.

Como fiquei emocionado! Eu não ousava adivinhar o que o caçador queria fazer! Mas acabei compreendendo, aplaudindo-o e apertando-o em um abraço quando o vi apanhar sua picareta para atacar a rocha.

– Estamos salvos! – exclamei.

– Sim – repetia meu tio com frenesi. – Hans tem razão! Ah, bravo caçador! Nós não teríamos pensado nisso!

Disso eu tinha certeza! Tal meio, por mais simples que fosse, não nos teria vindo à mente. Nada era mais perigoso do que dar um golpe de picareta no esqueleto do globo. E se algum desabamento nos esmagasse? E se a torrente, vindo à luz através da rocha, nos recobrisse? Esses perigos não tinham nada de quimérico. Porém, naquele momento, o medo de um desabamento ou de uma inundação não era capaz de nos impedir, pois nossa sede era tão intensa que, para saciá-la, teríamos escavado o próprio leito do oceano.

Hans começou esse trabalho que nem eu nem meu tio poderíamos ter feito. A impaciência teria atrapalhado nossas mãos, que fariam a rocha voar em pedaços com seus golpes precipitados. O guia, pelo contrário, calmo e moderado, desgastou pouco a pouco a rocha com uma série de pequenos golpes repetidos, escavando uma abertura de uns quinze centímetros de largura. Eu ouvia o barulho da torrente crescer e já acreditava estar sentindo a água benfazeja jorrando nos meus lábios.

Logo a picareta já tinha penetrado sessenta centímetros na muralha de granito. O trabalho já durava mais de uma hora. Eu me contorcia de impaciência! Meu tio queria dispor de suas últimas forças. Ele já estava apanhando sua picareta quando, de repente, ouvimos um silvo. Um jato d’água jorrou da muralha e se chocou contra a parede oposta.

Hans, meio derrubado pelo choque, não pôde conter um grito de dor. Entendi o porquê quando, ao mergulhar minhas mãos no jato líquido, foi minha vez de soltar uma violenta exclamação. A fonte estava fervente.

– A água está a cem graus! – exclamei.

– Tudo bem, ela vai esfriar – respondeu meu tio.

O corredor se preenchia de vapores enquanto um riacho se formava e se perdia nas sinuosidades subterrâneas. Logo extraíamos dali nosso primeiro gole.

Ah, que prazer! Que volúpia incomparável! Mas que água era aquela? De onde ela vinha? Pouco importava. Era água, e, embora ainda quente, trazia de volta ao coração a vida que estava prestes a escapar. Eu bebia sem parar, sem mesmo sentir seu gosto.

Foi só depois de um minuto de deleite que exclamei:

– Mas essa água é ferrosa!

– Excelente para o estômago – replicou meu tio –, e de alto teor mineral! Esta viagem vai equivaler a uma ida para Spa ou para Teplice!

– Ah, como é bom!

– Eu concordo! Uma água extraída a dez quilômetros abaixo da terra! Ela tem um gosto de tinta que não é nem um pouco desagradável. É uma bela fonte, essa que Hans nos arranjou! Por isso, proponho dar o nome dele a este riacho revigorante.

– Ótimo – exclamei.

E o nome “Hansbach”[13] foi imediatamente adotado.

Hans não pareceu ficar muito orgulhoso. Depois de ter se refrescado moderadamente, encostou-se em um canto com sua habitual calma.

– Agora – eu disse –, não podemos desperdiçar essa água.

– Mas por quê? – respondeu meu tio. – Suspeito que esta fonte seja inesgotável.

– Pouco importa! Vamos encher o odre e os cantis, e depois tentamos tapar a abertura.

Meu conselho foi seguido. Com pedaços de granito e estopa, Hans tentou obstruir o talho da parede. Não foi fácil. Queimávamos as mãos sem ter sucesso. A pressão era bastante alta e os nossos esforços foram inúteis.

– A julgar pela força do jato – falei –, é evidente que os lençóis superiores deste curso d'água estão situados a uma grande altura.

– Não há dúvidas – replicou meu tio. – Se esta coluna de água tiver dez mil metros de altura, há mil atmosferas de pressão. Mas tenho uma ideia.

– Qual?

– Por que estamos teimando em tapar este buraco?

– É porque…

Compliquei-me ao tentar encontrar uma boa razão.

– Quando nossos cantis ficarem vazios, você acha que teremos a certeza de poder enchê-los?

– É claro que não.

– Pois bem, deixemos essa água escoar! Ela vai descer naturalmente e vai nos guiar e saciar pelo caminho!

– Bem pensado! – exclamei. – Tendo este riacho como companheiro, não há mais nenhuma razão para os nossos projetos não darem certo!

– Ah! Você está entrando no clima, meu garoto – disse o professor rindo.

– Estou mais do que entrando: já estou dentro!

– Um momento! Vamos repousar por algumas horas.

Eu estava esquecendo completamente que já era noite. O cronômetro se encarregou de me lembrar. E então cada um de nós, suficientemente alimentado e saciado, caiu em um sono profundo.

“Riacho Hans” em alemão. (N.T.)

Capítulo 24

No dia seguinte, já havíamos esquecido nossas dores passadas. No início, espantava-me por não sentir mais sede e perguntava-me qual era a razão disso. O riacho que corria murmurando aos nossos pés se encarregava de me responder.

Desjejuamos e bebemos essa excelente água ferrosa. Sentia-me todo reanimado e decidido a ir longe. Por que um homem convencido como meu tio, com um guia engenhoso como Hans e um sobrinho determinado como eu, não teria sucesso? Essas eram as belas ideias que passavam pela minha mente. Se me tivessem proposto voltar ao pico do Sneffels, eu teria recusado com indignação.

Mas felizmente só se tratava de descer.

– Vamos! – eu exclamava despertando, com minha voz entusiasmada, os velhos ecos do globo.

A caminhada foi retomada na quinta-feira, às oito horas da manhã. O corredor de granito, contornando-se em ângulos sinuosos, apresentava curvas inesperadas e formava um labirinto enredado. Porém, no fim das contas, sua direção principal era sempre a sudeste. Meu tio não parava de consultar sua bússola com o maior cuidado, a fim de reconhecer o caminho percorrido.

A galeria se embrenhava quase horizontalmente, com no máximo dois centímetros e meio de declive por metro. O riacho corria sem pressa, murmurando aos nossos pés. Eu o comparava a algum gênio familiar que nos guiava pela terra, e acariciava com as mãos a morna náiade cujo canto acompanhava nossos passos. Meu bom humor adquiria de bom grado um estilo mitológico.

Quanto ao meu tio, ele praguejava contra a horizontalidade da trilha –

ele, o “homem das verticais”. O caminho se prolongava indefinidamente, e em vez de deslizar ao longo do raio terrestre, segundo a expressão de meu tio, ia-se pela hipotenusa. Mas nós não tínhamos escolha, e enquanto avançássemos o mínimo que fosse em direção ao centro, não devíamos nos lamentar.

Além do mais, de vez em quando os declives se rebaixavam. A náiade se punha a correr bramindo e nós descíamos mais profundamente junto com ela.

Em suma, naquele dia e no dia seguinte avançamos bastante na horizontal, mas relativamente pouco na vertical.

Na sexta-feira à noite, 10 de julho, segundo nossas estimativas, devíamos estar a cento e quarenta e cinco quilômetros ao sudeste de Reykjavík e a uma profundidade de doze quilômetros.

E foi então que, aos nossos pés, abriu-se um poço bastante assustador. Meu tio não pôde evitar de bater palmas ao calcular a inclinação de seus declives.

– Este aqui vai nos levar longe! – exclamou. – E com facilidade, pois as saliências da rocha formam uma verdadeira escada!

Hans dispôs as cordas de modo a prevenir qualquer acidente. A descida começou. Não ouso chamá-la de perigosa, pois já estava familiarizado com esse tipo de exercício.

Esse poço era uma fenda estreita no maciço, do tipo dessas que chamamos de “falha”. Era evidente que, à época do resfriamento, fora produzida pela contração do esqueleto terrestre. Se antigamente ela servira de passagem às matérias eruptivas vomitadas pelo Sneffels, eu nem tentava entender como estas não haviam deixado nenhum rastro ali. Descíamos uma espécie de escada de caracol que parecia ter sido feita por mãos humanas.

De quinze em quinze minutos, tínhamos de fazer uma pausa para um descanso necessário e para devolver a elasticidade aos nossos joelhos. Então nos sentávamos em alguma saliência com as pernas pendidas, conversávamos enquanto comíamos e nos saciávamos no riacho.

Desnecessário dizer que, nessa falha, o Hansbach havia se tornado uma cascata, apesar de seu pouco volume. Mas era mais do que o suficiente para estancar a nossa sede. Aliás, nos declives menos pronunciados ele não deixava de retomar seu curso pacífico. Naquele momento, ele me lembrava meu digno tio, com suas impaciências e

suas cóleras, enquanto, nos declives suaves, era a calma do caçador islandês.

Nos dias 6 e 7 de julho, seguimos as espirais da falha, penetrando mais dez quilômetros na crosta terrestre, o que significava mais ou menos vinte e cinco quilômetros abaixo do nível do mar. No dia 8, porém, por volta de meio-dia, a falha adquiriu uma inclinação bem mais suave, mais ou menos quarenta e cinco graus, na direção sudeste.

E então o caminho se tornou mais fácil e de uma perfeita monotonia. Seria difícil ser de outro modo. A viagem só podia variar com os incidentes da paisagem.

Finalmente, na quarta-feira, dia 15, estávamos a trinta e três quilômetros embaixo da terra e a mais ou menos duzentos e quarenta do Sneffels. Ainda que estivéssemos um pouco cansados, nossa saúde se mantinha firme e a farmácia de viagem ainda estava intacta.

Meu tio anotava a cada hora as indicações da bússola, do cronômetro, do manômetro e do termômetro – as mesmas que, depois, ele publicou no relato científico de sua viagem. Portanto, ele era capaz de reconhecer facilmente a sua posição. Quando me informou que estávamos a uma distância horizontal de duzentos e quarenta quilômetros, não pude conter uma exclamação.

– Mas o que você tem? – ele perguntou.

– Nada, só estou pensando em uma coisa.

– No quê, meu garoto?

– É que, se os cálculos do senhor estiverem corretos, não estamos mais sob a Islândia.

– Você acha?

– É fácil nos certificarmos.

Com o compasso, fiz algumas medições sobre o mapa.

– Eu não estava enganado – falei. – Já ultrapassamos o cabo Portland, e esses duzentos e quarenta quilômetros rumo ao
Sudeste nos colocam em alto-mar.

– Em alto-mar! – repetiu meu tio esfregando as mãos.

– Assim – exclamei –, o Oceano está estendido acima de nossas

cabeças!

– Ora, Axel, não há nada mais natural! Em Newcastle não existem minas de carvão que avançam sob as ondas?

O professor podia achar aquela situação bem simples, mas a ideia de caminhar sob a massa das águas não deixava de me preocupar. E no entanto, que as planícies e as montanhas da
Islândia ou as ondas do Atlântico estivessem suspensas acima de nossas cabeças, pouco importava, desde que o esqueleto de granito fosse sólido. Além disso, habituei-me prontamente a essa ideia, pois o corredor – ora reto, ora sinuoso, caprichoso em seus declives e em suas curvas, mas sempre correndo na direção sudeste e sempre se embrenhando cada vez mais – nos conduziu rapidamente a grandes profundidades.

Quatro dias mais tarde, no sábado à noite, 18 de julho, chegamos a uma espécie de gruta bastante ampla. Meu tio entregou a Hans seus três rixdales semanais, e ficou decidido que o dia seguinte seria um dia de descanso.

Capítulo 25

Assim, na manhã seguinte acordei sem aquela habitual preocupação de uma partida imediata. E, ainda que estivéssemos no mais profundo dos abismos, isso não deixava de ser agradável. Aliás, estávamos acostumados àquela existência de trogloditas. Eu mal pensava no sol, nas estrelas, na lua, nas árvores, nas casas, nas cidades – em todas essas superficialidades terrestres que os seres sublunares transformaram em necessidade. Na qualidade de fósseis, desprezávamos essas inúteis maravilhas.

A gruta formava uma ampla sala. Sobre seu chão de granito, o fiel riacho corria suavemente. A certa distância de sua fonte, a água não tinha mais do que a temperatura ambiente e podia ser bebida sem dificuldades.

Depois do desjejum, o professor quis consagrar algumas horas a pôr em ordem suas anotações cotidianas.

– Primeiro – ele disse –, vou fazer alguns cálculos a fim de determinar exatamente a nossa posição. Na volta, quero poder traçar um mapa da nossa viagem, uma espécie de secção vertical do globo, que fornecerá o perfil da expedição.

– Isso vai ser bem interessante, meu tio. Mas as observações do senhor terão um grau suficiente de precisão?

– Terão, sim. Anotei cuidadosamente os ângulos e os declives. Tenho certeza de que não vou me enganar. Vejamos primeiro onde estamos. Pegue a bússola e observe a direção que ela indica.

Olhei para o instrumento e respondi, depois de um exame atento:

– Entre o Leste e o Lés-Sudeste.

– Ótimo! – disse o professor anotando a observação e fazendo alguns cálculos rápidos. – Daí concluo que percorremos quatrocentos e dez quilômetros desde o nosso ponto de partida.

– Mas então estamos viajando sob o Atlântico?

– Perfeitamente.

– E talvez, neste momento, uma tempestade esteja acontecendo lá em cima? E as ondas e um furacão talvez estejam sacudindo alguns navios em cima de nossas cabeças?

– É possível.

– E as baleias talvez estejam batendo com seu rabo nas muralhas da nossa prisão?

– Fique tranquilo, Axel, elas não vão conseguir quebrá-las. Mas voltemos aos nossos cálculos. Estamos no Sudeste, a quatrocentos e dez quilômetros da base do Sneffels e, segundo minhas anotações anteriores, estimo que a profundidade atingida seja de setenta e sete quilômetros.

– Setenta e sete quilômetros! – exclamei.

– Sem dúvidas.

– Mas esse é o limite extremo atribuído pela ciência à espessura da crosta terrestre.

– Não nego.

– E aqui, de acordo com a lei do aumento da temperatura, deveria existir um calor de mil e quinhentos graus.

– “Deveria”, meu rapaz.

– E todo este granito não poderia se manter no estado sólido e estaria em plena fusão.

– Você está vendo que não é nada disso, e que os fatos, como sempre, vêm desmentir as teorias.

– Sou forçado a concordar, mas isso me espanta.

– O que o termômetro está indicando?

– Vinte e sete graus e seis décimos.

– Então faltam mil quatrocentos e setenta e quatro graus e quatro décimos para que os sábios tenham razão. Portanto, o aumento proporcional de temperatura está errado. Logo, Humphry Davy não estava enganado. Portanto, eu tinha razão em ouvi-lo. O que você tem a dizer?

– Nada.

Na verdade, eu teria muitas coisas a dizer. Eu não admitia de modo algum a teoria de Davy e ainda era a favor da ideia do calor central, embora realmente não sentisse seus efeitos. Preferia, na verdade, admitir que aquela chaminé de um vulcão inativo, recoberta pelas lavas com um revestimento refratário, não permitia que a temperatura se propagasse através de suas paredes.

Contudo, sem me deter na busca de novos argumentos, limitei-me a considerar a situação tal qual ela se apresentava.

– Meu tio – retomei –, acredito que os cálculos do senhor sejam exatos, mas permita-me tirar deles uma consequência rigorosa.

– Vá em frente, meu garoto, fique à vontade.

– No ponto em que estamos, sob a latitude da Islândia, o raio terrestre é de mais ou menos sete mil seiscentos e quarenta e dois quilômetros, certo?

– Sete mil seiscentos e quarenta e dois quilômetros e setecentos metros.

– Vamos dizer sete mil seiscentos e quarenta e três quilômetros para arredondar. Em uma viagem de sete mil seiscentos e quarenta e três quilômetros, só fizemos cinquenta e sete?[14]

– É o que você está dizendo.

– E isso ao preço de quatrocentos e dez quilômetros de diagonal?

– Perfeitamente.

– Em aproximadamente vinte dias?

– Em vinte dias.

– Ora, setenta e sete quilômetros são um centésimo do raio terrestre.

Se continuarmos assim, vamos levar dois mil dias, ou quase cinco anos, para descer!

O professor não respondeu.

– Sem contar que, se atingimos uma vertical de setenta e sete quilômetros ao preço de uma horizontal de quatrocentos, isso vai dar trinta e oito mil quilômetros na direção sudeste, e assim, antes de chegarmos ao centro, já teremos saído há muito tempo por um ponto da circunferência!

– Para o diabo com os seus cálculos! – retrucou meu tio com um movimento raivoso. – Para o diabo com as suas hipóteses! Em que elas se baseiam? Quem lhe disse que este corredor não vai dar diretamente em nosso objetivo? Além disso, tenho um antecessor. O que estou fazendo aqui já foi feito por outro, e onde ele teve sucesso eu também terei.

– É o que espero. Mas enfim, eu tenho o direito…

– Você tem o direito de se calar, Axel, quando quiser delirar desse jeito.

Percebi que o terrível professor estava ameaçando reaparecer sob a pele do meu tio, e me dei por advertido.

– Agora – ele retomou –, consulte o manômetro. O que ele está indicando?

– Uma pressão considerável.

– Ótimo. Você está vendo que, ao descermos devagar, habituando-nos pouco a pouco à densidade desta atmosfera, não sofremos de jeito nenhum.

– De jeito nenhum, exceto por algumas dores de ouvido.

– Isso não é nada, e você pode fazer esse mal-estar desaparecer colocando o ar exterior em comunicação rápida com o ar de dentro dos seus pulmões.

– Perfeitamente – respondi, bastante decidido a não contrariar meu tio. – Sinto até mesmo um verdadeiro prazer em estar mergulhado nesta atmosfera mais densa. O senhor reparou com que intensidade o som se propaga aqui?

– É claro. Aqui, até um surdo acabaria escutando às maravilhas.

– Mas esta densidade com certeza vai aumentar?

– Vai, de acordo com uma lei muito pouco determinada. É fato que a intensidade da gravidade vai diminuir à medida que descermos. Você bem sabe que é na própria superfície da terra que a ação dela é mais claramente perceptível, e que no centro do globo os objetos não pesam.

– Eu sei. Mas me diga, este ar não vai acabar adquirindo a densidade da água?

– Sem dúvida, sob uma pressão de setecentas e dez atmosferas.

– E mais embaixo?

– Mais embaixo, essa densidade vai aumentar ainda mais.

– Então como vamos descer?

– Bom, vamos colocar pedras em nossos bolsos.

– Nossa, meu tio, o senhor tem resposta para tudo!

Não ousei ir mais adiante no campo das hipóteses, pois mais uma vez teria me confrontado com alguma impossibilidade que faria o professor ter um chilique.

Contudo, era evidente que o ar, sob uma pressão que podia chegar a milhares de atmosferas, acabaria passando ao estado sólido. E então, admitindo que nossos corpos resistissem, teríamos de desistir a despeito de todos os raciocínios do mundo.

Mas não me servi desse argumento. Meu tio teria novamente retrucado com seu eterno Saknussemm – antecessor sem valor, pois, mesmo considerando como atestada a viagem do sábio islandês, ainda havia uma coisa bem simples a se responder: no século XVI, nem o barômetro nem o manômetro haviam sido inventados. Então, como Saknussemm pôde determinar sua chegada ao centro do globo?

Mas guardei essa objeção para mim e esperei pelos acontecimentos.

O resto do dia se passou em cálculos e discussões. O tempo todo concordei com o professor Lidenbrock e invejei a perfeita indiferença de Hans, que, sem procurar pelas causas e consequências, ia cegamente para onde o destino o levava.

Aparentemente há um pequeno erro no texto original (texto de domínio público da Biblioteca de Educação da França). Um pouco antes, no mesmo diálogo, o professor Lidenbrock afirma que os exploradores já haviam atingido uma profundidade de 77 km (16 léguas no original). Neste ponto do texto, porém, Axel afirma que eles cumpriram 57 km (12 léguas) do caminho, para logo a seguir voltar a falar em 77 km. (N.T.)

Capítulo 26

Preciso reconhecer que, até então, as coisas estavam indo bem e eu não tinha razões para me lamentar. Se a média das dificuldades não aumentasse, não podíamos deixar de alcançar nosso objetivo. E que glória, então! Cheguei a pensar como
Lidenbrock. É verdade. Seria por causa do estranho meio onde eu estava vivendo? Talvez.

Durante alguns dias, declives mais acentuados – alguns até mesmo de uma assustadora verticalidade – nos embrenharam profundamente no maciço interno. Em algumas jornadas, avançávamos de oito a dez quilômetros em direção ao centro. Eram descidas perigosas, durante as quais a destreza de Hans e seu maravilhoso sangue-frio nos foram muito úteis. O impassível islandês se devotava com uma incompreensível simplicidade, e graças a ele superamos mais de um apuro do qual, sozinhos, não teríamos escapado.

Por outro lado, seu mutismo aumentava a cada dia. Acredito que ele até mesmo nos tomava. Os objetos externos têm uma verdadeira ação sobre o cérebro. Quem se fecha entre quatro paredes acaba perdendo a capacidade de associar as ideias e as palavras. Quantos prisioneiros de solitárias não se tornaram idiotas, e até mesmo loucos, por não exercitarem as faculdades pensantes!

Durante as duas semanas que se seguiram à nossa última conversa, não houve nenhum incidente digno de ser reportado. Só encontro em minha memória, e não sem razão, um único acontecimento de extrema gravidade. Seria difícil esquecer o menor detalhe dele.

No dia 7 de agosto, as sucessivas descidas haviam nos conduzido a uma profundidade de cento e quarenta e cinco quilômetros. Isso significa que havia, acima de nossas cabeças, cento e quarenta e cinco quilômetros de rochas, oceanos, continentes e cidades. Devíamos

estar, naquele momento, a novecentos e sessenta e cinco quilômetros da Islândia.

Naquele dia, o túnel seguia um plano pouco inclinado.

Eu andava à frente. Meu tio levava um dos aparelhos de Ruhmkorff e eu, o outro. Eu estava examinando as camadas de granito.

De repente, ao me virar, percebi que estava sozinho.

"Bom" – pensei –, "andei rápido demais, ou então Hans e meu tio pararam no meio do caminho. Vamos lá, preciso encontrá-los. Ainda bem que a trilha não sobe muito".

Voltei para trás. Caminhei por quinze minutos. Observei. Ninguém. Chamei. Nenhuma resposta. Minha voz se perdeu entre os cavernosos ecos subitamente despertados.

Comecei a ficar inquieto. Um arrepio me percorreu todo o corpo.

– Um pouco de calma – eu disse em voz alta. – Tenho certeza de que vou reencontrar meus companheiros. Não existem dois caminhos! Ora, se eu estava na frente, era só voltar para trás.

Subi durante meia hora. Tentei escutar se algum chamado não me era dirigido. Naquela atmosfera tão densa, ele poderia me chegar de longe. Mas um silêncio extraordinário reinava na imensa galeria.

Parei. Não podia acreditar em meu isolamento. Eu bem queria estar desaparecido, e não perdido. Quando desaparecidos, podemos ser encontrados.

– Vejamos – eu repetia –, como só há uma trilha e como eles a estão seguindo, vou reencontrá-los. Só preciso continuar subindo. A menos que eles, não me vendo e esquecendo que eu os precedia, tenham tido a ideia de voltar para trás. Pois bem! Mesmo nesse caso, se eu me apressar, vou encontrá-los. É evidente!

Eu repetia estas últimas palavras como alguém que tentasse convencer a si mesmo. Aliás, para associar essas ideias tão simples e reuni-las sob a forma de um raciocínio, tive de empregar um tempo bastante longo.

E então uma dúvida me acometeu. Eu estava mesmo na frente? Com certeza. Hans me seguia, precedendo meu tio. Ele até parou por alguns instantes para prender suas bagagens nas costas outra vez. Esse detalhe me veio à mente. Deve ter sido nesse exato instante que

continuei meu caminho.

“Aliás” – pensei –, “tenho um meio certeiro para não me perder, um fio indestrutível para me guiar neste labirinto: meu fiel riacho. Se eu subir o seu curso, inevitavelmente vou reencontrar o rastro dos meus companheiros”.

Esse raciocínio me reanimou. Resolvi retomar a caminhada sem perder um único instante.

Ah, como eu bendisse a precaução de meu tio quando ele impediu o caçador de tapar o talho da parede de granito! Assim, essa benfazeja fonte, depois de ter nos saciado pelo caminho, agora ia me guiar pelas sinuosidades da crosta terrestre.

Antes de subir, achei que uma ablução me faria bem.

Abaixei-me, então, para mergulhar meu rosto nas águas do Hansbach.

Qual não foi a minha surpresa!

Eu pisava em um granito seco e áspero! O riacho não corria mais aos meus pés!

Capítulo 27

Não consigo figurar meu desespero. Nenhuma palavra da língua humana seria capaz de revelar meus sentimentos. Eu era um enterrado vivo e tinha a perspectiva de morrer nas torturas da fome e da sede.

Passei maquinalmente minhas mãos ardentes sobre o chão. Como a rocha me pareceu seca!

Mas como será que eu havia me afastado do curso do riacho? Porque, no fim das contas, ele não estava mais lá! Então entendi a razão daquele estranho silêncio quando tentei escutar, pela última vez, se algum chamado dos meus companheiros não chegava aos meus ouvidos. Desse modo, no momento em que dei meu primeiro passo na trilha imprudente, não percebi a ausência do riacho. Era evidente que, naquele momento, uma bifurcação da galeria se abrira diante de mim, enquanto o Hansbach, obedecendo aos caprichos de outro declive, ia embora com meus companheiros em direção a profundezas desconhecidas.

Como voltar? Não havia rastros. Meus pés não deixavam nenhuma pegada sobre o granito. Quebrei a cabeça procurando a solução desse insolúvel problema. Minha situação se resumia em uma única palavra: perdido!

Sim! Perdido em uma profundidade que me parecia incomensurável! Esses cento e quarenta e cinco quilômetros de crosta terrestre pesavam sobre meus ombros com um peso apavorante! Sentia-me esmagado.

Tentei levar meu pensamento às coisas da terra. Foi com muita dificuldade que consegui fazer isso. Hamburgo, a casa da Königstrasse, minha pobre Grauben, todo esse mundo sob o qual eu me perdia passou rapidamente diante de minha memória assustada. Revi, em uma vívida alucinação, os incidentes da viagem, a travessia, a

Islândia, o sr. Fridriksson, o Sneffels! Disse para mim mesmo que, se na minha situação eu ainda conservasse a sombra de uma esperança, isso seria um sinal de loucura, e que era melhor me desesperar!

De fato, qual poder humano poderia me levar de volta à superfície do globo e fazer com que essas abóbadas enormes escoradas acima de minha cabeça se entreabrissem? Quem poderia me levar até o caminho de volta e me reunir aos meus companheiros?

– Oh! Meu tio! – exclamei com desespero.

Foi a única palavra de lamento que saiu dos meus lábios, pois logo compreendi quanto esse pobre homem também devia estar sofrendo ao me procurar.

Assim, quando me vi impossibilitado de qualquer socorro humano, incapaz de tentar alguma coisa para minha salvação, pensei no socorro dos céus. As lembranças de minha infância e da minha mãe, que eu só conhecera muito menino, vieram-me à mente. Recorri à oração, embora mal tivesse direito de ser ouvido por um Deus a quem me dirigia tão tardiamente, e implorei com fervor.

Essa súplica à Providência me deu um pouco de calma, e então pude concentrar todas as forças de minha inteligência em minha situação.

Eu tinha víveres para três dias e meu cantil estava cheio. No entanto, não podia mais ficar sozinho por muito tempo. Mas será que eu devia subir ou descer?

Subir, é claro! Continuar subindo!

Era assim que eu chegaria ao ponto onde me separara da fonte, à funesta bifurcação. Uma vez que o riacho estivesse aos meus pés, eu ainda poderia voltar ao pico do Sneffels.

Como eu não havia pensado nisso antes? Desse jeito, evidentemente havia uma chance de salvação. O mais urgente, portanto, era reencontrar o curso do Hansbach.

Levantei-me e, apoiando-me em meu bastão de caminhada, subi a galeria. O declive era bastante inclinado. Eu andava com esperança e sem dificuldades, como um homem que não tem escolha quanto ao caminho a se seguir.

Durante meia hora, nenhum obstáculo deteve meus passos. Eu tentava reconhecer o caminho pela forma do túnel, pela saliência de certas

rochas, pela disposição das anfractuosidades. Mas não identifiquei nenhum sinal em particular, e logo percebi que aquela galeria não poderia me levar de volta à bifurcação. Ela não tinha saída. Fui de encontro a uma parede impenetrável e caí em cima da rocha.

Eu não saberia dizer que pavor, que desespero me tomou. Fiquei aniquilado. Minha última esperança acabava de se chocar contra aquela muralha de granito.

Perdido naquele labirinto cujas sinuosidades se cruzavam em todas as direções, eu não tinha mais como tentar uma fuga impossível. Teria de morrer da mais assustadora das mortes! Então me veio à mente – coisa estranha – que, se um dia encontrassem meu corpo fossilizado, essa descoberta a cento e quarenta e cinco quilômetros embaixo da terra levantaria sérias questões científicas!

Quis falar em voz alta, mas só alguns roucos ruídos saíram dos meus lábios ressecados. Eu estava ofegante.

Em meio a essas angústias, um novo terror veio se apoderar de minha mente. Minha lâmpada se amassara ao cair. Eu não tinha como repará-la. Sua luz empalidecia e ia me faltar!

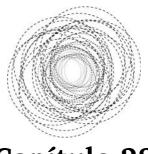
Vi a corrente luminosa diminuir na serpentina do aparelho. Uma procissão de sombras movediças desfilou sobre as paredes ensombradas. Eu não ousava mais baixar minhas pálpebras, temendo perder o menor átomo daquela claridade fugidia! A cada instante, parecia-me que ela ia se esvair e que a escuridão ia me tomar.

Por fim, um último clarão tremeluziu na lâmpada. Eu o segui, aspirei-o com o olhar, concentrei nele todo o poder dos meus olhos, como se se tratasse da última sensação de luz que lhes fosse dada, e então fiquei mergulhado nas imensas trevas.

Que grito terrível me escapou! Sobre a terra, em meio às noites mais profundas, a luz nunca abandona inteiramente as suas funções. Ela é difusa e sutil, mas a retina dos olhos acaba por perceber o mínimo que resta dela! Aqui, nada. A sombra absoluta fazia de mim um cego em toda a acepção da palavra.

E então perdi a cabeça. Levantei e estendi os braços, tentando tatear do modo mais duvidoso. Comecei a fugir, precipitando meus passos ao acaso naquele inextricável labirinto, sempre descendo, correndo pela crosta terrestre como um habitante das fendas subterrâneas, chamando, gritando, urrando, logo ferido pelas saliências das rochas, caindo e me levantando ensanguentado, tentando beber o sangue que

me inundava o rosto e esperando o tempo todo que alguma muralha imprevista viesse oferecer à minha cabeça um obstáculo para ela se chocar.

Para onde essa corrida insensata me levou? Nunca saberei. Depois de muitas horas, sem dúvida tendo esgotado as minhas forças, caí como uma massa inerte ao longo da parede e perdi todo o senso da existência!

Capítulo 28

Quando voltei a mim, meu rosto estava molhado, mas molhado pelas lágrimas. Não saberia dizer quanto tempo durou aquele estado de inconsciência. Eu não tinha mais como me localizar no tempo. Nunca uma solidão foi igual à minha, nunca um abandono foi tão completo!

Depois de minha queda, eu havia perdido muito sangue. Sentia-me inundado por ele. Ah, como eu lamentava não ter morrido e que "isso" ainda tivesse de acontecer! Eu não queria mais pensar. Afugentei todos os pensamentos e, vencido pela dor, rolei para perto da parede oposta.

Eu já sentia o desfalecimento me tomar e, com ele, o aniquilamento supremo, quando um barulho violento veio ferir os meus ouvidos. Parecia o estrondo prolongado de um trovão. Ouvi as ondas sonoras se perderem pouco a pouco nas longínquas profundezas do abismo.

De onde vinha esse barulho? Sem dúvidas de algum fenômeno que se passava no meio do maciço terrestre! A explosão de um gás ou a queda de alguma poderosa escora do globo.

Escutei novamente. Quis saber se esse barulho se repetiria. Quinze minutos se passaram. O silêncio reinava na galeria. Eu não ouvia nem mesmo os batimentos do meu coração.

De repente a minha orelha, encostada por acaso na muralha, pareceu captar algumas palavras vagas, inacessíveis, longínquas. Estremeci.

"É uma alucinação!" – pensei.

Mas não. Ao escutar com mais atenção, realmente ouvi o murmúrio de uma voz. Mas compreender o que era dito é o que a minha fraqueza não me permitia. No entanto, alguém falava. Eu tinha certeza disso.

Por um instante, tive medo de que essas palavras fossem as minhas próprias trazidas de volta pelo eco. Talvez eu tivesse gritado sem perceber. Fechei fortemente os lábios e encostei novamente a orelha na parede.

"Sim, com certeza, alguém está falando! Alguém está falando!"

Ao me dirigir alguns centímetros mais adiante ao longo da muralha, pude ouvir mais claramente. Cheguei a captar palavras incertas, estranhas, incompreensíveis. Elas me chegavam como se tivessem sido pronunciadas em voz baixa – murmuradas, por assim dizer. A palavra *forlorad* era repetida diversas vezes com um tom de dor.

O que ela significava? Quem a pronunciava? Meu tio ou Hans, é claro. Mas se eu os escutava, então eles também podiam me escutar.

– Ajudem-me! – gritei com todas as minhas forças. – Ajudem-me!

Escutei, esperei nas sombras por uma resposta, um grito, um suspiro. Nada se fazia ouvir. Alguns minutos se passaram. Todo um mundo de ideias eclodia em minha mente. Pensei que minha voz enfraquecida talvez não pudesse chegar até os meus companheiros.

"Porque são eles" – eu repetia –, "que outros homens estariam enfurnados a cento e quarenta quilômetros embaixo da terra?"

Tornei a escutar. Ao passar minha orelha sobre a parede, encontrei um ponto matemático onde as vozes pareciam atingir sua altura máxima. A palavra *forlorad* novamente chegou ao meu ouvido, e depois aquele estrondo de trovão que me tirara do torpor.

"Não, não" – eu disse –, "não é através do maciço que essas vozes se fazem ouvir, de modo algum. A parede é feita de granito, e ela não permitiria nem mesmo à mais alta explosão atravessá-la! Este barulho está vindo da própria galeria! Deve haver algum efeito de acústica bem particular!".

Escutei novamente e dessa vez, sim!, dessa vez ouvi meu nome claramente lançado no espaço!

Era meu tio que o pronunciava! Ele conversava com o guia, e a palavra *forlorad* era uma palavra dinamarquesa!

Então compreendi tudo. Para me fazer ouvir, eu devia falar diretamente para aquela muralha, que serviria para conduzir a minha voz como o fio de ferro conduz a eletricidade.

Mas eu não tinha tempo a perder. Se meus companheiros se afastassem alguns passos, o fenômeno acústico estaria destruído. Desse modo, aproximei-me da muralha e pronunciei estas palavras o mais claramente possível:

– Meu tio Lidenbrock!

Esperei na mais vívida ansiedade. O som não tem uma rapidez extrema. A densidade das camadas de ar não aumenta sua velocidade, apenas seu volume. Alguns segundos – séculos – se passaram, e finalmente estas palavras chegaram ao meu ouvido:

– Axel, Axel! É você?

....

– Sim, sim! – respondi.

....

– Meu filho, onde você está?

....

– Perdido na mais profunda escuridão!

....

– Mas e a sua lâmpada?

....

– Apagou.

....

– E o riacho?

....

– Sumiu.

....

– Axel, meu pobre Axel, retome a coragem!

....

– Espere um pouco, estou esgotado. Não tenho mais forças para responder. Mas fale comigo!

....

– Coragem – continuou meu tio. – Não fale, escute-me. Nós o procuramos subindo e descendo a galeria. Impossível encontrá-lo. Ah, como chorei por você, meu filho! Por fim, supondo que você ainda estava no caminho do Hansbach, tornamos a descer dando tiros de fuzil. E agora, se as nossas vozes podem se reunir, é por causa de um puro efeito de acústica, pois nossas mãos não podem se tocar! Mas não se desespere, Axel! Já é alguma coisa nos ouvirmos!

....

Durante esse tempo eu refleti. Uma certa esperança, ainda vaga, voltava ao meu coração. Em primeiro lugar, havia uma coisa que era importante saber. Aproximei, portanto, meu lábios da muralha e disse:

– Meu tio?

....

– Meu filho? – foi a resposta depois de alguns instantes.

....

– Primeiro precisamos saber qual é a distância que nos separa.

....

– Isso é fácil.

....

– O senhor está com o seu cronômetro?

....

– Estou.

....

– Pois bem, pegue-o. Pronuncie meu nome anotando exatamente o segundo em que o disser. Eu vou repeti-lo assim que o ouvir e o senhor, da mesma forma, vai observar o momento exato em que a minha resposta chegar.

....

– Certo, e a média do tempo compreendido entre a minha pergunta e a sua resposta indicará o tempo que a minha voz leva para chegar até você.

....

– Isso mesmo, meu tio.

....

– Você está pronto?

....

– Estou.

....

– Pois bem, preste atenção, vou pronunciar o seu nome.

....

Encostei minha orelha na parede e, assim que a palavra “Axel” me chegou, imediatamente respondi “Axel”, e então esperei.

....

– Quarenta segundos – disse meu tio. – Passaram-se quarenta segundos entre as duas palavras. Portanto, o som leva vinte segundos para subir. Ora, a trezentos e dez metros por segundo, isso dá seis mil e duzentos metros, ou seis quilômetros e duzentos.

....

– Seis quilômetros e duzentos metros! – murmurei.

....

– Ah, isso dá para fazer, Axel!

....

– Mas eu preciso subir ou descer?

....

– Descer, e veja o porquê. Nós chegamos em um espaço amplo onde um grande número de galerias desembocam. Essa que você tomou não pode deixar de trazê-lo até aqui, pois parece que todas essas fendas e fraturas do globo irradiam em torno da imensa caverna que ocupamos. Então se levante e retome o seu caminho. Ande, arraste-se se for preciso, escorregue nos declives inclinados, e você vai nos encontrar de braços abertos para recebê-lo ao final do caminho. Vamos, meu filho, vamos!

....

Essas palavras me reanimaram.

– Adeus, meu tio – exclamei, – estou indo. Assim que eu sair deste lugar, não poderemos mais nos comunicar. Então, adeus!

....

– Adeus, Axel, adeus!

....

Tais foram as últimas palavras que ouvi.

Essa surpreendente conversa pela massa terrestre, que ocorreu a uma distância de mais de seis quilômetros, terminou com essas palavras de esperança. Fiz uma oração de reconhecimento a Deus, já que, em meio àquela sombria imensidão, ele havia me conduzido ao único ponto onde a voz de meus companheiros talvez pudesse me chegar.

Esse admirável efeito de acústica podia ser facilmente explicado pelas leis da física. Ele era causado pela forma do corredor e pela condutibilidade da rocha. Há vários exemplos dessa propagação de sons não perceptíveis nos espaços intermediários. Lembro-me de que em vários lugares esse fenômeno foi observado, como na galeria interna da Catedral de São Paulo, em Londres, e sobretudo naquelas curiosas cavernas da Sicília, aquelas latomias situadas perto de Siracusa, dentre as quais a mais maravilhosa é conhecida pelo nome de Orelha de Dionísio.

Essas lembranças me vieram à mente. Percebi claramente que, como a voz de meu tio chegava até mim, não havia nenhum obstáculo entre nós. Ao seguir a trajetória do som, eu deveria, pela lógica, chegar até ele, caso minhas forças não me traíssem.

Então me levantei. Eu me arrastava mais do que andava. O declive era

bastante íngreme. Eu me deixava escorregar.

Logo a velocidade de minha descida aumentou em uma assustadora proporção e ameaçou se tornar uma queda. Eu não tinha mais forças para parar.

De repente, o chão desapareceu sob os meus pés. Senti-me rolar ricocheteando sobre as asperezas de uma galeria vertical, um verdadeiro poço. Minha cabeça bateu em uma rocha pontuda e eu perdi a consciência.

Capítulo 29

Quando voltei a mim, havia uma meia-luz e eu estava deitado sobre grossos cobertores. Meu tio velava, procurando no meu rosto um resto de existência. Ao meu primeiro suspiro, ele segurou minha mão. Ao meu primeiro olhar, deu um grito de alegria.

– Ele está vivo! Está vivo! – exclamou.

– Estou – respondi com uma voz fraca.

– Meu filho – disse meu tio apertando-me contra o seu peito –, você está salvo!

Fiquei bastante comovido com o tom com que essas palavras foram ditas, e ainda mais com os cuidados que as acompanharam. Mas somente tais provações seriam capazes de despertar no professor uma expansão como essa.

Hans chegou nesse exato momento. Ele viu minha mão na mão do meu tio. Ouso afirmar que seus olhos expressaram um vívido contentamento.

– *God dag* – ele disse.

– Bom dia, Hans, bom dia – murmurei. – E agora, meu tio, diga-me onde estamos neste momento.

– Amanhã, Axel, amanhã. Hoje você ainda está fraco demais. Enrolei sua cabeça com algumas compressas e você não deve desarrumá-las. Então durma, meu garoto, e amanhã você saberá de tudo.

– Mas ao menos que horas são, que dia é hoje? – perguntei.

– São onze horas da noite. Hoje é domingo, dia 9 de agosto, e eu não

lhe permito me fazer nenhuma pergunta antes do dia 10 deste mês.

Na verdade, eu estava bem fraco. Meus olhos se fecharam involuntariamente. Eu precisava de uma noite de repouso, e acabei adormecendo pensando no fato de que meu isolamento havia durado quatro longos dias.[15]

No dia seguinte, quando despertei, olhei ao redor. Minha cama, feita com todas as mantas de viagem, estava instalada em uma encantadora gruta cujo teto era ornamentado com magníficas estalagmites e cujo chão era recoberto por uma areia fina. Uma meia-luz reinava ali. Nenhuma tocha, nenhuma lâmpada estava acesa, e, no entanto, uma claridade inexplicável vinha de fora, penetrando por uma estreita abertura da gruta. Eu também ouvia um murmúrio vago e indefinido parecido com o das ondas se quebrando na praia, e às vezes os assovios da brisa.

Perguntava-me se estava mesmo acordado, se ainda sonhava, se a minha cabeça endoidecida pela queda não captava ruídos puramente imaginários. Mas nem os meus olhos nem os meus ouvidos podiam se enganar a tal ponto.

“Um raio de sol está entrando pela fenda dos rochedos!” – pensei. – “Estou ouvindo o murmúrio das ondas, o assovio da brisa! Será que estou enganado ou já voltamos à superfície da terra? Será que meu tio renunciou à sua expedição ou ela felizmente já acabou?”

Eu me fazia essas perguntas insolúveis quando o professor entrou.

– Bom dia, Axel! – ele disse alegremente. – Eu aposto que você está se sentindo bem!

– Estou, sim – respondi me recompondo sobre os cobertores.

– Era de se esperar, pois você dormiu tranquilamente. Hans e eu nos revezamos para velá-lo e vimos a sua saúde fazer progressos notáveis.

– Eu realmente me sinto reanimado, e prova disso é que vou honrar o desjejum que o senhor vai ter a bondade de me servir!

– Você já vai comer, meu garoto. Sua febre acabou. Hans esfregou suas feridas com não sei qual unguento secreto dos islandeses e elas cicatrizaram às maravilhas. Nosso caçador é um homem distinto!

Enquanto falava, meu tio preparava alguns alimentos que depois devorei, apesar de suas recomendações. Durante esse tempo, enchi-o

de perguntas que ele se apressou em responder.

Soube então que a minha queda providencial havia me levado precisamente até a extremidade de uma galeria quase perpendicular. Como eu chegara no meio de uma torrente de pedras – dentre as quais a menor era suficiente para me esmagar –, era de se imaginar que uma parte do maciço tivesse escorregado junto comigo. Assim, esse assustador veículo me transportara até os braços de meu tio, onde caí sangrando e inanimado.

– É realmente espantoso que você não tenha se matado mil vezes – ele me disse. – Mas não nos separemos mais, por Deus, pois correríamos o risco de jamais nos reencontrar.

"Não nos separemos mais"? Então a viagem não havia acabado? Arregalei meus olhos espantado, o que provocou imediatamente esta pergunta:

– O que você tem, Axel?

– Uma pergunta a lhe fazer. O senhor está dizendo que estou são e salvo?

– É claro.

– Todos os meus membros estão intactos?

– Com certeza.

– E a minha cabeça?

– A sua cabeça, exceto por alguns ferimentos, está perfeitamente no lugar, em cima do seu pescoço.

– Bom… Então temo que meu cérebro tenha sido afetado.

– Afetado?

– Sim. Nós não estamos de volta à superfície do globo?

– É claro que não!

– Então devo estar louco, pois estou vendo a luz do dia e escutando o barulho do vento soprando e do mar se quebrando!

– Ah! Mas então é só isso?

– O senhor pode me explicar?

– Não vou lhe explicar nada, pois isso é inexplicável. Mas você vai ver e vai entender que a ciência geológica ainda não disse suas últimas palavras.

– Então vamos sair! – exclamei me levantando bruscamente.

– Não, Axel, não! O ar fresco poderia lhe fazer mal.

– O ar fresco?

– Sim, o vento está bastante forte. Eu não quero que você se exponha assim.

– Mas eu lhe garanto que estou me sentindo muito bem.

– Um pouco de paciência, meu garoto. Uma recaída nos colocaria em uma enrascada, e nós não temos tempo a perder, pois a travessia pode ser longa.

– A travessia?

– Sim. Descanse por hoje ainda, e amanhã embarcamos.

– Embarcamos?

Esta última palavra me fez dar um pulo.

Como assim? Embarcar? Então tínhamos um rio, um lago, um mar à nossa disposição? Uma embarcação estaria ancorada em algum porto subterrâneo?

Minha curiosidade foi instigada até o mais alto grau. Meu tio tentou me conter em vão. Quando viu que minha impaciência me faria mais mal do que a satisfação de minhas vontades, ele cedeu.

Vesti-me rapidamente. Por precaução, também me enrolei em uma das mantas e saí da gruta.

Também neste ponto há um pequeno erro no texto original (texto de domínio público da Biblioteca de Educação da França). No capítulo XXVI, um pouco antes de narrar o episódio em que se perdeu de seus companheiros, Axel afirma que aquele dia era 7 de agosto. Portanto, como o grupo se reencontrou no dia 9 do mesmo mês, Axel ficou

apenas três dias perdido, não quatro. (N.T.)

Capítulo 30

No início, não vi nada. Meus olhos, desacostumados à luz, fecharam-se bruscamente. Quando pude reabri-los, fiquei mais atônito do que maravilhado.

– O mar! – exclamei.

– Sim – respondeu meu tio –, o Mar Lidenbrock. Gosto de pensar que nenhum navegante disputará comigo a honra de tê-lo descoberto e o direito de nomeá-lo com seu nome!

Um vasto lençol de água – o começo de um lago ou de um oceano – estendia-se para além dos limites da visão. A costa, bastante recortada, oferecia às últimas ondulações das águas uma areia fina, dourada e salpicada de pequenas conchas onde viveram os primeiros seres da criação. As ondas se quebravam com o murmúrio sonoro particular aos ambientes fechados e imensos. Uma leve espuma esvoaçava ao sopro de um vento moderado, e alguns respingos chegavam-me ao rosto. Nessa praia ligeiramente inclinada, a mais ou menos duzentos metros do limite das ondas, vinham morrer os contrafortes de rochedos enormes que subiam alargando-se até uma altura incomensurável. Alguns deles, rasgando a costa com suas arestas afiadas, formavam cabos e promontórios roídos pelos dentes da ressaca. Mais ao longe, o olhar seguia sua massa claramente perfilada sobre o fundo enevoado do horizonte.

Era um verdadeiro oceano, com o contorno caprichoso das orlas terrestres, mas deserto e com um aspecto assustadoramente selvagem.

Se meus olhos eram capazes de passear por esse mar a uma longa distância, é porque uma luz especial o iluminava em seus mínimos detalhes. Não era a luz do sol, com os seus feixes brilhantes e a irradiação esplêndida de seus raios, nem o clarão pálido e vago do

astro da noite, que não passa de um reflexo sem calor. Não. O poder iluminador dessa luz, sua difusão tremeluzente, sua brancura clara e seca, a baixa intensidade de sua temperatura e seu brilho na verdade superior ao da lua evidentemente acusavam uma origem puramente elétrica. Era como uma aurora boreal, um fenômeno cósmico contínuo que preenchia aquela caverna capaz de conter um oceano.

A abóbada suspensa acima de minha cabeça – o céu, por assim dizer – parecia feita de grandes nuvens, vapores movediços e inconstantes que, por conta do efeito da condensação, em alguns dias deviam se desmanchar em chuvas torrenciais. Eu tendia a acreditar que, sob uma pressão tão forte da atmosfera, a água não evaporaria. No entanto, por uma razão física que me escapava, havia grandes nuvens carregadas no ar. Fazia, então, um "dia bonito". As tramas elétricas produziam impressionantes jogos de luz sobre as nuvens mais elevadas. Vívidas sombras se desenhavam nas volutas inferiores destas, e com frequência, entre duas camadas espaçadas, um raio de notável intensidade deslizava até nós. Porém, no fim, não era o sol, pois faltava calor à sua luz. O efeito disso era triste, majestosamente melancólico. Em vez de um firmamento de estrelas brilhantes, eu sentia acima dessas nuvens uma abóbada de granito esmagando-me com todo o seu peso. Além disso, esse espaço, por mais imenso que fosse, não bastaria à trajetória do menos ambicioso dos satélites.

Lembrei-me, então, da teoria de um capitão inglês que comparava a Terra a uma vasta esfera oca dentro da qual o ar se mantinha luminoso por causa de sua pressão, enquanto dois astros, Plutão e Proserpina, desenhavam ali suas misteriosas órbitas. Teria ele dito a verdade?

Estávamos realmente presos em uma enorme escavação. Não podíamos avaliar nem sua largura, pois a costa prolongava-se a perder de vista, nem seu comprimento, pois o olhar logo era impedido por uma linha do horizonte um tanto indecisa. Quanto à sua altura, ela devia superar vários quilômetros. Onde essa abóbada se apoiava nos contrafortes de granito? O olho era incapaz de perceber. Mas havia uma certa nuvem suspensa a quase quatro mil metros na atmosfera – altitude superior àquela dos vapores terrestres –, sem dúvida por conta da considerável densidade do ar.

A palavra "caverna" evidentemente não é capaz de expressar meu pensamento para ilustrar aquele imenso ambiente. Mas as palavras da língua humana não são suficientes para quem se aventura nos abismos do globo.

Eu não sabia, aliás, por qual fato geológico explicar a existência de tal escavação. O resfriamento do globo poderia tê-la produzido? Eu conhecia bem, pelos relatos de viajantes, algumas cavernas célebres, mas nenhuma delas apresentava semelhantes dimensões.

Se a Caverna dos Guácharos, na Colômbia, visitada pelo sr. Humboldt, não entregou o segredo de sua profundidade a esse sábio, que a perscrutou em um espaço de setecentos e sessenta metros, ela provavelmente não se estende muito além disso. A imensa Caverna do Mamute, no Kentucky, de fato apresenta proporções gigantescas, pois sua abóbada eleva-se a cento e cinquenta metros acima de um lago insondável, e alguns viajantes percorreram-na por mais de cinquenta quilômetros sem encontrar seu fim. Mas o que eram essas cavidades perto daquela que eu então admirava, com seu céu de vapores, suas irradiações elétricas e um vasto mar contido em seus flancos? Minha imaginação se sentia impotente diante daquela imensidão.

Eu contemplava todas essas maravilhas em silêncio. Faltavam-me palavras para expressar minhas sensações. Acreditava estar assistindo, em algum planeta longínquo, como Urano ou Netuno, a fenômenos dos quais a minha natureza "terrestrial" não tinha consciência. Eram necessárias palavras novas para novas sensações, e minha imaginação não as fornecia. Eu olhava, pensava, admirava com uma estupefação misturada a uma certa dose de assombro.

A imprevisibilidade desse espetáculo devolvera ao meu rosto as cores da saúde. Eu estava me tratando pela admiração e realizando minha cura por meio dessa nova terapia. Aliás, a vivacidade de um ar tão denso me reanimava, fornecendo mais oxigênio aos meus pulmões.

Depois de um aprisionamento de quarenta e sete dias em uma galeria estreita, compreende-se bem como era infinita a alegria de aspirar uma brisa carregada de úmidas emanações salinas.

Desse modo, eu não tinha por que lamentar ter saído de minha gruta escura. Meu tio, já acostumado àquelas maravilhas, não se impressionava mais.

– Você sente que tem forças para passear um pouco? – perguntou-me.

– Sim, claro – respondi. – Nada seria mais agradável!

– Pois bem, segure meu braço, Axel, e vamos contornar as sinuosidades da costa.

Aceitei prontamente e começamos a margear esse novo oceano. À

esquerda, alguns rochedos escarpados, dispostos uns sobre os outros, formavam um amontoado titânico de prodigioso efeito. Sobre seus flancos desenrolavam-se inúmeras cascatas que se desmanchavam em lençóis límpidos e ruidosos. Alguns vapores leves, saltando de uma rocha à outra, indicavam o lugar das fontes quentes, e alguns riachos corriam devagar rumo à bacia comum, procurando nos declives a ocasião de murmurar mais agradavelmente.

Dentre esses riachos, reconheci nosso fiel companheiro de trilha, o Hansbach, que vinha se perder tranquilamente no mar, como se jamais tivesse feito outra coisa desde o começo do mundo.

– Ele vai nos fazer falta daqui para a frente – eu disse com um suspiro.

– Ora! – respondeu o professor. – Ele ou outro, que diferença faz?

Achei essa resposta um tanto ingrata.

Mas nesse momento minha atenção foi desviada por um espetáculo inesperado. A quinhentos passos, na curva de um alto promontório, uma floresta alta, densa e espessa apareceu diante de nossos olhos. Era feita de árvores de tamanho médio, com formato de guarda-sóis regulares, de contornos claros e geométricos. As correntes da atmosfera não pareciam ter efeito sobre suas folhagens, e, em meio à brisa, elas permaneciam imóveis como se fossem um maciço de cedros petrificados.

Apressei o passo. Eu não conseguia dar um nome àquelas essências singulares. Será que elas não faziam parte das duzentas mil espécies vegetais conhecidas até então? Seria preciso atribuir-lhes um lugar especial na flora das vegetações lacustres? Não. Quando chegamos embaixo de sua sombra, fiquei tão surpreso quanto maravilhado.

Na verdade, eu estava em presença de produtos da terra, mas concebidos em um tamanho gigantesco. Meu tio os chamou imediatamente pelo nome.

– Isto é apenas uma floresta de cogumelos – ele disse.

E não estava enganado. É de se imaginar o desenvolvimento que essas plantas caras aos meios quentes e úmidos adquiriram ali. Eu sabia que o *Lycoperdon giganteum* atinge, segundo Bulliard, dois metros e meio a três metros de circunferência. Mas aqui se tratava de cogumelos brancos, de dez a doze metros de altura e com um chapéu de diâmetro semelhante. Havia milhares deles. A luz não conseguia atravessar sua sombra espessa, e uma escuridão completa reinava sob esses domos

justapostos como os telhados redondos de um vilarejo africano.

Mesmo assim quis avançar mais. Um frio mortal descia daquelas abóbadas carnudas. Durante meia hora, deambulamos no meio daquelas úmidas trevas, e foi com um verdadeiro sentimento de bem-estar que reencontrei a orla do mar.

Mas a vegetação dessa região subterrânea não se limitava aos cogumelos. Mais adiante elevavam-se em grupos outras árvores de folhagem desbotada. Era fácil reconhecê-las. Tratava-se dos humildes arbustos da terra, mas com dimensões fenomenais – licopódios de trinta metros de altura, sigilárias gigantes, samambaias arborescentes e grandes como os pinheiros das altas latitudes, e lepidodendráceas de caules cilíndricos bifurcados, terminados em longas folhas e eriçados de espinhos ásperos como monstruosas suculentas.

– Impressionante, magnífico, esplêndido! – exclamou meu tio. – Aqui está toda a flora da segunda época do mundo, da época da transição. Eis aqui essas humildes plantas de nosso jardim, que eram árvores nos primeiros séculos do globo! Olhe, Axel, admire! Nunca um botânico esteve em semelhante festa!

– O senhor tem razão, meu tio! A Providência parece ter desejado conservar nesta imensa estufa essas plantas antediluvianas, tão felizmente reconstruídas pela sagacidade dos sábios.

– Você deu o nome certo, meu garoto, é uma estufa. Mas você daria um nome ainda melhor se acrescentasse que isto talvez tenha sido um zoológico.

– Um zoológico?

– Sim, sem dúvida. Veja esta poeira em que pisamos, estas ossadas espalhadas pelo chão.

– Ossadas! – exclamei. – Sim, são ossadas de animais antediluvianos!

Precipitei-me sobre aqueles detritos seculares feitos de uma substância mineral indestrutível.[16] Sem hesitar, eu atribuía nomes aos gigantescos ossos que pareciam troncos de árvores ressecadas.

– Este aqui é o maxilar inferior do Mastodonte – eu dizia. – Estes aqui são os molares do Dinotério. Este aqui é um fêmur que só pode ter pertencido ao maior desses animais, o Megatério. Sim, realmente aqui foi um zoológico, pois estas ossadas com certeza não foram trazidas até aqui por um cataclismo. Os animais às quais elas pertenciam

viveram na costa deste mar subterrâneo, à sombra destas plantas arborescentes. Olhe, estou vendo esqueletos inteiros. E no entanto…

– E no entanto? – disse meu tio.

– Eu não compreendo a presença desses quadrúpedes nesta caverna de granito.

– Por quê?

– Porque a vida animal só existiu sobre a terra nos períodos secundários, quando o terreno sedimentar foi formado pelos aluviões, substituindo as rochas incandescentes da época primitiva.

– Pois bem! Axel, há uma resposta muito simples à sua objeção: é que este terreno aqui é um terreno sedimentar.

– Como? A uma tal profundidade abaixo da superfície da terra?

– Sem dúvida, e esse fato pode ser explicado geologicamente. Em uma determinada época, a Terra era formada apenas por uma crosta elástica sujeita, em virtude das leis de atração, a movimentos alternados para cima e para baixo. É provável que tenha havido deslizamentos de terra e que uma parte dos terrenos sedimentares tenha sido carregada para o fundo dos abismos repentinamente abertos.

– Pode ser. Mas se alguns animais antediluvianos viveram nestas regiões subterrâneas, quem nos garante que algum desses monstros ainda não esteja vagando no meio dessas florestas sombrias ou atrás das rochas escarpadas?

Diante dessa ideia, interroguei com o olhar, não sem espanto, os diversos pontos do horizonte. Mas nenhum ser vivo aparecia naquela orla deserta.

Eu estava um pouco cansado. Assim, fui me sentar na ponta de um promontório ao pé do qual as ondas vinham se quebrar ruidosamente. Dali o meu olhar abarcava toda a baía formada por um recorte da costa. Ao fundo, havia um pequeno porto disposto entre as rochas piramidais. Suas águas calmas dormiam ao abrigo do vento. Um brigue e duas ou três escunas poderiam facilmente ancorar ali. Eu quase esperava ver algum navio içando todas as suas velas e zarpando sob a brisa do sul.

Mas essa ilusão rapidamente se dissipou. Éramos de fato as únicas

criaturas vivas daquele mundo subterrâneo. Durante algumas calmarias do vento, um silêncio mais profundo que os silêncios do deserto descia sobre as rochas áridas e pesava sobre a superfície do oceano. Eu tentava, então, atravessar as brumas longínquas e levantar a cortina fechada sobre o fundo misterioso do horizonte. Quais perguntas se comprimiam nos meus lábios? Onde terminava aquele mar? Para onde ele levava? Será que chegaríamos a conhecer suas margens opostas?

Meu tio não tinha dúvidas disso. Quanto a mim, eu estava desejante e temeroso ao mesmo tempo.

Depois de uma hora transcorrida na contemplação desse maravilhoso espetáculo, retomamos o caminho da praia para voltar à gruta, e foi sob a influência dos mais estranhos pensamentos que caí em um sono profundo.

Fosfato de cálcio. (N.O.)

Capítulo 31

No dia seguinte, acordei completamente recuperado. Pensei que um banho seria bastante edificante e fui mergulhar por alguns minutos nas águas daquele Mediterrâneo. Com certeza ele merecia esse nome.

Depois, com um belo apetite, voltei para comer. Hans cozinhava habilmente nosso pequeno menu. Havia água e fogo à sua disposição, de modo que ele pôde variar um pouco o nosso cardápio ordinário. Na sobremesa, serviu-nos algumas xícaras de café, e nunca aquela deliciosa bebida me parecera tão agradável de se degustar.

– Agora – disse meu tio – é a hora da maré, e nós não podemos perder a chance de estudar esse fenômeno.

– Como? Da maré? – exclamei.

– Claro.

– A influência da lua e do sol é sentida até aqui?

– Por que não? Os corpos, em seu conjunto, não estão sujeitos à atração universal? Pois então, esta massa de água não pode escapar à lei geral. Assim, apesar da pressão atmosférica exercida em sua superfície, você vai vê-la se erguer como o próprio Atlântico.

Naquele momento, pisávamos na areia da margem e as ondas pouco a pouco ganhavam a praia.

– A maré está subindo! – exclamei.

– Pois é, Axel, e segundo estas marcas deixadas pela espuma, você pode ver que o mar subiu mais ou menos três metros.

– É maravilhoso!

– Não, é natural!

– Apesar do que você diz, meu tio, tudo isto me parece extraordinário. Eu mal consigo acreditar nos meus olhos. Quem poderia imaginar que, dentro da crosta terrestre, haveria um verdadeiro oceano com seus fluxos e refluxos, suas brisas e suas tempestades?

– E por que não? Haveria alguma razão física contra isso?

– Não vejo nenhuma, já que temos de desistir do sistema do calor central.

– Portanto, até aqui a teoria de Davy está justificada?

– Com certeza, e consequentemente nada contradiz a existência de mares ou de regiões no interior do globo.

– Sem dúvida, mas desabitadas.

– Ora! Por que estas águas não forneceriam abrigo a alguns peixes de uma espécie desconhecida?

– Em todo caso, não vimos nenhum até agora.

– Bom, podemos fabricar algumas linhas e ver se o anzol terá tanto sucesso aqui embaixo quanto nos oceanos sublunares.

– Vamos tentar, Axel. Temos de sondar todos os segredos destas novas regiões.

– Mas onde nós estamos, meu tio? Ainda não lhe fiz essa pergunta, e os instrumentos do senhor devem ter essa resposta.

– Horizontalmente, estamos a mil e seiscentos quilômetros da Islândia.

– Tudo isso?

– Tenho certeza de que não estou nem um quilômetro enganado.

– E a bússola, ainda está indicando o Sudeste?

– Está, com uma declinação ocidental de dezenove graus e quarenta e dois minutos, exatamente como em cima da terra. Quanto à inclinação, há um fato curioso que observei com todo o cuidado.

– Qual?

– É que a agulha, em vez de se inclinar em direção ao polo, como é o caso no hemisfério boreal, está se movendo ao contrário.

– Então devemos concluir que o ponto de atração magnética está compreendido entre a superfície do globo e o lugar onde estamos?

– Exatamente. E se chegássemos às regiões polares, mais ou menos ao septuagésimo grau, onde James Ross descobriu o polo magnético, é provável que veríamos a agulha se erguer verticalmente. Portanto, esse misterioso centro de atração não está situado a uma grande profundidade.

– É verdade, e esse é um fato de que a ciência não suspeitou.

– A ciência, meu garoto, é feita de erros, mas de erros que é preciso cometer, pois pouco a pouco eles conduzem à verdade.

– E a que profundidade estamos?

– A uma profundidade de cento e setenta quilômetros.

– Mas então a parte montanhosa da Escócia está acima de nós – eu disse observando o mapa –, e, bem aqui, os Montes Grampianos elevam seus cumes cobertos de neve até uma altura extraordinária.

– Verdade – respondeu o professor rindo. – É um pouco pesado de se carregar, mas a abóbada é sólida. O grande arquiteto do universo construiu-a com bons materiais. O homem jamais teria sido capaz de concebê-la! O que são os arcos das pontes e das catedrais perto dessa nave de raio de quinze quilômetros, embaixo da qual um oceano e algumas tempestades podem se desenvolver à vontade?

– Ah, mas eu não tenho medo de que o céu me caia sobre a cabeça! Agora, meu tio, quais são os seus projetos? O senhor não está pensando em voltar à superfície do globo?

– Voltar? Como assim? Muito pelo contrário, penso em continuar nossa viagem, pois até aqui tudo correu muito bem.

– Mas eu não vejo como podemos penetrar nessa planície líquida.

– E eu não pretendo pôr o carro à frente dos bois. Mas se os oceanos, de modo propriamente dito, não passam de lagos, já que são contornados pela terra, é uma razão ainda maior para que este mar subterrâneo esteja circundado pelo maciço de granito.

– Sim, não há dúvidas.

– Pois bem! Tenho certeza de que vou encontrar novas saídas na margem oposta.

– E o senhor acha que este mar tem que comprimento?

– Cento e cinquenta ou duzentos quilômetros.

– Ah! – eu disse, imaginando que essa estimativa bem que podia estar incorreta.

– Assim, não temos tempo a perder. Amanhã mesmo já nos lançaremos ao mar.

Involuntariamente, procurei com os olhos o navio que deveria nos transportar.

– Ah – eu disse –, vamos embarcar! Ótimo! Mas vamos tomar qual barco?

– Não será um barco, meu garoto, mas uma boa e sólida jangada.

– Uma jangada! – exclamei. – Uma jangada é tão impossível de se construir quanto um navio, e eu não estou vendo…

– Você não está vendo, Axel, mas se você escutasse, poderia ouvir!

– Ouvir?

– Pois é, ouvir algumas marteladas que o fariam saber que Hans já pôs as mãos à obra.

– Ele está construindo uma jangada?

– Está.

– Como? Ele já derrubou algumas árvores com o machado?

– Ah, as árvores já estavam todas derrubadas. Venha e você vai vê-lo trabalhando.

Depois de quinze minutos de caminhada, do outro lado do promontório que formava o pequeno porto natural, vi Hans ao trabalho. Mais alguns passos e eu estava perto dele. Para minha grande surpresa, uma jangada quase terminada estendia-se sobre a areia. Era feita de vigas de uma madeira particular, e um grande

número de pranchas retas, curvadas e tábuas laterais de todo tipo literalmente recobriam o chão. Havia o suficiente para construir uma flotilha inteira.

– Meu tio – falei –, que madeira é esta?

– São pinheiros, abetos, bétulas, todas essas espécies das coníferas do norte mineralizadas pela ação das águas do mar.

– E isso é possível?

– É o que chamam de *surtarbrandur*, ou madeira fóssil.

– Mas então ela deve ter, como o lignito, a dureza de uma pedra. Será que pode flutuar?

– Às vezes, sim. Há algumas dessas madeiras que se tornam verdadeiros antracitos. Mas há outras, como estas, que só começaram a sofrer uma transformação fóssil. Observe você mesmo – acrescentou meu tio, jogando ao mar um daqueles preciosos detritos.

O pedaço de madeira, depois de ter desaparecido, voltou à superfície das águas e oscilou ao sabor de suas ondulações.

– Você está convencido? – disse meu tio.

– Estou convencido, sobretudo, de que isso é inacreditável!

Na noite seguinte, graças à habilidade do guia, a jangada estava pronta. Ela tinha três metros de altura por um e meio de largura. As vigas de *surtarbrandur*, unidas entre si por fortes cordas, ofereciam uma superfície sólida. Quando foi lançada às águas, essa embarcação improvisada flutuou tranquilamente sobre o Mar Lidenbrock.

Capítulo 32

No dia 13 de agosto, acordamos bem cedo. Íamos inaugurar um novo tipo de locomoção, rápido e pouco cansativo.

Um mastro feito com dois paus unidos, uma verga formada por um terceiro e uma vela emprestada de nossas mantas compunham todo o aparelhamento da jangada. Não nos faltavam cordas. O conjunto era sólido.

Às seis horas, o professor deu o sinal de embarque. Os víveres, as bagagens, os instrumentos, as armas e uma notável quantidade de água doce recolhida nos rochedos já estavam em seus lugares.

Hans havia instalado um leme que lhe permitiria dirigir o aparelho flutuante. Ele se pôs ao timão. Soltei a amarra que nos prendia à margem. A vela foi orientada e nós zarpamos rapidamente.

No momento de deixar o pequeno porto, meu tio, que se interessava pela nomenclatura geográfica, quis lhe dar um nome, o meu nome.

– Puxa! – eu disse. – Mas tenho outro a lhe propor.

– Qual?

– O nome de Grauben, Porto Grauben. Vai ficar muito bonito no mapa.

– Então vai ser Porto Grauben.

E foi assim que a lembrança de minha querida virlandesa reuniu-se à nossa afortunada expedição.

A brisa soprava do Nordeste. Seguíamos com vento em popa e uma extrema rapidez. As densas camadas da atmosfera tinham um impulso

considerável e agiam sobre a vela como um potente ventilador.

Uma hora depois, meu tio pôde determinar com precisão nossa velocidade.

– Se continuarmos avançando assim – ele disse –, faremos ao menos cento e quarenta quilômetros a cada vinte e quatro horas, e assim não tardaremos a conhecer as margens opostas.

Não respondi. Fui ocupar meu lugar à frente da jangada. A costa setentrional já diminuía no horizonte. Os dois braços da orla abriam-se amplamente, como que para facilitar a nossa partida. Um mar imenso se estendia diante dos meus olhos. Em sua superfície passeavam as sombras de grandes nuvens cinzentas, que pareciam pesar sobre a água monótona. Os raios prateados da luz elétrica, refletidos aqui e ali por alguma gotícula, faziam eclodir pontos luminosos na espuma deixada pela embarcação. Logo perdemos a terra de vista e todos os pontos de referência desapareceram. Sem o rastro espumante da jangada, eu tenderia a acreditar que ela se mantinha perfeitamente imóvel.

Por volta do meio-dia, algas imensas vieram ondular na superfície das águas. Eu conhecia a potência vegetativa dessas plantas que, no fundo dos mares, rastejam a uma profundidade de mais de três mil e quinhentos metros, reproduzem-se sob uma pressão de quatrocentas atmosferas e formam, com frequência, bancos grandes o bastante para atravancar o avanço dos navios. Mas jamais existiram algas mais gigantescas do que aquelas do Mar Lidenbrock.

Nossa jangada margeou alguns fucos de mil a mil e duzentos metros de comprimento, imensas serpentes que se desenrolavam para além do alcance da visão. Eu me divertia seguindo com o olhar suas faixas infinitas, acreditando o tempo todo que já alcançara suas pontas, mas durante horas inteiras minha impaciência e até mesmo meu espanto estavam enganados.

Que força da natureza era capaz de produzir tais plantas? E qual não devia ser o aspecto da Terra nos primeiros séculos de sua formação, quando, sob a ação do calor e da umidade, apenas o reino vegetal se desenvolvia na superfície?

A noite chegou. Assim como eu observara na véspera, o estado luminoso do ar não sofreu nenhuma diminuição. Era um fenômeno constante e nós podíamos contar com sua durabilidade.

Depois da ceia, estendi-me ao pé do mastro e não demorei a

adormecer em meio a indolentes devaneios.

Hans, imóvel ao leme, deixava a jangada correr. Aliás, impulsionada pelo vento em popa, ela nem precisava ser dirigida.

Desde a nossa partida do Porto Grauben, o professor Lidenbrock havia me encarregado de manter o "diário de bordo", anotar as mínimas observações e registrar os fenômenos interessantes, a direção do vento, a velocidade adquirida e o caminho percorrido – em poucas palavras, todos os incidentes daquela estranha navegação.

Vou me limitar, portanto, a reproduzir aqui essas anotações cotidianas – escritas, por assim dizer, ao sabor dos acontecimentos –, a fim de fornecer um relato mais fiel de nossa travessia.

Sexta-feira, 14 de agosto – Brisa constante do NO. A jangada avança rapidamente e em linha reta. A costa está a cento e quarenta quilômetros a sotavento. Nada no horizonte. A intensidade da luz não varia. Bom tempo, isto é, as nuvens estão bem elevadas, pouco densas e banhadas em uma atmosfera branca, como se fosse prata em fusão.

Termômetro: $+32^\circ$ centígrados.

Ao meio-dia Hans prepara um anzol na ponta de uma corda. Ele o isca com um pequeno pedaço de carne e o lança ao mar. Durante duas horas, não pega nada. Será que estas águas são inabitadas? Não. A linha é sacudida. Hans a puxa e apanha um peixe que se debate com vigor.

– Um peixe! – exclama meu tio.

– É um esturjão! – exclamo por minha vez. – Um esturjão de pequeno porte.

O professor observa atentamente o animal e não compartilha a minha opinião. Esse peixe tem a cabeça chata e arredondada e a parte anterior do corpo recoberta por placas ósseas. Sua boca é privada de dentes. Nadadeiras peitorais bem desenvolvidas ajustam-se ao seu corpo desprovido de cauda. Esse animal de fato pertence à ordem na qual os naturalistas classificaram o esturjão, mas difere deste por aspectos bastante essenciais.

Meu tio não estava enganado, pois, depois de um exame bem rápido, diz:

– Este peixe pertence a uma família extinta há séculos, da qual encontramos apenas os vestígios fósseis no terreno devoniano.

– Como? – eu disse. – E nós fomos capazes de capturar vivo um desses habitantes dos mares primitivos?

– Pois é – respondeu o professor continuando suas observações –, e você está vendo que esses peixes fósseis não têm nenhuma similaridade com as espécies atuais. Ora, segurar um destes seres vivo é uma verdadeira alegria para um naturalista.

– Mas a qual família ele pertence?

– À ordem dos Ganoides, família dos Cefalaspídeos, gênero...

– Gênero?

– Eu poderia jurar que é do gênero dos Pterychtis. Mas este aqui apresenta uma particularidade que, digamos, é encontrada nos peixes das águas subterrâneas.

– E qual é?

– Ele é cego!

– Cego?

– Não apenas é cego, como o órgão da visão lhe falta completamente.

Observo. Realmente é verdade, mas talvez seja um caso particular. Então a linha é iscada de novo e lançada ao mar. Esse oceano com certeza tem muitos peixes, pois em duas horas pegamos uma grande quantidade de Pterychtis, assim como alguns peixes pertencentes a uma família também extinta, os Dipterides, mas cujo gênero meu tio não conseguiu reconhecer. Todos são desprovidos do órgão da visão. Essa pesca inesperada renova vantajosamente as nossas provisões.

Assim, isto parece ser constante: este mar só contém espécies fósseis, sendo que tanto os peixes quanto os répteis são mais perfeitos quanto mais antiga for a sua criação.

Talvez encontremos alguns desses sáurios que a ciência soube recompor a partir de um pedaço de osso ou de cartilagem.

Pego a luneta e examino o mar. Ele está deserto. Sem dúvida ainda estamos muito perto da costa.

Olho para os ares. Por que alguns desses pássaros reconstituídos pelo imortal Cuvier não bateriam suas asas naquelas pesadas camadas atmosféricas? Os peixes lhes forneceriam alimento suficiente. Observo o espaço, mas os ares são desabitados como as orlas.

Contudo, minha imaginação me carrega pelas maravilhosas hipóteses da paleontologia. Sonho acordado. Acredito ver à superfície das águas enormes quelônios, tartarugas antediluvianas parecidas com ilhotas flutuantes. Tenho a impressão de que, nas praias escuras, passeiam os grandes mamíferos dos primeiros dias: o
Leptotério, encontrado nas cavernas do Brasil, e o Mericotério, vindo das regiões congeladas da Sibéria. Mais ao longe, o paquiderme Lofiodonte, essa gigantesca anta, esconde-se por trás das rochas, pronto para disputar sua presa com o Anoplotério, animal estranho que tem algo do rinoceronte, do cavalo, do hipopótamo e do camelo, como se o Criador, apressado nas primeiras horas do mundo, tivesse reunido vários animais em um só. O Mastodonte gigante gira sua tromba e esmaga os rochedos da margem com suas presas, enquanto o Megatério, apoiado em suas enormes patas, remexe a terra despertando com seus rugidos o eco dos granitos sonoros. Mais acima, o Protopiteco, o primeiro macaco surgido na superfície do globo, escala os cumes escarpados. Mais acima ainda, o Pterodáctilo, com sua mão alada, desliza como um grande morcego pelo ar comprimido. Finalmente, nas últimas camadas, alguns pássaros imensos, mais imponentes que o casuar, maiores que o avestruz, exibem suas vastas asas e batem a cabeça contra a parede da abóbada de granito.

Todo esse mundo fóssil renasce na minha imaginação. Reporto-me às épocas bíblicas da criação, muito antes do nascimento do homem, quando a Terra incompleta ainda não lhe era suficiente. E então meu sonho se antecipa à aparição dos seres animados. Os mamíferos desaparecem, e depois os pássaros, e depois os répteis da época secundária, e finalmente os peixes, os crustáceos, os moluscos e os articulados. Os zoófitos do período da transição, por sua vez, também retornam ao nada. Toda a vida da Terra se resume a mim, e o meu coração é o único a bater nesse mundo despovoado. Não há mais estações, não há mais climas. O calor próprio do globo aumenta sem cessar e neutraliza aquele do astro radioso. A vegetação se exagera. Passo como uma sombra em meio às samambaias arborescentes, pisando com meu passo incerto nas margas irisadas e nos arenitos matizados do solo. Apoio-me no tronco de imensas coníferas. Deito-me à sombra de Esfenófilos, Asterófilos e Licopódios de trinta metros de altura.

Os séculos transcorrem como dias! Percorro a série das transformações

terrestres. As plantas desaparecem. As rochas graníticas perdem sua dureza. O estado líquido substitui o estado sólido sob a ação de um calor mais intenso. As águas correm pela superfície do globo. Elas fervilham, evaporam. Os vapores envolvem a Terra, que pouco a pouco não forma mais do que uma massa gasosa e superaquecida, grande e brilhante como o sol.

No centro dessa nebulosa, um milhão e quatrocentas vezes maior do que o globo que ela um dia formará, sou carregado pelos espaços planetários! Meu corpo também volatiza, sublima e se mistura, como um átomo imponderável, aos imensos vapores que descrevem sua órbita inflamada no infinito!

Que devaneio! Para onde ele me leva? Minha mão febril joga no papel seus estranhos detalhes. Esqueci de tudo: do professor, do guia, da jangada! Uma alucinação domina a minha mente…

– O que você tem? – pergunta meu tio.

Meus olhos esbugalhados se fixam nele, mas não o veem.

– Preste atenção, Axel, você vai cair no mar!

Ao mesmo tempo, sinto que a mão de Hans me segura vigorosamente. Sem ele, sob o domínio do meu devaneio, eu teria caído nas ondas.

– Será que ele está ficando louco? – exclama o professor.

– O que está havendo? – pergunto, enfim, voltando à razão.

– Você está doente?

– Não, tive um momento de alucinação, mas já passou. As coisas estão indo bem, aliás?

– Estão! Temos uma bela brisa e um belo mar! Estamos avançando rapidamente, e, se as minhas estimativas não estiverem erradas, não vamos tardar a aportar.

Diante dessas palavras, levanto-me e perscruto o horizonte. Mas a linha d’água ainda se confunde com a linha das nuvens.

Capítulo 33

Sábado, 15 de agosto – O mar conserva sua monótona uniformidade. Nenhuma terra à vista. O horizonte parece excessivamente recuado.

Minha cabeça ainda está pesada por causa da violência do meu devaneio.

Meu tio não teve devaneios, mas está de mau humor. Ele percorre todos os pontos do espaço com sua luneta e cruza os braços com um ar despeitado.

Percebo que o professor Lidenbrock tende a voltar a ser o homem impaciente do passado e registro esse fato em meu diário. Precisei passar por perigos e sofrimentos para extrair dele alguma fagulha de humanidade. Porém, desde a minha recuperação, sua natureza voltou à tona. Mas por que se exaltar? A viagem não está se cumprindo nas circunstâncias mais favoráveis? A jangada não está avançando com uma maravilhosa rapidez?

– O senhor parece inquieto, meu tio – eu disse ao vê-lo levar com frequência a luneta aos olhos.

– Inquieto? Não.

– Impaciente, então?

– Qualquer um ficaria por menos que isso!

– Mas nós estamos indo com uma velocidade…

– O que me importa? Não é a velocidade que é muito baixa, mas o mar que é grande demais!

Lembrei-me, então, de que antes de nossa partida o professor estimava

o comprimento deste oceano subterrâneo em mais ou menos cento e cinquenta quilômetros. Ora, já percorremos um caminho três vezes maior e as margens do sul ainda não apareceram.

– Nós não estamos descendo! – continuou o professor. – Tudo isso é tempo perdido, e eu não cheguei tão longe só para dar uma volta de barco numa lagoa!

Ele chama esta travessia de volta de barco e este mar de lagoa!

– Porém – contestei –, como estamos seguindo o caminho indicado por Saknussemm…

– Essa é a questão. Será que estamos mesmo seguindo esse caminho? Será que Saknussemm encontrou esta vastidão de água e será que ele a atravessou? Esse riacho que tomamos como guia não teria nos deixado completamente perdidos?

– Em todo caso, não temos por que lamentar termos vindo até aqui. Este espetáculo é magnífico, e…

– Mas não se trata de ver. Eu me propus um objetivo e quero alcançá-lo! Então não me fale de admirar!

Dei o caso por encerrado e deixei o professor mordendo os lábios de impaciência. Às seis horas da noite, Hans exigiu seu pagamento e seus três rixdales lhe foram entregues.

Domingo, 16 de agosto – Nada de novo. Faz o mesmo tempo. O vento apresenta uma leve tendência a se refrescar. Ao acordar, minha primeira preocupação é constatar a intensidade da luz. Sempre temo que o fenômeno elétrico acabe diminuindo e depois se apagando. Mas não é o que se passa. A sombra da jangada está claramente desenhada na superfície das águas.

Este mar realmente é infinito! Ele deve ter a largura do Mediterrâneo, ou mesmo do Atlântico. Por que não?

Meu tio faz várias sondagens. Ele prende uma das picaretas mais pesadas na ponta de uma corda e a desenrola umas duzentas braças. Não há fundo. Com muita dificuldade, trazemos a sonda de volta.

Quando a picareta volta a bordo, Hans me faz reparar em marcas bem pronunciadas em sua superfície. É como se esse pedaço de ferro

tivesse sido fortemente apertado entre dois corpos resistentes.

Olho para o caçador.

– *Tänder!* – ele diz.

Não compreendo. Viro-me para o meu tio, que está completamente absorto em suas reflexões. Acho que não devo incomodá-lo. Volto-me para o islandês, que, abrindo e fechando sua boca diversas vezes, me faz compreender seu pensamento.

– Dentes! – digo estupefato, olhando mais atentamente para a barra de ferro.

Sim, de fato é uma marca de dentes incrustados no metal! Os maxilares que eles revestem devem ter uma força impressionante! Haveria um monstro das espécies perdidas, mais voraz que o tubarão e mais temível que a baleia, agitando-se sob a camada profunda das águas? Não consigo desviar meu olhar dessa barra meio roída! Meu devaneio da última noite vai se tornar realidade?

Esses pensamentos me perturbam o dia todo e minha imaginação mal consegue se acalmar em um sono de algumas horas.

Segunda-feira, 17 de agosto – Procuro me lembrar dos instintos particulares a esses animais antediluvianos da época secundária, que, sucedendo os moluscos, os crustáceos e os peixes, precederam a aparição dos mamíferos sobre o globo. O mundo, então, pertencia aos répteis. Esses monstros reinavam soberanos nos mares jurássicos.[17] A natureza lhes concedera a mais completa organização. Que estrutura gigantesca! Que força prodigiosa! Os maiores e mais temíveis sáurios atuais, os jacarés ou crocodilos, não passam de miniaturas enfraquecidas dos seus pais das primeiras eras!

Estremeço diante da evocação desses monstros. Nenhum olho humano jamais os viu vivos. Eles apareceram na Terra mil séculos antes do homem, mas suas ossadas fósseis, encontradas no calcário argiloso que os ingleses chamam de *lias*, permitiram reconstituí-los anatomicamente e deram a conhecer sua colossal configuração.

Vi no Museu de Hamburgo o esqueleto de um desses sáurios que media dez metros de comprimento. Estaria eu, habitante da Terra, destinado a me encontrar face a face com esses representantes de uma

família antediluviana? Não! Isso é impossível. No entanto, a marca dos poderosos dentes está gravada na barra de ferro, e reconheço pela sua marca que eles são cônicos como os do crocodilo.

Meus olhos se fixam no mar com pavor. Tenho medo de ver se levantar um desses habitantes das cavernas submarinas.

Suponho que o professor Lidenbrock compartilhe das minhas ideias, e até mesmo dos meus temores, pois, depois de ter examinado a picareta, ele percorre o oceano com o olhar.

“Para o diabo essa ideia que ele teve de sondar!” – digo para mim mesmo. – “Ele incomodou algum animal em seu refúgio, e agora não duvido que sejamos atacados no caminho…”.

Lanço um olhar sobre as armas e me asseguro de que elas estejam em bom estado. Meu tio me vê fazer isso e me aprova com um gesto.

Amplos movimentos na superfície das águas indicam uma agitação nas camadas recônditas. O perigo está próximo. É preciso velar.

Terça-feira, 18 de agosto – Chega a noite, ou melhor, o momento em que o sono faz pesar nossas pálpebras, pois não há noite neste oceano e a luz implacável cansa obstinadamente os nossos olhos, como se navegássemos sob o sol dos mares árticos. Hans está ao leme. Durante sua vigília, eu durmo.

Duas horas depois, um solavanco assustador me acorda. A jangada foi soerguida acima das ondas com uma indescritível força e jogada a quarenta metros dali.

– O que está havendo? – pergunta meu tio. – Já aportamos?

Hans aponta, a uma distância de quatrocentos metros, uma massa escura que ora se ergue, ora se abaixa. Olho aquilo e exclamo:

– É um marsuíno gigante!

– Sim – responde meu tio –, e ali está um lagarto do mar de tamanho incomum.

– E mais longe um crocodilo monstruoso! Veja sua grande mandíbula e a fileira de dentes com a qual está armado. Ah! Ele desapareceu!

– Uma baleia! Uma baleia! – exclama, então, o professor. – Estou vendo suas enormes nadadeiras! Veja quanto ar e quanta água ela expulsa por seus orifícios!

De fato, duas colunas líquidas elevam-se a uma altura considerável acima do mar. Ficamos surpresos, estupefatos, apavorados em presença dessa tropa de monstros marinhos. Eles têm dimensões sobrenaturais, e o menor deles quebraria a jangada com uma única dentada. Hans quer seguir na direção do vento a fim de fugir dessa perigosa vizinhança. Mas ele percebe, do outro lado, outros inimigos não menos temíveis: uma tartaruga de doze metros e uma serpente de dez, que lança sua cabeça enorme para fora da água.

Impossível fugir. Esses répteis aproximam-se e giram em torno da jangada com uma rapidez que um trem lançado em alta velocidade jamais conseguiria alcançar. Eles descrevem círculos concêntricos em volta dela. Pego minha carabina. Mas qual efeito uma bala pode produzir sobre a carapaça que recobre o corpo desses animais?

Estamos mudos de pavor. Eles estão se aproximando! De um lado, o crocodilo, do outro, a serpente. O resto da tropa marinha desapareceu. Vou abrir fogo. Hans me impede com um sinal. Os dois monstros passam a cem metros da jangada e avançam um sobre o outro, e sua fúria os impede de nos perceber.

O combate se inicia a duzentos metros da jangada. Vemos claramente os dois monstros lutando.

Mas agora parece que os outros animais vêm participar da luta – o marsuíno, a baleia, o lagarto, a tartaruga. A cada instante entrevejo um deles. Mostro-os ao islandês. Ele balança a cabeça negativamente.

– *Tva* – diz.

– O quê? Dois? Ele acha que somente dois animais…

– Ele tem razão – exclama meu tio, que não tirou a luneta dos olhos.

– Mas como?

– Pois é! O primeiro desses monstros tem o focinho do marsuíno, a cabeça de um lagarto e os dentes de um crocodilo, e foi isso que nos enganou. É o mais temível dos répteis antediluvianos, o ictiossauro!

– E o outro?

– O outro é uma serpente escondida em uma carapaça de tartaruga. É o terrível inimigo do primeiro, o plesiossauro!

Hans está certo. Apenas dois monstros perturbam a superfície do mar. Tenho diante dos meus olhos dois répteis dos oceanos primitivos. Vejo o olho sanguinolento do ictiossauro, grande como a cabeça de um homem. A natureza dotou-o de um aparelho óptico de extrema potência, capaz de resistir à pressão das camadas de água das profundezas onde ele habita. Chamam-no justamente de baleia dos sáurios, pois ele tem a rapidez e o tamanho desta. Não mede menos de trinta metros, e posso imaginar seu tamanho quando ele ergue as nadadeiras verticais de sua cauda acima das ondas. Seu maxilar é enorme e, de acordo com os naturalistas, não tem menos de cento e oitenta e dois dentes.

O plesiossauro, serpente de tronco cilíndrico e cauda curta, tem as patas dispostas em forma de remo. Seu corpo é inteiramente revestido de uma carapaça e o seu pescoço, flexível como o do cisne, ergue-se dez metros acima das ondas.

Esses animais se atacam com uma fúria indescritível. Levantam montanhas líquidas que se estendem até a jangada. Vinte vezes estivemos a ponto de soçobrar. Ouvimos silvos de uma altura prodigiosa. As duas bestas estão engalfinhadas. Não consigo distinguir uma da outra. Devemos temer qualquer coisa da raiva do vencedor.

Uma hora, duas horas se passam. A luta continua com a mesma ferocidade. Os combatentes ora se aproximam, ora se afastam da jangada. Permanecemos imóveis, prestes a abrir fogo.

De súbito, o ictiossauro e o plesiossauro desaparecem, produzindo um verdadeiro *maelstrom*[18] no seio das ondas. Vários minutos se passam. Será que o combate vai terminar nas profundezas do mar?

Mas de repente uma cabeça enorme salta para fora, a cabeça do plesiossauro. O monstro está mortalmente ferido. Não consigo mais ver sua imensa carapaça. Apenas seu longo pescoço ergue-se, abate-se, reergue-se, curva-se, açoita as ondas como um chicote gigantesco e se contorce como um verme cortado ao meio. A água jorra até uma longa distância. Ela nos cega. Mas logo a agonia do réptil chega ao fim, seus movimentos diminuem, suas contorções se apaziguam e esse longo pedaço de serpente estende-se como uma massa inerte sobre as ondas acalmadas.

Quanto ao ictiossauro, será que voltou à sua caverna submarina ou vai

reaparecer na superfície do mar?

Mares do período secundário que formaram os terrenos que compõem as montanhas do Jura [cordilheira da França]. (N.O.)

Palavra de origem holandesa que designa um grande turbilhão marinho comum na costa da Noruega. (N.T.)

Capítulo 34

Quarta-feira, 19 de agosto – Felizmente o vento, ao soprar com força, permitiu-nos fugir rapidamente da cena do combate. Hans continua ao leme. Meu tio, arrancado de suas ideias dominantes pelos incidentes do combate, recai em sua impaciente contemplação do mar.

A viagem retoma sua monótona uniformidade, que eu não pretendo romper ao preço dos perigos de ontem.

Quinta-feira, 20 de agosto – Brisa NNE bem inconstante. Temperatura quente. Estamos avançando com uma velocidade de dezesseis quilômetros por hora.

Por volta do meio-dia ouvimos um barulho bem distante. Registro aqui esse fato sem conseguir lhe dar uma explicação. É um bramido contínuo.

– Mais ao longe, há algum rochedo ou ilhota contra a qual o mar se quebra – diz o professor.

Hans sobe ao topo do mastro, mas não aponta nenhum escolho. O oceano está unido à linha do horizonte.

Três horas se passam. Os bramidos parecem vir de uma queda d'água distante.

Faço essa observação ao meu tio, que balança a cabeça. Contudo, tenho certeza de que não estou enganado. Será que estamos correndo rumo a alguma catarata que nos lançará no abismo? É possível que esse modo de descer, próximo da vertical, agrade ao professor, mas a mim…

Em todo caso, deve haver a alguns quilômetros a barlavento um fenômeno ruidoso, pois agora os bramidos se fazem ouvir com grande violência. Estariam vindo do céu ou do oceano?

Levo meu olhar em direção aos vapores suspensos na atmosfera e procuro sondar sua profundidade. O céu está tranquilo. As nuvens, empurradas até a parte mais alta da abóbada, parecem imóveis e se perdem na intensa irradiação da luz. Portanto, preciso buscar a causa desse fenômeno em outro lugar.

Interrogo, assim, o horizonte limpo e livre de qualquer bruma. Seu aspecto não mudou. Mas se esse barulho está vindo de uma queda d'água ou de uma catarata, se todo esse oceano se precipita em uma bacia mais baixa, se esses bramidos são produzidos por uma massa de água que cai, então a corrente deve se intensificar e a sua velocidade crescente pode me dar a medida do perigo que nos ameaça. Consulto a corrente. Ela é nula. Jogo uma garrafa vazia ao mar e ela permanece a sotavento.

Por volta das quatro horas, Hans se levanta, agarra-se ao mastro e sobe até a ponta. Dali, seu olhar percorre o arco do círculo que o oceano descreve diante da jangada e para em um ponto. Seu rosto não expressa nenhuma surpresa, mas seu olhar se torna fixo.

– Ele viu alguma coisa – diz meu tio.

– Acho que sim.

Hans desce e depois estende seu braço na direção sul, dizendo:

– *Der nere!*

– Lá? – pergunta meu tio.

Pegando sua luneta, ele olha atentamente durante um minuto, que me parece um século.

– Sim! Sim! – exclama.

– O que o senhor está vendo?

– Um jato imenso que se eleva acima das ondas.

– É outro animal marinho?

– Talvez.

– Então vamos mudar a rota mais para o Oeste, pois sabemos o que esperar do perigo de cruzar com esses monstros antediluvianos!

– Vamos esperar para ver – responde meu tio.

Viro-me para Hans. Ele segura o leme com um inflexível rigor.

No entanto, se da distância que nos separa desse animal – a qual é preciso estimar em pelo menos sessenta quilômetros – já podemos ver a coluna d'água expelida por seus orifícios, então ele deve ter um tamanho sobrenatural. Fugir seria conformar-se às leis da mínima prudência. Mas nós não viemos até aqui para sermos prudentes.

Então seguimos adiante. Quanto mais nos aproximamos, mais o jato aumenta. Que tipo de monstro pode se encher com tamanha quantidade de água e expeli-la assim, sem interrupção?

Às oito horas da noite, não estamos nem a dez quilômetros dele. Seu corpo escuro, enorme e montuoso se estende sobre o mar como uma ilhota. Seria uma ilusão? Seria o medo? Seu comprimento parece ultrapassar dois mil metros! Que cetáceo é esse que nem os Cuvier nem os Blumembach previram? Ele está imóvel e como que adormecido. O mar parece não ser capaz de soerguê-lo, e são as águas que ondulam em cima do seu flanco. A coluna de água, lançada a uma altura de cento e cinquenta metros, cai com um barulho ensurdecedor. Corremos como loucos em direção a essa massa poderosa que cem baleias por dia não bastariam para alimentar.

O terror me toma. Não quero ir mais adiante! Se for preciso, cortarei a adriça da vela! Revolto-me contra o professor, que não me responde.

De repente Hans se levanta e diz, indicando o ponto ameaçador:

– *Holme!*

– Uma ilha! – exclama meu tio.

– Uma ilha? – digo por minha vez, dando de ombros.

– É evidente – responde o professor dando uma grande gargalhada.

– Mas e essa coluna de água?

– *Geyser* – diz Hans.

– Ah! Sem dúvidas é um gêiser – concorda meu tio –, um gêiser parecido com aqueles da Islândia![19]

De início, não aceito ter me enganado tão grosseiramente e ter pensado que uma ilhota fosse um monstro marinho! Mas eis que surge a evidência e eu preciso convir que errei. Não há mais do que um fenômeno natural.

À medida que nos aproximamos, as dimensões do feixe líquido se tornam grandiosas. A ilhota parece ter a forma de um cetáceo imenso cuja cabeça domina as ondas a uma altura de vinte metros. O gêiser – palavra que os islandeses pronunciam “geysir” e que significa “fúria” – eleva-se majestosamente na extremidade da ilhota. Surdas detonações eclodem de tempos em tempos, e o enorme jato, tomado pela mais violenta cólera, sacode sua nuvem de vapores que saltam até a primeira camada de nuvens. Ele está sozinho. Nem fumarolas nem fontes quentes o circundam. Toda a potência vulcânica resume-se nele. Os raios da luz elétrica vêm se misturar a esse jato brilhante e cada uma de suas gotas reflete os tons das cores do prisma.

– Vamos atracar – diz o professor.

Mas é preciso evitar com cuidado essa tromba d’água que faria o barco virar em um instante. Hans, manobrando com destreza, leva-nos à extremidade da ilhota.

Pulo sobre a rocha. Meu tio me segue com agilidade, enquanto o caçador permanece em seu posto como alguém indiferente a essas surpresas.

Caminhamos sobre um granito misturado com tufo silicioso. O solo treme sob nossos pés como os flancos de uma caldeira onde vapores superaquecidos se contorcem. Ele está em brasa. Chegamos em face de uma pequena bacia central de onde o gêiser se eleva. Mergulho um termômetro na água fervente e ele marca um calor de cento e sessenta e três graus.

Portanto, essa água sai de um núcleo ardente. Isso contradiz singularmente as teorias do professor Lidenbrock. Não consigo evitar de fazer essa observação.

– Ora – ele refuta –, e o que isso prova contra minha doutrina?

– Nada – digo com um tom seco ao perceber que me debato contra uma teimosia absoluta.

No entanto, sou forçado a confessar que, até aqui, fomos singularmente favorecidos e que, por uma razão que me escapa, essa viagem se realiza em condições particulares de temperatura. Mas me

parece evidente e certo que mais dia ou menos dia chegaremos a essas regiões onde o calor central atinge os mais altos limites, ultrapassando todas as gradações dos termômetros.

É o que veremos. Essa é a palavra do professor, que, depois de ter batizado essa ilhota vulcânica com o nome de seu sobrinho, dá o sinal de reembarque.

Ainda fico alguns minutos contemplando o gêiser. Percebo que o seu jato tem acessos irregulares, que ele às vezes diminui de intensidade e depois retorna com um novo vigor, o que atribuo às variações de pressão dos vapores acumulados em seu reservatório.

Finalmente partimos, contornando as rochas bem alcantiladas do sul. Hans aproveitou essa parada para recolocar a jangada em ordem.

Mas antes de zarpar faço algumas observações para calcular a distância percorrida e as anoto em meu diário. Atravessamos mil e trezentos quilômetros de mar desde o Porto Grauben, e estamos a dois mil novecentos e noventa quilômetros da Islândia, embaixo da Inglaterra.

Fonte esguichante muito célebre situada ao pé do [vulcão] Hekla. (N.O.)

Capítulo 35

Sexta-feira, 21 de agosto – No dia seguinte, o magnífico gêiser desapareceu. O vento resfriou e nos afastou rapidamente da Ilhota Axel. Os bramidos pouco a pouco se extinguiram.

O tempo – se é possível chamá-lo assim – vai mudar daqui a pouco. A atmosfera está se cobrindo de vapores que carregam consigo a eletricidade formada pela evaporação das águas salinas. As nuvens estão baixando sensivelmente e adquirindo uma tonalidade uniformemente olivácea. Os raios elétricos mal conseguem transpor a opaca cortina baixada sobre o palco onde o drama das tempestades vai ser representado.

Eu me sinto particularmente impressionado, como qualquer criatura sobre a terra quando um cataclismo se aproxima. Os "*cumulus*"[20] amontoados ao sul apresentam um aspecto sinistro. Eles têm essa aparência "impiedosa" que sempre observei no início das tormentas. O ar está pesado e o mar, calmo.

Ao longe, as nuvens parecem grandes bolas de algodão aglomeradas em uma pitoresca desordem. Pouco a pouco elas se avolumam e ganham em tamanho o que perdem em quantidade. Seu peso é tamanho que elas não conseguem se desprender do horizonte. Porém, ao sopro das correntes mais elevadas, elas pouco a pouco se fundem, escurecem e logo formam uma única camada de aspecto assustador. Às vezes, uma bola de vapores ainda alva ricocheteia sobre esse tapete cinzento e logo se perde na massa opaca.

A atmosfera evidentemente está saturada de fluido. Estou todo impregnado. Meus cabelos se arrepiam sobre minha cabeça como se eu estivesse perto de uma máquina elétrica. Tenho a impressão de que, se os meus companheiros encostassem em mim agora, eles receberiam um choque violento.

Às dez horas da manhã, os sintomas da tormenta são mais decisivos. Tenho a impressão de que o vento arrefece para recuperar o fôlego. O firmamento parece um odre imenso dentro do qual os tufões se acumulam.

Não quero acreditar nas ameaças do céu, no entanto não consigo deixar de dizer:

– O tempo está ficando ruim.

O professor não responde. Ao ver o oceano se prolongar indefinidamente diante de seus olhos, seu humor está massacrante. Ele dá de ombros ao ouvir minhas palavras.

– Vamos ter uma tempestade – afirmo, apontando em direção ao horizonte. – Essas nuvens estão se abaixando sobre o mar como se fossem esmagá-lo.

Silêncio geral. O vento se cala. A natureza parece uma morta que não respira mais. No mastro, onde já vejo despontar um leve fogo de santelmo, a vela afrouxada se dobra pesadamente. A jangada está imóvel no meio de um mar denso e sem ondulações. Mas se nós não estamos avançando mais, qual a razão de conservar essa vela que pode nos pôr em perdição ao primeiro choque da tempestade?

– Vamos recolhê-la – eu digo –, vamos abaixar nosso mastro! É mais prudente!

– Não, pelo diabo! – exclama meu tio. – Cem vezes não! Que o vento nos apanhe! Que a tempestade nos carregue! Mas que eu finalmente veja os rochedos de alguma margem, mesmo que nossa jangada se parta em mil pedaços!

Essas palavras mal acabam de ser ditas quando o horizonte ao sul muda subitamente de aspecto. Os vapores acumulados se desmancham em água, e o ar, violentamente requisitado para suprir o vazio produzido pela condensação, transforma-se em borrasca. Ela vem das extremidades mais recônditas da caverna. A escuridão redobra. É com muita dificuldade que consigo tomar algumas notas incompletas.

A jangada se ergue e ricocheteia. Meu tio cai. Arrasto-me até ele, que se agarrou fortemente a um pedaço de cabo e parece observar com prazer esse espetáculo da natureza enfurecida.

Hans não se mexe. Seus longos cabelos, soprados pela borrasca e trazidos para a frente do seu rosto imóvel, dão-lhe uma estranha

fisionomia, pois cada uma de suas pontas está recoberta de pequenas faíscas luminosas. Sua assustadora máscara é a de um homem antediluviano contemporâneo aos ictiossauros e megatérios.

O mastro ainda resiste. A vela se infla como uma bolha prestes a estourar. A jangada avança com uma fúria que não consigo calcular, mas ainda menos veloz do que as gotas d'água espirradas sob ela e que, com sua velocidade, desenham linhas retas e claras.

– A vela! A vela! – digo fazendo um sinal para abaixá-la.

– Não! – responde meu tio.

– *Nej* – diz Hans balançando devagar a cabeça.

Enquanto isso, a chuva forma uma catarata barulhenta diante do horizonte rumo ao qual corremos feito loucos. Mas, antes que ela chegue até nós, o véu de nuvens se desmancha, o mar entra em ebulição e a eletricidade, produzida por uma grande ação química nas camadas superiores, entra em jogo. Aos estrondos dos trovões, misturam-se os jatos brilhantes dos raios. Inúmeros relâmpagos se entrecruzam no meio das detonações. A massa de vapores se torna incandescente. Os granizos que atingem o metal de nossas ferramentas e armas se tornam luminosos. As ondas soerguidas parecem montes ignívomos dentro dos quais se alimenta um fogo interno, e cada um de seus cumes está ornamentado com uma chama.

Meus olhos estão ofuscados pela intensidade da luz, meus ouvidos estão feridos pelo estrondo dos raios! Preciso me segurar ao mastro, que se dobra como um caniço sob a violência da borrasca!!!

....

[Aqui as minhas notas de viagem se tornaram bastante incompletas. Não encontrei mais do que algumas observações fugidias, tomadas quase maquinalmente. Porém, em sua brevidade e até mesmo em seu hermetismo, elas estão marcadas pela emoção que me dominava, e fornecem, melhor do que a minha memória, o sentimento de nossa situação.]

....

Domingo, 23 de agosto – Onde estamos? Somos empurrados com uma velocidade incomensurável.

A noite foi assustadora. A tempestade não se acalma. Estamos vivendo em um ambiente barulhento, em uma detonação incessante. Nossos ouvidos sangram. Não podemos trocar uma palavra.

Os relâmpagos não param. Vejo ziguezagues retrógrados que, depois de um jato rápido, voltam de baixo para cima e atingem a abóbada de granito. E se ela desabar?! Outros relâmpagos se bifurcam ou adquirem o formato de globos de fogo que explodem como bombas. O ruído geral não parece aumentar; ele ultrapassou o limite de altura que um ouvido humano consegue perceber. Se todos os paióis do mundo explodissem juntos, não conseguiríamos nem mesmo ouvir.

Há uma emissão contínua de luz na superfície das nuvens. A matéria elétrica se desprende incessantemente de suas moléculas. Os princípios gasosos do ar evidentemente estão alterados. Inúmeras colunas de água se lançam na atmosfera e depois caem espumando.

Para onde estamos indo?... Meu tio está totalmente deitado na ponta da jangada.

O calor redobra. Olho para o termômetro. Ele está marcando... [O número está apagado.]

Segunda-feira, 24 de agosto – Isso não vai acabar! Por que o estado desta atmosfera tão densa, uma vez modificado, não seria definitivo?

Estamos esgotados de cansaço. Hans está como de costume. A jangada corre invariavelmente na direção sudeste. Já percorremos mais de novecentos e cinquenta quilômetros desde a Ilhota Axel.

Ao meio-dia a violência do tufão redobra. Precisamos prender solidamente todos os objetos que compõem a carga. Cada um de nós também se amarra. As ondas passam acima de nossas cabeças.

Há três dias é impossível trocar uma só palavra. Abrimos a boca, mexemos os lábios. Nenhum som perceptível se produz. Mesmo falando ao pé do ouvido não conseguimos nos escutar.

Meu tio aproximou-se de mim. Ele articulou algumas palavras. Acho que ele disse “estamos perdidos”. Não tenho certeza.

Decido escrever-lhe estas palavras: “Vamos recolher nossa vela”.

Ele consente com um gesto.

Sua cabeça mal teve tempo de assentir quando um disco de fogo apareceu na ponta da jangada. O mastro e a vela são partidos de uma só vez, e eu os vejo elevar-se a uma prodigiosa altura, como se fossem um pterodáctilo, esse fantástico pássaro dos primeiros séculos.

Estamos congelados de espanto. A bola meio branca, meio azulada, do tamanho de uma bomba de dez polegadas, passeia devagar, mas gira com uma surpreendente velocidade sob as chispas do tufão. Ela passa aqui e ali, sobe em uma das estacas da jangada, pula sobre a bolsa das provisões, desce lentamente, salta, passa de raspão na caixa de pólvora. Um horror! Vamos pular! Não. O disco ofuscante se afasta. Ele se aproxima de Hans, que o olha fixamente; de meu tio, que se joga de joelhos para evitá-lo; de mim, que empalideço e tremo sob o brilho da luz e do calor. Ele dá piruetas perto do meu pé, que tento puxar dali e não consigo.

Um cheiro de gás nitroso preenche a atmosfera. Ele penetra na garganta, nos pulmões. Estamos sufocando.

Por que não consigo tirar meu pé? Ele está preso à jangada! Ah! A queda desse globo elétrico imantou todo o ferro a bordo. Os instrumentos, as ferramentas e as armas se agitam debatendo-se com um tilintar agudo. Os pregos do meu calçado se prendem violentamente a uma placa de ferro incrustada na madeira. Não consigo retirar meu pé dali!

Finalmente, com um esforço violento, arranco-o no momento em que a bola ia alcançá-lo com seu movimento giratório e me carregar junto, se…

Ah! Que luz intensa! O globo explode! Estamos recobertos pelos jatos das chamas!

E então tudo se apaga. Tive tempo de ver meu tio estendido sobre a jangada. Hans continua ao leme e está "cuspindo fogo" sob a influência da eletricidade que o penetra!

Aonde estamos indo? Aonde estamos indo?

....

Terça-feira, 25 de agosto – Estou saindo de um longo desmaio. A tempestade continua. Os relâmpagos se desencadeiam como uma ninhada de serpentes livres na atmosfera.

Ainda estamos no mar? Estamos, e somos carregados com uma velocidade incalculável. Já passamos embaixo da Inglaterra, da Mancha, da França e da Europa inteira, talvez!

....

Ouvimos um novo ruído! Com certeza é o mar que se quebra sobre alguns rochedos! Mas então…

....

....

Nuvens de formas arredondadas. (N.O.)

Capítulo 36

Aqui termina o que chamei de “diário de bordo”, felizmente salvo do naufrágio. Agora retomo minha narrativa como antes.

Eu não saberia dizer o que se passou depois do choque da jangada contra os escolhos da costa. Senti-me lançado nas águas. Se escapei da morte, se meu corpo não se despedaçou nas rochas pontudas, é porque os braços fortes de Hans me retiraram do abismo.

O corajoso islandês me carregou para longe do alcance das ondas, até uma areia muito quente onde fiquei ao lado do meu tio.

Depois, a fim de salvar alguns destroços do naufrágio, ele voltou na direção dos rochedos onde as vagas furiosas rebentavam. Eu não conseguia falar, estava esgotado pelas emoções e pelo cansaço. Precisei de uma hora inteira para me recompor.

Enquanto isso, uma chuva diluviana continuava caindo, mas com o redobramento que anuncia o fim das tempestades. Algumas rochas sobrepostas nos ofereceram um abrigo contra as torrentes do céu. Hans preparou alguns alimentos nos quais nem consegui tocar, e todos nós, esgotados pela vigília de três noites, caímos em um doloroso sono.

No dia seguinte, o tempo estava magnífico. O céu e o mar tinham se apaziguado de comum acordo. Todos os vestígios da tempestade haviam desaparecido. Foram as palavras alegres do professor que me saudaram ao despertar. Sua alegria era terrível.

– E então, meu garoto, você dormiu bem? – ele perguntou.

Será que estávamos na casa da Königstrasse, que eu descia tranquilamente para almoçar e que meu casamento com a pobre

Grauben ia acontecer naquele mesmo dia?

Infelizmente não! Se a tempestade de fato tivesse jogado a jangada na direção leste, então havíamos passado sob a Alemanha, sob a minha querida cidade de Hamburgo, sob aquela rua onde estava tudo o que eu amava no mundo. E assim duzentos quilômetros no máximo nos separariam! Mas seriam duzentos quilômetros verticais de uma parede de granito, e na verdade haveria quase cinco mil quilômetros a transpor.

Todas essas dolorosas reflexões me passaram rapidamente pela cabeça antes que eu respondesse à pergunta de meu tio.

– E então, você não quer me dizer se dormiu bem?

– Muito bem – respondi. – Ainda estou meio atordoado, mas não é nada de mais.

– Não é nada de mais mesmo, só um pouco de cansaço.

– Mas o senhor parece bastante feliz, meu tio.

– Estou encantado, meu garoto, encantado! Nós chegamos!

– Ao final de nossa expedição?

– Não, ao final desse mar que não acabava nunca. Agora vamos retomar o caminho de terra e nos embrenhar de verdade nas entranhas no globo.

– Meu tio, permita-me fazer uma pergunta.

– Permito, Axel.

– E a volta?

– A volta?! Ah! Você está pensando em voltar quando nós ainda nem chegamos?

– Não, eu só quero saber como isso vai acontecer.

– Do modo mais simples do mundo. Uma vez que chegarmos ao centro do esferoide, ou encontraremos uma nova rota para voltar à superfície, ou voltaremos bem burguesmente pelo caminho já percorrido. Gosto de imaginar que ele não vai se fechar às nossas costas.

– Então vamos ter de consertar a jangada.

– Com certeza.

– Mas e as provisões? Ainda resta o bastante para realizar todos esses grandes feitos?

– Sim, é claro. Hans é um rapaz hábil, tenho certeza de que ele salvou a maior parte da carga. Vamos nos certificar, aliás.

Saímos daquela gruta aberta a qualquer vento. Eu tinha uma esperança que era ao mesmo tempo um temor. Parecia-me impossível que o terrível acidente da jangada não tivesse aniquilado tudo o que ela carregava. Mas eu estava enganado. Quando cheguei à margem, vi Hans no meio de um amontoado de objetos dispostos em ordem. Meu tio apertou a mão dele com uma vívida manifestação de reconhecimento. Esse homem de dedicação sobre-humana, do qual talvez não encontrássemos um outro exemplar, havia trabalhado enquanto dormíamos e salvado os objetos mais preciosos arriscando sua própria vida.

Não é que não tivéssemos tido perdas consideráveis – nossas armas, por exemplo. Mas, enfim, podíamos ficar sem elas. A provisão de pólvora, depois de ter quase explodido durante a tempestade, havia ficado intacta.

– Pois bem – exclamou o professor –, como os fuzis estão faltando, não vamos mais caçar.

– Bom, mas e os instrumentos?

– Aqui está o manômetro, o mais útil de todos, aquele pelo qual eu teria dado todos os outros! Com ele, posso calcular a profundidade e saber quando chegarmos ao centro. Sem ele correríamos o risco de ir além e sair pelas antípodas!

Essa alegria era feroz.

– Mas e a bússola? – perguntei.

– Aqui está, em cima desta pedra e em perfeito estado, assim como o cronômetro e os termômetros. Ah! O caçador é um homem precioso!

Era preciso reconhecer que, dentre os instrumentos, não faltava nada. Quanto às ferramentas e aos equipamentos, vi as escadas, as cordas, as picaretas, as enxadas, etc., dispersas pela areia.

No entanto, ainda nos faltava resolver a questão dos víveres.

– E as provisões? – eu disse.

– Vamos ver as provisões – respondeu meu tio.

As caixas que as continham estavam alinhadas na praia, em perfeito estado de conservação. O mar havia respeitado a maioria delas, e, somando todos os biscoitos, a carne-seca, o genebra e o peixe dessecado, ainda podíamos contar com víveres para quatro meses.

– Quatro meses! – exclamou o professor. – Temos tempo de ir e voltar, e com o que sobrar ainda vou fazer um grande jantar para todos os meus colegas do Johannaeum!

Eu deveria estar acostumado há muito tempo com o temperamento de meu tio, mas esse homem ainda me impressionava.

– Agora – ele disse –, vamos refazer nosso estoque de água com a chuva que a tempestade derramou nas bacias de granito. Desse modo, não precisamos ter medo de ser pegos pela sede. Quanto à jangada, vou pedir a Hans para consertá-la o melhor que puder, ainda que eu acredite que ela não vai mais nos servir!

– Como assim? – exclamei.

– É só uma ideia, meu garoto! Acho que não vamos sair por onde entramos.

Olhei para o professor com uma certa desconfiança. Perguntei-me se ele não estava ficando louco. No entanto, mal sabíamos que ele tinha razão.

– Vamos comer – ele falou.

Depois de dar suas instruções ao caçador, ele subiu em um alto promontório e eu o segui. Um pouco de carne-seca, biscoito e chá compuseram uma refeição excelente, e, devo confessar, uma das melhores que eu já fizera em toda minha vida. A necessidade, o ar fresco, a calma depois das agitações, tudo isso contribuía para me dar apetite.

Durante o almoço, perguntei ao meu tio onde estávamos naquele momento.

– Isso me parece difícil de calcular – afirmei.

– De calcular exatamente, de fato é – ele respondeu. – É até mesmo impossível, já que, durante esses três dias de tempestade, não pude tomar nota nem da velocidade nem da direção da jangada. Mesmo assim, podemos estimar aproximadamente a nossa posição.

– Na verdade, a última observação foi feita na ilhota do gêiser...

– Na Ilhota Axel, meu garoto. Não recuse a honra de batizar com o seu nome a primeira ilha descoberta no meio do maciço terrestre.

– Que seja! Na Ilhota Axel, havíamos atravessado mais ou menos mil e trezentos quilômetros de mar e estávamos a mais de dois mil e oitocentos quilômetros da Islândia.

– Ótimo! Então vamos partir desse ponto e contar quatro dias de tempestade, durante os quais nosso deslocamento não deve ter sido menor que trezentos e oitenta quilômetros a cada vinte e quatro horas.

– Concordo. Então devemos acrescentar mais mil e quinhentos quilômetros.

– Exato, e o Mar Lidenbrock teria mais ou menos dois mil e oitocentos quilômetros de uma margem à outra! Você sabia, Axel, que ele pode competir em tamanho com o Mediterrâneo?

– Sabia, principalmente se só tivermos atravessado a sua largura!

– O que é bem possível!

– E uma coisa curiosa: – acrescentei – se nossos cálculos estiverem corretos, esse Mediterrâneo agora está bem acima de nossas cabeças.

– É mesmo?

– É, pois estamos a quatro mil e trezentos quilômetros de Reykjavík!

– Mas que belo trajeto, meu garoto! Contudo, só podemos afirmar que estamos sob o Mediterrâneo em vez de sob a Turquia ou o Atlântico se a nossa direção não tiver sido desviada.

– Não, o vento parecia constante. Então acho que esta margem deve estar situada ao sudeste do Porto Grauben.

– Bom, é fácil nos assegurarmos disso consultando a bússola. Então vamos consultá-la!

O professor se dirigiu ao rochedo sobre o qual Hans havia depositado

o instrumento. Ele estava contente, alegre, esfregava as mãos, fazia poses! Um verdadeiro jovem! Eu o segui, bastante curioso em saber se minha estimativa estava correta ou não.

Depois de chegar ao rochedo, meu tio pegou a bússola de navegação, colocou-a horizontalmente e observou a agulha, que, depois de ter oscilado, parou em uma posição fixa sob a influência magnética.

Meu tio olhou, depois esfregou os olhos e olhou novamente. Por fim ele se virou para mim, estupefato.

– O que está havendo? – perguntei.

Com um gesto, ele me pediu para examinar o instrumento. Uma exclamação de surpresa me escapou. Onde supúnhamos ser o Sul, a agulha marcava o Norte! Ela se virava para a praia em vez de mostrar o alto-mar!

Sacudi e examinei a bússola. Ela estava em perfeito estado. Não importa a posição em que colocássemos a agulha, ela voltava obstinadamente para aquela direção inesperada.

Portanto, não tínhamos mais por que duvidar: durante a tempestade, houve uma mudança de vento que nós não percebemos, e que reconduziu a jangada para as margens que meu tio pensava ter deixado para trás.

Capítulo 37

Seria impossível ilustrar a sucessão de sentimentos que agitaram o professor Lidenbrock: a estupefação, a incredulidade e, por fim, a cólera. Eu nunca vira um homem tão desconcertado a princípio e tão irritado em seguida. O cansaço da travessia, os perigos corridos, tudo isso deveria recomeçar! Havíamos recuado em vez de seguir em frente!

Mas meu tio rapidamente se recompôs.

– Ah! A fatalidade está brincando comigo! – ele exclamou. – Os elementos conspiram contra mim! O ar, o fogo e a água estão juntando suas forças para se opor à minha passagem! Pois bem! Eles vão ver só do que a minha vontade é capaz. Eu não vou ceder, não vou recuar nem um pouquinho, e nós vamos ver quem é que vai levar a melhor: o homem ou a natureza!

Em pé sobre o rochedo, irritado, ameaçador, Otto Lidenbrock, como se fosse o selvagem Ájax, parecia desafiar os deuses. Mas achei que convinha intervir e frear esse impulso insensato.

– Escute-me – disse a ele com um tom firme –, aqui embaixo existe um limite para toda ambição. Não devemos lutar contra o impossível. Estamos mal equipados para uma viagem no mar. Não se atravessam dois mil e quinhentos quilômetros em cima de um conjunto de vigas improvisadas tendo uma manta por vela e um bastão à guisa de mastro, e ainda mais contra os ventos desgovernados. Nós não podemos guiar, somos os joguetes das tempestades, e tentar essa travessia impossível uma segunda vez seria loucura!

Pude desenvolver a sequência desses argumentos irrefutáveis por dez minutos sem ser interrompido, mas somente por causa da desatenção do professor, que não ouviu uma única palavra da minha

argumentação.

– Para a jangada! – ele exclamou.

Essa foi a sua resposta. Por mais que eu fizesse, suplicasse e me exaltasse, estava me debatendo contra uma vontade mais dura que o granito.

Nesse momento, Hans acabava de consertar a jangada. Parecia que esse ser bizarro adivinhava os projetos do meu tio. Com alguns pedaços de *surtarbrandur* ele havia reforçado a embarcação. Uma vela já se elevava e o vento brincava em suas dobras esvoaçantes.

O professor disse algumas palavras ao guia, que imediatamente embarcou as bagagens e preparou tudo para a partida. A atmosfera estava limpa e o vento do Noroeste se mantinha constante.

O que eu podia fazer? Resistir sozinho contra os dois? Impossível. Ao menos se Hans se juntasse a mim… Mas não! Era como se o islandês tivesse deixado de lado toda a sua vontade pessoal e feito um voto de abnegação. Eu não podia conseguir nada de um criado tão submisso ao seu patrão. Era preciso ir em frente.

Eu já ia ocupar meu lugar de costume na jangada quando o professor me impediu.

– Só vamos partir amanhã – ele disse.

Fiz um gesto de resignação.

– Não devo negligenciar nada – ele retomou. – Como a fatalidade me trouxe até esta parte da costa, só vou embora depois de ter feito o reconhecimento dela.

Essa observação de meu tio é mais bem compreendida com a informação de que, embora tivéssemos voltado para as margens do norte, não havia sido para o mesmo lugar de nossa primeira partida. O Porto Grauben devia estar situado mais a Oeste. Em consequência, era conveniente examinar com cuidado as imediações desse novo aportamento.

– Vamos explorar – eu disse.

E então partimos, deixando Hans com suas ocupações. O espaço compreendido entre a marca do mar na areia e o pé dos contrafortes era bastante largo. Era possível caminhar quase meia hora até chegar

à parede dos rochedos. Nossos pés esmigalhavam inúmeras conchas de todos os formatos e tamanhos, onde viveram os animais das primeiras épocas. Eu também via enormes carapaças cujo diâmetro, não raro, ultrapassava quatro metros. Elas haviam pertencido aos gigantescos Gliptodontes do período Plioceno, dos quais a tartaruga moderna não passa de uma pequena miniatura. Além disso, o solo estava salpicado de uma grande quantidade de resquícios pedregosos, espécies de seixos arredondados pelas ondas e dispostos em fileiras sucessivas. Assim, fui levado a concluir que antigamente o mar devia ocupar aquele espaço. Nas rochas esparsas e agora fora de seu alcance, as ondas haviam deixado as marcas evidentes da sua passagem.

Isso podia explicar, até certo ponto, a existência de um oceano a quase duzentos quilômetros abaixo da superfície do globo. No meu entendimento, essa massa de água pouco a pouco se perderia nas entranhas da terra, e ela evidentemente provinha das águas do oceano, que abriam caminho por alguma fissura. No entanto, era preciso admitir que essa fissura agora estava obstruída, pois toda essa caverna, ou melhor, esse imenso reservatório, havia sido preenchido em um intervalo de tempo bastante curto. E talvez essa água, tendo de lutar contra os fogos subterrâneos, tenha se evaporado parcialmente. Daí a explicação para as nuvens suspensas acima das nossas cabeças e a liberação da eletricidade, que criava tempestades no interior do maciço terrestre.

Essa teoria sobre os fenômenos que havíamos testemunhado me parecia satisfatória, pois, por maiores que sejam as maravilhas da natureza, elas sempre podem ser explicadas por razões físicas.

Assim, caminhávamos em uma espécie de terreno sedimentar formado pelas águas – como são todos os terrenos desse período, tão amplamente distribuídos pela superfície do globo. O professor examinava atentamente cada interstício entre as rochas. Para ele, era importante sondar qualquer abertura que houvesse.

Margeamos a costa do Mar Lidenbrock por um quilômetro e meio, e então o solo mudou subitamente de aspecto. Ele parecia ter sido sacudido e convulsionado por um levantamento violento das camadas inferiores. Em vários pontos, alguns afundamentos ou elevações atestavam um deslocamento poderoso do maciço terrestre.

Avançávamos com dificuldade sobre essas fendas de granito misturadas a sílex, quartzo e depósitos aluvionares quando um campo, mais do que isso, uma planície de ossadas, apareceu diante de nossos olhos. Parecia um cemitério imenso onde as gerações de vinte séculos

confundiam sua poeira eterna. Grandes amontoados de detritos se sobrepunham ao longe. Eles ondulavam até os limites do horizonte e se perdiam em uma bruma fosca. Ali, em mais ou menos oito quilômetros quadrados, acumulava-se toda a história da vida animal, que mal havia sido escrita nos terrenos tão recentes do mundo habitado.

No entanto, uma impaciente curiosidade nos impulsionava. Nossos pés esmagavam com um ruído seco os restos desses animais pré-históricos e dos fósseis, cujos raros e interessantes fragmentos são disputados pelos museus das grandes cidades.
A existência de mil Cuvier não bastaria para recompor os esqueletos dos seres vivos que repousavam naquele magnífico ossário.

Eu estava estupefato. Meu tio ergueu seus compridos braços em direção à espessa abóbada que nos servia de céu. Sua boca aberta desmesuradamente, seus olhos brilhando sob a lente dos óculos, sua cabeça balançando de cima para baixo e da esquerda para a direita – toda a sua postura, em suma, denotava uma surpresa sem limites. Ele estava diante de uma coleção inestimável de Leptotérios, Mericotérios, Mastodontes, Protopitecos, Pterodáctilos. Todos os monstros antediluvianos estavam empilhados ali, para a sua satisfação pessoal. Imaginem se um bibliômano apaixonado de repente fosse transportado até a famosa biblioteca de Alexandria queimada por Omar, e se um milagre a tivesse feito renascer das cinzas! Era assim que estava meu tio, o professor Lidenbrock.

Mas foi com uma surpresa bem diferente que, ao percorrer essa poeira orgânica, ele pegou um crânio desnudo e exclamou com uma voz trêmula:

– Axel! Axel! Uma cabeça humana!

– Uma cabeça humana, tio? – respondi, não menos estupefato.

– Sim, meu sobrinho! Ah, Milne-Edwards! Ah, Quatrefages! Por que os senhores não estão aqui onde eu, Otto Lidenbrock, estou?

Capítulo 38

Para compreender a evocação do meu tio a esses ilustres sábios franceses, é preciso saber que um fato de grande importância para a paleontologia havia se dado algum tempo antes de nossa partida.

Em 28 de março de 1863, alguns trabalhadores escavando os canteiros de Moulin-Quignon, perto de Abbeville, no departamento de Somme, na França, sob a direção do sr. Boucher de Perthes, encontraram um maxilar humano quatro metros abaixo da superfície do solo. Foi o primeiro fóssil dessa espécie trazido à luz do dia. Perto dele foram encontrados machados de pedra e alguns sílex talhados, coloridos e revestidos pelo tempo com uma pátina uniforme.

O barulho dessa descoberta foi grande, não só na França, como também na Inglaterra e na Alemanha. Vários sábios do Instituto Francês, dentre eles os senhores Milne-Edwards e Quatrefages, envolveram-se nesse caso, demonstraram a incontestável autenticidade da ossada em questão e se tornaram os mais ardentes defensores do "processo do maxilar", para usar a expressão inglesa.

Aos geólogos do Reino Unido que tomaram o fato como certo – os senhores Falconer, Busk, Carpenter, etc. –, juntaram-se alguns sábios da Alemanha, e, dentre eles, em primeiro lugar, o mais passional, o mais entusiasta: meu tio Lidenbrock.

A autenticidade de um fóssil humano da época quaternária parecia, portanto, incontestavelmente demonstrada e admitida.

É verdade que essa teoria havia tido um adversário ferrenho, o sr. Élie de Beaumont. Esse sábio de grande autoridade sustentava que o terreno de Moulin-Quignon não pertencia ao "Diluvium", mas a uma camada mais antiga, e, concordando com Cuvier nesse ponto, ele não admitia que a espécie humana tivesse sido contemporânea dos animais

da época quaternária. Meu tio Lidenbrock, em conformidade com a maioria dos geólogos, havia resistido, brigado, discutido, e o sr. Élie de Beaumont acabou ficando praticamente sozinho com suas ideias.

Conhecíamos todos esses detalhes do caso, mas ignorávamos que, desde a nossa partida, a questão havia progredido. Outros maxilares idênticos, ainda que pertencentes a indivíduos de tipos diversos e nações diferentes, foram encontrados nos terrenos movediços e cinzentos de certas grutas da França, da Bélgica e da Suíça, assim como algumas armas, utensílios, ferramentas e ossadas de crianças, adolescentes e velhos. Dessa forma, a existência do homem quaternário se afirmava cada dia mais.

E não era só isso. Alguns novos detritos exumados no terreno terciário plioceno haviam permitido a alguns sábios ainda mais audaciosos atestarem uma maior antiguidade à raça humana. Esses detritos, na verdade, não eram ossadas de homem, mas sim objetos de sua produção: tíbias e fêmures de animais fósseis estriados uniformemente – esculpidos, por assim dizer – e que guardavam a marca do trabalho humano.

Assim, em um pulo, o homem subia um grande número de séculos na escala dos tempos. Ele precedia o mastodonte e se tornava contemporâneo do *Elephas meridionalis*. Ele tinha cem mil anos de existência, pois essa é a data de formação do terreno plioceno atestada pelos geólogos mais renomados!

Tal era, então, o estado da ciência paleontológica, e o que conhecíamos disso bastava para explicar nossa atitude diante do ossuário do Mar Lidenbrock. Compreende-se, assim, a estupefação e a alegria do meu tio, sobretudo quando, vinte passos mais adiante, ele se encontrou na presença – pode-se dizer face a face – de um desses espécimes do homem quaternário.

Era um corpo humano absolutamente reconhecível. Será que um solo de natureza particular – como aquele do cemitério Saint Michel, em Bordeaux – o havia conservado por séculos? Eu não saberia dizer. Mas esse cadáver de pele esticada e pergaminhada, membros ainda macios – ao menos aparentemente –, dentes intactos, cabeleira abundante e unhas das mãos e dos pés de tamanho assustador se mostrava aos nossos olhos tal qual havia vivido.

Eu estava mudo diante daquela aparição de outro tempo. Meu tio, em geral tão loquaz e de natureza tão discursadora, também estava calado. Levantamos e endireitamos aquele corpo. Ele nos olhava com

suas órbitas ocas. Apalpamos seu torso sonoro.

Depois de alguns instantes de silêncio, o tio foi vencido pelo professor. Impulsionado pelo seu temperamento, Otto Lidenbrock esqueceu as circunstâncias de nossa viagem, o meio onde estávamos, a imensa caverna que nos continha. Com certeza pensou que estava no Johannaeum, professando diante de seus estudantes, pois assumiu um tom doutoral e, dirigindo-se a um auditório imaginário:

– Senhores – ele disse –, tenho a honra de lhes apresentar um homem da época quaternária. Grandes sábios negaram sua existência, enquanto outros não menos importantes afirmaram-na. Se estivessem aqui, os Sãos Tomés da paleontologia o tocariam com o dedo e seriam forçados a reconhecer seu erro. Eu sei bem que a ciência deve se colocar na defensiva contra descobertas desse tipo! Não ignoro que espécie de exploração dos homens fósseis foi feita pelos Barnum e outros charlatões da mesma estirpe. Conheço a história da rótula de Ájax, do pretenso corpo de Orestes encontrado pelos espartanos e do corpo de Astério, de dez côvados de comprimento, do qual Pausânias fala. Li os relatórios sobre o esqueleto de Trapani, descoberto no século XIV, no qual quiseram reconhecer Polifemo, e a história do gigante desenterrado no século XVI nos arredores de Palermo. Os senhores conhecem tanto quanto eu a análise feita perto de Lucerna, em 1577, das grandes ossadas que o célebre médico Félix Plater declarava pertencer a um gigante de quase cinco metros! Devorei todos os tratados de Cassanion e todos esses memorandos, brochuras, discursos e réplicas publicados sobre o esqueleto do rei dos cimbros, Teutobochus, o invasor da Gália, exumado em um areal do Delfinado em 1613! No século XVIII, eu teria combatido junto com Pierre Campet a existência dos pré-adamitas de Scheuchzer! Tive em minhas mãos o escrito chamado *Gigans*…

Aqui reapareceu a enfermidade natural de meu tio, que não conseguia pronunciar palavras difíceis em público.

– O escrito chamado *Gigans*… – retomou.

Ele não conseguia ir adiante.

– *Giganteo*…

Impossível! A palavra infeliz não queria sair! Teriam rido bastante no Johannaeum!

– *Gigantosteologia* – terminou o professor Lidenbrock entre dois palavrões.

Em seguida, continuou com mais ênfase e mais animado:

– Sim, senhores, eu sei de todas essas coisas! Também sei que Cuvier e Blumenbach reconheceram, em meio a essas ossadas, simples ossos de mamute e de outros animais da época quaternária. Mas, neste caso, apenas duvidar já seria uma injúria à ciência! O cadáver está aqui! Os senhores podem vê-lo, tocá-lo! Não é um esqueleto, é um corpo intacto, conservado com um objetivo unicamente antropológico!

Nem me atrevi a contradizer essa asserção.

– Se eu pudesse lavá-lo em uma solução de ácido sulfúrico – disse ainda meu tio –, faria desaparecer todas essas partes terrosas e essas conchas brilhantes incrustadas nele. Mas me falta o precioso solvente. No entanto, tal qual está, este corpo nos contará sua própria história.

Nesse momento, o professor pegou o cadáver fóssil e o manipulou com a destreza de um exibidor de curiosidades.

– Os senhores podem vê-lo – continuou. – Ele não chega a dois metros de altura, portanto estamos longe dos pretensos gigantes. Quanto à raça à qual pertence, incontestavelmente é a caucasiana. É a raça branca, a nossa! O crânio deste fóssil é regularmente ovoide, sem desenvolvimento de maçãs do rosto e sem projeção do maxilar. Ele não apresenta nenhuma característica do prognatismo que modifica o ângulo facial.[21] Meçam este ângulo, ele é de quase noventa graus. Mas eu irei ainda mais longe no caminho das deduções e ousarei dizer que esta amostra humana pertence à família jafética, distribuída das Índias até os limites da Europa ocidental. Não riam, senhores!

Ninguém estava rindo, mas o professor tinha o costume de ver os rostos se alegrarem durante suas sábias dissertações.

– Sim – ele retomou com uma nova animação –, aqui está um homem fóssil e contemporâneo aos mastodontes cujas ossadas preenchem este anfiteatro. Mas lhes dizer por qual caminho ele chegou até aqui e como estas camadas onde ele estava embrenhado deslizaram até esta enorme cavidade do globo, é o que eu não me permito fazer. Na época quaternária, sem dúvida algumas perturbações consideráveis ainda se manifestavam na crosta terrestre. O resfriamento contínuo do globo produzia fissuras, fendas e falhas para onde provavelmente uma parte do terreno superior resvalava. Não asseguro nada, mas o homem está aqui, enfim, rodeado pelo trabalho de suas próprias mãos, esses machados e sílex talhados que constituíram a Idade da Pedra. E, a menos que ele tenha vindo até aqui como eu, como um turista, um

pioneiro da ciência, não posso pôr em cheque a autenticidade de sua origem ancestral.

O professor se calou e eu desatei em aplausos unânimes. Aliás, meu tio tinha razão, e até mesmo alguém mais sábio do que seu sobrinho ficaria impossibilitado de contestá-lo.

Outro indício. Esse corpo fossilizado não era o único do imenso ossuário. A cada passo que dávamos naquela poeira, outros corpos eram encontrados, e meu tio podia escolher a mais maravilhosa dessas amostras para convencer os incrédulos.

Na verdade, o espetáculo das gerações de homens e animais confundidos naquele cemitério era surpreendente. Mas havia uma séria questão a que nós não ousávamos responder. Esses seres animados haviam deslizado até as margens do Mar Lidenbrock por causa de uma convulsão do solo quando já estavam reduzidos ao pó? Ou será que eles viveram aqui, neste mundo subterrâneo e sob este céu artificial, nascendo e morrendo como os habitantes da Terra? Até então, apenas os monstros marinhos e os peixes haviam aparecido vivos diante de nós. Será que algum homem do abismo ainda vagaria por aquelas praias desertas?

O ângulo facial é formado por dois planos, um mais ou menos vertical, tangente à fronte e aos incisivos, e o outro horizontal, que passa pela abertura dos canais auditivos e pela espinha nasal inferior. Denomina-se prognatismo, em linguagem antropológica, essa projeção do maxilar que modifica o ângulo facial. (N.O.)

Capítulo 39

Por mais meia hora, nossos pés ainda pisaram naquelas camadas de ossos. Seguíamos em frente impelidos por uma ardente curiosidade. Que outras maravilhas essa caverna ainda continha? Quais tesouros para a ciência? Meu olhar esperava por qualquer surpresa e a minha imaginação, por qualquer deslumbramento.

A costa do mar havia desaparecido há muito tempo por detrás das colinas do ossuário. O imprudente professor, pouco preocupado em se perder, arrastava-me para longe. Avançávamos silenciosamente, banhados nas ondas elétricas. Por causa de um fenômeno que não consigo explicar – e graças à sua difusão, que então era completa –, a luz clareava uniformemente as diversas faces dos objetos. Seu núcleo não estava mais em um ponto determinado do espaço e ela não produzia nenhum efeito de sombra. Podíamos pensar que estávamos em pleno meio-dia e em pleno verão, no meio das regiões equatoriais, sob os raios verticais do sol. Todo o vapor havia desaparecido. Os rochedos, as montanhas longínquas e algumas massas confusas de florestas distantes adquiriam um estranho aspecto sob a distribuição uniforme do fluido luminoso. Parecíamos aquele personagem fantástico de Hoffmann que perdeu a sua sombra.

Depois de uma caminhada de um quilômetro e meio, surgiram os limites de uma floresta imensa, mas não era mais um daqueles bosques de cogumelos vizinhos ao Porto Grauben.

Era a vegetação da época terciária em toda a sua magnificência. Grandes palmeiras, espécies hoje em dia extintas, magníficas palmáceas, pinhos, teixos, ciprestes e tuias representavam a família das coníferas e se ligavam entre si por uma rede de cipós inextricável. Um tapete de musgos e hepáticas formava um revestimento macio no solo. Alguns riachos murmuravam à sombra dessas árvores – embora, para dizer a verdade, não houvesse sombra alguma. Nas suas margens

cresciam samambaias arborescentes parecidas com aquelas das estufas quentes do globo habitado. Mas faltava cor a essas árvores, a esses arbustos, a essas plantas privadas do calor vivificante do sol. Tudo se confundia em uma tonalidade uniforme, acastanhada e como que desbotada. As folhas eram desprovidas de seu verdor, e as próprias flores, tão numerosas nessa época terciária que as viu nascer, e que então não tinham cores nem perfumes, pareciam feitas de um papel descolorido pela ação da atmosfera.

Meu tio Lidenbrock aventurou-se sob aquela gigantesca mata. Eu o segui, não sem uma certa apreensão. Por que os temíveis mamíferos não se encontrariam ali, já que a natureza havia provido aquele lugar com uma reserva de alimentação vegetal? Nas amplas clareiras deixadas pelas árvores abatidas e corroídas pelo tempo, eu podia entrever leguminosas, bordos, rubiáceas e mil arbustos comestíveis caros aos ruminantes de todas as épocas. Em seguida surgiram, confundidas e misturadas, algumas árvores de regiões muito diferentes da superfície do globo: o carvalho crescendo perto da palmeira, o eucalipto australiano apoiando-se no pinheiro da Noruega, a bétula do Norte confundindo seus galhos com os do kauri neozelandês. Era de se confundir o raciocínio dos classificadores da botânica terrestre mais engenhosos.

De repente estaquei. Com a mão, detive meu tio.

A luz disseminada permitia perceber os mínimos objetos na profundeza da mata. E eu pensei ter visto… Não! Mas realmente, com os meus olhos, estava vendo algumas formas imensas se agitando sob as árvores! De fato, eram animais gigantescos, toda uma manada de mastodontes – não mais fósseis, e sim vivos, parecidos com aqueles cujos restos foram descobertos em 1801 nos pântanos de Ohio! Eu via esses grandes elefantes cujas trombas se moviam sob as árvores como uma legião de serpentes. Ouvia o barulho de suas longas presas cujo marfim perfurava os velhos troncos. Os galhos estalavam e as folhas arrancadas em quantidades consideráveis desapareciam na enorme garganta desses monstros.

O sonho em que eu vira renascer todo esse mundo dos tempos pré-históricos, das épocas terciária e quaternária, no fim estava se realizando! E nós estávamos lá, sozinhos nas entranhas do globo e à mercê de seus selvagens habitantes!

Meu tio observava.

– Vamos! – ele disse de repente, segurando-me pelo braço. – Em

frente, em frente!

– Não! – exclamei. – Não! Estamos sem armas! O que poderíamos fazer no meio dessa manada de quadrúpedes gigantes? Venha, meu tio, venha! Nenhuma criatura humana pode afrontar impunemente a cólera desses monstros.

– Nenhuma criatura humana! – respondeu meu tio baixando a voz. – Você está enganado, Axel! Olhe ali, olhe! Acho que estou vendo um ser vivo! Um ser parecido conosco! Um homem!

Eu olhei, dando de ombros e decidido a levar minha incredulidade até os últimos limites. Mas, apesar disso, tive de me render às evidências.

De fato, a menos de quatrocentos metros, apoiado no tronco de um kauri enorme, um ser humano, um Proteu das regiões subterrâneas, um novo filho de Netuno, vigiava aquela inumerável manada de mastodontes!

Immanis pecoris custos, immanior ipse![22]

Sim! *Immanior ipse*! Não era mais o ser fóssil cujo cadáver havíamos erguido no ossuário, e sim um gigante capaz de comandar aqueles monstros. Sua altura ultrapassava três metros e meio. Sua cabeça, grande como a cabeça de um búfalo, desaparecia em meio a uma cabeleira selvagem que parecia uma verdadeira crina, como aquela dos elefantes dos primeiros tempos. Com a mão ele agitava um galho enorme, um digno cajado de um pastor antediluviano.

Ficamos imóveis, estupefatos. Mas podíamos ser vistos. Tínhamos de fugir.

– Venha, venha! – exclamei arrastando meu tio, que pela primeira vez se deixou levar.

Quinze minutos depois, estávamos fora do campo de visão desse temível inimigo.

E agora, quando penso nisso tranquilamente, agora que a calma se refez em minha mente e que se passaram meses desde aquele estranho e sobrenatural encontro, o que pensar? No que acreditar? Não! É impossível! Nossos sentidos estavam enganados, nossos olhos não viram o que viram! Não existe nenhuma criatura humana no mundo subterrâneo! Nenhuma geração de homens vive nessas cavernas inferiores do globo sem suspeitar dos habitantes de sua superfície, sem comunicação com eles! É insensato, completamente insensato!

Prefiro admitir a existência de algum animal cuja estrutura se aproxime da estrutura humana, algum macaco das primeiras épocas geológicas, algum protopiteco, algum mesopiteco semelhante àquele que o sr. Lartet descobriu na jazida de ossos de Sansan![23] Mas o tamanho deste ultrapassava todas as medidas atestadas pela paleontologia! Não importa! Um macaco, sim, um macaco, por mais inverossímil que isso seja! Mas um homem, um homem vivo, e com ele toda uma geração enfurnada nas entranhas da Terra? Jamais!

Nesse ínterim, havíamos saído da floresta clara e luminosa, mudos de espanto, esmagados por uma estupefação que beirava o embrutecimento. Corríamos involuntariamente. Era uma verdadeira fuga, semelhante a esses impulsos assustadores que nos invadem em certos pesadelos. Instintivamente, voltávamos em direção ao Mar Lidenbrock, e eu não sei para quais divagações minha mente teria sido carregada se não fosse por um pensamento que me trouxe de volta a observações de ordem mais prática.

Ainda que eu tivesse certeza de estar pisando em um solo completamente virgem dos nossos passos, com frequência via alguns amontoados de rochas cuja forma me lembrava aquelas do Porto Grauben. Isso confirmava, aliás, a indicação da bússola e o nosso retorno involuntário ao lado norte do Mar Lidenbrock. Às vezes dava para se confundir. Centenas de riachos e cascatas caíam das saliências das rochas. Eu pensava estar revendo o estrato de *surtarbrandur*, nosso fiel Hansbach e a gruta onde eu tinha voltado à vida. Depois, alguns passos mais adiante, a disposição dos contrafortes, a aparição de um riacho e o perfil surpreendente de um rochedo vinham me lançar de novo na dúvida.

Compartilhei minha indecisão com meu tio. Ele hesitou como eu, pois não conseguia se reconhecer no meio daquela paisagem uniforme.

– É evidente – eu lhe disse – que nós não acostamos em nosso ponto de partida. A tempestade nos levou um pouco mais para cima, mas contornando a costa vamos reencontrar o Porto Grauben.

– Nesse caso – respondeu meu tio –, é inútil continuar essa exploração, e o melhor a fazer é voltar à jangada. Mas será que você não está enganado, Axel?

– É difícil ter certeza, meu tio, porque todos esses rochedos se parecem. No entanto, acho que estou reconhecendo o promontório ao pé do qual Hans construiu a embarcação. Devemos estar perto do pequeno porto, se ele não for este aqui mesmo – acrescentei,

examinando um ancoradouro natural que pensei ter reconhecido.

– Não, Axel! Ao menos encontraríamos as nossas próprias pegadas, e eu não estou vendo nada…

– Mas eu estou vendo! – exclamei me precipitando em direção a um objeto que brilhava sobre a areia.

– O que é?

– Isto – respondi.

E mostrei ao meu tio um punhal recoberto de ferrugem que eu acabava de apanhar.

– Mas veja só! – ele disse. – Então você tinha trazido essa arma consigo?

– Eu? De modo algum! Mas o senhor…

– Não que eu saiba. Eu nunca tive esse objeto em minha posse.

– Isso é bem curioso!

– Não, é muito simples, Axel! Os islandeses sempre têm armas desse tipo, e Hans, que é o dono desta, deve tê-la perdido…

Balancei a cabeça. Hans nunca havia possuído aquele punhal.

– Então será que é a arma de algum guerreiro antediluviano? – indaguei. – De um homem vivo? De algum contemporâneo daquele gigantesco pastor? Não! Isto não é uma ferramenta da idade da pedra, nem mesmo da idade do bronze! Esta lâmina é de aço…

Meu tio me deteve bem no meio do caminho para onde uma nova divagação me levava, e me disse com seu tom seco:

– Calma, Axel, volte à razão. Este punhal é uma arma do século XVI, uma verdadeira adaga, do tipo daquelas que os cavalheiros levavam na cintura para dar o golpe de misericórdia. Ela é de origem espanhola, e não pertence nem a você, nem a mim, nem ao caçador, nem mesmo aos seres humanos que talvez vivam nas entranhas do globo!

– O senhor ousa dizer…?

– Veja, ela não está embotada assim de tanto ser enfiada na garganta

das pessoas. Sua lâmina está recoberta de uma camada de ferrugem que não data nem de um dia, nem de um ano, nem de um século!

De acordo com seu costume, o professor se animava ao se deixar levar pela imaginação.

– Axel – ele retomou –, estamos no caminho da grande descoberta! Esta lâmina está abandonada na areia há cem, duzentos, trezentos anos, e se desgastou nas rochas deste mar subterrâneo!

– Mas ela não chegou aqui sozinha! – exclamei. – Ela não se entortou de vontade própria! Alguém nos precedeu…

– Sim, um homem.

– E esse homem…?

– Esse homem gravou o nome dele com este punhal! Esse homem quis mais uma vez indicar com sua própria mão o caminho para o centro! Vamos procurar, vamos!

Extraordinariamente interessados, eis que costeamos a grande muralha e interrogamos as mínimas fissuras que podiam se transformar em alguma galeria.

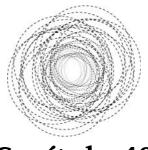
Chegamos, assim, a um lugar onde a costa se estreitava. O mar quase vinha banhar o pé dos contrafortes, deixando uma passagem de no máximo dois metros de largura. Entre duas rochas que avançavam, podíamos ver a entrada de um túnel escuro.

Ali, em uma placa de granito, apareceram duas letras misteriosas meio corroídas, as duas iniciais do ardiloso e fantástico viajante:

– A.S.! – exclamou meu tio. – Arne Saknussemm! Sempre Arne Saknussemm!

A citação é o título de um capítulo do livro *Notre-Dame de Paris* (conhecido no Brasil como *O corcunda de Notre Dame*), do escritor francês Victor Hugo (Livro IV, capítulo III). Em tradução livre, “Guardador de um rebanho monstruoso, ele próprio mais monstruoso

ainda”. (N.T.)

Sansan é uma localidade francesa onde, na década de 1830, o paleontólogo Édouard Lartet (1801-1871) descobriu o maxilar do macaco *Pliopithecus antiquus*. (N.T.)

Capítulo 40

Desde o início da viagem eu havia ficado perplexo várias vezes. Pensava já estar livre de surpresas e indiferente a qualquer maravilhamento. No entanto, ao ver aquelas duas letras inscritas ali há trezentos anos, fiquei em um estado de assombro próximo da estupidez. A assinatura do sábio alquimista não apenas podia ser lida sobre a pedra, como a lâmina que a traçara estava entre as minhas mãos. A não ser que eu tivesse uma notável má-fé, não podia mais pôr em cheque a existência do viajante e a veracidade da sua viagem.

Enquanto essas reflexões turbilhonavam em minha cabeça, o professor Lidenbrock se deixava levar, em um acesso um tanto ditirâmbico, até o local de Arne Saknussemm.

– Maravilhoso gênio – ele exclamava –, você não esqueceu de nada daquilo que abriria aos outros mortais os caminhos da crosta terrestre, e agora os seus semelhantes podem reencontrar as pegadas que os seus pés, há três séculos, deixaram no fundo deste obscuro subterrâneo! Você reservou a contemplação destas maravilhas para outros olhares além dos seus! O seu nome, gravado a cada etapa, conduz diretamente ao alvo o viajante audacioso o bastante para o seguir, e até mesmo no próprio centro do globo ele ainda estará inscrito pela sua própria mão. Pois bem! Eu também irei assinar meu nome nessa última página de granito! Que a partir de agora este cabo visto por você, perto deste mar descoberto por você, seja para sempre chamado de Cabo Saknussemm!

Foi isso o que escutei – ou mais ou menos isso –, e me senti tomado pelo entusiasmo que essas palavras inspiravam. Um fogo interno reacendeu em meu peito! Esqueci de tudo: dos riscos da viagem e dos perigos do retorno. O que um outro tinha feito eu também queria fazer, e nada do que fosse humano me parecia impossível!

– Em frente, em frente! – exclamei.

Eu já estava me precipitando em direção à galeria sombria quando o professor me impediu – ele, o homem impulsivo –, aconselhando-me paciência e sangue-frio.

– Primeiro vamos voltar até Hans – ele disse – e trazer a jangada até aqui.

Obedeci a essa ordem, não sem desprazer, e me esgueirei rapidamente no meio das rochas da costa.

– O senhor sabe, meu tio – disse enquanto caminhava –, que até aqui nós fomos especialmente favorecidos pelas circunstâncias?

– Ah! Você acha, Axel?

– Sem dúvida, e até mesmo a tempestade nos recolocou no caminho certo. Bendita seja a tormenta! Ela nos trouxe de volta a esta costa de onde o tempo bom nos teria afastado! Suponha por um momento que tivéssemos tocado com nossa proa (a proa de uma jangada!) as margens meridionais do Mar Lidenbrock. O que seria de nós? O nome de Saknussemm não teria aparecido diante de nossos olhos, e agora estaríamos abandonados em uma praia sem saída.

– Pois é, Axel, há algo de providencial no fato de que, navegando em direção ao Sul, tenhamos voltado precisamente ao Norte e ao Cabo Saknussemm. Devo dizer que isso é mais do que surpreendente e que a explicação desse fato me escapa por completo.

– Ora! O que importa? Não temos de explicar os fatos, e sim aproveitá-los!

– Com certeza, meu garoto, mas…

– Mas nós vamos retomar a rota do norte e passar sob as regiões setentrionais da Europa, sob a Suécia, a Rússia, a
Sibéria… E eu sei lá?! Em vez de nos embrenhar sob os desertos da África ou as ondas do Oceano. E eu não quero saber de mais nada!

– Sim, Axel, você está certo, e tudo tem a sua razão de ser, pois deixamos para trás esse mar horizontal que não podia nos levar a lugar nenhum. Agora vamos descer, continuar descendo e descer até o fim! Você sabia que, para chegar ao centro do globo, só nos resta transpor um pouco mais de sete mil quilômetros?

– Ora! – exclamei. – Realmente não vale a pena falar nisso! Vamos em frente! Em frente!

Essa conversa insensata ainda estava acontecendo quando encontramos o caçador. Tudo estava pronto para uma partida imediata. Não havia um só pacote que não estivesse embarcado. Ocupamos nossos lugares na jangada e, com a vela içada, Hans se dirigiu ao Cabo Saknussemm contornando a costa.

O vento não era favorável a um tipo de embarcação incapaz de navegar à bolina cerrada. Desse modo, em vários pontos tivemos de avançar com a ajuda dos bastões de caminhada. Com frequência, alguns rochedos à flor da água nos forçavam a fazer desvios bastante longos. Finalmente, depois de três horas de navegação, isto é, por volta das seis horas da tarde, chegamos a um lugar propício ao desembarque.

Desci à terra firme, seguido pelo meu tio e o islandês. A travessia não havia me acalmado. Pelo contrário. Até propus “queimar nossos navios”, a fim de impedir qualquer forma de recuarmos. Mas meu tio se opôs. Achei-o singularmente desanimado.

– Então pelo menos vamos partir sem perder um único instante – eu disse.

– Sim, meu garoto. Mas antes disso, vamos examinar essa nova galeria para saber se temos de preparar nossas escadas.

Meu tio acionou seu aparelho de Ruhmkorff. A jangada, presa à margem, foi deixada só. A abertura da galeria não estava nem a vinte passos dali, e nossa pequena tropa, comigo à frente, dirigiu-se até lá sem mais demora.

A abertura, mais ou menos circular, apresentava um diâmetro de um metro e meio. O sombrio túnel estava talhado na rocha pura e cuidadosamente fresado pelas matérias eruptivas às quais antigamente ele dava passagem. Sua parte inferior aflorava o solo, de modo que pudemos entrar nele sem nenhuma dificuldade.

Seguíamos um plano quase horizontal quando, após seis passos, nossa marcha foi interrompida pela interposição de um bloco enorme.

– Maldita rocha! – exclamei com raiva ao me ver de repente impedido por um obstáculo intransponível.

Embora procurássemos à direita e à esquerda, embaixo e em cima, não

havia nenhuma passagem, nenhuma bifurcação. Senti um vívido desapontamento e não queria admitir a veracidade do obstáculo. Abaixei-me. Olhei embaixo do bloco. Nenhum espaço. Em cima. Mesma barreira de granito. Hans passou a luz da lâmpada sobre todos os pontos da parede, mas ela não oferecia nenhuma solução para continuarmos. Era preciso renunciar à esperança de passar.

Sentei-me no chão. Meu tio percorria o corredor a passos largos.

– E agora, Saknussemm? – exclamei.

– Pois é – disse meu tio. – Será que ele foi impedido por esta porta de pedra?

– Não! Não! – retomei enérgico. – Por causa de uma agitação qualquer ou de um desses fenômenos magnéticos que ainda sacodem a crosta terrestre, este pedaço de rocha fechou bruscamente esta passagem. Vários anos se passaram entre o retorno de Saknussemm e a queda deste bloco. O senhor não acha óbvio que esta galeria antigamente foi o caminho das lavas, e que então as matérias eruptivas circulavam por aqui livremente? Veja, há algumas fissuras recentes que formam sulcos neste teto de granito. Ele é feito de pedaços reunidos e de pedras enormes, como se a mão de algum gigante tivesse trabalhado nessa substrução. Mas um dia algum empurrão foi mais forte, e esse bloco, como se fosse uma pedra angular que cai, escorregou até o chão e obstruiu toda a passagem. Este é um obstáculo acidental que Saknussemm não encontrou e, se nós não o retirarmos daqui, seremos indignos de chegar ao centro do globo.

Foi assim que falei! A alma do professor havia se transferido inteira para mim. O gênio das descobertas me inspirava. Eu esquecia o passado, desdenhava o futuro. Nada mais existia para mim na superfície desse esferoide dentro do qual eu estava embrenhado – nem as cidades, nem os campos, nem Hamburgo, nem a Köningstrasse, nem a minha pobre Grauben, que devia pensar que eu estava perdido para sempre nas entranhas da terra!

– Pois bem – retomou meu tio –, vamos abrir nosso caminho com golpes de enxada e de picareta! Vamos derrubar essas muralhas!

– É duro demais para a picareta – constatei.

– Então a enxada!

– É muita coisa para a enxada!

– Mas…

– Pois bem! A pólvora! A mina! Vamos minar e explodir o obstáculo!

– A pólvora!

– Sim! Só temos de quebrar um pedaço de rocha!

– Mãos à obra, Hans! – exclamou meu tio.

O islandês retornou à jangada e logo voltou com uma picareta, que usou para escavar um fornilho. Não era um trabalho leve. Tratava-se de fazer um buraco grande o suficiente para conter vinte quilos de algodão-pólvora, cuja potência explosiva é quatro vezes maior que a da pólvora de canhão.

Minha mente estava extraordinariamente empolgada. Enquanto Hans trabalhava, ajudei ativamente meu tio a preparar um comprido rastilho feito com a pólvora molhada e enfiada em uma espécie de mangueira de tecido.

– Vamos passar! – eu dizia.

– Vamos passar! – repetia meu tio.

À meia-noite, nosso trabalho de mineiros estava completamente terminado. A carga de algodão-pólvora estava escondida dentro do fornilho e o rastilho, desenrolando-se pela galeria, chegava até o lado de fora.

Agora bastava uma faísca para pôr esse formidável engenho em atividade.

– Amanhã – disse o professor.

Tive de me resignar e ainda esperar por seis longas horas!

capítulo 41

O dia seguinte, quinta-feira, 27 de agosto, foi uma data célebre dessa viagem subterrânea. Ela não me vem à mente sem que o pavor faça meu coração bater. A partir desse momento, nossa razão, nosso bom senso e nossa criatividade não tiveram mais voz. Íamos nos tornar os joguetes dos fenômenos da Terra.

Às seis horas estávamos de pé. Aproximava-se o momento de abrir, com a pólvora, um caminho na crosta de granito.

Quis ter a honra de pôr fogo na mina. Assim que isso estivesse feito, eu deveria me juntar aos meus companheiros na jangada, que não havia sido descarregada. Em seguida nos afastaríamos da costa a fim de nos proteger dos perigos da explosão, cujos efeitos talvez não se concentrassem apenas no interior do maciço.

De acordo com nossos cálculos, o rastilho deveria queimar durante dez minutos antes de levar o fogo até a câmara das pólvoras. Eu tinha, assim, tempo suficiente para chegar até a jangada.

Emocionado, preparei-me para desempenhar o meu papel.

Depois de uma refeição rápida, meu tio e o caçador embarcaram, enquanto eu fiquei na praia. Estava munido de uma lamparina acesa, que me serviria para pôr fogo no rastilho.

– Vá, meu garoto – disse meu tio –, e volte imediatamente para se juntar a nós.

– Fique tranquilo, meu tio, não vou brincar no meio do caminho.

Logo em seguida me dirigi à entrada da galeria. Abri minha lamparina e segurei a ponta do rastilho.

O professor segurava o cronômetro.

– Você está pronto? – ele gritou.

– Estou.

– Ótimo! Fogo, meu garoto!

Envolvi rapidamente o rastilho na chama, e ele crepitou a esse contato. Voltei correndo até a margem.

– Embarque – disse meu tio –, e vamos nos afastar.

Com um vigoroso impulso, Hans nos lançou ao mar. A jangada se afastou uns quarenta metros.

Foi um momento palpitante. O professor seguia com os olhos o ponteiro do cronômetro.

– Mais cinco minutos – ele dizia. – Mais quatro! Mais três!

Meu pulso batia acelerado.

– Mais dois! Um!... Desabem, montanhas de granito!

O que aconteceu depois? Acho que não ouvi o barulho da explosão. Mas a forma dos rochedos se modificou subitamente diante dos meus olhos. Eles se abriram como se fossem uma cortina. Vi um insondável abismo se escavando em plena margem. O mar, tomado pela vertigem, não era mais do que uma onda enorme no flanco da qual a jangada se elevava perpendicularmente.

Todos os três fomos derrubados. Em menos de um segundo, a luz deu lugar à mais profunda escuridão. Em seguida, senti o apoio sólido faltar – não aos meus pés, mas à jangada. Achei que ela estivesse naufragando. Mas não. Quis falar com o meu tio, mas o barulho das águas o teria impedido de me escutar.

Apesar das trevas, do barulho, da surpresa e da emoção, entendi o que havia acabado de acontecer.

Atrás da rocha que acabava de explodir, havia um abismo. A explosão causara uma espécie de terremoto naquele solo entrecortado de fissuras. O precipício havia sido aberto e o mar, transformado em torrente, arrastava-nos consigo para lá.

Senti-me perdido.

Uma hora, duas horas – e eu sei lá? – se passaram dessa forma. Nós nos ajudávamos, segurávamos as mãos para não sermos jogados para fora da jangada. Quando ela batia contra a muralha, ocorriam choques de extrema violência. No entanto, essas colisões eram raras, de onde concluí que a galeria estava se alargando consideravelmente. Sem dúvida era o caminho de Saknussemm. Mas, em vez de descê-lo sozinhos, havíamos arrastado um mar inteiro junto conosco por causa da nossa imprudência.

É compreensível que essas ideias tenham se apresentado à minha mente sob uma forma vaga e obscura. Eu as associava com dificuldade durante essa marcha vertiginosa que mais se assemelhava a uma queda. A julgar pelo ar que me fustigava o rosto, ela devia ultrapassar a velocidade dos trens mais velozes. Portanto, acender uma tocha nessas condições era impossível, e nosso último aparelho elétrico havia se quebrado no momento da explosão.

Fiquei, então, bastante surpreso ao ver de repente uma luz brilhar perto de mim. O rosto calmo de Hans se iluminou. O habilidoso caçador havia conseguido acender a lamparina, e, embora sua chama vacilasse, ela lançava alguns clarões na assustadora escuridão.

A galeria era larga. Eu havia tido razão em imaginá-la assim. Nossa luz insuficiente não nos permitia ver suas duas muralhas ao mesmo tempo. A inclinação das águas que nos carregavam ultrapassava aquela das corredeiras mais intransponíveis da América. Sua superfície parecia feita de um feixe de flechas líquidas disparadas com uma extrema força. Não consigo descrever minhas impressões com uma comparação mais justa. A jangada, envolvida por alguns redemoinhos, às vezes seguia rodopiando. Quando ela se aproximava das paredes da galeria, eu projetava a luz da lamparina ali, e conseguia estimar nossa velocidade ao ver as saliências da rocha se transformarem em traços contínuos. Estávamos presos em uma rede de linhas movediças. Pelas minhas estimativas, nossa velocidade devia chegar a quase cento e cinquenta quilômetros por hora.

Meu tio e eu observávamos tudo com uma expressão embasbacada, apoiados em um pedaço do mastro, que, no momento da catástrofe, havia se quebrado. Estávamos virados de barriga para baixo para não sermos sufocados pela rapidez de um movimento que nenhum poder humano era capaz de fazer parar.

As horas transcorreram. A situação não mudou, mas um incidente veio complicá-la.

Na intenção de pôr um pouco de ordem na carga, percebi que a maior parte dos objetos embarcados havia desaparecido no momento da explosão, quando o mar nos atacara tão violentamente. Quis saber exatamente com quais recursos podíamos contar, e, com a lanterna na mão, comecei as minhas buscas. Dos nossos instrumentos, não restava nada além da bússola e do cronômetro. As escadas e as cordas se reduziam a um pedaço de cabo enrolado em torno do que restou do mastro. Não havia uma só enxada, uma só picareta, um só martelo. E um infortúnio irreparável: só tínhamos víveres para mais um dia!

Pus-me a procurar pelos interstícios da jangada, pelos mínimos cantos formados entre as vigas e a junção das tábuas. Nada! Nossas provisões consistiam unicamente em um pedaço de carne-seca e alguns biscoitos.

Eu olhava com um ar estúpido! Não conseguia compreender! E, no entanto, com que tipo de perigo eu estava me preocupando? Mesmo que os víveres fossem suficientes para meses ou anos, como poderíamos escapar dos abismos para onde essa irreprimível torrente nos levava? Por que temer as torturas da fome quando a morte já se anunciava sob tantas outras formas? Será que teríamos tempo de morrer de inanição?

Contudo, por uma inexplicável estranheza da imaginação, esqueci o perigo imediato para pensar nas ameaças do futuro, que me surgiram em todo o seu horror. Além do mais, talvez pudéssemos escapar da fúria da torrente e voltar à superfície do globo. Como? Não sei. Para onde? Pouco importa. Uma chance em mil ainda é uma chance, ao passo que a morte pela fome não nos deixava nem um pouco de esperança, por menor que ela fosse.

Pensei em contar tudo ao meu tio, mostrar-lhe a que miséria estávamos reduzidos e fazer o cálculo exato do tempo de vida que ainda nos restava. Mas tive a coragem de me calar. Eu queria que ele conservasse todo o seu sangue-frio.

Nesse momento, a luz da lamparina baixou pouco a pouco e se apagou completamente. O pavio havia queimado até o fim. A escuridão voltou a ser absoluta. Não devíamos mais sonhar em dissipar essas trevas impenetráveis. Ainda restava uma tocha, mas ela não poderia se manter acesa. E então, como uma criança, fechei os olhos para não ver toda a escuridão.

Depois de um intervalo de tempo bastante longo, a velocidade de nossa marcha redobrou. Notei isso pela reverberação do ar no meu

rosto. A inclinação das águas estava ficando excessiva. Acredito realmente que não deslizávamos mais. Caíamos. Eu tinha a impressão de uma queda quase vertical. A mão do meu tio e a de Hans, agarradas em meus braços, seguravam-me com força.

De repente, depois de um tempo indeterminável, senti uma espécie de choque. A jangada não havia batido em um corpo duro, mas havia sido subitamente freada em sua queda. Uma tromba d'água, uma imensa coluna líquida abateu-se sobre ela. Fiquei sufocado. Estava me afogando.

No entanto, essa inundação repentina não durou muito. Em poucos segundos tornei a encontrar o ar livre, que aspirei a plenos pulmões. Meu tio e Hans apertavam meu braço até machucar, e nós três ainda estávamos em cima da jangada.

Capítulo 42

Suponho que deviam ser dez horas da noite. O primeiro dos meus sentidos que funcionou depois desse último choque foi a audição. Eu ouvi quase imediatamente – pois foi um verdadeiro ato de audição –, ouvi o silêncio se fazer na galeria, sucedendo os ruídos que há longas horas preenchiam meus ouvidos. Por fim, estas palavras do meu tio me chegaram como um murmúrio:

– Estamos subindo!

– O que o senhor quer dizer?! – exclamei.

– Pois é, estamos subindo! Estamos subindo!

Estendi o braço, toquei na muralha. Minha mão ficou ensanguentada. Subíamos com uma extrema rapidez.

– A tocha! A tocha! – exclamou o professor.

Hans, não sem dificuldades, conseguiu acendê-la, e a chama, mantendo-se de cima a baixo, apesar do movimento ascendente, lançou uma claridade suficiente para iluminar toda a cena.

– É justamente o que eu estava pensando – disse meu tio. – Estamos em um poço estreito que não chega a oito metros de diâmetro. A água, tendo chegado ao fundo do precipício, está retomando o seu nível e nos fazendo subir junto com ela.

– Para onde?

– Não sei, mas temos de estar prontos para qualquer coisa. Estamos subindo com uma velocidade que estimo em quatro metros por segundo, isto é, duzentos e quarenta metros por minuto, ou mais de quatorze quilômetros por hora. Desse jeito, vamos avançar um bom

pedaço.

– Só se nada nos impedir e se este poço tiver uma saída! Mas se ele estiver obstruído e se o ar se comprimir pouco a pouco sob a pressão da coluna de água, vamos ser esmagados!

– Axel – respondeu o professor com uma grande calma –, a situação é quase desesperadora, mas há algumas chances de salvação, e são justamente essas que eu estou examinando. Se a qualquer instante podemos morrer, a qualquer instante também podemos ser salvos. Estejamos, portanto, em condições de aproveitar as mínimas circunstâncias.

– Mas o que fazer?

– Recuperar nossas forças comendo.

A essas palavras, olhei para o meu tio com os olhos arregalados. O que eu não ousara confessar, finalmente seria preciso lhe dizer.

– Comer? – repeti.

– Sim, sem mais demora.

O professor acrescentou algumas palavras em dinamarquês. Hans balançou a cabeça.

– O quê?! – exclamou meu tio. – Nossas provisões foram perdidas?

– Pois é! E é isto o que resta dos víveres: um pedaço de carne-seca para nós três!

Meu tio me olhava sem conseguir compreender minhas palavras.

– E então? – eu disse. – O senhor ainda acredita que podemos ser salvos?

Minha pergunta não teve nenhuma resposta.

Uma hora se passou. Eu começava a sentir uma fome violenta. Meus companheiros também sofriam, e nenhum de nós ousava tocar no miserável resto de alimento.

Nesse ínterim, ainda subíamos com uma extrema rapidez. Às vezes o ar nos cortava a respiração, como acontece com os aeronautas cuja subida é rápida demais. Mas se estes sentem um frio proporcional à medida que se elevam nas camadas atmosféricas, nós sofríamos um

efeito absolutamente contrário. O calor aumentava de um modo inquietante e certamente já devia atingir quarenta graus.

O que significava uma mudança como essa? Até então, os fatos haviam dado razão às teorias de Davy e Lidenbrock. Até então, algumas condições particulares das rochas refratárias, da eletricidade e do magnetismo haviam modificado as leis gerais da natureza ao nos proporcionar uma temperatura moderada – pois, aos meus olhos, a teoria do calor central permanecia sendo a única verdadeira, a única explicável. Será que estávamos indo para um meio onde esses fenômenos se cumpririam em todo o seu rigor e onde o calor reduziria as rochas a um completo estado de fusão? Era o que eu temia. Disse ao professor:

– Se nós não formos afogados ou feridos e se não morrermos de fome, ainda nos resta a possibilidade de sermos queimados vivos.

Ele se contentou em dar de ombros e voltou às suas reflexões.

Uma hora se passou. Exceto por um leve aumento na temperatura, nenhum incidente modificou a situação. Finalmente meu tio rompeu o silêncio.

– Vejamos – ele disse –, temos de tomar uma decisão.

– Tomar uma decisão? – repliquei.

– Sim. Temos de recuperar as nossas forças. Se nós não tentarmos prolongar nossa existência em algumas horas dividindo este resto de comida, vamos ficar fracos até o fim.

– Sim, até o fim, que não vai demorar para chegar.

– Ora essa! Caso uma chance de salvação se apresente, caso um momento de ação seja necessário, onde encontraremos a força para agir se nos deixarmos enfraquecer pela inanição?

– Ah! Mas tio, quando este pedaço de carne tiver sido devorado, o que vai nos restar?

– Nada, Axel, nada! Mas você acha que ele vai te alimentar mais se você o comer com os olhos? Você está tendo pensamentos de um homem sem vontade, de um ser sem energia!

– Então o senhor não está desesperado? – perguntei com irritação.

– Não! – replicou firmemente o professor.

– Como? O senhor ainda acredita em alguma chance de salvação?

– Acredito! Claro que acredito! Enquanto o coração bater e a carne palpitar, não admito que um ser dotado de vontade deixe o desespero ocupar um lugar dentro de si.

Que palavras! O homem que as pronunciava em semelhantes circunstâncias certamente tinha um caráter pouco comum.

– Enfim – retomei –, o que o senhor pretende fazer?

– Comer até a última migalha de alimento que nos resta e recuperar nossas forças perdidas. Essa refeição será a nossa última. Que seja! Mas em vez de estarmos esgotados, ao menos teremos voltado a ser homens.

– Pois bem! Devoremos! – exclamei.

Meu tio pegou o pedaço de carne e os poucos biscoitos que escaparam do naufrágio. Ele fez três porções iguais e as distribuiu. Isso dava mais ou menos quinhentos gramas de alimento para cada. O professor comeu avidamente, com uma espécie de arrebatamento febril; eu, apesar da minha fome, sem prazer e quase com desgosto; e Hans, tranquila e moderadamente, mastigando sem barulho pequenos bocados e saboreando-os com a calma de um homem que não pode ser abalado pelas preocupações do futuro. Fuçando bem, ele havia encontrado um cantil meio cheio de genebra, que nos ofereceu. Esse benfazejo licor teve o poder de me reanimar um pouco.

– *Förträfflig*! – disse Hans ao beber seu gole.

– Excelente! – concordou meu tio.

Eu havia recuperado alguma esperança. Mas nossa última refeição acabava de ser devorada. Eram, então, cinco horas da manhã.

O homem é feito de tal modo que sua saúde não passa de um efeito puramente negativo. Uma vez que a necessidade de comer é satisfeita, dificilmente imaginamos os horrores da fome. É preciso vivenciá-los para compreendê-los. Desse modo, ao sairmos de um longo jejum, alguns bocados de biscoito e de carne foram mais fortes do que as nossas dores passadas.

Depois dessa refeição, cada um se deixou levar pelas suas reflexões.

No que pensava Hans, esse homem do extremo Ocidente dominado pela resignação fatalista dos orientais? Por minha vez, meus pensamentos só eram compostos de lembranças, e estas me levavam de volta à superfície do globo, de onde eu jamais deveria ter saído. A casa da Königstrasse, minha pobre Grauben e a governanta Martha passaram como visões diante dos meus olhos. Em meio aos ruídos lúgubres que corriam pelo maciço, eu pensava surpreender o barulho das cidades da Terra.

Quanto ao meu tio, sempre em seus afazeres, ele examinava atentamente, de tocha à mão, a natureza dos terrenos. Ele tentava identificar nossa posição pela observação das camadas sobrepostas. Esse cálculo, ou melhor, essa estimativa, só podia ser bem aproximativa. Mas um sábio sempre é um sábio quando consegue conservar seu sangue-frio, e com certeza o professor Lidenbrock possuía essa qualidade em um grau pouco ordinário.

Eu o ouvia murmurar algumas palavras da ciência geológica. Compreendia-as e, sem querer, interessava-me por aquele estudo supremo.

– Granito eruptivo – ele dizia. – Ainda estamos na época primitiva. Mas estamos subindo, subindo! Quem sabe?

Quem sabe? Ele ainda tinha esperanças. Com as mãos, tateava a parede vertical. Alguns instantes mais tarde, continuou:

– Aqui estão os gnaisses e os micaxistos! Pois bem! Logo virão os terrenos da época da transição, e então…

O que o professor queria dizer? Será que ele era capaz de medir a espessura da crosta terrestre suspensa acima de nossas cabeças? Será que ele tinha algum meio de fazer esse cálculo? Não. Faltava-lhe o manômetro e nenhuma estimativa poderia substituí-lo.

Nesse meio-tempo, a temperatura aumentava em uma grande proporção e eu me sentia banhado em uma atmosfera ardente. Só conseguia compará-la ao calor emitido pelos fornos de uma fundição no momento da moldagem dos metais. Pouco a pouco, Hans, meu tio e eu tivemos de tirar nossos paletós e coletes. A menor vestimenta se tornava uma causa de mal-estar, para não dizer de sofrimento.

– Estamos subindo em direção a um forno incandescente! – exclamei no momento em que o calor redobrava.

– Não – respondeu meu tio –, é impossível! Impossível!

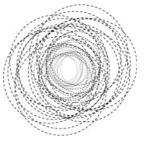
– Mas esta muralha está queimando! – eu disse tateando a parede.

No momento em que pronunciei essas palavras, minha mão tocou na água e eu tive de retirá-la o mais rápido possível.

– A água está fervendo! – exclamei.

Dessa vez, o professor só respondeu com um gesto de cólera.

E, então, um pavor invencível dominou o meu cérebro e não o deixou mais. Eu tinha o sentimento de que uma catástrofe se aproximava, e tão grande que a mais audaciosa imaginação não poderia concebê-la. Uma ideia, inicialmente vaga e incerta, transformou-se em certeza na minha mente. Tentei repeli-la, mas ela voltou com obstinação. Eu não ousava formulá-la. No entanto, algumas observações involuntárias determinaram minha convicção. Ao clarão vacilante da tocha, notei alguns movimentos desordenados nas camadas de granito. Com certeza um fenômeno, no qual a eletricidade desempenhava importante papel, seria produzido. E ainda havia esse calor excessivo, essa água fervendo… Decidi observar a bússola.

Ela havia enlouquecido!

Capítulo 43

Sim, enlouquecido! A agulha saltava de um polo ao outro com sacudidelas bruscas, percorria todos os pontos do quadrante e girava como se tivesse sido tomada pela vertigem.

Eu bem sabia que, segundo as teorias mais aceitas, a crosta mineral do globo nunca permanece em um estado de repouso absoluto. As mudanças ocorridas pela decomposição das matérias internas, a agitação proveniente das grandes correntes líquidas e a ação do magnetismo tendem a abalá-la incessantemente, ainda que os seres espalhados em sua superfície não suspeitem de sua agitação. Portanto, em outra situação esse fenômeno não teria me assustado, ou ao menos não teria feito nascer uma ideia terrível em minha mente.

Mas outros fatos, certos detalhes *sui generis*, não puderam me enganar por muito mais tempo. As detonações se multiplicavam com uma intensidade assustadora. Eu só conseguia compará-las ao barulho que fariam uma grande quantidade de carroças sendo arrastadas rapidamente sobre a rua. Era um trovão contínuo.

Além disso, a bússola enlouquecida, sacudida pelos fenômenos elétricos, confirmava a minha opinião. A crosta mineral ameaçava se romper; os maciços graníticos ameaçavam se juntar; a fissura, se cumular; o vazio, se preencher; e nós, pobres átomos, nós seríamos esmagados naquele formidável abraço.

– Meu tio, meu tio! – exclamei. – Estamos perdidos!

– Por que esse novo pânico? – ele me respondeu com uma calma surpreendente. – O que você tem?

– O que eu tenho? Observe essas muralhas se agitando, esse maciço se deslocando, esse calor tórrido, essa água fervendo, esses vapores se

condensando, essa agulha louca! São todos os indícios de um terremoto!

Meu tio balançou a cabeça devagar.

– Um terremoto? – ele disse.

– É!

– Meu garoto, acho que você está enganado!

– Como? O senhor não está reconhecendo esses sintomas?

– De um terremoto? Não! Estou esperando algo melhor que isso!

– O que quer dizer?

– Uma erupção, Axel.

– Uma erupção? – eu disse. – Então estamos na chaminé de um vulcão em atividade?

– É o que eu acho – disse o professor sorrindo –, e esta é a melhor coisa que poderia nos acontecer.

A melhor coisa? Meu tio havia ficado louco? O que significavam essas palavras? Por que essa calma e esse sorriso?

– Como? – exclamei. – Então fomos pegos por uma erupção? A fatalidade nos lançou no caminho das lavas incandescentes, das rochas em brasa, das águas ferventes, de todas as matérias eruptivas? Vamos ser empurrados, expulsos, arremessados, vomitados, lançados pelos ares com os pedaços de rocha, as chuvas de cinzas e as escórias, em um turbilhão de chamas, e isso é o que pode nos acontecer de melhor?

– É – respondeu o professor me olhando por cima de seus óculos –, pois é a única chance que temos de voltar à superfície da terra!

Não vou me demorar nas mil ideias que se cruzaram em minha mente. Meu tio tinha razão, absolutamente, e ele nunca me pareceu tão audacioso e tão convencido quanto naquele momento em que, com calma, esperava e calculava as chances de uma erupção.

Nesse meio-tempo, continuávamos subindo. A noite se passou nesse movimento ascendente. Os estrondos ao redor redobravam. Eu estava quase sufocando, pensava estar chegando nas minhas últimas horas. Contudo, a imaginação é tão estranha que eu me entregava a uma

pesquisa realmente infantil. Mas eu estava sucumbindo aos meus pensamentos e não conseguia dominá-los!

Era evidente que estávamos sendo arremessados por uma força eruptiva. Sob a jangada havia águas ferventes e, sob essas águas, toda uma massa de lava e um agregado de rochas que, no cume da cratera, se dispersariam para todos os lados. Estávamos, portanto, na chaminé de um vulcão. Não havia dúvidas quanto a isso.

Mas, desta vez, em vez do Sneffels – um vulcão inativo –, tratava-se de um vulcão em plena atividade. Eu me perguntava, então, qual poderia ser essa montanha e em qual parte do mundo seríamos expelidos.

Não havia dúvidas de que seria nas regiões setentrionais. Antes de enlouquecer, a bússola nunca tinha variado a esse respeito. Desde o Cabo Saknussemm, havíamos sido arrastados diretamente para o Norte por centenas de quilômetros. Ora, será que tínhamos voltado para a Islândia? Seríamos expelidos pela cratera do Hekla ou por algum dos outros sete montes ignívomos da ilha? Em um raio de dois mil e quinhentos quilômetros a Oeste, eu só conseguia pensar, nesse paralelo, nos vulcões pouco conhecidos da costa noroeste da América. No Leste, só havia um, sob o grau de latitude oitenta: o Esk, na ilha Jan Mayen, não muito longe da Spitsbergen. É claro que não faltavam crateras e que elas eram espaçosas o suficiente para vomitar um exército inteiro! Mas qual delas nos serviria de saída é o que eu tentava adivinhar.

De manhã, o movimento de ascensão se acelerou. Se, ao nos aproximarmos da superfície do globo, o calor aumentou em vez de diminuir, é porque ele era bem localizado e era provocado por uma influência vulcânica. Nosso tipo de locomoção não me deixava mais nenhuma dúvida. Uma força enorme, uma força de muitas centenas de atmosferas produzida pelos vapores acumulados no seio da terra, impelia-nos irreprimivelmente. A que perigos inomináveis ela nos expunha?

Logo alguns reflexos afogueados penetraram na galeria vertical que se alargava. À direita e à esquerda, eu via corredores profundos, parecidos com imensos túneis, de onde escapavam vapores espessos. Línguas de chama lambiam suas paredes crepitando.

– Olhe! Olhe, meu tio! – exclamei.

– Bom, são chamas sulfurosas. Nada mais natural em uma erupção.

– Mas e se elas nos atingirem?

– Elas não vão nos atingir.

– Mas e se nós sufocarmos?

– Não vamos sufocar. A galeria está se alargando, e, se for preciso, vamos abandonar a jangada para nos abrigar em alguma fenda.

– E a água? A água que está subindo?

– Não existe mais água, Axel, só uma espécie de pasta de lava que nos ergue junto com ela até o orifício da cratera.

A coluna líquida realmente havia desaparecido para dar lugar a matérias eruptivas bastante densas, ainda que borbulhantes. A temperatura se tornava insustentável; um termômetro exposto àquela atmosfera teria marcado mais de setenta graus! O suor me inundava. Sem a rapidez da subida, certamente teríamos sufocado.

No entanto, o professor não deu prosseguimento à sua proposta de abandonar a jangada, e ele fez bem. Essas poucas vigas mal atadas ofereciam uma superfície sólida, um ponto de apoio que em qualquer outro lugar nos faltaria.

Por volta das oito horas da manhã, um novo incidente aconteceu pela primeira vez. O movimento ascendente parou de súbito. A jangada ficou absolutamente imóvel.

– O que é isso? – perguntei, assustado com essa parada repentina, como teria ficado com uma colisão.

– Uma parada – respondeu meu tio.

– A erupção está se acalmando?

– Espero que não.

Levantei-me. Tentei ver o que havia ao redor. Talvez a jangada, bloqueada por um pedaço de rocha, estivesse opondo uma resistência momentânea à massa eruptiva. Nesse caso, seria preciso se apressar e soltá-la o mais rápido possível.

Mas não era nada disso. A própria coluna de cinzas, escórias e detritos pedregosos havia parado de subir.

– Será que a erupção vai parar? – exclamei.

– Ah! – disse meu tio entre os dentes. – Você está com medo, meu

garoto. Mas tenha a certeza de que este momento de calma não vai se prolongar muito. Já faz cinco minutos que ele dura, e em breve vamos retomar nossa subida em direção ao orifício da cratera.

Ao falar isso, o professor não parava de consultar seu cronômetro, e ele ainda estaria certo em seus prognósticos. Logo depois a jangada voltou a ser tomada por um movimento rápido e desordenado que durou mais ou menos dois minutos, e então parou de novo.

– Bom – disse meu tio observando a hora –, dentro de dez minutos ela vai retomar seu movimento.

– Dez minutos?

– Sim. Estamos lidando com um vulcão de erupção intermitente, que nos deixa respirar junto com ele.

Nada era mais verdadeiro. No minuto determinado, fomos lançados de novo com uma extrema rapidez. Tínhamos de nos agarrar às vigas para não sermos jogados para fora da jangada. E então o impulso parou.

Desde então, tenho refletido sobre esse fenômeno singular sem encontrar uma explicação satisfatória. Todavia, parece-me evidente que não ocupávamos a chaminé principal do vulcão, mas sim um conduto secundário, onde um efeito reativo se fazia sentir.

Eu não saberia dizer quantas vezes essa manobra se repetiu. Tudo o que posso afirmar é que, a cada retomada do movimento, éramos lançados com uma força crescente e parecíamos ser carregados por um verdadeiro projétil. Durante os instantes de parada, sufocávamos; durante os momentos de projeção, o ar ardente me cortava a respiração. Pensei um instante no prazer de me encontrar de súbito nas regiões hiperbóreas, em meio a um frio de trinta graus abaixo de zero. Minha imaginação superexcitada passeava sobre as planícies de neve das regiões árticas, e eu aspirava ao momento em que rolaria nos tapetes congelados do polo! Pouco a pouco, aliás, minha cabeça se perdeu, aturdida pelas reiteradas sacudidas. Sem os braços de Hans, mais de uma vez eu teria quebrado meu crânio contra a parede de granito.

Portanto, não conservei nenhuma lembrança precisa do que se passou durante as horas seguintes. Tenho o sentimento confuso das detonações contínuas, da agitação do maciço, de um movimento giratório que capturou a jangada. Ela ondulou sobre as ondas de lava, em meio a uma chuva de cinzas. As chamas ressoantes a envolveram.

Um furacão, que parecia ter sido soprado por um imenso ventilador, ativou os fogos subterrâneos. Pela última vez, o rosto de Hans me apareceu em um reflexo do incêndio, e eu não tive mais nenhum sentimento além daquele pavor sinistro dos condenados presos à boca de um canhão no momento em que o tiro é disparado, dispersando seus membros pelos ares.

Capítulo 44

Quando reabri os olhos, senti que a mão forte de Hans me segurava pela cintura. Com a outra mão ele sustentava meu tio. Eu não estava ferido gravemente, mas uma dor generalizada me abatia. Vi-me deitado sobre a encosta de uma montanha, a dois passos de um abismo no qual teria me precipitado ao menor movimento. Hans me salvara da morte no momento em que eu rolava sobre os flancos da cratera.

– Onde estamos? – perguntou meu tio, que me pareceu bastante irritado por ter voltado à superfície da terra.

O caçador deu de ombros em sinal de desconhecimento.

– Na Islândia? – indaguei.

– *Nej* – respondeu Hans.

– Como assim? Não? – exclamou o professor.

– Hans está enganado – eu disse me levantando.

Depois das inúmeras surpresas dessa viagem, uma estupefação ainda nos era reservada. Eu esperava ver um pico coberto de neves eternas, em meio aos áridos desertos das regiões setentrionais, sob os pálidos raios de um céu polar e para além das latitudes mais elevadas. Mas, ao contrário de todas essas previsões, o islandês, meu tio e eu estávamos estendidos no meio do flanco de uma montanha calcinada pelos ardores do sol, que nos devorava com o seu fogo.

Eu não queria acreditar nos meus olhos, mas o verdadeiro cozimento do qual meu corpo era objeto não deixava nenhuma dúvida. Havíamos saído seminus da cratera, e o astro radioso, a quem nada pedíamos há

dois meses, exibia-se dissipando sua luz e seu calor e vertia com abundância uma esplêndida irradiação sobre nós.

Quando meus olhos se habituaram a esse clarão ao qual já não estavam mais acostumados, usei-os para retificar os erros de minha imaginação. Eu queria, pelo menos, estar na ilha Spitsbergen, e não tinha vontade de dar o braço a torcer tão facilmente.

O professor, tomando a palavra primeiro, disse:

– De fato, isto não parece a Islândia.

– Talvez a ilha Jan Mayen? – respondi.

– Também não, meu garoto. Isto não é um vulcão do Norte, com colinas de granito e uma calota de neve.

– Mas…

– Olhe, Axel, olhe!

Acima de nossas cabeças, a cento e cinquenta metros no máximo, abria-se a cratera de um vulcão, pela qual escapava, de quinze em quinze minutos e com uma detonação muito forte, uma grande coluna de chamas misturada a pedra-pomes, cinzas e lavas. Eu sentia as convulsões da montanha, que respirava como as baleias e que, de tempos em tempos, expelia fogo e ar por seus enormes respiradouros. Abaixo, ao longo de um declive bastante íngreme, os lençóis de matérias eruptivas se estendiam a uma distância de duzentos a duzentos e cinquenta metros, o que dava ao vulcão uma altura total de menos de quinhentos metros. Sua base desaparecia em um verdadeiro canteiro de árvores verdes, dentre as quais eu reconhecia oliveiras, figueiras e vinhedos carregados de cachos vermelhos.

Era preciso convir que essa não era a aparência das regiões árticas.

Quando o olhar transpassava esse limite verdejante, rapidamente se perdia nas águas de um mar admirável ou de um lago, que fazia dessa terra encantada uma ilha de poucos quilômetros de largura. Na direção do levante, via-se um pequeno porto precedido de algumas casas, no qual alguns navios de formato particular balançavam às ondulações das águas azuis. Mais além, grupos de ilhotas saíam da planície líquida, e elas eram tão numerosas que pareciam um vasto formigueiro. Na direção do poente, praias longínquas se arredondavam no horizonte; em algumas, perfilavam-se montanhas azuis de harmonioso formato; em outras, mais distantes, apareciam

picos prodigiosamente elevados, no cimo dos quais se agitava uma nuvem de fumaça. Ao norte, uma imensa extensão de água cintilava sob os raios de sol, deixando despontar aqui e acolá a extremidade de um mastro ou o arqueamento de uma vela inflada ao vento.

A imprevisibilidade de tal espetáculo centuplicava suas maravilhosas belezas.

– Onde estamos? Onde estamos? – eu repetia a meia-voz.

Hans fechava os olhos com indiferença, e meu tio olhava sem compreender.

– Qualquer que seja esta montanha – ele disse por fim –, faz um tanto de calor aqui. As explosões ainda não terminaram, e realmente não valeria a pena sair de uma erupção para depois levar um pedaço de rocha na cabeça. Então vamos descer e assim saberemos no que nos fiar. Aliás, estou morrendo de fome e de sede.

Decididamente o professor não tinha um espírito contemplativo. Quanto a mim, esquecendo das necessidades e do cansaço, eu ainda teria ficado naquele lugar por longas horas, mas tive de seguir meus companheiros.

O talude do vulcão oferecia declives bastante íngremes. Deslizávamos em verdadeiros charcos de cinzas, evitando os riachos de lava que se prolongavam como se fossem serpentes de fogo. Ao descer, eu não parava de falar, pois minha imaginação estava repleta demais para não se esvair em palavras.

– Estamos na Ásia – exclamei –, na costa da Índia, nas ilhas malaias, em plena Oceania! Atravessamos a metade do globo para chegar às antípodas da Europa.

– Mas e a bússola? – respondeu meu tio.

– Pois é! A bússola! – eu disse com um ar embaraçado. – De acordo com ela, estávamos andando sempre para o Norte.

– Então ela mentiu?

– Oh! Mentiu!

– A menos que este aqui seja o Polo Norte!

– O polo? Não, mas…

Havia um fato inexplicável. Eu não sabia o que pensar.

Nesse meio-tempo, aproximamo-nos daquele verde que dava prazer de ver. A fome me atormentava e a sede também. Felizmente, depois de duas horas de caminhada, um belo campo se ofereceu aos nossos olhos, inteiramente recoberto de oliveiras, romãzeiras e vinhedos que pareciam pertencer a todo mundo. Aliás, na nossa penúria, nem pensávamos muito nessa questão. Que prazer foi espremer esses saborosos frutos em nossos lábios e morder os cachos desses vinhedos vermelhos! Não muito longe, no gramado, à sombra deliciosa das árvores, descobri uma nascente de água fresca, onde nossos rostos e mãos mergulharam com vontade.

Enquanto cada um de nós se abandonava, assim, às doçuras do repouso, uma criança apareceu entre duas ramagens de oliveiras.

– Ah! – exclamei. – Um habitante desta região afortunada!

Era uma espécie de pobrezinho, vestido muito miseravelmente e bastante debilitado, que pareceu ter ficado muito assustado com a nossa aparência. De fato, seminus e com nossas barbas incultas, passávamos uma impressão muito ruim, e, a menos que aquela fosse uma zona de ladrões, tínhamos tudo para assustar seus habitantes.

No momento em que o menino ia fugir, Hans correu atrás dele e o apanhou, apesar dos seus gritos e chutes.

Meu tio começou tranquilizando-o o melhor que podia, e lhe disse em bom alemão:

– Qual é o nome desta montanha, meu amiguinho?

A criança não respondeu.

– Bom – disse meu tio –, nós não estamos na Alemanha.

E ele repetiu a mesma pergunta em inglês.

A criança também não respondeu. Fiquei muito intrigado.

– Será que ele é mudo? – exclamou o professor, que, muito orgulhoso de seu poliglotismo, refez a mesma pergunta em francês.

Mesmo silêncio da criança.

– Então vamos tentar o italiano – continuou meu tio, dizendo nessa língua: – *Dove noi siamo*?

– Sim! Onde estamos? – repeti com impaciência.

E a criança ainda não respondia.

– Ora essa! Você não vai falar? – exclamou meu tio, que, ficando com raiva, sacudiu a criança pelas orelhas. – *Come si noma questa isola*?

– *Stromboli* – repetiu o pastorzinho, que escapou das mãos de Hans e correu para a planície por entre as oliveiras.

Nós mal havíamos pensado nele! O Stromboli! Que efeito esse nome inesperado produziu na minha imaginação! Estávamos em pleno Mediterrâneo, no meio das Ilhas Eólias de memória mitológica, no antigo *Strongyle*, onde Éolo mantinha acorrentados os ventos e as tempestades. E aquelas montanhas azuis que se arredondavam no levante eram as montanhas da Calábria! E aquele vulcão elevado no horizonte ao sul era o próprio Etna, o selvagem Etna.

– Stromboli! Stromboli! – eu repetia.

Meu tio me acompanhava com seus gestos e palavras. Parecia que cantávamos em coro!

Ah! Que viagem! Que viagem maravilhosa! Tendo entrado por um vulcão, havíamos saído por um outro, e este outro se situava a mais de cinco mil quilômetros do Sneffels e daquela árida Islândia perdida nos confins do mundo! Os acasos dessa expedição haviam nos transportado até o centro das regiões mais harmoniosas da Terra! Havíamos trocado a região das neves eternas por aquela do verde infinito, e deixado as névoas cinzentas das zonas glaciais para voltar ao céu azulado da Sicília!

Depois de uma deliciosa refeição composta de frutas e água fresca, retomamos a caminhada para chegar ao porto de Stromboli. Dizer como havíamos chegado à ilha não nos pareceu prudente – o espírito supersticioso dos italianos não teria deixado de ver em nós demônios vomitados pelo inferno. Assim, tivemos de nos resignar a passar por meros náufragos. Era menos glorioso, mas mais seguro.

No caminho, eu ouvia meu tio murmurar:

– Mas e a bússola? Ela indicava o Norte! Como explicar esse fato?

– Ora! – eu disse com um grande ar de desdém. – Não temos de explicá-lo, é mais fácil assim!

– Como? Seria uma vergonha se um professor do Johannaeum não encontrasse a causa de um fenômeno cósmico!

Ao falar assim, seminu, com a bolsa de couro em torno da cintura e endireitando os óculos sobre o nariz, meu tio voltou a ser o terrível professor de mineralogia.

Uma hora depois de termos saído do bosque das oliveiras, chegamos ao porto de San Vicenzo, onde Hans solicitou o pagamento de sua décima terceira semana de serviço, que lhe foi acertado com calorosos apertos de mão.

Nesse momento, se ele não compartilhou a nossa emoção natural, ao menos se deixou levar por um movimento de expansão extraordinário.

Com a ponta dos dedos, apertou levemente as nossas mãos e se pôs a sorrir.

Capítulo 45

Eis a conclusão de uma narrativa na qual se recusarão a acreditar as pessoas mais habituadas a não se espantar com nada. Mas estou protegido de antemão contra a incredulidade humana.

Fomos recebidos pelos pescadores de Stromboli com as atenções que são devidas aos náufragos. Eles nos ofereceram roupas e alimentos. Depois de quarenta e oito horas de espera, em 31 de agosto, um pequeno *speronare*[24] nos conduziu a Messina, onde, com alguns dias de repouso, nos recompusemos de todos os nossos cansaços.

Na sexta-feira, 4 de setembro, embarcamos no *Volturne*, um dos vapores a serviço dos correios imperiais da França, e, três dias mais tarde, desembarcávamos em Marselha, não tendo mais do que uma única preocupação em mente: a nossa maldita bússola. Esse fato inexplicável não deixava de me atormentar seriamente. Na noite de 9 de setembro, chegávamos em Hamburgo.

Nem mesmo tento descrever a estupefação de Martha e a alegria de Grauben.

– Agora que você é um herói, Axel – disse-me minha querida noiva –, você não precisará mais me deixar.

Olhei para ela, que chorava sorrindo.

Deixo que imaginem o quanto o retorno do professor Lidenbrock causou sensação em Hamburgo. Graças às indiscrições de Martha, a novidade de sua partida para o centro da Terra havia se espalhado pelo mundo inteiro. Ninguém queria acreditar nisso, e tampouco acreditaram quando ele voltou.

No entanto, a presença de Hans e várias informações vindas da Islândia modificaram pouco a pouco a opinião pública.

E então meu tio se tornou um grande homem, e eu, o sobrinho de um grande homem, o que já é alguma coisa. Hamburgo deu uma festa em nossa honra. Houve uma sessão pública no Johannaeum, onde o professor narrou sua expedição e só omitiu os fatos relativos à bússola. No mesmo dia, ele depositou nos arquivos da cidade o documento de Saknussemm, e expressou seu vívido lamento de que as circunstâncias, mais fortes do que sua vontade, não lhe tivessem permitido seguir as pegadas do viajante islandês até o centro da Terra. Ele foi modesto em sua glória, e sua reputação aumentou ainda mais.

Tanta honra necessariamente devia suscitar invejosos. Houve alguns. E, como as teorias do professor, apoiadas em fatos comprovados, contradiziam os sistemas da ciência quanto à questão do fogo central, ele travou, pela pena e pela fala, notáveis discussões com sábios de todos os países.

Quanto a mim, não posso admitir sua teoria do resfriamento: a despeito daquilo que vi, acredito e sempre acreditarei no calor central. Mas confesso que certas circunstâncias ainda mal definidas podem modificar essa lei sob a ação de fenômenos naturais.

No momento em que essas questões estavam em voga, meu tio teve um verdadeiro desprazer. Apesar de suas insistências, Hans foi embora de Hamburgo. O homem a quem tudo devíamos não quis nos deixar pagar nossa dívida. Ele foi tomado pela saudade da Islândia.

– *Farval* – ele disse um dia e, depois dessa simples palavra de adeus, partiu para Reykjavík, aonde chegou feliz.

Estávamos singularmente ligados ao nosso corajoso caçador de êider. A sua ausência nunca o fará esquecer daqueles cuja vida salvou, e eu certamente não morrerei sem o ter reencontrado uma última vez.

Para concluir, devo acrescentar que essa *Viagem ao centro da Terra* causou uma enorme sensação no mundo todo. Ela foi impressa e traduzida em todas as línguas. Os jornais mais conceituados disputaram seus principais episódios, que foram comentados, discutidos, atacados e defendidos com igual convicção tanto no campo nos crentes quanto no dos incrédulos. Coisa rara! Meu tio gozava em vida de toda a glória que havia conquistado, e até o sr. Barnum propôs “exibi-lo” a um preço bem elevado nos Estados da União.[25]

Mas um aborrecimento – pode-se dizer até mesmo um tormento – se

insinuava entre essa glória. Um fato permanecia inexplicável: o da bússola. Ora, para um sábio, não poder explicar um fenômeno como esse é um verdadeiro suplício para a inteligência. Pois bem! O céu reservava ao meu tio a completa felicidade.

Um dia, organizando uma coleção de minerais no escritório de meu tio, vi a famosa bússola e comecei a observá-la.

Fazia seis meses que ela estava lá, em seu canto, sem desconfiar dos aborrecimentos que causava.

De repente, qual não foi a minha estupefação! Dei um grito. O professor veio correndo.

– O que está havendo? – ele perguntou.

– Esta bússola!

– E daí?

– A agulha indica o Sul, e não o Norte!

– O que você está dizendo?

– Veja! Os polos estão trocados.

– Trocados?!

Meu tio olhou, comparou e fez a casa toda tremer com um belo pulo.

Ah, que luz iluminou ao mesmo tempo a mente dele e a minha!

– Mas então – ele disse assim que recuperou a fala –, desde a nossa chegada ao Cabo Saknussemm, a agulha desta maldita bússola marcava o Sul em vez do Norte?

– É claro!

– Então nosso erro está explicado. Mas qual fenômeno pode ter provocado essa inversão dos polos?

– Nada mais simples.

– Explique-se, meu garoto.

– Durante a tempestade no Mar Lidenbrock, aquela bola de fogo que imantou o ferro da jangada simplesmente desorientou a nossa bússola!

– Ah! – exclamou o professor caindo na gargalhada. – Então só tinha a ver com a eletricidade?

A partir desse dia, meu tio foi o mais feliz dos sábios, e eu, o mais feliz dos homens, pois a minha linda virlandesa, abdicando de sua posição de pupila, instalou-se na casa da Königstrasse na dupla condição de sobrinha e esposa. É inútil acrescentar que o seu tio era o ilustre professor Lidenbrock, membro correspondente de todas as sociedades científicas, geográficas e mineralógicas das cinco partes do mundo.

Tipo de embarcação mercante usada até o século XIX, que tem sua origem em um barco maltês chamado Xprunara. (N.T.)

Nome usado durante a Guerra de Secessão dos Estados Unidos para se referir aos estados que não faziam parte da Confederação. (N.T.)

---

* O *La Recherche* foi enviado em 1835 pelo almirante Duperré para reencontrar os vestígios de uma expedição perdida, a do sr. de Blosseville e *La Lilloise*, dos quais nunca mais se teve notícias.

JÚLIO VERNE
A VOLTA AO
MUNDO
EM 80 DIAS
Principis

JÚLIO VERNE

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

Tradução
Juliana Ramos Gonçalves

Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Traduzido do original em francês
A volta ao mundo em 80 dias - Le tour du monde en 80 jours
Texto
Júlio Verne
Tradução
Juliana Ramos Gonçalves
Revisão de tradução
Andréia Manfrin Alves
Diagramação e revisão
Casa de Ideias
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
3d_man/Shutterstock.com; donatas1205/Shutterstock.com; Wilqkuku/Shutterstock.com; polygraphus/Shutterstock.com; dikobraziy/Shutterstock.com;

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

V531v Verne, Júlio, 1828-1905

A volta ao mundo em 80 dias [recurso eletrônico] / Júlio Verne ; traduzido por Juliana Ramos Gonçalves. - Jandira, SP : Principis, 2020.

304 p. ; ePUB ; 3,5 MB. – (Literatura Clássica Mundial)
Tradução de: Le tour du monde en 80 jours
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-033-0 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Romance. I. Gonçalves, Juliana Ramos. II. Título. III. Série.

2020-1334 CDD 843
CDU 821.133.1-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa : Romance 843
2. Literatura francesa : Romance 821.133.1-31

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br

Capítulo 1

* * *

Em que Phileas Fogg e Passepartout aceitam-se reciprocamente, um como patrão, e o outro como criado

Ano de 1872, a casa de número 7 da rua Saville Row, em Burlington Gardens – casa na qual Sheridan havia morrido em 1814 –, era habitada por Phileas Fogg, *esquire*,[1] um dos membros mais singulares e mais notáveis do Reform Club de Londres, ainda que ele aparentemente assumisse a tarefa de nada fazer que pudesse chamar a atenção.

A um dos maiores oradores que honraram a Inglaterra, sucedia, portanto, esse Phileas Fogg, personagem enigmático de quem nada se sabia, exceto que era um homem muito galante e um dos mais belos *gentlemen*[2] da alta sociedade inglesa.

Diziam que ele se parecia com Byron – fisicamente, pois era irrepreensível quanto à sua conduta –, mas um Byron de bigode e suíças, um Byron impassível, que teria vivido mil anos sem envelhecer.

Certamente inglês, Phileas Fogg talvez não fosse londrino. Ele jamais foi visto na Bolsa, nem no Banco, nem em nenhum desses estabelecimentos do centro. Nem os canais e nem as docas de Londres jamais haviam recebido um navio tendo Phileas Fogg por armador. Esse *gentleman* não figurava em nenhum conselho de administração. Seu sobrenome jamais havia ressoado nos círculos de advocacia, nem no Temple, nem no Lincoln's Inn, nem no Gray's Inn. Ele jamais recorrera ao Tribunal da Chancelaria, nem à corte da Rainha, nem ao Tesouro, nem ao Tribunal Eclesiástico. Não era industrial, nem

negociante, nem mercador, nem agricultor. Não fazia parte da Instituição Real da Grã-Bretanha, nem da Instituição de Londres, nem da Instituição dos Artesãos, nem da Instituição Russell, nem da Instituição Literária do Oeste, nem da Instituição de Direito e nem da Instituição de Artes e Ciências Reunidas, apadrinhada diretamente por Sua Graciosa Majestade. Ele não pertencia, enfim, a nenhuma das numerosas sociedades que pululam na capital inglesa, da Sociedade da Harmônica de Vidro à Sociedade Entomológica, fundada com o principal objetivo de destruir os insetos nocivos.

Phileas Fogg era membro do Reform Club, e isso é tudo.

Àqueles que se espantam com o fato de que um *gentleman* tão misterioso pudesse estar entre os membros dessa honorária associação, responde-se que ele fora admitido por recomendação dos irmãos Baring, com os quais tinha um crédito aberto. Daí seu prestígio, pois seus cheques eram regularmente pagos à vista e debitados em sua conta-corrente, invariavelmente positiva.

Phileas Fogg era rico? Sem dúvida. Mas como ele havia feito fortuna é o que os mais bem informados não poderiam responder, e Mr. Fogg[3] era o último a quem convinha se dirigir a fim de sabê-lo. Em todo caso, ele não era esbanjador, e tampouco avarento, pois onde quer que faltasse uma ajuda para uma causa nobre, útil ou generosa, ele intervinha silenciosa e, até, anonimamente.

Em suma, nada existia de menos comunicativo do que esse *gentleman*. Ele falava o menos possível, e parecia ainda mais misterioso do que silencioso. No entanto, sua vida era regrada, mas como tudo o que fazia era tão matematicamente igual, a imaginação, descontente, procurava ir além.

Viajara? Era provável, pois ninguém dominava o mapa-múndi melhor do que ele. Não havia lugar tão remoto que ele aparentemente não conhecesse bem. Às vezes, corrigia – mas em poucas palavras, breves e claras – os mil boatos que circulavam no clube a respeito de viajantes perdidos ou desaparecidos. Ele apontava as verdadeiras probabilidades, e as suas palavras muitas vezes eram como que inspiradas por um sexto sentido, de tanto que os acontecimentos sempre acabavam por legitimá-las. Era um homem que devia ter viajado por toda a parte – ao menos em espírito.

O que era certo, contudo, é que há muitos anos Phileas Fogg não saía de Londres. Aqueles que tinham a honra de conhecê-lo um pouco melhor que os outros atestavam que, exceto pelo caminho direto que

ele percorria todos os dias para ir de sua casa ao clube, ninguém podia pretender jamais tê-lo visto em outro lugar. Seu único passatempo era ler os jornais e jogar *whist*. Muitas vezes, ganhava nesse jogo do silêncio, tão apropriado à sua natureza, mas seus ganhos jamais entravam em sua conta e representavam uma soma considerável em seu orçamento de caridade. Aliás, é preciso dizer, Mr. Fogg evidentemente jogava por jogar, e não para ganhar. Para ele, o jogo era um combate, uma luta contra uma dificuldade, mas uma luta sem movimentos, sem deslocamento, sem cansaço, e isso convinha ao seu caráter.

Pelo que se sabia, Phileas Fogg não tinha mulher ou filhos – o que pode acontecer às pessoas mais honestas –, nem parentes ou amigos – o que é, na verdade, mais raro. Phileas Fogg vivia sozinho em sua casa na Saville Row, onde ninguém entrava e de cujo interior nunca se falava. Um único criado era suficiente para servi-lo. Almoçando e jantando no clube em horários cronometricamente determinados, na mesma sala, à mesma mesa, não recebendo jamais seus colegas ou convidando algum estranho, ele só voltava para casa para se deitar, precisamente à meia-noite, sem jamais utilizar esses quartos confortáveis que o Reform Club mantém à disposição dos membros do círculo. Das vinte e quatro horas, dez ele passava em seu domicílio, fosse dormindo, fosse ocupando-se de sua toalete. Se passeasse, era invariavelmente, e sempre do mesmo modo, na sala de entrada de parquete marchetado, ou então na galeria circular, sobre a qual se eleva uma cúpula de vitrais azuis, sustentada por vinte colunas iônicas de pórfiro vermelho. Se jantasse ou almoçasse, eram as cozinhas, a despensa, a copa, a peixaria e a leiteria do clube que ofereciam à sua mesa suas suculentas reservas. Eram os criados do clube, personagens sérios em roupas pretas, calçados com sapatos de solado macio, que o serviam em uma porcelana especial e sobre uma admirável toalha de Saxe. Eram cristais exclusivos que continham seu xerez, seu porto ou seu *claret* misturado com canela, avenca e cinamomo. Enfim, era o gelo do clube – vindo a muito custo dos lagos da América do Norte – que mantinha suas bebidas com um satisfatório frescor.

Se viver nessas condições é ser excêntrico, é preciso convir que a excentricidade tem suas benesses!

A casa da Saville Row distinguia-se por um extremo conforto, mas não era suntuosa. Aliás, com os hábitos invariáveis de seu inquilino, o serviço reduzia-se a pouco. Contudo, Phileas Fogg exigia de seu único criado uma pontualidade e uma regularidade extraordinárias. Naquele mesmo dia, 2 de outubro, Phileas Fogg havia despedido James Forster – esse rapaz era culpado de lhe ter levado água para a barba a oitenta

e quatro graus Fahrenheit, em vez de oitenta e seis –, e ele esperava seu sucessor, que deveria se apresentar entre onze horas e onze horas e meia.

Phileas Fogg, sentado com aprumo em sua poltrona, os dois pés próximos como os de um soldado em um desfile, as mãos apoiadas sobre os joelhos, o corpo ereto, a cabeça erguida, observava o movimento de seu relógio de chão – aparelho complicado que indicava as horas, os minutos, os segundos, os dias, os meses e o ano. Ao soar onze horas e meia, Mr. Fogg deveria, segundo seus hábitos cotidianos, sair de casa e se dirigir ao Reform Club.

Nesse momento, bateram à porta da pequena sala na qual Phileas Fogg se encontrava.

James Forster, o demitido, apareceu.

– O novo criado – disse.

Um rapaz de aproximadamente trinta anos apareceu e cumprimentou-o.

– O senhor é francês e se chama John? – perguntou-lhe Phileas Fogg.

– Jean, se isso não o incomoda – respondeu o novato. – Jean Passepartout, um apelido que me ficou e que justifica minha aptidão natural para escapar das enrascadas.[4] Acredito ser um rapaz honesto, senhor, mas para ser franco já tive muitas profissões. Fui cantor de rua e escudeiro em um circo, fazendo acrobacias como Léotard e dançando sobre a corda como Blondin. Depois, para dar mais utilidade aos meus talentos, tornei-me professor de ginástica e, por último, fui sargento de bombeiros, em Paris. Em meu currículo tenho até mesmo incêndios notáveis. Mas eis que há cinco anos deixei a França e, desejando experimentar a vida familiar, agora sou criado de quarto na Inglaterra. Bem, estando sem um posto e sabendo que o senhor Phileas Fogg era o homem mais correto e mais sedentário do Reino Unido, apresentei-me ao senhor com a esperança de aqui viver tranquilamente e até mesmo esquecer esse nome Passepartout…

– Passepartout me convém – respondeu o *gentleman*. – O senhor me foi recomendado. Tenho boas referências a propósito de seu trabalho. O senhor conhece minhas condições?

– Conheço, senhor.

– Perfeito. Que horas são?

– Onze horas e vinte e dois – respondeu Passepartout, tirando do fundo de seu bolso um enorme relógio de prata.

– O senhor está atrasado – disse Mr. Fogg.

– Que o senhor me desculpe, mas é impossível.

– O senhor está quatro minutos atrasado. Não importa. Basta corrigir a diferença. Portanto, a partir deste momento, onze horas e vinte e nove da manhã, nesta quarta-feira, 2 de outubro de 1872, o senhor fica aos meus serviços.

Dito isso, Phileas Fogg levantou-se, apanhou seu chapéu com a mão esquerda, colocou-o sobre a cabeça com um gesto mecânico e desapareceu sem acrescentar nenhuma palavra.

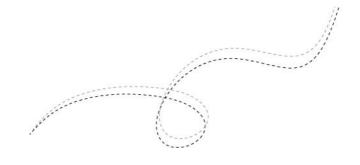
Passepartout escutou a porta da rua se fechar uma primeira vez: era seu novo patrão que saía. Depois, uma segunda vez: era seu predecessor, James Forster, que também partira.

Passepartout ficou sozinho na casa da Saville Row.

"*Esquire*", normalmente abreviado "*esq.*", é o título inglês mais baixo na escala dos títulos de cortesia, geralmente atribuído àqueles que não faziam parte da nobreza propriamente dita, mas da alta burguesia (N.T.).

Em inglês no original, *gentlemen*, cujo singular é *gentleman*, significa "cavalheiros" (N.T.).

Em inglês no original, abreviação de "Senhor Fogg" (N.T.).

Em francês, a expressão "*passe-partout*" significa, ao pé da letra, algo como "passa em qualquer lugar". Ela tem diversas acepções (designando, por exemplo, desde uma chave mestra até um papel especial que emoldura um desenho), e, em sentido figurado, refere-se a algo que convém a todas as situações ou a todos os usos (N.T.).

Capítulo 2

* * *

De quando Passepartout se convence de ter finalmente encontrado seu ideal

– Minha nossa! – disse Passepartout, ainda um pouco estupefato. – Conheci no museu de Madame Tussaud senhores tão animados quanto o meu novo patrão! Convém dizer aqui que os “senhores” de Madame Tussaud são figuras de cera bastante visitadas em Londres, e às quais não falta nada além da fala.

Nos instantes em que entrevira Phileas Fogg, Passepartout havia examinado rapidamente, mas com cuidado, seu futuro patrão. Era um homem que podia ter quarenta anos, de aparência nobre e bela, alta estatura, sem sofrer a desarmonia de nenhum sobrepeso, de cabelos e suíças loiros, rosto simétrico sem rugas aparentes nas têmporas, fronte mais pálida que corada, dentes magníficos. Ele parecia possuir no mais alto nível aquilo que os fisionomistas chamam de “o repouso na ação”, faculdade comum a todos aqueles que mais fazem do que falam. Calmo, fleumático, o olhar transparente, a pálpebra imóvel – era o tipo perfeito desses ingleses de sangue-frio que se encontram com bastante frequência no Reino Unido, e cuja atitude um tanto acadêmica foi registrada maravilhosamente pelos pincéis de Angelica Kauffmann. Visto sob todos os aspectos de sua existência, esse *gentleman* dava a ideia de um ser bem equilibrado em todos os seus elementos, precisamente ponderado, tão perfeito quanto um cronômetro de Leroy ou Earnshaw. Na verdade, Phileas Fogg era a exatidão personificada, o que se via claramente pela “expressão de seus pés e de suas mãos”, pois nos homens, assim como nos animais, os próprios membros são órgãos que expressam as paixões.

Phileas Fogg era dessas pessoas matematicamente exatas que, nunca apressadas e sempre prontas, são econômicas em seus passos e em seus movimentos. Ele nunca dava passadas largas, seguindo sempre com movimentos mais curtos. Não tinha o olhar perdido no nada. Não se permitia nenhum gesto supérfluo. Nunca o tinham visto emocionado ou perturbado. Era o homem menos precipitado do mundo, mas chegava sempre a tempo. Todavia, compreender-se-á por que ele vivia sozinho e – por assim dizer – alheio a qualquer relação social. Ele sabia que, na vida, é preciso levar em conta os desentendimentos, e como os desentendimentos causam atrasos, ele não se desentendia com ninguém.

Quanto a Jean, dito Passepartout – um verdadeiro parisiense de Paris –, há cinco anos ele morava na Inglaterra e exercia em Londres a profissão de criado de quarto, mas até então havia procurado em vão um patrão ao qual pudesse se afeiçoar.

Passepartout não era um desses Frontins ou Mascarilles que, com os ombros altos, o nariz empinado, o olhar firme e uma expressão impassível, não passam de sujeitos insolentes. Não. Passepartout era um simpático rapaz de fisionomia amável, lábios um pouco salientes (sempre prontos a saborear ou acariciar), um ser doce e servil, com uma dessas boas caras redondas que gostamos de ver sobre os ombros de um amigo. Ele tinha olhos azuis, a fronte vívida, o rosto redondo o suficiente para que ele próprio pudesse ver suas bochechas, um grande peitoral, a constituição forte, uma musculatura vigorosa, e era dotado de uma força hercúlea, que os exercícios de sua juventude haviam desenvolvido. Seus cabelos castanhos eram um pouco selvagens. Se os escultores da Antiguidade conheciam dezoito maneiras de organizar a cabeleira de Minerva, Passepartout conhecia apenas uma para dispor a sua: três passadas de pente e estava arrumado.

Dizer se o caráter expansivo desse rapaz combinaria com aquele de Phileas Fogg é o que a prudência mais elementar não permitiria fazer. Seria Passepartout o criado totalmente exato de que seu patrão necessitava? Só o tempo poderia responder. Depois de ter tido – como sabemos – uma juventude andarilha, ele aspirava ao descanso. Tendo ouvido falar do metodismo inglês e da frieza proverbial dos *gentlemen*, buscou fazer fortuna na Inglaterra. Mas, até então, a sorte não lhe havia sorrido. Ele não pôde criar raízes em lugar algum. Trabalhara em dez casas. Em todas elas, eram caprichosos, volúveis, aventureiros ou nômades – o que não convinha mais a Passepartout. Seu último patrão, o jovem Lord Longsferry, membro do Parlamento, muito frequentemente voltava para casa sobre os ombros dos *policemen*,[5] depois de ter passado suas noites nos

oysters-rooms[6] da Haymarket. Passepartout, desejando antes de mais nada poder respeitar seu patrão, arriscou algumas respeitosas observações que foram mal recebidas, e então foi embora. Nesse entretempo, soube que Phileas Fogg, *esq.*, procurava por um criado. Buscou informações sobre esse *gentleman*. Uma figura cuja existência era tão regular, que não dormia fora, que não viajava, que nunca se ausentava nem mesmo por um dia não podia senão lhe convir. Ele se apresentou e foi admitido nas circunstâncias que conhecemos.

Soadas as onze horas e meia, Passepartout encontrava-se, então, sozinho na casa da Saville Row. Imediatamente, começou a inspecioná-la. Percorreu-a do porão ao sótão. Aquela casa limpa, arrumada, séria, puritana e bem organizada para o serviço lhe agradou. Ela lhe deu a impressão de ser uma bela concha de caracol, mas uma concha clara e aquecida a gás, pois o hidrogênio carburado satisfazia todas as necessidades de luz e calor. No segundo andar, Passepartout encontrou sem dificuldades o quarto que lhe era destinado, e este lhe conveio. Campainhas elétricas e tubulações acústicas colocavam-no em comunicação com os aposentos do mezanino e do primeiro andar. Sobre a lareira, um relógio de pêndulo elétrico correspondia ao relógio do quarto de dormir de Phileas Fogg, e os dois aparelhos marcavam o mesmo segundo no mesmo momento.

– Isso me agrada, isso me agrada! – disse Passepartout.

No seu quarto, ele também notou um aviso pendurado sobre o relógio. Era a programação do serviço diário, que compreendia – das oito horas da manhã, horário regulamentar em que Phileas Fogg se levantava, às onze horas e meia, horário em que saía de casa para ir almoçar no Reform Club – todos os detalhes do serviço: o chá e as torradas às oito horas e vinte e três minutos, a água para a barba às nove horas e trinta e sete, o penteado às nove horas e quarenta etc. Depois, das onze horas e meia da manhã à meia-noite – horário no qual o metódico *gentleman* se deitava –, tudo estava anotado, previsto, regulamentado. Passepartout alegrou-se em estudar essa programação e em gravar todos os diversos passos em sua mente.

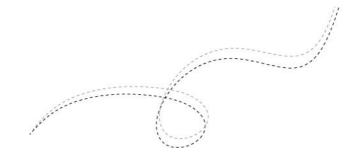
Quanto ao guarda-roupa do senhor, era muito bem organizado e maravilhosamente concebido. Cada calça, paletó ou colete tinha um número que os ordenava reproduzido sobre um registro de entrada e saída, indicando a data em que, segundo a estação, essas roupas deveriam ser a cada vez utilizadas. A mesma regulamentação para os calçados. Em suma, a casa da Saville Row – que devia ter sido o templo da desordem à época do ilustre, mas displicente, Sheridan –,

confortavelmente mobiliada, anunciava uma bela comodidade. Não havia biblioteca nem livros, os quais teriam sido sem utilidade para Mr. Fogg, já que o Reform Club colocava à sua disposição duas bibliotecas, uma consagrada às letras, e a outra, ao direito e à política. No quarto de dormir, um cofre de tamanho médio, cuja construção o protegia tanto do incêndio quanto do roubo. Nenhuma arma na casa, nenhum utensílio de caça ou de guerra. Tudo indicava os hábitos mais pacíficos.

Depois de ter examinado a casa em detalhes, Passepartout esfregou as mãos, seu rosto largo se iluminou e ele repetiu alegremente:

– Isso me agrada! É disso que gosto! Nós vamos nos entender perfeitamente, Mr. Fogg e eu! Um homem caseiro e regular! Um verdadeiro autômato! Bom, eu não me incomodo em servir a um autômato!

Em inglês no original, “policiais” (N.T.).

Em inglês no original, tipo de bar em que se servem especialmente ostras (N.T.).

Capítulo 3

* * *

De quando se inicia uma conversa que poderá custar caro a Phileas Fogg

Phileas Fogg havia deixado sua casa da Saville Row às onze horas e meia e, depois de ter posto quinhentas e setenta e cinco vezes seu pé direito à frente de seu pé esquerdo e quinhentas e setenta e seis vezes seu pé esquerdo à frente de seu pé direito, chegou ao Reform Club – edifício vasto, erigido na rua Pall Mall, que não custou menos de três milhões para ser construído.

Phileas Fogg entrou imediatamente na sala de jantar, cujas nove janelas davam para um belo jardim com árvores já douradas pelo outono. Ali, ele tomou seu lugar de sempre à mesa, onde seus talheres o esperavam. Seu almoço era composto por um antepasto, um peixe cozido acentuado por uma *reading sauce*[7] de primeira, um *roastbeef*[8] escarlate decorado com condimentados *mushrooms*,[9] um bolo recheado com hastes de ruibarbo e groselhas verdes e uma fatia de chester – tudo isso regado com algumas xícaras daquele excelente chá especialmente colhido para o serviço do Reform Club.

Ao meio-dia e quarenta e sete, o *gentleman* levantou-se e dirigiu-se ao grande salão, cômodo suntuoso, ornado de pinturas ricamente emolduradas. Ali, um criado entregou-lhe o *Times* não refilado, e Phileas Fogg efetuou o trabalhoso desdobramento com uma firmeza na mão que denotava seu grande costume com essa operação difícil. A leitura desse jornal ocupou Phileas Fogg até as três horas e quarenta e cinco, e a do *Standard* – que a sucedeu – durou até o jantar. Essa refeição foi cumprida nas mesmas condições que o almoço, mas com o incremento da *royal british sauce*.[10]

Às cinco horas e quarenta, o *gentleman* reapareceu no grande salão e absorveu-se na leitura do *Morning Chronicle*.

Meia hora mais tarde, vários membros do Reform Club entraram e se aproximaram da lareira, onde queimava um fogo de hulha. Eram os parceiros frequentes de Mr. Phileas Fogg, jogadores fanáticos de *whist* como ele: o engenheiro Andrew Stuart, os banqueiros John Sullivan e Samuel Fallentin, o cervejeiro Thomas Flanagan, Gauthier Ralph, um dos administradores do Banco da Inglaterra – personagens ricos e respeitados até mesmo nesse clube, que conta, entre os seus membros, com as sumidades da indústria e das finanças.

– E então, Ralph – perguntou Thomas Flanagan –, a quantas anda esse caso de roubo?

– Bom – respondeu Andrew Stuart –, o Banco já perdeu seu dinheiro…

– Eu acredito, ao contrário – disse Gauthier Ralph –, que encontraremos o autor do roubo. Inspetores de polícia, pessoas muito hábeis, foram enviadas à América e à Europa e a todos os principais portos de embarque e desembarque. Será difícil para esse senhor escapar deles.

– Mas então existe uma pista do ladrão? – perguntou Andrew Stuart.

– Primeiramente, ele não é um ladrão – respondeu Gauthier Ralph com seriedade.

– Como assim? Esse indivíduo que subtraiu cinquenta e cinco mil libras (um milhão e trezentos e setenta e cinco mil francos) em *banknotes*[11] não é um ladrão?

– Não – respondeu Gauthier Ralph.

– Então ele é um industrial? – disse John Sullivan.

– O *Morning Chronicle* assegura que se trata de um *gentleman*.

Aquele que deu essa resposta não era outro senão Phileas Fogg, cuja cabeça emergia do mar de papéis amassados à sua volta. Phileas Fogg cumprimentou seus colegas, que o cumprimentaram ao mesmo tempo.

O fato do qual se falava, e que era discutido ardentemente pelos diversos jornais do Reino Unido, havia acontecido há três dias, em 29 de setembro. Um pacote de *banknotes*, que compunha a enorme soma de cinquenta e cinco mil libras, havia sido pego sobre a mesa do caixa

principal do Banco da Inglaterra.

Para quem se espantasse com o fato de que tal roubo pudesse ter acontecido tão facilmente, o vice-presidente Gauthier Ralph se limitava a responder que, naquele momento, o caixa estava ocupado registrando uma receita de três xelins e seis pences, e que não é possível ficar de olho em tudo.

Mas convém observar aqui – o que tornará o fato mais explicável – que esse admirável estabelecimento *Bank of England* parece preocupar-se extremamente com a dignidade do seu público. Nenhum guarda, nenhum soldado inválido de guerra, nenhuma grade! O ouro, a prata e as cédulas ficam livremente expostos e, por assim dizer, à mercê do primeiro que chega. Não saberiam suspeitar da honra de um transeunte qualquer. Um dos melhores observadores dos costumes ingleses conta até mesmo que, em uma das salas do Banco, onde estava um dia, teve a curiosidade de ver mais de perto uma barra de ouro que pesava de sete a oito libras e que estava exposta sobre o balcão do caixa. Ele pegou a barra, examinou-a, passou-a ao seu vizinho, e este a um outro, até que a barra chegou, de mão em mão, até o fundo de um corredor obscuro, só voltando ao seu lugar meia hora depois, sem que o caixa tivesse ao menos levantado sua cabeça.

Mas, no dia 29 de setembro, as coisas não se passaram exatamente assim. O pacote de *banknotes* não voltou e, quando o magnífico relógio disposto sobre o *drawing-office* bateu as cinco horas, indicando o fechamento dos escritórios, o Banco da Inglaterra não podia senão aceitar que cinquenta e cinco mil libras haviam sido perdidas.

Quando o roubo foi bem e devidamente reconhecido, agentes e detetives escolhidos entre os mais hábeis foram enviados aos principais portos – em Liverpool, Glasgow, Le Havre, Suez, Brindisi, Nova York etc. – com a promessa, em caso de sucesso, de um prêmio de duas mil libras (cinquenta mil francos) e cinco por cento da soma que seria recuperada. Aguardando as instruções que a investigação iniciada deveria fornecer, esses inspetores tinham como missão observar minuciosamente todos os viajantes que chegavam ou partiam.

Ora, justamente, assim como o *Morning Chronicle* dizia, havia razões para supor que o autor do roubo não fazia parte de nenhuma das sociedades de ladrões da Inglaterra. Durante esse dia 29 de setembro, um *gentleman* elegante, de boas maneiras e ar distinto havia sido notado andando para lá e para cá na sala de pagamentos, a cena do roubo. A investigação havia permitido compor de forma bastante

exata a descrição desse *gentleman*, descrição essa que foi imediatamente enviada a todos os detetives do Reino Unido e do continente. Alguns sujeitos de bom senso – entre os quais estava Gauthier Ralph – acreditavam ter razão em esperar que o ladrão não escapasse.

Como é possível imaginar, esse fato estava em pauta em Londres e em toda a Inglaterra. As pessoas discutiam e se animavam a favor ou contra as probabilidades do sucesso da polícia metropolitana. Não espanta, portanto, saber que os membros do Reform Club tratavam da mesma questão, até porque um dos vice-presidentes do Banco encontrava-se em meio a eles.

O honorável Gauthier Ralph não queria duvidar do resultado das investigações, pois estimava que o prêmio oferecido pudesse aguçar em muito o zelo e a inteligência dos agentes. Mas seu colega, Andrew Stuart, estava longe de compartilhar dessa confiança. A discussão continuou, então, entre os *gentlemen*, que estavam sentados a uma mesa de *whist* – Stuart em frente a Flanagan, Fallentin em frente a Phileas Fogg. Durante o jogo, os jogadores não falavam, mas entre cada rodada, a conversa interrompida era retomada com mais ardor.

– Eu acredito – disse Andrew Stuart – que a sorte está a favor do ladrão, que não deixa de ser um homem habilidoso!

– Mas será possível? – respondeu Ralph. – Não existe mais um único país onde ele possa se refugiar.

– Ora essa!

– Para onde o senhor quer que ele vá?

– Não faço a menor ideia – respondeu Andrew Stuart –, mas a Terra é bem vasta, no fim das contas.

– Ela era, antigamente… – disse Phileas Fogg a meia voz. – Sua vez de cortar, senhor – acrescentou, apresentando as cartas a Thomas Flanagan.

A discussão foi suspensa durante a rodada. Mas logo Andrew Stuart a retomou, dizendo:

– Como assim, antigamente? Por acaso a Terra diminuiu?

– Sem dúvidas – respondeu Gauthier Ralph. – Sou da opinião de Mr. Fogg. A terra diminuiu porque agora a percorremos dez vezes mais

rápido do que há cem anos. E quanto ao caso do qual nos ocupamos, é isso que tornará as investigações mais rápidas.

– E também tornará mais fácil a fuga do ladrão!

– Sua vez de jogar, senhor Stuart! – disse Phileas Fogg.

Mas o incrédulo Stuart não estava convencido, e, quando a partida acabou, disse:

– É preciso confessar, senhor Ralph – ele retomou –, que o senhor encontrou uma maneira engraçada de dizer que a terra diminuiu! Porque agora damos-lhe a volta em três meses…

– Em apenas oitenta dias – disse Phileas Fogg.

– É verdade, senhores – acrescentou John Sullivan –, oitenta dias desde que o trecho entre Rothal e Allahabad da *Great Indian Peninsular Railway*[12] foi aberto, e aqui está o cálculo estabelecido pelo *Morning Chronicle*:

De Londres a Suez pelo Monte Cenis e por Brindisi, *railways* e paquetes…	7 dias
De Suez a Bombaim, paquete…	13 dias
De Bombaim a Calcutá, *railway*…	3 dias
De Calcutá a Hong Kong (China), paquete…	13 dias
De Hong Kong a Yokohama (Japão), paquete…	6 dias
De Yokohama a São Francisco, paquete…	22 dias
De São Francisco a Nova York, *railroad*…	7 dias
De Nova York a Londres, paquete e *railway*…	9 dias
Total	80 dias

– Sim, oitenta dias! – exclamou Andrew Stuart que, por desatenção, jogou um trunfo. – Mas sem contar o tempo ruim, os ventos contrários, os naufrágios, os descarrilhamentos etc.

– Contando tudo isso – respondeu Phileas Fogg continuando a jogar, pois desta vez a discussão não respeitava mais o *whist*.

– Mesmo que os hindus e os índios arranquem os trilhos? – exclamou Andrew Stuart. – Que eles parem os trens, saqueiem os vagões, escalpelem os viajantes?

– Tudo isso incluso – respondeu Phileas Fogg que, mostrando suas cartas, acrescentou. – Dois trunfos.

Andrew Stuart, de quem era a vez de dar as cartas, apanhou-as dizendo:

– Teoricamente o senhor tem razão, senhor Fogg, mas na prática…

– Na prática também, senhor Stuart.

– Gostaria muito de ver como o senhor se sairia.

– Depende apenas do senhor. Partamos juntos.

– Deus me guarde! – exclamou Stuart. – Mas eu bem que apostaria mil libras (cem mil francos) que tal viagem, feita nessas condições, é impossível.

– Pelo contrário, é muito possível – respondeu Mr. Fogg.

– Ora, então faça-a!

– A volta ao mundo em oitenta dias?

– Isso.

– Com prazer.

– Quando?

– Agora mesmo.

– Isso é loucura! – exclamou Andrew Stuart, que começava a se ofender com a insistência de seu parceiro. – Bom, é melhor jogarmos.

– Então refaça a distribuição das cartas – respondeu Phileas Fogg –, porque está errado.

Andrew Stuart pegou novamente as cartas com a mão trêmula. Depois, de repente, recolocando-as sobre a mesa:

– Está bem, senhor Fogg – disse ele. – Sim, eu aposto quatro mil libras!

– Meu caro Stuart – disse Fallentin –, acalme-se. Isso não é sério.

– Quando digo “eu aposto” – respondeu Andrew Stuart –, é sempre sério.

– Muito bem! – disse Mr. Fogg. E depois, voltando-se aos seus colegas:

– Tenho vinte mil libras (quinhentos mil francos) depositadas nos irmãos Baring. Eu as arriscaria de bom grado…

– Vinte mil libras! – exclamou John Sullivan. – Vinte mil libras que um atraso imprevisto poderá fazê-lo perder!

– O imprevisto não existe – respondeu simplesmente Phileas Fogg.

– Mas, senhor Fogg, esse intervalo de oitenta dias é calculado apenas como um tempo mínimo!

– O mínimo bem empregado é suficiente para tudo.

– Mas, para não ultrapassá-lo, é preciso pular matematicamente das ferrovias para os paquetes e dos paquetes para as estradas de ferro.

– Pularei matematicamente.

– Isso só pode ser brincadeira!

– Um bom inglês nunca brinca quando se trata de uma coisa tão séria quanto uma aposta – respondeu Phileas Fogg. – Aposto vinte mil libras com quem quiser que darei a volta ao mundo em oitenta dias ou menos, isto é, em mil novecentas e vinte horas ou cento e quinze mil e duzentos minutos. Os senhores aceitam?

– Aceitamos – responderam os senhores Stuart, Fallentin, Sullivan, Flanagan e Ralph, depois de se entenderem.

– Bom – disse Mr. Fogg –, o trem de Dover parte às oito horas e quarenta e cinco. Vou pegá-lo.

– Nesta mesma noite? – perguntou Stuart.

– Nesta mesma noite. – respondeu Phileas Fogg, que depois acrescentou, consultando um calendário de bolso – Portanto, como hoje é quarta-feira, 2 de outubro, devo estar de volta a Londres, neste mesmo salão do Reform Club, no sábado, 21 de dezembro, às oito horas e quarenta e cinco da noite. Em caso contrário, as vinte mil libras atualmente depositadas em minha conta com os irmãos Baring lhes pertencerão de fato e de direito, senhores.

– Aqui está um cheque de igual quantia.

Uma ata da aposta foi redigida e assinada imediatamente pelos seis interessados. Phileas Fogg permaneceu frio. Ele certamente não havia apostado para ganhar, e só havia comprometido essas vinte mil libras,

a metade de sua fortuna, porque sabia que poderia ter de gastar a outra parte para ser bem-sucedido nesse difícil – para não dizer inexequível – projeto. Quanto aos seus adversários, eles pareciam emocionados, não por causa do valor em jogo, mas porque hesitavam em opor-se nessas condições.

Então soaram as sete horas. Propuseram a Mr. Fogg suspender o *whist* para que ele pudesse fazer os preparativos de sua partida.

– Eu estou sempre pronto! – respondeu esse impassível *gentleman*, que acrescentou dando as cartas – Ouros mais uma vez. É a sua vez de jogar, senhor Stuart.

Em inglês, espécie de molho condimentado com especiarias e ervas (N.T.).

Em inglês, “rosbife” (N.T.).

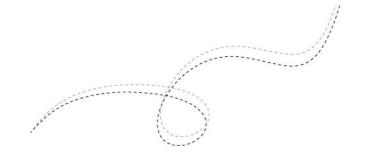
Em inglês, “cogumelos” (N.T.).

Em inglês, “molho britânico real” (N.T.).

Em inglês no original, “cédula”, “nota” (N.T.).

Em inglês no original, Ferrovia da Grande Península Indiana (N.T.).

Capítulo 4

* * *

De quando Phileas Fogg deixa seu criado Passepartout estupefato

Às sete horas e vinte e cinco, Phileas Fogg, depois de ter ganhado uns vinte guinéus no *whist*, disse adeus aos seus colegas e deixou o Reform Club. Às sete horas e cinquenta, ele abria a porta e entrava em casa.

Passepartout, que havia estudado seu programa conscienciosamente, ficou muito surpreso ao ver Mr. Fogg, culpável pela imprecisão, aparecer a essa hora insólita. De acordo com o aviso, o inquilino da Saville Row só deveria voltar precisamente à meia-noite.

Phileas Fogg subiu imediatamente ao seu quarto, depois chamou:

– Passepartout.

Passepartout não respondeu. Não era possível que esse chamado se dirigisse a ele. Ainda não era a hora.

– Passepartout – retomou Mr. Fogg sem elevar a voz.

Passepartout apareceu.

– É a segunda vez que chamo o senhor – disse Mr. Fogg.

– Mas ainda não é meia-noite – respondeu Passepartout, com seu relógio na mão.

– Eu sei – continuou Phileas Fogg –, não estou criticando o senhor. Partiremos em dez minutos para Dover e Calais.

Um tipo de careta se esboçou no rosto redondo do francês. Era evidente que ele não havia entendido muito bem.

– O senhor vai viajar? – ele perguntou.

– Vou – respondeu Phileas Fogg. – Nós vamos dar a volta ao mundo.

Com o olho desmesuradamente aberto, as pálpebras e as sobrancelhas erguidas, os braços pendidos e o corpo prostrado, Passepartout apresentava então todos os sintomas de um espanto levado até o estupor.

– A volta ao mundo! – murmurou.

– Em oitenta dias – respondeu Mr. Fogg. – Desse modo, não temos nenhum segundo a perder.

– Mas e as malas? – disse Passepartout, balançando inconscientemente a cabeça da direita para a esquerda.

– Nada de malas, apenas uma bolsa de mão. Dentro dela, duas camisas de flanela e três ceroulas. O mesmo para o senhor. Faremos compras no caminho. Traga meu impermeável e minha manta de viagem. Leve bons calçados. Em todo caso, andaremos pouco ou quase nada. Agora vá.

Passepartout gostaria de ter respondido, mas não pôde. Ele saiu do quarto de Mr. Fogg, subiu até o seu, desabou em uma cadeira e disse, usando uma expressão bem comum em seu país:

– Ah, essa é muito boa! E eu, que queria ficar tranquilo!…

Maquinalmente, fez seus preparativos para a partida. A volta ao mundo em oitenta dias! Estaria lidando com um louco? Não… Seria uma brincadeira? Iriam para Dover, certo. Para Calais, que seja. De qualquer forma, isso não contrariava o simpático rapaz, que há cinco anos não tocava o solo de sua pátria. Talvez fossem até mesmo para Paris e, minha nossa!, ele reencontraria com prazer a grande capital. Mas um *gentleman* tão dono de si com certeza pararia por aí… Sim, sem dúvidas! Mas não deixava de ser um grande fato que esse *gentleman*, até então tão caseiro, estava partindo e se deslocando!

Às oito horas, Passepartout havia preparado a modesta bolsa que continha seu guarda-roupa e o de seu patrão. Depois, com a mente ainda perturbada, ele saiu de seu quarto, cuja porta fechou cuidadosamente, e foi ao encontro de Mr. Fogg.

Mr. Fogg estava pronto. Levava sob o braço o *Bradshaw's Continental Railway Steam Transit and General Guide*,[13] que deveria fornecer-lhe todas as indicações necessárias à sua viagem. Ele pegou a bolsa das mãos de Passepartout, abriu-a e colocou nela um grande pacote dessas belas *banknotes* correntes em todos os países.

– O senhor não esqueceu nada? – perguntou.

– Nada, senhor.

– Meu impermeável e minha manta?

– Aqui estão.

– Ótimo. Segure a bolsa. – Mr. Fogg entregou a bolsa a Passepartout, acrescentando: – E tome cuidado, há vinte mil libras (quinhentos mil francos) aí dentro.

A bolsa quase escapou das mãos de Passepartout, como se as vinte mil libras fossem de ouro e pesassem consideravelmente.

Então o patrão e o criado desceram, e a porta da rua foi trancada a duas voltas.

Havia um ponto de coches no fim da Saville Row. Phileas Fogg e seu criado subiram em um carro, que se dirigiu rapidamente à estação de Charing-Cross, de onde parte uma das ramificações da *South Eastern Railway*.[14]

Às oito horas e vinte, o coche parou em frente aos portões da estação. Passepartout desceu. Seu patrão o seguiu e pagou o cocheiro.

Nesse momento, uma pobre pedinte, segurando uma criança, com os pés nus na lama, vestida com um chapéu despedaçado do qual pendia uma lamentável pluma e um xale esfarrapado sobre seus trapos, aproximou-se de Mr. Fogg e pediu-lhe uma esmola.

Mr. Fogg tirou do bolso os vinte guinéus que tinha acabado de ganhar no *whist* e, apresentando-os à pedinte, disse:

– Pegue, valente senhora, estou contente por tê-la encontrado!

Depois ele seguiu. Passepartout sentiu uma espécie de umidade em torno de suas pupilas. Seu patrão havia dado um passo em direção ao seu coração.

Mr. Fogg e ele entraram imediatamente no grande saguão da estação.

Ali, Phileas Fogg ordenou a Passepartout que comprasse duas passagens de primeira classe para Paris. Depois, voltando-se, viu seus cinco colegas do Reform Club.

– Senhores, estou partindo – ele disse –, e os vários vistos carimbados no passaporte que levo com essa finalidade permitirão aos senhores, em meu retorno, controlar meu itinerário.

– Ora, senhor Fogg – respondeu Gauthier Ralph polidamente –, isso não é necessário. Confiaremos em sua honra de *gentleman*.

– É melhor assim – disse Mr. Fogg.

– O senhor não está esquecendo que deverá estar de volta…? – observou Andrew Stuart.

– Em oitenta dias – respondeu Mr. Fogg –, no sábado, dia 21 de dezembro de 1872, às oito horas e quarenta e cinco da noite. Adeus, senhores!

Às oito horas e quarenta, Phileas Fogg e seu criado ocuparam seus lugares no mesmo compartimento. Às oito horas e quarenta e cinco, um apito soou e o trem se pôs em movimento.

A noite estava escura. Caía uma chuva fina. Phileas Fogg não falava, encostado em seu canto. Passepartout, ainda atônito, apertava maquinalmente contra si a bolsa com as *banknotes*.

O trem ainda não passara Sydenham quando Passepartout deu um grito de verdadeiro desespero!

– O que está havendo? – perguntou Mr. Fogg.

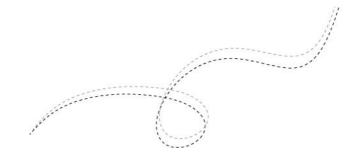
– É que… Na minha pressa… Na minha confusão… Eu esqueci…

– O quê?

– De apagar o lampião a gás do meu quarto!

– Bom, meu rapaz – respondeu friamente Mr. Fogg –, o gás é por sua conta!

Em tradução livre do inglês, Guia Geral Bradshaw de Ferrovias Continentais e Trajetos de Navios (N.T.).

Em inglês no original, Ferrovia do Sudeste (N.T.).

Capítulo 5

* * *

De quando um novo valor surge na praça de Londres

Ao deixar Londres, Phileas Fogg sem dúvidas não desconfiava muito da grande repercussão que sua partida provocaria. A notícia da aposta se espalhou primeiramente pelo Reform Club, produzindo uma verdadeira comoção entre os membros desse honrado círculo. Depois, do clube, essa comoção passou aos jornais através dos repórteres, e dos jornais ao público de Londres e de todo o Reino Unido.

A "questão da volta ao mundo" foi comentada, discutida e analisada com tanta paixão e ardor como se fosse um novo caso do *Alabama*.[15] Alguns tomaram o partido de Phileas Fogg, e outros – que logo formaram uma considerável maioria – se pronunciaram contra ele. Essa volta ao mundo, a ser realizada de um modo que não fosse na teoria ou no papel e em um tempo mínimo, com os meios de transporte então em voga, não era apenas impossível, era insensata!

O *Times*, o *Standard*, o *Evening Star*, o *Morning Chronicle* e outros vinte jornais de grande circulação declararam-se contra Mr. Fogg. Apenas o *Daily Telegraph* o apoiou em certa medida. De modo geral, Phileas Fogg foi taxado de maníaco e louco, e seus colegas do Reform Club foram culpabilizados por terem sustentado essa aposta, que denotava a debilidade das faculdades mentais de seu autor.

Sobre essa questão, apareceram alguns artigos extremamente passionais, ainda que lógicos. Sabe-se bem do interesse existente na Inglaterra por tudo o que se refere à geografia. Assim, não havia um único leitor, não importava a classe à qual pertencesse, que não devorasse as colunas consagradas ao caso de Phileas Fogg.

Durante os primeiros dias, alguns espíritos audaciosos – principalmente as mulheres – estiveram a seu favor, sobretudo quando o *Illustrated London News* publicou seu retrato a partir de uma fotografia depositada nos arquivos do Reform Club. Alguns *gentlemen* ousavam dizer:

– Ora, ora, e por que não, no fim das contas? Já vimos coisas mais extraordinárias que esta.

Estes eram sobretudo os leitores do *Daily Telegraph*. Mas logo percebeu-se que até mesmo esse jornal começava a ceder.

De fato, em 7 de outubro apareceu um longo artigo no Boletim da Sociedade Real de Geografia, que tratava da questão a partir de todos os pontos de vista e demonstrava claramente a loucura do empreendimento. Segundo esse artigo, tudo estava contra o viajante: obstáculos humanos e obstáculos da natureza. Para ter sucesso no projeto, era preciso admitir uma conexão miraculosa entre as horas de partida e de chegada, conexão que não existia e que não poderia existir. Na Europa, onde os percursos têm uma extensão relativamente medíocre, é possível contar, a rigor, com a chegada dos trens em um horário fixo. Mas quando eles precisam de três dias para atravessar a Índia e sete dias para atravessar os Estados Unidos, seria possível fundamentar tal questão com exatidão? E os acidentes com as máquinas, os descarrilhamentos, os encontros, o tempo ruim, a acumulação de neve, tudo isso não estaria contra Phileas Fogg? Durante o inverno, nos paquetes, não estaria ele à mercê dos ventos ou dos nevoeiros? Seria tão raro que as melhores máquinas das linhas transoceânicas tivessem um atraso de dois ou três dias? Ora, um único atraso era suficiente para que a sequência de transportes fosse irreparavelmente quebrada. Se Phileas Fogg perdesse, apenas por algumas horas, a partida de um paquete, ele seria forçado a aguardar o paquete seguinte, e por esse mesmo motivo sua viagem ficaria irrevogavelmente comprometida.

O artigo fez muito barulho. Quase todos os jornais o reproduziram, e as ações de Phileas Fogg despencaram significativamente.

Durante os primeiros dias que se seguiram à partida do *gentleman*, consideráveis transações foram travadas quanto ao “risco” de seu empreendimento. Sabe-se o que é o mundo dos apostadores na Inglaterra – mundo mais inteligente e mais erudito do que aquele dos jogadores. Apostar faz parte do temperamento inglês. Assim, não apenas os vários membros do Reform Club fizeram apostas consideráveis a favor ou contra Phileas Fogg, mas a massa do público

também entrou nesse movimento. Como se fosse um cavalo de corrida, Phileas Fogg foi inscrito em uma espécie de *stud book*.[16] Também foi estabelecido o seu valor na bolsa de apostas, imediatamente cotado na praça de Londres. Vendia-se e comprova-se "Phileas Fogg" a custo fixo ou com ágio, e transações enormes foram realizadas. Mas, cinco dias depois de sua partida, quando da publicação do artigo do Boletim da Sociedade de Geografia, as vendas começaram a afluir. O "Phileas Fogg" desvalorizou. Venderam-no aos montes. Se no início acreditavam que ele tinha uma chance contra cinco, contra dez, ao final a proporção era de uma contra vinte, contra cinquenta, contra cem!

Um único partidário lhe restou. Era o Lord Albermale, o velho paralítico. Esse honorável *gentleman*, colado à sua poltrona, teria dado a sua fortuna para poder dar a volta ao mundo, mesmo em dez anos! Ele apostou cinco mil libras (cem mil francos) a favor de Phileas Fogg. E, quando alguém lhe atestava a estupidez e a inutilidade de tal projeto, ele se contentava em responder:

– Se isso é factível, é bom que seja um inglês o primeiro a fazê-lo!

Assim estava o rumo das coisas, os partidários de Phileas Fogg se tornavam cada vez mais raros. Todo mundo, não sem razões, colocava-se contra ele. Só estimavam suas chances em uma contra cento e cinquenta, contra duzentas, quando, sete dias após a sua partida, um incidente completamente inesperado fez com que não apostassem mais nele de forma alguma.

De fato, nesse dia, às nove horas da noite, o diretor da polícia metropolitana havia recebido um telegrama conforme segue:

De Suez a Londres

Rowan, diretor de polícia, administração central, Scotland place.

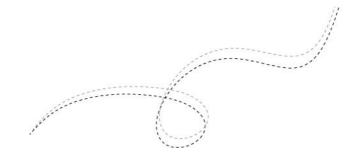
Estou seguindo ladrão de banco, Phileas Fogg. Enviar sem demora mandado de prisão a Bombaim (Índia inglesa).

Fix, *detetive*.

O efeito desse telegrama foi imediato. O honorável *gentleman* desapareceu para dar lugar ao ladrão de *banknotes*. Examinaram sua fotografia guardada no Reform Club junto àquelas de todos os seus colegas. Ela se assemelhava, traço por traço, ao homem cuja descrição havia sido fornecida pela investigação. Tudo aquilo que a existência de Phileas Fogg tinha de misterioso foi lembrado: seu isolamento, sua partida repentina. Parecia evidente que esse personagem, com o

pretexto de uma viagem de volta ao mundo apoiada em uma aposta insensata, não tinha outro objetivo senão despistar os agentes da polícia inglesa.

Durante a Guerra de Secessão dos Estados Unidos (1861-1865), o Reino Unido violou suas obrigações como um país neutro ao fornecer aos confederados alguns navios corsários, entre os quais o Alabama, que, entre 1862 e 1864, destruiu diversos navios mercantes da União. Diante disso, o governo federal dos Estados Unidos exigiu uma grande indenização do Reino Unido, o que lhe foi acordado por uma corte de arbitragem internacional estabelecida em Genebra (N.T.).

Nome dado a uma compilação que registra dados sobre determinada raça de cavalo (N.T.).

Capítulo 6

* * *

De quando o agente Fix demonstra
uma impaciência bastante legítima

Eis aqui as circunstâncias em que esse telegrama concernente ao *sieur*[17] Phileas Fogg havia sido enviado.

Na quarta-feira, 9 de outubro, aguardava-se para as onze horas da manhã, em Suez, o paquete Mongólia da Companhia Peninsular e Oriental, *steamer*[18] em ferro, com hélices e convés superior, pesando duas mil e oitocentas toneladas e com uma força nominal de quinhentos cavalos.

O Mongólia fazia regularmente as viagens de Brindisi a Bombaim pelo canal de Suez. Era uma das máquinas mais rápidas da Companhia, e sempre havia ultrapassado as velocidades previstas, quais sejam, dez milhas por hora entre Brindisi e Suez e nove milhas e cinquenta e três centésimos entre Suez e Bombaim.

Esperando a chegada do Mongólia, dois homens caminhavam sobre o cais em meio à multidão de nativos e estrangeiros que confluem para aquela cidade – há não muito tempo um vilarejo –, para a qual a obra do Sr. de Lesseps assegura um futuro considerável.

Desses dois homens, um era o agente consular do Reino Unido estabelecido em Suez, que – a despeito dos inoportunos prognósticos do governo britânico e das sinistras previsões do engenheiro Stephenson – observava a cada dia navios ingleses atravessando o canal, encurtando, assim, pela metade a antiga rota da Inglaterra para as Índias pelo Cabo da Boa Esperança.

O outro era um homem pequeno e magro, de aparência bastante esperta, inquieto, que contraía com uma insistência notável os músculos da testa. Através de seus longos cílios, brilhavam olhos muito vívidos, mas cujo ardor ele sabia extinguir quando desejava. Naquele momento, demonstrava alguma impaciência, indo para lá e para cá, não conseguindo ficar quieto.

Esse homem chamava-se Fix e era um dos detetives ou agentes de polícia ingleses que haviam sido enviados a diversos portos após o roubo cometido no Banco da Inglaterra. Fix deveria vigiar com muito cuidado todos os viajantes que pegavam a rota de Suez, e se um deles lhe parecesse suspeito, deveria "segui-lo" enquanto esperasse um mandado de prisão.

Há dois dias, justamente, Fix havia recebido do diretor da polícia metropolitana a descrição do presumido autor do roubo – a do personagem distinto e elegante que havia sido notado na sala de pagamentos do Banco.

Evidentemente bastante seduzido pelo grande prêmio prometido em caso de sucesso, o detetive aguardava, assim, a chegada do Mongólia com uma impaciência compreensível.

– E o senhor está dizendo, senhor cônsul, que esse navio não vai tardar? – perguntou pela décima vez.

– Não, senhor Fix – respondeu o cônsul. – Ele foi visto ontem ao largo de Porto Said, e os cento e sessenta quilômetros do canal não são nada para uma máquina dessas. Repito que o Mongólia sempre ganhou o prêmio de vinte e cinco libras que o governo oferece para cada adiantamento de vinte e quatro horas em relação ao tempo previsto.

– Esse paquete está vindo diretamente de Brindisi? – perguntou Fix.

– Exatamente, onde pegou o correio das Índias. Ele saiu de Brindisi no sábado às cinco da tarde. Então, tenha paciência, ele não vai demorar a chegar. Mas a partir da descrição que recebeu, eu realmente não sei como o senhor poderá reconhecer o seu homem, caso ele esteja a bordo do Mongólia.

– Senhor cônsul – respondeu Fix –, nós mais sentimos do que reconhecemos esse tipo de pessoa. É de faro que precisamos, e o faro é como um sentido especial que conjuga a audição, a visão e o olfato. Em minha vida, detive mais de um desses *gentlemen* e, caso esse ladrão esteja a bordo, asseguro-lhe que ele não vai escapar das minhas mãos.

– É o que desejo, senhor Fix, pois se trata de um roubo importante.

– Um roubo magnífico – respondeu o agente, entusiasmado. – Cinquenta e cinco mil libras! Não é sempre que temos ocasiões assim! Os ladrões estão se tornando mesquinhos! A raça dos Sheppard está se extinguindo! Hoje em dia, pessoas são enforcadas por alguns xelins!

– Senhor Fix – respondeu o cônsul –, o senhor fala de tal modo que eu desejo profundamente que tenha sucesso. Mas repito, nas condições em que o senhor se encontra, temo que isso seja difícil. Saiba que, segundo a descrição que recebeu, esse ladrão se parece absolutamente com um homem honesto.

– Senhor cônsul – respondeu categoricamente o inspetor de polícia –, os grandes ladrões sempre se parecem com pessoas honestas. Saiba o senhor que aqueles que têm cara de pilantras têm apenas uma saída: permanecer íntegros, caso contrário serão detidos. As fisionomias honestas, são sobretudo essas que devemos espionar. Trabalho difícil, concordo, e que nem é mais uma profissão, mas uma arte.

Vê-se que o dito Fix não deixava de ter uma certa dose de amor-próprio.

Nesse meio tempo, o cais animava-se pouco a pouco. Marinheiros de diversas nacionalidades, comerciantes, corretores, carregadores e felás apareciam. A chegada do paquete estava certamente próxima.

O dia estava muito bonito, mas o ar estava frio por causa do vento leste. Alguns minaretes desenhavam-se acima da cidade sob os pálidos raios de sol. Em direção ao sul, um longo píer de dois mil metros estendia-se como um braço sobre a enseada de Suez. Na superfície do Mar Vermelho, vários barcos de pesca e de cabotagem deslizavam, e alguns deles haviam conservado em seus traços o elegante modelo das antigas galés.

Circulando em meio ao povo, Fix, habituado à sua profissão, encarava os passantes com uma rápida olhadela.

Eram então dez horas e meia.

– Mas esse navio não vai chegar? – exclamou, enquanto esperava soar o relógio do porto.

– Ele não pode estar longe – respondeu o cônsul.

– Quanto tempo ele ficará em Suez? – perguntou Fix.

– Quatro horas. É o tempo de embarcar o carvão. De Suez até Áden, na extremidade do Mar Vermelho, são mil trezentas e dez milhas, e é preciso fazer uma reserva de combustível.

– Esse barco vai diretamente de Suez a Bombaim? – perguntou Fix.

– Diretamente, sem paradas para descargas.

– Bom – disse Fix –, se o ladrão pegou essa rota e esse barco, deve estar nos seus planos desembarcar em Suez para poder acessar, por uma outra via, as colônias holandesas ou francesas da Ásia. Ele deve saber bem que não estaria seguro na Índia, já que é uma terra inglesa.

– A menos que seja um homem muito esperto – respondeu o cônsul. – O senhor sabe que um criminoso inglês está sempre mais bem escondido em Londres do que no exterior.

Após essa reflexão – que deu ao agente muito o que pensar –, o cônsul voltou ao seu escritório, situado não muito longe dali. O inspetor de polícia ficou sozinho, tomado por uma impaciência nervosa, com um pressentimento estranho de que o ladrão deveria estar a bordo do Mongólia – e, de fato, se aquele pilantra havia saído da Inglaterra com a intenção de chegar ao Novo Mundo, provavelmente preferira a rota das Índias, menos vigiada ou mais difícil de vigiar do que a do Atlântico.

Fix não ficou entregue às suas reflexões por muito tempo. Fortes apitos sonoros anunciaram a chegada do paquete. Toda a horda de carregadores e felás se precipitou em direção ao cais, em um tumulto um tanto incômodo para os membros e as vestimentas dos passageiros. Uma dezena de botes afastou-se da margem e foi ao encontro do Mongólia.

Logo o gigantesco casco do Mongólia pôde ser percebido passando entre as margens do canal, e onze horas soaram quando o *steamer* ancorou na enseada, enquanto seu vapor era ruidosamente expelido pelo escapamento.

Havia muitos passageiros a bordo. Alguns permaneceram no convés superior para contemplar o panorama pitoresco da cidade, enquanto a maioria desembarcou nos botes que haviam se aproximado do Mongólia.

Fix examinava minuciosamente todos aqueles que colocavam os pés na terra. Nesse momento, um deles se aproximou, depois de ter repelido energicamente os felás que o atormentavam com suas ofertas

de serviço, e perguntou-lhe muito polidamente se poderia indicar o escritório do agente consular inglês. Esse passageiro apresentava, ao mesmo tempo, um passaporte no qual desejava sem dúvidas mandar carimbar o visto britânico.

Instintivamente, Fix pegou o passaporte e leu a descrição em uma rápida olhadela.

Um movimento involuntário quase deixou-se escapar. O papel tremeu em suas mãos. A descrição lavrada no passaporte era idêntica àquela que ele havia recebido do diretor da polícia metropolitana.

– Este passaporte não é do senhor? – perguntou ao passageiro.

– Não – respondeu este –, é o passaporte do meu patrão.

– E onde ele está?

– Ficou a bordo.

– Mas é preciso que ele se apresente em pessoa ao escritório do consulado para comprovar sua identidade – retomou o agente.

– O quê? Isso é necessário?

– Indispensável.

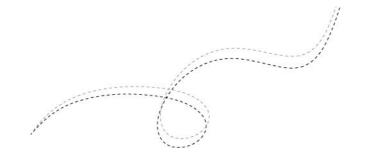
– E onde é esse escritório?

– Ali, na esquina da praça – respondeu o inspetor, indicando uma casa a uns duzentos passos de distância.

– Bom, vou procurar o meu patrão, mas ele não vai ficar contente em ter que se incomodar!

Nesse momento, o passageiro despediu-se de Fix e voltou a bordo do *steamer*.

Em francês, equivalente a “senhor”. Designação utilizada no campo do direito para denominar alguém envolvido em um processo jurídico, em um julgamento etc. (N.T.).

Em inglês, navio a vapor (N.T.).

Capítulo 7

* * *

De quando é comprovada mais uma vez a inutilidade
dos passaportes no que concerne à polícia

O inspetor saiu do cais e se dirigiu rapidamente ao escritório do cônsul. No mesmo instante, por causa de seus pedidos insistentes, foi levado à presença desse funcionário.

– Senhor cônsul – disse-lhe sem preâmbulos –, tenho fortes indícios para acreditar que o nosso homem embarcou no Mongólia.

E Fix contou o que tinha se passado entre o criado e ele a respeito do passaporte.

– Bom, senhor Fix – respondeu o cônsul –, eu não ficaria incomodado em ver a cara desse pilantra. Mas se ele for aquele que o senhor supõe, talvez não se apresente em meu escritório. Um ladrão não gosta de deixar atrás de si os traços de sua passagem, e, aliás, a formalidade dos passaportes não é mais obrigatória.

– Senhor cônsul – respondeu o agente –, se ele é um homem esperto, como devemos supor, ele virá!

– Pedir um visto em seu passaporte?

– Sim. Os passaportes só servem para incomodar as pessoas honestas e facilitar a fuga dos pilantras. Asseguro ao senhor que este estará conforme à lei, mas espero que o senhor não o vise…

– E por que não? Se o passaporte estiver regular – respondeu o cônsul –, eu não tenho o direito de recusar-lhe o meu visto.

– No entanto, senhor cônsul, é muito necessário que eu retenha esse homem até que tenha recebido de Londres um mandado de prisão.

– Ah! Isso, senhor Fix, é negócio seu –, respondeu o cônsul – mas eu, eu não posso…

O cônsul não terminou sua frase. Nesse momento, alguém bateu à porta de sua sala, e o assistente introduziu dois estrangeiros, um dos quais era justamente o criado que havia conversado com o detetive.

De fato, eram o patrão e seu serviçal. O patrão apresentou seu passaporte, pedindo laconicamente ao cônsul a gentileza de carimbar seu visto.

Este pegou o passaporte e o leu atentamente, enquanto Fix, em um canto da sala, observava, ou melhor, devorava o estrangeiro com os olhos.

Quando o cônsul terminou sua leitura:

– O senhor é Phileas Fogg, *esquire*? – perguntou.

– Sim, senhor – respondeu o *gentleman*.

– E esse homem é o seu criado?

– É. Um francês chamado Passepartout.

– O senhor está vindo de Londres?

– Estou.

– E está indo…?

– Para Bombaim.

– Muito bem, senhor. O senhor está sabendo que essa formalidade de visto é inútil, e que não exigimos mais a apresentação do passaporte?

– Eu sei, senhor – respondeu Phileas Fogg –, mas quero comprovar com o seu visto a minha passagem por Suez.

– Como queira, senhor.

E o cônsul, após ter assinado e datado o passaporte, imprimiu-lhe seu carimbo. Mr. Fogg pagou os direitos do visto e, depois de ter se despedido friamente, saiu seguido por seu criado.

– E então? – perguntou o inspetor.

– E então? – respondeu o cônsul. – Ele tem o ar de um perfeito homem honesto!

– É possível – respondeu Fix –, mas não é disso que se trata. Senhor cônsul, o senhor acha que esse *gentleman* fleumático se parece, traço por traço, com o ladrão cuja descrição recebi?

– Acredito que sim, mas o senhor sabe, todas as descrições…

– Vou sanar essa dúvida – respondeu Fix. – O criado parece-me menos indecifrável do que o patrão. Além disso, ele é francês, então não conseguirá ficar de boca calada. Até mais, senhor cônsul.

Dito isso, o agente saiu em busca de Passepartout.

Todavia, ao deixar o consulado, Mr. Fogg havia se dirigido ao cais, onde deu algumas ordens ao seu criado. Depois, embarcou em um bote, voltou a bordo do Mongólia e entrou em sua cabine. Pegou então seu caderno, que contava com as seguintes anotações:

“Saída de Londres, quarta-feira, 2 de outubro, às 8 horas e 45 da noite.

“Chegada em Paris, quinta-feira, 3 de outubro, às 7 horas e 20 da manhã.

“Saída de Paris, quinta-feira, às 8 horas e 40 da manhã.

“Chegada em Turim pelo Monte Cenis, sexta-feira, 4 de outubro, às 6 horas e 35 da manhã.

“Saída de Turim, sexta-feira, às 7 horas e 20 da manhã.

“Chegada em Brindisi, sábado, 5 de outubro, às 4 horas da tarde.

“Embarque no Mongólia, sábado, às 5 horas da tarde.

“Chegada em Suez, quarta-feira, 9 de outubro, às 11 horas da manhã.

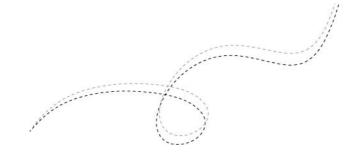
“Total de horas despendidas: cento e cinquenta e oito e meia; em dias: seis dias e meio.”

Mr. Fogg registrou essas datas em um itinerário disposto em colunas, que indicava – do dia 2 de outubro ao 21 de dezembro – o mês, a data, o dia da semana, as chegadas previstas e as chegadas efetivas em cada ponto principal – Paris, Brindisi, Suez, Bombaim, Calcutá, Singapura, Hong Kong, Yokohama, São Francisco, Nova York, Liverpool e Londres –, o que permitia calcular o ganho obtido ou a perda sofrida em cada parte do percurso.

Assim, esse metódico itinerário considerava tudo, e Mr. Fogg sempre

sabia se estava adiantado ou atrasado.

Naquele dia, portanto – quarta-feira, 9 de outubro –, ele registrou sua chegada em Suez, que, de acordo com a chegada prevista, não lhe proporcionava nem ganho nem perda.

Depois, pediu o almoço em sua cabine. Quanto a ver a cidade, ele nem mesmo pensava nisso, sendo daquele tipo de ingleses que mandam seus criados visitarem os países que atravessam.

Capítulo 8

* * *

De quando Passepartout talvez fale um pouco mais do que convém

Em poucos minutos, Fix havia encontrado no cais Passepartout, que flanava e observava, pois não acreditava que também era obrigado a não ver nada.

– E então, meu amigo – disse-lhe Fix ao abordá-lo –, o passaporte do senhor foi visado?

– Ah, é o senhor! – respondeu o francês. – Sim, obrigado. Estamos perfeitamente conformes à lei.

– E o senhor está conhecendo o país?

– Sim, mas estamos indo tão rápido que tenho a impressão de que viajamos em sonho. Mas, então, estamos em Suez?

– Em Suez.

– No Egito?

– No Egito, exatamente.

– E na África?

– Na África.

– Na África! – repetiu Passepartout. – Não consigo acreditar nisso! Imagine, senhor, que eu achava que não iria mais longe do que Paris,

e revi essa famosa capital apenas de sete horas e vinte da manhã às oito horas e quarenta, entre a Gare du Nord e a Gare de Lyon, através dos vidros de uma carruagem e sob uma chuva torrencial. Que pena! Eu gostaria de ter visto o Père-Lachaise e o Circo do Champs-Élysées!

– Então o senhor está muito apressado? – perguntou o inspetor de polícia.

– Eu, não, mas o meu patrão. Aliás, preciso comprar meias e camisas! Nós partimos sem malas, apenas com uma bolsa de mão.

– Vou levá-lo a um bazar onde o senhor encontrará tudo de que precisa.

– O senhor é realmente muito gentil! – respondeu Passepartout.

E os dois se puseram a caminhar. Passepartout continuava a falar.

– E o mais importante – ele disse – é que eu tome muito cuidado para não perder o barco!

– O senhor tem tempo – respondeu Fix –, ainda é meio-dia.

Passepartout pegou seu grande relógio.

– Meio-dia – disse. – Ora essa! São nove horas e cinquenta e dois minutos.

– Seu relógio está atrasado – respondeu Fix.

– Meu relógio? Um relógio de família, que vem do meu bisavô! Ele não oscila nem cinco minutos por ano. É um verdadeiro cronômetro!

– Já entendi o que está havendo – respondeu Fix. – O senhor manteve o horário de Londres, atrasado aproximadamente duas horas em relação a Suez. É preciso ter o cuidado de ajustar o seu relógio ao meio-dia de cada país.

– O quê? Ajustar meu relógio? Nunca! – exclamou Passepartout.

– Bom, então ele não ficará mais de acordo com o sol.

– Isso é problema do sol, meu senhor! Ele é que estará errado!

E o bom rapaz recolocou seu relógio no bolso com um gesto arrogante.

Alguns instantes depois, Fix lhe disse:

– Então os senhores saíram de Londres precipitadamente?

– Eu penso que sim! Na última quarta-feira, às oito horas da noite, ao contrário de seu costume, Mr. Fogg voltou de seu círculo e, quarenta e cinco minutos depois, tínhamos partido.

– Mas para onde o seu patrão está indo?

– Sempre em frente! Ele está dando a volta ao mundo!

– A volta ao mundo? – exclamou Fix.

– É, em oitenta dias! Ele diz que é uma aposta, mas, cá entre nós, não acredito nem um pouco nisso. Seria um absurdo! Deve haver alguma outra coisa.

– Ah! Esse Mr. Fogg é um extravagante?

– Eu acho que sim.

– E ele é rico?

– Com certeza. Ele está carregando uma bela soma junto de si, em *banknotes* novinhas! E ele não economiza dinheiro no caminho! Veja bem, ele prometeu uma recompensa magnífica ao chefe de máquinas do Mongólia se chegarmos a Bombaim com um belo adiantamento.

– E o senhor conhece seu patrão há muito tempo?

– Eu? – respondeu Passepartout. – Comecei a servi-lo no mesmo dia em que partimos.

Pode-se facilmente imaginar o efeito que essas respostas devem ter produzido na mente já bastante excitada do inspetor de polícia.

Essa partida precipitada de Londres, pouco tempo depois do roubo, essa grande soma carregada, essa pressa de chegar em países longínquos, esse pretexto de uma aposta excêntrica – tudo confirmava e devia confirmar as ideias de Fix. Ele fez o francês falar mais e teve a certeza de que o rapaz não conhecia nem um pouco o seu patrão, que este vivia isolado em Londres, que chamavam-no de rico sem saber a origem de sua fortuna, que era um homem enigmático etc. Porém, ao mesmo tempo, Fix pôde ter como certo que Phileas Fogg não desembarcaria em Suez e que ele realmente iria até Bombaim.

– Fica longe, Bombaim? – indagou Passepartout.

– Bem longe – respondeu o agente. – Os senhores ainda têm uns dez dias de mar.

– E onde fica Bombaim?

– Na Índia.

– Na Ásia?

– Naturalmente.

– Diabos! O senhor não sabe… Tem algo que está me perturbando… É o meu lampião!

– Que lampião?

– Meu lampião a gás, que esqueci de apagar e que está queimando por minha conta. Ora, calculo que serão necessários dois xelins a cada vinte e quatro horas, exatamente seis penes a mais do que ganho, e o senhor entende que enquanto a viagem se prolongar…

Havia Fix compreendido a questão do gás? É pouco provável. Ele não escutava mais e tomava uma decisão. Ele e o francês haviam chegado ao bazar. Fix deixou seu companheiro fazer suas compras e recomendou-lhe não perder a partida do Mongólia. Com toda a pressa, voltou ao escritório do agente consular.

Fix, agora que estava convicto, havia recuperado todo seu sangue-frio.

– Senhor – disse ao cônsul –, não tenho mais nenhuma dúvida. Encontrei o homem. Ele está se fazendo passar por um excêntrico que quer dar a volta ao mundo em oitenta dias.

– Então ele é um espertalhão! – respondeu o cônsul. – Ele está pensando em voltar para Londres depois de ter despistado todas as polícias dos dois continentes!

– É o que vamos ver – respondeu Fix.

– Mas o senhor não está enganado? – perguntou mais uma vez o cônsul.

– Eu não me engano.

– Mas então por que esse ladrão quis tanto constatar com um visto sua passagem por Suez?

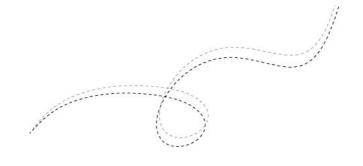
– Por quê? Eu não sei, senhor cônsul – respondeu o detetive. – Mas escute-me.

Em algumas palavras, ele repetiu os pontos principais de sua conversa com o criado do dito Fogg.

– De fato – disse o cônsul –, todas as suspeitas recaem sobre esse homem. E o que o senhor vai fazer?

– Enviar um telegrama a Londres com um pedido urgente de um mandado de prisão expedido para Bombaim, embarcar no Mongólia, seguir o ladrão até as Índias, e lá, naquela terra inglesa, aproximar-me polidamente dele com o mandado em mãos e minha mão em seu ombro.

Tendo pronunciado essas palavras friamente, o agente disse adeus ao cônsul e foi até o escritório de telegrafia. De lá, enviou ao diretor de polícia metropolitana aquele telegrama que já conhecemos.

Quinze minutos depois, Fix, com sua leve bagagem à mão – e bem munido de dinheiro, aliás –, embarcava a bordo do Mongólia, e logo o rápido *steamer* partia a todo vapor sobre as águas do Mar Vermelho.

Capítulo 9

* * *

De quando o Mar Vermelho e o Mar das Índias se mostram propícios aos desígnios de Phileas Fogg

A distância entre Suez e Áden é de exatamente mil trezentas e dez milhas, e o programa da Companhia permite aos seus transatlânticos cumpri-la em um intervalo de tempo de cento e trinta e oito horas. O Mongólia, cujo fogo queimava mais ativamente, ia de modo a superar a chegada prevista.

A maioria dos passageiros que haviam embarcado em Brindisi tinham a Índia como destino. Alguns estavam indo para Bombaim, outros, para Calcutá, mas via Bombaim, pois desde que uma estrada de ferro passou a atravessar a península indiana em toda a sua extensão, não era mais necessário dobrar a ponta do Ceilão.

Entre os passageiros do Mongólia, contavam-se diversos funcionários públicos e oficiais de todos os níveis. Destes, alguns pertenciam ao exército britânico propriamente dito, enquanto outros comandavam as tropas nativas de sipaios, todos muito bem remunerados, mesmo naquele momento em que o governo havia substituído a antiga Companhia das Índias em seus encargos: segundos-tenentes a sete mil francos, brigadeiros a sessenta mil e generais a cem mil.*

Portanto, vivia-se bem a bordo do Mongólia, naquela sociedade de funcionários aos quais se misturavam alguns jovens ingleses que, com sua fortuna nos bolsos, iam fundar entrepostos comerciais em lugares longínquos. O *purser*,[19] homem de confiança da Companhia, equivalente ao capitão a bordo, fazia tudo suntuosamente. No café da manhã, no almoço das duas horas, no jantar das cinco e meia e na ceia

das oito horas, as mesas envergavam sob os pratos de carne fresca e os *entremets*[20] fornecidos pelo açougue e pela copa do transatlântico. As passageiras – havia algumas – mudavam sua toalete duas vezes por dia. Havia música e até mesmo se dançava, quando o mar assim permitia.

Mas o Mar Vermelho é bastante caprichoso e muito frequentemente perigoso, como todos esses golfos estreitos e compridos. Quando o vento soprava, fosse da costa asiática, fosse da costa africana, o Mongólia, grande fuso com hélices, agitava-se assustadoramente ao ser pego na perpendicular. E então as senhoras desapareciam, os pianos se calavam, os cantos e as danças interrompiam-se ao mesmo tempo. No entanto, apesar da borrasca, apesar das ondulações, o transatlântico, impulsionado pelo seu maquinário, corria sem atrasos em direção ao estreito de Bab-el-Mandeb.

O que fazia Phileas Fogg durante esse tempo? Será que poderíamos crer que, sempre inquieto e ansioso, ele se preocupava com as mudanças de vento prejudiciais ao percurso do navio, com os movimentos desordenados das pessoas – que poderiam ocasionar um acidente à máquina – e com todos os possíveis danos que, obrigando o Mongólia a fazer escala em um porto qualquer, poderiam comprometer sua viagem?

De modo algum. Ou ao menos, se o *gentleman* pensava nessas eventualidades, ele não deixava nada disso transparecer. Ainda era o homem impassível, o membro imperturbável do Reform Club, que não podia ser surpreendido por nenhum incidente ou acidente. Ele não parecia mais comovido do que os cronômetros a bordo. Raramente era visto no convés. Quase não se preocupava em observar o Mar Vermelho, tão fecundo em lembranças, teatro das primeiras cenas históricas da humanidade. Ele não vinha conhecer aquelas curiosas cidades semeadas na costa, cujas pitorescas silhuetas às vezes se destacavam no horizonte. Ele nem mesmo sonhava com os perigos desse golfo árabe, do qual os antigos historiadores – Estrabão, Arriano, Artemidoro, Edrisi – sempre falaram com temor, e no qual os antigos navegantes nunca se aventuravam sem ter consagrado sua viagem com sacrifícios propiciatórios.

O que fazia, então, aquele extravagante aprisionado no Mongólia? Em primeiro lugar, ele fazia suas quatro refeições por dia, sem que qualquer arfagem ou adernamento jamais pudessem naufragar uma máquina tão maravilhosamente organizada. Depois, ele jogava *whist*.

Sim! Ele havia encontrado parceiros tão fanáticos quanto ele: um

coletor de impostos que se dirigia ao seu posto em Goa, um ministro, o reverendo Décimus Smith, que voltava para Bombaim, e um general de brigada do exército inglês, que se juntava ao seu grupo em Varanasi. Esses três passageiros tinham a mesma paixão pelo *whist* que Mr. Fogg e jogavam durante horas inteiras, não menos silenciosamente do que ele.

Quanto a Passepartout, os enjoos não tinham nenhuma influência sobre ele. Ele ocupava uma cabine na dianteira e também comia conscienciosamente. É preciso dizer que essa viagem, feita nessas condições, decididamente não o desagradava. Ele estava resignado. Bem nutrido, bem acomodado, descobria o mundo e, de todo modo, tinha para si que toda aquela fantasia acabaria em Bombaim.

No dia seguinte à partida de Suez, 10 de outubro, não foi sem um certo prazer que ele encontrou no convés o cortês personagem a quem havia se dirigido ao desembarcar no Egito.

– Se eu não me engano, senhor – disse ao abordá-lo com seu sorriso mais amável –, foi justamente o senhor que me serviu tão gentilmente de guia em Suez, não?

– É verdade – respondeu o detetive –, estou reconhecendo o senhor! O senhor é o criado daquele inglês excêntrico…

– Exatamente, senhor…

– Fix.

– Senhor Fix – respondeu Passepartout. – Estou feliz de encontrá-lo a bordo. E para onde está indo?

– Para Bombaim, assim como o senhor.

– Que bom! O senhor já fez essa viagem antes?

– Várias vezes – respondeu Fix. – Sou um agente da Companhia Peninsular.

– Então o senhor conhece a Índia?

– Bom… Conheço… – respondeu Fix, que não queria ir longe demais.

– E é interessante, a Índia?

– Muito interessante! Mesquitas, minaretes, templos, faquires, pagodes, tigres, serpentes, dançarinas! Mas o senhor acha que terá

tempo de visitar o país?

– Espero que sim, senhor Fix. O senhor entende que um homem de mente sã não pode passar sua vida pulando de um paquete para uma ferrovia e de uma ferrovia para um paquete, com o pretexto de dar a volta ao mundo em oitenta dias! Não. Todo esse malabarismo vai acabar em Bombaim, não tenha dúvidas disso.

– E ele vai bem, Mr. Fogg? – perguntou Fix com o tom mais natural possível.

– Muito bem, senhor Fix. E eu também, aliás. Estou comendo como um ogro em jejum. São os ares marítimos!

– E o seu patrão? Nunca o vejo no convés.

– Nunca! Ele não é curioso.

– O senhor sabia, senhor Passepartout, que essa pretensa viagem em oitenta dias poderia muito bem estar escondendo alguma missão secreta? Uma missão diplomática, por exemplo!

– Ora, senhor Fix, eu não sei de nada, confesso. E no fundo, eu não daria um único centavo para saber disso!

Desde esse encontro, Passepartout e Fix conversavam com frequência. O inspetor de polícia procurava ligar-se ao criado do *sieur* Fogg. Isso poderia servir oportunamente. No bar do Mongólia, ele com frequência oferecia-lhe alguns copos de uísque ou de *pale ale*, que o simpático rapaz aceitava sem cerimônias e até para não fazer feio – achando, aliás, esse Fix um *gentleman* bastante honesto.

Nesse meio tempo, o paquete avançava rapidamente. No dia 13, avistaram Moka, que apareceu em seu cinturão de muralhas em ruínas, sobre as quais se distinguiam algumas tamareiras verdejantes. Ao longe, nas montanhas, desenvolviam-se vastos campos de cafezal. Passepartout ficou encantado ao contemplar essa famosa cidade, e até teve a impressão de que, com seus muros circulares e seu forte desmantelado, que se desenhava como uma alça, ela parecia uma enorme meia xícara.

Durante a noite seguinte, o Mongólia ultrapassou o estreito de Bab-el-Mandeb, cujo nome em árabe significa Porta das Lágrimas, e no dia seguinte, 14, fazia escala no Steamer Point,[21] ao noroeste da enseada de Áden. Era ali que ele deveria completar suas reservas de combustível.

É uma questão séria e importante a da alimentação das caldeiras do navio a uma tal distância dos centros de produção. Somente para a Companhia Peninsular, é um gasto anual de oitocentos mil libras (vinte milhões de francos). De fato, foi preciso estabelecer depósitos em vários portos. Nesses mares longínquos, o carvão custa oitenta francos a tonelada.

O Mongólia ainda tinha mil seiscentas e cinquenta milhas a cumprir antes de chegar a Bombaim, e devia permanecer quatro horas no Steamer Point, a fim de encher seus paióis.

Mas esse atraso não podia de forma alguma prejudicar a programação de Phileas Fogg. Ele já estava previsto. Além do mais, o Mongólia, em vez de chegar a Áden apenas no dia 15 pela manhã, lá entrava no dia 14 ao fim da tarde. Era um ganho de 15 horas.

Mr. Fogg e seu criado desembarcaram. O *gentleman* queria visar seu passaporte. Fix o seguia sem ser percebido. Tendo cumprido a formalidade do visto, Phileas Fogg voltou a bordo para retomar sua partida interrompida.

Quanto a Passepartout, ele flanava, segundo seu costume, em meio àquela população de somalis, banianos, pársis, judeus, árabes e europeus que compõem os vinte e cinco mil habitantes de Áden. Ele admirou as fortificações que fazem dessa cidade a Gibraltar do Mar das Índias, além das magníficas cisternas nas quais os engenheiros ingleses ainda trabalhavam, dois mil anos depois dos engenheiros do rei Salomão.

– Muito curioso, muito curioso! – Dizia Passepartout ao voltar a bordo. – Estou vendo que viajar não é inútil se quisermos conhecer coisas novas.

Às seis horas da tarde, o Mongólia batia com os ramos de suas hélices nas águas da enseada de Áden, e logo deslizava sobre o Mar das Índias. Estavam previstas cento e sessenta e oito horas para realizar a travessia entre Áden e Bombaim. Além do mais, o mar indiano foi-lhe favorável. O vento soprava do noroeste. As velas se puseram a ajudar o vapor.

O navio, mais bem apoiado, balançava menos. As passageiras, em roupas frescas, reapareceram no convés. Os cantos e as danças recomeçaram.

A viagem, portanto, foi realizada nas melhores condições. Passepartout estava encantado com o amável companheiro que o

destino havia lhe reservado sob a figura de Fix.

No domingo, 20 de outubro, por volta de meio-dia, a costa indiana foi avistada. Duas horas mais tarde, o piloto subia a bordo do Mongólia. No horizonte, um plano de colinas se perfilava harmoniosamente sobre o fundo do céu. E logo as fileiras de palmeiras que cobrem a cidade se distinguiram vivamente. O paquete adentrou aquela enseada formada pelas ilhas Salsete, Colaba, Elefanta e Butcher, e às quatro horas e meia aportava no cais de Bombaim. Phileas Fogg terminava, então, a trigésima terceira partida do dia, e seu parceiro e ele, graças a uma manobra audaciosa, em que ganharam as treze vazas, terminaram essa bela travessia com um *slam*[22] admirável.

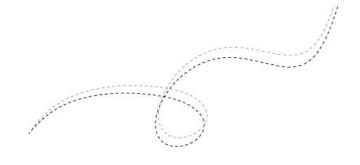
O Mongólia só devia chegar a Bombaim em 22 de outubro, mas lá chegava no dia 20. Era, portanto, um ganho de dois dias desde a partida de Londres, que Phileas Fogg registrou metodicamente em seu itinerário, na coluna dos rendimentos.

[*] A remuneração dos funcionários públicos é ainda mais elevada. Os simples assistentes, no primeiro grau da hierarquia, recebem doze mil francos; os juízes, sessenta mil francos; os presidentes da Corte, duzentos e cinquenta mil francos; os governadores, trezentos mil francos; e o governador-geral, mais de seiscentos mil francos.

Em inglês, “comissário de bordo” (N.T.).

Em francês, no século XIX, designa uma série de pratos salgados ou doces servidos entre os assados e a sobremesa propriamente dita (N.T.).

Nome dado a um porto de Áden à época da colonização inglesa (N.T.).

No *whist*, *slam* é o nome que se dá quando a dupla vence as treze vazas de uma partida (N.T.).

Capítulo 10

* * *

De quando Passepartout fica muito contente
de se safar perdendo seus sapatos

Todos sabem que a Índia – esse grande triângulo invertido cuja base fica ao norte, e a ponta, ao sul – ocupa uma superfície de cento e quarenta mil milhas quadradas, sobre a qual está distribuída muito desigualmente uma população de cento e oitenta milhões de habitantes. O governo britânico exerce uma real dominação sobre parte desse imenso país. Ele mantém um governador-geral em Calcutá, governadores em Madras, Bombaim e Bengala e um vice-governador em Agra.

Mas a Índia inglesa propriamente dita conta com uma superfície de apenas setecentos mil milhas quadradas e uma população de cem a cento e dez milhões de habitantes. Basta dizer que uma parte notável do território ainda escapa à autoridade da rainha, e, de fato, entre alguns rajás do interior, selvagens e terríveis, a independência hindu ainda é absoluta.

De 1756 – época em que foi fundado o primeiro estabelecimento inglês na região em que hoje se encontra a cidade de Madras – até o ano em que eclodiu a grande insurreição dos sipaios,[23] a famosa Companhia das Índias foi soberana. Pouco a pouco, ela anexou diversas províncias, compradas dos rajás ao preço de anuidades pelas quais se pagava pouco ou mesmo nada. A Companhia nomeava seu governador-geral e todos os seus funcionários públicos ou militares. Mas agora ela não existe mais, e as colônias inglesas da Índia estão diretamente subordinadas à coroa.

Do mesmo modo, o aspecto, os costumes e as divisões etnográficas da península tendem a se modificar a cada dia. Outrora, lá se viajava por todos os antigos meios de transporte: a pé, a cavalo, de charrete, em carrinho de mão, em liteira, nas costas de homens, em carroças etc. Hoje, *steamboats* percorrem o Indo e o Ganges em alta velocidade, e uma estrada de ferro, que atravessa a Índia em toda a sua extensão e apresenta ramificações em seu percurso, deixa Bombaim a apenas três dias de Calcutá.

A rota dessa estrada de ferro não atravessa a Índia por um caminho retilíneo. A distância em linha reta seria de apenas mil a mil e cem milhas, e os trens, impulsionados somente por uma velocidade média, levariam menos de três dias para atravessá-la. Mas essa distância é aumentada em pelo menos um terço, por causa da curva que a ferrovia descreve ao subir até Allahabad, no norte da península.

Eis aqui, em suma, os pontos principais do traçado do *Great Indian Peninsular Railway*: saindo da ilha de Bombaim, ele atravessa a ilha Salsete, passa para o continente via Tannah,[24] atravessa a cadeia dos Gates Ocidentais, segue para o nordeste até Burhanpour, percorre o território quase independente de Bundelkhand, sobe até Allahabad, vira-se para o leste, encontra o Ganges em Varanasi, afasta-se desta ligeiramente e, tornando a descer ao sudeste por Barddhaman e pela cidade francesa de Chandannagar, chega ao ponto final em Calcutá.

Eram quatro e meia da tarde quando os passageiros do Mongólia desembarcaram em Bombaim, e o trem para Calcutá partiria exatamente às oito horas em ponto.

Mr. Fogg, então, despediu-se de seus parceiros, saiu do paquete, detalhou a seu criado as compras que deveriam ser feitas, recomendou-lhe expressamente que estivesse na estação antes das oito horas e, com seu passo regular que marcava os segundos como o pêndulo de um relógio astronômico, dirigiu-se ao serviço de emissão de passaportes.

Portanto, ele não sonhava em ver nenhuma das maravilhas de Bombaim: nem a prefeitura, nem a magnífica biblioteca, nem os fortes, nem as docas, nem o mercado de algodão, nem os bazares, nem as mesquitas, nem as sinagogas, nem as igrejas armênias e nem o esplêndido pagode de Malabar Hill, ornado com duas torres poligonais. Ele não contemplaria nem as obras-primas de Elefanta, nem seus misteriosos hipogeus, escondidos a sudeste da baía, e nem as Grutas Kanheri da ilha Salsete, esses admiráveis vestígios da arquitetura budista!

Não, nada! Ao sair do serviço de emissão de passaportes, Phileas Fogg encaminhou-se tranquilamente à estação, onde mandou servir seu jantar. Entre outros pratos, o *maître* quis recomendar-lhe uma espécie de ensopado de "coelho nativo", do qual falou maravilhas.

Phileas Fogg aceitou o ensopado e experimentou-o conscienciosamente. Porém, apesar do molho condimentado, achou-o detestável.

Ele chamou o *maître*.

– Senhor – disse-lhe olhando-o fixamente –, isto é um coelho?

– Sim, *mylord* – respondeu o sujeito, de modo atrevido –, um coelho da floresta.

– E este coelho não miou quando foi morto?

– Miou?! Oh, *mylord*! Um coelho! Eu juro…

– Senhor *maître* – retomou friamente Mr. Fogg –, não jure. E lembre-se disto: antigamente, na Índia, os gatos eram considerados animais sagrados. Era um tempo bom.

– Para os gatos, *mylord*?

– E talvez também para os viajantes!

Feita essa observação, Mr. Fogg continuou a jantar tranquilamente.

Alguns instantes depois de Mr. Fogg, o agente Fix também havia desembarcado do Mongólia e corrido até o chefe da polícia de Bombaim. Ele se apresentou como detetive, falou da missão da qual estava encarregado e de sua situação em vista do presumido autor do roubo. Teriam eles recebido um mandado de prisão de Londres? Não haviam recebido nada. E o mandado, de fato, tendo partido depois de Fogg, ainda não poderia ter chegado.

Fix ficou bastante desconcertado. Ele tentou obter do diretor uma ordem de prisão contra *sieur* Fogg. O diretor recusou. O caso era da competência da administração metropolitana, e apenas esta poderia emitir um mandado legalmente. Essa severidade de princípios, essa observância rigorosa da legalidade é perfeitamente explicável pelos costumes ingleses, que, em matéria de liberdade individual, não admitem nenhuma arbitrariedade.

Fix não insistiu e compreendeu que deveria se resignar e esperar seu mandado. Mas ele resolveu não perder de vista o inacessível pilantra, durante todo o tempo que este permanecesse em Bombaim. Ele não duvidou que Phileas Fogg não demoraria por lá –
e, como sabemos, essa também era a convicção de Passepartout –, o que daria ao mandado de prisão tempo para chegar.

Porém, desde as últimas ordens que seu patrão havia lhe dado ao deixar o Mongólia, Passepartout havia compreendido bem que em Bombaim seria como em Suez ou Paris, que a viagem não terminaria ali, que ela continuaria pelo menos até Calcutá, e talvez até mais longe. E ele começou a se perguntar se essa aposta de Mr. Fogg de fato não seria absolutamente séria, e se a fatalidade não o estaria conduzindo – ele, que tanto queria viver tranquilo – a dar a volta ao mundo em oitenta dias!

Enquanto isso, e depois de ter adquirido algumas camisas e meias, ele passeava pelas ruas de Bombaim. Havia um grande encontro de povos: em meio aos europeus de várias nacionalidades, persas de chapéus pontudos, bunianos de turbantes enrolados, sindis de chapéus quadrados, armênios em longas vestimentas e pársis de mitra negra. Era justamente uma festa celebrada pelos pársis ou guebres, descendentes diretos dos seguidores de Zoroastro, que são os mais engenhosos, os mais civilizados, os mais inteligentes e os mais austeros dos hindus – grupo ao qual pertencem atualmente os negociantes ricos nativos de Bombaim. Naquele dia, eles celebravam uma espécie de carnaval religioso, com procissões e entretenimentos em que figuravam dançarinas vestidas com um tecido leve rosa bordado com fios de ouro e prata, que dançavam maravilhosamente ao som de violas e tambores – e com uma perfeita decência, aliás.

Que Passepartout observava essas curiosas cerimônias, que seus olhos e suas orelhas abriam-se desmesuradamente para ver e escutar, que o seu ar e a sua fisionomia eram justamente os do *booby*[25] mais ingênuo que podemos imaginar, não é necessário reforçar aqui.

Infelizmente – para ele e para seu patrão, cuja viagem arriscava comprometer –, sua curiosidade levou-o mais longe do que convinha.

De fato, depois de ter visto esse carnaval pársi, Passepartout dirigia-se à estação quando, ao passar diante do admirável pagode de Malabar Hill, teve a infeliz ideia de visitar seu interior.

Ele ignorava duas coisas: primeiro, que a entrada de certos pagodes hindus é formalmente proibida aos cristãos e, segundo, que os

próprios crentes não podem entrar ali sem ter deixado seus sapatos na porta. É preciso notar que, por razões de sanidade política, o governo inglês, respeitando e fazendo respeitar a religião do país nos seus detalhes mais insignificantes, pune severamente quem quer que viole suas práticas.

Passepartout, tendo entrado ali sem pensar em nenhum mal, como um simples turista, admirava, no interior do Malabar Hill, esses brilhos deslumbrantes da ornamentação brahmânica, quando de repente foi atirado sobre o solo sagrado. Três sacerdotes, com o olhar cheio de fúria, saltaram sobre ele e arrancaram-lhe os sapatos e as meias e começaram a bater nele, proferindo gritos selvagens.

O francês, vigoroso e ágil, levantou-se rapidamente. Com um soco e um chute, derrubou dois de seus adversários, bem enrolados em suas longas vestes. E, ao se lançar para fora do pagode com toda a velocidade de suas pernas, ele logo tomou distância do terceiro hindu, que havia seguido seus rastros, instigando a multidão.

Às cinco para as oito, apenas alguns minutos antes da partida do trem, sem chapéu, com os pés nus e tendo perdido na briga o pacote que continha suas compras, Passepartout chegou à estação ferroviária.

Fix estava lá, na plataforma de embarque. Tendo seguido o *sieur* Fogg até a estação, ele havia compreendido que aquele pilantra deixaria Bombaim. Imediatamente, decidiu acompanhá-lo a Calcutá e até mais longe, se preciso fosse. Passepartout não viu Fix, que se mantinha à sombra, mas Fix escutou a história de suas aventuras, que Passepartout narrou ao seu patrão em poucas palavras.

– Espero que isso não lhe aconteça mais – respondeu simplesmente Phileas Fogg, tomando seu lugar em um dos vagões do trem.

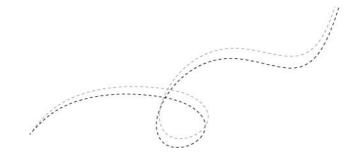
O pobre rapaz, com os pés nus e todo desconcertado, seguiu seu patrão sem dizer uma única palavra.

Fix ia subir em um vagão separado, quando um pensamento o reteve e modificou subitamente seu plano de partida.

– Não, eu vou ficar – disse a si mesmo. – Um delito cometido em território indiano… E eu pego esse homem! No mesmo momento, a locomotiva silvou seu alto apito e o trem desapareceu noite adentro.

Referência à Revolta dos Sipaios, eclodida em 1857 (N.T.).

A cidade de Bombaim foi outrora um aglomerado de ilhas, entre as quais Bombaim e Salsete. Ao longo dos séculos, esse aglomerado sofreu diversos aterramentos até chegar a compor o traçado atual da cidade (N.T.).

Em inglês no original, “pateta” (N.T.).

Capítulo 11

* * *

De quando Phileas Fogg compra uma montaria
por um preço extraordinário

O trem havia partido à hora prevista. Ele levava um certo número de viajantes, alguns oficiais, funcionários públicos e negociantes de ópio e índigo, cujo comércio os atraía para a parte oriental da península.

Passepartout ocupava o mesmo compartimento de seu patrão. Um terceiro passageiro encontrava-se no canto oposto.

Era o general de brigada, Sir Francis Cromarty, um dos parceiros de Mr. Fogg durante a travessia de Suez a Bombaim, que se juntava às suas tropas estacionadas perto de Varanasi.

Sir Francis Cromarty – alto, loiro, com cerca de cinquenta anos, e que muito se destacara durante a última Revolta dos Sipaios – realmente poderia merecer a qualificação de nativo. Desde a sua juventude, ele morava na Índia e só havia feito raras aparições em seu país natal. Era um homem instruído, que teria fornecido de bom grado informações sobre os costumes, a história e a organização do país hindu caso Phileas Fogg fosse capaz de pedi-las. Mas o *gentleman* não perguntava nada. Ele não viajava, mas descrevia uma circunferência. Era um corpo pesado percorrendo uma órbita em torno do globo terrestre, segundo as leis da mecânica racional. Nesse momento, ele refazia mentalmente o cálculo das horas despendidas desde a sua partida de Londres, e teria esfregado as mãos se fosse da sua natureza fazer um movimento inútil.

Sir Francis Cromarty certamente reconhecera a originalidade de seu

companheiro de estrada, ainda que só o tivesse estudado com as cartas na mão e entre duas partidas. Assim, ele tinha fortes razões para se perguntar se um coração humano batia sob aquele envoltório frio, se Phileas Fogg tinha uma alma sensível às belezas da natureza, às aspirações morais. Para ele, isso era discutível. De todos os excêntricos com quem o general de brigada havia cruzado, nenhum era comparável àquele produto das ciências exatas.

Phileas Fogg não escondera de Sir Francis Cromarty o seu projeto de volta ao mundo nem as condições em que sua viagem se realizava. O general de brigada não viu nessa aposta senão uma excentricidade sem objetivo útil, e à qual necessariamente faltaria o *transire benefaciendo*[26] que deve guiar todo homem razoável. No passo em que o bizarro *gentleman* andava, ele evidentemente passaria pela vida sem ter feito nada, nem para ele, nem para os outros.

Uma hora depois de ter partido de Bombaim, o trem, transpondo viadutos, havia atravessado a ilha Salsete e passava para o continente. Na estação de Kalyan, separou-se da ramificação à direita que, por Kandallah e Pune, desceu em direção ao sudeste da Índia e chegou à estação de Pauwell. Nesse ponto, embrenhou-se nas montanhas bem ramificadas dos Gates Ocidentais, cadeias à base de *trapp* e de basalto, cujos picos mais altos são cobertos por uma densa floresta.

De vez em quando, Sir Francis Cromarty e Phileas Fogg trocavam algumas palavras. Em dado momento, o general de brigada disse, retomando uma conversa que sempre esfriava:

– Há alguns anos, senhor Fogg, o senhor teria sofrido, neste lugar, um atraso que provavelmente comprometeria seu itinerário.

– E por que, Sir Francis?

– Porque a estrada de ferro terminava no sopé destas montanhas, e era preciso atravessá-las em palanquim ou sobre um pônei até a estação de Kandallah, situada na outra encosta.

– Esse atraso não teria comprometido de modo algum a organização do meu programa – respondeu o Sr. Fogg. – Eu nunca deixo de prever a eventualidade de certos obstáculos.

– No entanto, senhor Fogg – continuou o general de brigada –, o senhor corria o risco de ficar muito encrencado com a aventura deste rapaz.

Passepartout, com os pés enroscados em sua coberta de viagem,

dormia profundamente e nem sonhava que estavam falando dele.

– O governo inglês é extremamente severo, e com razão, quanto a esse tipo de delito – retomou Sir Francis Cromarty. – Ele se preocupa sobretudo com que os costumes religiosos dos hindus sejam respeitados. Se o criado do senhor tivesse sido pego…

– Bom, se ele tivesse sido pego, Sir Francis – respondeu o Sr. Fogg –, ele teria sido condenado, teria cumprido sua pena e depois teria retornado tranquilamente para a Europa. Eu não vejo de que forma essa questão poderia ter atrasado o patrão dele!

E nesse momento a conversa terminou. Durante a noite, o trem atravessou os Gates, passou por Nashik e, no dia seguinte, 21 de outubro, embrenhou-se em uma região relativamente plana, formada pelo território do Khandesh. O campo, bem cultivado, era semeado de vilarejos, acima dos quais os minaretes dos pagodes faziam o papel do sino das igrejas europeias. Vários pequenos cursos d'água, a maioria afluentes ou subafluentes do Godavari, irrigavam essa fértil região.

Passepartout, tendo acordado, observava tudo e não podia acreditar que estava atravessando o país dos hindus em um trem do *Great Peninsular Railway*. Isso lhe parecia inverossímil. No entanto, nada era mais verdadeiro! A locomotiva, conduzida por um maquinista inglês e movida a hulha inglesa, lançava sua fumaça sobre as plantações de algodão, café, noz-moscada, cravo e pimenta vermelha. O vapor se contorcia em espirais que rodeavam grupos de palmeiras, dentre as quais surgiam pitorescos bangalôs, alguns *viharas* – espécie de monastérios abandonados – e maravilhosos templos que enriqueciam a inesgotável ornamentação da arquitetura indiana. E então, imensas extensões de terra desenhavam-se a perder de vista; selvas onde não faltavam nem serpentes nem tigres assustados pelos relinchos do trem; e por fim florestas, fendidas pelo traçado da via e ainda povoadas de elefantes, que, com um olhar reflexivo, assistiam à passagem do comboio desenfreado.

Durante essa manhã, mais adiante da estação de Malegaon, os viajantes atravessaram o território funesto que muitas vezes foi ensanguentado pelos seguidores da deusa Kali. Não muito longe elevavam-se Ellora e seus admiráveis pagodes, próximo da célebre Aurangabad, capital do selvagem Aureng-Zebe, e hoje um simples centro de uma das províncias autônomas do reino de Nizam.

Foi nessa região que Feringhea, o chefe dos *Thugs*, rei dos estranguladores, exerceu sua dominação. Esses assassinos, reunidos

em um bando inalcançável, estrangulavam vítimas de qualquer idade em honra à Deusa da Morte, sem jamais derramar seu sangue. Houve um tempo em que era impossível revolver um lugar qualquer desse solo sem encontrar um cadáver. O governo inglês bem que conseguiu impedir esses assassinatos em uma proporção notável, mas essa pavorosa associação ainda existe e funciona. Ao meio-dia e meia, o trem parou na estação de Burhanpur e Passepartout pôde comprar, a preço de ouro, um par de babuchas decoradas com pérolas falsas, que ele calçou com um sentimento evidente de vaidade.

Os viajantes almoçaram rapidamente e seguiram em direção à estação de Assurghur, depois de terem caminhado por um instante às margens do Tapti, pequeno rio que desemboca no Golfo de Cambaia, perto de Surate.

Cabe aqui conhecer quais pensamentos ocupavam, então, a mente de Passepartout. Até sua chegada em Bombaim, ele acreditou e pôde acreditar que as coisas terminariam ali. Mas agora, desde que percorria a Índia a todo vapor, uma reviravolta se operara em sua mente. Sua natureza ressurgia a galope. Ele reencontrava as ideias fantasiosas de sua juventude, levava a sério os projetos de seu patrão, acreditava na veracidade da aposta e, consequentemente, nessa volta ao mundo e nesse tempo máximo que não deveria ser ultrapassado. Ele até já se inquietava com os possíveis atrasos e com os acidentes que poderiam acontecer no caminho. Sentia-se interessado por esse desafio, e tremia ao pensar que poderia tê-lo comprometido na véspera, com a sua imperdoável curiosidade. Assim, sendo muito menos fleumático que Mr. Fogg, ele era muito mais inquieto. Contava e recontava os dias transcorridos, amaldiçoava as paradas do trem, acusava-o de lentidão e culpava *in petto*[27] Mr. Fogg por não ter prometido um prêmio ao maquinista. O simpático rapaz não sabia que o que era possível em um paquete não era mais garantido em uma estrada de ferro, cuja velocidade é regulamentada.

No fim da tarde, embrenharam-se nos desfiladeiros das montanhas de Sutpur, que separam o território do Khandesh de Bundelkhand.

No dia seguinte, 22 de outubro, Passepartout respondeu à pergunta de Sir Francis Cromarty, após consultar seu relógio, dizendo que eram três horas da manhã. Na verdade, esse famoso relógio, ainda regulado segundo o meridiano de Greenwich –
mais ou menos a setenta e sete graus a oeste –, devia estar atrasado em quatro horas, e de fato estava.

Sir Francis corrigiu, então, a hora dada por Passepartout, a quem fez a

mesma observação que este já recebera de Fix. Tentou fazê-lo compreender que ele devia ajustar o relógio de acordo com cada novo meridiano, e que, como iam constantemente rumo ao leste, isto é, ao encontro do sol, os dias se tornavam quatro minutos mais curtos a cada vez que percorriam um grau. Foi inútil. Tivesse compreendido ou não a observação do general de brigada, o rapaz cabeça-dura obstinou-se em não adiantar seu relógio, que manteve invariavelmente segundo a hora de Londres. Uma mania inocente, de qualquer forma, e que não podia prejudicar ninguém. Às oito horas da manhã e a vinte e cinco quilômetros da estação de Rothal, o trem parou em meio a uma vasta clareira, margeada por alguns bangalôs e algumas cabanas de operários. O condutor do trem passou na frente da fileira dos vagões e disse:

– Os viajantes devem descer aqui.

Phileas Fogg olhou para Sir Francis Cromarty, que parecia não entender nada dessa parada no meio de uma floresta de tamarindos e cajus.

Passepartout, não menos surpreso, foi até a via e voltou quase imediatamente, exclamando:

– Senhor, acabou a estrada de ferro!

– O que o senhor quer dizer? – indagou Sir Francis Cromarty.

– Quero dizer que o trem não continua mais!

O general de brigada desceu no mesmo instante do vagão. Phileas Fogg o seguiu, sem se apressar. Ambos se dirigiram ao condutor:

– Onde estamos? – perguntou Sir Francis Cromarty.

– Na aldeia Kholby – respondeu o condutor.

– E nós vamos parar aqui?

– Com certeza. A estrada de ferro não está pronta…

– Como?! Não está pronta?

– Não! Ainda falta construir um trecho de uns oitenta quilômetros entre este ponto e Allahabad, onde a via continua.

– Mas os jornais anunciaram a inauguração completa do *railway*!

– O que o senhor quer, meu caro oficial? Os jornais se enganaram!

– Mas os senhores oferecem passagens de Bombaim a Calcutá! – continuou Sir Francis Cromarty, que começava a ficar esquentado.

– Sem dúvidas – respondeu o condutor –, mas os viajantes sabem bem que devem procurar um transporte de Kholby a Allahabad.

Sir Francis Cromarty estava furioso. Passepartout teria estapeado de bom grado o condutor, que não tinha culpa de nada. Ele não ousava olhar para o seu patrão.

– Sir Francis – disse simplesmente Mr. Fogg –, se o senhor assim o desejar, vamos pensar em um meio de chegar a Allahabad.

– Senhor Fogg, isso não seria um atraso absolutamente prejudicial aos seus interesses?

– Não, Sir Francis, isso estava previsto.

– Como? O senhor sabia que a via…

– De modo algum, mas eu sabia que mais cedo ou mais tarde surgiria um obstáculo qualquer em meu caminho. Ora, nada está perdido. Eu tenho dois dias de adiantamento para sacrificar. Há um *steamer* que zarpa de Calcutá para Hong Kong ao meio-dia do dia 25. Hoje é apenas dia 22, e nós chegaremos a tempo em Calcutá.

Não havia nada a dizer depois de uma resposta dada com tamanha segurança.

Era uma grande verdade que as obras da estrada de ferro acabavam nesse ponto. Os jornais são como certos relógios que têm a mania de se adiantar, e eles haviam anunciado prematuramente que a linha estava pronta. A maioria dos viajantes conhecia essa interrupção da via e, ao descerem do trem, apossaram-se de todo tipo de veículo que havia no vilarejo: *palki-gharis* de quatro rodas,[28] charretes puxadas por zebus – um tipo de boi com corcova –, bigas que pareciam pagodes ambulantes, palanquins, pôneis etc. Assim, Mr. Fogg e Sir Francis Cromarty, depois de terem procurado em todo o vilarejo, voltaram sem ter encontrado nada.

– Irei a pé – disse Phileas Fogg.

Passepartout, que se reaproximava de seu patrão, fez uma careta significativa, pensando em suas magníficas mas insuficientes

babuchas. Felizmente, coubera a ele uma descoberta. Disse, hesitando um pouco:

– Senhor, acho que encontrei um meio de transporte.

– Qual?

– Um elefante! Um elefante que pertence a um indiano que mora a cem passos daqui.

– Vamos ver o elefante – respondeu Mr. Fogg.

Cinco minutos depois, Phileas Fogg, Sir Francis Cromarty e Passepartout chegavam perto de uma cabana adjacente a um terreno cercado por altas paliçadas. Na cabana, havia um indiano, e no cercado, um elefante. A pedido deles, o indiano introduziu Mr. Fogg e seus dois companheiros no cercado.

Ali, eles ficaram na presença do animal, meio domesticado, que seu proprietário criava para ser não um animal de carga, e sim um animal de combate. Com esse objetivo, ele havia começado a modificar o caráter naturalmente gentil desse animal, de modo a conduzi-lo gradualmente ao paroxismo da raiva chamado de *mutsh* na língua hindu, alimentando-o, para isso, de açúcar e manteiga durante três meses. Esse tratamento pode parecer impróprio para atingir tal resultado, mas é empregado com sucesso pelos criadores. Felizmente para Mr. Fogg, o elefante em questão acabava de ser posto nesse regime, e o *mutsh* ainda não havia se manifestado.

Kiouni – era o nome do bicho – podia, como todos os seus congêneres, caminhar por muito tempo com passadas rápidas. Na falta de outra montaria, Phileas Fogg resolveu empregá-lo.

Mas os elefantes custam caro na Índia, onde começam a se tornar raros. Os machos, os únicos que convêm às lutas de circo, são extremamente requisitados. Esses animais se reproduzem raramente, quando são reduzidos a um estado de domesticidade, de modo que só podem ser capturados pela caça. Sendo assim, eles são objetos de cuidados extremos, e quando Mr. Fogg perguntou ao indiano se ele queria alugar seu elefante, o indiano recusou prontamente.

Fogg insistiu e ofereceu um preço excessivo pelo bicho, dez libras (duzentos e cinquenta francos) por hora. Recusado. Vinte libras? Outra vez recusado. Quarenta libras? Ainda recusado. Passepartout dava pulos a cada sobrelanço. Mas o indiano não se deixava tentar.

Era uma bela soma, contudo. Admitindo-se que o elefante levasse quinze horas para chegar a Allahabad, ele traria seiscentas libras (quinze mil francos) para o seu proprietário.

Phileas Fogg, sem se exaltar de modo algum, propôs então ao indiano comprar seu animal, e ofereceu-lhe primeiramente mil libras (vinte e cinco mil francos).

O indiano não queria vender! Talvez o sujeito estivesse farejando um negócio magnífico.

Sir Francis Cromarty chamou Mr. Fogg de canto e sugeriu-lhe refletir antes de ir mais longe. Phileas Fogg respondeu a seu companheiro que ele não tinha o hábito de agir sem refletir, que se tratava, no fim das contas, de uma aposta de vinte mil libras, que esse elefante lhe era necessário e que, mesmo que tivesse de pagar vinte vezes o seu valor, teria esse elefante.

Mr. Fogg voltou para junto do indiano, cujos pequenos olhos, iluminados pela cobiça, deixavam entrever que para ele era apenas uma questão de preço. Phileas Fogg ofereceu sucessivamente mil e duzentas libras, depois mil e quinhentas, depois mil e oitocentas, e finalmente duas mil libras (cinquenta mil francos). Passepartout, em geral tão corado, estava pálido de emoção.

Com duas mil libras, o indiano se rendeu.

– Pelas minhas babuchas! – exclamou Passepartout. – É um belo preço para a carne de elefante!

A negociação concluída, faltava apenas encontrar um guia. Isso foi mais fácil. Um jovem pársi, de aparência inteligente, ofereceu os seus serviços. Mr. Fogg aceitou e prometeu-lhe uma grande remuneração, que não podia senão dobrar a sua inteligência.

O elefante foi levado e equipado sem demora. O pársi conhecia perfeitamente o trabalho de *mahout*, isto é, cornaca.[29] Ele cobriu o dorso do elefante com um xairel,[30] e dispôs, de cada lado de seus flancos, duas espécies de cestos bem pouco confortáveis.

Phileas Fogg pagou o indiano com *banknotes* extraídas da famosa bolsa. Na verdade, parecia que elas estavam sendo tiradas das entranhas de Passepartout. Depois, Mr. Fogg ofereceu a Sir Francis Cromarty transportá-lo até a estação de Allahabad. O general de brigada aceitou. Um viajante a mais não cansaria o gigantesco animal.

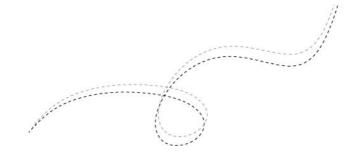
Alguns víveres foram comprados em Kholby. Sir Francis Cromarty ocupou um lugar em um dos cestos, e Phileas Fogg, no outro. Passepartout colocou-se em posição de montaria sobre o xairel, entre seu patrão e o general de brigada. O pársi empoleirou-se no pescoço do elefante, e às nove horas, o animal, deixando o vilarejo, embrenhava-se pelo caminho mais curto na densa floresta de latânias.

Em latim no original, “viver fazendo o bem” (N.T.).

Em latim no original, “secretamente”, “no fundo do coração” (N.T.).

Mais adiante, no Capítulo 15, o próprio narrador define o que é um *palki-ghari*: “espécie de veículo com quatro rodas e quatro lugares atrelado a dois cavalos” (N.T.).

Nome que se dá aos condutores de elefante na Índia (N.T.).

Manta de tecido ou couro que se coloca sob a sela de uma montaria (N.T.).

Capítulo 12

* * *

De quando Phileas Fogg e seus companheiros se aventuram nas florestas da Índia, e o que acontece em seguida

O guia, a fim de encurtar a distância a ser percorrida, ignorou à sua direita o traçado da via cuja obra estava em curso. Esse traçado, bastante contrariado pelas caprichosas ramificações dos Montes Víndias, não seguia o caminho mais curto, que Phileas Fogg tinha interesse em pegar. O pársi, muito familiarizado com as estradas e as trilhas da região, pretendia economizar uns trinta quilômetros com um atalho através da floresta, e então confiaram nele.

Phileas Fogg e Sir Francis Cromarty, enfiados até o pescoço em seus cestos, estavam sendo bastante sacudidos pelo trote seco do elefante, ao qual o *mahout* induzia uma velocidade rápida. Mas eles suportavam a situação com o fleuma mais britânico, conversando pouco, aliás, e mal vendo um ao outro.

Quanto a Passepartout, firmado no dorso do bicho e diretamente sujeito aos movimentos bruscos, ele evitava ficar com a língua entre os dentes, seguindo uma recomendação de seu patrão, pois ela poderia ser cortada de uma só vez. O simpático rapaz, ora lançado para o pescoço do elefante, ora rebatido para a sua garupa, fazia acrobacias como um *clown*[31] em um trampolim. Mas ele achava graça, ria em meio aos seus saltos carpados, e, de tempos em tempos, tirava de sua bolsa um pedaço de açúcar, que o inteligente Kiouni pegava com a ponta de sua tromba, sem interromper por um instante o seu trote regular.

Depois de duas horas de caminhada, o guia fez o elefante parar e lhe

deu uma hora de descanso. O animal devorou ramagens e arbustos, depois de ter matado a sede em uma lagoa perto dali. Sir Francis Cromarty não reclamou dessa parada. Ele estava moído. Mr. Fogg parecia tão disposto quanto se tivesse acabado de sair da cama.

– Mas ele é mesmo de ferro! – disse o general da brigada, olhando-o com admiração.

– De ferro fundido – respondeu Passepartout, que estava ocupado em preparar um almoço sumário.

Ao meio-dia, o guia deu o sinal da partida. A região logo adquiriu uma aparência bastante selvagem. Às grandes florestas sucederam matas de corte de tamareiras e palmeiras anãs, e depois vastas planícies áridas, espetadas por magros arbustos e semeadas de grandes pedras de sienito. Toda essa parte do alto Bundelkhand, pouco frequentada pelos viajantes, é habitada por uma população fanática, embrutecida pelas práticas mais terríveis da religião hindu. A dominação inglesa não pôde se estabelecer regularmente em um território sujeito à influência dos rajás, ao qual teria sido difícil de chegar por conta das inacessíveis reentrâncias dos Víndias.

Por diversas vezes, avistaram grupos de indianos selvagens, que faziam um gesto de cólera ao ver passar o rápido quadrúpede. Aliás, o pársi os evitava o máximo possível, considerando-os gente de má companhia. Poucos animais foram vistos durante esse dia, apenas alguns macacos que fugiam com mil contorções e caretas, que divertiam bastante Passepartout.

Um pensamento em meio a vários outros inquietava esse rapaz. O que Mr. Fogg faria do elefante quando chegassem à estação de Allahabad? Iria levá-lo junto? Impossível! O preço do transporte somado ao preço da aquisição faria dele um animal caríssimo. Iriam vendê-lo? Devolvê-lo à liberdade? Esse estimável bicho bem merecia que o levassem em consideração. Se, por acaso, Mr. Fogg o desse de presente a Passepartout, ele ficaria muito embaraçado. Isso o preocupava constantemente.

Às oito horas da noite, a cadeia principal dos Víndias havia sido transposta, e os viajantes fizeram sua parada ao pé da encosta setentrional, em um bangalô abandonado.

A distância percorrida durante esse dia era de aproximadamente quarenta quilômetros, e ainda faltava o mesmo tanto para chegarem à estação de Allahabad.

A noite estava fria. Dentro do bangalô, o pársi acendeu um fogo com galhos secos, cujo calor foi muito apreciado. A ceia foi composta pelas provisões compradas em Kholby. Os viajantes comeram como pessoas exaustas e moídas. A conversa, que começou com algumas frases entrecortadas, logo terminou com roncos sonoros. O guia velou perto de Kiouni, que dormiu em pé, apoiado no tronco de uma grande árvore.

Nenhum incidente marcou essa noite. Alguns rugidos de guepardos e panteras às vezes perturbavam o silêncio, misturados à zombaria aguda dos macacos. Mas os carnívoros se contentaram com os urros e não fizeram nenhuma demonstração de hostilidade contra os hóspedes do bangalô. Sir Francis Cromarty dormiu pesadamente, como um bravo militar exausto pela fatiga. Passepartout, em um sono agitado, dava novamente, em sonho, as cambalhotas da véspera. Quanto a Mr. Fogg, ele descansava tão serenamente quanto se estivesse em sua tranquila casa da Saville Row.

Às seis horas da manhã, retomaram o caminho. O guia esperava chegar na estação de Allahabad na mesma noite. Desse modo, Mr. Fogg perderia apenas uma parte das quarenta e oito horas economizadas desde o início da viagem.

Eles desceram os últimos declives dos Víndias. Kiouni havia retomado o seu passo rápido. Por volta de meio-dia, o guia contornou o vilarejo de Kallenger, situado no Cani, um dos subafluentes do Ganges. Ele sempre evitava os lugares habitados, sentindo-se mais seguro nos campos desertos que assinalam as primeiras depressões da bacia do grande rio. A estação de Allahabad não estava nem a vinte quilômetros a nordeste. Fizeram uma parada sob um bosque de bananeiras, cujos frutos, tão saudáveis quanto o pão e “tão suculentos quanto *chantilly*”, como dizem os viajantes, foram extremamente apreciados.

Às duas horas, o guia entrou sob a cobertura de uma floresta densa, que deveria ser atravessada em um espaço de vários quilômetros. Ele preferia viajar desse modo, ao abrigo dos bosques. Em todo caso, até aquele momento, não havia ocorrido nenhum encontro inoportuno. A viagem aparentemente terminaria sem nenhum incidente, quando o elefante, dando alguns sinais de inquietude, de repente parou.

Eram quatro horas.

– O que ele tem? – perguntou Sir Francis Cromarty, que ergueu a cabeça por cima de seu cesto.

– Eu não sei, caro oficial – respondeu o pársi, prestando atenção a um murmúrio confuso que passava sob a densa ramagem.

Alguns instantes depois, esse murmúrio tornou-se mais definível. Parecia um concerto, ainda bem distante, de vozes humanas e instrumentos de sopro.

Passepartout era todo olhos e ouvidos. Mr. Fogg esperava pacientemente, sem pronunciar uma palavra.

O pársi desceu ao chão, prendeu o elefante em uma árvore e se embrenhou na parte mais densa da mata de corte. Alguns minutos mais tarde, voltou dizendo:

– Uma procissão de brâhmanes está vindo para este lado. Se possível, evitemos ser vistos.

O guia soltou o elefante e conduziu-o até um matagal, recomendando aos viajantes que não descessem. Ele próprio ficou pronto para montar rapidamente no animal, caso a fuga se revelasse necessária. No entanto, pensou que a tropa de fiéis passaria sem percebê-lo, pois a densidade da folhagem o escondia inteiramente.

O barulho dissonante das vozes e dos instrumentos aproximava-se. Cantos monótonos misturavam-se ao som dos tambores e dos címbalos. Logo depois, o início da procissão apareceu sob as árvores, a uns cinquenta passos do lugar ocupado por Mr. Fogg e seus companheiros. Eles distinguiam facilmente, através dos galhos, os curiosos participantes dessa cerimônia religiosa.

Na primeira linha vinham os sacerdotes, vestidos com mitras e longas vestes ornamentadas. Eles estavam rodeados por homens, mulheres e crianças que executavam uma espécie de salmodia fúnebre, interrompida a intervalos regulares por batidas de tantãs e címbalos. Atrás deles, em um carro de largas rodas cujos raios e aros eram decorados com serpentes entrelaçadas, apareceu uma estátua medonha, puxada por dois pares de zebus ricamente encarapuçados. Essa estátua tinha quatro braços; seu corpo era colorido com um vermelho sombrio; seus olhos, arregalados; seus cabelos, emaranhados; sua língua, pendente; seus lábios, tingidos de hena e bétele. Em torno de seu pescoço, enrolava-se um colar de caveiras, e em seu quadril, um cinto de mãos decepadas. Ela se mantinha em pé sobre um gigante abatido e sem cabeça.

Sir Francis Cromarty reconheceu a estátua.

– A deusa Kali – murmurou –, a deusa do amor e da morte.

– Da morte, estou de acordo, mas do amor, nunca! – disse Passepartout. – Que mulher malvada!

O pársi fez-lhe um sinal para que se calasse.

Em torno da estátua agitava-se, sacudia-se, convulsionava um grupo de velhos faquires, pintados com listras ocres e cobertos de incisões cruciais que deixavam seu sangue escapar gota a gota. Estúpidos energúmenos que, nas grandes cerimônias hindus, ainda se jogam sob as rodas do carro de Jagannatha.[32]

Atrás deles, alguns brâmanes, em toda a suntuosidade de suas vestes orientais, arrastavam uma mulher que mal se mantinha em pé.

Essa mulher era jovem e branca como uma europeia. Sua cabeça, seu pescoço, suas orelhas, seus braços, suas mãos e seus dedos do pé estavam sobrecarregados de joias, colares, braceletes, brincos e anéis. Uma túnica com filamentos de ouro, recoberta por uma leve musselina, desenhava os contornos de seu corpo.

Atrás dessa jovem mulher – em um contraste violento para os olhos –, alguns guardas, armados de sabres descobertos e de grandes pistolas damasquinadas, carregavam um cadáver em um palanquim.

Era o corpo de um velho, recoberto com suas opulentas vestimentas de rajá, que abrangiam, como em sua vida, o turbante bordado de pérolas, a veste em tecido de seda e ouro, o cinto de caxemira com diamantes e suas magníficas armas de príncipe indiano.

Fechavam o cortejo alguns músicos e uma retaguarda de fanáticos, cujos gritos às vezes encobriam o ensurdecedor estrépito dos instrumentos.

Sir Francis Cromarty olhava toda essa pompa com um ar singularmente entristecido, e voltou-se para o guia:

– Um *sutty*! – disse.

O pársi fez um sinal afirmativo e colocou um dedo sobre os lábios. A longa procissão desenrolou-se lentamente sob as árvores, e logo suas últimas fileiras desapareceram nas profundezas da floresta.

Pouco a pouco, os cantos se extinguiram. Ainda houve alguns rumores de gritos longínquos, e a todo esse tumulto sucedeu, enfim, um

profundo silêncio.

Phileas Fogg havia escutado aquela palavra pronunciada por Sir Francis Cromarty, e perguntou, logo que a procissão desapareceu:

– O que é um *sutty*?

– Um *sutty*, senhor Fogg – respondeu o general de brigada –, é um sacrifício humano, mas um sacrifício voluntário. Essa mulher que o senhor acaba de ver será queimada amanhã, às primeiras horas do dia.

– Ah, miseráveis! – exclamou Passepartout, que não pôde conter esse grito de indignação.

– E esse cadáver? – indagou Mr. Fogg.

– É o cadáver de um príncipe, marido dela – respondeu o guia. – É um rajá independente do Bundelkhand.

– Como assim? – retomou Phileas Fogg, sem que sua voz traísse a menor emoção. – Esses bárbaros costumes ainda resistem na Índia? Os ingleses não foram capazes de destruí-los?

– Na maior parte da Índia – respondeu Sir Francis Cromarty –, esses sacrifícios não são mais realizados, mas nós não temos nenhuma influência sobre estas regiões selvagens, e principalmente sobre este território do Bundelkhand. Todo o lado setentrional dos Víndias é um cenário de incessantes assassinatos e pilhagens.

– Coitada! – murmurava Passepartout. – Queimada viva!

– Pois é – retomou o general de brigada –, queimada. E se ela não fosse, o senhor não poderia imaginar a situação miserável à qual se veria reduzida pelos seus próximos. Seus cabelos seriam raspados, ela só seria alimentada com uns punhados de arroz, seria repelida, considerada como uma criatura imunda e morreria em algum canto como um cão sarnento. Assim, a perspectiva dessa existência medonha com frequência impele essas infelizes ao suplício, muito mais do que o amor ou o fanatismo religioso. Às vezes, porém, esse sacrifício é realmente voluntário, e é preciso a intervenção enérgica do governo para impedi-lo. Há alguns anos, eu morava em Bombaim quando uma jovem viúva veio pedir ao governador a autorização para se queimar com o corpo de seu marido. Como o senhor bem imagina, o governador recusou. E então a viúva saiu da cidade e refugiou-se na área de um rajá independente, onde consumou seu sacrifício.

Durante a narração do general de brigada, o guia sacudia a cabeça. Quando a narrativa terminou, ele disse:

– O sacrifício que vai acontecer amanhã ao raiar do dia não é voluntário.

– Como o senhor sabe disso?

– É uma história que todo mundo conhece no Bundelkhand – respondeu o guia.

– No entanto, essa infortunada não parecia opor nenhuma resistência – observou Sir Francis Cromarty.

– Isso é porque ela foi dopada com fumaça de haxixe e ópio.

– Mas para onde a estão levando?

– Para o pagode de Pillaji, a três quilômetros daqui. Lá ela passará a noite esperando a hora do sacrifício.

– E esse sacrifício vai acontecer…?

– Amanhã, assim que o sol aparecer.

Depois dessa resposta, o guia tirou o elefante do denso matagal e subiu no pescoço do animal. Mas, no momento em que ele o instigaria com um assobio particular, Mr. Fogg o impediu e disse, dirigindo-se a Sir Francis Cromarty:

– E se nós salvássemos essa mulher?

– Salvar essa mulher, senhor Fogg! – exclamou o general de brigada.

– Ainda tenho doze horas de adiantamento. Posso dedicá-las a isso.

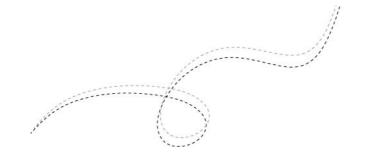
– Veja só! Mas você tem um bom coração! – disse Sir Francis Cromarty.

– Às vezes – respondeu simplesmente Phileas Fogg –, quando tenho tempo.

Em inglês no original, “palhaço” (N.T.).

Jagannatha é uma das formas de apresentação do deus Krishna, sendo bastante cultuado no estado indiano de Orissa (N.T.).

Capítulo 13

* * *

Em que Passepartout prova mais uma vez que a sorte sorri para os atrevidos

O plano era audacioso, permeado de dificuldades e talvez até mesmo impraticável. Mr. Fogg ia arriscar sua vida, ou ao menos sua liberdade, e, consequentemente, o sucesso de seu projeto. Mas ele não hesitou. Aliás, encontrou em Sir Francis Cromarty um ajudante decidido.

Quanto a Passepartout, ele estava pronto. Poderiam dispor dele. A ideia de seu patrão o exaltava. Ele pressentia um coração, uma alma sob aquele envoltório de gelo, e começava a gostar de Phileas Fogg.

Faltava o guia. Qual partido ele tomaria nesse caso? Será que não ficaria a favor dos hindus? Na falta de sua cooperação, era preciso ao menos assegurar sua neutralidade.

Sir Francis Cromarty fez-lhe francamente essa pergunta.

– Caro oficial – respondeu o guia –, eu sou pársi, e essa mulher é pársi. Disponha de mim.

– Muito bem, guia – respondeu Mr. Fogg.

– Contudo, saibam bem – retomou o pársi –, nós não apenas arriscamos nossas vidas, mas também suplícios horríveis, caso sejamos pegos. Assim, pensem bem.

– Já está decidido – respondeu Mr. Fogg. – Acredito que devemos esperar a noite para agir.

– É o que acho – respondeu o guia.

Então esse bravo hindu forneceu alguns detalhes sobre a vítima. Era uma indiana de beleza célebre, pertencente aos pársis, filha de ricos negociantes de Bombaim. Ela havia recebido, naquela cidade, uma educação absolutamente inglesa, e pelas suas maneiras e instruções, poderia ser tida por europeia. Seu nome era Aouda.

Uma vez órfã, casou a contragosto com um velho rajá do Bundelkhand. Três meses depois, tornou-se viúva. Conhecendo a sorte que lhe esperava, fugiu e foi pega logo em seguida. Os pais do rajá, que tinham interesse na sua morte, consagraram-na a esse suplício do qual ela aparentemente não poderia escapar.

Essa história não podia senão certificar Mr. Fogg e seus companheiros de sua generosa resolução. Foi decidido que o guia dirigiria o elefante até o pagode de Pillaji, do qual se aproximaria o máximo possível.

Meia hora depois, fizeram uma parada sob uma mata de corte a quinhentos passos do pagode, que dali não podia ser visto. Mas os uivos dos fanáticos podiam ser claramente ouvidos.

Discutiram, então, os meios de chegar até a vítima. O guia conhecia esse pagode de Pillaji, no qual, segundo ele, a jovem mulher estava presa. Seria possível entrar por uma das portas quando todo o grupo estivesse mergulhado no sono da embriaguez? Ou seria preciso fazer um furo em uma das paredes? Isso só poderia ser decidido no próprio momento e lugar. Mas o que não deixava dúvidas é que o rapto deveria acontecer naquela mesma noite, e não ao raiar do dia, quando a vítima seria conduzida ao suplício. Do contrário, nenhuma intervenção humana seria capaz de salvá-la.

Mr. Fogg e seus companheiros esperaram a noite. Assim que surgiram as primeiras sombras, por volta de seis horas, eles resolveram fazer um reconhecimento em volta do pagode. Os últimos gritos dos faquires se extinguiam. Segundo seus hábitos, esses indianos deviam estar imersos na densa embriaguez do *hang* – ópio líquido misturado a uma infusão de haxixe –, e talvez fosse possível deslizar entre eles até o templo.

O pársi, guiando Mr. Fogg, Sir Francis Cromarty e Passepartout, avançou silenciosamente através da floresta. Após dez minutos se rastejando sob as ramagens, eles chegaram às margens de um pequeno rio. Ali, à luz de tochas de ferro na ponta das quais queimavam resinas, eles perceberam um amontoado de lenha empilhada. Era a

pira feita de precioso sândalo, que já estava impregnada de um óleo perfumado. Em sua parte superior repousava o corpo embalsamado do rajá, que seria queimado ao mesmo tempo que o de sua viúva. A cem passos dessa pira elevava-se o pagode, cujos minaretes perfuravam o cimo das árvores em meio às sombras.

– Venham! – disse o guia em voz baixa.

Redobrando sua precaução e seguido por seus companheiros, ele deslizou silenciosamente através das grandes vegetações. O silêncio só era interrompido pelo murmúrio do vento nos ramos.

Pouco tempo depois, o guia parou à beira de uma clareira. Algumas resinas iluminavam o local. O chão estava recoberto por grupos de dorminhocos derrubados pela embriaguez. Parecia um campo de batalha repleto de mortos. Homens, mulheres, crianças. Tudo estava misturado. Alguns beberrões ainda roncavam aqui e ali.

Ao fundo, entre a massa das árvores, o templo de Pillaji erguia-se confusamente. Porém, para o grande desapontamento do guia, os guardas dos rajás, iluminados por tochas fuliginosas, velavam às portas e caminhavam com seu sabre nu. Podia-se supor que lá dentro os sacerdotes também velavam.

O pársi não avançou mais. Ele reconhecera a impossibilidade de forçar uma entrada no templo, e então conduziu seus companheiros de volta para trás.

Phileas Fogg e Sir Francis Cromarty haviam compreendido, como ele, que não poderiam tentar nada daquele lado.

Eles pararam e conversaram em voz baixa.

– Vamos esperar – disse o general de brigada –, ainda são só oito horas. Pode ser que esses guardas também sucumbam ao sono.

– Isso é mesmo possível – respondeu o pársi.

Então, Phileas Fogg e seus companheiros estenderam-se ao pé de uma árvore e esperaram. O tempo lhes pareceu longo! Às vezes, o guia os deixava e ia observar os limites do bosque. Os guardas do rajá continuavam velando ao brilho das tochas, e uma vaga luz era filtrada pelas janelas do pagode.

Esperaram assim até a meia-noite. A situação não mudou, havia a mesma vigilância do lado de fora. Era evidente que não podiam contar

com a sonolência dos guardas. Provavelmente eles haviam sido poupados da embriaguez do *hang*. Portanto, era preciso agir de outro modo e entrar por uma abertura escavada nas paredes do pagode. Restava a questão de saber se os sacerdotes velavam perto da vítima com tanto zelo quanto os soldados à porta do templo.

Depois de uma última discussão, o guia declarou-se pronto para começar. Mr. Fogg, Sir Francis e Passepartout seguiram-no. Eles fizeram um desvio bastante longo, a fim de chegar ao pagode por sua cabeceira.

Por volta de meia-noite e meia, eles chegaram ao pé das paredes sem encontrar ninguém. Nenhuma vigilância havia sido estabelecida daquele lado, mas é verdade que não havia absolutamente nenhuma janela ou porta.

A noite estava escura. A lua, então em seu quarto minguante, acabava de surgir no horizonte, encoberta por grandes nuvens. A altura das árvores aumentava ainda mais a obscuridade.

Mas não era suficiente ter chegado ao pé das paredes, ainda era preciso escavar um buraco nelas. Para essa tarefa, Phileas Fogg e seus companheiros contavam apenas com seus canivetes. Felizmente, as paredes do templo eram compostas de uma mistura de tijolos e madeiras que não parecia difícil de perfurar. Uma vez que o primeiro tijolo fosse retirado, os outros sairiam com facilidade.

Puseram-se nessa tarefa fazendo o menor barulho possível. O pársi, de um lado, e Passepartout, do outro, trabalhavam quebrando os tijolos, de modo a obter uma abertura de uns sessenta centímetros de largura.

O trabalho avançava quando um grito foi ouvido de dentro do templo, e quase imediatamente outros gritos responderam-lhe do lado de fora.

Passepartout e o guia interromperam seu trabalho. Haviam sido surpreendidos? O toque de despertar havia sido dado? A prudência mais vulgar os mandava se afastar, o que eles fizeram ao mesmo tempo que Phileas Fogg e Sir Francis Cromarty. Eles se abrigaram outra vez sob a cobertura do bosque, aguardando que o alerta – se de fato fosse um – dispersasse, e pudessem, neste caso, retomar a operação.

Porém – contratempo funesto –, alguns guardas apareceram à cabeceira do pagode, e ali se instalaram de modo a impedir qualquer aproximação.

Seria difícil descrever o desapontamento desses quatro homens, cuja obra havia sido interrompida. Agora que eles não podiam mais chegar até a vítima, como é que a salvariam? Sir Francis Cromarty roía as unhas. Passepartout estava fora de si e o guia tinha certa dificuldade em contê-lo. O impassível Fogg esperava sem manifestar seus sentimentos.

– Não temos mais o que fazer? – indagou o general de brigada em voz baixa.

– Não temos mais o que fazer – respondeu o guia.

– Esperem – disse Fogg –, eu só preciso estar em Allahabad amanhã antes do meio-dia.

– Mas o que o senhor está esperando? – respondeu Sir Francis Cromarty. – Em algumas horas o dia vai raiar, e...

– A chance que nos falta pode se apresentar no último momento.

O general de brigada gostaria de poder ler a mente de Phileas Fogg.

Com o que esse inglês frio estava contando? Será que ele queria, no momento do suplício, precipitar-se em direção à jovem mulher e arrancá-la descaradamente de seus carrascos?

Isso seria uma loucura, e como admitir que esse homem pudesse ser louco a tal ponto? Contudo, Sir Francis Cromarty consentiu em esperar até o desfecho dessa terrível cena. No entanto, o guia não deixou seus companheiros no lugar em que já estavam refugiados, conduzindo-os até a parte anterior da clareira. Ali, abrigados sob um arvoredo, eles podiam observar os grupos adormecidos. Nesse meio tempo, Passepartout, empoleirado nos galhos mais baixos de uma árvore, ruminava uma ideia que havia atravessado sua mente como um clarão, e que acabou se incrustando em seu cérebro.

Se antes ele se dizia: “Que loucura!”, agora repetia: “E por que não, no fim das contas? É uma chance, talvez a única. E com uns brutos desses!...”.

Em todo caso, Passepartout não chegou a formular esse pensamento de outro modo, e não tardou a deslizar com a flexibilidade de uma serpente sobre os galhos mais baixos da árvore, cuja extremidade se curvava em direção ao solo.

As horas passavam, e logo alguns matizes menos sombrios anunciaram

a aproximação do dia. No entanto, a escuridão ainda era profunda.

Era o momento. Houve uma espécie de ressurreição naquela multidão sonolenta. Os grupos se animaram. Batidas de tantãs ressoaram. Cantos e gritos eclodiram novamente. Era chegada a hora da infortunada morrer.

Com efeito, as portas do pagode se abriram. Uma luz mais viva escapou de seu interior. Mr. Fogg e Sir Francis Cromarty puderam divisar a vítima, vivamente iluminada, que dois sacerdotes arrastavam para fora. Parecia-lhes até mesmo que, sacudindo o entorpecimento da embriaguez com um derradeiro instinto de conservação, a pobrezinha tentava escapar de seus carrascos. O coração de Sir Francis Cromarty deu um pulo, e ao segurar a mão de Phileas Fogg com um movimento convulsivo, ele sentiu que essa mão segurava um canivete aberto.

Nesse momento, a multidão movimentou-se. A jovem mulher havia retornado àquele estado de torpor provocado pela fumaça do haxixe. Ela passou através dos faquires, que a escoltavam com suas vociferações religiosas.

Phileas Fogg e seus companheiros seguiram-na, misturando-se às últimas fileiras da multidão.

Dois minutos depois, eles chegavam às margens do rio e paravam a menos de cinquenta passos da pira sobre a qual o corpo do rajá estava disposto. Na meia-escuridão, eles viram a vítima absolutamente inerte, estendida perto do cadáver de seu marido.

E então uma tocha foi aproximada, e a madeira, impregnada de óleo, inflamou-se imediatamente.

Nesse momento, Sir Francis Cromarty e o guia seguraram Phileas Fogg, que, em um momento de grande loucura, lançava-se em direção à fogueira…

Phileas Fogg já os havia empurrado quando, de repente, a cena mudou. Um grito de terror elevou-se. Toda a multidão se jogou sobre a terra, apavorada.

O velho rajá não estava morto, então, pois viram-no levantar-se de repente, como um fantasma, erguer a jovem mulher em seus braços e descer da fogueira em meio ao turbilhão de vapores que lhe davam uma aparência espectral.

Os faquires, os guardas e os sacerdotes, tomados por um terror súbito,

ficaram lá, com o rosto voltado para baixo, sem ousar erguer os olhos e observar tal prodígio!

A vítima inanimada passou carregada por braços vigorosos que não pareciam sentir seu peso. Mr. Fogg e Sir Francis Cromarty permaneciam em pé. O pársi havia abaixado a cabeça, e Passepartout sem dúvidas não estava menos estupefato!

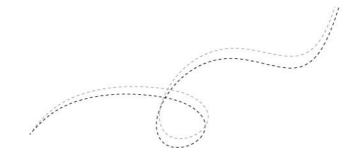
O ressuscitado chegou, assim, perto do lugar onde estavam Mr. Fogg e Sir Francis Cromarty, e disse-lhes decidido:

– Vamos correr!

Era o próprio Passepartout, que havia deslizado em direção à pira em meio à densa fumaça! Era Passepartout, que, aproveitando da escuridão ainda profunda, havia arrancado a jovem mulher da morte! Era Passepartout, que, interpretando seu papel com uma alegria audaciosa, passava em meio ao espanto geral!

Poucos instantes depois, os quatro desapareciam no bosque e o elefante os carregava com um trote rápido. Mas alguns gritos, clamores e até mesmo uma bala, que atravessou o chapéu de Phileas Fogg, fizeram-nos saber que a trapaça já havia sido descoberta.

De fato, sobre a fogueira inflamada, apareceu então o corpo do velho rajá. Os sacerdotes, voltando a si após o espanto, haviam compreendido que um rapto acabava de acontecer.

Imediatamente eles se embrenharam na floresta. Os guardas os seguiram. Uma rajada havia sido disparada, mas os sequestradores fugiam rapidamente e, em alguns instantes, já se encontravam fora do alcance das balas e das flechas.

Capítulo 14

* * *

Em que Phileas Fogg desce todo o admirável vale do Ganges sem nem sonhar em vê-lo

O ardiloso rapto havia sido bem-sucedido. Uma hora depois, Passepartout ainda ria do seu êxito. Sir Francis Cromarty havia apertado a mão do intrépido rapaz. Seu patrão havia lhe dito: "Bom!", o que, na boca do *gentleman*, equivalia a uma grande aprovação. A isso, Passepartout havia respondido que toda a honra do caso pertencia ao seu patrão. Para ele, só havia sido uma ideia "maluca", e ria ao imaginar que durante alguns instantes ele, Passepartout, ex-ginasta, ex-sargento de bombeiros, havia sido o viúvo de uma mulher encantadora, um velho rajá embalsamado!

Quanto à jovem indiana, ela ainda não havia tomado consciência do que se passara. Coberta pelas mantas de viagem, repousava em um dos cestos.

Nesse ínterim, o elefante, guiado com extrema segurança pelo pársi, corria rapidamente pela floresta ainda escura. Uma hora depois de ter deixado o pagode de Pillaji, ele se lançava através de uma imensa planície. Às sete horas, fizeram uma parada. A jovem mulher ainda estava em um estado de prostração completa. O guia a fez beber alguns goles de água e conhaque, mas essa influência assombrosa que a dominava ainda devia se prolongar por um certo tempo.

Sir Francis Cromarty, que conhecia os efeitos da embriaguez produzida pela inalação do vapor de haxixe, não tinha nenhuma preocupação sobre seu estado.

Mas se o restabelecimento da jovem indiana não era uma questão para o general de brigada, ele se mostrava menos confiante com o futuro. Não hesitou em dizer a Phileas Fogg que, se Mrs.[33] Aouda permanecesse na Índia, inevitavelmente ela cairia de novo nas mãos de seus carrascos. Esses energúmenos estavam em toda a península e, com certeza, apesar da polícia inglesa, saberiam reaver a sua vítima, fosse em Madras, Bombaim ou Calcutá. E Sir Francis Cromarty citou, para comprovar o que dizia, um fato de mesma natureza que havia ocorrido recentemente. Na sua opinião, a jovem mulher só ficaria de fato em segurança depois de ter deixado a Índia.

Phileas Fogg respondeu que levaria essas observações em conta e que pensaria nisso.

Por volta de dez horas, o guia anunciou a estação de Allahabad. Ali recomeçava a via interrompida da estrada de ferro, cujos trens atravessam, em menos de um dia e uma noite, a distância que separa Allahabad de Calcutá.

Portanto, Phileas Fogg devia chegar a tempo de pegar o paquete rumo a Hong Kong, que partiria apenas no dia seguinte, 25 de outubro, ao meio-dia.

A jovem mulher foi acomodada em um quarto da estação. Passepartout foi encarregado de ir comprar para ela diversos objetos de toalete, vestido, xale, peles etc., o que ele encontrasse. Seu patrão disponibilizava-lhe um crédito ilimitado.

Passepartout partiu imediatamente e percorreu as ruas da cidade. Allahabad é a cidade de Deus, uma das mais veneradas da Índia, em razão de ter sido construída na confluência de dois rios sagrados, o Ganges e o Yamuna, cujas águas atraem os peregrinos de toda a península. Aliás, sabe-se que, segundo as lendas do *Ramayana*, a nascente do Ganges fica no céu, de onde, graças a Brahma, ele desce até a terra.

Enquanto fazia suas compras, Passepartout logo viu a cidade, outrora defendida por um forte magnífico que se tornou uma prisão estatal. Não há mais comércios e não há mais indústrias no centro antigo, antes industrial e mercantil. Passepartout, que procurava em vão uma loja de moda como se estivesse na rua Regent, a poucos passos da *Farmer and Co.*, só encontrou os objetos de que precisava na loja de um negociante, um velho judeu dificultoso: um vestido em tecido escocês, um grande casaco e uma magnífica pele de lontra pela qual não hesitou em pagar setenta e cinco libras (mil oitocentos e setenta e

cinco francos). E então, todo triunfante, voltou à estação.

Mrs. Aouda começava a voltar a si. A influência à qual os sacerdotes de Pillaji haviam-na submetido dissipava-se pouco a pouco, e os seus belos olhos recuperavam toda a sua doçura indiana.

Quando o rei poeta Uçaf Uddaul celebra os charmes da rainha de Ahmehnagara, ele se expressa assim:

“Sua brilhante cabeleira, igualmente dividida em duas partes, emoldura os contornos harmoniosos de suas maçãs delicadas e brancas, que luzem de brilho e frescor. Suas sobrancelhas de ébano têm a forma e o poder do arco de Kama, deus do amor, e sob seus longos cílios sedosos, na pupila negra de seus grandes olhos límpidos, nadam como se fosse nos lagos sagrados do Himalaia os reflexos mais puros da luz celeste. Alongados, simétricos e brancos, seus dentes resplandecem entre seus lábios risonhos, como gotas de orvalho no bojo entreaberto de uma flor de romã. Suas orelhas graciosas de curvas simétricas, suas mãos coradas, seus pezinhos arredondados e tenros como o broto do lótus brilham com a cintilância das mais belas pérolas do Ceilão, dos mais belos diamantes de Golconda. Sua delgada e flexível cintura, que apenas uma mão consegue envolver, realça a elegante curvatura de suas ancas arredondadas e a riqueza de seu busto, onde a juventude em flor expõe seus tesouros mais perfeitos. Sob as dobras sedosas de sua túnica, ela parece ter sido modelada em pura prata pela mão divina de Vicvacarma, o eterno escultor.”

No entanto, sem toda essa grandiloquência, basta dizer que Mrs. Aouda, a viúva do rajá do Bundelkhand, era uma graciosa mulher em toda a acepção europeia da palavra. Ela falava inglês com uma grande pureza, e o guia não havia exagerado de modo algum ao afirmar que essa jovem pársi havia sido transformada pela educação.

Nesse meio tempo, o trem ia partir da estação de Allahabad. O pársi aguardava. Mr. Fogg acertou seu pagamento segundo o preço acordado, sem aumentá-lo um único *farthing*.[34] Isso surpreendeu um pouco Passepartout, que sabia de tudo o que seu patrão devia pela dedicação do guia. De fato, o pársi havia arriscado voluntariamente a sua vida no caso do Pillaji, e se os hindus soubessem disso mais tarde, ele dificilmente escaparia da vingança deles.

Ainda restava a questão de Kiouni. O que seria feito de um elefante comprado por um preço tão caro?

Mas Phileas Fogg já havia tomado uma decisão.

– Pársi – disse ele ao guia –, você foi servil e dedicado. Eu paguei pelo seu serviço, mas não pela sua dedicação. Você quer este elefante? Ele é seu.

Os olhos do guia brilharam.

– É uma fortuna que Vossa Excelência está me dando! – exclamou.

– Aceite, guia – respondeu Mr. Fogg –, e eu que ainda serei seu devedor.

– Ah, que ótimo! – exclamou Passepartout. – Fique com ele, amigo! Kiouni é um bravo e corajoso animal!

E, encaminhando-se até o bicho, ele lhe ofereceu alguns pedaços de açúcar, dizendo:

– Tome, Kiouni, tome, tome!

O elefante emitiu alguns grunhidos de satisfação. E então, pegando Passepartout pela cintura e enrolando-o com sua tromba, ergueu-o até a altura de sua cabeça. Passepartout, que não estava nem um pouco assustado, fez um carinho no animal, que o recolocou cuidadosamente no chão. Ao aperto de tromba do honesto Kiouni, o honesto rapaz respondeu com um vigoroso aperto de mão.

Alguns instantes depois, Phileas Fogg, Sir Francis Cromarty e Passepartout, instalados em um confortável vagão do qual Mrs. Aouda ocupava o melhor lugar, corriam a todo vapor rumo a Varanasi.

Cento e trinta quilômetros no máximo separam esta cidade de Allahabad, e essa distância foi atravessada em duas horas.

Durante esse trajeto, a jovem mulher voltou completamente a si. Os vapores soníferos do *hang* se dissiparam.

Qual não foi a sua surpresa ao se ver sobre o *railway*, naquele compartimento, vestida com roupas europeias e rodeada de viajantes que lhe eram absolutamente desconhecidos!

Primeiramente, seus companheiros recobriram-na de cuidados e reanimaram-na com algumas gotas de licor. Depois, o general de brigada contou-lhe toda a história. Ele insistiu no devotamento de Phileas Fogg, que não hesitara em colocar a sua vida em risco para salvá-la, e no desfecho da aventura, graças à audaciosa imaginação de Passepartout.

Mr. Fogg deixou o general de brigada falar e não pronunciou uma única palavra. Passepartout, todo acanhado, repetia que "isso não valia a pena!".

Mrs. Aouda agradeceu seus salvadores efusivamente, mais com suas lágrimas do que com suas palavras. Seus belos olhos, melhor do que seus lábios, foram os intérpretes de seu reconhecimento. Depois, tendo seu pensamento lhe transportado às cenas do *sutty* e seu olhar revisto essa terra indiana onde tantos perigos ainda a esperavam, ela foi tomada por um arrepio de pavor.

Phileas Fogg compreendeu o que se passava na mente de Mrs. Aouda, e, para tranquilizá-la, ofereceu-lhe – muito friamente, aliás – conduzi-la até Hong Kong, onde ela permaneceria até que esse caso estivesse apaziguado.

Mrs. Aouda aceitou a oferta com reconhecimento. Justamente em Hong Kong morava um de seus parentes, pársi como ela e um dos principais negociantes daquela cidade, que é absolutamente inglesa e ocupa um ponto da costa da China.

Ao meio-dia e meia, o trem chegou à estação de Varanasi. As lendas bramânicas afirmam que essa cidade ocupa a localização da antiga Casi, que outrora estava suspensa no espaço entre o zênite e o nadir, assim como o túmulo de Maomé. Porém, nesta época mais realista, Varanasi – a Atenas da Índia, no dizer dos orientalistas – repousa bem prosaicamente sobre o chão, e Passepartout pôde por um instante entrever suas casas de tijolos e suas cabanas de taipa, que lhe davam um aspecto totalmente desolado e sem nenhuma cor local.

Era ali que Sir Francis Cromarty deveria ficar. As tropas às quais se juntaria estavam acampadas a alguns quilômetros ao norte da cidade. O general de brigada se despediu então de Phileas Fogg, desejando-lhe todo o sucesso possível e expressando os votos de que ele recomeçasse a viagem de um modo menos original, mas mais proveitoso.

Mr. Fogg apertou levemente os dedos de seu companheiro. Os cumprimentos de Mrs. Aouda foram mais afetuosos. Ela nunca esqueceria o que devia a Sir Francis Cromarty. Quanto a Passepartout, ele foi honrado com um verdadeiro aperto de mão do general de brigada. Bastante emocionado, ele se perguntava onde e quando poderia dedicar-se a ele. Depois, separaram-se.

A partir de Varanasi, a via férrea seguia parcialmente o vale do Ganges. Através dos vidros do vagão, em um dia bastante claro,

aparecia a paisagem variada do Bihar, e depois as montanhas cobertas de verde, os campos de cevada, milho e trigo, os riachos e lagoas povoados de jacarés esverdeados, os vilarejos bem cuidados e as florestas ainda verdejantes. Alguns elefantes e zebus de grande corcova vinham se banhar nas águas do rio sagrado, além de alguns grupos de hindus de ambos os sexos, que realizavam piedosamente suas santas abluções, apesar da estação avançada e da temperatura já fria. Esses fiéis, inimigos obstinados do budismo, são seguidores fervorosos da religião bramânica, encarnada nestes três personagens: Vishnu, a divindade solar, Shiva, a personificação divina das forças naturais, e Brahma, o mestre supremo dos sacerdotes e dos legisladores. Mas de que modo será que Brahma, Shiva e Vishnu olhavam para essa Índia agora britanizada quando algum *steamboat* passava relinchando e atormentava as águas sagradas do Ganges, assustando as gaivotas que sobrevoavam sua superfície, as tartarugas que pululavam na sua borda e os devotos estendidos ao longo de suas margens?

Todo esse panorama desfilava como um clarão, e com frequência uma nuvem de vapor branco encobria os seus detalhes.

Os viajantes mal puderam entrever o Forte de Chunar, a trinta quilômetros ao sudeste de Varanasi, antiga fortaleza dos rajás de Bihar; Ghazipur e suas importantes fábricas de água de rosas; o túmulo de Lord Cornwallis, que se eleva à margem esquerda do Ganges; a cidade fortificada de Buxar; Patna, grande cidade industrial e mercantil, onde se encontra o principal mercado de ópio da Índia; e Munger, cidade mais que europeia, inglesa como Manchester ou Birmingham, famosa por suas fundições de ferro e por suas fábricas de cutelaria e armas brancas, cujas altas chaminés sujam o céu de Brahma com uma fumaça negra – um verdadeiro golpe no país do sonho!

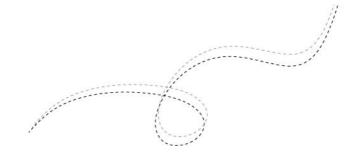
Depois a noite caiu e, em meio ao urro de tigres, ursos e lobos que fugiam em frente da locomotiva, o trem passou a toda velocidade. Não foram mais vistas nenhuma das maravilhas de Bengala, nem Golconda, nem Gaur em ruínas, nem Murshidabad, que outrora fora capital, nem Barddahman, nem Hooghly e nem Chandannagar, este ponto francês do território indiano sobre o qual Passepartout teria ficado orgulhoso em ver tremular a bandeira de sua pátria!

Enfim, às sete horas da manhã chegaram em Calcutá. O paquete que partiria para Hong Kong só levantaria âncora ao meio-dia. Phileas Fogg tinha, portanto, cinco horas diante de si.

Segundo o seu itinerário, o *gentleman* devia chegar à capital das Índias[35] em 25 de outubro, vinte e três dias depois de ter partido de Londres, e ele estava chegando no dia determinado. Não havia, assim, nem atraso e nem adiantamento. Infelizmente, os dois dias ganhos por ele entre Londres e Bombaim haviam sido perdidos – sabe-se de que modo – nessa travessia da península indiana. Mas é possível supor que Phileas Fogg não estava arrependido.

Em inglês no original, abreviação de *mistress*, "senhora" (N.T.).

Moeda britânica equivalente a um quarto de um pêni (N.T.).

Atualmente, a capital da Índia é Nova Deli. No entanto, à época da dominação inglesa, Calcutá foi a capital da colônia (N.T.).

Capítulo 15

* * *

De quando a bolsa com as banknotes
se livra do peso de alguns milhares de libras

O trem havia parado na estação. Passepartout desceu primeiro do vagão, e foi seguido por Mr. Fogg, que ajudou sua jovem companheira a pisar na plataforma. Phileas Fogg pensava em ir diretamente ao paquete de Hong Kong a fim de instalar confortavelmente Mrs. Aouda, que ele não queria deixar sozinha enquanto estivessem naquele país tão perigoso para ela.

No momento em que Mr. Fogg ia sair da estação, um *policeman* aproximou-se dele e disse:

– Senhor Phileas Fogg?

– Sou eu.

– Este homem é o seu criado? – acrescentou o *policeman* designando Passepartout.

– Sim.

– Queiram me acompanhar.

Mr. Fogg não fez nenhum movimento que pudesse trair uma surpresa qualquer. Esse agente era um representante da lei e, para um inglês, a lei é sagrada. Passepartout, com seus hábitos franceses, quis argumentar, mas o *policeman* o cutucou com seu cassetete e Phileas Fogg mandou-lhe obedecer.

– Esta jovem dama pode nos acompanhar? – indagou Mr. Fogg.

– Pode – respondeu o *policeman*, que conduziu Mr. Fogg, Mrs. Aouda e Passepartout até um *palki-ghari*, espécie de veículo com quatro rodas e quatro lugares atrelado a dois cavalos. Partiram. Ninguém falou durante o trajeto, que durou mais ou menos vinte minutos.

O veículo atravessou primeiramente a “cidade negra”, com suas ruas estreitas e margeadas de casebres nos quais formigava uma população cosmopolita, suja e esfarrapada. Depois, passou através da cidade europeia, alegrada pelas casas de tijolos, sombreada pelos coqueiros e eriçada de mastros em meio aos quais, apesar da hora matinal, já passeavam elegantes cavaleiros e magníficas carruagens.

O *palki-ghari* parou diante de uma casa de aspecto simples, mas que não parecia ser reservada a uso doméstico. O *policeman* mandou seus prisioneiros – podia-se de fato lhes dar esse nome – descerem, e conduziu-os a uma sala com janelas gradeadas, dizendo-lhes:

– É às oito e meia que os senhores comparecerão diante do juiz Obadiah.

Depois, ele se retirou e fechou a porta.

– Ora essa! Estamos presos! – exclamou Passepartout, deixando-se cair em uma cadeira.

Mrs. Aouda, dirigindo-se no mesmo instante a Mr. Fogg, disse-lhe com uma voz cuja emoção tentava inutilmente disfarçar:

– O senhor precisa me abandonar! É por minha causa que está sendo perseguido! É por ter me salvado!

Phileas Fogg contentou-se em responder que isso não era possível. Perseguido por essa história de *sutty*! Inadmissível! Como os autores da denúncia ousariam se apresentar? Era um mal-entendido. Mr. Fogg acrescentou que, em todo caso, ele não abandonaria a jovem mulher e a levaria até Hong Kong.

– Mas o barco zarpa ao meio-dia! – observou Passepartout.

– Antes do meio-dia estaremos a bordo – respondeu simplesmente o impassível *gentleman*.

Isso foi dito com tanta firmeza que Passepartout não pôde evitar de dizer a si mesmo:

– É isso mesmo! Certeza de que antes do meio-dia estaremos a bordo!
– Mas ele não estava nem um pouco convencido disso.

Às oito e meia, a porta da sala foi aberta. O *policeman* reapareceu e introduziu os prisioneiros na sala vizinha. Era uma sala de audiência que já estava ocupada por um público bastante numeroso, composto por europeus e nativos.

Mr. Fogg, Mrs. Aouda e Passepartout sentaram-se em um banco em frente aos assentos reservados ao magistrado e ao escrivão.

Esse magistrado, o juiz Obadiah, entrou quase imediatamente, seguido pelo escrivão. Era um homem grande e bem redondo. Ele apanhou uma peruca pendurada em um gancho e colocou-a com destreza.

– A primeira causa – ele disse. Porém, levando a mão à cabeça, acrescentou – Ãh? Esta não é a minha peruca!

– Na verdade, senhor Obadiah, esta é a minha – respondeu o escrivão.

– Caro senhor Oysterpuf, como o senhor quer que um juiz aplique uma boa sentença com a peruca de um escrivão?

A troca das perucas foi feita. Durante essas preliminares, Passepartout fervia de impaciência, pois os ponteiros pareciam-lhe andar terrivelmente rápido no mostrador do grande relógio da sala de audiência.

– A primeira causa – retomou então o juiz Obadiah.

– Phileas Fogg? – disse o escrivão Oysterpuf.

– Aqui estou – respondeu Mr. Fogg.

– Passepartout?

– Presente! – respondeu Passepartout.

– Bem – disse o juiz Obadiah –, faz dois dias, acusados, que os senhores são procurados em todos os trens de Bombaim.

– Mas de que nos acusam? – exclamou Passepartout, impaciente.

– Os senhores saberão – respondeu o juiz.

– Senhor – disse então Mr. Fogg –, eu sou um cidadão inglês, e eu

tenho direito…

– Faltaram-lhe com o respeito? – perguntou Mr. Obadiah.

– De modo algum.

– Bom! Façam entrar os autores da denúncia.

Às ordens do juiz, uma porta se abriu, e três sacerdotes hindus foram introduzidos por um meirinho.

– É isso mesmo! – murmurou Passepartout. – São aqueles pilantras que queriam queimar nossa jovem dama!

Os sacerdotes mantiveram-se em pé diante do juiz, e o escrevente leu em voz alta uma queixa de sacrilégio formulada contra o *sieur* Phileas Fogg e seu criado, acusados de terem violado um lugar sagrado pela religião bramânica.

– O senhor escutou? – perguntou o juiz a Phileas Fogg.

– Escutei, senhor – respondeu Mr. Fogg consultando seu relógio –, e eu confesso.

– Ah! O senhor confessa?

– Confesso e espero que esses três sacerdotes também confessem, por sua vez, o que eles pretendiam fazer no pagode de Pillaji.

Os sacerdotes se entreolharam. Eles pareciam não entender nenhuma das palavras do acusado.

– Sem dúvidas! – exclamou impetuosamente Passepartout. – No pagode de Pillaji, onde eles iam queimar sua vítima!

Nova surpresa dos sacerdotes, e profundo espanto do juiz Obadiah.

– Qual vítima? – ele perguntou. – Queimar quem? Em plena cidade de Bombaim?

– Bombaim? – exclamou Passepartout.

– Claro. Não se trata do pagode de Pillaji, mas do pagode de Malebar Hill, em Bombaim.

– E como prova, aqui estão os sapatos do profanador – acrescentou o escrivão, colocando um par de calçados sobre sua mesa.

– Meus sapatos! – exclamou Passepartout, que, extremamente surpreendido, não pôde conter essa exclamação involuntária.

Pode-se imaginar a confusão que se passou na mente do patrão e do criado. Eles haviam esquecido daquele incidente do pagode de Bombaim, e era o próprio que os levava diante do magistrado de Calcutá.

Com efeito, o agente Fix havia compreendido todo o partido que poderia tirar dessa infeliz história. Atrasando a sua partida em doze horas, ele havia se tornado o conselheiro dos sacerdotes de Malebar Hill, prometendo-lhes consideráveis indenizações, pois sabia que o governo inglês era muito severo com esse tipo de delito. Depois, no trem seguinte, ele os havia lançado nos passos do sacrílego. Porém, por conta do tempo empregado na libertação da jovem viúva, Fix e os hindus chegaram em Calcutá antes de Phileas Fogg e seu criado – que os magistrados, prevenidos por um despacho, deveriam prender quando eles descessem do trem. É de se imaginar o desapontamento de Fix quando soube que Phileas Fogg ainda não chegara à capital da Índia. Ele pensou que o ladrão, ao parar em uma das estações do *Peninsular Railway*, havia se refugiado nas províncias setentrionais. Durante vinte e quatro horas, em meio a inquietações mortais, Fix o aguardou na estação. Qual não foi sua alegria quando, naquela mesma manhã, viu-o descer do vagão – em companhia, é verdade, de uma jovem mulher cuja presença ele não conseguia entender. Imediatamente, mandou um *policeman* em seu rastro, e foi assim que Mr. Fogg, Passepartout e a viúva do rajá do Bundelkhand foram conduzidos até o juiz Obadiah.

Se Passepartout estivesse menos preocupado com a sua situação, ele teria notado, em um canto da sala de audiência, o detetive, que seguia o debate com um interesse fácil de se compreender – pois em Calcutá, assim como havia sido em Bombaim e Suez, o mandado de prisão ainda lhe faltava!

Nesse meio tempo, o juiz Obadiah registrou a confissão que havia escapado de Passepartout, que teria dado tudo o que tinha para reprimir suas palavras imprudentes.

– Os fatos são admitidos? – disse o juiz.

– Admitidos – respondeu friamente Mr. Fogg.

– Tendo em vista – retomou o juiz –, tendo em vista que a lei inglesa visa a proteger igual e rigorosamente todas as religiões das populações

da Índia, sendo o delito confessado pelo *sieur* Passepartout, que violou com um pé sacrílego o solo do pagode de Malebar Hill, em Bombaim, no dia 20 de outubro, condeno o dito Passepartout a quinze dias de prisão e a uma multa de trezentas libras (sete mil e quinhentos francos).

– Trezentas libras? – exclamou Passepartout, que na verdade só era sensível à multa.

– Silêncio! – disse o meirinho com uma voz estridente.

– E – acrescentou o juiz Obadiah – tendo em vista que não existe prova material de que não tenha havido conivência entre o criado e seu patrão, e que este, em todo o caso, deve ser responsável pelas ações e pelos gestos de um criado às suas custas, retenho o dito Phileas Fogg e o condeno a oito dias de prisão e cento e cinquenta libras de multa. Escrivão, chame outro caso!

Em seu canto, Fix sentia uma satisfação indizível. Phileas Fogg retido oito dias em Calcutá, isso era mais do que o necessário para que o mandado tivesse tempo de chegar.

Passepartout estava pasmado. Essa condenação arruinava seu patrão. Uma aposta de vinte mil libras perdida, e tudo isso porque ele, um verdadeiro curioso, havia entrado naquele maldito pagode!

Phileas Fogg, tão senhor de si quanto se aquela condenação não lhe fosse concernente, não havia nem mesmo franzido a testa. Porém, no momento em que o escrivão chamava outro caso, ele se levantou e disse:

– Eu pago a fiança.

– É o direito do senhor – respondeu o juiz.

Fix sentiu um frio na espinha, mas recuperou sua segurança quando escutou o juiz, “em vista da qualidade de estrangeiros de Phileas Fogg e de seu criado”, estabelecer a fiança para cada um deles na enorme soma de mil libras (vinte e cinco mil francos).

Seriam duas mil libras que custariam a Mr. Fogg caso ele não cumprisse a sua pena.

– Eu pago – disse o *gentleman*.

Da bolsa que Passepartout carregava, ele retirou um pacote de

banknotes e o depositou na mesa do escrivão.

– Esta soma lhe será restituída quando o senhor sair da prisão – disse o juiz. – Enquanto aguarda, estão livres sob fiança.

– Venha – disse Phileas Fogg ao seu criado.

– Mas que eles ao menos devolvam meus sapatos! – exclamou Passepartout com um movimento de raiva.

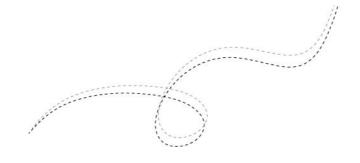
Devolveram-lhe seus sapatos.

– Como custam caro! – murmurou. – Mais de mil libras cada um! Sem contar que eles me incomodam!

Passepartout, completamente cabisbaixo, seguiu Mr. Fogg, que havia oferecido seu braço à jovem mulher. Fix ainda esperava que o ladrão jamais resolvesse abandonar essa quantia de duas mil libras e que cumprisse seus oito dias na prisão. E se lançou, portanto, no rastro de Fogg.

Mr. Fogg pegou um carro, no qual Mrs. Aouda, Passepartout e ele subiram imediatamente. Fix correu atrás do veículo, que logo parou em uma das orlas da cidade. O Rangoon estava ancorado a mais ou menos um quilômetro do porto, com sua bandeirola de partida içada no topo do mastro. Onze horas soa-
ram. Mr. Fogg estava uma hora adiantado. Fix o viu descer do veículo e embarcar em um bote com Mrs. Aouda e seu criado. O detetive chutou o chão.

– Miserável! – exclamou. – Ele está indo embora! Duas mil libras sacrificadas! Pródigo como um ladrão! Ah! Vou segui-lo até o fim do mundo se for preciso. Do jeito que ele está indo, todo o dinheiro do roubo será insuficiente!

O inspetor de polícia tinha razão em pensar assim. De fato, desde que havia deixado Londres, tanto em gastos de viagem quanto em prêmios, compra de elefante, fianças e multas, Phileas Fogg já havia semeado mais de cinco mil libras (cento e vinte e cinco mil francos) em seu caminho, e o tanto por cento da soma recuperada que seria dada aos detetives continuava diminuindo.

Capítulo 16

* * *

De quando Fix não demonstra de modo algum conhecer todas as coisas de que lhe falam

O Rangoon, um dos paquetes que a Companhia Peninsular e Oriental emprega a serviço dos mares da China e do Japão, era um *steamer* de ferro, com hélices, que pesava mil setecentas e sessenta toneladas e tinha uma força nominal de quatrocentos cavalos. Ele igualava o Mongólia em velocidade, mas não em conforto. Desse modo, Mrs. Aouda não foi tão bem instalada quanto Phileas Fogg gostaria. De qualquer forma, tratava-se apenas de uma travessia de cinco mil e seiscentos quilômetros, isto é, de onze a doze dias, e a jovem moça não se mostrou uma passageira difícil.

Durante os primeiros dias dessa travessia, Mrs. Aouda conheceu melhor Phileas Fogg. Em toda ocasião, ela lhe testemunhava seu mais vivo reconhecimento. O fleumático *gentleman* a escutava, ao menos aparentemente, com a mais extrema frieza, sem que uma entonação ou um gesto desvelasse a mais ligeira emoção. Ele cuidava para que nada faltasse à jovem mulher. Em horas determinadas, vinha regularmente senão conversar com ela, ao menos escutá-la. Ele cumpria os deveres da polidez mais estrita, mas com a graça e a espontaneidade de um autômato cujos movimentos tivessem sido programados para esse fim. Mrs. Aouda não sabia bem o que pensar, mas Passepartout havia lhe explicado um pouco a excêntrica personalidade de seu patrão. Ele havia contado qual desafio impelia esse *gentleman* ao redor do mundo. Mrs. Aouda rira. Mas, no fim das contas, ela lhe devia a vida, e não podia deixar de ver seu salvador pelas lentes de seu reconhecimento.

Mrs. Aouda confirmou a narrativa que o guia havia feito de sua tocante história. Ela pertencia, de fato, àquele povo que ocupa o primeiro lugar entre os povos nativos. Vários negociantes pársis fizeram grandes fortunas nas Índias, no comércio de algodão. Um deles, Sir James Jejeebhoy, recebera um título de nobreza do governo inglês, e Mrs. Aouda era parente desse rico personagem que morava em Bombaim. Era um primo de Sir Jejeebhoy, o honorável Jejeeh, que ela contava encontrar em Hong Kong. Será que teria junto dele refúgio e amparo? Ela não podia ter certeza disso, ao que Mr. Fogg respondia que ela não tinha por que se inquietar, e que tudo se arranjaria matematicamente! Foi a sua palavra.

Será que a jovem mulher compreendia esse horrível advérbio? Não se sabe. De qualquer forma, seus grandes olhos se fixavam naqueles de Mr. Fogg, seus grandes olhos "límpidos como os lagos sagrados do Himalaia"! Mas o intratável Fogg, mais fechado do que nunca, não parecia de modo algum ser um homem que se lançasse naquele lago.

A primeira parte da travessia do Rangoon foi cumprida em excelentes condições. O tempo estava manejável. Toda essa porção da imensa baía que os marinheiros chamam de "as Braças de Bengala" mostrou-se favorável ao percurso do paquete. O Rangoon logo se aproximou do Grande Andamão, o principal do grupo,[36] cuja pitoresca montanha Saddle Peak, com uma altura de setecentos e trinta metros, destaca-se aos navegantes a uma grande distância.

A costa foi contornada bem de perto. Os selvagens papuas da ilha não apareceram. São seres que pertencem ao último grau da escala humana, mas que foram erroneamente tidos por antropófagos.

O panorama dessas ilhas era magnífico. Imensas florestas de latânias, arecas, bambus, moscadeiras, tecas, mimosas gigantescas e samambaias arborescentes cobriam a região em primeiro plano, e atrás se perfilava a elegante silhueta das montanhas. Na costa, pululavam aos milhares esses preciosos andorinhões, cujos ninhos comestíveis são um prato requisitado no Império Celestial.[37] Mas todo esse espetáculo variado, oferecido aos olhares pelas ilhas Andamão, passou rápido, e o Rangoon dirigiu-se velozmente ao Estreito de Malaca, que lhe daria acesso aos mares da China.

O que fazia durante essa travessia o inspetor Fix, tão desastrosamente levado a uma viagem de circum-navegação? Após a partida de Calcutá, tendo deixado instruções para que o mandado, caso enfim chegasse, fosse-lhe enviado para Hong Kong, ele pôde embarcar a bordo do Rangoon sem ser notado por Passepartout, e esperava

dissimular a sua presença até a chegada do paquete. De fato, teria sido difícil explicar por que ele se encontrava a bordo sem levantar as suspeitas de Passepartout, que devia imaginá-lo em Bombaim. Porém, por causa da própria lógica das circunstâncias, ele foi levado a retomar suas relações com o honesto rapaz. Como? É o que vamos ver.

Todas as esperanças, todos os desejos do inspetor de polícia agora estavam concentrados em um único ponto do mundo, Hong Kong, já que o paquete fazia uma parada muito rápida em Singapura para que ele pudesse agir nesta cidade. Era, portanto, em Hong Kong que a prisão do ladrão deveria ser feita, ou o ladrão escaparia sem retorno, por assim dizer.

De fato, Hong Kong ainda era uma terra inglesa, mas a última que se encontrava na rota. Para além desta, a China, o Japão e a América ofereciam um refúgio mais ou menos garantido para o *sieur* Fogg. Se Fix enfim encontrasse em Hong Kong o mandado de prisão, que certamente estava correndo atrás dele, prenderia Fogg e o mandaria para as mãos da polícia local. Nenhuma dificuldade. Mas, depois de Hong Kong, um simples mandado de prisão não seria mais suficiente. Seria preciso um ato de extradição. E daí viriam atrasos, lentidões e obstáculos de toda a natureza, dos quais o pilantra se aproveitaria para escapar definitivamente. Se a operação falhasse em Hong Kong, seria, se não impossível, ao menos bem difícil retomá-la com alguma chance de sucesso.

“Portanto”, repetia Fix para si mesmo durante essas longas horas que passava em sua cabine, “portanto, ou o mandado estará em Hong Kong, e então posso prender o homem, ou ele não estará, e neste caso preciso atrasar sua partida a qualquer preço! Fracassei em Bombaim, fracassei em Calcutá! Se eu perco a minha chance em Hong Kong, acabo com a minha reputação! Custe o que custar, preciso ter sucesso. Mas qual meio devo empregar para atrasar a partida desse maldito Fogg, se isso for necessário?”.

Como último recurso, Fix estava bastante decidido a confessar tudo para Passepartout, a fazê-lo conhecer esse patrão ao qual servia e de quem ele certamente não era cúmplice. Passepartout, uma vez esclarecido por essa revelação, diante do temor de se comprometer, sem dúvidas tomaria o partido de Fix. Mas era um meio arriscado, que só poderia ser empregado na falta de qualquer outro. Uma palavra de Passepartout ao seu patrão seria suficiente para comprometer irrevogavelmente o caso.

O inspetor, assim, estava extremamente enroscado, quando a presença

de Mrs. Aouda a bordo do Rangoon, em companhia de Phileas Fogg, abriu-lhe novas perspectivas.

Que mulher era aquela? Que confluência de circunstâncias havia feito dela uma companheira de Fogg? Evidentemente, o encontro havia acontecido entre Bombaim e Calcutá. Mas em qual ponto da península? Teria sido o acaso que reunira Phileas Fogg e a jovem viajante? Ou essa viagem através da Índia, ao contrário, teria sido empreendida pelo *gentleman* com o objetivo de encontrar essa pessoa encantadora? Porque ela era encantadora! Fix bem lhe vira na sala de audiência do tribunal de Calcutá.

Pode-se compreender a que ponto o agente devia estar intrigado. Ele se perguntou se não havia nesse episódio algum rapto criminoso. Sim! Devia ser isso! Essa ideia incrustou-se no cérebro de Fix e ele reconheceu todo o partido que poderia tirar dessa circunstância. Fosse essa jovem mulher casada ou não, isso era um rapto, e seria possível, em Hong Kong, suscitar tais embaraços ao sequestrador que ele não conseguiria se livrar com seu dinheiro.

Mas ele não esperaria a chegada do Rangoon em Hong Kong. Esse Fogg tinha o detestável hábito de pular de um barco para o outro e, assim, antes que o caso tivesse início, ele já poderia estar longe.

Portanto, o importante era prevenir as autoridades inglesas e assinalar a passagem do Rangoon antes do desembarque. Ora, nada era mais fácil, já que o paquete fazia escala em Singapura, e Singapura é ligada à costa chinesa por um fio telegráfico.

Contudo, antes de agir e para operar com mais certeza, Fix resolveu interrogar Passepartout. Ele sabia que não era muito difícil fazer esse rapaz falar, e decidiu pôr fim ao anonimato que havia mantido até então. Ora, não havia tempo a perder. Era 30 de outubro, e já no dia seguinte o Rangoon faria uma parada em Singapura.

Naquele dia, então, Fix saiu de sua cabine e subiu até o convés, na intenção de abordar Passepartout primeiro, com os sinais da mais extrema surpresa. Passepartout passeava na frente quando o inspetor se precipitou em sua direção, exclamando:

– O senhor no Rangoon!

– Senhor Fix a bordo! – respondeu Passepartout, absolutamente surpreso, ao reconhecer seu companheiro de travessia do Mongólia. – Ora essa! Eu o deixo em Bombaim e o reencontro no caminho de Hong Kong! Mas então o senhor também está dando a volta ao mundo?

– Não, não – respondeu Fix –, estou contando parar em Hong Kong, ao menos por alguns dias.

– Ah! – disse Passepartout, que pareceu surpreso por um instante. – Mas como não o vi a bordo desde a nossa partida de Calcutá?

– Minha nossa, um mal-estar… Um pouco de enjoo… Fiquei deitado em minha cabine… O Golfo de Bengala não me é tão bom quanto o oceano indiano. E o patrão do senhor, Mr. Phileas Fogg?

– Em perfeita saúde, e tão pontual quanto o seu itinerário! Nenhum dia de atraso! Ah, Senhor Fix, o senhor não sabe, mas nós também temos uma jovem dama conosco.

– Uma jovem dama? – respondeu o agente, que fingia perfeitamente não estar entendendo o que o seu interlocutor queria dizer.

Mas logo Passepartout colocou-o a par de sua história. Ele contou o incidente do pagode de Bombaim, a aquisição do elefante ao preço de duas mil libras, o caso do *sutty*, o rapto de Aouda, a condenação do tribunal de Calcutá, a liberdade sob fiança. Fix, que conhecia a última parte desses incidentes, parecia ignorar todos eles, e Passepartout deixava-se levar pelo prazer de narrar suas aventuras a um ouvinte que demonstrava tanto interesse.

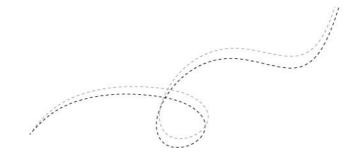
– Mas no fim das contas – indagou Fix –, o seu patrão tem a intenção de levar essa jovem mulher para a Europa?

– Não, senhor Fix, não! Nós vamos simplesmente deixá-la aos cuidados de um de seus parentes, um rico negociante de Hong Kong.

– Que pena! – disse o detetive para si mesmo, dissimulando seu desapontamento. – Um copo de gim, senhor Passepartout?

– Com prazer, senhor Fix. É o mínimo bebermos ao nosso reencontro a bordo do Rangoon!

Referência ao arquipélago das Ilhas Andamão, na Índia, localizados no Mar de mesmo nome (N.T.).

Referência à China (N.T.).

Capítulo 17

* * *

De quando se fala de assuntos variados durante a travessia de Singapura até Hong Kong

Desde aquele dia, Passepartout e o detetive se encontraram com frequência, mas o agente manteve-se extremamente reservado diante de seu companheiro, e não tentou fazê-lo falar. Apenas uma ou duas vezes ele entreviu Mr. Fogg, que permanecia de bom grado no grande salão do Rangoon, fosse porque acompanhava Mrs. Aouda, fosse porque jogava *whist*, segundo os seus invariáveis hábitos.

Quanto a Passepartout, ele começou a refletir muito seriamente sobre o singular acaso que havia posto Fix, mais uma vez, na rota de seu patrão. E, de fato, era possível ficar surpreso com menos. Valia a pena refletir sobre esse *gentleman* tão amável, certamente tão cortês, com quem ele se encontrou pela primeiramente em Suez, que embarcou no Mongólia, desembarcou em Bombaim, onde afirmou precisar ficar, que foi reencontrado no Rangoon, cumprindo a rota para Hong Kong – em poucas palavras, seguindo passo a passo o itinerário de Mr. Fogg. Havia ali uma coincidência ao menos estranha. O que esse Fix estaria procurando? Passepartout estava pronto para apostar suas babuchas – ele as havia preciosamente conservado – que Fix deixaria Hong Kong ao mesmo tempo que eles, e provavelmente no mesmo paquete.

Mesmo que Passepartout refletisse durante um século, ele jamais poderia adivinhar de qual missão o agente estava encarregado. Ele jamais poderia imaginar que Phileas Fogg estivesse sendo "seguido", à maneira de um ladrão, ao redor do globo terrestre. Mas, como faz parte da natureza humana dar uma explicação para cada coisa, eis aqui como Passepartout, repentinamente iluminado, interpretou a

presença constante de Fix – e, na verdade, sua interpretação era bastante plausível. Com efeito, segundo ele, Fix não era e não podia ser senão um agente lançado no rastro de Mr. Fogg pelos seus colegas do Reform Club, a fim de constatar se essa viagem de volta ao mundo estava sendo regularmente cumprida, e de acordo com o itinerário combinado.

"É claro! É claro!", repetia o honesto rapaz para si mesmo, todo orgulhoso de sua perspicácia. "Ele é um espião que esses *gentlemen* colocaram em nosso encalço! Isso não é digno! Mr. Fogg é tão íntegro, tão honrado! Espiá-lo com um agente! Ah, cavalheiros do Reform Club, isso vai lhes custar caro."

Passepartout, encantado com a sua descoberta, resolveu, no entanto, não contar nada disso ao seu patrão, temendo que este ficasse justamente ferido pela desconfiança que seus adversários lhe demonstravam. Mas ele prometeu a si mesmo zombar de Fix quando fosse oportuno, com meias palavras e sem se comprometer.

Na quarta-feira à tarde, 30 de outubro, o Rangoon embocava o Estreito de Malaca, que separa a península deste nome das terras de Sumatra. Ilhotas montanhosas bem escarpadas, bem pitorescas, encobriam a vista da grande ilha aos passageiros.

No dia seguinte, às quatro horas da manhã, o Rangoon, tendo ganhado metade de um dia em sua travessia prevista, fazia uma parada em Singapura a fim de renovar sua provisão de carvão.

Phileas Fogg registrou esse adiantamento na coluna dos ganhos, e, desta vez, desembarcou para acompanhar Mrs. Aouda, que havia manifestado o desejo de passear durante algumas horas.

Fix, para quem toda ação de Fogg parecia suspeita, seguiu-o sem se fazer notar. Quanto a Passepartout, que ria *in petto* ao ver a manobra de Fix, foi fazer as suas compras costumeiras.

A ilha de Singapura não é nem grande e nem imponente em aparência. Faltam-lhe montanhas, isto é, contornos. No entanto, ela é encantadora em sua estreiteza. É um parque entrecortado por belas estradas. Uma bela carruagem, atrelada a elegantes cavalos importados da Nova Holanda, transportou Mrs. Aouda e Phileas Fogg para o meio das palmeiras de folhagem vibrante e dos pés de cravos da Índia, cujos frutos são formados pelo próprio botão de sua flor entreaberta. Ali, os arbustos de pimenta substituíam as sebes espinhosas dos campos europeus; os saguzeiros, grandes samambaias

com sua magnífica ramagem, variavam o aspecto dessa região tropical; e as moscadeiras de folhas envernizadas enchiam o ar com um perfume penetrante. Os macacos, em bandos alertas e fazendo caretas, não faltavam nos bosques, e talvez nem os tigres nas florestas. Para quem se espanta ao saber que nessa ilha, relativamente tão pequena, esses terríveis carnívoros não tenham sido destruídos até o último, responde-se que eles vêm de Malaca, atravessando o estreito a nado.

Depois de terem percorrido o campo durante duas horas, Mrs. Aouda e seu companheiro – que olhava um pouco sem ver nada – voltaram para a cidade, grande aglomeração de casas densas e achatadas, contornadas por encantadores jardins onde nascem mangostões, abacaxis e todas as melhores frutas do mundo.

Às dez horas, eles voltavam ao paquete, depois de terem sido seguidos, sem desconfiarem, pelo inspetor, que provavelmente também teve de pegar uma carruagem, gastando seu próprio dinheiro.

Passepartout esperava por eles no convés do Rangoon. O simpático rapaz havia comprado algumas dúzias de mangostões, grandes como maçãs médias, de um marrom-escuro por fora e um vermelho vibrante por dentro, e cujo fruto branco, ao derreter entre os lábios, proporciona aos verdadeiros *gourmets* um prazer sem igual. Passepartout ficou muito feliz em oferecê-los a Mrs. Aouda, que lhe agradeceu com muita graciosidade.

Às onze horas, o Rangoon, com sua plena reserva de carvão, soltava suas amarras. Algumas horas mais tarde, os passageiros perdiam de vista aquelas altas montanhas de Malaca, cujas florestas abrigam os mais belos tigres da terra.

Mais ou menos dois mil e cem quilômetros separam Singapura da ilha de Hong Kong, pequeno território inglês destacado da costa chinesa. Phileas Fogg tinha interesse em transpô-los em no máximo seis dias, a fim de pegar em Hong Kong o barco que devia partir em 6 de novembro para Yokohama, um dos principais portos do Japão.

O Rangoon estava bastante carregado. Numerosos passageiros haviam embarcado em Singapura: hindus, cingaleses, chineses, malaios e portugueses, que ocupavam, em sua maioria, a segunda classe.

O tempo, muito bonito até então, mudou com o quarto minguante da lua. O mar ficou agitado. Às vezes o vento soprava bastante, mas felizmente do lado sudeste, o que favorecia o trajeto do *steamer*.

Quando ele estava manejável, o capitão mandava dispor as velas. O Rangoon, aparelhado como um brigue, frequentemente navegava com suas duas gáveas e sua mezena e, assim, sob a dupla ação do vapor e do vento, sua rapidez aumentou. Foi assim que contornaram, sobre ondas pequenas e às vezes bem cansativas, as costas de Aname e da Cochinchina.[38]

Mas a responsabilidade disso era mais do Rangoon do que do mar, e era a esse paquete que os passageiros, cuja maioria ficou doente, deveriam atribuir a culpa pelo seu cansaço. De fato, os navios da Companhia Peninsular, que fazem o serviço dos mares da China, têm um sério defeito de construção. A relação de seu calado[39] quando estão com carga máxima foi mal calculada, e, consequentemente, eles oferecem apenas uma frágil resistência ao mar. O seu volume, fechado, à prova d'água, é insuficiente. Eles são "afogados", para usar uma expressão marítima, e, em consequência dessa disposição, bastam algumas grandes ondas atingirem seu convés para modificar seu comportamento. Esses navios, portanto, são muito inferiores – senão pelo motor e pelo aparelho de evaporação, ao menos por sua construção – aos tipos da *Messageries Françaises*,[40] tais como o Imperatriz e o Camboja. Enquanto estes, de acordo com os cálculos dos engenheiros, podem embarcar um peso de água igual ao seu próprio peso antes de naufragar, os barcos da Companhia Peninsular – o Golconda, o Coreia e finalmente o Rangoon – não poderiam embarcar um sexto de seu peso sem soçobrar pelo casco.

Portanto, quando fazia um tempo feio, convinha tomar grandes precauções. Às vezes era preciso pôr à capa[41] e diminuir o vapor. Era uma perda de tempo que parecia não afetar Phileas Fogg de modo algum, mas que irritava extremamente Passepartout. Ele então acusava o capitão, o maquinista e a Companhia, e mandava ao diabo todos aqueles que se encarregam de transportar viajantes. Talvez o pensamento no lampião de gás que continuava queimando por sua própria conta, na casa da Saville Row, também contribuísse muito para a sua impaciência.

– Mas então o senhor está bem impaciente para chegar em Hong Kong? – perguntou-lhe um dia o detetive.

– Muito impaciente! – respondeu Passepartout.

– O senhor acha que Mr. Fogg tem pressa de pegar o paquete de Yokohama?

– Uma pressa assustadora.

– Então agora o senhor acredita nessa viagem singular de volta ao mundo?

– Absolutamente. E o senhor, senhor Fix?

– Eu? Eu não acredito!

– Mentiroso! – respondeu Passepartout com uma piscadela.

Essa palavra deixou o agente pensativo. Esse qualificativo o inquietou, sem que ele soubesse direito o porquê. O francês o havia descoberto? Ele não sabia bem o que pensar. Mas como Passepartout poderia ter adivinhado sua qualidade de detetive, da qual apenas ele tinha o segredo? E, no entanto, ao lhe falar assim, Passepartout certamente havia tido segundas intenções.

Outro dia aconteceu até mesmo do simpático rapaz ir mais longe, mas foi mais forte do que ele. Ele não era capaz de segurar sua língua.

– Vamos lá, senhor Fix – perguntou um dia ao seu companheiro, com um tom malicioso –, uma vez tendo chegado em Hong Kong, será que teremos a infelicidade de abandoná-lo?

– Ora – respondeu Fix bastante constrangido –, eu não sei! Talvez…

– Ah! – disse Passepartout. – Se o senhor nos acompanhasse, isso seria uma alegria para mim! Vamos lá! Um agente da Companhia Peninsular não pode parar no meio do caminho! O senhor só iria até Bombaim, mas eis que logo estará na China! A América não fica longe, e da América até a Europa não há mais do que um passo!

Fix olhava atentamente para seu interlocutor, que lhe mostrava a expressão mais amável do mundo, e decidiu rir com ele. Mas este, que estava inspirado, perguntou-lhe se “essa profissão lhe dava muito dinheiro”.

– Sim e não – respondeu Fix sem pestanejar. – Há casos bons e ruins. Mas o senhor entende bem que eu não estou viajando por minha própria conta!

– Oh! Quanto a isso, eu tenho certeza! – exclamou Passepartout, rindo ainda mais.

A conversa terminada, Fix voltou para sua cabine e se pôs a refletir. Ele evidentemente havia sido descoberto. De um modo ou de outro, o francês havia percebido a sua qualidade de detetive. Mas será que ele

tinha advertido seu patrão? Que papel ele interpretaria nisso tudo? Era ou não era cúmplice? Será que o caso havia sido descoberto, e, portanto, já estaria perdido? O agente passou algumas horas difíceis, fosse acreditando que tudo estava perdido, fosse esperando que Fogg ignorava a situa-ção, sem saber por fim qual partido tomar.

No entanto, a calma foi restabelecida em seu cérebro e ele decidiu agir francamente com Passepartout. Se ele não encontrasse as condições desejadas para prender Fogg em Hong Kong, e se desta vez Fogg se preparasse para deixar definitivamente o território inglês, ele, Fix, diria tudo a Passepartout. Ou o criado era cúmplice de seu patrão – e este sabia de tudo e, neste caso, tudo estaria definitivamente comprometido –, ou o criado não tinha nenhuma relação com o roubo, e então teria interesse em abandonar o ladrão.

Tal era, portanto, a respectiva situação desses dois homens, e sobre eles plainava Phileas Fogg com sua majestosa indiferença. Ele cumpria racionalmente a sua órbita em torno do mundo, sem se inquietar com os asteroides que gravitavam à sua volta.

No entanto, havia, nas redondezas, um astro perturbador – para continuar com o jargão dos astrônomos – que teria produzido algumas perturbações no coração desse *gentleman*. Mas não! Para a grande surpresa de Passepartout, o charme de Mrs. Aouda não tinha nenhuma ação, e as perturbações, se elas existiam, seriam mais difíceis de calcular do que aquelas de Urano que levaram à descoberta de Netuno.

Sim! Era o espanto diário de Passepartout, que lia tanto reconhecimento em relação ao seu patrão nos olhos da jovem mulher! Decididamente, Phileas Fogg só tinha coração o bastante para se conduzir de modo heroico, mas não amoroso! Quanto às preocupações que as eventualidades dessa viagem poderiam fazer nascer nele, não havia nenhuma marca. Passepartout, porém, vivia em inquietações contínuas. Um dia, apoiado sobre a balaustrada do *engine room*,[42] ele olhava a potente máquina que às vezes se exaltava, quando, em um violento movimento de adernamento, a hélice descompensou-se acima das ondas. E então o vapor foi expelido pelas válvulas, o que provocou a cólera do digno rapaz.

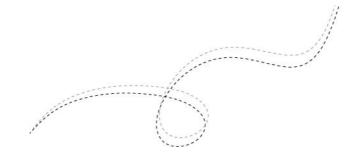
– Elas não estão bem posicionadas, essas válvulas! – exclamou. – Não estamos indo para a frente! Veja só esses ingleses! Ah! Se fosse um navio americano, talvez estaríamos sendo sacudidos, mas estaríamos andando mais rápido!

Aname e Cochinchina eram territórios coloniais franceses que hoje correspondem, respectivamente, às porções central e sul do Vietnã (N.T.).

"Calado" é o termo que designa a medida vertical da porção do casco de uma embarcação que fica submersa na água (N.T.).

Referência à *Compagnie des Messageries Maritimes*, companhia marítima francesa surgida no século XIX que oferecia serviços de correio e transporte de passageiros (N.T.).

"Pôr à capa", em linguagem náutica, significa dispôr uma embarcação de modo que o vento atinja o seu costado e que as velas estejam desfraldadas (N.T.).

Em inglês no original, "casa de máquinas" (N.T.).

Capítulo 18

* * *

Em que Phileas Fogg, Passepartout e Fix,
cada um por si, vão resolver suas pendências

Durante os últimos dias da travessia, o tempo ficou bastante feio e o vento tornou-se muito forte. Estabelecido no lado noroeste, ele contrariava o andamento do paquete. O Rangoon, bastante instável, balançava consideravelmente, e os passageiros, com razão, ficaram com raiva das prolongadas e insípidas ondas que o vento levantava em alto mar.

Durante os dias 3 e 4 de novembro, houve uma espécie de tempestade. A borrasca sacudiu o mar com veemência. O Rangoon precisou pôr à capa durante metade de um dia, mantendo-se apenas com dez voltas de hélice de modo a enviesar as ondas. Todas as velas haviam sido recolhidas, e seus cabos ainda silvavam em meio às rajadas.

A velocidade do paquete, como é possível imaginar, foi perceptivelmente diminuída, e sua chegada em Hong Kong foi estimada com vinte horas de atraso em relação à hora prevista, e talvez até mesmo mais, caso a tempestade não parasse.

Phileas Fogg assistia ao espetáculo desse mar furioso, que parecia lutar diretamente contra ele, com sua habitual impassibilidade. A sua expressão não ficou fechada um único instante. Contudo, um atraso de vinte horas poderia comprometer sua viagem ao fazê-lo perder a partida do paquete de Yokohama. Mas esse homem sem nervos não sentia nenhuma impaciência ou tédio. Na verdade, parecia que essa tempestade estava dentro de sua programação e que ela havia sido prevista. Mrs. Aouda, que conversou com seu companheiro sobre esse

contratempo, achou-o tão calmo quanto antes.

Já Fix não via essas coisas do mesmo modo. Muito pelo contrário, essa tempestade o agradava. Caso o Rangoon fosse obrigado a fugir diante da tormenta, sua satisfação seria sem fronteiras. Todos esses atrasos convinham-lhe, pois obrigavam o *sieur* Fogg a permanecer alguns dias em Hong Kong. Finalmente o céu, com suas rajadas e suas borrascas, entrava no seu jogo. Ele estava um pouco doente, mas o que importa? Ele não levava suas náuseas em conta, e quando o seu corpo se contorcia com os enjoos, seu espírito se deleitava com uma imensa satisfação.

Quanto a Passepartout, é possível adivinhar com que cólera mal dissimulada ele passou esse tempo de provações. Até agora tudo tinha funcionado tão bem! A terra e a água pareciam ter devoção por seu patrão. *Steamers* e *railways* obedeciam-lhe. O vento e o vapor uniam-se para beneficiar a sua viagem. Será que a hora das desilusões teria finalmente chegado? Como se as vinte mil libras da aposta fossem sair de seu bolso, Passepartout não vivia mais. Essa tempestade o exasperava, essa rajada o deixava enfurecido, e ele teria com prazer açoitado aquele mar desobediente! Pobre rapaz! Fix dissimulou-lhe cuidadosamente sua satisfação pessoal, e ele fez bem, porque se Passepartout tivesse adivinhado o contentamento secreto de Fix, este teria passado um mau momento.

Durante toda a duração da borrasca, Passepartout permaneceu no convés do Rangoon. Ele não teria conseguido ficar na parte de baixo. Trepava nos mastros, impressionava a tripulação e ajudava a fazer tudo com a destreza de um macaco. Ele interrogou cem vezes o capitão, os oficiais e os marinheiros, que não conseguiam evitar de rir ao ver um rapaz tão incontido. Passepartout queria saber de qualquer jeito quanto tempo a tempestade duraria. Mandavam-lhe então ao barômetro, cujo ponteiro não tornava a subir. Passepartout sacudia o barômetro, mas isso não mudava nada, nem as sacudidas nem as injúrias com as quais cobria o irresponsável instrumento.

Finalmente a tormenta arrefeceu. O estado do mar modificou-se no dia 4 de novembro. O vento virou dois quartos na direção sul e voltou a ficar favorável.

Passepartout tranquilizou-se com o tempo. As gáveas e as velas baixas puderam ser estabelecidas, e o Rangoon retomou sua rota com uma maravilhosa velocidade.

Mas não era possível ganhar de volta todo o tempo perdido, e era

preciso resignar-se. A terra só foi avistada no dia 6, às cinco horas da manhã. O itinerário de Phileas Fogg previa a chegada do paquete no dia 5, mas ele só chegava dia 6. Havia, portanto, vinte e quatro horas de atraso, e a viagem para Yokohama certamente já teria sido perdida. Às seis horas, o piloto subiu a bordo do Rangoon e tomou seu lugar no passadiço, a fim de dirigir o navio através dos estreitos até o porto de Hong Kong.

Passepartout morria de vontade de interrogar esse homem, de perguntar-lhe se o paquete de Yokohama já havia saído de Hong Kong. Mas ele não ousava fazer isso, preferindo conservar um pouco de esperança até o último instante. Ele havia confiado as suas inquietações a Fix, que – raposa esperta – tentava consolá-lo, dizendo-lhe que Mr. Fogg apenas teria de pegar o próximo paquete. Isso deixava Passepartout vermelho de raiva.

Mas se Passepartout não se aventurou em interrogar o piloto, Mr. Fogg, depois de ter consultado seu Bradshaw, perguntou-lhe com seu ar tranquilo se ele sabia quando partiria um barco de Hong Kong para Yokohama.

– Amanhã, na maré da manhã – respondeu o piloto.

– Ah! – disse Fogg, sem manifestar nenhuma surpresa.

Passepartout, que estava presente, teria beijado com prazer o piloto, cujo pescoço Fix gostaria de poder torcer.

– Qual é o nome desse *steamer*? – perguntou Mr. Fogg.

– Carnatic – respondeu o piloto.

– Não era ontem que ele devia ter partido?

– Sim, senhor, mas tiveram de consertar uma de suas caldeiras, e sua partida foi reprogramada para amanhã.

– Muito obrigado – respondeu Mr. Fogg, que voltou ao salão do Rangoon com seu passo automático. Quanto a Passepartout, ele apertou a mão do piloto e abraçou-o vigorosamente, dizendo:

– O senhor, piloto, é um homem bom!

O piloto, sem dúvidas, jamais soube por que suas respostas lhe valeram essa amigável expansão. Ao som de um apito, ele voltou ao passadiço e dirigiu o paquete em meio a uma flotilha de juncos,

tankas,[43] pesqueiros e navios de todos os tipos, que enchiam o estreito de Hong Kong.

À uma hora, o Rangoon estava ancorado e os passageiros desembarcavam.

Nessa circunstância, é preciso convir, o acaso havia favorecido singularmente Phileas Fogg. Sem essa necessidade de consertar as caldeiras, o Carnatic teria partido em 5 de novembro, e os viajantes rumo ao Japão precisariam esperar oito dias pela partida do próximo paquete. É verdade que Mr. Fogg estava vinte e quatro horas atrasado, mas esse atraso não podia ter consequências adversas para o resto da viagem.

Na verdade, o *steamer* que faz a travessia do Pacífico de Yokohama a São Francisco tinha correspondência direta com o paquete de Hong Kong, e assim não podia partir antes que este houvesse chegado. É evidente que havia vinte e quatro horas de atraso em Yokohama, mas seria fácil recuperá-las durante os vinte e dois dias da travessia do Pacífico. Exceto pelas vinte e quatro horas, Phileas Fogg encontrava-se, portanto, dentro das condições de sua programação, trinta e cinco dias depois de ter partido de Londres.

O Carnatic só partiria no dia seguinte às cinco horas. Mr. Fogg tinha diante de si dezesseis horas para cuidar de seus assuntos, isto é, daqueles concernentes a Mrs. Aouda. Ao desembarque, ele ofereceu seu braço à jovem mulher e conduziu-a até um palanquim. Pediu aos carregadores a indicação de um hotel, e estes designaram-lhe o Hotel do Clube. O palanquim pôs-se em marcha, seguido por Passepartout, e vinte minutos depois chegava ao seu destino.

Um apartamento foi reservado para a jovem mulher, e Phileas Fogg cuidou para que nada lhe faltasse. Depois, disse a Mrs. Aouda que iria imediatamente à procura do parente aos cuidados do qual ele deveria deixá-la em Hong Kong. Ao mesmo tempo, deu a Passepartout a ordem para permanecer no hotel até o seu retorno, a fim de que a jovem não ficasse lá sozinha.

O *gentleman* foi conduzido até a Bolsa. Certamente lá conheceriam um personagem como o honorável Jejeeh, que estava entre os mais ricos comerciantes da cidade.

O corretor ao qual Mr. Fogg se dirigiu realmente conhecia o negociante pársi. Porém, há dois anos que este não morava mais na China. Tendo feito fortuna, ele fora se estabelecer na Europa – na

Holanda, acreditava-se –, o que podia ser explicado pelas numerosas relações que tivera com este país durante suas atividades comerciais.

Phileas Fogg retornou ao Hotel do Clube. Imediatamente, mandou pedirem a Mrs. Aouda a permissão de se apresentar a ela, e, sem mais preâmbulos, contou-lhe que o honorável Jejeeh não residia mais em Hong Kong, e que morava provavelmente na Holanda.

Ao ouvir isso, Mrs. Aouda primeiro não respondeu nada. Ela passou a mão em seu rosto e ficou refletindo por alguns instantes. Depois, disse com sua voz doce:

– O que devo fazer, senhor Fogg?

– É muito simples – respondeu o *gentleman* –, ir para a Europa.

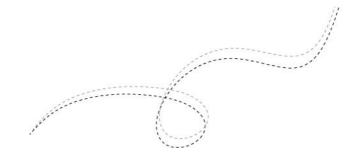
– Mas eu não posso abusar…

– A senhora não está abusando, e sua presença não muda em nada minha programação… Passepartout?

– Senhor? – respondeu Passepartout.

– Vá até o Carnatic e reserve três cabines.

Passepartout, encantado de continuar sua viagem na companhia da jovem mulher, que para ele era muito graciosa, saiu imediatamente do Hotel do Clube.

Referência ao povo *tanka*, do sul da China, que tradicionalmente vivia em barcos atrelados à costa de algumas províncias, entre as quais Hong Kong (N.T.).

Capítulo 19

* * *

De quando Passepartout toma o partido de seu patrão, e o que acontece em seguida

Hong Kong é apenas uma ilhota cuja possessão foi assegurada à Inglaterra, depois da guerra de 1842, pelo Tratado de Nanquim. Em poucos anos, o gênio colonizador da Grã Bretanha já havia fundado ali uma cidade importante e criado um porto, o porto Victoria. Essa ilha situa-se na foz do rio de Cantão,[44] e menos de cem quilômetros a separam da cidade portuguesa de Macau, construída sobre a outra margem. Hong Kong necessariamente precisava vencer Macau em uma luta comercial, e agora a maior parte do trânsito chinês é operado pela cidade inglesa. Docas, hospitais, *wharfs*,[45] uma catedral gótica, um *government house*,[46] ruas pavimentadas – tudo faria crer que uma das cidades mercantis dos condados de Kent ou de Surrey, tendo atravessado o esferoide terrestre, acabou reaparecendo nesse ponto da China, quase às suas antípodas.

Com as mãos no bolso, Passepartout dirigiu-se então ao porto Victoria, observando os palanquins, os carrinhos à vela, ainda em voga no Império Celestial, e toda essa multidão de chineses, japoneses e europeus que se apressavam nas ruas. Exceto por algumas poucas coisas, ainda era Bombaim, Calcutá ou Singapura que o digno rapaz encontrava em seu percurso. Existe, de algum modo, uma espécie de rastro de cidades inglesas em volta de todo o mundo.

Passepartout chegou ao porto Victoria. Ali, na foz do rio de Cantão, havia um formigueiro de navios de todas as nações – ingleses, franceses, americanos, holandeses –, barcos de guerra e de comércio, embarcações japonesas ou chinesas, juncos, *sempas*, *tankas* e até

mesmo barcos de flores que formavam jardins flutuantes sobre as águas. Ao passear, Passepartout notou uma certa quantidade de nativos vestidos de amarelo, todos de idade muito avançada. Tendo entrado no estabelecimento de um barbeiro chinês para se barbear "à chinesa", ele soube pelo Fígaro do local, que falava um inglês muito bom, que esses velhinhos tinham todos pelo menos oitenta anos, e que naquela idade eles tinham o privilégio de usar a cor amarela, a cor imperial. Passepartout achou aquilo bem engraçado, sem saber direito o porquê.

Com a barba feita, ele foi ao cais de embarque do Carnatic e lá avistou Fix, que passeava para lá e para cá, mas não ficou espantado com isso. O inspetor de polícia deixava transparecer em seu rosto as marcas de um desapontamento vívido.

"Muito bem", pensou Passepartout, "as coisas vão mal para os *gentlemen* do Reform Club!".

E ele abordou Fix com seu sorriso alegre, ignorando o ar chateado de seu companheiro.

Ora, o agente tinha boas razões para praguejar contra a infernal sorte que o perseguia. Nada do mandado! Era evidente que o mandado estava a caminho, mas que só poderia chegar ao seu destinatário se este ficasse alguns dias naquela cidade. Ora, sendo Hong Kong a última terra inglesa do trajeto, o *sieur* Fogg definitivamente ia lhe escapar se ele não conseguisse retê-lo.

– E então, senhor Fix, o senhor está decidido a vir conosco para a América? – perguntou Passepartout.

– Estou – respondeu Fix entre os dentes cerrados.

– Então vamos! – exclamou Passepartout dando uma sonora risada – Eu bem sabia que o senhor não podia se separar de nós. Venha reservar o seu lugar, venha!

E ambos entraram no escritório dos transportes marítimos e reservaram cabines para quatro pessoas. Mas o empregado fez a observação de que, como o conserto do Carnatic já havia sido terminado, o paquete partiria naquela mesma noite às oito horas, e não no dia seguinte pela manhã, como fora anunciado.

– Ótimo! – respondeu Passepartout – isso vai beneficiar o meu patrão. Vou adverti-lo.

Neste momento, Fix tomou uma decisão extrema. Ele resolveu contar tudo para Passepartout. Talvez fosse o único meio de reter Phileas Fogg em Hong Kong por alguns dias.

Ao sair do escritório, Fix convidou seu companheiro para se refrescar em uma taverna. Passepartout tinha tempo. Ele aceitou o convite de Fix.

Uma taverna abria-se para o cais. Ela tinha um aspecto atraente. Os dois entraram. Era um vasto salão bem decorado, ao fundo do qual estendia-se uma grande cama de campanha cheia de almofadas. Sobre essa cama, estavam dispostos um certo número de dorminhocos.

Uns trinta consumidores ocupavam o grande salão de pequenas mesas em junco trançado. Alguns esvaziavam canecas de cerveja inglesa, *ale* ou *porter*, outros, jarros de licores alcoólicos, gim ou conhaque. Além disso, a maioria fumava longos cachimbos de barro recheados de pequenas pedras de ópio misturadas a essência de rosas. E então, de tempos em tempos, algum fumante nervoso caía embaixo da mesa, e os garçons do estabelecimento, pegando-o pelos pés e pela cabeça, levavam-no para a cama de campanha, perto de outro colega. Uns vinte desses ébrios, assim, estavam dispostos lado a lado, no último grau de embrutecimento.

Fix e Passepartout compreenderam que haviam entrado em um fumadouro assombrado por esses miseráveis, atordoados, emaciados e idiotas para os quais a Inglaterra mercantil vende anualmente, com um lucro de duzentos e sessenta milhões de francos, essa funesta droga chamada ópio. São tristes esses milhões ganhos em cima de um dos mais funestos vícios da natureza humana.

O governo chinês bem que tentou remediar tal abuso com leis severas, mas em vão. Da classe rica, para a qual o uso de ópio era no início formalmente reservado, esse uso passou para as classes inferiores, e os danos não puderam mais ser impedidos. Fuma-se ópio em todo lugar e o tempo todo no Império do Meio.[47] Homens e mulheres entregam-se a essa paixão deplorável e, quando estão acostumados a essa inalação, não podem mais ficar sem ela sem sentir horríveis contrações no estômago. Um grande fumante pode fumar até oito cachimbos por dia, mas ele morre em cinco anos.

Ora, era em um dos numerosos fumadouros desse tipo, que pululam até mesmo em Hong Kong, que Fix e Passepartout haviam entrado na intenção de se refrescarem. Passepartout não tinha dinheiro, mas ele aceitou de bom grado a “gentileza” de seu companheiro, prometendo

recompensá-lo num momento oportuno.

Pediram duas garrafas de porto, com as quais o francês se refestelou, enquanto Fix, mais reservado, observava seu companheiro com uma extrema atenção. Conversaram sobre várias coisas, sobretudo sobre essa excelente ideia que Fix havia tido de embarcar no Carnatic. Quando as garrafas se esvaziaram, Passepartout se levantou, a fim de prevenir seu patrão da partida do *steamer* antecipada em algumas horas.

Fix o reteve.

– Um instante – ele disse.

– O que o senhor quer, senhor Fix?

– Preciso lhe falar de coisas sérias.

– Coisas sérias! – exclamou Passepartout, esvaziando algumas gotas de vinho que haviam sobrado no fundo de seu copo.

– Bom, falemos disso amanhã. Hoje eu não tenho tempo.

– Fique – respondeu Fix. – Trata-se de seu patrão!

Passepartout, ao ouvir essa palavra, olhou atentamente para o seu interlocutor.

A expressão do rosto de Fix pareceu-lhe peculiar.

Ele se sentou novamente.

– O que o senhor tem a me dizer, então? – indagou.

Fix colocou sua mão no braço de seu companheiro, e perguntou, baixando a voz:

– O senhor adivinhou quem eu sou?

– Por Deus! – disse Passepartout sorrindo.

– Então vou lhe confessar tudo…

– Agora que sei tudo, meu compadre! Ah, veja só, ele não é esperto! Enfim, vamos. Mas antes disso, permita-me dizer que todo o dinheiro gasto por esses *gentlemen* é inútil!

– Inútil! – disse Fix. – O senhor está falando por sua própria conta. Vê-se bem que o senhor não conhece a importância da soma!

– Mas é claro que conheço! – respondeu Passepartout. – Vinte mil libras!

– Cinquenta e cinco mil – retificou Fix, apertando a mão do francês.

– O quê? – exclamou Passepartout. – Mr. Fogg ousaria!… Cinquenta e cinco mil libras!… Bom, é uma razão a mais para não perder um único instante – acrescentou, levantando-se novamente.

– Cinquenta e cinco mil libras – repetiu Fix, que forçou Passepartout a se sentar outra vez, depois de ter pedido outra garrafa de conhaque –, e se eu me sair bem, vou ganhar um prêmio de duas mil libras. Se o senhor me ajudar, dou-lhe quinhentas (doze mil e quinhentos francos).

– Ajudá-lo? – exclamou Passepartout, cujos olhos estavam arregalados.

– Sim, ajudar-me a segurar o *sieur* Fogg por alguns dias em Hong Kong!

– Ãh? – disse Passepartout. – O que o senhor está dizendo? Como assim? Não contentes em seguir o meu patrão e de suspeitar de sua lealdade, esses *gentlemen* ainda querem lhe impor obstáculos! Tenho vergonha deles!

– Ora essa! O que o senhor está querendo dizer? – perguntou Fix.

– Quero dizer que isso é a mais pura indelicadeza. Seria mais fácil roubar Mr. Fogg e pegar o dinheiro do bolso dele!

– Ah! É justamente aí que queremos chegar!

– Mas isso é uma emboscada! – exclamou Passepartout, que se exaltava com a influência do conhaque servido por Fix e bebia sem nem mesmo perceber. – Uma verdadeira emboscada! Hã, *gentlemen*! Colegas!

Fix começava a não entender mais nada.

– Colegas! – exclamou Passepartout. – Membros do Reform Club! Saiba, senhor Fix, que meu patrão é um homem honesto, e que quando ele faz uma aposta, é com lealdade que pretende ganhar.

– Mas quem o senhor acha que eu sou, então? – perguntou Fix, fixando seu olhar em Passepartout.

– Ora essa! Um agente dos membros do Reform Club, que tem a missão de controlar o itinerário do meu patrão, o que é muito humilhante! E por isso, embora há algum tempo eu já tenha adivinhado a sua função, contive-me em revelá-la a Mr. Fogg.

– Ele não sabe de nada? – perguntou Fix prontamente.

– De nada – respondeu Passepartout esvaziando seu copo mais uma vez.

O inspetor de polícia passou a mão em seu rosto. Ele hesitava antes de retomar a palavra. O que ele deveria fazer? O engano de Passepartout parecia sincero, mas isso tornava seu projeto mais difícil. Era evidente que esse rapaz falava com uma absoluta boa-fé, e que ele não era de modo algum cúmplice de seu patrão – o que Fix desconfiava até então.

“Bom”, pensou, “como ele não é seu cúmplice, ele vai me ajudar”.

O detetive, pela segunda vez, tomou uma decisão. Aliás, não havia mais tempo a perder. Era preciso segurar Fogg em Hong Kong a qualquer preço.

– Escute – disse Fix com uma voz seca –, escute-me bem. Eu não sou este que você acredita, quer dizer, um agente dos membros do Reform Club…

– Ora! – disse Passepartout observando-o com um ar jocoso.

– Eu sou um inspetor de polícia, encarregado de uma missão pela administração metropolitana…

– O senhor! Inspetor de polícia!

– Sou e posso provar – continuou Fix. – Aqui está meu documento.

E o agente, retirando um papel de sua carteira, mostrou ao seu companheiro um documento assinado pelo diretor da polícia central. Passepartout, estupefato, olhava para Fix sem conseguir articular uma única palavra.

– A aposta do *sieur* Fogg – retomou Fix. – É apenas um pretexto do qual os senhores são meros joguetes, o senhor e os colegas do Reform Club, pois ele tinha interesse em garantir sua cumplicidade inconsciente.

– Mas por quê? – exclamou Passepartout.

– Escute. No último 28 de setembro, um roubo de cinquenta e cinco mil libras foi cometido no Banco da Inglaterra por um indivíduo cuja descrição foi revelada. Ora, aqui está essa descrição, e ela corresponde, traço por traço, ao *sieur* Fogg.

– Essa é boa! – exclamou Passepartout batendo na mesa com seu punho robusto. – Meu patrão é o homem mais honesto do mundo!

– Como o senhor pode saber disso? – respondeu Fix. – O senhor nem mesmo o conhecia! Começou a servi-lo no dia de sua partida, e ele partiu de modo precipitado com um pretexto insensato, sem malas, levando uma grande soma em *banknotes*! E o senhor ousa sustentar que ele é um homem honesto!

– Ele é sim, é sim! – repetia maquinalmente o pobre rapaz.

– Então o senhor quer ser preso como cúmplice?

Passepartout havia colocado as mãos na cabeça. Ele não estava mais reconhecível. Não ousava olhar para o inspetor de polícia. Phileas Fogg um ladrão, ele, o salvador de Aouda, o homem generoso e corajoso! E no entanto, quantas suspeitas levantadas contra ele! Passepartout tentava afastar as suspeitas que passavam por sua mente. Ele não queria acreditar na culpa de seu patrão.

– Mas e então, o que o senhor quer de mim? – disse ao agente de polícia, contendo-se com um enorme esforço.

– Vou lhe dizer – respondeu Fix. – Eu segui o *sieur* Fogg até aqui, mas ainda não recebi o mandado de prisão que pedi para Londres. Preciso, então, que o senhor me ajude a segurá-lo em Hong Kong…

– Eu? O que eu…

– E eu divido com o senhor o prêmio de duas mil libras prometido pelo Banco da Inglaterra.

– Nunca! – respondeu Passepartout, que quis se levantar e caiu, sentindo sua razão e suas forças escaparem-lhe ao mesmo tempo.

E depois disse, balbuciando: – Senhor Fix, mesmo que tudo o que o senhor me disse seja verdade, que meu patrão seja o ladrão que o senhor procura, o que eu nego… Eu estava… Eu estou a serviço dele… Ele é bom e generoso… Traí-lo… Nunca… Não, nem por todo ouro do mundo… Eu venho de um lugar onde ninguém faz uma coisa dessas!

– O senhor está recusando?

– Estou.

– Então vamos fingir que eu não disse nada – respondeu Fix. – E vamos beber.

– Sim, vamos beber!

Passepartout sentia-se cada vez mais invadido pela embriaguez. Fix, entendendo que era preciso separá-lo de seu patrão a todo custo, quis derrubá-lo. Sobre a mesa encontravam-se alguns cachimbos carregados de ópio. Fix colocou um deles na mão de Passepartout, que o pegou, levou-o aos lábios, acendeu-o, deu algumas tragadas e caiu com a cabeça pesada pelo efeito do narcótico.

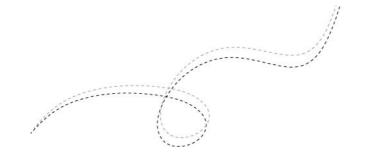
– Finalmente – disse Fix ao ver Passepartout aniquilado. – O *sieur* Fogg não será advertido a tempo da partida do Carnatic, e, se ele partir, pelo menos irá sem este maldito francês!

E então saiu, depois de ter pagado a conta.

Referência ao Rio das Pérolas, localizado no sul da China e que deságua no Mar da China Meridional (N.T.).

Em inglês no original, "ancoradouro" (N.T.).

No contexto do imperialismo britânico, g*overnment house* é o nome dado à residência oficial de um representante do Império em uma colônia (N.T.).

Referência à China (N.T.).

Capítulo 20

* * *

Em que Fix cria laços com Phileas Fogg

Durante aquela cena que talvez comprometesse tão gravemente seu futuro, Mr. Fogg, acompanhando Mrs. Aouda, passeava pelas ruas da cidade inglesa. Desde que Mrs. Aouda havia aceitado sua oferta de ser levada até a Europa, ele precisou pensar em todos os detalhes que envolvem uma viagem tão longa. Que um inglês como ele desse a volta ao mundo com uma mala de mão, ainda passava; mas uma mulher não podia empreender tal travessia nas mesmas condições. Daí a necessidade de comprar as roupas e os objetos indispensáveis à viagem. Mr. Fogg cumpria sua tarefa com a calma que o caracterizava, e respondia invariavelmente a todas as desculpas ou objeções da jovem viúva, confusa com tanta complacência:

– Isso é do interesse de minha viagem, faz parte de minha programação.

Feitas as compras, Mr. Fogg e a jovem mulher retornaram ao hotel e jantaram o prato do dia em uma mesa suntuosamente posta. Em seguida, Mrs. Aouda, um pouco cansada, subiu ao seu apartamento, depois de ter apertado à inglesa a mão de seu imperturbável salvador.

Quanto ao honorável *gentleman*, ele se entreteve a noite toda na leitura do *Times* e do *Illustrated London News*.

Se ele fosse um homem capaz de se espantar com alguma coisa, teria sido por não ter visto seu criado aparecer à hora de dormir. Porém, como sabia que o paquete de Yokohama não sairia de Hong Kong antes da manhã do dia seguinte, não ficou nem um pouco preocupado.

No dia seguinte, Passepartout não respondeu quando Mr. Fogg tocou a sineta.

O que o honorável *gentleman* pensou quando soube que seu criado não havia retornado ao hotel ninguém é capaz de dizer. Mr. Fogg contentou-se em pegar sua bolsa, mandou advertirem Mrs. Aouda e pediu um palanquim.

Eram então oito horas, e a maré alta, da qual o Carnatic se aproveitaria para sair dos canais, estava prevista para as nove e meia.

Quando o palanquim chegou à porta do hotel, Mr. Fogg e Mrs. Aouda subiram no confortável veículo, e suas bagagens seguiram atrás, em um carrinho de mão.

Meia hora mais tarde, os viajantes desciam no cais de embarque, e lá Mr. Fogg soube que o Carnatic havia partido na véspera.

Mr. Fogg, que esperava encontrar o paquete e o seu criado ao mesmo tempo, acabou não achando nem um nem o outro. Mas nenhum sinal de desapontamento apareceu em seu rosto, e como Mrs. Aouda olhava-o inquieta, ele se contentou em responder:

– É um incidente, madame, e nada mais.

Nesse momento, um personagem que o observava com atenção aproximou-se. Era o inspetor Fix, que o cumprimentou e lhe disse:

– O senhor não é, assim como eu, um dos passageiros do Rangoon, que chegou ontem?

– Sim, cavalheiro – respondeu friamente Mr. Fogg –, mas a quem devo a honra de…

– O senhor me desculpe, mas achei que encontraria aqui o seu criado.

– O senhor sabe onde ele está? – perguntou subitamente a jovem mulher.

– O quê? – respondeu Fix, fingindo surpresa. – Ele não está com os senhores?

– Não – respondeu Mrs. Aouda –, desde ontem ele não apareceu. Será que embarcou no Carnatic sem nós?

– Sem os senhores, madame? – respondeu o agente. – Perdoem-me a pergunta, mas os senhores planejavam partir nesse paquete?

– Planejávamos, senhor.

– Eu também, madame, e os senhores podem ver como estou desapontado! Como o Carnatic terminou seu conserto, zarpou de Hong Kong doze horas antes e sem advertir ninguém, e agora temos de esperar oito dias pela próxima partida!

Ao pronunciar essas palavras, "oito dias", Fix sentiu seu coração dar um pulo de alegria. Oito dias! Fogg retido oito dias em Hong Kong! Haveria tempo de sobra para o mandado de prisão chegar. Finalmente a sorte se colocava a favor do representante da lei.

Imaginemos, então, a surpresa desagradável que ele teve ao ouvir Phileas Fogg dizer com sua voz calma:

– Mas me parece que existem outros navios além do Carnatic no porto de Hong Kong.

E Mr. Fogg, oferecendo o braço a Mrs. Aouda, dirigiu-se às docas em busca de um navio pronto para partir.

Fix, abismado, seguia-os. Parecia que um fio o prendia àquele homem.

Contudo, a sorte realmente parecia abandonar aquele que ela havia servido tão bem até então. Durante três horas, Phileas Fogg percorreu o porto para lá e para cá, decidido, se fosse preciso, a fretar um barco para transportá-lo a Yokohama. Mas ele só viu navios sendo carregados ou descarregados, e que, consequentemente, não podiam aparelhar.[48] Fix voltou a ter esperanças.

No entanto, Mr. Fogg não se desconcertou e pretendia continuar sua busca, mesmo que tivesse de ir até Macau, quando um marinheiro o abordou no anteporto.

– Vossa Excelência procura um barco? – disse-lhe o marinheiro, tirando seu chapéu.

– O senhor tem algum barco pronto para partir? – perguntou Mr. Fogg.

– Tenho, Vossa Excelência, um barco de praticagem[49] número 43, o melhor da flotilha.

– Ele é rápido?

– Entre doze e quatorze quilômetros por hora, mais ou menos. O

senhor quer vê-lo?

– Quero.

– Vossa Excelência ficará satisfeita. É um passeio marítimo?

– Não, uma viagem.

– Uma viagem?

– O senhor se encarregaria de me conduzir até Yokohama?

O marinheiro, após essas palavras, ficou com os braços caídos e os olhos esbugalhados.

– Vossa Excelência está brincando? – ele disse.

– Não! Eu perdi a partida do Carnatic, e preciso estar no mais tardar dia 14 em Yokohama, para pegar o paquete de São Francisco.

– Eu sinto muito – respondeu o piloto –, mas é impossível.

– Eu lhe ofereço cem libras (dois mil e quinhentos francos) por dia, além de um prêmio de duzentas libras caso chegue a tempo.

– Isso é sério? – perguntou o piloto.

– Muito sério – respondeu Mr. Fogg.

O piloto se afastou. Ele olhava para o mar, evidentemente dividido entre o desejo de ganhar uma soma enorme e o medo de se aventurar para tão longe. Fix passava por agonias mortais.

Durante esse tempo, Mr. Fogg se voltara na direção de Mrs. Aouda:

– A senhora não tem medo, madame? – perguntou-lhe.

– Com o senhor, não, senhor Fogg – respondeu a jovem mulher.

O piloto mais uma vez encaminhou-se até o *gentleman*, enquanto rodava seu chapéu entre as mãos.

– E então, piloto? – disse Mr. Fogg.

– Bom, Vossa Excelência – respondeu o piloto –, eu não posso arriscar nem os meus homens, nem a mim mesmo nem o senhor em uma travessia tão longa, em um barco que mal tem vinte toneladas, ainda

mais nesta época do ano. Aliás, nós não chegaríamos a tempo, pois há uns dois mil e seiscentos quilômetros de Hong Kong a Yokohama.

– Apenas dois mil quinhentos e setenta – disse Mr. Fogg.

– É a mesma coisa.

Fix deu um belo suspiro.

– Porém – acrescentou o piloto –, talvez haja um outro jeito de resolver isso.

Fix não respirou mais.

– Como? – perguntou Phileas Fogg.

– Indo até Nagasaki, no extremo sul do Japão, a mil e setecentos quilômetros, ou apenas até Xangai, a oitocentas milhas de Hong Kong. Nesta última travessia, nós não nos afastaríamos da costa chinesa, o que seria uma grande vantagem, ainda mais porque as correntes dali impulsionam na direção norte.

– Piloto – respondeu Phileas Fogg –, é em Yokohama que devo pegar a mala americana, e não em Xangai ou Nagasaki.

– Por que não? – respondeu o piloto. – O paquete de São Francisco não parte de Yokohama. Ela faz escala em Yokohama e Nagasaki, mas seu porto de partida é Xangai.

– O senhor tem certeza do que está dizendo?

– Tenho.

– E quando o paquete sai de Xangai?

– No dia 11, às sete horas da noite. Temos, portanto, quatro dias diante de nós. Quatro dias são noventa e seis horas, e com uma média de doze quilômetros por hora, se tivermos sorte, se o vento vindo do sudeste se mantiver e se o mar estiver calmo, podemos vencer a tempo os mil e duzentos quilômetros que nos separam de Xangai.

– E o senhor poderia partir?

– Em uma hora. É o tempo de comprar víveres e de aparelhar.

– Negócio fechado. O senhor é o dono do barco?

– Sou, John Bunsby, dono da Tankadère.

– O senhor quer um adiantamento?

– Se isso não incomodar Vossa Excelência…

– Aqui está uma parcela de duzentas libras... Cavalheiro – acrescentou Phileas Fogg voltando-se para Fix –, se o senhor quiser aproveitar…

– Senhor – respondeu Fix decididamente –, eu ia mesmo lhe pedir esse favor.

– Bom, em meia hora estaremos a bordo.

– Mas e o pobre rapaz… – disse Mrs. Aouda, que estava extremamente preocupada com o desaparecimento de Passepartout.

– Vou fazer por ele tudo o que puder – respondeu Phileas Fogg.

E enquanto Fix – nervoso, febril, enfurecido – encaminhava-se ao barco, os dois se dirigiam à delegacia de polícia de Hong Kong. Lá, Phileas Fogg forneceu a descrição de Passepartout, e deixou uma soma suficiente para repatriá-lo. A mesma formalidade foi cumprida junto ao agente consular francês, e o palanquim, depois de ter passado rapidamente no hotel, onde as bagagens foram pegas, reconduziu os viajantes ao anteporto.

Soaram três horas. O barco de praticagem número 43, com sua tripulação a bordo e os víveres embarcados, estava pronto para aparelhar.

A Tankadère era uma charmosa e pequena escuna de vinte toneladas, bem esguia na proa, de formas bastante despojadas e com linhas d'água[50] bastante alongadas. Parecia um iate de corrida. Seus utensílios de cobre brilhantes, suas ferragens galvanizadas e seu convés branco como marfim revelavam que o dono John Bunsby sabia mantê-la em ótimo estado. Seus dois mastros inclinavam-se um pouco para trás. Possuía uma vela mestra quadrangular, vela de mezena, vela de estai, bujarronas e gafetopes, e ainda podia aparelhar uma outra vela quadrangular caso houvesse vento em popa.[51] Ela devia navegar maravilhosamente, e, de fato, já ganhara várias competições de barcos de praticagem.

A tripulação da Tankadère era composta pelo dono John Bunsby e por mais quatro homens. Eram desses marinheiros audaciosos que, seja qual for o tempo, aventuram-se à procura de navios e conhecem

admiravelmente os mares. John Bunsby, um homem de mais ou menos quarenta e cinco anos, bronzeado pelo sol, de olhar vívido, aparência enérgica, bem aprumado e muito à vontade, teria inspirado confiança nos mais medrosos.

Phileas Fogg e Mrs. Aouda subiram a bordo. Fix já estava lá. Pelo alçapão da popa da escuna, descia-se até um quarto quadrado, em cujas paredes estavam dispostos beliches acima de um sofá circular. No meio, uma mesa clareada por um pequeno lampião. Era pequeno, mas limpo.

– Sinto muito não ter nada melhor para oferecer ao senhor – disse Mr. Fogg a Fix, que se curvou sem responder.

O inspetor de polícia sentia uma espécie de humilhação ao se aproveitar assim das gentilezas do *sieur* Fogg.

“Com certeza”, pensou, “ele é um pilantra muito educado, mas é um pilantra!”.

Às três horas e dez minutos, as velas foram içadas. A bandeira da Inglaterra agitava-se ao sino da escuna. Os passageiros estavam sentados no convés. Mr. Fogg e Mrs. Aouda lançaram um último olhar em direção ao cais, a fim de ver se Passepartout não aparecia.

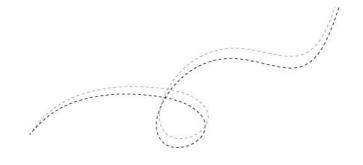
Fix estava apreensivo, pois o acaso poderia levar àquele mesmo local o infeliz rapaz que ele tratara de modo tão indigno. E, neste caso, uma explicação que não lhe favoreceria poderia por fim ser dada. Mas o francês não apareceu. Sem dúvidas, o poderoso narcótico ainda o mantinha sob seus efeitos.

Finalmente, John Bunsby zarpou para o alto-mar, e a Tankadère, recebendo o vento em suas velas mestra quadrangular, de mezena e bujarronas, atirou-se saltando sobre as ondas.

Em linguagem náutica, “aparelhar” significa prover uma embarcação de todos os equipamentos necessários à navegação (N.T.).

“Praticagem” é o serviço oferecido por um piloto de porto, que manobra um navio que está zarpando ou atracando. “Barco de praticagem”, por sua vez, é o próprio barco ou lancha desse piloto, como o qual ele se dirige até o navio ou volta dele (N.T.).

A “linha d’água” é uma linha traçada da popa à proa de uma embarcação, que separa a parte imersa do casco de sua parte emersa (N.T.).

A vela mestra quadrangular é aquela içada no mastro de vante. A vela de mezena é semelhante à quadrangular, mas içada no mastro de ré ou de popa. A vela de estai é uma vela triangular e tem esse nome por ser içada no estai (cabo de sustentação) do mastro de vante; é fixada na ponta do gurupés (mastro que se inclina na extremidade da proa para a frente). As bujarronas também são velas triangulares içadas no estai de proa e fixadas na ponta do gurupés. Os gafetopes, por fim, são velas triangulares içadas acima da vela mestra quadrangular, geralmente usadas em ventos suaves e ventos folgados (N.T.).

Capítulo 21

* * *

De quando o dono da Tankadère corre
o risco de perder um prêmio de duzentas libras

Essa navegação de mil e duzentos quilômetros em uma embarcação de vinte toneladas era uma verdadeira expedição aventuresca, sobretudo àquela época do ano. Geralmente esses mares da China são perigosos, expostos a rajadas de vento horríveis, principalmente durante os equinócios – e ainda eram os primeiros dias de novembro.

Evidentemente, teria sido do interesse do piloto conduzir seus passageiros até Yokohama, pois ele era pago por dia. Mas seria uma grande imprudência tentar uma tal travessia nessas condições, e só o fato de ir até Xangai já demonstrava audácia, e até mesmo falta de cautela. Mas John Bunsby tinha confiança em sua Tankadère, que se elevava sobre as ondas como uma gaivota, e talvez ele não estivesse equivocado.

Durante as últimas horas daquele dia, a Tankadère navegou pelos estreitos caprichosos de Hong Kong, e sob todas as mareações, fosse bolina cerrada ou popa rasada,[52] ela se comportou admiravelmente.

– Piloto, eu não preciso lhe recomendar toda a diligência possível – disse Phileas Fogg no momento em que a escuna se encaminhava para o alto-mar.

– Que Vossa Excelência confie em mim – respondeu John Bunsby. – Em matéria de velas, estamos usando tudo aquilo que o vento permite usar. Os nossos gafetopes não adiantariam em nada, e só serviriam para prejudicar a embarcação, contrariando o seu andamento.

– É o seu trabalho, piloto, e não o meu, e eu confio no senhor.

Phileas Fogg, com o corpo endireitado, as pernas afastadas e aprumado como um marinheiro, observava o mar agitado sem vacilar. A jovem mulher, sentada na popa, estava emocionada ao contemplar esse oceano já escurecido pelo crepúsculo e que ela desbravava em uma frágil embarcação. Acima de sua cabeça, desdobravam-se as velas brancas que a carregavam pelo espaço como grandes asas. A escuna, soerguida pelo vento, parecia voar pelos ares.

A noite caiu. A lua entrava em seu quarto crescente, e sua insuficiente luz logo se apagaria nas brumas do horizonte. Algumas nuvens eram sopradas do leste e já invadiam uma parte do céu.

O piloto havia disposto suas luzes de navegação – precaução indispensável nesses mares muito frequentados das proximidades da costa. Os encontros de navios não eram raros, e, com a velocidade com que ia, a escuna se despedaçaria ao menor choque.

Fix sonhava na proa da embarcação. Ele se mantinha afastado, sabendo que Fogg era naturalmente pouco conversador. Aliás, repugnava-lhe falar com aquele homem cujos serviços ele aceitava. Ele também pensava no futuro. Parecia-lhe certeiro que o *sieur* Fogg não pararia em Yokohama e que ele tomaria imediatamente o paquete de São Francisco a fim de chegar na América, cuja vasta extensão lhe asseguraria impunidade e segurança. O plano de Phileas Fogg parecia-lhe o mais simples possível.

Em vez de embarcar na Inglaterra para os Estados Unidos, como um pilantra vulgar, Fogg havia dado uma grande volta e atravessado três quartos do globo, a fim de chegar com mais segurança ao continente americano, onde, depois de ter despistado a polícia, esbanjaria tranquilamente o seu milhão do Banco. Mas, uma vez nas terras da União,[53] o que Fix faria? Abandonaria aquele homem? Não, mil vezes não! E até que tivesse obtido um ato de extradição, não sairia do pé dele. Era o seu dever, e ele o cumpriria até o fim. Em todo caso, uma feliz circunstância havia sido produzida: Passepartout não estava mais junto de seu patrão, e, principalmente depois das confidências de Fix, era importante que o patrão e seu serviçal não se reencontrassem nunca mais.

Quanto a Phileas Fogg, ele também não deixava de pensar em seu criado, tão singularmente desaparecido. Depois de muito refletir, não lhe parecia impossível que, devido a um mal-entendido, o pobre rapaz tivesse embarcado no Carnatic no último instante. Essa também era a

opinião de Mrs. Aouda, que sentia muita falta daquele honesto serviçal ao qual ela devia tanto. Talvez fosse possível, portanto, reencontrá-lo em Yokohama. Se o Carnatic o tivesse conduzido até lá, seria fácil sabê-lo.

Por volta das dez horas, o vento começou a ficar mais forte. Talvez fosse prudente rizar as velas,[54] mas o piloto, depois de ter observado cuidadosamente o estado do céu, deixou o velame tal como estava estabelecido. De qualquer forma, a Tankadère usava admiravelmente suas velas e tinha um grande calado, e tudo estava pronto para ser colhido rapidamente no caso de uma borrasca.

À meia-noite, Phileas Fogg e Mrs. Aouda desceram para a cabine. Fix os havia precedido, e estava estendido sobre um dos beliches. Quanto ao piloto e seus homens, eles permaneceram toda a noite no convés.

No dia seguinte, 8 de novembro, ao nascer do sol, a escuna já havia feito mais de cento e sessenta quilômetros. A barquilha,[55] frequentemente lançada às águas, indicava que a média de velocidade estava entre treze e quinze quilômetros. A Tankadère recebia vento ao largo em suas velas, que impulsionavam bem, e, sob essa mareação, obtinha sua velocidade máxima. Se o vento se mantivesse nessas condições, a sorte estaria a seu favor.

Durante todo esse dia, a Tankadère não se afastou sensivelmente da costa, cujas correntes lhe eram favoráveis. Essa costa, irregularmente perfilada e que estava a pelo menos oito quilômetros de sua alheta de bombordo,[56] às vezes aparecia através de algumas brechas do céu. Como o vento vinha da terra, o mar consequentemente estava menos forte: circunstância favorável para a escuna, pois as embarcações de pequena tonelagem sofrem sobretudo com as vagas, que prejudicam sua velocidade – que as “matam”, para empregar o jargão náutico.

Por volta do meio-dia, a brisa arrefeceu um pouco e soprou na direção sudeste. O piloto mandou içar os gafetopes, mas ao cabo de duas horas, foi preciso colhê-los, pois o vento tornava-se mais forte outra vez.

Mr. Fogg e a jovem mulher, felizmente refratários aos enjoos, comeram com apetite as conservas e o biscoito disponíveis. Fix foi convidado a partilhar a refeição deles e teve de aceitar, pois sabia bem que era tão necessário alimentar a barriga quanto as caldeiras dos navios, mas isso o envergonhava! Viajar à custa desse homem, alimentar-se de seus próprios víveres… Ele achava que nisso tudo havia algo pouco leal. Ele comeu, contudo – muito rapidamente, é

verdade, mas comeu. No entanto, quando essa refeição acabou, achou que devia chamar o *sieur* Fogg de canto, e então lhe disse:

– Cavalheiro…

Esse “cavalheiro” lhe coçava os lábios, e ele se segurava para não pôr as mãos no colarinho do “cavalheiro”!

– Cavalheiro, o senhor foi muito cortês ao me oferecer um lugar a bordo. Porém, embora meus recursos não me permitam agir tão generosamente quanto o senhor, pretendo pagar a minha parte…

– Não falemos disso, senhor – respondeu Mr. Fogg.

– Mas sim, eu insisto…

– Não, senhor – repetiu Fogg com um tom que não admitia réplica. – Isso faz parte das despesas gerais!

Fix se curvou, ele estava sufocando. Depois de se estender na proa da escuna, ele não disse mais nenhuma palavra durante todo o dia.

Nesse meio tempo, avançavam rapidamente. John Bunsby tinha muita esperança. Várias vezes ele disse a Mr. Fogg que chegariam no tempo desejado em Xangai. Mr. Fogg respondia simplesmente que estava contando com isso. Aliás, toda a tripulação da pequena escuna trabalhava com zelo. O prêmio afobava essa brava gente. Assim, não houve uma escota que não tivesse sido conscienciosamente retesada! Não houve uma vela que não tivesse sido tensionada! Nenhum movimento brusco pôde ser censurado ao timoneiro! Nem em uma regata do *Royal Yatch Club* teriam manejado com mais seriedade.

À noite, o piloto havia inferido da barquilha um percurso de trezentos e cinquenta quilômetros desde Hong Kong, e Phileas Fogg podia ter a esperança de que, chegando em Yokohama, ele não teria nenhum atraso para registrar em sua programação. Assim, o primeiro contratempo sério pelo qual passou desde sua partida de Londres provavelmente não lhe causaria nenhum prejuízo.

Durante a madrugada, por volta das primeiras horas da manhã, a Tankadère entrava sem hesitar no estreito de Fo-Kien,[57] que separa a grande Ilha Formosa da costa chinesa, e cruzava o Trópico de Câncer. O mar era muito difícil nesse estreito, cheio de redemoinhos formados pelas contracorrentes. A escuna sofria muita resistência. As pequenas ondas atravancavam seu andamento. Foi muito difícil se manter em pé no convés.

Com o raiar do dia, o vento tornou-se mais forte outra vez. O céu parecia prenunciar uma ventania. Além disso, o barômetro anunciava uma mudança da atmosfera em breve: seu funcionamento diurno estava irregular e o mercúrio oscilava caprichosamente. O mar também se erguia na direção sudeste em longas vagas que "cheiravam a tempestade". Na véspera, o sol havia se posto em uma bruma avermelhada, em meio às cintilações fosforescentes do oceano.

O piloto examinou por muito tempo esse mau aspecto do céu e murmurou entre os dentes coisas pouco inteligíveis. Em certo momento, encontrando-se próximo de seu passageiro:

– Posso dizer tudo a Vossa Excelência? – falou em voz baixa.

– Tudo – respondeu Phileas Fogg.

– Bem… Vamos ter uma ventania.

– E ela virá do norte ou do sul? – perguntou simplesmente Mr. Fogg.

– Do sul. Veja o senhor. É um tufão que está se preparando!

– Então peguemos o tufão do sul, porque ele vai nos impulsionar para o lado certo – respondeu Mr. Fogg.

– Se o senhor pensa assim – replicou o piloto –, eu não tenho mais nada a dizer. Os pressentimentos de John Bunsby não o enganavam. Em uma época menos avançada do ano, o tufão –
segundo a expressão de um célebre meteorologista – teria vertido como uma cascata luminosa de flâmulas elétricas, porém, no equinócio de inverno, era possível crer que ele não se desencadeasse com violência.

O piloto preveniu-se com antecedência. Ele mandou fechar todas as velas da escuna e recolher as vergas no convés. Os mastaréus dos gafetopes foram amainados, assim como o pau de botaló.[58] As escotilhas foram cuidadosamente cerradas. Desde então, nenhuma gota d'água podia penetrar o casco da embarcação. Uma única vela triangular, uma bujarrona de tempestade em tecido resistente, foi içada à guisa de vela de estai, de modo a manter a escuna à popa rasada. E então esperaram.

John Bunsby havia orientado seus passageiros a descerem para a cabine. Porém, em um espaço estreito, quase sem ar e sacudido pelas vagas, esse aprisionamento não tinha nada de agradável. Nem Mr. Fogg, nem Mrs. Aouda nem o próprio Fix consentiram em deixar o

convés.

Por volta das oito horas, a borrasca de chuva e vento caiu sobre o barco. Com mais nada além de seu pequeno pedaço de vela, a Tankadère foi carregada como uma pluma por esse vento do qual é difícil conceber uma ideia exata quando ele sopra em uma tempestade. Comparar sua velocidade ao quádruplo da velocidade de uma locomotiva que se lança a todo vapor ainda não seria justo.

Durante todo o dia, a embarcação correu desse modo na direção norte, carregada pelas ondas monstruosas e conservando, felizmente, uma rapidez igual à delas. Vinte vezes ela quase foi varrida por uma dessas montanhas de água que surgiam por trás, mas as habilidosas manobras do piloto ao leme impediram a catástrofe. Os passageiros às vezes eram recobertos por respingos que recebiam calmamente. Fix sem dúvidas reclamava, mas a intrépida Aouda, com os olhos fixos em seu companheiro – cujo sangue-frio ela não podia senão admirar –, mostrava-se digna dele e desbravava a tormenta ao seu lado. Quanto a Phileas Fogg, parecia que esse tufão fazia parte de seu programa.

Até então a Tankadère sempre havia rumado na direção norte. Mas por volta do fim da tarde, como poderiam temer, o vento, ao se virar três quartos, soprou do noroeste. A escuna, expondo seu costado às ondas, foi terrivelmente sacudida. O mar a fustigava com uma violência bastante propícia a assustar quando não sabemos bem com que solidez as partes de uma embarcação estão atadas.

Com a noite, a tempestade acentuou-se ainda mais. Ao ver a escuridão se fazer e, com a escuridão, a tormenta aumentar, John Bunsby sentiu vívidas inquietações. Ele se perguntou se não seria a hora de fazer uma escala e consultou sua tripulação. Seus homens consultados, John Bunsby aproximou-se de Mr. Fogg e lhe disse:

– Eu acho, Vossa Excelência, que faríamos bem em atracar em um dos portos da costa.

– Eu também acho – respondeu Phileas Fogg.

– Ah! – exclamou o piloto. – Mas em qual?

– Conheço apenas um – respondeu tranquilamente Mr. Fogg.

– E é…

– Xangai.

Primeiro, o piloto ficou alguns instantes sem compreender o que essa resposta significava, o que ela continha de obstinação e tenacidade. Depois, exclamou:

– Bom, é mesmo! Vossa Excelência tem razão. Para Xangai!

E a direção da Tankadère foi imperturbavelmente mantida rumo ao norte.

Uma madrugada realmente horrível! Foi um milagre que a pequena escuna não tenha virado. Duas vezes ela ficou comprometida, e tudo a bordo teria sido levado embora caso não houvesse cordas de fixação. Mrs. Aouda estava esgotada, mas ela não deixou escapar nenhuma reclamação. Mais de uma vez Mr. Fogg teve de se precipitar em direção a ela a fim de protegê-la contra a violência das ondas.

O dia tornou a aparecer. A tempestade ainda se desencadeava com extrema fúria. Contudo, o vento voltou a soprar do sudeste. Era uma modificação favorável, e a Tankadère novamente se deslocou acima desse mar agitado, cujas ondas iam de encontro àquelas que a nova direção do vento provocava. E então houve um choque de ondas que teria esmagado uma embarcação menos solidamente construída.

De tempos em tempos, era possível ver o litoral através das brumas esgarçadas, mas nenhum navio. A Tankadère era a única a enfrentar o mar.

Ao meio-dia houve alguns sintomas de calmaria, que, com a queda do sol no horizonte, pronunciaram-se mais claramente.

A curta duração da tempestade tinha como causa a sua própria violência. Os passageiros, absolutamente esgotados, puderam comer e descansar um pouco.

A noite foi relativamente pacífica. O piloto mandou soltar um pouco os rizes. A velocidade da embarcação era considerável. No dia seguinte, 11, ao raiar do sol, tendo feito o reconhecimento da costa, John Bunsby pôde afirmar que eles não estavam nem a cento e sessenta quilômetros de Xangai.

Cento e sessenta quilômetros, e só restava esse dia para transpô-los! Era naquela própria noite que Mr. Fogg deveria chegar em Xangai caso não quisesse perder a partida do paquete de Yokohama. Sem a tempestade, durante a qual perdeu várias horas, nesse momento ele não estaria nem a cinquenta quilômetros do porto.

A brisa arrefecia sensivelmente, mas felizmente o mar amainava com ela. A escuna cobria-se de velas.

Gafetopes, velas de estai, contrabujarrona, tudo ajudava a impulsionar, e o mar espumava sob a roda de proa.

Ao meio-dia, a Tankadère não estava a mais de oitenta quilômetros de Xangai. Ainda lhe restavam seis horas para alcançar o porto antes da partida do paquete de Yokohama.

A bordo, os temores foram intensos. Queriam chegar a qualquer preço. Todos – exceto Phileas Fogg, sem dúvidas – sentiam o coração bater de impaciência. A pequena escuna precisava se manter em uma média de quatorze quilômetros por hora, mas o vento continuava arrefecendo! Era uma brisa irregular, lufadas caprichosas que vinham da costa. Elas passavam e, imediatamente após sua passagem, o mar se aplacava.

No entanto, a embarcação estava tão leve, e as suas velas altas, de um tecido fino, recebiam tão bem as brisas descontroladas, que, com a ajuda da corrente, às seis horas John Bunsby não contava mais do que quinze quilômetros até o rio de Xangai – pois a própria cidade situa-se a uma distância de uns vinte quilômetros acima da foz.

Às sete horas, ainda estavam a cinco quilômetros de Xangai. Um formidável palavrão escapou da boca do piloto. Era evidente que o prêmio de duzentas libras lhe escaparia. Ele olhou para Mr. Fogg. Mr. Fogg estava impassível, e, no entanto, toda a sua fortuna estava em jogo nesse momento…

Também nesse momento, um comprido fuso negro, coroa-do por uma nuvem de fumaça, apareceu sobre as águas. Era o paquete americano, que saía à hora prevista. “Maldição!”, exclamou John Bunsby, que empurrou o leme com um gesto desesperado.

– Os sinais! – disse simplesmente Phileas Fogg.

Um pequeno canhão de bronze estava estendido na proa da Tankadère. Ele servia para emitir sinais quando o tempo estava encoberto.

O canhão foi carregado até a sua boca, porém, no momento em que o piloto ia acendê-lo com um carvão ardente:

– A bandeira à meia-haste – disse Mr. Fogg.

A bandeira foi colocada a meio-mastro. Era um sinal de perigo, e a intenção era que o paquete americano, ao notar a embarcação, modificasse por um momento a sua rota para se aproximar dela.

– Fogo! – disse Mr. Fogg.

E a detonação do pequeno canhão de bronze eclodiu no ar.

“Mareação” é o termo que designa as diferentes posições de um veleiro em relação ao vento. “À bolina cerrada” significa velejar o mais próximo possível da linha do vento, em direção contrária a este. “À popa rasada”, por sua vez, significa velejar com o vento soprando na mesma direção da embarcação (N.T.).

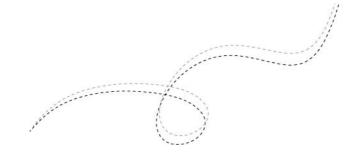
Durante a Guerra da Secessão dos Estados Unidos (1861-1865), “União” era como se denominavam os estados que não faziam parte da Confederação secessionista (N.T.).

Rizar uma vela significa diminuir sua superfície exposta ao vento com o uso de rizes, espécie de corda que passa pelos ilhós da vela e a prende (N.T.).

Instrumento que consiste em um pequeno triângulo ou quadrante preso a um cordel, e que é lançado nas águas para determinar a velocidade de uma embarcação (N.T.).

“Alheta”: zona do costado de uma embarcação entre a proa e o seu centro; “bombordo”: lado esquerdo da embarcação, do sentido da popa à proa (N.T.).

Referência ao Estreito de Taiwan, assim denominado pelo narrador por banhar a costa da província chinesa de Fukien (ou Fujian) (N.T.).

“Mastaréu”: nome genérico que designa o suplemento de um mastro e que é disposto em cima deste; “pau de botaló”: pau com ferros de três bicos nas pontas cuja função é içar alguns tipos de vela ou mesmo afastar navios inimigos (N.T.).

Capítulo 22

* * *

De quando Passepartout aprende que, mesmo do outro lado do mundo, é prudente carregar algum dinheiro nos bolsos

O Carnatic, tendo partido de Hong Kong no dia 7 de novembro às seis e meia da tarde, dirigia-se a todo vapor em direção às terras japonesas. Ele levava um carregamento máximo de mercadorias e passageiros. Duas cabines da popa permaneciam desocupadas: eram aquelas que haviam sido reservadas para Mr. Fogg.

Na manhã seguinte, os homens na proa puderam ver, não sem alguma surpresa, um passageiro de olhar meio abestalhado, passos instáveis e cabelos desgrenhados que saía pela escotilha da segunda classe e vinha, titubeando, sentar-se sobre uma das peças de substituição do navio.

Esse passageiro era Passepartout em pessoa. Eis aqui o que acontecera.

Alguns instantes depois que Fix saíra do fumadouro, dois rapazes haviam carregado Passepartout profundamente adormecido, e o deitaram sobre a cama reservada aos fumantes. Três horas mais tarde, porém, Passepartout, perseguido até em seus pesadelos por uma ideia fixa, acordava e lutava contra a assombrosa ação do narcótico. O pensamento no dever não cumprido sacudia o seu torpor. Ele levantou daquela cama de embriagados e, tropeçando, apoiando-se nas paredes, caindo e se levantando, mas o tempo todo incontidamente impelido por uma espécie de instinto, saiu do fumadouro gritando como em um sonho:

– O Carnatic! O Carnatic!

O paquete lá estava, fumegante, pronto para partir. Passepartout só tinha de dar alguns passos. Ele se lançou voan-do para o convés, subiu a escada de bordo e caiu inanimado na proa, no momento em que o Carnatic soltava suas amarras.

Alguns marinheiros, habituados a esse tipo de cena, levaram o pobre rapaz até uma cabine de segunda classe. Passepartout só acordou na manhã do dia seguinte, a duzentos e quarenta quilômetros das terras chinesas.

Eis por que, naquela manhã, Passepartout encontrava-se no convés do Carnatic e vinha aspirar a plenos pulmões a brisa fresca do mar. Esse ar puro o desentorpecia. Ele começou a recuperar sua razão, o que não fez sem dificuldades. Mas finalmente lembrou-se das cenas da véspera, das confidências de Fix, do fumadouro etc.

“É evidente que fui abominavelmente embebedado!”, disse para si mesmo. “O que Mr. Fogg vai dizer? Em todo caso, não perdi o barco, e isso é o mais importante”. E depois continuou, pensando em Fix: “Quanto a esse aí, espero que tenhamos nos livrado dele e que ele, depois de tudo o que me propôs, não tenha ousado nos seguir no Carnatic. Um inspetor de polícia! Um detetive no rastro do meu patrão, acusado do roubo ao Banco da Inglaterra! Ora essa! Mr. Fogg é tão ladrão quanto eu sou um assassino!”.

Passepartout deveria contar essas coisas ao seu patrão? Convinha fazê-lo saber do papel interpretado por Fix nessa história? Ou não seria melhor esperar a chegada em Londres para dizer a Mr. Fogg que um agente da polícia metropolitana o havia seguido em volta do mundo, e então rirem disso juntos? Sim, sem dúvidas. Em todo caso, era uma questão a se pensar. O mais urgente era encontrar Mr. Fogg e fazê-lo aceitar suas desculpas por essa inqualificável conduta.

E então Passepartout se levantou. O mar estava agitado e o paquete balançava bastante. O digno rapaz, com as pernas ainda pouco firmes, chegou com dificuldades à popa do navio.

No convés, ele não viu ninguém que parecesse nem com seu patrão nem com Mrs. Aouda.

“Bom”, pensou, “a essa hora Mrs. Aouda ainda está deitada. Quanto a Mr. Fogg, ele deve ter encontrado algum jogador de *whist*, e de acordo com seus hábitos...”.

Tendo pensado isso, Passepartout desceu ao salão. Mr. Fogg não estava lá. Passepartout só tinha uma coisa a fazer: perguntar ao *purser*

qual cabine Mr. Fogg ocupava. O *purser* respondeu-lhe que não conhecia nenhum passageiro com esse nome.

– Desculpe-me – disse Passepartout, insistindo. – Trata-se de um *gentleman* alto, frio, pouco comunicativo, acompanhado por uma jovem dama…

– Nós não temos nenhuma jovem dama a bordo – respondeu o *purser* – Mesmo assim, aqui está a lista de passageiros. O senhor pode consultá-la.

Passepartout consultou a lista… O nome de seu patrão não figurava nela.

Ele teve uma espécie de assombro. Depois, uma ideia atravessou-lhe a mente.

– Ah, só pode ser isto! Eu estou mesmo no Carnatic? – indagou.

– Está – respondeu o *purser*.

– No caminho de Yokohama?

– Perfeitamente.

Passepartout tivera por um instante o medo de ter se enganado de navio. Mas se ele estava no Carnatic, era certo que seu patrão não se encontrava lá.

Passepartout deixou-se cair em uma poltrona. Isso era um balde de água fria. De repente, uma luz veio iluminar seu pensamento. Ele se lembrou de que o horário da partida do Carnatic havia sido adiantado, que ele devia ter advertido o seu patrão e que não o fizera! Portanto, era por sua culpa que Mr. Fogg e Mrs. Aouda haviam perdido o navio!

Sua culpa, sim, mas ainda mais daquele traidor, que o havia embriagado para separá-lo de seu patrão e reter este em Hong Kong! Pois ele havia finalmente compreendido a manobra do inspetor de polícia. E agora Mr. Fogg com certeza estava arruinado, com a aposta perdida, detido e talvez até mesmo preso! Ao pensar nisso, Passepartout arrancou os cabelos. Ah, se Fix caísse em suas mãos! Que belo acerto de contas!

Enfim, depois de um primeiro momento abatido, Passepartout recuperou seu sangue-frio e estudou a situação. Ela não era das melhores… O francês estava a caminho do Japão. Era certo que lá

chegaria, mas como poderia voltar para casa? Seus bolsos estavam vazios. Nenhum xelim, nenhum pêni! No entanto, sua passagem e suas refeições a bordo haviam sido pagas com antecedência. Ele tinha, portanto, cinco ou seis dias diante de si para tomar uma decisão. Impossível descrever o que ele comeu e bebeu durante essa travessia. Ele comeu pelo seu patrão, por Mrs. Aouda e por si mesmo. Ele comeu como se o Japão, onde ia aportar, fosse um país deserto e desprovido de qualquer matéria comestível.

No dia 13, à maré da manhã, o Carnatic entrava no porto de Yokohama.

Esse ponto é uma parada importante do Pacífico, onde fazem escala todos os *steamers* a serviço dos correios e dos viajantes entre a América do Norte, a China, o Japão e as ilhas da Malásia. Yokohama está situada na própria Baía de Yedo, a uma pequena distância dessa imensa cidade, a segunda capital do império japonês,[59] outrora residência do *taikun*,[60] no tempo em que esse imperador civil existia, e rival de Miyako,[61] a grande cidade onde mora o *mikado*,[62] imperador eclesiástico, descendente dos deuses.

O Carnatic atracou no cais de Yokohama, perto dos píeres do porto e das lojas da alfândega, em meio a numerosos navios pertencentes a todas as nações.

Passepartout, sem nenhum entusiasmo, pôs os pés na tão curiosa terra dos Filhos do Sol. Ele não tinha nada melhor a fazer do que aceitar o acaso como guia e se aventurar pelas ruas da cidade.

Primeiro, Passepartout encontrou-se em um centro velho absolutamente europeu, com casas de fachadas baixas e ornamentadas com varandas que performavam elegantes peristilos. Essas casas cobriam todo o espaço das ruas, das praças, das docas e dos entrepostos, desde o promontório do Tratado até o rio. Como em Hong Kong ou Calcutá, havia ali uma mistura de pessoas de todas as raças: americanos, ingleses, chineses e holandeses, mercadores prontos a tudo comprar ou vender, em meio aos quais o francês se encontrava tão perdido quanto se tivesse sido jogado no país dos hotentotes.[63]

Passepartout bem que tinha um recurso: apresentar-se junto aos agentes consulares franceses ou ingleses estabelecidos em Yokohama. Mas lhe repugnava contar a sua história, tão intimamente misturada à de seu patrão. Antes de chegar a isso, ele desejaria ter esgotado todas as outras possibilidades.

Assim, depois de ter percorrido a parte europeia da cidade sem que o acaso lhe tivesse servido, ele entrou na parte japonesa, decidido a ir até Yedo caso fosse necessário. Essa porção nativa de Yokohama chama-se Benten, por causa do nome de uma deusa do mar, cultuada nas ilhas vizinhas. Lá se viam admiráveis alamedas de pinheiros e cedros, portas sagradas de uma estranha arquitetura, pontes escondidas em meio a bambus e juncos, templos abrigados sob a cobertura imensa e melancólica de cedros seculares, monastérios no fundo dos quais vegetavam sacerdotes do budismo e seguidores da religião de Confúcio, além de ruas intermináveis, onde era possível encontrar uma porção de crianças de fronte rosada e bochechas vermelhas, pequenos homenzinhos que pareciam destacados de algum biombo nativo, e que brincavam em meio a cachorrinhos de pernas curtas e gatos amarelados, sem rabo, muito preguiçosos e muito meigos.

Nas ruas, havia apenas um formigueiro, um vai e vem incessante: monges passando em uma procissão e batendo em suas monótonas pandeiretas, *yakunins* – oficiais da alfândega ou da polícia – com chapéus pontudos envernizados e levando dois sabres à cintura, soldados vestidos de algodão azul com listras brancas e armados de fuzis, homens do exército do *mikado* ensacados em seu gibão de seda e sua cota de malha, além de vários outros militares de todos os tipos – pois no Japão a profissão de soldado é tão estimada quanto ela é desdenhada na China. E também pregadores, peregrinos em longas vestes e simples civis de cabelos lisos e negros como ébano, rosto redondo, tronco alongado, pernas magras, baixa estatura e frontes de cores que variavam das mais escuras nuances do cobre até um branco opaco, mas nunca amarelo como a dos chineses, dos quais os japoneses diferem em essência. Por fim, entre os carros, os palanquins, os cavalos, os carregadores, os carrinhos a vela, os *norimons* de paredes laqueadas e os *cangos* confortáveis – verdadeiras liteiras de bambu –, era possível ver circularem – a pequenos passos com seus pequenos pés calçados em sapatos de tecido, sandálias de palha ou tamancos de madeira trabalhada –
algumas mulheres pouco bonitas, com os olhos puxados, o busto reto e os dentes escurecidos ao gosto da moda, mas que portavam com elegância a vestimenta nacional, o *kirimon*, uma espécie de roupão amarrado com uma echarpe de seda, cujo largo cinto se fechava às costas com um extravagante nó – que as parisienses modernas parecem ter emprestado das japonesas.

Passepartout passeou durante algumas horas no meio dessa multidão heterogênea, olhando também para as curiosas e opulentas butiques; para os bazares onde se acumula todo o ornato da ourivesaria

japonesa; para os restaurantes ornamentados de bandeirolas e bandeiras, nos quais ele não podia entrar; para essas casas de chá onde se bebem xícaras cheias de água quente aromática e *saquê*, licor extraído do arroz fermentado; e para essas confortáveis tabacarias onde se fuma um tabaco muito fino, e não o ópio, cujo uso é quase desconhecido no Japão.

Depois Passepartout foi até o campo, no meio dos imensos arrozais. Ali desabrochavam camélias resplandecentes, com flores que lançavam suas últimas cores e seus últimos perfumes, e que estavam apoiadas não em arbustos, mas em árvores. Nos terrenos cercados de bambus havia cerejeiras, pessegueiros e macieiras, que os nativos cultivam mais por suas flores do que por seus frutos, e que espantalhos careteiros e engenhocas estridentes protegem contra o bico dos pardais, das pombas, dos corvos e de outras aves vorazes. Não havia um cedro majestoso que não abrigasse alguma grande águia, nem um salgueiro-chorão que não cobrisse com sua folhagem alguma garça melancolicamente empoleirada sobre uma pata. Enfim, por todo lado havia corvos, patos, gaviões, gansos selvagens e um grande número desses grous que os japoneses tratam de “Senhorias”, e que para eles simbolizam a longevidade e a felicidade.

Vagando assim, Passepartout viu algumas violetas entre a relva:

– Bom – ele disse –, aqui está a minha ceia.

Porém, ao cheirá-las, não sentiu nenhum perfume. “Estou sem sorte”, pensou.

Por certo, o honesto rapaz havia, por prevenção, comido tão copiosamente quanto pudera antes de deixar o Carnatic. Mas depois de um dia inteiro de passeio, sentiu um vazio em seu estômago. Ele bem que notara que ovelhas, cabras ou porcos absolutamente faltavam nas vitrines dos açougueiros nativos, e, como sabia que era um sacrilégio matar os bois, reservados unicamente às necessidades da agricultura, havia concluído que a carne vermelha era rara no Japão. Não estava enganado. Porém, na falta de carne de açougue, seu estômago teria se contentado com um pedaço de javali ou veado, com uma perdiz ou uma codorniz, com uma ave ou um peixe, dos quais os japoneses se alimentam quase exclusivamente, junto com os grãos do arrozal. Mas ele não podia desanimar, e postergou para o dia seguinte a preocupação de arranjar o que comer.

A noite caiu. Passepartout voltou à parte nativa da cidade e vagou pelas ruas em meio às lanternas multicoloridas, olhando os grupos de

saltimbancos que faziam seus prestigiosos números e os astrólogos que, ao ar livre, reuniam uma multidão em torno de suas lunetas. E então reviu a baía ornamentada com as luzes dos pescadores, que atraíam os peixes pelo clarão das resinas em chamas.

Enfim as ruas se despovoaram. À multidão sucederam as rondas dos *yakunins*. Esses oficiais, em seus magníficos uniformes e em meio à sua comitiva, pareciam embaixadores. A cada vez que reencontrava alguma dessas patrulhas deslumbrantes, Passepartout repetia brincando:

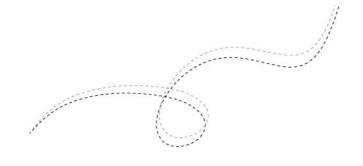
– Bom, mais uma embaixada japonesa está partindo para a Europa!

Yedo (ou ainda Edo ou Iedo) era o nome da atual cidade de Tóquio durante o poder do Xogunato Tokugawa, dinastia de militares denominados xóguns que governaram o Japão de 1603 a 1868 (N.T.).

Durante o Xogunato Tokugawa, *taikun* era um título diplomático atribuído ao soberano que não pertencia à linhagem imperial, isto é, aos xóguns que governavam o Japão (N.T.).

Miyako significa “capital” e se refere à atual cidade de Quioto. Foi a capital do Japão Imperial (N.T.).

Durante o Período Yedo, *mikado*, que significa literalmente “porta sublime”, era o título que designava o Imperador Japonês (N.T.).

Referência aos khoikhoi, grupo étnico nativo do sudoeste africano, chamados de “hotentotes” pelos colonizadores europeus (N.T.).

Capítulo 23

* * *

Em que o nariz de Passepartout cresce desmesuradamente

No dia seguinte, Passepartout, exausto e faminto, disse para si mesmo que precisava comer a qualquer preço, e que quanto mais cedo, melhor. Ele bem que tinha a possibilidade de vender o seu relógio, mas preferia morrer de fome. Era agora ou nunca que o bom rapaz poderia utilizar a voz – se não melodiosa, ao menos potente – com a qual a natureza lhe presenteara.

Ele conhecia algumas canções da França e da Inglaterra, e resolveu experimentá-las. Os japoneses certamente deviam ser amantes de música, pois tudo na terra deles se faz ao som dos címbalos, dos tantãs e dos tambores, e eles não podiam deixar de apreciar os talentos de um europeu virtuoso.

Mas talvez ainda fosse um pouco cedo para organizar uma apresentação, e os *dilettanti*,[64] caso fossem inesperadamente acordados, talvez não pagassem o cantor com aquela moeda em que se via o rosto do *mikado*…

Passepartout decidiu, então, esperar algumas horas. Ao caminhar, pensou que talvez estivesse bem vestido demais para um artista ambulante, e então teve a ideia de trocar suas roupas por uns trapos mais velhos e condizentes com a sua posição. Essa troca, aliás, produziria uma diferença da qual ele poderia imediatamente se servir para satisfazer seu apetite. Tendo tomado essa decisão, ele precisava executá-la. Somente depois de uma longa procura Passepartout descobriu um antiquário nativo, para quem expôs a sua oferta. As roupas europeias agradaram ao antiquário, e logo Passepartout saía

fantasiado com uma velha veste japonesa e vestido com uma espécie de turbante na cabeça, desbotado pela ação do tempo. Porém, em troca, algumas moedinhas tilintavam em seu bolso.

“Bom”, ele pensou, “vou imaginar que estamos em pleno carnaval!”.

A primeira preocupação de Passepartout, assim à japonesa, foi entrar em uma *tea house*[65] de aparência modesta. Ali almoçou um resto de ave e alguns punhados de arroz, feito um homem para quem o jantar ainda seria um problema a se resolver.

“Agora só não posso perder a cabeça”, disse para si mesmo depois de ter comido copiosamente. “Eu não tenho mais a possibilidade de vender estes panos velhos por outros ainda mais japoneses. Preciso, então, pensar em um meio de sair o mais rápido possível desta Terra do Sol, da qual só guardarei uma lamentável lembrança!”

Passepartout se lembrou, então, de ir até os paquetes que partiam para a América. Ele pensava em se oferecer como cozinheiro ou criado, pedindo como pagamento apenas a passagem e a alimentação. Uma vez em São Francisco, ele daria um jeito de se virar. O importante era atravessar esses sete mil e quinhentos quilômetros de Pacífico que se estendem entre o Japão e o Novo Mundo.

Não sendo de modo algum um homem que deixasse uma ideia morrer, Passepartout dirigiu-se ao porto de Yokohama. Mas, à medida que se aproximava das docas, o seu projeto, que lhe soara tão simples no momento em que tivera a ideia, parecia-lhe cada vez mais inexequível. Por que precisariam de um cozinheiro ou de um criado a bordo de um paquete americano? E que confiança ele, fantasiado de tal modo, poderia inspirar? De quais recomendações se servir? Quais referências indicar?

Enquanto refletia, seu olhar esbarrou em um imenso cartaz carregado pelas ruas de Yokohama por uma espécie de *clown*. Esse cartaz estava redigido, em inglês, do seguinte modo:

A trupe acrobática japonesa

do

Honorável William Batulcar

Últimas apresentações

antes da partida para os Estados Unidos da América

dos

Narigudos-Narigudos

sob a invocação direta do deus Tengu

Grande atração!

– Os Estados Unidos da América! – exclamou Passepartout. – É justamente disso que estou precisando!

Ele seguiu o homem-cartaz e, ao segui-lo, logo voltou para a parte japonesa da cidade. Quinze minutos mais tarde, ele entrava em uma palhoça coroada de bandeirolas, em cujas paredes externas estava desenhado – sem perspectiva, mas em cores vibrantes – um grupo de malabaristas.

Era o estabelecimento do honorável Batulcar, espécie de Barnum americano,[66] diretor de uma trupe de saltimbancos, malabaristas, *clowns*, acrobatas, equilibristas e ginastas que, de acordo com o cartaz, faziam suas últimas apresentações antes de deixar o Império do Sol rumo aos Estados da União.

Passepartout entrou sob o peristilo que precedia a palhoça, e perguntou por Mr. Batulcar. Mr. Batulcar apareceu em pessoa.

– O que o senhor quer? – disse a Passepartout, pensando que ele era um nativo.

– O senhor está precisando de um criado? – perguntou Passepartout.

– Um criado… – exclamou o Barnum, afagando a espessa barbicha grisalha que abundava em seu queixo. – Eu tenho dois, obedientes, fiéis, que nunca me abandonaram e que me servem a troco de nada, com a condição de que eu os alimente… Ali estão eles – acrescentou, exibindo seus dois braços robustos e marcados com veias grossas como as cordas de um contrabaixo.

– Então eu não posso lhe servir em nada?

– Em nada.

– Diabos! Mas partir com o senhor seria muito conveniente para mim!

– Ora essa! – disse o honorável Batulcar. – O senhor é tão japonês quanto eu sou um macaco! Por que está vestido desse jeito, então?

– A gente se veste como pode!

– Isso é verdade. O senhor é francês?

– Sou, um parisiense de Paris.

– Então deve saber fazer caretas, não?

– É claro! – respondeu Passepartout, contrariado de ver a sua nacionalidade provocar esse tipo de pergunta. – É verdade que nós, franceses, sabemos fazer caretas. Mas não melhor do que os americanos!

– Ótimo. Bom, se eu não o contrato como criado, posso contratá-lo como *clown*. O senhor entende, meu caro. Na França, exibem-se mímicos estrangeiros, e no estrangeiro, mímicos franceses!

– Ah!

– O senhor é forte, aliás?

– Principalmente quando acabo de sair da mesa.

– E sabe cantar?

– Sei – respondeu Passepartout, que já fizera algumas apresentações de rua.

– Mas o senhor sabe cantar de ponta-cabeça, com um pião girando na planta do pé esquerdo e um sabre equilibrado na planta do pé direito?

– Minha nossa! – respondeu Passepartout, que se lembrava dos primeiros números de sua mocidade.

– Veja bem, é que é disso que precisamos!

O negócio foi concluído *hic et nunc*.[67]

Passepartout finalmente encontrou um trabalho. Ele era contratado para fazer de tudo na célebre trupe japonesa. Isso era pouco lisonjeiro, mas antes de oito dias ele estaria a caminho de São Francisco.

Em três horas começaria a apresentação, anunciada pelo honorável Batulcar com muito barulho, e logo os formidáveis instrumentos de uma orquestra japonesa – tambores e tantãs – se puseram a bradar à porta. É fácil compreender que Passepartout não tenha podido estudar seu papel, mas ele devia fornecer o apoio de seus sólidos ombros no grande número da "pirâmide humana", executado pelos Narigudos do deus Tengu.[68] Essa era a *great attraction*[69] da apresentação, a que

encerraria a sequência dos números.

Antes das três horas, os espectadores haviam ocupado a vasta palhoça. Europeus e nativos, chineses e japoneses, homens, mulheres e crianças precipitavam-se em direção aos estreitos bancos e aos camarotes que ficavam de frente para o palco. Os músicos haviam tomado seus lugares, e a orquestra completa trabalhava com furor – gongos, tantãs, matracas, flautas, tamborins e grandes caixas.

Essa apresentação foi o que são todas as exibições de acrobatas. Mas é preciso admitir que os japoneses são os equilibristas número um do mundo.

Um deles, munido de seu leque e de pequenos pedaços de papel, executava o tão gracioso número das borboletas e das flores. Outro, com a fumaça odorante de seu cachimbo, traçava rapidamente no ar uma série de palavras azuladas que formavam um cumprimento dirigido à plateia. Aquele fazia malabares com velas acesas, que ele apagava sucessivamente quando elas passavam diante de seus lábios, para depois reacendê-las uma a uma, sem interromper por um único instante seu prestigioso malabarismo. Aquele outro, com seus piões giratórios, reproduzia as combinações mais inacreditáveis: em suas mãos, esses instrumentos barulhentos pareciam se animar de vida própria em meio aos seus intermináveis giros; eles corriam sobre hastes de cachimbo, gumes de sabre e fios de ferro – verdadeiros fios de cabelo estendidos de uma ponta à outra do palco; davam a volta em grandes vasos de cristal, subiam em escadas de bambu e dispersavam-se em todas as direções, produzindo efeitos harmônicos, embora estranhos, ao combinar suas diversas tonalidades. Os malabaristas brincavam com os piões, e estes rodavam no ar. Eles os lançavam como petecas, com raquetes de madeira, e os piões continuavam girando; enfiavam-nos em seus bolsos e, ao retirá-los, eles continuavam girando; até o momento em que uma mola, ao se distender, fazia-os eclodir como fogos de artifício.

Inútil descrever aqui os prodigiosos números dos acrobatas e ginastas da trupe. Os truques com escadas, varas, bolas e tonéis foram executados com uma notável precisão. Mas a principal atração da noite era a exibição dos Narigudos, impressionantes equilibristas que a Europa ainda desconhecia.

Esses Narigudos compunham uma associação singular que se encontrava sob a invocação direta do deus Tengu. Vestidos como arautos da Idade Média, eles portavam um esplêndido par de asas às costas. Mas o que os distinguia mais especialmente era o narigão com

o qual seu rosto era decorado, e sobretudo o uso que faziam dele. Esses narizes não eram nada menos que bambus de um metro e meio, um metro e oitenta, três metros de comprimento – alguns eram retos, outros, curvados; estes, lisos, aqueles, verrugosos. Ora, era sobre esses apêndices, fixados de um modo bem sólido, que eles faziam todos os seus números de equilíbrio. Uma dúzia desses seguidores do deus Tengu deitavam-se de costas enquanto seus companheiros vinham brincar sobre seus narizes eretos como para-raios, pulando e fazendo acrobacias de cima deste para cima daquele, executando os truques mais inacreditáveis.

Para encerrar, a pirâmide humana – em que uns cinquenta Narigudos representariam o Carro de Jaggernaut – havia sido especialmente anunciada ao público. Mas, em vez de formar essa pirâmide usando seus ombros como ponto de apoio, os artistas do honorável Batulcar só deviam se organizar sobre seus narizes. Ora, um daqueles que formavam a base do carro havia abandonado a trupe, e como para isso bastava ser forte e hábil, Passepartout fora escolhido para substituí-lo.

É claro que o digno rapaz ficou todo cabisbaixo quando – triste lembrança da juventude – vestiu a sua fantasia da Idade Média, ornamentada de asas multicoloridas, e um nariz de um metro e oitenta lhe foi incorporado ao rosto! Mas esse nariz era o seu ganha-pão, e no fim ele se resignou.

Passepartout entrou em cena e foi se juntar aos seus colegas com os quais devia figurar a base do Carro de Jaggernaut. Todos se deitaram no chão, seus narizes apontados em direção aos céus. Uma segunda fileira de equilibristas se acomodou sobre esses longos apêndices, uma terceira se sobrepôs acima desta, e então uma quarta. Sobre esses narizes que só eram tocados nas extremidades, um monumento humano logo se elevou até as frisas do teatro.

Os aplausos redobravam e os instrumentos da orquestra ressoavam como trovões quando, de repente, a pirâmide tremeu, o equilíbrio foi perdido, um dos narizes da base sumiu e o monumento desabou como um castelo de cartas.

A culpa era de Passepartout, que, abandonando seu posto, atravessou a rampa sem o auxílio de suas asas, subiu na galeria à direita e caiu aos pés de um espectador, gritando:

– Ah! Meu patrão! Meu patrão!

– *É o senhor?*

– Sou eu!

– Bom… Neste caso, vamos ao paquete, meu rapaz!

Mr. Fogg, Mrs. Aouda – que o acompanhava – e Passepartout correram pelos corredores para fora da palhoça. Mas ali encontraram o honorável Batulcar, furioso, que exigia perdas e danos pelo prejuízo. Phileas Fogg apaziguou a raiva dele jogando-lhe um punhado de *banknotes*. Às seis e meia, no próprio instante da partida, Mr. Fogg e Mrs. Aouda punham os pés no paquete seguidos de Passepartout, com as asas nas costas e o nariz de um metro e oitenta – que ele ainda não havia conseguido arrancar – preso ao rosto!

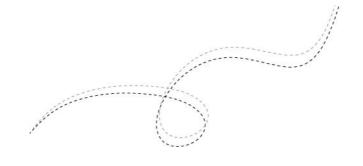
Em italiano no original, “amadores” (N.T.).

Em inglês no original, “casa de chá” (N.T.).

Referência a Phineas Taylor Barnum (1810-1891), *showman* e empresário estadunidense fundador do famoso circo *P.T. Barnum’s Grand Traveling Museum, Menagerie, Caravan, and Circus* (hoje *Ringling Bros e Barnum & Bailey Circus*), conhecido pela alcunha “*The Greatest Show on Earth*” (“o maior espetáculo da terra”) (N.T.).

Em latim, no original, “aqui e agora” (N.T.).

Figura mitológica japonesa que, segundo algumas tradições, apresenta forma humana, rosto vermelho e um grande nariz alongado (N.T.).

Em inglês no original, “grande atração” (N.T.).

Capítulo 24

* * *

Em que se realiza a travessia do Oceano Pacífico

O que acontecera em Xangai é simples compreender. Os sinais emitidos pela Tankadère haviam sido notados pelo paquete de Yokohama. O capitão, ao ver uma bandeira a meio-mastro, fora ao encontro da pequena escuna. Alguns instantes depois, Phileas Fogg, ao quitar sua travessia no valor combinado, colocava no bolso de John Bunsby quinhentas e cinquenta libras (treze mil setecentos e cinquenta francos). E então o honorável *gentleman*, Mrs. Aouda e Fix haviam subido a bordo do *steamer*, que imediatamente seguiu sua rota para Nagasaki e Yokohama.

Tendo chegado naquela mesma manhã, dia 14 de novembro, à hora prevista, Phileas Fogg deixou Fix resolver os seus negócios e subiu a bordo do Carnatic, onde descobriu, para a grande alegria de Mrs. Aouda – e talvez para a sua própria, embora ele não tenha deixado nada disso transparecer –, que o francês Passepartout de fato chegara em Yokohama na véspera.

Phileas Fogg, que naquele mesmo dia devia partir para São Francisco, foi imediatamente à procura de seu criado. Ele se dirigiu, mas em vão, aos agentes consulares franceses e ingleses. Depois de ter percorrido inutilmente as ruas de Yokohama e de já ter perdido a esperança de reencontrar Passepartout, o acaso, ou talvez uma espécie de pressentimento, fê-lo entrar na palhoça do honorável Batulcar. Ele certamente não teria reconhecido seu servente sob aquela excêntrica fantasia de arauto, mas este, na posição contrária, avistou seu patrão na galeria e não pôde impedir um movimento de seu nariz. Daí a perda do equilíbrio e tudo o que aconteceu em seguida.

Foi isso o que Passepartout escutou da própria boca de Mrs. Aouda, que lhe contou, então, como havia sido feita a travessia de Hong Kong a Yokohama, em companhia de um *sieur* Fix, na escuna chamada Tankadère.

Ao ouvir o nome de Fix, Passepartout não franziu o cenho. Ele achava que ainda não era o momento de contar ao seu patrão o que havia acontecido entre ele e o inspetor de polícia. Desse modo, na história que narrou de suas aventuras, Passepartout desculpou-se e acusou apenas a si mesmo por ter sido surpreendido pelo entorpecimento de ópio em um fumadouro de Yokohama.

Mr. Fogg escutou friamente essa história, sem responder. Depois, ofereceu ao seu criado um crédito suficiente para que este pudesse apresentar trajes mais convenientes a bordo. Com efeito, uma hora ainda não havia transcorrido quando o honesto rapaz, tendo cortado seu nariz e aparado suas asas, não portava mais nada que fizesse lembrar o seguidor do deus Tengu.

O paquete que fazia a travessia de Yokohama a São Francisco pertencia à companhia *Pacific Mail Steam* e se chamava General Grant. Era um grande *steamer* com rodas d'água, com capacidade de duas mil e quinhentas toneladas, bem equipado e dotado de uma grande velocidade. Um enorme balancim levantava-se e abaixava-se sucessivamente acima do convés. Em uma de suas extremidades articulava-se a haste de um pistão, e na outra, a de uma biela, que, ao transformar o movimento retilíneo em movimento circular, influía diretamente nos eixos das rodas d'água. O General Grant era aparelhado como uma escuna de três mastros e possuía uma grande superfície de velame, o que ajudava o vapor de forma muito potente. Caso mantivesse seus vinte quilômetros por hora, o paquete não precisaria de mais de vinte e um dias para atravessar o Pacífico. Portanto, Phileas Fogg estava autorizado a acreditar que, chegando em 2 de dezembro em São Francisco, estaria dia 11 em Nova York e dia 20 em Londres – conquistando, assim, com algumas horas de folga, a data fatal de 21 de dezembro.

Havia numerosos passageiros a bordo do *steamer*: ingleses, muitos americanos, uma verdadeira imigração de *coolies*[70] rumo à América e um certo número de oficiais do Exército das Índias, que usavam suas férias para dar a volta ao mundo.

Durante essa travessia não houve nenhum incidente náutico. O paquete balançava pouco, sustentado por suas rodas d'água e apoiado por seu forte velame. O Oceano Pacífico justificava suficientemente

seu nome. Mr. Fogg estava tão calmo e tão pouco comunicativo quanto de costume. Sua jovem companheira sentia-se cada vez mais ligada a esse homem por laços que iam além do reconhecimento. Essa natureza silenciosa, e no fim das contas tão generosa, a impressionava mais do que ela podia imaginar, e era quase sem saber que ela se deixava levar por sentimentos que, aparentemente, não influenciavam o enigmático Fogg de modo algum.

Além disso, Mrs. Aouda interessava-se prodigiosamente pelos projetos do *gentleman*. Ela se inquietava com as contrariedades que poderiam comprometer o sucesso da viagem. Com frequência, conversava com Passepartout, que não deixava de ler as entrelinhas do coração de Mrs. Aouda. O simpático rapaz agora nutria uma fé de carvoeiro por seu patrão, e não deixava de elogiar a honestidade, a generosidade e o devotamento de Phileas Fogg. E então ele tranquilizava Mrs. Aouda com relação ao prosseguimento da viagem, repetindo que o mais difícil já havia sido feito, que eles haviam saído daqueles países fantásticos da China e do Japão, que estavam retornando a regiões civilizadas e que, por fim, um trem de São Francisco a Nova York e um transatlântico de Nova York a Londres sem dúvidas bastariam para cumprir essa impossível volta ao mundo no prazo estipulado.

Nove dias depois de ter deixado Yokohama, Phileas Fogg havia percorrido a metade exata do globo terrestre.

Com efeito, em 23 de novembro, o General Grant passava pelo meridiano cento e oitenta – aquele que se encontra, no hemisfério austral, às antípodas de Londres. É verdade que, dos oitenta dias disponíveis, Mr. Fogg havia consumido cinquenta e dois, e só lhe restavam vinte e oito a empregar. Mas é preciso observar que, se o *gentleman* se encontrava na metade do caminho de acordo com a diferença dos meridianos, ele havia, na verdade, concluído mais de dois terços do percurso total. Que desvios haviam sido forçados entre Londres e Aden, Aden e Bombaim, Calcutá e Singapura, Singapura e Yokohama! Caso tivessem seguido o paralelo cinquenta, aquele de Londres, a distância teria sido, aproximadamente, de apenas dezenove mil quilômetros. No entanto, por causa dos caprichos dos meios de locomoção, Phileas Fogg era forçado a percorrer quase quarenta e dois mil quilômetros, dos quais ele já cumprira, na data de 23 de novembro, vinte e oito mil. Mas agora o caminho era reto e Fix não estava mais lá para criar obstáculos!

Nesse 23 de novembro, também aconteceu de Passepartout experimentar uma grande alegria. Lembremos que o cabeça-dura havia se obstinado a manter seu famoso relógio de família à hora de

Londres, considerando incorretas todas as horas dos países que atravessava. Ora, naquele dia, ainda que ele nunca tivesse atrasado ou adiantado o seu relógio, este se mostrou alinhado aos cronômetros a bordo.

É fácil imaginar o quanto Passepartout exultava. Ele bem que gostaria de saber o que Fix diria caso estivesse presente. “Esse patife que me contava um monte de histórias sobre os meridianos, o sol, a lua!”, repetia Passepartout para si mesmo. “Hã, essa gentinha! Que bela relojoaria seria feita caso fossem escutados! Eu tinha certeza de que o sol, mais dia ou menos dia, resolveria regular-se em relação ao meu relógio!”

Passepartout ignorava uma coisa: se o mostrador de seu relógio fosse dividido em vinte e quatro horas como os relógios italianos, ele não teria nenhuma razão para ficar feliz, pois, se fossem nove horas da manhã a bordo, os ponteiros de seu instrumento teriam indicado nove horas da noite, isto é, a vigésima primeira hora depois da meia-noite – diferença precisamente igual àquela que existe entre Londres e o meridiano cento e oitenta.

Mas se Fix fosse capaz de explicar esse efeito puramente físico, Passepartout, sem dúvidas, seria incapaz não de compreendê-lo, mas ao menos de admiti-lo. Em todo caso, supondo que o inspetor de polícia estivesse a bordo nesse momento, é provável que Passepartout, com razão rancoroso, tratasse com ele de um assunto bem diferente e de uma maneira bem diversa.

Ora, e onde estava Fix nesse momento?

Fix estava justamente a bordo do General Grant.

Com efeito, tendo chegado em Yokohama, o agente despediu-se de Mr. Fogg, o qual esperava reencontrar ao longo do dia, e dirigiu-se imediatamente ao escritório do cônsul inglês. Ali ele finalmente encontrou o mandado, que, correndo atrás dele desde Bombaim, já datava de quarenta dias – mandado que lhe havia sido expedido de Hong Kong no próprio Carnatic, a bordo do qual acreditavam que ele estava. É de se imaginar o desapontamento do detetive! O mandado se tornava inútil! O *sieur* Fogg já havia saído das colônias inglesas! Agora, para detê-lo, era necessário um ato de extradição!

“Tudo bem!”, disse Fix para si mesmo depois de um primeiro momento de cólera. “O mandado não me serve mais aqui, mas me servirá na Inglaterra. Esse pilantra volta para sua pátria achando que

despistou a polícia. Ótimo, vou segui-lo até o fim! Quanto ao dinheiro, Deus queira que ainda reste! Mas entre viagens, prêmios, processos, multas, elefante e despesas de todos os tipos, o homem já deixou em seu caminho mais de cinco mil libras. No fim das contas, o Banco é rico!”

Tendo tomado essa decisão, ele embarcou imediatamente no General Grant. Estava a bordo quando Mr. Fogg e Mrs. Aouda chegaram. Para a sua grande surpresa, reconheceu Passepartout sob seus trajes de arauto. Escondeu-se no mesmo instante em sua cabine, a fim de evitar uma explicação que poderia comprometer tudo – e graças ao número de passageiros, ele esperava passar totalmente despercebido de seu inimigo, quando naquele mesmo dia, porém, encontrou-se face a face com ele na proa do navio. Passepartout, sem qualquer explicação, pulou no pescoço de Fix e, para o grande prazer de certos americanos que imediatamente apostaram nele, infligiu ao pobre inspetor uma incrível sova, que demonstrou a grande superioridade do boxe francês em relação ao inglês.

Quando Passepartout terminou, ficou mais calmo e como que aliviado. Fix se levantou em um péssimo estado e, olhando para o seu adversário, disse-lhe friamente:

– Já acabou?

– Sim, por enquanto.

– Então vamos conversar.

– Conversar?!

– É do interesse de seu patrão.

Passepartout, como que subjugado por esse sangue-frio, seguiu o inspetor de polícia. Ambos se sentaram à proa do *steamer*.

– O senhor me socou, agora me escute – disse Fix. – Até aqui eu era o adversário de Mr. Fogg, mas agora entrei no jogo dele.

– Finalmente! – exclamou Passepartout. – O senhor acredita que ele seja um homem honesto?

– Não – respondeu Fix friamente –, eu acredito que ele seja um pilantra! Psiu! Não se mexa e deixe-me falar. Quando Mr. Fogg estava nas colônias inglesas, eu tinha interesse em segurá-lo enquanto esperava um mandado de prisão. Fiz de tudo para isso acontecer!

Mandei os sacerdotes de Bombaim no rastro dele, embriaguei o senhor em Hong Kong, separei-o de seu patrão, fiz com que ele perdesse o paquete de Yokohama…

Passepartout escutava com os punhos cerrados.

– Agora – continuou Fix –, parece que Mr. Fogg está voltando para a Inglaterra. Tudo bem, vou segui-lo. Mas a partir deste momento me empenharei em afastar os obstáculos do caminho dele, do mesmo modo como antes me empenhava em criá-los. O senhor está vendo que o meu jogo mudou, e ele mudou porque é de meu interesse. Inclusive, o interesse do senhor é parecido com o meu, pois é apenas na Inglaterra que poderá saber se está a serviço de um criminoso ou de um homem honesto!

Passepartout havia escutado Fix muito atentamente, e ficou convencido de que ele falava com uma absoluta boa-fé.

– Somos amigos? – perguntou Fix.

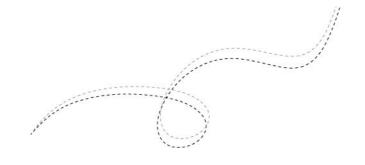
– Amigos, não – respondeu Passepartout –, aliados, e isso nem está garantido, pois ao menor sinal de traição, torço o seu pescoço.

– Combinado – disse tranquilamente o inspetor de polícia.

Onze dias depois, em 3 de dezembro, o General Grant entrava na Baía do Portão de Ouro[71] e chegava em São Francisco.

Mr. Fogg ainda não havia ganhado nem perdido um único dia.

Termo inglês que designava, em meados do século XIX, o trabalhador braçal asiá-tico (N.T.).

Referência à Baía de São Francisco, que se acessa pelo Estreito de Golden Gate (Portão de Ouro) (N.T.).

Capítulo 25

* * *

De quando se tem, em um dia de meeting*,*
uma breve visão de São Francisco

Eram sete horas da manhã quando Phileas Fogg, Mrs. Aouda e Passepartout puseram os pés no continente americano – se é possível, porém, dar um nome desses ao cais flutuante sobre o qual desembarcaram. Esses cais, subindo e descendo com a maré, facilitam o carregamento e o descarregamento dos navios. Ali atracam os *clippers*[72] de todas as dimensões, os *steamers* de todas as nacionalidades e esses *steamboats* de vários andares que operam no Sacramento e nos seus afluentes. Ali também atracam os produtos de um comércio que se estende ao México, ao Peru, ao Chile, ao Brasil, à Europa, à Ásia e a todas as ilhas do Oceano Pacífico.

Passepartout, na sua alegria de finalmente pisar em terras americanas, pensou que deveria realizar seu desembarque dando um salto perigoso e no mais belo estilo. Mas quando aterrissou no cais, cujas madeiras estavam podres, ele quase afundou em um buraco. Todo desconcertado por causa da maneira como "pisou" no novo continente, o honesto rapaz deu um grito formidável, que fez voar um inumerável bando de corvos-marinhos e pelicanos, hóspedes costumeiros dos cais movediços.

Assim que desembarcou, Mr. Fogg informou-se sobre a hora em que partiria o primeiro trem para Nova York. Seria às seis horas da tarde. Portanto, Mr. Fogg tinha um dia inteiro para usufruir na capital californiana. Ele pediu uma carruagem para ele e Mrs. Aouda. Passepartout sentou-se junto ao condutor, e o veículo, cobrando três dólares pela corrida, dirigiu-se ao *International Hotel*.

Do lugar elevado que ocupava, Passepartout observava com curiosidade a grande cidade americana: ruas largas, casas baixas e bem alinhadas, igrejas e templos em estilo gótico anglo-saxão, imensas docas e armazéns que pareciam palácios, alguns em madeira e outros em tijolo. Nas ruas, numerosas carruagens, bondes a cavalo e *cars* de *tramways*;[73] nas calçadas congestionadas, não apenas americanos e europeus, mas também chineses e indianos – enfim, gente suficiente para compor uma população de mais de duzentos mil habitantes.

Passepartout ficou bastante surpreso com o que via. Ele ainda estava na cidade legendária de 1849, a cidade dos bandidos, dos incendiários e dos assassinos afobados pela conquista das pepitas, imensa balbúrdia de todos os desclassificados, onde se esbanjava pó de ouro com um revólver em uma mão e uma faca na outra. Mas esse "belo tempo" já havia passado. São Francisco agora tinha o aspecto de uma grande cidade comercial. A grande torre da prefeitura, onde velam todas as sentinelas, dominava todo o conjunto de ruas e avenidas, decompondo-se em ângulos retos entre os quais se desenrolavam *squares*[74] verdejantes, além de um bairro chinês que parecia ter sido importado do Império Celestial em uma caixa de brinquedos. Não havia mais sombreiros, não havia mais camisas vermelhas à moda dos garimpeiros nem índios recobertos de penas, e sim chapéus de seda e ternos pretos usados por um grande número de *gentlemen* de vida exaustiva. Algumas ruas, entre as quais a *Montgommery Street* – como a *Regent Street* de Londres, o *Boulevard des Italiens* de Paris e a *Broadway* de Nova York –, estavam repletas de lojas esplêndidas, que ofereciam em suas vitrines produtos do mundo inteiro.

Quando Passepartout chegou no *International Hotel*, parecia que ele nunca havia saído da Inglaterra.

O andar térreo do hotel era ocupado por um imenso bar, espécie de *buffet* gratuito a todos os passantes. Carne-seca, sopa de ostra, biscoitos e chester eram oferecidos sem que o consumidor tivesse de abrir a carteira. Ele só devia pagar pela sua bebida – *ale*, porto ou xerez –, caso a imaginação o levasse a se refrescar. Isso pareceu "muito americano" a Passepartout.

O restaurante do hotel era confortável. Mr. Fogg e Mrs. Aouda instalaram-se em uma mesa e foram abundantemente servidos, em pratos liliputianos, por negras da mais bela cor negra.

Depois de almoçar, Phileas Fogg, acompanhado de Mrs. Aouda, saiu do hotel para se dirigir ao escritório do cônsul inglês a fim de visar o seu passaporte. Na calçada, encontrou seu criado, que lhe perguntou

se não seria prudente comprar algumas dúzias de carabinas Enfield ou revólveres Colt antes de seguirem pelo caminho de ferro do Pacífico. Passepartout tinha ouvido falar dos *sioux* e dos *pawnees*,[75] que param os trens como ladrões espanhóis. Mr. Fogg respondeu que isso era uma precaução inútil, mas deixou-o livre para agir como bem entendesse. Depois, dirigiu-se ao escritório do agente consular.

Phileas Fogg ainda não havia dado duzentos passos quando, "por uma grande coincidência", encontrou Fix. O inspetor mostrou-se extremamente surpreso. Como assim? Mr. Fogg e ele haviam atravessados o Pacífico juntos e não haviam se encontrado a bordo? Em todo caso, Fix estava muito honrado em rever o *gentleman* ao qual tanto devia, e, como as suas obrigações o requisitavam na Europa, ele ficaria encantado em prosseguir sua viagem em tão agradável companhia.

Mr. Fogg respondeu que a honra era toda dele, e Fix – que estava preocupado em não perdê-lo de vista – pediu-lhe a permissão de visitar a curiosa cidade de São Francisco junto com ele, o que foi aceito.

E eis que Mrs. Aouda, Phileas Fogg e Fix flanavam pelas ruas. Eles logo chegaram à *Montgommery Street*, onde havia uma grande afluência de populares. Nas calçadas, no meio da rua, nos trilhos dos *tramways* – apesar do trânsito incessante de *coaches*[76] e bondes a cavalo –, na soleira das butiques, nas janelas de todas as casas e até mesmo nos telhados havia uma incontável multidão. Homens-placa circulavam no meio dos grupos. Bandeiras e bandeirolas agitavam-se ao vento. Gritos eclodiam de todos os lados.

– Viva Kamerfield!

– Viva Mandiboy!

Era um *meeting*.[77] Pelo menos foi o que Fix pensou, e ele comunicou a Mr. Fogg sua impressão, acrescentando:

– Senhor, talvez fizéssemos bem em não nos misturar a essa confusão. Só pode ser um mau negócio...

– Com certeza! – respondeu Phileas Fogg. – E os socos, mesmo com motivação política, não deixam de ser socos!

Fix achou que devia dar risada ao ouvir essa observação. A fim de poderem observar a confusão sem se misturar a ela, Mrs. Aouda, Phileas Fogg e ele ocuparam um lugar no patamar superior de uma

escada que dava acesso a uma varanda situada acima da *Montgommery Street*. Diante deles, do outro lado da rua, entre o *wharf*[78] de um comerciante de carvão e a loja de um negociante de petróleo, desenvolvia-se uma grande assembleia a céu aberto, para a qual o fluxo da multidão parecia convergir.

Mas qual era o porquê desse *meeting*? A que assunto ele dizia respeito? Phileas Fogg ignorava totalmente essas questões. Será que se tratava da nomeação de um funcionário civil ou de um militar de alto escalão? De um governador do Estado ou de um membro do Congresso? Era possível supô-lo, em vista da animação extraordinária que arrebatava a cidade.

Nesse momento, uma confusão considerável se deu na multidão. Todas as mãos estavam levantadas. Algumas, solidamente fechadas, pareciam se erguer e se abaixar rapidamente em meio aos gritos – uma maneira sem dúvidas enérgica de manifestar um voto. Agitações sacudiam a massa, que ia para lá e para cá. As bandeiras oscilavam, desapareciam por um instante e reapareciam em frangalhos. As ondulações da multidão se propagavam até a escada, enquanto todas as cabeças encrespavam à superfície, como um mar subitamente remexido pela borrasca. A quantidade de chapéus pretos diminuía a olho nu, e a maioria deles parecia ter perdido o seu tamanho normal.

– Evidentemente é um *meeting* – disse Fix –, e a questão que o provocou deve ser instigante! Eu não ficaria nem um pouco surpreso se ainda se tratasse do caso Alabama, ainda que isso já tenha sido resolvido.

– Talvez – respondeu simplesmente Mr. Fogg.

– Em todo caso – retomou Fix –, é um combate entre dois paladinos: o honorável Kamerfield e o honorável Mandiboy.

Mrs. Aouda, de braço dado com Phileas Fogg, olhava surpresa para a cena tumultuosa. Fix ia perguntar a um de seus vizinhos a razão daquela efervescência popular quando, de repente, um movimento mais intenso se deu. Os urras, decorados com injúrias, redobraram. As hastes das bandeiras se transformaram em uma arma ofensiva. Nada de mãos, apenas punhos por todo lado. Do alto das carruagens e dos bondes que tiveram sua corrida interrompida, violentos socos eram trocados. Tudo servia de projétil. Botas e sapatos descreviam tensas trajetórias no ar, e parecia até mesmo que alguns revólveres misturavam suas detonações nacionais às vociferações da multidão.

A confusão aproximou-se da escada e subiu até os primeiros degraus. Um dos grupos de partidários havia sido claramente repelido, mas os meros espectadores eram incapazes de reconhecer se a vantagem era de Mandiboy ou de Kamerfield.

– Acho que seria prudente irmos embora – disse Fix, que não queria que o “seu homem” recebesse um golpe ou acabasse em um mau negócio. – Caso isso tudo seja uma questão da Inglaterra e nos reconheçam, ficaremos bem enroscados nessa briga!

– Um cidadão inglês… – respondeu Phileas Fogg.

Mas o *gentleman* não conseguiu terminar a sua frase. Atrás dele, da varanda que antecedia a escada, partiram urros assustadores. Gritavam: “Hip, hip, urra! Viva Mandiboy!”. Era uma trupe de eleitores que chegavam para ajudar e pegavam os partidários de Kamerfield de esguelha.

Mr. Fogg, Mrs. Aouda e Fix encontravam-se no meio do fogo cruzado. Era tarde demais para fugir. Impossível evitar essa torrente de homens munidos com armas de chumbo e cassetetes. Phileas Fogg e Fix, ao preservarem a jovem mulher, foram horrivelmente empurrados. Mr. Fogg, não menos fleumático do que de costume, quis se defender com as armas naturais que a natureza pôs nos braços de todo inglês, mas foi inútil. Um fortão enorme de barbicha ruiva, tez corada e ombros largos, que parecia ser o chefe do bando, levantou seu formidável punho na direção de Mr. Fogg, e ele teria machucado bastante o *gentleman* se Fix, sacrificando-se, não tivesse recebido o soco no lugar dele. Um enorme galo apareceu imediatamente sob o chapéu do detetive, que ficou parecendo um simples bonezinho.

– *Yankee*![79] – disse Mr. Fogg lançando ao seu adversário um olhar de profundo desprezo.

– *Englishman*![80] – respondeu o outro.

– Nós vamos nos reencontrar!

– Quando desejar. Qual é o nome do senhor?

– Phileas Fogg. E o do senhor?

– Coronel Stamp W. Proctor.

Dito isso, a maré baixou. Fix havia sido derrubado e se levantou, com suas roupas todas rasgadas, mas sem nenhum ferimento grave. Seu

paletó de viagem havia sido decomposto em duas partes desiguais, e sua calça parecia com esses calções sem fundilhos com os quais alguns indianos se vestem – coisas da moda. Porém, no fim, Mrs. Aouda fora poupada e apenas Fix recebera um único soco.

– Obrigado – disse Mr. Fogg ao inspetor assim que saíram do meio da multidão.

– Não tem de quê – respondeu Fix –, mas agora vamos.

– Aonde?

– Para uma loja de roupas.

De fato, essa visita era oportuna. As roupas de Phileas Fogg e de Fix estavam em frangalhos, como se os dois *gentlemen* tivessem brigado por Kamerfield ou Mandiboy.

Uma hora depois, eles estavam vestidos e penteados como convinha. Em seguida, voltaram ao *International Hotel*.

Passepartout lá esperava por seu patrão, armado com uma meia dúzia de revólveres de seis tiros e com fogo central. Quando viu Fix em companhia de Mr. Fogg, fechou a cara. No entanto, quando Mrs. Aouda contou em poucas palavras o que havia acontecido, Passepartout tranquilizou-se. Com certeza Fix não era mais um inimigo, e sim um aliado. Ele mantinha sua palavra.

O jantar terminado, chegou o *coach* que conduziria os viajantes e suas bagagens até a estação. No momento de subir no veículo, Mr. Fogg disse a Fix:

– O senhor não reviu o coronel Proctor?

– Não – respondeu Fix.

– Eu voltarei para a América para reencontrá-lo – disse friamente Phileas Fogg. – Não seria conveniente que um cidadão inglês se deixasse tratar desse modo.

O inspetor sorriu e não respondeu nada. Como se pode ver, Mr. Fogg era desse tipo de ingleses que, embora não tolerem duelos em seu país, brigam no estrangeiro quando se trata de sustentar sua honra.

Às seis horas e quarenta e cinco, os viajantes chegavam na estação e encontravam o trem pronto para partir.

No momento em que Mr. Fogg ia embarcar, avistou um funcionário e, aproximando-se dele, disse:

– Amigo, hoje houve alguns tumultos em São Francisco, não houve?

– Era um *meeting*, senhor – respondeu o funcionário.

– Mas eu pensei ter visto uma certa confusão nas ruas.

– Era simplesmente um *meeting* organizado para uma eleição.

– A eleição de um chefe de Estado, imagino – disse Mr. Fogg.

– Não, senhor, de um juiz de paz.

A essa resposta, Phileas Fogg subiu no vagão e o trem partiu a todo vapor.

Veleiros mercantes aparelhados com três mastros e conhecidos por sua alta velocidade, bastante usados nas rotas comerciais de meados do século XIX (N.T.).

Em inglês no original, “vagões” de “bondes” (N.T.).

Em inglês no original, “praças” (N.T.).

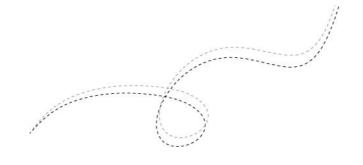
Povos indígenas norte-americanos. Os *sioux* ocupavam originalmente um espaço que compreende os atuais estados de Dakota, Minnesota e Iowa, enquanto os *pawnees* ocupavam os estados de Nebraska e Kansas (N.T.).

Em inglês no original, “carruagem” (N.T.).

Em inglês no original, “assembleia” (N.T.).

Em inglês no original, “desembarcadouro”, “cais” (N.T.).

Originalmente, palavra que designava o estadunidense oriundo do nordeste do país, também empregada na Guerra de Secessão (1861-1865) para se referir aos soldados federalistas ou nortistas (N.T.).

Em inglês no original, “homem inglês” (N.T.).

Capítulo 26

* * *

Em que eles tomam o trem expresso
da estrada de ferro do Pacífico

"*Ocean to Ocean*",[81] é o que dizem os americanos, e essas três palavras deveriam ser a denominação de todo o *grand trunk* que atravessa os Estados Unidos da América em sua maior extensão. Na verdade, o *Pacific Railroad* se divide em duas partes distintas: o *Central Pacific*, entre São Francisco e Ogden, e o *Union Pacific*, entre Ogden e Omaha. Ali se interligam cinco linhas distintas, que põem Omaha em constante comunicação com Nova York.

Assim, Nova York e São Francisco são atualmente reunidas por uma fita de metal ininterrupta, que não mede menos que seis mil e noventa e dois quilômetros. Entre Omaha e o Pacífico, a estrada de ferro atravessa uma região ainda frequentada por índios e feras – uma vasta extensão territorial que os mórmons começaram a colonizar por volta de 1845, depois que foram expulsos de Illinois.

Antigamente, nas circunstâncias mais favoráveis, eram necessários seis meses para ir de Nova York a São Francisco. Agora, levam-se apenas sete dias.

Foi em 1862 que o traçado do *railroad* foi delimitado entre os paralelos quarenta e um e quarenta e dois – apesar da oposição dos deputados do sul, que queriam uma linha mais meridional. O saudoso presidente Lincoln determinou em pessoa, no estado de Nebraska, na cidade de Omaha, o ponto de partida da linha da nova rede. As obras foram imediatamente iniciadas e levadas a cabo com esse proceder americano nem um pouco burocrático. A rapidez da mão de obra não

prejudicou, de modo algum, a boa execução da estrada de ferro. Na pradaria, avançavam a uma razão de dois quilômetros e meio por dia. Rolando sobre os trilhos da véspera, uma locomotiva levava os trilhos do dia seguinte, e corria sobre eles assim que eram colocados.

O *Pacific Railroad* semeia vários entroncamentos em seu percurso, nos estados de Iowa, Kansas, Colorado e Oregon. Ao sair de Omaha, ele ladeia a margem esquerda do Platte River[82] até a foz da ramificação norte, segue a ramificação sul, atravessa a região de Laramie e as montanhas Wahsatch, contorna o Lago Salgado, chega a Salt Lake City, a capital dos mórmons, embrenha-se no vale de Tooele, margeia o deserto americano, os montes Cédar e Humboldt, o Humboldt River e a Sierra Nevada, e finalmente desce por Sacramento até o Pacífico, sem que esse traçado ultrapasse, nas descidas íngremes, vinte metros por quilômetro, mesmo na travessia das Montanhas Rochosas.

Assim era essa longa artéria que os trens percorriam em sete dias, e que permitiria ao honorável Phileas Fogg tomar em Nova York, no dia 11, o paquete para Liverpool – ao menos era o que ele esperava.

O vagão ocupado por Phileas Fogg era uma espécie de bonde comprido que repousava sobre dois trens, cada um composto por quatro rodas, cuja mobilidade permitia vencer as curvas de raio pequeno. No interior, nada de compartimentos: duas fileiras de assentos dispostas de cada lado, perpendicularmente ao eixo, no meio das quais estava reservada uma passagem aos toaletes e a outros ambientes dos quais os vagões são providos. Em todo o comprimento do trem, os vagões se comunicavam entre si por passadiços e, assim, os viajantes podiam circular de uma extremidade à outra do comboio, que mantinha à sua disposição vagões-salão, vagões-terraço, vagões-restaurante e vagões-café. Faltavam apenas vagões-teatro, mas um dia eles também existirão.

Sobre os passadiços circulavam incessantemente comerciantes de livros e jornais, vendendo sua mercadoria no atacado, e vendedores de licores, alimentos e cigarros, que nunca deixavam de ter fregueses.

Os viajantes tinham partido da estação de Oakland às seis horas da tarde. Já estava escuro – era uma noite fria, sombria, com um céu encoberto de nuvens que ameaçavam desmanchar-se em neve. O trem não seguia muito rapidamente. Considerando as paradas, ele não percorria mais de trinta e dois quilômetros por hora, velocidade que lhe permitiria, mesmo assim, atravessar os Estados Unidos no tempo previsto.

Conversava-se pouco no vagão. Aliás, o sono logo tomaria os viajantes. Passepartout ocupava um lugar próximo ao inspetor de polícia, mas não lhe falava. Desde os últimos acontecimentos, a relação entre ambos havia esfriado perceptivelmente. Não havia mais simpatias ou intimidades. Fix não mudara em nada o seu modo de ser, mas Passepartout, ao contrário, mantinha-se em uma extrema reserva, prestes a estrangular seu ex-amigo à menor suspeita.

Uma hora depois da partida do trem, a neve caiu. Era uma neve fina, que felizmente não era capaz de atrasar o andamento do comboio. Através das janelas, não se via mais que um imenso lençol branco, sobre o qual o vapor da locomotiva, ao desenrolar suas espirais, parecia acinzentado.

Às oito horas, um *steward*[83] entrou no vagão e anunciou aos viajantes que a hora de dormir já havia soado. Esse vagão era um *sleeping-car*[84] e em poucos minutos foi transformado em dormitório. Os encostos dos bancos se desdobraram, cobertores cuidadosamente empacotados se desenrolaram por um sistema engenhoso, cabines foram improvisadas em alguns instantes e cada viajante logo teve à sua disposição uma cama confortável, protegida de qualquer olhar indiscreto por grossas cortinas. Os lençóis eram brancos, e os travesseiros, macios. Não havia nada mais a fazer além de se deitar e dormir – o que cada um fez como se estivesse na cabine confortável de um paquete –, enquanto o trem seguia a todo vapor pelo estado da Califórnia.

Nessa porção do território que se estende entre São Francisco e Sacramento, o solo é pouco acidentado. Essa parte do caminho de ferro, que tem o nome de *Central Pacific Road*, tomava Sacramento como ponto de partida e avançava rumo ao leste, ao encontro daquele trecho que partia de Omaha. De São Francisco à capital da Califórnia, a linha corria diretamente em direção nordeste margeando o American River, que desemboca na baía de San Pablo. Os cento e noventa quilômetros compreendidos entre essas duas importantes cidades foram transpostos em seis horas. Por volta da meia-noite, enquanto dormiam o seu primeiro sono, os viajantes passaram por Sacramento. Eles não viram, assim, nada dessa considerável cidade, sede do senado do estado da Califórnia: nem suas belas orlas, nem suas largas ruas, nem seus esplêndidos hotéis, nem seus *squares*, nem seus templos.

Ao sair de Sacramento, o trem, depois de ter passado pelas estações de Junction, Rocklin, Auburn e Colfax, embrenhou-se no maciço da Sierra Nevada. Eram sete horas da manhã quando atravessaram a estação de Cisco. Uma hora depois, o dormitório já voltara a ser um

vagão comum, e os viajantes puderam entrever pelos vidros os panoramas pitorescos do país montanhoso. O traçado do trem obedecia aos caprichos da Sierra: ora fincado nos flancos da montanha, ora suspendido acima dos precipícios, evitando os ângulos bruscos com curvas audaciosas e lançando-se em desfiladeiros estreitos e aparentemente sem saída. A locomotiva, brilhante como um relicário, com seu grande farol que lançava um forte clarão, seu sino prateado e seu limpa-trilhos pronunciado como uma espora, misturava seus apitos e rugidos àqueles das torrentes e das cascatas, contorcendo sua fumaça em meio à negra ramagem dos pinheiros.

Nenhum ou quase nenhum túnel ou ponte no percurso. O *railroad* contornava o flanco das montanhas sem tentar fazer o caminho mais curto com uma linha reta, e sem violentar a natureza.

Por volta de nove horas, através do vale do Carson, o trem adentrava o estado de Nevada, mantendo sempre a direção nordeste. Ao meio-dia saía de Reno, onde os viajantes tiveram vinte minutos para almoçar.

A partir desse ponto, a via férrea, margeando o Humboldt River e seguindo o seu curso, subiu alguns quilômetros rumo ao norte. Em seguida virou para o leste, e só deixaria o curso d'água depois de ter chegado ao Humboldt Range,[85] onde se encontra sua nascente, quase na extremidade oriental do estado de Nevada.

Depois de terem almoçado, Mr. Fogg, Mrs. Aouda e seus companheiros reocuparam seus lugares no vagão. Phileas Fogg, a jovem mulher, Fix e Passepartout, confortavelmente instalados, observavam a paisagem variada que passava diante de seus olhos – vastas pradarias, montanhas perfiladas no horizonte, *creeks*[86] rolando suas águas espumosas. Às vezes, um grande bando de bisões, agrupando-se ao longe, aparecia como se fosse uma barreira móvel. Esses inumeráveis exércitos de ruminantes com frequência constituem um obstáculo intransponível aos trens. Milhares desses animais já foram vistos desfilando durante longas horas, em fileiras espremidas, no meio do *railroad*. A locomotiva, nesses casos, é forçada a parar e esperar que a via volte a ser liberada.

Foi justamente o que aconteceu naquela ocasião. Por volta das três horas da tarde, uma manada de dez a doze mil cabeças obstruiu o *railroad*. A máquina, depois de ter moderado sua velocidade, tentou introduzir seu limpa-trilhos no flanco da imensa coluna, mas teve de parar diante da massa impenetrável.

Esses ruminantes – esses *buffalos*, como os americanos inapropriadamente os chamam – andavam assim com seu passo tranquilo, emitindo de tempos em tempos mugidos formidáveis. Eles tinham um tamanho maior do que o dos touros europeus, as pernas e o rabo curtos, a nuca saliente formando uma corcova muscular, os chifres afastados na base e a cabeça, o pescoço e os ombros recobertos por uma crina de longos pelos. Não se deve nem sonhar em impedir tal migração. Quando os bisões escolhem uma direção, nada pode bloquear ou modificar o seu rumo. É uma torrente de carne viva que nenhum dique poderia conter.

Os viajantes, dispersos nos passadiços, observavam esse curioso espetáculo. Mas aquele que deveria ser o mais apressado de todos, Phileas Fogg, havia permanecido em seu lugar e esperava calmamente que os búfalos resolvessem liberar a passagem. Passepartout estava furioso com o atraso que essa aglomeração de animais causava. Ele tinha vontade de descarregar seu arsenal de revólveres contra eles.

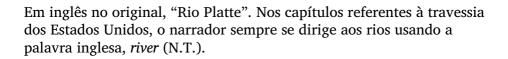
– Mas que país! – exclamou. – Simples bois fazem os trens pararem e ficam andando para lá e para cá, como em uma procissão e sem se apressar, como se não estivessem incomodando o trânsito! Minha nossa! Eu bem que gostaria de saber se Mr. Fogg havia previsto esse contratempo em sua programação! E esse maquinista, que não ousa jogar sua máquina em cima desse gado obstrutivo!

O maquinista não havia tentado passar por cima do obstáculo, e ele havia agido com prudência. Sem dúvidas, teria esmagado os primeiros búfalos atacados pelo limpa-trilhos da locomotiva. Porém, por mais potente que fosse, a máquina logo teria sido parada, um descarrilamento inevitavelmente teria acontecido e o trem teria ficado em apuros.

O melhor, então, seria esperar pacientemente, e depois arriscar recuperar o tempo perdido acelerando o andamento do trem. O desfile dos bisões durou três longas horas, e a via só ficou livre ao cair da noite. Nesse momento, as últimas fileiras da manada atravessavam os trilhos, enquanto as primeiras desapareciam no horizonte ao sul.

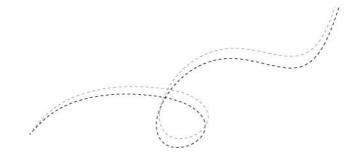
Eram oito horas quando o trem transpôs os desfiladeiros do Humboldt Ranges, e nove e meia quando adentrou no território de Utah, a região do Grande Lago Salgado, o curioso país dos mórmons.

Em inglês no original, “de Oceano para Oceano” (N.T.).

Em inglês no original, “Rio Platte”. Nos capítulos referentes à travessia dos Estados Unidos, o narrador sempre se dirige aos rios usando a palavra inglesa, *river* (N.T.).

Em inglês no original, “comissário de bordo” (N.T.).

Em inglês no original, “vagão-dormitório” (N.T.).

Em inglês no original, designa a cadeia de montanhas Humboldt (N.T.).

Em inglês no original, “riacho” (N.T.).

Capítulo 27

* * *

Em que Passepartout tem uma aula sobre a história dos mórmons a trinta e dois quilômetros por hora

Durante a noite de 5 para 6 de dezembro, o trem percorreu na direção sudeste um espaço de mais ou menos oitenta quilômetros. Depois subiu na mesma proporção na direção nordeste, aproximando-se do Grande Lago Salgado.

Por volta de nove horas da manhã, Passepartout foi tomar um ar nos passadiços. O tempo estava frio, e o céu, cinzento, mas não estava mais nevando. O disco do sol, ampliado pela bruma, parecia uma enorme moeda de ouro, e Passepartout ocupava-se em calcular o valor em libras esterlinas quando foi distraído dessa útil ocupação pela aparição de um estranho personagem.

Esse personagem, que havia tomado o trem na estação de Elko, era um homem alto, moreno, de bigode preto, meias pretas, chapéu de seda preto, colete preto, calça preta, gravata branca e luvas de couro de cachorro. Parecia um reverendo. Ele andava de uma extremidade à outra do trem e, à porta de cada vagão, colava com obreias um aviso escrito a mão.

Passepartout aproximou-se e leu em um desses avisos que o honorável *elder*[87] William Hitch, missionário mórmon, aproveitando que estava presente no trem número 48, faria das onze horas ao meio-dia, no carro número 117, uma palestra sobre o mormonismo – convidando a ouvi-la todos os *gentlemen* preocupados em se instruir sobre a religião dos Santos dos Últimos Dias.

“Com certeza irei”, disse Passepartout para si mesmo. Ele praticamente só conhecia do mormonismo seus hábitos polígamos, base da sociedade mórmon.

A novidade se espalhou rapidamente pelo trem, que carregava uma centena de viajantes. Desse total, pelo menos trinta, atraídos pela isca da palestra, ocupavam às onze horas as banquetas do carro número 117. Passepartout figurava na primeira fileira de fiéis. Nem seu patrão nem Fix se incomodaram em comparecer.

À hora dita, o *elder* William Hitch se levantou e exclamou com uma voz bastante irritada, como se tivesse sido antecipadamente contrariado:

– Eu vos digo que Joe Smyth é um mártir, que seu irmão Hyram é um mártir e que as perseguições do governo da União contra os profetas também vão fazer de Brigham Young um mártir! Quem ousaria defender o contrário?

Ninguém se arriscou a contradizer o missionário, cuja exaltação contrastava com sua fisionomia naturalmente calma. Mas sua cólera sem dúvidas se explicava pelo fato de que o mormonismo estava sendo submetido a duras provas. De fato, o governo dos Estados Unidos acabara de reduzir, não sem dificuldades, a quantidade desses fanáticos independentes. Ele assumira o controle de Utah e o submetera às leis da União, depois de ter encarcerado Brigham Young, acusando-o de revolta e poligamia. Desde esse episódio, os discípulos do profeta redobravam seus esforços e, enquanto esperavam os atos, resistiam pela palavra às pretensões do Congresso.

Como se vê, *elder* William Hitch exercia seu proselitismo até mesmo nas estradas de ferro.

Ele contou, tornando a narrativa passional pelas explosões de sua voz e a violência de seus gestos, a história do mormonismo desde os tempos bíblicos: como, em Israel, um profeta mórmon da Tribo de José publicou os anais da nova religião e os legou a seu filho Morôni; como, muitos séculos depois, uma tradução desse precioso livro, escrito em caracteres egípcios, foi feita por Joseph Smyth Junior, que se revelou um profeta místico em 1825; como, enfim, um mensageiro celeste lhe apareceu em uma floresta luminosa e entregou-lhe os anais do Senhor.

Nesse momento, alguns ouvintes pouco interessados pela narrativa retrospectiva do missionário saíram do vagão. Mas William Hitch,

continuando, contou como Smyth Junior, reunindo seu pai, seus dois irmãos e alguns discípulos, fundou a religião dos Santos dos Últimos Dias – religião adotada não apenas na América, mas também na Inglaterra, na Escandinávia e na Alemanha, e que conta, dentre os seus fiéis, com artesãos e um certo número de profissionais liberais; como uma colônia foi fundada em Ohio; como um templo foi erguido ao custo de duzentos mil dólares e uma cidade foi construída em Kirkland; como Smyth se tornou um banqueiro audacioso e recebeu de um simples exibidor de múmias um papiro que continha uma história escrita pelo próprio punho de Abraão e por outros egípcios célebres.

Tendo essa história se tornado um pouco longa, as fileiras de ouvintes continuavam rareando e o público não se compunha de mais do que umas vinte pessoas.

Mas o *elder*, sem se inquietar com essa deserção, contou em detalhes como Joe Smyth entrou em bancarrota em 1837; como seus acionistas arruinados o revestiram de alcatrão e o rolaram nas penas; como, alguns anos depois, durante a Independência, em Missouri, ele foi visto mais honorável e honrado do que nunca, sendo o chefe de uma comunidade florescente que não contava com menos de três mil discípulos, e então, perseguido pelo ódio dos gentios, teve de desaparecer no Far West americano.

Dez ouvintes ainda estavam lá, dentre eles o honesto Passepartout, que escutava muito atentamente. Foi assim que ele aprendeu como, depois de longas perseguições, Smyth reapareceu em Illinois e fundou às margens do Mississipi, em 1839, Nauvoo la Belle, cuja população atingiu vinte e cinco mil almas; como Smyth se tornou o prefeito, o juiz supremo e o general-chefe da cidade; como, em 1843, ele se candidatou à presidência dos Estados Unidos e como, por fim, atraído por uma emboscada em Carthage, foi jogado na prisão e assassinado por um bando de homens mascarados.

Nesse momento, Passepartout estava absolutamente sozinho no vagão, e o *elder*, olhando-o nos olhos, fascinando-o com suas palavras, contou-lhe que, dois anos após o assassinato de Smyth, seu sucessor, o inspirado profeta Brigham Young, abandonou Nauvoo e veio se estabelecer às margens do Lago Salgado. Ali, naquele admirável território e no meio daquela fértil região, no caminho dos imigrantes que atravessam Utah para chegar à Califórnia, a nova colônia adquiriu uma extensão enorme graças aos princípios polígamos do mormonismo.

– E é por isso – acrescentou William Hitch –, é por isso que a inveja do

Congresso se inflou contra nós! É por isso que os soldados da União revolveram o solo de Utah! É por isso que o nosso mestre, o profeta Brigham Young, foi aprisionado em detrimento de qualquer justiça! Se vamos ceder à força? Jamais! Expulsos de Vermont, expulsos de Illinois, expulsos de Ohio, expulsos do Missouri e expulsos de Utah, ainda encontraremos algum território independente onde levantaremos nosso acampamento. E o senhor, meu fiel – acrescentou o *elder* fixando um olhar colérico em seu único ouvinte –, levantará o seu acampamento à sombra de nossa bandeira?

– Não – respondeu bravamente Passepartout, que foi embora e deixou o pregador energúmeno sozinho.

Durante essa palestra, o trem havia seguido rapidamente e, por volta de meio-dia e meia, alcançava a ponta noroeste do Grande Lago Salgado. Dali era possível visualizar, em um vasto perímetro, o aspecto desse mar interiorano que também tem o nome de Mar Morto e no qual desemboca o Jordão da América. Um lago admirável, enquadrado por belas rochas selvagens, em forma de estratos e encrustadas de sal branco. Um maravilhoso lençol de água que antigamente cobria um espaço mais considerável. Porém, com o tempo, as suas margens, subindo pouco a pouco, reduziram sua superfície e aumentaram sua profundidade.

O Lago Salgado, com um comprimento de mais ou menos cento e doze quilômetros e uma largura de cinquenta e seis, situa-se a mil cento e cinquenta metros em relação ao nível do mar. Bem diferente do Lago Asfaltite,[88] cuja depressão acusa trezentos e sessenta e cinco metros, sua salinidade é considerável e suas águas contêm um quarto de seu peso em matéria sólida dissolvida. O peso específico de ambos é de mil cento e setenta, enquanto o da água destilada é de mil. Desse modo, os peixes não têm como viver ali, e todos aqueles que o Jordão, o Weber e outros *creeks* lá jogam logo morrem. Mas não é verdade que a densidade de suas águas seja tal que um homem não possa mergulhar.

Em torno do lago, o campo era admiravelmente cultivado, pois os mórmons se dedicam aos trabalhos da terra: ranchos e currais para animais domésticos, campos de trigo, milho e sorgo, pradarias exuberantes, cercas de roseiras selvagens e buquês de acácias e eufórbias por todo lado. Tal seria a aparência daquela região seis meses mais tarde, mas nesse momento o solo desaparecia sob uma fina camada de neve, que o polvilhava suavemente.

Às duas horas os viajantes desciam na estação de Ogden. O trem só

partiria às seis horas, e assim Mr. Fogg, Mrs. Aouda e seus companheiros tiveram tempo de ir até a Cidade dos Santos pegando a pequena ramificação que parte da estação de Ogden. Duas horas bastavam para visitar essa cidade absolutamente americana e, como tal, construída segundo o padrão de todas as cidades da União: grandes tabuleiros de xadrez de linhas compridas e frias, com a “tristeza lúgubre dos ângulos retos”, para usar a expressão de Victor Hugo. O fundador da Cidade dos Santos não podia fugir dessa necessidade de simetria que distingue os anglo-saxões. Nesse país singular, onde os homens certamente não estão à altura de suas instituições, tudo se faz de um jeito quadrado: as cidades, as casas e as asneiras.

Assim, às três horas, os viajantes passeavam pelas ruas da cidade, edificada entre a margem do Rio Jordão e as primeiras ondulações dos Montes Wahsatch. Eles mal viram igrejas, mas, à guisa de monumentos, havia a casa do profeta, a *Courthouse*[89] e o arsenal. E também casas de tijolos azulados com jardins de inverno e galerias, contornadas por jardins e rodeadas por acácias, palmeiras e alfarrobeiras. Um muro de argila e pedregulhos, construído em 1853, cingia a cidade. Na rua principal, onde acontecia a feira, elevavam-se alguns hotéis ornamentados de pavilhões, dentre eles o *Lake Salthouse*.

Mr. Fogg e seus companheiros não acharam que a cidade era muito povoada. As ruas estavam quase desertas – exceto, porém, pela parte do Templo, à qual só chegaram depois de terem atravessado vários quarteirões rodeados de paliçadas. Havia muitas mulheres, o que se explica pela composição singular das famílias mórmons. Não se deve pensar, contudo, que todos os mórmons sejam polígamos. São livres, mas é preciso notar que são sobretudo as cidadãs de Utah que desejam ser esposadas, pois, segundo essa religião, o céu mórmon não admite de modo algum que as celibatárias do sexo feminino gozem da bem-aventurança. Essas pobres criaturas não parecem nem abastadas nem felizes. Algumas delas, sem dúvidas mais ricas, vestiam paletós de seda preta entreabertos, sob um lenço ou um xale bem modesto. As outras vestiam apenas chita.

Passepartout, como um rapaz convicto, olhava com um certo espanto para essas mulheres mórmons encarregadas de garantir, em muitas, a felicidade de um único mórmon. Em seu bom senso, era do marido que ele sentia pena. Parecia-lhe terrível ter de guiar tantas damas ao mesmo tempo através das vicissitudes da vida, de conduzi-las em grupo até o paraíso mórmon, com a perspectiva de reencontrá-las para toda a eternidade na companhia do glorioso Smyth, que ornamentaria esse lugar das delícias. Decididamente, ele não sentia em si mesmo tal

vocação e tinha a impressão – talvez abusava um pouco em pensar isso – de que as cidadãs de Great Lake City lançavam sobre sua pessoa alguns olhares um tanto inquietantes.

Felizmente, sua estadia na Cidade dos Santos não se prolongaria. Faltando poucos minutos para as quatro, os viajantes voltaram à estação e reocuparam seus lugares nos vagões.

O apito soou. Mas, no momento em que as rodas motrizes da locomotiva, deslizando sobre os trilhos, começavam a imprimir ao trem uma certa velocidade, ressoaram gritos de “Parem! Parem!”.

Não se para um trem em movimento. O *gentleman* que proferia esses gritos evidentemente era um mórmon atrasado. Ele corria até perder o fôlego. Para sua sorte, a estação não tinha portas nem grades. Então ele se jogou na via, pulou no estribo do último carro e caiu esbaforido em um dos bancos do vagão.

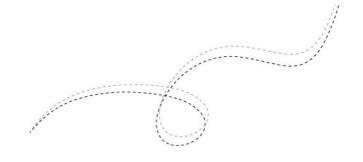
Passepartout, que havia seguido com emoção os incidentes desse malabarismo, foi contemplar o retardatário, pelo qual se interessava bastante. Então, soube que esse cidadão de Utah havia fugido após uma cena doméstica.

Quando o mórmon retomou o fôlego, Passepartout se aventurou a lhe perguntar polidamente quantas mulheres ele tinha só para ele – e, do modo como este acabava de zarpar, ele supunha pelo menos umas vinte.

– Uma, cavalheiro! – respondeu o mórmon erguendo os braços para o céu. – Só uma, e isso já basta!

Em inglês no original, “ancião” (N.T.).

Nome também dado ao Mar Morto (N.T.).

Em inglês no original, “Tribunal de Justiça” (N.T.).

Capítulo 28

* * *

Em que Passepartout não consegue
fazer ouvir a voz da razão

Ao partir de Great Salt Lake e da estação de Ogden, o trem subiu durante uma hora na direção norte até o Weber River, tendo transposto mais ou menos mil quatrocentos e cinquenta quilômetros desde São Francisco. A partir desse ponto, retomou a direção leste através do maciço acidentado dos Montes Wahsatch. É nessa parte do território, compreendida entre essas montanhas e as Montanhas Rochosas propriamente ditas, que os engenheiros americanos enfrentaram as maiores dificuldades. Desse modo, neste percurso, a subvenção do governo da União elevou-se a quarenta e oito mil dólares por milha, enquanto era de apenas dezesseis mil dólares nos trechos planos. Mas os engenheiros, como já foi dito, não violentaram a natureza, e foram habilidosos ao superar as dificuldades. Para chegarem à grande bacia, um único túnel de quatrocentos e vinte metros foi escavado em todo o percurso do *railroad*.

Era no próprio Lago Salgado que o traçado havia atingido, até então, sua mais alta cota de altitude. A partir desse ponto, seu perfil descrevia uma curva bastante alongada, abaixando-se rumo ao vale do Bitter Creek para voltar a subir até o ponto divisor de águas entre o Atlântico e o Pacífico. Havia muitos rios naquela região montanhosa. Foi preciso atravessar o Muddy, o Green e alguns outros por cima de pontilhões. Passepartout ficava mais impaciente à medida que se aproximava do destino. Fix, por sua vez, há tempos desejava já ter ido embora daquela região difícil. Ele temia os atrasos, recea-va os acidentes e tinha mais pressa do que o próprio Phileas Fogg de pôr os pés em terras inglesas!

Às dez da noite o trem parou na estação de Fort Bridger, da qual saiu quase imediatamente, e trinta quilômetros adiante entrava no estado de Wyoming, o antigo Dakota – seguindo todo o vale do Bitter Creek, de onde escoa uma parte das águas que compõem o sistema hidrográfico do Colorado.

No dia seguinte, 7 de dezembro, fizeram uma parada de quinze minutos na estação de Green River. A neve havia caído abundantemente durante a madrugada, porém, misturada à chuva e meio derretida, ela não podia prejudicar o andamento do trem. Contudo, esse mau tempo não deixava de inquietar Passepartout, pois a acumulação de neve, enlameando as rodas dos vagões, certamente poderia comprometer a viagem.

"Mas que ideia meu patrão teve de viajar durante o inverno!", disse para si mesmo. "Será que ele não podia esperar a boa estação para aumentar suas chances?"

Mas, enquanto o honesto rapaz só se preocupava com o estado do céu e a queda da temperatura, Mrs. Aouda sentia temores mais intensos, que provinham de uma causa totalmente distinta.

Com efeito, alguns viajantes haviam descido de seus vagões e passeavam na plataforma da estação de Green River enquanto aguardavam a partida do trem. Ora, através dos vidros, a jovem mulher reconheceu no meio deles o coronel Stamp W. Proctor, aquele americano que se comportara tão grosseiramente com Phileas Fogg durante o *meeting* de São Francisco. Mrs. Aouda, não querendo ser vista, jogou-se para trás.

Essa circunstância impressionou bastante a jovem mulher. Ela se sentia ligada a esse homem que, por mais frio que fosse, a cada dia lhe dava provas da mais absoluta dedicação. Sem dúvidas, ela não entendia toda a profundidade do sentimento que seu salvador lhe inspirava, e a esse sentimento ainda só dava o nome de reconhecimento. Porém, sem que soubesse, havia algo além. Dessa forma, seu coração ficou apertado quando ela reconheceu o grosseiro personagem cuja conduta Mr. Fogg desejava mais cedo ou mais tarde questionar. Evidentemente, apenas o acaso colocara o coronel Proctor naquele trem, mas no fim ele estava lá, e era preciso impedir a qualquer preço que Phileas Fogg visse o seu adversário.

Quando o trem retomou o movimento, Mrs. Aouda aproveitou um momento em que Mr. Fogg dormitava para pôr Fix e Passepartout a par da situação.

– Aquele Proctor está no trem! – exclamou Fix. – Bom, tenha certeza disto, madame, antes de lidar com o *sieur*… com Mr. Fogg, ele terá de lidar comigo! Nessa história toda, acho que fui eu que recebi os insultos mais graves!

– Além do mais – acrescentou Passepartout –, eu me encarrego dele, por mais coronel que ele seja.

– Senhor Fix – retomou Mrs. Aouda –, Mr. Fogg não deixará ninguém vingá-lo em seu lugar. Ele disse que seria um homem capaz de voltar à América para reencontrar esse insultador. Se ele vir o coronel Proctor, nós não conseguiremos impedir um encontro que pode trazer resultados deploráveis. Ele não deve vê-lo.

– A senhora tem razão, madame – respondeu Fix –, um encontro poderia pôr tudo a perder. Vencedor ou vencido, Mr. Fogg se atrasaria e…

– E isso beneficiaria os *gentlemen* do Reform Club – acrescentou Passepartout. – Em quatro dias estaremos em Nova York. Bom, se em quatro dias meu patrão não sair de seu vagão, podemos esperar que o acaso não o coloque face a face com esse maldito americano. Que Deus ajude! Ora, saberemos bem como impedir isso…

A conversa foi suspensa. Mr. Fogg havia acordado e olhava o campo através do vidro salpicado de neve. Mais tarde, sem ser ouvido por seu patrão e por Mrs. Aouda, Passepartout disse ao inspetor de polícia:

– É verdade que o senhor duelaria por ele?

– Eu faria de tudo para conduzi-lo vivo até a Europa! – respondeu simplesmente Fix com um tom que revelava um desejo implacável.

Passepartout sentiu uma espécie de arrepio percorrer seu corpo. Mas suas convicções a respeito de seu mestre não enfraqueceram.

E agora? Haveria um meio qualquer para reter Mr. Fogg no compartimento e prevenir qualquer encontro entre ele e o coronel? Isso não seria difícil, já que o *gentleman* tinha uma natureza pouco inquieta e curiosa. Em todo caso, o inspetor de polícia acreditou ter encontrado um meio, pois, alguns instantes mais tarde, disse a Phileas Fogg:

– São muito longas e lentas essas horas que passamos na estrada de ferro, não é mesmo, senhor?

– Realmente, mas elas passam – respondeu o *gentleman*.

– A bordo dos paquetes, o senhor tinha o costume de jogar *whist*? – retomou o inspetor.

– Tinha, mas aqui isso seria difícil – respondeu Phileas Fogg. – Eu não tenho baralho nem parceiros.

– Ah! O baralho será fácil de encontrar. Vende-se de tudo nos vagões americanos. Quanto aos parceiros, se por um acaso a madame…

– Com certeza conheço o *whist*, senhor – respondeu vivamente a jovem mulher. – Isso faz parte da educação inglesa.

– Quanto a mim – retomou Fix –, ouso dizer que jogo bem esse jogo. Ora, nós três e um morto…[90]

– Como quiser, cavalheiro – respondeu Phileas Fogg, encantado de retomar o seu jogo favorito, mesmo em uma estrada de ferro.

Passepartout apressou-se em procurar o *stewart* e logo voltou com dois baralhos completos, além de fichas e uma prancheta revestida de feltro. Não faltava nada. O jogo começou. Mrs. Aouda conhecia *whist* o bastante, e até chegou a receber alguns elogios do severo Phileas Fogg. Quanto ao inspetor, ele simplesmente tinha muita habilidade e era um digno oponente do *gentleman*.

“Agora o pegamos”, disse Passepartout para si mesmo, “ele não vai mais se mexer!”.

Às onze horas da manhã, o trem havia chegado ao ponto divisor de águas dos dois oceanos. Era em Bridger Pass, a uma altura de dois mil duzentos e noventa e três metros em relação ao nível do mar, um dos mais altos pontos tocados pelo traçado que atravessa as Montanhas Rochosas. Depois de aproximadamente trezentos e vinte quilômetros, os viajantes finalmente se encontrariam nas longas planícies que se estendem até o Atlântico, e que a natureza tornava tão propícias a uma via férrea. Na encosta da bacia atlântica já se desenrolavam os primeiros rios, afluentes ou subafluentes do North Platte River. Todo o horizonte norte e leste estava encoberto por essa imensa cortina semicircular que compõe a porção setentrional das Rocky Mountains,[91] dominada pelo pico de Laramie. Entre essa curvatura e a estrada de ferro, estendiam-se vastas planícies amplamente irrigadas. À direita do *railroad* se sobrepunham as primeiras rampas do maciço montanhoso que se desdobra até a nascente do rio Arkansas, um dos grandes tributários do Missouri.

Ao meio-dia e meia, os viajantes entreviram por um instante o Forte Halleck, que protege aquela área. Mais algumas horas e a travessia das Montanhas Rochosas estaria completa. Esperava-se, portanto, que nenhum incidente assinalasse a passagem do trem por essa difícil região. A neve havia parado de cair. Começava a fazer um frio seco. Grandes pássaros, assustados pela locomotiva, fugiam para longe. Nenhuma fera – urso ou lobo – aparecia na planície. Era o deserto em sua imensa nudez.

Depois de um almoço bem confortável servido no próprio vagão, Mr. Fogg e seus parceiros haviam acabado de recomeçar seu interminável *whist* quando, de repente, violentos apitos foram ouvidos. O trem parou.

Passepartout colocou a cabeça para fora da porta e não viu nada que pudesse ter motivado essa parada. Nenhuma estação estava à vista.

Por um instante, Mrs. Aouda e Fix tiveram receio de que Mr. Fogg pensasse em descer até a via. Mas o *gentleman* se contentou em dizer ao seu criado:

– Vá ver o que aconteceu, então.

Passepartout saiu do vagão. Uns quarenta viajantes já tinham levantado de seus lugares, entre eles, o coronel Stamp W. Proctor.

O trem estava parado diante de um sinal vermelho, que barrava a circulação. O maquinista e o condutor, tendo descido, discutiam intensamente com um guarda-linha que havia sido enviado ao trem pelo chefe da estação de Medicine Bow, a próxima estação. Alguns viajantes haviam se aproximado e participavam da discussão – dentre eles o referido Proctor, com sua voz alta e seus gestos imperativos.

Tendo se juntado ao grupo, Passepartout ouviu o guarda-linha dizer:

– Não! Não existe nenhum jeito de passar! A ponte de Medicine Bow está muito frágil e não suportaria o peso do trem.

A ponte em questão era uma ponte suspensa acima de uma corredeira, a mais ou menos um quilômetro do lugar onde o comboio havia parado. Nos dizeres do guarda-linha, ela ameaçava ruir, vários de seus fios estavam rompidos e era impossível arriscar atravessá-la. Portanto, o guarda-linha não exagerava de modo algum ao afirmar que não se podia passar. Aliás, com os hábitos negligentes dos americanos, pode-se dizer que, quando eles resolvem ser prudentes, seria loucura não sê-lo.

Passepartout, sem ousar ir advertir seu patrão, escutava com os dentes cerrados e imóvel como uma estátua.

– Essa é boa! – exclamou o coronel Proctor. – Imagino que nós não vamos ficar aqui criando raízes na neve!

– Coronel – respondeu o condutor –, nós telegrafamos para a estação de Omaha para pedir um trem, mas não é provável que ele chegue em Medicine Bow antes das seis horas.

– Seis horas! – exclamou Passepartout.

– Sem dúvidas – respondeu o condutor. – Aliás, esse é o tempo necessário para chegarmos à estação a pé.

– A pé?! – exclamaram todos os viajantes.

– Mas a que distância fica essa estação? – perguntou um deles ao condutor.

– A dezenove quilômetros, do outro lado do rio.

– Dezenove quilômetros na neve! – exclamou Stamp W. Proctor.

O coronel descarregou uma saraivada de palavrões, culpando a companhia e culpando o condutor, e Passepartout, furioso, não estava longe de fazer coro com ele. Havia ali um obstáculo material contra o qual todas as *banknotes* de seu patrão falhariam desta vez.

Além disso, o desapontamento era geral entre os viajantes que, sem contar o atraso, viam-se obrigados a percorrer quase vinte quilômetros através da planície coberta de neve. Assim, havia um falatório, umas exclamações e umas vociferações que certamente teriam atraído a atenção de Phileas Fogg caso o *gentleman* não estivesse absorvido em seu jogo.

No entanto, Passepartout precisava adverti-lo e, com a cabeça baixa, já estava se dirigindo para o vagão quando o maquinista do trem – um verdadeiro *yankee* chamado Forster – disse, levantando a voz:

– Cavalheiros, talvez haja um meio de passar.

– Em cima da ponte? – perguntou um viajante.

– Em cima da ponte.

– Com o nosso trem? – indagou o coronel.

– Com o nosso trem.

Passepartout estacou. Ele devorava as palavras do maquinista.

– Mas a ponte está ameaçando ruir! – retomou o condutor.

– Não tem problema – respondeu Forster. – Eu acredito que, se lançássemos o trem na velocidade máxima, teríamos alguma chance de passar.

– Mas que diabos! – disse Passepartout.

Um certo número de viajantes, porém, havia sido de imediato seduzido pela proposição. Ela agradava particularmente ao coronel Proctor. Esse cabeça-oca achava a coisa muito factível. Ele até mesmo lembrou que alguns engenheiros já haviam tido a ideia de passar sobre os rios “sem ponte”, com trens sólidos lançados a toda velocidade etc. No fim das contas, todos aqueles interessados na questão tomaram o partido do maquinista.

– Temos cinquenta por cento de chances de passar – dizia um.

– Sessenta – dizia outro.

– Oitenta! Noventa por cento!

Passepartout estava abismado. Ainda que ele estivesse pronto a tentar de tudo para realizar a passagem do Medicine Creek, a tentativa lhe parecia um tanto “americana” demais.

“Além do mais”, pensou, “há uma coisa muito mais simples a se fazer, e essas pessoas não estão nem sonhando com isso!”.

– Senhor – disse ele a um dos viajantes –, o meio proposto pelo maquinista me parece um tanto arriscado, mas…

– Oitenta por cento de chance! – respondeu o viajante, virando-lhe as costas.

– Eu sei – respondeu Passepartout dirigindo-se a outro *gentleman* –, mas uma simples reflexão…

– Sem reflexões! Isso é inútil! – respondeu o americano interpelado, dando de ombros. – O maquinista assegura que vamos passar!

– Sem dúvidas vamos passar – retomou Passepartout –, mas talvez seria mais prudente…

– O quê? Prudente? – indagou o coronel Proctor que, ao ouvir essa palavra, deu um sobressalto. – Em alta velocidade, é o que estamos dizendo! O senhor está entendendo? Em alta velocidade!

– Eu sei… Eu entendo… – repetia Passepartout, que ninguém deixava terminar sua frase. – Mas seria, senão mais prudente, já que a palavra choca os senhores, ao menos mais natural…

– Quem? O quê? Como? O que é que esse aí tem? Como assim natural? – exclamaram de todos os lados.

O pobre rapaz não sabia mais quem poderia ouvi-lo.

– O senhor está com medo? – perguntou-lhe o coronel Proctor.

– Eu? Com medo? – indagou Passepartout. – Tudo bem, vou mostrar a esse povo que um francês também pode ser tão americano quanto eles!

– Para o carro! Para o carro! – gritava o condutor.

– Sim, para o carro! – repetia Passepartout. – Para o carro! Mas ninguém me tira da cabeça que seria mais natural se pedissem que nós, os viajantes, passássemos primeiro a pé pela ponte e depois, em seguida, o trem!

Mas ninguém ouviu essa sábia reflexão e ninguém teria reconhecido sua justeza.

Os viajantes haviam voltado aos seus vagões. Passepartout reocupou seu lugar sem dizer nada sobre o que havia se passado. Os jogadores estavam completamente entregues ao *whist*.

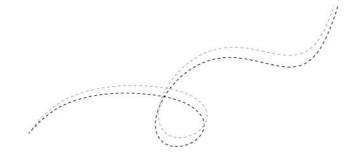
A locomotiva apitou com força. O maquinista, dando meia-volta, reconduziu o trem quase um quilômetro para trás – recuando como um saltador que quer tomar impulso. Em seguida, após um segundo apito, retomou-se a marcha para frente: ela foi acelerada e logo a velocidade se tornou assustadora. Não se escutava nada mais além de um único rugido que escapava da locomotiva. Os pistões batiam vinte vezes por segundo, os eixos das rodas fumegavam em sua caixa de eixo engraxada. A impressão que se tinha, por assim dizer, é que todo o trem, andando a uma velocidade de cento e sessenta quilômetros por hora, não pesava mais sobre os trilhos. A rapidez consumia a gravidade.

E então passaram! E foi como um clarão. Nada viram da ponte. Pode-

se dizer que o comboio saltou de uma margem à outra, e o maquinista só conseguiu parar sua máquina descontrolada oito quilômetros para frente da estação.

O trem mal atravessara o rio quando a ponte, definitivamente em ruínas, desabou, fazendo um estrondo na corredeira de Medicine Bow.

Diz-se que há um “morto” no *whist* quando se joga com três pessoas em vez de quatro. Assim, o jogo dessa quarta pessoa, ausente, permanece descoberto sobre a mesa (N.T.).

Em inglês no original, “Montanhas Rochosas” (N.T.).

Capítulo 29

* * *

Da narrativa de incidentes diversos que só se encontram nos railroads *da União*

Naquela mesma noite, o trem continuou a sua rota sem obstáculos, ultrapassou o Forte Sauders, atravessou o desfiladeiro de Cheyenne e chegou ao desfiladeiro de Evans. Nesse local, o *railroad* atingia o ponto mais alto do percurso, dois mil quatrocentos e sessenta e seis metros acima do nível do mar. Os viajantes agora só tinham de descer até o Atlântico por essas planícies sem fim niveladas pela natureza.

Era ali que se encontrava a ramificação do *grand trunk* em direção a Denver City, a principal cidade do Colorado. Esse território é rico em minas de ouro e prata, e mais de cinquenta mil habitantes já se instalaram ali.

Até esse momento, dois mil duzentos e vinte e quatro quilômetros haviam sido percorridos desde São Francisco, em três dias e três noites. De acordo com a previsão, quatro noites e quatro dias bastariam para chegar a Nova York. Phileas Fogg se mantinha, portanto, dentro do prazo previsto.

Durante a noite, o Campo Walbach ficou para trás, à esquerda. O Lodge Pole Creek corria paralelamente à via, seguindo a fronteira retilínea dos estados de Wyoming e Colorado. Às onze horas entravam em Nebraska, passavam perto de Sedgwick e aproximavam-se de Julesburg, localizada às margens da ramificação sul do Platte River. Foi nesse ponto que a inauguração da *Union Pacific Road* foi feita, em 23 de outubro de 1867, tendo por engenheiro-chefe o general J. M. Dodge. Foi ali que estacionaram as duas possantes locomotivas,

rebocando os nove vagões de convidados, dentre os quais figuravam o vice-presidente, Mr. Thomas C. Durant; foi ali que ressoaram as aclamações; ali, os *sioux* e os *pawnees* deram o espetáculo de uma pequena guerra indígena; ali, os fogos de artifício eclodiram; ali, enfim, foi publicado, por meio de uma prensa tipográfica portátil, o primeiro número do jornal *Railway Pioneer*. Assim foi celebrada a inauguração dessa grande estrada de ferro, instrumento de progresso e civilização, lançada através do deserto e destinada a ligar entre si cidades e vilas que ainda nem existiam. O apito da locomotiva, mais potente que a lira de Anfião, logo as faria brotar do solo americano.

Às oito horas da manhã, o Forte MacPherson havia sido deixado para trás. Quinhentos e setenta e quatro quilômetros separam esse ponto de Omaha. A via férrea seguia a margem esquerda das caprichosas sinuosidades da ramificação sul do Platte River. Às nove horas chegavam à importante cidade de North Platte, erigida entre os dois braços do grande curso d'água, os quais se reúnem em torno dela para formar uma única artéria – afluente considerável cujas águas se confundem com aquelas do Missouri, um pouco acima de Omaha. O centésimo primeiro meridiano havia sido transposto.

Mr. Fogg e seus parceiros haviam retomado o jogo. Nenhum deles reclamava da extensão do trajeto – nem mesmo o morto. Fix havia começado ganhando alguns guinéus, que agora estava perdendo, mas ele não se mostrava menos aficionado que Mr. Fogg. Durante a manhã, a sorte favoreceu singularmente este *gentleman*. Os trunfos e as cartas altas choviam em suas mãos. Em certo momento, depois de ter combinado uma jogada audaciosa, ele se preparava para jogar espadas quando, atrás do banco, ouviram uma voz dizer:

– Se fosse eu, jogaria ouros…

Mr. Fogg, Mrs. Aouda e Fix levantaram a cabeça. O coronel Proctor estava ao lado deles.

Stamp W. Proctor e Phileas Fogg reconheceram-se imediatamente.

– Ah, é o senhor, o cavalheiro inglês! – exclamou o coronel. – É o senhor que quer jogar espadas!

– E eu vou jogar – respondeu friamente Phileas Fogg, jogando um dez desse naipe.

– Bom, eu prefiro ouros – contestou o coronel Proctor com uma voz irritada.

E ele fez um gesto para apanhar a carta jogada, acrescentando:

– O senhor não entende nada deste jogo.

– Talvez eu seja mais hábil em um outro – disse Phileas Fogg levantando-se. – Só depende do senhor tentar, filho de John Bull![92] – replicou o grosseiro personagem.

Mrs. Aouda havia ficado pálida. Todo o seu sangue refluía-lhe ao coração. Ela segurou o braço de Phileas Fogg, que a afastou suavemente. Passepartout estava pronto para se jogar sobre o americano, que olhava seu adversário com o ar mais insultante. Mas Fix se levantara e, indo em direção ao coronel Proctor, disse-lhe:

– O senhor está esquecendo que a sua questão é comigo, cavalheiro. O senhor não apenas me insultou, mas também me bateu!

– Senhor Fix – disse Mr. Fogg –, peço-lhe desculpas, mas isto só diz respeito a mim. Ao afirmar que eu não tinha razão em jogar espadas, o coronel me insultou novamente, e ele terá de se explicar.

– Quando o senhor quiser, onde o senhor quiser – respondeu o americano – e com a arma que lhe aprouver!

Mrs. Aouda procurou em vão reter Mr. Fogg. O inspetor tentou inutilmente retomar a querela para si. Passepartout queria jogar o coronel pela porta, mas um sinal de seu patrão o impediu. Phileas Fogg saiu do vagão, e o americano o seguiu pelo passadiço.

– Senhor – disse Mr. Fogg ao seu adversário –, estou com muita pressa de retornar à Europa, e um atraso qualquer prejudicaria em muito os meus interesses.

– Ora essa! O que eu tenho a ver com isso? – respondeu o coronel Proctor.

– Senhor – retomou muito polidamente Mr. Fogg –, depois de nosso encontro em São Francisco, eu havia planejado vir encontrá-lo na América assim que tivesse cumprido os negócios que me chamam no velho continente.

– Essa é boa!

– O senhor deseja marcar um encontro comigo daqui a seis meses?

– Por que não daqui a seis anos?

– Digo seis meses – respondeu Mr. Fogg –, e estarei com toda a certeza nesse encontro.

– Isso tudo é só um pretexto! – exclamou Stamp. W. Proctor. – É agora ou nunca.

– Que seja – respondeu Mr. Fogg. – O senhor vai a Nova York?

– Não.

– A Chicago?

– Não.

– A Omaha?

– O senhor não tem nada com isso! Conhece Plum Creek?

– Não – respondeu Phileas Fogg.

– É a próxima estação. O trem chegará lá em uma hora. Ele ficará dez minutos estacionado. Em dez minutos, podemos trocar alguns tiros de revólver.

– Tudo bem – respondeu Mr. Fogg –, descerei em Plum Creek.

– E eu acho que o senhor ficará por lá! – acrescentou o americano com uma insolência sem igual.

– Quem sabe, cavalheiro? – respondeu Mr. Fogg entrando no vagão, tão frio quanto de costume.

O *gentleman* começou tranquilizando Mrs. Aouda, dizendo-lhe que os fanfarrões não eram um tipo a se temer. Depois, pediu a Fix para lhe servir de testemunha no embate que aconteceria. Fix não podia recusar, e Phileas Fogg retomou tranquilamente o seu jogo interrompido, jogando espadas com uma perfeita calma.

Às onze horas, o apito da locomotiva anunciou a proximidade da estação de Plum Creek. Mr. Fogg levantou-se e, seguido de Fix, foi até o passadiço. Passepartout o acompanhava carregando um par de revólveres. Mrs. Aouda ficara no vagão, pálida como uma morta.

Nesse momento, a porta do outro vagão se abriu, e o coronel Proctor também apareceu no passadiço, seguido de sua testemunha, um *yankee* de sua espécie. Mas, no instante em que os dois adversários iam descer à via, o condutor acorreu e gritou:

– Não vamos descer aqui, senhores.

– E por quê? – indagou o coronel.

– Estamos vinte minutos atrasados e o trem não vai parar.

– Mas eu preciso duelar com este senhor.

– Sinto muito – respondeu o funcionário –, mas partiremos imediatamente. A campainha já está soando!

A campainha de fato já soava e o trem se pôs em movimento.

– Eu realmente sinto muito, senhores – disse então o condutor. – Em qualquer outra circunstância eu poderia lhes fazer esse favor. Mas no fim das contas, já que os senhores não tiveram tempo de duelar aqui, o que os impede de duelar em movimento?

– Isso talvez não seja conveniente a este cavalheiro! – disse o coronel Proctor com um ar zombeteiro.

– Isso me convém perfeitamente – respondeu Phileas Fogg.

“Bom, decididamente estamos na América”, pensou Passepartout, “e o condutor do trem é um *gentleman* do melhor dos mundos!”.

Tendo pensado isso, ele seguiu seu patrão.

Os dois adversários e suas testemunhas, precedidos pelo condutor, foram passando de um vagão ao outro até a parte de trás do trem. O último vagão era ocupado apenas por uma dezena de viajantes. O condutor perguntou-lhes se eles não poderiam fazer a gentileza, por alguns instantes, de deixar o lugar livre a dois *gentlemen* que tinham uma questão de honra para resolver.

Mas é claro! Os viajantes estavam muito contentes em poder ser gentis com os dois *gentlemen*, e eles se retiraram para os passadiços.

Esse vagão, de uns quinze metros de comprimento, servia muito apropriadamente à circunstância. Os dois adversários podiam andar um em direção ao outro e se matar à vontade. Nunca um duelo foi tão fácil de regrar. Mr. Fogg e o coronel Proctor, munidos cada um de dois revólveres de seis tiros, entraram no vagão. Suas testemunhas, permanecendo do lado de fora, fecharam-nos ali. Ao primeiro apito da locomotiva, eles começariam o fogo… Em seguida, após um intervalo de dois minutos, retirariam do vagão o que sobraria dos dois

gentlemen.

Nada mais simples, na verdade. Era tão simples que Fix e Passepartout sentiam seu coração bater até despedaçar.

Esperavam, assim, o sinal combinado, quando de repente gritos selvagens ressoaram. Algumas detonações os acompanharam, mas elas não vinham do vagão reservado aos duelistas. Essas detonações, ao contrário, se prolongavam até a parte da frente e em todo o comprimento do trem. Gritos de pavor eram ouvidos no interior do comboio.

O coronel Proctor e Mr. Fogg, de revólver em punho, saíram imediatamente do vagão e se precipitaram em direção à frente do trem, onde as detonações e os gritos ressoavam mais alto.

Haviam compreendido que o trem estava sendo atacado por um bando de *sioux*.

Esses audaciosos índios não eram meros iniciantes, e mais de uma vez já haviam feito comboios pararem. Segundo seus hábitos, sem esperar a parada do trem e lançando-se sobre os estribos em grupos de uma centena, eles escalavam os vagões como faz um *clown* em um cavalo a galope.

Os *sioux* estavam munidos de fuzis. Daí vinham as detonações às quais os viajantes, quase todos armados, retrucavam com tiros de revólver. Primeiro, os índios haviam se precipitado em direção à máquina da locomotiva. O maquinista e o foguista haviam desmaiado por causa dos golpes de cassetete. Um chefe *sioux*, querendo fazer o trem parar, mas não sabendo manobrar a alavanca do regulador, havia aberto bastante o orifício do vapor, em vez de fechá-lo, e a locomotiva, descontrolada, corria com uma velocidade assustadora.

Ao mesmo tempo, os *sioux* haviam invadido os vagões e corriam como macacos em fúria sobre os tetos, arrombavam as portas e lutavam corpo a corpo com os viajantes. Para fora do vagão de bagagens, forçado e pilhado, os pacotes caíam sobre a via. Gritos e tiros de fogo não cessavam.

Entretanto, os viajantes se defendiam com coragem. Alguns vagões, entrincheirados, resistiam ao ataque como verdadeiros fortes ambulantes, carregados a uma velocidade de cento e sessenta quilômetros por hora.

Desde o início do ataque, Mrs. Aouda havia se comportado

corajosamente. Com o revólver em punho, ela se defendia heroicamente, atirando através dos vidros quebrados quando algum selvagem se aproximava dela. Uns vinte *sioux*, feridos mortalmente, estavam caídos sobre a linha, e as rodas dos vagões esmagavam como vermes aqueles que, entre eles, escorregavam nos trilhos do alto dos passadiços.

Vários viajantes, gravemente atingidos pelas balas ou pelos cassetetes, jaziam sobre os bancos.

Era preciso acabar com aquilo. A luta já durava dez minutos, e só podia terminar com a vantagem dos *sioux* se o trem não parasse. Com efeito, a estação do Forte Kearney não estava a menos de quatro quilômetros de distância. Lá havia um posto policial americano, mas uma vez passado esse posto, entre o Forte Kearney e a estação seguinte, os *sioux* seriam os donos do trem.

O condutor lutava ao lado de Mr. Fogg quando uma bala o atravessou. Ao cair, esse homem exclamou:

– Se o trem não parar em cinco minutos, estamos perdidos!

– Ele vai parar! – disse Phileas Fogg, que quis se jogar para fora do vagão.

– Fique, senhor – gritou Passepartout. – Isso é comigo!

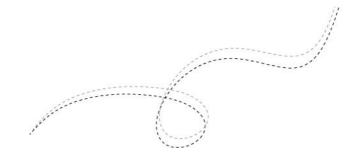
Phileas Fogg não teve tempo de impedir o corajoso rapaz, que, abrindo uma porta sem ser visto pelos índios, conseguiu esgueirar-se sob o vagão. E então, enquanto a luta continuava e as balas se cruzavam acima de sua cabeça, reencontrando sua agilidade, sua flexibilidade de *clown*, enfiando-se sob os vagões, agarrando-se às correntes e rastejando de um carro ao outro com uma destreza maravilhosa, ele ganhou a parte da frente do trem. Não havia sido visto, e nem poderia sê-lo.

Ali, suspenso por uma mão entre o vagão de bagagens e o tênder, com a outra ele soltou as correntes de segurança. Porém, em consequência da tração, ele jamais teria conseguido desparafusar a barra de engate se um solavanco dado pela máquina não tivesse feito essa barra saltar. O trem, desprendido, ficou pouco a pouco para trás, enquanto a locomotiva ia embora com uma velocidade ainda maior.

Carregado pela força acumulada, o trem ainda correu durante alguns minutos, mas os freios foram manejados no interior dos vagões, e o comboio por fim parou, a menos de cem passos da estação de Kearney.

Ali, os soldados do forte, atraídos pelos tiros de fogo, acorreram apressadamente. Os *sioux* não esperavam por eles, e, antes da parada completa do trem, todo o bando já havia decampado.

Mas quando os viajantes fizeram a contagem de seu grupo na plataforma da estação, perceberam que vários membros estavam faltando, dentre eles o corajoso francês cuja dedicação acabava de salvá-los.

Personagem que personifica o Reino Unido, particularmente a Inglaterra, criado por John Arbuthnot em meados do século XVIII (N.T.).

Capítulo 30

* * *

Em que Phileas Fogg simplesmente cumpre o seu dever

Três viajantes, entre eles Passepartout, haviam desaparecido. Teriam sido mortos na luta? Teriam se tornado prisioneiros dos *sioux*? Ainda não era possível saber.

Os feridos eram bastante numerosos, mas nenhum deles havia sido mortalmente atingido. Um dos mais gravemente golpeados era o coronel Proctor, que lutara bravamente e que fora derrubado por uma bala na virilha. Ele foi transportado à estação junto com outros viajantes cujo estado exigia cuidados mais imediatos.

Mrs. Aouda estava a salvo. Phileas Fogg, que não havia se poupado, não tinha um único arranhão. Fix estava ferido no braço, um ferimento sem importância. Mas Passepartout estava faltando, e algumas lágrimas escorriam dos olhos da jovem mulher.

Nesse meio tempo, todos os viajantes haviam saído do trem. As rodas dos vagões estavam manchadas de sangue. Dos cubos e dos aros pendiam disformes pedaços de carne. Via-se a perder de vista, sobre a planície branca, longos rastros vermelhos. Os últimos índios desapareciam ao sul, para os lados do Republican River.

Mr. Fogg, de braços cruzados, permanecia imóvel. Ele tinha uma séria decisão a tomar. Mrs. Aouda, perto dele, olhava-o sem pronunciar uma palavra… Ele compreendeu esse olhar. Se seu criado era um prisioneiro, será que não lhe cabia arriscar tudo para arrancá-lo das mãos dos índios?

– Vou reencontrá-lo vivo ou morto – disse simplesmente a Mrs. Aouda.

– Ah! Senhor… Senhor Fogg! – exclamou a jovem mulher, segurando as mãos de seu companheiro, que ela cobriu de lágrimas.

– Vivo – acrescentou Mr. Fogg –, se nós não perdermos um minuto!

Com essa decisão, Phileas Fogg se sacrificava inteiramente. Ele acabava de declarar sua ruína. Um único dia de atraso o faria perder o paquete de Nova York. Sua aposta estava irrevogavelmente perdida. Mas, diante do pensamento "É o meu dever!", ele não hesitou.

O capitão que comandava o Forte Kearney estava lá. Seus soldados – mais ou menos uma centena de homens – haviam se colocado na defensiva, para o caso de os *sioux* dirigirem um ataque contra a estação.

– Senhor – disse Mr. Fogg ao capitão –, três viajantes desapareceram.

– Estão mortos? – perguntou o capitão.

– Estão mortos ou são prisioneiros – respondeu Phileas Fogg. – É uma incerteza que precisamos sanar. O senhor teria a intenção de perseguir os *sioux*?

– Isso é grave, senhor – disse o capitão. – Esses índios podem fugir para além do Arkansas! Eu não seria capaz de abandonar o forte que me foi confiado.

– Senhor – retomou Phileas Fogg –, trata-se da vida de três homens.

– Sem dúvidas… Mas posso arriscar a vida de cinquenta para salvar a de três?

– Eu não sei se o senhor pode, cavalheiro, mas o senhor deve.

– Cavalheiro – respondeu o capitão –, ninguém aqui deve me ensinar qual é o meu dever.

– Que seja – disse friamente Phileas Fogg –, irei sozinho!

– O senhor, cavalheiro? – indagou Fix, que havia se aproximado. – Ir sozinho perseguir os índios?

– O senhor quer, então, que eu deixe perecer esse infeliz a quem todos os que estão vivos aqui devem a vida? Eu irei.

– Bom… Não, o senhor não irá sozinho! – exclamou o capitão, emocionado a contragosto. – Não! O senhor tem um coração valente!

Trinta homens de boa vontade! – acrescentou, voltando-se aos seus soldados.

Toda a companhia avançou em massa. O capitão teve de escolher entre essa brava gente. Trinta soldados foram designados, e um velho sargento se pôs à frente deles.

– Obrigado, capitão! – disse Mr. Fogg.

– O senhor permite que eu o acompanhe? – perguntou Fix ao *gentleman*.

– Faça como lhe aprouver, cavalheiro – respondeu-lhe Phileas Fogg. – Mas, se o senhor quisesse me ser útil, ficaria perto de Mrs. Aouda. Para o caso de me acontecer alguma desgraça…

Uma palidez súbita invadiu o rosto do inspetor de polícia. Separar-se do homem que ele havia seguido passo a passo e com tanta persistência! Deixá-lo se aventurar assim no deserto! Fix olhou atentamente para o *gentleman* e, apesar do que pensava, malgrado suas opiniões e a despeito do combate que acontecia dentro de si, ele abaixou os olhos diante daquele olhar calmo e franco.

– Eu vou ficar – disse.

Alguns instantes depois, Mr. Fogg havia apertado a mão da jovem mulher. Em seguida, depois de lhe ter entregado sua preciosa bolsa de viagem, partia com o sargento e sua pequena tropa.

Mas, antes de partir, ele dissera aos soldados:

– Meus amigos, há mil libras para os senhores caso salvemos os prisioneiros!

Eram, então, meio-dia e alguns minutos.

Mrs. Aouda havia se retirado em um quarto da estação, e ali, sozinha, ela esperava, sonhando com Phileas Fogg, com essa generosidade simples e grande, com essa tranquila coragem. Mr. Fogg havia sacrificado sua fortuna e agora colocava sua vida em jogo, tudo isso sem hesitação, pelo dever, sem se gabar. Phileas Fogg era um herói diante de seus olhos.

O inspetor Fix, por sua vez, não pensava do mesmo modo e não conseguia conter sua agitação. Andava febrilmente pela plataforma da estação de trem. Por um momento subjugado, voltava a ser ele

mesmo. Tendo Fogg partido, compreendia a besteira que fizera em deixá-lo partir. Como assim? Como ele consentira em se separar desse homem que acabava de seguir em volta do mundo? Sua natureza retomava as rédeas, ele se incriminava, ele se acusava, ele se tratava como se fosse o diretor da polícia metropolitana repreendendo um agente em flagrante delito de ingenuidade.

“Fui inepto!”, pensava. “O outro lhe terá contado quem eu sou! Ele partiu e não vai voltar! Onde é que vou capturá-lo agora? Mas como pude me deixar enfeitiçar assim, eu, Fix, eu, que tenho nos bolsos a sua ordem de prisão? Decididamente, não passo de uma besta!”

Assim refletia o inspetor de polícia enquanto as horas corriam tão lentamente, aos seus próprios caprichos. Ele não sabia o que fazer. Às vezes tinha vontade de contar tudo a Mrs. Aouda. Mas ele sabia como seria recebido pela jovem mulher. Que decisão tomar? Ele estava tentado a ir embora, através das longas planícies brancas, em busca de Fogg! Não lhe parecia impossível reencontrá-lo. Os passos do destacamento ainda estavam gravados na neve. Mas logo depois, sob uma nova camada, todas as pegadas se apagariam.

E então o desalento tomou conta de Fix. Ele sentiu uma insuperável vontade de abandonar o jogo. Ora, a ocasião de ir embora da estação de Kearney e prosseguir essa viagem, tão fecunda em infortúnios, logo lhe foi justamente oferecida. Com efeito, por volta de duas horas da tarde, enquanto caíam grandes flocos de neve, ouviram-se longos apitos que vinham do leste. Uma enorme sombra, precedida por um clarão intenso, avançava lentamente, consideravelmente ampliada pelas brumas, que lhe davam um aspecto fantástico.

No entanto, ainda não esperavam por nenhum trem vindo do leste. O socorro pedido por telégrafo não poderia chegar tão cedo, e o trem de Omaha a São Francisco só deveria passar no dia seguinte. Mas logo houve um esclarecimento.

Essa locomotiva – que andava devagar, emitindo sonoros apitos – era aquela que, depois de ter sido separada do trem, havia continuado sua rota com uma assustadora velocidade, carregando o foguista e o maquinista desacordados. Ela havia corrido sobre os trilhos por vários quilômetros; depois, por falta de combustível, o fogo havia baixado. O vapor diminuíra, e, uma hora depois, desacelerando pouco a pouco seu andamento, a máquina enfim parava a trinta quilômetros da estação de Kearney.

Nem o maquinista nem o foguista haviam sucumbido. Depois de um

desmaio bastante prolongado, eles voltaram a si.

A máquina, então, estava parada. Quando se viu no deserto, com a locomotiva sozinha e sem vagões atrás de si, o maquinista compreendeu o que se passara. De que modo a locomotiva havia sido desconectada do trem ele não pôde adivinhar. Mas era evidente, para ele, que o trem, tendo ficado atrás, encontrava-se em perigo.

O maquinista não hesitou quanto ao que devia fazer. Continuar a rota na direção de Omaha era prudente. Retornar em direção ao trem, que os índios talvez ainda pilhassem, era perigoso… Pouco importa! Pazadas de madeira e carvão foram jogadas no forno da caldeira. O fogo se reanimou, a pressão subiu novamente e, por volta de duas horas da tarde, a máquina voltava para trás, para a estação de Kearney. Era ela que apitava em meio à bruma.

Foi uma grande satisfação para os viajantes ver a locomotiva se ligar à frente do trem.

Eles iam poder continuar aquela viagem tão lamentavelmente interrompida.

À chegada da máquina, Mrs. Aouda havia saído da estação, e disse, dirigindo-se ao condutor:

– Os senhores vão partir?

– Daqui a pouco, madame.

– Mas e os prisioneiros? Nossos infelizes companheiros…

– Eu não posso interromper o serviço – respondeu o condutor. – Nós já estamos com três horas de atraso.

– E quando vai passar o outro trem vindo de São Francisco?

– Amanhã à noite, madame.

– Amanhã à noite?! Mas vai ser muito tarde! Os senhores precisam esperar…

– Impossível – respondeu o condutor. – Se a senhora quiser partir, suba no carro.

– Eu não vou partir – respondeu a jovem mulher.

Fix ouvira essa conversa. Poucos minutos antes, quando qualquer

meio de locomoção lhe faltava, ele estava decidido a deixar Kearney, mas agora que o trem estava ali, prestes a partir, e que ele não tinha nada mais a fazer do que reocupar seu lugar no vagão, uma irresistível força o prendia ao solo. A plataforma da estação lhe queimava os pés, e ele não conseguia fugir dela. O combate recomeçava dentro dele. A raiva do fracasso o sufocava. Ele queria lutar até o fim. Nesse meio tempo, os viajantes e alguns feridos – entre eles o coronel Proctor, cujo estado era grave – haviam tomado seus lugares nos vagões. Escutavam-se os ruídos da caldeira superaquecida e o vapor escapava pelas válvulas. O maquinista apitou, o trem se pôs em movimento e logo desapareceu, misturando sua fumaça branca ao turbilhão de neve.

O inspetor Fix havia ficado.

Algumas horas se passaram. O tempo estava bem feio, e o frio, muito intenso. Fix, sentado em um banco da estação, permanecia imóvel. Era possível imaginar que ele dormia. Mrs. Aouda, apesar da ventania, saía a todo momento do quarto que havia sido posto à sua disposição. Ela ia até a extremidade da plataforma tentando ver através da tempestade de neve, querendo penetrar essa bruma que reduzia o horizonte à sua volta, procurando escutar se algum barulho se fazia ouvir. Mas nada. Então ela entrava, sentindo um frio por dentro, para voltar alguns momentos mais tarde, sempre inutilmente.

A noite caiu. O pequeno destacamento não havia voltado. Onde ele estaria nesse momento? Teria conseguido encontrar os índios? Teria havido uma luta ou será que esses soldados, perdidos na bruma, vagavam ao acaso? O capitão do Forte Kearney estava muito inquieto, ainda que não quisesse deixar sua inquietude transparecer.

A madrugada veio. A neve caiu com menos abundância, mas a intensidade do frio aumentou. O olhar mais intrépido não contemplaria sem pavor essa imensidade obscura. Um silêncio absoluto reinava na planície. Nem o voo de um pássaro nem a passagem de uma fera perturbavam sua infinita calma.

Durante toda essa madrugada, Mrs. Aouda, com a mente repleta de pressentimentos sinistros e o coração cheio de angústias, vagou pelos limites da pradaria. Sua imaginação a levava para longe e lhe mostrava mil perigos. Impossível expressar o que ela sofreu durante essas longas horas.

Fix ainda estava imóvel no mesmo lugar, mas ele também não dormia. Em certo momento, um homem se aproximou e até mesmo lhe falou,

mas o agente o mandou embora, depois de ter respondido a suas palavras com um sinal negativo.

A madrugada transcorreu assim. Na aurora, o disco meio apagado do sol se ergueu sobre um horizonte encoberto. Mesmo assim, o alcance do olhar podia se estender a uma distância de três quilômetros. Foi na direção sul que Phileas Fogg e o destacamento haviam se dirigido… O sul estava absolutamente deserto. Eram, então, sete horas da manhã.

O capitão, extremamente preocupado, não sabia que decisão tomar. Deveria enviar um segundo destacamento para resgatar o primeiro? Deveria sacrificar outros homens com tão poucas chances de salvar aqueles sacrificados primeiro? Mas a sua hesitação não durou. Com um gesto, chamando um de seus tenentes, ele lhe dava a ordem de conduzir uma expedição de reconhecimento na direção sul quando alguns tiros ressoaram. Era um sinal? Os soldados se lançaram para fora do forte e viram, a um quilômetro, uma pequena tropa que voltava em bom estado.

Mr. Fogg marchava à frente e, perto dele, Passepartout e os outros dois viajantes, arrancados das mãos dos *sioux*.

Houvera um combate a quinze quilômetros ao sul de Kearney. Poucos momentos antes da chegada do destacamento, Passepartout e seus dois companheiros já lutavam contra seus vigilantes, e o francês havia abatido três deles com socos, quando seu patrão e os soldados precipitaram-se em seu socorro.

Todos, os salvadores e os salvos, foram recebidos com gritos de alegria. Phileas Fogg distribuiu aos soldados o prêmio que lhes havia prometido, enquanto Passepartout repetia para si mesmo, não sem alguma razão:

– Decididamente, preciso admitir que eu custo caro para o meu patrão!

Fix, sem pronunciar uma palavra, olhava para Mr. Fogg, e era difícil imaginar que impressões brigavam dentro dele naquele momento. Quanto a Mrs. Aouda, ela havia segurado a mão do *gentleman* e a apertava nas suas, sem conseguir pronunciar uma única palavra!

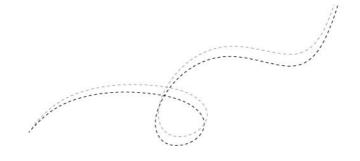
Passepartout, desde que chegara, havia procurado o trem na estação. Ele pensava que o encontraria lá, pronto a seguir para Omaha, e tinha a esperança de que ainda pudessem recuperar o tempo perdido.

– O trem, o trem! – exclamou.

– Partiu – respondeu Fix.

– E o próximo trem, quando vai passar? – perguntou Phileas Fogg.

– Apenas esta noite.

– Ah! – respondeu simplesmente o impassível *gentleman*.

Capítulo 31

* * *

Em que Fix leva muito a sério os interesses de Phileas Fogg

Phileas Fogg estava com um atraso de vinte horas. Passepartout, a causa involuntária desse atraso, estava desesperado. Ele decididamente havia arruinado o seu patrão!

Nesse momento, o inspetor se aproximou de Mr. Fogg e, olhando-o nos olhos:

– Cavalheiro – perguntou-lhe –, o senhor realmente está com pressa?

– Realmente – respondeu Phileas Fogg.

– Eu insisto – retomou Fix. – O senhor realmente tem interesse de estar em Nova York no dia 11, antes das nove horas da noite, o horário da partida do paquete de Liverpool?

– Um interesse enorme.

– E se a sua viagem não tivesse sido interrompida por esse ataque dos índios, o senhor teria chegado em Nova York dia 11 pela manhã?

– Teria, com doze horas de adiantamento em relação ao paquete.

– Bom. O senhor tem, então, vinte horas de atraso. Entre vinte e doze, a diferença é de oito. São oito horas a recuperar. O senhor deseja tentar fazer isso?

– A pé? – perguntou Mr. Fogg.

– Não, em trenó – respondeu Fix –, em trenó a vela. Um homem me propôs esse meio de transporte.

Era o homem que havia falado com o inspetor de polícia durante a noite e cuja oferta Fix havia recusado.

Phileas Fogg não respondeu a Fix. Mas como Fix lhe havia mostrado o homem em questão, que caminhava em frente à estação, o *gentleman* foi até ele. Um instante depois, Phileas Fogg e esse americano, chamado Mudge, entravam em uma cabana construída ao pé do Forte Kearney.

Ali, Mr. Fogg examinou um veículo bem singular, uma espécie de chassi fixado sobre duas longas vigas, um pouco erguidas na parte da frente como as lâminas de um trenó, e sobre o qual cinco ou seis pessoas podiam se sentar. Na parte da frente do chassi, erguia-se um mastro bem alto, sobre o qual se envergava uma imensa vela quadrangular. Esse mastro, solidamente sustentado por estais laterais metálicos, tensionava um estai de ferro que servia para içar uma bujarrona de grandes dimensões. Na parte de trás, uma espécie de remo de popa permitia dirigir o aparelho.

Como se pode ver, era um trenó aparelhado como um cúter.[93] Durante o inverno, sobre a planície congelada, quando os trens são bloqueados pela neve, esses veículos fazem travessias extremamente rápidas de uma estação à outra. Suas velas, aliás, são prodigiosas – até mais do que as de um cúter de corrida, que apresentam risco de soçobrar – e, em popa rasada, deslizam na superfície das pradarias com uma velocidade igual, senão superior, àquela dos expressos.

Em alguns instantes, uma negociação foi concluída entre Mr. Fogg e o dono dessa embarcação de terra. O vento estava bom. Ele soprava intensamente do oeste. A neve estava endurecida, e Mudge se comprometia em conduzir Mr. Fogg em algumas horas até a estação de Omaha. Lá, os trens são frequentes e as vias que levam a Chicago e a Nova York são numerosas. Não era impossível recuperar o atraso. Não havia, portanto, razões para hesitar em arriscar essa aventura.

Mr. Fogg, não querendo expor Mrs. Aouda às torturas de uma travessia ao ar livre, em meio àquele frio que a velocidade tornaria ainda mais insuportável, propôs-lhe ficar sob a guarda de Passepartout na estação de Kearney. O honesto rapaz se encarregaria de conduzir a jovem mulher para a Europa, por uma rota melhor e em condições mais aceitáveis.

Mrs. Aouda se recusou a se separar de Mr. Fogg, e Passepartout se sentiu muito feliz com essa determinação.

De fato, por nada no mundo ele queria abandonar o seu patrão, pois Fix o acompanharia.

Quanto ao que pensava então o inspetor de polícia, seria difícil dizer. Teria sua convicção sido abalada pelo retorno de Phileas Fogg? Ou ele ainda o considerava um grande pilantra que, após dar sua volta ao mundo, pensaria estar absolutamente seguro na Inglaterra? Talvez a opinião de Fix no tocante a Phileas Fogg realmente tivesse sido modificada. Mas ele não estava menos decidido a cumprir o seu dever e, mais impaciente do que todos, a apressar com todos os meios possíveis o retorno à Inglaterra.

Às oito horas, o trenó estava pronto para partir. Os viajantes – ou os passageiros, como seria tentador dizer – ocupavam seus lugares e enrolavam-se estreitamente em suas mantas de viagem. As duas imensas velas estavam içadas, e, sob a impulsão do vento, o veículo seguia sobre a neve endurecida com uma rapidez de sessenta e cinco quilômetros por hora.

A distância que separa o Forte Kearney de Omaha é, em linha reta – em voo de abelha, como dizem os americanos –, de pelo menos trezentos e vinte quilômetros. Se o vento se mantivesse, em cinco horas essa distância poderia ser transposta; se nenhum incidente se produzisse, à uma hora da tarde o trenó deveria chegar em Omaha.

Que travessia! Os viajantes, apertados uns contra os outros, não conseguiam se falar. O frio, aumentado pela velocidade, cortara-lhes a fala. O trenó deslizava tão suavemente na superfície da planície quanto uma embarcação na superfície das águas – mas sem o balanço das ondas. Quando a brisa vinha rasante à terra, parecia que o trenó havia sido soerguido do chão pelas suas velas, vastas asas de imensa envergadura. Mudge, na direção, mantinha-se em linha reta e, com um movimento do leme, corrigia as guinadas que o aparelho tendia a fazer. Todo o velame os impulsionava. A bujarrona havia sido erguida e não estava mais abrigada pela vela quadrangular. Um mastaréu foi içado, e um gafetope, estendido ao vento, somou sua potência de impulsão à das outras velas.

Não era possível estimar matematicamente, mas certamente a velocidade do trenó não devia ser menor que sessenta e cinco quilômetros por hora.

– Se nada quebrar – disse Mudge –, nós chegaremos!

E Mudge tinha interesse em chegar no prazo combinado, pois Mr. Fogg, fiel ao seu sistema, havia-o instigado com um belo prêmio.

A pradaria, que o trenó cruzava em linha reta, era plana como um mar. Parecia uma grande lagoa congelada. Do sudeste ao noroeste, o *railroad* que servia essa parte do território passava por Grand Island, Columbus – cidade importante de Nebraska –, Schuyler, Fremont e, finalmente, Omaha. Ele seguia durante todo o seu percurso a margem direita do Platte River. O trenó, encurtando essa rota, pegava a corda do arco descrito pelo caminho de ferro. Mudge não tinha por que temer ser bloqueado pelo Platte River, na pequena curva que ele faz adiante de Fremont, pois suas águas estavam congeladas. O caminho estava, portanto, inteiramente livre de obstáculos, e Phileas Fogg, assim, só tinha duas circunstância a recear: um problema no aparelho ou uma mudança ou diminuição do vento.

Mas a brisa não arrefecia. Pelo contrário. Ela soprava até curvar o mastro, mantido solidamente pelos estais de ferro. Esses cabos metálicos, semelhantes às cordas de um instrumento, ressoavam como se um arco tivesse provocado suas vibrações. O trenó se elevava em meio a uma harmonia plangente, de uma intensidade bem particular.

– Essas cordas estão dando a quinta e a oitava – disse Mr. Fogg.

E foram as únicas palavras que ele pronunciou durante a travessia. Mrs. Aouda, cuidadosamente empacotada nas peles e nas mantas de viagem, estava, tanto quanto possível, preservada das investidas do frio.

Quanto a Passepartout, o rosto vermelho como o disco solar quando se põe em meio às brumas, ele aspirava esse ar cortante. Com o fundo imperturbável de confiança que tinha, voltou a ter esperanças. Em vez de chegarem de manhã em Nova York, chegariam à noite, mas ainda havia algumas chances de isso acontecer antes da partida do paquete de Liverpool.

Passepartout até mesmo sentira uma grande vontade de apertar a mão de seu aliado Fix. Ele não estava esquecendo que era o próprio inspetor que havia arranjado o trenó a velas, e, consequentemente, o único meio de ganhar Omaha em tempo útil. Porém, por não se sabe que pressentimento, ele se manteve em sua habitual reserva.

Em todo caso, uma coisa que Passepartout jamais esqueceria era o sacrifício que Mr. Fogg fizera, sem hesitar, para arrancá-lo das mãos

dos *sioux*. Por causa disso, Mr. Fogg arriscara sua fortuna e sua vida... Não! Seu criado não se esqueceria!

Enquanto cada um dos viajantes se deixava ir em reflexões tão diversas, o trenó voava sobre o imenso tapete de neve. Se alguns *creeks*, afluentes ou subafluentes do Little Blue River passavam, ninguém os via. Os campos e os cursos d'água desapareciam sob uma brancura uniforme. A planície estava absolutamente deserta. Compreendida entre o *Union Pacific Road* e o entroncamento que reúne Kearney em Saint Joseph, ela compunha uma grande ilha desabitada. Nenhuma cidade, nenhuma estação, nem mesmo um forte. De tempos em tempos, via-se passar como um clarão alguma árvore torta, cujo branco esqueleto se contorcia sob a brisa. Às vezes, bandos de pássaros selvagens elevavam-se em um só voo. Às vezes, também, alguns lobos de pradaria, em matilhas numerosas, magros, famintos e impelidos por uma necessidade feroz, competiam em velocidade contra o trenó. E então Passepartout, com o revólver à mão, mantinha-se prestes a disparar naqueles mais próximos. Se algum acidente fizesse o trenó parar naquele momento, os viajantes, atacados por esses ferozes carnívoros, teriam corrido grandes riscos. Mas o trenó resistia, ele não tardava em ganhar terreno, e logo toda a matilha uivadora ficava para trás. Ao meio-dia, Mudge reconheceu por alguns indícios que atravessava o curso congelado do Platte River. Ele não disse nada, mas tinha a certeza de que, trinta quilômetros adiante, chegariam na estação de Omaha.

E, de fato, ainda não era uma hora quando esse hábil guia, abandonando o leme, precipitava-se às adriças[94] das velas e colhia todas elas, enquanto o trenó, levado pelo seu irrefreável impulso, ainda atravessava quase um quilômetro sem fazer uso das velas. Enfim parou, e Mudge, apontando um conjunto de tetos brancos pela neve, disse:

– Chegamos.

Haviam chegado! Realmente haviam chegado àquela estação que, através de vários trens, comunica-se cotidianamente com o leste dos Estados Unidos.

Passepartout e Fix haviam desembarcado e sacudiam seus membros entorpecidos. Eles ajudaram Mr. Fogg e a jovem mulher a descerem do trenó. Phileas Fogg pagou generosamente Mudge, de quem Passepartout apertou a mão como se ele fosse um amigo, e então todos se precipitaram rumo à estação de Omaha.

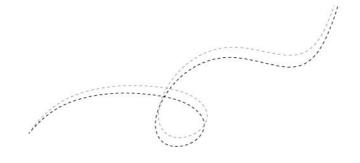
É nessa importante cidade de Nebraska que termina o caminho de ferro do Pacífico propriamente dito, que coloca a bacia do Mississippi em comunicação com o grande oceano. Para ir de Omaha a Chicago, o *railroad*, sob o nome de *Chicago Rock Island Road*, percorre diretamente o leste servindo cinquenta estações. Um trem direto estava pronto para partir. Phileas Fogg e seus companheiros só tiveram tempo de se atirar em um vagão. Eles não viram nada de Omaha, mas Passepartout admitiu para si mesmo que não havia espaço para lamentações, e que não era de ver que se tratava.

Com uma extrema rapidez, o trem cruzou o estado de Iowa por Council Bluffs, Des Moines e Iowa City. Durante a noite, atravessou o Mississippi em Davenport, e, por Rock Island, entrou no Illinois. No dia seguinte, 10, às quatro horas da tarde, chegava em Chicago, já reerguida de suas ruínas[95] e mais orgulhosamente assentada do que nunca às margens de seu belo Lago Michigan.

Mil e quatrocentos quilômetros separam Chicago de Nova York. Não faltavam trens em Chicago. Mr. Fogg passou imediatamente de um para o outro. A elegante locomotiva do *Pittsburg Fort Wayne Chicago Railroad* partiu a toda velocidade, como se tivesse compreendido que o honorável *gentleman* não tinha tempo a perder. Ela atravessou como um clarão os estados de Indiana, Ohio, Pensilvânia e Nova Jersey, passando por cidades de nomes antigos, algumas das quais tinham ruas e bondes, mas ainda nenhuma casa. Finalmente o Hudson apareceu, e, no dia 11 de dezembro, às onze e quinze da noite, o trem parava na estação, à margem esquerda do rio, diante do próprio píer dos *steamers* da linha Cunard, isto é, do *British and North American Royal Mail Steam Pack and Co*. O China, com destino a Liverpool, tinha partido havia quarenta e cinco minutos!

Pequena embarcação com um único mastro (N.T.).

Cabo ou corda que se utiliza para içar as velas (N.T.).

Referência ao grande incêndio de Chicago, que, em outubro de 1871, destruiu a cidade e deixou cerca de trezentos mortos (N.T.).

Capítulo 32

* * *

Em que Phileas Fogg empreende
uma batalha direta contra o azar

Ao partir, o China parecia ter levado consigo a última esperança de Phileas Fogg.

De fato, nenhum dos outros paquetes que fazem o serviço direto entre a América e a Europa – nem os transatlânticos franceses, nem os navios do *White Star Line*, nem os *steamers* da Companhia Imman, nem aqueles da linha Hamburguesa nem qualquer outro – podiam servir aos projetos do *gentleman*.

De fato, o Pereire, da Companhia Transatlântica Francesa – cujas admiráveis embarcações igualam em velocidade e ultrapassam em conforto todas as das outras linhas, sem exceção – só partiria dois dias depois, em 14 de dezembro. Além disso, assim como os paquetes da Companhia Hamburguesa, ele não ia diretamente a Liverpool ou a Londres, mas ao Havre, e essa travessia suplementar, do Havre a Southampton, ao atrasar ainda mais Phileas Fogg, teria anulado seus últimos esforços.

Quanto aos paquetes Imman – entre os quais um, o City of Paris, deixaria o porto no dia seguinte –, não se devia nem sonhar com eles. Esses navios servem particularmente ao transporte de emigrantes, suas máquinas são fracas, eles navegam tanto a vela quanto a vapor, e a sua velocidade é medíocre. Nessa travessia de Nova York à Inglaterra, empregavam mais tempo do que restava a Mr. Fogg para ganhar sua aposta.

O *gentleman* se deu perfeitamente conta de tudo isso consultando seu Bradshaw, que lhe fornecia, a cada dia, todos os movimentos da navegação transoceânica.

Passepartout estava aniquilado. Ter perdido o paquete por quarenta e cinco minutos o matava. A culpa era dele, dele que, em vez de ajudar seu patrão, não havia parado de semear obstáculos em seu caminho! E quando ele revia em sua mente todos os incidentes da viagem, quando especulava os valores inutilmente despendidos por sua causa, quando imaginava que essa enorme aposta, somando-se aos consideráveis gastos dessa viagem tornada inútil, arruinava completamente Mr. Fogg, ele se cobria de injúrias.

Mr. Fogg, no entanto, não lhe fez nenhuma repreensão, e, saindo do píer dos paquetes transatlânticos, disse apenas estas palavras:

– Amanhã pensaremos nisso. Venham.

Mr. Fogg, Mrs. Aouda, Fix e Passepartout atravessaram o Hudson no *Jersey City Ferryboat* e pegaram uma carruagem que os conduziu ao hotel Saint Nicolas, na Broadway. Alguns quartos foram postos à disposição deles, e então a noite passou –
curta para Phileas Fogg, que dormiu um sono perfeito, mas bem longa para Mrs. Aouda e seus companheiros, cujas agitações não lhes permitiram descansar.

O dia seguinte era 12 de dezembro. Do dia 12, às sete horas da manhã, ao 21, às oito e quarenta e cinco da noite, restavam nove dias, treze horas e quarenta e cinco minutos. Portanto, se Phileas Fogg tivesse partido na véspera com o China, uma das melhores máquinas da linha Cunard, ele teria chegado em Liverpool, e depois em Londres, dentro do prazo desejado!

Mr. Fogg saiu do hotel, sozinho, depois de ter recomendado a seu criado que o esperasse e que fosse advertir Mrs. Aouda, que deveria se manter pronta para partir a qualquer momento.

Mr. Fogg foi até a margem do Hudson e, dentre os navios atracados ao cais ou ancorados no rio, procurou com cuidado aqueles que estavam prestes a partir. Várias embarcações tinham sua bandeira de partida e se preparavam para se lançar ao mar na maré da manhã – pois, nesse imenso e admirável porto de Nova York, não há um único dia em que cem navios não façam rota para todos os cantos do mundo. Mas a maioria deles eram embarcações a vela, e estas não convinham a Phileas Fogg.

Parecia que o *gentleman* falharia em sua última tentativa. Foi quando ele percebeu, ancorado diante da Bateria,[96] a uma pequena distância, um navio de comércio com hélices de formas finas cuja chaminé, ao deixar escapar grandes flocos de fumaça, indicava que ele se preparava para aparelhar. Phileas Fogg chamou um bote, embarcou nele e, em poucas remadas, estava na escada do Henrietta, *steamer* com casco de ferro, cujos mastros e peças do convés eram de madeira.

O capitão do Henrietta estava a bordo. Phileas Fogg subiu no convés e mandou chamar o capitão. Este apareceu imediatamente.

Era um homem de cinquenta anos, uma espécie de lobo do mar, um ranzinza que não parecia ser alguém muito fácil. Grandes olhos, fronte acobreada, cabelos ruivos, pescoço forte –
nada do aspecto de um homem da sociedade.

– Capitão? – perguntou Mr. Fogg.

– Sou eu.

– Eu sou Phileas Fogg, de Londres.

– E eu, Andrew Speedy, de Cardif.

– O senhor vai partir…?

– Em uma hora.

– E está carregado para…?

– Bordeaux.

– E qual a carga do senhor?

– Apenas pedras. Sem frete. Parto descarregado.

– O senhor tem passageiros?

– Nada de passageiros. Nunca passageiros. Mercadoria que pensa e atrapalha.

– O navio do senhor anda bem?

– Entre onze e doze nós. O Henrietta, bem conhecido.

– O senhor quer me transportar até Liverpool, eu e três pessoas?

– Até Liverpool? Por que não até a China?

– Estou dizendo a Liverpool.

– Não!

– Não?

– Não. Estou partindo para Bordeaux e eu vou para Bordeaux.

– Não importa o preço?

– Não importa o preço.

O capitão falara com um tom que não admitia réplica.

– Mas os armadores do Henrietta… – retomou Phileas Fogg.

– Os armadores, sou eu – respondeu o capitão. – O navio me pertence.

– Eu o freto.

– Não.

– Eu o compro.

– Não.

Phileas Fogg não pestanejou. No entanto, a situação era grave. Em Nova York não era como em Hong Kong, e o capitão do Henrietta não era como o dono da Tankadère. Até aqui, o dinheiro do *gentleman* havia sempre superado os obstáculos. Desta vez, o dinheiro estava fracassando.

Contudo, era preciso encontrar um meio de atravessar o Atlântico a barco – a menos que o atravessassem em balão, o que teria sido uma grande aventura; porém, de qualquer forma, isso não era realizável.

Aparentemente, no entanto, Phileas Fogg teve uma ideia, pois disse ao capitão:

– Bom, o senhor quer me levar a Bordeaux?

– Não, mesmo que o senhor me pagasse duzentos dólares!

– Eu lhe ofereço dois mil (dez mil francos).

– Por pessoa?

– Por pessoa.

– E os senhores estão em quatro?

– Em quatro.

O capitão Speedy começou a coçar a testa como se quisesse arrancar sua epiderme. Oito mil dólares a lucrar sem modificar sua viagem – valia bastante a pena pôr de lado sua pronunciada antipatia por qualquer tipo de passageiro. Aliás, passageiros a dois mil dólares não eram nem mais passageiros, mas uma mercadoria preciosa.

– Eu parto às nove horas – disse simplesmente o capitão Speedy –, e se o senhor e os seus estiverem aqui…

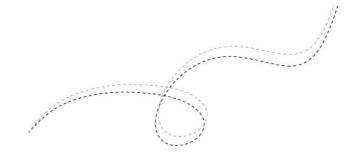
– Às nove horas estaremos a bordo! – respondeu não menos simplesmente Mr. Fogg.

Eram oito horas e meia. Desembarcar do Henrietta, pegar uma carruagem, ir até o hotel Saint Nicolas e trazer Mrs. Aouda, Passepartout e até o inseparável Fix, para quem ofereceu gratuitamente a passagem – tudo isso foi feito pelo *gentleman* com aquela calma que não o abandonava em nenhuma circunstância.

No momento em que o Henrietta aparelhava, todos os quatro estavam a bordo.

Quando Passepartout soube quanto custaria essa última travessia, ele emitiu um desses “Oh!” prolongados que percorrem todas os intervalos da escala cromática descendente!

Quanto ao inspetor Fix, ele disse para si mesmo que o Banco da Inglaterra decididamente não sairia ileso desse caso. De fato, quando chegassem, admitindo que o *sieur* Fogg não jogasse mais alguns punhados de *banknotes* ao mar, mais de sete mil libras (cento e setenta e cinco mil francos) estariam faltando em sua bolsa!

Referência ao Battery Park, parque localizado ao sul da ilha de Manhattan (N.T.).

Capítulo 33

* * *

De quando Phileas Fogg
se mostra à altura das circunstâncias

Uma hora depois, o *steamer* Henrietta ultrapassava o *lightboat*[97] que marca a entrada do Hudson, contornava a ponta de Sandy Hook e alcançava o mar. Durante o dia, ele costeou a Long Island, ao largo do farol de Fire Island, e correu rapidamente em direção ao leste.

No dia seguinte, 13 de dezembro, ao meio-dia, um homem subiu ao passadiço para verificar as coordenadas. Por certo, imagina-se que esse homem era o capitão Speedy. De forma alguma! Era Phileas Fogg, *esq*.

O capitão Speedy estava, na verdade, trancado a chave em sua cabine, e emitia rugidos que denotavam uma cólera (bem perdoável) levada até o paroxismo.

O que acontecera era muito simples. Phileas Fogg queria ir até Liverpool, e o capitão não queria levá-lo até lá. Então Phileas Fogg aceitara embarcar até Bordeaux. Há trinta horas que ele estava a bordo, e ele havia se servido tão bem de *suas banknotes* que a tripulação, os marinheiros e os foguistas – tripulação um tanto suspeita, que tinha relações bem ruins com o capitão – acabara por lhe pertencer. E eis por que Phileas Fogg comandava no lugar do capitão Speedy, por que o capitão estava fechado em sua cabine e por que, enfim, o Henrietta rumava para Liverpool. Aliás, vendo Mr. Fogg manejar, era muito claro que ele já havia sido marinheiro.

Mas, como terminaria a aventura, só mais tarde saberemos. No

entanto, Mrs. Aouda não deixava de estar inquieta, sem dizer nada sobre isso. Fix, por sua vez, no início ficara estupefato. Quanto a Passepartout, ele achava a coisa simplesmente adorável.

“Entre onze e doze nós”, havia dito o capitão Speedy, e o Henrietta de fato se mantinha nessa média de velocidade.

Portanto – quantos “ses” ainda! –, se o mar não ficasse muito ruim, se o vento não virasse para o leste e se não ocorresse nenhum dano à embarcação ou nenhum acidente com a máquina, o Henrietta, nos nove dias compreendidos entre o 12 e o 21 de dezembro, poderia transpor os quatro mil e oitocentos quilômetros que separam Nova York de Liverpool. É verdade que, quando chegassem, a questão do Henrietta, somando-se à questão do Banco, poderia levar o *gentleman* um pouco mais longe do que ele gostaria…

Durante os primeiros dias, a navegação foi feita em excelentes condições. O mar não estava muito difícil. O vento parecia fixado no nordeste. As velas foram estabelecidas e, sob a sua impulsão, o Henrietta rumava como um verdadeiro transatlântico.

Passepartout estava encantado. A última façanha de seu patrão, cujas consequências ele não queria ver, entusiasmava-o. Nunca a tripulação havia visto um rapaz tão alegre, tão ágil. Ele fazia mil amigos entre os marinheiros e os surpreendia com suas acrobacias. Dava-lhes os melhores nomes e as bebidas mais atraentes. Para ele, estes manejavam como *gentlemen*, e os foguistas alimentavam a máquina como heróis. Seu bom humor, tão comunicativo, impregnava todos. Ele havia esquecido o passado, os dissabores, os perigos. Só pensava nesse objetivo tão próximo de ser atingido, e às vezes fervia de impaciência, como se tivesse sido aquecido pelas caldeiras do Henrietta. Com frequência, o digno rapaz também rondava Fix. Ele o observava com um olhar que “dizia muito!”, mas não falava com ele, pois não havia mais nenhuma intimidade entre os dois ex-amigos.

Aliás, é preciso dizer, Fix não entendia mais nada! A obtenção do Henrietta, a compra de sua tripulação, Fogg manejando como um perfeito marinheiro, todo esse conjunto de coisas o aturdia. Ele não sabia mais o que pensar! Porém, no fim das contas, um *gentleman* que começava roubando cinquenta e cinco mil libras bem que podia terminar roubando uma embarcação. E Fix foi naturalmente levado a crer que o Henrietta, dirigido por Fogg, não ia de jeito nenhum para Liverpool, mas para um ponto do mundo onde o ladrão, transformando-se em pirata, ficaria tranquilamente em segurança! É preciso admitir que não havia hipótese mais plausível, e o detetive

começava a lamentar muito seriamente ter embarcado nessa história.

Quanto ao capitão Speedy, ele continuava a berrar em sua cabine, e Passepartout, encarregado de levar-lhe sua comida, só o fazia tomando as maiores precauções, por mais forte que fosse. Mr. Fogg, por sua vez, parecia nem mais se lembrar de que houvesse um capitão a bordo.

No dia 13 passavam pela extremidade do Banco de Terra Nova.[98] Lá se encontram difíceis paragens. Sobretudo no inverno, as brumas são bastante frequentes e as ventanias são temíveis ali. Desde a véspera, o barômetro, tendo bruscamente baixado, fazia pressentir uma mudança próxima da atmosfera. De fato, durante a noite, a temperatura se modificou, o frio se tornou mais intenso e, ao mesmo tempo, o vento virou para o sudeste.

Era um contratempo. Mr. Fogg, a fim de não se afastar de sua rota, teve de colher suas velas e reforçar o vapor. No entanto, o andamento do navio diminuiu, tendo em vista o estado do mar, cujas grandes ondas quebravam contra a roda de proa. O *steamer*, em detrimento de sua velocidade, passou por movimentos de arfagem bastante violentos. A brisa pouco a pouco se transformava em um furacão, e já previam que o Henrietta não conseguisse mais se manter aprumado sobre as ondas. Ora, se era preciso fugir de algo, era do desconhecido e de todos os seus reveses. O rosto de Passepartout anuviou ao mesmo tempo em que o céu, e durante dois dias o honesto rapaz sentiu angústias mortais. Mas Phileas Fogg era um marinheiro astuto, que sabia enfrentar o mar, e ele se manteve na rota, sem nem mesmo baixar o vapor. O Henrietta, quando não podia dominar as ondas, passava ao través, e seu convés estava completamente encharcado. Mas mesmo assim ele passava. Às vezes, quando uma montanha de água soerguia a popa acima das ondas, a hélice emergia, batendo no ar as suas pás afobadas. Mas o navio ia sempre em frente.

Contudo, o vento não aumentou tanto quanto se podia temer. Não foi um desses furacões que passam a uma velocidade de cento e quarenta quilômetros por hora. Ele se manteve forte, mas infelizmente soprou com obstinação na direção sudeste e não permitiu içar as velas. No entanto, como logo se verá, ele teria sido bem útil caso tivesse vindo ajudar o vapor!

Em 16 de dezembro, haviam transcorrido setenta e cinco dias desde a partida de Londres. Na somatória, o Henrietta ainda não tinha nenhum atraso inquietante. A metade da travessia havia sido quase feita, e as paragens mais difíceis haviam sido transpostas. No verão, podia-se dar a situação como ganha. No inverno, ficava-se à mercê do

tempo ruim. Passepartout não se pronunciava. No fundo ele tinha esperanças, e, se o vento faltasse, ao menos ele contava com o vapor. Ora, naquele dia, o maquinista havia subido no convés, encontrado Mr. Fogg e conversado com ele de um modo um tanto exaltado.

Sem saber por que – sem dúvidas por um pressentimento –, Passepartout sentiu uma vaga inquietação. Ele teria dado uma de suas orelhas para escutar com a outra o que era dito ali. No entanto, pôde captar algumas palavras pronunciadas por seu patrão, entre as quais estas:

– O senhor tem certeza do que está afirmando?

– Certeza, senhor – respondeu o maquinista. – Não se esqueça de que, desde a nossa partida, estamos seguindo com todas as nossas caldeiras acesas e, se tínhamos carvão suficiente para ir a baixo vapor de Nova York a Bordeaux, não temos o bastante para ir a todo vapor de Nova York a Liverpool!

– Pensarei nisso – respondeu Mr. Fogg.

Passepartout havia compreendido. Ele foi tomado por uma inquietação mortal.

O carvão ia faltar!

“Ah, se meu patrão conseguir impedir isso”, ele se dizia, “decididamente será um homem famoso!”.

Tendo encontrado Fix, ele não pôde evitar de deixá-lo a par da situação.

– Então o senhor acredita que estamos indo para Liverpool? – respondeu-lhe o agente com os dentes cerrados.

– Por favor!

– Imbecil! – respondeu o inspetor, que foi embora, dando de ombros.

Passepartout esteve a ponto de devolver grosseiramente o qualificativo, do qual ele não conseguia, aliás, compreender o verdadeiro significado. Mas ele pensou que o infortunado Fix devia estar muito desapontado, muito humilhado em seu amor-próprio, depois de ter seguido tão desajeitadamente uma pista falsa em torno do mundo, e então ele abandonou a discussão.

Mas e agora, que decisão Phileas Fogg tomaria? Era difícil imaginar. No entanto, aparentemente o fleumático *gentleman* tomou uma, pois naquela mesma noite mandou vir o maquinista e lhe disse:

– Aumente o fogo e siga até o combustível esgotar completamente.

Alguns instantes depois, a chaminé do Henrietta vomitava torrentes de fumaça.

O navio continuou, desse modo, a rumar a todo vapor. Mas, assim como já havia anunciado, dois dias mais tarde, em 18 de dezembro, o maquinista mandou dizer que o carvão faltaria naquele mesmo dia.

– Que não deixem o fogo diminuir – respondeu Mr. Fogg. – Pelo contrário, sobrecarreguem as válvulas.

Naquele dia, por volta do meio-dia, depois de ter medido a altura do sol e calculado a posição do navio, Phileas Fogg mandou Passepartout vir e lhe deu a ordem de ir procurar o capitão Speedy. Era como se tivessem pedido ao rapaz ir soltar um tigre, e ele desceu do tombadilho[99] dizendo-se:

– Com certeza ele estará com raiva!

Com efeito, alguns minutos mais tarde, em meio a gritos e palavrões, uma bomba chegava no tombadilho. Essa bomba era o capitão Speedy. Era evidente que ela ia explodir.

– Onde estamos? – tais foram as primeiras palavras que ele pronunciou em meio às sufocações da cólera e, se o digno homem estivesse só um pouco apoplético, ele certamente já teria morrido.

– Onde estamos? – repetiu com o rosto congestionado.

– A mil duzentos e quarenta quilômetros de Liverpool (trezentas léguas) – respondeu Mr. Fogg com uma calma imperturbável.

– Pirata! – exclamou Andrew Speedy.

– Eu lhe pedi que viesse, senhor…

– Ladrão do mar!

– … Senhor – retomou Phileas Fogg –, para lhe pedir que me venda o seu navio.

– Não! Por todos os diabos, não!

– É porque serei obrigado a queimá-lo!

– Queimar meu navio?

– Sim, pelo menos os mastros e as peças do convés, porque estamos ficando sem combustível.

– Queimar meu navio! – exclamou o capitão Speedy, que nem conseguia mais pronunciar as sílabas. – Um navio que vale cinquenta mil dólares (duzentos e cinquenta mil francos)!

– Aqui estão sessenta mil (trezentos mil francos)! – respondeu Phileas Fogg, oferecendo ao capitão um pacote de *banknotes*.

Isso causou um efeito prodigioso em Andrew Speedy. Ninguém é americano se a visão de sessenta mil dólares não lhe causar uma certa comoção. O capitão esqueceu em um instante sua cólera, seu aprisionamento, todas as suas queixas contra seu passageiro. Seu navio tinha vinte anos. Isso podia se tornar uma mina de ouro! A bomba já não era mais capaz de explodir. Mr. Fogg havia retirado o seu pavio.

– E o casco de ferro ficará comigo – disse Speedy com um tom singularmente suavizado.

– O casco de ferro e a máquina, senhor. Está fechado?

– Fechado.

E Andrew Speedy, pegando o pacote de *banknotes*, contou-as e escondeu-as em seu bolso.

Durante essa cena, Passepartout estava branco. Quanto a Fix, ele por pouco não teve um acidente vascular. Quase vinte mil libras gastas, e Fogg ainda abandonava ao seu vendedor o casco e a máquina, isto é, quase o valor total do navio! É verdade que a soma roubada do banco subia para cinquenta e cinco mil libras.

Quando Andrew Speedy embolsou o dinheiro:

– Senhor – disse-lhe Mr. Fogg –, que tudo isto não o espante. Saiba que perderei vinte mil libras se eu não estiver em Londres em 21 de dezembro, às oito horas e quarenta e cinco da noite. Bom, eu havia perdido o paquete de Nova York, e como o senhor se recusava a me conduzir a Liverpool…

– E eu fiz bem, pelos cinquenta mil diabos do inferno – exclamou Andrew Speedy –, porque assim estou ganhando pelo menos quarenta mil dólares.

E depois, mais ponderado:

– O senhor sabia de uma coisa, capitão...?

– Fogg.

– Capitão Fogg. Olhe, existe um pouco de *yankee* no senhor.

E depois de ter feito ao seu passageiro isso que considerava um elogio, ele já estava indo embora quando Phileas Fogg lhe disse:

– Agora este navio me pertence?

– Com certeza, da quilha à ponta do mastaréu. Tudo o que for madeira, é claro!

– Bom. Mande demolir os equipamentos internos e alimente o fogo com essas madeiras.

É fácil imaginar o que foi preciso consumir dessa madeira seca para manter o vapor em uma pressão suficiente. Naquele dia, o tombadilho, os camarotes do convés, as cabines, os alojamentos, o falso convés, tudo foi embora.

No dia seguinte, 19 de dezembro, queimaram a mastreação, os equipamentos de reposição, as antenas. Abateram os mastros e cortaram-nos a machadadas. A tripulação punha nisso um zelo inacreditável. Passepartout, talhando, cortando e serrando, fazia o trabalho de dez homens. Era uma fúria demolidora.

No dia seguinte, 20, as amuradas, os paveses, as obras mortas e a maior parte do convés foram devorados. O Henrietta não era mais do que uma embarcação pelada como um pontão.[100]

Naquele mesmo dia, porém, já haviam avistado a costa da Irlanda e o Farol de Fastnet.

Contudo, às dez horas da noite, o navio ainda estava costeando Queenstown.[101] Phileas Fogg só tinha mais vinte e quatro horas para chegar até Londres! Ora, era justamente o tempo necessário para que o Henrietta ganhasse Liverpool – mesmo rumando a todo vapor. Mas o vapor finalmente faltaria ao audacioso *gentleman*!

– Senhor – disse-lhe então o capitão Speedy, que acabou se interessando por seus projetos –, eu realmente sinto muito. Tudo está contra o senhor! Nós ainda estamos diante de Queenstown.

– Ah! – fez Phileas Fogg. – Essa cidade cujas luzes estamos vendo é Queenstown?

– É.

– E nós poderíamos entrar no porto?

– Não antes das três horas. Apenas na maré alta.

– Vamos esperar! – respondeu tranquilamente Phileas Fogg, sem que seu rosto deixasse transparecer que, por uma suprema inspiração, mais uma vez ele tentaria vencer a sorte contrária.

Com efeito, Queenstown é um porto da costa irlandesa onde os transatlânticos vindos dos Estados Unidos jogam, ao passar, seus pacotes de carta. Essas cartas são levadas a Dublin por expressos sempre prontos para partir. De Dublin, elas chegam em Liverpool por *steamers* de grande velocidade –
ultrapassando em doze horas as máquinas mais rápidas das companhias marítimas.

Essas doze horas que o correio da América assim ganhava Phileas Fogg também pretendia ganhar. Em vez de chegar com o Henrietta, na noite do dia seguinte, em Liverpool, ele estaria lá ao meio-dia e, consequentemente, teria tempo de estar em Londres antes das oito horas e quarenta e cinco minutos da noite.

Por volta de uma hora da manhã, o Henrietta entrava à maré alta no porto de Queenstown, e Phileas Fogg, depois de ter recebido um vigoroso aperto de mão do capitão Speedy, deixava-o sobre a carcaça pelada de seu navio, que ainda valia a metade do valor pelo qual fora vendido!

Os passageiros desembarcaram imediatamente. Fix, nesse momento, sentiu uma vontade feroz de deter o *sieur* Fogg. Ele não o fez, porém. Por quê? Que combate acontecia dentro dele? Teria mudado sua opinião a respeito de Mr. Fogg? Estaria finalmente compreendendo que se enganara? Entretanto, Fix não abandonou Mr. Fogg. Com ele, Mrs. Aouda e Passepartout – que não tinha mais tempo nem de respirar –, pegou o trem de Queenstown à uma e meia da manhã, chegou em Dublin ao nascer do dia e embarcou imediatamente em um desses *steamers* – verdadeiros fusos de aço movidos à máquina – que,

desdenhando elevar-se sobre as ondas, passam invariavelmente ao través.

Às vinte para o meio-dia, no dia 21 de dezembro, Phileas Fogg enfim desembarcava no cais de Liverpool. Agora só estava a seis horas de Londres.

Mas, nesse momento, Fix se aproximou, colocou a mão sobre seu ombro e, exibindo o seu mandado, disse:

– O senhor realmente é o *sieur* Phileas Fogg.

– Sim, cavalheiro.

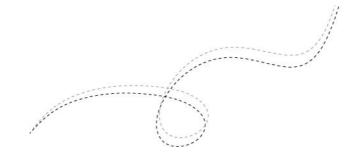
– Em nome da rainha, o senhor está preso!

Em inglês no original, "barco-farol" (N.T.).

Grupo de planaltos submersos localizados na costa de Terra Nova e Labrador, uma das províncias do Canadá (N.T.).

A parte mais elevada do convés do navio, que vai do mastro de mezena até a popa (N.T.).

Plataforma flutuante, embarcação sem propulsão própria e movida a reboque (N.T.).

Atual Cobh, cidade na costa irlandesa (N.T.).

Capítulo 34

* * *

Em que Passepartout tem a chance de fazer
um trocadilho infame, mas talvez inédito

Phileas Fogg estava preso. Haviam-no encarcerado no posto de Custom House, a alfândega de Liverpool, e ali ele passaria a noite esperando sua transferência para Londres.

No momento da prisão, Passepartout quis se atirar sobre o detetive. Alguns *policemen* o retiveram. Mrs. Aouda, assustada com a brutalidade do fato e sem saber de nada, tampouco compreendia alguma coisa. Passepartout explicou-lhe a situação. Mr. Fogg, esse honesto e corajoso *gentleman* a quem ela devia a vida, havia sido acusado de ladrão. A jovem mulher protestou contra tal alegação, seu coração se indignou. Lágrimas escorreram de seus olhos quando ela percebeu que não podia fazer nada nem tentar nada para salvar o seu salvador.

Quanto a Fix, ele havia detido o *gentleman* porque o seu dever o mandava detê-lo, fosse ele culpado ou não. A justiça decidiria.

Mas então um pensamento invadiu Passepartout: o pensamento terrível de que ele decididamente era a causa de toda essa desgraça! De fato, por que escondera essa aventura de Mr. Fogg? Quando Fix lhe revelara sua qualidade de inspetor de polícia e a missão da qual estava encarregado, por que ele decidira não advertir o seu patrão? Este, se prevenido, sem dúvidas teria dado a Fix as provas de sua inocência, teria comprovado seu erro. Em todo caso, ele não teria conduzido à sua custa e ao seu encalço esse desastroso agente, cuja primeira preocupação era detê-lo assim que pusesse os pés no solo do Reino

Unido. Pensando em seus erros e em suas imprudências, o pobre rapaz foi tomado por inevitáveis remorsos. Ele chorava, e dava pena de ver. Tinha vontade de arrancar os próprios cabelos!

Mrs. Aouda e ele haviam ficado, apesar do frio, sob o peristilo da alfândega. Nem um nem o outro queriam sair do lugar. Eles queriam rever mais uma vez Mr. Fogg.

Quanto ao *gentleman*, ele estava incontestavelmente arruinado, e justo no momento em que alcançaria o seu objetivo. Essa detenção o deixava perdido, e não havia retorno. Tendo chegado às onze horas e quarenta em Liverpool, em 21 de dezembro, ele tinha até as oito horas e quarenta e cinco minutos para se apresentar no Reform Club, ou seja, nove horas e quinze minutos – e só precisava de seis para chegar em Londres.

Neste momento, quem tivesse entrado no posto da alfândega teria encontrado Mr. Fogg imóvel, sentado em um banco de madeira, sem raiva, imperturbável. Resignado, talvez, mas esse último golpe não pudera comovê-lo, ao menos em aparência. Teria se formado dentro dele uma dessas raivas secretas, terríveis porque contidas, e que só explodem no último momento e com uma força irrepreensível? Não se sabe. Mas Phileas Fogg estava lá, calmo, esperando… O quê? Teria alguma esperança? Acreditaria ainda no êxito quando a porta da prisão se mantinha fechada diante dele?

De qualquer forma, Mr. Fogg havia posto cuidadosamente o seu relógio sobre uma mesa e olhava os ponteiros girarem. Nenhuma palavra escapava de sua boca, mas seu olhar tinha uma firmeza singular.

Em todo caso, a situação era terrível. Para quem não podia ler sua mente, eis aqui o que pensava:

Homem honesto, Phileas Fogg estava arruinado.

Homem desonesto, estava preso.

Teria tido, então, a ideia de se salvar? Teria pensado em verificar se o posto oferecia uma saída em potencial? Teria sonhado em fugir? Ficaríamos tentados a acreditar nisso, pois, em certo momento, ele deu a volta no quarto. Mas a porta estava solidamente trancada e a janela era guarnecida por grades de ferro. Então ele voltou a se sentar e retirou de sua carteira o itinerário da viagem. Na linha que continha as palavras “21 de dezembro, sábado, Liverpool”, ele acrescentou: “80º dia, 11h40 da manhã”, e então esperou.

Uma hora bateu no relógio de Custom House, e Mr. Fogg constatou que seu relógio estava dois minutos adiantado em relação a ele.

Duas horas! Admitindo que ele pegasse um expresso naquele mesmo instante, ainda poderia chegar em Londres e no Reform Club antes das oito horas e quarenta e cinco minutos da noite. Sua testa franziu ligeiramente.

Às duas horas e trinta e três minutos, um barulho ressoou do lado de fora, uma algazarra de portas que se abriam. Ouvia-se a voz de Passepartout, ouvia-se a voz de Fix.

O olhar de Phileas Fogg brilhou por um instante.

A porta do posto se abriu, e ele viu Mrs. Aouda, Passepartout e Fix se precipitarem em sua direção.

Fix estava sem fôlego, os cabelos desgrenhados… Ele não conseguia falar!

– Senhor – balbuciou –, Senhor… Perdão… Uma semelhança deplorável… Ladrão preso há três dias… O senhor… Livre!

Phileas Fogg estava livre! Ele foi até o detetive. Olhou-o bem nos olhos, e, fazendo o único movimento rápido que ele nunca mais faria e nunca mais precisaria fazer em sua vida, levou os dois braços para trás e depois, com a precisão de um autômato, socou o infeliz inspetor com os dois punhos.

– Um golpe de mestre! – exclamou Passepartout, que, permitindo-se fazer um trocadilho infame, bem digno de um francês, acrescentou: – Muito bem! É isso que eu chamo de um belo soco inglês!

Fix, derrubado, não pronunciou uma palavra. Ele só recebera o que merecia. Imediatamente, Mr. Fogg, Mrs. Aouda e Passepartout saíram da alfândega. Eles se atiraram em uma carruagem e, em alguns minutos, chegavam à estação de Liverpool.

Phileas Fogg perguntou se havia algum expresso pronto para partir para Londres.

Eram duas horas e quarenta. O expresso havia partido há trinta e cinco minutos.

Phileas Fogg encomendou então um trem especial. Havia várias locomotivas de grande velocidade e pressão. Porém, em vista das

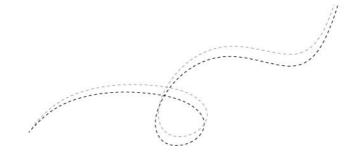
exigências do serviço, o trem especial não pôde deixar a estação antes das três horas.

Às três horas, Phileas Fogg, depois de ter dito ao maquinista algumas palavras sobre um prêmio a ser ganho, rumava na direção de Londres em companhia da jovem mulher e de seu fiel criado.

Era preciso transpor em cinco horas e meia a distância que separa Liverpool de Londres – coisa muito factível quando a via está livre em todo o seu percurso. Mas houve atrasos terríveis e, quando o *gentleman* chegou à estação, oito horas e cinquenta batiam em todos os relógios de Londres.

Phileas Fogg, depois de ter cumprido sua viagem em torno do mundo, chegava cinco minutos atrasado. Ele havia perdido.

Capítulo 35

* * *

Em que Passepartout não precisa
ouvir duas vezes a ordem de seu patrão

No dia seguinte, os moradores da Saville Row teriam ficado bem surpresos se alguém lhes afirmasse que Mr. Fogg retornara ao seu domicílio. Todas as portas e janelas estavam fechadas. Nenhuma mudança acontecera do lado de fora.

Com efeito, depois de ter saído da estação, Phileas Fogg dera a Passepartout a ordem de comprar algumas provisões, e então entrara em casa.

O *gentleman* havia recebido com a sua costumeira impassibilidade o golpe que o feria. Falido! E por culpa desse incompetente inspetor de polícia! Depois de ter percorrido todo esse longo percurso com um passo firme, depois de ter vencido mil obstáculos, desbravado mil perigos e ainda ter encontrando tempo para fazer o bem em seu caminho, fracassar no porto diante de um fato brutal, que ele não podia prever e contra o qual estava desarmado: isso era terrível! Da considerável soma que ele havia levado na partida, só lhe restava um troco insignificante. Agora sua fortuna só era composta pelas vinte mil libras depositadas no banco dos irmãos Baring, e ele devia essas vinte mil libras aos seus colegas do Reform Club. Depois de ter tido tantos gastos, ganhar a aposta sem dúvidas não o teria enriquecido – e é provável que ele não tivesse procurado enriquecer, sendo desses homens que apostam pela honra –, mas perder a aposta o arruinava completamente. Além do mais, o *gentleman* havia tomado uma decisão. Ele sabia o que lhe restava fazer.

Um quarto da casa da Saville Row havia sido reservado a Mrs. Aouda. A jovem mulher estava desesperada. Por causa de certas palavras pronunciadas por Mr. Fogg, ela havia compreen-
dido que este meditava algum projeto funesto.

Sabe-se, de fato, a que deploráveis extremos às vezes podem chegar esses ingleses monomaníacos sob a pressão de uma ideia fixa. Desse modo, Passepartout, sem deixar que isto transparecesse, vigiava o seu patrão.

Porém, em primeiro lugar, o honesto rapaz havia subido ao seu quarto e apagado o lampião que queimava há oitenta dias. Ele encontrara na caixa de correio uma notificação da Companhia de Gás, e então pensou que já era mais do que tempo de acabar com essas despesas das quais era responsável.

A noite passou. Mr. Fogg havia se deitado, mas será que dormira? Quanto a Mrs. Aouda, ela não pôde ter um único instante de repouso. Passepartout, por sua vez, havia velado como um cão à porta de seu dono.

No dia seguinte, Mr. Fogg mandou-o vir e recomendou-lhe, em palavras bem breves, que se ocupasse do desjejum de Mrs. Aouda. Ele se contentaria com uma xícara de chá e uma torrada. Mrs. Aouda teria de desculpá-lo pelo desjejum e o jantar, pois todo seu tempo estava consagrado a pôr seus negócios em ordem. Ele não desceria. Apenas à noite pediria a Mrs. Aouda a permissão de lhe falar por alguns instantes.

Passepartout, ao saber da programação do dia, só tinha de se conformar. Ele olhava para seu patrão sempre impassível e não conseguia sair do quarto dele. Seu coração estava pesado, sua consciência estava atormentada por remorsos, pois ele se acusava mais do que nunca por esse irreparável desastre. Sim! Se ele tivesse advertido Mr. Fogg, se tivesse lhe revelado os projetos do agente Fix, Mr. Fogg certamente não teria arrastado o agente Fix até Liverpool, e então…

Passepartout não pôde mais aguentar.

– Meu patrão! Senhor Fogg! – exclamou. – Amaldiçoe-me! É por minha culpa que…

– Eu não acuso ninguém – respondeu Phileas Fogg com o tom mais calmo. – Vá.

Passepartout saiu do quarto e foi encontrar a jovem mulher, a quem contou as intenções de seu patrão.

– Madame – acrescentou –, eu não consigo fazer nada sozinho, nada! Eu não tenho nenhuma influência sobre a mente do meu patrão. A senhora, talvez...

– Que influência eu teria? – respondeu Mrs. Aouda. – Mr. Fogg não sofre nenhuma influência! Ele nunca entendeu que o meu reconhecimento por ele estava prestes a transbordar! Ele nunca leu o meu coração! Meu amigo, não devemos abandoná-lo um único instante! O senhor disse que ele manifestou a intenção de me falar esta noite?

– Sim, madame. Trata-se, sem dúvidas, de assegurar a situação da senhora na Inglaterra.

– Vamos aguardar – respondeu a jovem mulher, que ficou toda pensativa.

Assim, durante esse dia de domingo, a casa da Saville Row estava como se fosse desabitada e, pela primeira vez desde que vivia nessa casa, Phileas Fogg não foi ao seu clube quando soaram onze horas e meia na torre do Parlamento.

E por que o *gentleman* se apresentaria no Reform Club? Seus colegas não o esperavam mais. Como na noite da véspera, nessa data fatal de sábado, 21 de dezembro, às oito horas e quarenta e cinco, Phileas Fogg não havia aparecido no salão do Reform Club, sua aposta estava perdida. Ele nem mesmo tinha a necessidade de ir ao seu banqueiro para pegar a soma de vinte mil libras. Seus adversários tinham em mãos um cheque assinado por ele, e bastava um simples documento assinado, a ser entregue aos irmãos Baring, para que as vinte mil libras lhes fossem concedidas.

Mr. Fogg, portanto, não precisava sair. E ele não saiu. Permaneceu em seu quarto e pôs seus negócios em ordem. Passepartout não parou de subir e descer as escadas da casa da Saville Row. As horas não passavam para o pobre rapaz. Ele escutava à porta do quarto de seu patrão, e, ao fazer isso, não pensava estar cometendo a menor indiscrição! Ele olhava pelo buraco da fechadura, e imaginava que tinha esse direito! Passepartout temia a todo momento alguma catástrofe. Às vezes pensava em Fix, mas uma reviravolta se fizera em sua mente. Ele não guardava mais rancor do inspetor de polícia. Fix havia se enganado como todo mundo a respeito de Phileas Fogg, e, ao

segui-lo, ao detê-lo, só tinha feito o seu dever, enquanto ele… Esse pensamento o esmagava, e ele se sentia como o último dos miseráveis.

Quando Passepartout se sentia muito infeliz por estar sozinho, ele batia à porta de Mrs. Aouda, entrava em seu quarto, sentava-se em um canto sem dizer uma palavra e olhava para a jovem mulher, sempre pensativa.

Por volta de sete horas e meia da noite, Mr. Fogg mandou perguntar a Mrs. Aouda se ela poderia recebê-lo e, alguns instantes depois, a jovem mulher e ele estavam sozinhos naquele quarto.

Phileas Fogg pegou uma cadeira e se sentou perto da lareira, em frente a Mrs. Aouda. Seu rosto não refletia emoção alguma. O Fogg da volta era exatamente o Fogg da partida. A mesma calma, a mesma impassibilidade.

Ele ficou sem falar por cinco minutos. E então, levantando os olhos sobre Mrs. Aouda:

– Madame – disse-lhe –, a senhora me perdoaria por tê-la trazido para a Inglaterra?

– Eu, senhor Fogg? – respondeu Mrs. Aouda, comprimindo as batidas de seu coração.

– Queira me deixar terminar – retomou Mr. Fogg. – Quando pensei em levá-la para longe daquela região que se tornou tão perigosa para a senhora, eu era rico e esperava colocar uma parte de minha fortuna à sua disposição. A existência da senhora teria sido feliz e livre. Mas agora, estou falido.

– Eu sei, senhor Fogg – respondeu a jovem mulher –, e eu lhe pergunto, por minha vez: o senhor me perdoaria por tê-lo seguido e, quem sabe, ao atrasá-lo, por talvez ter contribuído para a sua falência?

– Madame, a senhora não podia ficar na Índia. A sua salvação só estaria assegurada se a senhora ficasse longe o bastante para que aqueles fanáticos não pudessem reavê-la.

– Mas então, senhor Fogg – retomou Mrs. Aouda –, não contente em me livrar de uma morte horrível, o senhor ainda acredita ser obrigado a assegurar minha situação no exterior?

– Sim, madame – respondeu Fogg –, mas os acontecimentos se voltaram contra mim. No entanto, peço-lhe a permissão de dispor o

pouco que me resta a seu favor.

– Mas e o senhor, senhor Fogg, o que vai lhe acontecer? – perguntou Mrs. Aouda.

– Eu, madame – respondeu friamente o *gentleman* –, eu não preciso de nada.

– Mas como o senhor está encarando a sorte que lhe espera?

– Como convém fazê-lo – respondeu Mr. Fogg.

– Em todo caso – retomou Mrs. Aouda –, a miséria não poderá atingir um homem como o senhor. Os seus amigos…

– Eu não tenho amigos, madame.

– Os seus parentes…

– Eu não tenho mais parentes.

– Então eu lastimo, senhor Fogg, pois o isolamento é uma coisa triste. Mas como?! Nem um coração onde verter as suas penas… Dizem, no entanto, que em dois a própria miséria ainda é suportável!

– Dizem, madame.

– Senhor Fogg – disse então Mrs. Aouda, levantando-se e estendendo a mão ao *gentleman* –, o senhor deseja ao mesmo tempo uma parenta e uma amiga? O senhor deseja ter-me como sua mulher?

A essas palavras, Mr. Fogg também se levantou. Havia um reflexo incomum em seus olhos, um tremor em seu lábios. Mrs. Aouda o olhava. A sinceridade, a justeza, a firmeza e a doçura desse belo olhar de uma nobre mulher, que ousa tudo para salvar aquele a quem deve tudo, inicialmente o espantaram, mas depois o penetraram. Ele fechou os olhos por um instante, como para evitar que esse olhar fosse mais fundo… Quando os reabriu:

– Eu a amo! – disse simplesmente. – Sim, é verdade, por tudo o que há de mais sagrado no mundo, eu a amo e eu sou todo seu!

– Ah! – exclamou Mrs. Aouda levando a mão ao coração.

Passepartout foi chamado. Ele chegou imediatamente. Mr. Fogg ainda tinha a mão de Mrs. Aouda na sua. Passepartout compreendeu tudo, e seu largo rosto se iluminou como o sol no zênite das regiões tropicais.

Mr. Fogg perguntou-lhe se não seria tarde demais para ir advertir o reverendo Samuel Wilson, da paróquia de Maryle Bone.

Passepartout deu o seu melhor sorriso.

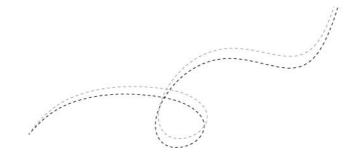
– Nunca é tarde demais! – disse.

Eram oito horas e cinco minutos.

– Será amanhã, segunda-feira! – disse.

– Amanhã, segunda-feira? – perguntou Mr. Fogg, olhando para a jovem mulher.

– Amanhã, segunda-feira! – respondeu Mrs. Aouda.

Passepartout saiu correndo.

Capítulo 36

* * *

Em que Phileas Fogg novamente toma a dianteira no mercado

É tempo de contar aqui a reviravolta de opinião que se produzira no Reino Unido quando se soube da detenção do verdadeiro ladrão do banco – um certo James Strand –, a qual ocorrera dia 17 de dezembro, em Edimburgo.

Três dias antes, Phileas Fogg era um criminoso que a polícia perseguia à exaustão, e agora ele era o mais honesto *gentleman*, que cumpria matematicamente a sua excêntrica viagem em torno do mundo.

Que efeito, que barulho nos jornais! Todos os apostadores, a favor ou contra, que já haviam se esquecido desse caso, ressuscitaram como por um passe de mágica. Todas as transações voltavam a ser válidas. Todas as apostas reviviam, e, é preciso dizê-lo, voltavam com uma nova energia. O nome de Phileas Fogg novamente tomou a dianteira no mercado.

Os cinco colegas do *gentleman*, no Reform Club, passaram esses três dias em uma certa inquietude. Aquele Phileas Fogg que eles haviam esquecido reaparecia diante de seus olhos! Onde estaria naquele momento? Em 17 de dezembro – dia em que James Strand foi detido –, havia setenta e seis dias que Phileas Fogg partira, e nenhuma notícia dele! Teria morrido? Teria renunciado à luta ou continuaria a sua rota de acordo com o itinerário combinado? E no sábado, 21 de dezembro, às oito horas e quarenta e cinco da noite, será que ele apareceria, como o deus da exatidão, na soleira do salão do Reform Club?

Seria difícil pintar a ansiedade na qual, durante três dias, todo esse mundo da sociedade inglesa viveu. Enviaram telegramas para a América e a Ásia a fim de ter notícias de Phileas Fogg. Mandaram vigiar dia e noite a casa da Saville Row. Nada. A própria polícia não sabia mais o que tinha sido feito do detetive Fix, que se lançara tão desajeitadamente atrás de uma pista falsa. O que não impediu que as apostas fossem retomadas em uma maior escala. Phileas Fogg, como um cavalo de corrida, estava chegando à última curva. Não estimavam mais que ele tinha uma chance contra cem, mas sim uma contra vinte, contra dez, contra cinco, e o velho paralítico, o lorde Albermale, apostava na chance de igual para igual.

Desse modo, no sábado à noite, havia uma multidão na Pall Mall e nas ruas vizinhas. Parecia um imenso ajuntamento de corretores plantados nas imediações do Reform Club. O trânsito havia sido interrompido. As pessoas discutiam, disputavam, apregoavam o ativo "Phileas Fogg" como se este fizesse parte dos fundos ingleses. Os *policemen* tinham muita dificuldade em conter o povo, e à medida que se aproximava a hora em que Phileas Fogg deveria chegar, a emoção tomava proporções inacreditáveis.

Naquela noite, os cinco colegas do *gentleman* estavam reunidos desde as nove horas no grande salão do Reform Club. Os dois banqueiros, John Sullivan e Samuel Fallentin, o engenheiro Andrew Stuart, o administrador do Banco da Inglaterra, Gauthier Ralph, e o cervejeiro Thomas Flanagan, todos esperavam ansiosamente.

No momento em que o relógio do grande salão marcou oito horas e vinte e cinco minutos, Andrew Stuart, levantando-se, disse:

– Cavalheiros, em vinte minutos, o prazo combinado entre nós e Mr. Phileas Fogg terá expirado.

– A que horas chegou o último trem de Liverpool? – indagou Thomas Flanagan.

– Às sete horas e vinte e três – respondeu Gauthier Ralph –, e o trem seguinte só chega à meia-noite e dez.

– Bom, senhores – retomou Andrew Stuart –, se Phileas Fogg tivesse chegado no trem de sete horas e vinte e três, ele já estaria aqui. Podemos, portanto, considerar a aposta ganha.

– Vamos esperar, não nos precipitemos – respondeu Samuel Fallentin. – O senhor sabe que nosso colega é um excêntrico de primeira. Sua exatidão em tudo é bem conhecida. Ele nunca chega tarde demais nem

cedo demais, e eu não ficaria surpreso se ele aparecesse aqui no último minuto.

– E eu – disse Andrew Stuart, que estava, como sempre, muito nervoso –, mesmo o vendo, não vou acreditar.

– O projeto de Phileas Fogg era realmente insensato – retomou Thomas Flanagan. – Qualquer que fosse a sua exatidão, ele não poderia impedir os atrasos inevitáveis, e um atraso de apenas dois ou três dias bastaria para comprometer sua viagem.

– Os senhores percebam, aliás – acrescentou John Sullivan –, que nós não recebemos nenhuma notícia de nosso colega, embora não faltassem fios telegráficos em seu itinerário.

– Ele perdeu, senhores – retomou Andrew Stuart –, ele perdeu mil vezes! Os senhores saibam, aliás, que o China, o único paquete de Nova York que ele poderia pegar para vir a Liverpool em tempo útil, chegou ontem. Ora, aqui está a lista de passageiros, publicada pela *Shipping Gazette*, e o nome de Phileas Fogg não figura nela. Admitindo as chances mais favoráveis, nosso colega com sorte está na América! Estimo em pelo menos vinte dias o atraso que ele terá em relação à data combinada, e o velho Lord Albermale também ficará sem as suas cinco mil libras!

– É evidente – respondeu Gauthier Ralph –, e amanhã nós só precisamos apresentar no banco dos irmãos Baring o cheque de Mr. Fogg.

Nesse momento, o relógio do salão soou oito horas e quarenta.

– Mais cinco minutos – disse Andrew Stuart.

Os cinco colegas se olhavam. É possível crer que os batimentos de seus corações haviam sofrido uma ligeira aceleração, pois, mesmo para jogadores experientes, essa era uma partida muito intensa! Mas eles não queriam deixar nada disso transparecer, pois, ao ouvirem a sugestão de Samuel Fallentin, ocuparam seus lugares em uma mesa de jogo.

– Eu não daria a minha parte de quatro mil libras na aposta – disse Andrew Stuart ao se sentar –, mesmo se me oferecessem três mil novecentos e noventa e nove!

Os ponteiros marcavam, nesse momento, oito horas e quarenta e dois minutos.

Os jogadores haviam pegado as cartas, mas a cada instante seus olhos se fixavam no relógio. É possível afirmar que, não importa qual fosse a confiança deles, nunca alguns minutos lhes pareceram tão longos!

– Oito horas e quarenta e três – disse Thomas Flanagan, cortando o jogo que Gauthier Ralph lhe apresentava.

Em seguida, um momento de silêncio se fez. O vasto salão do clube estava tranquilo. Porém, do lado de fora, ouvia-se a algazarra da multidão, às vezes dominada por gritos agudos. O pêndulo do relógio marcava os segundos com uma regularidade matemática. Cada jogador podia contar as frações sexagesimais que percutiam em seus ouvidos.

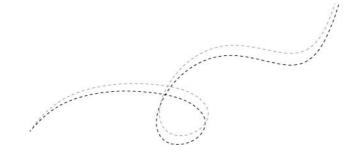
– Oito horas e quarenta e quatro! – disse John Sullivan com uma voz que revelava uma emoção involuntária.

Apenas mais um minuto e a aposta estava ganha. Andrew Stuart e seus colegas não jogavam mais. Eles haviam largado as cartas! Eles contavam os segundos! No quadragésimo segundo, nada. No quinquagésimo, nada ainda!

No quinquagésimo quinto, ouviu-se uma espécie de explosão do lado de fora: aplausos, urras e até mesmo imprecações, que se propagaram em rufadas contínuas.

Os jogadores se levantaram.

No quinquagésimo sétimo segundo, a porta do salão se abriu, e o pêndulo ainda não havia marcado o sexagésimo segundo quando Phileas Fogg apareceu, seguido de uma multidão em delírio que havia forçado a entrada do clube. Com a sua voz calma, disse:

– Aqui estou, cavalheiros.

Capítulo 37

* * *

Em que fica provado que Phileas Fogg não ganhou nada ao dar a volta ao mundo, a não ser a felicidade

Sim! Era Phileas Fogg em pessoa.

Lembremos que às oito horas e cinco da noite – mais ou menos vinte e cinco horas depois da chegada dos viajantes a Londres –, Passepartout havia sido encarregado de advertir o reverendo Samuel Wilson com relação a um certo casamento que deveria se concluir logo no dia seguinte.

Passepartout saiu, então, encantado. Ele foi com um passo rápido até a residência do reverendo Samuel Wilson, que ainda não havia voltado. Naturalmente, Passepartout esperou, mas ele esperou uns bons vinte minutos.

Em suma, eram oito horas e trinta e cinco quando ele saiu da casa do reverendo. Mas em que estado! Os cabelos em desordem, sem chapéu, correndo, correndo como jamais se viu alguém correr, trombando com os passantes, precipitando-se como uma flecha nas calçadas!

Em três minutos, ele estava de retorno à casa da Saville Row, e caía, sem fôlego, no quarto de Mr. Fogg.

Ele não conseguia falar.

– O que está havendo? – perguntou Mr. Fogg.

– Meu patrão… – balbuciou Passepartout. – Casamento… Impossível.

– Impossível?

– Impossível… Amanhã.

– Por quê?

– Porque amanhã… É domingo!

– Segunda-feira – respondeu Mr. Fogg.

– Não… Hoje… Sábado.

– Sábado? Impossível!

– É sim! É sim! – exclamou – O senhor se enganou quanto ao dia! Nós chegamos vinte e quatro horas adiantados… Mas agora não restam mais que dez minutos!

Passepartout pegou seu patrão pelo colarinho e o arrastou com uma força irreprimível!

Phileas Fogg, assim arrastado, sem ter tempo de refletir, saiu de seu quarto, saiu de sua casa, pulou em uma carruagem, prometeu cem libras ao cocheiro e, depois de ter atropelado dois cachorros e batido em cinco carruagens, chegou ao Reform Club.

O relógio marcava oito horas e quarenta e cinco quando ele apareceu no grande salão.

Phileas Fogg havia cumprido sua volta ao mundo em oitenta dias!

Phileas Fogg havia ganhado sua aposta de vinte mil libras!

Mas como é que um homem tão exato e tão meticuloso pôde ter cometido esse erro com relação ao dia? Como é que ele acreditava ter desembarcado em Londres no sábado à noite, 21 de dezembro, quando não passava de sexta-feira, 20 de dezembro, somente setenta e nove dias depois de sua partida?

Eis aqui a razão desse erro. Ela é bem simples.

Phileas Fogg havia, “sem desconfiar”, ganhado um dia em seu itinerário – e unicamente porque dera a volta ao mundo na direção leste. Por outro lado, ele teria perdido esse dia caso tivesse ido no sentido contrário, isto é, em direção ao oeste.

De fato, ao rumar na direção leste, Phileas Fogg estava indo ao

encontro do sol e, consequentemente, a cada grau ultrapassado nessa direção, os dias diminuíam quatro minutos para ele. Ora, a circunferência terrestre conta com trezentos e sessenta graus, e esses trezentos e sessenta graus, multiplicados por quatro minutos, dão exatamente vinte e quatro horas – isto é, esse dia inconscientemente ganho. Em outros termos, enquanto Phileas Fogg, rumando na direção leste, via o sol passar *oitenta vezes* no meridiano, seus colegas em Londres só o viam passar *setenta e nove vezes*. É por isso que, naquele mesmo dia – que era sábado, e não domingo, como acreditava Mr. Fogg –, os *gentlemen* o esperavam no salão do Reform Club.

E é isso que o famoso relógio de Passepartout – que sempre conservara a hora de Londres – teria constatado se, além dos minutos e das horas, também marcasse os dias! Phileas Fogg havia, portanto, ganhado as vinte mil libras. Mas como ele gastara em seu caminho mais ou menos dezenove mil, o resultado pecuniário era medíocre. Contudo, como já dito, nessa aposta o
excêntrico *gentleman* só buscara o desafio, e não a fortuna. Tanto que dividiu as mil libras restantes entre o honesto Passepartout e o infeliz Fix, de quem era incapaz de guardar rancor. Porém, para manter o seu proceder, ele reteve de seu criado o valor das mil novecentas e vinte horas de gás gastas por culpa dele.

Naquela mesma noite, Mr. Fogg, tão impassível e tão fleumático quanto de costume, disse a Mrs. Aouda:

– Este casamento ainda lhe convém, madame?

– Senhor Fogg – respondeu Mrs. Aouda –, sou eu quem devo lhe fazer essa pergunta. O senhor estava falido, e agora está rico…

– Desculpe-me, madame, mas essa fortuna lhe pertence. Se a senhora não tivesse pensado nesse casamento, meu criado não teria ido até a casa do reverendo Samuel Wilson, eu não teria percebido o meu erro e…

– Querido senhor Fogg… – disse a jovem mulher.

– Querida Aouda… – respondeu Phileas Fogg.

O casamento se fez quarenta e oito horas depois, e Passepartout, magnífico, resplandecente, deslumbrante, figurou como a testemunha da jovem mulher. Afinal, ele não a salvara? Não lhe era devida essa honra?

No dia seguinte, à alvorada, Passepartout bateu com força à porta de

seu patrão.

A porta abriu e o impassível *gentleman* apareceu.

– O que está havendo, Passepartout?

– O que está havendo, senhor? Está havendo que eu acabo de perceber, nesse mesmo instante…

– Mas o quê?

– Que nós podíamos ter dado a volta ao mundo em apenas setenta e nove dias.

– Sem dúvidas – respondeu Mr. Fogg – Se não atravessássemos a Índia. Mas se eu não tivesse atravessado a Índia, eu não teria salvado Mrs. Aouda, ela não seria a minha mulher e…

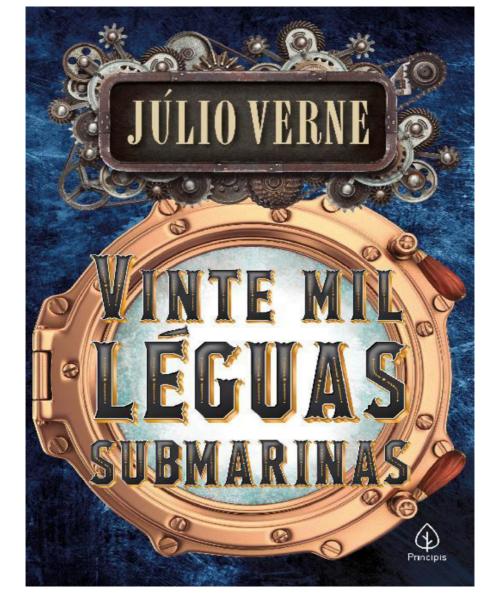
E Mr. Fogg fechou tranquilamente a porta.

Assim, portanto, Phileas Fogg ganhara a sua aposta. Ele havia cumprido em oitenta dias uma viagem em torno do mundo! Para isso, empregara todos os meios de transporte: paquetes, *railways*, carruagens, escunas, barcos mercantes, trenó, elefante. O excêntrico *gentleman* havia exibido nesse desafio suas maravilhosas qualidades de sangue-frio e exatidão.

Mas e no fim? O que ele ganhara com esse deslocamento?

O que ele levara dessa viagem?

Nada, é o que dirão. Nada, que seja, a não ser uma encantadora mulher, que – por mais inverossímil que isso possa parecer – fez dele o mais feliz dos homens! Ora, e será que não daríamos, por menos que isso, a volta ao mundo?

JÚLIO VERNE
VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS
Principis

JÚLIO VERNE

VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS

Tradução
Andréia Manfrin Alves

Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Traduzido do original em francês
Vingt mille lieues sous les mers
Texto
Júlio Verne
Tradução
Andréia Manfrin Alves
Preparação
Frank de Oliveira
Diagramação e revisão
Casa de Ideias
Produção e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
3d_man/Shutterstock.com; donatas1205/Shutterstock.com; Wilqkuku/Shutterstock.com; Makhnach_S/Shutterstock.com; Meranna/Shutterstock.com;

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

V531v Verne, Júlio, 1828-1905

Vinte mil léguas submarinas [recurso eletrônico] / Júlio Verne ; traduzido por Andréia Manfrin Alves. - Jandira, SP : Principis, 2020.

368 p. ; ePUB ; 4,8 MB. – (Literatura Clássica Mundial)
Tradução de: Vingt mille lieues sous les mers
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-034-7 (Ebook)

1. Literatura francesa. 2. Romance. I. Alves, Andréia Manfrin. II. Título. III. Série.

2020-1351 CDD 843
CDU 821.133.1-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa : Romance 843
2. Literatura francesa : Romance 821.133.1-31

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br

Primeira parte

Um escolho escorregadio

O ano de 1866 foi marcado por um acontecimento peculiar, um fenômeno inexplicado e inexplicável de que, sem dúvida, ninguém se esqueceu. Sem falar dos rumores que agitavam as populações dos portos e deixavam o público por demais inquieto no interior dos continentes, os que viviam no mar ficaram particularmente abalados. Os comerciantes, os armadores, os capitães dos navios, os *skippers* e mestres da Europa e da América, os oficiais das marinhas de todos os países e, além deles, os governos dos vários estados dos dois continentes, estavam extremamente preocupados com o fato.

Na verdade, havia algum tempo, vários navios tinham se deparado, em alto-mar, com "uma coisa enorme", um objeto longo, fusiforme, às vezes fosforescente, infinitamente maior e mais rápido que uma baleia.

Os fatos relativos a essa aparição, registrados nos

diferentes diários de bordo, concordavam sobre a estrutura exata do objeto ou ser em questão, a espantosa velocidade de seus movimentos, o poder surpreendente de sua locomoção, a vida particular de que parecia ser dotado. Se fosse um cetáceo, excedia em volume todos os que a ciência tinha classificado até então. Nem Cuvier, nem Lacépède, nem o senhor Dumeril, nem o senhor de Quatrefages[1] teriam admitido a existência de tal monstro – a menos que o tivessem visto, o que chamamos de "ver com seus próprios olhos de cientista".

Considerando a média das observações feitas em diferentes ocasiões – rejeitando as tímidas avaliações que atribuíam a esse objeto um comprimento de 61 metros[2] e recusando as opiniões exageradas que diziam que tinha 1 milha de largura e 3 de comprimento –, podia-se afirmar, no entanto, que esse ser fenomenal superava, e muito, todas as dimensões aceitas até então pelos ictiologistas – se é que ele realmente existia.

Ora, ele existia, o fato em si já era inegável, e, com a propensão que o cérebro humano tem para o maravilhoso, é possível entender a emoção produzida em todo o mundo por essa aparição sobrenatural. Quanto a classificá-lo no rol das fábulas, tal ideia tinha de ser abandonada.

No dia 20 de julho de 1866, o navio a vapor *Governor Higginson*, da Calcutta & Burnach Steam Navigation Company, encontrou essa massa em movimento 5 milhas a leste da costa da Austrália. De início, o capitão Baker pensou estar na presença de um escolho desconhecido; estava prestes a determinar sua posição

exata, quando duas colunas de água, esguichadas pelo objeto inexplicável, projetaram-se assobiando a 45 metros de altura. Então, a menos que esse escolho estivesse sujeito às intermitentes expansões de um gêiser, o *Governor Higginson* estava realmente lidando com algum mamífero aquático, até então desconhecido, que esguichava por seus espiráculos uma mistura de ar e vapor.

Fato muito semelhante foi observado no dia 23 de julho do mesmo ano, nas águas do Pacífico, pelo *Cristobal Colon*, da West India and Pacific Steam Navigation Company. Esse extraordinário cetáceo podia, então, mover-se de um lugar para outro com uma velocidade surpreendente, uma vez que, no intervalo de três dias, o *Governor Higginson* e o *Cristobal Colon* o tinham observado em dois pontos no mapa separados por uma distância de mais de 700 léguas marítimas.

Quinze dias mais tarde, a 2 mil léguas de distância, o *Helvetia*, da Compagnie Nationale, e o *Shannon*, da Royal Mail, navegavam em sentidos contrários na porção do Atlântico entre os Estados Unidos e a Europa e, respectivamente, identificaram o monstro a 42° 15’ de latitude norte e 60° 35’ de longitude oeste do meridiano de Greenwich. Com essa observação simultânea, julgaram avaliar o comprimento mínimo do mamífero em mais de 106 metros, uma vez que o *Shannon* e o *Helvetia* tinham uma dimensão inferior a ele, ainda que medissem 100 metros da proa à popa. Ora, as maiores baleias, as que frequentam as paragens das ilhas Aleutas, Kulammak e Umgullick, nunca apresentaram dimensões superiores a 56 metros

– se é que chegavam a tal medida.

Esses relatos que chegaram um após o outro, as novas observações feitas a bordo do transatlântico *Le Péreire*, uma colisão entre o *Etna*, da linha Inman, e o monstro, um relatório feito pelos oficiais da fragata francesa *La Normandie*, um levantamento bastante sério obtido pelo estado-maior, do comandante Fitz-James a bordo do *Lord Clyde*, mexeram profundamente com a opinião pública. Nos países de humor leve, foram feitas piadas sobre o fenômeno, mas os países mais austeros e práticos, como a Inglaterra, os Estados Unidos e a Alemanha, ficaram intensamente preocupados.

Nos grandes centros, o monstro virou moda. Cantavam sobre ele nos cafés, vilipendiavam-no nos jornais e o representavam nos teatros. Os pasquins puderam aproveitar para divulgar notícias de todo tipo. Reapareceram nos jornais – por falta de assunto – todos os seres imaginários e gigantescos, desde a baleia branca, a terrível "Moby Dick" das regiões hiperbóreas, até o descomunal Kraken, cujos tentáculos podem enlaçar um prédio de 50 toneladas e arrastá-lo até os abismos do oceano. Reproduziram-se até registros de tempos antigos, como as opiniões de Aristóteles e Plínio, que admitiam a existência desses monstros, e também os relatos noruegueses do bispo Pontoppidan, as relações de Paul Heggede, e, finalmente, os relatórios do senhor Harrington, de cuja boa-fé não se pode suspeitar, quando ele afirma ter visto, a bordo do *Castillan*, em 1857, essa enorme serpente que, até então, só havia frequentado os mares do antigo *Constitutionnel*.

Foi então que eclodiu a interminável polêmica entre

os crédulos e os incrédulos nos grupos acadêmicos e nas revistas científicas. A "questão do monstro" inflamou os ânimos. Os jornalistas que defendem a ciência, em disputa com aqueles que defendem a espirituosidade, derramaram uma maré de tinta durante essa campanha memorável; alguns chegaram a derramar duas ou três gotas de sangue, pois, partindo
da serpente do mar, chegaram às personalidades mais vis.

Durante seis meses, a guerra prosseguiu com diferentes peripécias. Nos artigos do Instituto Geográfico do Brasil, da Academia Real das Ciências de Berlim, da Associação Britânica, da Smithsonian Institution de Washington, às discussões do *The Indian Archipelago*, do *Cosmos* do abade Moigno, das *Mittheilungen* de Petermann, às crônicas científicas dos grandes jornais da França e do exterior, a imprensa independente reagia com uma imaginação inesgotável. Seus autores espirituosos, parodiando Lineu, citado pelos adversários do monstro, argumentavam que "a natureza não produzia tolos", e eles exortaram seus contemporâneos a não negar a natureza, admitindo a existência das Krakens, das serpentes do mar, das "Moby Dick" e de outras elucubrações de marinheiros delirantes. Finalmente, num artigo de um jornal satírico muito temido, o mais amado de seus redatores, superando os demais, jogou-se sobre o monstro, como Hipólito[3], deu-lhe um último golpe e matou-o em meio a uma gargalhada universal. O espírito gozador tinha vencido a ciência.

Nos primeiros meses do ano de 1867, a questão

parecia estar enterrada, e nada indicava que fosse reavivada, quando novos fatos vieram à tona. Não se tratava de um problema científico a resolver, mas de um perigo real e grave a evitar. A questão tomou um rumo completamente diferente. O monstro tornou-se de novo uma ilhota, uma rocha, um escolho, mas um escolho escorregadio, indeterminável e esquivo.

Em 5 de março de 1867, o *Moravian*, da Montreal Ocean Company, estando à noite a 27° 30’ de latitude e 72° 15’ de longitude, atingiu com sua alheta uma pedra a estibordo que não estava assinalada em nenhum mapa. Sob a força combinada do vento e de seus 400 cavalos-vapor de potência, navegava a uma velocidade de 13 nós por hora. Não há dúvida de que, não fosse a qualidade superior de seu casco, o *Moravian*, com o impacto do choque, teria sido engolido pelo mar, junto com os 237 passageiros que trazia do Canadá.

O acidente ocorreu por volta das 5 horas da manhã, quando o dia começava a raiar. Os oficiais da guarda correram para a popa do navio. Examinaram o oceano com a mais escrupulosa atenção. Mas não viram nada, exceto uma forte turbulência a uns 600 metros de distância, como se os reservatórios de líquidos tivessem sofrido violentas pancadas. As coordenadas do local foram anotadas com exatidão, e o *Moravian* seguiu seu curso sem danos aparentes. Teria ele colidido com uma pedra submarina ou com um enorme destroço de uma embarcação naufragada? Não era possível saber; mas, após o exame de sua carena na doca seca, descobriu-se que parte da quilha estava rachada.

Esse fato, por si só extremamente grave, talvez tivesse sido esquecido, como tantos outros se, três semanas mais tarde, não tivesse se repetido em condições idênticas. Porém, graças à nacionalidade do navio que foi vítima dessa nova colisão e à reputação da empresa a que ele pertencia, o acontecimento teve enorme repercussão.

Ninguém ignora o nome do famoso armador inglês Cunard. Esse inteligente industrial fundou um serviço postal entre Liverpool e Halifax em 1840, com três navios de madeira e com rodas de 400 cavalos de potência e uma arqueação de 1.162 toneladas. Oito anos mais tarde, o equipamento da Companhia aumentou para quatro navios de 650 cavalos e 1.820 toneladas, e, dois anos depois, ganhou outros dois navios de maior potência e tonelagem. Em 1853, a companhia Cunard, cuja prioridade para transportar telegramas tinha acabado de ser renovada, incluiu em sua frota o *Arabia,* o *Persia,* o *China,* o *Scotia,* o *Java e* o *Russia*, todos navios de primeira linha e os maiores que já tinham navegado pelos mares depois do *Great Eastern*. Dessa forma, em 1867, a Companhia possuía 12 navios, dos quais oito eram movidos a roda e quatro a hélice.

Se estou dando esses detalhes é para que todos saibam quão importante é essa companhia de transportes marítimos, conhecida em todo o mundo por sua gestão inteligente. Nenhuma empresa de navegação transoceânica foi administrada com maior habilidade; nenhum outro caso foi coroado com tamanho sucesso. Durante 26 anos, os navios Cunard atravessaram o Atlântico 2 mil vezes, e nunca uma viagem foi

cancelada, nunca houve um atraso, nem uma carta, um homem ou um navio se perdeu. Por isso, os passageiros ainda preferem essa companhia, apesar da imponente concorrência imposta pela França, conforme registro feito em documentos oficiais dos últimos anos. Dito isso, ninguém poderia ficar surpreso com a repercussão que um acidente com um de seus mais belos *steamers*[4] provocou.

Em 13 de abril de 1867, com o mar aprazível e o vento manejável, o *Scotia* estava a 15° 12' de longitude e 45° 37' de latitude. Ele avançava a uma velocidade de 13 nós e 43 cêntimos por hora, impulsionado por seus mil cavalos de potência. Suas rodas golpeavam o mar com uma regularidade perfeita. Seu calado media 6,7 metros e seu deslocamento era de 6.624 metros cúbicos.

Às 4h17 da tarde, enquanto os passageiros lanchavam reunidos no grande salão, um choque pouco sensível se produziu na quilha do *Scotia*, na alheta logo atrás da roda de bombordo.

O *Scotia* não tinha se chocado com algo, mas alguma coisa tinha se chocado contra ele, e era mais provável que fosse um objeto cortante ou perfurante, e não contundente. O choque tinha sido tão leve que ninguém a bordo se preocupou até ouvir o grito dos marinheiros que subiram ao convés gritando:

– Estamos afundando! Estamos afundando!

De início, os passageiros ficaram apavorados, mas o capitão Anderson rapidamente os acalmou. De fato, o perigo não era iminente. O *Scotia*, dividido em sete

compartimentos por paredes herméticas, devia passar ileso por uma infiltração em seu casco.

O capitão Anderson dirigiu-se imediatamente ao porão e percebeu que o quinto compartimento havia sido invadido pelo mar e que a rapidez da inundação provava que o rombo tinha um tamanho considerável. Felizmente, esse compartimento não guardava as caldeiras, do contrário, as chamas teriam se apagado de súbito.

O capitão Anderson interrompeu imediatamente o funcionamento das máquinas, e um dos marujos mergulhou para avaliar a avaria. Alguns instantes mais tarde, constatava-se a existência de um rombo de 2 metros de largura na carena do *steamer*. Um rombo como aquele não podia ser vedado e, assim, o *Scotia*, com suas rodas submersas pela metade, seguiu viagem naquele estado. Ele se encontrava então a 300 milhas do Cabo Clear, e, depois de três dias de um atraso que muito inquietou Liverpool, adentrou o cais da Companhia.

Então, os engenheiros realizaram a inspeção do *Scotia*, que foi transferido para um estaleiro seco. Eles mal podiam acreditar no que seus olhos viam. Dois metros e meio abaixo da linha de flutuação se abria uma fenda regular em forma de triângulo isósceles. O rompimento da placa metálica era de uma precisão absoluta, e ela não teria sido cortada com maior perfeição por uma lâmina. Então, a ferramenta que produzira tal perfuração era necessariamente de uma consistência pouco comum – e, após ter sido lançada com uma força prodigiosa, a ponto de perfurar uma placa metálica de quatro centímetros, ela devia ter se

retraído por si mesma por meio de um movimento retrógado e realmente inexplicável.

Esse último acontecimento foi de tal impacto que acabou por incendiar novamente a opinião pública. Desde então, todos os desastres marítimos que não tinham uma causa definida foram imputados ao monstro. Esse animal fantástico assumiu a responsabilidade por todos os naufrágios, dos quais o número, infelizmente, é considerável; a cada 3 mil navios cuja perda é registrada anualmente no Bureau Veritas, o número de navios a vapor ou a vela, supostamente perdidos devido à ausência de notícias, equivale a pelo menos 200!

Ora, o "monstro", justa ou injustamente, foi acusado do desaparecimento desses navios, e, graças a ele, as comunicações entre os continentes tornaram-se cada vez mais perigosas; a opinião pública se manifestou pedindo de forma categórica que os mares fossem libertados de uma vez por todas do exótico cetáceo.

Trata-se de cientistas que pesquisaram vidas submarinas. (N. T.)

Optou-se por converter as medidas do original, a fim de deixá-las mais inteligíveis ao leitor brasileiro. A única exceção é para as léguas, mantidas como no original francês, por serem o mote da história. (N. T.)

Na mitologia grega, filho de Teseu e Hipólita, morreu ao ser arremessado contra um monstro marinho enquanto conduzia seu carro pelas rochas. (N. E.)

Em inglês no original, o mesmo que barcos a vapor. (N. T.)

Prós e contras

Na época em que esses acontecimentos se produziram, eu regressava de uma exploração científica nas terras áridas de Nebraska, nos Estados Unidos. Por ser eu professor suplente do Museu de História Natural de Paris, o governo francês me incluiu na expedição. Depois de seis meses em Nebraska, cheguei a Nova Iorque no final de março, trazendo comigo coleções preciosas. Minha partida para a França estava marcada para os primeiros dias de maio. Ocupava-me, então, em classificar minhas riquezas mineralógicas, botânicas e zoológicas, quando o incidente do *Scotia* aconteceu.

Eu estava perfeitamente a par da questão da ordem do dia – e como poderia não estar? Tinha lido e relido todos os jornais norte-americanos e europeus sem avançar muito no assunto. Aquele mistério me intrigava. Incapaz de formar uma opinião, flutuei de um extremo a outro. Que havia algo, não existia a menor dúvida, e os incrédulos foram convidados a tocar com o dedo a ferida do *Scotia*.

Quando cheguei a Nova Iorque, o assunto fervilhava.

A hipótese da ilhota flutuante, do escolho escorregadio, apoiada por algumas mentes não qualificadas, foi completamente abandonada. E, de fato, a menos que esse escolho tivesse um motor na barriga, como poderia mover-se a uma velocidade tão prodigiosa?

Da mesma forma, a existência de um casco flutuante ou de um enorme destroço foi rejeitada, sempre em razão da rapidez do deslocamento.

Restavam, então, duas soluções possíveis para a questão, que criavam dois clãs distintos de apoiadores: de um lado, aqueles que acreditavam ser um monstro de uma força colossal; de outro, os que apostavam ser um barco "submarino" com um motor extremamente potente.

No entanto, esta última hipótese, de certa forma admissível, não resistiu às investigações que foram feitas em ambos os universos. Era improvável que um proprietário particular tivesse tal equipamento mecânico à sua disposição. Onde e quando o teria construído, e como o teria guardado em segredo?

Somente um governo poderia possuir uma máquina tão destrutiva, e nestes tempos desastrosos em que o homem está se esforçando para multiplicar o poder das armas de guerra, era impossível que um Estado testasse esse formidável dispositivo sem o conhecimento dos outros. Depois dos fuzis, os torpedos, depois dos torpedos, os foguetes submarinos, depois... a reação. Pelo menos assim espero.

Mas a hipótese de uma máquina de guerra caiu

novamente diante da declaração dos governos. Como se tratava de um interesse público, já que as comunicações transoceânicas sofriam as consequências, a franqueza dos governos não podia ser questionada. Além disso, como admitir que a construção desse submarino tivesse escapado aos olhos do público? Guardar segredo nessas circunstâncias é muito difícil para um proprietário particular, e com certeza impossível para um Estado cujas ações são obstinadamente monitoradas por potências rivais.

Assim, após investigações na Inglaterra, França, Rússia, Prússia, Espanha, Itália, América e até mesmo na Turquia, a hipótese de um *monitor* submarino foi definitivamente rejeitada.

O monstro voltou à tona, apesar das incessantes piadas metralhadas pela imprensa independente, e, dessa forma, as imaginações logo se transformaram nos devaneios mais absurdos de uma ictiologia fantástica.

Quando cheguei a Nova Iorque, muitas pessoas deram-me a honra de me consultar sobre o fenômeno em questão. Eu tinha publicado na França uma obra *in-quarto*[5], em dois volumes, intitulada *Os mistérios das profundezas submarinas.* Esse livro, particularmente aprovado pelo mundo acadêmico, fez de mim um especialista nessa parte bastante obscura da história natural. Pediram minha opinião. Neguei o quanto pude a realidade dos fatos fechando-me em uma recusa absoluta. Mas logo fui colocado contra a parede e tive de me explicar categoricamente. Até mesmo “o honorável Pierre Aronnax, professor do Museu de

Paris”, foi intimado pelo *New York Herald* a formular alguma opinião sobre o ocorrido.

Eu me rendi. Decidi falar por não conseguir me manter calado. Discuti a questão de todos os ângulos, política e cientificamente, e cito aqui um artigo bastante detalhado que publiquei na edição de 30 de abril.

Então, dizia eu, depois de examinar as várias hipóteses uma a uma e de rejeitar qualquer outra suposição, é *necessário admitir a existência de um animal marinho de uma potência descomunal.*

As grandes profundezas do oceano são totalmente desconhecidas para nós. A sonda não conseguiu alcançá-las. O que acontece nesse abismo remoto? Que seres vivem e podem viver a 12 ou 15 milhas abaixo da superfície da água? Como é o organismo desses animais? Nós poderíamos apenas conjecturar.

Entretanto, a solução do problema que me foi submetido pode afetar a forma do dilema.

Ou conhecemos todas as variedades de seres que povoam nosso planeta ou não conhecemos.

Se não as conhecemos, se a natureza tem segredos para nós em ictiologia, nada mais aceitável que admitir a existência de peixes ou cetáceos, de espécies ou mesmo de novos gêneros, de uma organização essencialmente “abissal”, que habitam camadas inacessíveis para a sonda, e que um acontecimento qualquer, uma fantasia ou capricho traz de volta, com longos intervalos de tempo, para o nível superior do oceano.

Se, ao contrário, conhecemos todas as espécies vivas, devemos necessariamente procurar o animal em questão entre os seres marinhos já catalogados, e, nesse caso, eu estaria disposto a admitir a existência de um narval gigante.

O narval comum, ou unicórnio-do-mar, atinge muitas vezes um comprimento de 18 metros. Quintuplique ou até mesmo decuplique essa dimensão, dê a esse cetáceo uma força proporcional ao seu tamanho, amplie suas armas ofensivas e você obterá o animal desejado. Ele terá, então, as proporções determinadas pelos oficiais do Shannon, *o instrumento necessário para perfurar o* Scotia *e a potência exigida para romper o casco de um* steamer.

Com efeito, o narval está armado com uma espécie de espada de marfim, uma alabarda, de acordo com os termos empregados por alguns naturalistas. Trata-se de um dente principal duro como aço. Alguns dentes como esse foram encontrados implantados nos corpos de baleias que o narval atacou com sucesso. Outros foram arrancados, não sem dificuldade, das quilhas dos navios, perfurando de um lado a outro, como se uma broca tivesse atravessado um barril. O museu da Faculdade de Medicina de Paris possui uma dessas presas de 2,25 metros de comprimento e 48 centímetros de largura em sua base!

Ora, suponha a existência de uma arma dez vezes mais forte, e de um animal dez vezes mais poderoso. Faça-o nadar a uma velocidade de 20 milhas por hora, multiplique sua massa por sua velocidade, e você obterá como resultado um choque capaz de produzir a catástrofe em questão.

Portanto, até que haja mais informações disponíveis, eu diria que se trata de um unicórnio marinho de dimensões colossais, armado não mais com uma alabarda, mas com uma verdadeira espora, como os navios de guerra ou "aríetes" de guerra, e que tem a mesma massa e o mesmo poder de condução deles.

Isso explicaria de alguma forma esse fenômeno inexplicável – a menos que não haja nada, apesar do que vimos, revimos, sentimos e ressentimos, o que também é possível!

Essas últimas palavras foram covardia da minha parte, mas eu queria de alguma maneira salvar minha dignidade como professor e não ser motivo de piada para os norte-americanos, que riem bem, quando riem. Eu ainda tinha uma escapatória de reserva. No fundo, eu admitia a existência do "monstro".

Meu artigo foi calorosamente discutido, o que lhe valeu grande sucesso e, com isso, pude reunir um número considerável de apoiadores. A solução que eu propunha nele, inclusive, deixava uma grande margem para a imaginação. A mente humana se deleita com essas concepções grandiosas de seres sobrenaturais. Ora, o mar é precisamente seu melhor meio, o único ambiente onde esses gigantes – perto dos quais os animais terrestres, como elefantes ou rinocerontes, parecem simples anões – podem se produzir e se desenvolver. Os mares transportam as maiores espécies conhecidas de mamíferos, e talvez escondam moluscos de tamanho incomparável e crustáceos assustadores de se contemplar, como lagostas de 100 metros ou caranguejos de 200 toneladas! Por que não? Antigamente, os animais

terrestres, contemporâneos das eras geológicas, como quadrúpedes, quadrúmanos, répteis e aves, eram reproduzidos em moldes gigantescos. O Criador os tinha preparado em um molde colossal que o tempo gradualmente reduziu. Por que o mar, em suas profundezas desconhecidas, não guardaria essas vastas amostras da vida de outra era, ele que nunca muda, enquanto o núcleo da Terra se modifica quase incessantemente? Por que ele não esconderia em seu interior as últimas variedades dessas espécies titânicas, para as quais os anos são séculos, e os séculos, milênios?

Mas eu me permito ser levado por devaneios que já não cabe a mim alimentar! Chega dessas fantasias que o tempo transformou em realidades terríveis. Repito, a opinião foi construída sobre a natureza do fenômeno e o público admitiu incontestavelmente a existência de um ser prodigioso que não tinha nada em comum com as fabulosas serpentes marinhas.

Mas enquanto alguns viam apenas um problema puramente científico a ser resolvido, outros, mais pragmáticos, sobretudo na América e na Inglaterra, acreditavam que era necessário purgar o oceano desse monstro temível, a fim de normalizar as ligações transoceânicas. Os jornais industriais e comerciais tratavam a questão principalmente desse ponto de vista. A *Shipping and Mercantile Gazette*, o *Lloyd*, o *Paquebot*, a *Revue Maritime et Coloniale*, todas as publicações dedicadas às companhias de seguros que ameaçavam aumentar o valor de seus prêmios, foram unânimes nesse ponto.

Depois de a opinião pública ter se pronunciado, os

Estados da União foram os primeiros a se manifestar. Em Nova Iorque, começaram os preparativos de uma expedição para caçar o narval. Uma fragata de longo alcance, o *Abraham Lincoln*, zarpou em direção ao mar o mais rápido possível. Os arsenais foram disponibilizados para o comandante Farragut, que acelerou ativamente o abastecimento de sua fragata com os armamentos.

Precisamente, e como sempre acontece, a partir do momento em que se decidiu perseguir o monstro, este não reapareceu. Durante dois meses, ninguém ouviu falar dele. Nenhum navio o encontrou. Parecia que o unicórnio sabia das conspirações que estavam sendo tramadas contra ele. Tinha-se falado tanto sobre isso, até mesmo pelo cabo transatlântico! Os brincalhões alegavam que o espertalhão havia interceptado um telegrama no meio do caminho e que agora tirava proveito disso.

Então, a fragata, armada para uma expedição longa e equipada com maravilhosas engenhocas de pesca, não sabia mais para onde rumar. E havia uma impaciência crescente quando, em 2 de julho, soube-se que um *steamer* que fazia a linha de São Francisco, na Califórnia, a Xangai, tinha visto o animal três semanas antes nos mares do Pacífico norte.

Essa notícia causou uma enorme comoção. O comandante Farragut não teve nem 24 horas de descanso. Foram-lhe enviados mantimentos. Seu estoque estava cheio de carvão. Nenhum homem da tripulação ficou sem função. Restava-lhe apenas acender as fornalhas, aquecê-las e partir! Não lhe teriam perdoado nem meio dia de atraso! Ademais, o

comandante Farragut estava ansioso para partir.

Três horas antes de o *Abraham Lincoln* deixar o cais do Brooklyn, recebi uma carta manuscrita que dizia:

Sr. Aronnax,

Professor do Museu de Paris,

Fifth Avenue Hotel.

Nova Iorque.

Senhor,

Se quiser se juntar à expedição do Abraham Lincoln*, o governo da União fará, de bom grado, com que a França seja representada por sua pessoa nessa missão. O comandante Farragut tem uma cabine à sua disposição.*

Muito cordialmente,

J.-B. Hobson,

Secretário da Marinha.

Maneira pela qual o papel de certos materiais impressos é dobrado. Nesse caso específico, eles são dobrados em quatro folhas. (N. T.)

Como o cavalheiro desejar

Três segundos antes da chegada da carta de J. B. Hobson, eu cogitava perseguir o unicórnio ou tanto quanto buscar a passagem do Noroeste. Três segundos depois de ler a carta do ilustre secretário da Marinha, finalmente percebi que minha verdadeira vocação, o único propósito da minha vida, era caçar esse monstro temeroso e purgar o mundo de sua presença.

Contudo, eu acabava de regressar de uma difícil viagem, estava cansado e ansioso por repousar. Tudo que queria era voltar a ver meu país, meus amigos, minha casinha no Jardin des Plantes e minhas preciosas coleções! Mas nada poderia me deter. Esqueci-me de tudo, cansaço, amigos e coleções e aceitei sem pensar a oferta do governo norte-americano.

"Além do mais" – pensei –, "todos os caminhos levam à Europa, e o unicórnio será gentil o suficiente para me conduzir em direção às costas da França! Esse digno animal será capturado nos mares europeus – para minha conveniência pessoal – e não aceito trazer menos de meio metro da sua alabarda de marfim para

o Museu de História Natural".

Mas, para isso, eu tinha de procurar esse narval no norte do Oceano Pacífico; o que significava, para retornar à França, tomar o caminho dos antípodas.

– Conseil! – gritei, impaciente.

Conseil era meu criado. Um rapaz dedicado que me acompanhava em todas as minhas viagens; um corajoso flamengo de quem eu gostava muito e que gostava muito de mim; um ser fleumático por natureza, regrado por princípio, zeloso por hábito, pouco afeito a se surpreender com as surpresas da vida, muito habilidoso com as mãos, apto para qualquer serviço, e, apesar do seu nome, alguém que nunca dava conselhos, mesmo quando lhe eram solicitados[6].

Por manter contato com os cientistas de nosso pequeno mundo do Jardin des Plantes, Conseil acabou obtendo acesso a algumas informações. Eu tinha nele um especialista, profundo conhecedor da classificação em história natural. Ele percorria com agilidade acrobática todas as escalas de ramificações, grupos, classes, subclasses, ordens, famílias, gêneros, subgêneros, espécies e variedades. Mas seu conhecimento acabava aí. Classificar era sua vida, e ele não sabia nada além disso. Bastante versado na teoria da classificação, pouco na prática, ele não seria capaz de distinguir, creio eu, um cachalote de uma baleia! E, no entanto, que rapaz corajoso e digno!

Conseil seguia-me para onde quer que a ciência me levasse havia já dez anos. Nunca fez comentário

algum sobre a longa duração ou o cansaço de uma viagem. Nenhuma objeção em fazer as malas para qualquer país – China ou Congo –, por mais remoto que fosse. Ele tanto ia para perto quanto para longe, sem pedir nada a mais por isso. Além disso, dispunha de uma bela saúde que desafiava todas as doenças; músculos fortes, mas sem nervos, sem a aparência de nervos – no sentido moral, entenda-se.

Esse rapaz tinha 30 anos, e sua idade estava para a do seu mestre, como 15 está para 20. Perdoe-me por usar essa forma para dizer que eu estava então com 40 anos.

Conseil tinha um único defeito. Formalista convicto, só se dirigia a mim na terceira pessoa – a ponto de isso ser irritante.

– Conseil! – repeti, enquanto começava os preparativos para a partida com minhas mãos febris.

Eu estava seguro de ter a companhia desse rapaz tão dedicado. Habitualmente, nunca perguntava se lhe convinha ou não me acompanhar em minhas viagens; mas, dessa vez, tratava-se de uma expedição que poderia se prolongar indefinidamente, uma empreitada perigosa, a perseguição de um animal que poderia afundar uma fragata como uma casca de noz! Havia nisso, então, motivo para refletir, mesmo se tratando do homem mais impassível do mundo! Qual seria a resposta de Conseil?

– Conseil! – gritei pela terceira vez. Enfim, ele apareceu.

– O senhor me chamou? – disse enquanto entrava.

– Sim, meu rapaz. Prepare-me, prepare-se. Partiremos daqui a duas horas.

– Como o cavalheiro desejar – Conseil respondeu calmamente.

– Nem um momento a perder. Coloque em minha mala todos os meus utensílios de viagem, roupas, camisas e meias, o máximo que puder, e se apresse!

– E as coleções do cavalheiro? – observou Conseil.

– Trataremos disso mais tarde.

– O quê! Os *archaeotherium*, os *hyracotherium*, os oreodontes, os queropótamos e as outras carcaças do cavalheiro?

– Vamos guardá-los no hotel.

– E a babirrussa viva do cavalheiro?

– Darei ordens para que seja alimentada enquanto estivermos fora. Aliás, vou dar ordem para enviarem nossa coleção para a França.

– Então não retornaremos a Paris? – perguntou Conseil.

– Sim... certamente... – respondi de forma evasiva –, mas com um pequeno desvio.

– O desvio que o cavalheiro achar necessário.

– Oh! não será muita coisa! Um caminho um pouco menos direto, só isso. Vamos embarcar no *Abraham Lincoln*.

– Como convier ao cavalheiro – respondeu calmamente Conseil.

– Sabe, meu amigo, trata-se de um monstro... o famoso narval... E nós vamos purgar os mares!... O autor de um livro *in-quatro* de dois volumes sobre *Os mistérios das profundezas submarinas* não pode se abster de embarcar com o comandante Farragut. Missão gloriosa, mas... perigosa também! Não sabemos para onde vamos! Esses animais podem ser muito temperamentais! Mas iremos mesmo assim! Temos um comandante extremamente corajoso!…

– Farei o que o cavalheiro fizer – respondeu Conseil.

– Pense bem nisso! Porque não quero esconder nada de você. Essa é uma daquelas viagens que fazemos sem saber se vamos voltar!

– Como o cavalheiro quiser.

Quinze minutos depois, nossas malas estavam prontas. Conseil as havia preparado rapidamente, e eu tinha certeza de que não faltava nada, pois o rapaz classificava camisas e roupas tão bem quanto o fazia com as aves ou os mamíferos.

O elevador do hotel nos deixou no hall de entrada do mezanino. Desci os poucos degraus que levavam ao térreo. Encerrei minha conta no vasto balcão, sempre cercado por uma considerável multidão. Deixei a

ordem para despachar para Paris (França) minhas urnas de animais empalhados e minhas plantas desidratadas. Solicitei uma abertura de crédito suficiente para a babirrussa e, seguido por Conseil, entrei em um carro.

O veículo a 20 francos a corrida desceu pela Broadway até a Union Square, seguiu pela Quarta Avenida até o cruzamento com a Bowery Street, entrou na Katrin Street e parou no cais 34. Lá, o *ferryboat* Katrin nos transportou, homens, cavalos e carro, ao Brooklyn, o grande anexo de Nova Iorque, localizado na margem esquerda do East River, e, em poucos minutos, chegamos à doca perto da qual o *Abraham Lincoln* vomitava por suas duas chaminés torrentes de fumaça negra.

Nossa bagagem foi imediatamente transferida para o convés da fragata. Subi a bordo. Perguntei pelo comandante Farragut. Um dos marujos levou-me ao tombadilho, onde estava um oficial de boa aparência que me estendeu a mão.

– Senhor Pierre Aronnax? – ele disse.

– Ele mesmo – respondi. – Comandante Farragut?

– Em pessoa. Seja muito bem-vindo, professor. Sua cabine o aguarda.

Eu o saudei e deixei-o cuidando de seu equipamento. Em seguida, fui conduzido à cabine que me havia sido reservada.

O *Abraham Lincoln* tinha sido perfeitamente escolhido

e preparado para seu novo destino. Era uma fragata de longo alcance, equipada com superaquecedores, o que tornou possível aumentar a pressão do vapor para 7 atmosferas. Sob essa pressão, o *Abraham Lincoln* atingia uma velocidade média de 18 milhas por hora, algo considerável, mas ainda assim insuficiente para lutar com o gigantesco cetáceo.

As instalações interiores da fragata correspondiam a suas qualidades náuticas. Fiquei muito satisfeito com minha cabine, localizada na traseira da embarcação e com acesso à sala dos oficiais.

– Ficaremos bem aqui – disse a Conseil.

– Tão bem quanto um caranguejo-ermitão abrigado na concha de um molusco, se o cavalheiro me permite a comparação.

Deixei Conseil guardando nossas malas, e fui até o convés acompanhar os preparativos para a partida.

Naquele momento, o comandante Farragut soltava as últimas amarrações que prendiam o *Abraham Lincoln* ao cais do Brooklyn. Ou seja, 15 minutos de atraso, ou um pouco menos, fariam a fragata partir sem mim, e eu perderia essa expedição extraordinária, sobrenatural, implausível, cujo relato verdadeiro, no entanto, poderá muito bem encontrar alguns descrentes.

Mas o comandante Farragut não queria desperdiçar nem um dia nem uma hora para alcançar os mares em que o animal tinha acabado de ser avistado. Mandou chamar o engenheiro.

– Estamos com boa pressão? – perguntou.

– Sim senhor – respondeu o engenheiro.

– *Go ahead* [7] – gritou o comandante Farragut.

Com essa ordem, transmitida à máquina por meio de dispositivos de ar comprimido, os mecânicos acionaram a roda do arranque. O vapor assobiava enquanto corria pelas gavetas entreabertas. Os longos pistões horizontais gemeram e empurraram as bielas. As pás da hélice batiam nas ondas com uma rapidez cada vez maior, e o *Abraham Lincoln* avançou majestosamente no meio de uma centena de *ferryboats* e *tenders*[8] lotados de espectadores, que o seguiam em cortejo.

Os cais do Brooklyn e toda a parte de Nova Iorque ao longo do East River estavam cobertos de curiosos. Três "urras!" saíram dos pulmões de 500 mil pessoas e eclodiram sucessivamente. Milhares de lenços acenaram sobre a massa compacta e saudaram o *Abraham Lincoln* até sua chegada às águas do Rio Hudson, na ponta dessa quase ilha alongada que forma a cidade de Nova Iorque.

Seguindo pela costa de Nova Jersey, em sua admirável margem direita do rio, cheio de pequenas vilas, passou entre os fortes que o saudaram com seus enormes canhões. O *Abraham Lincoln* respondeu arriando e hasteando três vezes a bandeira norte-americana, cujas 39 estrelas brilhavam em seu mastro; em seguida, mudando sua marcha para tomar o canal sinalizado, que contorna a baía interior formada pela ponta de Sandy Hook, deslizou por essa língua arenosa

onde alguns milhares de espectadores o aplaudiram mais uma vez.

O cortejo dos *boats* e dos *tenders* continuava seguindo a fragata, deixando-a apenas na altura do *light-boat*[9], cujas luzes marcam sua entrada nos canais de Nova Iorque.

Eram então 3 horas da tarde. O piloto desceu em sua canoa, e chegou à pequena escuna que o esperava sob o vento. Aumentaram as chamas; a hélice batia nas águas com maior velocidade; a fragata acompanhava a costa amarelada e plana de Long Island; e, às 8 da noite, depois de se afastar dos fogos da Fire Island, seguiu a todo vapor pelas águas escuras do Atlântico.

A palavra *conseil*, em francês, pode ser traduzida por *conselho*, em português. Por isso a anedota feita pelo personagem ao se referir ao nome de Conseil. (N. T.)

“Vamos em frente”, em inglês também no original. (N. T.)

Pequenos barcos a vapor que prestam serviço aos grandes *steamers*. (N. T.)

Barco pequeno com luzes potentes ou sinais de alerta que ficam ancorados em águas perigosas para alertar

outras embarcações. (N. T.)

Ned Land

O comandante Farragut era um bom marinheiro, digno da fragata que comandava. Ele e seu navio eram um só. Ele era a alma dessa embarcação. Não tinha a menor dúvida a respeito do cetáceo e, por isso, não permitia que a existência do animal fosse discutida a bordo. Acreditava nisso como algumas mulheres acreditam no Leviatã – pela fé, não pela razão. O monstro existia, e ele tinha jurado livrar os mares de sua presença. Era uma espécie de Cavaleiro de Rodes, um Dieudonné de Gozon, indo ao encontro da serpente que desolava sua ilha. Ou o comandante Farragut mataria o narval, ou o narval mataria o comandante Farragut. Não havia meio-termo.

Os oficiais a bordo compartilhavam a opinião de seu líder. Bastava ouvi-los falar, conversar, discutir, calcular as diversas chances de um encontro, e observar a vasta extensão do oceano. Diversos homens se voluntariavam para permanecer nos mastros, tarefa que teria sido amaldiçoada em qualquer outra circunstância. Enquanto o sol descrevia seu arco diurno, a cabeça do mastro ficava cheia de marujos, cujos pés queimavam nas pranchas do convés, e eles

não conseguiam ficar parados no lugar! No entanto, o *Abraham Lincoln* ainda não havia cortado com sua popa as águas suspeitas do Pacífico.

Quanto à tripulação, seu único objetivo era encontrar o unicórnio, arpoá-lo, içá-lo a bordo e esquartejá-lo. O mar era observado com muita atenção. Além disso, o comandante Farragut falava de certa recompensa de 2 mil dólares que estava reservada a quem avistasse o animal, fosse grumete ou marujo, mestre ou oficial. Deixo o leitor imaginar se os olhos se exercitavam a bordo do *Abraham Lincoln*.

No que se refere a mim, eu não ficava devendo nada para o restante da tripulação e não abria mão de minhas observações cotidianas. A fragata teria mil razões para se chamar *Argus*. Sozinho na multidão, Conseil protestava por meio de sua indiferença em relação à questão que tanto nos animava, e destoava do entusiasmo geral a bordo.

Como já disse, o comandante Farragut tinha cuidadosamente providenciado para seu navio aparelhos próprios à pesca do gigante cetáceo. Nenhum baleeiro esteve tão bem equipado. Tínhamos a bordo todos os engenhos conhecidos, desde arpões lançados manualmente até flechas farpadas com bacamartes e fardos explosivos. Sobre o castelo da proa, havia um canhão que era carregado pela culatra, com a parede espessa e o diâmetro estreito, e cujo protótipo deve figurar na Exposição Universal de 1867. Esse precioso instrumento, de origem norte-americana, lançava, sem cerimônia, um projétil cônico de 4 quilos a uma distância média de 16 quilômetros.

Então, o *Abraham Lincoln* dispunha de todos os meios de destruição. E tinha mais. Ele contava com Ned Land, o rei dos arpoadores.

Ned Land era um canadense de rara habilidade manual, e não se conhecia outro como ele em sua perigosa profissão. Destreza e sangue-frio, audácia e astúcia, ele tinha todas essas qualidades em um nível superior, e precisava ser uma baleia muito maligna ou um cachalote particularmente astucioso para escapar de seu golpe de arpão.

Ned Land tinha por volta de 40 anos. Era um homem alto – mais de 1,90 metro –, vigoroso, sério, pouco comunicativo, algumas vezes violento e bastante nervoso quando contrariado. Sua presença chamava a atenção, sobretudo a potência de seu olhar, que acentuava singularmente sua fisionomia.

Acho que o comandante Farragut fez uma boa escolha ao convidá-lo a bordo. Ele valia por toda a tripulação, sobretudo por seus olhos e pelos braços. A melhor comparação a ser feita é com um telescópio potente que fosse, ao mesmo tempo, um canhão sempre a postos para atirar.

Quem diz canadense diz francês e, ainda que pouco comunicativo, devo admitir que ele tinha certa afeição por mim. Certamente, minha nacionalidade o atraía. Era, para ele, uma ocasião de falar, e, para mim, a oportunidade de escutar a velha língua de Rabelais, que ainda é adotada em algumas províncias canadenses. A família do arpoador era de Quebec e já formava uma tribo de ousados pescadores na época em que essa cidade ainda pertencia à França.

Pouco a pouco, Ned pegou gosto em conversar, e eu gostava de ouvir suas narrativas e aventuras pelos mares polares. Ele contava sobre suas pescas e seus combates com uma poética natural. Sua narrativa tinha uma forma épica e eu ficava com a impressão de ouvir um Homero canadense cantando a *Ilíada* das regiões hiperbóreas.

Descrevo agora esse ousado companheiro da maneira como o conheço atualmente. Nós nos tornamos velhos amigos, unidos por essa imutável amizade que nasce e se solidifica diante das mais pavorosas conjunturas! Ah! bravo Ned! Gostaria de viver mais cem anos, só para poder me lembrar de você por mais tempo!

E qual era a opinião de Ned Land sobre o monstro marinho? Devo confessar que ele não acreditava no unicórnio e que era o único a bordo que não partilhava a convicção geral. Ele até evitava falar do assunto, sobre o qual, no entanto, eu pensava que devíamos conversar um dia.

Na magnífica noite do dia 30 de julho, ou seja, três semanas depois de nossa partida, a fragata se encontrava na altura do Cabo Blanco, a 30 milhas sob o vento das costas patagônicas. Já tínhamos ultrapassado o Trópico de Capricórnio e o Estreito de Magalhães estava a menos de 700 milhas ao sul. Antes de se passarem oito dias, o *Abraham Lincoln* adentraria as águas do Pacífico.

Sentados sobre o tombadilho, Ned Land e eu falávamos amenidades enquanto observávamos esse misterioso mar, cujas profundezas eram até então inacessíveis aos olhos humanos. Eu conduzia

naturalmente a conversa sobre o unicórnio gigante e examinava as diversas possibilidades de sucesso ou de fracasso de nossa expedição. Depois, percebendo que Ned me deixava falar sem interrupção, comecei a provocá-lo de forma mais direta.

– Ned, como pode não estar convencido da existência do cetáceo que estamos caçando? Você, por acaso, teria razões particulares para estar tão incrédulo?

O arpoador me olhou por alguns instantes antes de responder, bateu com as mãos em seu grande rosto com um gesto que lhe era habitual, fechou os olhos como se lembrasse de alguma coisa e, finalmente, disse:

– Talvez sim, senhor Aronnax.

– No entanto, Ned, você, um baleeiro profissional, que está familiarizado com os grandes mamíferos marinhos, você, cuja imaginação deveria aceitar a hipótese de cetáceos gigantes, você deveria ser o último a duvidar de circunstâncias como essa!

– É aí que se engana, professor – respondeu Ned. – Que uma pessoa comum acredite em cometas extraordinários que atravessam o espaço, ou na existência de monstros antediluvianos que povoam o interior do globo, é aceitável, mas nem o astrônomo nem o geólogo admitem tais quimeras. Muito menos o baleeiro. Já persegui muitos cetáceos, arpoei muitos, matei muitos, mas, por mais poderosos e bem armados que fossem, nem suas caudas nem suas defesas poderiam quebrar as placas metálicas de um *steamer*.

– No entanto, Ned, sabemos de relatos que apontam que o dente do narval atravessou um navio de um lado a outro.

– É possível que isso tenha acontecido com navios de madeira – respondeu o canadense –, mas, repito, eu nunca os vi. Então, até que se prove o contrário, nego que baleias, cachalotes ou unicórnios possam produzir tal efeito.

– Ouça-me, Ned...

– Não, professor, não. Tudo que o senhor quiser, exceto isso. Um polvo gigante, talvez?...

– Ainda é pouco, Ned. O polvo é apenas um molusco, e até mesmo seu nome indica a pouca consistência da sua carne. Tivesse ele 50 metros de comprimento, o polvo, que não pertence ao grupo dos vertebrados, seria completamente inofensivo para navios como o *Scotia* ou o *Abraham Lincoln*. É preciso, então, tratar como fábulas as proezas de Krakens e outros monstros dessa espécie.

– Então, senhor naturalista – disse Ned Land num tom bastante sarcástico –, o senhor insiste em admitir a existência de um enorme cetáceo...?

– Sim, Ned, repito-o com uma convicção baseada na lógica dos fatos. Acredito na existência de um mamífero, fortemente organizado, pertencente ao grupo dos vertebrados, como as baleias, os cachalotes ou os golfinhos, e munido de uma córnea com força de penetração extrema como defesa.

– Hum! – soltou o arpoador, abanando a cabeça com o ar de quem não está nem um pouco convencido.

– Observe, meu digno canadense, que, se tal animal existe, se ele habita as profundezas do oceano, se frequenta as camadas líquidas situadas algumas milhas abaixo da superfície da água, ele necessariamente possui um organismo cuja solidez desafia qualquer comparação.

– E por que esse organismo tão poderoso? – perguntou Ned.

– Porque é preciso uma força incalculável para permanecer nas camadas profundas e resistir à sua pressão.

– É sério? – disse Ned, que me olhava piscando os olhos.

– É sério, e alguns números podem provar isso sem grande esforço.

– Ah! os números – retorquiu Ned –, fazemos o que queremos com os números!

– Nos negócios, Ned, mas não na matemática. Ouça-me. Suponhamos que a pressão de uma atmosfera é representada pela pressão de uma coluna de água de 10 metros de altura. Na verdade, a coluna de água seria de uma altura menor, uma vez que a água do mar tem uma densidade maior que a da água doce. Bem, quando você mergulha, Ned, a cada 10 metros de água acima de você, seu corpo suporta uma pressão igual à da atmosfera, isto é, quilogramas por cada

centímetro quadrado de superfície. Isso significa que a 100 metros essa pressão é de 10 atmosferas, de 100 atmosferas a mil metros e de mil atmosferas a 10 mil metros. Isso equivale a dizer que, se você pudesse alcançar essa profundidade no oceano, cada centímetro quadrado da superfície do seu corpo sofreria uma pressão de mil quilogramas. Agora, meu bravo Ned, você sabe quantos centímetros quadrados tem em sua superfície?

– Não faço ideia, senhor Aronnax.

– Cerca de 17 mil.

– Tudo isso?

– E como na realidade a pressão atmosférica é um pouco maior que o peso de um quilograma por centímetro quadrado, seus 17 mil centímetros quadrados suportam neste momento uma pressão de 17.568 quilos.

– Sem que eu me dê conta?

– Sem que você se dê conta. E, se você não é esmagado, é porque o ar entra em seu corpo com igual pressão. Eis aí um equilíbrio perfeito entre o impulso interior e o impulso exterior, que se neutralizam reciprocamente, o que lhe permite suportá-los sem dificuldade. Mas na água é outra coisa.

– Sim, entendo – respondeu Ned, tornando-se mais atento –, porque a água me rodeia e não me penetra.

– Exatamente, Ned. Então, a 10 metros abaixo da

superfície do mar, você iria sofrer uma pressão de 17.568 quilos; a 100 metros, dez vezes essa pressão, isto é, 175.680 quilogramas; a mil metros, 100 vezes a pressão, ou 1.756.800 quilogramas; a 10 mil metros, que equivale a mil vezes essa pressão, 17.568.000 de quilogramas; isso significa que você seria achatado como se fosse removido das placas de uma máquina hidráulica!

– Diabos! – retrucou Ned.

– Bem, meu digno arpoador, se vertebrados com centenas de metros de comprimento e proporcionalmente largos conseguem se manter em tais profundidades, eles, cuja superfície é representada por milhões de centímetros quadrados, é em bilhões de quilogramas que devemos estimar o empuxo que sofrem. Calcule agora quão resistente deve ser sua estrutura óssea e seu organismo para suportar tais pressões!

– É necessário que eles sejam feitos de chapas metálicas de 20 centímetros, como os navios de guerra – respondeu Ned Land.

– Exato, Ned. Agora, imagine a devastação que pode ser produzida por uma massa como essa, se lançada à velocidade de um trem expresso contra o casco de um navio.

– Sim... realmente... talvez... – respondeu o canadense, abalado por esses números, mas sem querer dar o braço a torcer.

– E então? Consegui convencê-lo?

– O senhor me convenceu de uma coisa, senhor naturalista: se esses animais de fato existem no fundo do mar, eles devem, necessariamente, ser tão fortes como o senhor diz.

– Mas se eles não existem, teimoso arpoador, como explica o acidente com
o *Scotia*?

– Talvez seja... – disse Ned, hesitante.

– Vamos, diga!

– Porque... isso não é verdade! – respondeu o canadense, reproduzindo, sem saber, uma famosa resposta de Arago[10].

Mas essa resposta apenas provava a teimosia do arpoador, nada mais. Naquele dia, não o provoquei mais. O acidente com o *Scotia* era inegável. Tanto o buraco existia que fora necessário tapá-lo, e não acredito que a existência de um buraco pode ser demonstrada de forma mais categórica. Ora, aquele buraco não se fez sozinho, e, como não tinha sido produzido por rochas ou equipamentos submarinos, resultava, necessariamente, de um instrumento perfurante de um animal.

Na minha opinião, e por todas as razões anteriormente deduzidas, esse animal pertencia ao grupo dos vertebrados, à classe dos mamíferos, ao grupo dos pisciformes e, enfim, à ordem dos cetáceos. Quanto à família em que ele foi classificado – das baleias, cachalotes ou golfinhos –, quanto ao gênero de que fazia parte, quanto à espécie em que deveria ser

classificado, eram questões a serem esclarecidas mais tarde. Para resolvê-las, era necessário dissecar esse monstro desconhecido; para dissecá-lo, era preciso pegá-lo; para pegá-lo, arpoá-lo – o que era função de Ned Land –; para arpoá-lo, vê-lo – o que era função da tripulação –; e, para vê-lo, encontrá-lo – o que era função do acaso.

Físico, astrônomo e político francês. Ao citá-lo aqui, Verne faz alusão à sua suposta objeção durante uma discussão científica. (N. T.)

À aventura!

A viagem do *Abraham Lincoln* não foi marcada por nenhum incidente durante algum tempo. No entanto, surgiu uma circunstância que destacou a maravilhosa habilidade de Ned Land e mostrou a confiança que podíamos depositar nele.

Ao largo das ilhas Malvinas, no dia 30 de junho, a fragata fez contato com baleeiros norte-americanos e soubemos que eles não tinham conhecimento do narval. Mas um deles, o capitão do *Monroe*, sabendo que Ned Land estava a bordo do *Abraham Lincoln*, pediu sua ajuda para caçar uma baleia que tinham avistado. O comandante Farragut, ansioso por ver Ned em ação, autorizou-o a embarcar no *Monroe*. E o acaso foi tão generoso com nosso canadense que, em vez de uma baleia, ele arpoou duas com um tiro duplo, golpeando uma direto no coração e dominando a outra após uma perseguição de alguns minutos!

Decididamente, se um dia o monstro tiver de lidar com o arpão de Ned Land, não vou apostar no monstro.

A fragata navegou pela costa sudeste da América com uma velocidade prodigiosa. No dia 3 de julho, estávamos na abertura do Estreito de Magalhães, na altura do Cabo das Virgens. Mas o comandante Farragut não quis seguir por essa passagem sinuosa e manobrou a fim de passar pelo Cabo Horn.

A tripulação concordou por unanimidade. E, de fato, seria provável encontrar o narval em um estreito tão apertado? Muitos marujos afirmaram que o monstro “era grande demais para passar por lá!”.

No dia 6 de julho, por volta das 3 horas da tarde, o *Abraham Lincoln*, a 15 milhas ao sul, dobrou essa ilhota solitária, essa rocha perdida na borda do continente norte-americano, a que os marinheiros holandeses impuseram o nome de sua cidade natal, Cabo Horn. A rota seguiu na direção noroeste e no dia seguinte a hélice da fragata finalmente bateu em águas do Pacífico.

– Abram os olhos! Abram os olhos! – repetiam os marujos do *Abraham Lincoln*.

E eles mesmos tinham os olhos arregalados. Os olhos e as lunetas, um pouco ofuscados pela perspectiva dos 2 mil dólares, é verdade, não ficaram um só momento em repouso. Dia e noite, observavam a superfície do oceano, e os nictalopes, cuja capacidade de ver no escuro aumentava suas chances em 50%, levavam vantagem na corrida pela recompensa.

Quanto a mim, ainda que a recompensa em dinheiro não me atraísse, nem por isso era o menos atento a bordo. Parando por apenas alguns minutos para as

refeições e por algumas horas para dormir, indiferente ao sol e à chuva, não deixava o convés do navio. Ora debruçado sobre os corrimões do castelo de proa, ora apoiado no parapeito da popa, devorava com olhos ávidos a macia espuma que embranquecia o mar até onde a vista podia alcançar, e, por vezes partilhei essa emoção com os oficiais e com a tripulação, quando uma baleia caprichosa ergueu seu dorso negro acima das ondas. O convés da fragata foi tomado de gente num instante. Os porões vomitaram um enxame de marujos e oficiais. Cada um, com o peito pulsando e os olhos turvos, observava o cetáceo nadar. Eu observava, observava até esgotar minha retina, até ficar quase cego, enquanto Conseil, sempre fleumático, repetia num tom calmo:

– Se o cavalheiro tivesse a bondade de abrir menos os olhos, veria muito mais!

Mas... vã emoção! O *Abraham Lincoln* modificou sua rota, perseguiu o animal sinalizado, uma simples baleia ou um cachalote vulgar, que logo desapareceu no meio de um concerto de imprecisões!

O tempo ainda estava favorável. A viagem se cumpria nas melhores condições. Estávamos na estação fria do Hemisfério Sul, porque o mês de julho dessa região corresponde ao nosso janeiro na Europa; mas o mar permaneceu bonito e era facilmente observável por uma grande extensão.

Ned Land sempre demonstrava sua mais tenaz descrença; ele até parecia não mais examinar a superfície das ondas fora de seu horário de guarda – pelo menos quando nenhuma baleia estava à vista. No

entanto, seu maravilhoso poder de visão teria sido de grande valia. Mas, de cada 12 horas, em oito esse teimoso canadense lia ou dormia em sua cabine. Inúmeras vezes, censurei-o por sua indiferença.

– Bah! – ele respondia –, não há nada, senhor Aronnax. E, se houvesse algum animal, que chance teríamos de vê-lo? Não estamos procurando pela aventura? Dizem ter visto essa besta desconhecida no mar aberto do Pacífico, e eu até concordo; mas já se passaram dois meses desde esse encontro, e, de acordo com o temperamento desse seu narval, ele não gosta de ficar mofando por muito tempo nos mesmos lugares! Ele é dotado de uma prodigiosa facilidade de deslocamento. Mas o senhor sabe melhor que eu, professor, que a natureza não se equivoca, e ela não daria a um animal por definição lento a capacidade de se mover rapidamente, se isso não lhe fosse útil. Então, se essa besta existe, ela já está longe!

Eu não sabia o que responder. Era evidente que navegávamos às cegas. Mas como fazer diferente? Além disso, nossas chances eram muito limitadas. No entanto, ninguém ainda duvidada do sucesso, e nenhum marinheiro a bordo teria apostado contra o narval e sua iminente aparição.

No dia 20 de julho, o Trópico de Capricórnio foi cortado a 105° de longitude e, no dia 27 do mesmo mês, cruzamos o Equador pelo meridiano 110. Com esse restabelecimento feito, a fragata tomou uma direção mais determinada para oeste, e adentrou os mares centrais do Pacífico. O comandante Farragut acreditava, com razão, que era melhor se manter em águas profundas e se afastar dos continentes ou das

ilhas das quais o animal sempre parecera evitar a aproximação, “Certamente porque não há água suficiente para ele!”, dizia o mestre da tripulação. Assim, a fragata passou pelo mar ao largo das ilhas Pomotu, Marquesas e Sandwich, cortou o Trópico de Câncer a 132° de longitude e dirigiu-se para os mares da China.

Estávamos finalmente no cenário das últimas traquinagens do monstro! E, para ser sincero, já não vivíamos mais a bordo. Os corações palpitavam amedrontados e se preparavam para um futuro de incuráveis aneurismas. Toda a tripulação sofria de uma superexcitação nervosa que não sei como descrever. Não comíamos nem dormíamos mais. Vinte vezes por dia, um erro de apreciação, uma ilusão de ótica de algum marinheiro pendurado no mastro, causavam sobressaltos intoleráveis, e essas emoções, 20 vezes repetidas, mantiveram-nos num estado de eretismo demasiado violento para não provocar uma reação em cadeia.

E, de fato, as reações não tardaram a acontecer. Durante três meses – três meses cujos dias duravam um século! –, o *Abraham Lincoln* navegou por todos os mares do Pacífico, perseguindo as baleias identificadas, fazendo mudanças abruptas de rota, desviando repentinamente na direção contrária, parando de forma brusca, forçando ou entornando seu vapor incessantemente, correndo o risco de desnivelar o motor, e não deixou um ponto inexplorado desde as costas do Japão até a costa americana. E nada! Nada além da imensidão das ondas desertas! Nada que parecesse um narval gigantesco, ou uma ilhota

submarina, ou destroços de naufrágio, ou um escolho em deslocamento, ou qualquer coisa sobrenatural!

Deu-se, então, a reação. O desânimo tomou primeiro os pensamentos e abriu uma brecha para a incredulidade. Um novo sentimento se produziu a bordo, que consistia em 3 décimos de vergonha contra 7 décimos de fúria. Estávamos “embasbacados” por nos termos deixado enganar por uma quimera, mas ainda mais furiosos! As montanhas de argumentos que haviam sido empilhadas por um ano caíram todas de uma vez, e cada um só pensava em compensar o tempo que tinha tão insensatamente sacrificado, sem comer nem dormir.

Com a mobilidade natural da mente humana, passamos rapidamente de um excesso a outro. Os mais calorosos apoiadores da empreitada tornaram-se fatalmente seus mais ardentes detratores. A reação veio do fundo do navio, do posto de trabalho dos carvoeiros à sala dos oficiais, e com certeza, sem uma muito particular teimosia do comandante Farragut, a fragata teria retornado de uma vez por todas para o sul.

No entanto, essa busca inútil não poderia continuar por mais tempo. O *Abraham Lincoln* não tinha nenhuma culpa, pois havia feito tudo que era necessário para o sucesso da missão. Nunca a tripulação de um navio naval norte-americano havia demonstrado mais paciência e zelo; o fracasso também não lhe podia ser atribuído; tudo que restava era retornar.

Uma petição com esse objetivo foi apresentada ao

comandante, que se mostrou resistente. Os marujos não esconderam seu descontentamento, e o serviço sofreu as consequências. Não quero dizer com isso que houve revolta a bordo, mas, depois de um período razoável de obstinação, o comandante Farragut, como o fez antes
Colombo, pediu três dias de paciência. Se no prazo de três dias o monstro não tivesse aparecido, o timoneiro daria três quartos de volta no timão e o *Abraham Lincoln* abriria caminho em direção aos mares europeus.

Essa promessa foi feita no dia 2 de novembro. Em um primeiro momento, ela reavivou os ânimos da tripulação. O oceano voltou a ser observado com renovada atenção. Todos queriam olhá-lo pela última vez, a fim de guardar essa lembrança na memória. As lunetas trabalharam febrilmente. Era um desafio supremo para o gigante narval, e este não poderia de forma sensata esquivar-se de responder a essa convocação "para que comparecesse"!

Dois dias se passaram. O *Abraham Lincoln* se mantinha com pouco vapor. Diversos meios foram usados para despertar a atenção do animal ou para estimular sua apatia, caso ele já estivesse nessas áreas. Enormes blocos de banha foram amarrados na traseira da embarcação – para grande satisfação dos tubarões, devo dizer. Os barcos iluminavam em todas as direções em torno do *Abraham Lincoln*, enquanto seu motor ficava desligado, e nenhum ponto sequer do mar deixou de ser explorado. Mas a noite do dia 4 de novembro chegou sem que o mistério marinho fosse desvendado.

No dia seguinte, 5 de novembro, ao meio-dia, o prazo expirou. A partir daí, o comandante Farragut, fiel à sua promessa, devia conduzir o barco na direção sudeste e abandonar definitivamente as regiões do norte do Pacífico.

A fragata estava então a 31° 15’ de latitude norte e 136° 42’ de longitude leste. As terras do Japão estavam a menos de 200 milhas na direção do vento. A noite se aproximava. Havia acabado de soar as 8 horas. Nuvens pesadas cobriram o disco da lua, que estava então em seu primeiro quarto. O mar ondulava pacificamente sob a proa da fragata.

Nesse momento, eu estava apoiado no corrimão de estibordo. Conseil, que se encontrava a meu lado, olhava adiante. A tripulação, empoleirada nos cordames, examinava o horizonte, que pouco a pouco se estreitava e obscurecia. Os oficiais, armados com suas lunetas noturnas, procuravam algo na escuridão crescente. Às vezes, o sombrio oceano brilhava sob um raio que a lua lançava entre as massas de duas nuvens. Em seguida, qualquer traço luminoso desaparecia nas trevas.

Observando Conseil, eu constatava que esse corajoso rapaz absorvia pouco a influência geral. Ao menos me parecia que sim. Talvez pela primeira vez, seus nervos vibravam sob a ação de um sentimento de curiosidade.

– Vamos, Conseil – eu lhe disse –, essa pode ser a sua última oportunidade de embolsar 2 mil dólares.

– Que o cavalheiro me permita dizer – respondeu Conseil –, jamais contei com essa recompensa, e o

Governo da União poderia prometer 100 mil dólares que nem por isso ficaria menos rico.

– Você tem razão, Conseil. No fim das contas, esse é um negócio idiota em que nos lançamos de maneira muito leviana. Só perdemos tempo e nos emocionamos inutilmente! Não fosse isso, já teríamos voltado para a França há seis meses...

– Estaríamos no pequeno apartamento do cavalheiro, no museu do cavalheiro! – respondeu Conseil – E eu já teria classificado os fósseis do cavalheiro! E a babirrussa do cavalheiro estaria instalada em sua jaula no Jardin des Plantes, atraindo todos os curiosos da cidade!

– Justamente, Conseil, sem contar que acredito que seremos motivo de chacota!

– De fato – respondeu Conseil tranquilamente –, acredito que rirão do cavalheiro. E posso dizer uma coisa...?

– Pode, Conseil.

– Bem, o cavalheiro terá o que merece!

– De verdade!

– Quando alguém tem a honra de ser um cientista como o cavalheiro, não deve se expor dessa maneira...

Conseil não pôde concluir seu raciocínio. No meio de um silêncio total, uma voz se fez ouvir. Era a voz de Ned Land, que gritava:

– Ei, vejam! A coisa que estamos procurando está vindo em nossa direção!

A todo vapor

Ao ouvir o grito, toda a tripulação correu na direção do arpoador: comandante, oficiais, mestres, marinheiros, grumetes, até os engenheiros abandonaram suas máquinas e os carvoeiros deixaram seus fornos. A ordem para parar o navio foi dada e a fragata passou a flutuar de maneira errante.

A escuridão ainda era intensa e, por melhores que fossem os olhos do canadense, eu me perguntava como ele tinha conseguido ver alguma coisa e o que ele poderia ter visto. Meu coração quase saía pela boca.

Mas Ned Land não estava enganado e nós todos avistamos o objeto que ele apontava com a mão.

A 400 metros do *Abraham Lincoln* e de sua traseira a estibordo, o mar parecia iluminado por baixo. Não se tratava de um simples fenômeno de fosforescência, e não estávamos equivocados. O monstro, imerso alguns metros acima do nível da água, projetava a luz muito intensa, mas inexplicável, que os relatórios de diferentes capitães haviam mencionado. Essa

irradiação deslumbrante devia ser produzida por algum agente de grande potência luminosa. A luz desenhava sobre o mar uma forma oval bastante alongada e, no centro dessa forma, havia um foco de calor, cujo clarão se extinguia em sucessivas degradações.

– Isso não passa de um aglomerado de moléculas fosforescentes – bradou um dos oficiais.

– Não, senhor – retorqui com convicção. – Os taralhões ou as salpas jamais produziriam uma luz tão potente. Esse clarão é produzido por eletricidade... Aliás, vejam, vejam! Ele está se deslocando. Ele se move para a frente e para trás! Está vindo em nossa direção!

Ouviam-se gritos vindos de todos os cantos da fragata.

– Silêncio! – disse o comandante Farragut. Timão a barlavento! Reverter as máquinas!

Os marinheiros seguiram para o leme e os engenheiros para suas máquinas. O vapor mudou imediatamente de direção e o *Abraham Lincoln*, girando a bombordo, descreveu um semicírculo em alto-mar.

– Leme a estibordo! Força total à frente! – gritou o comandante Farragut.

As ordens foram executadas e a fragata se distanciou rapidamente do foco luminoso.

Minto. Ela tentou se distanciar, mas o animal sobrenatural se aproximou com o dobro de sua

velocidade.

Estávamos sem fôlego. A estupefação, muito maior que o medo, nos mantinha mudos e imóveis. O animal nos alcançava com facilidade. Ele circum-navegou a fragata, que seguia a uma velocidade de 14 nós por hora, e envolveu-a em seus lençóis elétricos como se fosse uma poeira luminosa. Em seguida, se afastou 2 ou 3 milhas, deixando um rastro fosforescente comparável às nuvens de vapor lançadas pela locomotiva de um trem expresso. De repente, dos sombrios limites do horizonte, onde foi tomar impulso, o monstro se precipitou na direção do *Abraham Lincoln* com uma rapidez amedrontadora, parou bruscamente a 6 metros do verdugo, apagou – não como se mergulhasse nas águas, uma vez que seu brilho não sofreu nenhuma degradação, mas de repente, como se a fonte de seu brilhante eflúvio tivesse subitamente secado! Em seguida, ele reapareceu do outro lado do navio, não sei se dando a volta na embarcação ou deslizando por debaixo dela. A qualquer instante, uma colisão fatal poderia acontecer.

Ao mesmo tempo, eu estava surpreso com as manobras da fragata. Em vez de atacar, ela fugia. Ela, que devia perseguir, estava sendo perseguida, e fiz esse comentário para o comandante Farragut. Sua expressão, normalmente inabalável, foi tomada de uma surpresa indecifrável.

– Senhor Aronnax – ele me respondeu –, não sei com que ser formidável estou lidando, e não quero arriscar minha fragata de forma imprudente no meio dessa escuridão. Além disso, como atacar o desconhecido ou

como se defender dele? Esperemos amanhecer e os papéis serão invertidos.

– Comandante, o senhor não tem mais dúvidas sobre a natureza do animal?

– Não, cavalheiro, é evidente que se trata de um narval gigante e, mais ainda, um narval elétrico.

– Talvez – acrescentei –, não seja prudente nos aproximarmos dele como fariam um gimnoto ou um torpedo!

– Na verdade – o comandante respondeu–, se ele possui de fato uma potência fulminante, trata-se certamente do animal mais terrível que já saiu das mãos do Criador. E é por isso, meu senhor, que terei todo o cuidado do mundo.

A tripulação permaneceu acordada durante toda a noite. Ninguém tinha coragem de dormir. Como o *Abraham Lincoln* não podia disputar em termos de velocidade, decidiram mantê-lo movendo-se devagar, com pouco vapor. O narval, por sua vez, imitando a fragata, deixou-se embalar pelas ondas e parecia decidido a não abandonar o cenário da luta.

Por volta da meia-noite, ele desapareceu, ou, para usar uma expressão mais condizente, “apagou-se” feito um grande vaga-lume. Teria ele fugido? Devíamos temer isso, e não desejá-lo. Mas, passados 53 minutos da meia-noite, ouviu-se um apito ensurdecedor, semelhante ao produzido por um jato d’água, lançado com extrema violência.

O comandante Farragut, Ned Land e eu estávamos no tombadilho dirigindo nossos ávidos olhares pela escuridão profunda.

– Ned Land – perguntou o comandante –, você já ouviu muitas vezes o canto das baleias?

– Muitas, senhor, mas nunca o de baleias cujo fato de tê-las visto me traria 2 mil dólares como recompensa.

– De fato, o senhor tem direito à recompensa. Mas, diga-me, esse não é o barulho emitido por cetáceos quando eles estão jorrando água por seus espiráculos?

– O mesmo som, senhor, mas este é indiscutivelmente mais alto. Então, não estamos enganados. É realmente um cetáceo que navega em nossas águas. Com sua permissão, senhor – completou o arpoador –, ao amanhecer, trocaremos algumas palavras com ele.

– Se ele puder ouvi-lo, mestre Land – respondi com pouca convicção.

– Deixe-me aproximar minimamente dele com meu arpão – respondeu o canadense –, e ele terá de me ouvir!

– Mas para nos aproximarmos dele – continuou o comandante –, devo colocar uma baleeira à sua disposição?

– Sem dúvidas, senhor.

– Isso colocará em risco a vida de meus homens?

– E a minha! – respondeu simplesmente o arpoador.

Por volta das 2 horas da manhã, o ponto brilhante reapareceu, não menos intenso, a 5 milhas de distância do *Abraham Lincoln*. Apesar da distância e do barulho do vento e do mar, ouvíamos claramente as formidáveis batidas da cauda do animal, bem como sua respiração ofegante. Parecia que quando o enorme narval subia até a superfície do oceano para respirar, o ar era tragado por seus pulmões, como acontece com o vapor nos amplos cilindros de uma máquina de 2 mil cavalos.

"Hum!" – pensei. – "Uma baleia que tenha a força de um regimento de cavalaria é uma bela baleia!"

Permanecemos alertas até o amanhecer e organizamos os preparativos para a batalha. O equipamento de pesca foi arranjado ao longo do corrimão. O imediato se encarregou de carregar os bacamartes que atiram um arpão a uma distância de uma milha, e os fardos explosivos cuja ferida é letal, até mesmo para os mais poderosos animais. Ned Land contentava-se em afiar seu arpão, uma arma terrível em sua mão.

Às 6 horas, o dia amanhecia e, com os primeiros raios despontando na aurora, o brilho elétrico do narval desapareceu. Às 7 horas, o dia já estava suficientemente claro, mas uma neblina matinal muito espessa reduziu o horizonte e nem as melhores lunetas eram capazes de penetrá-la, gerando decepção e raiva.

Subi no alto do artimão. Alguns oficiais já tinham se empoleirado no topo dos mastros.

Às 8 horas, a névoa se mantinha pesada sobre as ondas e formava grandes volutas que aumentavam

pouco a pouco. O horizonte ao mesmo tempo se ampliava e se limpava.

De repente, como havia ocorrido na véspera, ouvimos a voz de Ned.

– A coisa que estamos procurando novamente, atrás, a bombordo! – gritou o arpoador.

Todos os olhares se voltaram para o local indicado.

Ali, a 1,5 milha da fragata, um longo corpo negro emergiu um metro acima das ondas. Sua cauda se agitava violentamente, produzindo um grande redemoinho. Nunca um aparelho caudal bateu no mar com tamanha potência. Uma enorme espuma branca escarlate marcava a passagem do animal e descrevia uma curva alongada sobre a água.

A fragata se aproximou do cetáceo. Examinei-o calmamente. Os relatórios do *Shannon* e do *Helvetia* tinham exagerado um pouco sobre suas medidas, e estimei seu comprimento em apenas 76 metros. Quanto a sua altura, não podia vê-la com facilidade; mas, em suma, o animal me pareceu ser admiravelmente proporcional em suas três dimensões.

Enquanto eu observava esse ser fenomenal, dois jatos de vapor e água foram lançados de seus espiráculos e subiram a uma altura de 40 metros, o que me deixou vidrado em seu modo de respirar. Concluí que ele pertencia aos vertebrados, à classe de mamíferos, subclasse dos eutérios, grupo dos pisciformes, ordem dos cetáceos, família... bem, ainda não era possível determinar. A ordem dos cetáceos compreende três

famílias: as baleias, os cachalotes e os golfinhos, e é nesta última que classificamos os narvais. Cada uma dessas famílias se divide em diferentes gêneros, cada gênero em espécies e cada espécie em variedades. Eu ainda não era capaz de determinar a variedade, a espécie, o gênero e a família, mas estava seguro de completar minha classificação com a ajuda do céu e do comandante Farragut.

A tripulação aguardava com impaciência as ordens do comandante. Este, depois de observar atentamente o animal, pediu para chamarem o engenheiro. O engenheiro chegou depressa.

– Senhor – disse o comandante –, o senhor tem pressão suficiente?

– Sim senhor – respondeu o engenheiro.

– Muito bem. Aumente as chamas e a todo o vapor!

Três urras se seguiram a essa ordem. O momento da luta havia chegado. Pouco tempo depois, as duas chaminés da fragata vomitavam torrentes de fumaça negra, e o convés vibrou sob o tremor das caldeiras.

O *Abraham Lincoln*, impulsionado por sua potente hélice, seguia na direção do animal. Este último deixou que a embarcação se aproximasse a uma distância de 50 metros; então, mergulhando desdenhosamente, tomou certa distância e contentou-se em mantê-la por algum tempo.

Essa perseguição continuou por cerca de 45 minutos, sem que a fragata conseguisse se aproximar 5 metros

do cetáceo. Então, era óbvio que se continuássemos assim, nunca conseguiríamos alcançá-lo.

O comandante Farragut torcia raivosamente o grosso tufo de barba que tinha abaixo do queixo.

– Ned Land! – gritou.

O canadense apareceu.

– Bem, mestre Land – perguntou o comandante –, o senhor ainda me aconselha a colocar minhas embarcações no mar?

– Não, senhor – respondeu Ned Land –, porque aquela besta só será apanhada se ela assim o desejar.

– Então o que faremos?

– Aumente a velocidade, se puder, senhor. Quanto a mim, se o senhor me permitir, é evidente, vou me instalar no gurupés e, se chegarmos a uma distância considerável do arpão, eu disparo.

– Vá, Ned – respondeu o comandante Farragut. – Engenheiro – gritou –, aumente a pressão.

Ned Land foi para seu posto. As chamas foram aumentadas; a hélice dava 43 voltas por minuto, e o vapor soprava através das válvulas. Lançada a barquilha, constatou-se que o *Abraham Lincoln* navegava a uma velocidade de 18 milhas e 5 décimos. Mas o maldito animal avançava com a mesma velocidade.

Por mais uma hora, a fragata permaneceu a essa

velocidade, sem ganhar a mínima vantagem! Era humilhante para um dos mais velozes navios da marinha norte-americana. Uma raiva silenciosa tomava conta dos tripulantes. Os marinheiros insultavam o monstro, que, além disso, ignorava-os. O comandante Farragut já não se contentava mais em apenas torcer sua barbicha e já tinha começado a mordê-la. O engenheiro foi mais uma vez chamado.

– O senhor já chegou à pressão máxima? – perguntou o comandante.

– Sim senhor – respondeu o engenheiro.

– E as válvulas estão carregadas?...

– A 6,5 atmosferas.

– Aumente para 10 atmosferas.

Eis uma ordem norte-americana, caso isso exista. Não teriam feito melhor com o Mississípi para deixar de lado qualquer concorrência!

– Conseil – disse a meu corajoso criado que estava próximo –, você compreende que provavelmente teremos de saltar?

– Como o cavalheiro desejar! – respondeu Conseil.

Pois bem! Devo admitir que não me importava de correr esse risco.

As válvulas foram carregadas. O carvão era tragado pelas fornalhas. Os ventiladores enviaram torrentes de ar sobre as brasas. A velocidade do *Abraham Lincoln*

aumentou. Seus mastros tremiam até a base e os vapores de fumaça mal conseguiam abrir passagem pelas chaminés demasiado estreitas. A barquilha foi lançada uma segunda vez.

– E então, timoneiro? – perguntou o comandante Farragut.

– Dezenove milhas e 3 décimos, senhor.

– Aumentem as chamas.

O engenheiro obedeceu. O manômetro marcou dez atmosferas. Mas o cetáceo também “se aqueceu”, sem dúvida, pois, sem qualquer esforço, também acelerou seu nado para 19 milhas e 3 décimos por hora.

Que perseguição! Não, não consigo descrever a emoção que fez todo o meu ser vibrar. Ned Land permanecia em seu posto com o arpão na mão. Por diversas vezes, o animal permitiu que nos aproximássemos dele.

– Estamos vencendo! Estamos vencendo! – bradou o canadense.

Então, no momento em que ele estava prestes a lançar o arpão, o cetáceo fugiu com uma velocidade que estimo em pelo menos 30 milhas por hora. E, mesmo durante nossa velocidade máxima, ele ainda pôde debochar da fragata passando para o outro lado! Um grito de fúria escapou de todos os pulmões!

Ao meio-dia, não tínhamos avançado mais que às 8 da manhã.

O comandante Farragut decidiu usar meios mais drásticos.

– Ah! – disse –, esse animal consegue ser mais rápido que o *Abraham Lincoln*! Pois bem! Vamos ver se ele é capaz de se distanciar de projéteis cilíndricos. Contramestre, artilheiros no canhão da proa!

O canhão da proa foi imediatamente carregado e apontado. O tiro disparou, mas o projétil passou alguns metros acima do cetáceo, que se encontrava a meia milha de distância.

– Outro, com mais habilidade! – gritou o comandante. – E quinhentos dólares para quem furar essa besta infernal!

Um velho artilheiro de barba grisalha – parece que ainda o vejo –, olhar calmo, expressão de frieza, aproximou-se de sua máquina, colocou-a em posição e mirou durante um bom tempo. Ouviu-se, então, um estrondo alto que se misturou com os “urras” da tripulação.

A bala de canhão atingiu seu objetivo, bateu no animal, mas não como deveria, e sim deslizando na sua superfície arredondada, e acabando por se perder a duas milhas no mar.

– Ah, então é isso! – disse o velho artilheiro, esbravejando. – Esse patife é blindado com placas de 20 centímetros!

– Maldição! – gritou o comandante Farragut.

A caçada recomeçou, e o comandante Farragut disse, inclinando-se em minha direção:

– Perseguirei o animal até que minha fragata seja destruída!

– Sim – eu disse –, e o senhor vencerá!

Esperávamos que o animal se esgotasse, e que não fosse indiferente à fadiga, como uma máquina a vapor. Mas isso não aconteceu. As horas passaram sem nenhum sinal de exaustão.

No entanto, é importante exaltarmos o *Abraham Lincoln*, que lutou com uma obstinação inabalável. Calculo que ele tenha percorrido pelo menos 500 quilômetros de distância naquele infeliz 6 de novembro! Mas a noite chegou e envolveu o tempestuoso oceano com suas sombras.

Nesse momento, pensei que nossa expedição tinha acabado e que nunca mais veríamos aquele fantástico animal. Mas eu estava enganado.

Às 10h50 da noite, o clarão reapareceu a 3 milhas da fragata, tão puro e tão intenso quanto na noite anterior.

O narval parecia imóvel. Será que ele se deixava levar pela ondulação das águas, cansado de seu dia? Essa era uma hipótese que o comandante Farragut decidiu aproveitar.

Ele deu suas ordens. O *Abraham Lincoln* foi mantido sob pouco vapor e avançou cautelosamente para não

acordar seu oponente. Não é incomum encontrar baleias adormecidas no meio do oceano, que são então atacadas com sucesso, e Ned Land tinha arpoado mais de uma durante o sono. O canadense retomou seu posto no gurupés.

A fragata se aproximou sem fazer barulho, parou a 200 metros do animal, e
seguiu-o em sua errância. Ninguém a bordo respirava. Um profundo silêncio reinava no convés. Estávamos a menos de 30 metros do foco luminoso, cujo brilho crescia e deslumbrava nossa visão.

Nesse momento, debruçado sobre o parapeito do castelo de proa, vi Ned Land abaixo de mim, agarrado a um dos mastros com uma mão a com a outra brandindo seu terrível arpão. Apenas 6 metros o separavam do animal imóvel.

De repente, seu braço se distendeu violentamente e o arpão foi lançado. Ouvi o som da arma ao bater num corpo duro.

O clarão de repente se apagou e duas enormes trombas d’água caíram no convés da fragata, correndo como uma torrente de frente para trás, derrubando os homens e quebrando as amarrações das vigas.

Um choque terrível se produziu e, lançado por cima do parapeito, sem ter tempo para me segurar, fui arremessado ao mar.

Uma baleia de espécie desconhecida

Embora tivesse sido pego de surpresa pela queda inesperada, eu ainda conservava uma impressão muito clara de minhas sensações.

De início, fui levado a uma profundidade de cerca de 6 metros. Sou bom nadador – sem nenhuma comparação com Byron ou Edgar Poe, que são mestres –, então esse mergulho de forma alguma me fez perder a cabeça. Duas intensas batidas de perna me levaram de volta à superfície da água.

Minha primeira atitude foi procurar a fragata com os olhos. A tripulação teria se dado conta de meu desaparecimento? E o *Abraham Lincoln*, teria mudado seu curso? O comandante Farragut teria colocado um barco no mar? Teria eu alguma chance de ser salvo?

A escuridão era absoluta. Vislumbrei uma massa negra que desaparecia na direção leste, cujos faróis se apagaram com a distância. Era a fragata. Senti-me perdido.

– Socorro! Socorro! – eu gritava, enquanto nadava na direção do *Abraham Lincoln* com braçadas desesperadas.

Minhas roupas me atrapalhavam. A água fazia com que colassem ao meu corpo, paralisando-me os movimentos. Estava afundando! Não conseguia respirar!...

– Socorro!

Esse foi meu último grito. Minha boca se encheu de água. Eu me debatia e estava sendo arrastado para o abismo…

De repente, minha roupa foi agarrada por uma mão forte, senti que era violentamente trazido de volta à superfície, e ouvi, sim, ouvi estas palavras ditas no meu ouvido:

– Se o cavalheiro fizer a gentileza de se apoiar em meus ombros, nadará com muito mais facilidade.

Agarrei com uma das mãos o braço de meu fiel Conseil.

– Você! – eu disse. – Você!

– Eu mesmo – respondeu Conseil, e às ordens do cavaleiro.

– Aquele choque também o lançou na água junto comigo?

– De modo algum. Mas, como estou a serviço do cavalheiro, segui-o!

O digno rapaz achava aquilo completamente natural!

– E a fragata? – perguntei.

– A fragata! – disse Conseil, virando-se de costas. – Acho que o cavalheiro não deveria contar com ela!

– O que quer dizer?

– Quando mergulhei no mar, ouvi os timoneiros gritarem: “A hélice e o leme estão quebrados...”.

– Quebrados?

– Sim! quebrados pelo dente do monstro. Acredito que tenha sido o único dano sofrido pelo *Abraham Lincoln*. Mas, circunstância infeliz para nós, ele está desgovernado.

– Então, estamos perdidos!

– Talvez – respondeu Conseil tranquilamente. No entanto, ainda temos algumas horas pela frente, e com algumas horas ainda podemos fazer muitas coisas!

O imperturbável sangue-frio de Conseil me deu um ânimo extra. Eu nadei mais vigorosamente, mas, incomodado com as roupas que me apertavam como uma placa de aço, tinha extrema dificuldade para me manter na superfície. Conseil percebeu.

– O cavalheiro me permite fazer uma incisão? – perguntou.

Então, colocando uma faca debaixo de minhas roupas, cortou-as de cima para baixo com um golpe rápido.

Depois, ajudou-me a me desfazer delas com agilidade enquanto eu nadava pelos dois.

Em seguida, prestei o mesmo serviço a Conseil e continuamos a “navegar” próximos um do outro.

Entretanto, a situação não era menos terrível. Talvez nosso desaparecimento não tivesse sido notado, e, se tivesse sido, a fragata não poderia retornar em nossa direção sem a ajuda do leme. Então, nossa única esperança eram os barcos.

Conseil considerou essa hipótese objetivamente e traçou um plano com base nisso. Natureza surpreendente! Aquele rapaz fleumático parecia se sentir em casa!

Decidimos então que, uma vez que nossa única chance de salvação era sermos resgatados pelos barcos do *Abraham Lincoln*, tínhamos de nos organizar para conseguir esperar por eles o maior tempo possível. Decidi dividir nossas forças, de modo a não esgotá-las ao mesmo tempo, e fizemos o seguinte acordo: enquanto um de nós ficava parado, boiando de costas, com os braços cruzados e as pernas esticadas, o outro nadaria e o puxaria para a frente. O papel de rebocador não duraria mais de dez minutos, e, nos revezando dessa maneira, poderíamos flutuar por algumas horas, talvez até o amanhecer.

A chance era pequena, mas a esperança está tão profundamente enraizada no coração do homem! Além disso, éramos dois. Enfim, afirmo – embora pareça improvável – que, ainda que eu tentasse destruir toda a ilusão que existia em mim, ainda que

quisesse “me desesperar”, não poderia fazê-lo!

A colisão entre a fragata e o cetáceo ocorreu por volta das 11 horas da noite. Tínhamos então oito horas de nado até o amanhecer. Essa operação seria perfeitamente realizável se nos revezássemos. O mar, muito calmo, nos cansava pouco. Às vezes eu tentava penetrar com meus olhos a vasta escuridão, que só se rompia com a fosforescência causada por nossos movimentos. Eu observava essas ondas luminosas que se quebravam sobre minha mão, das quais o lençol cintilante estava manchado com espumas brancas. Era como se estivéssemos imersos num banho de mercúrio.

Por volta de uma da manhã, eu estava extremamente cansado. Meus membros se tornaram rígidos por força de cãibras violentas. Conseil teve de me sustentar e passou a ser o único responsável pelo cuidado com nossa preservação. Logo, ouvi o pobre rapaz ofegando; sua respiração estava mais curta e acelerada. Compreendi que ele não poderia resistir por muito tempo.

– Solte-me! Solte-me! – bradei.

– Abandonar o cavalheiro? Jamais! – ele respondeu. – Tenho a intenção de me afogar antes dele!

Naquele momento, a lua apareceu entre as espessas nuvens que o vento soprava para o leste. A superfície do mar brilhava sob seus raios. Essa bela luz reavivou nossas forças. Reergui minha cabeça. Meus olhos fitaram todos os pontos do horizonte. Avistei a fragata. Ela estava a 5 milhas de distância, e parecia

uma massa escura que mal podíamos apreciar. Mas nada de barcos!

Eu queria gritar. Mas de que serviria a essa distância! Meus lábios inchados não deixaram passar nenhum som. Conseil foi capaz de articular algumas palavras, e ouvi-o repeti-las várias vezes:

– Socorro! Socorro!

Suspendemos nossos movimentos por um instante para ouvir. Poderia ser um daqueles sons vibrantes de quando o sangue comprimido enche a orelha, mas pareceu-me que um grito respondera ao grito de Conseil.

– Você ouviu isso? – murmurei.

– Sim! Sim!

E Conseil lançou outro chamado desesperado no espaço.

Dessa vez, não estávamos enganados! Uma voz humana respondia à nossa! Seria a voz de algum desventurado, abandonado no meio do oceano, alguma outra vítima do choque sofrido pelo navio? Ou talvez um barco da fragata que nos procurava na escuridão?

Conseil fez um esforço supremo, e, apoiando-se em meus ombros, enquanto eu resistia numa última convulsão, colocou meio corpo fora da água e caiu exausto.

– O que você viu?

– Eu vi... – ele sussurrou – eu vi... mas não falemos... vamos preservar todas as nossas forças!...

O que ele tinha visto? Então, não sei por que, a ideia do monstro me veio à mente pela primeira vez! Mas e a voz?... Não estamos mais na época em que os Jonas se refugiam no ventre das baleias!

Enquanto isso, Conseil continuava a me rebocar. Às vezes ele levantava a cabeça, olhava para a frente e soltava um grito de reconhecimento, que era respondido por uma voz cada vez mais próxima. Eu mal conseguia ouvi-la. Minha força estava no fim; meus dedos se abriram; minha mão não me dava mais nenhum ponto de apoio; minha boca, convulsivamente aberta, se enchia de água salgada; e eu estava sendo invadido pelo frio. Levantei a cabeça uma última vez, depois me entreguei...

Nesse momento, bati num corpo duro. Agarrei-me a ele. Logo em seguida, senti como se alguém me puxasse, como se me levasse à superfície da água, meu peito se esvaziava, e desmaiei...

Retomei rapidamente a consciência, graças a fricções vigorosas que perpassaram meu corpo. Entreabri os olhos...

– Conseil! – murmurei.

– O cavalheiro me chamou? – respondeu Conseil.

Nesse momento, durante os últimos raios da lua, que se escondia no horizonte, vi uma figura que não era a do Conseil, e que reconheci imediatamente.

– Ned! – gritei.

– Em pessoa, senhor, e em busca de sua recompensa! – respondeu o canadense.

– Você também foi atirado ao mar pelo choque da fragata?

– Sim, professor, mas, com mais sorte que o senhor, consegui chegar quase de imediato a uma ilhota flutuante.

– Uma ilhota?

– Ou, se preferir, sobre nosso gigantesco narval.

– Explique-se, Ned.

– Logo entendi por que meu arpão não pôde perfurá-lo e perdeu o corte sobre sua pele.

– Por que, Ned, por quê?

– É que esse animal, professor, é feito de uma chapa de aço!

Nesse ponto, preciso recuperar meu juízo, ressuscitar minhas memórias, controlar sozinho minhas asserções.

As últimas palavras do canadense produziram uma reviravolta em minha mente. Subi de forma rápida ao topo do ser ou objeto semissubmerso que nos servia de refúgio. Tateei-o com o pé. Evidentemente, tratava-se de um corpo duro, impenetrável, e não aquela substância macia que compõe a massa dos grandes mamíferos marinhos.

Mas esse corpo duro podia ser uma carapaça óssea, semelhante à dos animais antediluvianos, e eu estaria mesmo convencido em classificar esse monstro entre os répteis marinhos, como as tartarugas ou os aligátores.

Pois bem! Não! O dorso negro que me sustentava era liso, polido, não enrugado. O choque com sua carapaça produzia um som metálico, e, por mais incrível que isso possa ser, ele parecia, ou melhor, era feito de placas rebitadas.

Era impossível haver qualquer dúvida! O animal, o monstro, o fenômeno natural que intrigara todo o mundo científico, perturbara e enganara a imaginação dos marinheiros de ambos os hemisférios, era preciso admitir, era um fenômeno ainda mais surpreendente, um fenômeno produzido pela mão do homem.

A descoberta da existência do ser mais fabuloso, mais mitológico, não teria surpreendido minha lógica em tão alto grau. Que o prodigioso venha do Criador, é bastante compreensível. Mas encontrar de repente, diante dos olhos, algo impossível misteriosa e humanamente realizado, era o suficiente para confundir as ideias!

No entanto, não havia nenhuma dúvida. Estávamos deitados sobre o dorso de uma espécie de barco submarino que tinha, pelo que eu podia definir, a forma de um enorme peixe de aço. A opinião de Ned Land se baseava nisso. Conseil e eu não pudemos senão concordar com ele.

– Mas, então – eu disse –, esse aparelho dispõe de um

mecanismo de locomoção e de uma tripulação para manobrá-lo?

– É claro – respondeu o arpoador. – Contudo, estou vivendo nesta ilha flutuante há pelo menos três horas, e ainda não houve nenhum sinal de vida.

– Esse barco ainda não avançou?

– Não, senhor Aronnax. Ele se deixa embalar pelas ondas, mas não se mexe.

– Em todo caso, sabemos que ele é capaz de alcançar alta velocidade. Ora, uma vez que é preciso uma máquina para produzir tal velocidade e um mecânico para conduzi-la, concluo que estamos salvos.

– Hum! – reagiu discretamente Ned.

Nesse momento, e como para justificar meu argumento, houve um turbilhão na parte posterior daquele estranho aparelho, cujo propulsor era obviamente uma hélice, e ele começou a se mover. Tivemos tempo apenas para nos agarrarmos à sua parte superior, que emergiu cerca de 80 centímetros. Felizmente, sua velocidade não era excessiva.

– Desde que navegue horizontalmente, não temos o que temer – murmurou Ned Land. – Mas, se ele inventar de mergulhar, não dou um dólar por minha pele.

Menos que isso, poderia ter dito o canadense. Era, então, urgente comunicar-se com quaisquer seres trancafiados nos flancos da máquina. Eu procurava

alguma abertura em sua superfície, alguma sinalização, uma “tampa de bueiro”, para usar uma expressão técnica; mas as linhas dos parafusos, firmemente sobrepostas na junta das placas, eram nítidas e uniformes.

A lua então desapareceu e nos deixou em uma escuridão profunda. Foi necessário esperar o dia amanhecer para avaliar os meios de penetrar na embarcação submarina.

Nossa salvação dependia exclusivamente do capricho dos misteriosos timoneiros que dirigiam a máquina, e, se eles mergulhassem, estaríamos perdidos! À exceção desse caso, eu acreditava piamente na possibilidade de entrar em contato com eles. E, de fato, se eles não fabricavam seu próprio ar, eles necessariamente tinham de voltar de tempos em tempos para a superfície do oceano para renovar sua provisão de moléculas respiráveis. Então, existia a real necessidade de uma abertura que colocasse o interior do barco em comunicação com a atmosfera.

Quanto à esperança de ser salvo pelo comandante Farragut, tínhamos de renunciar a ela por completo. Estávamos sendo arrastados para oeste, e eu estimava que nossa velocidade era relativamente moderada, atingindo 12 milhas por hora. A hélice batia nas ondas com regularidade matemática, às vezes emergindo e jorrando água fosforescente a grandes alturas.

Por volta das 4 horas da manhã, a velocidade da máquina aumentou. Mal conseguíamos resistir a esse arrasto vertiginoso, quando as ondas começaram a nos atingir com toda força. Felizmente, Ned encontrou sob

sua mão um grande arganel preso à parte superior do dorso do metal, e conseguimos nos agarrar a ele com firmeza.

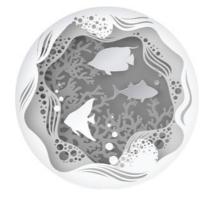
Então, aquela longa noite chegou ao fim. Minhas lembranças incompletas não me permitem refazer todas as impressões relativas a ela. Mas um único detalhe me vem à mente. Durante alguns momentos de calmaria do mar e do vento, imaginei ouvir várias vezes alguns sons vagos, uma espécie de harmonia fugaz produzida por acordes distantes. Qual era o mistério dessa navegação submarina que o mundo todo buscava em vão explicar? Que seres viviam naquele barco estranho? Que equipamento mecânico lhe permitia mover-se a uma velocidade tão extraordinária?

O dia raiou. As brumas da manhã que nos cobriam logo se dissiparam. Eu estava prestes a fazer um exame cuidadoso do casco que formava em sua parte superior uma espécie de plataforma horizontal, quando senti que ele afundava pouco a pouco.

– Nossa! Com mil diabos! – bradou Ned Land, batendo com o pé na placa retumbante. – Abram de uma vez, navegadores pouco hospitaleiros!

Mas era difícil ser ouvido no meio das ensurdecedoras batidas da hélice. Felizmente, o movimento de imersão parou.

De repente, um barulho de ferragens violentamente empurradas ecoou de dentro do barco. Uma placa foi erguida, um homem surgiu, lançou um grito estranho e desapareceu em seguida.

Alguns momentos depois, oito homens fortes, com os rostos cobertos, apareceram silenciosamente e nos arrastaram para o interior de sua formidável máquina.

Mobilis in mobile

Aquele rapto, tão brutalmente executado, foi realizado à velocidade da luz. Meus companheiros e eu mal tivemos tempo de nos reconhecer uns aos outros. Não sei o que eles sentiram quando foram introduzidos naquela prisão flutuante; mas, de minha parte, um arrepio congelou minha pele. Com quem estávamos lidando? Sem dúvida, com piratas de uma nova espécie, que exploravam o mar à sua maneira.

Assim que a estreita portinhola se fechou sobre mim, fui envolvido por uma profunda escuridão. Meus olhos, impregnados da luz exterior, não conseguiam enxergar nada. Senti meus pés descalços se agarrarem aos degraus de uma escada de ferro. Ned Land e Conseil, fortemente amarrados, me seguiam. No final da escada, uma porta se abriu e se fechou imediatamente sobre nós com um grande estrondo.

Estávamos sozinhos. Onde? Não saberia dizer, nem sequer imaginar. Tudo estava escuro, mas de uma escuridão tão absoluta que, depois de alguns minutos, meus olhos ainda não eram capazes de captar um daqueles brilhos indeterminados que flutuam nas

noites mais profundas.

Enquanto isso, Ned Land, enfurecido com aquela maneira de proceder, deu asas à sua indignação.

– Com mil diabos! – exclamou. – Aí estão pessoas tão receptivas quanto os caledônios! Só falta também serem antropófagos! Isso não me surpreenderia, mas declaro que não serei comido sem lutar!

– Fique calmo, Ned, meu amigo, fique calmo – respondeu calmamente Conseil. – Não fique nervoso antes do tempo. Ainda não estamos no espeto!

– No espeto ainda não – retrucou o canadense –, mas no forno, com certeza! Está muito escuro. Felizmente, minha *bowie-knife*[11] não me deixou, e ainda vejo o suficiente para usá-la. O primeiro desses bandidos que puser as mãos em mim...

– Não fique irritado, Ned – eu disse ao arpoador –, e não nos comprometa com violência desnecessária. Quem garante que não estão nos escutando! Vamos nos concentrar em descobrir onde estamos!

Comecei a caminhar tateando tudo. Cinco passos depois, encontrei uma parede de ferro feita de placas de metal parafusadas. Depois, ao me voltar, bati em uma mesa de madeira, perto da qual estavam guardados vários banquinhos de madeira. O assoalho daquela prisão estava escondido sob um tapete espesso de fórmio que abafava o som dos passos. As paredes nuas não revelavam nenhum sinal de portas ou janelas. Conseil, fazendo a volta na direção oposta, juntou-se a mim, e retornamos para o centro da

cabine, que devia ter uns 6 metros de comprimento por 3 de largura. Em relação à altura, Ned Land, apesar, de seu grande tamanho, não conseguiu medi-la.

Já havia transcorrido meia hora sem que a situação mudasse, quando, de uma escuridão extrema, nossos olhos passaram subitamente para uma luz muito violenta. Nossa prisão de repente se iluminou, isto é, se preencheu de uma matéria luminosa tão vívida que em um primeiro momento eu mal podia suportar o clarão. Em sua brancura, em sua intensidade, reconheci aquela iluminação elétrica que se produzia em torno do barco submarino como um fenômeno magnífico de fosforescência. Depois de fechar os olhos involuntariamente, eu os abri novamente, e vi que o agente luminoso emanava da metade opaca de um globo que contornava a parte superior da cabine.

– Finalmente! Luz! – bradou Ned Land, com a faca na mão, sempre na defensiva.

– Sim – respondi, arriscando uma antítese –, mas a situação não é menos obscura.

– Que o cavalheiro seja paciente – disse Conseil, impassível.

A súbita iluminação da cabine me permitiu examinar todos os detalhes. Nela, havia apenas a mesa e as banquetas. A porta invisível deveria estar hermeticamente fechada. Nenhum som chegava a nossos ouvidos. Tudo parecia morto dentro daquele barco. Será que ele se deslocava, mantinha-se na superfície do oceano ou afundava em suas

profundezas? Era impossível adivinhar.

No entanto, não tinham acendido o globo luminoso sem nenhuma razão. Eu esperava que os homens da tripulação aparecessem em breve. Quando se quer esquecer as pessoas, não se iluminam os calabouços.

Eu não estava errado. Ouviu-se um barulho de trancas, a porta se abriu e apareceram dois homens.

Um era baixo, vigorosamente musculoso, ombros largos, membros robustos, cabeça forte, cabelos pretos abundantes, bigode grosso, olhar vivo e penetrante, e toda a sua pessoa estava embebida dessa vivacidade sulista que caracteriza, na França, as populações provençais. Diderot afirmou, com toda a razão, que o gesto do homem é metafórico, e esse homenzinho era certamente a prova viva disso. Sentíamos que, em sua linguagem habitual, ele devia dispensar o uso das prosopopeias, das metonímias e das hipálages. O que, a propósito, nunca pude confirmar, pois ele sempre usou diante de mim um idioma muito peculiar e absolutamente incompreensível.

O segundo desconhecido merece uma descrição mais detalhada. Um discípulo de Gratiolet ou de Engel teria lido sua fisionomia como um livro aberto. Reconheci sem hesitar suas características dominantes: a autoconfiança, pois sua cabeça se destacava nobremente sobre o arco formado pela linha de seus ombros, e seus olhos negros fitavam com fria segurança; a calma, pois sua pele, pálida em vez de corada, marcava a tranquilidade do sangue; a energia, como demonstrava a rápida e leve contração dos músculos superciliares; e, finalmente, a coragem,

porque sua profunda respiração indicava uma grande expansão vital.

Posso acrescentar que esse homem era orgulhoso, que seu olhar firme e calmo parecia refletir grandes pensamentos, e que todo esse conjunto, da homogeneidade das expressões nos gestos do corpo e do rosto, conforme a observação dos fisionomistas, resultava em uma indiscutível franqueza.

Senti-me "involuntariamente" seguro na sua presença, e tive um bom presságio sobre nosso encontro.

Se esse homem contava 35 ou 50 anos de idade, eu não era capaz de precisar. Ele era alto, tinha testa grande, nariz reto, boca bem desenhada, dentes belíssimos, mãos finas e alongadas, eminentemente "sensitivas", para usar uma palavra de quiromancia, o que significa que eram dignas de servir uma alma elevada e apaixonada. Esse homem era certamente o tipo mais admirável que já encontrei. Um detalhe peculiar, seus olhos, um pouco separados um do outro, poderiam abraçar, simultaneamente, quase um quarto do horizonte. Essa faculdade – que confirmei mais tarde – dava-lhe o dobro do poder de visão de Ned Land. Quando esse desconhecido fixava um objeto, a linha de suas sobrancelhas se franzia, suas largas pálpebras se aproximavam para circunscrever a pupila de seus olhos e, assim, encolher a extensão do campo visual, e só depois ele olhava! Que olhar! Como ele ampliava os objetos encolhidos pela distância! Como os penetrava até a alma! Como perfurava os lençóis líquidos, tão opacos a nossos olhos, e como lia nas profundezas dos mares!

Os dois desconhecidos usavam boinas confeccionadas com pelo de lontra do mar, calçavam botas marinhas feitas de pele de foca e vestiam roupas de um tecido especial, que eram largas na cintura e lhes proporcionavam grande liberdade de movimento.

O maior dos dois – obviamente o chefe da embarcação – nos examinou com extremo cuidado, sem dizer uma palavra. Em seguida, voltando-se para seu companheiro, falou-lhe em uma língua que não pude reconhecer. Era um idioma sonoro, harmonioso, flexível, cujas vogais pareciam se submeter a uma acentuação bastante variada.

O outro respondeu com um aceno, e acrescentou duas ou três palavras totalmente incompreensíveis. Depois, olhou diretamente para mim, como se me interrogasse com o olhar.

Respondi, em bom francês, que não entendia nada de sua língua; mas ele não pareceu me entender, e a situação tornou-se bastante embaraçosa.

– Cavalheiro, conte-lhes toda nossa história – disse-me Conseil. Talvez esses senhores entendam algumas palavras!

Retomei a narrativa de nossas aventuras, articulando com clareza todas as sílabas, e sem omitir um único detalhe. Declinei nossos nomes e qualidades; em seguida, apresentei formalmente o professor Aronnax, seu criado, Conseil, e mestre Ned Land, o arpoador.

O homem de olhar doce e calmo me ouviu com tranquilidade e polidez, e com notável atenção. Mas

nada em sua fisionomia indicava que houvesse compreendido minha história. Quando terminei, ele não disse uma palavra.

Ainda restava a possibilidade de falar inglês. Talvez fosse possível nos fazermos entender nessa língua que é quase universal. Assim como o alemão, eu conhecia o inglês bem o suficiente para ler com fluência, mas não para falar corretamente. Naquela situação, porém, só era necessário se fazer entender.

– Agora é sua vez – eu disse ao arpoador. – Vamos, mestre Land, tire de sua cartola o melhor inglês que um anglo-saxão já falou, e tente ser mais bem-sucedido que eu.

Ned não se fez de rogado e retomou minha narrativa, pelo que pude entender. O conteúdo era o mesmo, mas a forma diferia. O canadense, tomado por seu personagem, insuflou sua fala com muita animação. Queixou-se de forma violenta por ter sido preso sem respeito aos direitos das pessoas, perguntou de acordo com qual lei estava detido, invocou o *habeas corpus*, ameaçou processar aqueles que o sequestravam ilegalmente, agitou-se, gesticulou, gritou e, finalmente, indicou, por meio de um gesto expressivo, que estávamos morrendo de fome.

O que era completamente verdade, mas que quase havíamos esquecido.

Para nossa surpresa, o arpoador não pareceu ter sido mais bem compreendido que eu. Nossos visitantes não esboçaram nenhuma expressão diferente. Estava evidente que não compreendiam nem a língua de

Arago nem a de Faraday[12].

Depois de termos esgotado nossos recursos filológicos em vão, fiquei bastante constrangido e sem saber que rumo tomar, até que Conseil me disse:

– Se o cavalheiro me permitir, contarei a história em alemão.

– Como é possível! Você sabe alemão? – gritei.

– Como um flamengo, que o cavalheiro me desculpe.

– Pelo contrário, fico feliz em sabê-lo. Vá em frente, meu rapaz.

E Conseil, com sua voz tranquila, contou pela terceira vez as várias peripécias de nossa história. Mas, apesar das elegantes expressões e da bela entonação do narrador, a língua alemã também não teve nenhum sucesso.

Finalmente, chegando ao limite de minha paciência, juntei tudo o que restou de meus primeiros estudos e comecei a narrar nossas aventuras em latim. Cícero teria tapado os ouvidos e me mandado à cozinha, mas até que me saí bem. Mesmo resultado negativo.

Uma vez definitivamente abortada essa última tentativa, os dois desconhecidos trocaram algumas palavras na sua língua incompreensível e se retiraram sem sequer nos dirigir um daqueles gestos tranquilizadores que funcionam em todos os países do mundo. A porta se fechou.

– Isso é uma infâmia! – gritou Ned Land, que explodiu

pela vigésima vez. – Como é possível?! Falamos em francês, inglês, alemão e latim com esses patifes, e ninguém teve a civilidade de responder!

– Acalme-se, Ned – eu disse ao enfurecido arpoador –, a raiva não nos levará a nada.

– Mas o senhor não percebe, professor – retomou nosso irascível companheiro –, que morreremos de fome nesta jaula de ferro?

– Ah! – balbuciou Conseil, filosofando –, ainda podemos aguentar por muito tempo!

– Meus amigos, não devemos desesperar – eu disse. – Nós nos encontrávamos em condições muito piores. Então, façam-me o favor de esperar para formar sua opinião sobre o capitão e a tripulação desta embarcação.

– A minha opinião já está formada – retrucou Ned Land. – Eles não passam de patifes...

– Ora essa! E de que país?

– Do país dos patifes!

– Meu bravo Ned, esse país ainda não está suficientemente indicado no mapa-múndi, e confesso que é difícil determinar a nacionalidade desses dois desconhecidos! Nem ingleses, nem franceses, nem alemães, é tudo o que podemos afirmar. No entanto, estou tentado a afirmar que esse comandante e seu imediato nasceram em baixas latitudes. Há algo de sulista neles. Mas se são espanhóis, turcos, árabes ou

indianos, o tipo físico deles não me permite determinar. Quanto à sua língua, ela é absolutamente incompreensível.

– Esse é o inconveniente de não conhecer todas as línguas – respondeu Conseil –, ou a desvantagem de não existir uma língua única!

– O que seria inútil! – respondeu Ned Land. – Vocês não percebem que essa gente tem uma língua própria, uma língua inventada para desesperar as boas pessoas que pedem para jantar?! Mas, em todos os países da Terra, abrir a boca, mover as mandíbulas, abocanhar com dentes e lábios, não faz algum sentido? Isso não significa, tanto no Quebec como nas ilhas Pomotu, tanto em Paris como nos antípodas, "estou com fome! dê-me algo para comer!"

– Oh! Há naturezas tão pouco inteligentes!... – ironizou Conseil.

Justamente quando ele dizia essas palavras, a porta se abriu. Um comissário entrou. Trouxe-nos roupas, agasalhos e cuecas marítimas, feitos de um tecido que eu não soube identificar. Vesti tudo rapidamente e meus companheiros imitaram minha atitude.

Enquanto isso, o comissário – mudo ou surdo talvez – arrumou a mesa e dispôs talheres para três pessoas.

– Finalmente algo sério – disse Conseil –, e parece bom.

– Ah! – respondeu o rancoroso arpoador. – Que diabos você quer que comamos aqui? Fígado de tartaruga,

filé de tubarão, bife de cação!

– Veremos! – disse Conseil.

Os pratos, cobertos com uma redoma de prata, foram simetricamente dispostos sobre a toalha, e sentamo-nos à mesa. Decididamente, estávamos lidando com pessoas civilizadas, e, não fosse a iluminação elétrica que nos circundava, eu poderia acreditar que estava na sala de jantar do hotel Adelphi, em Liverpool, ou do Grand-Hôtel, em Paris. Devo observar, no entanto, que não havia pão nem vinho. A água era fresca e transparente, mas era água – o que não agradou a Ned Land. Entre as iguarias que nos foram servidas, reconheci diversos peixes delicadamente preparados; mas, em alguns pratos, excelentes a propósito, não consegui identificar o que estava servido, nem sequer podia dizer a que reino, vegetal ou animal, aquilo pertencia. Quanto à louça, ela era elegante e de muito bom gosto. Em cada utensílio, colher, garfo, faca, prato, havia uma letra impressa, rodeada por um lema em destaque, cujo exato fac-símile é:

MOBILIS IN MOBILE

N

Móvel no elemento móvel! Esse lema se aplicava perfeitamente à embarcação submarina, desde que se traduzisse a preposição *in* por *no* e não por *sobre*. A letra N certamente representava a inicial do nome do enigmático personagem que comandava o fundo do mar!

Ned e Conseil não conjecturavam, devoravam, e eu

logo comecei a imitá-los. Além disso, estava tranquilo sobre nosso destino, parecia-me óbvio que nossos anfitriões não queriam que morrêssemos de inanição.

No entanto, tudo acaba, tudo passa, mesmo a fome de pessoas que não comiam havia 15 horas. Uma vez nosso apetite satisfeito, a necessidade de dormir se fez sentir imperiosamente. Era uma reação bastante natural depois da interminável noite em que havíamos lutado contra a morte.

– Juro que dormiria bem – disse Conseil.

– E eu já estou dormindo! – respondeu Ned Land.

Meus dois companheiros se esticaram no tapete da cabine e logo mergulharam em um sono profundo.

Quanto a mim, cedi menos facilmente a essa violenta necessidade de dormir. Muitos pensamentos se acumulavam em minha mente, muitas perguntas insolúveis se amontoavam, muitas imagens mantinham minhas pálpebras entreabertas! Onde estávamos? Que estranha força nos conduzia? Sentia – ou melhor, acreditava sentir – a máquina afundar nas camadas mais profundas do oceano. Eu estava obcecado por pesadelos violentos. Pressentia haver naqueles misteriosos redutos um mundo inteiro de animais desconhecidos dos quais essa embarcação subaquática parecia ser um congênere vivo, em movimento, formidável como eles!... Depois, meu cérebro se acalmou, minha imaginação se fundiu em uma vaga sonolência, e logo caí num sono profundo.

Faca com lâmina larga que os norte-americanos carregam sempre com eles. (N. T.)

Faraday foi um físico e químico britânico. Ver sobre Arago na p. 30. (N. E.)

A ira de Ned Land

Quanto tempo durou aquele sono não sei; mas deve ter sido longo, pois nos libertou completamente de nosso cansaço. Fui o primeiro a acordar. Meus companheiros ainda não tinham se mexido e continuavam estendidos em seu canto feito massas inertes.

Assim que levantei daquele leito bastante duro, senti o cérebro mais tranquilo e a mente vazia. Em seguida, retomei o exame minucioso de nossa cela.

Nada tinha sido alterado em suas disposições internas. A prisão continuava sendo uma prisão, e os prisioneiros ainda eram prisioneiros. No entanto, o comissário, aproveitando-se de nosso sono, tinha tirado a mesa. Logo, não havia nenhuma indicação de mudança à vista sobre aquela situação, e eu me perguntava seriamente se estávamos destinados a viver indefinidamente naquela jaula.

A perspectiva me pareceu ainda mais dolorosa, pois, por mais que meu cérebro estivesse livre das obsessões da véspera, sentia meu peito singularmente sufocado.

Eu respirava com dificuldade. O ar pesado já não era suficiente para meus pulmões. Embora a cabine fosse grande, era óbvio que tínhamos consumido grande parte do oxigênio que ela continha. De fato, cada homem gasta em uma hora o oxigênio contido em 100 litros de ar, e esse ar, que é então carregado com uma quantidade quase igual de gás carbônico, torna-se irrespirável.

Era, portanto, urgente renovar a atmosfera de nossa prisão e, sem dúvida, também a atmosfera do submarino.

Uma pergunta me veio à mente. “Qual era o procedimento do comandante daquela residência flutuante? Será que obtinha ar por meios químicos, liberando pelo calor o oxigênio contido no cloreto de potássio, e diluindo o gás carbônico por meio de hidróxido de potássio?”. Nesse caso, ele devia manter algum contato com os continentes, a fim de obter as matérias necessárias para tal operação. “Ou ele se limitava a armazenar o ar sob alta pressão em reservatórios e, em seguida, distribuí-lo de acordo com as necessidades de sua tripulação?”. Talvez. “Ou, o que seria mais conveniente, mais econômico, e, portanto, mais provável, contentava-se em voltar à superfície da água para respirar, como um cetáceo, e renovar por 24 horas seu suprimento de atmosfera?”. Fosse qual fosse o caso, e fosse qual fosse o método, parecia-me prudente usá-lo o quanto antes.

De fato, eu já estava multiplicando minhas inspirações para extrair da cabine o pouco oxigênio que ela continha quando, de repente, fui refrescado por uma corrente de ar puro embebido de emanações salinas.

Era a brisa do mar, revigorante e carregada de iodo! Abri a boca o quanto pude, e meus pulmões ficaram saturados de frescas moléculas. Ao mesmo tempo, senti um desequilíbrio, um balanço de ínfima amplitude, mas claramente perceptível. O barco, o monstro de metal, tinha decerto acabado de chegar à superfície do oceano para respirar à maneira das baleias. O sistema de ventilação do navio foi assim identificado por mim.

Depois de absorver aquele ar puro a plenos pulmões, procurei o canal, o "aerífero", por assim dizer, que conduzia até nós aquele benéfico eflúvio, e não tardei em encontrá-lo. Acima da porta, havia um túnel de aeração que permitia a passagem de uma corrente de ar fresco, renovando assim a atmosfera empobrecida da cabine.

Eu estava nesse ponto de minhas observações quando Ned e Conseil acordaram quase ao mesmo tempo, sob a influência da ventilação revitalizante. Esfregaram os olhos, esticaram os braços e logo em seguida se puseram de pé.

– O cavalheiro dormiu bem? – perguntou-me Conseil, com sua cortesia habitual.

– Muito bem, meu bravo rapaz – respondi. – E o senhor, mestre Ned Land?

– Profundamente, professor. Mas, estou enganado ou estamos respirando algo como a brisa do mar?

Um marinheiro não podia estar enganado, e eu disse ao canadense o que tinha acontecido durante seu

sono.

– Ótimo! Isso explica perfeitamente o rugido que ouvíamos quando o outrora narval era avistado pelo *Abraham Lincoln*.

– Perfeitamente, mestre Land, era a respiração dele!

– Mas, senhor Aronnax, não faço ideia de que horas são, a não ser que seja hora de jantar…

– Hora do jantar, meu digno arpoador? Digamos, pelo menos, hora do almoço, porque estamos certamente no dia seguinte ao de ontem.

– O que significa que dormimos durante 24 horas – respondeu Conseil.

– É o que eu penso – respondi.

– Eu não vou contrariá-lo – replicou Ned Land. – Mas, jantar ou almoço, o comissário será muito bem-vindo, quer traga um ou outro.

– Um e outro – disse Conseil.

– Justo – respondeu o canadense –, temos direito a duas refeições, e, de minha parte, honrarei ambas.

– Pois bem! Vamos esperar – eu disse. – É óbvio que esses desconhecidos não pretendem nos deixar morrer de fome, pois, do contrário, o jantar de ontem não teria nenhum significado.

– A menos que queiram nos engordar! – rebateu Ned.

– Discordo – respondi. – Não estamos nas mãos de canibais!

– Uma vez não é sempre – respondeu com seriedade o canadense. – Quem sabe se essas pessoas não estão há muito tempo privadas de carne fresca, e nesse caso, três indivíduos saudáveis e bem constituídos como o professor, seu criado e eu...

– Afaste essas ideias de sua cabeça, mestre Land – respondi ao arpoador. – E, acima de tudo, não vá o senhor se zangar com nossos anfitriões, o que só faria piorar a situação.

– Em todo caso – disse o arpoador –, estou com uma fome dos diabos, e, jantar ou almoço, a refeição não chega nunca!

– Mestre Land – repliquei –, temos de nos adaptar às regras a bordo, e suponho que nosso estômago esteja adiantado em relação aos ponteiros do cozinheiro.

– Pois bem! vamos nos adaptar ao horário – respondeu tranquilamente Conseil.

– Aí está um comentário típico seu, meu amigo Conseil – contrariou o canadense impaciente. – Você faz pouco uso de sua bílis e de seus nervos! Sempre calmo! Você seria capaz de agradecer suas bênçãos antes de ter sido agraciado por elas, e de morrer de fome em vez de reclamar!

– De que serviria isso? – perguntou Conseil.

– Ora, isso serviria para reclamar! Já é alguma coisa. E

se esses piratas… e eu digo piratas por respeito e para não chatear o professor, que não gosta que eu os chame de canibais… se esses piratas acham que vão me manter nesta jaula sufocante sem saber com que maldições eu tempero minha fúria, estão muito enganados! Agora, senhor Aronnax, diga francamente: o senhor acha que eles vão nos manter durante muito tempo nessa gaiola de ferro?

– Para dizer a verdade, não sei nada mais que você, amigo Land.

– Mas diga: o que o senhor supõe?

– Suponho que o acaso nos fez guardiões de um importante segredo. Agora, se a tripulação desta embarcação submarina tem algum interesse em mantê-lo em sigilo, e se esse segredo é mais valioso que a vida de três homens, acho que nossa existência está bastante comprometida. Se não for esse o caso, na primeira oportunidade o monstro que nos engoliu nos devolverá ao mundo habitado por nossos semelhantes.

– A menos que ele nos aliste em sua tripulação – disse Conseil –, e nos mantenha aqui…

– Até o momento em que alguma fragata, mais rápida ou mais hábil que o *Abraham Lincoln*, domine este ninho de piratas e envie sua tripulação, e nós junto com ela, para dar o último suspiro no topo de seu mastro central – respondeu Ned Land.

– Bem pensado, mestre Land – consenti. – No entanto, até onde eu sei, ainda não nos foi apresentada nenhuma proposta a esse respeito. Então, é inútil

discutir o rumo que devemos tomar, se for necessário. Repito, vamos esperar, vamos avaliar as circunstâncias, e não vamos fazer nada, uma vez que não há nada a fazer.

– Pelo contrário, professor! – respondeu o arpoador, que não queria desistir – Precisamos fazer alguma coisa.

– Ora! Mas o que, mestre Land?

– Salvar-nos.

– Fugir de uma prisão “terrestre” é geralmente difícil, mas de uma prisão submarina, parece-me absolutamente impraticável.

– E então, meu amigo Ned – perguntou Conseil –, o que você pode responder à objeção do cavalheiro? Não posso acreditar que um canadense tenha chegado ao limite de suas réplicas!

O arpoador, visivelmente embaraçado, calou-se. Uma fuga, nas condições em que o acaso nos tinha colocado, era absolutamente impossível. Mas um canadense é um pouco francês, e mestre Ned Land deixou isso claro com sua resposta.

– Então, senhor Aronnax – continuou após alguns momentos de reflexão –, o senhor não imagina o que pode ser feito com pessoas que não podem escapar de sua prisão?

– Não, meu amigo.

– É muito simples, eles têm de se organizar para

permanecer onde estão.

– Por Deus! – exclamou Conseil. – É melhor ficar dentro dela que em cima ou embaixo!

– Mas depois de expulsar carcereiros, vigias e guardas – acrescentou Ned Land.

– O que, Ned? Você está mesmo pensando em se apoderar desta embarcação?

– Seriamente – respondeu o canadense.

– É impossível.

– Por que, senhor? Pode haver alguma oportunidade favorável, e não sei o que poderia nos impedir de nos aproveitarmos dela. Se eles são cerca de 20 homens a bordo desta máquina, não vão fazer recuar dois franceses e um canadense, suponho!

Era melhor aceitar a proposta do arpoador que discuti-la. Por isso, contentei-me em responder:

– Que as circunstâncias surjam, mestre Land, e veremos. Mas até lá, eu lhe suplico, contenha sua impaciência. Temos de agir com astúcia, e não é se irritando que você vai criar oportunidades favoráveis. Então, prometa-me que vai aceitar a situação sem causar problemas.

– Prometo-lhe, professor – respondeu Ned Land num tom pouco tranquilizador. – Nenhuma palavra agressiva sairá da minha boca, nenhum gesto brutal me trairá, mesmo que as refeições não sejam servidas com a regularidade desejada.

– Tenho sua palavra, Ned – respondi ao canadense.

Em seguida, a conversa foi suspensa, e cada um de nós recolheu-se em suas reflexões individuais. Confesso que, de minha parte, e apesar da promessa do arpoador, eu não guardava nenhuma ilusão a esse respeito. Não acreditava nas oportunidades que Ned Land mencionara. Para ser manobrado com tanta segurança, o submarino necessitava de uma grande tripulação e, consequentemente, no caso de uma luta, precisaríamos lidar com um forte adversário. Em todo o caso, tínhamos de ser livres em primeiro lugar, e não éramos. Eu não encontrava nenhuma maneira de escapar daquela prisão tão hermeticamente fechada. E, por mais remota que fosse a possibilidade de o estranho comandante daquela embarcação ter um segredo a guardar – o que parecia minimamente provável –, ele não nos deixaria agir livremente a bordo de seu submarino. Mas será que ele tentaria se livrar de nós de forma violenta, ou nos jogaria em algum lugar remoto da Terra? Eis uma resposta desconhecida. Todas essas hipóteses pareciam bastante plausíveis, e só um arpoador poderia ter esperança de recuperar a sua liberdade.

Então, compreendi que as ideias de Ned Land estavam contaminadas pelos pensamentos que se apoderavam de seu cérebro. Ouvia pouco a pouco as blasfêmias que ele resmungava saltarem de sua goela, e via seus gestos se tornarem ameaçadores de novo. Ele se levantou, virou-se como um animal selvagem numa jaula, e começou a golpear as paredes com chutes e socos. Aliás, o tempo passava, a fome aumentava cruelmente, e dessa vez o comissário não apareceu. E

isso significava esquecer por muito tempo nossa situação de náufragos, se realmente tivessem boas intenções em relação a nós.

Ned Land, atormentado pelos espasmos de seu robusto estômago, se exaltava cada vez mais, e, apesar da sua promessa, eu realmente temia uma explosão quando ele estivesse na presença de um dos homens a bordo.

Durante mais duas horas, a ira de Ned Land só cresceu. O canadense chamava, gritava, mas em vão. As paredes de metal eram surdas. Eu nem sequer ouvia algum barulho de dentro daquela embarcação, que parecia morta. Ela não se movia, porque eu obviamente teria sentido os tremores do casco sob o impulso da hélice. Mergulhada, sem dúvida, no abismo das águas, ela já não pertencia mais à Terra. Todo aquele morno silêncio era assustador.

Quanto a nosso abandono, a nosso isolamento no fundo daquela célula, não me atrevia a estimar o tempo que poderia durar. As expectativas que eu tinha criado após nossa "conversa" com o capitão desvaneceram-se gradualmente. O olhar gentil daquele homem, a expressão generosa da sua fisionomia, a nobreza de seu porte, tudo desapareceu de minha memória. Eu voltava a ver aquele personagem enigmático tal como ele deveria ser de fato, necessariamente implacável e cruel. Sentia como se ele fosse desumano, inacessível a qualquer sentimento de piedade, inimigo impiedoso de seus semelhantes, a quem ele devia ter jurado um ódio imperecível!

Mas aquele homem ia então nos deixar morrer de fome, presos naquela prisão estreita, entregues às

terríveis tentações que só aumentam com a fome feroz? Esse horrendo pensamento tomou conta de minha mente, e, com ajuda da imaginação, senti-me invadido por um insensato terror. Conseil continuava calmo e Ned Land esbravejava.

Nesse momento, ouvimos um barulho vindo do lado de fora. Alguns passos ecoaram nos degraus de metal. As fechaduras se mexeram, a porta foi aberta e o comissário apareceu.

Antes que eu conseguisse fazer qualquer movimento para impedi-lo, o canadense tinha se atirado sobre o homem infeliz, o havia derrubado e o segurava pelo pescoço. O comissário sufocava com a força de suas mãos.

Conseil já estava tentando retirar a vítima quase sufocada das mãos do arpoador, e eu estava prestes a juntar meus esforços aos seus quando, de repente, fiquei congelado onde estava por estas palavras pronunciadas em francês:

– Acalme-se, mestre Land, e o senhor, por favor, ouça-me, professor!

O homem das águas

Era o comandante da embarcação que falava.

Ao ouvir essas palavras, Ned Land levantou-se imediatamente. O comissário, quase estrangulado, saiu cambaleando ao receber um sinal de seu mestre. Mas tal era a imponência do comandante que nem um único gesto traiu o ressentimento que o homem devia estar nutrindo contra o canadense. Conseil, interessado, mesmo a contragosto, e eu, espantado, esperávamos em silêncio pelo desfecho da cena.

O comandante, apoiado no canto da mesa, com os braços cruzados, observava-nos com profunda atenção. Será que ele hesitava em falar? Estava arrependido das palavras que tinha acabado de dizer em francês? Era o que parecia.

Depois de alguns momentos de silêncio que nenhum de nós ousou interromper:

– Senhores – disse com uma voz calma e penetrante –, também falo francês, inglês, alemão e latim. Eu poderia ter respondido a vocês logo em nosso primeiro

contato, mas queria conhecê-los primeiro e refletir depois. A quádrupla narrativa de vocês, absolutamente semelhante em sua essência, confirmou-me a identidade de suas pessoas. Agora, sei que o acaso me trouxe o senhor Pierre Aronnax, professor de história natural no Museu de Paris, encarregado de uma missão científica no exterior, seu criado, Conseil, e Ned Land, arpoador de origem canadense, a bordo da fragata *Abraham Lincoln*, da marinha nacional dos Estados Unidos da América.

Inclinei-me com um ar de consentimento. Não era uma pergunta que o comandante me fazia. Então, não havia resposta a dar. Aquele homem se expressava com perfeita clareza, sem nenhum sotaque. Suas frases eram claras, as palavras exatas e sua dicção notável. No entanto, eu não "sentia" nele um compatriota.

Ele retomou a conversa nos seguintes termos:

– O senhor, sem dúvida, deve ter achado que demorei muito para fazer esta segunda visita. Mas é que, uma vez reconhecida sua identidade, eu queria avaliar de forma madura que decisão tomar em relação a vocês. Hesitei muito. As circunstâncias mais infelizes os trouxeram à presença de um homem que rompeu com a humanidade. Vocês vieram perturbar minha existência...

– Involuntariamente – eu disse.

– Involuntariamente? – respondeu o desconhecido, forçando um pouco a voz. – Seria, por acaso, involuntariamente que o *Abraham Lincoln* está me perseguindo por todos os mares? Vocês entraram

involuntariamente a bordo desta fragata? Foi involuntariamente que suas balas de canhão saltaram sobre o casco da minha embarcação? Foi involuntariamente que o mestre Ned Land me atingiu com seu arpão?

Percebi nessas palavras uma irritação contida. Mas eu tinha uma resposta absolutamente natural para essas recriminações.

– Senhor – eu disse –, o senhor com certeza ignora as discussões que aconteceram a seu respeito na América e na Europa. Não sabe que vários acidentes, causados pelo choque com seu aparelho submarino, moveram a opinião pública em ambos os continentes. Vou poupá-lo das inúmeras hipóteses com base nas quais procuramos explicar o fenômeno inexplicável, cujo segredo só o senhor possuía. Mas saiba que ao persegui-lo até os mares do Pacífico, o *Abraham Lincoln* acreditava caçar um monstro marinho poderoso de que o oceano tinha de ser libertado a todo o custo.

Um meio sorriso relaxou os lábios do comandante. Então, num tom mais calmo:

– Senhor Aronnax – ele respondeu –, o senhor ousaria dizer que sua fragata não teria perseguido e disparado contra um barco submarino, assim como o fez contra um monstro?

Essa pergunta me constrangeu, pois certamente o comandante Farragut não teria hesitado em fazê-lo. Ele teria pensado que era seu dever destruir um aparelho desse tipo assim como faria a um narval

gigante.

– O senhor então compreende – continuou o desconhecido –, que tenho o direito de tratá-los como inimigos.

Não respondi nada, e por uma boa razão. De que serviria discutir uma hipótese como essa, quando a força pode destruir os melhores argumentos?

– Hesitei por muito tempo – retomou o comandante. – Nada me obrigava a lhes oferecer qualquer hospitalidade. Se precisasse, poderia me separar de vocês, e não teria nenhum interesse em voltar a vê-los. Poderia enviá-los de volta ao convés daquele navio que era seu refúgio. Então, mergulharia de volta no mar e esqueceria que um dia vocês existiram. Não seria esse um direito meu?

– Talvez fosse o direito de um selvagem – respondi –, mas não de um homem civilizado.

– Professor – respondeu o comandante –, não sou o que o senhor chama de um homem civilizado! Rompi com toda a sociedade por razões que só eu tenho o direito de conhecer. Por isso, não obedeço às suas regras, e os convido a nunca as invocarem diante de mim!

Esta última frase foi pronunciada com bastante clareza. Um clarão de raiva e desdém tinha iluminado os olhos do desconhecido, e entrevi um passado formidável na vida desse homem. Ele não só tinha se separado das leis humanas, como havia se tornado independente, livre no sentido mais estrito da palavra,

fora de alcance! Quem se atreveria a persegui-lo no fundo do mar, uma vez que em sua superfície ele frustrava todos os esforços empregados contra ele? Que navio suportaria o choque de seu monitor submarino? Que couraça, por mais grossa que fosse, aguentaria os golpes de sua espora? Ninguém entre os homens podia lhe pedir que esclarecesse seus atos. Deus, se nele acreditasse, sua consciência, se ele tivesse uma, eram os únicos juízes de que ele poderia depender.

Esses pensamentos passaram rapidamente por minha mente, enquanto o estranho personagem permanecia em silêncio, absorto e como se ensimesmado. Eu o observava com um misto de medo e interesse, sem dúvida como Édipo observava a Esfinge.

Depois de um longo silêncio, o comandante voltou a falar.

– Então, hesitei – disse ele –, mas pensei que meu interesse poderia entrar em um acordo com aquela piedade natural a que todo ser humano tem direito. Vocês permanecerão a bordo de minha embarcação, uma vez que a fatalidade os trouxe até aqui. Serão libertados e, em troca dessa liberdade, que é relativa, a propósito, vou lhes propor apenas uma condição. A palavra de vocês será suficiente.

– Fale, senhor, acredito que a condição seja uma que um homem honesto possa aceitar? – respondi.

– Sim, senhor, e aqui está ela. É possível que alguns imprevistos exijam que eu os mantenha presos em suas cabines por algumas horas ou dias, conforme o

caso. Desejando nunca usar a violência, espero de vocês, nesse caso, ainda mais que em todos os outros, uma obediência passiva. Ao fazê-lo, excluo vocês dessa responsabilidade, liberto-os completamente, porque cabe a mim deixá-los impossibilitados de ver o que não deve ser visto. Aceitam essa condição?

Havia, portanto, coisas acontecendo a bordo que eram no mínimo peculiares, e que não deviam ser vistas por pessoas que não tivessem se desviado das leis sociais! Entre as surpresas que o futuro me reservava, essa não seria das menores.

– Aceitamos – respondi. – Só peço permissão, senhor, para lhe fazer uma pergunta, uma única pergunta.

– Faça-a, senhor.

– O senhor disse que ficaremos livres a bordo?

– Totalmente.

– Então eu gostaria de saber o que o senhor entende por essa liberdade.

– Ora, a liberdade de ir, de vir, de ver, até mesmo de observar tudo o que acontece aqui – exceto em algumas raras circunstâncias–, a liberdade de que nós, meus companheiros e eu, desfrutamos.

Era evidente que não estávamos nos entendendo.

– Desculpe-me, senhor – eu retomei –, mas essa liberdade é apenas a liberdade que cada prisioneiro tem de se deslocar em sua prisão. Ela não nos é suficiente.

– No entanto, terá de ser suficiente!

– O quê!? Temos de renunciar para sempre a ver nossa pátria, nossos amigos, nossos familiares!

– Sim, senhor. Mas renunciar a esse insuportável jugo da Terra, que os homens acreditam ser liberdade, talvez não seja tão doloroso como o senhor pensa!

– Ora! – exclamou Ned Land. – Eu nunca vou prometer que não vou tentar me salvar!

– Não peço que prometa isso, mestre Land – respondeu friamente o comandante.

– Senhor – respondi sem poder controlar minha irritação –, o senhor está abusando de sua posição em relação a nós! Isso é crueldade!

– Não, senhor, é clemência! Vocês são meus prisioneiros de guerra! Eu os protejo quando uma palavra minha poderia enviá-los de volta aos abismos do oceano! Vocês me atacaram! Vieram tentar descobrir um segredo que nenhum homem no mundo deveria saber, o segredo de toda a minha existência! E acham que vou
mandá-los de volta para essa terra que nunca mais vai me ver? Jamais!
Ao mantê-los aqui, não são vocês que aprisiono, mas a mim mesmo!

Essas palavras indicavam uma decisão por parte do comandante contra a qual nenhum argumento prevaleceria.

– Então, senhor – retomei –, o senhor está simplesmente nos dando uma escolha entre a vida ou a morte?

– Simples assim.

– Meus amigos – eu disse –, a uma pergunta assim colocada, não há nada a responder. Mas não há nenhum juramento que nos prenda ao mestre desta embarcação.

– Nenhum, senhor – respondeu o desconhecido.

Então, com uma voz mais suave, ele retomou:

– Agora, permitam-me concluir o que tenho a dizer. Eu o conheço, senhor Aronnax. O senhor, ao contrário de seus companheiros, não deveria maldizer tanto o acaso que o colocou em meu caminho. O senhor encontrará, entre os livros favoritos que uso para meus estudos, o livro que publicou sobre as profundezas do mar. Já o li muitas vezes. O senhor avançou em sua obra o mais longe que a ciência terrestre lhe permitiu. Mas o senhor não sabe tudo, não viu tudo. Deixe-me dizer-lhe então, professor, que não vai se arrepender do tempo passado a bordo da minha embarcação. O senhor vai viajar para o país das maravilhas. O espanto e a estupefação provavelmente serão o estado habitual de sua mente. O senhor não ficará tão facilmente saciado com o incessante espetáculo que será oferecido a seus olhos. Estou prestes a iniciar uma nova volta ao mundo submarina – quem sabe? a última talvez – e revisitar tudo que pude estudar no fundo desses mares tantas vezes percorridos, e o senhor será meu colega de estudos. De

hoje em diante, o senhor entrará em um novo elemento, verá o que nenhum homem viu ainda – pois eu e os meus já não contamos mais –, e nosso planeta, graças a mim, está prestes a lhe revelar seus últimos segredos.

Não posso negar que essas palavras do comandante surtiram um grande efeito sobre mim. Fui pego em meu ponto fraco e esqueci, por um momento, que a contemplação dessas coisas sublimes não podia valer a liberdade perdida. Além disso, eu contava com o futuro para resolver essa grave questão. Então, apenas respondi:

– Senhor, ainda que tenha rompido com a humanidade, quero acreditar que não renegou nenhum sentimento humano. Somos náufragos caridosamente salvos a bordo de sua embarcação, não nos esqueceremos disso. Quanto a mim, não ignoro que, se o interesse da ciência pudesse abdicar da necessidade de liberdade, o que nosso encontro promete me ofereceria grandes compensações.

Pensei que o comandante me apertaria a mão para selar nosso trato. Mas ele não o fez. Lamentei por ele.

– Uma última pergunta – eu disse, no momento em que aquele ser inexplicável parecia querer se retirar.

– Faça-a, professor.

– Devo chamá-lo por qual nome?

– Senhor – respondeu o comandante –, para vocês eu sou apenas o capitão Nemo, e o senhor e seus

companheiros são apenas os passageiros do *Nautilus* para mim.

O capitão Nemo chamou. E um comissário apareceu. O capitão deu-lhe ordens naquela língua estranha que eu não era capaz de reconhecer. Em seguida, voltando-se ao canadense e a Conseil:

– Uma refeição os aguarda em sua cabine – disse-lhes. – Por favor, sigam este homem.

– Esse convite é irrecusável! – respondeu o arpoador.

Conseil e Ned Land finalmente saíram daquela cabine onde estávamos confinados havia mais de 30 horas.

– E agora, senhor Aronnax, nosso almoço está pronto. Permita-me que o preceda.

– Às suas ordens, capitão.

Segui o capitão Nemo e, assim que cruzei a porta, avancei por uma espécie de corredor eletricamente iluminado, semelhante aos passadiços de um navio. Depois de caminhar por cerca de 10 metros, uma segunda porta se abriu à minha frente.

Entrei então em uma sala de jantar sobriamente decorada e mobiliada. Grandes aparadores de carvalho, incrustados com ornamentos de ébano, estavam dispostos em ambas as extremidades do recinto, e sobre as prateleiras de linhas onduladas resplandeciam faianças, porcelanas e objetos de vidro de um valor inestimável.
A louça de porcelana brilhava sob os raios que vinham

de um teto luminoso, cujas belas pinturas subjugavam e suavizavam seu brilho.

No centro da sala, havia uma mesa ricamente servida. O capitão Nemo indicou o lugar em que eu deveria me sentar.

– Sente-se – ele disse –, e coma como um homem que deve estar morrendo de fome.

O almoço era composto de uma série de pratos cujo conteúdo tinha sido fornecido exclusivamente pelo mar, e de algumas iguarias cuja natureza e proveniência eu ignorava. Devo confessar que era bom, mas tinha um gosto peculiar, com que eu me acostumei facilmente. Aqueles vários alimentos pareciam ser ricos em fósforo, e pensei que eles deviam ser de origem marinha.

O capitão Nemo me olhava. Eu não lhe perguntei nada, mas ele adivinhou meus pensamentos e respondeu por sua conta às perguntas que eu estava evitando fazer.

– A maioria dessas iguarias lhe é desconhecida – disse-me. – No entanto, o senhor pode consumi-las sem medo. São saudáveis e nutritivas. Há muito tempo renunciei aos alimentos da terra, e não me fazem falta. A minha tripulação, que é vigorosa, alimenta-se do mesmo que eu.

– Então, eu disse, todos esses alimentos advêm do mar?

– Sim, professor, o mar providencia tudo de que

necessito. Algumas vezes, jogo minhas redes no mar e as recolho repletas. Outras vezes, vou caçar no meio desse lugar que parece inacessível ao homem e persigo a presa que vive em minhas florestas submarinas. Meus rebanhos, como os do velho pastor de Netuno, pastam sem medo nos imensos prados do oceano. Aqui, tenho uma vasta propriedade que eu mesmo exploro e que está sempre sendo semeada pela mão do Criador de todas as coisas.

Olhei para o capitão Nemo com algum espanto e respondi:

– Compreendo perfeitamente, senhor, que suas redes forneçam peixes excelentes para sua mesa; compreendo um pouco menos que o senhor cace a presa em suas florestas submarinas; mas o que de fato não compreendo é que uma parcela de carne, por menor que seja, esteja em seu menu.

– Eu nunca faço uso da carne de animais terrestres, professor.

– Mas e isso? – retomei, apontando para um prato onde ainda havia algumas fatias de filé.

– O que o senhor acha que é carne, professor, nada mais é que filé de tartaruga-marinha. Aqui estão também alguns fígados de golfinho que o senhor imaginaria ser um guisado de porco. Meu cozinheiro é um profissional bastante hábil, que se destaca em preservar esses produtos variados do oceano. Experimente todas essas iguarias. Aqui está uma conserva de pepinos-do-mar que um malásio declararia inigualável no mundo; eis um creme cujo

leite foi extraído da mama de cetáceos; um açúcar extraído de grandes fucos do mar do Norte; e, finalmente, permita que lhe ofereça geleias de anêmonas que equivalem às dos frutos mais saborosos.

Eu provava, mais por curiosidade que por um interesse gastronômico, enquanto o capitão Nemo me encantava com suas histórias incríveis.

– Mas este mar, senhor Aronnax – disse-me –, esta ama prodigiosa e inesgotável, não só me alimenta, como também me veste. Esses tecidos que o cobrem são feitos com o bisso de certos mariscos e tingidos com a tinta dos púrpura dos antigos, e matizados com tons de violeta que extraio de lesmas marítimas encontradas no Mediterrâneo. Os perfumes que o senhor vai encontrar no banheiro de sua cabine são fruto da destilação de plantas marinhas. Sua cama é feita da mais doce zostera do oceano. Sua caneta será uma barbela de baleia, e a tinta, o licor secretado pela siba ou pela lula. Tudo agora vem para mim do mar, como tudo um dia voltará para ele!

– O senhor gosta do mar, capitão.

– Sim! Eu o amo! O mar é tudo! Ele cobre 7 décimos do globo terrestre. Seu ar é puro e saudável. É o imenso deserto onde o homem nunca está sozinho, porque sente a vida vibrar à sua volta. O mar é apenas o veículo de uma existência sobrenatural e prodigiosa; é apenas movimento e amor; é a infinitude viva, como disse um de seus poetas. E, de fato, professor, a natureza manifesta-se em seus três reinos: mineral, vegetal e animal. Este último é vastamente representado pelos quatro grupos de zoófitos, pelas

três classes de articulados, pelas cinco classes de moluscos, pelas três classes de vertebrados, pelos mamíferos, pelos répteis e por essas inúmeras legiões de peixes, uma ordem infinita de animais que resulta em mais de 13 mil espécies, das quais apenas um décimo pertence à água doce. O mar é o vasto reservatório da natureza. Foi no mar que o globo, por assim dizer, começou a se formar, e quem sabe se não acabará nele! Essa é a suprema tranquilidade. O mar não pertence aos déspotas. Em sua superfície, eles ainda podem exercer direitos perversos, lutar, devorar-se e carregar consigo todos os horrores da Terra. Mas a dez metros abaixo de seu nível, seu poder cessa, a sua influência é extinta, ela desaparece! Ah!, meu senhor, viva, viva no interior dos mares! Só aqui há independência, só aqui não me curvo a outros mestres! Aqui, eu sou livre!

O capitão Nemo ficou subitamente em silêncio no meio desse entusiasmo transbordante. Teria ele se deixado levar para além de sua discrição habitual? Teria falado demais? Por alguns momentos, caminhou bastante inquieto. Depois, seus nervos se acalmaram e sua fisionomia recuperou a frieza costumeira. Dirigindo-se a mim:

– Agora, professor – ele disse –, se o senhor desejar visitar o *Nautilus*, estou às suas ordens.

O Nautilus

O capitão Nemo se levantou. Eu o acompanhei. Uma porta dupla, situada no fundo da sala, abriu-se, e entrei numa sala da mesma dimensão da que tinha acabado de sair.

Era uma biblioteca. Imponentes móveis de jacarandá preto, com incrustações de cobre, sustentavam em suas largas prateleiras um grande número de livros uniformemente encadernados. Eles seguiam o contorno da sala e terminavam, em sua parte inferior, em largos divãs estofados de couro marrom, cujas curvas eram bastante confortáveis. Pequenas escrivaninhas móveis, que podiam ser aproximadas ou afastadas livremente, serviam de apoio para a leitura dos livros. No centro, havia uma mesa larga, coberta de gravuras, entre as quais se viam alguns jornais antigos. A luz elétrica que inundava todo o ambiente harmonioso vinha de quatro globos foscos parcialmente presos às volutas do teto. Eu olhava com verdadeira admiração aquela sala tão engenhosamente organizada, e meus olhos não podiam acreditar no que viam.

– Capitão Nemo – disse a meu anfitrião, que tinha acabado de se deitar num divã –, esta é uma biblioteca que honraria inúmeros palácios dos continentes, e estou verdadeiramente maravilhado de pensar que ela pode acompanhá-lo ao mais profundo dos mares.

– Onde encontraríamos mais solidão, mais silêncio, professor? – respondeu o capitão Nemo. – Seu escritório no museu lhe oferece um descanso tão completo?

– Não, senhor, e devo acrescentar que ele é muito pobre perto do seu. O senhor deve ter em torno de 6 ou 7 mil volumes...

– Doze mil, senhor Aronnax. Esses são os únicos laços que me ligam à Terra. O mundo acabou para mim no dia em que meu *Nautilus* mergulhou pela primeira vez debaixo d'água. Naquele dia, comprei meus últimos volumes, minhas últimas gravuras, meus últimos jornais, e, desde então, quero acreditar que a humanidade já não pensou nem escreveu mais. Estes livros, professor, estão à sua disposição, e pode usá-los livremente.

Agradeci ao capitão Nemo e me aproximei das prateleiras da biblioteca. Eram abundantes os livros de ciência, moral e literatura, escritos em todas as línguas; mas não vi um único livro de economia política; eles pareciam ter sido severamente proscritos de bordo. Um curioso detalhe, todos os livros foram indistintamente classificados, sem considerar a língua em que haviam sido escritos, e essa mistura provou que o capitão do *Nautilus* devia ler fluentemente os volumes que sua mão escolhia de maneira aleatória.

Entre os livros, observei as obras-primas de mestres antigos e modernos, ou seja, tudo que a humanidade produziu de mais belo na história, poesia, romance e ciência, de Homero a Victor Hugo, de Xenofonte a Michelet, de Rabelais a Madame Sand. Mas a ciência, em particular, era sem dúvida a principal razão da existência daquela biblioteca; os livros de mecânica, balística, hidrografia, meteorologia, geografia, geologia etc., eram tão importantes quanto os de história natural, e entendi que eles eram o principal estudo do capitão. Lá se encontravam todos os Humboldt, todos os Arago, as obras de Foucault, Henri Sainte-Claire Deville, Chasles, Milne-Edwards, Quatrefages, Tyndall, Faraday, Berthelot, padre Secchi, Petermann, comandante Maury, Agassiz etc.; as memórias da Academia de Ciências, os diários das diversas sociedades de geografia etc.; e, em destaque, os dois volumes que talvez me tivessem proporcionado aquela recepção relativamente caridosa do capitão Nemo. Entre as obras de Joseph Bertrand, seu livro *Os fundadores da astronomia moderna* me deu uma data pontual; e como eu sabia que ele tinha surgido em 1865, pude concluir que a instalação do *Nautilus* não remontava a um período posterior. Então, havia três anos, no máximo, o capitão Nemo tinha iniciado sua existência submarina. Eu esperava, inclusive, que obras ainda mais recentes me permitissem determinar a época com mais precisão; mas teria tempo para fazer essa pesquisa e não queria atrasar ainda mais nosso passeio pelas maravilhas do *Nautilus*.

– Senhor – eu disse ao capitão –, agradeço por ter colocado esta biblioteca a minha disposição. Há muitos tesouros científicos aqui e certamente me

beneficiarei deles.

– Esta sala não é apenas uma biblioteca – disse o capitão Nemo –, é também uma sala de fumar charutos.

– Fumar? – exclamei. – Então se fuma a bordo?

– Sem dúvida.

– Sendo assim, senhor, sou obrigado a acreditar que o senhor manteve relações com Havana.

– Nenhuma – respondeu o capitão. – Aceite este charuto, senhor Aronnax, e, embora não seja de Havana, ficará satisfeito com ele, se for conhecedor dessa iguaria.

Peguei o charuto que me foi oferecido, cuja forma era semelhante à do *londrès*; mas parecia ser feito de folhas de ouro. Acendi-o em um pequeno braseiro sustentado por um elegante pé de bronze, e dei minhas primeiras tragadas com a volúpia de um amador que não fumava havia muito tempo.

– É excelente – eu disse –, mas não é tabaco.

– Não – respondeu o capitão –, esse tabaco não vem de Havana ou do Oriente. É um tipo de alga rica em nicotina que o mar me fornece com certa parcimônia. O senhor sente falta dos *londrès*?

– Capitão, eu os desprezo a partir de hoje.

– Então, fume-os à vontade, e sem discutir a origem desses charutos. Eles não passaram por nenhum

controle oficial, mas acredito que nem por isso sejam menos apreciáveis.

– Pelo contrário.

Nesse momento, o capitão Nemo abriu uma porta que ficava de frente para aquela pela qual eu entrara na biblioteca, e adentrei um enorme e maravilhosamente iluminado salão.

Era um grande quadrilátero, sem ângulos retos, com 10 metros de comprimento, 6 de largura e 5 de altura. Um teto iluminado, decorado com arabescos, distribuía uma iluminação clara e suave sobre todas as maravilhas empilhadas no museu. Porque era realmente um museu em que uma mão inteligente e pródiga tinha reunido todos os tesouros da natureza e da arte, com aquela típica confusão artística de um ateliê de pintura.

Cerca de 30 quadros de grandes artistas, com molduras uniformes, separados por panóplias resplandecentes, adornavam as paredes forradas com tapeçarias estampadas. Havia ali pinturas de grande valor, que, em sua maioria, eu havia apreciado em coleções particulares da Europa e em exposições de pintura. As várias escolas dos mestres antigos estavam representadas por uma madona de Rafael, uma virgem de Leonardo Da Vinci, uma ninfa de Correggio, uma mulher de Ticiano, uma adoração de Veronese, uma assunção de Murillo, um retrato de Holbein, um monge de Velázquez, um mártir de Ribera, uma quermesse de Rubens, duas paisagens flamengas de Teniers, três pequenas pinturas de gênero de Gerard Dou, Metsu e Paulus Potter, dois quadros de Géricault

e de Prud'hon e algumas paisagens marítimas de Bakhuizen e de Vernet. Entre as obras de pintura moderna, havia quadros de Delacroix, Ingres, Decamps, Troyon, Meissonier, Daubigny etc., e algumas admiráveis miniaturas de estátuas de mármore ou bronze, de acordo com os mais belos modelos da antiguidade, erguiam-se em seus pedestais nos cantos desse magnífico museu. O estado de estupefação predito pelo comandante do *Nautilus* já começava a tomar conta da minha mente.

– Professor – disse então aquele estranho homem –, queira desculpar a falta de cerimônia com que o recebo, e a desordem que reina neste salão.

– Senhor – respondi –, sem querer saber quem o senhor é, posso reconhecer no senhor um artista?

– Um amador, no máximo, senhor. Outrora, adorava colecionar essas belas obras criadas pela mão do homem. Eu era um pesquisador ávido, um antiquário incansável, e pude reunir alguns itens de alto valor. Essas são minhas últimas memórias da terra que morreu para mim. A meus olhos, seus artistas modernos já são eles também antigos; eles têm 2 ou 3 mil anos de existência, e eu os misturo todos. Os mestres não têm idade.

– E estes músicos? – perguntei, apontando as partituras de Weber, Rossini, Mozart, Beethoven, Haydn, Meyerbeer, Hérold, Wagner, Auber, Gounod, e tantos outros, espalhados sobre um grande piano-órgão que ocupava uma das paredes do salão.

– Esses músicos – respondeu o capitão Nemo –, são

contemporâneos de Orfeu, porque as diferenças cronológicas são apagadas na memória dos mortos. E eu estou morto, professor, tão morto como seus amigos que jazem um palmo embaixo da terra!

O capitão Nemo ficou em silêncio e parecia perdido em um profundo sonho. Eu o observava com grande emoção, analisando silenciosamente as estranhezas de sua fisionomia. Debruçado na ponta de uma preciosa mesa de mosaico, ele não me via mais, ignorava minha presença.

Respeitei sua introspecção e continuei a revisar as curiosidades que enriqueciam o salão.

Ao lado das obras de arte, as raridades naturais ocupavam um lugar muito importante. Elas consistiam principalmente de plantas, conchas e outros produtos do oceano, que deviam ser os achados pessoais do capitão Nemo. No meio do salão, um pequeno chafariz, eletricamente iluminado, derramava água numa bacia feita da concha de uma única tridacna. Essa concha é fornecida pelo maior dos moluscos acéfalos, e suas bordas, delicadamente recortadas, tinham cerca de 6 metros de circunferência, que por conseguinte excediam em tamanho aquelas belas tridacnas que foram dadas a Francisco I, pela República de Veneza, com as quais São Sulpício, em Paris, construiu duas gigantescas pias de água benta.

Em torno da bacia, sob elegantes vitrines fixadas por armaduras de cobre, estavam classificados e etiquetados os produtos mais preciosos que o mar já tinha oferecido aos olhos de um naturalista. Pode-se imaginar minha alegria como professor e pesquisador.

O ramo dos zoófitos apresentava espécimes bastante curiosos dos dois grupos, pólipos e equinodermos. No primeiro grupo, dos tubíporas, gorgônias dispostas em leque, esponjas de água doce da Síria, ísis de moluscos, penátulas, uma admirável virgulária dos mares noruegueses, variações de umbelíferas, alcionários, toda uma série dessas madréporas que meu mestre Milne-Edwards sabiamente classificou em seções, e entre as quais identifiquei adoráveis flabelinas, oculinas da ilha Bourbon[13], a "carruagem de Netuno" das Antilhas, soberbas variedades de corais, enfim, todas as espécies desses curiosos políperos cuja junção forma ilhas inteiras que um dia se tornarão continentes. Nos equinodermos, notáveis por seu invólucro espinhoso, as astérias, as estrelas-do-mar, os crinoides, as comátulas, os asterofões, os ouriços, as holotúrias etc., representavam uma coleção completa dos indivíduos desse grupo.

Um conquiliologista um pouco mais ansioso certamente teria desmaiado diante de outras vitrines mais numerosas onde havia classificadas amostras do ramo dos moluscos. Ali estava uma coleção de valor inestimável, e me faltaria tempo para descrevê-la em sua totalidade. Entre esses produtos, posso mencionar, a título de informação, o elegante martelo-real do Oceano Índico, cujas manchas brancas irregulares se destacavam vivamente sobre um fundo vermelho e marrom; um espôndilo-imperial de cores vibrantes, todo eriçado de espinhos, raro espécime em museus europeus, cujo valor eu estimava em 20 mil francos; um peixe-martelo comum nos mares da Nova Holanda, difícil de adquirir; exóticos berbigões do Senegal, frágeis conchas brancas com válvulas duplas,

que com um sopro se dissipariam, como uma bolha de sabão; diversas variedades de regadores de Java, tipo de tubo de calcário bordado com folhas frondosas e muito disputadas pelos amantes de uma série de dedaleiras, algumas amarelo-esverdeadas, pescadas nos mares da América, outras castanho-avermelhadas, das águas da Nova Holanda, estas vindas do Golfo do México e notáveis por sua concha imbricada; aquelas estelares encontradas nos mares do sul, e, finalmente, a mais rara de todas, a magnífica espora da Nova Zelândia; também, admiráveis telinas sulfurosas, preciosas espécies de citereias e vênus, quadrante treliçado das costas de Tranquebar, o casco de mármore de madrepérola resplandecente, os papagaios verdes dos mares da China, o cone quase desconhecido do gênero *coenodulli*, todas as variedades de porcelana que servem como moeda na Índia e na África, a "Glória do mar", concha mais preciosa das Índias Orientais; e, por fim, litorinas, dauphilus, turritelas, jantinas, óvulos, volutas, olivas, mitras, cascos, púrpuras, trompas, harpas, rochas, tritões, ceritas, fusos, estrombos, pteróceras, patelas, híalas, cuviérias, conchas delicadas e frágeis, que a ciência batizou com os nomes mais charmosos.

À parte, e em compartimentos especiais, desenrolavam-se rosários de pérola de enorme beleza, que a luz elétrica fazia cintilar, pérolas cor-de-rosa, arrancadas das atrinas do Mar Vermelho, pérolas verdes do haliote íris, pérolas amarelas, azuis, pretas, curiosos produtos de diversos moluscos de todos os oceanos e de certos mexilhões dos rios do Norte e, finalmente, várias amostras de um valor inestimável que tinham sido destiladas das mais raras pintadinas.

Algumas dessas pérolas eram maiores que o ovo de um pombo; elas valiam, e até iam além, o mesmo que o viajante Tavernier cobrou do xá da Pérsia, 3 milhões, e prevaleciam também sobre a outra pérola do imã de Mascate, que eu acreditava não ter nenhuma rival no mundo.

Assim, quantificar o valor da coleção era, por assim dizer, impossível. O capitão Nemo devia ter gasto milhões para adquirir todas aquelas amostras, e eu me perguntava de que fonte extraía a quantia para satisfazer suas fantasias de colecionador, quando fui interrompido por estas palavras:

– O senhor está examinando minhas conchas, professor. De fato, elas podem interessar a um naturalista; mas, para mim, elas têm um charme adicional, pois eu as coletei todas com minhas próprias mãos, e não há um só mar do globo que tenha escapado de minhas pesquisas.

– Compreendo, capitão, compreendo essa alegria de andar em meio a essas riquezas. O senhor é um daqueles que construíram seu próprio tesouro. Nenhum museu na Europa tem uma coleção semelhante de produtos do oceano. Mas se eu esgotar minha admiração sobre ela, o que me restará para o navio que a transporta! Não quero saber nenhum de seus segredos! No entanto, devo admitir que este *Nautilus*, essa força motriz que ele contém, o aparelho que lhe permite ser manobrado, o tão poderoso agente que o anima, tudo isso excita minha curiosidade no mais alto grau. Vejo pendurados nas paredes deste salão instrumentos cuja origem me é totalmente desconhecida. Posso saber?...

– Senhor Aronnax – respondeu o capitão Nemo –, eu disse que o senhor estaria livre a bordo, portanto, nenhuma parte do *Nautilus* lhe é proibida. Então, o senhor pode visitá-lo detalhadamente, e ficarei feliz em ser seu guia.

– Não sei como agradecer, senhor, mas não vou abusar da sua complacência. Só gostaria de perguntar para que servem estes instrumentos de física...

– Professor, esses mesmos instrumentos estão no meu quarto, e é lá que terei o prazer de explicar sua serventia. Mas, primeiro, vamos visitar a cabine que lhe foi reservada. É importante que o senhor saiba como vai ficar instalado a bordo do *Nautilus*.

Fui atrás do capitão Nemo, que, por uma das portas do salão, me fez entrar nos passadiços do navio. Seguimos adiante e me deparei não com uma cabine, mas com um quarto elegante, com cama, banheiro e vários outros móveis.

Só pude agradecer a meu anfitrião.

– Seu quarto é adjacente ao meu – disse-me ele, abrindo uma porta –, e o meu leva ao salão de onde acabamos de sair.

Entrei no quarto do capitão. Ele tinha uma aparência sóbria, quase cenobítica. Uma cama de ferro, uma mesa de trabalho e alguns móveis de toalete. Tudo iluminado à meia-luz. Nada confortável. Só o estritamente necessário.

O capitão Nemo me indicou uma cadeira.

– Por favor, sente-se – disse ele.

Sentei-me e ele falou nos termos que seguem.

Atual ilha de Reunião, localizada no oceano Índico, a leste de Madagascar. (N. T.)

Tudo pela eletricidade

– Senhor – disse o capitão Nemo, mostrando-me os instrumentos pendurados nas paredes de seu quarto –, estes são os dispositivos necessários para a navegação do *Nautilus*. Aqui, como no salão, tenho-os sempre à mão, e eles indicam minha localização e minha direção exata no meio do oceano. Alguns deles o senhor já conhece, como o termômetro, que indica a temperatura no interior do *Nautilus*; o barômetro, que calcula o peso do ar e prevê as mudanças do tempo; o higrômetro, que mede o nível de umidade da atmosfera; o *storm-glass*, cuja mistura, ao se decompor, anuncia a chegada de tempestades; a bússola, que orienta o curso da embarcação; o sextante, que, pela altura do sol, aponta a latitude; os cronômetros, que me permitem calcular minha longitude; e, finalmente, os binóculos diurnos e noturnos, que uso para examinar todos os pontos do horizonte quando o *Nautilus* sobe à superfície das ondas.

– Esses são instrumentos habituais para o navegador – respondi –, e conheço a função de todos eles. Mas aqui estão outros que sem dúvida satisfazem as exigências particulares do *Nautilus*. Esse mostrador que estou

vendo e que tem um ponteiro em movimento, não é um manômetro?

– Sim, de fato é um manômetro. Quando em comunicação com a água, cuja pressão externa indica, ele me dá a profundidade em que minha embarcação se mantém.

– E estas sondas de um novo modelo?

– São sondas térmicas que acusam a temperatura das várias camadas da água.

– E estes outros instrumentos cujo uso não sou capaz de determinar?

– Aqui, professor, preciso explicar-lhe algumas coisas – disse o capitão Nemo. – Por favor, ouça-me com atenção.

Ele se manteve calado por um instante, e depois disse:

– É um agente poderoso, obediente, rápido e fácil, que se adapta a diversas funções e reina absoluto a bordo. Tudo é feito por meio dele. Ele me ilumina, me aquece, é a alma de meus dispositivos mecânicos. Trata-se da eletricidade.

– Eletricidade! – exclamei, bastante surpreso.

– Sim, senhor.

– No entanto, capitão, o senhor possui uma rapidez extrema de locomoção que não condiz com o poder da eletricidade. Até agora, o poder dinâmico que ela possui é muito limitado e só tem sido capaz de

produzir uma quantidade pequena de energia!

– Professor – respondeu o capitão Nemo –, minha eletricidade não é a mesma de todos, e isso é tudo o que posso lhe dizer sobre o assunto.

– Não vou insistir, senhor, e contentar-me-ei em ficar muito surpreendido com tal resultado. Uma única pergunta, porém, a que não precisará responder se a considerar indiscreta. Os elementos que usa para produzir essa energia maravilhosa devem gastar rapidamente. O zinco, por exemplo, como o senhor o substitui, já que não tem mais nenhuma comunicação com a Terra?

– Sua pergunta terá uma resposta – disse o capitão Nemo. – Em primeiro lugar, devo lhe dizer que no fundo do mar há minas de zinco, ferro, prata e ouro, cuja exploração seria certamente praticável. Mas não peguei nada emprestado desses metais da terra, e decidi solicitar apenas ao próprio mar os meios para produzir minha eletricidade.

– Do mar?

– Sim, professor, e esses meios não me faltaram. Eu poderia, de fato, estabelecendo um circuito entre fios mergulhados em diferentes profundidades, obter eletricidade pela diversidade de temperaturas que eles atingem; mas preferi usar um sistema mais prático.

– Que sistema é esse?

– O senhor conhece a composição da água do mar. Em mil gramas, encontram-se 96,5 centésimos de água e

aproximadamente 2 centésimos e dois terços de cloreto de sódio; em seguida, em pequenas quantidades, cloreto de magnésio e de potássio, brometo de magnésio, sulfato de magnésio, sulfato e carbonato de cálcio. Então, pode perceber que o cloreto de sódio está presente em uma proporção significativa. Pois é esse sódio que extraio da água do mar e uso para compor meus elementos.

– Sódio?

– Sim, senhor. Misturado com mercúrio, ele forma um amálgama que substitui o zinco nos elementos do Bunsen. O mercúrio nunca se esgota. Só o sódio é consumido, mas o mar me fornece tudo de que preciso. Devo dizer, além disso, que as baterias de sódio devem ser consideradas as mais energéticas, e que a sua força eletromotriz é o dobro daquela das baterias de zinco.

– Compreendo, capitão, a excelência do sódio nas condições em que o senhor se encontra. O mar o fornece. Muito bem. Mas ainda é necessário fabricá-lo, ou melhor, extraí-lo. Como faz isso? Suas baterias poderiam, naturalmente, ser utilizadas para essa extração; mas, se não estou enganado, o gasto de sódio exigido pelos aparelhos elétricos ultrapassaria a quantidade extraída. Então, o senhor iria consumir muito mais sódio para produzi-lo que aquilo que conseguiria produzir!

– Veja, professor, eu não o extraio por meio de bateria, apenas uso o calor do carvão vegetal.

– Vegetal? – insisti.

– Digamos carvão marinho, se preferir – respondeu o capitão Nemo.

– E o senhor consegue explorar minas de carvão submarinas?

– Senhor Aronnax, o senhor me verá com a mão na massa. Só peço um pouco de paciência, já que tem tempo para ser paciente. Lembre-se apenas disto: eu devo tudo ao oceano; ele produz eletricidade, e a eletricidade dá ao *Nautilus* o calor, a luz, o movimento, ou seja, a vida.

– Mas não o ar que o senhor respira?

– Oh! Eu poderia produzir o ar necessário para meu consumo, mas é inútil, já que posso subir até a superfície do mar sempre que quiser. No entanto, se a eletricidade não me fornece ar para respirar, ela ao menos opera as potentes bombas que o armazenam em tanques especiais, o que me permite prolongar minha estadia nas camadas profundas pelo tempo que quiser, sempre que necessário.

– Capitão – respondi –, contento-me em admirar. Evidentemente, o senhor encontrou o que os homens, sem dúvida, encontrarão um dia, o verdadeiro poder dinâmico da eletricidade.

– Não sei se a encontrarão – respondeu friamente o capitão Nemo. – De qualquer forma, o senhor já conhece o primeiro uso que fiz desse precioso agente. É ele que nos ilumina sem cessar com uma uniformidade que nem a luz do sol tem. Agora, olhe para este relógio; ele é elétrico e funciona com uma

regularidade que desafia a dos melhores cronômetros. Dividi-o em 24 horas, como os relógios italianos, porque para mim não há noite, nem dia, nem sol, nem lua, mas apenas essa luz artificial que me acompanha até o fundo do mar! Veja, agora são 10 da manhã.

– Em ponto.

– Outra aplicação da eletricidade. Este mostrador suspenso à nossa frente indica a velocidade do *Nautilus*. Um fio elétrico liga-o à hélice da barquilha, e sua agulha me informa a real velocidade da embarcação. Veja, neste momento, estamos nos deslocando a uma velocidade moderada de 15 milhas por hora.

– É maravilhoso – respondi –, e, a meu ver, capitão, o senhor tem razão em utilizar esse aparelho que se destina a substituir o vento, a água e o vapor.

– Ainda não acabamos, senhor Aronnax – disse o capitão Nemo se levantando –, e, se quiser me acompanhar, visitaremos a popa do *Nautilus*.

De fato, eu já conhecia toda a parte anterior daquele barco submarino, cuja divisão exata, indo do centro à espora, era: a sala de jantar de 5 metros, separada da biblioteca por uma divisória hermética, isto é, incapaz de ser penetrada pela água; a biblioteca de 5 metros; o grande salão de 10 metros, separado do quarto do capitão por uma segunda divisória hermética; o dito quarto do capitão, de 5 metros; meu quarto, de 2,5 metros, e, finalmente, um reservatório de ar de 7,5 metros, que se estendia até a proa. No total, 35 metros de comprimento. As divisórias eram perfuradas com

portas que se fechavam hermeticamente por meio de arremates de borracha que garantiam a segurança a bordo do *Nautilus* no caso de algum vazamento de água.

Segui o capitão Nemo pelos corredores e chegamos ao centro do navio. Lá, havia uma espécie de poço aberto entre duas divisórias herméticas. Uma escada de ferro, presa à parede, levava à sua extremidade superior. Perguntei ao capitão para que servia aquela escada.

– Leva a um bote – ele respondeu.

– O quê! O senhor tem um escaler? – perguntei, bastante espantado.

– Sem dúvida. Um excelente barco, leve e inafundável, usado para passear e pescar.

– Mas, então, quando o senhor quer embarcar, é obrigado a regressar à superfície do mar?

– De maneira nenhuma. O escaler adere à parte superior do casco do *Nautilus*, e ocupa uma cavidade construída para recebê-lo. É totalmente coberto, absolutamente hermético, e está preso por parafusos sólidos. A escada leva a uma passagem vazada que está localizada no casco do *Nautilus*, e é compatível com o buraco do flanco do escaler. É por essa dupla abertura que entro na embarcação. Quando a do *Nautilus* é fechada; eu fecho a outra, a do escaler, por meio de parafusos de pressão; solto os arrebites, e o barco sobe com uma velocidade prodigiosa até a superfície do mar. Então, abro a escotilha, cuidadosamente vedada até então, mastreio, iço a vela

ou pego meus remos, e saio para passear.

– Mas como o senhor retorna a bordo?

– Não retorno, senhor Aronnax, é o *Nautilus* que retorna.

– Sob sua ordem?

– Sim, sob minhas ordens. Um fio elétrico liga o escaler ao *Nautilus*. Envio um telegrama, e isso basta.

– É certo – eu disse, embriagado por aquelas maravilhas –, nada mais simples!

Depois de passar pela escadaria que conduzia à plataforma, avistei uma cabine de 2 metros de comprimento, na qual Conseil e Ned Land, encantados com sua refeição, devoravam-na. Em seguida, a porta se abriu e avistei a cozinha de 3 metros de comprimento, localizada entre as vastas despensas a bordo.

Ali, a eletricidade, mais potente e mais bem controlada que o próprio gás, era usada para o cozimento. Os fios que chegavam até os fornos enviavam a esponjas de platina um calor que se distribuía e se mantinha de forma regular por todos os aparelhos. Ela aquecia igualmente aparelhos de destilação que, por vaporização, forneciam uma água potável de excelente qualidade. Ao lado dessa cozinha, havia um banheiro confortável, cujas torneiras forneciam água fria e quente à vontade.

Depois da cozinha, estava o posto da tripulação, com

5 metros de comprimento. Mas a porta estava fechada e não consegui ver seu aspecto, que me teria dado uma ideia do número de homens necessários para manobrar o *Nautilus*.

Na parte posterior, havia uma quarta divisória hermética que separava essa dependência da sala das máquinas. Uma porta foi aberta e me encontrei no compartimento onde o capitão Nemo – engenheiro de primeira ordem, sem dúvida – havia disposto os aparelhos de locomoção.

Essa casa de máquinas, perfeitamente iluminada, tinha pelo menos 20 metros de comprimento. Ela era naturalmente dividida em duas partes; a primeira continha os elementos que produziam a eletricidade, e a segunda, o mecanismo que transmitia o movimento para a hélice.

Fiquei surpreso, em primeiro lugar, com o cheiro *sui generis* que preenchia o compartimento. O capitão Nemo percebeu minha impressão.

– São algumas emissões de gases produzidos pelo uso do sódio, mas isso é apenas um pequeno inconveniente – ele disse. – Todas as manhãs, aliás, purificamos o navio, ventilando-o com fortes jatos de ar.

Enquanto isso, eu examinava com grande interesse a máquina do *Nautilus*.

– O senhor percebe – disse-me o capitão Nemo –, eu uso elementos Bunsen, não elementos Ruhmkorff. Estes não teriam fornecido potência suficiente. Os

elementos Bunsen são poucos numerosos, mas fortes e grandes, o que é melhor, experiência própria. A eletricidade gerada vai para a popa, onde atua por meio de grandes eletroímãs em um sistema próprio de alavancas e engrenagens especiais que transmitem o movimento para o eixo da hélice. Esta, com um diâmetro de 6 metros e um passo de 7 metros e meio, chega a 120 voltas por segundo.

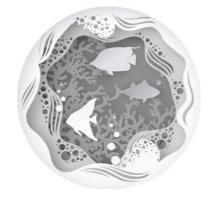
– E o senhor obtém então...?

– Uma velocidade de 50 milhas por hora.

Havia ali um mistério, mas não insisti em conhecê-lo. Como a eletricidade era capaz de agir com tamanha potência? De onde vinha aquela força quase ilimitada? Seria da pressão excessiva obtida por bobinas de um novo tipo? Seria da transmissão que um sistema de alavancas desconhecido[14]? Poderia aumentar infinitamente? Era isso que eu não conseguia entender.

– Capitão Nemo – eu disse –, estou vendo os resultados e não estou tentando explicá-los. Vi o *Nautilus* manobrar diante do *Abraham Lincoln*, e sei o que dizer sobre sua velocidade. Mas deslocar-se não é suficiente. Deve-se ver para onde se vai! Deve-se ser capaz de ir para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo! Como o senhor alcança as grandes profundezas, onde encontra uma resistência crescente que é avaliada em centenas de atmosferas? Como retorna à superfície do oceano? Enfim, como o senhor se mantém no ambiente almejado? Estou sendo indiscreto ao fazer essas perguntas?

– De maneira nenhuma, professor – respondeu o capitão, depois de uma pequena hesitação –, já que o senhor nunca sairá deste barco submarino. Vamos até o salão. Ele é a nossa verdadeira cabine de trabalho, e lá o senhor vai aprender tudo o que precisa saber sobre o *Nautilus*!

A propósito, fala-se de uma descoberta desse tipo, em que um novo conjunto de alavancas produz forças consideráveis. Teria o inventor conhecido o capitão Nemo? (N. T.)

Alguns números

Um instante depois, estávamos sentados num divã do salão, um charuto entre os lábios. O capitão pôs diante de meus olhos um esboço que indicava o plano, o corte e a elevação do *Nautilus*. Em seguida, começou sua descrição nestes termos:

– Eis as diversas dimensões do barco que o transporta, senhor Aronnax. Trata-se de um cilindro alongado com extremidades cônicas. Ele simula significativamente a forma de um charuto, uma forma já adotada em Londres em várias construções do mesmo tipo. O comprimento deste cilindro, de uma extremidade a outra, é de exatamente 70 metros, e seu raio, na parte mais larga, mede 8 metros. Portanto, ele não foi milimetricamente construído, como seus *steamers* de grande porte, mas as linhas são suficientemente longas e a curvatura da carena suficientemente delgada para que a água deslocada escoe facilmente e não constitua obstáculo a seu avanço.

Essas duas dimensões permitem obter, por um cálculo simples, a superfície e o volume do *Nautilus*. Sua

superfície é composta de 1.011,45 metros quadrados; seu volume é de 1.500,02 metros cúbicos – o que significa dizer que, quando completamente imerso, ele desloca ou pesa 1.500 metros cúbicos ou toneladas.

Quando projetei este navio, destinado à navegação subaquática, queria que, em equilíbrio na água, ele mergulhasse 9 décimos, e que emergisse 1 décimo apenas. Por conseguinte, deveria mover nessas condições apenas 9 décimos de seu volume, ou seja, 1.350,48 metros cúbicos, isto é, não pesar mais que esse número de toneladas. Então, não pude exceder esse peso ao construí-lo, de acordo com as dimensões que mencionei anteriormente.

O *Nautilus* é composto de dois cascos, um interno e outro externo, unidos por ferros em formato de T que lhe garantem extrema rigidez. Graças a esse arranjo celular, ele se torna resistente como um bloco, como se fosse maciço. Sua estrutura não pode ceder; ela adere por si só e não pela fixação dos rebites, e a homogeneidade de sua construção, devido à montagem perfeita do material, permite-lhe desafiar os mares mais violentos.

Os dois cascos são feitos de chapa de aço cuja densidade em relação à água é de 7,8 décimos. O primeiro tem pelo menos 5 centímetros de espessura, e pesa 394,96 toneladas. O segundo casco, a quilha, tem uma altura de 50 centímetros e largura de 25 centímetros, e pesa, sozinho, 62 toneladas; o motor, o lastro, os vários acessórios, as divisórias internas e os tabiques pesam 961,20, o que, somado às 394,60 toneladas, forma um total de 1.356,48 toneladas. Ficou claro?

– Ficou claro – respondi.

– Então – disse o capitão –, quando o *Nautilus* está flutuando nessas condições, ele emerge 1 décimo. Ora, se eu dispuser de reservatórios de capacidade igual a esse décimo, ou seja, uma capacidade de 150,72 toneladas, e se eles forem completados com água, então o barco se moverá com 1.507 toneladas e será completamente submerso. É o que acontece, professor. Esses reservatórios existem lateralmente, nas partes mais baixas do *Nautilus*. Eu abro as torneiras, eles enchem, e o barco, afundando, fica no mesmo nível da superfície da água.

– Bem, capitão, mas então temos aí a verdadeira dificuldade. Que o senhor pode chegar ao nível da superfície do oceano, eu compreendo. Porém, mais abaixo, ao imergir da superfície, seu aparelho não vai encontrar uma pressão e, consequentemente, sofrerá um impulso de baixo para cima, que deve ser estimado em uma atmosfera para cada 9 metros de água, ou seja, cerca de um quilograma por centímetro quadrado?

– Perfeitamente, senhor.

– Por isso, a menos que encha completamente o *Nautilus*, não vejo como pode conduzi-lo nas massas líquidas.

– Professor – respondeu o capitão Nemo –, não devemos confundir estática com dinâmica, caso contrário estaremos expostos a erros graves. Há muito pouco trabalho a ser feito para alcançar as partes mais baixas do oceano, uma vez que os corpos tendem a se

“liquefazer”. Acompanhe meu raciocínio.

– Sou todo ouvidos, capitão.

– Quando eu quis determinar o aumento de peso que deve ser atribuído ao *Nautilus* para imergi-lo, tive de me preocupar apenas com a redução no volume que a água do mar experimenta à medida que suas camadas se tornam mais e mais profundas.

– Isso é óbvio – respondi.

– Ora, se a água não é, de fato, absolutamente incompressível, ela é, pelo menos, pouco compressível. De acordo com cálculos mais recentes, essa redução é de apenas 436 milésimos por atmosfera, ou para cada 9 metros de profundidade. Suponhamos que eu tenha que ir até mil metros, então eu levo em conta a redução do volume sob uma pressão equivalente à de uma coluna de água de mil metros, ou seja, sob uma pressão de 100 atmosferas. Essa redução será, então, de 43.600 milésimos. Logo, eu teria de aumentar o peso de modo a pesar 1.513,77 toneladas, em vez de 1.507,02 toneladas. O aumento será, portanto, de apenas 6,57 toneladas.

– Só?

– Só, senhor Aronnax, e esse cálculo é fácil de ser verificado. Tenho reservatórios adicionais capazes de transportar 100 toneladas. Com isso, pude descer a profundidades consideráveis. Quando quero retornar à superfície e ficar nivelado com ela, tudo que tenho de fazer é retirar essa água e esvaziar completamente os reservatórios, se eu desejar que o *Nautilus* seja capaz

de emergir um décimo de sua capacidade total.

Não pude fazer nenhuma objeção a esses raciocínios baseados em números.

– Aceito seus cálculos, capitão – respondi –, e não teria nenhum sentido
contestá-los, uma vez que a experiência prova diariamente que eles estão corretos. Mas pressinto a presença de uma dificuldade real.

– Qual, senhor?

– Quando o senhor está a mil metros de profundidade, as paredes do *Nautilus* suportam uma pressão de 100 atmosferas. Então, se nesse momento o senhor quiser esvaziar os tanques extras para deixar seu barco mais leve e subir até a superfície, as bombas têm de superar essa pressão de 100 atmosferas, que é de 100 quilogramas por centímetro quadrado. Daí um poder...

– Que só a eletricidade poderia me dar – apressou-se a dizer o capitão Nemo. – Repito, senhor, que o poder dinâmico de minhas máquinas é quase infinito. As bombas do *Nautilus* têm uma força prodigiosa, e o senhor deve tê-la visto quando suas colunas de água se precipitaram como uma torrente sobre o *Abraham Lincoln*. Além disso, uso os tanques adicionais apenas para alcançar profundidades médias de 1.500 a 2 mil metros, e isso para poupar meus dispositivos. Além disso, quando me apetece visitar as profundezas do oceano 2 ou 3 léguas abaixo da sua superfície, faço uso de manobras mais longas, mas não menos infalíveis.

– Quais, capitão? – perguntei.

– Isso me leva naturalmente a revelar ao senhor como se manobra o *Nautilus*.

– Mal posso esperar para saber.

– Para dirigir este barco a estibordo, a bombordo, enfim, para movê-lo em um plano horizontal, faço uso de um leme normal de grande circunferência, fixado na parte de trás da popa, movido por uma roda e por talhas. Mas também posso deslocar o *Nautilus* de baixo para cima e de cima para baixo, em um plano vertical, por meio de dois planos inclinados, ligados a seus flancos em seu centro de flutuação, planos móveis, capazes de assumir todas as posições, e que são manobrados do interior, por meio de potentes alavancas. Esses planos se mantêm paralelos ao barco, e este se move horizontalmente. Quando estão inclinados, o *Nautilus*, de acordo com a disposição dessa inclinação e sob o impulso de sua hélice, ou afunda em uma diagonal tão inclinada quanto eu determinar, ou ascende acompanhando essa diagonal. E caso eu queira retornar à superfície com rapidez, aciono a hélice e a pressão da água faz com que o *Nautilus* suba verticalmente como um balão que, cheio de hidrogênio, ascende rapidamente pelos ares.

– Bravo, capitão! – bradei. – Mas como o timoneiro pode seguir o curso que o senhor lhe ordenou dentro d'água?

– O timoneiro é alocado em uma cabine de vidro, que se projeta na parte superior do casco do *Nautilus*, e é forrada com vidros lenticulares.

– Vidros capazes de resistir a tais pressões?

– Perfeitamente. O cristal, frágil ao choque, oferece, no entanto, uma resistência considerável. Nos experimentos de pesca a luz elétrica feitos em 1864 nos mares do norte, viram-se placas desse material, sob uma espessura de apenas 7 milímetros, resistir a uma pressão de 16 atmosferas, ao mesmo tempo permitindo a passagem de poderosos raios caloríficos que distribuíam o calor de forma desigual. No entanto, os vidros que uso não têm menos de 21 centímetros em seu centro, ou seja, 30 vezes essa espessura.

– De acordo – capitão Nemo. – Mas, de qualquer maneira, para enxergar, a luz deve penetrar a escuridão, e eu me pergunto como, em meio à escuridão das águas...

– Atrás da cabine do timoneiro foi instalado um poderoso refletor elétrico cujos raios iluminam o mar a 800 metros de distância.

– Ah! bravo, três vezes bravo, capitão! Isso explica a fosforescência do pretenso narval, que tanto intrigou os cientistas! A esse respeito, gostaria de perguntar se a colisão entre o *Nautilus* e o *Scotia*, que causou uma agitação tão grande, foi o resultado de um encontro fortuito?

– Puramente fortuito, senhor. Eu estava navegando 2 metros abaixo da superfície da água quando o choque ocorreu. Inclusive, vi que não houve nenhum resultado desagradável.

– Nenhum, senhor. Mas quanto a seu encontro com o

Abraham Lincoln?...

– Professor, lamento de fato por um dos melhores navios dessa brava marinha norte-americana, mas fui atacado e tive de me defender! No entanto, contentei-me em afastar a fragata de meu caminho. Ela não terá problemas para reparar seus danos no porto mais próximo.

– Ah! Comandante – exclamei com convicção –, seu *Nautilus* é realmente um navio maravilhoso!

– Sim, professor – respondeu o capitão Nemo com uma emoção genuína –, e eu o amo como se nós dois fôssemos um só! Se tudo é perigo a bordo de um de seus navios sujeitos aos acasos do oceano, se, no mar, a primeira impressão é o sentimento do abismo, como o holandês Jansen tão bem disse, abaixo e a bordo do *Nautilus*, o coração do homem não tem mais nada a temer. Nenhuma deformação a recear, porque o duplo casco tem a rigidez do ferro; nenhuma enxárcia que o balanço ou a arfagem esgotem; sem velas que o vento possa arrancar; sem caldeiras que o vapor possa estragar; nenhum incêndio a temer, já que este aparelho é feito de metal e não de madeira; nenhuma possibilidade de falta de carvão, uma vez que ele é movido a eletricidade; nenhum encontro a temer, pois ele é o único a navegar nas águas profundas; nenhuma tempestade para enfrentar, pois ele encontra a mais absoluta tranquilidade alguns metros abaixo do nível da água! Aí está, senhor. Aí está o navio por excelência! E se é verdade que o engenheiro tem mais confiança na construção que o construtor, e o construtor mais que o próprio capitão, entenda, então, como posso depositar toda minha confiança em meu

Nautilus, pois eu sou todos ao mesmo tempo, o capitão, o construtor e o engenheiro!

O capitão Nemo falava com uma eloquência arrebatadora. O fogo em seu olhar e a paixão em seu gesto o transfiguravam. Sim, ele amava seu navio como um pai ama um filho!

Mas, uma pergunta, talvez indiscreta, surgiu naturalmente, e não pude deixar de fazê-la.

– Então o senhor é engenheiro, capitão Nemo?

– Sim, professor – ele respondeu –, estudei em Londres, Paris e Nova Iorque, quando eu era um habitante dos continentes da Terra.

– Mas como o senhor conseguir construir em segredo este maravilhoso *Nautilus*?

– Cada uma de suas peças, senhor Aronnax, veio de uma parte diferente do globo, e para um destinatário disfarçado. Sua quilha foi fabricada no Creusot, seu eixo de hélice na fábrica Pen & Co., em Londres, as placas de metal na Leard, em Liverpool, a hélice na Scott, em Glasgow. Os tanques foram fabricados por Cail et Cie, em Paris, seu motor na Krupp, Prússia, sua espora nas oficinas de Motala, na Suécia, seus instrumentos de precisão na Hart Frères, em Nova Iorque etc., e cada um desses fornecedores recebeu meus pedidos sob diferentes nomes.

– Mas – retomei – uma vez essas peças produzidas, era necessário montá-las, ajustá-las?

– Professor, eu tinha estabelecido meu ateliê sobre uma ilhota deserta no meio do oceano. Ali, meus trabalhadores, isto é, meus corajosos companheiros, que instruí e treinei, e eu, terminamos de construir nosso *Nautilus*. Depois, quando a operação acabou, o fogo destruiu qualquer vestígio de nossa passagem por aquela ilhota, que eu teria explodido, se pudesse.

– Então, posso acreditar que o custo deste aparelho é bastante excessivo?

– Senhor Aronnax, um navio de ferro custa 1.125 francos por tonelada. Ora, o *Nautilus* pesa 1.500 toneladas. Isso significa, então, 1.697 francos, ou 2 milhões, se incluirmos sua manutenção, ou ainda 4 ou 5 milhões, com as obras de arte e as coleções que ele contém.

– Uma última pergunta, capitão Nemo.

– Faça-a, professor.

– Então, o senhor é rico?

– Infinitamente rico, senhor, e eu poderia, sem hesitação, pagar os 10 bilhões de dívidas da França!

Eu olhava fixamente para aquele estranho personagem que me falava daquela maneira. Será que ele abusava da minha credulidade? O futuro me diria.

O Rio Negro

A porção de terra ocupada pelas águas é estimada em 3.832.558 miriâmetros quadrados, ou seja, mais de 38 milhões de hectares. A massa líquida compreende 2.250 bilhões de milhas cúbicas, e formaria uma esfera de um diâmetro de 60 léguas, cujo peso seria de 3 quintilhões de toneladas. Para entender esse número, devemos dizer que o quintilhão é para o bilhão o que o bilhão é para a unidade, ou seja, há tantos bilhões em um quintilhão quanto há unidades em um bilhão. Ora, essa massa líquida é aproximadamente a quantidade de água que todos os rios da terra derramariam por 40 mil anos.

Durante as épocas geológicas, o período do fogo foi sucedido pelo período da água. O oceano foi, no início, universal. Então, pouco a pouco, nos tempos silurianos, os cumes das montanhas apareceram, as ilhas emergiram, desapareceram sob dilúvios parciais, reapareceram, fundiram-se, formaram continentes, e finalmente as terras se estabeleceram geograficamente como as vemos hoje. O sólido havia conquistado do líquido 97.531 milhões de quilômetros quadrados, ou seja, 12.916 milhões de hectares.

A configuração dos continentes permite dividir as águas em cinco partes principais: o Oceano Glacial Ártico, o Oceano Glacial Antártico, o Oceano Índico, o Oceano Atlântico e o Oceano Pacífico.

O Oceano Pacífico se estende de norte a sul entre os dois círculos polares, e de oeste a leste entre a Ásia e a América, numa extensão de 145° de longitude. É o mais calmo dos mares; suas correntes são largas e lentas, suas marés baixas e suas chuvas abundantes. Tal era o oceano que o destino me chamou para percorrer naquelas estranhas condições.

– Professor – disse o capitão Nemo –, se quiser, vamos calcular nossa posição exata e fixar o ponto de partida desta viagem. São 11h45. Vou subir à superfície.

O capitão apertou três vezes uma campainha elétrica. As bombas começaram a empurrar a água para fora dos reservatórios; a agulha do manômetro indicou, nas diferentes pressões, o movimento ascendente do *Nautilus*, que então parou.

– Chegamos – disse o capitão.

Fui até escadaria central, que conduzia à plataforma. Subi os degraus de metal e, pelas escotilhas abertas, cheguei à parte superior do *Nautilus*.

A plataforma emergia a apenas 80 centímetros da água. A popa e a proa do *Nautilus* apresentavam aquela disposição fusiforme que permitia que o comparássemos a um charuto. Reparei que suas placas de metal, ligeiramente imbricadas, assemelhavam-se às escamas que revestiam os corpos dos grandes

répteis terrestres. Por isso, convenci-me, muito naturalmente, de que, apesar dos melhores binóculos, esse barco realmente poderia ter sido sempre confundido com um animal marinho.

Perto do meio do convés, o escaler, metade preso ao casco do navio, formava uma ligeira excrescência. Na proa e na popa, havia duas cabines não muito altas, com paredes inclinadas e parcialmente fechadas por vidros lenticulares grossos: uma das cabines era destinada ao timoneiro que dirigia o *Nautilus*, enquanto a outra abrigava o poderoso fanal elétrico que iluminava o caminho.

O mar estava magnífico, o céu, limpo. O longo veículo mal sentia as grandes ondas do oceano. Uma brisa suave do leste enrugava a superfície da água. O horizonte, livre de névoa, abria-se às melhores observações.

Não tínhamos nada à vista. Nem um escolho, nem uma ilhota. Nem o *Abraham Lincoln*. Era uma imensidão desértica.

O capitão Nemo, armado com seu sextante, calculou a altura do sol, que lhe indicaria a latitude. Esperou alguns minutos até que o astro chegasse à borda do horizonte. Enquanto observava, nenhum de seus músculos tremia, e o instrumento não teria ficado mais imóvel sobre um punho de mármore.

– Meio-dia – disse ele. – Professor, quando quiser...

Dei uma última olhada naquele mar ligeiramente amarelado das costas japonesas e voltei para o grande

salão.

Lá, o capitão fez seus apontamentos e calculou de forma cronometrada a longitude, que controlava por observações anteriores de ângulos horários. Depois, disse-me:

– Senhor Aronnax, estamos a 137° 15’ de longitude oeste...

– De que meridiano? – perguntei entusiasmado, esperando que a resposta do capitão me dissesse sua nacionalidade.

– Senhor, me ele respondeu, tenho diversos cronômetros definidos pelos meridianos de Paris, Greenwich e Washington. Mas, em sua honra, usarei o de Paris.

Essa resposta não me ajudava em nada. Inclinei-me e o comandante prosseguiu:

– Trinta e sete graus e quinze minutos de longitude a oeste do meridiano de Paris, e 30º 7’ de latitude norte, isto é, cerca de 300 milhas da costa do Japão. Nossa viagem de exploração subaquática começa hoje, 8 de novembro, ao meio-dia.

– Que Deus esteja conosco! – respondi.

– E agora, professor – acrescentou o capitão –, deixo-o com seus estudos. Indiquei para seguirmos na direção oeste-nordeste a 50 metros de profundidade. Aqui estão mapas de grande escala, em que poderá fazer suas anotações. O salão está à sua disposição, e peço

licença para me retirar.

O capitão Nemo me saudou. Eu estava sozinho, absorto em meus pensamentos, todos focados no comandante do *Nautilus*. Algum dia eu saberia a que nação pertencia aquele estranho homem que se gabava de não pertencer a nenhuma delas? Aquele ódio que ele devotava à humanidade, aquele ódio que talvez procurasse por uma vingança terrível, quem o teria provocado? Teria ele sido um daqueles cientistas desconhecidos, um daqueles gênios “a quem fizeram mal”, como diz Conseil, um Galileu moderno, ou um daqueles homens da ciência como o norte-americano Maury, cuja carreira foi abalada por revoluções políticas? Eu ainda não sabia responder. Eu, a quem o acaso tinha acabado de atirar a bordo de sua embarcação, eu, cuja vida ele tinha nas mãos, era recebido friamente por ela, mas com hospitalidade. Porém, ele nunca apertou a mão que lhe estendi. E nunca me estendeu a dele.

Durante uma hora inteira, permaneci imerso nesses pensamentos, procurando desvendar esse mistério tão interessante para mim. Depois, meus olhos se fixaram no vasto planisfério aberto sobre a mesa, e coloquei o dedo no mesmo ponto onde a longitude e a latitude se cruzavam.

O mar tem seus rios, como os continentes. São correntes especiais, reconhecíveis por sua temperatura e cor, sendo a mais notável delas conhecida como Corrente do Golfo. A ciência determinou a direção de cinco correntes principais no globo: uma no Atlântico norte, uma segunda no Atlântico sul, uma terceira no Pacífico norte, uma quarta no Pacífico sul e uma

quinta no Oceano Índico sul. E é bastante provável que uma sexta corrente existisse no Oceano Índico norte, quando o Mar Cáspio e o Mar de Aral, reunidos pelos grandes lagos da Ásia, formavam uma única extensão de água.

Agora, no ponto indicado no planisfério, uma dessas correntes, a Kuro-Shivo dos japoneses, o Rio Negro, que, saindo Golfo de Bengala e aquecida pelo raios perpendiculares do sol dos trópicos, atravessa o estreito de Malaca, estende-se pela costa da Ásia, contorna o Pacífico norte até as Ilhas Aleutas, carregando troncos de canforeiras e outros produtos nativos, e cortando com o anil puro de suas águas quentes as ondas do oceano. Era essa corrente que o *Nautilus* ia percorrer. Eu o seguia com os olhos, via-o se perder na imensidão do Pacífico, e sentia como se fosse levado junto com ele, quando Ned Land e Conseil apareceram à porta do salão.

Meus dois bravos companheiros ficaram petrificados à vista das maravilhas empilhadas diante de seus olhos.

– Onde estamos? Onde estamos? – exclamou o canadense. – No museu do Quebec?

– Se o cavalheiro me permite – respondeu Conseil –, eu diria que estamos no hotel Sommerard!

– Meus amigos – respondi, fazendo um sinal para que entrassem –, vocês não estão nem no Canadá nem na França, mas a bordo do *Nautilus* e 50 metros abaixo do nível do mar.

– É preciso acreditar no cavalheiro, uma vez que o

afirma – respondeu Conseil. – Mas, francamente, este salão é feito para surpreender até mesmo um flamengo como eu.

– Surpreenda-se, meu amigo, e olhe, porque para um classificador de seu porte, há muito trabalho por aqui.

Eu não precisava encorajar Conseil. O valente jovem, inclinado sobre as vitrines, já murmurava palavras da língua dos naturalistas: classe dos gastrópodes, família dos *Buccinidae*, gênero Porcelana, espécies de *Cyproea madagascariensis* etc.

Enquanto isso, Ned Land, um ser relativamente pouco conquiliologista, perguntou-me sobre minha entrevista com o capitão Nemo. Havia eu descoberto quem ele era, de onde vinha, para onde ia, para onde nos levava? Enfim, mil perguntas que não tinha tempo de responder.

Disse-lhe tudo que sabia, ou melhor, tudo que não sabia, e perguntei o que ele tinha ouvido ou visto de sua parte.

– Nada vi, nada ouvi! – respondeu o canadense. – Nem sequer vi a tripulação deste barco. Por acaso, ela também é elétrica?

– Elétrica!

– Por Deus! Estaríamos tentados a acreditar nisso. Mas o senhor, professor Aronnax – perguntou Ned Land –, que sempre teve suas convicções, não pode dizer quantos homens há a bordo? Dez, vinte, cinquenta, cem?

– Não sei responder, mestre Land. Além disso, acredite em mim, abandone, por agora, a ideia de dominar o *Nautilus* ou de escapar dele. Este barco é uma das obras-primas da indústria moderna, e eu lamentaria não tê-lo conhecido! Muitas pessoas aceitariam a situação em que nos encontramos nem que fosse para passear por estas maravilhas. Então, mantenha-se calmo, e vamos ver o que se passa à nossa volta.

– Ver! – exclamou o arpoador –, mas não vemos nada, não veremos nada desta prisão de ferro! Nós caminhamos, nós navegamos às cegas...

Ned Land pronunciava essas últimas palavras quando tudo ficou escuro de repente, uma escuridão absoluta. O teto iluminado se apagou, e tão rapidamente, que meus olhos sentiram uma impressão dolorosa, análoga à produzida pela passagem oposta da escuridão profunda à luz mais brilhante.

Ficamos mudos, sem nos mover, sem saber que surpresa, agradável ou desagradável, nos aguardava. Mas ouviu-se um deslizamento. Era como se as escotilhas estivessem se movendo sobre os flancos do *Nautilus*.

– É o fim do fim! – disse Ned Land.

– Ordem das hidromedusas! – murmurou Conseil.

De repente, o dia reapareceu em ambos os lados do salão, através de duas aberturas oblongas. As massas líquidas pareciam iluminadas pelas irradiações elétricas. Duas placas de cristal nos separavam do mar. Tremi ao pensar que aquela parede frágil poderia

se romper; mas fortes armaduras de cobre a sustentavam e lhe davam uma resistência quase infinita.

O mar era claramente visível dentro de um raio de uma milha ao redor do *Nautilus*. Que espetáculo! Quem poderia descrevê-lo! Quem poderia pintar os efeitos da luz através dessas camadas transparentes, e a suavidade dessas sucessivas degradações até as camadas inferiores e superiores do oceano!

Conhecemos a diafaneidade do mar. Sabemos que sua limpidez prevalece sobre a da água das fontes. As substâncias minerais e orgânicas, que ele mantém em suspensão, aumentam sua transparência. Em algumas partes do oceano, como nas Antilhas, 145 metros de água permitem ver o leito de areia com surpreendente clareza, e a força de penetração dos raios de sol parece ficar a uma profundidade de apenas 300 metros. Mas naquele ambiente fluido que o *Nautilus* atravessava, a explosão elétrica ocorria dentro das ondas. Não era mais água luminosa, mas luz líquida.

Se aceitarmos a hipótese de Ehrenberg, que acredita em uma iluminação fosforescente do fundo do mar, a natureza certamente terá reservado aos habitantes marinhos um de seus mais prodigiosos espetáculos, e eu podia afirmá-lo naquele exato momento, pelos mil efeitos daquela luz. De ambos os lados, havia uma vidraça aberta para o abismo inexplorado. A escuridão do salão enfatizava a claridade exterior, e enxergávamos como se aquele cristal puro fosse a janela de um enorme aquário.

O *Nautilus* parecia não se mexer. Os pontos de

referência haviam desaparecido. Às vezes, no entanto, as linhas d’água, rasgadas pelo esporão, corriam diante de nossos olhos com velocidade excessiva.

Maravilhados, ficamos apoiados nas vitrines e nenhum de nós tinha ainda quebrado aquele silêncio de estupefação quando Conseil disse:

– Você queria ver, amigo Ned, pois bem, agora você está vendo!

– Curioso! Curioso! – repetia o canadense, que, esquecendo sua raiva e seus planos de fuga, estava sentindo uma atração irresistível. – Viria gente de mais longe admirar esse espetáculo!

– Ah! – exclamei. – Eu entendo a vida desse homem! Ele construiu para si mesmo um mundo à parte que lhe reserva suas mais incríveis maravilhas!

– Mas e os peixes? – observou o canadense. – Não vejo nenhum peixe!

– O que importa, amigo Ned – respondeu Conseil –, já que não os conhece?

– Eu! Um pescador! – bradou Ned Land.

E uma discussão sobre o assunto começou entre os dois amigos, pois ambos conheciam os peixes, mas cada um de uma maneira muito diferente.

Todos sabem que os peixes formam a quarta e última classe do ramo dos vertebrados. Eles foram definidos com bastante precisão: “Vertebrados com dupla circulação e sangue frio, respiram através de guelras e

são destinados a viver na água”. Eles se dividem em duas séries distintas: a série de peixes ósseos, ou seja, aqueles cuja espinha dorsal é composta de vértebras ósseas, e os peixes cartilaginosos, ou seja, aqueles cuja espinha dorsal é composta de vértebras cartilaginosas.

O canadense conhecia talvez essa distinção, mas Conseil sabia muito mais, e agora, ligado a Ned por amizade, não podia admitir que era menos conhecedor que ele. Então, disse:

– Amigo Ned, você é um matador de peixes, um pescador bastante hábil. Você já capturou muitos desses interessantes animais. Mas aposto que não sabe como são classificados.

– Sei, sim – respondeu o arpoador com um ar sério. – Eles são classificados em peixes que se come e peixes que não se come!

– Aí está a classificação de um comilão – respondeu Conseil. – Mas, diga-me, você conhece a diferença entre os peixes ósseos e os cartilaginosos?

– Acredito que sim, Conseil.

– E a subdivisão dessas duas grandes classes?

– Não duvido que saiba – respondeu o canadense.

– Pois bem, amigo Ned, ouça e retenha a informação! Os peixes ósseos estão divididos em seis ordens: a primeira é a dos acantopterígios, cuja mandíbula superior é completa, móvel, e com guelras que têm a forma de um pente. Essa ordem inclui 15 famílias, ou

seja, três quartos dos peixes conhecidos. Tipo: *Perca fluviatilis*.

– É muito bom para comer – Ned Land respondeu.

– Em segundo lugar – retomou Conseil –, os abdominais, que têm as nadadeiras ventrais suspensas sob o abdome e atrás dos peitorais, sem estar ligadas aos ossos da espádua. Essa ordem é dividida em cinco famílias e inclui a maior parte dos peixes de água doce. Tipos: carpa, brochet.

– Ih! – fez o canadense com certo desprezo. – Peixe de água doce!

– Em terceiro lugar – prosseguiu Conseil –, os sub-raquidianos, cujos ventrais estão ligados sob o peitoral e imediatamente suspensos até os ossos das escápulas. Essa ordem tem quatro famílias. Tipos: solhas, azevias, linguado, barbudo etc.

– Excelente! Excelente! – exclamou o arpoador, que não queria considerar os peixes senão do ponto de vista comestível.

– Quarto – Conseil prosseguiu sem se desconcentrar –, os apodáceos, com o corpo alongado, desprovidos de nadadeiras ventrais e cobertos com uma pele espessa e muitas vezes pegajosa, ordem que inclui apenas uma família. Tipos: enguia, gimnoto.

– Medíocre! Medíocre! – respondeu Ned Land.

– Quinto – continuou Conseil –, os lofobrânquios, que têm mandíbulas completas e livres, mas cujas guelras

são formadas por pequenas borlas dispostas em pares ao longo das arcadas das guelras. Só há uma família nessa ordem. Tipos: cavalos-marinhos, *Eurypegasus draconis*.

– Mau! Mau! – considerou o arpoador.

– Sexto, finalmente – disse Conseil –, os plectógnatos, cujo osso maxilar é fixado à lateral do intermaxilar que forma a mandíbula, cujo arco palatino é ligado ao crânio por sutura, tornando-o imóvel – ordem que carece de ventrais verdadeiros e que é composta de duas famílias. Tipos: tetrodões e peixes-lua.

– Feitos para desonrar um caldeirão! – exclamou o canadense.

– O senhor me compreendeu, amigo Ned? – perguntou o sábio Conseil.

– Absolutamente não, meu amigo Conseil – respondeu o arpoador. – Mas prossiga, porque o senhor é muito interessante.

– Quanto aos peixes cartilaginosos – Conseil continuou imperturbavelmente –, eles compreendem apenas três ordens.

– Tanto melhor – desdenhou Ned.

– Em primeiro lugar, os ciclóstomos, cujas mandíbulas são soldadas a um anel móvel, com guelras que se abrem através de numerosos buracos – ordem que conta com apenas uma família. Tipo: lampreia.

– É preciso apreciá-la – observou Ned Land.

– Em segundo lugar, os seláquios, com guelras semelhantes às dos ciclóstomos, mas com a mandíbula inferior móvel. Essa ordem, que é a mais importante da classe, engloba duas famílias. Tipos: raias e esqualos.

– O quê!? – fez Ned. – Raias e tubarões na mesma ordem! Bem, meu amigo Conseil, falando a favor das raias, não o aconselho a colocar ambos no mesmo bocal!

– Em terceiro lugar – respondeu Conseil –, os esturônios, cujas brânquias são abertas, como é mais comum, por um único corte coberto por um copérculo. Essa ordem compreende quatro gêneros. Tipo: esturjão.

– Ah! amigo Conseil, você guardou o melhor para o fim. Na minha opinião, pelo menos. E é só isso?

– Sim, meu bravo Ned – respondeu Conseil –, e note que quando sabemos isso, ainda não sabemos nada, pois as famílias estão divididas em gêneros, subgêneros, espécies, variedades...

– Bem, meu amigo Conseil – disse o arpoador, encostado no vidro do painel –, veja estas variedades que estão passando!

– Sim! São peixes – bradou Conseil. – É como estar em frente a um aquário!

– Não – eu respondi –, porque o aquário é apenas uma jaula, e esses peixes são tão livres como um pássaro no ar.

– Pois bem, meu caro Conseil, nomeie-os, nomeie-os! – exclamava Ned Land.

– Não sou capaz! – respondeu Conseil. – Isso é assunto para meu mestre!

E, de fato, o digno rapaz, um raivoso classificador, não era um naturalista, e não sei se saberia distinguir um atum de um bonito. Em suma, era o oposto do canadense, que nomeava todos esses peixes sem hesitação.

– Um balista – eu disse.

– E um balista chinês! – completou Ned Land.

– Gênero dos balistas, família dos esclerodermos, ordem dos plectógnatos – disse Conseil.

Decididamente, juntos, Ned e Conseil teriam sido um naturalista e tanto.

O canadense não estava enganado. Um grupo de balistas, com o corpo comprimido, a pele granulosa, armados com um ferrão em sua dorsal, nadavam ao redor do *Nautilus* e agitavam suas quatro fileiras de espinhos sobressalentes em ambos os lados da cauda. Nada mais admirável que seu envoltório, cinza na parte de cima, branco embaixo, cujas manchas douradas brilhavam nas ondas escuras. Entre eles, nadavam raias, como um lençol abandonado aos ventos, e entre elas, para minha grande alegria, avistei uma raia chinesa, amarelada em sua parte superior, rosa-claro no ventre, e munida com três esporas na parte posterior dos olhos; espécie rara, e até mesmo de

existência duvidosa na época de Lacépède, que até então só a tinha visto em uma coleção de desenhos japoneses.

Durante duas horas, um exército aquático inteiro escoltou o *Nautilus*. No meio de suas brincadeiras e saltos, enquanto rivalizavam em beleza, esplendor e velocidade, eu distinguia o bodião verde; o *Mullus surmuletus*, marcado com uma dupla risca preta; o gobião, com a nadadeira caudal arredondada, de cor branca e com manchas violeta na parte posterior; a admirável cavala japonesa, com corpo azul e cabeça prateada; o fusilier azul, cujo nome dispensa qualquer descrição; os sargos listrados, com barbatanas coloridas de azul e amarelo; os sargos fascés, que têm uma faixa preta em sua cauda; os sargos zonaforos, elegantemente espartilhados em sua cintura; os aulostomus, verdadeiras bocas de flauta ou cornetas do mar, alguns dos quais chegavam a um metro de comprimento; as salamandras-do-japão; moreias equidnas; longas serpentes de dois metros de olhos vivos e pequenos e com uma grande boca eriçada de dentes etc.

Nossa admiração se mantinha sempre no ponto mais elevado. Nossas interjeições não cessavam. Ned nomeava os peixes, Conseil os classificava e eu ficava cada vez mais extasiado diante da vivacidade de seu andar e da beleza de suas formas. Eu nunca tinha conseguido surpreender esses animais vivos e livres em seu espaço natural.

Não mencionarei todas as variedades que passaram diante de nossos olhos deslumbrados, toda aquela coleção dos mares do Japão e da China. Os peixes se

movimentavam de um lado para o outro, mais numerosos que os pássaros no ar, sem dúvida atraídos pelo luminoso feixe de luz elétrica.

De repente, o dia amanheceu no salão. As escotilhas de metal se fecharam. A visão encantadora desapareceu. Mas por muito tempo continuei sonhando, até o momento em que meus olhos fixaram os instrumentos pendurados nas paredes. A bússola ainda apontava para o norte-nordeste, o manômetro indicava uma pressão de 5 atmosferas, correspondente a uma profundidade de 50 metros, e a barquilha elétrica acusava uma velocidade de 15 milhas por hora.

Eu estava à espera do capitão Nemo. Mas ele não apareceu. O relógio marcava 5 horas.

Ned Land e Conseil retornaram para suas cabines. Voltei para meu quarto. Meu jantar estava preparado. Consistia de uma sopa de tartaruga feita com suas partes mais delicadas, uma tainha branca um pouco folheada, cujo fígado preparado separadamente compôs uma deliciosa refeição, e tiras de carne do peixe-imperador, cujo sabor me pareceu superior ao do salmão.

Passei a noite a ler, escrever, pensar. Então, quando fui tomado pelo sono, deitei em minha cama de zostera e adormeci profundamente, enquanto o *Nautilus* deslizava pela rápida Corrente do Rio Negro.

Um convite por carta

No dia seguinte, 9 de novembro, acordei depois de um longo sono de 12 horas. Conseil veio, como de hábito, saber “como o cavalheiro tinha passado a noite”, e oferecer-me seus serviços. Ele tinha deixado seu amigo canadense dormindo como alguém que só tivesse feito isso durante toda a vida.

Deixei o bom rapaz tagarela à vontade, sem lhe responder muita coisa. Estava preocupado com a ausência do capitão Nemo durante nossa sessão da véspera e esperava revê-lo hoje.

Logo eu estava vestido com minhas roupas de bisso. Mais de uma vez, sua natureza provocou reflexões em Conseil. Eu disse a ele que elas eram feitas com os filamentos brilhantes e sedosos que ligam as atrinas às rochas, um tipo de concha muito abundante nas margens do Mediterrâneo. Antigamente, delas eram feitos belos tecidos, meias e luvas, porque eram ao mesmo tempo muito viscosas e muito quentes. A tripulação do *Nautilus* podia, portanto, vestir-se com um custo baixo, sem pedir nada aos algodoeiros, às ovelhas, ou aos bichos-da-seda da terra.

Terminei de me vestir e fui até o salão. Estava deserto.

Mergulhei no estudo daqueles tesouros de conquiliologia empilhados nas vitrines. Vasculhei também vastos herbários repletos das mais raras plantas marinhas, que, embora secas, conservavam suas cores admiráveis. Entre os preciosos hidrófitos, encontrei *Cladostephus verticillatum*, padinas-pavão, caulerpácenas em formato de folhas de uva, *callithamnion* granlíferas, cerâmios escarlates, agarótifas em forma de leque, acetábulos semelhantes a chapéus de cogumelos comprimidos, que foram durante muito tempo classificados entre os zoófitos, e finalmente uma série inteira de macroalgas.

O dia passou sem que eu fosse agraciado pela visita do capitão Nemo. E as escotilhas do salão não se abriram. Talvez quisessem nos manter entretidos com todas aquelas belas coisas.

A direção do *Nautilus* permaneceu leste-nordeste, sua velocidade a 12 milhas e sua profundidade entre 50 e 60 metros.

No dia seguinte, 10 de novembro, o mesmo abandono, a mesma solidão. Não vi ninguém da tripulação. Ned e Conseil passaram a maior parte do dia comigo. Ficaram espantados com a inexplicável ausência do capitão. Aquele homem peculiar estava doente? Queria por acaso mudar seus planos em relação a nós?

Afinal de contas, como salientou Conseil, gozávamos de total liberdade, éramos saborosa e abundantemente nutridos. Nosso anfitrião se mantinha fiel aos termos de seu trato. Não podíamos reclamar, e, além disso, a

própria singularidade de nosso destino nos reservava tão belas compensações que ainda não tínhamos o direito de acusá-lo de qualquer coisa.

Naquele dia, comecei o diário destas aventuras, o que me permitiu contá-las com a mais escrupulosa precisão, e, curioso detalhe, escrevi-o em um papel feito com zostera marinha.

Na manhã de 11 de novembro, o ar fresco dentro do *Nautilus* apontava que tínhamos regressado à superfície do oceano para reabastecer o fornecimento de oxigênio. Fui à escadaria central e subi até a plataforma.

Eram 6 horas. Encontrei o tempo nublado e o mar cinzento, mas calmo. Havia apenas o marulho. O capitão Nemo viria a meu encontro? Tudo que vi foi o timoneiro, preso na sua redoma de vidro. Sentado sobre a saliência produzida pelo casco do escaler, aspirei com prazer as emanações salinas.

Pouco a pouco, a névoa se dissipou sob a ação dos raios solares. O astro radiante transbordava do horizonte oriental. O mar se inflamou sob seu olhar como um rastilho de pólvora. As nuvens, espalhadas nas alturas, coloriam-se de cores vivas e admiravelmente matizadas, e numerosas “línguas de gato”[15] anunciavam vento durante todo o dia.

Mas o que faria o vento ao *Nautilus* se as piores tempestades não podiam assustá-lo!

Eu, então, admirava aquele belo nascer do sol, tão alegre, tão revigorante, quando ouvi alguém subir à

plataforma.

Eu me preparava para saudar o capitão Nemo, mas foi seu imediato – a quem já tinha visto durante a primeira visita do capitão – quem apareceu. Ele subiu na plataforma e não pareceu notar minha presença. Com seu poderoso binóculo nos olhos, varreu todos os pontos do horizonte com extrema atenção. Depois da observação feita, aproximou-se da escotilha e pronunciou uma frase nestes exatos termos. Pude memorizá-la porque, todas as manhãs, ele a reproduzia em condições idênticas. Era a seguinte:

“Nautron respoc lorni virch.”

O que ela significava eu não era capaz de dizer.

Com essas palavras, o imediato regressou ao interior da embarcação. Pensei que o *Nautilus* retomaria sua navegação subaquática. Então, retornei para a escotilha e, passando direto pelos corredores, voltei para meu quarto.

Passaram-se cinco dias sem que a situação mudasse. Todas as manhãs, subia à plataforma. A mesma sentença era pronunciada pelo mesmo indivíduo. O capitão Nemo não apareceu.

Estava conformado a não voltar a vê-lo quando, no dia 16 de novembro, ao regressar a meu quarto com Ned e Conseil, encontrei sobre a mesa um bilhete endereçado a mim.

Abri-o com impaciência. Tinha sido escrito com uma caligrafia limpa, clara, mas um pouco gótica, que

lembrava o estilo alemão.

Nele estava escrito o seguinte texto:

Professor Aronnax, a bordo do Nautilus.

16 de novembro de 1867.

O capitão Nemo convida o professor Aronnax para uma caçada que acontecerá amanhã pela manhã nas florestas da Ilha Crespo. Ele espera que nada impeça o professor de comparecer, e terá prazer em saber que seus companheiros se juntarão a ele.

O comandante do Nautilus,

Nemo.

– Uma caçada! – exclamou Ned.

– E nas florestas da Ilha Crespo! – acrescentou Conseil.

– Mas então ele vai até a terra, esse sujeito? – retomou Ned Land.

– É o que parece estar escrito – eu disse ao reler a carta.

– Pois bem! É preciso aceitar – replicou o canadense. – Assim que estivermos em terra firme, tomaremos uma decisão. Aliás, eu não me importaria de comer alguns pedaços de carne de caça fresca.

Sem procurar compreender o que era contraditório entre o horror manifesto do capitão Nemo aos continentes e ilhas, e seu convite para caçar na

floresta,
contentei-me em responder:

– Vamos primeiro ver o que é essa Ilha Crespo.

Consultei o mapa-múndi, e, em 32° 40’ de latitude norte e 167° 50’ de longitude oeste, encontrei uma ilhota que foi reconhecida em 1801 pelo capitão Crespo, e que os antigos mapas espanhóis chamavam de Roca de La Plata, o que quer dizer “Rocha de Prata”. Estávamos então a cerca de 1.800 milhas de nosso ponto de partida, e a direção ligeiramente alterada do *Nautilus* o levava para o sudeste.

Mostrei a meus companheiros a pequena rocha perdida no meio do Pacífico norte.

– Se o capitão Nemo às vezes vai a terra – disse-lhes –, ele deve pelo menos escolher ilhas absolutamente desertas.

Ned Land balançou a cabeça sem responder. Em seguida, ele e Conseil me deixaram. Depois de um jantar que me foi servido pelo comissário silencioso e impassível, adormeci, mas não sem alguma preocupação.

No dia seguinte, 17 de novembro, quando acordei, senti que o *Nautilus* estava absolutamente imóvel. Vesti-me rapidamente e entrei no salão.

O capitão Nemo estava lá. Ele me aguardava. Levantou-se, cumprimentou-me e perguntou se eu o acompanharia.

Como ele não fez qualquer alusão a sua ausência durante os oito dias, eu me abstive de falar no assunto e simplesmente respondi que meus companheiros e eu estávamos prontos para segui-lo.

– Eu só gostaria de lhe fazer uma pergunta, senhor.

– Faça-a, senhor Aronnax, e, se puder, responderei.

– Bem, capitão, como é possível que o senhor, que cortou relações com a terra, seja dono de florestas na ilha Crespo?

– Professor, respondeu o capitão, as florestas que possuo não pedem ao sol nem sua luz nem seu calor. Nem os leões, os tigres, as panteras, ou qualquer quadrúpede as frequentam. Elas só são conhecidas por mim. Só crescem para mim. Não são florestas terrestres, mas florestas submarinas.

– Florestas submarinas! – gritei, espantado.

– Sim, professor.

– E o senhor está se oferecendo para me levar até lá?

– Precisamente.

– A pé?

– E com os pés secos.

– Caçar?

– Caçar.

– De arma em punho?

– De arma em punho.

Eu olhava para o comandante do *Nautilus* com uma expressão que em nada o lisonjeava.

“Decididamente, ele é doente da cabeça” – pensei. “Ele teve uma convulsão que durou oito dias, e que continua até agora. É uma pena! Eu gostava mais dele estranho que louco!”.

Esse pensamento era claramente visível em meu rosto, mas o capitão Nemo simplesmente convidou-me a segui-lo, e eu o acompanhei como um homem completamente resignado.

Chegamos à sala de jantar, onde o almoço estava servido.

– Senhor Aronnax – disse o capitão –, gostaria de convidá-lo a partilhar comigo o almoço, sem cerimônias. Falaremos enquanto comemos. Mas, se lhe prometi um passeio pela floresta, não prometo que lá o senhor encontrará um restaurante. Portanto, almoce como um homem que provavelmente jantará muito tarde.

Eu honrei a refeição. Ela era composta de diversos peixes e de filés de holotúrias, excelentes zoófitos, extratos de algas muito apetitosos, como a *Porphyra laciniata* e a *Laurentia primafetida*. A bebida consistia em água límpida, à qual, seguindo o exemplo do capitão, adicionei algumas gotas de um licor fermentado, extraído à moda *kamchatkiana* das algas

conhecidas como *Rhodymenia palmata*.

O capitão Nemo comeu sem dizer uma palavra. Depois, ele me disse:

– Professor, quando o convidei para vir caçar em minhas florestas de Crespo, deve ter pensado que eu estava me contradizendo. Quando eu disse que eram florestas submarinas, pensou que estivesse louco. Professor, nunca se deve julgar os homens levianamente.

– Mas, capitão, o senhor acredita que...

– Por favor, ouça-me e conclua se tem de me acusar de insanidade ou contradição.

– Estou ouvindo.

– Professor, o senhor sabe tão bem quanto eu que o homem pode viver debaixo d'água se levar consigo seu estoque de ar respirável. Nas atividades subaquáticas, o trabalhador, vestindo uma roupa impermeável e com a cabeça presa em uma cápsula de metal, recebe ar do exterior por meio de bombas de pressão e reguladores de fluxo.

– É o equipamento dos escafandros – respondi.

– De fato, mas nessas condições, o homem não está livre. Ele está preso à bomba que envia o ar através de uma mangueira de borracha, uma verdadeira corrente que o mantém ligado à terra, e se nós ficássemos tão dependentes assim com o *Nautilus*, não poderíamos ir longe.

– E qual é o meio para ser livre? – perguntei.

– É usar o aparelho Rouquayrol-Denayrouze, criado por dois de seus compatriotas, mas que aperfeiçoei para meu uso, e que lhe permitirá arriscar-se nessas novas condições fisiológicas sem que seus órgãos sofram nenhum dano. Ele é composto de um reservatório de metal espesso no qual armazeno ar sob uma pressão de 50 atmosferas. Esse reservatório é fixado às costas por meio de bandoleiras, como uma mochila de soldado. Sua parte superior forma uma caixa da qual o ar, mantido por um mecanismo de fole, só pode escapar em sua tensão normal. No aparelho de Rouquayrol, como ele é usado, dois tubos de borracha, saindo dessa caixa, são ligados a uma espécie de pavilhão que mantém presos o nariz e a boca do operador; um dos tubos serve para introduzir o ar inspirado, o outro dá saída ao ar expirado, e a língua fecha este ou aquele, de acordo com as necessidades da respiração. Mas eu, que enfrento pressões consideráveis no fundo do mar, tive de fechar minha cabeça, como a dos escafandros, em uma esfera de cobre, e é nessa esfera que estão ligados os dois tubos que inspiram e expiram.

– Perfeitamente, capitão Nemo, mas o ar que transporta deve se esgotar rapidamente, e, como ele contém apenas 15% de oxigênio, torna-se irrespirável.

– Sem dúvida, mas, como já lhe disse, senhor Aronnax, as bombas do *Nautilus* permitem-me armazená-lo sob uma pressão considerável, e, nessas condições, o reservatório do dispositivo pode fornecer ar respirável durante nove ou dez horas.

– Não tenho mais objeções – respondi. – Só gostaria de saber, capitão, como o senhor pode iluminar seu caminho no fundo do oceano?

– Com o aparelho Ruhmkorff, senhor Aronnax. Se o primeiro é usado nas costas, o segundo é amarrado à cintura. Ele é composto de uma pilha de Bunsen que aciono com sódio, e não com bicromato de potássio. Uma bobina de indução coleta a eletricidade produzida e a direciona para uma lanterna de um formato especial. Nessa lanterna, existe uma bobina de vidro que contém apenas um resíduo de gás carbônico. Quando o dispositivo funciona, esse gás se torna luminoso, produzindo uma luz esbranquiçada e contínua. Então, desde que eu respire, posso enxergar.

– Capitão Nemo, o senhor dá respostas tão avassaladoras às minhas objeções que já não me atrevo a duvidar de mais nada. No entanto, se eu for forçado a admitir o uso dos aparelhos Rouquayrol e Ruhmkorff, tenho minhas reservas quanto ao fuzil com o qual o senhor quer me armar.

– Mas não se trata de um fuzil com pólvora – respondeu o capitão.

– Então é um fuzil de vento?

– Exatamente. Como espera que eu fabrique pólvora a bordo de minha embarcação se não disponho nem de salitre, nem de enxofre nem de carvão?

– Aliás – eu disse –, para disparar debaixo d’água, em um meio 855 vezes mais denso que o ar, seria preciso vencer uma resistência considerável.

– Isso não seria uma preocupação. Existem algumas armas, aperfeiçoadas após Fulton pelos ingleses Philippe Coles e Burley, pelo francês Furcy e pelo italiano Landi, que são equipadas com um sistema especial de fechamento, e que podem disparar tranquilamente sob essas condições. Mas, repito, não tendo pólvora, substituí-a por ar de alta pressão, que as bombas do *Nautilus* me fornecem abundantemente.

– Mas esse ar deve se esgotar rapidamente.

– Pois bem! Mas não disponho de meu tanque de Rouquayrol, que pode, se preciso for, fornecer-me o ar de que preciso? Só é necessária uma torneira *ad hoc.* A propósito, senhor Aronnax, o senhor verá por si mesmo que, durante essas caçadas submarinas, não gastamos muito ar ou balas.

– No entanto, parece-me que nessa meia escuridão, e no meio desse denso líquido, se comparado à atmosfera, os tiros não podem ir longe e dificilmente são mortais...

– Senhor, ao contrário, com esse fuzil, todos os tiros são letais, e, assim que um animal é atingido, por mais de raspão que seja, ele cai aniquilado.

– Por quê?

– Porque não são balas ordinárias que essa espingarda lança, mas pequenas cápsulas de vidro – inventadas pelo químico austríaco Leniebroek – e das quais tenho um suprimento considerável. Essas cápsulas de vidro, cobertas com um invólucro de aço e pesadas devido a um sedimento de chumbo, são verdadeiras pequenas

garrafas de Leyden em que a eletricidade é forçada a uma tensão muito alta. Ao menor choque, elas descarregam e o animal, por mais poderoso que seja, morre. Eu acrescentaria que essas cápsulas são de pequeno calibre, e que a carga de um fuzil comum poderia conter dez.

– Não vou mais discutir – respondi me levantando da mesa –, tudo que tenho de fazer é pegar minha arma. Além disso, aonde quer que o senhor vá, eu também irei.

O capitão Nemo me conduziu até a popa do *Nautilus*, e, ao passar pela cabine de Ned e Conseil, chamei meus dois companheiros, que imediatamente nos seguiram.

Logo chegamos a uma célula próxima da sala das máquinas, onde tínhamos de vestir nossas roupas de passeio.

Pequenas nuvens brancas, claras, recortadas em suas bordas. (N. T.)

Passeio na planície

Aquela célula era, literalmente falando, o arsenal e o vestiário do *Nautilus*. Uma dúzia de escafandros, pendurados na parede, esperavam os aventureiros.

Ned Land, ao vê-los, manifestou uma evidente repugnância em vesti-los.

– Mas, meu Bravo Ned – eu disse –, as florestas da Ilha Crespo são apenas florestas submarinas!

– Ora essa! – fez o arpoador desiludido, vendo partirem seus sonhos de carne fresca. – E o senhor, professor Aronnax, vai vestir essas roupas?

– Será necessário fazê-lo, mestre Ned.

– Como quiser, senhor – respondeu o arpoador, dando de ombros –, mas, quanto a mim, a não ser que seja forçado a isso, nunca entrarei nelas.

– Não o forçaremos, mestre Ned – disse o capitão Nemo.

– E Conseil? Vai se arriscar? – perguntou Ned.

– Eu sigo o cavalheiro aonde quer que ele vá – respondeu Conseil.

Ao comando do capitão, dois homens da tripulação vieram nos ajudar a vestir aquelas pesadas roupas à prova d’água, feitas de borracha sem costura e preparadas para suportar consideráveis pressões. Eram como armaduras ao mesmo tempo maleáveis e resistentes. As vestimentas formavam um conjunto de calça e casaco. A calça acabava em sapatos grossos com pesadas solas de chumbo. O tecido do casaco era costurado com lamelas de cobre que formavam uma couraça no peito, protegendo-o da pressão da água e deixando os pulmões funcionarem livremente; suas mangas terminavam em forma de luvas macias, que não interferiam nos movimentos das mãos.

Havia pouca semelhança, como podemos ver, com aqueles escafandros aperfeiçoados com vestes informes, como as couraças de cortiça, as sobrevestes, os trajes de mar, os cofres etc., que foram inventados e defendidos no século XVIII.

O capitão Nemo, um de seus companheiros – uma espécie de Hércules que devia ter uma força prodigiosa –, Conseil e eu logo vestimos aqueles escafandros. Só precisávamos agora colocar a cabeça dentro da esfera metálica. Mas, antes de prosseguir com a operação, pedi permissão ao capitão para examinar os fuzis que nos haviam sido destinados.

Um dos homens do *Nautilus* me apresentou um fuzil simples, cuja coronha, feita de placa de aço e oca por dentro, era bastante grande. Ela servia como reservatório para o ar comprimido que uma válvula,

operada por um gatilho, deixava escapar do tubo de metal. Uma caixa de projéteis, esvaziada na espessura da coronha, continha cerca de 20 balas elétricas, que, por meio de uma mola, eram colocadas automaticamente no cano do fuzil. Assim que um tiro era disparado, outro já estava pronto para partir.

– Capitão Nemo – eu disse –, esta arma é perfeita e fácil de manusear. Só me resta experimentá-la. Mas como vamos chegar ao fundo do mar?

– Nesse momento, professor, o *Nautilus* está afundado em dez metros de água, e só nos resta partir.

– Mas como sairemos?

– O senhor verá.

O capitão Nemo introduziu na cabeça o capacete esférico. Conseil e eu fizemos o mesmo, não sem antes ouvir o canadense nos dirigir um irônico “boa caçada”. A parte de cima de nossa vestimenta tinha como acabamento um colarinho de cobre rosqueado sobre o qual era parafusado o capacete de metal. Três buracos, protegidos por um vidro espesso, tornavam possível olhar em todas as direções, apenas girando a cabeça dentro daquela esfera. Assim que tudo foi colocado no lugar, os aparelhos Rouquayrol, pendurados em nossas costas, começaram a funcionar, e eu conseguia respirar tranquilamente.

Com a lanterna Ruhmkorff pendurada em meu cinto e a arma na mão, estava pronto para partir. Mas, para ser honesto, preso naquelas roupas pesadas e pregado no convés por minhas solas de chumbo, teria sido

impossível dar um passo.

Mas a situação tinha sido prevista, pois senti que me empurravam para pequena sala contígua ao vestiário. Meus companheiros, igualmente rebocados, seguiam-me. Ouvi uma porta munida de obturadores se fechar sobre nós, e uma profunda escuridão nos envolveu.

Após alguns minutos, um sonoro assovio retumbou em meus ouvidos. Senti um calafrio subir de meus pés até o peito. Evidentemente, do interior do barco nós tínhamos, por uma torneira, dado entrada à água do exterior que nos invadia, e então aquela sala foi rapidamente inundada. Então, uma segunda porta, perfurada no flanco do *Nautilus*, abriu-se. Uma tênue claridade nos iluminou. Um segundo depois, nossos pés pisavam o fundo do mar.

E agora, como eu poderia narrar as impressões que esse passeio debaixo d'água me causou? As palavras não são potentes o suficiente para falar de tamanha maravilha. Quando o próprio pincel é inábil para registrar os efeitos particulares de um elemento líquido, como a pena seria capaz de reproduzi-los?

O capitão Nemo caminhava na frente e seu parceiro nos acompanhava alguns passos atrás. Conseil e eu permanecíamos perto um do outro, como se fosse possível trocarmos algumas palavras através de nossas carapaças metálicas. Eu já não sentia mais o odor de minha vestimenta, de meus calçados, de meu reservatório de ar, nem o peso daquela grande esfera dentro da qual minha cabeça chacoalhava como uma amêndoa em sua casca. Todos aqueles objetos, quando mergulhados na água, perdiam uma parte de seu peso

equivalente à do líquido deslocado, e eu me sentia muito bem com aquela lei física determinada por Arquimedes. Eu já não era mais uma massa inerte e tinha uma liberdade de movimentação relativamente grande.

A luz, que iluminava o solo 9 metros abaixo da superfície do oceano, surpreendeu-me com seu poder. Os raios solares atravessavam facilmente aquela massa aquosa e dissipavam sua coloração. Eu distinguia com clareza os objetos a uma distância de 100 metros. Além disso, as profundezas eram matizadas por finas degradações do além-mar, depois ficavam azuladas em lugares mais distantes até se desvanecer por completo no meio de uma vaga escuridão. Na verdade, a água à minha volta era apenas uma espécie de ar mais denso que a atmosfera terrestre, mas quase tão diáfano. Acima de mim, era possível observar a calmaria da superfície do mar.

Caminhávamos sobre uma areia fina e lisa, não tão enrugada como a das praias, que conserva as marcas deixadas pela ondulação. Esse tapete deslumbrante, um verdadeiro refletor, repelia os raios do sol com uma intensidade surpreendente. E essa imensa reverberação penetrava em todas as moléculas líquidas. Alguém acreditaria se eu dissesse que naquela profundidade de 9 metros eu podia ver como em plena luz do dia?

Durante 15 minutos, pisei aquela areia ardente, semeada por uma impalpável poeira de conchas. O casco do *Nautilus*, desenhado como um longo escolho, desaparecia pouco a pouco, mas, quando anoitecesse no interior das águas, seu fanal facilitaria nosso

retorno a bordo, projetando seus raios com perfeita nitidez. Esse é um efeito difícil de imaginar para qualquer um que só tenha visto em terra aqueles lençóis esbranquiçados e tão marcados pelas ondas. Lá, o ar saturado de poeira tem a aparência de uma névoa luminosa; mas, tanto acima como abaixo do mar, esses traços elétricos são transmitidos com uma pureza incomparável.

Nós continuávamos caminhando e a vasta planície de areia parecia ser ilimitada. Eu afastava com as mãos as cortinas líquidas que se fechavam atrás de mim, e o traço de meus passos desaparecia quase imediatamente sob a pressão da água.

Rapidamente, algumas formas de objetos que mais pareciam um esboço ao longe se desenharam diante de meus olhos. Reconheci alguns magníficos primeiros planos de rochedos, forrados com as melhores espécies de zoófitos, e logo aquele meio me tocou pela primeira vez com uma sensação especial de encantamento.

Eram, então, 10 horas da manhã. Os raios do sol atingiam a superfície das ondas em um ângulo oblíquo, e o contato com a luz decomposta pela refração, como em um prisma, fez aparecer flores, rochedos, plântulas, conchas e pólipos que recebiam em seu contorno as sete cores do espectro solar. Era uma maravilha, uma festa para olhos, aquele emaranhado de tons coloridos, uma verdadeira caleidoscopia de verde, amarelo, laranja, roxo, anil, azul, enfim, uma paleta completa de um colorista apaixonado! Como eu poderia não comunicar a Conseil as sensações vívidas que me vinham à mente,

nem competir com ele em interjeições de admiração! Como é que eu não sabia, como o capitão Nemo e seu companheiro, compartilhar os pensamentos por meio de sinais combinados! Então, na falta dessa comunicação eficiente, eu falava sozinho, bradava dentro da caixa de cobre que cobria minha cabeça, provavelmente gastando mais ar em palavras vãs que seria adequado.

Conseil estava paralisado como eu diante daquele esplêndido espetáculo. Evidentemente, o digno rapaz, na presença daquelas amostras de zoófitos e moluscos, classificava e classificava incessantemente. Pólipos e equinodermos abundavam no chão. Variadas ísis, corniculáceas que vivem isoladas, arbustos de oculinas virgens, conhecidas antigamente como “coral branco”, fungos espinhosos em forma de cogumelo, anêmonas ligadas por seus discos musculares, um verdadeiro canteiro de flores salpicado de porpitas adornadas com seus colares de tentáculos azulados, estrelas-do-mar que constelavam na areia e asterófitos verrugosos, finas rendas bordadas pelas mãos das náiades, cujos festões vagavam ao balanço das leves ondulações causadas por nossa caminhada. Eu sentia uma profunda tristeza em pisotear com meus pés aqueles brilhantes espécimes de moluscos que se espalhavam pelo chão aos milhares, os pentes concêntricos, os martelos, as donácias, as verdadeiras conchas saltadoras, os troquídeos, os capacetes-vermelhos, as conchas asa-de-anjo, as aplísias e tantas outras espécies desse inesgotável oceano. Mas era necessário caminhar, e seguíamos adiante enquanto vagavam sobre nossas cabeças cardumes de fisálias, arrastando atrás de si seus tentáculos flutuantes ultramarinos,

medusas cuja umbela opalina ou rosa-clara, ornamentada com uma grinalda azulada, protegia-nos dos raios solares, e as pelágias *panopyra*, que, no escuro, teriam iluminado nosso caminho com suas luzes fosforescentes!

Avistei todas essas maravilhas no espaço de 400 metros, parando raramente e acompanhando o capitão Nemo, que me orientava a segui-lo com um gesto. Logo, a natureza do solo mudou e à planície arenosa sucedeu uma camada de lodo viscoso que os norte-americanos chamam de "oaze", composto unicamente de conchas siliciosas ou calcárias. Seguimos percorrendo um prado de algas, plantas pelágicas que as águas ainda não tinham arrancado, com uma vegetação era luxuriante. Esses gramados de tramas cerradas, suaves de pisar, poderiam rivalizar com os mais macios tapetes tecidos pelas mãos dos homens. Mas, ao mesmo tempo que a vegetação se espalhava sob nossos pés, ela não abandonava nossas cabeças. Um pequeno dossel de plantas marinhas, classificadas na exuberante família das algas, das quais conhecemos mais de 2 mil espécies, atravessava a superfície das águas. Eu avistava longas fitas de fucos flutuando – algumas globulares, outras tubulares –, laurências, cladostephus de folhagem delicada e rodimênias espalmadas que se assemelhavam a leques de cactos. Observava que as plantas verdes permaneciam mais próximas da superfície do mar, enquanto as vermelhas ocupavam uma profundidade média, deixando às hidrófitas negras ou marrons a formação dos jardins e leitos das camadas mais profundas do oceano.

Tais algas são um verdadeiro prodígio da criação, uma

das maravilhas da flora universal. Essa família produz, ao mesmo tempo, os menores e os maiores vegetais do globo. Pois, ao mesmo tempo que foram contadas 40 mil dessas mudas imperceptíveis em um espaço de 5 milímetros quadrados, também foram recolhidos fucos cujo comprimento excedia 500 metros.

Tínhamos deixado o *Nautilus* havia cerca de uma hora e meia. Era quase meio-dia. Notei isso pela perpendicularidade dos raios que já não se refratavam. A magia das cores desapareceu pouco a pouco, e os tons de esmeralda e safira se apagaram de nosso firmamento. Caminhávamos em um ritmo constante que ressoava no chão com uma intensidade incrível. Os menores ruídos eram transmitidos a uma velocidade à qual o ouvido não está acostumado na terra. Na verdade, a água é para o som um veículo melhor que o ar, e ele se espalha nela com uma rapidez quatro vezes maior.

Nesse momento, o solo começou a formar uma descida bastante íngreme. A luz ganhou um tom uniforme. Atingimos uma profundidade de 100 metros, a uma pressão de 10 atmosferas. Mas minha vestimenta de escafandro foi criada em tais condições que nada sofri com tamanha pressão. Sentia apenas certo desconforto nas articulações dos dedos, e mesmo esse mal-estar logo desapareceu. Quanto à fadiga que a caminhada de duas horas traria sob o peso de uma armadura que eu estava tão pouco habituado a carregar, simplesmente não existia. Meus movimentos, ajudados pela água, eram produzidos com surpreendente facilidade.

A 90 metros de profundidade, ainda era possível

perceber alguns poucos raios de sol. Seu brilho intenso foi substituído por um crepúsculo avermelhado, um meio-termo entre o dia e a noite. No entanto, enxergávamos o suficiente para poder nos guiar, e ainda não era necessário ativar os aparelhos Ruhmkorff.

Nesse momento, o capitão Nemo parou. Ele esperou que eu me juntasse a ele, e, com o dedo, mostrou-me algumas massas escuras que se acentuavam nas sombras a uma pequena distância.

“É a floresta da Ilha Crespo” – pensei, e não estava enganado.

Uma floresta submarina

Tínhamos finalmente chegado à orla da floresta, sem dúvida uma das mais belas da imensa propriedade do capitão Nemo. Ele a considerava sua e atribuía a si os mesmos direitos que os primeiros homens tinham nos primeiros dias do mundo. Além disso, quem lhe teria contestado a posse dessa propriedade submarina? Que outro pioneiro mais ousado teria vindo, com um machado na mão, desbravar sebes tão obscuras?

A floresta era composta de grandes plantas arborescentes, e, assim que adentramos sob seus largos arcos, meus olhos ficaram imediatamente surpresos com o arranjo singular de seus ramos – uma disposição que eu nunca tinha visto até então.

Nenhuma das gramíneas que cobriam o solo, nenhum dos ramos que cresciam nos arbustos rastejava, se curvava ou se esticava no plano horizontal. Todos eles cresciam em direção à superfície do oceano. Os filamentos, as fitas, por mais finos que fossem, erguiam-se como hastes de ferro. Os fucos e as lianas se desenvolviam em linha rígida e perpendicular, controlados pela densidade do elemento que os

produziu. Aliás, ao afastá-las com minhas mãos, essas plantas imóveis retomavam imediatamente sua posição original. Estávamos, então, no reino da verticalidade.

Logo me acostumei com aquela disposição peculiar e com a relativa escuridão que nos cercava. O chão da floresta estava semeado com elementos pontiagudos dos quais era difícil se esquivar. A flora submarina pareceu-me bastante completa, mais rica ainda que seria sob as zonas árticas ou tropicais, onde a diversidade de produtos é menos numerosa. Mas, por alguns minutos, confundi involuntariamente os reinos uns com os outros, trocando zoófitas por hidrófitas e animais por plantas. E quem não se confundiria? A flora e a fauna assemelham-se tanto naquele mundo submarino!

Observei que todos aqueles produtos do reino vegetal se mantinham próximos do chão por uma distância superficial. Desprovidos de raízes, indiferentes ao corpo sólido, areia, concha, carapaça ou seixo que lhes desse sustentação, eles precisavam apenas de seu ponto de apoio, não de sua vitalidade. Essas plantas crescem de maneira autônoma, e o princípio de sua existência está na água que as sustenta, que as alimenta. A maioria delas, em vez de folhas, fazia crescer lamelas de formas caprichosas, circunscritas em uma estreita gama de cores, que incluía apenas rosa, carmim, verde, oliváceo, fulvo e marrom. Pude rever, mas não secos como as amostras do *Nautilus*, padinas-pavão, abertas como leques que pareciam clamar por brisa, cerâmios escarlates, laminares que alongavam seus jovens brotos comestíveis, nereocistes

filiformes e enroladas, que floresciam a uma altura de 15 metros, buquês de acetábulos, cujas hastes crescem partindo do topo, e muitas outras plantas pelágicas, todas sem flores.

“Anomalia curiosa, elemento estranho”, – disse um espirituoso naturalista, “onde o reino animal floresce, e onde o reino vegetal não floresce!”.

Entre esses vários arbustos, tão grandes como as árvores de clima temperado, e sob sua sombra úmida, havia verdadeiros arbustos com flores vivas reunidos, sebes de zoófitas sobre as quais floresciam meandrinas zebradas de sulcos tortuosos, cariofiláceas amareladas com tentáculos diáfanos, tufos relvados de zoantários e – para completar a ilusão –, os peixes-mosca que voavam de galho em galho, como uma revoada de beija-flores, enquanto os amarelos lepisacantos de maxilas hirsutas e escamas pontiagudas, os dactilópteros e os monocentros se levantavam conforme caminhávamos, como um cardume de narcejas.

Por volta de 1 hora da tarde, o capitão Nemo deu o sinal para que fizéssemos uma pausa. De minha parte, fiquei bastante satisfeito com essa parada, e nos deitamos sob um dossel de alariáceas cujas longas e finas tiras erguiam-se como flechas.

Esse momento de descanso foi delicioso. Só nos faltava o prazer de uma conversa. Mas era impossível falar e impossível responder. Eu só era capaz de aproximar minha grande cabeça de cobre da cabeça de Conseil. Vi os olhos daquele corajoso rapaz brilharem de contentamento, e, como sinal de satisfação, ele acenou

com a cabeça dentro de sua carapaça com a expressão mais cômica do mundo.

Depois de quatro horas de caminhada, fiquei muito surpreso por não sentir uma necessidade violenta de comer. Como meu estômago resistia a isso eu não seria capaz de dizer. Mas, por outro lado, senti um desejo incontrolável de dormir, como acontece com todos os mergulhadores. Então, meus olhos logo se fecharam atrás do vidro espesso, e caí em um sono invencível, que apenas o movimento da caminhada tinha sido capaz de evitar até então. O capitão Nemo e seu robusto companheiro, deitados sobre aquele límpido cristal, deram-nos o exemplo e logo caíram no sono.

Quanto tempo permaneci completamente imerso naquele sono eu não saberia estimar; mas, quando acordei, pareceu-me que o sol estava se pondo na direção do horizonte. O capitão Nemo já estava acordado, e eu começava a me alongar quando uma aparição inesperada me fez levantar bruscamente.

A poucos passos de distância, uma monstruosa aranha-do-mar de 1 metro de altura olhou para mim com seus olhos suspeitos, pronta para me atacar. Embora meu escafandro fosse suficientemente espesso para me defender das mordidas daquele animal, não pude conter um gesto de horror. Conseil e o marinheiro do *Nautilus* acordaram nesse momento. O capitão Nemo mostrou o hediondo crustáceo a seu companheiro, que abateu imediatamente o animal com uma coronhada, e eu vi as horríveis patas do monstro se contorcerem em terríveis convulsões.

Esse encontro me fez pensar que outros animais, ainda mais temíveis, assombrariam aquelas obscuras profundezas, e que meu escafandro não seria capaz de me proteger de seus ataques. Eu não tinha pensado nisso até então, e resolvi ficar atento. Aliás, eu supunha que aquela pausa marcaria o fim de nosso passeio; mas estava enganado, e, em vez de retornar ao *Nautilus*, o capitão Nemo prosseguiu com sua audaciosa excursão.

O solo continuava em declive, e sua inclinação, cada vez mais íngreme, nos levava a profundezas ainda maiores. Devia ser perto de 3 horas quando chegamos a um estreito vale escavado entre altos paredões e localizado a 150 metros de profundidade. Graças à perfeição de nosso equipamento, ultrapassávamos em 90 metros o limite que a natureza parecia ter imposto até então às excursões submarinas concebidas pelo homem.

Digo 150 metros, embora nenhum instrumento me permitisse avaliar precisamente essa distância. Mas eu sabia que, mesmo nos mares mais claros, os raios solares não podiam penetrar tão profundamente. Ora, a escuridão justamente se tornou mais densa. Era impossível avistar qualquer objeto a dez passos de distância. Então, eu caminhava tateando quando vi uma luz branca brilhar de repente. O capitão Nemo tinha acabado de ativar sua lanterna elétrica. Seu companheiro o imitou. Conseil e eu seguimos o exemplo. Girando um parafuso, estabeleci a comunicação entre a bobina e a serpentina de vidro, e o mar, iluminado por nossas quatro lanternas, tornou-se visível em um raio de 25 metros.

O capitão Nemo continuou a adentrar as escuras profundezas da floresta, onde os arbustos se tornavam cada vez mais escassos. Observei que a vida vegetal desapareceu mais depressa que a vida animal. As plantas pelágicas já haviam abandonado o solo, que se tornara árido, e um número prodigioso de animais, zoófitos, articulados, moluscos e peixes, ainda pululavam por lá.

Enquanto caminhava, pensei que a luz de nossos aparelhos Ruhmkorff deveria necessariamente atrair alguns habitantes dessas camadas escuras. Mas, embora eles tivessem se aproximado de nós, ficaram pelo menos a uma distância inglória para caçadores. Diversas vezes, vi o capitão Nemo parar, apontar sua arma e, depois de alguns segundos de observação, levantar-se e continuar a caminhada.

Finalmente, por volta das 4 horas, aquela maravilhosa excursão chegou ao fim. Um paredão de rochas soberbas e de uma imponente espessura estava à nossa frente, um aglomerado de blocos gigantescos, enormes penhascos de granito, atravessados por cavernas escuras, mas que não apresentavam nenhuma passagem aparente. Eram as enseadas da Ilha Crespo. Era a terra.

O capitão Nemo parou de repente. Um gesto dele nos fez parar, e por mais ansioso que estivesse para atravessar aquela muralha, tive de me conter. Ali terminavam os domínios do capitão Nemo. Ele não queria ultrapassá-los. O outro lado era a parte do globo que ele não mais pisaria.

Começamos a regressar. O capitão Nemo tinha

retomado a liderança da sua pequena tropa, conduzindo-nos sem nenhuma hesitação. Julguei perceber que não regressávamos ao *Nautilus* pelo mesmo caminho. Essa nova rota, muito íngreme e, portanto, muito penosa, aproximou-nos rapidamente da superfície do mar. No entanto, esse retorno às camadas superiores não foi tão repentino a ponto de ocorrer uma descompressão acelerada, o que poderia ter levado a graves distúrbios em nosso organismo e culminar nas lesões internas tão fatais para os mergulhadores. Muito rapidamente, a luz apareceu e cresceu, e, com o sol já baixo no horizonte, a refração mais uma vez contornou os vários objetos com um anel espectral.

A 10 metros de profundidade, caminhávamos no meio de um cardume de peixes pequenos de todos os tipos, mais numerosos que os pássaros no ar, mais ágeis também, mas nenhuma presa aquática, digna de um golpe de fuzil, havia se oferecido a nossos olhos.

Nesse momento, vi a arma do capitão, apoiada em seu ombro, seguir um objeto em movimento entre os arbustos. O tiro foi disparado, ouvi um silvo fraco e um animal caiu fulminado a alguns passos.

Era uma magnífica lontra-marinha, uma *enhydra*, o único quadrúpede exclusivamente marinho. Aquela lontra, com 1,5 metro de comprimento, devia ter um valor inestimável. Sua pele, castanho-escuro em cima e prateada embaixo, era uma daquelas peles admiráveis tão procuradas nos mercados russos e chineses; a fineza e o brilho de seus pelos garantiam-lhe um valor mínimo de 2 mil francos. Eu admirava aquele curioso mamífero de cabeça arredondada e

orelhas curtas, olhos redondos, bigodes brancos semelhantes aos de um gato, pés palmados e unguiculados e uma cauda espessa. Esse precioso carnívoro, caçado e encurralado por pescadores, está cada vez mais raro, e refugiou-se principalmente nas porções setentrionais do Pacífico, onde sua espécie não tardará a ser extinta.

O companheiro do capitão Nemo buscou a besta, colocou-a em seu ombro e retomamos a caminhada.

Durante uma hora, uma planície arenosa desenrolou-se sob nossos passos. Ela chegava frequentemente a menos de 2 metros da superfície da água. Eu via então nossa imagem, claramente refletida, ser desenhada no sentido oposto, e, acima de nós, aparecia uma tropa idêntica, reproduzindo nossos movimentos e gestos, em tudo semelhantes, mas como se caminhássemos de ponta-cabeça, com os pés para o alto.

Outro efeito a considerar era a passagem de nuvens densas que se formavam e desapareciam rapidamente; mas, refletindo, entendi que essas pretensas nuvens eram fruto da espessura variável das longas ondas submarinas, e percebi inclusive os “carneiros” espumosos que se multiplicavam nas águas por meio da rebentação das cristas. Avistei também a sombra das grandes aves que passavam sobre nossas cabeças e resvalavam sutilmente na superfície do mar.

Nessa ocasião, testemunhei um dos melhores tiros de fuzil que já tenha feito estremecer as fibras de um caçador. Um grande pássaro, de grande envergadura e claramente visível, aproximava-se planando. O companheiro do capitão Nemo apontou a arma para

sua cabeça e atirou, quando estava apenas a alguns metros acima da linha d’água. O animal caiu morto, e sua queda levou-o diretamente ao alcance do hábil caçador, que se apoderou dele. Era um albatroz da mais bela espécie, admirável espécime das aves pelágicas.

Nossa caminhada não foi interrompida por esse incidente. Durante duas horas, seguimos ora por planícies arenosas, ora por pradarias de algas que eram muito difíceis de atravessar. Francamente, eu já não aguentava mais, quando avistei uma luz vaga que rompia a escuridão das águas a 800 metros de distância. Era o fanal do *Nautilus*. Em menos de 20 minutos, precisaríamos estar a bordo, e então eu respiraria confortavelmente, porque tinha a sensação de que meu reservatório estava fornecendo um ar muito pobre em oxigênio. Mas eu não contava com um encontro que retardaria nossa chegada.

Eu tinha ficado uns 20 passos atrás, quando vi o capitão Nemo voltar-se bruscamente em minha direção. Com suas mãos fortes, ele me atirou ao chão, enquanto seu companheiro fazia o mesmo com Conseil. Em um primeiro momento, fiquei sem saber o que pensar daquele ataque repentino, mas me tranquilizei ao perceber que o capitão Nemo se deitara a meu lado e permanecia imóvel.

Eu estava, portanto, deitado no chão, e precisamente abrigado em um matagal de algas, quando, levantando a cabeça, vi enormes vultos passarem fazendo um enorme ruído e lançando luzes fosforescentes.

Meu sangue congelou em minhas veias! Avistei

grandes esqualos que nos ameaçavam. Era um par de tintureiras, tubarões terríveis com enormes caudas, com olhares maçantes e vidrados, que destilavam uma matéria fosforescente através dos orifícios do focinho. Besouros monstruosos que moem um homem inteiro com suas mandíbulas de ferro! Não sei se Conseil estava ocupado em classificá-los, mas eu, particularmente, observava seu ventre prateado, sua boca formidável toda eriçada de dentes, de um ponto de vista pouco científico, e mais como uma vítima que como um naturalista.

Muito felizmente, esses animais vorazes enxergam mal. Eles passaram sem perceber nossa presença, roçando-nos com suas barbatanas acastanhadas, e escapamos, como por milagre, desse perigo certamente maior que o encontro com um tigre no meio da floresta.

Meia hora depois, guiados pelo rastilho elétrico, chegamos ao *Nautilus*. A porta exterior ficou aberta, e o capitão Nemo fechou-a assim que entramos na primeira cela. Em seguida, ele apertou um botão. Ouvi as bombas serem manobradas no interior da embarcação e senti o volume de água baixar à minha volta. Em poucos instantes, a célula ficou completamente vazia. Depois, a porta interior se abriu e passamos para o vestiário.

Lá, nossos escafandros foram retirados, não sem dificuldade, e, extenuado, caindo de fome e de sono, voltei para meu quarto, maravilhado com aquela surpreendente excursão ao fundo do mar.

Quatro mil léguas sob o Pacífico

Na manhã seguinte, 18 de novembro, eu estava perfeitamente recuperado do cansaço do dia anterior, e subi até a plataforma, no momento em que o imediato do *Nautilus* pronunciava sua frase diária. Ocorreu-me, então, que aquela frase estava relacionada com o estado do mar, ou melhor, que ela significava: “não temos nada à vista”.

E, de fato, o oceano estava deserto. Nem uma vela no horizonte. A Ilha Crespo tinha desaparecido durante a noite. O mar, absorvendo as cores do prisma, exceto os raios azuis, as refletia para todas as direções e se cobria de uma admirável tonalidade de anil. Um chamalote de grandes linhas se desenhava com regularidade sobre as ondas.

Eu admirava esse aspecto magnífico do oceano quando o capitão Nemo apareceu. Ele não pareceu notar minha presença e começou uma série de observações astronômicas. Quando a operação terminou, foi se debruçar sobre a gaiola do fanal, e

seu olhar se perdeu a contemplar a superfície do oceano.

Enquanto isso, cerca de 20 marinheiros do *Nautilus*, todos vigorosos e bem espadaúdos, tinham subido à plataforma. Eles vinham remover as redes que haviam sido atiradas ao mar durante a noite. Obviamente, aqueles marinheiros pertenciam a diferentes nações, embora o tipo europeu fosse comum a todos. Reconheci, sem engano, irlandeses, franceses, alguns eslavos e um grego ou candiota[16]. Aqueles homens eram sóbrios com as palavras, e usavam entre eles apenas o estranho idioma cuja origem eu era incapaz de reconhecer. Logo, tive de renunciar à possibilidade de interrogá-los.

As redes foram trazidas a bordo. Eram uma espécie de redes de arrasto, semelhantes às da costa da Normandia, grandes bolsos que uma verga flutuante e uma corrente trançada nas malhas inferiores mantêm semiabertas. Esses bolsos, assim arrastados em suas aletas de ferro, varriam o fundo do oceano e recolhiam todos os seus produtos durante sua passagem. Naquele dia, eles pegaram curiosos exemplos de peixes daquelas paragens, lófios, cujos movimentos engraçados deram-lhes o apelido de histriões; comersões negros dotados de antenas; balistas ondulados cingidos por faixas vermelhas; peixes-balão, cujo veneno é extremamente sutil; algumas lampreias oliváceas; macrorrincos revestidos de escamas prateadas; triquiúros cuja potência elétrica é equivalente à do gimnoto e da raia-elétrica; notópteros escamosos com faixas marrons transversais; gadiformes esverdeados; diversas variedades de

cabozes; e, finalmente, alguns peixes de proporções maiores, como um carangídeo de cabeça proeminente e um metro de comprimento; várias escômbridas pintalgadas, azuis e prateadas; e três magníficos atuns cuja velocidade não tinha sido suficiente para salvá-los da rede.

Estimo que a rede tenha capturado quase 500 quilos em peixes. Era uma boa pesca, mas nada surpreendente. Na verdade, essas redes ficam flutuando no mar durante várias horas e capturam em sua prisão de fios todo um mundo aquático. Teríamos, então, provisões de excelente qualidade, que a velocidade do *Nautilus* e a atração de sua luz elétrica podiam renovar constantemente.

Esses diversos produtos do mar foram imediatamente transferidos para as despensas por meio do alçapão. Alguns para serem consumidos frescos e outros para serem defumados.

Terminada a pesca e renovada a provisão de ar, pensei que o *Nautilus* retomaria sua excursão submarina, e, quando me preparava para voltar a meu quarto, o capitão Nemo disse-me sem preâmbulos:

– Olhe para este oceano, professor, ele não é dotado de vida real? Ele não tem suas iras e sua ternura? Ontem, ele adormeceu como nós, e veja como agora está acordando depois de uma noite tranquila!

Nem um bom-dia, nem um boa-noite! Não seria possível dizer que aquele estranho personagem continuava uma conversa que já tinha começado?

– Veja – ele prosseguiu –, ele está despertando sob as carícias do sol! Vai reviver sua existência diária! É um estudo interessante acompanhar como seu organismo funciona. Ele tem pulso, artérias, espasmos, e concordo com o cientista Maury, que descobriu nele uma circulação tão real quanto a circulação sanguínea dos animais.

É certo que o capitão Nemo não esperava nenhuma resposta minha, e me pareceu inútil dizer-lhe um "Evidentemente", um "Com certeza" ou um "O senhor tem razão". Na verdade, ele estava pensando alto, fazendo longas pausas entre as frases. Era uma espécie de meditação em voz alta.

– Sim – ele disse. – O oceano tem uma verdadeira circulação, e, para provocá-la, bastou ao Criador de todas as coisas multiplicar nele o calórico, o sal e os animálculos. O calórico, com efeito, cria densidades diferentes, que geram correntes e contracorrentes. A evaporação, inexistente nas regiões hiperbóreas e muito ativa nas zonas equatoriais, constitui uma troca permanente de águas tropicais e polares. Além disso, surpreendi essas correntes ascensionais e descensionais que formam a verdadeira respiração do oceano. Vi a molécula de água do mar, aquecida na superfície, descer na direção das profundezas, alcançar sua densidade máxima a 2° abaixo de zero, e então, esfriando novamente, tornar-se mais leve e subir. O senhor verá, nos polos, as consequências desse fenômeno e entenderá por que, por essa lei visionária da natureza, o congelamento só é produzido na superfície das águas!

Enquanto o capitão Nemo terminava sua frase, pensei:

"O polo! Será que aquele audacioso personagem pretendia nos conduzir até lá?!".

Nesse ínterim, o capitão havia ficado em silêncio e olhava para aquele elemento que ele tão completa e incessantemente estudou. Em seguida, prosseguiu:

– Os sais estão em quantidade considerável no mar, professor, e se o senhor removesse todos os sais que ele contém em dissolução, faria uma massa de 18 milhões de quilômetros cúbicos, que, espalhada pelo globo, formaria uma camada de mais de 10 metros de altura. E não pense que a presença desses sais se deve apenas a um capricho da natureza. Não. Eles tornam as águas marinhas menos evaporáveis e impedem que os ventos removam demasiado vapor delas. Se isso acontecesse, eles submergiriam as zonas temperadas. Ou seja, eles têm um papel enorme, papel de regulador da economia global!

O capitão Nemo parou, levantou-se, deu alguns passos sobre a plataforma e voltou-se novamente para mim:

– Quanto aos infusórios – continuou –, quanto a esses bilhões de animálculos que existem aos milhões em uma gotícula e dos quais são precisos 800 mil para chegar a um miligrama, seu papel não é menos importante. Eles absorvem os sais marinhos, assimilam os elementos sólidos da água e, como verdadeiros fazedores de continentes calcários, fabricam corais e madréporas! E, então, a gota de água, privada de seu alimento mineral, se torna mais leve, sobe à superfície, absorve os sais abandonados pela evaporação, torna-se mais pesada, desce novamente e traz de volta aos animálculos novos elementos a serem

absorvidos. A partir daí, forma-se uma corrente dupla, ascendente e descendente, e sempre o movimento, sempre a vida! A vida, mais intensa que nos continentes, mais exuberante, mais infinita, florescendo em todas as partes deste oceano, elemento de morte para o homem, dizem, elemento vital para miríades de animais – e para mim!

Quando o capitão Nemo falava disso, ele se transfigurava e causava em mim uma emoção extraordinária.

– Então – acrescentou –, esta é a verdadeira existência! E eu projetaria a fundação de cidades náuticas, de aglomerações de casas submarinas, que, como o *Nautilus*, retornariam todas as manhãs à superfície para respirar, cidades livres, e, por que não, cidades independentes! Além disso, quem sabe se algum déspota...

O capitão Nemo concluiu a frase com um gesto violento. Então, dirigindo-se diretamente a mim, como se quisesse afastar um pensamento fatal:

– Professor Aronnax, o senhor sabe qual é a profundidade do oceano?

– Eu sei, pelo menos, capitão, o que as principais sondagens nos informaram.

– O senhor poderia citá-las para que eu possa retificá-las, se necessário?

– Vou mencionar algumas que memorizei – respondi. – Se não me engano, foi encontrada uma profundidade

média de 8.200 metros no Atlântico norte e de 2.500 metros no Mediterrâneo. As sondagens mais relevantes foram feitas no Atlântico sul, perto do 35º grau, e indicaram 12 mil metros, 14.091 metros e 15.149 metros. Em suma, estima-se que se o fundo do mar fosse plano, sua profundidade média seria de aproximadamente 7 quilômetros.

– Bem, professor – respondeu o capitão Nemo –, acredito que possamos lhe mostrar mais que isso. Quanto à profundidade média desta parte do Pacífico, afirmo que ela é de apenas 4 mil metros.

Dito isso, o capitão Nemo se dirigiu ao alçapão e desapareceu pela escada. Segui-o e voltei ao grande salão. A hélice começou a se mover imediatamente e a barquilha indicava uma velocidade de 20 milhas por hora.

Durante os dias e as semanas que passaram, o capitão Nemo foi bastante econômico em suas visitas. Só o vi em raros intervalos. O imediato fazia regularmente as observações que eu encontrava indicadas no mapa, de modo que eu podia localizar a rota exata do *Nautilus*.

Conseil e Ned Land passavam longas horas comigo. Conseil havia contado a seu amigo as maravilhas de nosso passeio, e o canadense lamentou não nos ter acompanhado. Mas eu esperava a oportunidade de visitar novamente as florestas oceânicas.

Quase todos os dias, durante algumas horas, as escotilhas do salão se abriam e nossos olhos não se cansavam de penetrar os mistérios do mundo submarino.

A direção geral do *Nautilus* estava a sudeste, e se mantinha entre 100 e 150 metros de profundidade. Um dia, porém, por algum capricho, navegando diagonalmente por meio de seus planos inclinados, ele alcançou as camadas de água situadas a 2 mil metros. O termômetro indicava uma temperatura de 4,25° C que, sob essa profundidade, parece ser comum em todas as latitudes.

No dia 26 de novembro, às 3 horas da manhã, o *Nautilus* cruzou o Trópico de Câncer a 172° de longitude. No dia 27, passou ao largo das Sandwich, onde o ilustre Cook havia encontrado a morte em 14 de fevereiro de 1779. Havíamos percorrido, então, 4.860 léguas desde nosso ponto de partida. De manhã, quando cheguei à plataforma, avistei, a 2 milhas sob o vento, a Havaí, a maior das sete ilhas que compõem o arquipélago. Distingui claramente sua orla arborizada, as diversas cadeias montanhosas que contornam a costa e seus vulcões dominados pelo Mauna Kea, que se elevavam 5 mil metros acima do nível do mar. Entre outras amostras daquelas paragens, as redes capturaram flabelárias pavônicas, pólipos comprimidos de forma graciosa, que são peculiares dessa parte do oceano.

A direção do *Nautilus* permanecia a sudeste. Ele cortou o Equador em 1º de dezembro, a 142° de longitude, e, no dia 4 do mesmo mês, depois de uma rápida travessia sem incidentes, avistamos o arquipélago das Ilhas Marquesas. A 3 milhas, a 8° 57’ de latitude sul e 139° 32’ de longitude oeste, era possível ver a ponta Martim, de Nuku Hiva, a principal desse grupo que pertence à França. Só vi as montanhas arborizadas que

se desenhavam no horizonte, pois o capitão Nemo não gostava de se aproximar das terras. Ali, as redes trouxeram belos espécimes de peixes, como corifenídeos de barbatanas azuladas e cauda dourada, cuja carne é incomparável, hologymnosus quase desprovidos de escamas, mas de um sabor requintado, ostorhinchus com mandíbula óssea, barracudas amareladas, equivalentes ao bonito, todos peixes dignos de serem classificados pelo chefe de cozinha a bordo.

Depois de deixarmos aquelas encantadoras ilhas protegidas pela bandeira francesa, entre os dias 4 e 11 de dezembro, o *Nautilus* percorreu cerca de 2 mil milhas. Essa navegação foi marcada pelo encontro de um imenso grupo de lulas, moluscos curiosos, muito semelhantes às sibas. Os pescadores franceses os batizaram de *encornets*, e eles pertencem à classe dos cefalópodes e à família de dibranquiais, que inclui as sibas e os argonautas. Esses animais foram particularmente estudados pelos naturalistas da antiguidade, e forneceram muitas metáforas para os oradores da ágora, bem como um excelente prato à mesa dos ricos cidadãos, se acreditarmos em Ateneu, médico grego que viveu antes de Galeno.

Foi durante a noite de 9 para 10 de dezembro que o *Nautilus* encontrou esse exército de moluscos, que são particularmente noturnos. Podíamos contá-los aos milhões. Eles emigravam das zonas temperadas para as zonas mais quentes, seguindo a rota dos arenques e das sardinhas. Nós os observávamos através das grossas vidraças, nadando para trás com extrema rapidez, movendo-se por meio de seu tubo locomotor,

perseguindo os peixes e os moluscos, comendo os pequenos, sendo comidos pelos grandes, e agitando em uma confusão indescritível os dez pés que a natureza implantou em suas cabeças, como um cabelo de serpentes pneumáticas. O *Nautilus*, apesar de sua velocidade, navegou por várias horas no meio dessa trupe de animais, e suas redes trouxeram uma quantidade inumerável deles, no meio dos quais reconheci as nove espécies que D'Orbigny havia classificado no Oceano Pacífico.

Durante a travessia, pudemos testemunhar os espetáculos mais maravilhosos que o mar nos apresentava de forma incessante. E eles eram infinitamente variados. O mar mudava seu cenário e sua encenação para deleite de nossos olhos, e éramos convidados não só a contemplar as obras do Criador naquele meio líquido, mas também a penetrar os mistérios mais formidáveis do oceano.

No dia 11 de dezembro, eu estava ocupado lendo no grande salão. Ned Land e Conseil observavam as águas luminosas através das escotilhas entreabertas. O *Nautilus* estava imóvel. Com seus reservatórios cheios, mantinha-se a uma profundidade de mil metros, uma parte pouco habitada dos oceanos, em que os grandes peixes faziam raras aparições sozinhos.

Naquele momento, eu lia um livro encantador de Jean Macé, *Os servidores do estômago*, e saboreava suas lições engenhosas, quando Conseil interrompeu minha leitura.

– O cavalheiro poderia me acompanhar por um instante? – perguntou-me com uma voz singular.

– O que houve, Conseil?

– O cavalheiro veja por ele mesmo.

Levantei-me, fui me apoiar na vidraça e olhei.

Em meio à luz elétrica, uma enorme massa negra, imóvel, permanecia em suspensão dentro d'água. Eu a observava atentamente, procurando reconhecer a natureza daquele gigantesco cetáceo. Mas um pensamento atravessou subitamente a minha mente.

– Um navio! – gritei.

–Sim – respondeu o canadense –, um navio desamparado que foi a pique!

Ned Land tinha razão. Estávamos na presença de um navio cujos óvens cortados ainda pendiam de seus cadeados. O casco parecia estar em boas condições, e o naufrágio datava de algumas horas. Três tocos de mastros, danificados 70 centímetros acima do convés, indicavam que aquele navio, comprometido, tivera de sacrificar sua mastreação. Deitado de lado, porém, tinha sido invadido pela água e ainda dava os costados a bombordo. Era uma triste visão a daquela carcaça perdida sob as ondas, mas ainda mais triste a visão de seu convés, onde alguns cadáveres jaziam amarrados por cordas! Contei quatro – quatro homens, um dos quais permanecia em pé, no leme – e uma mulher com metade do corpo para fora da claraboia do tombadilho, segurando uma criança nos braços. Aquela mulher era jovem. Eu podia reconhecer, brilhantemente iluminados pelos faróis do *Nautilus*, os traços que a água ainda não tinha decomposto. Em um

esforço supremo, ela tinha levantado o filho acima da cabeça, pobre pequeno ser cujos braços abraçavam o pescoço da mãe! A expressão dos quatro marinheiros era assustadora, distorcidos que estavam em movimentos convulsivos e fazendo um último esforço para se libertar das cordas que os amarravam ao navio. Sozinho, mais calmo, com uma expressão clara e séria, os cabelos acinzentados colados à testa, a mão crispada na roda do leme, o timoneiro parecia ainda conduzir seu naufrágio de três mastros pelas profundezas do oceano!

Que cena! Estávamos mudos, com o coração disparado diante daquele naufrágio que acabara de acontecer, e, por assim dizer, fotografado em seu último minuto! E eu já podia ver, com os olhos em fogo, esqualos enormes avançarem, atraídos por aquela isca de carne humana!

Nesse meio-tempo, o *Nautilus*, evoluindo, desviou do navio afundado, e, por um momento, pude ler em seu quadro de popa:

Florida, Sunderland

Indivíduo que nasceu na ilha de Creta, na Grécia. O mesmo que cretense. (N. T.)

Vanikoro

Esse terrível espetáculo inaugurou a série de catástrofes marítimas que o *Nautilus* iria encontrar em seu caminho. Desde que começou a seguir por mares mais frequentados, víamos constantemente cascos naufragados que apodreciam entre duas águas, e, em águas mais profundas, canhões, projéteis, âncoras, correntes, e uma infinidade de outros objetos de ferro que a ferrugem devorava.

Enquanto isso, sempre levados por esse *Nautilus*, onde vivíamos completamente isolados, no dia 11 de dezembro avistamos o arquipélago Pomotu, antigo "grupo perigoso" de Bougainville, que se estende ao longo de um espaço de 500 léguas de lés-sudeste a oés-nordeste, entre 13° 30' e 23° 50' de latitude sul, e 125° 30' e 151° 30' de longitude oeste, da Ilha Ducie até a Ilha Lazareff. Esse arquipélago ocupa uma área de 370 léguas quadradas, e é formado por cerca de 60 grupos de ilhas, entre as quais se destaca o grupo Gambier, ao qual a França impôs seu protetorado. Essas ilhas são coralígenas. Um levante lento, mas contínuo, causado pelo trabalho dos pólipos, acabará um dia por ligá-las umas às outras. Então, essa nova

ilha se unirá mais tarde com os arquipélagos vizinhos, e um quinto continente se estenderá desde a Nova Zelândia e a Nova Caledônia até as Marquesas.

No dia em que apresentei essa teoria para o capitão Nemo, ele respondeu friamente:

– A Terra não precisa de novos continentes, mas de novos homens!

Os acasos da navegação conduziram o *Nautilus* precisamente na direção da Ilha Clermont-Tonnerre, uma das mais curiosas do grupo, descoberta em 1822 pelo capitão Bell, do *La Minerve*. Pude, então, estudar esse sistema madrepórico responsável pela formação das ilhas daquele oceano.

As madréporas, que não devem ser confundidas com corais, são revestidas de uma crosta de calcário, e as mudanças em sua estrutura levaram meu ilustre mestre, o senhor Milne-Edwards, a classificá-las em cinco seções. Os pequenos animálculos que secretam esse pólipo vivem aos bilhões no fundo dessas células. São seus depósitos de calcário que se transformam em rochas, recifes, ilhotas e ilhas. Em alguns pontos, eles formam um anel circular em torno de uma laguna ou de um pequeno lago interno, que as fissuras colocam em comunicação com o mar. Em outros, apresentam barreiras de recifes semelhantes às encontradas nas costas da Nova Caledônia e das diversas Ilhas Pomotu. Em outros lugares ainda, como a Ilha da Reunião e as Ilhas Maurício, eles elevam recifes de franjados e íngremes muralhas perto das quais as profundezas do oceano são consideráveis.

Ao costear os açores da Ilha Clermont-Tonnerre, a poucas centenas de metros de distância, pude admirar o gigantesco trabalho feito por esses trabalhadores microscópicos. As muralhas eram especialmente fruto do trabalho dos madreporários designados pelos nomes de miléporas, poritos, astreias e meandrinas. Esses pólipos se desenvolvem particularmente nas camadas mais turbulentas da superfície do mar, e, portanto, essas substruções começam pela parte superior e, aos poucos, afundam com os escombros de secreções que as sustentam. Ao menos é essa a teoria do senhor Darwin, que explica a formação dos atóis – uma teoria superior, na minha opinião, à que sugere como base para os trabalhos madrepóricos dos cumes das montanhas ou dos vulcões imersos poucos metros abaixo do nível do mar.

Pude observar essas curiosas muralhas de muito perto, porque, verticalmente, a sonda tinha mais de 300 metros de profundidade, e nossas emanações elétricas faziam aquele brilhante calcário faiscar.

Em resposta a uma pergunta que me foi feita por Conseil, relativa ao período de tempo que essas colossais barreiras tinham levado para crescer, surpreendi-o muito ao responder que os cientistas estimavam que esse aumento fosse de 3 milímetros por século.

– Então, para erguer essas muralhas – disse-me –, foram necessários?...

– Cento e noventa e dois mil anos, meu caro Conseil, o que prolonga singularmente os dias bíblicos. Além disso, a formação do carvão, isto é, a mineralização

das florestas afundadas pelos dilúvios, exigiu um tempo muito maior. Mas eu acrescentaria que os dias da Bíblia são apenas épocas, e não o intervalo entre duas alvoradas, pois, de acordo com a própria Bíblia, o sol não data do primeiro dia da criação.

Assim que o *Nautilus* retornou à superfície do oceano, pude contemplar em todo o seu desenvolvimento a Ilha Clermont-Tonnerre, baixa e arborizada. Suas rochas madrepóricas foram obviamente fertilizadas por trombas d'água e tempestades. Um dia, alguma semente, levada pelo furacão às terras vizinhas, caiu sobre as camadas calcárias misturadas com detritos decompostos de peixes e plantas marinhas que formaram o húmus vegetal. Um coco, carregado pelas ondas, chegou a essa nova costa. O germe ganhou raízes. A árvore, ao crescer, reteve o vapor de água. O riacho nasceu. A vegetação cresceu gradualmente. Alguns animálculos, vermes e insetos chegaram em troncos arrancados das ilhas pelo vento. As tartarugas vieram pôr seus ovos. Os pássaros aninharam-se nas árvores jovens. Dessa forma, a vida animal se desenvolveu, e, atraído pela vegetação e pela fertilidade, o homem apareceu. Assim essas ilhas se formaram, imensas obras de animais microscópicos.

Ao anoitecer, Clermont-Tonnerre se fundiu com a paisagem, e a rota do *Nautilus* mudou sensivelmente. Depois de atingir o Trópico de Capricórnio a 135° de longitude, ele se dirigiu para oés-noroeste, percorrendo toda a zona intertropical. Embora o sol do verão estivesse radiante, não sofríamos com o calor, porque a 30 ou 40 metros abaixo da água, a temperatura não era superior a 10° ou 12°.

No dia 15 de dezembro, deixávamos no leste o sedutor arquipélago da Sociedade e a graciosa Taiti, a rainha do Pacífico. Naquela manhã, avistei a algumas milhas sob o vento os altos picos dessa ilha. Suas águas forneceram às mesas a bordo excelentes peixes, cavalas, bonitos, albacoras e variedades de uma serpente marinha chamada munerofe.

O *Nautilus* tinha atravessado, então, 8 mil milhas. Nove mil, setecentas e vinte milhas foram assinaladas pela barquilha quando ele passou entre o arquipélago Tongatapu, onde as tripulações do *Argo*, do *Port-au-Prince* e do *Duke of Portland* pereceram, e o arquipélago dos Navegadores, onde o capitão de Langle, amigo de La Pérouse, foi morto. Em seguida, ele passou pelo arquipélago Viti, onde os selvagens massacraram os marinheiros do *Union* e o capitão Bureau, de Nantes, comandante do *Aimable Joséphine*.

Esse arquipélago, que se estende por 100 léguas de norte a sul e 90 léguas de leste a oeste, está entre 6° e 2° de latitude sul, e 174° e 179° de longitude oeste. Ele é constituído de várias ilhas, ilhotas e escolhos, incluindo as ilhas Viti Levu, Vanua Levu e Kandabon.

Foi Tasman quem descobriu essas ilhas em 1643, no mesmo ano em que Torricelli inventou o barômetro e Luís XIV subiu ao trono. Deixo ao leitor a decisão de qual desses fatos foi mais útil para a humanidade. Em seguida, vieram Cook em 1714, D’Entrecasteaux, em 1793, e finalmente Dumont d’Urville, em 1827, que organizou todo o caos geográfico desse arquipélago. O *Nautilus* se aproximou da baía de Wailea, cenário das terríveis aventuras do capitão Dillon, o primeiro a desvendar o mistério do naufrágio de La Pérouse.

Essa baía, dragada diversas vezes, oferece excelentes ostras em quantidade abundante. Comemos ostras sem moderação, depois de as termos aberto diretamente sobre nossa mesa, seguindo o preceito de Sêneca. Esses moluscos pertenciam à espécie conhecida como *ostrea lamellosa*, muito comum na Córsega. Esse viveiro de Wailea deveria ser considerável, e, certamente, sem as múltiplas causas de destruição, essas aglomerações acabariam por encher as baías, uma vez que existem até 2 milhões de ovos em um único indivíduo.

E se o mestre Ned Land não se arrependeu de sua gula nessa ocasião, é porque a ostra é o único prato que nunca causa indigestão. Com efeito, são necessárias nada menos que 16 dúzias desses moluscos acéfalos para fornecer os 315 gramas de substância azotada necessários para a alimentação diária de um único homem.

No dia 25 de dezembro, o *Nautilus* navegou pelo arquipélago das Novas Hébridas, que Quiros descobriu em 1606, Bougainville explorou em 1768, e que Cook batizou com seu atual nome em 1773. Esse grupo é composto de nove principais grandes ilhas, e forma uma faixa de 120 léguas de nor-noroeste a sul-sudeste, compreendida entre 15° e 2° de latitude sul, e entre 164° e 168° de longitude. Passamos muito perto da ilha de Auru, que, no momento das observações do meio-dia, parecia uma massa de bosques verdes, dominada por um pico de grande altitude.

Era dia de Natal, e Ned Land parecia profundamente nostálgico da celebração do “Christmas”, autêntica festa familiar pela qual os protestantes são fanáticos.

Não via o capitão Nemo havia oito dias, quando, na manhã do dia 27, ele entrou no grande salão com aquele ar de quem havia se despedido há cinco minutos. Eu estava ocupado tentando localizar no planisfério a rota *Nautilus* quando capitão se aproximou, pôs o dedo num ponto do mapa e pronunciou esta palavra:

– Vanikoro.

Esse nome era mágico. Era o nome das ilhotas em que as embarcações de La Pérouse tinham se perdido. Levantei-me subitamente.

– O *Nautilus* está nos levando para Vanikoro? – perguntei.

– Sim, professor.

– E poderei visitar as famosas ilhas onde o *Bussole* e o *Astrolabe* se destroçaram?

– Se assim o desejar, professor.

– Quando chegaremos a Vanikoro?

– Já chegamos, professor.

Seguido pelo capitão Nemo, subi à plataforma e meus olhos percorreram avidamente o horizonte.

A nordeste emergiram duas ilhas vulcânicas de tamanho desigual, cercadas por um recife de corais com 64 quilômetros de extensão. Estávamos diante da Ilha de Vanikoro propriamente dita, à qual Dumont d’Urville impôs o nome de Ilha da Recherche, e, em

termos mais exatos, em frente à pequena enseada de Vanu, localizada a 16° 4’ de latitude sul, e 164° 32’ de longitude leste. A terra parecia coberta de vegetação desde a praia até os picos do interior, dominados pelo monte Kapogo, com 928 metros de altura.

O *Nautilus*, depois de cruzar o cinturão externo de rochas por uma passagem estreita, chegou ao interior dos abrolhos, onde o mar tinha uma profundidade entre 60 e 90 metros. Sob a verdejante sombra dos manguezais, avistei alguns selvagens que pareciam extremamente surpresos com nossa aproximação. Não teriam eles visto naquele longo corpo negro, avançando na beira da água, algum cetáceo formidável de que deviam desconfiar?

Naquele momento, o capitão Nemo perguntou-me o que eu sabia sobre o naufrágio de La Pérouse.

– O que todos sabem, capitão – respondi.

– E o senhor poderia me contar o que todos sabem sobre isso? – perguntou-me num tom um tanto irônico.

– Muito facilmente.

Contei-lhe o que os últimos trabalhos de Dumont d’Urville tinham revelado, trabalhos cujo sucinto resumo narro a seguir.

La Pérouse e seu imediato, o capitão De Langle, foram convocados por Luís XVI, em 1785, para realizar uma viagem de circum-navegação. Eles partiram nas corvetas *Bussole* e *Astrolabe*, que nunca mais

reapareceram.

Em 1791, o governo francês, preocupado com o destino das duas corvetas, armou duas grandes embarcações, *Recherche* e *Espérance*, que partiram de Brest em 28 de setembro, sob as ordens de Bruni d'Entrecasteaux. Dois meses depois, soubemos pelo testemunho de certo Bowen, comandante do *Albermale*, que destroços de navios naufragados tinham sido vistos na costa da Nova Geórgia. Mas D'Entrecasteaux, alheio a essa informação – aliás bastante incerta –, seguiu para as Ilhas do Almirantado, apontadas em um relatório do capitão Hunter como local do naufrágio de La Pérouse.

Suas pesquisas foram em vão. O *Espérance* e o *Recherche* passaram diante de Vanikoro sem parar ali, e, em suma, aquela foi uma infeliz viagem, pois custou a vida de D'Entrecasteaux, de seus dois imediatos e de vários marinheiros de sua tripulação.

Foi uma velha raposa do Pacífico, o capitão Dillon, quem primeiro encontrou vestígios indiscutíveis dos náufragos. Em 15 de maio de 1824, seu navio, o *Saint-Patrick*, passou perto da Ilha de Tikopia, uma das Novas Hébridas. Na ocasião, um valentão, tendo se aproximado em uma piroga, vendeu-lhe um punho de espada de prata que trazia caracteres gravados com um buril. Ele também afirmou que, seis anos antes, durante uma visita a Vanikoro, vira dois europeus remanescentes dos navios que tinham submergido havia muitos anos nos recifes da ilha.

Dillon desconfiou que eram os navios de La Pérouse, cujo desaparecimento tinha comovido o mundo

inteiro. Ele tentou chegar a Vanikoro, onde, de acordo com o valentão, havia muitos detritos do naufrágio; mas os ventos e as correntes o impediram de fazê-lo.

Dillon voltou para Calcutá. Lá, conseguiu atrair o interesse da sociedade asiática e da Companhia das Índias por sua descoberta. Um navio, batizado com o nome de *Recherche*, foi colocado à sua disposição, e ele partiu, em 23 de janeiro de 1827, acompanhado por um agente francês.

O *Recherche*, depois de ter feito escala em diferentes pontos do Pacífico, ancorou em Vanikoro em 7 de julho de 1827, na mesma enseada de Vanu, onde o *Nautilus* flutuava naquele momento.

Lá, coletou numerosos restos do naufrágio, como utensílios de ferro, âncoras, estropos de polias, morteiros, um projétil de 18 libras, detritos de instrumentos astronômicos, uma peça de coroação e um sino de bronze com a seguinte inscrição: *fabricado por Bazin*, marca da fundição do Arsenal de Brest por volta de 1785. Por conseguinte, era impossível duvidar.

Dillon, a fim de completar suas pesquisas, permaneceu no local do desastre até outubro. Em seguida, deixou Vanikoro e rumou para a Nova Zelândia, ancorou em Calcutá no dia 7 de abril de 1828 e retornou para a França, onde foi recebido de maneira efusiva por Charles X.

Mas, nesse meio-tempo, Dumont d'Urville, sem tomar conhecimento da empreitada de Dillon, já tinha partido para outras paragens em busca do cenário do

naufrágio. E, de fato, soube-se por relatos de um baleeiro que algumas medalhas e uma cruz de São Luís estavam nas mãos de nativos da Luisíada e da Nova Caledônia.

Dumont d'Urville, comandante do *Astrolabe*, havia, portanto, seguido mar afora, e, dois meses depois de Dillon ter deixado Vanikoro, ancorava diante de Hobart Town. Lá, tomou conhecimento dos resultados obtidos por Dillon, e soube também que certo James Hobbs, imediato do *Union*, de Calcutá, tendo aportado em uma ilha situada a 8° 18' de latitude sul e 156° 30' de longitude leste, havia notado que os nativos da região faziam uso de barras de ferro e de panos vermelhos.

Dumont d'Urville, bastante perplexo, e sem saber se devia acreditar nos relatos publicados por jornais pouco confiáveis, decidiu seguir os passos de Dillon.

Em 10 de fevereiro de 1828, o *Astrolabe* chegou a Tikopia, contratou como guia e intérprete um desertor radicado na ilha, seguiu para Vanikoro, onde chegou em 12 de fevereiro, costeou seus recifes até o dia 14 e, somente no dia 20, ancorou dentro da barreira, na enseada de Vanu.

No dia 23, vários oficiais circularam pela ilha e trouxeram pequenos destroços sem importância. Os nativos, adotando um sistema de negativas e estratagemas, recusavam-se a levá-los ao lugar do desastre. Essa conduta, muito suspeita, fez acreditar que eles tinham maltratado os náufragos, quando, na verdade, eles pareciam temer que Dumont d'Urville tivesse vindo para vingar La Pérouse e seus

infortunados companheiros.

No entanto, no dia 26, aliciados com presentes e entendendo que não tinham de temer represálias, eles conduziram o imediato, senhor Jacquinot, até o cenário do naufrágio.

Lá, a 6 ou 7 metros de água, entre os recifes Pacu e Vanu, jaziam âncoras, canhões, objetos de ferro e de chumbo encastoados nas concreções calcárias. A chalupa e a baleeira do *Astrolabe* foram direcionadas para aquele local, e, não sem longos esforços, suas tripulações conseguiram remover uma âncora pesando 800 quilos, um canhão de 300 quilos de ferro fundido, uma peça de chumbo e dois morteiros de cobre.

Dumont d'Urville, ao interrogar os nativos, soube também que La Pérouse, depois de ter perdido seus dois navios nos recifes da ilha, havia construído um navio menor, para ir se perder uma segunda vez... Onde? Não se sabia.

O comandante do *Astrolabe* fez, então, construir um cenotáfio à sombra dos manguezais, em memória do célebre navegador e de seus companheiros. Tratava-se de uma simples pirâmide quadrangular, apoiada sobre uma base de corais, e em que nenhum metal que pudesse tentar a ganância dos nativos foi usado.

Então, Dumont d'Urville quis partir, mas sua tripulação fora minada pelas febres daquelas costas insalubres e ele mesmo, também muito doente, não pôde aparelhar antes de 17 de março.

O governo francês, temendo que Dumont d'Urville não

estivesse ciente do trabalho de Dillon, tinha enviado para Vanikoro a corveta *Bayonnaise*, comandada por Legoarant de Tromelin, que estava aportada na costa oeste da América. A *Bayonnaise* ancorou em Vanikoro alguns meses após a partida do *Astrolabe* e não encontrou nenhum documento novo, mas descobriu que os selvagens tinham respeitado o mausoléu de La Pérouse.

Eis a essência da história que contei ao capitão Nemo.

– Então – ele me disse –, ainda não se sabe onde esse terceiro navio, construído pelos náufragos na ilha de Vanikoro, pereceu?

– Não se sabe.

O capitão Nemo não disse nada e fez um sinal para que eu o acompanhasse até o grande salão. O *Nautilus* desceu alguns metros abaixo das ondas, e as escotilhas se abriram.

Eu me precipitei para a vidraça e, sob os engastes de corais, revestidos por fungos, sifônias, alcíones e cariofílicos, através das miríades de charmosos peixes, tais como girelas, tilápias, ponferídeos, diácopos e holocentros, reconheci certos detritos que as dragas não tinham sido capazes de rasgar, como estribos de ferro, âncoras, canhões, projéteis, uma cobertura de cabrestante, uma proa, todos objetos provenientes de navios naufragados e agora forrados com tapetes de flores vivas.

E enquanto eu observava aqueles destroços desolados, o capitão Nemo me disse com uma voz grave:

– Em 7 de dezembro de 1785, o comandante La Pérouse partiu com seus navios *Boussole* e *Astrolabe*. Ele atracou pela primeira vez em Botany Bay, visitou o arquipélago dos Amigos, a Nova Caledônia, seguiu na direção de Santa Cruz e aportou em Namuka, uma das ilhas do grupo Hapai. Depois, seus navios chegaram aos recifes desconhecidos de Vanikoro. O *Boussole*, que navegava na frente, encalhou na costa meridional. O *Astrolabe* veio em seu auxílio e também encalhou. O primeiro navio foi quase imediatamente destruído. O seguinte, encalhado a sotavento, resistiu por alguns dias. Os nativos acolheram muito bem os náufragos, que se estabeleceram na ilha e construíram um navio menor com os restos dos dois grandes. Alguns marinheiros permaneceram voluntariamente em Vanikoro. Os outros, enfraquecidos e doentes, partiram com La Pérouse. Eles seguiram na direção das Ilhas Salomão onde pereceram, na costa oeste da principal ilha do arquipélago, entre os cabos Decepção e Satisfação!

– E como sabe disso? – indaguei.

– Eis o que encontrei no local desse último naufrágio!

O capitão Nemo me mostrou uma caixa de latão gravada com as armas da França e corroída pelas águas salinas. Ele abriu-a e vi um chumaço de papéis amarelados, mas ainda legíveis.

Eram as instruções do ministro da Marinha para o comandante La Pérouse, anotadas à mão por Luís XVI!

– Ah! que bela morte para um marinheiro! – disse então o capitão Nemo. – Descansar em uma sepultura

de corais! Que os céus permitam que meus companheiros e eu tenhamos a mesma sorte!

O Estreito de Torres

Durante a noite de 27 para 28 de dezembro, o *Nautilus* abandonou a área de Vanikoro com uma velocidade excessiva. Ele seguiu na direção sudoeste, e, em três dias, atravessou as 750 léguas que separam o arquipélago de La Pérouse da ponta sudeste da Papua.

No dia 1º de janeiro de 1868, ao amanhecer, Conseil se juntou a mim na plataforma.

– Senhor – disse o valente rapaz –, me permite desejar-lhe um feliz ano-novo?

– Mas é claro que sim, Conseil, exatamente como se eu estivesse em Paris, no meu gabinete do Jardin des Plantes. Aceito seus votos e agradeço. No entanto, gostaria de saber o que você entende por “feliz ano-novo” nas circunstâncias em que nos encontramos. Será um novo ano que trará o fim de nossa prisão, ou um novo ano que verá esta estranha viagem continuar?

– Juro que não sei o que dizer ao senhor – respondeu Conseil. – É certo que vemos coisas curiosas, e que,

depois de dois meses, ainda não tivemos tempo para nos entediar. A última maravilha é sempre a mais surpreendente, e se essa progressão continuar, não sei como isso vai acabar. Acredito que nunca mais teremos outra oportunidade como esta.

– Nunca, Conseil.

– Além disso, o senhor Nemo, que justifica bem seu nome latino, não incomoda mais que se não existisse.

– Estou de acordo, Conseil.

– Então, acho, com todo o respeito ao cavalheiro, que um bom ano seria um ano que nos permitisse ver tudo...

– Ver tudo, Conseil? Isso seria longo demais. Mas o que pensa Ned Land?

– Ned Land pensa exatamente o contrário de mim – respondeu Conseil. – É um espírito positivo e um estômago intransigente. Ver os peixes e comê-los não é suficiente para ele. A falta de vinho, pão e carne não convém a um digno saxão a quem os bifes são familiares, e a quem o *brandy* ou o gim, degustados com moderação, dificilmente assustam!

– Quanto a mim, Conseil, não é isso que me atormenta, e me sinto muito satisfeito com as refeições a bordo.

– Eu também – respondeu Conseil. – Por isso, penso em ficar, da mesma forma que mestre Land pensa em fugir. Então, se o ano que começa não for bom para

mim, será bom para ele, e vice-versa. Assim, haverá sempre alguém satisfeito. Enfim, para concluir, desejo ao cavalheiro o que lhe aprouver.

– Obrigado, Conseil. Só lhe pedirei para adiar as questões pendentes para mais tarde, e que as substitua temporariamente por um bom aperto de mãos. É tudo que tenho a oferecer agora.

– O cavalheiro nunca foi tão generoso – disse Conseil.

E, com isso, o bravo rapaz se retirou.

No dia 2 de janeiro, tínhamos percorrido 11.340 milhas, ou 5.250 léguas, desde nosso ponto de partida nos mares do Japão. Diante da espora do *Nautilus*, estendiam-se as perigosas paragens do mar de Coral, na costa nordeste da
Austrália. Nosso barco estava a alguns quilômetros da temida muralha onde os navios de Cook quase se perderam em 10 de junho de 1770. Esse navio que Cook comandava bateu contra um rochedo, mas não afundou, e foi graças a essa circunstância que o pedaço de coral, arrancado com o choque, permaneceu cravado no casco entreaberto.

Eu teria ficado extremamente feliz em visitar esse recife de 360 léguas, contra o qual o mar, sempre áspero, rompia com uma intensidade formidável e comparável ao ribombar do trovão. Mas, dessa vez, os planos inclinados do *Nautilus* nos levavam às profundezas, e não pude ver nada daquelas altas muralhas coralígenas. Tive de me contentar com as várias amostras de peixes trazidas por nossas redes. Notei, entre outras coisas, espécies de escômbridas tão

grandes como o atum, com as ilhargas azuladas e listrados com faixas transversais que desaparecem com a morte do animal. Esses peixes nos acompanhavam em cardumes e forneciam à nossa mesa uma carne extremamente delicada. Também foi capturado um grande número de esparídeos de meio decímetro de comprimento, cujo sabor lembra o do dourado, e peixes-voadores, verdadeiras andorinhas submarinas, que, nas noites escuras, iluminam alternadamente o ar e as águas com sua fosforescência. Entre os moluscos e zoófitos, encontrei nas tramas das redes várias espécies de alcionários, ouriços-do-mar, martelos, esporões, solários, ceritas e hialídeos. A flora era representada por belas algas flutuantes, laminárias e macrocistos impregnados com a mucilagem que transudava de seus poros, e entre os quais coletei uma admirável *Nemastoma geliniaroide*, que foi classificada entre as curiosidades naturais do museu.

No dia 4 de janeiro, dois dias depois de atravessarmos o mar de Coral, avistamos a costa da Papua. Na ocasião, o capitão Nemo informou que sua intenção era chegar ao Oceano Índico através do Estreito de Torres. Sua comunicação se limitou a isso. Ned ficou satisfeito ao perceber que a rota o aproximava dos mares europeus.

O Estreito de Torres é considerado perigoso não tanto pelos escolhos que o rodeiam, mas pelos selvagens que vivem em suas costas. Ele separa a grande Ilha Papua, também chamada de Nova Guiné, da Nova Holanda.

A Papua tem 400 léguas de comprimento por 130 léguas de largura, e uma área de 40 mil léguas geográficas. Está situada, em latitude, entre 0° 19’ e

10° 2’ sul, e, em longitude, entre 128° 23’ e 146° 15’. Ao meio-dia, enquanto o imediato calculava a altura do sol, avistei os picos dos montes Arfak, escalonados por planos e terminados em um cume pontiagudo.

Essa terra, descoberta em 1511 pelo português Francisco Serrano, foi visitada, sucessivamente, por dom José de Meneses em 1526, por Grijalva em 1527, pelo general espanhol Alvar de Saavedra em 1528, por Juigo Ortez em 1545, pelo holandês Shouten em 1616, por Nicolas Sruick em 1753, por Tasman, Dampier, Fumel, Carteret, Edwards, Bougainville, Cook, Forrest, Mac Cluer e D’Entrecasteaux em 1792, por Duperrey em 1823 e por Dumont d’Urville em 1827. “Este é o lar dos negros que ocupam toda a Malásia”, disse o senhor De Rienzi, e eu não fazia ideia de que os acasos dessa navegação nos levariam ao encontro dos temidos andamaneses.

O *Nautilus* então rumou na direção da entrada do mais perigoso estreito do globo, que os mais ousados navegadores não se atrevem a atravessar, um estreito que Louis Paz de Torres enfrentou em seu regresso dos mares do sul da Melanésia, e no qual, em 1840, as corvetas encalhadas de Dumont d’Urville estavam prestes a se perder completamente. Ainda assim, o *Nautilus*, superior a todos os perigos do mar, iria topar com aqueles recifes coralinos.

O Estreito de Torres tem cerca de 34 léguas de largura, mas é obstruído por um sem-número de ilhas, ilhotas, abrolhos e rochas que tornam sua navegação quase intransponível. Consequentemente, o capitão Nemo tomou todas as precauções necessárias para atravessá-lo. O *Nautilus*, flutuando na linha da

superfície, avançou em ritmo moderado. Sua hélice batia lentamente nas águas, como a cauda de um cetáceo.

Aproveitando-nos dessa situação, meus dois companheiros e eu tínhamos nos instalado na plataforma sempre deserta. A nossa frente, estava a redoma do timoneiro, e, se eu não estivesse enganado, era o capitão Nemo que estava lá dentro, conduzindo ele mesmo seu *Nautilus*.

Eu tinha sob meus olhos os excelentes mapas do Estreito de Torres estudados e elaborados pelo engenheiro hidrógrafo Vincendon Dumoulin e pelo alferes naval Coupvent-Desbois – agora almirante –, que faziam parte do estado-maior de Dumont d'Urville durante sua última viagem de circum-navegação. Assim como os do capitão King, esses são os melhores mapas que desvendam o imbróglio dessa passagem estreita, e eu os consultei com escrupulosa atenção.

À volta do *Nautilus*, o mar borbulhava furiosamente. A corrente marítima, que se movia do sudeste para o noroeste a uma velocidade de 2,5 milhas por hora, quebrava-se nos corais cujas cristas emergiam aqui e ali.

– Isso é o que chamo de um verdadeiro mar bravo! – disse Ned Land.

– Realmente, detestável – respondi –, e nada adequado para uma embarcação como o *Nautilus*.

– É fundamental que esse maldito capitão esteja certo de seu caminho – retomou o canadense –, pois avisto

barreiras de corais que deixariam seu casco em mil pedaços simplesmente encostando nele!

A situação era de fato perigosa, mas o *Nautilus* parecia deslizar como se por encanto no meio daqueles furiosos escolhos. Ele não seguia exatamente a rota do *Astrolabe* e do *Zélée*, que foram escolhas fatais para Dumont d'Urville. Seguiu mais para o norte, contornou a Ilha Murray, e retornou para sudoeste em direção à passagem de Cumberland. Por um momento, pensei que fôssemos colidir, quando, dirigindo-se para o nordeste, ele seguiu para a ilha Tound e para o Canal Mauvais, passando por um grande número de ilhas e ilhotas pouco conhecidas.

Eu já me perguntava se o capitão Nemo, cuja imprudência chegava às raias da loucura, tinha a intenção de conduzir seu navio na direção daquela passagem que havia danificado seriamente as duas corvetas de Dumont d'Urville, quando, mudando de direção uma segunda vez e cortando para oeste, ele se dirigiu para a Ilha de Gueboroar.

Eram então 3 horas da tarde. A rebentação estava fortíssima e a maré muito alta. O *Nautilus* se aproximou dessa ilha que ainda posso ver, com sua notável orla de pândanos. Estávamos a menos de duas milhas dela quando, de repente, um grande choque me derrubou. O *Nautilus* tinha acabado de abalroar um rochedo e permaneceu adernando ligeiramente a bombordo.

Quando me levantei, vi o capitão Nemo e seu imediato na plataforma. Eles examinavam a situação do navio, trocando algumas palavras em seu idioma

incompreensível.

A situação era a seguinte. Duas milhas a estibordo, surgia a ilha Gueboroar, cuja costa formava um arco de norte a oeste, como um imenso braço. Em direção ao sul e ao leste, já havia algumas cabeças de corais que a vazante deixava descobertas. Estávamos encalhados num daqueles mares onde as marés são medíocres, circunstâncias infelizes para a reflutuação do *Nautilus*. No entanto, a embarcação nada sofrera, graças à têmpera de seu casco. Mas, se não podia nem afundar nem rachar, era provável que ficasse para sempre preso àquelas rochas, o que seria o adeus ao submarino do capitão Nemo.

Eu pensava em tudo isso quando o capitão, frio e calmo, sempre seguro de si, não parecendo nem abalado nem contrariado, aproximou-se:

– Um acidente? – respondi.

– Não, um incidente – ele respondeu.

– Mas um incidente – retorqui – que talvez o obrigue a voltar a ser um habitante dessas terras que tanto o afugentam!

O capitão Nemo me olhou de um modo singular e fez um gesto negativo que indicava muito claramente que nada o obrigaria a voltar a pisar em um continente. Em seguida, disse:

– Senhor Aronnax, o *Nautilus* não está perdido. Ele ainda o levará a percorrer as maravilhas do oceano. Nossa viagem está apenas começando e não quero

privar-me tão rapidamente da honra de sua companhia.

– No entanto, capitão Nemo – retomei novamente, sem evidenciar a irônica aparência dessa frase –, o *Nautilus* encalhou com a maré alta. Ora, as marés não são fortes no Pacífico, e se o senhor não pode deslastrar o *Nautilus*, – o que me parece impossível, não vejo como ele será resgatado.

– As marés não são fortes no Pacífico, o senhor tem razão, professor – respondeu o capitão Nemo –, mas, no Estreito de Torres, ainda há uma diferença de um 1,5 metro entre o nível das altas e baixas marés. Hoje é 4 de janeiro, e em cinco dias teremos lua cheia. Ora, eu ficaria bastante surpreso se esse complacente satélite não levantasse suficientemente essas massas de água e não me prestasse um serviço que quero ficar devendo só a ele.

Dito isso, o capitão Nemo, seguido de seu imediato, retornou ao interior do *Nautilus*. Quanto ao submarino, ele já não se movia e permanecia imóvel, como se os pólipos coralinos já o tivessem engessado em seu cimento indestrutível.

– Ora! E então, senhor? – perguntou Ned Land, que veio ter comigo após a saída do capitão.

– Pois bem! Amigo Ned, vamos esperar calmamente pela maré do dia 9, pois parece que a lua terá a indulgência de nos devolver ao mar.

– Simples assim?

– Simples assim.

– E esse capitão não vai lançar suas âncoras ao largo, acionar seus motores e fazer tudo o que for preciso para se soltar?

– Como a maré será suficiente... – respondeu simplesmente Conseil.

O canadense olhou para Conseil e deu de ombros. Era o marinheiro que falava dentro dele.

– Senhor – respondeu ele –, pode acreditar em mim quando digo que este pedaço de ferro nunca mais navegará sobre ou sob os mares. Ele só serve para ser vendido por quilo. Sendo assim, acredito que chegou o momento de abdicar da companhia do capitão Nemo.

– Meu amigo Ned – respondi –, ao contrário de você, ainda não perdi as esperanças nesse valente *Nautilus*, e em quatro dias saberemos a que nos ater em relação às marés do Pacífico. Além disso, o conselho de fugir poderia ser oportuno se estivéssemos próximos das costas da Inglaterra ou da Provença, mas nas proximidades da Papua a situação é outra, e sempre poderemos chegar a tais extremos se o *Nautilus* falhar e não emergir, o que eu consideraria um grave acontecimento.

– Mas não podemos ao menos fazer um reconhecimento do terreno? – retomou Ned Land. – Isto é uma ilha. Nesta ilha, há árvores. Debaixo dessas árvores, animais terrestres portadores de costeletas e rosbifes nos quais eu daria com prazer algumas mordidas.

– Nesse ponto, o amigo Ned tem razão – disse Conseil –, e fico do lado dele. O senhor não poderia solicitar a seu amigo, o capitão Nemo, que nos leve à terra, nem que seja para evitar que percamos o hábito de pisar nas partes sólidas de nosso planeta?

– Eu até posso fazer esse pedido – respondi –, mas ele recusará.

– Que o cavalheiro se arrisque – disse Conseil –, e então saberemos o que esperar da bondade do capitão.

Para minha grande surpresa, o capitão Nemo concedeu-me a permissão que pedi, e o fez com grande graça e entusiasmo, sem sequer exigir de mim a promessa de voltar a bordo. Mas uma fuga pelas terras da Nova Guiné teria sido muito perigosa, e eu não teria aconselhado Ned Land a tentá-la. Era melhor ser um prisioneiro a bordo do *Nautilus* que cair nas mãos dos nativos da Papua.

O barco foi colocado à nossa disposição na manhã seguinte. Não procurei saber se o capitão Nemo nos acompanharia. Até pensei que nenhum homem da tripulação seria destinado a nos acompanhar, e que Ned Land sozinho seria responsável por conduzir a embarcação. A propósito, estávamos a duas milhas ou mais da praia, e, para o canadense, conduzir aquela embarcação entre os recifes, tão fatais para os grandes navios, era como uma grande brincadeira.

No dia seguinte, 5 de janeiro, o escaler foi arrancado de sua proteção e lançado ao mar do topo da plataforma. Dois homens foram suficientes para a operação. Os remos já estavam dentro da embarcação,

e tudo que tínhamos de fazer era nos acomodarmos nela.

Às 8 horas, armados com fuzis e machados, desatracamos do *Nautilus*. O mar estava bastante calmo. Uma pequena brisa soprava da ilha. Conseil e eu remávamos vigorosamente, e Ned governava pelas passagens estreitas que os abrolhos deixavam entre eles. O barco se movimentava bem e avançava rapidamente.

Ned Land mal conseguia conter sua alegria. Era um prisioneiro que fugia da prisão, e voltar para ela era algo que não passava por sua cabeça.

– Carne! – ele repetia. – Vamos finalmente comer carne, e que carne! Uma verdadeira presa! Nada de pão, por exemplo! Não digo que peixe não é uma coisa boa, mas não se pode exagerar, e um pedaço de carne de caça, grelhado em carvão na brasa, vai variar agradavelmente nossa dieta cotidiana!

– Guloso! – disse Conseil. – Está me deixando com água na boca.

– Resta saber – eu disse –, se essas florestas têm presas e se as presas não são de tamanho tal que elas próprias podem caçar o caçador.

– Ora essa! Senhor Aronnax – respondeu o canadense, cujos dentes pareciam estar afiados como um machado –, eu comeria um tigre, um lombo de tigre, se não houvesse outro quadrúpede nesta ilha.

– O amigo Ned está inquieto – respondeu Conseil.

– O que quer que seja – disse Ned Land –, qualquer animal de quatro patas, sem penas, ou de duas patas, com penas, será recebido com meu primeiro tiro de fuzil.

– Ora essa! – eu disse. – Eis que as imprudências do mestre Land recomeçam!

– Não tenha medo, senhor Aronnax – respondeu o canadense –, e reme com força! Não lhe peço mais que 25 minutos para oferecer um prato à minha moda.

Às 8h30, o escaler do *Nautilus* tocava levemente em uma praia arenosa, depois de ter felizmente cruzado o anel coralígeno que cercava a ilha de Gueboroar.

Alguns dias em terra

Fiquei bastante emocionado ao pisar em terra firme. Ned Land tocava o solo com os pés como se quisesse tomar posse dele. No entanto, havia apenas dois meses que éramos, nas palavras do capitão Nemo, os "passageiros do *Nautilus*", ou seja, na realidade, os prisioneiros de seu comandante.

Em poucos minutos, estávamos a um disparo de fuzil da costa. O solo era quase inteiramente madrepórico, mas alguns leitos secos, repletos de resíduos graníticos, mostravam que aquela ilha era resultado de uma formação primordial. Todo o horizonte escondia-se atrás de uma cortina de florestas admiráveis. Árvores enormes, cuja altura chegava, às vezes, a 60 metros, ligavam-se umas às outras por guirlandas de cipós, verdadeiras redes naturais embaladas por uma leve brisa. Eram mimosas, fícus, casuarinas, tecas, hibiscos, pândanos e palmeiras profusamente misturadas, e, sob o abrigo da verdejante abóbada delas, ao pé de seu gigantesco caule, cresciam orquídeas, leguminosas e samambaias.

No entanto, sem notar todas essas belas amostras da

flora papuásia, o canadense trocou o agradável pelo útil. Ele avistou um coqueiro, derrubou parte de seus frutos, quebrou-os, e bebemos sua água e comemos sua polpa com uma satisfação que protestava contra o cardápio habitual do *Nautilus*.

– Excelente! – exclamava Ned Land.

– Delicioso! – respondia Conseil.

– E não acho que seu Nemo se oponha a que levemos um carregamento de cocos a bordo? – questionou o canadense.

– Também acho que não – respondi –, mas ele não vai querer prová-los!

– Azar o dele! – retrucou Conseil.

– E sorte a nossa! – completou Ned Land. – Vai sobrar mais.

– Só uma observação, mestre Land – eu disse ao arpoador que se preparava para devastar outro coqueiro –, coco é uma coisa boa, mas antes de encher o escaler, parece-me sensato reconhecer se a ilha não produz alguma substância ainda mais útil. Legumes frescos seriam bem recebidos na despensa do *Nautilus*.

– O cavalheiro tem razão – respondeu Conseil –, e proponho reservar três lugares em nossa embarcação, um para as frutas, outro para os legumes e o terceiro para a caça, da qual ainda não vi sequer uma amostra.

– Conseil, não devemos perder as esperanças – respondeu o canadense.

– Continuemos nossa excursão – retomei –, mas de olhos bem abertos. Embora a ilha pareça desabitada, ela pode esconder alguns indivíduos que seriam menos exigentes que nós em relação à natureza da caça!

– He! he! – divertiu-se Ned Land, fazendo um movimento de maxilar muito significativo.

– Ouviu bem, Ned? – interrogou Conseil.

– Juro que estou começando a entender os encantos da antropofagia! – retorquiu o canadense.

– Ned! Ned! O que está dizendo! – reagiu Conseil. – Você, um antropófago! Não estarei mais seguro perto de você, logo eu que compartilho a mesma cabine! E se um dia eu acordar com um pedaço meu faltando?

– Amigo Conseil, gosto muito de você, mas não o suficiente para devorá-lo sem necessidade.

– Não acredito muito nisso – respondeu Conseil. – Ao ataque! Temos de matar alguma caça para satisfazer esse canibal, senão, em uma dessas manhãs, o cavalheiro só encontrará pedaços de seu criado para servi-lo.

Enquanto essas palavras eram trocadas, penetramos sob as escuras abóbadas da floresta, e durante duas horas a percorremos em todas as direções.

O acaso nos permitiu coletar uma bela amostra de vegetais comestíveis, e um dos mais úteis produtos que as zonas tropicais fornecem, um precioso alimento que faltava a bordo. Refiro-me à fruta-pão, muito

abundante na ilha de Gueboroar. Encontrei principalmente a variedade sem sementes, batizada pelos malásios com o nome de “rima”.

Essa árvore se distinguia das demais por um tronco reto de 12 metros de altura. Sua copa, graciosamente arredondada e formada por grandes folhas multilobuladas, designava, aos olhos de um naturalista, esse “artocarpo” que foi muito felizmente aclimatado nas Ilhas Mascarenhas. De sua massa de verdura, destacavam-se grandes frutos globosos com 1 decímetro de largura, e externamente cobertos de rugosidades dispostas em um arranjo hexagonal. Uma planta útil que a natureza deu às regiões onde falta trigo, e que, sem exigir cultivo, dá frutos durante oito meses do ano.

Ned Land conhecia bem essas frutas. Ele já as tinha comido durante suas muitas viagens, e sabia como preparar sua substância comestível. Então, ao avistá-las, não pôde conter por muito tempo seu desejo por elas.

– Senhor – ele me disse –, sou capaz de morrer se não provar um pouco dessa massa de fruta-pão!

– Prove, amigo Ned, prove à vontade. Estamos aqui para fazer experiências. Vamos fazê-las.

– Não vou demorar – respondeu o canadense.

E, usando uma lente, acendeu um fogo de lenha seca que crepitou alegremente. Enquanto isso, Conseil e eu escolhíamos os melhores frutos do artocarpo. Alguns ainda não estavam suficientemente maduros, e sua

casca espessa cobria uma polpa branca, mas pouco fibrosa. Outros, abundantes, amarelados e gelatinosos, estavam à espera de serem colhidos.

Esses frutos não tinham nenhum caroço. Conseil trouxe uma dúzia deles para Ned Land, que os colocou sobre um fogo de carvão, depois de os ter cortado em grossas fatias. Ned repetia incessantemente:

– O senhor vai ver como este pão é bom.

– Especialmente quando se está privado de pão há muito tempo – disse Conseil.

– Já não se trata mais de um simples pão – acrescentou o canadense. – É uma iguaria delicada. O senhor nunca experimentou, professor?

– Não, Ned.

– Pois bem! Prepare-se para degustar algo suculento. Se não gostar, deixo de ser o rei dos arpoadores!

Após alguns minutos, a parte da fruta exposta ao fogo ficou completamente carbonizada. De seu interior, surgiu uma pasta branca, uma espécie de miolo tenro cujo sabor lembrava muito o da alcachofra.

Devo confessar que o pão era excelente e o degustei com muito prazer.

– Infelizmente – eu disse –, essa pasta só pode ser consumida fresca, e parece-me inútil fazer uma provisão para guardar a bordo.

– Ora, professor! – exclamou Ned Land. – O senhor

fala como um naturalista, mas vou agir como um padeiro. Conseil, faça uma colheita desses frutos, que recuperaremos na volta.

– E como vai prepará-los? – perguntei ao canadense.

– Fazendo com sua polpa uma pasta fermentada que pode ser conservada indefinidamente, sem estragar. Quando eu quiser usá-la, posso assá-la na cozinha do submarino, e, apesar de seu sabor ligeiramente ácido, o senhor vai achar excelente.

– Então, mestre Ned, vejo que não falta nada a essa mistura...

– Na verdade sim, professor – respondeu o canadense –, ainda faltam algumas frutas ou pelo menos alguns vegetais!

– Vamos procurar por frutas e legumes.

Quando terminamos nossa colheita, seguimos para completar o jantar “terrestre”.

Nossas buscas não foram em vão, e, perto do meio-dia, tínhamos colhido uma ampla provisão de bananas. Esses deliciosos produtos da zona tórrida amadurecem durante todo o ano, e os malásios, que lhes deram o nome de “pisang”, comem-nos crus. Além das bananas, colhemos jacas enormes com um sabor intenso, deliciosas mangas e abacaxis de tamanho descomunal. Mas essa colheita tomou grande parte de nosso tempo, o que, de certa forma, não era razão para lamentar.

Conseil observava Ned sem cessar. O arpoador caminhava na frente e, durante sua excursão pela floresta, recolheu com as mãos excelentes frutas que serviriam para complementar sua provisão.

– E então – perguntou Conseil –, você não está esquecendo de nada, amigo Ned?

– Hum! – fez o canadense.

– O quê!? Você está se queixando?

– Todos esses vegetais juntos não constituem uma refeição – respondeu Ned. – Isso é o fim da refeição, é a sobremesa. Mas e a sopa? E o assado?

– De fato – concordei –, Ned nos havia prometido costeletas que me parecem um tanto duvidosas.

– Senhor – respondeu o canadense –, não só a caçada não acabou, como nem sequer começou. Tenham paciência! Acabaremos por encontrar algum animal de penas ou pelos, e, se não for aqui, será em outro lugar...

– Se não for hoje, será amanhã – acrescentou Conseil –, porque não devemos nos distanciar demais. Sugiro, inclusive, que voltemos à embarcação.

– O quê? Mas já?! – exclamou Ned.

– Temos de voltar antes do anoitecer – respondi.

– Mas que horas são agora? – perguntou o canadense.

– Pelo menos 2 horas – respondeu Conseil.

– Como o tempo voa em terra firme! – exclamou mestre Ned Land com um suspiro de lamento.

– Em frente! – disse Conseil.

Então, atravessamos a floresta de volta e completamos nossa colheita pilhando uma série de palmitos recolhidos no topo das árvores, pequenos grãos de feijão que reconheci serem os “abru” dos malásios e inhames de qualidade superior.

Chegamos ao escaler sobrecarregados. No entanto, Ned Land ainda não achava que sua provisão era suficiente. O destino então o favoreceu. Quando estávamos prestes a embarcar, ele avistou diversas árvores com 7 a 9 metros de altura, que pertenciam à espécie das palmeiras. Essas árvores, tão valiosas quanto o artocarpo, estão merecidamente entre os produtos mais úteis da Malásia.

Eram sagueiros, vegetais que crescem sem cultivo, reproduzindo-se, como as amoreiras, por seus brotos e suas sementes.

Ned Land sabia como tratar essas árvores. Ele pegou seu machado, e com grande vigor colocou dois ou três frutos ao chão, visivelmente maduros, a julgar pelo pó branco que polvilhava suas palmas.

Eu o observava mais com os olhos de um naturalista que com os olhos de um homem faminto. Ele começou por remover de cada tronco uma faixa de casca, com 2,5 centímetros de espessura, que cobria uma rede de fibras alongadas formando nós inextricáveis, espremidos numa espécie de goma de farinha. Essa

farinha era o sagu, substância comestível usada principalmente para alimentar as populações melanésias.

Ned Land se contentou em cortar os troncos em pedaços, como se fosse usá-los como lenha, mas reservou o direito de extrair a farinha mais tarde, coá-la com um pano, a fim de separá-la de seus ligamentos fibrosos, evaporar sua umidade ao sol e deixá-la endurecer em pedaços.

Finalmente, às 5 da tarde, carregados com todas as nossas riquezas, deixamos a costa da ilha, e, meia hora depois, chegamos ao *Nautilus*. Ninguém apareceu para nos receber. O enorme cilindro de metal parecia deserto. Embarcamos as provisões e desci até meu quarto. Lá, encontrei meu jantar servido. Comi e depois adormeci.

No dia seguinte, 6 de janeiro, nenhuma novidade a bordo. Nem um som no interior do submarino, nem um sinal de vida. O escaler ficou atracado ao lado do submarino, exatamente onde o tínhamos deixado. Decidimos regressar à ilha de
Gueboroar. Ned Land esperava obter mais êxito que no dia anterior, do ponto
de vista do caçador, e desejava visitar outra parte da floresta.

Partimos com o nascer do sol. A embarcação, conduzida pela maré, chegou à ilha em poucos instantes.

Desembarcamos e, pensando que seria melhor confiar nos instintos do canadense, seguimos Ned Land, cujas

longas pernas ameaçavam nos deixar para trás.

Ned Land subiu na direção da costa oeste e, depois, passou a vau por alguns leitos de riacho até alcançar o planalto cercado por admiráveis florestas. Alguns martins-pescadores nos rondavam ao longo dos cursos d'água, mas não permitiam que nos aproximássemos. Sua circunspecção mostrou-me que aqueles voadores sabiam o que esperar dos bípedes de nossa espécie, e concluí que, se a ilha não era habitada, pelo menos alguns seres humanos a frequentavam.

Depois de atravessar uma espessa pradaria, chegamos à orla de um pequeno bosque animado pelo canto e pelo voo de um grande número de pássaros.

– São apenas pássaros – disse Conseil.

– Mas alguns são comestíveis! – respondeu o arpoador.

– De forma alguma, amigo Ned – retrucou Conseil –, não vejo nada além de simples papagaios.

– Amigo Conseil – respondeu seriamente Ned –, o papagaio é o faisão daqueles que não têm mais nada para comer.

– E eu acrescentaria que esse pássaro, devidamente preparado, vale uma boa garfada – completei.

De fato, sob a espessa folhagem do bosque, um mundo de papagaios voava de galho em galho à espera de uma educação mais esmerada para falar a língua humana. Enquanto isso, eles tagarelavam na companhia de periquitos de todas as cores e de graves

cacatuas que pareciam meditar sobre algum problema filosófico, enquanto os lóris, de um vermelho brilhante, passavam como um pedaço de estanho carregado pela brisa no meio de calaus barulhentos, de papuas coloridos com os mais belos tons de azul e de toda uma série de encantadoras aves que não costumam ser muito saborosas para consumo.

No entanto, uma ave peculiar dessas terras, e que nunca cruzou o limite das ilhas Aru e das ilhas da Papua, ainda não fazia parte da coleção. Mas o destino me reservava a oportunidade de admirá-la muito em breve.

Depois de termos atravessado um bosque ralo, chegamos a uma planície obstruída por arbustos. Avistei, então, magníficos pássaros cuja posição das penas os obrigava a voar contra o vento. Seu voo ondulado, a graça de suas curvas aéreas, o brilho de suas cores, atraíam e encantavam os olhares. Não tive dificuldade para reconhecê-los.

– Aves-do-paraíso! – exclamei.

– Ordem dos passeriformes, seção dos clistómoros – respondeu Conseil.

– Família das perdizes? – perguntou Ned Land.

– Acredito que não, mestre Land. Todavia, conto com sua habilidade para capturar um desses charmosos produtos da natureza tropical!

– Podemos tentar, professor, embora eu esteja mais habituado a usar o arpão que o fuzil.

Os malásios, que comercializam essas aves com os chineses, contam de diversos meios para capturá-las, mas não tínhamos acesso a nenhum deles naquele momento. Às vezes, eles dispõem de cordas que amarram no topo das árvores altas onde as aves-do-paraíso preferem viver. Outras, prendem-nas com uma fortíssima cola que paralisa seus movimentos. Chegam mesmo a envenenar as fontes onde esses pássaros estão habituados a beber água. Quanto a nós, estávamos limitados a abatê-las em pleno voo, o que nos deixava poucas chances de atingi-las. De fato, desperdiçamos em vão uma parte de nossas munições.

Por volta das 11 horas da manhã, cruzamos o primeiro plano de montanhas que formam o centro da ilha e ainda não tínhamos matado nada. A fome nos aguilhoava. Os caçadores tinham confiado no sucesso de sua caçada, mas estavam errados. Felizmente, Conseil, para sua própria surpresa, deu um tiro duplo e assegurou nosso almoço. Ele abateu um pombo branco e uma rola, que, depenados e pendurados em um espeto, foram assados em um fogo ardente de lenha seca. Enquanto esses interessantes animais eram assados, Ned preparou alguns frutos de artocarpo. O pombo e a rola foram, então, devorados até o osso e declarados excelentes. A noz-moscada, com que eles estão acostumados a se fartar, perfuma sua carne e faz dela um delicioso manjar.

– É como se os frangos se alimentassem com trufas – disse Conseil.

– E agora, Ned, do que sente falta? – perguntei ao canadense.

– De uma caça de quatro patas, senhor Aronnax – respondeu Ned Land. – Todos esses pombos não passam de entradas e tira-gostos! Além disso, enquanto eu não matar um animal com costelas, não vou ficar feliz!

– Nem eu, Ned, se não capturar uma ave-do-paraíso.

– Prossigamos a caça – respondeu Conseil –, mas regressemos na direção do mar. Chegamos às primeiras encostas das montanhas, e penso que é melhor voltarmos para a região das florestas.

Era um ponto de vista sensato, e decidimos segui-lo. Depois de uma hora de caminhada, tínhamos chegado a uma verdadeira floresta de sagueiros. Algumas serpentes inofensivas fugiam de nossas passadas. As aves-do-paraíso se escondiam à medida que nos aproximávamos, e eu realmente ansiava por capturá-las quando Conseil, que caminhava à frente, abaixou-se de repente e soltou um gritou triunfante, correndo em minha direção com uma magnífica ave-do-paraíso nas mãos.

– Ah! Bravo, Conseil! – exclamei.

– O cavalheiro está sendo muito gentil – respondeu Conseil.

– Não, meu rapaz. Foi um tiro de mestre. Capturar um pássaro como esse vivo, e pegá-lo com as mãos!

– Se o cavalheiro quiser examiná-lo de perto, verá que o mérito não foi meu.

– E por quê, Conseil?

– Porque este pássaro está bêbado feito um gambá.

– Bêbado?

– Sim, senhor, embriagado com a noz-moscada que ele devorava sob a moscadeira onde o capturei. Veja só, amigo Ned, os efeitos monstruosos da intemperança!

– Com mil diabos! – reagiu o canadense. – Não vale a pena me censurar pelo tanto de gim que bebi nos últimos dois meses!

Enquanto isso, eu examinava aquele curioso pássaro. Conseil não estava enganado. A ave-do-paraíso, intoxicada pelo sumo inebriante, estava impotente e era incapaz de voar. Mal conseguia dar alguns passos. Mas isso pouco me preocupou, e eu a deixei digerir sua noz-moscada.

Essa ave pertencia à mais bela das oito espécies encontradas na Papua e em suas ilhas vizinhas. Era a ave-do-paraíso "goldie", uma das mais raras. Media 3 decímetros de comprimento. Sua cabeça era relativamente pequena, e seus olhos, também pequenos, ficavam perto da abertura do bico. Ela exibia uma mistura admirável de nuances, tendo bico amarelo, pés e unhas castanhos, asas cor de avelã, com púrpura em suas extremidades, a cabeça e a parte de trás do pescoço amarelo-claras, pescoço esmeralda e barriga e peito marrons. Duas hastes córneas felpudas erguiam-se acima de sua cauda, com penas longas e muito leves de admirável delicadeza que completavam todo esse maravilhoso pássaro que os

nativos poeticamente apelidaram de “ave do sol”.

Eu estava ansioso para levar a Paris esse soberbo exemplar de ave-do-paraíso, a fim de doá-lo ao Jardin des Plantes, que não possui nenhum desses vivo.

– Então, esse pássaro é muito raro? – perguntou o canadense, no tom do caçador que estima muito pouco a caça do ponto de vista da arte.

– Muito raro, meu bravo companheiro, e especialmente muito difícil de capturar vivo. E, mesmo mortos, esses pássaros ainda são objeto de um comércio considerável. Por isso, os nativos pensaram em produzi-los, como fazemos com pérolas ou diamantes.

– O quê!? – exclamou Conseil. Eles produzem falsas aves-do-paraíso?

– Sim, Conseil.

– E o cavalheiro conhece o processo indígena?

– Perfeitamente. Durante as monções do leste, as aves-do-paraíso perdem essas magníficas penas que ornamentam sua cauda, e que os naturalistas chamam de penas subalares. São essas penas que os falsificadores retiram das aves para enxertá-las habilmente em algum pobre periquito anteriormente mutilado. Depois, tingem a sutura, envernizam o pássaro, e enviam para museus e colecionadores da Europa esses produtos produzidos por essa singular indústria.

– Ora essa! – exclamou Ned Land. – Se não é o pássaro, são sempre suas penas, e enquanto o objeto não for destinado a ser comido, não vejo grande mal nisso!

Mas se meus desejos tinham sido satisfeitos pela posse daquela ave-do-paraíso, os do caçador canadense ainda não estavam concluídos. Felizmente, por volta das 2 horas, Ned Land abateu um magnífico porco-do-mato, que os nativos chamam de "bari-utang". O animal vinha em boa hora satisfazer nosso desejo por uma verdadeira carne de quadrúpede, e foi muito bem recebido. Ned Land estava eufórico com seu golpe certeiro de fuzil. O porco, atingido pela bala elétrica, caiu fulminado.

O canadense destrinchou e limpou o animal depois de remover meia dúzia de costeletas de porco destinadas a serem assadas para o jantar. Em seguida, retomamos a caçada, que ainda seria marcada pelas façanhas de Ned e Conseil.

De fato, os dois amigos, batendo nos arbustos, atiçaram uma tropa de cangurus que fugiram saltando sobre suas patas elásticas. Mas não fugiram rápido o bastante para que a cápsula elétrica não os detivesse em plena fuga.

– Ah! professor! – exclamou Ned Land a quem a ira de caçador dominava naquele momento. – Que excelente caça, especialmente depois de assada! Que provisão para o *Nautilus*! Dois! Três! Cinco já foram! E quando penso que devoraremos toda essa carne e que aqueles tolos a bordo não terão nem migalhas!

Acredito que, com sua euforia excessiva, se não tivesse falado tanto, o canadense teria massacrado todo o bando! Mas contentou-se com uma dúzia daqueles curiosos marsupiais que formam a primeira ordem dos mamíferos placentários, segundo Conseil.

Eram animais de pequeno porte. Uma espécie de “cangurus-coelhos”, que geralmente se abrigam nos ocos das árvores e são extremamente velozes; mas, ainda que não sejam muito robustos, fornecem uma carne extremamente saborosa.

Estávamos muito satisfeitos com os resultados de nossa caçada. O feliz Ned planejava regressar no dia seguinte àquela ilha encantada, que ele queria despovoar de todos os seus quadrúpedes comestíveis. Mas não contava com o que viria a seguir.

Às 6 horas, tínhamos voltado à praia. Nosso escaler estava atracado em seu lugar habitual. O *Nautilus*, parecia um grande recife flutuando a duas milhas da costa.

Ned Land, sem delongas, tratou de preparar o jantar. Ele era um exímio cozinheiro. As costeletas do “bari-utang”, grelhadas na brasa, logo espalharam um delicioso cheiro que perfumou a atmosfera!...

Mas vejo que estou seguindo os passos do canadense. Aqui estou eu em êxtase diante de um porco grelhado! Que o caro leitor me perdoe, como perdoei a mestre Land, e pelas mesmas razões!

Enfim, o jantar estava excelente. Duas rolas completaram o extraordinário menu. A massa de sagu,

a fruta-pão, algumas mangas, uma meia dúzia de abacaxis e a água de coco fermentada fizeram-nos felizes. Acho até que as ideias de meus dignos companheiros já não traziam mais toda a lucidez desejável.

– E se não retornássemos ao *Nautilus* esta noite? – perguntou Conseil.

– E se nunca mais voltássemos? – completou Ned Land.

Neste exato momento, uma pedra caiu a nossos pés, cortando pela raiz a proposta do arpoador.

O raio do capitão Nemo

Olhamos para o lado da floresta sem nos levantar. Minha mão parou seu movimento em direção à minha boca, enquanto a de Ned Land chegou à dele.

– Uma pedra não cai do céu – disse Conseil –, ou merece o nome de aerólito.

Uma segunda pedra, esmeradamente arredondada, que removeu uma coxa saborosa da mão de Conseil, deu ainda mais peso à sua observação.

Levantamo-nos os três e, com o fuzil empunhado, estávamos prontos a responder a um eventual ataque.

– Será que são macacos? – questionou Ned Land.

– Quase – disse Conseil –, são selvagens.

– Para o barco! – gritei, caminhando na direção do mar.

Era realmente necessário bater em retirada, pois cerca de 20 nativos, armados com arcos e estilingues, surgiram a menos de 100 passos na borda do bosque

que encobria o horizonte do lado direito. Nosso barco estava atracado a 20 metros de nós.

Os selvagens aproximavam-se a passos lentos, apesar de esbanjarem demonstrações de hostilidade. Choviam pedras e flechas.

Ned Land, não querendo abandonar suas provisões e, apesar do perigo iminente, segurou o porco de um lado e os cangurus do outro, e fugiu com certa rapidez.

Em dois minutos, estávamos na praia. Carregar o escaler com provisões e armas, empurrá-lo para o mar e armar os dois remos, tudo foi feito em questão de instantes. Tínhamos conseguido percorrer menos de 200 metros quando uma centena de selvagens, urrando e gesticulando, entrou na água até a cintura. Olhei para ver se os rugidos deles atrairiam à plataforma alguns homens do *Nautilus*.

Mas não. Aquela enorme engenhoca, deitada ao largo, permanecia absolutamente deserta.

Vinte minutos depois, subíamos a bordo. As escotilhas estavam abertas. Depois de atracar o escaler, corremos para o interior do *Nautilus*.

Dirigi-me ao salão, de onde ressoavam alguns acordes. Lá estava o capitão Nemo, curvado sobre seu órgão e imerso num êxtase musical.

– Capitão! – bradei. Ele não me ouviu. – Capitão! – repeti, tocando-o com a minha mão.

Ele se assustou e me olhou:

– Ah! é o senhor, professor? – ele disse. – Pois bem! Fizeram uma boa caçada, tiveram sucesso na colheita?

– Sim, capitão – respondi –, mas infelizmente trouxemos conosco um grupo de bípedes cuja aproximação me parece inquietante.

– Que bípedes?

– Selvagens.

– Selvagens! – respondeu o capitão Nemo num tom irônico. – E o senhor se surpreende, professor, com o fato de encontrar selvagens ao pisar em qualquer uma das terras deste globo? Onde é que não existem selvagens? Além disso, esses que o senhor chama de selvagens são, por acaso, piores que os outros?

– Mas capitão...

– Pois eu, meu senhor, encontrei-os por toda parte.

– Pois bem! – respondi. – Se o senhor não desejar recebê-los a bordo do *Nautilus*, será melhor tomar algumas precauções.

– Fique descansado, professor, não há nada com que se preocupar.

– Mas aqueles nativos são numerosos.

– Quantos o senhor calcula que sejam?

– Cem, pelo menos.

– Professor Aronnax – disse o capitão Nemo, cujos dedos repousaram sobre as teclas do órgão –, ainda que todos os nativos da Papua estejam reunidos nesta praia, o *Nautilus* não tem nada a temer de seus ataques!

Os dedos do capitão então correram sobre o teclado do instrumento, e notei que ele só tocava teclas pretas, o que dava às suas melodias uma nuance essencialmente escocesa. Ele logo esqueceu minha presença, e mergulhou em um devaneio que desisti de tentar dissipar.

Retornei à plataforma. A noite já tinha chegado, pois sob essa baixa latitude o sol se põe rapidamente e sem crepúsculo. Mal podia ver um esboço da ilha Gueboroar. Mas as numerosas fogueiras acesas na praia atestavam que os nativos não pretendiam partir.

Permaneci sozinho ali por muito tempo, ora pensando naqueles nativos – mas sem temê-los mais, pois a confiança imperturbável do capitão me convenceu –, ora esquecendo-os para admirar os esplendores daquela noite tropical. Minha memória voou para a França, seguindo as estrelas zodiacais que deveriam iluminá-la em poucas horas. A lua brilhava no meio das constelações do zênite. E eu então pensava que aquele fiel e complacente satélite regressaria depois de amanhã a este mesmo lugar para levantar as marés e arrancar o *Nautilus* do seu leito de corais. Por volta da meia-noite, vendo que tudo estava calmo sobre as ondas escuras e também sob as árvores da costa, voltei para minha cabine e dormi em paz.

A noite passou sem percalços. Os papuásios sem

dúvida estavam assustados com a visão daquele monstro encalhado na baía, pois as escotilhas, que permaneciam abertas, davam-lhes fácil acesso ao interior do *Nautilus*.

Às 6 da manhã do dia 8 de janeiro, voltei à plataforma. As sombras da manhã se erguiam. A ilha logo mostrou, através das brumas que se dissipavam, primeiro suas praias, depois, seus picos.

Os nativos ainda estavam lá, mais numerosos que no dia anterior – eram talvez 500 ou 600. Alguns, aproveitando-se da maré baixa, avançaram sobre as cabeças dos corais, a menos de 200 metros do *Nautilus*. Eu podia distingui-los facilmente. Eram verdadeiros papuásios, de porte atlético, raça esbelta, fronte larga e altiva, com narizes grandes, mas não achatados, e dentes muito brancos. Os cabelos crespos, tingidos de vermelho, contrastavam com o corpo negro e reluzente como o dos núbios. No lóbulo da orelha, cortado e esticado, pendiam cordões feitos com ossos. Aqueles selvagens viviam normalmente nus. No meio deles, avistei algumas mulheres, vestidas dos quadris até o joelho, com uma legítima crinolina de ervas sustentada por um cinto de vegetais. Alguns chefes traziam no pescoço um colar de pedras vermelhas e brancas. Quase todos eles, armados com arcos, flechas e escudos, carregavam nos ombros uma espécie de rede contendo as pedras redondas habilmente lançadas por seus estilingues.

Um dos líderes, aproximando-se do *Nautilus*, examinava-o cuidadosamente. Devia ser de alta patente, pois vestia uma tanga feita de folhas de bananeira, serrilhada com bordas rendadas e cores

vibrantes.

Eu poderia facilmente abatê-lo, visto que estava bastante próximo; mas achei melhor esperar por manifestações verdadeiramente hostis. Entre os europeus e os selvagens, é mais seguro que os europeus revidem e não ataquem.

Durante todo o tempo da maré baixa, os nativos rondavam de perto o *Nautilus*, mas sem fazer grande alarido. Ouvia-os repetir frequentemente a palavra "assai", e seus gestos me levavam a entender que me convidavam para ir a terra, convite que achei melhor recusar.

Então, naquele dia, o escaler não voltou à costa, para grande frustração de mestre Land, que não pôde completar suas provisões. O hábil canadense usou seu tempo preparando as carnes e farinhas que havia trazido da ilha de Gueboroar. Quanto aos selvagens, eles voltaram a terra por volta das 11 horas da manhã, assim que as cabeças de coral começaram a desaparecer sob o fluxo da maré crescente. A quantidade de nativos tinha aumentado consideravelmente na praia. Era provável que estivessem vindo das ilhas vizinhas ou da Papua propriamente dita. No entanto, eu não tinha visto uma única piroga indígena.

Não tendo nada melhor para fazer, pensei em flertar com as águas bonitas e claras, que estavam repletas de conchas, zoófitos e plantas pelágicas. Além disso, aquele seria o último dia do *Nautilus* por aquelas paragens se, todavia, fosse conduzido pela maré ao mar aberto no dia seguinte, de acordo com a promessa

do capitão Nemo.

Chamei então por Conseil, que me trouxe uma draga pequena e leve, semelhante às usadas para pescar ostras.

– E os selvagens? – perguntou Conseil. – Que o cavalheiro me desculpe, mas eles não me parecem assim tão maus!

– No entanto, são antropófagos, meu rapaz.

– Pode-se ser antropófago e homem direito – disse Conseil –, da mesma forma que se pode ser guloso e honesto. Um não exclui o outro.

– Ora essa! Admitamos, Conseil, que eles sejam antropófagos honestos, e que devoram os prisioneiros honestamente. Mas, como não quero ser devorado, ainda que honestamente, continuarei atento, pois o comandante do *Nautilus* não parece querer tomar nenhuma precaução. E agora, ao trabalho.

Pescamos ininterruptamente durante duas horas, mas sem fisgar qualquer raridade. A draga estava repleta de orelhas-de-midas, harpas, melânias e, especialmente, dos peixes-martelo mais bonitos que eu tinha visto até então. Capturamos também algumas holotúrias, ostras perlíferas, e uma dúzia de pequenas tartarugas que foram reservadas para o serviço de bordo.

Mas, quando eu menos esperava, pus as mãos sobre uma maravilha, eu diria mesmo uma deformidade natural, raríssima de encontrar. Conseil tinha acabado

de atirar sua draga, e o aparelho subia carregado de várias conchas bastante comuns, quando, de repente, ele me viu mergulhar o braço dentro da rede, retirar dali uma concha, e soltar um grito de conquiliologista, isto é, o grito mais estridente que uma garganta humana é capaz de produzir.

– Nossa! Que aconteceu com o cavalheiro? – perguntou Conseil, bastante assustado. – Ele foi mordido?

– Não, meu rapaz, e ainda assim, teria pagado com um dedo pela minha descoberta!

– Que descoberta?

– Esta concha – eu disse, enquanto mostrava o objeto de meu triunfo.

– Mas é simplesmente uma *Oliva porphyria*, gênero das olivas, ordem dos pectinibrânquios, classe dos gastrópodes, ramo dos moluscos...

– Sim, Conseil, mas em vez de suas volutas serem enroladas da direita para a esquerda, esta oliva enrola da esquerda para a direita!

– E isso é possível! – exclamou Conseil.

– Sim, meu rapaz, é uma concha sinistrógira!

– Uma concha sinistrógira! – repetiu Conseil, com o coração disparado.

– Olhe para sua espiral!

– Ah! o cavalheiro pode não acreditar em mim – disse Conseil, tomando a preciosa concha com a mão trêmula –, mas nunca experimentei tal emoção!

E não faltavam motivos para isso! Sabemos, com efeito, como salientam os naturalistas, que a destreza é uma lei da natureza. Os astros e seus satélites, no seu movimento de translação e rotação, movem-se da direita para a esquerda. O homem usa sua mão direita mais frequentemente que a esquerda, e, consequentemente, seus instrumentos e aparelhos, escadas, fechaduras, molas de relógio etc., são combinados de modo a serem utilizados da direita para a esquerda. Ora, a natureza geralmente segue essa lei para o enrolamento de suas conchas. Elas são todas destras, com raras exceções, e quando, por acaso, sua espiral é sinistrógira, seus amadores pagam por elas peso de ouro.

Conseil e eu estávamos então imersos na contemplação de nosso tesouro, e prometia a mim mesmo enriquecer o Museu, quando uma pedra, desastrosamente lançada por um nativo, atingiu em cheio o precioso objeto na mão de Conseil.

Soltei um grito de desespero! Conseil atirou-se sobre meu fuzil e mirou um selvagem que balançava sua funda a 10 metros de distância. Tentei impedi-lo, mas o tiro disparou e partiu a pulseira de amuletos pendurada no braço do nativo.

– Conseil! – gritei. – Conseil!

– O quê? O cavalheiro não vê que foi esse canibal quem começou o ataque?

– Uma concha não vale a vida de um homem! – respondi.

– Ah!, miserável! – exclamou Conseil. – Antes ele tivesse quebrado meu ombro!

Conseil estava sendo sincero, mas eu não podia concordar com ele. Enquanto isso, a situação mudou e não nos demos conta. Duas dezenas de pirogas cercavam o *Nautilus*. Essas pirogas, escavadas em troncos de árvore, longas e estreitas, bem alinhadas para o combate, equilibravam-se por meio de um duplo cordão de bambu que flutuava na superfície da água. Elas eram manobradas por hábeis remadores seminus, e eu não os via avançar sem preocupação.

Era evidente que aqueles papuásios já tinham tido contato com europeus, e que conheciam seus navios. Mas o que pensavam daquele longo cilindro de ferro deitado na baía, sem mastros e sem chaminé? Nada de bom, pois a princípio eles mantiveram uma distância respeitosa. No entanto, vendo-o imóvel, foram aos poucos reconquistando sua confiança e procurando familiarizar-se com ele. Era precisamente essa familiaridade que tinha de ser evitada. Nossas armas, que não produziam detonação, só podiam surtir um efeito medíocre sobre aqueles nativos, que só têm respeito por máquinas ruidosas. O relâmpago, sem os raios, dificilmente assustaria os homens, embora o perigo esteja na descarga elétrica, não no barulho.

Neste momento, as pirogas aproximaram-se do *Nautilus*, alvejando-o com uma nuvem de flechas.

– Diabos! Estão nos atacando! – disse Conseil. – E

talvez com flechas envenenadas!

– Temos de avisar o capitão Nemo – eu disse, voltando pelo alçapão.

Desci até o salão. Não encontrei ninguém lá. Aventurei-me a bater à porta que dava para o quarto do capitão.

Um “entre” me respondeu. Entrei e encontrei o capitão Nemo imerso em um cálculo repleto de *x* e outros sinais algébricos.

– Incomodo? – perguntei por educação.

– Seguramente, senhor Aronnax – respondeu o capitão –, mas acredito que tenha motivos sérios para vir me ver?

– Seriíssimos. Estamos cercados pelas pirogas dos nativos e em poucos minutos seremos certamente atacados por centenas de selvagens.

– Ah! – fez calmamente o capitão Nemo. – Eles vieram com suas pirogas?

– Sim, senhor.

– Pois bem, meu senhor, basta fechar os alçapões.

– Precisamente, e eu vinha lhe dizer...

– Não há nada mais fácil... – disse o capitão Nemo.

E, pressionando um botão elétrico, transmitiu a ordem para o posto da tripulação.

– Está feito, senhor – disse-me ele depois de alguns instantes. – O escaler está no lugar e os alçapões foram fechados. Suponho que o senhor não tema que esses senhores derrubem as paredes que as balas de canhão da sua fragata não conseguiram ultrapassar?

– Não, capitão, mas ainda há outro perigo.

– Qual, senhor?

– Amanhã, a esta hora, teremos de reabrir as escotilhas para renovar o ar do *Nautilus*...

– Sem dúvida, senhor, uma vez que nossa embarcação respira como os cetáceos.

– E, se nesse momento os papuásios ocuparem a plataforma, não vejo como o senhor poderá impedi-los de entrar.

– Então, o senhor supõe que eles conseguirão embarcar?

– Tenho certeza disso.

– Bem, senhor, que subam então. Não vejo razão para impedi-los. No fundo, esses papuásios são pobres-diabos, e não quero que minha visita à ilha Gueboroar custe a vida de uma dessas pessoas infelizes!

Isso posto, eu estava prestes a me retirar, mas o capitão Nemo me reteve e convidou-me a sentar a seu lado. Ele me perguntou com interesse sobre nossas excursões na costa, sobre nossas caçadas, e não parecia compreender a paixão do canadense por carne. Em seguida, a conversa tocou em vários

assuntos, e, sem ser mais comunicativo, o capitão Nemo mostrou-se mais amável.

Entre outras coisas, falamos sobre a situação do *Nautilus*, que tinha encalhado precisamente no estreito onde Dumont d'Urville esteve prestes a naufragar. Em seguida, a respeito disto:

– Ele foi um de seus grandes marinheiros – disse o capitão –, um de seus navegadores mais inteligentes, esse D'Urville! O capitão Cook dos franceses. Infeliz cientista! Ter enfrentado as geleiras do Polo Sul, os corais da Oceania e os canibais do Pacífico para perecer miseravelmente num vagão de trem! Se esse homem enérgico foi capaz de pensar durante os últimos segundos de sua existência, o senhor pode imaginar quais devem ter sido seus supremos pensamentos!

Falando dessa maneira, o capitão Nemo parecia comovido, e essa emoção fez crescer meu apreço por ele.

Em seguida, com o mapa em mãos, revisamos o trabalho do navegador francês, suas viagens de circum-navegação, sua dupla tentativa no Polo Sul, que levou à descoberta das terras Adélie e Louis-Philippe, e, finalmente, suas pesquisas hidrográficas das principais ilhas da Oceania.

– O que seu D'Urville fez na superfície do mar – disse-me o capitão Nemo –, eu fiz dentro do oceano, e mais fácil e completamente que ele. O *Astrolabe* e o *Zélée*, incessantemente sacudidos pelos furacões, não eram páreo para o *Nautilus*, um tranquilo escritório de

trabalho, e verdadeiramente sedentário no meio das águas!

– No entanto, capitão, há um ponto de semelhança entre as corvetas de Dumont d'Urville e o *Nautilus* – respondi.

– Qual, senhor?

– O *Nautilus* encalhou como eles!

– O *Nautilus* não encalhou, professor – respondeu friamente o capitão Nemo. – O *Nautilus* foi feito para repousar sobre o leito dos mares, e não terei de realizar os penosos trabalhos e as manobras que D'Urville se viu obrigado a fazer para desencalhar suas corvetas. O *Astrolabe* e o *Zélée* quase pereceram, mas meu *Nautilus* não corre nenhum perigo. Amanhã, no dia e hora previstos, a maré o levantará pacificamente, e ele retomará sua navegação pelos mares.

– Capitão – respondi –, não tenho dúvidas disso...

– Amanhã – acrescentou o capitão Nemo enquanto se levantava –, amanhã, às 2h40 da tarde, o *Nautilus* flutuará e deixará o Estreito de Torres sem nenhuma avaria.

Pronunciando essas palavras num tom muito lacônico, o capitão Nemo curvou-se ligeiramente. Foi uma saudação de despedida, e voltei para meu quarto.

Lá encontrei Conseil, que queria saber o resultado de minha conversa com o capitão.

– Meu rapaz – respondi –, quando eu parecia acreditar

que seu *Nautilus* estava ameaçado pelos nativos da Papua, o capitão respondeu-me muito ironicamente. Portanto, só tenho uma coisa a dizer: confie nele e vá dormir em paz.

– O cavalheiro não precisa de meus serviços?

– Não, meu amigo. O que Ned Land está fazendo?

– Que o cavalheiro me permita dizer – respondeu Conseil –, mas o amigo Ned está preparando um patê de canguru que ficará divino!

Enfim só, deitei-me, mas dormi muito mal. Ouvia o som dos selvagens que pisavam sobre a plataforma e soltavam gritos ensurdecedores. A noite passou assim, sem que a tripulação saísse de sua inércia habitual. Eles estavam tão preocupados com a presença daqueles canibais quanto os soldados de um forte blindado com as formigas percorrendo sua blindagem.

Às 6 da manhã, eu estava de pé. Os alçapões não tinham sido abertos. Portanto, o ar no interior do submarino não tinha sido renovado, mas os reservatórios, abastecidos para qualquer eventualidade, funcionavam corretamente e lançavam alguns metros cúbicos de oxigênio na atmosfera rarefeita do *Nautilus*.

Trabalhei no meu quarto até o meio-dia, sem ter visto, nem por um instante, o capitão Nemo. Não parecia que estivesse sendo feita a bordo qualquer preparação para a partida.

Esperei mais um pouco, depois dirigi-me ao grande

salão. O relógio marcava 2h30. Em 10 minutos, a maré deveria atingir sua altura máxima, e, se a promessa do capitão Nemo não fosse demasiado ousada, o *Nautilus* estaria imediatamente livre. Caso contrário, muitos meses se passariam antes que ele pudesse deixar seu leito de coral.

Nesse meio tempo, alguns tremores se fizeram sentir no casco da embarcação. Ouvi rangerem em seu rebordo as asperezas calcárias do fundo coralino.

Às 2h35, o capitão Nemo apareceu no salão.

– Vamos partir – ele anunciou.

– Ah! – exclamei.

– Dei ordens para abrirem os alçapões.

– E os papuásios?

– Os papuásios? – respondeu o capitão Nemo, dando ligeiramente de ombros.

– Não vão invadir o *Nautilus*?

– E de que modo?

– Através dos alçapões que o senhor mandou abrir.

– Senhor Aronnax – respondeu calmamente o capitão Nemo –, não se entra assim pelos alçapões do *Nautilus*, mesmo quando eles estão abertos.

Olhei para o capitão.

– O senhor não compreende? – ele disse.

– De maneira nenhuma.

– Pois bem! Venha e verá.

Segui para a escadaria central. Lá estavam Ned Land e Conseil que, muito intrigados, olhavam para alguns dos membros da tripulação que abriam os alçapões, enquanto gritos de raiva e terríveis vociferações eram ouvidos do lado de fora.

Os portalós foram abertos para fora. Surgiram vinte figuras horrendas. Mas o primeiro dos nativos que segurou no corrimão das escadas, atirado para trás por não sei que força invisível, fugiu dando gritos desesperados e pulando feito louco.

Dez de seus companheiros o sucederam. Dez tiveram o mesmo destino.

Conseil estava em êxtase. Ned Land, levado por seus instintos violentos, correu na direção das escadas. Mas assim que agarrou o corrimão com ambas as mãos, também foi derrubado.

– Com mil diabos! – exclamou – Levei um choque!

Essa palavra explicou tudo. Não se tratava mais de um corrimão, mas de um cabo de metal carregado com a eletricidade de bordo que chegava até a plataforma. Qualquer um que o tocasse sentia um tremendo choque – e esse choque teria sido fatal se o capitão Nemo tivesse direcionado para aquele condutor toda a corrente de seus dispositivos! Podemos realmente

dizer que, entre seus agressores e ele, havia uma rede elétrica que ninguém podia atravessar impunemente.

Os papuásios, assustados, bateram em retirada. Nós, segurando o riso, ficamos consolando e massageando o infeliz Ned, que balbuciava injúrias como se estivesse possuído.

Porém, nesse momento, o *Nautilus*, soerguido pelas últimas ondas da maré, deixou seu leito de corais no quadragésimo minuto exatamente definido pelo capitão. Sua hélice batia nas águas com uma lentidão majestosa. Sua velocidade aumentou pouco a pouco, e, navegando na superfície do oceano, ele abandonou, são e salvo, as perigosas passagens do Estreito de Torres.

Aegri somnia

No dia seguinte, 10 de janeiro, o *Nautilus* retomou seu curso entre duas águas, mas com uma velocidade notável que não pude estimar em menos de 35 milhas por hora. A velocidade da sua hélice era tal que eu não podia nem seguir suas voltas nem contá-las.

Quando pensava que aquele maravilhoso agente elétrico, depois de ter dado o movimento, o calor e a luz ao *Nautilus*, ainda o protegia contra ataques externos, transformando-o em uma arca sagrada na qual nenhum ser profano podia tocar sem levar um choque, minha admiração ultrapassava todos os limites, não só pelo aparelho em si, mas pelo engenheiro que o havia criado.

Seguíamos diretamente para oeste e, em 11 de janeiro, dobramos o cabo Wessel, localizado a 135° de longitude e 10° de latitude norte, que forma a ponta oriental do Golfo de Carpentária. Os recifes ainda eram numerosos, mas mais esparsos, e foram localizados no mapa com extrema precisão. O *Nautilus* evitou facilmente os abrolhos de Money a bombordo, e os recifes de Vitória a estibordo, situados a 130° de

longitude, naquele décimo paralelo que seguíamos rigorosamente.

Em 13 de janeiro, o capitão Nemo, que havia chegado ao Mar de Timor, avistou a ilha de mesmo nome a 122° de longitude. A ilha, cuja área é de 1.625 léguas quadradas, é governada por rajás. Esses príncipes se declaram filhos de crocodilos, ou seja, oriundos da mais alta estirpe a que um ser humano pode aspirar. Além disso, esses ancestrais escamosos abundam nos rios da ilha e são objeto de especial veneração. São protegidos, mimados, adulados, alimentados, recebem jovens virgens como oferenda, e infeliz do estrangeiro desavisado que põe as mãos nesses lagartos sagrados.

Mas o *Nautilus* não teve nenhum contato com esses vis animais. Só avistamos Timor por um breve momento, ao meio-dia, enquanto o imediato calculava nossa posição. Além disso, apenas vislumbrei a pequena Ilha Roti, que faz parte do arquipélago, cujas mulheres têm uma reputação de beleza muito valorizada pelos mercados malásios.

A partir desse ponto, a direção do *Nautilus*, em latitude, enveredou para o sudoeste, rumo ao Oceano Índico. Aonde a fantasia do capitão Nemo estava nos levando? Regressaria às costas da Ásia? Aproximar-se-ia mais das costas da Europa? Resoluções improváveis para um homem que foge dos continentes habitados! Desceria então para o sul? Dobraria o Cabo da Boa Esperança, depois o Cabo Horn para rumar para o polo antártico? Regressaria finalmente aos mares do Pacífico, onde o seu *Nautilus* podia navegar de maneira fácil e independente? O futuro nos diria.

Depois de passar pelos recifes de Cartier, Hibérnia, Seringapatam, Scott, últimos esforços do sólido contra o líquido, em 14 de janeiro, estávamos distantes de quaisquer terras. A velocidade do *Nautilus* foi singularmente abrandada, e, muito caprichoso em sua velocidade, ora navegava em meio às águas, ora flutuava em sua superfície.

Durante esse período da viagem, o capitão Nemo fez experiências interessantes sobre as várias temperaturas do mar em diferentes camadas. Em condições normais, essas leituras são obtidas por meio de instrumentos bastante complexos, cujos resultados são, no mínimo, duvidosos, seja por sondas termométricas, cujas lentes muitas vezes quebram sob a pressão da água, seja por aparelhos baseados na variação da resistência dos metais às correntes elétricas. Esses resultados não podem ser suficientemente controlados. O capitão Nemo, no entanto, procurava pessoalmente essa temperatura nas profundezas do mar, e seu termômetro, colocado em contato com as várias camadas líquidas, fornecia-lhe de imediato e de modo preciso o grau procurado.

Foi assim que, sobrecarregando seus reservatórios ou descendo de forma oblíqua por meio de planos inclinados, o *Nautilus* atingiu, sucessivamente, profundidades de 3, 4, 5, 7, 9 e 10 mil metros, e o resultado definitivo dessas experiências foi de que o mar apresentava uma temperatura permanente de 4,5°, a uma profundidade de mil metros, em todas as latitudes.

Eu acompanhava essas experiências com enorme interesse. O capitão Nemo dedicava a elas verdadeira

paixão. Muitas vezes me perguntei com que propósito ele fazia aqueles experimentos. Seria em benefício de seus semelhantes? Provavelmente não, pois, cedo ou tarde, suas obras pereceriam com ele em algum mar desconhecido! A menos que ele destinasse a mim o resultado de suas experiências. Mas para isso eu teria de admitir que minha estranha viagem teria um fim, e esse fim eu ainda não conseguia vislumbrar.

Fosse como fosse, o capitão Nemo também me apresentou diferentes números obtidos por ele, que estabeleciam a relação das densidades da água nos principais mares do globo. Dessa exposição, aprendi uma lição pessoal que nada tinha de científico.

Foi na manhã de 15 de janeiro. O capitão, ao lado de quem eu caminhava na plataforma, perguntou-me se conhecia as diferentes densidades apresentadas pelas águas do mar. Respondi-lhe negativamente e acrescentei que a ciência não tinha observações rigorosas sobre o assunto.

– Fiz essas observações – disse ele –, e posso comprová-las com precisão.

– Bem – respondi –, mas o *Nautilus* é um mundo à parte, e os segredos de seus cientistas não chegam aos continentes.

– Tem razão, professor – ele disse depois de alguns momentos de silêncio. – É um mundo à parte. Tão estranho à terra como os planetas que acompanham este globo em volta do Sol, e nunca conheceremos as obras dos cientistas de Saturno ou Júpiter. No entanto, uma vez que o acaso ligou nossas vidas, posso lhe

comunicar o resultado de minhas observações.

– Sou todo ouvidos, capitão.

– Como o senhor sabe, professor, a água do mar é mais densa que a água doce, mas essa densidade não é uniforme. De fato, se eu representar por 1 a densidade da água doce, encontro 1,28 milésimos para as águas do Atlântico, 1,26 milésimos para as águas do Pacífico, 1,30 milésimos para as águas do Mediterrâneo...

"Ah! – pensei. – Por acaso irá se aventurar no Mediterrâneo?".

– Um, 18 milésimos para as águas do mar Jônico, e 1,29 milésimos para as águas do Adriático.

Decididamente, o *Nautilus* não fugia dos mares mais movimentados da Europa, e concluí que ele nos conduziria – talvez muito em breve – a continentes mais civilizados. Pensei que Ned Land receberia essa notícia com natural satisfação.

Durante muitos dias, nossas jornadas transcorreram com experimentos de todo tipo, desde os níveis de salinidade das águas em diferentes profundidades, sua eletrificação, coloração, transparência, e, em todas essas circunstâncias, o capitão Nemo mostrou uma engenhosidade equiparável apenas à sua boa disposição em relação a mim. Então, por alguns dias, não o vi mais, e novamente permaneci como um homem solitário a bordo.

Em 16 de janeiro, o *Nautilus* parecia adormecer a

apenas alguns metros abaixo da superfície. Seus motores não funcionavam, e sua hélice imóvel deixava-o vaguear ao sabor das correntes. Presumi que a tripulação estava fazendo reparos no interior do submarino, necessários por conta dos violentos movimentos mecânicos da máquina.

Meus companheiros e eu, então, testemunhamos um curioso espetáculo. As escotilhas do salão estavam abertas, e como o fanal do *Nautilus* não estava em atividade, uma vaga escuridão reinava em meio às águas. O céu tempestuoso e coberto por nuvens espessas iluminava de maneira insuficiente as camadas superiores do oceano.

Eu observava o estado do mar sob essas condições e os maiores peixes pareciam sombras meramente esboçadas, quando, de súbito, o *Nautilus* foi iluminado por uma luz intensa. A princípio, pensei que haviam ligado o fanal e que ele projetava seus fachos de luz na massa líquida. Mas estava errado, e, depois de uma rápida observação, reconheci meu erro.

O *Nautilus* flutuava em meio a uma camada fosforescente, que, na escuridão, tornou-se ofuscante. Ela era produzida por miríades de animálculos luminosos, cujas faíscas cresciam à medida que resvalavam no casco metálico da embarcação. Eu surpreendia faíscas em meio às mantas luminosas, como se fossem oriundas de chumbo derretido em uma fornalha ardente, ou massas metálicas incandescentes; de modo que, em contraste, certas porções luminosas faziam sombra nesse meio ígneo do qual toda a sombra parecia ter sido banida. Não! Já não era a irradiação silenciosa de nossa iluminação

habitual! Havia ali um vigor e um movimento incomuns! Aquela luz parecia viva!

Com efeito, era uma aglomeração infinita de infusórios pelágicos, de *Noctilucas miliaris*, verdadeiros glóbulos de gelatina diáfana, provida de um tentáculo filiforme, e dos quais contamos até 25 mil em 30 centímetros cúbicos de água. E sua luz ainda era duplicada pelos brilhos particulares de medusas, astérias, aurélias,
fólades-dáctila e outros zoófitos fosforescentes, impregnados da gordura das matérias orgânicas decompostas pelo mar, e talvez pelo muco secretado pelos peixes.

Durante várias horas, o *Nautilus* flutuou sobre ondas brilhantes, e nossa admiração cresceu ao ver os grandes animais marinhos evoluírem como salamandras. No meio daquele fogo que não ardia, avistei marsuínos elegantes e rápidos, palhaços incansáveis dos mares, e *istiophorus* de 3 metros de comprimento, detectores inteligentes de furacões, cujo formidável gládio às vezes se chocava contra a vidraça do salão. Em seguida, apareceram peixes menores, balistas variados, scomberoides saltadores, peixes-lobo e uma centena de outros que, durante seu curso, riscavam a atmosfera luminosa.

Aquele deslumbrante espetáculo nos encantava! Talvez a condição atmosférica fosse responsável por aumentar a intensidade do fenômeno? Ou tenha havido uma tempestade na superfície das ondas? Poucos metros abaixo da superfície, no entanto, o *Nautilus* não sentia sua fúria e era pacificamente embalado em meio às águas tranquilas.

Assim seguimos viagem, incessantemente encantados por alguma nova maravilha. Conseil observava e classificava seus zoófitos, articulados, moluscos e peixes. Os dias passavam tão rapidamente que eu já não os contava mais. Ned, seguindo seu hábito, procurava diversificar a dieta a bordo. Tal qual verdadeiros caracóis, acostumamo-nos à nossa concha – e confesso que é bem fácil se transformar em um perfeito caracol.

Então, essa existência nos parecia natural, e não mais imaginávamos que havia uma vida diferente na superfície do globo, quando um evento veio nos lembrar da estranheza de nossa situação.

No dia 18 de janeiro, o *Nautilus* se encontrava a 105° de longitude e 15° de latitude sul. O tempo estava ameaçador, o mar endurecido e tempestuoso. O vento soprava uma forte brisa do leste. O barômetro, que baixara nos últimos dias, anunciava uma iminente luta dos elementos.

Eu tinha subido à plataforma no momento em que o imediato calculava nossa posição. Esperei, como de costume, que a frase diária fosse pronunciada. Mas, naquele dia, ela foi substituída por outra frase não menos incompreensível. Quase imediatamente, vi surgir o capitão Nemo, cujos olhos, escondidos atrás de uma luneta, miravam o horizonte.

Durante alguns minutos, o capitão permaneceu imóvel, sem abandonar o ponto captado por suas lentes. Depois, baixou a luneta e trocou uma dúzia de palavras com o imediato. Este parecia entregue a uma emoção que buscava conter em vão. O capitão Nemo,

mais controlado, manteve-se frio. Parecia, inclusive, formular algumas objeções às quais o imediato respondia com afirmações categóricas. Pelo menos foi o que compreendi pela diferença de seus tons e gestos.

Quanto a mim, olhei cuidadosamente na direção observada, sem perceber nada. O céu e a água fundiam-se numa linha do horizonte perfeitamente nítida.

Enquanto isso, o capitão Nemo caminhava de uma ponta a outra da plataforma sem me olhar, talvez sem notar minha presença. Seu passo era firme, porém menos regular que o habitual. Às vezes parava, e, com os braços cruzados no peito, observava o mar. O que ele procurava naquela imensidão? O *Nautilus* estava a algumas centenas de quilômetros da costa mais próxima!

O imediato tinha retomado sua luneta e interrogava obstinadamente o horizonte, indo e vindo, batendo os pés, contrastando com seu chefe por sua agitação nervosa.

Mas aquele mistério iria certamente se esclarecer, e em pouco tempo, porque, por ordem do capitão Nemo, a máquina, aumentando sua potência propulsora, fez a hélice imprimir uma rotação mais veloz.

Nesse momento, o imediato chamou mais uma vez a atenção do capitão, que suspendeu sua caminhada e direcionou sua luneta para o ponto indicado. Ele permaneceu observando durante um longo tempo. Quanto a mim, muito intrigado, fui até o salão e

peguei um excelente telescópio que costumava usar. Depois,
apoiando-o sobre a caixa do fanal, que formava uma saliência na proa da plataforma, comecei a percorrer com a vista toda a linha do céu e do mar.

Mas meu olho ainda não tinha se ajustado à ocular quando o instrumento foi vividamente arrancado de minhas mãos.

Virei-me. O capitão Nemo estava à minha frente, mas não o reconheci. Sua fisionomia estava transfigurada. Seus olhos, brilhando com uma luz escura, escondiam-se debaixo da sobrancelha franzida. Seus dentes rangiam. Seu corpo rígido, seus punhos fechados e sua cabeça enfiada entre os ombros testemunhavam o ódio violento que exalava de todo o seu ser. Ele não se mexia. Meu telescópio, que caíra de sua mão, rolara a seus pés.

Teria eu provocado, sem querer, aquela raivosa reação? Será que aquele personagem incompreensível imaginava que eu tivesse descoberto algum segredo proibido aos hóspedes do *Nautilus*?

Não! Eu não era o objeto daquele ódio, pois não era para mim que ele olhava. Seu olhar permaneceu obstinadamente fixo no ponto impenetrável do horizonte.

Finalmente, o capitão Nemo recuperou o autocontrole. Sua fisionomia, tão profundamente alterada, retomou a calma habitual. Ele falou algumas palavras para seu imediato em uma língua estrangeira, e então se voltou para mim.

– Senhor Aronnax – disse ele num tom bastante imperioso –, peço-lhe a observância de um dos compromissos que o ligam a mim.

– Do que se trata, capitão?

– Temos de deixá-lo, a si e a seus companheiros, presos até que eu considere apropriado libertá-los.

– O senhor é soberano – respondi –, olhando-o fixamente. – Mas posso lhe fazer uma pergunta?

– Nenhuma, senhor.

Isso posto, eu não tinha o que discutir, apenas obedecer, uma vez que qualquer resistência teria sido em vão.

Fui à cabine ocupada por Ned Land e por Conseil, e contei-lhes sobre a resolução do capitão. Deixo o leitor imaginar como o canadense recebeu essa notícia. Além disso, não houve tempo para nenhuma explicação. Quatro homens da tripulação nos aguardavam na porta e nos levaram para a cela onde tínhamos passado nossa primeira noite a bordo do *Nautilus*.

Ned Land quis protestar, mas a porta se fechou sobre ele antes que pudesse obter qualquer resposta.

– O cavalheiro poderia explicar o que isso significa? – perguntou Conseil.

Contei a meus companheiros o que tinha acontecido. Eles ficaram tão espantados quanto eu, e igualmente intrigados.

Eu estava, então, imerso em um abismo de reflexões, e a estranha apreensão na fisionomia do capitão Nemo não me saía da cabeça. Eu era incapaz de unir duas ideias lógicas, e me perdia nas hipóteses mais absurdas, quando fui chamado de volta à realidade por estas palavras de Ned Land:

– Vejam! O almoço está servido!

De fato, a mesa estava posta. Era evidente que o capitão Nemo tinha dado essa ordem enquanto mandava acelerar o *Nautilus*.

– O cavalheiro permite que eu lhe faça uma recomendação? – perguntou Conseil.

– Sim, meu rapaz – respondi.

– Pois bem! Que o cavalheiro almoce. É prudente, porque não sabemos o que pode acontecer.

– Você tem razão, Conseil.

– Infelizmente – disse Ned Land –, só nos trouxeram o menu de bordo.

– Amigo Ned – contestou Conseil –, o que o senhor diria se não tivéssemos nem isso para o almoço!

Essa contestação encerrou as recriminações do arpoador.

Pusemo-nos à mesa. A refeição transcorreu em silêncio. Comi pouco. Conseil “forçou-se”, obviamente por precaução, e Ned Land, apesar de tudo, não deixou de abocanhar nada. Depois do almoço, cada

um de nós ficou no seu canto.

Nesse momento, o globo luminoso que clareava a célula foi apagado, deixando-nos em completa escuridão. Ned Land logo adormeceu e, para minha surpresa, Conseil também se deixou vencer por um sono pesado. Eu me perguntava o que poderia ter provocado nele aquela imperiosa necessidade de dormir, quando senti meu cérebro se impregnar de um intenso torpor. Eu queria manter os olhos abertos, mas eles se fecharam à minha revelia. Eu estava nas garras de uma dolorosa alucinação. Era evidente que substâncias soporíficas tinham sido misturadas à comida que havíamos acabado de comer! Então, não era suficiente nos manter encarcerados para não atrapalharmos os planos do capitão Nemo, ainda tínhamos de dormir!

Logo, ouvi os alçapões se fecharem. As ondulações do mar, que causavam um ligeiro movimento na embarcação, cessaram. O *Nautilus* teria deixado a superfície do oceano? Estaria adentrando as camadas imóveis das águas?

Tentei resistir ao sono, mas era impossível. Minha respiração se enfraqueceu, e senti um frio mortal congelar meus membros pesados e paralisados. Minhas pálpebras, verdadeiras placas de chumbo, caíram-me nos olhos. Não consegui erguê-las. Um sono mórbido, cheio de alucinações, apoderou-se de todo o meu ser. Depois, as visões desapareceram e me deixaram completamente aniquilado.

O reino do coral

No dia seguinte, acordei com a cabeça singularmente descansada. E, para minha surpresa, estava no meu quarto. Meus companheiros, sem dúvida, tinham sido reintegrados a sua cabine sem que tivessem notado isso mais que eu. O que acontecera naquela noite, eles ignoravam tanto quanto eu, e, para desvendar esse mistério, eu só contava com os acasos do futuro.

Pensei, então, em sair do quarto. Teria eu voltado a ser um homem livre ou continuava a ser um prisioneiro? Completamente livre. Abri a porta, segui pelos corredores e subi a escadaria central. Os alçapões, fechados na véspera, estavam abertos. Cheguei à plataforma.

Ned Land e Conseil estavam à minha espera. Interroguei-os. Eles não sabiam de nada. Adormecidos em um sono pesado que não lhes deixou nenhuma memória, ficaram muito surpresos ao se encontrarem em sua cabine.

Quanto ao *Nautilus*, pareceu-nos calmo e misterioso como sempre. Ele flutuava na superfície das ondas a

uma velocidade moderada. Nada parecia diferente a bordo.

Ned Land observava o mar com seus olhos penetrantes. Ele estava deserto. O canadense não avistou nada de novo no horizonte, nem vela, nem terra. Uma brisa do oeste soprava ruidosamente, e ondas longas, espalhadas pelo vento, faziam com que a embarcação se movesse de forma muito sensível.

O *Nautilus*, depois de ter renovado seu ar, permaneceu em uma profundidade média de 15 metros, de modo a ser capaz de retornar rapidamente à superfície. Uma operação que, contrariamente ao habitual, foi realizada várias vezes, naquele dia 19 de janeiro. O imediato subiu até a plataforma, e a frase habitual ecoou no interior da embarcação.

Quanto ao capitão Nemo, ele não apareceu. Das pessoas a bordo, só vi o intransigente comissário, que me atendeu com sua habitual precisão e silêncio.

Por volta das 2 horas, eu estava no salão, ocupado em classificar minhas anotações, quando o capitão abriu a porta. Saudei-o. Ele me retribuiu com uma saudação quase imperceptível, sem me dirigir a palavra. Voltei ao trabalho, esperando que ele me desse explicações sobre os acontecimentos que tinham marcado a noite anterior. Mas ele não o fez. Fixei meu olhar nele. Sua figura me pareceu cansada; os olhos avermelhados não tinham sido refrescados pelo sono; sua fisionomia expressava profunda tristeza, um verdadeiro sofrimento. Ele ia e vinha, sentava e levantava, pegava um livro ao acaso para em seguida abandoná-lo, consultava seus instrumentos sem tomar as notas

habituais, e parecia incapaz de parar no lugar por um só momento.

Finalmente, veio ter comigo e disse:

– O senhor é médico, senhor Aronnax?

Fui pego totalmente de surpresa e fiquei olhando para ele por um tempo, sem responder.

– O senhor é médico? – ele repetiu. – Vários de seus colegas estudaram medicina, Gratiolet, Moquin-Tandon e outros.

– Na verdade – eu disse –, sou médico e interno nos hospitais. Cliniquei durante vários anos antes de ingressar no museu.

– Muito bem, meu senhor.

Minha resposta tinha, obviamente, deixado o capitão Nemo satisfeito. Mas, sem saber aonde ele queria chegar, esperei por novas perguntas, reservando-me a responder de acordo com as circunstâncias.

– Senhor Aronnax – disse o capitão –, o senhor concordaria em cuidar de um de meus homens?

– O senhor tem alguém doente?

– Sim.

– Estou pronto para acompanhá-lo.

– Venha comigo.

Devo confessar que meu coração disparou. Não sei por que vi certa ligação entre essa doença de um tripulante e os acontecimentos da véspera, e esse mistério me preocupava ao menos tanto quanto o enfermo.

O capitão Nemo me conduziu à popa do *Nautilus*, e adentrei uma cabine próxima à sala dos marinheiros.

Ali, sobre um leito, estava um homem de uns 40 anos, com um semblante enérgico, um verdadeiro tipo anglo-saxão.

Debrucei-me sobre ele. Ele não estava apenas enfermo, estava também ferido. Sua cabeça, enfaixada com panos ensanguentados, repousava sobre um travesseiro duplo. Retirei os panos, e o homem ferido, fitando-me com os arregalados, deixou-me fazê-lo sem proferir uma única queixa.

O ferimento era horrível. O crânio, despedaçado por um instrumento contundente, estava exposto, e a substância cerebral tinha sofrido um profundo desgaste. Coágulos de sangue haviam se formado na massa difluente, que tinha uma cor de borra de vinho. Havia ali, ao mesmo tempo, uma contusão e uma concussão cerebral. A respiração do enfermo era lenta e alguns movimentos espasmódicos dos músculos agitavam-lhe a face. A flegmasia cerebral era completa e causava paralisia em suas sensações e em seus movimentos.

Tomei o pulso do homem ferido. Estava intermitente. As extremidades de seu corpo já resfriavam, e vi que a morte estava se aproximando, sem parecer possível

impedi-la. Depois de ter feito um curativo naquele infeliz, ajustei as ataduras em sua cabeça e me dirigi ao capitão Nemo.

– Como aconteceu esse ferimento? – questionei.

– O que importa! – o capitão respondeu evasivamente. – Um choque do *Nautilus* partiu uma das alavancas do motor, que atingiu esse homem. Mas o que o senhor tem a dizer sobre o estado dele?

Hesitei em dizer.

– O senhor pode falar – disse o capitão. – Ele não entende francês.

Olhei para o ferido uma última vez, então respondi:

– Este homem estará morto em duas horas.

– Nada pode salvá-lo?

– Nada.

As mãos do capitão Nemo se contorceram e algumas lágrimas escorreram-lhe dos olhos, que eu não pensava que fossem feitos para chorar.

Por alguns instantes, fiquei ali observando o moribundo cuja vida se retirava lentamente. Sua palidez era ainda mais intensa sob a claridade elétrica que banhava seu leito de morte. Olhava sua cabeça inteligente, sulcada de rugas prematuras que o infortúnio, e talvez a miséria, já tinham escavado havia muito tempo. Tentava desvendar o segredo da sua vida nas últimas palavras que lhe escaparam aos

lábios!

– Pode se retirar, senhor Aronnax – disse-me o capitão Nemo.

Deixei o capitão na cabine do moribundo, e voltei para meu quarto, muito comovido com aquela cena. Durante todo o dia, inquietei-me com sinistros pressentimentos. À noite, dormi muito mal e, entre meus sonhos frequentemente interrompidos, pensei ter ouvido suspiros distantes e uma espécie de cântico fúnebre. Seria a oração dos mortos, murmurada naquela linguagem que eu não conseguia entender?

Na manhã seguinte, fui até a plataforma. O capitão Nemo já estava lá. Assim que me viu, veio ter comigo.

– Professor – ele me disse –, o senhor gostaria de fazer uma excursão submarina hoje?

– Com meus companheiros? – perguntei.

– Se for do gosto deles.

– Estamos às suas ordens, capitão.

– Queiram, por gentileza, vestir seus escafandros.

Nada se falou sobre o moribundo, ou morto. Juntei-me a Ned Land e Conseil. Informei-os da proposta do capitão Nemo. Conseil aceitou prontamente, e dessa vez o canadense mostrou-se muito disposto a nos acompanhar.

Eram 8 da manhã. Às 8h30, estávamos vestidos para aquele novo passeio e equipados com os dois

aparelhos, de iluminação e de respiração. A porta dupla foi aberta e, acompanhados pelo capitão Nemo, que por sua vez era seguido por uma dúzia dos homens da tripulação, pisamos a uma profundidade de 10 metros, sobre o solo firme onde o *Nautilus* descansava.

Uma ligeira inclinação levou-nos a um fundo acidentado, a cerca de 27 metros de profundidade. Esse fundo era completamente diferente daquele que eu tinha visitado durante minha primeira excursão sob as águas do Oceano Pacífico. Aqui, nem sinal de areia fina, de prados subaquáticos, nenhuma floresta pelágica. Reconheci imediatamente aquela maravilhosa região com a qual o capitão Nemo nos fazia as honras naquele dia. Era o reino do coral.

No ramo dos zoófitos e na classe dos alcionários, é possível encontrar a ordem das gorgonárias, que compreende três grupos, gorgônios, isídios e coralinos. É a este último que pertence o coral, substância curiosa que já foi classificada nos reinos mineral, vegetal e animal. Remédio para os antigos, joia para os modernos, foi somente em 1694 que o marselhês Peysonnel o classificou definitivamente no reino animal.

O coral é um grupo de animálculos reunidos em um polipeiro de natureza quebradiça e pedregosa. Esses pólipos têm um único genitor que os produziu por brotamento, e possuem uma existência própria, ao mesmo tempo que participam da vida comum. É, portanto, uma espécie de socialismo natural. Eu conhecia as mais recentes descobertas feitas sobre esse bizarro zoófito, que se mineraliza enquanto se

arboriza, segundo a observação muito precisa dos naturalistas, e nada poderia ser mais interessante para mim que visitar uma dessas florestas petrificadas que a natureza plantou no fundo dos mares.

Colocamos os aparelhos Ruhmkorff em operação, e seguimos um banco de coral em processo de formação, que, com a ajuda do tempo, um dia fechará essa parte do Oceano Índico. A estrada estava forrada com arbustos inextricáveis formados pelo emaranhado de touceiras cobertas por pequenas flores estreladas com raios brancos. Só que, ao contrário das plantas da terra, essas arborizações, fixadas ao chão, cresciam de cima para baixo.

A luz produzia milhares de efeitos encantadores ao brincar no meio daquelas ramagens tão coloridas. Parecia que aqueles tubos cilíndricos e membranosos tremiam sob a ondulação das águas. Eu estava tentado a colher suas frescas corolas adornadas com delicados tentáculos, alguns recém-desabrochados, outros em vias de brotar, enquanto peixes leves, com rápidas nadadeiras, roçavam nelas passando como se fossem revoadas de pássaros. Mas, se a minha mão se aproximava daquelas flores vivas, daquelas sensitivas animadas, imediatamente o alarme soava na colônia. As corolas brancas se recolhiam em seus coldres vermelhos, as flores desvaneciam diante de meus olhos, e o arbusto se transformava em um bloco de mamilos pedregosos.

O acaso tinha me colocado na presença das amostras mais preciosas desse zoófito. Esse coral era equivalente ao que foi capturado no Mediterrâneo, nas costas da França, da Itália e da Barbária. Seus tons

vívidos justificavam os nomes poéticos de *flor de sangue* e *espuma de sangue*, que o comércio atribui a seus mais belos exemplares. O coral é vendido por até 500 francos o quilo, e nesse lugar as camadas líquidas superavam a fortuna de catadores de coral do mundo inteiro. Essa preciosa matéria, muitas vezes misturada com outros polipeiros, formava conjuntos compactos e inextricáveis chamados *macciota*, sobre os quais notei espécimes admiráveis de coral rosa.

Mas logo os arbustos se atrofiaram e as arborizações cresceram. Verdadeiros bosques petrificados e longas carreiras de arquitetura fantasista abriram-se à nossa frente. O capitão Nemo se embrenhou por baixo de uma galeria obscura cuja inclinação suave nos levou a uma profundidade de 100 metros. A luz de nossas serpentinas, às vezes, produzia efeitos mágicos, agarrando-se às rugosas asperezas daquelas arcadas naturais e aos pingentes dispostos como candelabros, que picavam como pontas de fogo. Entre os arbustos coralinos, observei outros pólipos não menos curiosos, melitas, íris com ramos articulados, e também alguns tufos de coralinas, uns verdes, outros vermelhos, verdadeiras algas incrustadas em seus sais calcários, que os naturalistas, após longas discussões, classificaram definitivamente no reino vegetal. Mas, de acordo com as observações de um filósofo, “esse talvez seja o ponto real onde a vida se levanta obscuramente de seu sono de pedra, sem ainda se separar desse rude ponto de partida”.

Finalmente, depois de duas horas de caminhada, tínhamos atingido uma profundidade de cerca de 300 metros, que é o limite extremo em que o coral começa

a se formar. Mas, lá, não era mais o arbusto isolado, nem o modesto bosque de plantas baixas. Era a floresta imensa, as grandes vegetações minerais, as enormes árvores petrificadas, unidas por guirlandas de elegantes plumárias, cipós do mar, tudo adornado com cores e reflexos. Passamos livremente sob sua alta ramagem perdida na sombra da superfície das águas, enquanto a nossos pés, tubíporas, meandrinas, astreias, fungos e cariófilos formavam um tapete de flores semeado com gemas deslumbrantes.

Que espetáculo indescritível! Ah! Não podíamos comunicar nossas sensações! Por que estávamos presos sob aquela máscara de metal e vidro? Por que éramos proibidos de conversar! Por que não vivíamos pelo menos como aqueles peixes que habitam o elemento líquido, ou melhor, como aqueles anfíbios que, durante longas horas, podem atravessar, ao sabor de seus caprichos, o duplo domínio da terra e das águas!

Nesse momento, o capitão Nemo parou. Meus companheiros e eu suspendemos nossa marcha, e, ao me voltar, vi que seus homens formavam um semicírculo em torno de seu líder. Olhando com mais atenção, percebi que quatro deles carregavam sobre os ombros um objeto oblongo.

Nós ocupávamos, naquele lugar, o centro de uma vasta clareira, cercada pelas altas árvores da floresta submarina. Nossas lanternas projetaram no espaço uma espécie de claridade crepuscular que fazia sombras desmesuradas no chão. No limiar da clareira, a escuridão voltava a ser profunda e refletia apenas pequenas faíscas capturadas pelas arestas vivas do coral.

Ned Land e Conseil estavam perto de mim. Enquanto observávamos, ocorreu-me que estava prestes a testemunhar uma cena estranha. Quando olhei para o chão, vi que estava estufado em certos pontos por ligeiras excrescências incrustadas de depósitos calcários, organizada com uma regularidade que traía a mão do homem.

No meio da clareira, sobre um pedestal de rochas grosseiramente empilhadas, erguia-se uma cruz de coral que estendia seus longos braços, que se poderia pensar que eram feitos de sangue petrificado.

Com um sinal do capitão Nemo, um de seus homens deu um passo à frente e, a poucos metros da cruz, começou a cavar um buraco com uma enxada que ele desprendeu de seu cinto.

Compreendi tudo! Aquela clareira era um cemitério, aquele buraco, um túmulo, e o objeto oblongo, o corpo do homem que morrera naquela noite! O capitão Nemo e sua tripulação tinham vindo enterrar seu companheiro naquela morada comum, no fundo do inacessível oceano!

Não! Meu espírito jamais experimentou sensação parecida! Nunca ideias tão mirabolantes invadiram meu cérebro! Não queria ver o que meus olhos viam!

Enquanto isso, a tumba era lentamente escavada. Os peixes fugiam aqui e ali de suas tocas conturbadas. Ouvia ressoar, sobre o solo calcário, o ferro da picareta que, às vezes, soltava fagulhas ao atingir um sílex perdido no fundo das águas. O buraco se abria, se alargava, e logo ficou fundo o suficiente para

receber o corpo.

Então, os carregadores se aproximaram. O corpo, envolto em um tecido de bisso branco, desceu até sua tumba úmida. O capitão Nemo, com os braços cruzados no peito, e todos os amigos do defunto ajoelharam-se em oração... Meus dois companheiros e eu inclinamo-nos religiosamente.

A tumba foi então coberta com detritos arrancados do chão, que formavam uma pequena protuberância.

Quando tudo terminou, o capitão Nemo e seus homens se levantaram; depois, aproximando-se do túmulo, todos se colocaram de joelhos e estenderam a mão em sinal de supremo adeus...

Em seguida, a tropa fúnebre retomou o caminho do *Nautilus*, passando novamente sob os arcos da floresta, pelo meio da mata, seguindo os arbustos de coral, e sempre subindo.

Finalmente, avistamos as luzes de bordo. Seu rastro luminoso nos guiou até o *Nautilus*. Por volta de 1 hora da tarde, estávamos de volta.

Assim que troquei minhas roupas, subi à plataforma, e, refém de um turbilhão de ideias, fui me sentar perto do fanal.

O capitão Nemo juntou-se a mim. Levantei-me e disse:

– Então, de acordo com minhas previsões, aquele homem morreu durante a noite?

– Sim, senhor Aronnax – respondeu o capitão Nemo.

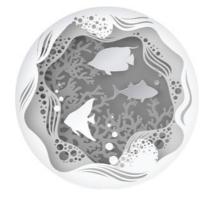
– E agora ele repousa ao lado de seus companheiros naquele cemitério de coral?

– Sim, esquecido por todos, mas não por nós! Nós cavamos a sepultura e os pólipos se encarregam de guardar nossos mortos por toda a eternidade!

Então, escondendo o rosto entre as mãos apertadas com um gesto repentino, o capitão tentou em vão comprimir um soluço. Em seguida, acrescentou:

– É ali que fica nosso sereno cemitério, poucos metros abaixo da superfície das ondas!

– Ao menos, seus mortos repousam tranquilamente ali, capitão, fora do alcance dos tubarões!

– Sim, senhor, dos tubarões e dos homens! – respondeu gravemente o capitão.

Segunda parte

O Oceano Índico

Aqui começa a segunda parte desta viagem submarina. A primeira terminou com a comovente cena do cemitério de coral, que deixou uma marca profunda em minha mente. Assim, no meio daquele imenso mar, a vida do capitão Nemo se desenrolava em sua totalidade, e não seria impossível que seu túmulo já estivesse preparado na mais impenetrável das profundezas do mar. Lá, nenhum dos monstros do oceano perturbaria o último sono dos hóspedes do *Nautilus*, desses amigos acorrentados uns aos outros, tanto na morte como na vida! "Dos tubarões e dos homens!", acrescentara o capitão.

Sempre essa mesma feroz e implacável desconfiança com as sociedades humanas!

Para mim, já não bastavam mais as suposições que satisfaziam Conseil. Esse digno rapaz persistia em ver no comandante do *Nautilus* apenas um daqueles

cientistas desconhecidos que desprezam a humanidade por indiferença. Para ele, o capitão Nemo era um gênio incompreendido que, cansado das decepções terrenas, decidira se refugiar naquele ambiente inacessível onde seus instintos eram exercitados livremente. Mas, na minha opinião, essa hipótese explicava apenas uma faceta do capitão Nemo.

De fato, o mistério daquela última noite, durante a qual tínhamos sido acorrentados na prisão e no sono, a precaução tão violentamente tomada pelo capitão para arrancar de meus olhos a luneta prestes a desbravar o horizonte, a ferida mortal daquele homem, decorrente de um choque inexplicável do *Nautilus*, tudo isso me levava para um novo caminho. Não! O capitão Nemo não estava apenas fugindo dos homens! Seu formidável aparelho servia não somente a seus instintos de liberdade, mas talvez também aos interesses de alguma terrível represália.

Neste momento, nada é óbvio para mim; ainda vejo apenas vislumbres nesta escuridão, e devo limitar-me a escrever, por assim dizer, sob os ditames dos acontecimentos.

Além disso, nada nos prende ao capitão Nemo. Ele sabe que é impossível fugir do *Nautilus*. Não somos nem sequer prisioneiros em liberdade condicional. Nenhum compromisso de honra nos prende. Somos apenas prisioneiros, prisioneiros disfarçados de hóspedes por uma questão de cortesia. No entanto, Ned Land não perdeu a esperança de recuperar sua liberdade. Está certo de que aproveitará a primeira oportunidade que o acaso lhe oferecer. Farei o mesmo que ele, sem dúvida. E, no entanto, não será sem

algum tipo de remorso que levarei o que a generosidade do capitão nos permitiu desvendar dos mistérios do *Nautilus*! Pois, afinal, devemos odiar ou admirar esse homem? Ele é uma vítima ou um carrasco? Além disso, para ser honesto, antes de abandoná-lo para sempre, eu gostaria de completar essa volta ao mundo submarina cujo início foi tão magnífico. Gostaria de observar a série completa das maravilhas acumuladas sob os mares do globo. Quem me dera ver o que nenhum homem viu ainda, mesmo devendo pagar com a vida por essa insaciável necessidade de aprender! O que descobri até aqui? Nada, ou quase nada, já que percorremos apenas 6 mil léguas pelo Pacífico!

No entanto, sei bem que o *Nautilus* está se aproximando das terras habitadas, e que, se alguma chance de salvação nos for oferecida, seria cruel sacrificar meus companheiros à minha paixão pelo desconhecido. Terei de segui-los, talvez até guiá-los. Mas essa oportunidade surgirá? O homem privado à força do seu livre arbítrio deseja essa oportunidade, mas o sábio, o curioso, recua diante dela.

Naquele dia, 21 de janeiro de 1868, ao meio-dia, o imediato veio calcular a altura do sol. Fui até a plataforma, acendi um charuto e acompanhei a operação. Pareceu-me óbvio que aquele homem não entendia francês, pois várias vezes fiz reflexões em voz alta que lhe deveriam ter arrancado algum sinal involuntário de atenção, se as tivesse compreendido, mas ele permaneceu impassível e silencioso.

Enquanto observava pelo sextante, um dos marinheiros do *Nautilus* – o homem vigoroso que nos

tinha acompanhado em nossa primeira excursão submarina à Ilha Crespo – veio limpar os vidros do fanal. Examinei então a instalação desse dispositivo, cuja potência era centuplicada por anéis lenticulares dispostos como aqueles dos faróis, que mantinham sua luz no plano útil. A lâmpada elétrica era combinada de modo a ser possível aproveitar toda a sua capacidade de iluminação. A luz era produzida no vácuo, o que assegurava tanto sua regularidade quanto sua intensidade. Esse vácuo também economizava as pontas de grafite entre as quais se desenvolve o arco luminoso, uma economia importante para o capitão Nemo, que não poderia renová-las facilmente. Porém, naquelas condições, seu desgaste era quase imperceptível.

Quando o *Nautilus* se preparava para retomar sua expedição submarina, voltei para o salão. As escotilhas se fecharam, e a rota foi dada para oeste.

Adentrávamos então o Oceano Índico, vasta planície líquida com capacidade de 550 milhões de hectares, cujas águas são tão transparentes que dão vertigem naqueles que se inclinam sobre sua superfície. O *Nautilus* avançava geralmente entre 100 e 200 metros de profundidade. Foi assim durante alguns dias. Para qualquer outro que não eu, que nutro um amor imenso pelo mar, as horas pareceriam, sem dúvida, longas e monótonas; mas essas caminhadas cotidianas sobre a plataforma, onde me reabastecia com o revigorante ar do oceano, o espetáculo dessas ricas águas através das vidraças do salão, a leitura dos livros da biblioteca e a escrita de minhas memórias ocupavam todo o meu tempo e não me deixavam nem

um momento sequer de cansaço ou tédio.

A saúde de todos se mantinha em condições muito satisfatórias. Estávamos perfeitamente adaptados ao regime de bordo, e, de minha parte, dispensaria tranquilamente as variações que Ned Land, para ser do contra, tentava impor. Além disso, como a temperatura era constante, não havia sequer um resfriado a temer. Também, o madreporário *Dendrophyllia*, conhecido na Provença como "funcho-do-mar", e do qual existia certa reserva a bordo, teria fornecido, com a carne derretida de seus pólipos, um excelente expectorante contra a tosse.

Durante alguns dias, vimos um grande número de aves aquáticas, palmípedes, gaivotas ou alcatrazes. Algumas foram habilmente mortas e, preparadas de acordo com determinada receita, revelaram-se presas aquáticas bastante apreciáveis. Entre os grandes voadores, transportados de terras longínquas e que repousam de seus cansativos voos sobre as ondas, observei magníficos albatrozes, pássaros que pertencem à família dos longipenes, cujo grito discordante é parecido com o zurro de um asno. A família dos totipalmados era representada por velozes fragatas que capturavam peixes da superfície com precisão, e por numerosos faetons, ou rabos-de-palha, e, entre outros, o faeton de barbatanas vermelhas, grande como um pombo, cuja plumagem branca traz nuances de tons de rosa que destacam o matiz preto das asas.

As redes do *Nautilus* trouxeram vários tipos de tartaruga-marinha, do gênero *caret*, com costas arredondadas, cuja carapaça é altamente cobiçada.

Esses répteis, que mergulham facilmente, podem permanecer debaixo d’água por muito tempo, fechando a válvula carnuda localizada no orifício externo do seu canal nasal. Alguns desses *carets*, quando capturados, ainda estavam dormindo em suas carapaças, protegidos dos animais do mar. A carne dessas tartarugas era geralmente modesta, mas seus ovos proviam um excelente regalo.

Quanto aos peixes, eles sempre despertavam nossa admiração quando surpreendíamos, através das escotilhas abertas, os segredos de sua vida aquática. Notei várias espécies inéditas para mim até então.

Menciono, principalmente, os peixes-cofre, peculiares do Mar Vermelho, do Mar das Índias e dessa parte do oceano que banha as costas da América equinocial. Esses peixes, assim como as tartarugas, os tatus, os ouriços-do-mar e os crustáceos, são protegidos por uma couraça que não é nem cretácea, nem pedregosa, mas verdadeiramente óssea. Ora ela assume a forma de um sólido triangular, ora de um sólido quadrangular. Entre os triangulares, notei alguns de 0,5 decímetro de comprimento, de carne salubre e sabor requintado, marrons na cauda, amarelos nas nadadeiras, cuja aclimatação recomendo mesmo em águas doces, a que, inclusive, uma série de peixes do mar se adaptam facilmente. Cito também alguns peixes-cofre quadrangulares com a cauda encimada por quatro grandes tubérculos; peixes-cofre manchados com pontos brancos na parte inferior do corpo, que são domesticáveis como pássaros; trigônios providos de ferrões formados pelo prolongamento de sua crosta óssea, cujo singular ronco deu-lhes o

apelido de “porcos-do-mar”; e, por fim, peixes-dromedários com grandes corcovas em forma de cones, cuja carne é dura e resistente.

Destaco ainda, com base nas notas diárias feitas pelo mestre Conseil, alguns dos peixes do gênero tetrodontídeo, peculiares a esses mares, espenglérios de costas vermelhas e peito branco, que se distinguem por três listras longitudinais de filamentos, e os elétricos, com 17 centímetros de comprimento, adornados com as cores mais vivas. Além disso, como amostras de outros gêneros, ovoides semelhantes a um ovo castanho-escuro, listrados com tiras brancas e desprovidos de cauda; *diodons*, autênticos porcos-espinhos do mar, dotados de ferrões e capazes de inchar de tal maneira a formar uma pelota de dardos; cavalos-marinhos comuns a todos os oceanos; pégasos voadores com focinho alongado, cujas nadadeiras peitorais, muito longas e dispostas em forma de asas, permitem-nos, se não voar, pelo menos saltar pelos ares; pombos espatulados, cuja cauda é coberta por numerosos anéis escamosos; macrognatas com maxilar protuberante, excelentes peixes de 25 centímetros de comprimento e brilhantes, com as mais agradáveis cores; calimoros lívidos de cabeça enrugada; miríades de blênios saltitantes com listras pretas e longas nadadeiras peitorais, que deslizam sobre a superfície das águas com uma prodigiosa velocidade; deliciosos peixes velíferos, que podem içar suas nadadeiras como velas desfraldadas pelas correntes favoráveis; esplêndidos *kurtes* aos quais a natureza agraciou com tons de amarelo, azul-celeste, prata e ouro; tricópteros cujas asas são formadas por filamentos; cabozes, sempre maculados de limão e que produzem certo

farfalhar; triglos cujo fígado é considerado venenoso; bodiões que carregam sobre os olhos uma espécie de antolho móvel; e, finalmente, peixes-cachimbo, com um longo focinho tubular, verdadeiros engole-moscas do oceano, providos de um fuzil que nem os Chassepot nem os Remington poderiam prever, e que matam insetos golpeando-os com uma simples gota d'água.

No octogésimo nono gênero de peixes classificados por Lacépède, que pertence à segunda subclasse dos ósseos, caracterizada por um opérculo e uma membrana branquial, notei a escorpena, cuja cabeça é coberta por ferrões e que possui apenas uma barbatana dorsal; esses animais são cobertos ou privados de pequenas escamas, dependendo do subgênero a que pertencem. O segundo subgênero nos oferece amostras de didáctilos de 3 a 4 decímetros de comprimento, listrados de amarelo, mas cuja cabeça tem um aspecto fantástico. Quanto ao primeiro subgênero, ele fornece vários espécimes desse peixe estranho apelidado apropriadamente de “sapo-do-mar”. São peixes de cabeça grande, às vezes cortados com cavidades profundas, às vezes inchados de protuberâncias; eriçados com ferrões e pontilhados com tubérculos, dotados de chifres irregulares e hediondos; seu corpo e cauda são cobertos de calosidades; seus espinhos causam feridas perigosas; é um peixe repugnante e horrível.

Do dia 21 ao dia 23 de janeiro, o *Nautilus* navegou a uma velocidade de 250 léguas por 24 horas, ou seja, 540 milhas, ou 22 milhas por hora. Se reconhecíamos, ao passar, essas diversas variedades de peixes, é porque estes, atraídos pelas luzes elétricas, tentavam

nos acompanhar; a maioria, distanciada por essa velocidade, logo ficou para trás; alguns, no entanto, conseguiam manter-se por um tempo nas águas do *Nautilus*.

No dia 24 de manhã, a 12° 5’ de latitude sul e 94° 33’ de longitude, avistamos a Ilha Keeling, uma elevação madrepórica habitada por magníficos coqueiros, e que foi visitada por Darwin e pelo capitão Fitz-Roy. O *Nautilus* contornou de perto a costa dessa ilha deserta. Suas dragas trouxeram inúmeras amostras de pólipos e equinodermes, além de algumas curiosas carcaças do ramo dos moluscos. Alguns preciosos produtos da espécie dos *dauphilus* enriqueceram os tesouros do capitão Nemo, aos quais acrescentei uma astreia punctífera, espécie de polípero parasita frequentemente colado a uma concha.

Logo a Ilha Keeling desapareceu sob o horizonte, e a rota foi seguida para noroeste em direção à ponta da Península Indiana.

– Terras civilizadas – disse-me Ned Land naquele dia. – Será melhor que as ilhas da Papua, onde encontramos mais selvagens que veados! Nessa terra indiana, professor, há estradas, linhas férreas, cidades inglesas, francesas e hindus. Não percorreríamos nem 5 milhas sem encontrar um compatriota. Hein!? Não está na hora de nos livrarmos das garras do capitão Nemo?

– Não, Ned, não – respondi num tom bastante determinado. – Como vocês marinheiros dizem, deixemos as águas rolarem. O *Nautilus* está se aproximando dos continentes habitados. Ele vai voltar

para a Europa, deixe que nos leve até lá. Quando chegarmos a nossos mares, veremos o que a prudência nos aconselhará a arriscar. Além disso, suponho que o capitão Nemo não nos permitiria sair para caçar nas costas de Malabar ou de Coromandel, como nas florestas da Nova Guiné.

– Pois bem! Não podemos dispensar a permissão dele, meu senhor?

Nada respondi ao canadense. Não queria discutir. No fundo, estava determinado a esgotar todos os acasos do destino que me tinham levado a bordo do *Nautilus*.

A partir da Ilha Keeling, nossa navegação foi inteiramente abrandada. Ela também estava mais inconstante e muitas vezes nos levou a grandes profundidades. Várias vezes foi feito uso dos planos inclinados das alavancas internas para colocar o *Nautilus* obliquamente na linha da água. Fomos assim até 2 e 3 quilômetros, mas sem nunca ter verificado as grandes profundezas daquele mar indiano que sondas de 13 mil metros não foram capazes de alcançar. Quanto à temperatura das camadas inferiores, o termômetro indicava invariavelmente 4 graus positivos. Eu observava apenas que, nas camadas superiores, a água estava sempre mais fria nas profundezas que na superfície.

Em 25 de janeiro, como o oceano estava absolutamente deserto, o *Nautilus* passou o dia em sua superfície, batendo nas ondas com sua poderosa hélice e fazendo-as jorrar a uma grande altura. Nessas condições, como não acreditar que se tratava de um cetáceo gigante? Passei três quartos desse dia na

plataforma, olhando para o mar. Nada no horizonte, exceto, por volta das 4 da tarde, quando surgiu um longo *steamer* que seguia para oeste com os costados voltados para nós. Seu mastro ficou visível por um momento, mas ele não podia ver o *Nautilus*, que estava muito raso sobre a água. Pensei que aquele barco a vapor pertencia à linha peninsular e oriental, que serve desde a Ilha de Ceilão até Sydney, costeando o Cabo do Rei George e Melbourne.

Às 5 horas, antes desse rápido crepúsculo que liga o dia à noite nas zonas tropicais, Conseil e eu ficamos maravilhados com um espetáculo curioso.

De acordo com os antigos, existe um charmoso animal cujo encontro prenuncia acontecimentos felizes. Aristóteles, Ateneu, Plínio e Opiano estudaram seus gostos e esgotaram a seu respeito toda a poética dos estudiosos da Grécia e da Itália. Chamaram-lhe de *"náutilo"* e *"pompílio"*. Mas a ciência moderna não ratificou sua denominação, e esse molusco é agora conhecido pelo nome de "*argonauta*".

Quem consultasse Conseil teria aprendido com esse valente rapaz que o ramo dos moluscos é dividido em cinco classes; que a primeira classe, a dos cefalópodes, cujos representantes se apresentam ora nus, ora testáceos, compreende duas famílias, a dos dibranquiais e a dos tetrabranquiais, que se diferenciam pelo número de brânquias; que a família dos dibranquiais compreende três gêneros, o argonauta, o calamar e a siba, e que a família do tetrabranquial compreende apenas um, o náutilo. Se, depois dessa nomenclatura, um espírito rebelde confundir o argonauta, que é *acetabulífero*, isto é,

portador de ventosas, com o náutilo, que é *tentaculífero*, ou seja, portador de tentáculos, ele não poderá ser desculpado.

Ora, era um cardume desses argonautas que viajava na superfície do oceano. Podíamos contá-los às centenas. Eles pertenciam à espécie dos argonautas tuberculados, que só é encontrada nos mares da Índia.

Esses graciosos moluscos se moviam de costas por meio de seu tubo locomotor, expelindo por esse tubo a água que haviam aspirado. Dos seus oito tentáculos, seis, alongados e afilados, flutuavam sobre a água, enquanto os outros dois, arredondados com barbatanas, desfraldavam-se ao vento como uma tênue vela. Eu reconhecia perfeitamente sua concha espiralada e ondulada, que Cuvier compara com precisão a uma chalupa. Um verdadeiro barco que transporta o animal que o secretou sem que o animal se incruste nele.

– O argonauta é livre para deixar sua concha – eu disse a Conseil –, mas nunca a deixa.

– O mesmo que faz o capitão Nemo – respondeu judiciosamente Conseil. – É por isso que ele deveria chamar seu navio de *Argonauta*.

Por cerca de uma hora, o *Nautilus* flutuou no meio desse grupo de moluscos. Então, alguma coisa os assustou de repente. Como se obedecessem a um sinal, todas as velas foram subitamente recolhidas; os tentáculos dobrados, os corpos contraídos, as conchas se retorceram e mudaram seu centro de gravidade, e toda a flotilha desapareceu sob as ondas. Foi

instantâneo, e nunca navios de uma esquadra manobraram com tanto entrosamento.

A noite caiu de repente, e as ondas, apenas levantadas pela brisa, jaziam pacificamente sob as cintas do *Nautilus*.

No dia seguinte, 26 de janeiro, cortamos o Equador no octogésimo segundo meridiano e entramos no Hemisfério Norte.

Ao longo desse dia, uma formidável tropa de esqualos nos seguiu em cortejo. Animais terríveis que abundam nesses mares e os tornam muito perigosos. Eram tubarões-philipps com dorso marrom e ventre esbranquiçado, armados com 11 fileiras de dentes; tubarões-olhudos, marcados no pescoço com uma grande mancha negra envolta em um anel branco que parece um olho; tubarões-isabelle, com o focinho arredondado e coberto por manchas escuras. Vez ou outra, esses poderosos animais se precipitavam contra as vidraças do salão com uma violência pouco tranquilizadora. Isso tirava Ned Land do sério. Ele queria subir à superfície das águas e arpoar esses monstros, especialmente alguns esqualos cujas bocas são revestidas com dentes dispostos como um mosaico, e também os grandes tubarões-tigre, de 5 metros de comprimento, que o provocavam com uma curiosa insistência. Mas logo o *Nautilus*, aumentando sua velocidade, deixou facilmente para trás os mais velozes tubarões.

Em 27 de janeiro, na abertura do vasto Golfo de Bengala, encontramos, em mais de uma ocasião – espetáculo sinistro! –, cadáveres flutuando na

superfície das águas. Eram mortos das cidades indianas, levados pelo Ganges para o alto-mar, e que os abutres, os únicos coveiros do país, não tinham acabado de devorar. Mas não faltavam tubarões para ajudá-los em seu trabalho funerário.

Por volta das 7 horas da noite, o *Nautilus*, metade submerso, navegou no meio de um mar de leite. O oceano parecia um creme a perder de vista. Seria um efeito dos raios lunares? Não, porque a lua, naquela fase, ainda estava perdida no horizonte, sob os raios do sol. Todo o céu, embora iluminado pela radiação sideral, parecia negro em contraste com a brancura das águas.

Conseil mal podia acreditar no que via, e perguntou-me sobre as causas desse singular fenômeno. Felizmente, eu estava apto a responder.

– Isso é o que se chama de mar de leite – eu disse –, uma vasta extensão de ondas brancas que é frequentemente vista nas costas de Amboina e aqui nestas paragens.

– Mas – prosseguiu Conseil –, o cavalheiro poderia me explicar que causa produz tal efeito, porque essa água não se transformou em leite, suponho!

– Não, meu rapaz, e essa brancura que o surpreende se deve exclusivamente à presença de miríades de insetos infusórios, espécie de pequenos vermes luminosos de aparência gelatinosa e incolor, da espessura de um fio de cabelo, cujo comprimento não excede um quinto de um milímetro. Algumas dessas bestiolas aderem umas às outras no espaço de várias léguas.

– Várias léguas! – exclamou Conseil.

– Sim, meu rapaz, e não tente adivinhar a quantidade desses infusórios! Seria impossível porque, se não me engano, alguns navegadores singraram por esses mares de leite por mais de 40 milhas.

Não sei se Conseil levou em conta minha recomendação, mas parecia estar mergulhado em profundas reflexões, sem dúvida procurando estimar quantos quintos de milímetro cabem em 40 milhas quadradas. Quanto a mim, continuei observando o fenômeno. Durante várias horas, o *Nautilus* cortou essas brancas ondas com seu esporão, e notei que ele deslizava silenciosamente sobre aquela água saponácea como se flutuasse nos turbilhões de espuma que as correntes e contracorrentes das baías, por vezes, deixavam entre si.

Por volta da meia-noite, o mar de repente retomou sua cor habitual, mas atrás de nós, até os limites do horizonte, o céu refletia a alvura das ondas, parecendo durante muito tempo imbuído dos difusos fulgores de uma aurora boreal.

Uma nova proposta do capitão Nemo

Em 28 de janeiro, quando o *Nautilus* retornou à superfície do mar ao meio-dia, a 9° 4’ de latitude norte, estava em vista de uma terra distante oito milhas a oeste. A princípio, observei uma aglomeração de montanhas com cerca de 600 metros de altura, cujas formas eram caprichosamente modeladas. Quando a altura do sol foi calculada, entrei no salão e, ao ver nossa localização traçada no mapa, reconheci que estávamos na presença da Ilha do Ceilão, essa pérola pendurada no lóbulo inferior da Península Indiana.

Fui à biblioteca procurar um livro sobre a ilha, uma das mais férteis do globo. Encontrei precisamente um volume de H. C. Sirr, Esq., intitulado *Ceylan and the Cingalese*.

Retornei ao salão e anotei primeiro as coordenadas do Ceilão, para o qual a antiguidade tinha dado tantos nomes diferentes. Sua posição era entre 5° 55’ e 9° 49’ de latitude norte, e entre 79° 42’ e 82° 4’ de longitude

a leste do meridiano de Greenwich; seu comprimento era de 442 quilômetros e sua largura máxima de 230 quilômetros; sua circunferência era de 1.500 quilômetros; sua superfície, 39 mil quilômetros, isto é, um pouco inferior à da Irlanda.

O capitão Nemo e seu imediato apareceram nesse momento. O capitão deu uma olhada no mapa e disse, virando-se para mim:

– A ilha de Ceilão, uma terra famosa por seus bancos de pérolas. O senhor ficaria feliz em visitar um de seus viveiros, senhor Aronnax?

– Sem dúvida, capitão.

– Muito bem. Isso será bastante simples. Mas visitaremos os viveiros e não veremos os pescadores. A exploração anual ainda não começou. Pouco importa. Darei ordens para rumarmos até o Golfo de Mannar, aonde chegaremos à noite.

O capitão trocou algumas palavras com seu imediato, que se retirou em seguida. Logo o *Nautilus* entrou por inteiro em seu elemento líquido, e o manômetro indicou que ele se mantinha a uma profundidade de 9 metros.

Procurei o Golfo de Mannar no mapa que estava à minha frente. Encontrei-o perto do nono paralelo, na costa noroeste do Ceilão. Ele era formado por uma linha que partia da pequena Ilha de Mannar e, para alcançá-lo, era preciso subir toda a costa ocidental do Ceilão.

– Professor – disse o capitão Nemo –, pescam-se pérolas no Golfo de Bengala, no Mar das Índias, nos mares da China e do Japão, nos mares da América do Sul, no Golfo do Panamá e no Golfo da Califórnia, mas é no Ceilão que se obtêm os melhores resultados com essa atividade. Chegamos um pouco cedo, é verdade. Os pescadores reúnem-se apenas durante o mês de março no Golfo de Mannar, e lá, durante 30 dias, seus 300 barcos se dedicam a essa lucrativa exploração dos tesouros do mar. Cada barco é ocupado por dez remadores e dez pescadores. Estes, divididos em dois grupos, mergulham alternadamente e descem a uma profundidade de 12 metros com o auxílio de uma pedra pesada que amarram em seus pés e que uma corda conecta ao barco.

– Quer dizer – questionei – que ainda é esse meio primitivo que está em uso?

– Ainda – respondeu o capitão Nemo –, embora os produtos dessas pescarias pertençam ao povo mais industrializado do planeta, os ingleses, a quem o Tratado de Amiens os havia cedido em 1802.

– Parece-me, no entanto, que o escafandro, como o senhor usa, seria de grande utilidade em tal operação.

– Sim, porque esses pobres pescadores não podem ficar debaixo d'água por muito tempo. O inglês Perceval, em sua viagem ao Ceilão, falou de um cafre que permaneceu por 5 minutos sem voltar à superfície, mas o fato me parece pouco crível. Sei que alguns mergulhadores chegam a 57 segundos, e os muito hábeis até 87; no entanto, eles são raros, e, quando regressam a bordo, esses infelizes expelem

uma água tingida de sangue pelo nariz e pelos ouvidos. Creio que o tempo médio que os pescadores podem suportar é de 30 segundos, durante os quais se apressam a embalar numa pequena rede todas as ostras de pérola que conseguem arrancar; mas, de modo geral, esses pescadores não vivem muito; sua visão enfraquece, as úlceras eclodem em seus olhos; formam-se feridas em seus corpos e, muitas vezes, chegam a ser acometidos por uma apoplexia no fundo do mar.

– Sim – eu disse –, é uma profissão triste, e que serve apenas para satisfazer alguns caprichos. Mas diga-me, capitão, quantas ostras um barco pode pescar num dia?

– Entre 40 e 50 mil. Dizem até que, em 1814, quando o governo inglês patrocinou sozinho uma de suas pescas, seus mergulhadores, em 20 dias de trabalho, trouxeram 76 milhões de ostras.

– Pelo menos esses pescadores são bem remunerados? – perguntei.

– Miseramente, professor. No Panamá, ganham apenas 1 dólar por semana. Na maioria das vezes, recebem 1 centavo por ostra que contém uma pérola, e quantas eles coletam que não as contêm!

– Um centavo para essas pobres pessoas que enriquecem seus patrões! É odioso.

– Enfim, professor – disse o capitão Nemo –, o senhor e seus companheiros visitarão o banco de ostras de Mannar, e se por acaso algum pescador apressado já

estiver por lá, poderemos então observá-lo em atividade.

– Combinado, capitão.

– A propósito, senhor Aronnax, o senhor tem medo de tubarões?

– Tubarões! – exclamei.

Essa questão pareceu-me, no mínimo, bastante sem sentido.

– E então? – insistiu o capitão Nemo.

– Confesso, capitão, que ainda não estou muito familiarizado com esse tipo de peixe.

– Nós já estamos acostumados com isso – respondeu o capitão Nemo –, e com o tempo o senhor também vai se acostumar. Além disso, estaremos armados, e, no caminho, talvez possamos caçar algum esqualo. É uma caçada interessante. Então, até amanhã, professor, e de manhã cedo!

Dizendo isso de maneira displicente, o capitão Nemo deixou o salão.

Se fosse convidado para caçar ursos nas montanhas da Suíça, o leitor diria: “Está bem! Amanhã vamos caçar ursos”. Se fosse convidado para caçar leões nas planícies do Atlas, ou tigres nas selvas da Índia, diria: “Ah! ah! Então, vamos caçar tigres ou leões!”. Mas se fosse convidado a caçar tubarões em seu habitat natural, o leitor pediria para pensar antes de aceitar o convite.

Quanto a mim, passei a mão na testa onde brotavam algumas gotas de suor frio.

“Pensemos” – disse a mim mesmo –, “e tomemos nosso tempo. Caçar lontras nas florestas submarinas, como fizemos nas florestas da Ilha Crespo, ainda vai. Mas percorrer o fundo dos mares, quando se tem certeza de encontrar tubarões, isso é outra coisa! Sei que em alguns países, especialmente nas Ilhas Andamão, os negros não hesitam em atacar o tubarão, um punhal numa mão e uma corda na outra, mas também sei que muitos dos que enfrentam esses formidáveis animais não regressam vivos! Além disso, não sou negro, e ainda que o fosse, acho que uma ligeira hesitação da minha parte não seria inapropriada nesse caso.”

E aqui estou eu sonhando com tubarões, imaginando suas enormes mandíbulas armadas com múltiplas fileiras de dentes capazes de cortar um homem ao meio. Eu já começava a sentir dores em torno de meus rins. Além disso, não conseguia digerir a naturalidade com que o capitão tinha feito aquele convite deplorável! Parecia até que o convite era para caçar uma inofensiva raposa no bosque!

“Bem!” – pensei –, “Conseil jamais aceitará essa proposta e isso me dispensará de acompanhar o capitão.”

Quanto a Ned Land, confesso que não tinha tanta certeza da sua sensatez. Um perigo, por maior que fosse, sempre atraía sua natureza belicosa.

Retomei a leitura do livro de Sirr, mas folheava-o mecanicamente. Eu via grandes mandíbulas abertas

nas entrelinhas.

Nesse momento, Conseil e o canadense entraram no salão. Eles pareciam sossegados e até alegres, já que não sabiam o que os aguardava.

– Por Deus, meu senhor! – exclamou Ned Land. – Seu capitão Nemo (que o diabo o carregue!) acaba de nos fazer um convite muito gentil.

– Ah! – eu disse –, na verdade...

– Que o cavalheiro me permita interrompê-lo – falou Conseil –, o capitão do *Nautilus* nos convidou a visitar amanhã, na companhia do cavalheiro, os magníficos viveiros de ostras do Ceilão. Ele fez esse convite em excelentes termos e se comportou como um verdadeiro cavalheiro.

– Ele não disse mais nada?

– Nada, senhor – respondeu o canadense –, exceto que já tinha conversado com o senhor a respeito desse pequeno passeio.

– De fato – concordei. – E ele não deu detalhes sobre...

– Nenhum, senhor naturalista. O senhor virá conosco, não é mesmo?

– Eu... certamente! Vejo que gostou da ideia, mestre Land.

– Sim! É curioso, muito curioso.

– Perigoso, talvez! – acrescentei num tom insinuante.

– Perigoso – respondeu Ned Land –, uma simples excursão a um banco de ostras!

Decididamente, o capitão Nemo achou desnecessário despertar a ideia de tubarões nas mentes de meus companheiros. Eu, no entanto, olhava para eles com olhar pesaroso, e como se algum membro já lhes tivesse sido arrancado. Devia preveni-los? Sim, sem dúvida, mas não sabia muito como fazê-lo.

– Senhor – disse Conseil –, o senhor não gostaria de nos dar alguns detalhes sobre a pesca de pérolas?

– Sobre a pesca em si, ou sobre os incidentes que...

– Sobre a pesca – o canadense respondeu. – Antes de adentrar o terreno, é bom conhecê-lo.

– Pois bem! Sentem-se, meus amigos, e vou lhes contar tudo que o inglês Sirr acabou de ensinar a mim mesmo.

Ned e Conseil sentaram-se em um divã, e o canadense logo disse:

– Senhor, o que é uma pérola?

– Meu bravo Ned – respondi –, para o poeta, a pérola é uma lágrima do mar; para os orientais, é uma gota de orvalho solidificada; para as senhoras, é uma joia de forma oblonga, de brilho hialino e de matéria nacarada, que elas usam no dedo, no pescoço ou na orelha; para o químico, é uma mistura de fosfato e carbonato de cal com um pouco de gelatina; e, finalmente, para o naturalista, é uma simples secreção

doentia do órgão que produz a madrepérola em alguns bivalves.

– Ramo dos moluscos – disse Conseil –, classe dos acéfalos, ordem dos testáceos.

– Precisamente, sábio Conseil. Agora, entre esses testáceos, a íris orelha-do-mar, os rodovalhos, as tridacnas, as pinhas-marinhas, ou seja, todos aqueles que secretam a madrepérola, que é essa substância azul, azulada, violeta ou branca que reveste o interior de suas válvulas, são suscetíveis de produzir pérolas.

– Os mexilhões também? – perguntou o canadense.

– Sim! Os mexilhões de alguns cursos d'água da Escócia, do País de Gales, da Irlanda, da Saxônia, da Boêmia e da França.

– Ótimo! Prestaremos atenção nisso a partir de agora – respondeu o canadense.

– Mas – retomei –, o molusco por excelência, que destila a pérola, é a ostra-perlífera, a *Meleagrina margaritifera*, a preciosa pintadina. A pérola é apenas uma concreção nacarada que se organiza em um formato globular. Ou ela adere à concha da ostra, ou incrusta nos interstícios do animal. Sobre as válvulas, a pérola é aderente; sobre a carne, é livre. Mas ela tem sempre como núcleo um pequeno corpo duro, ou seja, um óvulo estéril ou um grão de areia em torno do qual a madrepérola é sedimentada durante vários anos, sucessivamente, e em camadas finas e concêntricas.

– É possível encontrar diversas pérolas em uma mesma

ostra? – perguntou Conseil.

– Sim, meu rapaz. Certas pintadinas são um autêntico porta-joias. Houve até quem tenha citado uma ostra, mas permito-me duvidar do fato, que continha nada menos que 150 tubarões.

– Cento e cinquenta tubarões! – exclamou Ned Land.

– Eu disse tubarões? – espantei-me. – Quero dizer 150 pérolas. Tubarões não faria nenhum sentido.

– De fato – disse Conseil. – Mas o cavalheiro poderia nos explicar agora como essas pérolas são extraídas?

– Há várias maneiras de fazer isso, e muitas vezes, mesmo quando as pérolas aderem às válvulas, os pescadores arrancam-nas com alicates. No entanto, mais comumente, as pintadinas são estendidas sobre esteiras de espartaria que cobrem a costa. Então, elas morrem ao ar livre e, passados dez dias, encontram-se num estado satisfatório de putrefação. Elas são, então, mergulhadas em vastos reservatórios de água do mar e, em seguida, abertas e lavadas. É nesse momento que começa o trabalho duplo dos pescadores de ostras. Primeiro, eles separam as placas de madrepérola, conhecidas no comércio como *argêntea-prateada*, *bastarda-*
-branca e *bastarda-preta*, que são comercializadas em caixas de 125 a 150 quilos. Em seguida, removem o parênquima da ostra, fervem-no, e peneiram para extrair até as mais diminutas pérolas.

– O preço dessas pérolas varia de acordo com seu tamanho? – perguntou Conseil.

– Não só de acordo com seu tamanho – respondi –, mas também de acordo com sua forma, de acordo com sua água, ou seja, sua cor, e de acordo com seu *oriente*, isto é, aquele brilho cintilante e matizado que as torna tão encantadoras aos olhos. As mais belas pérolas são chamadas de pérolas virgens ou modelos; elas se formam isoladamente no tecido do molusco, são brancas, muitas vezes opacas, mas às vezes de uma transparência opalina, e mais comumente esféricas ou piriformes. Quando esféricas, são usadas para fazer braceletes; quando piriformes, para compor penduricalhos, e, sendo as mais preciosas, são vendidas por unidade. As outras pérolas aderem à concha da ostra, e, mais irregulares, são vendidas por peso. Finalmente, em uma ordem inferior, estão as pequenas pérolas, conhecidas como "sementes". Elas são vendidas de acordo com o tamanho e usadas mais especificamente nos bordados dos ornamentos eclesiásticos.

– Mas esse trabalho, que consiste em separar as pérolas de acordo com seu tamanho, deve ser longo e difícil – declarou o canadense.

– Não, meu amigo. Esse trabalho é realizado com o auxílio de 11 peneiras ou crivos perfurados com um número variável de orifícios. As pérolas restantes nas peneiras que têm de 20 a 80 furos são de primeira ordem. As que não escapam das peneiras de 100 a 800 furos são de segunda ordem. Finalmente, as pérolas para as quais são usadas peneiras com 900 a 1.000 furos formam a semente.

– É engenhoso – disse Conseil –, e vejo que a divisão, a classificação das pérolas, funciona mecanicamente. E

o cavalheiro poderia nos dizer qual é o rendimento da exploração dos bancos de ostras perlíferas?

– De acordo com o livro de Sirr – respondi –, os viveiros do Ceilão são arrendados anualmente pela soma de 3 milhões de tubarões.

– Francos! – corrigiu Conseil.

– Isso, francos! Três milhões de francos – retifiquei. – Mas acredito que esses viveiros não estejam rendendo o que costumavam render outrora. O mesmo se aplica aos viveiros americanos, que, sob o reinado de Carlos V, produziam 4 milhões de francos e agora estão reduzidos a um terço disso. Em suma, o faturamento geral com a extração de pérolas pode ser estimado em 9 milhões de francos.

– Mas não existem pérolas mais célebres, cotadas a um alto valor? – perguntou Conseil.

– Sim, meu rapaz. Diz-se que César ofereceu a Servília uma pérola estimada em 120 mil francos na moeda atual.

– Ouvi dizer – disse o canadense – que certa dama antiga bebia pérolas no vinagre.

– Cleópatra – retrucou Conseil.

– Não devia ser bom – acrescentou Ned Land.

– Detestável, amigo Ned – respondeu Conseil. – Mas uma taça de vinagre que custa 150 mil francos é uma bela iguaria.

– Lamento não ter casado com essa senhora – disse o canadense enquanto agitava o braço com um ar pouco reconfortante.

– Ned Land, marido de Cleópatra! – exclamou Conseil.

– Pois eu já estive perto de me casar, Conseil – respondeu o canadense com seriedade –, e não foi minha culpa se a tentativa não foi bem-sucedida. Até comprei um colar de pérolas para Kat Tender, minha noiva, que, a propósito, casou-se com outro. Pois bem!, esse colar não me custou mais de 1,5 dólar, e ainda assim – o professor pode acreditar em mim – as pérolas que o compunham não teriam passado pela peneira de 20 buracos!

– Meu bravo Ned – respondi com uma gargalhada –, eram pérolas artificiais, simples globos de vidro revestidos por dentro com essência do Oriente.

– Ora! Essa essência do Oriente deve custar caro – respondeu o canadense.

– Praticamente nada! Não é mais que a substância prateada extraída da escama do alburnete, recolhida na água e preservada na amônia. Não tem nenhum valor.

– Talvez seja por isso que a Kat se casou com outro – respondeu filosoficamente o mestre Land.

– Mas, para voltar às pérolas de alto valor – retomei –, não acredito que algum soberano já tenha possuído uma superior à do capitão Nemo.

– Esta? – disse Conseil, apontando para a bela joia exposta em uma vitrine.

– Certamente. Arrisco dizer que ela tem um valor estimado em 2 milhões de...

– Francos! – adiantou-se Conseil.

– Sim – reforcei –, 2 milhões de francos, e, sem dúvida, não terá custado nada ao capitão a não ser o trabalho de apanhá-la.

– Ora! – exclamou Ned Land. – Quem sabe amanhã, durante nossa expedição, encontremos uma parecida!

– Ah! – fez Conseil.

– E por que não?

– De que nos serviriam milhões a bordo do *Nautilus*?

– A bordo, não – disse Ned Land –, mas... em outro lugar.

– Oh!, em outro lugar! – fez Conseil, balançando a cabeça.

– Na verdade, mestre Land tem razão – eu disse. – E se levarmos de volta à Europa ou à América uma pérola de alguns milhões de dólares, pelo menos isso dará grande autenticidade e, ao mesmo tempo, grande valor ao relato de nossas aventuras.

– Concordo – disse o canadense.

– Mas – perguntou Conseil, que sempre voltava ao

lado instrutivo das coisas –, essa pesca de pérolas é perigosa?

– Não – respondi prontamente –, especialmente se tomarmos certas precauções.

– Que risco correríamos nessa empreitada? – caçoou Ned Land. – Engolir alguns goles de água do mar!

– Tem razão, Ned. A propósito – eu disse, tentando imitar o tom displicente do capitão Nemo –, o senhor tem medo de tubarões, bravo Ned?

– Eu? – respondeu o canadense. – Um arpoador profissional! É meu trabalho zombar deles!

– Não se trata de pescá-los com um esmerilão, içá-los ao convés do navio, cortar-lhes a cauda com um machado, abrir-lhes a barriga, arrancar-lhes o coração e depois jogá-los no mar!

– Então, trata-se de...?

– Sim, precisamente.

– Na água?

– Na água.

– Por Deus, com um bom arpão! Sabe, senhor, esses tubarões são animais desajeitados. Eles têm de virar de barriga para cima para abocanhá-lo, e nesse meio-tempo...

Ned Land tinha uma forma de pronunciar a palavra “abocanhar” que dava arrepios na espinha.

– Bem, e você, Conseil, o que pensa desses esqualos?

– Serei franco com o cavalheiro – disse Conseil.

“Já era hora” – pensei.

– Se o cavalheiro vai enfrentar os tubarões, não vejo por que seu fiel criado não os enfrentar também!

Uma pérola de 10 milhões

Anoiteceu. Fui para a cama. Não dormi bem. Os esqualos desempenharam um papel importante em meus sonhos, e achei ao mesmo tempo justa e injusta a etimologia que faz a palavra *requin*[17] derivar da palavra “réquiem”.

No dia seguinte, às 4 horas da manhã, fui acordado pelo comissário que o capitão Nemo tinha colocado especialmente à minha disposição. Levantei-me depressa, vesti-me e fui para o salão.

O capitão Nemo estava à minha espera.

– Senhor Aronnax – ele disse –, está pronto para partir?

– Estou.

– Por favor, acompanhe-me.

– E meus companheiros, capitão?

– Já foram avisados e estão a nossa espera.

– Não vamos vestir os escafandros? – perguntei.

– Ainda não. Não deixei o *Nautilus* chegar muito perto da costa e estamos suficientemente longe do banco Mannar; mandei preparar o escaler que vai nos levar ao ponto preciso de desembarque e nos poupará um tempo precioso. Nele, estão os equipamentos de mergulho que vamos vestir quando começarmos a exploração submarina.

O capitão Nemo me conduziu até a escadaria central, cujos degraus levam à plataforma. Ned e Conseil estavam lá, excitados com o "entretenimento" que se aproximava. Cinco marinheiros do *Nautilus*, equipados com remos, estavam à nossa espera no escaler que estava colado a bordo.

A noite ainda estava escura. Placas de nuvens cobriam o céu e deixavam entrever apenas algumas estrelas. Fixei meus olhos na direção da terra, mas vi apenas uma linha difusa que fechava três quartos do horizonte, do sudoeste ao noroeste. O *Nautilus*, tendo ascendido durante a noite pela costa ocidental do Ceilão, estava a oeste da baía, ou melhor, do golfo formado por essa terra e a Ilha de Mannar. Ali, sob as águas sombrias, estava o viveiro de pintadinas, um campo inesgotável de pérolas com mais de 30 quilômetros de extensão.

O capitão Nemo, Conseil, Ned Land e eu ocupamos nossos lugares na popa do barco. O capitão da embarcação tomou o leme; seus quatro companheiros apoiaram os remos; as amarras foram soltas e partimos.

O escaler seguiu para o sul. Os remadores não tinham pressa. Observei que suas remadas, vigorosamente investidas sob a água, eram dadas a cada dez segundos, seguindo o método usual das marinhas de guerra. Enquanto o barco avançava nesse ritmo, gotículas líquidas caíam crepitando o fundo escuro das ondas, como rebarbas de chumbo derretido. Uma pequena ondulação, vinda do mar aberto, fez com que o escaler balançasse ligeiramente, e algumas cristas de onda marulhavam na proa.

Estávamos em silêncio. Em que pensava o capitão Nemo? Talvez na terra de que ele se aproximava, e que considerava próxima demais de si mesmo, ao contrário da opinião do canadense, para quem ela ainda parecia muito distante. Quanto a Conseil, aparentava apenas estar curioso.

Por volta das 5h30 as primeiras marcas do horizonte revelaram mais claramente a linha superior da costa. Bastante plana no leste, era um pouco mais acidentada ao sul. Cinco milhas ainda nos separavam da costa, que se confundia com as águas brumosas. Entre ela e nós, o mar estava deserto. Nenhum barco, nenhum mergulhador. A solidão era profunda naquele ponto de encontro dos pescadores de pérolas. Exatamente como o capitão Nemo havia dito, chegávamos com um mês de antecedência naquelas paragens.

Às 6 horas, amanheceu de repente, com a rapidez particular das regiões tropicais, que não conhecem nem aurora nem crepúsculo. Os raios de sol perfuraram a cortina de nuvens amontoadas no horizonte oriental, e o astro radiante subiu rapidamente.

Vi com clareza a terra, com algumas árvores espalhadas aqui e ali.

O barco avançou na direção da ilha de Mannar, que se arredondava ao sul. O capitão Nemo tinha levantado de seu banco e observava o mar.

A um sinal dele, a âncora foi lançada, mas a corrente mal desceu, pois o fundo estava a cerca de 1 metro, formando um dos pontos mais elevados do banco de pintadinas. A embarcação deslizou imediatamente sob o impulso da jusante que levava ao largo.

– Chegamos, senhor Aronnax – disse o capitão Nemo. – Veja essa baía estreita. É aqui que, dentro de um mês, os muitos barcos de pesca dos exploradores vão se reunir, e são essas águas que seus mergulhadores vão audaciosamente vasculhar. Esta baía é perfeitamente adequada para esse tipo de pesca. Está protegida dos ventos mais fortes, e o mar nunca é muito agitado – circunstância bastante favorável ao trabalho dos mergulhadores. Agora vamos vestir nossos escafandros e dar início ao passeio.

Não respondi nada, e, enquanto olhava aquelas ondas suspeitas, comecei a vestir minhas pesadas roupas de mar, assistido pelos marinheiros da embarcação. O capitão Nemo e meus dois companheiros também se vestiam. Nenhum dos homens do *Nautilus* nos acompanharia nessa nova excursão.

Logo, fomos aprisionados até o pescoço dentro da roupa de borracha, com suspensórios prendendo os aparelhos de ar em nossas costas. Quanto aos aparelhos Ruhmkorff, não havia sinal deles. Antes de

colocar minha cabeça dentro da cápsula de cobre, fiz essa observação ao capitão.

– Esses aparelhos nos seriam inúteis – respondeu o capitão. – Não iremos a grandes profundidades, e os raios solares serão suficientes para iluminar nosso caminho. Além disso, não é prudente transportar sob estas águas uma lanterna elétrica. Sua luz poderia subitamente atrair algum habitante perigoso dessas paragens.

Enquanto o capitão Nemo pronunciava essas palavras, virei-me para Conseil e Ned Land. Mas os dois amigos já tinham aninhado a cabeça na calota de metal, e não podiam ouvir nem responder.

Restava uma última pergunta a fazer ao capitão Nemo:

– E nossas armas – perguntei–, nossos fuzis?

– Fuzis! Para quê? Seus montanheses não atacam o urso com um punhal na mão? O aço não é mais seguro que o chumbo? Aqui está uma lâmina firme. Coloque-a na cintura e sigamos.

Olhei para meus companheiros. Eles estavam armados como nós, e, além disso, Ned Land agitava um enorme arpão que havia depositado no barco antes de deixar o *Nautilus*.

Então, seguindo o exemplo do capitão, deixei-me cobrir com a pesada esfera de cobre, e nossos reservatórios de ar foram imediatamente acionados.

Poucos instantes depois, os marinheiros nos desembarcaram um a um, e pisamos em uma areia lisa a 1,5 metro de profundidade. O capitão Nemo acenou. Nós o acompanhamos e desaparecemos debaixo d'água por uma suave inclinação.

Ali, as ideias que obsidiavam meu cérebro me abandonaram. Surpreendentemente, eu estava de novo calmo. A facilidade de meus movimentos aumentou minha confiança, e a estranheza do espetáculo cativou minha imaginação.

O sol já enviava luz suficiente sob as águas e os menores objetos eram perceptíveis. Depois de 10 minutos de caminhada, estávamos a 5 metros de profundidade, e o terreno era mais ou menos plano.

Conforme caminhávamos, um bando de curiosos peixes do gênero dos monópteros, cujos espécimes possuem apenas uma nadadeira caudal, erguia-se feito narcejas em um pântano. Reconheci entre eles o javanês, verdadeira serpente de 8 decímetros, de ventre lívido, facilmente confundido com o congro, sem as linhas douradas nos flancos. No gênero dos estrômatos, cujo corpo é bastante compacto e ovalado, observei coloridos peixes-frade com uma nadadeira dorsal semelhante a uma foice, peixes comestíveis que, secos e marinados, compõem um excelente prato conhecido como *karawade*; também, alguns *tranquebars*, pertencentes ao gênero dos apsiforoides, cujo corpo é coberto com uma couraça escamosa com oito abas longitudinais.

Enquanto isso, a ascensão gradual do sol iluminava cada vez mais a massa das águas. O solo mudava

pouco a pouco, e a areia fina foi dando lugar a um verdadeiro pavimento de rochas arredondadas, cobertas por um tapete de moluscos e zoófitos. Entre os espécimes desses dois ramos, avistei placenos de válvulas finas e desiguais; ostráceos exclusivos do Mar Vermelho e do Oceano Índico; lucinas alaranjadas com a concha orbicular; terebelas afiladas; algumas púrpuras pérsicas que forneciam ao *Nautilus* uma admirável tintura; rochedos córneos de 15 centímetros de comprimento, que se erguiam sobre as ondas como mãos prontas a agarrar; turbinelas cornígeras eriçadas de espinhos; língulas bífidas; anatinas, que são conchas comestíveis que alimentam os mercados do Hindustão; pelágias panópiras sutilmente luminosas; e, finalmente, admiráveis oculinas flabeliformes, magníficos leques que formam uma das mais ricas arborizações daqueles mares.

Em meio a essas plantas vivas e sob os dosséis de hidrófitas, corriam desajeitadas legiões de articulados, especialmente raninas dentadas, cuja carapaça se assemelha a um triângulo um pouco arredondado, birgus especiais dessas paragens, horríveis partênopes, cuja aparência era repugnante aos olhos. Um animal não menos hediondo que encontrei várias vezes foi esse enorme caranguejo observado pelo senhor Darwin, ao qual a natureza deu instinto e força necessários para se alimentar de coco; ele escala as árvores da costa, derruba o coco, que se quebra com a queda, e abre-o com suas poderosas garras. Ali, sob as águas transparentes, esse animal se deslocava com uma agilidade ímpar, enquanto quelônios francos, da espécie que frequenta as costas do Malabar, moviam-se lentamente por entre as rochas oscilantes.

Por volta de 7 horas, chegamos finalmente ao banco de pintadinas sobre o qual as ostras perlíferas se reproduzem aos milhões. Esses preciosos moluscos aderiam às rochas cimentados a elas por um bisso marrom que não permite que se desloquem. Algo que faz com que essas ostras sejam inferiores aos próprios mexilhões, aos quais a natureza não recusou nenhuma faculdade de locomoção.

A pérola-máter, pintadina *meleagrina*, cujas válvulas são quase iguais, apresenta-se sob a forma de uma concha arredondada, com paredes grossas e muitas rugas na parte exterior. Algumas dessas conchas eram folhosas e sulcadas de faixas esverdeadas que irradiavam de seu topo. Elas pertenciam às ostras jovens. As outras, de superfície preta e áspera, eram dez anos mais velhas e chegavam a medir 15 centímetros de largura. O capitão Nemo mostrou-me com a mão esse prodigioso amálgama de pintadinas, e percebi que aquela mina era realmente inesgotável, pois a força criativa da natureza supera o instinto destrutivo do homem. Ned Land, fiel a esse instinto, apressou-se a encher a rede que trazia pendurada em seu flanco com os melhores moluscos que encontrava.

Mas não podíamos parar. Era necessário acompanhar o capitão, que parecia seguir por caminhos que só ele conhecia. O solo se inclinava visivelmente, e, quando levantava meu braço, ele ficava acima da superfície do mar. Logo, o nível do banco começou a diminuir sensivelmente. Passamos a contornar rochas altas em forma de pirâmides. Em suas escuras anfractuosidades, grandes crustáceos, com espinhos sobre as altas patas, como máquinas de guerra, olhavam para nós com seus

olhos fixos, e sob nossos pés rastejavam mirianas, glicérios, arícias e anelídeos que espichavam desmesuradamente suas antenas e seus cirros tentaculares.

Nesse momento, abriu-se sob nossos pés uma vasta gruta, escavada num pitoresco amontoado de rochas revestidas com todo tipo de alga da flora submarina. A princípio, a gruta pareceu-me profundamente obscura. Os raios solares pareciam se extinguir gradativamente em seu interior. Sua vaga transparência não passava de uma luz afogada.

O capitão Nemo entrou na gruta e nós o seguimos. Meus olhos logo se acostumaram à relativa escuridão. Distingui os efeitos tão caprichosamente contornados da abóbada sustentada por pilares naturais, assentados sobre sua base de granito como as pesadas colunas da arquitetura toscana. Por que razão nosso incompreensível guia nos arrastava até o fundo dessa cripta submarina? Eu ia descobrir em breve.

Depois de descermos por um declive bastante íngreme, nossos pés pisaram no fundo de uma espécie de poço circular. Ali, o capitão Nemo parou e apontou com a mão para um objeto que eu ainda não tinha visto.

Era uma ostra de dimensão extraordinária, uma tridacna gigantesca, uma pia batismal com capacidade de conter um lago de água benta, uma bacia cuja largura excedia 2 metros, consequentemente maior que aquela que adornava o salão do *Nautilus*.

Aproximei-me daquele molusco fenomenal. Graças a seu bisso, ele aderia a uma mesa de granito, e lá se

desenvolvia isoladamente nas águas calmas da gruta. Eu estimava o peso dessa tridacna em 300 quilos. Ora, uma ostra como essa contém 15 quilos de carne, e seria preciso o estômago de um gargântua para consumir algumas dúzias dela.

O capitão Nemo obviamente sabia da existência desse bivalve. Não era a primeira vez que ele o visitava, e pensei que ao nos levar àquele lugar só queria mostrar-nos uma curiosidade natural. Mas eu estava enganado. O capitão Nemo tinha um interesse particular em verificar o estado atual daquela tridacna.

As duas válvulas do molusco estavam entreabertas. O capitão se aproximou e introduziu seu punhal entre as conchas para evitar que se fechassem; então, com sua mão, ele levantou a túnica membranosa e franjada nas bordas, que formava o manto do animal.

Ali, entre as dobras foliculosas, vi uma pérola livre do tamanho de um coco. Sua forma globular, sua limpidez perfeita e seu admirável oriente faziam dela uma joia de valor inestimável. Levado pela curiosidade, estendi a mão para agarrá-la, sopesá-la, apalpá-la! Mas o capitão me deteve, fez um sinal negativo, e, retirando seu punhal com um movimento rápido, deixou as duas válvulas se fecharem abruptamente.

Compreendi, então, qual era o plano do capitão Nemo. Deixando essa pérola enterrada sob o manto da tridacna, ela podia crescer imperceptivelmente. A cada ano, a secreção do molusco adicionava novas camadas concêntricas à pérola. Só o capitão conhecia

a gruta onde o admirável fruto da natureza "amadurecia"; só ele o criava, por assim dizer, a fim de transportá-lo um dia para seu precioso museu. Talvez, seguindo o exemplo dos chineses e dos indianos, ele tivesse desencadeado a produção daquela pérola, introduzindo sob as pregas do molusco algum pedaço de vidro e metal, que gradualmente foi coberto pela substância nacarada. Seja como for, comparando essa pérola com as que já conhecia, com as que brilhavam na coleção do capitão, estimei seu valor em pelo menos 10 milhões de francos. Soberba curiosidade natural, e não joia de luxo, pois não sei que orelhas femininas poderiam sustentá-la.

A visita à opulenta tridacna chegava ao fim. O capitão Nemo deixou a gruta e subimos ao banco de pintadinas, no meio das águas claras que ainda não eram perturbadas pelo trabalho dos mergulhadores.

Caminhávamos dispersamente, como verdadeiros passeadores, cada um parando ou se afastando ao seu bel-prazer. Quanto a mim, já não me preocupava com os perigos que minha imaginação exagerava tão ridiculamente. Aproximávamo-nos da parte rasa da superfície do mar, e logo minha cabeça ultrapassou os limites da água. Conseil juntou-se a mim, e, colando sua grande carapaça à minha, fez com os olhos uma saudação amigável. Porém, aquele platô elevado tinha apenas alguns metros, e logo retornamos a nosso elemento. Acho que agora tenho o direito de chamá-lo assim.

Dez minutos depois, o capitão Nemo parou de repente. Pensei que ele tivesse feito isso para retornarmos. Não. Com um gesto, ordenou que nos aninhássemos

junto dele, no fundo de uma grande anfractuosidade. Sua mão se dirigiu para um ponto da massa líquida, e olhei atentamente.

A 5 metros de mim, apareceu uma sombra que desceu até o chão. A ideia perturbadora de tubarões passou-me pela cabeça. Mas eu estava errado, e, novamente, não estávamos lidando com monstros do oceano.

Era um homem, um homem vivo, um indiano, um negro, um pescador, um pobre diabo, que, sem dúvida, vinha fazer uma triagem antes da colheita. Eu podia ver o fundo da sua canoa molhada alguns metros acima de sua cabeça. Ele mergulhava e subia sucessivamente. Uma pedra talhada como um pão de açúcar, que ele prendia com os pés, enquanto uma corda o amarrava a seu barco, servia-lhe para descer mais rapidamente ao fundo do mar. Essas eram todas as suas ferramentas. Ao chegar ao solo, a cerca de 5 metros de profundidade, ele se ajoelhava e enchia seu saco com pintadinas recolhidas aleatoriamente. Depois, subia, esvaziava o saco, trazia de volta a pedra e recomeçava a operação, que durava apenas 30 segundos.

Aquele mergulhador não nos via. A sombra do rochedo nos protegia de seu olhar. Além disso, como aquele pobre indiano poderia supor que homens, seres semelhantes a ele, estivessem lá, debaixo d’água, espiando seus movimentos sem perder um detalhe sequer de sua pesca!

Várias vezes, ele emergiu e mergulhou novamente. A cada mergulho, não carregava mais que uma dezena de pintadinas, pois elas tinham de ser arrancadas do

banco a que se agarravam com seus robustos bissos. E quantas dessas ostras estavam vazias das pérolas pelas quais ele arriscava a vida!

Eu o observava atentamente. Suas manobras eram regulares, e durante meia hora nenhum perigo pareceu ameaçá-lo. Eu começava a me familiarizar com o espetáculo daquela interessante pescaria quando, de repente, no momento em que o indiano estava ajoelhado sobre o solo, eu o vi fazer um gesto de terror, levantar-se e tomar impulso para subir à superfície da água.

Compreendi seu pavor. Uma sombra gigantesca apareceu sobre o infeliz mergulhador. Era um grande tubarão que se deslocava na diagonal, os olhos em chamas, as mandíbulas abertas!

Fiquei mudo de horror, incapaz de fazer qualquer movimento.

O animal voraz, com um forte golpe de nadadeira, lançou-se na direção do indiano, que se esquivou a tempo de evitar a mordida do tubarão, mas não o golpe de sua cauda, que, atingindo-o no peito, fê-lo desfalecer sobre o solo.

Aquela cena durou apenas alguns segundos. O tubarão voltou e, ao virar de costas, estava prestes a cortar o indiano ao meio, quando senti o capitão Nemo, que estava ao meu lado, levantar-se de repente. Então, com o punhal na mão, ele caminhou na direção do monstro, pronto para lutar corpo a corpo com ele.

O esqualo, prestes a arrebatar o infeliz pescador,

percebeu a presença de seu novo adversário, e colocando-se de barriga para cima, partiu na direção dele.

Ainda consigo me lembrar nitidamente da pose do capitão Nemo. Agachado, esperava com admirável sangue-frio o formidável esqualo, e, quando este último se precipitou sobre ele, o capitão, esquivando-se de lado com uma destreza prodigiosa, evitou o choque e espetou seu punhal na barriga do animal. Mas a coisa não parou por aí. Seguiu-se uma luta terrível.

O tubarão rugiu, por assim dizer. O sangue jorrava de suas feridas. O mar foi tingido de vermelho, e não era possível ver mais nada através do líquido opaco.

Mais nada, até que, em um desbaste, vi o audacioso capitão agarrado a uma das nadadeiras do animal, lutando com o monstro, golpeando com um punhal o ventre de seu inimigo, sem, no entanto, conseguir desferir o golpe final, ou seja, atingi-lo direto no coração. O tubarão, lutando, agitava a massa das águas com fúria, e seu turbilhão ameaçava me derrubar.

Eu gostaria de ter ido em socorro do capitão, mas, paralisado pelo horror, não conseguia me mexer.

Eu só olhava, com os olhos arregalados. Vi as fases da luta se transformarem. O capitão caiu no chão, derrubado pela enorme massa que pesava sobre ele. Em seguida, as mandíbulas do tubarão se escancararam como um alicate industrial, e teriam acabado com o capitão se, rápido como o pensamento,

com seu arpão na mão, Ned Land, correndo em direção ao tubarão, não lhe tivesse atingido com a terrível ponta de sua arma.

As águas foram novamente tingidas de sangue, agitadas sob os movimentos do esqualo que as chicoteava com uma fúria indescritível. Ned Land não errou o alvo. Foi o último gemido do monstro. Atingido no coração, ele se debatia em espasmos terríveis, e um de seus golpes derrubou Conseil.

Enquanto isso, Ned Land tinha libertado o capitão. Este, de pé e ileso, foi direto na direção do indiano, cortou a corda que o amarrava à pedra, tomou-o em seus braços e, com um impulso vigoroso, subiu à superfície do mar.

Nós três o seguimos, e, em poucos momentos, milagrosamente salvos, chegamos ao barco do pescador.

O primeiro cuidado do capitão Nemo foi reanimar aquele homem infeliz. Eu não sabia se ele teria sucesso. Mas tinha esperança, porque a imersão daquele pobre diabo não tinha sido tão longa. A estocada do tubarão é que poderia tê-lo golpeado mortalmente.

Felizmente, sob as vigorosas fricções de Conseil e do capitão, vi, pouco a pouco, o afogado retomar consciência. Ele abriu os olhos. Qual não terá sido sua surpresa, até mesmo seu pavor, ao ver as quatro grandes cabeças de bronze debruçadas sobre ele!

E, sobretudo, o que ele deve ter pensado quando o

capitão Nemo, puxando um saco de pérolas de um dos bolsos de seu escafandro, colocou-o em sua mão? A magnífica esmola dada pelo homem das águas foi aceita pelo pobre indiano do Ceilão com as mãos trêmulas. Seus olhos horrorizados indicavam que ele não sabia a que seres sobre-humanos devia, ao mesmo tempo, sua fortuna e sua vida.

A um sinal do capitão, retornamos ao banco de pintadinas, e, seguindo pela mesma rota antes percorrida, e após meia hora de caminhada, encontramos a âncora que prendia o escaler do *Nautilus* ao fundo do mar.

Uma vez embarcados, cada um de nós, com a ajuda dos marinheiros, livrou-se da sua pesada carapaça de cobre.

A primeira palavra do capitão Nemo foi para o canadense:

– Obrigado, mestre Land.

– Estamos quites, capitão, eu lhe devia isso – respondeu Ned Land.

Um sorriso pálido escorregou dos lábios do capitão, e isso foi tudo.

– Para o *Nautilus* – disse ele.

A embarcação deslizou sobre as ondas. Alguns minutos depois, encontramos o cadáver do tubarão flutuando.

Pela cor negra que caracteriza a ponta de suas

barbatanas, reconheci o terrível melanóptero do Mar das Índias, da espécie dos tubarões propriamente ditos. Seu comprimento excedia 7 metros; sua boca enorme ocupava um terço de seu corpo. Ele era um adulto, o que era constatado nas seis fileiras de dentes dispostos em triângulos isósceles na mandíbula superior.

Conseil o observava com interesse científico, e tenho certeza de que o classificava, não sem razão, na classe dos cartilaginosos, ordem dos condropterígios de brânquias fixas, família dos seláquios, gênero dos esqualos.

Enquanto eu considerava aquela massa inerte, uma dúzia de vorazes melanópteros de repente apareceu em torno do barco; mas, sem se preocupar conosco, eles se atiraram sobre o cadáver, disputando cada pedaço do animal.

Às 8h30, estávamos de volta a bordo do *Nautilus*.

Comecei, então, a refletir sobre os incidentes de nossa excursão ao Banco Mannar. Surgiram, inevitavelmente, duas observações. Uma dizia respeito à audácia incomparável do capitão Nemo, a outra à sua devoção a um ser humano, um dos representantes daquela raça de quem ele fugia sob os mares. Independentemente do que se diga, esse homem estranho ainda não tinha conseguido matar seu coração inteiramente.

Quando fiz essa observação, ele me respondeu num tom ligeiramente comovido:

– Aquele indiano, professor, é um habitante da terra dos oprimidos, e eu ainda sou e serei, até meu último suspiro, dessa mesma terra!

Requin é *tubarão* em francês. Aqui, a reflexão do professor Aronnax só faz sentido se conhecermos a semelhança de ambas as palavras – *requin* e *requiem* – em francês, uma vez que, nessa língua, a primeira deriva da segunda. Dito isso, é importante saber que *requiem* (requiém, em português) significa “reza ou canto para os mortos, repouso eterno”. (N. T.)

O Mar Vermelho

Durante o dia 29 de janeiro, a Ilha de Ceilão desapareceu sob do horizonte, e o *Nautilus*, com uma velocidade de 20 milhas por hora, penetrou no labirinto de canais que separa as Maldivas das Laquedivas. Ele também passou rente à Ilha Kittan, terra de origem madrepórica, descoberta por Vasco de Gama em 1499, e uma das 19 ilhas principais do arquipélago das Laquedivas, localizado entre 10° e 14° 30’ de latitude norte e 69° e 50° 72’ de longitude leste.

Tínhamos percorrido até então 16 mil milhas, ou 7.500 léguas desde nosso ponto de partida nos mares do Japão.

Era 30 de janeiro quando o *Nautilus* subiu à superfície do oceano. Não havia mais nenhuma terra à vista. Seguíamos pela rota nor-noroeste para o Mar de Omã, escavado entre a Arábia e a Península Índica, que serve como saída para o Golfo Pérsico.

Tratava-se, obviamente, de um beco sem saída. Para onde nos levava o capitão Nemo? Eu não saberia dizer. Isso não satisfez o canadense, que naquele dia

me perguntou para onde íamos.

– Vamos aonde a fantasia do capitão nos levar, mestre Ned.

– Essa fantasia – respondeu o canadense – não pode nos levar longe. O Golfo Pérsico não tem saída, e, se entrarmos nele, em breve iremos dar meia-volta.

– Pois bem! Voltaremos, mestre Land, e se, depois do Golfo Pérsico, o *Nautilus* quiser visitar o Mar Vermelho, o Estreito de Babelmândebe ainda está lá para dar passagem a ele.

– Não preciso lhe ensinar, senhor, que o Mar Vermelho é tão fechado quanto o golfo, uma vez que o Istmo de Suez ainda não foi aberto, e, mesmo que fosse, um barco misterioso como o nosso não se aventuraria em seus canais cortados por eclusas. Portanto, o Mar Vermelho ainda não é o caminho que nos levará de volta à Europa.

– Mas eu não disse que iríamos regressar à Europa.

– O que o senhor supõe, então?

– Suponho que, depois de ter visitado essas curiosas paragens da Arábia e do Egito, o *Nautilus* retornará ao Oceano Índico, talvez através do Canal de Moçambique, ao largo das Mascarenhas, a fim de alcançar o Cabo da Boa Esperança.

– E uma vez no Cabo da Boa Esperança? – perguntou o canadense com especial insistência.

– Vamos entrar no Atlântico, oceano que ainda não

conhecemos. Ah! Amigo Ned, por acaso já está cansado dessa viagem pelo fundo do mar? Menospreza então o espetáculo incessantemente variado dessas maravilhas submarinas? Eu certamente verei com extremo pesar o fim desta jornada que tão poucos homens tiveram o prazer de realizar.

– Mas o senhor sabia, senhor Aronnax – respondeu o canadense –, que estamos presos a bordo deste *Nautilus* há quase três meses?

– Não, Ned, não sabia, não quero saber, e não conto nem os dias nem as horas.

– Mas e o desfecho?

– O desfecho virá a seu tempo. Além disso, não podemos fazer nada a esse respeito, portanto essa discussão é inútil. Se você me dissesse, meu bravo Ned, "temos uma oportunidade de fugir", eu a discutiria com você. Mas não é esse o caso e, falando francamente, não creio que o capitão Nemo pretenda se aventurar em mares europeus.

Por esse breve diálogo, vê-se que, fanático pelo *Nautilus*, eu estava encarnado na pele de seu comandante.

Quanto a Ned Land, ele terminou a conversa com estas palavras, na forma de um monólogo:

– Tudo isso é bonito e bom, mas, para mim, onde há incômodo, não há mais prazer.

Durante quatro dias, até 3 de fevereiro, o *Nautilus*

visitou o Mar de Omã em diferentes velocidades e profundidades. Ele parecia navegar aleatoriamente, como se hesitasse sobre o caminho a seguir, mas nunca cruzou o trópico de Câncer.

Deixando esse mar, vislumbramos por alguns instantes a cidade de Mascate, a mais importante do país de Omã. Admirei sua estranha aparência, no meio das rochas negras que a rodeiam e nas quais suas casas e fortes se destacam em branco. Vi o domo abaulado de suas mesquitas, a ponta elegante de seus minaretes, seus terraços frescos e verdejantes. Mas foi apenas um relance, e o *Nautilus* logo voltou a navegar sob as escuras águas daquelas paragens.

Então, ele seguiu, a uma distância de 6 milhas, as costas árabes do Mahra, do Hadramaute com sua linha sinuosa de montanhas, de onde despontavam algumas ruínas antigas. Em 5 de fevereiro, finalmente chegamos ao Golfo de Áden, verdadeiro funil introduzido no gargalo de Babelmândebe, que encaminha as águas indianas na direção do Mar Vermelho.

Em 6 de fevereiro, o *Nautilus* flutuava à vista do Áden, encarapitado sobre um promontório que um estreito istmo uniu ao continente, uma espécie de Gibraltar inacessível cujas fortificações os ingleses haviam reconstruído depois de tê-lo tomado em 1839. Vislumbrei os minaretes octogonais da cidade, que já fora o armazém mais rico e mercantil da costa, de acordo com o historiador Edrisi.

Eu realmente acreditava que o capitão Nemo, chegando àquele ponto, daria meia-volta, mas estava

enganado e, para minha grande surpresa, não foi o que aconteceu.

No dia seguinte, 7 de fevereiro, adentramos o Estreito de Babelmândebe, que em árabe significa "portão das lágrimas". Com 32 milhas de largura, tem apenas 52 quilômetros de extensão, e, para o *Nautilus*, atravessá-lo a toda velocidade foi questão de uma hora. Mas não vi nada, nem mesmo a Ilha de Perim, com que o governo britânico havia fortificado a posição de Áden. Havia um número excessivo de *steamers* ingleses e franceses – que faziam as linhas Suez-Bombaim, Calcutá, Melbourne, Bourbon ou Maurício e cruzavam aquela passagem estreita –, para que o *Nautilus* arriscasse se mostrar. Então, ele se manteve prudentemente entre duas águas.

Finalmente, ao meio-dia, navegávamos pelo Mar Vermelho.

O Mar Vermelho, lago célebre graças às tradições bíblicas, que as chuvas mal refrescam, que não é regado por nenhum rio importante, que uma evaporação excessiva suga incessantemente, e que perde a cada ano uma fatia líquida de 1,5 metro de altura! Golfo singular, que, fechado e nas condições de um lago, seria talvez inteiramente seco; inferior nesse aspecto a seus vizinhos, o Cáspio ou o Asfaltite, cujo nível só baixou até o ponto em que a evaporação igualou exatamente a soma das águas recebidas em seu bojo.

Esse Mar Vermelho tem 2.600 quilômetros de comprimento por uma largura média de 240 quilômetros. No tempo dos Ptolemeus e dos

imperadores romanos, era a grande artéria comercial do mundo, e o avanço do istmo vai devolver-lhe a antiga importância que as estradas de ferro do Suez já trouxeram parcialmente de volta.

Nem sequer procurei entender que capricho do capitão Nemo poderia nos arrastar para esse golfo. Mas aprovei sem reservas a entrada do *Nautilus* ali. Ele adotou uma velocidade média, ora mantendo-se na superfície, ora mergulhando para evitar um navio, e pude, assim, observar o interior e a superfície daquele tão curioso mar.

Em 8 de fevereiro, desde as primeiras horas do dia, Moka apareceu à nossa frente. É uma cidade agora arruinada, cujas muralhas caem ao simples fragor do canhão e abrigam aqui e ali algumas verdejantes tamareiras. Outrora cidade importante, que tinha seis mercados públicos, 26 mesquitas, cujas muralhas, defendidas por 14 fortes, formavam um cinturão de 3 quilômetros.

Então, o *Nautilus* chegou mais perto das costas africanas, onde a profundidade do mar era maior. Lá, entre duas águas cristalinas, pelas escotilhas abertas, foi possível contemplar admiráveis arbustos de corais cintilantes e vastas faixas de rochas cobertas com uma esplêndida camada verde de algas e fucos. Que espetáculo indescritível e que variedade de sítios e paisagens no apaziguamento daqueles escolhos e ilhotas vulcânicas que circunscrevem a costa da Líbia! Mas onde essas arborizações se revelaram em toda a sua beleza foi nas praias orientais que o *Nautilus* logo alcançou. Foi nas costas do Tehama, pois ali não somente esses mananciais de zoófitos floresciam

abaixo do nível do mar como formavam entrelaçamentos pitorescos que se desenvolviam dez braças acima dele; estes eram mais caprichosos, porém menos coloridos que aqueles cuja vitalidade úmida mantinha as águas frescas.

Que horas maravilhosas passei debruçado à vidraça do salão! Quantas novas amostras de flora e fauna submarinas admirei sob a luz de nosso fanal elétrico! Fungos agariciformes; actínias cor de ardósia, como a *Thalassianthus aster*; tubíporas dispostas como flautas à espera do sopro do deus Pã; conchas peculiares desse mar, que se hospedam nas concavidades madrepóricas cuja base é contornada em curta espiral; e, finalmente, mil espécimes de um polípero que eu ainda não tinha observado: a vulgar esponja.

A classe dos espongiários, primeira no grupo dos pólipos, foi criada precisamente por esse produto curioso cuja utilidade é incontestável. A esponja não é um vegetal, como alguns naturalistas ainda afirmam, mas um animal da última ordem, um polípero inferior ao do coral. Sua animalidade é inquestionável, e não se pode sequer considerar a opinião dos antigos, que a viam como um intermediário entre a planta e o animal. Devo dizer, no entanto, que os naturalistas também não concordam com a forma como a esponja é organizada. Para alguns, é um polípero, e para outros, como Milne-Edwards, é um indivíduo isolado e único.

Essa classe contém cerca de 300 espécies, que se encontram em muitos mares, e até mesmo em alguns rios onde receberam o nome de *fluviatilis*. Mas suas águas preferidas são as do Mediterrâneo, do

arquipélago grego, da costa da Síria e do Mar Vermelho. Ali se reproduzem e se desenvolvem essas esponjas delicadas e macias, cujo valor chega a 150 francos, a esponja-loura da Síria, a esponja-dura da Barbária etc. Mas, como não pude estudar esses zoófitos nas Escalas do Levante, dos quais estávamos separados pelo intransitável Istmo de Suez, eu me contentava em observá-los nas águas do Mar Vermelho.

Chamei então Conseil para perto de mim, enquanto o *Nautilus*, em uma profundidade média de 8 a 9 metros, avançava lentamente por entre todos aqueles belos rochedos da costa oriental.

Ali cresciam esponjas de todas as formas, pediculadas, foliculosas, globulares, digitiformes. Elas justificavam com exatidão os nomes de cestas, cálices, rocas, chifres-de-alce, pés-de-leão, caudas-de-pavão ou luvas-de-Netuno, que os pescadores, mais poetas que os cientistas, atribuíram-lhes. De seu tecido fibroso, revestido com uma substância gelatinosa, semifluida, saíam pequenas gotículas de água, que, depois de ter dado vida a cada célula, eram delas expulsas por um movimento contrátil. Essa substância desaparece após a morte do pólipo e, quando putrificada, libera amoníaco. Restam, então, apenas as fibras córneas ou gelatinosas que compõem a esponja doméstica, que ganha um tom avermelhado e que é utilizada para vários fins, dependendo de seu grau de elasticidade, permeabilidade ou resistência à maceração.

Esses polipeiros aderiam aos rochedos, às conchas dos moluscos, e até mesmo às hastes das hidrófitas. Ocupavam as menores anfractuosidades, algumas se

espalhando, outras se aprumando ou pendendo como excrescências coralígenas. Expliquei a Conseil que aquelas esponjas eram pescadas de duas maneiras, ou com uma draga, ou manualmente. Este último método, que requer o trabalho de mergulhadores, é preferível, porque, respeitando o tecido do polipeiro, mantém um valor muito superior.

Os outros zoófitos que pululavam junto às esponjas eram principalmente águas-vivas de uma espécie muito elegante; alguns moluscos, representados por variedades de lulas que, segundo D'Orbigny, são especiais do Mar Vermelho, e répteis representados por tartarugas *virgata*, pertencentes ao gênero dos quelônios, que nos proporcionam uma refeição saudável e delicada.

Quanto aos peixes, eram numerosos e quase sempre espetaculares. Eis alguns que as redes do *Nautilus* traziam a bordo com mais frequência: raias, entre as quais as limas de forma oval e cor de tijolo, com o corpo coberto de manchas azuis desiguais e reconhecíveis por seu duplo esporão rendado; peixes-fantasma de dorso prateado; raias pastenaga de cauda pontilhada; *bockats*, vastos mantos de 2 metros de comprimento, que ondulavam entre as águas; aodontes absolutamente desprovidos de dentes, espécies de cartilaginosos que se assemelham ao esqualo; ostraciões-dromedários cuja corcova termina com um agulhão curvo e que chegam a 1,5 metro de comprimento; ofídios, verdadeiras moreias de cauda prateada, dorso azulado, peitoral marrom debruado de cinza; pâmpanos, espécies de estrômatos; peixes-zebra com estreitas listras douradas, adornados com as três

cores da França; blênios-garamuts com 4 decímetros de comprimento; magníficos caranx adornados com sete listras transversais pretas, nadadeiras azuis e amarelas e escamas douradas e prateadas; centrópodes; sargos auriflamantes de cabeça amarela; peixes-papagaio; labros; balistas; cabozes etc., além de milhares de outros peixes comuns aos oceanos que já tínhamos atravessado.

No dia 9 de fevereiro, o *Nautilus* flutuava nessa parte mais larga do Mar Vermelho, localizada entre Suaquém, na costa oeste, e Quonfodah, na costa leste, num perímetro de 190 milhas.

Nesse dia, ao meio-dia, depois da medição, o capitão Nemo subiu à plataforma onde eu estava. Prometi a mim mesmo que não o deixaria descer de novo sem, pelo menos, sondá-lo a respeito de seus planos futuros. Ele veio ter comigo assim que me viu, ofereceu-me gentilmente um charuto e disse:

– Ora, professor, o Mar Vermelho o agrada? Já observou suficientemente as maravilhas que o habitam, seus peixes e seus zoófitos, seus leitos de esponjas e suas florestas de corais? Avistou as cidades que foram projetadas às suas margens?

– Sim, capitão Nemo – respondi –, e o *Nautilus* serviu maravilhosamente como anfitrião para todo esse estudo. Ah! É uma inteligente embarcação!

– De fato, senhor, inteligente, audaz e invulnerável! Não teme nem as terríveis tempestades do Mar Vermelho, nem suas correntes, nem seus escolhos.

– Com efeito – respondi –, este mar é citado entre os piores, e, se não me engano, no tempo dos antigos, sua fama era detestável.

– Detestável, senhor Aronnax. Os historiadores gregos e latinos não falam a seu favor, e Estrabão diz que esse mar é particularmente inclemente na época dos ventos etésios e da estação das chuvas. O árabe Edrisi, que o retrata sob o nome de Golfo de Colzum, conta que os navios pereciam em grande número em seus bancos de areia, e que ninguém se aventurava a navegar por ele à noite. Afirma ainda que é um mar sujeito a terríveis furacões, semeado de ilhas inóspitas, e que "não oferece nada de bom", nem em suas profundezas, nem em sua superfície. Na verdade, essa é a opinião encontrada em Arrien, Agatárquides e Artemidoro.

– É notório – repliquei – que esses historiadores não navegaram a bordo do *Nautilus*.

– É verdade – respondeu o capitão com um sorriso –, e a esse respeito os modernos não estão mais avançados que os antigos. Foram necessários muitos séculos para encontrar o poder mecânico do vapor! Quem sabe se daqui a 100 anos veremos um segundo *Nautilus*! Os avanços são lentos, senhor Aronnax.

– Tem razão – respondi –, seu navio está um século, ou talvez vários, à frente de sua época. É uma pena que tal segredo tenha de morrer com seu inventor!

O capitão Nemo nada respondeu. Então, após alguns minutos de silêncio:

– O senhor me falava – retomou ele –, da opinião dos antigos historiadores sobre os perigos da navegação no Mar Vermelho?

– Isso é verdade – respondi –, mas será que os medos deles não foram exagerados?

– Sim e não, senhor Aronnax – respondeu o capitão Nemo, que me parecia conhecer a fundo “seu Mar Vermelho”. – O que já não é perigoso para um navio moderno, bem equipado, solidamente construído, senhor de sua direção graças à obediência do vapor, oferecia perigos de todo tipo às antigas edificações. É necessário imaginar esses primeiros navegadores se aventurando em barcos feitos de tábuas costuradas com cordas de palmeira, calafetadas com resina fundida e revestidas com banha de tubarão. Eles nem sequer tinham instrumentos que captassem sua direção, e navegavam instintivamente em meio a correntes que mal conheciam. Nessas condições, os naufrágios eram, e tinham de ser, numerosos. Mas, atualmente, os *steamers* que fazem a linha entre Suez e os mares do sul não têm nada a temer da ira desse golfo, apesar das moções contrárias. Seus capitães e passageiros não se preparam para a partida com sacrifícios propiciatórios, e em seu retorno eles não vão mais agradecer aos deuses no templo mais próximo, adornados com guirlandas e faixas douradas.

– Concordo – eu disse –, e o vapor parece-me ter matado o senso de direção nos corações dos marinheiros. Mas, capitão, já que parece ter estudado esse mar com especial atenção, saberia me dizer qual é a origem do seu nome?

– Há muitas explicações a esse respeito, senhor Aronnax. O senhor gostaria de conhecer a opinião de um cronista do século XIV?

– Com prazer.

– Esse fantasioso afirmava que o nome lhe fora dado após a travessia dos israelitas, quando o faraó pereceu nas águas, que se fecharam ao ouvir a voz de Moisés:

Refletindo essa maravilha,

Tornou-se o mar vermelho.

Não souberam então chamá-lo

De outra forma que Mar Vermelho.

– Explicação de poeta, capitão Nemo – respondi –, mas não me satisfaz. Gostaria de saber sua opinião pessoal.

– Ei-la. A meu ver, senhor Aronnax, essa denominação do Mar Vermelho deve ser vista como uma tradução da palavra hebraica *edrom*, e, se os antigos lhe deram esse nome, foi por causa da coloração particular de suas águas.

– No entanto, até agora, só vi águas cristalinas e nenhuma tonalidade em particular.

– Sem dúvida, mas à medida que avançarmos para o fundo do golfo, o senhor vai notar essa aparência singular. Lembro-me de ver a baía de Tor inteiramente vermelha, como um lago de sangue.

– E esse cor, capitão, o senhor atribui à presença de

algas microscópicas?

– Sim. É uma substância mucilaginosa púrpura produzida por essas frágeis plântulas conhecidas como *trichodesmium*, e são precisas 40 mil delas para ocupar o espaço de 1 milímetro quadrado. Talvez o senhor encontre algumas quando chegarmos a Tor.

– Então, capitão Nemo, não é a primeira vez que navega no Mar Vermelho a bordo do *Nautilus*?

– Não, senhor.

– Visto que o senhor falava anteriormente sobre a passagem dos israelitas e sobre a catástrofe dos egípcios, eu gostaria de perguntar se o senhor encontrou sob as águas traços desse grande fato histórico?

– Não, professor, e por uma excelente razão.

– Qual?

– É que o lugar exato por onde Moisés passou com todo o seu povo está de tal forma obstruído atualmente que os camelos podem, não sem dificuldades, banhar somente as pernas. Sendo assim, o *Nautilus* não teria água suficiente para navegar.

– E esse lugar...?

– Esse lugar está localizado um pouco acima de Suez, nesse braço que outrora formava um profundo estuário, quando o Mar Vermelho se estendia até o Lago Amargo. Agora, quer essa passagem seja milagrosa ou não, os israelitas passaram por ela para

ganhar a Terra Prometida, e o exército do faraó pereceu precisamente ali. Por conseguinte, creio que as escavações realizadas no meio dessas areias revelariam uma grande quantidade de armas e instrumentos de origem egípcia.

– Isso é óbvio – respondi –, e deve-se torcer para que os arqueólogos iniciem essas escavações mais cedo ou mais tarde, quando novas cidades serão estabelecidas neste istmo, após a escavação do Canal de Suez. Um canal inútil para um navio como o *Nautilus*!

– Certamente, mas útil para o mundo inteiro – disse o capitão Nemo. – Os antigos compreenderam bem essa utilidade para seus negócios comerciais, de estabelecer uma comunicação entre o Mar Vermelho e o Mediterrâneo; mas eles não pensaram em cavar um canal direto e tomaram o Nilo como seu intermediário. Muito provavelmente, o canal que ligava o Nilo ao Mar Vermelho foi iniciado sob Sesóstris, se confiarmos na tradição. O que é certo é que, 615 anos antes de Cristo, Neco realizou as obras de um canal alimentado pelas águas do Nilo, através da planície do Egito que contempla a Arábia. O canal era atravessado em quatro dias, e sua largura era tal que duas trirremes poderiam passar por ele de frente. Foi continuado por Dario, filho de Hystaspes, e provavelmente terminado por Ptolomeu II. Estrabão considerou-o viável à navegação, mas a sutileza de sua inclinação, entre seu ponto de partida, perto de Bubaste, e o Mar Vermelho, tornou-o navegável apenas durante alguns meses do ano. Esse canal foi utilizado para o comércio até o século dos Antoninos; abandonado, assoreado, e depois restaurado por

ordem do califa Omar, foi definitivamente fechado em 761 ou 762 pelo califa Al-Mansur, que queria impedir os víveres de chegarem a Mohammed ben Abdallah, que tinha se rebelado contra ele. Durante a expedição do Egito, seu general Bonaparte reencontrou os vestígios dessas obras no deserto de Suez, e, surpreendido pela maré, quase pereceu poucas horas antes de chegar a Hadjaroth, o mesmo local onde Moisés tinha acampado 3.300 anos antes dele.

– Pois bem, capitão, o que os antigos não se atreveram a fazer, essa junção entre os dois mares que vai encurtar em 9 mil quilômetros o trajeto entre Cádis e as Índias, o senhor De Lesseps fez e, em pouco tempo, ele terá transformado a África numa enorme ilha.

– Sim, senhor Aronnax, e o senhor tem o direito de se orgulhar de seu compatriota. Ele é um homem que honra uma nação mais que os maiores capitães! Como muitos outros, recebeu recusas e desdém, mas triunfou por sua força de vontade. E é triste pensar que essa obra, que deveria ter tido uma dimensão internacional, que teria bastado para ilustrar um reino, só foi bem-sucedida pela energia de um único homem. Portanto, viva Lesseps!

– Sim, viva esse grande cidadão – respondi bastante surpreso com o sotaque com que o capitão Nemo falara.

– Infelizmente – continuou ele –, não posso conduzi-lo através desse Canal de Suez, mas o senhor poderá ver os longos píeres de Porto Said depois de amanhã, quando estivermos no Mediterrâneo.

– No Mediterrâneo! – exclamei.

– Sim, professor. Isso o surpreende?

– O que me surpreende é a ideia de que estaremos lá depois de amanhã.

– É sério?

– Sim, capitão, ainda que eu devesse estar acostumado a não me surpreender com mais nada desde que estou a bordo de sua embarcação!

– Mas a que se deve tamanha surpresa?

– À terrível velocidade que o senhor será forçado a imprimir ao *Nautilus* se ele tiver de chegar depois de amanhã ao Mediterrâneo, tendo circum-navegado a África e dobrado o Cabo da Boa Esperança.

– E quem disse que ele irá contornar a África, professor? Quem falou em dobrar o Cabo da Boa Esperança?

– É que, a menos que o *Nautilus* navegue em terra firme e passe sobre o istmo...

– Ou por baixo dele, senhor Aronnax.

– Por baixo?

– Sem dúvida – respondeu tranquilamente o capitão Nemo. – Há muito tempo a natureza fez sob essa língua de terra o que os homens estão fazendo hoje em sua superfície.

– O quê! Existe uma passagem?

– Sim, uma passagem subterrânea a que dei o nome de Túnel das Arábias. Ele passa abaixo de Suez e desemboca no Golfo de Pelusa.

– Mas esse istmo é feito de areia movediça?

– Até certa profundidade. Mas a apenas 50 metros há um leito rochoso intransponível.

– E foi por acaso que o senhor descobriu essa passagem? – perguntei, cada vez mais surpreendido.

– Acaso e raciocínio, professor, e eu diria mais raciocínio que acaso.

– Capitão, meus ouvidos custam a acreditar no que estão ouvindo.

– Ah! cavalheiro! *Aures habent et non audient*[18] sempre foi verdadeiro. Não somente essa passagem existe, como já a utilizei várias vezes. Do contrário, não teria me aventurado hoje nesse beco sem saída que é o Mar Vermelho.

– Seria indiscreto perguntar como descobriu esse túnel?

– Senhor – respondeu o capitão –, não pode haver nada de secreto entre pessoas que nunca irão se separar.

Relevei a insinuação e esperei pela narrativa do capitão Nemo.

– Bem, professor – ele retomou –, foi um simples raciocínio de naturalista que me levou a descobrir esta passagem que sou o único a conhecer. Eu tinha notado que, no Mar Vermelho e no Mediterrâneo, havia um grande número de peixes de espécies completamente idênticas, como ofídios, pâmpanos, girelas, percas, peixes-rei e peixes-voadores. Ciente desse fato, eu me perguntava se não havia nenhuma comunicação entre esses dois mares. Se existisse, a corrente subterrânea teria de ir necessariamente do Mar Vermelho para o Mediterrâneo, simplesmente por causa da diferença de níveis. Por isso, pesquei uma grande quantidade de peixes nos arredores de Suez. Coloquei em suas caudas um anel de cobre e atirei-os novamente ao mar. Alguns meses depois, na costa da Síria, recolhi algumas amostras de meus peixes ornados com suas anilhas identificadoras. A comunicação entre os dois foi-me assim demonstrada. Procurei com o meu *Nautilus*, descobri-a, aventurei-me nela, e, em breve, professor, o senhor também terá atravessado o meu Túnel das Arábias!

Em latim, “têm ouvidos, mas não ouvem”. (N. T.)

O Túnel das Arábias

No mesmo dia, contei a Conseil e Ned Land sobre a parte da conversa em que estavam mais interessados. Quando lhes disse que dentro de dois dias estaríamos no meio das águas do Mediterrâneo, Conseil bateu palmas, mas o canadense deu de ombros.

– Um túnel submarino! – exclamou ele. – Uma comunicação entre os dois mares! Quem alguma vez ouviu falar disso?

– Amigo Ned – respondeu Conseil –, por acaso você já tinha ouvido falar do *Nautilus*? Não! No entanto, ele existe. Por isso, não desconfie tão levianamente, e não repudie as coisas sob o pretexto de que nunca ouviu falar delas.

– Veremos! – replicou Ned Land, abanando a cabeça. – Afinal de contas, quero muito acreditar nessa passagem e nesse capitão, e que os céus façam com que ele nos conduza, de fato, ao Mediterrâneo.

Na mesma noite, a 21° 30’ de latitude norte, o *Nautilus*, flutuando na superfície do mar, aproximou-se

da costa árabe. Avistei Djedá, um importante entreposto do Egito, da Síria, da Turquia e das Índias. Distingui claramente todas as suas construções, os navios ancorados ao longo dos cais, e aqueles cujo calado os obrigava a fundear na baía. O sol, bastante baixo no horizonte, atingia diretamente as casas da cidade, realçando sua brancura. Do lado de fora, alguns casebres de madeira ou junco indicavam a área habitada pelos beduínos.

Logo Djedá desapareceu nas sombras da noite, e o *Nautilus* adentrou águas ligeiramente fosforescentes.

No dia seguinte, 10 de fevereiro, apareceram vários navios que navegavam em nossa direção. O *Nautilus* retomou então sua navegação submarina; mas, ao meio-dia, no momento da medição de nossa localização, o mar estava deserto e ele subiu até a linha de flutuação.

Acompanhado por Ned e Conseil, fui me sentar na plataforma. A costa leste era vista como uma massa perdida sob a névoa úmida.

Apoiados nos flancos do escaler, conversávamos amenidades quando Ned Land, apontando para um ponto do mar, perguntou:

– Vê alguma coisa ali, professor?

– Não, Ned – respondi –, mas você sabe que não enxergo tão bem quanto você.

– Olhe com atenção – insistiu Ned –, ali, a estibordo, mais ou menos na altura do fanal! Não vê uma massa

que parece estar se agitando?

– Tem razão – eu disse, depois de uma observação cuidadosa –, vejo algo semelhante a um longo corpo negro na superfície das águas.

– Um outro *Nautilus*? – ironizou Conseil.

– Não – respondeu canadense –, mas ou muito me engano, ou se trata de algum animal marinho.

– Existem baleias no Mar Vermelho? – perguntou Conseil.

– Sim, meu rapaz – respondi –, é possível encontrarmos algumas.

– Não é de forma alguma uma baleia – disse Ned Land, que não perdia de vista o objeto. – As baleias e eu somos velhos conhecidos, e não me enganaria diante de uma.

– Vamos esperar – disse Conseil. – O *Nautilus* está indo naquela direção, e em breve saberemos do que se trata.

De fato, em pouco tempo aquele vulto negro logo estava a menos de uma milha de nós. Parecia um grande escolho encalhado em alto-mar. O que era aquilo? Ainda não conseguia saber.

– Ah! Está se mexendo! Mergulhou! – exclamou Ned Land –. Com mil diabos! Que tipo de animal é esse? Ele não tem a cauda bifurcada como as baleias ou os cachalotes, e suas nadadeiras parecem membros amputados.

– Mas então... – hesitei.

– Vejam – continuou o canadense –, ali está ele de costas, e ele está levantando úberes pelo ar!

– É uma sereia! – exclamou Conseil. – Uma verdadeira sereia, que o cavalheiro me permita dizer.

Esse nome, sereia, deu-me uma pista, e entendi que aquele animal pertencia a essa ordem de seres marinhos, cujas fábulas transformaram em sereias, metade mulher, metade peixe.

– Não – eu respondi a Conseil –, não é uma sereia, mas um ser curioso de que restam poucas amostras no Mar Vermelho. É um dugongo.

– Ordem dos sirênios, grupo dos pisciformes, subclasse dos eutérios, classe dos mamíferos, ramo dos vertebrados – respondeu Conseil.

Quando Conseil falava assim, não havia o que contestar.

Enquanto isso, Ned Land continuava observando. Seus olhos brilhavam de cobiça à vista daquele animal. Sua mão parecia pronta a arpoá-lo. Parecia que ele estava esperando o momento de se atirar ao mar para atacá-lo em seu elemento.

– Oh, professor – Ned disse com a voz trêmula de emoção –, eu jamais matei “uma coisa como essa”.

Essa frase resumia todo o arpoador.

Nesse exato instante, o capitão Nemo apareceu sobre a

plataforma e viu o dugongo. Compreendendo a atitude do canadense, dirigiu-se diretamente a ele:

– Se você estivesse segurando um arpão, mestre Land, não sentiria sua mão queimar?

– Certamente, senhor.

– E o senhor não gostaria de retomar por um dia seu trabalho como pescador, e adicionar esse cetáceo à lista daqueles que já abateu?

– Isso não me desagradaria.

– Pois bem! Pode tentar.

– Obrigado, senhor – respondeu Ned Land, cujos olhos ardiam em chamas.

– Peço-lhe que não deixe esse animal escapar, e digo isso em seu próprio interesse.

– Por acaso o dugongo é um animal perigoso de atacar? – perguntei, apesar da indiferença do canadense.

– Sim, às vezes – respondeu o capitão. – Esse animal costuma perseguir seus agressores e virar sua embarcação. Mas mestre Land não deve temer esse tipo de perigo. Seu golpe de vista é certeiro e seu braço bastante firme. Se eu o aconselho a não deixar escapar esse dugongo, é porque ele é considerado uma carne requintada, e sei que mestre Land não dispensa as boas iguarias.

– Ah! – fez o canadense. – Essa besta também se dá ao

luxo de ser saborosa?

– Sim, mestre Land. Sua carne, verdadeiro manjar, é altamente apreciada, e em toda a Malásia ela é reservada para a mesa dos príncipes. Por isso, esse excelente animal é caçado tão implacavelmente que, tal como o manatim, seu congênere, está cada vez mais raro.

– Então, senhor capitão – disse seriamente Conseil –, se por acaso este for o último exemplar de sua raça, não seria apropriado poupá-lo, pelo interesse da ciência?

– Talvez – retorquiu o canadense –, mas, pelo interesse da cozinha, é preferível caçá-lo.

– Vá em frente, mestre Land – respondeu o capitão Nemo.

Nesse momento, sete homens da tripulação, silenciosos e impassíveis como sempre, subiram à plataforma. Um deles trazia um arpão e uma linha semelhante às usadas pelos baleeiros. O escaler foi removido de sua cavidade e lançado ao mar. Seis remadores ocuparam seus lugares nos bancos e o capitão da embarcação tomou o leme. Ned, Conseil e eu sentamo-nos na popa.

– O senhor não vem, capitão? – perguntei.

– Não, senhor, mas desejo-lhes uma boa caçada.

O escaler desatracou e, impulsionado pelos seis remadores, dirigiu-se rapidamente em direção ao

dugongo, que naquele momento flutuava a 2 milhas do *Nautilus*.

A algumas centenas de metros do cetáceo, ele abrandou seu progresso e os remos mergulharam silenciosamente nas águas tranquilas. Ned Land, com o arpão na mão, foi para a frente da embarcação. O arpão usado para atingir a baleia é geralmente ligado a uma corda muito longa, que se desenrola rapidamente quando o animal ferido a leva consigo. Mas naquela ocasião a corda não media mais de 18 metros, e sua extremidade estava presa a um barrilete que, flutuando, servia para indicar o curso do dugongo sob as águas.

Levantei-me e vi claramente o adversário do canadense. Esse dugongo, também conhecido como *halicore*, era muito semelhante ao manatim. Seu corpo oblongo terminava em um caudal bastante alongado, e suas nadadeiras laterais pareciam dedos reais. Sua diferença em relação ao manatim era que sua mandíbula superior estava armada com dois dentes longos e pontiagudos, que formavam defesas divergentes em cada um dos lados.

Esse dugongo que Ned Land estava prestes a atacar tinha dimensões colossais, e seu comprimento chegava a mais de 7 metros. Ele não se movia e parecia dormir na superfície das ondas, circunstância que tornava sua captura mais fácil.

O escaler se aproximou cautelosamente a 5 metros do animal. Os remos permaneceram suspensos em seus estribos. Levantei-me novamente. Ned Land, com o corpo um pouco vergado para trás, segurava o arpão

com sua mão calejada.

De repente, um apito foi ouvido e o dugongo desapareceu. O arpão, lançado com força, decerto tinha atingido apenas a água.

– Com mil diabos! – bradou o canadense furioso. – Errei!

– Não – eu disse –, o animal está ferido, veja seu sangue, mas sua engenhoca não ficou presa no corpo dele.

– Meu arpão! Meu arpão! – gritou Ned Land.

Os marinheiros voltaram a remar, e o capitão da embarcação conduziu-a na direção do barril flutuante. Quando o arpão foi recuperado, o escaler passou a perseguir o animal.

Este retornava ocasionalmente à superfície do mar para respirar. Sua ferida não o enfraquecera, pois ele se deslocava com extrema rapidez. A embarcação, manejada por braços fortes, seguia seus passos. Por várias vezes, ela se aproximou dele por poucos metros de distância, e o canadense mantinha-se pronto para atacar; mas o dugongo se esquivava com um mergulho repentino, e era impossível atingi-lo.

Era possível julgar a raiva que dominava o impaciente Ned Land. Ele lançava ao infeliz animal as maldições mais enérgicas da língua inglesa. Quanto a mim, eu estava decepcionado por ver o dugongo driblar todas as nossas armadilhas.

Nós o perseguimos implacavelmente durante uma hora, e eu começava a acreditar que seria muito difícil capturá-lo, quando o animal foi tomado por uma infeliz ideia de vingança de que logo se arrependeria. Ele voltou na direção de nossa embarcação para atacá-la, mas a manobra não escapou ao canadense.

– Cuidado! – ele advertiu.

O capitão balbuciou algumas palavras na sua estranha língua, e sem dúvida avisou seus homens para ficarem atentos.

O dugongo, que estava a 6 metros do escaler, de repente parou, aspirou bruscamente o ar com suas ventas descomunais vazadas, não na extremidade, mas na parte superior de seu focinho. Então, tomando impulso, precipitou-se sobre nós.

O escaler não pôde evitar o choque; adernado, embarcou um ou dois tonéis de água que tivemos de retirar, mas, graças à habilidade do capitão, que ficou abalroado de viés e não de cheio, não viramos. Ned Land, agarrado à proa, fustigava com seu arpão o gigantesco animal, que, com os dentes incrustados no convés, levantava o barco acima da água como um leão faria com um veado. Estávamos caídos uns sobre os outros, e não sei como a aventura teria acabado se o canadense, ainda às voltas com a fera, não lhe tivesse enfim atingido no coração.

Ouvi o ranger dos dentes sobre o metal, e o dugongo desapareceu, arrastando o arpão consigo. Mas logo o barril voltou à superfície, e pouco depois o corpo do animal apareceu boiando de barriga para cima. O

escaler se aproximou dele, amarrou-o no reboque e dirigiu-se para o *Nautilus*.

Foram necessárias polias de alta resistência para içar o dugongo até a plataforma. Ele pesava cerca de cinco toneladas. Foi, então, destrinchado diante dos olhos do canadense, que fazia questão de acompanhar todos os detalhes da operação. No jantar daquele dia, o comissário serviu-me algumas fatias daquela carne habilmente preparada pelo cozinheiro de bordo. Achei-a excelente, ainda melhor que vitela, ou mesmo carne de boi.

No dia seguinte, 11 de fevereiro, a despensa do *Nautilus* foi enriquecida por mais uma delicada iguaria. Um bando de andorinhas-do-mar pousou sobre o *Nautilus*. Era uma espécie de *Sterna nilotica*, peculiar do Egito, com bico preto, cabeça cinza e pontilhada, olhos rodeados de pontos brancos, dorso, asas e cauda cinzentas, barriga e garganta brancas e pernas vermelhas. Foram capturadas também algumas dezenas de patos-do-nilo, aves selvagens de sabor refinado, cujo pescoço e parte inferior da cabeça eram brancos com manchas pretas.

A velocidade do *Nautilus* era moderada. Ele avançava como se estivesse passeando. Eu observei que a água do Mar Vermelho ficava cada vez menos salgada à medida que nos aproximávamos de Suez.

Por volta das 5 horas da tarde, avistamos ao norte o Cabo de Ras Mohamed. Esse cabo forma a extremidade da Arábia Pétrea, entre o Golfo de Suez e o Golfo de Ácaba.

O *Nautilus* entrou no estreito de Jubal, que desemboca no Golfo de Suez. Vi nitidamente uma alta montanha dominando o estreito de Ras Mohamed, entre os dois golfos. Era o Monte Horeb, conhecido como Sinai, no topo do qual Moisés viu Deus face a face, e que a imaginação humana sempre desenha como se fosse aureolado por línguas de fogo.

Às 6 horas, o *Nautilus*, ora flutuando, ora submerso, passou ao largo de Tor, cidade assentada no fundo de uma baía cujas águas pareciam tingidas de vermelho, uma observação já feita pelo capitão Nemo. Então, a noite chegou em meio a um pesado silêncio que às vezes era quebrado pelo pio do pelicano e de alguns pássaros noturnos, pelo som da rebentação sobre rochas ou pelo gemido distante de um *steamer* agitando as águas do golfo com suas barulhentas pás.

Das 8 às 9 da noite, o *Nautilus* permaneceu alguns metros sob as águas. Pelos meus cálculos, devíamos estar muito perto de Suez. Através das escotilhas do salão, eu podia ver os fundos rochosos iluminados por nossa luz elétrica. Parecia-me que o estreito afunilava cada vez mais.

Às 9h15, quando a embarcação retornou à superfície, eu subi à plataforma. Ansioso por atravessar o túnel do capitão Nemo, não conseguia parar no lugar, e tentava respirar o ar fresco da noite.

Pouco tempo depois, na penumbra, avistei um fogo brando, meio apagado pela neblina, que brilhava a pouco mais de 1 milha de distância.

– Um farol flutuante – alguém disse perto de mim.

Virei-me e reconheci o capitão.

– É o farol flutuante de Suez – completou. – Em breve chegaremos à boca do túnel.

– É fácil de entrar?

– Não, senhor. Por isso eu, normalmente, fico na cabine do timoneiro, para dirigir pessoalmente a manobra. Agora, se quiser descer, senhor Aronnax, o *Nautilus* vai afundar sob as águas e não voltará à superfície até ter atravessado o Túnel das Arábias.

Segui o capitão Nemo. A escotilha se fechou, os reservatórios de água foram completados e a embarcação imergiu cerca de 10 metros.

Eu me preparava para voltar ao meu quarto quando o capitão me interrompeu.

– Professor – disse ele –, gostaria de me acompanhar à cabine do piloto?

– Não me atrevi a fazer esse pedido – respondi.

– Então venha. Assim o senhor verá tudo o que pode ser observado desta navegação que é, ao mesmo tempo, subterrânea e submarina.

O capitão Nemo me conduziu à escadaria central. No meio do corrimão, abriu uma porta, seguiu pelos corredores superiores e chegou à cabine do piloto, que, como é sabido, localizava-se na ponta da plataforma.

A cabine media aproximadamente 4 metros de cada

lado, o mesmo tamanho das ocupadas pelos timoneiros dos vapores do Mississípi ou do Hudson. No centro, havia uma roda disposta verticalmente, presa aos cabos do leme, que corria até a popa do *Nautilus*. Quatro escotilhas de vidro lenticular, vazadas nas paredes da cabine, permitiam que o timoneiro olhasse em todas as direções.

A cabine era escura, mas logo meus olhos se acostumaram à pouca luz, e avistei o piloto, um homem vigoroso cujas mãos descansavam sobre os aros da roda. Lá fora, o mar estava iluminado pelo fanal que brilhava por trás da cabine, na outra extremidade da plataforma.

– Agora – disse o capitão Nemo –, vamos procurar nossa passagem.

Fios elétricos conectavam a cabine do condutor com a sala de máquinas, e de lá o capitão podia, simultaneamente, comunicar a direção e a movimentação ao *Nautilus*. Ele pressionou um botão metálico e, imediatamente, a velocidade da hélice foi bastante reduzida.

Eu olhava em silêncio a grande e íngreme muralha que margeávamos naquele momento, inabalável base do maciço arenoso da costa. Nós a acompanhamos por cerca de uma hora, a poucos metros de distância. O capitão Nemo não tirava os olhos da bússola suspensa na cabine, com seus dois círculos concêntricos. A um gesto simples do capitão, o timoneiro ajustava a direção do *Nautilus*.

Tinha-me instalado na escotilha de bombordo, e

contemplava as magníficas substruções de corais, zoófitos, algas marinhas e crustáceos agitando suas enormes patas, que se estendiam para fora das anfractuosidades das rochas.

Às 10h15, o próprio capitão Nemo assumiu o leme. Uma ampla galeria, escura e profunda, abria-se à nossa frente. O *Nautilus* adentrou audaciosamente por ela. Um sussurro incomum foi ouvido em seus flancos. Eram as águas do Mar Vermelho que o declive do túnel precipitava para o Mediterrâneo. O *Nautilus* seguia a torrente, rápido como uma flecha, apesar dos esforços de sua máquina que, para resistir, revolvia as águas em contra-hélice.

Nos paredões estreitos da passagem, eu só conseguia ver riscos cintilantes, linhas retas, sulcos de fogo desenhados pela velocidade sob o brilho da luz elétrica. Meu coração palpitava e eu o comprimia com a mão.

Às 10h35, o capitão Nemo abandonou a roda do leme e virou-se para mim:

– O Mediterrâneo!

Em menos de 20 minutos, levado por essa torrente, o *Nautilus* tinha acabado de atravessar o istmo de Suez.

O arquipélago grego

No dia seguinte, 12 de fevereiro, ao amanhecer, o *Nautilus* voltou à superfície. Corri para a plataforma. Três milhas ao sul desenhava-se o vago contorno de Pelusa. Uma torrente nos transportou de um mar a outro. Mas esse túnel, fácil de descer, deveria ser impraticável de subir.

Por volta das 7 horas, Ned e Conseil juntaram-se a mim. Esses dois companheiros inseparáveis dormiram tranquilamente, sem se preocuparem com as proezas do *Nautilus*.

– E então, senhor naturalista – perguntou o canadense em um tom ligeiramente zombeteiro? – E esse tal Mediterrâneo?

– Estamos flutuando em sua superfície, amigo Ned.

– Hein!? – fez Conseil. – Quer dizer que ontem à noite...?

– Sim, ontem à noite, em poucos minutos, atravessamos este istmo intransponível.

– Não acredito nisso – insistiu o canadense.

– E está enganado, mestre Land – continuei. – Essa costa baixa que se arredonda em direção ao sul é a costa egípcia.

– Conte outra, senhor – respondeu o teimoso canadense.

– Mas como o cavalheiro afirma – disse Conseil –, é preciso acreditar nele.

– Além disso, Ned, o capitão Nemo fez-me as honras do seu túnel, e eu estava perto dele, na cabine do timoneiro, enquanto ele conduzia pessoalmente o *Nautilus* por aquela passagem estreita.

– Ouviu, Ned? – perguntou Conseil.

– E o senhor, Ned, que tem a visão tão boa – acrescentei –, pode ver os píeres de Porto Said projetados no mar.

O canadense olhou atentamente.

– De fato, o senhor tem razão, professor, e seu capitão é um ás. Estamos no Mediterrâneo. Bom. Falemos então, por favor, de nosso pequeno negócio, mas de tal forma que ninguém possa nos ouvir.

Percebi bem aonde o canadense queria chegar. De qualquer forma, achei que seria melhor conversar, como ele assim o desejava, e nós três fomos nos sentar junto ao fanal, onde estaríamos menos expostos à maresia.

– Ned, somos todos ouvidos – eu disse. – O que tem para nos dizer?

– O que tenho a dizer é muito simples – respondeu o canadense. – Estamos na Europa, e antes que os caprichos do capitão Nemo nos arrastem para o fundo dos mares polares ou nos levem de volta à Oceania, peço que abandonemos o *Nautilus*.

Admito que essa discussão com o canadense sempre me embaraçava. De forma alguma eu queria impedir a liberdade de meus companheiros, mas, ao mesmo tempo, não desejava deixar o capitão Nemo. Graças a ele, graças a seu dispositivo, eu aprimorava diariamente meus estudos submarinos, e eu refazia meu livro *in loco*. Será que alguma vez encontraria tal oportunidade para ver as maravilhas do oceano novamente? Não, claro que não! Por isso, não podia me habituar à ideia de abandonar o *Nautilus* antes de nosso ciclo de investigações ter sido concluído.

– Amigo Ned – eu disse –, responda-me francamente. Você está entediado a bordo? Lamenta que o destino o tenha colocado nas mãos do capitão Nemo?

O canadense permaneceu por alguns momentos sem responder. Depois, cruzando os braços:

– Francamente – ele disse –, eu não lamento esta viagem submarina. Ficarei feliz por tê-la feito, mas para tê-la feito, no passado, ela tem de acabar. Eis meu sentimento.

– Ela vai acabar, Ned.

– Onde e quando?

– Onde? Não tenho a menor ideia. Quando? Não posso dizer, ou melhor, suponho que acabará, assim que estes mares não tiverem mais nada a nos ensinar. Tudo que um dia começou deve ter um fim.

– Concordo com o cavalheiro – respondeu Conseil –, e é bem possível que depois de ter atravessado todos os mares do globo, o capitão Nemo nos devolva a liberdade.

– A liberdade! – exclamou o canadense. – Ficaremos atrás das grades, o senhor quer dizer?

– Não exagere, mestre Land – eu disse. – Não temos nada a recear do capitão, mas também não partilho das ideias de Conseil. Somos senhores dos segredos do *Nautilus*, e não acredito que seu comandante, decidindo por nossa liberdade, admita vê-los rodar o mundo conosco.

– Mas, então, o que o senhor espera? – perguntou o canadense.

– Haverá circunstâncias de que poderemos e deveremos tirar partido, seja dentro de seis meses, seja agora.

– Ah, claro! – desdenhou Ned Land. – E onde estaremos em seis meses, por favor, senhor naturalista?

– Talvez aqui, talvez na China. Como o senhor sabe, o *Nautilus* é um veloz andarilho. Atravessa os oceanos

como uma andorinha atravessa o ar, ou um expresso atravessa os continentes. Ele não teme os mares que frequenta. Quem pode dizer que não chegará às costas de França, Inglaterra ou à América, onde uma fuga poderá ser tão bem-sucedida como aqui?

– Senhor Aronnax – o canadense respondeu –, seus argumentos são falhos na base. O senhor fala no futuro: “Nós estaremos ali! Estaremos acolá!”. Eu falo no presente: nós estamos aqui, e devemos tirar proveito disso.

Eu estava pressionado pela lógica de Ned Land, e senti que estava sendo derrotado naquele terreno. Não sabia que argumentos apresentar a meu favor.

– Senhor – Ned continuou –, suponha, o que é quase impossível, que o capitão Nemo lhe ofereça a liberdade hoje mesmo. O senhor aceitaria?

– Não sei – respondi.

– E se ele acrescentasse que essa oferta que está lhe fazendo hoje não será renovada mais tarde, o senhor aceitaria?

Eu não respondi.

– E o que pensa o amigo Conseil? – perguntou Ned Land.

– O amigo Conseil – respondeu calmamente o digno rapaz –, o amigo Conseil não tem nada a dizer. Está absolutamente desinteressado pela questão. Assim como seu mestre, assim como seu camarada Ned, ele é

solteiro. Não há mulheres, pais ou crianças à espera dele em seu país. Ele está a serviço do cavalheiro, pensa como o cavalheiro, fala como o cavalheiro, e, para seu grande pesar, não se deve contar com ele para constituir uma maioria. Só duas pessoas estão nesse confronto: o cavalheiro de um lado e Ned Land do outro. Dito isso, o amigo Conseil ouve e está pronto para contabilizar os pontos.

Não pude conter um sorriso ao ver Conseil aniquilar tão completamente sua personalidade. No fundo, o canadense devia ter ficado aliviado por não tê-lo como rival.

– Então, senhor – disse Ned Land –, uma vez que Conseil não existe, vamos falar apenas entre nós dois. Eu argumentei, o senhor me ouviu. O que tem a dizer?

Era obviamente necessário concluir, os subterfúgios nunca me agradaram.

– Amigo Ned – eu disse –, eis a minha resposta. A razão está do seu lado, e meus argumentos não têm forças diante dos seus. Não podemos contar com a boa vontade do capitão Nemo. A mais elementar prudência o proíbe de nos libertar. Por outro lado, a prudência pede também que aproveitemos a primeira oportunidade para deixar o *Nautilus*.

– Muito bem, senhor Aronnax, isso é uma coisa sábia de se dizer.

– Faço apenas uma observação – eu disse –, só uma. A oportunidade deve ser ideal. Nossa primeira tentativa de fuga tem de ser bem-sucedida, pois, se for

abortada, não vamos encontrar outra ocasião para repeti-la, e o capitão Nemo não nos perdoará.

– Tudo isso faz sentido – respondeu o canadense. – Mas sua observação se aplica a qualquer tentativa de fuga, quer ocorra dentro de dois anos ou dois dias. Portanto, a questão ainda é esta: se uma oportunidade favorável se apresenta, ela deve ser aproveitada.

– De acordo. E agora, poderia me dizer, Ned, o que quer dizer com uma oportunidade favorável?

– Seria aquela que, numa noite escura, levasse o *Nautilus* a uma curta distância da costa europeia.

– E você tentaria se salvar nadando?

– Sim, se estivéssemos perto o suficiente da costa, e se a embarcação flutuasse na superfície. Não, se estivéssemos longe, e se a embarcação navegasse debaixo d'água.

– E nesse caso?

– Nesse caso, tentaria me apoderar do escaler. Eu sei como manobrá-lo. Entraríamos nele e, uma vez os parafusos removidos, subiríamos à superfície sem que o timoneiro, instalado à popa, percebesse nossa fuga.

– Muito bem, Ned. Espreite então essa oportunidade, mas não se esqueça de que um fracasso nos arruinaria.

– Não vou me esquecer disso, senhor.

– E agora, Ned, quer saber minha opinião sobre todo esse seu projeto?

– Com prazer, senhor Aronnax.

– Bem, eu penso – não digo que espero – que essa oportunidade favorável não se apresentará.

– E por quê?

– Porque o capitão Nemo não deve ignorar o fato de não termos perdido a esperança de recuperar nossa liberdade, e certamente se mantém vigilante, em especial nos mares próximos das costas da Europa.

– Compartilho da opinião do cavalheiro – disse Conseil.

– Veremos – respondeu Ned Land, balançando a cabeça com ar determinado.

– E agora, Ned Land – acrescentei –, vamos deixar as coisas como estão. Nem mais uma palavra a esse respeito. No dia em que você estiver pronto, avise-nos e nós o seguiremos. Confio em você.

Essa conversa, que viria a ter consequências muito graves mais tarde, terminou assim. Devo dizer agora que os fatos pareceram confirmar minhas previsões, para grande desespero do canadense. Será que o capitão Nemo desconfiava de nós nesses mares agitados, ou só queria esconder-se da vista dos muitos navios de todas as nações que cruzam o Mediterrâneo? Não sei, mas permaneceu o maior tempo possível submerso nas águas e ao largo da costa. Ora o *Nautilus* emergia, deixando aflorar apenas a cabine do timoneiro, ora descia a grandes profundidades, pois, entre o arquipélago grego e a Ásia Menor, não

conseguimos encontrar o fundo nem a 2 mil metros.

Nem tomei conhecimento da Ilha de Cárpatos, uma das Espórades, a não ser por estes versos de Virgílio, que o capitão Nemo me citou, colocando o dedo num ponto do planisfério:

Est in Carpathio Neptuni gurgite vates

Caeruleus Proteus...[19]

Era, de fato, a antiga residência de Proteu, o velho pastor dos rebanhos de Netuno, agora Ilha de Escarpanto, situada entre Rodes e Creta. Avistei apenas os substratos graníticos pelo vidro do salão.

No dia seguinte, 14 de fevereiro, resolvi usar algumas horas para estudar os peixes do arquipélago; mas, por uma razão qualquer, as escotilhas permaneceram hermeticamente cerradas. Verificando a direção do *Nautilus*, notei que ele navegava na direção de Cândia, a ilha antiga de Creta. Quando embarquei no *Abraham Lincoln*, essa ilha tinha se insurgido contra o despotismo turco. Mas o que, desde então, havia sido feito dessa insurreição, eu não fazia a mínima ideia, e não seria o capitão Nemo, privado de qualquer comunicação com a terra, que me poderia dizer.

Por isso, não fiz nenhuma menção a esse evento quando, à noite, encontrei-me sozinho com ele no salão. Aliás, ele parecia taciturno, preocupado. Então, contrariamente a seus costumes, ordenou que abrissem as duas escotilhas do salão, e, caminhando de um lado para o outro, observou cuidadosamente a massa das águas. Com que propósito? Eu não

conseguiria adivinhar, e, quanto a mim, usei meu tempo para estudar os peixes que passavam diante de meus olhos.

Entre outros, avistei os cabozes afísios, citados por Aristóteles e vulgarmente conhecidos sob o nome de “cabozes do mar”, encontrados particularmente nas águas salgadas em torno do Delta do Nilo. Perto deles, desenrolavam-se pargos semifosforescentes, espécies de sargos que os egípcios classificavam entre os animais sagrados, cuja chegada às águas do rio, para anunciar a cheia, era celebrada com cerimônias religiosas. Avistei também quilinas de 3 decímetros, peixes ósseos com escamas transparentes cuja cor lívida se mistura com manchas vermelhas; elas são grandes comedoras de plantas marinhas, o que lhes proporciona um sabor requintado; as quilinas também eram muito procuradas pelos gourmets da Roma antiga, e suas entranhas, acompanhadas de ovas de moreia, miolos de pavão e línguas de fenicópteros, compunham o divino prato que deliciava Vitélio.

Um outro habitante desses mares chamou minha atenção e trouxe de volta a minha mente todas as memórias da Antiguidade. Era a rêmora, que viaja colada ao ventre dos tubarões. De acordo com os antigos, esse pequeno peixe, incrustado ao casco de um navio, poderia pará-lo em sua marcha, e um deles, paralisando a nau de Marco Antônio durante a Batalha de Áccio, facilitou então a vitória de Augusto. Do que dependem as nações! Observei igualmente admiráveis anthias, pertencentes à ordem dos perciformes, peixes sagrados para os gregos que lhes atribuíram o poder de expulsar os monstros marinhos para fora das águas

que eles ocupavam; seu nome significa *flor*, e eles o justificavam por suas cores cintilantes, suas nuances de vermelho, que iam da delicadeza do rosa ao brilho do rubi, e pelos fugazes reflexos traçados em sua nadadeira dorsal. Meus olhos estavam completamente concentrados nessas maravilhas do mar, quando foram subitamente atingidos por uma aparição inesperada.

No meio das águas, apareceu um homem, um mergulhador que trazia uma bolsa de couro na cintura. Não era um corpo abandonado no meio do mar. Era um homem vivo que nadava vigorosamente, às vezes desaparecia para respirar à superfície e depois voltava a mergulhar.

Virei-me para o capitão Nemo e disse, com uma voz de emocionada:

– Um homem! Um náufrago! – gritei. – Temos de salvá-lo a qualquer custo!

O capitão não me respondeu e veio apoiar-se no vidro. O homem se aproximou, e com a cara colada à escotilha, nos observava.

Para minha profunda estupefação, o capitão Nemo fez-lhe um sinal. O mergulhador respondeu com a mão, e imediatamente subiu à superfície do mar para não reaparecer mais.

– Não se preocupe – disse o capitão. – É Nicolau, do Cabo Matapão, cujo apelido é Pesce. Ele é famoso em todas as Cíclades. Um mergulhador ousado! A água é seu elemento, e ele vive mais nela que na terra, indo constantemente de uma ilha para outra e até a Creta.

– O senhor o conhece, capitão?

– Por que não o conheceria, senhor Aronnax?

Dito isso, o capitão Nemo foi até uma peça de mobiliário que se encontrava perto da escotilha esquerda do salão. Perto desse móvel, vi um cofre rebitado cuja tampa trazia sobre uma placa de cobre o emblema do *Nautilus* com seu lema *Mobilis in mobile*.

Nesse momento, o capitão, sem se incomodar com minha presença, abriu o móvel, uma espécie de cofre-forte que guardava um grande número de lingotes.

Eram barras de ouro. De onde vinha todo aquele metal precioso que representava uma verdadeira fortuna? Onde é que o capitão recolhia esse ouro, e o que faria com ele?

Eu não disse nada. Apenas observei. O capitão Nemo pegou os lingotes um a um para armazená-los metodicamente no cofre, que foi inteiramente preenchido. Estimo que havia mais de mil quilos de ouro, ou seja, quase 5 milhões de francos.

O cofre foi solidamente fechado, e o capitão escreveu sobre a tampa um endereço em caracteres que pareciam grego moderno.

Feito isso, apertou um botão cujo fio se conectava com o posto da tripulação. Quatro homens apareceram, e, não sem dificuldade, empurraram o cofre para fora do salão. Então, ouvi que o içavam por meio de roldanas sobre as escadas de ferro.

Nesse momento, o capitão Nemo virou-se para mim:

– O que o senhor dizia, professor? – ele me perguntou.

– Nada, capitão.

– Então, senhor, permita-me desejar-lhe boa noite.

E, com essas palavras, o capitão Nemo deixou o salão.

Regressei a meu quarto muito intrigado, como se pode conceber. Tentei em vão dormir. Procurava uma relação entre a aparição daquele mergulhador e o baú cheio de ouro. Logo senti, por conta de certos movimentos de rolamento e inclinação, que o *Nautilus* deixava as camadas mais fundas e retornava à superfície da água.

Depois, ouvi o som de passos na plataforma. Compreendi que desatavam o escaler e lançavam-no ao mar. Ele se chocou levemente contra a lateral do *Nautilus*, e logo todo o ruído cessou.

Duas horas depois, o mesmo barulho, as mesmas idas e vindas se reproduziram. A embarcação, içada a bordo, foi reajustada em seu alvéolo, e o *Nautilus* mergulhou novamente.

Foi assim que aqueles milhões foram transportados para seu destino. Em que parte do continente? Quem era o correspondente do capitão Nemo?

No dia seguinte, contei a Conseil e ao canadense sobre os acontecimentos daquela noite, que excitaram minha curiosidade até o último grau. Meus companheiros não ficaram menos surpresos que eu.

– Mas onde é que ele arranja esses milhões? – perguntou Ned Land.

Para isso, não havia resposta possível. Fui ao salão depois do almoço e comecei a trabalhar. Até as 5 horas da tarde, redigi minhas anotações. Nesse momento – devo atribuir isso a uma predisposição pessoal –, senti um calor extremo e tive de me desfazer da minha roupa de bisso. O efeito era incompreensível, pois não estávamos em altas latitudes, e o *Nautilus*, imerso, não deveria sofrer nenhuma elevação de temperatura. Consultei o manômetro, que marcava uma profundidade de 18 metros, a qual o calor atmosférico não podia alcançar.

Continuei meu trabalho, mas a temperatura subiu ao ponto de se tornar intolerável.

"Será que o submarino estava pegando fogo?" – pensei.

Estava prestes a sair do salão quando o capitão Nemo entrou. Ele se aproximou do termômetro, consultou-o e virou-se para mim:

– Quarenta e dois graus – disse.

– Posso sentir, capitão – respondi –, e se esse calor aumentar ainda mais, não seremos capazes de suportá-lo.

– Oh! Professor, esse calor só vai aumentar se quisermos.

– Então, o senhor pode moderá-lo a seu bel-prazer?

– Não, mas posso afastar-me do foco que o produz.

– Então ele vem de fora?

– Sem dúvida. Estamos navegando em meio a uma corrente de água fervendo.

– E isso é possível? – indaguei.

– Veja.

As escotilhas foram abertas e pude ver o mar inteiramente branco à volta do *Nautilus*. No meio das ondas, que borbulhavam como a água de uma caldeira, havia uma fumaça de vapores sulfurosos. Apoiei a mão numa das vidraças, mas o calor era tal que tive de tirá-la.

– Onde estamos? – perguntei.

– Perto da ilha de Santorini, professor, precisamente naquele canal que separa Nea Kameni de Palea Kameni. Quis lhe proporcionar o espetáculo curioso de uma erupção submarina.

– Pensei que a formação dessas novas ilhas já tivesse terminado – eu disse.

– Nada está terminado nas zonas vulcânicas – respondeu o capitão Nemo –, e o globo é incessantemente modificado pelos incêndios subterrâneos. Segundo Cassiodoro e Plínio, já no ano 19 de nossa era, uma nova ilha, Theia, a divina, apareceu no mesmo lugar onde estas ilhotas foram recentemente formadas. Mais tarde, ela afundou sob as ondas para se mostrar novamente no ano 69 e

afundar mais uma vez. Desde esse tempo até hoje, o trabalho plutoniano está suspenso. Mas, em 3 de fevereiro de 1866, uma nova ilhota, chamada Ilhota de George, emergiu em meio aos vapores sulfurosos, perto de Nea Kameni, e ali se consolidou no dia 6 do mesmo mês. Sete dias depois, em 13 de fevereiro, a Ilhota Afroessa apareceu, deixando entre Nea Kameni e ela um canal de 10 metros. Eu estava nesses mares quando o fenômeno ocorreu, e pude observar todas as suas fases. A Ilhota Afroessa, de formato arredondado, media 91 metros de diâmetro por 9 metros de altura. Ela era composta de lavas pretas e vítreas, misturadas com fragmentos feldspáticos. Finalmente, em 10 de março, uma ilhota menor, chamada Reka, surgiu perto de Nea Kameni, e, desde então, essas três ilhotas, amalgamadas, formam uma única ilha.

– E o canal em que estamos agora? – perguntei.

– Aqui está ele – respondeu o capitão Nemo, mostrando um mapa do arquipélago. – Veja que acrescentei as novas ilhotas.

– Mas esse canal vai se fechar um dia?

– É provável, senhor Aronnax, porque, desde 1866, oito pequenas ilhas de lava emergiram em frente ao porto Saint-Nicolas de Palea Kameni. Por conseguinte, é evidente que Nea e Palea se reunirão em um futuro próximo. Se, no meio do Pacífico, são os infusórios que formam os continentes, aqui, são os fenômenos eruptivos. Veja, senhor, veja o trabalho que está sendo feito sob estas ondas.

Voltei à janela. O *Nautilus* estava parado. O calor

tornava-se intolerável. Por mais branco que fosse, o mar ficou vermelho, coloração devida à presença de um sal de ferro. Apesar do fechamento hermético do salão, um insuportável odor sulfuroso eclodiu, e entrevi chamas escarlate cuja vivacidade matava o brilho da eletricidade.

Eu suava em bicas, sufocava, estava prestes a cozinhar. Sim, na verdade, senti-me como se estivesse cozinhando!

– Não podemos ficar mais tempo nesta água fervente – disse ao capitão.

– Não, não seria prudente – respondeu o impassivo Nemo.

Uma ordem foi dada, e o *Nautilus* virou de bordo, afastando-se daquela fornalha que ele não podia desafiar impunemente. Um quarto de hora depois, estávamos respirando na superfície das águas.

Um pensamento então me veio, de que se Ned tivesse escolhido aquelas paragens para nossa fuga, nós não teríamos saído vivos daquele mar de fogo.

No dia seguinte, 16 de fevereiro, saímos dessa bacia que, entre Rodes e Alexandria, apresenta profundidades de até 3 mil metros, e o *Nautilus*, passando ao largo de Citera, abandonou o arquipélago grego depois de ter dobrado o Cabo Matapan.

“Nos Cárpatos, sob domínio do rei Netuno/Está o azul-

celeste Proteu”. Tradução livre. (N. T.)

O Mediterrâneo em 48 horas

O Mediterrâneo, o mar azul por excelência, “o grande mar” dos hebreus, “o mar” dos gregos, o *mare nostrum* dos romanos, rodeado por laranjeiras, aloés, cactos e pinheiros marítimos, embalsamado pelo perfume das murtas, emoldurado por montanhas escarpadas, saturado com um ar puro e transparente, mas incessantemente erodido pelos fogos da terra, é um verdadeiro campo de batalha onde Netuno e Plutão ainda disputam o império do mundo. É ali, em suas margens e em suas águas, diz Michelet, que o homem se encontra num dos climas mais pujantes do mundo.

Mas, por mais bonito que seja, só tive direito a uma espiadela nessa bacia cuja superfície cobre uma área de 2 milhões de quilômetros quadrados. Os conhecimentos pessoais do capitão Nemo me fizeram falta, pois essa personagem enigmática não apareceu uma única vez durante a travessia em alta velocidade. Estimo em cerca de 600 léguas o caminho que o *Nautilus* percorreu sob as ondas desse mar, e essa viagem foi realizada em dois estirões de 24 horas.

Tendo partido na manhã de 16 de fevereiro das margens da Grécia, no dia 18, ao nascer do sol, tínhamos atravessado o Estreito de Gibraltar.

Ficou evidente para mim que o Mediterrâneo, confinado no meio das terras de que ele queria fugir, desagradava o capitão Nemo. Suas ondas e brisas o faziam rememorar coisas demais, além de deixá-lo nostálgico. Ali, ele já não tinha a mesma desenvoltura, a independência de manobras que os oceanos lhe proporcionavam, e seu *Nautilus* sentia-se confinado entre as costas próximas da África e da Europa.

Nossa velocidade era de 25 milhas por hora, ou seja, 12 léguas de 4 quilômetros. Nem precisa dizer que Ned Land, para seu grande aborrecimento, teve de desistir de seus planos de fuga. Ele não podia fazer uso do escaler arrastado à razão de 12 ou 13 metros por segundo. Deixar o *Nautilus* em tais condições seria como saltar de um trem em movimento com a mesma velocidade, uma manobra imprudente se empreendida. Além disso, nossa embarcação só subia à superfície à noite para renovar seu suprimento de ar, e fazia manobras exclusivamente de acordo com as indicações da bússola e das marcações da barquilha.

Portanto, só pude ver do interior do Mediterrâneo o que o viajante de um expresso vê da paisagem que foge diante de seus olhos, ou seja, os horizontes distantes, e não os primeiros planos, que passam feito um clarão. No entanto, Conseil e eu pudemos observar alguns peixes mediterrânicos, que a potência das nadadeiras mantinha por alguns instantes nas águas do *Nautilus*. Ficamos à espreita em frente às vidraças do salão, e nossas anotações me permitem refazer em

poucas palavras a ictiologia desse mar.

Dos vários peixes que o habitam, vi alguns, vislumbrei outros, e outros ainda a velocidade do *Nautilus* furtou-me à vista. Que me seja permitido, pois, classificá-los de acordo com esta classificação fantasiosa. Ela vai tornar melhores minhas rápidas observações.

No meio da massa de águas iluminadas pelas mantas elétricas, serpenteavam algumas dessas lampreias de 1 metro de comprimento, comuns a quase todos os climas; oxirrincos, espécie de raia de 1,5 metro de largura, ventre branco, dorso cinza-escuro e manchado, desenvolviam-se como grandes xales levados pelas correntes; outras raias passavam tão rapidamente que eu não podia saber se mereciam o nome de águias, dado a elas pelos gregos, ou as qualificações de rato, sapo e morcego, que os pescadores modernos lhes atribuíram; esqualos-enfermeiros de 3,5 metros de comprimento e particularmente temidos por mergulhadores apostavam corrida entre si; raposas marinhas de 2 metros de comprimento, e dotadas de um faro de extremado requinte, apareciam como grandes sombras azuladas; douradas do gênero sargo, algumas das quais chegavam a medir 13 decímetros, surgiam em suas cores prateadas e azuladas envoltas em listras que contrastavam com o tom escuro de suas nadadeiras; peixes consagrados a Vênus cujo olho está embutido em um supercílio dourado; espécie preciosa, amiga de todas as águas, doces ou salgadas, que habitam rios, lagos e oceanos e vivem em todos os climas, suportam todas as temperaturas, cuja raça, que remonta a épocas geológicas da Terra, conservou toda sua beleza

desde os primórdios; magníficos esturjões, de 9 a 10 metros de comprimento, animais turbulentos que batiam com sua poderosa cauda nas vidraças das escotilhas, mostrando seu dorso azulado com pequenas pintas marrons – eles se assemelham aos esqualos, mas não igualam sua força, e se encontram em todos os mares; na primavera, gostam de subir os grandes rios, lutar contra as correntes do Volga, do Danúbio, do Pó, do Reno, do Loire, do Oder, e se alimentam de arenques, cavalas, salmões e bacalhaus; embora pertençam à classe dos cartilaginosos, são delicados e costumam ser consumidos frescos, secos, marinados ou salgados; no passado, eram triunfalmente levados à mesa de Lúculo. Mas, desses vários habitantes do Mediterrâneo, aqueles que pude observar com mais proveito, quando o *Nautilus* se aproximava da superfície, pertenciam ao sexagésimo terceiro gênero dos peixes ósseos. Eram atuns, escombrídeos de dorso azul-escuro, ventre prateado, cujas listrais dorsais tinham tonalidades douradas. Eles têm a reputação de seguir o curso dos navios, cuja sombra fresca procuram sob o fogo do céu tropical, e não negaram essa fama acompanhando o *Nautilus* como uma vez escoltaram os navios de La Pérouse. Durante longas horas, apostaram corrida com nossa embarcação. Eu não me casava de admirar aqueles animais esculpidos precisamente para a corrida, com a cabeça pequena, o corpo liso e fusiforme, que em alguns excedia os 3 metros, o peitoral dotado de notável vigor e caudas bífidas. Eles nadavam em triângulo, como certas revoadas de pássaros cuja rapidez igualavam, e que faziam com que os antigos dissessem que a geometria e a estratégia lhes eram familiares. No entanto, não

escapam das perseguições dos provençais, que os estimam como outrora os estimavam os habitantes da Propôntida e da Itália, e é às cegas, atordoados, que esses animais preciosos se lançam e perecem aos milhares nas madragas marselhesas.

Citarei, apenas para que fique registrado, os peixes do Mediterrâneo que Conseil e eu vislumbramos. Havia gimnotos-fierásfer esbranquiçados que passavam como intangíveis vapores; moreias-congro, serpentes de 3 a 4 metros embelezadas de verde, azul e amarelo; pescadas-bacalhaus de cerca de 1 metro de comprimento cujo fígado compunha um prato requintado; cépolas-tênias que flutuavam como algas finas; triglos, que os poetas chamam de peixes-lira e os marinheiros de peixes-assobiadores, cujo focinho é adornado com duas lâminas triangulares e serrilhadas que se assemelham ao instrumento do velho Homero; triglos-andorinhas, que nadam com a mesma rapidez do pássaro que lhes dá nome; garoupas holocêntricas de cabeça vermelha, cuja nadadeira dorsal é adornada com filamentos; sáveis enfeitados com manchas pretas, cinzas, marrons, azuis, amarelas e verdes, que são sensíveis à voz argentina dos sinos; e esplêndidos rodovalhos, faisões do mar, tipos de losangos com nadadeiras amareladas, pontilhados de marrom, cujos lados superior e esquerdo geralmente são manchados de marrom e amarelo; finalmente, cardumes de admiráveis salmonetes-da-vasa, verdadeiros paradiseídeos do oceano pelos quais os romanos pagavam até 10 mil sestércios a peça, e que deixavam morrer sobre suas mesas a fim de acompanhar cruelmente sua mudança de cor, do vermelho cinábrio, quando vivos, ao branco-pálido ao morrer.

E se não pude observar miralets, balistas, tetrodões, hipocampos, acarás, centriscos, blênios, salmonetes, labros, eperlanos, peixes-voadores, anchovas, pargos, bogas, orfas, tampouco os principais representantes da ordem dos pleuronectos, as solhas e os linguados comuns no Atlântico e no Mediterrâneo, foi em decorrência da velocidade vertiginosa que levava o *Nautilus* através daquelas águas opulentas.

Quanto aos mamíferos marinhos, acredito ter identificado, ao passar pelo Adriático, dois ou três cachalotes, munidos com uma nadadeira dorsal do gênero dos fisetérios, alguns golfinhos do gênero dos globicéfalos, típicos do Mediterrâneo, cuja parte anterior da cabeça é listrada com pequenas linhas claras, e também uma dúzia de focas de barriga branca e pelagem preta, conhecidas pelo nome de monges, e que têm absolutamente o aspecto de dominicanos com 3 metros de comprimento.

Conseil, por sua vez, afirma ter visto uma tartaruga de 1,80 metro de largura, ornamentada com três arestas longitudinais salientes. Lamentei não ter visto esse réptil, pois, segundo a descrição de Conseil, parecia ser a tartaruga-de-couro, espécie bastante rara. De minha parte, notei apenas algumas tartarugas-amarelas de carapaça alongada.

Quanto aos zoófitos, pude admirar, por alguns instantes, uma impressionante galeolária alaranjada que colou à vidraça do painel de bombordo; era um filamento longo e tênue, arborizando-se em ramos infinitos e terminando na mais fina renda que as rivais de Aracne jamais poderiam tecer. Infelizmente, não pude pescar essa bela amostra, e nenhum outro

zoófito mediterrâneo teria se oferecido a meus olhos se o *Nautilus*, na noite do dia 16, não tivesse singularmente abrandado sua velocidade. Eis as circunstâncias.

Passávamos entre a Sicília e a costa de Túnis. Nesse espaço estreito entre o Cabo Bon e o Estreito de Messina, o fundo do mar sobe quase subitamente. Ali formou-se uma verdadeira crista sobre a qual restam apenas 17 metros de água, enquanto em cada lado a profundidade é de 170 metros. O *Nautilus* teve de manobrar cuidadosamente para não colidir com essa barreira submarina.

Mostrei a Conseil, no mapa do Mediterrâneo, a localização daquele extenso recife.

– Mas, com todo o respeito pelo cavalheiro – observou –, é como um verdadeiro istmo que une a Europa à África.

– Sim, meu jovem – respondi –, ele barra todo o Estreito da Líbia, e as pesquisas de Smith provaram que os continentes já estiveram unidos entre o Cabo Boco e o Cabo Furina.

– Acredito piamente – disse Conseil.

– Gostaria de acrescentar – continuei –, que existe uma barreira semelhante entre Gibraltar e Ceuta, que, nos tempos geológicos, fechava completamente o Mediterrâneo.

– Ora! – exclamou Conseil. – E se alguma erupção vulcânica um dia levantar essas duas barreiras acima

das águas?!

– É pouco provável, Conseil.

– Enfim, se o cavalheiro me permite concluir, se esse fenômeno acontecesse, seria lamentável para o senhor De Lesseps, que tanto trabalho tem para furar seu istmo!

– Concordo, mas repito que esse fenômeno não acontecerá. A violência das forças subterrâneas diminui gradativamente. Os vulcões, tão numerosos nos primeiros dias do mundo, extinguem-se gradualmente; o calor interno se enfraquece, a temperatura das camadas inferiores do globo diminui apreciavelmente a cada século, e em detrimento de nosso globo, porque esse calor é a sua vida.

– No entanto, o sol...

– O sol é insuficiente, Conseil. Por acaso ele poderia devolver o calor a um cadáver?

– Não que eu saiba.

– Pois bem, meu amigo, a Terra será um dia esse cadáver frio. Ela se tornará inabitável e será desabitada como a Lua, que há muito perdeu seu calor vital.

– Dentro de quantos séculos? – perguntou Conseil.

– Daqui a umas centenas de milhares de anos, meu rapaz.

– Então – respondeu Conseil –, temos tempo para

terminar nossa viagem, se Ned Land não nos atrapalhar!

Conseil, agora mais tranquilo, voltou a estudar o fundo submarino que o *Nautilus* quase roçava com velocidade moderada.

Ali, sob um solo rochoso e vulcânico, florescia toda uma flora viva: esponjas; holotúrias; medusas hialinas adornadas com cirros avermelhados que emitiam uma ligeira fosforescência; beróis, vulgarmente conhecidos como pepinos-do-mar e banhados pelo tremeluzir de um espectro solar; comátulas ambulantes com 1 metro de largura, cuja púrpura avermelhava as águas; euriáleas arborescentes de uma beleza ímpar; pavonáceas de caules compridos; um grande número de ouriços-do-mar comestíveis de diferentes espécies; e actínias verdes com tronco acinzentado e disco marrom, que se perdiam em sua olivácea cabeleira de tentáculos.

Conseil estava particularmente ocupado com a observação de moluscos e articulados e, embora a nomenclatura seja um pouco árida, não quero desmerecer esse corajoso rapaz omitindo suas observações pessoais.

No ramo de moluscos, ele cita numerosos petúnculos pectiniformes; espôndilos pé-de-burro empilhados uns sobre os outros; donácias triangulares; hialídeos tridentados com nadadeiras amarelas e conchas transparentes; pleurobrânquios alaranjados; ovos pontilhados ou semeados de pontos esverdeados; aplísias, também conhecidas sob o nome de lebres do mar; dolabelas; áceras carnudas; umbelas típicas do

Mediterrâneo; orelhas-do-mar, cuja concha produz uma madrepérola bastante cobiçada; vieiras flamuladas; anomias, que os nativos de Languedoc, dizem, preferem às ostras; mariscos tão caros aos marselheses; verrucosas-de-vênus duplas, brancas e gordurosas; algumas amêijoas abundantes nas costas da América do Norte e bastante consumidas em Nova Iorque; vieiras operculares de cores variadas; litodomos escondidos em suas conchas, cujo sabor apimentado eu aprecio fortemente; venericárdias estriadas, cuja concha com topos arredondados apresenta vértebras salientes; cíntias espinhosas com tubérculos escarlate; carniárias de pontas curvas e semelhantes a gôndolas leves; férulas coroadas; atlantes de conchas espiraladas; tétis cinzas, pintalgadas de branco e cobertas com suas mantilhas franjadas; eolidídeos semelhantes a pequenas lesmas; cavolinas que rastejam de costas; aurículas e, entre outras, a aurícula miosótis de concha oval; escalários ocres; litorinas; jantinas; cinerárias; pétricolas; lamelárias; cabochões; pandoras etc.

Quanto aos articulados, Conseil, em suas anotações, dividiu-os conscienciosamente em seis classes, três das quais pertencem ao mundo marinho. São as classes dos crustáceos, dos cirrípedes e dos anelídeos.

Os crustáceos são subdivididos em nove ordens, a primeira das quais inclui os decápodes, isto é, animais cuja cabeça e o tórax são mais comumente unidos entre si, e dos quais o aparelho bucal consiste em vários pares de membros que têm quatro, cinco, ou seis pares de patas torácicas ou ambulatórias. Conseil tinha seguido o método de nosso mestre Milne-

Edwards, que estabelece três seções de decápodes: braquiúros, macruros e anomuros. Esses nomes são um pouco bárbaros, mas são corretos e precisos. Entre os braquiúros, Conseil cita a amatia, cuja fronte tem duas grandes pontas divergentes; o escorpião inachus, que – não sei por que razão – simbolizava a sabedoria entre os gregos; a lampreia massena e a lampreia spinimana, provavelmente escondidas por aqueles bancos de areia, porque vivem normalmente em grandes profundidades; o xanto; a piluna; o romboide; o calapídeo granular – de fácil digestão, observou Conseil em seus apontamentos –; o coristo desdentado; a ebália; a cimopólia; a doripa lanosa etc. Entre os macruros, subdivididos em cinco famílias, o couraçado, o escavador, o ástaco, o salicóquio e o oquizópode, ele cita as lagostas comuns, cuja carne das fêmeas é a mais estimada; a cila ou cigarra do mar; o pitu ribeirinho e todos os tipos de espécies comestíveis. Porém, ele omite a subdivisão dos ástacos, que inclui os lavagantes, porque as lagostas são os únicos lavagantes do Mediterrâneo. Por fim, entre os anomuros, ele registrou drômias comuns, abrigadas atrás das conchas abandonadas de que se apropriam; hômolos de fronte espinhosa; bernardos-eremitas; porcelanas etc.

O trabalho de Conseil parava por aí. Faltou-lhe tempo para completar a classe dos crustáceos por meio do exame dos estomatópodes, anfípodes, homópodes, isópodes, trilobitas, branquiuros, ostracódeos, e entomostráceos. E, para completar o estudo dos articulados marinhos, ele deveria ter citado a classe dos cirrípedes, que compreendem os ciclopes e as cracas, e a classe dos anelídeos, que ele certamente

teria dividido em tubículos e dorsibrânquios. Mas, tendo passado o alto-fundo do Estreito da Líbia, o *Nautilus* retomou sua velocidade habitual pelas águas mais profundas. Desde então, nada de moluscos, articulados ou zoófitos. Apenas alguns peixes grandes que passavam como sombras.

Na noite do dia 16 para o dia 17 de fevereiro, adentramos a segunda bacia mediterrânica, cujos trechos mais profundos chegam a 3 mil metros. O *Nautilus*, sob o impulso de sua hélice, deslizava em planos inclinados e afundou até as últimas camadas do mar.

Ali, na ausência de maravilhas naturais, a massa das águas oferecia a meus olhos cenas comoventes e terríveis. Atravessávamos, então, toda essa parte do Mediterrâneo tão fértil em catástrofes marítimas. Da costa argelina às margens da Provença, quantos navios naufragaram, quantos desapareceram! O Mediterrâneo é apenas um lago se comparado às grandes planícies líquidas do Pacífico, mas é um lago caprichoso, de águas traiçoeiras, hoje, convidativo e melodioso, com a franzina tartana que parece flutuar entre o duplo ultramar das águas e do céu; amanhã, furioso, atormentado, desmantelado pelos ventos, quebrando os mais robustos navios com as chicotadas de suas ondas curtas.

Assim, nessa incursão rápida através das camadas profundas, quantos destroços vi estendidos no fundo, alguns já dominados pelos corais, outros apenas cobertos por uma camada de ferrugem, com âncoras, canhões, projéteis, guarnições de ferro, pás de hélice, peças de máquinas, cilindros quebrados, caldeiras

rachadas, além de cascos flutuando entre duas águas; alguns de pé, outros revirados.

Desses navios naufragados, alguns pereceram em decorrência de um abalroamento, outros por colisão com algum escolho de granito. Alguns tinham afundado a pique, a mastreação ereta, o cordame retesado pela água. Pareciam estar ancorados em uma grande enseada, esperando a hora da partida. Quando o *Nautilus* passou entre eles e os envolveu em suas camadas elétricas, a impressão era de que esses navios o cumprimentavam com sua bandeira e lhe enviavam seu número de série! Mas não, nada além de silêncio e morte naquele campo de catástrofes!

Observei que os fundos mediterrânicos ficavam cada vez mais cobertos por esses sinistros destroços à medida que o *Nautilus* se aproximava do Estreito de Gibraltar. As costas da África e da Europa convergiam ali, e, nesse espaço estreito, os desastres são frequentes. Avistei muitas carenas de ferro, fantásticas ruínas de *steamers*, algumas deitadas, outras de pé, que pareciam animais formidáveis. Uma das embarcações tinha os flancos abertos, a chaminé curvada, das rodas restava apenas a estrutura, o leme estava separado da popa e ainda era mantido por uma corrente de ferro, seu painel traseiro estava corroído pelos sais marinhos, tudo apresentava uma aparência terrível! Quantas vidas foram destruídas nesse naufrágio! Quantas vítimas arrastadas pelas águas! Teria algum marinheiro a bordo sobrevivido para contar sobre esse terrível desastre, ou as águas do mar ainda guardavam seu segredo? Não sei por que me ocorreu que aquele navio enterrado debaixo do mar poderia ser o *Atlas*,

cujos corpos e bens tinham desaparecido havia 20 anos, e dos quais nunca mais ouvimos falar! Ah! Que história sinistra não dariam esses fundos mediterrânicos com seu vasto ossuário, onde tanta riqueza se perdeu e onde tantas vítimas encontraram a morte!

No entanto, o *Nautilus*, indiferente e rápido, deslizava a toda velocidade no meio daquelas ruínas. Era 18 de fevereiro, por volta das 3 da manhã, quando chegou à entrada do Estreito de Gibraltar.

Ali existem duas correntes: uma corrente superior, reconhecida há muito tempo, que leva as águas do oceano para a bacia do Mediterrâneo, e uma contracorrente inferior, cuja existência tem sido demonstrada por dedução até hoje. De fato, a soma das águas do Mediterrâneo, incessantemente aumentadas pelas ondas do Atlântico e pelos rios que nele desembocam, deveria elevar o nível desse mar todos os anos, porque sua evaporação é insuficiente para restabelecer o equilíbrio. No entanto, se não é esse o caso, é necessário reconhecer, naturalmente, que existe uma corrente inferior que, através do Estreito de Gibraltar, despeja na bacia do Atlântico o transbordamento do Mediterrâneo.

Fato inquestionável, é verdade. E o *Nautilus*, inclusive aproveitou-se dessa contracorrente e avançou rapidamente pela passagem estreita. Por um momento, pude vislumbrar as admiráveis ruínas do Templo de Hércules, enterrado, de acordo com Plínio e Avieno, junto da ilha baixa onde se assentava, e alguns minutos depois estávamos flutuando sobre as ondas do Atlântico.

A baía de Vigo

O Atlântico! Uma vasta extensão de água, cuja superfície cobre 25 milhões de milhas quadradas, com 9 mil milhas de comprimento e uma largura média de 2,7 mil milhas. Mar importante, praticamente ignorado pelos antigos, exceto talvez pelos cartagineses, os holandeses da Antiguidade, que em suas peregrinações comerciais margearam as costas ocidentais da Europa e da África! Oceano cujas margens, com sinuosidades paralelas, abraçam um imenso perímetro regado pelos maiores rios do mundo, o São Lourenço, o Mississípi, o Amazonas, o Rio da Prata, o Orinoco, o Níger, o Senegal, o Elba, o Loire e o Reno, que lhe trazem as águas dos países mais civilizados e das regiões mais selvagens! Magnífica planície, incessantemente explorada pelos navios de todas as nações, abrigada sob todas as bandeiras do mundo, e que termina em dois pontos terrivelmente temidos pelos navegadores, o Cabo Horn e o Cabo das Tormentas!

O *Nautilus* rasgava suas águas sob o gume de sua espora, depois de completar quase 10 mil léguas em três meses e meio, um percurso superior a um dos

círculos máximos da Terra. Para onde íamos agora, e o que o futuro nos reservava?

O *Nautilus* tinha navegado para fora do Estreito de Gibraltar. Ele voltou então para a superfície, e nossos passeios diários na plataforma foram retomados.

Não demorei a subir, acompanhado por Ned Land e Conseil. A uma distância de aproximadamente 12 milhas, o Cabo San Vicente, que forma a ponta sudoeste da Península Hispânica, apareceu vagamente. Uma forte ventania soprava do sul. O mar estava cheio e vigoroso. Ele imprimia tremores violentos ao *Nautilus*. Era quase impossível conseguir se manter na plataforma, pois ondas enormes rebentavam a cada momento. Então, descemos depois de termos respirado um pouco de ar.

Voltei para meu quarto. Conseil voltou para sua cabine, mas o canadense, que parecia bastante preocupado, me seguiu. Nossa rápida passagem pelo Mediterrâneo não lhe permitiu colocar em prática seus planos, e ele não podia conter seu desapontamento.

Assim que a porta de meu quarto foi fechada, ele se sentou e me olhou silenciosamente.

– Amigo Ned – eu disse –, compreendo que esteja decepcionado, mas não tem motivos para se recriminar. Sob as condições em que o *Nautilus* navegava, pensar em deixá-lo teria sido uma loucura!

Ned Land não respondeu. Seus lábios cerrados, suas sobrancelhas franzidas, indicavam nele a obsessão violenta por uma ideia fixa.

– Veja – retomei –, nem tudo está perdido. Estamos subindo a costa de Portugal. Não muito longe, está a França, a Inglaterra, onde facilmente encontraremos refúgio. Ah! Se o *Nautilus*, ao sair do Estreito de Gibraltar, tivesse traçado seu caminho para o sul, se nos tivesse levado para as regiões onde não há continentes, eu partilharia de suas inquietações. Mas, agora o sabemos, o capitão Nemo não foge dos mares civilizados, e, dentro de alguns dias, acredito que você poderá agir com certa segurança.

Ned Land me olhou ainda mais fixamente, e ao final afrouxou os lábios:

– É esta noite – ele disse.

Levantei-me de súbito. Confesso que não estava preparado para essa comunicação. Eu queria ter respondido ao canadense, mas as palavras me fugiram.

– Tínhamos concordado em esperar por uma circunstância favorável – Ned Land continuou. – Pois bem, ela surgiu. Esta noite, estaremos a poucas milhas da costa espanhola. A noite está um breu. O vento sopra ao largo. Tenho sua palavra, senhor Aronnax, e conto com o senhor.

Como fiquei em silêncio, o canadense se levantou e se aproximou de mim:

– Esta noite, às 9 horas. Já avisei Conseil. Nessa altura, o capitão Nemo estará trancado no quarto e provavelmente deitado. Nem os maquinistas nem a tripulação poderão nos ver. Conseil e eu vamos à escadaria central. O senhor ficará na biblioteca, a

alguns passos de nós, à espera do meu sinal. Os remos, o mastro e a vela estão no bote. Já levei inclusive alguns mantimentos. Arranjei uma chave-
-inglesa para desapertar as porcas que prendem a canoa ao casco do *Nautilus*. Então, está tudo pronto. Até à noite.

– O mar está bravo – alertei.

– Concordo – respondeu o canadense –, mas temos de arriscar. Vale a pena pagar pela liberdade. Além disso, o barco é sólido, e algumas milhas com um vento forte não são uma preocupação tão grande. Quem sabe se amanhã não estaremos a cem léguas ao largo? Se circunstâncias forem favoráveis, entre 10 e 11 horas teremos desembarcado em algum ponto de terra firme ou estaremos mortos. Então, que Deus nos acompanhe e até mais tarde!

Com essas palavras, o canadense se retirou, deixando-me atordoado. Eu havia imaginado que, se a ocasião se apresentasse, teria tempo para pensar, para discutir. Meu obstinado companheiro não me permitiu fazê-lo. Afinal, o que eu diria a ele? Ned Land tinha mil vezes razão. Era uma circunstância favorável e ele tiraria proveito dela. Eu poderia voltar atrás na minha promessa e assumir a responsabilidade de comprometer o futuro de meus companheiros por causa de um interesse pessoal? Amanhã, o capitão Nemo não poderia nos levar para longe da costa de uma terra qualquer?

Nesse momento, um alto apito indicou que os reservatórios estavam abastecidos, e o *Nautilus* afundou sob as águas do Atlântico.

Permaneci em meu quarto. Queria evitar o capitão para poder esconder de seus olhos a emoção que me dominava. Triste dia, dividido entre o desejo de recuperar meu livre-arbítrio e o arrependimento de abandonar o maravilhoso *Nautilus*, deixando meus estudos submarinos inacabados! Abandonar aquele oceano, “meu Atlântico”, como eu gostava de chamá-lo, sem ter observado suas últimas camadas, sem ter roubado dele os segredos que os mares das Índias e do Pacífico me haviam revelado! Meu romance caía de minhas mãos ainda no primeiro volume, meu sonho era interrompido no momento mais bonito! Que horas desagradáveis passaram desde então. Ora vendo-me em segurança, em terra firme com meus companheiros; ora desejando, a despeito da razão, que alguma circunstância imprevista impedisse que Ned Land realizasse sua empreitada.

Voltei duas vezes ao salão. Queria consultar a bússola. Queria ver se a direção do *Nautilus* de fato nos aproximava ou nos distanciava da costa. Mas não. O *Nautilus* ainda estava em águas portuguesas. Apontava para o norte, prolongando as margens oceânicas.

Era, portanto, necessário tomar uma decisão e me preparar para fugir. Minha bagagem não era pesada. Havia minhas anotações e nada mais.

Quanto ao capitão Nemo, eu me perguntava o que ele pensaria de nossa fuga, que preocupações, que prejuízos isso poderia lhe causar, e o que ele faria no duplo caso: se a fuga lhe fosse revelada ou perdida! Eu nunca tive motivos para me queixar dele, pelo contrário. Jamais houve hospitalidade mais franca que a dele. Mas, ao deixá-lo, eu não poderia ser acusado

de ingratidão. Nenhum juramento nos unia a ele. Foram as circunstâncias que trabalharam a seu favor, e não nossa palavra de que jamais o abandonaríamos. Além disso, essa pretensão de nos manter eternamente prisioneiros a bordo justificava todas as tentativas.

Não tinha visto mais o capitão desde nossa visita à Ilha Santorini. Viria o acaso me colocar na presença dele antes de partirmos? Eu desejava e temia esse encontro ao mesmo tempo. Procurei ouvir seus passos no quarto contíguo ao meu. Nenhum som chegou ao meu ouvido. O quarto devia estar deserto.

Então, comecei a me perguntar se esse excêntrico personagem estava a bordo. Desde aquela noite em que o escaler tinha deixado o *Nautilus* para um serviço misterioso, minhas ideias tinham mudado ligeiramente a respeito dele. Pensava, a despeito do que ele mesmo dizia, que o capitão Nemo devia ter preservado algum tipo de relação com as pessoas em terra. Será que ele não deixava jamais o *Nautilus*? Muitas vezes, semanas inteiras se passaram sem que eu o tivesse encontrado. O que fazia ele durante esse tempo, enquanto eu pensava que ele estava às voltas com seus acessos de misantropia? Não estaria ele realizando alguma ação secreta longe dali, algo cuja natureza me escapava?

Todas essas ideias e mil outras assaltaram-me ao mesmo tempo. O campo das conjecturas é infinito na estranha situação em que estamos. Sentia um mal-estar insuportável. Esse dia de espera parecia eterno. As horas eram demasiado lentas para a intensidade de minha impaciência.

O meu jantar foi servido como sempre em meu quarto. Comi mal, estava extremamente preocupado. Deixei a mesa às 7 horas. Cento e vinte minutos – eu os contava – ainda me separavam do momento em que eu deveria me juntar a Ned Land. A minha agitação redobrara. O meu pulso latejava. Não conseguia ficar parado. Andava de um lado para o outro, na esperança de acalmar a mente por meio da minha movimentação. A ideia de sucumbir em nossa imprudente ação era a menor das minhas preocupações; mas a possibilidade de ver nosso projeto descoberto antes de deixar o *Nautilus*, a possibilidade de ser capturado diante do furioso capitão Nemo, ou, o que teria sido pior, imaginá-lo triste com meu abandono, fazia meu coração disparar.

Decidi visitar o salão uma última vez. Passei pelos corredores e cheguei ao museu onde vivera tantas horas agradáveis e úteis. Olhei para todas as suas riquezas, todos os tesouros, como um homem na véspera de um eterno exílio e que parte para nunca mais voltar. Essas maravilhas da natureza, essas obras-primas da arte entre as quais minha vida estivera concentrada durante tantos dias, seriam abandonadas para sempre. Queria ter contemplado pelas vidraças do salão as águas do Atlântico; mas as escotilhas estavam hermeticamente fechadas, e uma cortina de ferro me separava daquele oceano que eu ainda não conhecia.

Atravessando o salão, cheguei à porta vazada que dava para o quarto do capitão. Para meu espanto, a porta estava entreaberta. Recuei involuntariamente. Se o capitão Nemo estivesse no quarto, poderia me

ver. No entanto, como não ouvi nenhum barulho, me aproximei. O quarto estava deserto. Empurrei a porta. Dei alguns passos em seu interior. Sempre a mesma aparência severa e cenobítica.

Naquele momento, algumas gravuras penduradas na parede, que eu não tinha notado durante minha primeira visita, me chamaram a atenção. Eram retratos de grandes homens históricos cuja existência foi uma dedicação perpétua a uma grande ideia humana, Kosciusko, o herói tombado ao grito de *Finis Poloniae*[20]; Botzaris, o
Leônidas da Grécia moderna; O'Connell, o defensor da Irlanda; Washington, fundador da União norte-americana; Manin, o patriota italiano; Lincoln, aniquilado pela bala de um escravagista; e, finalmente, o mártir da libertação da raça negra, John Brown, pendurado em sua forca, como tão terrivelmente desenhou o lápis de Victor Hugo.

Qual era a ligação entre essas almas heroicas e a alma do capitão Nemo? Será que eu poderia finalmente, por meio desse conjunto de retratos, desvendar o mistério de sua existência? Seria ele o paladino dos povos oprimidos, o libertador dos povos escravos? Teria ele figurado nas últimas concussões políticas ou sociais deste século? Teria ele sido um dos heróis da terrível guerra norte-americana, uma guerra lamentável e para sempre gloriosa...?

De repente, o relógio soou 8 horas. A batida da primeira martelada no timbre me fez voltar à realidade. Estremeci como se um olho invisível tivesse mergulhado no mais secreto de meus pensamentos, e me precipitei para fora do quarto.

Meus olhos pararam sobre a bússola. Continuávamos navegando para o norte. A barquilha indicava uma velocidade moderada, o manômetro, uma profundidade de aproximadamente 18 metros. As circunstâncias favoreciam os projetos do canadense.

Voltei para meu quarto. Vesti-me apropriadamente, coloquei minhas botas de mar, meu gorro de lontra e meu casaco de bisso forrado com pele de foca. Estava pronto. Esperei. Só o estremecimento da hélice perturbava o profundo silêncio que pairava a bordo. Eu escutava. Mantinha os ouvidos atentos. Alguns fragmentos de vozes me revelariam, de repente, que Ned Land tinha sido pego em seus planos de fuga? Uma preocupação mortal tomou conta de mim. Tentei em vão recuperar o sangue-frio.

Faltando alguns minutos para as 9 horas, colei minha orelha à porta do capitão. Nenhum barulho. Deixei meu quarto e voltei para o salão, que estava mergulhado em uma semipenumbra, e ainda deserto.

Abri a porta que se comunicava com a biblioteca. A mesma claridade insuficiente, a mesma solidão. Fui postar-me junto à porta que conduz à escadaria central. Esperei pelo sinal de Ned Land.

Neste momento, os tremores da hélice diminuíram visivelmente até cessarem por completo. Por que essa mudança no ritmo do *Nautilus*? Se aquela pausa favoreceria ou impediria os planos de Ned Land, eu não saberia dizer.

O silêncio só era rompido pelos batimentos do meu coração.

De repente, sentiu-se um pequeno choque. Percebi que o *Nautilus* tinha acabado de pousar no fundo do oceano. A minha ansiedade duplicou. O sinal do canadense não chegava. Queria juntar-me a Ned Land para persuadi-lo a adiar sua tentativa. Senti que nossa navegação não estava sendo feita em condições normais.

Foi então que a porta do grande salão se abriu e o capitão Nemo apareceu. Ele me viu, e disse, sem nenhum outro preâmbulo:

– Ah, professor! – disse ele num tom amável. – Eu estava a sua procura. O senhor conhece a história da Espanha?

Ainda que se conheça bem a história de seu próprio país, nas condições em que me encontrava, a mente perturbada, a cabeça perdida, não poderia citar uma só palavra sobre ela.

– E então? – insistiu o capitão Nemo. – O senhor ouviu minha pergunta? Conhece a história da Espanha?

– Muito mal – respondi.

– Veja, os cientistas – disse o capitão –, eles não o sabem. Então, sente-se – ele acrescentou –, e vou lhe contar um curioso episódio dessa história.

O capitão deitou-se em um divã e, mecanicamente, sentei-me perto dele, na penumbra.

– Professor – disse ele –, ouça com atenção. Esta história certamente vai lhe interessar, porque vai

responder a uma pergunta que sem dúvida o senhor não foi capaz de responder.

– Sou todo ouvidos, capitão – eu disse, sem saber aonde meu interlocutor pretendia chegar, e me perguntava se esse incidente tinha alguma ligação com nossos planos de fuga.

– Professor – continuou o capitão Nemo –, se não for um incômodo, voltaremos a 1702. O senhor não deve ignorar que, naquela época, seu rei Luís XIV, acreditando que um gesto de potentado era suficiente para conquistar os Pireneus, impôs o duque de Anjou, seu neto, aos espanhóis. Esse príncipe, que reinou mais ou menos mal sob o nome de Filipe V, teve de lidar com graves questões externas.

Na verdade, no ano precedente, as casas reais da Holanda, Áustria e Inglaterra tinham assinado um tratado de aliança em Haia, com o objetivo de arrancar a coroa espanhola de Filipe V e colocá-la na cabeça de um arquiduque a quem prematuramente deram o nome de Carlos III.

– A Espanha teve de resistir a essa coalizão. Mas ela estava praticamente desprovida de soldados e marinheiros. Porém, não lhe faltava dinheiro, com a condição de que seus galeões, carregados com o ouro e a prata da América, atracassem em seus portos. Ora, no final de 1702, no entanto, ela estava esperando por um rico comboio que a França escoltava com uma frota de 23 navios comandados pelo almirante de Château-Renault, porque os fuzileiros estavam navegando pelo Atlântico na época. O comboio devia ir para Cádis, mas o almirante, ao saber que a frota

inglesa navegava por aquelas paragens, decidiu rumar para um porto na França – explicou ele. – Os comandantes espanhóis do comboio protestaram contra essa decisão. Eles queriam ser conduzidos a um porto espanhol, e, na impossibilidade de Cádis, sugeriram a baía de Vigo, situada na costa noroeste da Espanha, que não estava bloqueada. O almirante de Château-Renault teve a fraqueza de obedecer a essa injunção, e os galeões entraram na baía de Vigo. Infelizmente, essa baía forma uma enseada aberta que não pode ser defendida. Era, portanto, necessário apressar-se para descarregar os galeões antes da chegada das frotas da coalizão, e o tempo não teria faltado para esse desembarque se uma mísera questão de rivalidade não tivesse surgido repentinamente. O senhor está conseguindo acompanhar o encadeamento dos fatos? – perguntou o capitão Nemo.

– Perfeitamente – eu disse, ainda que não soubesse a razão que levara o capitão a me dar aquela aula de história.

– Continuando. Eis o que aconteceu. Os comerciantes de Cádis tinham uma concessão que lhes dava o direito de receber todos os bens provenientes das Índias Ocidentais. Ora, desembarcar os lingotes dos galeões no porto de Vigo era atentar contra esse direito. Queixaram-se, então, em Madri, e obtiveram do fraco Filipe V que o comboio não levasse a cabo seu descarregamento e permanecesse no porto de Vigo até que as frotas inimigas recuassem.

“Enquanto essa decisão estava sendo tomada, no dia 22 de outubro de 1702, os navios ingleses chegaram à baía de Vigo. O almirante de Château-Renault, apesar

de suas forças inferiores, lutou corajosamente. Mas, quando viu que as riquezas do comboio estavam prestes a cair nas mãos do inimigo, queimou e furou os galeões, que foram engolidos pelo mar com seus imensos tesouros".

O capitão Nemo se calou. Confesso que ainda não via como essa história poderia me interessar.

– E então? – questionei.

– Bem, senhor Aronnax – respondeu o capitão Nemo –, estamos nessa baía de Vigo, e cabe ao senhor desvendar seus mistérios.

O capitão se levantou e pediu que o seguisse. Tive apenas o tempo de me recuperar, e obedeci. O salão estava na penumbra, mas as ondas do mar brilhavam através das vidraças transparentes. Apenas observei.

Em torno do *Nautilus*, dentro de um raio de 800 metros, as águas pareciam impregnadas de luz elétrica. O fundo arenoso estava claro e límpido. Alguns homens da tripulação, vestindo seus escafandros, estavam empenhados em limpar tonéis meio podres e caixotes estripados no meio de destroços ainda encardidos. Desses caixotes, desses tonéis, escapavam lingotes de ouro e prata, cascatas de piastras e joias. A areia estava coberta deles. Então, carregados com aquele precioso tesouro, os homens voltaram para o *Nautilus*, depositaram seu fardo e retornaram à inesgotável pesca de prata e ouro.

Foi então que entendi. Estávamos no cenário da batalha de 22 de outubro de 1702. Fora exatamente

ali que os galeões abarrotados, destinados ao governo espanhol, tinham afundado. Ali o capitão Nemo recolhia, de acordo com suas necessidades, os milhões com os quais lastreava seu *Nautilus*. Foi para ele, só para ele, que a América entregou seus metais preciosos. Ele era o herdeiro direto e indivisível daqueles tesouros arrancados dos incas e dos derrotados de Fernão Cortés.

– O senhor sabia, professor – ele me perguntou sorrindo –, que o mar estava cheio de riquezas?

– Eu sabia – respondi – que se estima em 2 milhões de toneladas a prata mantida em suspensão nessas águas.

– Sem dúvida, mas, para extrair essa prata, as despesas superariam o lucro. Aqui, pelo contrário, só tenho de recolher o que os homens perderam, e não só nesta baía de Vigo, mas também em mil cenários de naufrágios cuja localização está marcada em meu mapa submarino. O senhor compreende agora que sou bilionário?

– Compreendo, capitão. Permitam-me, no entanto, que eu diga que, explorando precisamente esta baía de Vigo, o senhor está apenas se antecipando a uma empresa rival.

– E qual seria?

– Uma empresa a quem foi dada a concessão, pelo governo espanhol, de procurar pelos galeões afundados. Os acionistas são seduzidos pela armadilha de um lucro enorme, pois o valor dessas riquezas naufragadas é estimado em 500 milhões.

– Quinhentos milhões! – reagiu o capitão Nemo. – Eles estavam aqui, mas não estão mais.

– De fato – concordei. – Portanto, um conselho a esses acionistas seria um ato de caridade. Quem sabe ele seria bem-recebido. O que os jogadores geralmente lamentam mais que tudo não é tanto a perda de seu dinheiro como a perda de suas loucas esperanças. Afinal de contas, tenho menos pena deles que daquelas milhares de pessoas infelizes a quem tanta riqueza bem distribuída poderia ter ajudado, enquanto aqui elas serão eternamente estéreis!

Terminei de expressar esse lamento e senti que ele devia ter magoado o capitão Nemo.

– Estéreis! – ele respondeu exaltado. – Então o senhor acredita que estas riquezas estão sendo desperdiçadas quando sou eu quem as recolhe? Na sua opinião, é em meu benefício que me dou ao trabalho de recolher estes tesouros? Como sabe que não estou fazendo bom uso disso? O senhor acha que não sei que há pessoas sofrendo, povos oprimidos nesta terra, pessoas miseráveis pedindo ajuda, vítimas a serem vingadas? Não compreende...?

O capitão Nemo se calou depois dessas últimas palavras, talvez arrependido de ter falado demais. Mas eu adivinhei. Quaisquer que fossem os motivos que o haviam obrigado a procurar a independência debaixo do mar, acima de tudo ele nunca deixara de ser um homem! Seu coração ainda batia pelos sofrimentos da humanidade, e sua imensa caridade era destinada tanto aos povos escravizados como aos indivíduos.

Compreendi então a quem aqueles milhões eram enviados pelo capitão Nemo, quando o *Nautilus* navegava nas águas da insurgente Creta!

Fim da Polônia. Tradução livre. (N. T.)

Um continente desaparecido

Na manhã seguinte, 19 de fevereiro, vi o canadense entrar em meu quarto. Estava à espera dele. Ele parecia muito desapontado.

– E então, senhor? – ele disse.

– Bem, Ned, o acaso conspirou contra nós ontem.

– Sim! Aquele maldito capitão tinha de parar exatamente quando estávamos prestes a fugir de sua embarcação.

– Sim, Ned, ele tinha negócios com seu banqueiro.

– Seu banqueiro?!

– Ou melhor, com seu banco. Com isso, refiro-me a este oceano onde suas riquezas estão mais seguras que estariam nos cofres de um Estado.

Contei, então, ao canadense dos incidentes da véspera, na secreta esperança de trazê-lo de volta para a ideia

de não abandonar o capitão; mas meu relato não teve outro resultado senão o lamento energicamente expressado por Ned por não ter participado da excursão pelo campo de batalha de Vigo.

– Bem – ele disse –, nem tudo está perdido! É só um tiro de arpão em falso! Em outra oportunidade, teremos sucesso, e ainda esta noite, se for possível...

– Qual é a direção do *Nautilus*? – perguntei.

– Ignoro – respondeu Ned.

– Pois bem! Ao meio-dia, veremos nossa posição.

O canadense voltou para junto de Conseil. Terminei de me vestir e fui até o salão. A bússola não me tranquilizou. A rota *Nautilus* indicava sul-sudoeste. Virávamos de costas para a Europa.

Esperei com alguma impaciência que o ponto fosse indicado no mapa. Por volta das 11h30, os reservatórios foram esvaziados e nosso dispositivo subiu à superfície do oceano. Corri para a plataforma. Ned Land me havia precedido.

Nenhuma terra à vista. Nada além do imenso mar: algumas velas no horizonte, daquelas que sem dúvida buscam no Cabo de São Roque os ventos favoráveis para dobrar o Cabo da Boa Esperança. O tempo estava nublado e uma ventania se armava.

Ned, furioso, tentava perscrutar o horizonte nebuloso. Ele ainda tinha a esperança de que, por trás de toda aquela neblina, se estendesse a terra tão desejada.

Ao meio-dia, o sol apareceu por um momento. O imediato aproveitou essa clareira para calcular nossa posição. Depois, como o mar se agitou, descemos novamente e a escotilha foi fechada.

Uma hora depois, ao consultar o mapa, vi que a posição do *Nautilus* era indicada por 16° 17' de longitude e 33° 22' de latitude, a 150 léguas da costa mais próxima. Não havia nenhuma possibilidade de pensar em fugir, e deixo que o leitor imagine a raiva do canadense, quando contei-lhe sobre nossa situação.

De minha parte, eu não tinha o que lamentar. Senti-me aliviado do peso que me oprimia, e fui capaz de retomar meu trabalho habitual com relativa calma.

À noite, por volta das 11 horas, recebi a inesperada visita do capitão Nemo. Ele perguntou-me gentilmente se me sentia cansado da noite insone. Respondi que não.

– Então, senhor Aronnax, gostaria de lhe propor uma curiosa excursão.

– Claro, capitão.

– Até o momento, o senhor só visitou o fundo do mar à luz do dia e à luz do sol. Gostaria de visitá-lo durante uma noite escura?

– Com muito prazer.

– Devo preveni-lo de que esse passeio será cansativo. Será necessário fazer uma longa caminhada e escalar uma montanha. Os caminhos não estão muito bem

preservados.

– O que o senhor diz apenas aumenta minha curiosidade, capitão. Estou pronto para acompanhá-lo.

– Vamos, então, professor, temos de vestir nossos escafandros.

Quando cheguei ao vestiário, vi que nem meus companheiros nem qualquer um dos homens da tripulação nos acompanhariam na excursão. O capitão Nemo nem sequer propôs convidar Ned ou Conseil.

Em poucos instantes, vestimos nossos aparelhos. Os tanques cheios de ar foram colocados em nossas costas, mas as lanternas elétricas não estavam preparadas. Fiz essa observação ao capitão.

– Eles nos seriam inúteis – foi sua resposta.

Pensei ter ouvido mal, mas não podia reiterar minha observação, porque a cabeça do capitão já tinha desaparecido dentro de sua cápsula metálica. Terminei de me preparar e senti que colocavam em minha mão um bastão de ferro. Alguns minutos depois, após a manobra habitual, pisávamos no fundo do Atlântico, a uma profundidade de 300 metros.

Era quase meia-noite. As águas estavam profundamente escuras, mas o capitão Nemo mostrou-me ao longe um ponto avermelhado, uma espécie de brilho intenso que cintilava a duas milhas do *Nautilus*. O que era aquele fogo, que matérias o alimentavam e por que e como ele se revigorava na massa líquida eu não era capaz de dizer. Em todo caso, ele nos

iluminava, vagamente, é verdade, mas logo me acostumei àquela peculiar escuridão e entendi a inutilidade dos aparelhos Ruhmkorff em tal circunstância.

O capitão Nemo e eu andávamos lado a lado, na direção exata da luz. O solo plano subia imperceptivelmente. Dávamos grandes passos com a ajuda do bastão; mas a caminhada ainda era lenta, porque nossos pés muitas vezes afundavam em uma espécie de lama misturada com algas marinhas, semeada de pedras escorregadias.

À medida que avançávamos, eu ouvia uma espécie de chiado sobre a minha cabeça. O ruído redobrava por vezes e produzia certa crepitação contínua. Logo entendi a causa. Era a chuva caindo de forma violenta e crepitando sobre a superfície das águas. Instintivamente, ocorreu-me a ideia de que eu ia ficar encharcado! Pela água, dentro da água! Não pude deixar de rir dessa ideia pitoresca. Mas, para dizer a verdade, sob o grosso traje de escafandro, não se sente mais o elemento líquido, acredita-se estar no meio de uma atmosfera um pouco mais densa que a atmosfera terrestre, é isso.

Após meia hora de caminhada, o chão tornou-se rochoso. As medusas, os crustáceos microscópicos e as penátulas iluminavam-no ligeiramente com sua luz fosforescente. Consegui entrever montes de pedras cobertas por alguns milhões de zoófitos e por emaranhados de algas. Meu pé escorregava muitas vezes sobre aqueles viscosos tapetes de algas, e sem o meu bastão de ferro eu teria caído mais de uma vez. Ao me virar, ainda via o fanal esbranquiçado do

Nautilus, que começou a desaparecer a distância.

Aquelas pilhas de pedras de que falei estavam dispostas no fundo do oceano de acordo com certa regularidade que eu não conseguia explicar. Via sulcos gigantescos se perdendo na escuridão distante, cujo comprimento estava além de qualquer avaliação. Também havia outras peculiaridades, pouco admissíveis. Parecia-me que minhas pesadas solas de chumbo esmagavam uma camada de ossos que se partiam com um barulho seco. O que era então a vasta planície que eu explorava daquela forma? Eu queria interrogar o capitão, mas sua linguagem gestual, que lhe permitia falar com seus companheiros quando o seguiam em suas excursões submarinas, ainda era incompreensível para mim.

Enquanto isso, a luz avermelhada que nos guiava crescia, inflamando o horizonte. A presença daquele foco de luz debaixo d’água me intrigava enormemente. Seria algum tipo de afluência elétrica que se manifestava? Será que eu caminhava na direção de um fenômeno natural ainda desconhecido pelos cientistas da terra? Ou, ainda – pois esse pensamento atravessou meu cérebro –, a mão do homem intervinha naquela fulgurância? Era ela quem insuflava aquele incêndio? Será que eu encontraria, nessas camadas profundas, alguns companheiros, amigos do capitão Nemo, que viviam como ele naquela estranha existência, e a quem ele ia visitar? Encontraria uma colônia inteira de exilados, que, cansados das misérias da terra, tinham procurado e encontrado independência nas profundezas do oceano? Todas essas ideias malucas, inadmissíveis,

perseguiram-me e, nessa disposição de espírito, incessantemente superexcitada pelas maravilhas que passavam diante de meus olhos, não me surpreenderia encontrar, no fundo desse mar, uma daquelas cidades submarinas com que o capitão Nemo sonhava!

Nosso caminho ficava cada vez mais claro. O brilho esbranquiçado irradiava no pico de uma montanha de cerca de 250 metros de altura. Mas o que vi não passava de simples reverberação desenvolvida pelo cristal das camadas de água. O foco, fonte dessa clareza inexplicável, ocupava a encosta oposta da montanha.

O capitão Nemo avançava sem hesitar em meio aos labirintos rochosos que sulcavam o fundo do Atlântico. Ele conhecia aquela estrada sombria. Percorrera-a muitas vezes, sem dúvida, e não iria se perder ali. Eu o seguia com uma confiança inabalável. Via-o como um dos gênios do mar, e, enquanto caminhava diante de mim, eu admirava sua alta estatura, recortada em preto contra o fundo luminoso do horizonte.

Era 1 hora da manhã. Tínhamos chegado às primeiras rampas da montanha. Mas, para enfrentá-las, era necessário aventurar-se ao longo de caminhos difíceis em um denso bosque.

Sim! Um bosque de árvores mortas, sem folhas, sem seiva, árvores mineralizadas pela ação das águas, e dominado aqui e ali por pinheiros gigantescos. Era como uma mina de carvão ainda de pé, agarrando com suas raízes o chão desmoronado, cuja ramagem, como cortes finos de papel-carbono, desenhava-se

claramente no teto das águas. Imagine uma floresta de Hartz, pendurada nos flancos de uma montanha, mas uma floresta submersa. Os caminhos estavam cheios de algas e fucos, entre os quais abundava uma imensidão de crustáceos. Eu ia escalando as rochas, passando por cima dos troncos, quebrando os cipós do mar que balançavam de uma árvore para a outra, afugentando os peixes que voavam de galho em galho. Exercitado, já não sentia o cansaço e acompanhava meu guia, que não se cansava jamais.

Que espetáculo! Como reproduzi-lo? Como pintar a aparência desses bosques e rochedos nesse meio líquido, suas bases escuras e selvagens, seus cumes coloridos de tons vermelhos sob a claridade que redobrava o poder reverberante das águas? Escalávamos rochas que em seguida caíam em enormes pedaços produzindo um estrondo ensurdecedor de avalanche. À direita, à esquerda, abriam-se tenebrosas galerias nas quais o olhar se perdia. Mais adiante, vastas clareiras que a mão do homem parecia ter aberto, e eu às vezes me perguntava se algum habitante dessas regiões submarinas surgiria de repente diante de mim.

Mas o capitão Nemo continuava subindo, e eu não queria ficar para trás.
Seguia-o audaciosamente. Meu bastão era extremamente útil. Um passo em falso teria sido perigoso nessas passagens estreitas esvaziadas nos flancos do abismo; mas eu as atravessava com pé firme, sem sentir a ebriedade da vertigem. Ora saltava uma fenda cuja profundidade me teria feito recuar no meio dos glaciares da terra; ora me aventurava sobre

os troncos vacilantes das árvores lançadas de um abismo para outro, sem olhar debaixo de meus pés, tendo olhos apenas para admirar os sítios selvagens da região. Ali, rochas monumentais, inclinadas sobre suas bases irregularmente recortadas, pareciam desafiar as leis do equilíbrio. Entre seus joelhos de pedra, as árvores cresciam como um jato sob imensa pressão, e sustentavam aquelas que por sua vez lhes serviam de apoio. Depois, torres naturais, lanços largos esculpidos a pique como cortinas, se inclinavam em um ângulo que as leis da gravidade não teriam permitido na superfície das regiões terrestres.

Eu mesmo não sentia essa diferença devido à poderosa densidade da água, quando, apesar de minhas roupas pesadas, de minha cabeça de cobre, de minhas solas de metal, subia por encostas de rigidez intransponível, atravessando-as, por assim dizer, com a leveza de uma camurça-dos-pireneus!

Pelo relato que estou fazendo dessa excursão submarina, sinto que não soarei verossímil! Sou historiador de coisas aparentemente impossíveis, mas que, no entanto, são reais, incontestáveis. Eu não sonhei. Eu vi e senti!

Duas horas depois de deixar o *Nautilus*, tínhamos cruzado a linha das árvores, e 30 metros acima de nossas cabeças estava o pico da montanha, cuja projeção fazia sombra sobre a brilhante irradiação do lado oposto. Alguns arbustos petrificados corriam aqui e ali em ziguezagues carrancudos. Os peixes se erguiam em massa debaixo de nossos pés, tal pássaros surpreendidos em capinzais. A massa rochosa era feita de anfractuosidades impenetráveis, grutas profundas e

buracos insondáveis no fundo dos quais eu ouvia coisas formidáveis se revolverem. O sangue refluía para meu coração quando via uma enorme antena que obstruía meu caminho, ou uma pinça assustadora que se fechava ruidosamente na sombra das cavidades! Milhares de pontos luminosos brilhavam no meio da escuridão. Eram os olhos de crustáceos gigantescos, escondidos em seus covis, lagostas gigantes de pé como alabardas e sacudindo as patas com um tilintar metálico, caranguejos titânicos apontados como canhões sobre suas bases e polvos amedrontadores entrelaçando seus tentáculos como uma touceira viva de serpentes.

Que mundo exorbitante era aquele que eu ainda não conhecia? A que ordem pertenciam aqueles articulados sobre os quais a rocha formava uma espécie de segunda carapaça? Onde a natureza havia encontrado o segredo de sua existência vegetativa, e havia quantos séculos viviam dessa forma, nas últimas camadas do oceano?

Mas eu não podia parar. O capitão Nemo, familiarizado com aqueles terríveis animais, não se importava com a existência deles. Tínhamos chegado a um primeiro platô, onde outras surpresas ainda me esperavam. Ali se desenhavam ruínas pitorescas que denunciavam a mão do homem, e não mais a do Criador. Eram enormes pilhas de pedras onde era possível reconhecer vagas formas de castelos e templos, cobertas por um mundo de zoófitos em flor, e que, em vez de hera, eram formados por um manto vegetal de algas e fucos.

Mas que parte do globo era essa que tinha sido

engolida pelos cataclismos? Quem teria disposto aquelas rochas e pedras como dólmens dos tempos pré-
-históricos? Onde eu estava, aonde a fantasia do capitão Nemo me levava?

Eu gostaria de interrogá-lo. Como não era possível, o detive. Segurei-lhe o braço. Mas ele, chacoalhando a cabeça e me mostrando o último pico da montanha, pareceu me dizer:

“Vamos! Continue! Não pare!”.

Segui-o num último impulso, e em poucos minutos eu tinha escalado o pico que dominava toda aquela massa rochosa de uns 10 metros de altura.

Eu observava o lado que acabávamos de atravessar. A montanha estava apenas a 200 ou 250 metros acima da planície; mas sua vertente oposta dominava, com uma altura duas vezes maior, o fundo em contraplano daquela porção do Atlântico. Meu olhar se estendia ao longe e abraçava um vasto espaço iluminado por uma fulguração violenta. De fato, aquela montanha era um vulcão. Quinze metros abaixo do pico, no meio de uma chuva de pedras e escórias, uma grande cratera vomitava torrentes de lava, que se dispersavam em uma cascata de fogo no seio da massa líquida. Disposto sobre sua base como um enorme archote, o vulcão clareava a planície inferior até os últimos limites do horizonte.

Eu disse que a cratera submarina expelia lava, não chamas. As chamas precisam do oxigênio do ar, e elas não podem ser produzidas debaixo d’água; mas as

torrentes de lava, que têm em si o princípio da incandescência, podem atingi-la, lutar vitoriosamente contra o elemento líquido e vaporizar a seu contato. Correntes rápidas transportavam todos aqueles gases em difusão, e as torrentes de lava deslizavam até o pé da montanha, como os dejetos do Vesúvio sobre outra Torre del Greco.

De fato, ali, diante de meus olhos, arruinada, jogada por terra, havia uma cidade destruída, os telhados desmoronados, os templos tombados, os arcos desarticulados, as colunas caídas ao chão, onde ainda se percebiam sólidas proporções de certa arquitetura toscana. Mais adiante, alguns restos de um gigantesco aqueduto; aqui, uma acrópole exageradamente elevada, com as formas oscilantes de um Partenon; ali, vestígios de cais, como se algum antigo porto tivesse outrora abrigado, nas margens de um oceano desaparecido, navios mercantes e trirremes de guerra; acolá, longas filas de muralhas desmoronadas, largas ruas desertas, toda uma Pompeia soterrada sob as águas, que o capitão Nemo ressuscitava diante de meus olhos!

Onde eu estava? Onde eu estava? Queria saber a todo o custo, queria falar, queria arrancar a esfera de cobre que me prendia a cabeça.

Mas o capitão Nemo veio ter comigo e me deteve com um gesto. Então, recolhendo um pedaço de pedra calcária, ele caminhou na direção de uma rocha basáltica preta e traçou esta única palavra:

ATLÂNTIDA

Um raio atravessou meu espírito! Atlântida, antiga Merópida de Teopompo, a Atlântida de Platão, continente negado por Orígenes, Porfírio, Jâmblico, D’Anville, Malte-Brun, Humboldt, que colocavam seu desaparecimento no rol das histórias lendárias, admitido por Possidônio, Plínio, Amiano Marcelino, Tertuliano, Engel, Sherer, Tournefort, Buffon, D’Avezac. Eu a tinha ali, sob meus olhos, carregando ainda o testemunho irrefutável de sua catástrofe! Era, então, naquela região submersa, que existia fora da Europa, Ásia, Líbia, para além das colunas de Hércules, que vivia aquele poderoso povo dos atlantes, contra o qual foram travadas as primeiras batalhas da Grécia antiga.

O historiador que documentou em seus escritos os altos feitos desses tempos heroicos foi o próprio Platão. Seu diálogo de Timeu com Crítias foi, por assim dizer, traçado sob a inspiração de Sólon, poeta e legislador.

Um dia, Sólon conversava com alguns velhos sábios de Saís, cidade já com 800 anos, como atestavam seus anais gravados no muro sagrado de seus templos. Um dos anciãos contou a história de outra cidade mil anos mais velha. Essa primeira cidade ateniense de 900 séculos de idade tinha sido invadida e parcialmente destruída pelos atlantes. Estes, dizia ele, ocupavam um imenso continente, maior que a África e a Ásia juntos, e cobriam uma área que ia de 12° de latitude a 40° norte. Sua hegemonia estendia-se até o Egito. Eles quiseram se impor à Grécia, mas tiveram de recuar diante da resistência indomável dos helenos. Passaram-se séculos. Ocorreu um cataclismo,

inundações e terremotos. Uma noite e um dia foram suficientes para a aniquilação dessa Atlântida, cujos picos mais altos, a Madeira, os Açores, as Canárias e as ilhas de Cabo Verde, ainda são visíveis.

Essas eram as memórias históricas que a inscrição do capitão Nemo fazia palpitar em meu espírito. Então, conduzido pelo mais estranho destino, eu pisava no solo de uma das montanhas daquele continente! Eu tocava com a mão aquelas ruínas mil vezes seculares e contemporâneas das eras geológicas! Caminhava onde os contemporâneos do primeiro homem haviam caminhado! Esmagava sob minhas pesadas solas os esqueletos de animais de tempos fabulosos, que as árvores, agora mineralizadas, cobriam outrora com suas sombras!

Ah! Por que o tempo passava tão rápido?! Gostaria de descer pelas encostas íngremes daquela montanha, percorrer todo aquele imenso continente que, sem dúvida, ligava a África à América, e visitar as grandes cidades antediluvianas. Lá, talvez, sob meus olhos, jaziam Makhimos, a guerreira, Eusebes, a piedosa, cujos gigantescos habitantes viveram durante séculos inteiros, e a quem não faltavam forças para empilhar os megálitos que ainda resistiam à ação das águas. Um dia, talvez, algum fenômeno eruptivo leve de volta à superfície do mar aquelas ruínas submersas! Inúmeros vulcões submarinos foram sinalizados nessa parte do oceano, e muitos navios sentiram tremores extraordinários ao passarem por esses tormentosos fundos. Alguns ouviram roncos surdos anunciando a profunda luta dos elementos, outros recolheram cinzas vulcânicas expelidas pelo mar. Todo esse solo até o

Equador ainda está sendo trabalhado pelas forças plutônicas. E quem sabe se, em uma época distante, aumentados por resíduos vulcânicos e por sucessivas camadas de lava, os cumes de montanhas ígneas não aparecerão na superfície do Atlântico!

Enquanto eu sonhava assim, e ao mesmo tempo tentava gravar em minha memória todos os detalhes daquela grandiosa paisagem, o capitão Nemo, apoiado numa estela limosa, permanecia imóvel, como se petrificado, em um êxtase mudo. Será que pensava nessas gerações desaparecidas e perguntava-lhes o segredo do destino humano? Seria nesse lugar que aquele homem estranho vinha mergulhar nas memórias da história e reviver essa vida antiga, ele que recusava a vida moderna? O que eu não daria para conhecer seus pensamentos, partilhá-los, compreendê-los!

Permanecemos naquele lugar por uma hora inteira, contemplando a vasta planície sob o brilho das lavas, que às vezes assumiam uma intensidade surpreendente. As ebulições internas causavam um leve tremor na crosta da montanha. Ruídos profundos, claramente transmitidos pelo meio líquido, repercutiam com majestosa amplidão.

Naquele momento, a lua apareceu por um instante através da massa das águas e lançou alguns pálidos raios sobre o continente submerso. Foi apenas um relâmpago, mas de um efeito indescritível. O capitão se levantou e olhou uma última vez para a imensa planície; depois acenou com a mão para que eu o seguisse.

Descemos rapidamente a montanha. Uma vez percorrida a floresta mineral, vi o fanal do *Nautilus*, que brilhava como uma estrela. O capitão caminhou na direção dele, e regressamos a bordo quando as primeiras luzes do amanhecer alvejavam a superfície do oceano.

Minas de carvão submarinas

No dia seguinte, 20 de fevereiro, acordei muito tarde. O cansaço da noite prolongou meu sono até as 11 horas. Vesti-me rapidamente. Mal podia esperar para descobrir a direção do *Nautilus*. Os instrumentos indicavam que ele ainda navegava para o sul com uma velocidade de 20 milhas por hora, a uma profundidade de 100 metros.

Conseil entrou. Contei-lhe sobre nossa excursão noturna, e, como as escotilhas estavam abertas, ele ainda conseguiu ver parte do continente submerso.

De fato, o *Nautilus* estava a apenas 10 metros do solo da planície de Atlântida. Ele navegava como um balão carregado pelo vento sobre os campos terrestres; porém seria mais preciso dizer que estávamos no salão como se nos vagões de um trem expresso. Os primeiros planos que passaram diante de nossos olhos foram rochas fantasticamente recortadas, florestas de árvores que haviam passado do reino vegetal para o reino animal, cuja silhueta imóvel se contorcia sob as

ondas. Havia também massas pedregosas enterradas sob tapetes de ascídias e anêmonas, espetadas por longas hidrófitas verticais, seguidas de blocos de lavas estranhamente esculpidas, que atestavam a fúria das expansões plutônicas.

Enquanto esses estranhos sítios resplandeciam sob nossas luzes elétricas, eu contava a Conseil a história dos atlantes, que, de um ponto de vista puramente imaginário, inspiraram a Bailly tantas páginas encantadoras. Falava-lhe das guerras desses povos heroicos. Discutia a questão de Atlântida como alguém que já não pode duvidar de sua existência. Mas Conseil, distraído, pouco me ouvia, e sua indiferença para lidar com essa minha elucubração histórica logo foi explicada.

Na verdade, muitos peixes atraíam sua atenção, e, quando via peixes, Conseil era levado para as profundezas da classificação, saindo do mundo real. Nesse caso, tudo que eu tinha a fazer era segui-lo e retomar com ele nossos estudos ictiológicos.

De resto, esses peixes do Atlântico não diferiam significativamente dos observados até então. Eram raias gigantescas, de 5 metros de comprimento, dotadas de grande força muscular que lhes permite saltar sobre as ondas; esqualos de diversas espécies, entre as quais um glauco de 5 metros de comprimento, com dentes triangulares e afiados, cuja transparência deixava-o quase invisível no meio das águas; sargons marrons; centrinos em forma de prismas, cobertos por uma pele tuberculosa; esturjões similares a seus congêneres do Mediterrâneo; singnatos-trombetas de 0,5 metro de comprimento e cor amarelo-marrom,

dotados de pequenas nadadeiras acinzentadas, sem dentes nem língua, e que desfilavam como serpentes finas e flexíveis.

Entre os peixes ósseos, Conseil identificou macaíras negros, com 3 metros de comprimento e armados em sua mandíbula superior com uma espada perfurante; peixes-aranha de cores alegres, conhecidos desde o tempo de Aristóteles pelo nome de dragões-marinhos, cujos espinhos dorsais fazem deles peixes perigosos de capturar; também corifenos de dorso marrom e pequenas listras azuis, enquadrados em uma borda de ouro; belos dourados; peixes-lua, espécies de discos com reflexos azuis que, iluminados por cima pelos raios de sol, formam como manchas prateadas; por último, xífias-espadas de 8 metros de comprimento que nadam em cardumes, têm nadadeiras amareladas entrecortadas; e longos gládios de 2 metros de comprimento, animais intrépidos, mais herbívoros que piscívoros, que obedecem ao menor sinal de suas fêmeas, como maridos bem treinados.

Mas, ainda que observasse essas várias amostras de fauna marinha, não deixava de examinar as longas planícies da Atlântida. Às vezes, alguns caprichosos acidentes do solo forçavam o *Nautilus* a abrandar a velocidade, e então ele deslizava com a habilidade de um cetáceo pelos estreitos desfiladeiros das colinas. Quando o labirinto ficava intransponível, o aparelho subia como um aeróstato, e, uma vez que o obstáculo era ultrapassado, retomava seu curso rápido poucos metros acima do fundo. Admirável e encantadora navegação, que lembrava as manobras de um passeio aerostático, com a diferença, no entanto, de que o

Nautilus obedecia passivamente à mão de seu timoneiro.

Por volta das 4 horas da tarde, o terreno, geralmente composto de um lodo espesso e intercalado com ramos mineralizados mudou gradualmente; tornou-se mais rochoso e parecia semeado de conglomerados, de tufos basálticos com algumas mudas de lavas e obsidianas sulfurosas. Eu pensava que a região das montanhas logo sucederia às planícies longas, e, de fato, durante certas evoluções do *Nautilus*, vi o horizonte meridional barrado por uma alta muralha que parecia fechar qualquer saída. Seu cume estava obviamente acima do nível do oceano. Devia ser um continente, ou, pelo menos, uma ilha, quer uma das Ilhas Canárias, ou uma das Ilhas de Cabo Verde. Nossa posição não tinha sido verificada – talvez deliberadamente –, e eu ignorava onde estávamos. Em todo caso, tal muralha me pareceu marcar o fim da Atlântida, da qual havíamos percorrido meramente uma pequena porção.

A noite não interrompeu minhas observações. Fiquei sozinho. Conseil tinha regressado a sua cabine. O *Nautilus*, abrandando a velocidade, voava sobre as massas confusas do solo, às vezes tocando-as como se quisesse aterrar, às vezes subindo caprichosamente até a superfície das águas. Eu entrevia algumas constelações brilhantes através do cristal das águas, e precisamente cinco ou seis dessas estrelas zodiacais que se arrastam na cauda de Órion.

Eu teria ficado ainda muito tempo junto a minha vidraça, admirando a beleza do mar e do céu, mas as escotilhas se fecharam. O *Nautilus* tinha chegado ao topo da alta muralha. Como ele manobraria, eu não

podia supor. Voltei para meu quarto. O *Nautilus* não se mexia mais. Adormeci com o firme propósito de acordar depois de poucas horas de sono.

Mas, no dia seguinte, eram 8 horas quando voltei ao salão para consultar o manômetro. Ele apontou que o *Nautilus* flutuava na superfície do oceano. Ouvi, então, um barulho de passos na plataforma. No entanto, nenhum balanço traía a ondulação das correntes superiores.

Subi até o alçapão, que estava aberto. Mas, em vez da intensa luminosidade que esperava, vi-me rodeado por uma escuridão profunda. Onde estávamos? Teria me enganado? Ainda era noite? Não! Nenhuma estrela brilhava, e a noite não tem uma escuridão tão absoluta.

Não sabia o que pensar, quando uma voz me disse:

– É o senhor, professor?

– Ah! Capitão Nemo – respondi –, onde estamos?

– Debaixo da terra, professor.

– Debaixo da terra! – repeti, surpreso. – E o *Nautilus* ainda flutua?

– Ainda.

– Mas não entendo...

– Espere um pouco. Nosso fanal vai se acender, e, se o senhor gosta de situações claras, vai ficar satisfeito.

Pisei na plataforma e esperei. A escuridão era tão completa que eu nem sequer conseguia ver o capitão Nemo. No entanto, olhando para o zênite, exatamente acima da minha cabeça, pensei ter visto um brilho indeciso, uma espécie de meia-luz que preenchia um buraco circular. Nesse momento, o fanal se acendeu de repente, e seu forte brilho fez aquela vaga luz desaparecer.

Depois de ter por um momento fechado meus olhos ofuscados pelo jato elétrico, olhei. O *Nautilus* estava imóvel. Ele flutuava próximo a uma praia disposta como um cais. O mar que o sustentava no momento era um lago aprisionado em um círculo de muralhas de duas milhas de diâmetro, ou 6 milhas de circunferência. Seu nível – como apontava o manômetro – só poderia ser o nível externo, pois certamente existia uma comunicação entre aquele lago e o mar. As paredes altas, inclinadas sobre sua base, eram arredondadas na cúpula e pareciam um enorme funil virado de cabeça para baixo, com 500 ou 600 metros de altura. No topo, havia um orifício circular através do qual eu tinha percebido aquela luz sutil, obviamente devido à radiação diurna.

Antes de examinar com mais cuidado as disposições internas daquela enorme caverna, antes de me perguntar se aquilo era obra da natureza ou do homem, fui ter com o capitão Nemo.

– Onde estamos? – perguntei.

– No centro de um vulcão extinto – respondeu o capitão –, um vulcão cujo interior o mar invadiu como resultado de alguma convulsão tectônica. Enquanto o

senhor dormia, professor, o *Nautilus* entrou nesta lagoa através de um canal natural aberto 10 metros abaixo da superfície do oceano. É aqui seu porto de origem, um porto seguro, conveniente, misterioso, protegido de todos os tipos de vento! Encontre-me nas costas de seus continentes ou de suas ilhas um porto que valha este refúgio contra a fúria dos furacões.

– De fato – respondi –, aqui o senhor está a salvo, capitão Nemo. Quem poderia alcançá-lo no seio de um vulcão? Mas acaso não avistei uma abertura em seu cume?

– Sim, a cratera dele, uma cratera outrora cheia de lavas, vapores e chamas, e que agora dá lugar ao ar revigorante que respiramos.

– Mas que montanha vulcânica é esta? – perguntei.

– Ela pertence a uma das muitas ilhotas de que este mar é semeado. Um mero escolho para os navios, uma enorme caverna para nós. O acaso me fez descobri-la e, nisso, ele me foi bastante útil.

– Mas não seria possível descer pelo orifício que forma a cratera do vulcão?

– Não mais do que eu conseguiria escalá-lo. Até cerca de 30 metros, a base interna desta montanha é acessível, mas, acima disso, as paredes se sobrepõem e não podem ser atravessadas.

– Percebo, capitão, que a natureza está sempre a seu favor. O senhor está seguro neste lago, e ninguém pode visitar suas águas. Mas para que serve este

refúgio? O *Nautilus* não precisa de um porto.

– Não, professor, mas ele precisa de eletricidade para se mover, elementos para produzir sua eletricidade, sódio para alimentar seus elementos, carvão para produzir seu sódio, e minas para extrair seu carvão. Ora, aqui, precisamente, o mar encobre florestas inteiras que submergiram nos tempos geológicos; agora que elas estão mineralizadas e foram transformadas em carvão, são para mim uma mina inesgotável.

– Seus homens, capitão, trabalham aqui como mineiros?

– Precisamente. Estas minas se estendem sob as ondas como as minas de Newcastle. É aqui que meus homens, vestindo seus escafandros, com picaretas e pás nas mãos, vão extrair o carvão que nem sequer pedi às minas da terra. Quando queimo esse combustível para a fabricação de sódio, a fumaça que escapa através da cratera dessa montanha ainda lhe dá a aparência de um vulcão ativo.

– E vamos vê-los em ação, seus companheiros?

– Não, não desta vez, pelo menos, porque estou com pressa para continuar nossa viagem pelo mundo submarino. Portanto, vou simplesmente usar as reservas de sódio que possuo. É o tempo de embarcá-las, isto é, apenas um dia, e retomaremos nossa jornada. Logo, se quiser percorrer a caverna e dar uma volta na lagoa, aproveite este dia, senhor Aronnax.

Agradeci o capitão e fui buscar meus dois

companheiros que ainda não tinham deixado sua cabine. Convidei-os a me acompanharem sem lhes dizer onde estávamos.

Eles subiram até a plataforma. Conseil, que não ficava surpreso com nada, olhou como se fosse bastante natural acordar sob uma montanha depois de adormecer sob as águas. Mas Ned Land não pensava em outra coisa a não ser descobrir se a caverna tinha alguma saída.

Depois de almoçar, por volta das 10 da manhã, descemos até a margem.

– Então aqui estamos nós, mais uma vez em terra – disse Conseil.

– Não chamo isso de "em terra" – respondeu o canadense. – Além disso, não estamos em terra, mas sob ela.

Entre a base das paredes da montanha e as águas do lago, estendia-se uma costa arenosa que, em sua parte mais larga, media 150 metros. Por essa praia, era possível contornar facilmente o lago. Mas a base das altas paredes formava um solo tormentoso sobre o qual jaziam, em um amontoado pitoresco, blocos vulcânicos e enormes pedras-pomes. Todas aquelas massas desagregadas, cobertas com um esmalte polido sob a ação do magma, brilhavam em contato com os fachos elétricos do fanal. O pó micáceo da costa, que nossos passos revolviam, voava como uma nuvem de fagulhas.

O terreno subia sensivelmente, afastando-se do vaivém

das ondas, e logo chegamos a longas e sinuosas rampas, verdadeiros aclives que nos permitiam subir gradualmente, mas tínhamos de andar com cuidado em meio aos conglomerados, que não eram ligados por nenhuma argamassa, e os pés escorregavam sobre traquitos vítreos, feitos de cristais de feldspato e quartzo.

A natureza vulcânica daquela enorme escavação se afirmava por toda parte. Fiz essa observação a meus companheiros.

– Vocês imaginam o funil que devia ser este lugar quando ficava cheio de lava em ebulição, e quando o nível desse líquido incandescente subia até o orifício da montanha, como o ferro fundido nas paredes de uma fornalha? – perguntei.

– Imagino perfeitamente – respondeu Conseil. – Mas o cavalheiro poderia explicar por que esse grande fundidor suspendeu sua operação, e como a fornalha foi substituída pelas águas tranquilas de um lago?

– Muito provavelmente, porque alguma convulsão produziu essa abertura abaixo da superfície do oceano, que serviu como passagem para o *Nautilus*. Em seguida, as águas do Atlântico se precipitaram para o interior da montanha. Houve uma terrível luta entre os dois elementos, que terminou com a vitória de Netuno. Mas muitos séculos passaram desde então, e o vulcão submerso transformou-se numa caverna pacífica.

– Muito bem – Ned Land respondeu. – Aceito a explicação, mas lamento, em nosso interesse, que essa

abertura referida pelo professor não tenha ocorrido acima do nível do mar.

– Mas, amigo Ned – retrucou Conseil –, se esta passagem não estivesse sob as águas, o *Nautilus* não poderia ter penetrado nela!

– E eu acrescentaria – mestre Land –, que as águas não teriam se precipitado sob a montanha, e que o vulcão teria permanecido um vulcão. Então, seus lamentos são supérfluos.

Nossa escalada prosseguiu. As rampas se tornavam cada vez mais inclinadas e estreitas. Mas as escavações às vezes as cortavam, e tínhamos de transpô-las. Grandes massas suspensas se revolviam. Rastejávamos de joelhos e subíamos de bruços. Mas, com a destreza de Conseil e a força do canadense, todos os obstáculos foram superados.

A uma altura de cerca de 30 metros, a natureza do solo mudou, sem que, no entanto, se tornasse mais praticável. Os conglomerados e traquitos foram sucedidos por basaltos negros; alguns estavam espalhados pelo vento como toalhas ásperas e estufadas; outros formavam prismas regulares, dispostos como uma colunata que suportava a precipitação daquela imensa abóbada, um exemplar admirável da arquitetura natural. Mais adiante, serpenteavam entre os basaltos longas torrentes de lavas resfriadas, incrustadas de listras betuminosas, e, aqui e ali, estendiam-se tapetes de enxofre. Uma luz mais poderosa penetrava pela cratera superior, inundando com uma vaga clareza todos os dejetos vulcânicos para sempre enterrados dentro da

montanha extinta.

Nossa caminhada ascendente, no entanto, logo foi interrompida, a uma altura de aproximadamente 75 metros, por obstáculos intransponíveis. A curvatura interior voltava a ficar saliente, e a escalada teve de dar lugar a uma caminhada circular. Nesse último plano, o reino vegetal começava a lutar contra o reino mineral. Alguns arbustos e até algumas árvores emergiam das anfractuosidades da parede. Reconheci eufórbios que expeliam seu sumo cáustico. Heliotrópios, inábeis para justificar seu nome, uma vez que os raios solares nunca chegavam até eles, inclinavam tristemente seus cachos de flores com cores e aromas evanescentes. Aqui e ali, alguns crisântemos cresciam timidamente ao pé de aloés de compridas folhas tristes e enfermas. Mas, entre as torrentes de lavas, reconheci pequenas violetas, ainda perfumadas com um ligeiro aroma, e confesso que as aspirei com prazer. O perfume é a alma da flor, e as flores do mar, esplêndidas hidrófitas, não têm alma!

Tínhamos chegado ao pé de um buquê de dragoeiros robustos, que desviavam as rochas com a força de suas musculosas raízes, quando Ned Land gritou:

– Ah! Senhor, uma colmeia!

– Uma colmeia! – respondi, acompanhado de um gesto de total descrença.

– Sim! Uma colmeia – repetiu o canadense –, e abelhas zumbindo a sua volta.

Aproximei-me e tive de encarar os fatos. Havia de

fato, no orifício do tronco de um dragoeiro, alguns milhares desses insetos engenhosos, tão comuns nas Canárias, cujos produtos são particularmente valorizados por lá.

Naturalmente, o canadense queria fazer sua provisão de mel, e eu teria sido um desmancha-prazeres se me opusesse. Certa quantidade de folhas secas misturadas com enxofre acendeu sob a faísca de seu isqueiro e começou a defumar as abelhas. Os zumbidos cessaram pouco a pouco, e a colmeia estripada entregou vários jatos de um mel perfumado. Ned Land encheu seu bornal.

– Quando eu tiver misturado este mel com a massa de artocarpo – ele disse –, poderei oferecer-lhes um bolo suculento.

– Por Deus! – exclamou Conseil. – Teremos pão de mel!

– Está bem quanto ao pão de mel – eu disse –, mas vamos retomar nossa interessante caminhada.

Em certas curvas da trilha que estávamos seguindo, o lago aparecia em toda a sua extensão. O fanal iluminava por completo a serena superfície, que não conhecia nem rugas nem ondulações. O *Nautilus* se mantinha em perfeita imobilidade. Na plataforma e nas margens, homens da tripulação se agitavam como sombras negras claramente recortadas no meio daquela atmosfera luminosa.

Naquele momento, contornávamos o cume mais alto dos primeiros planos de rochas que sustentavam a

abóbada. Vi então que as abelhas não eram os únicos representantes do reino animal dentro do vulcão. As aves de rapina pairavam e rodopiavam aqui e ali na sombra, ou fugiam de seus ninhos empoleirados em picos rochosos. Eram falcões de ventre branco e matracas estridentes. Nas encostas também saltitavam, com toda a rapidez de suas longas pernas, belas e gordas abetardas. Deixo ao leitor imaginar se a avidez do canadense tinha sido estimulada pela visão daquela saborosa presa, e se ele lamentava não ter um fuzil nas mãos. O arpoador tentou substituir o chumbo por pedras, e depois de várias tentativas fracassadas, conseguiu ferir uma magnífica abetarda. Dizer que arriscou a vida 20 vezes para se apoderar dela é a mais pura verdade, mas o fez de modo tão certeiro que o animal se juntou aos bolos de mel em seu bornal.

Logo tivemos de regressar à praia, pois o cume se tornava intransponível. Acima de nós, a cratera escancarada aparecia como a abertura de um grande poço. Visto daquele lugar, o céu era claramente distinguível, e eu via passar as nuvens espalhadas pelo vento do oeste, que deixava seus farrapos enevoados no topo da montanha. Evidência de que as nuvens estavam a uma altura medíocre, pois o vulcão não estava a mais de 250 metros acima do nível do mar.

Meia hora depois da última façanha do canadense, tínhamos regressado à praia interna. Ali, a flora era representada por extensos tapetes de perrexil-do-mar, uma pequena planta umbelífera muito boa para preparar conservas, que também tem os nomes de fura-pedra e funcho-marinho. Conseil colheu alguns

feixes. Quanto à fauna, contava com milhares de crustáceos de todos os tipos, lagostas, caranguejolas, palemones, misídeos, opiliões, galateias e um número prodigioso de conchas, porcelanas, rochas e patelas.

Nesse lugar abria-se uma magnífica gruta. Meus companheiros e eu tivemos o prazer de nos deitarmos sobre a areia fina. O fogo tinha envernizado suas paredes esmaltadas e cintilantes, todas aspergidas com pó de mica. Ned Land apalpava as paredes para tentar descobrir quão grossas eram. Não pude deixar de sorrir. A conversa rumou, então, para seus eternos planos de fuga, e eu pensei que poderia, sem ir longe demais, dar-lhe esta esperança: que o capitão Nemo tinha descido para o sul apenas para renovar seu suprimento de sódio.

Por conseguinte, esperava que, a partir de então, ele seguisse na direção das costas da Europa e da América, o que permitiria ao canadense retomar com mais sucesso sua tentativa abortada.

Permanecemos por uma hora deitados naquela encantadora gruta. A conversa, animada no início, começou a definhar. Certa sonolência se apoderou de nós. Como não via nenhuma razão para resistir ao sono, deixei-me embalar por um profundo torpor. Sonhei – não escolhemos os sonhos –, sonhei que minha existência se reduzia à vida vegetativa de um simples molusco. Parecia-me que a gruta formava a dupla válvula da minha concha...

De repente, fui acordado pela voz de Conseil.

– Alerta! Alerta! – gritava o digno rapaz.

– O que está acontecendo? – perguntei, soerguendo-me.

– A água está entrando!

Levantei-me. O mar se precipitava como uma torrente em nosso refúgio, e, decididamente, uma vez que não éramos moluscos, tínhamos de fugir.

Em poucos instantes, estávamos seguros no topo da gruta.

– Mas o que está acontecendo? – perguntou Conseil. – Algum fenômeno novo?

– Nada disso! – respondi. – É a maré, meus amigos, é apenas a maré que quase nos apanhou como ao herói de Walter Scott! O oceano cresce do lado de fora e, por uma lei natural de equilíbrio, o nível do lago também sobe. Estamos quites com o banho. Vamos mudar de roupa no *Nautilus*.

Três quartos de hora depois, tínhamos completado nossa caminhada circular e regressávamos a bordo. Os homens da tripulação estavam prestes a acabar de carregar a provisão de sódio, e o *Nautilus* poderia partir em seguida.

No entanto, o capitão Nemo não deu nenhuma ordem. Será que pretendia esperar até o anoitecer e fugir pela passagem submarina? Talvez. Em todo caso, no dia seguinte, o *Nautilus*, tendo deixado seu porto seguro, navegava ao largo da costa, alguns metros abaixo das águas do Atlântico.

O Mar dos Sargaços

A direção do *Nautilus* não tinha mudado. Por conseguinte, qualquer esperança de regressar aos mares europeus devia ser temporariamente abandonada. O capitão Nemo mantinha a rota para o sul. Para onde nos levava? Eu nem suspeitava.

Nesse dia, o *Nautilus* atravessou uma porção singular do oceano Atlântico. Ninguém ignora a existência dessa grande corrente de água quente, conhecida como Corrente do Golfo. Depois de sair dos canais da Flórida, rumou para o Spitsbergen. Mas, antes de entrar no Golfo do México, em torno de 44° de latitude norte, essa corrente se divide em dois braços; o principal corre na direção das costas da Irlanda e da Noruega, enquanto o outro segue para o sul, na altura dos Açores; depois, fustigando as costas africanas e descrevendo uma oval alongada, ele volta para as Antilhas.

Ora, esse segundo braço – é antes um colar que um braço – envolve com seus anéis de água quente uma porção fria do oceano, tranquila e imóvel, que chamamos Mar dos Sargaços. Um verdadeiro lago em

pleno Atlântico, as águas da grande corrente levam nada menos que três anos para dar essa volta.

O Mar dos Sargaços, estritamente falando, cobre toda a parte submersa da Atlântida. Alguns autores chegaram a admitir que as muitas gramíneas que ali nascem são arrancadas das pradarias desse antigo continente. No entanto, é mais provável que essas pradarias, algas e fucos, retirados das costas da Europa e da América, tenham sido carregados para essa zona pela Corrente do Golfo. Essa foi uma das razões que levaram Colombo a supor a existência de um novo mundo. Quando os navios desse audaz cientista chegaram ao Mar dos Sargaços, navegaram não sem dificuldade no meio dessas plantas que freavam seu curso e perderam três longas semanas para passar por elas.

Era essa a região que o *Nautilus* visitava no momento, uma verdadeira pradaria, um tapete coberto de algas, de fucos e uvas dos trópicos, tão grosso e compacto que a proa de um navio teria dificuldades para dilacerá-lo. Além disso, o capitão Nemo, que não queria ter de usar sua hélice nessa massa relvada, manteve-se poucos metros abaixo da superfície das águas.

O nome Sargaços vem da palavra espanhola *sargazzo*, que significa alga marinha. É principalmente dessa alga, a alga-nadadora, que esse imenso banco é formado. E eis por que, de acordo com o cientista Maury, autor do livro *Geografia física do globo*, essas hidrófitas se reúnem nessa pacífica bacia do Atlântico:

“A explicação que pode ser dada”, – disse ele –,

“parece-me ser o resultado de uma experiência conhecida de todos. Se colocarmos em um vaso fragmentos de rolhas ou quaisquer corpos flutuantes, e se imprimirmos à água desse vaso um movimento circular, veremos os fragmentos dispersos se reunirem em grupo no centro da superfície líquida, ou seja, no ponto de menor agitação. No fenômeno de que nos ocupamos, o vaso é o Atlântico; a Corrente do Golfo, a corrente circular; e o Mar dos Sargaços, o ponto central onde os corpos flutuantes se reúnem.”

Compartilho da opinião de Maury, e pude estudar o fenômeno nesse ambiente especial onde os navios raramente adentram. Acima de nós, flutuavam corpos de todas as origens, empilhados em meio a essas gramíneas acastanhadas; troncos de árvores arrancados dos Andes ou das Montanhas Rochosas, e que flutuavam pelo Amazonas ou pelo Mississípi; numerosos destroços; restos de quilhas ou carenas; rebordos esburacados e tão carregados de conchas e anatifos que não podiam subir à superfície do oceano. E o tempo justificará um dia a outra opinião de Maury, de que esses materiais, assim acumulados durante séculos, serão mineralizados pela ação das águas e formarão inesgotáveis minas de carvão. Uma preciosa reserva preparada pela natureza clarividente para o tempo em que os homens terão esgotado as minas dos continentes.

No meio desse tecido inextricável de ervas e fucos, encontrei charmosos alcíones estrela cor-de-rosa, actínias que espalhavam seus cabelos de tentáculos, medusas verdes, vermelhas e azuis, e, especialmente, aqueles grandes rizóstomos de Cuvier, cuja umbela

azulada é bordada por um festão violeta.

Passamos o dia de 22 de fevereiro no Mar dos Sargaços, onde os peixes amantes de plantas e crustáceos marinhos encontram alimentos em abundância. No dia seguinte, o oceano tinha recuperado sua aparência habitual.

Desde então, e durante 19 dias, de 23 de fevereiro a 12 de março, o *Nautilus*, mantendo-se no meio do Atlântico, conduziu-nos com uma velocidade constante de cem léguas por 24 horas. O capitão Nemo obviamente queria concluir seu programa submarino e, depois de passar pelo Cabo Horn, eu não duvidava que ele pensasse em regressar aos mares do sul do Pacífico.

Ned Land tinha, portanto, razões para se preocupar. Nestes mares largos, privados de ilhas, já não era possível tentar fugir, nem havia alguma forma de se opor às vontades do capitão Nemo. A única alternativa era curvar-se; mas o que não se podia mais esperar pela força ou pela astúcia, eu gostava de pensar que poderia ser obtido pela persuasão. Uma vez terminada a viagem, o capitão Nemo concordaria em nos dar a liberdade sob o juramento de jamais revelarmos sua existência? Um juramento de honra que certamente manteríamos. Era necessário tratar desse delicado assunto com o capitão. Ora, seria eu bem-vindo ao clamar por essa liberdade? Ele próprio não havia declarado, desde o início e de maneira formal, que o segredo da sua vida exigia nossa prisão perpétua a bordo do *Nautilus*? Meu silêncio, durante quatro meses, não lhe pareceria uma aceitação tácita dessa situação? Retomar esse assunto não resultaria em

suspeitas que poderiam prejudicar nossos planos, se alguma circunstância favorável se apresentasse mais tarde? Eu avaliava todas essas razões, pesava-as, revirava-as em minha mente e as submetia a Conseil, que não estava menos embaraçado que eu. Em suma, embora eu não fosse alguém fácil de desencorajar, percebia que as chances de voltar a ver meus entes queridos diminuíam dia após dia, especialmente naquele exato momento em que o capitão Nemo corria temerariamente para o sul do Atlântico!

Durante os 19 dias que mencionei anteriormente, não houve incidentes particulares em nossa viagem. Mal vi o capitão, que trabalhava sem cessar. Na biblioteca, muitas vezes encontrei livros que ele deixava abertos, especialmente livros de história natural. Meu livro sobre as profundezas submarinas, folheado por ele, estava coberto de notas marginais que, por vezes, contradiziam minhas teorias e meus sistemas. Mas o capitão contentava-se em depurar meu trabalho assim, e era raro discuti-lo diretamente comigo. Às vezes, ouvia ressoar os sons melancólicos de seu órgão, que ele tocava com muita expressividade, mas somente à noite, na mais completa escuridão, quando o *Nautilus* adormecia nos desertos do oceano.

Durante essa parte da viagem, navegamos por dias inteiros na superfície das ondas. O mar parecia abandonado. Apenas alguns veleiros, com cargas destinadas às Índias, dirigiam-se para o Cabo da Boa Esperança. Um dia, fomos perseguidos pelas embarcações de um baleeiro que provavelmente pensou que éramos uma baleia enorme e de alto valor.

Mas o capitão Nemo não queria desperdiçar o tempo e

o trabalho daqueles bravos homens, e terminou com a caçada mergulhando sob a água. Esse incidente parecia ser de grande interesse para Ned Land. Não me parece que esteja enganado ao dizer que o canadense devia ter lamentado que nosso cetáceo de metal não pudesse ser atingido até a morte pelo arpão daqueles pescadores.

Os peixes observados por Conseil e por mim durante esse período diferiam pouco dos que tínhamos estudado anteriormente noutras latitudes. Os principais foram algumas amostras do terrível gênero de cartilaginosos, dividido em três subgêneros que contam com nada menos que 32 espécies: esqualos agaloados de 5 metros de comprimento, cabeça achatada e mais larga que o corpo, com nadadeiras caudais arredondadas e um dorso que carrega sete grandes faixas pretas, paralelas e longitudinais; esqualos perolados, cinza-escuro, com sete aberturas branquiais e uma única nadadeira dorsal situada aproximadamente no meio do corpo.

Passavam também grandes cães-do-mar, um dos peixes mais vorazes que existem. Temos o direito de não acreditar nas histórias dos pescadores, mas é isso que eles dizem. No corpo de um desses animais foi encontrada uma cabeça de búfalo e um bezerro inteiro; em outro, dois atuns e um marinheiro de uniforme; em outro, um soldado com sua espada; e, por fim, em outro, um cavalo com seu cavaleiro. Tudo isso, verdade seja dita, não é artigo de fé. Infelizmente, nenhum desses animais foi capturado pelas redes do *Nautilus*, e não pude verificar sua voracidade.

Durante dias, fomos acompanhados por elegantes e coloridas trupes de golfinhos. Eles nadavam em bandos de cinco ou seis, caçando como uma alcateia de lobos nos campos; além disso, não menos vorazes que os cães-do-mar, se é que se pode acreditar em um professor de Copenhague, que alega ter removido do estômago de um golfinho, 13 marsuínos e 15 focas. Era, é verdade, uma orca assassina, pertencente à maior espécie conhecida, cujo comprimento por vezes excede 7 metros. Essa família de delfinídeos tem dez gêneros, e aqueles que avistei eram do gênero dos delfinorrincos, notáveis por seu focinho excessivamente estreito e quatro vezes mais longo que o crânio. Seus corpos, medindo 3 metros, eram pretos no dorso e cor-de-rosa e brancos com manchas peculiares no ventre.

Mencionarei também, desses mares, amostras curiosas de peixes da ordem dos acantopterígios e da família dos cienídeos. Alguns autores – mais poetas que naturalistas – afirmam que esses peixes cantam melodicamente, e que suas vozes reunidas formam um concerto que um coro de vozes humanas não poderia igualar. Não digo que não, mas esses que passaram por nós não nos presentearam com uma serenata, o que lamento.

Para enfim terminar, Conseil classificou um grande número de peixes-voadores. Nada era mais curioso que ver os golfinhos caçá-los com uma maravilhosa precisão. Qualquer que fosse o alcance de seu voo, qualquer caminho que descrevesse, mesmo por cima do *Nautilus*, os infortunados peixes sempre encontravam a boca do golfinho aberta para recebê-

los. Eram triglídeos com boca luminosa que, durante a noite, depois de terem traçado linhas de fogo na atmosfera, mergulhavam nas águas escuras como tantas estrelas cadentes.

Até 13 de março, nossa navegação continuou sob essas condições. Naquele dia, o *Nautilus* foi usado em experimentos de sondagem que me interessaram particularmente.

Tínhamos percorrido quase 13 mil léguas desde nossa partida nos altos mares do Pacífico. A medição indicava que estávamos a 45° 37’ de latitude sul e longitude 37° 53’ oeste. Eram as mesmas paragens onde o capitão Denham, do *Herald*, introduziu 14 mil metros de sonda sem encontrar o fundo. Lá, também, o tenente Parker, da fragata norte-americana *Congress*, não conseguiu atingir o solo submarino por 15.140 metros.

O capitão Nemo decidiu conduzir seu *Nautilus* à profundidade mais extrema, a fim de comprovar essas diferentes sondagens. Preparei-me para registrar todos os resultados da experiência. As escotilhas do salão foram abertas, e as manobras começaram a atingir essas camadas mais remotas.

Acreditava-se que os reservatórios não seriam usados naquela imersão. Talvez não pudessem aumentar suficientemente o peso específico do *Nautilus*. Além disso, para subir, teríamos de expulsar o excesso de água e as bombas não teriam sido suficientemente poderosas para ultrapassar a pressão externa.

O capitão Nemo resolveu buscar o fundo do oceano

por uma diagonal razoavelmente aberta, por meio de seus planos laterais que foram colocados em um ângulo de 45 graus com a linha d’água do *Nautilus*. Depois, a hélice foi levada à sua velocidade máxima e suas quatro pás bateram nas ondas com uma violência indescritível.

Sob esse potente impulso, o casco do *Nautilus* estremeceu como uma corda sonora e afundou regularmente sob as águas. O capitão e eu, a postos no salão, acompanhávamos a agulha do medidor de pressão que desviava rapidamente. Logo, a zona habitável onde vive a maior parte dos peixes foi ultrapassada. Enquanto alguns desses animais só podem viver na superfície dos mares ou dos rios, outros, menos numerosos, encontram-se em grandes profundidades. Entre estes últimos, observei o albafar, espécie de cão-do-mar dotado de seis orifícios respiratórios; o telescópio, com enormes olhos; o bacamarte blindado, com barbatanas cinza e peitoral preto, que protegia seu plastrão de placas ósseas de um vermelho-pálido; e, finalmente, o granadeiro, que, vivendo em uma profundidade de 200 metros, era capaz de suportar uma pressão de 120 atmosferas.

Perguntei ao capitão Nemo se ele já tinha observado peixes em profundidades maiores.

– Peixes? – ele respondeu. – Raramente. Mas no estado atual da ciência, o que presumimos e o que sabemos?

– Veja, capitão. Sabe-se que, indo para as camadas mais profundas do oceano, a vida vegetal desaparece mais rapidamente que a vida animal. Sabe-se que, onde ainda são encontrados seres animados, já não

vegeta mais uma única hidrófita. Sabe-se que os peregrinos e as ostras vivem sob 2 mil metros d'água, e que Mac Clintock, o herói dos mares polares, removeu uma estrela viva de uma profundidade de 2,5 mil metros. Sabe-se que a tripulação do *Bull Dog*, da Marinha Real, pescou uma astéria a cerca de 5 mil metros, mais de uma légua de profundidade. Mas, capitão Nemo, talvez o senhor me diga que não se sabe de nada?

– Não, professor – respondeu o capitão –, não serei tão indelicado. Contudo, gostaria de lhe perguntar como o senhor explica que seres vivos possam viver em tais profundezas?

– Explico, por duas razões. Em primeiro lugar, porque as correntes verticais, determinadas pelas diferenças na salinidade e na densidade das águas, produzem um movimento suficiente para manter a vida rudimentar dos crinoides e das astérias.

– Correto – fez o capitão.

– Em segundo lugar, porque, se o oxigênio é a base da vida, sabe-se que a quantidade de oxigênio dissolvido na água do mar aumenta com a profundidade, em vez de diminuir, e que a pressão das camadas inferiores contribui para sua compressão.

– Ah! Sabemos disso? – respondeu o capitão Nemo, ligeiramente surpreendido. – Pois bem! Professor, temos razão em saber isso, porque é a verdade. Gostaria de acrescentar, de fato, que a bexiga natatória dos peixes contém mais nitrogênio que oxigênio, quando esses animais são capturados na

superfície das águas; e, ao contrário, mais oxigênio que nitrogênio, quando são retirados de grandes profundidades. O que corrobora seu sistema. Mas continuemos com nossas observações.

Meus olhos se voltaram para o manômetro. O instrumento indicava uma profundidade de 6 mil metros. Nossa imersão já durava uma hora. O *Nautilus*, deslizando em seus planos inclinados, continuava descendo. As águas desertas eram admiravelmente transparentes e de um diáfano impossível de retratar. Uma hora depois, estávamos a 13 mil metros – aproximadamente 3 léguas – e o fundo do oceano não dava nem sinal.

No entanto, a 14 mil metros, vi picos enegrecidos surgindo em meio às águas. Eles poderiam pertencer a altas montanhas, como o Himalaia ou o Mont Blanc, ou a outros ainda mais altos, e a profundidade daqueles abismos permanecia incalculável.

O *Nautilus* desceu ainda mais, apesar das potentes pressões a que era submetido. Pude sentir suas placas metálicas tremerem debaixo das junturas dos rebites; suas vigas arqueavam; as divisórias gemiam; as vidraças do salão pareciam empenar sob a pressão das águas. E o sólido dispositivo teria sem dúvida cedido, se, como disse seu capitão, não fosse capaz de resistir como um bloco sólido.

Enquanto roçava nas encostas das rochas perdidas sob as águas, ainda avistei algumas conchas, sérpulas, *spinorbis* vivas, e alguns espécimes de astérias.

Mas logo estes últimos representantes da vida animal

desapareceram, e, 3 léguas abaixo, o *Nautilus* ultrapassou os limites da existência submarina, assim como o balão que sobe no ar acima das zonas respiráveis. Tínhamos atingido uma profundidade de 16 mil metros – 4 léguas –, e os flancos do *Nautilus* estavam suportando uma pressão de 1.600 atmosferas, ou seja, 1.600 quilogramas por centímetro quadrado de sua superfície!

– Que situação! – exclamei. – Navegar nessas regiões profundas onde o homem nunca conseguiu chegar! Veja, capitão, veja estas magníficas rochas, estas grutas inabitadas, estes últimos receptáculos do globo, onde a vida já não pode mais existir! Por que ficamos limitados a conservar apenas lembranças destes lugares desconhecidos?

– O senhor ficaria feliz em levar consigo mais que a lembrança? – perguntou-me o capitão Nemo.

– O que o senhor quer dizer com isso?

– Quero dizer que nada é mais fácil que ter um registro fotográfico desta região submarina!

Não tive tempo de expressar a surpresa que essa nova proposta me causou, quando, a um sinal do capitão Nemo, uma objetiva foi trazida ao salão. Através das escotilhas abertas, o meio líquido, eletricamente iluminado, distribuía-se com perfeita claridade. Sem sombras, sem degradação de nossa luz artificial. O sol não teria sido mais favorável a tal operação. O *Nautilus*, sob o impulso de sua hélice e controlado pela inclinação de seus planos, permaneceu imóvel. O dispositivo foi apontado para o fundo do oceano e, em

segundos, tínhamos obtido um negativo de extrema pureza.

Era a prova material de que estive ali. Vemos as rochas primordiais que jamais conheceram a luz dos céus, os granitos inferiores que formam a poderosa base do globo, as grutas profundas escavadas na massa rochosa, os perfis de uma incomparável nitidez, com um acabamento que se destaca em preto, como se feito pelo pincel de certos artistas flamengos. Depois, um pouco além, um horizonte de montanhas, uma admirável linha ondulada que compõe o plano de fundo da paisagem. Impossível descrever esse conjunto de rochas lisas, pretas, polidas, sem um musgo, sem uma mancha, com formas estranhamente recortadas e firmemente estabelecidas sobre o tapete de areia que brilhava sob os jatos de luz elétrica.

O capitão Nemo, depois de completar sua operação, anunciou:

– Vamos subir, professor. Não devemos abusar desta situação ou expor o *Nautilus* a tais pressões por demasiado tempo.

– Vamos subir! – respondi.

– Segure firme.

Mal tive tempo de compreender por que o capitão me fez tal recomendação, e me vi caído sobre o tapete do salão.

A um sinal do capitão, a hélice foi engrenada, seus planos foram levantados verticalmente e o *Nautilus*,

carregado como um balão pelos ares, subiu com uma velocidade relâmpago. Ele cortava a massa das águas com um frêmito sonoro. Nenhum detalhe era visível. Em 4 minutos, tinha atravessado as 4 léguas que o separavam da superfície do oceano, e, tendo emergido como um peixe voador, caiu novamente, fazendo as ondas jorrarem a uma prodigiosa altura.

Cachalotes e baleias

Durante a noite de 13 para 14 de março, o *Nautilus* retomou a direção sul. Eu imaginava que, na altura do Cabo Horn, ele iria definir o rumo para o oeste a fim de chegar aos mares do Pacífico e completar sua volta ao mundo. Mas não fez nada disso e continuou rumando para as regiões austrais. Para onde ele pretendia ir? Para o polo? Seria uma insensatez. Começava a pensar que as temeridades do capitão justificavam plenamente as apreensões de Ned Land.

O canadense já não me falava mais de seus projetos de fuga havia algum tempo. Tinha-se tornado menos comunicativo, quase silencioso. Eu percebia o quanto essa prisão prolongada pesava sobre ele. Sentia que o ódio se acumulava dentro dele. Quando encontrava o capitão, seus olhos acendiam um fogo escuro, e eu sempre temia que sua violência natural o fizesse perder a cabeça.

Naquele dia, 14 de março, ele e Conseil vieram até meu quarto. Perguntei-lhes a razão de sua visita.

– Uma pergunta simples, senhor – respondeu o

canadense.

– Faça-a, Ned.

– Quantos homens o senhor acredita que existam a bordo do *Nautilus*?

– Não saberia dizer, meu amigo.

– Não me parece que necessite de uma tripulação numerosa – ponderou Ned Land.

– De fato – concordei –, nas condições em que se encontra, uma dezena de homens, no máximo, deve ser suficiente para manobrá-lo.

– Pois bem! – continuou o canadense. – Por que haveria mais?

– Por quê? – repeti.

Olhei fixamente para Ned Land, cujas intenções eram fáceis de adivinhar.

– Porque – eu disse –, se eu acredito em meus pressentimentos, se eu bem entendi a existência do capitão, o *Nautilus* não é apenas um navio. Ele deve ser um local de refúgio para aqueles que, como seu comandante, romperam qualquer relação com a terra.

– Talvez – disse Conseil –, mas de qualquer forma o *Nautilus* só pode abrigar certo número de homens. O cavalheiro não poderia avaliar esse máximo?

– Como, Conseil?

– Por um cálculo. Dada a capacidade do navio que o cavalheiro conhece, e, por conseguinte, a quantidade de ar que ele contém; ou, por outro lado, sabendo o que cada homem consome ao respirar, e comparando esses resultados com a necessidade do *Nautilus* de voltar à superfície a cada 24 horas...

Conseil não terminou sua frase, mas eu sabia exatamente aonde ele queria chegar.

– Eu entendo – eu disse –, mas esse cálculo, aliás fácil de fazer, nos dá um número muito incerto.

– Não importa – insistiu Ned Land.

– Eis o cálculo – respondi. – Cada homem consome, em uma hora, o oxigênio contido em 100 litros de ar, ou seja, em 24 horas ele terá consumido o oxigênio contido em 2.400 litros de ar. Portanto, é preciso pesquisar quantas vezes o *Nautilus* contém 2.400 litros de ar.

– Precisamente – disse Conseil.

– Ora – retomei –, a capacidade do *Nautilus* é de 1.500 toneladas, e a do tonel, de mil litros; o *Nautilus* encerra 1,5 milhão de litros de ar, que, divididos por 2.400...

Fiz um rápido cálculo a lápis:

– ... resultam em um quociente de 625. Isto equivale a dizer que o ar contido no *Nautilus* poderia rigorosamente bastar para 625 homens durante 24 horas.

– Seiscentos e vinte e cinco! – repetiu Ned.

– Mas eu gostaria de acrescentar que, com certeza, quer passageiros, marinheiros ou oficiais, não chegamos à décima parte desse número.

– Já é demais para três homens! – murmurou Conseil.

– Então, meu caro Ned, só posso aconselhar que tenha paciência.

– E melhor que paciência – acrescentou Conseil –, resignação.

Conseil tinha usado a palavra certa.

– Afinal de contas – continuou –, o capitão Nemo não pode seguir eternamente para o sul! Ele terá de parar, nem que seja em frente a uma geleira, e regressar a mares mais civilizados! Então, será o momento de retomar os planos de Ned Land.

O canadense balançou a cabeça, passou a mão na testa, não respondeu nada e se retirou.

– O cavalheiro me permite fazer uma observação? – perguntou Conseil. – O pobre Ned pensa em tudo que não pode ter. Tudo de sua vida passada volta à sua mente. Tudo que nos é proibido lhe parece lamentável. Suas lembranças antigas apertam-lhe o coração, que está prestes a explodir. Precisamos compreendê-lo. O que ele tem para fazer aqui? Nada. Ele não é um cientista como o cavalheiro, e não poderia apreciar, como nós, as coisas admiráveis do mar. Ele arriscaria tudo para poder entrar em uma

taberna de seu país!

Era certo que a monotonia a bordo pareceria insuportável para o canadense, acostumado a uma vida livre e ativa. Os eventos que o excitavam eram raros. No entanto, naquele dia, um incidente veio lembrá-lo de seus belos dias como arpoador.

Por volta das 11 horas da manhã, estando na superfície do oceano, o *Nautilus* caiu no meio de um cardume de baleias. Esse encontro não me surpreendeu, pois sabia que esses animais, caçados à exaustão, refugiavam-se nas bacias das altas latitudes.

O papel da baleia no mundo marinho e sua influência sobre as descobertas geográficas eram significativos. Foi ela que, atraindo em suas andanças, primeiro os bascos, depois os asturianos, os ingleses e os holandeses, alertou-os contra os perigos do oceano e os guiou de uma extremidade a outra da Terra. As baleias gostam de frequentar os mares austrais e boreais. Lendas antigas até afirmam que esses cetáceos levaram os pescadores a apenas 7 léguas do polo Norte. Se o fato é falso, será verdade um dia, e provavelmente será assim, caçando baleias nas regiões árticas ou antárticas, que os homens alcançarão esse ponto desconhecido do globo.

Estávamos sentados sobre a plataforma junto a um mar calmo. O mês de outubro naquelas latitudes oferecia-nos belos dias de outono. Foi o canadense – ele não podia estar enganado – quem avistou uma baleia no horizonte, a leste. Olhando atentamente, via-se seu dorso negro subir e descer alternadamente acima das ondas, a 5 milhas do *Nautilus*.

– Ah! – exclamou Ned Land –, se eu estivesse a bordo de um navio baleeiro, eis um encontro que me daria prazer! É um animal de grande porte! Vejam a potência com que suas ventas expelem colunas de ar e vapor! Com mil diabos! Por que tenho de estar acorrentado a este pedaço de metal?

– O quê, Ned!? – eu disse –, você ainda não desistiu de suas velhas ideias de pesca?

– Por acaso um pescador de baleias pode esquecer de seu antigo ofício, senhor? É possível nos cansarmos das emoções de uma caçada como essa?

– Você nunca pescou nestes mares, Ned?

– Nunca, senhor. Apenas nos mares boreais, e tanto no Estreito de Bering como no de Davis.

– Então você ainda não conhece a baleia austral. Até agora você tem caçado a baleia franca, e ela não se atreveria a passar pelas águas quentes do Equador.

– Ah!, professor, o que está o senhor dizendo? – replicou o canadense em tom bastante incrédulo.

– A verdade.

– Ora essa! Estou dizendo. Em 1865, há dois anos e meio, ancorei uma baleia perto da Groenlândia que ainda carregava em seu dorso o arpão pontiagudo de um baleeiro de Bering. Pergunto-lhe, então, como, depois de ter sido atingido no oeste da América, o animal teria vindo morrer no leste, se não tivesse, depois de passar pelo Cabo Horn ou pelo Cabo da Boa

Esperança, atravessado o Equador?

– Eu penso como o amigo Ned – disse Conseil –, e espero para saber o que o cavalheiro vai responder.

– O cavalheiro responderá, meus amigos, que as baleias estão localizadas, de acordo com sua espécie, em certos mares que elas jamais abandonam. E se um desses animais veio do Estreito de Bering para o Estreito de Davis, é simplesmente porque há uma passagem de um mar para o outro, quer nas costas da América, quer nas da Ásia.

– Devemos acreditar no senhor? – perguntou o canadense, fechando um olho.

– Devemos acreditar no cavalheiro – respondeu Conseil.

– Então – disse o canadense –, uma vez que nunca pesquei nestas paragens, eu não conheço as baleias que as frequentam?

– Exatamente, Ned.

– Mais uma razão para conhecê-las – respondeu Conseil.

– Vejam! Vejam! – gritou o canadense com a voz transtornada. – Ela está se aproximando! Está vindo em nossa direção! Ela está me provocando! Sabe que não posso contra ela!

Ned batia com os pés. Sua mão apertava com força um arpão imaginário.

– Esses cetáceos – perguntou ele –, são tão grandes quanto os dos mares boreais?

– Praticamente do mesmo tamanho, Ned.

– Eu já vi baleias grandes, senhor, baleias que chegavam a 30 metros de comprimento! Já ouvi dizer, inclusive, que as Hullamock e Umgallick, das Ilhas Aleutas, por vezes ultrapassam os 45 metros.

– Isso me parece exagerado – respondi. – Esses animais são apenas baleinópteros providos de nadadeiras dorsais e, assim como os cachalotes, são geralmente menores que a baleia franca.

– Ah! – exclamou o canadense, cujos olhos nunca deixavam o oceano –, ela está se aproximando, está vindo para as águas do *Nautilus*!

Então, retomando a conversa:

– O senhor fala do cachalote como de um pequeno bichinho! Há, no entanto, cachalotes gigantescos. São cetáceos inteligentes. Alguns, diz-se, cobrem-se com algas e fucos e são confundidos com ilhotas. As pessoas acampam sobre eles, sentam neles, fazem fogueiras...

– Casas são construídas sobre eles... – ironizou Conseil.

– Sim, engraçadinho – respondeu Ned Land. – Então, um belo dia, o animal mergulha e arrasta todos os seus habitantes para o fundo do abismo.

– Como nas viagens de Simbad, o Marujo – respondi

com uma gargalhada. – Ah! mestre Land, vejo que você gosta de histórias extraordinárias! Que cachalotes esses seus! Espero que não acredite nisso!

– Senhor naturalista – o canadense respondeu seriamente –, deve-se acreditar em tudo quando se trata das baleias! – Como avança esta! Como se esquiva! Dizem que esses animais podem dar a volta ao mundo em 15 dias.

– Não digo o contrário.

– Mas o que o senhor provavelmente não sabe, senhor Aronnax, é que, no início do mundo, as baleias nadavam ainda mais depressa.

– Ah! Verdade, Ned! E por quê?

– Porque naquela época elas tinham a cauda de través, como os peixes, isto é, essa cauda, verticalmente comprimida, batia na água da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Mas o Criador, percebendo que elas nadavam muito rapidamente, torceu sua cauda e, desde então, eles têm batido nas águas de cima para baixo, com prejuízo para sua velocidade.

– Bem, Ned – eu disse, usando a expressão do canadense –, devemos acreditar em você?

– Não muito – respondeu Ned Land –, e não mais que se eu lhe dissesse que há baleias de 90 metros de comprimento e pesando 45 toneladas.

– De fato, isso é muito – eu disse. – No entanto, é

preciso admitir que alguns cetáceos adquirem um desenvolvimento considerável, uma vez que, diz-se, eles fornecem até 120 toneladas de óleo.

– Pois esse eu já vi – disse o canadense.

– Acredito piamente, Ned, como também acredito que algumas baleias equivalem a 100 elefantes. Julgue os efeitos produzidos por tal massa lançada a toda velocidade!

– É verdade que elas podem afundar navios? – perguntou Conseil

– Navios, eu não acredito – sentenciei. – Diz-se, no entanto, que em 1820, precisamente nestes mares do sul, uma baleia se precipitou sobre o *Essex* e o fez recuar a uma velocidade de 4 metros por segundo. As águas penetraram pela popa e o *Essex* afundou quase imediatamente.

Ned me olhou de forma desconfiada.

– De minha parte – disse ele –, já fui golpeado pela cauda de uma baleia, dentro da minha canoa, é claro. Meus companheiros e eu fomos lançados a uma altura de 6 metros. Mas, perto da baleia do professor, a minha era apenas um baleote.

– E esses animais vivem muito tempo? – perguntou Conseil.

– Mil anos – o canadense respondeu sem hesitação.

– E como sabe disso, Ned?

– Porque é o que dizem.

– E por que dizem isso?

– Porque sabem.

– Não, Ned, não sabemos isso, mas presumimos, e é nesse raciocínio que nos apoiamos. Há 400 anos, quando os pescadores caçavam baleias pela primeira vez, esses animais eram ainda maiores que são hoje. Supõe-se, portanto, muito logicamente, que a inferioridade das baleias atuais vem do fato de que elas não tiveram tempo de alcançar seu pleno desenvolvimento. Foi isso que fez Buffon dizer que esses cetáceos podiam e deviam viver mil anos. Você está ouvindo?

Ned Land não estava ouvindo. Ele tinha parado de prestar atenção. A baleia continuava se aproximando e ele a devorava com os olhos.

– Ah! – ele gritou. – Não é mais uma baleia, são dez, são vinte, é um cardume inteiro! E não posso fazer nada! Estou de pés e mãos atados!

– Mas, amigo Ned – disse Conseil –, por que não pede permissão ao capitão Nemo para caçar?

Conseil não teve tempo de terminar sua sentença. Ned Land tinha escorregado pela escotilha e corria em busca do capitão. Alguns instantes depois, ambos reapareceram na plataforma.

O capitão Nemo observou o cardume de cetáceos que brincava nas águas a 1,5 quilômetro do *Nautilus*.

– São baleias austrais – disse ele. – Aí está uma fortuna para uma frota de baleeiros.

– Pois bem! Senhor – perguntou o canadense –, eu não poderia caçá-las, nem que fosse para não esquecer meu antigo ofício como arpoador?

– De que serve – respondeu o capitão Nemo – caçar unicamente para destruir! Não precisamos de óleo de baleia a bordo.

– No entanto, senhor – retomou o canadense –, no Mar Vermelho o senhor nos autorizou a perseguir um dugongo!

– A finalidade era conseguir carne fresca para a tripulação. Aqui, seria matar por matar. Sei que é um privilégio reservado ao homem, mas não aprovo esses passatempos assassinos. Ao destruir a baleia austral ou a baleia franca, seres inofensivos e bons, a sua espécie, mestre Land, comete um ato condenável. Foi assim que já despovoaram toda a baía de Baffin, e destruirão uma classe muito útil de animais. Deixe esses infelizes cetáceos em paz. Eles têm inimigos naturais suficientes, os cachalotes, o espadarte e as serras, sem que o senhor intervenha.

Deixo o leitor imaginar a expressão do canadense durante esse curso de moral. Dar tais razões a um caçador era perder tempo. Ned Land olhava para o capitão Nemo e obviamente não compreendia o que ele queria dizer. No entanto, o capitão tinha razão. A fúria bárbara e imprudente dos pescadores um dia fará a última baleia desaparecer do oceano.

Ned Land assobiou entre os dentes seu “Yankee Doodle”, enfiou as mãos nos bolsos e nos deu as costas.

Enquanto isso, o capitão Nemo passou a observar o cardume de cetáceos e disse, dirigindo-se a mim:

– Eu tinha razão em supor que, além do homem, as baleias têm outros inimigos naturais. Em breve, elas terão de enfrentar um duro desafio. Consegue ver, senhor Aronnax, a 8 milhas a sotavento, aqueles pontos negros em movimento?

– Sim, capitão – eu respondi.

– São cachalotes, animais terríveis que por vezes encontrei em bandos de 200 ou 300! Essas bestas cruéis e malignas sim, é justo exterminar.

O canadense voltou sua atenção para estas últimas palavras.

– Ora! Capitão – eu disse –, ainda está em tempo, e pelo interesse das próprias baleias...

– É inútil expor-se, professor. O *Nautilus* será suficiente para dispersar esses cachalotes. Ele está armado com uma espora de aço que equivale ao arpão do mestre Land, acredito.

O canadense não se intimidou e fez um muxoxo. Atacar cetáceos com golpes de esporas! Quem já ouviu falar disso?

– Espere, senhor Aronnax – disse o capitão Nemo. – O senhor vai assistir a uma caçada que ainda não

conhece. Não há misericórdia para esses cetáceos ferozes. São só boca e dentes!

Boca e dentes! O cachalote macrocéfalo, que chega a medir mais de 25 metros, não poderia ser mais bem descrito. A enorme cabeça desse cetáceo ocupa cerca de um terço de seu corpo. Mais bem armado que a baleia, cuja mandíbula superior é apenas forrada com barbelas, é munido de 25 grandes dentes de 25 centímetros de altura, cilíndricos e cônicos em sua ponta, e que pesam 1 quilo cada. É na parte superior de sua enorme cabeça e em grandes cavidades separadas por cartilagens que há de 300 a 400 quilos desse precioso óleo, chamado de “espermacete de baleia”. O cachalote é um animal disforme, mais parecido com um girino que com um peixe, como observou Frédol. Ele é malfeito, tendo, por assim dizer, “perdido” toda a parte esquerda de sua estrutura, e só enxerga com o olho direito.

O monstruoso cardume continuava a se aproximar. Ele tinha visto as baleias e se preparava para atacá-las. Era possível antecipar a vitória dos cachalotes, não só porque eles são mais robustos para o ataque que seus inofensivos adversários, mas também porque podem ficar mais tempo sob as águas, sem ter de voltar à superfície para respirar.

Era tempo de ir salvar as baleias. O *Nautilus* ficou entre as duas águas. Conseil, Ned e eu nos sentamos diante das vidraças do salão. O capitão Nemo foi ter com o timoneiro para manobrar o dispositivo como uma máquina mortífera. Logo, senti os batimentos da hélice acelerarem e nossa velocidade aumentar.

O combate entre os cachalotes e as baleias já tinha começado quando o *Nautilus* chegou. Ele manobrou de forma a isolar o cardume dos macrocéfalos. Estes, em um primeiro momento, mostraram pouca preocupação ao ver o novo monstro adentrar a batalha, mas logo tiveram de se defender de seus golpes.

Que luta! O próprio Ned Land, subitamente entusiasmado, aplaudia. O *Nautilus* tinha se transformado em um arpão formidável, brandido pelas mãos do seu capitão. Ele se lançava contra as massas carnudas e atravessava-as de um lado a outro, deixando em suas passagens duas fervilhantes metades de animais. Os fortes golpes de cauda que lhe atingiam os flancos sequer eram sentidos. Os choques que ele mesmo produzia também não. Um cachalote era exterminado e ele já corria para outro, virava em seu eixo para não perder sua presa, avançando e recuando, dócil ao leme, mergulhando quando o cetáceo afundava em camadas mais profundas, emergindo quando ele voltava para a superfície, golpeando-o de frente ou de lado, cortando-o ou rasgando-o e, em todas as direções e sob todas as velocidades, perfurando-o com seu terrível esporão.

Que carnificina! Que polvorosa na superfície das águas! Que assobios agudos e que roncos peculiares vinham daqueles animais apavorados! No meio dessas camadas geralmente tão pacíficas, suas caudas criavam verdadeiros vagalhões.

Por uma hora, esse massacre homérico continuou, sem que o macrocéfalo pudesse escapar. Várias vezes, dez ou doze deles, em grupo, tentaram esmagar o *Nautilus* sob sua massa. Podia-se ver pelas vidraças sua boca

enorme recheada de dentes e seu olho formidável. Ned Land, que já não podia mais se controlar, ameaçava-os e insultava-os. Sentíamos que eles se agarravam à nossa carcaça como cães a vasculhar um osso sob a terra. Mas o *Nautilus*, forçando sua hélice, ora os arrastava e carregava, ora os reconduzia de volta à superfície das águas, sem se preocupar com seu enorme peso ou com suas potentes presas.

Finalmente, a massa de cachalotes se dispersou. As ondas estavam calmas outra vez. Senti que subíamos à superfície do oceano. A escotilha foi aberta e corremos para a plataforma.

O mar estava coberto de cadáveres mutilados. Uma explosão formidável não teria dividido, rasgado e dilacerado com mais violência aquelas massas de carne. Flutuávamos no meio de corpos gigantescos, azulados no dorso, esbranquiçados na barriga, e todos com enormes protuberâncias. Alguns cachalotes assustados fugiam no horizonte. As ondas foram tingidas de vermelho em um espaço de muitas milhas, e o *Nautilus* flutuou no meio de um mar de sangue.

O capitão Nemo se juntou a nós.

– E então, mestre Land? – ele perguntou.

– Então, meu senhor – respondeu o canadense cujo entusiasmo havia diminuído –, é realmente um espetáculo terrível, mas não sou um açougueiro, sou um caçador, e isso não passou de uma carnificina.

– É uma matança de animais maléficos – respondeu o capitão –, e o *Nautilus* não é uma faca de açougueiro.

– Prefiro meu arpão – respondeu o canadense.

– Cada um tem sua própria arma – respondeu o capitão, olhando fixamente para Ned Land.

Tive medo que o arpoador se deixasse arrebatar por alguma violência que teria consequências deploráveis. Mas sua raiva foi evitada pela visão de uma baleia da qual o *Nautilus* estava se aproximando.

O animal não pôde escapar do dente do cachalote. Reconheci a baleia austral pela cabeça achatada e totalmente negra. Anatomicamente, ela se distingue da baleia branca e da *nord-caper* pela solda das sete vértebras cervicais, além de ter duas costelas a mais que seus congêneres. O infeliz cetáceo, deitado sobre seu flanco, a barriga perfurada de mordidas, estava morto. Na ponta de sua nadadeira mutilada ainda jazia pendurado um baleote que não pôde se salvar do massacre. Sua boca aberta deixava correr a água que murmurava como uma ressaca através de suas barbarelas.

O capitão Nemo conduziu o *Nautilus* para junto do cadáver do animal. Dois de seus homens subiram no flanco da baleia, e eu vi, não sem espanto, que eles removeram de seus úberes todo o leite que continham, ou seja, dois a três tonéis.

O capitão ofereceu-me uma chávena do leite ainda morno. Não pude conter minha repugnância pela bebida, mas ele me assegurou que aquele leite era excelente, e que não diferia em nada do leite de vaca.

Provei-o e tive de concordar. Era, portanto, uma

reserva útil para nós, porque aquele leite, sob a forma de manteiga salgada ou de queijo, traria uma variedade agradável para nosso cardápio.

A partir desse dia, notei com preocupação que a aversão de Ned Land pelo capitão Nemo estava cada vez pior, e decidi manter um olho atento às ações do canadense.

A banquisa

O *Nautilus* havia retomado sua direção imperturbável para o sul, e seguia pelo 50º meridiano com uma velocidade considerável. Será que pretendia chegar ao polo? Eu não acreditava nessa hipótese, pois até ali todas as tentativas de alcançar esse ponto do globo tinham fracassado. A estação, a propósito, já estava muito avançada, uma vez que o 13 de março das terras antárticas corresponde ao 13 de setembro das regiões boreais, que dá início ao período equinocial.

No dia 14 de março, vi blocos de gelo flutuando a 55° de latitude, simples detritos lívidos de 6 a 7 metros de comprimento, formando escolhos sobre os quais o mar rebentava. O *Nautilus* se mantinha na superfície do oceano. Ned Land, tendo pescado anteriormente nos mares árticos, estava familiarizado com o espetáculo dos *icebergs*. Conseil e eu o admirávamos pela primeira vez.

Na atmosfera, em direção ao horizonte do sul, havia uma faixa branca de aparência deslumbrante que os baleeiros ingleses chamavam de *iceblink*. Por maior que seja a espessura das nuvens, elas não podem

obscurecê-la. Ela anuncia a presença de um *pack*, ou seja, um banco de gelo.

Com efeito, blocos maiores, cujo brilho mudava de acordo com os caprichos da névoa, logo apareceram. Algumas dessas massas deixavam transparecer veios esverdeados, como se o sulfato de cobre tivesse traçado nelas linhas onduladas. Outras, parecidas com enormes ametistas, deixavam-se penetrar pela luz. Elas reverberavam os raios do sol nas mil facetas de seus cristais. Outras ainda, coloridas com os reflexos vívidos do calcário, teriam sido suficientes para a construção de uma cidade inteira de mármore.

Quanto mais para sul descíamos, mais o número e a importância dessas ilhas flutuantes aumentava. Havia milhares de ninhos de aves polares por lá. Eram petréis, pombos-do-cabo e pardelas, que nos ensurdeciam com seus gritos. Algumas, confundindo o *Nautilus* com o cadáver de uma baleia, vinham nele descansar e bicavam seu sonoro revestimento metálico.

Durante a navegação no meio do gelo, o capitão Nemo manteve-se na plataforma a maior parte do tempo. Ele observava cuidadosamente essas paragens abandonadas. Eu via seu olhar calmo ganhar vida às vezes. Será que se sentia em casa nesses mares polares proibidos ao homem, como soberano desses espaços intransponíveis? Talvez. Mas ele não falava. Permanecia imóvel e retornava a si apenas quando seus instintos de piloto prevaleciam. Dirigindo, então, seu *Nautilus* com uma habilidade consumada, ele evitava habilmente o choque com as massas, que chegavam a medir várias milhas de comprimento, com

altura próxima de 60 a 80 metros. Muitas vezes o horizonte parecia completamente fechado. Quando chegamos ao 60º de latitude, todas as passagens tinham desaparecido. Mas o capitão Nemo, procurando com cuidado, logo encontrou alguma abertura estreita através da qual penetrou corajosamente, sabendo bem, no entanto, que ela se fecharia atrás dele.

Foi assim que o *Nautilus*, guiado por essa mão hábil, passou por todas essas geleiras, tradicionalmente classificadas de acordo com sua forma ou tamanho, com uma precisão que encantava Conseil: *icebergs* ou montanhas, *icefields* ou campos uniformes e sem limites, *driftice* ou gelos flutuantes, *packs* ou bancos rachados ou campos, chamados de *palchs* quando são circulares, e de *streams* quando são feitos de fragmentos alongados.

A temperatura estava muito baixa. O termômetro, exposto ao ar externo, marcava 2 a 3 graus abaixo de zero. Mas estávamos bem agasalhados com peles pelas quais as focas e os ursos marinhos tinham, literalmente, dado a vida. O interior do *Nautilus*, regularmente aquecido por seus aparelhos elétricos, desafiava até os frios mais intensos. Além disso, bastaria que ele afundasse alguns metros abaixo da água para encontrar uma temperatura suportável.

Dois meses antes, teríamos apreciado sob aquela latitude um dia perpétuo, mas a noite já se fazia por três ou quatro horas, e mais tarde viria a lançar seis meses de penumbra sobre essas regiões circumpolares.

No dia 15 de março, a latitude das Ilhas New Shetland

e das Orkney do Sul foi ultrapassada. O capitão explicou que, no passado, muitas tribos de focas habitavam essas terras; mas os baleeiros ingleses e norte-americanos, em sua sede de destruição, massacraram os adultos e as fêmeas grávidas, e, onde antes a vida soprava, restou apenas o silêncio da morte.

No dia seguinte, por volta das 8 da manhã, o *Nautilus*, seguindo o 45º meridiano, cortou o círculo polar antártico. Os blocos de gelo cercavam-nos por todos os lados e fechavam o horizonte. No entanto, o capitão Nemo avançava de passagem em passagem e continuava subindo.

– Mas aonde ele vai? – perguntei.

– Adiante – respondeu Conseil. – No fim, quando ele não puder ir mais longe, vai parar.

– Eu não apostaria nisso! – respondi.

E, para ser honesto, admito que não fiquei descontente com essa excursão aventureira. Não consigo expressar quão maravilhado estava com a beleza daquelas novas regiões. Os blocos de gelo tomavam formas soberbas. Aqui, seu conjunto formava uma cidade oriental, com minaretes e inúmeras mesquitas. Ali, uma cidade em ruínas, como se tivesse sido atirada ao chão por uma convulsão do solo. Aspectos incessantemente variados pelos raios oblíquos do sol, ou perdidos nas brumas cinzentas no meio de turbilhões de neve. Depois, de todos os lados, explosões, deslizamentos de terra e grandes choques de *icebergs* mudavam o cenário como a paisagem de um diorama.

Quando o *Nautilus* estava submerso no momento em que esses equilíbrios se rompiam, o som se espalhava sob as águas com uma intensidade assustadora e a queda dessas massas criava temíveis convulsões nas camadas profundas do oceano. O *Nautilus* balançava e adernava como um navio abandonado à fúria dos elementos.

Muitas vezes, não vendo nenhuma saída, eu pensava que ficaríamos eternamente presos ali; mas, guiado pelo instinto, pela pista mais sutil, o capitão Nemo descobria novas passagens. Nunca se equivocava ao observar os filetes de água azulada que entrecortavam os *icefields*. Por isso, não tinha dúvida de que ele já tinha se aventurado com o *Nautilus* nos mares antárticos.

Todavia, no dia 16 de março, os campos de gelo bloquearam completamente nossa passagem. Ainda não era a banquisa, mas vastos campos de gelo cimentados pelo frio. Esse obstáculo não podia parar o capitão Nemo, e ele se lançou contra o *icefield* com enorme violência. O *Nautilus* entrou naquela massa friável como uma cunha e dividiu-a com estrépitos terríveis. Era o antigo aríete impulsionado por uma potência infinita. Os escombros de gelo, projetados para cima, caíam como granizo à nossa volta. Por sua força de impulsão, nosso dispositivo abrira um novo canal. Às vezes, guiado por seu impulso, ele subia sobre o campo de gelo e o esmagava com seu peso; outras vezes, enfurnado pelo *icefield*, dividia-o com um simples movimento de arfagem que produzia grandes rupturas.

Durante esses dias, violentas tempestades de gelo nos

atingiram. Por conta de certos nevoeiros densos, não conseguíamos ver quem estava na extremidade oposta da plataforma. O vento soprava abruptamente em todos os pontos do quadrante, e neve se acumulava em camadas tão duras que tinham de ser quebradas com golpes de picareta. A uma temperatura de 5 graus abaixo de zero, todas as partes exteriores do *Nautilus* estavam cobertas com placas de gelo. Uma enxárcia não poderia ter facilitado a manobra, uma vez que todas as boças emperrariam na garganta das polias. Uma embarcação sem velas e movida por um motor elétrico e que dispensasse o uso do carvão seria a única a conseguir enfrentar latitudes tão altas.

Nessas condições, o barômetro mantinha-se muito baixo. Chegou inclusive a marcar 73,5 centímetros. As indicações da bússola já não ofereciam qualquer garantia e suas agulhas descompassadas marcavam direções contraditórias à medida que nos aproximávamos do polo magnético meridional, que não deve ser confundido com o sul do globo. De fato, segundo Hansten, esse polo está localizado a cerca de 70° de latitude e 130° de longitude, e, de acordo com as observações de Duperrey, a 135° de longitude e 70° 30’ de latitude. Foi necessário fazer numerosas observações na bússola, transportada para diferentes partes do navio, e calcular uma média. Mas, muitas vezes, baseávamo-nos na estimativa para retraçar a rota percorrida, um método insatisfatório no meio dessas passagens sinuosas cujos pontos de referência mudam sem cessar.

Finalmente, em 18 de março, depois de 20 tentativas inúteis, o *Nautilus* se viu definitivamente encurralado.

Não eram mais os *streams*, *palchs* ou *icefields*, mas uma interminável e imóvel barreira formada por montanhas soldadas entre si.

– A banquisa! – exclamou o canadense.

Compreendi que, para Ned Land, como para todos os navegadores que nos precederam, tratava-se de obstáculo intransponível. Tendo o sol aparecido por um momento por volta do meio-dia, o capitão Nemo conseguiu obter a localização exata em que estávamos: 51° 30' de longitude e 67° 39' de latitude sul. Já era um ponto avançado das regiões antárticas.

Não havia nenhum rastro de mar ou de superfície líquida diante de nossos olhos. Sob o esporão do *Nautilus* se estendia uma vasta planície atormentada, enredada por blocos sobrepostos, com toda aquela desordem caprichosa que caracteriza a superfície de um rio algum tempo antes do degelo, mas em proporções gigantescas. Aqui e ali, picos agudos, agulhas desamarradas subindo a uma altura de 60 metros; mais adiante, uma série de penhascos íngremes de matizes acinzentados, vastos espelhos que refletiam alguns raios de sol afogados nas brumas. E, sobre aquela natureza desolada, um silêncio feroz, quebrado apenas pela agitação das asas dos petréis ou das pardelas. Tudo estava congelado, até o barulho.

O *Nautilus*, portanto, teve de parar sua corrida aventureira em meio aos campos de gelo.

– Senhor – disse-me Ned Land naquele dia –, se seu capitão for mais longe...

– O que é que tem?

– Ele será um titã!

– Por que, Ned?

– Porque ninguém pode atravessar a banquisa. É certo que seu capitão é poderoso, mas, por mil diabos! Ele não é mais poderoso que a natureza, e onde ela estabeleceu limites, temos de parar, por bem ou por mal.

– É verdade, Ned Land, mas ainda assim eu gostaria de saber o que está por trás daquela banquisa! Uma parede, eis o que mais me irrita!

– O cavalheiro tem razão – disse Conseil. – As paredes foram inventadas para irritar os cientistas. Não devia haver paredes em nenhum lugar.

– Ora essa! – fez o canadense. – Sabemos muito bem o que há atrás dessa banquisa.

– O quê? – perguntei.

– Gelo, e, depois, mais gelo!

– Você tem certeza disso, Ned – respondi –, mas eu não estou convencido. É por isso que gostaria de poder ver.

– Pois bem, professor – o canadense respondeu –, desista dessa ideia. O senhor chegou até a banquisa, o que já é suficiente, e não irá mais longe, nem seu capitão Nemo, nem seu *Nautilus*. E quer ele queira, quer não, vamos voltar para o norte, isto é, para a

terra das pessoas direitas.

Tenho de admitir que Ned Land tinha razão, e enquanto os navios não forem feitos para navegar pelas geleiras, terão de parar em frente à banquisa.

Com efeito, apesar de seus esforços, apesar dos poderosos meios usados para quebrar o gelo, o *Nautilus* estacou. Normalmente, quem não pode seguir adiante deve retroceder. Mas, ali, retroceder era tão impossível como avançar, pois as passagens haviam se fechado atrás de nós. E se nosso dispositivo permanecesse parado, logo ficaria bloqueado. E foi exatamente o que aconteceu por volta das 2 horas da tarde, quando um gelo novo se formou em seus flancos com uma rapidez surpreendente. Tive de admitir que a conduta do capitão Nemo havia sido mais que imprudente.

Naquele momento, eu estava sobre a plataforma. O capitão, que observava a situação há algum tempo, disse-me:

– Ora, professor, o que acha?

– Acho que estamos presos, capitão.

– Presos! E o que o senhor entende por isso?

– Entendo que não podemos nem avançar nem retroceder, nem ir para qualquer lado. É o que chamamos de estar "preso", ao menos nos continentes habitados.

– Então, senhor Aronnax, acha que o *Nautilus* não será

capaz de se libertar?

– Dificilmente, capitão, pois a estação já está bastante avançada para que o senhor conte com o degelo.

– Ah, professor – respondeu o capitão Nemo num tom irônico –, o senhor não muda! Não vê nada além de empecilhos e obstáculos! Eu afirmo que não somente o *Nautilus* vai se libertar, como vai ainda mais longe!

– Mais para sul? – perguntei olhando nos olhos o capitão.

– Sim, senhor, ele irá até o polo.

– Ao polo! – exclamei, sem conseguir conter um movimento de incredulidade.

– Sim! – respondeu friamente o capitão. – Ao polo antártico, àquele ponto desconhecido do globo onde todos os meridianos se encontram. O senhor sabe que faço o que quero com o *Nautilus*.

Sim! Eu sabia. Sabia que aquele homem era corajoso a ponto de ser imprudente! Mas superar esses espinhosos obstáculos do polo sul, mais inacessível que o polo norte, ainda não alcançado pelos mais ousados navegadores, era um empreendimento absolutamente insano que só a mente de um louco poderia conceber!

Ocorreu-me, então, perguntar ao capitão Nemo se alguma vez havia chegado a esse polo que nunca tinha sido pisado pelos pés de uma criatura humana.

– Não, senhor – respondeu ele –, e nós o

descobriremos juntos. Lá, onde outros falharam, eu não falharei. Nunca passei com meu *Nautilus* por terras tão distantes como os mares austrais; mas, repito, ele irá ainda mais longe.

– Quero acreditar no senhor, capitão – respondi ironizando por minha vez. – Acredito no senhor! Vamos em frente! Não há obstáculos para nós! Quebremos essa banquisa! Vamos explodi-la e, se resistir, vamos dar asas ao *Nautilus*, para que ele passe por cima dela!

– Por cima, professor? – respondeu calmamente o capitão Nemo. – Não por cima, mas por baixo.

– Por baixo! – exclamei.

Uma súbita revelação dos planos do capitão acabava de iluminar minha mente. Eu havia entendido. As maravilhosas qualidades do *Nautilus* iam servi-lo novamente em uma empreitada sobre-humana!

– Vejo que estamos começando a nos entender, professor – disse-me o capitão com um meio sorriso. – O senhor já vislumbra a possibilidade, eu diria o êxito, dessa tentativa. O que é impraticável com um navio comum torna-se fácil com o *Nautilus*. Se um continente emerge no polo, ele ficará bloqueado diante desse continente. Mas se, pelo contrário, é o mar livre que o banha, ele o conduzirá até o polo!

– É verdade – eu disse, impulsionado pelo raciocínio do capitão –, se a superfície do mar é solidificada pelo gelo, suas camadas inferiores permanecem livres, pela razão providencial que colocou em um grau superior

ao do congelamento o máximo de densidade da água do mar. E, se não me engano, a parte submersa dessa banquisa está para a parte emergente na proporção de quatro para um?

– Aproximadamente, professor. A cada 30 centímetros que os *icebergs* têm sobre o mar, eles têm cerca de 1 metro abaixo deles. Ora, uma vez que essas montanhas de gelo não excedem uma altura de 100 metros, elas afundam a apenas 300. E o que são 300 metros para o *Nautilus*?

– Nada, senhor.

– Ele poderá até procurar em uma profundidade maior essa temperatura uniforme das águas marinhas, e aí enfrentaremos impunemente os 30 ou 40 graus negativos da superfície.

– Correto, senhor, corretíssimo – respondi mais animado.

– A única dificuldade – prosseguiu o capitão Nemo – será permanecer debaixo d'água por vários dias sem renovar nossa provisão de ar.

– Isso é tudo? – questionei. – O *Nautilus* tem amplos reservatórios, vamos completá-los e eles nos fornecerão todo o oxigênio de que precisamos.

– Bem pensado, senhor Aronnax – respondeu sorrindo o capitão. – Mas, não querendo que o senhor me acuse de imprudência, vou submeter ao senhor, antecipadamente, todas as minhas objeções.

– E ainda lhe resta alguma?

– Apenas uma. É possível, se existir mar no Polo Sul, que esse mar esteja completamente bloqueado, e, consequentemente, não poderemos voltar à superfície!

– Capitão, o senhor esqueceu que o *Nautilus* está armado com um terrível esporão? Não poderemos nos lançar em diagonal contra esses campos de gelo, que se romperão com o choque?

– Ora, professor, hoje o senhor está cheio de ideias!

– Aliás, capitão – acrescentei com todo entusiasmo –, por que não deveríamos encontrar o mar aberto no Polo Sul, assim como no Polo Norte? Os polos do frio e os polos da terra não se confundem nem no Hemisfério Austral nem no Hemisfério Boreal, e, até que se prove o contrário, devemos supor um continente ou um oceano livre de gelo nesses dois pontos do globo.

– Também acho, senhor Aronnax – respondeu o capitão Nemo. – Mas gostaria apenas de salientar que, depois de ter levantado tantas objeções à minha proposta, o senhor agora está me esmagando com argumentos a favor dela.

O capitão Nemo tinha razão. Eu tinha conseguido vencê-lo em audácia! Era eu quem o levava ao polo! Eu tomava a frente dele, deixava-o para trás... mas não! Que tolo, senhor Aronnax! O capitão Nemo sabia melhor que você os prós e os contras da situação, e se divertia ao vê-lo embalado pelos sonhos do impossível!

No entanto, ele não tinha perdido um minuto. A um sinal seu, o imediato apareceu. Os dois homens conversaram rapidamente em sua língua incompreensível, e, ou o imediato tinha já sido avisado da situação, ou achava o projeto viável, pois não esboçou nenhuma surpresa.

Mas, por mais impassível que fosse, não demonstrou uma impassibilidade mais completa que Conseil, quando anunciei ao digno rapaz nossa intenção de ir até o Polo Sul. Um "como o cavalheiro desejar" saudou a minha comunicação, e eu tive de me contentar com isso. Quanto a Ned Land, duvido que alguma vez alguém tenha soltado um muxoxo mais indiferente do que o canadense.

– Olhe, senhor – disse-me ele –, o senhor e seu capitão Nemo me dão pena!

– Mas nós iremos até o polo, mestre Ned.

– É possível, mas duvido que voltem de lá!

E Ned Land voltou para sua cabine, "para não fazer nenhuma besteira", segundo suas palavras.

Enquanto isso, os preparativos para a audaciosa tentativa tinham acabado de começar. As poderosas válvulas do *Nautilus* bombeavam o ar de volta para os reservatórios e armazenavam-no em alta pressão. Por volta das 4 horas da tarde, o capitão Nemo anunciou que as escotilhas da plataforma seriam fechadas. Lancei um último olhar para a espessa banquisa que íamos atravessar. O céu estava claro, o ar bastante puro, o frio muito intenso – 12 graus abaixo de zero;

mas o vento estava calmo, então a temperatura não parecia tão insuportável.

Cerca de dez homens subiram nos flancos do *Nautilus* e, armados com picaretas, quebraram o gelo em torno da quilha, que logo ficou limpa. A operação foi realizada rapidamente, porque o gelo jovem ainda estava fino. Todos nós retornamos para o interior do navio. Os reservatórios foram abastecidos com a água liberada e o *Nautilus* logo desceu.

Instalei-me no salão junto com Conseil. Pela vidraça aberta, observávamos as camadas inferiores do oceano austral. O termômetro começou a subir. O ponteiro do manômetro divergia no mostrador.

A cerca de 300 metros, como o capitão Nemo tinha previsto, flutuávamos sob a superfície ondulante da banquisa. Mas o *Nautilus* imergiu ainda mais e atingiu uma profundidade de 800 metros. A temperatura da água, que chegava a 12 graus na superfície, não passava dos 11. Dois graus já haviam sido ganhos. É inútil dizer que a temperatura do *Nautilus*, elevada por seus aparelhos de calefação, permanecia em um nível muito mais alto. Todas as manobras eram realizadas com extraordinária precisão.

– Passaremos! Que o cavalheiro seja paciente – disse-me Conseil.

– Conto com isso! – respondi num tom de profunda convicção.

Sob o mar livre, o *Nautilus* tinha direcionado sua rota para o polo, sem se distanciar do 52º meridiano. De

67° 30’ a 90°, restavam 22,5 graus de latitude para percorrer, ou seja, um pouco mais de 500 léguas. O *Nautilus* assumiu uma velocidade média de 26 milhas por hora, a velocidade de um trem expresso. Se a mantivesse, 40 horas bastariam para chegar ao polo.

Durante parte da noite, a novidade da situação nos manteve, Conseil e eu, colados à vidraça do salão. O mar se iluminava pela radiação elétrica do fanal, mas estava deserto. Os peixes não habitavam aquelas águas prisioneiras. Lá eles encontraram apenas uma passagem do Oceano Antártico para o mar aberto do polo. Nossa viagem era rápida. Sentíamos a velocidade por meio das trepidações do comprido casco de aço.

Por volta das 2 horas da manhã, tirei algumas horas de sono. Conseil fez o mesmo. Ao atravessar os corredores, não encontrei o capitão Nemo e presumi que ele estivesse na cabine do timoneiro.

No dia seguinte, 19 de março, às 5 horas da manhã, retomei meu posto no salão. A barquilha elétrica indicava que a velocidade do *Nautilus* tinha sido moderada. Ele subia com cautela à superfície, esvaziando lentamente seus reservatórios.

Meu coração acelerou. Íamos emergir e reencontrar a atmosfera livre do polo?

Não. Um choque mostrou que o *Nautilus* tinha batido contra a superfície inferior da banquisa, que ainda era muito espessa, a julgar pelo barulho seco. Na verdade, nós a tínhamos “tocado”, para usar a expressão marinha, mas na direção oposta e a 300 metros de profundidade. O que significava que havia 600 metros

de gelo acima de nós e 300 emergiam. A banquisa era, então, mais alta do que tínhamos registrado em suas bordas – circunstância pouco tranquilizadora.

Durante esse dia, o *Nautilus* repetiu diversas vezes a mesma experiência, e sempre se chocava contra a muralha que o asfixiava. Em certos momentos, ele a encontrou a 900 metros, o que significava que ela tinha 1.200 metros de espessura, dos quais 200 metros se elevavam acima da superfície do oceano. Era o dobro de sua altura no momento em que o *Nautilus* emergiu.

Registrei cuidadosamente essas diversas profundidades e assim obtive o perfil submarino dessa cadeia que se desenvolvia sob as águas.

À noite, não houve mudança em nossa situação. Ainda havia gelo entre 400 e 500 metros de profundidade. Diminuição óbvia, mas que muralha ainda existia entre nós e a superfície do oceano!

Eram, então, 8 horas. Havia quatro horas o ar interno do *Nautilus* devia ter sido renovado, de acordo com o hábito cotidiano a bordo. No entanto, eu não estava muito preocupado, embora o capitão Nemo ainda não tivesse solicitado oxigênio extra aos reservatórios.

Não tive uma boa noite de sono. A esperança e o medo me excitavam alternadamente e me levantei várias vezes. As tentativas do *Nautilus* continuavam. Por volta das 3 da manhã, observei que a superfície inferior da banquisa se encontrava a apenas 50 metros de profundidade. Quarenta e cinco metros nos separavam da superfície da água. A banquisa,

gradualmente, transformava-se em *icefield* e a montanha fazia-se planície.

Meus olhos não desviavam do manômetro. Continuávamos subindo, por uma diagonal, na direção da superfície resplandecente que cintilava sob os raios elétricos. A banquisa afinava por cima e por baixo a cada quilômetro percorrido.

Finalmente, às 6 da manhã, naquele memorável dia 19 de março, a porta do salão se abriu e o capitão Nemo apareceu.

– Mar livre! – ele disse.

O Polo Sul

Corri para a plataforma. Sim! Mar livre. Apenas alguns cubos de gelo dispersos, *icebergs* móveis; ao longe, um mar extenso; um mundo de aves no ar e miríades de peixes sob aquelas águas que, dependendo das profundezas, variavam do azul intenso ao verde-oliva. O termômetro marcava 3 graus acima de zero. Era como uma primavera relativa, encerrada atrás daquela banquisa, cujas massas distantes se perfilavam no horizonte norte.

– Estamos no polo? – perguntei ao capitão, com o coração acelerado.

– Ignoro essa informação – disse ele. – Ao meio-dia, faremos as medições.

– Mas será que o sol se mostrará através dessas brumas? – eu disse, olhando para o céu cinzento.

– O pouco que apareça será suficiente – respondeu o capitão.

Dez milhas ao sul do *Nautilus*, uma ilhota solitária

subia a uma altura de 200 metros. Navegamos em sua direção, mas prudentemente, pois aquele mar poderia estar semeado de escolhos.

Uma hora depois, chegamos à ilhota. Duas horas mais tarde, fizemos a volta completa em torno dela. Sua circunferência media entre 4 e 5 milhas. Um estreito canal a separava de uma terra considerável, talvez um continente, cujos limites não podíamos ver. A existência daquela terra parecia justificar as hipóteses de Maury. O engenhoso norte-americano notou que, entre o Polo Sul e o 60º paralelo, o mar está coberto de blocos de gelo flutuantes de enormes dimensões, o que nunca ocorre no Atlântico norte. Por conseguinte, ele concluiu que o Círculo Antártico contém uma quantidade de terra considerável, uma vez que os *icebergs* não podem se formar em mar aberto, mas apenas nas costas. De acordo com seus cálculos, a massa de gelo em torno do Polo Sul forma uma vasta calota cuja largura deve chegar a 4 mil quilômetros.

No entanto, o *Nautilus*, por medo de encalhar, tinha parado a 300 metros de uma praia dominada por um soberbo conglomerado de rochas. O escaler foi lançado ao mar. O capitão, dois de seus homens carregando os instrumentos, Conseil e eu, embarcamos. Eram 10 da manhã. Não vi Ned Land. O canadense, sem dúvida, não queria ter de se retratar, já que estávamos no Polo Sul.

Algumas remadas levaram o escaler até a areia, onde ele encalhou. No momento em que Conseil estava prestes a desembarcar, eu o detive.

– Senhor – eu disse ao capitão Nemo –, queira ter a

honra de ser o primeiro a pisar sobre essa terra.

– Sim, senhor – respondeu o capitão –, e se eu não hesito em pisar o solo do polo, é porque, até agora, nenhum ser humano deixou sobre ele qualquer rastro de seus passos.

Dito isso, ele saltou com certa leveza sobre a areia. Uma forte emoção tomou conta dele. O capitão escalou um rochedo que terminava sobre um pequeno promontório, e lá, com os braços cruzados, o olhar ardente, imóvel e silencioso, ele parecia tomar posse das regiões austrais. Depois de cinco minutos nesse êxtase, virou-se para nós.

– Quando quiser, senhor – gritou para mim.

Eu desembarquei, seguido por Conseil e deixando os dois homens no barco.

O chão, por uma longa extensão, apresentava um tufo avermelhado, como se tivesse sido feito de tijolo moído. Escórias, fluxos de lava e pedras-pomes o recobriam. Impossível negar sua origem vulcânica. Em certos lugares, algumas leves fumarolas, exalando um cheiro sulfuroso, atestavam que os fogos internos ainda conservavam seu poder expansivo. No entanto, tendo escalado uma alta escarpa, não vi nenhum vulcão num raio de quilômetros. Sabe-se que nessas regiões antárticas, James Ross encontrou as crateras de Erebus e do Terror em plena atividade no meridiano 167 e a 77° 32’ de latitude.

A vegetação desse continente desolado pareceu-me extremamente restrita. Alguns liquens da espécie

Usnea melanoxantha espalhavam-se sobre as rochas negras. Algumas plântulas microscópicas, diatomáceas rudimentares, espécies de células dispostas entre duas conchas quártzicas, compridos fucos roxos e carmesim, sustentados por pequenas bexigas natatórias e despejados pelas águas na costa, constituíam toda a escassa flora daquela região.

A praia estava tomada por moluscos, pequenos mexilhões, patelas, berbigões lisos em forma de coração, e especialmente por clios membranosos e oblongos, cuja cabeça era formada por dois lóbulos abaulados. Vi também miríades de clios boreais, com 3 centímetros de comprimento, e que a baleia engole aos montes a cada dentada. Esses charmosos pterópodes, verdadeiras borboletas do mar, animavam as águas livres da orla da praia.

Entre outros zoófitos, surgiam nas partes mais fundas algumas arborescências coralígenas, daquelas que, de acordo com James Ross, vivem nos mares antárticos em até mil metros de profundidade; também pequenos alcíones pertencentes à espécie *Procellaria pelagica*, bem como um grande número de astérias peculiares nesses climas e estrelas-do-mar que constelavam o solo.

Mas onde a vida de fato transbordava era no ar. Milhares de aves de várias espécies voavam e planavam, ensurdecendo-nos com seus gritos. Outras entupiam as rochas, observando-nos passar sem medo e seguindo nossos passos graciosamente. Tratava-se de pinguins tão ágeis e flexíveis na água que às vezes eram confundidos com velozes bonitos, enquanto em terra firme eram pesados e desajeitados. Eles emitiam

gritos esquisitos e formavam numerosas assembleias, sóbrias em gestos, mas pródigas em clamores.

Entre as aves, avistei pombas-antárticas, da família dos pernaltas, grandes como pombos, brancas, de bico curto e cônico e olhos aureolados por um círculo vermelho. Conseil fez uma provisão delas, pois essas aves, devidamente preparadas, compõem um saboroso prato. Pelos ares, passavam albatrozes fuliginosos de 4 metros de envergadura, chamados de abutres do oceano; gigantescos petréis, entre os quais o *quebrante-huesos*, com asas arqueadas, que são grandes comedores de focas; pombos-do-cabo, espécie de pequenos patos cuja parte superior do corpo é preta e branca; e, finalmente, toda uma série de petréis, alguns esbranquiçados, com asas rajadas de marrom, outros azuis e exclusivos dos mares antárticos. Estes últimos "tão oleosos", eu disse a Conseil, "que os habitantes das ilhas Faroé se limitam a lhes adaptar um pavio antes de acendê-los".

– Mais um pouco – respondeu Conseil – e seriam lâmpadas perfeitas! Mais que isso, só se exigíssemos que a natureza os dotasse com um pavio!

Uns 800 metros depois, o chão estava repleto de ninhos de pinguins, uma espécie de toca construída para a postura de ovos, e de onde escapavam inúmeros pássaros. O capitão Nemo mandou caçar algumas centenas deles mais tarde, porque a sua carne negra é muito saborosa. Eles soltavam gritos como os asnos. Esses animais, do tamanho de um ganso, o corpo cor de ardósia, com o peito branco e uma gravata debruada em limão, deixavam-se matar a pedradas sem tentar escapar.

Enquanto isso, a névoa não se dissipou e, às 11 horas, o sol ainda não tinha aparecido. Sua ausência me inquietava bastante. Sem ele, nenhum cálculo seria possível. Do contrário, como determinar se havíamos chegado ao polo?

Quando me juntei ao capitão Nemo, encontrei-o sentado em silêncio sobre um pedaço de rocha olhando para o céu. Ele parecia impaciente, contrariado. Mas o que podíamos fazer? Aquele homem audacioso e poderoso não comandava o sol como comandava o mar.

O meio-dia chegou sem que o astro-rei aparecesse por um só instante. Nem sequer conseguíamos reconhecer sua localização por trás da cortina de névoa, que logo se dissolveu em neve.

– Amanhã – limitou-se a dizer o capitão, e regressamos ao *Nautilus* em meio aos turbilhões da atmosfera.

Durante nossa ausência, as redes tinham sido lançadas, e observei com interesse os peixes que tinham sido içados a bordo. Os mares antárticos servem de refúgio a um grande número de migrantes que fogem das tempestades das zonas mais baixas para cair, é verdade, nas presas dos marsuínos e das focas. Vi alguns cabozes austrais de 1 decímetro de comprimento, espécie de cartilaginoso esbranquiçado, atravessados por faixas lívidas e dotados de espinhos; também quimeras antárticas de quase 1 metro de comprimento, corpo bastante alongado, pele branca, prateada e uniforme, cabeça arredondada, com três nadadeiras dorsais e focinho terminado numa tromba

curvada na direção da boca. Provei sua carne, mas achei-a insípida, a despeito da opinião do Conseil, que não se fez de rogado.

A tempestade de neve durou até o dia seguinte. Era impossível permanecer na plataforma. Do salão onde eu registrava os incidentes dessa excursão ao continente polar, ouvia os gritos dos petréis e dos albatrozes que brincavam no meio da tempestade. O *Nautilus* não permaneceu imóvel, e, prolongando a costa, avançou cerca de 10 milhas mais ao sul, no meio da semiclaridade que o sol deixava ao se aproximar das bordas do horizonte.

No dia seguinte, 20 de março, parou de nevar. Estava um pouco mais frio. O termômetro marcava 2 graus abaixo de zero. A neblina subiu e eu esperava que, naquele dia, nossa localização pudesse ser calculada.

Como o capitão Nemo ainda não tinha aparecido, Conseil e eu partimos com o escaler até a terra. A natureza do solo era a mesma, vulcânica. Por todo lado, havia vestígios de lavas, escórias e basaltos, sem que fosse possível avistar a cratera que os tinha vomitado. Por toda parte, inúmeras miríades de aves animavam essa parte do continente polar. Mas elas partilhavam esse império com vastas manadas de mamíferos marinhos que nos observavam com seus olhares meigos. Eram focas de diversas espécies, algumas deitadas no chão, outras deitadas no gelo à deriva, muitas saindo ou retornando ao mar. Elas não fugiram com nossa aproximação, uma vez que nunca tinham lidado com o homem, e eu calculava que elas eram em número suficiente para abastecer algumas centenas de navios.

– Confesso – disse Conseil – que é uma sorte Ned Land não nos ter acompanhado!

– E por que, Conseil?

– Porque o feroz caçador teria matado tudo.

– Tudo é exagero, mas creio, de fato, que não poderíamos ter impedido nosso amigo canadense de arpoar alguns desses magníficos cetáceos. O que teria ofendido o capitão Nemo, pois ele não derrama o sangue de animais inofensivos à toa.

– E ele tem razão.

– Com certeza, Conseil. Mas, diga-me, você já classificou essas belas amostras da fauna marinha?

– O cavalheiro sabe bem – respondeu Conseil – que meu forte não é a prática. Quando o cavalheiro me ensinar os nomes desses animais...

– São focas e morsas.

– Dois gêneros pertencentes à família dos pinípedes – apressou-se a dizer meu sábio Conseil –, ordem dos carnívoros, grupo dos unguiculados, subclasse dos eutérios, classe dos mamíferos, ramo dos vertebrados.

– Excelente, Conseil – respondi –, mas esses dois gêneros, focas e morsas, estão divididos em espécies, e, se não estiver enganado, teremos a oportunidade de observá-las por aqui. Continuemos.

Eram 8 da manhã. Tínhamos quatro horas para usufruir até o momento em que o sol pudesse ser

observado de maneira conveniente. Dirigi nossos passos para uma vasta baía que tinha sido recortada na falésia de granito da costa.

Ali, posso dizer que a perder de vista em todas as direções, as terras e os blocos de gelo estavam tomados por mamíferos marinhos, e eu procurava involuntariamente o velho Proteu, o pastor mitológico que cuidava daqueles enormes rebanhos de Netuno. Havia, especialmente, focas. Elas formavam grupos distintos, machos e fêmeas, com o pai cuidando da família, a mãe cuidando dos filhotes e alguns jovens, já fortes, emancipavam-se a poucos passos de distância. Quando queriam se deslocar, esses mamíferos davam pequenos saltos resultantes da contração de seus corpos e se ajudavam uns aos outros de maneira desajeitada com suas nadadeiras imperfeitas, que, no manatim, seu congênere, formam um verdadeiro antebraço. Devo dizer que, na água, seu elemento por excelência, esses animais com espinha dorsal móvel, bacia estreita, pelos curtos e cerrados, patas espalmadas, nadam admiravelmente. Em repouso e na terra, exibem atitudes extremamente graciosas. Os antigos, observando sua fisionomia dócil, o olhar expressivo – como não poderia ser o olhar da mais bela mulher –, os olhos aveludados e límpidos, as poses encantadoras, e poetizando-os à sua maneira, metamorfoseavam os machos em tritões, e as fêmeas em sereias.

Assinalei a Conseil o considerável desenvolvimento dos lóbulos cerebrais nesses cetáceos inteligentes. Nenhum mamífero, exceto o homem, tem matéria cerebral mais rica. Logo, as focas são suscetíveis a

receber certa educação; elas são facilmente domesticáveis, e eu acredito, assim como alguns naturalistas, que, devidamente treinadas, poderiam prestar grandes serviços como cães de pesca.

A maioria delas dormia sobre os rochedos ou na areia. Entre as focas propriamente ditas, que não têm orelhas externas – diferindo, nesse aspecto, das otárias, cujas orelhas são salientes –, observei diversas variedades de estenorrincos de 3 metros de comprimento, pelagem branca, com cabeças de buldogue, armados com dez dentes em cada maxilar, quatro incisivos na parte superior e quatro na inferior, e dois grandes caninos cortados em forma de flor-de-lis. Entre eles, havia elefantes-marinhos, uma espécie de foca com tromba curta e móvel, gigantes da espécie, que, com uma circunferência de 6 metros, tinham 10 metros de comprimento. Eles não se moviam com nossa aproximação.

– Não são animais perigosos? – perguntou Conseil.

– Não – respondi –, a não ser que os ataquemos. Quando uma foca defende os filhotes, sua fúria é terrível, e não é incomum que ela destroce barcos de pescadores.

– Ele está em seu direito – respondeu Conseil.

– Não digo o contrário.

Duas milhas adiante, fomos bloqueados pelo promontório que protegia a baía contra os ventos do sul. Ele caía aprumado sobre o mar e espumava com a rebentação. Do outro lado, ecoavam rugidos

formidáveis, comparáveis a uma manada de ruminantes.

– Ora – disse Conseil –, seria um concerto de touros?

– Não – respondi –, um concerto das morsas.

– Elas estão brigando?

– Brigando ou brincando.

– Se o cavalheiro concordar, temos de ver isso.

– Temos sim, Conseil, e depressa.

E lá fomos nós, atravessando as rochas negras, no meio de deslizamentos inesperados e sobre pedras que o gelo tornava bastante escorregadias. Mais de uma vez, escorreguei sentindo o impacto em meus rins. Conseil, mais prudente ou mais sólido, não pestanejava e me levantava dizendo:

– Se o cavalheiro tiver a amabilidade de manter as pernas afastadas, conseguirá se equilibrar melhor.

Chegando ao cume superior do promontório, pude ver uma vasta planície branca coberta de morsas. Os animais brincavam entre si. Eram urros de alegria, não de raiva.

As morsas assemelham-se às focas na forma do corpo e na disposição dos membros. Mas faltam caninos e incisivos em sua mandíbula inferior, e os caninos superiores eram duas cerdas de 80 centímetros de comprimento, cujo alvéolo mede 33 centímetros de circunferência. Esses dentes, feitos de um marfim

compacto e sem estrias, mais duros que os dos elefantes e menos propensos ao amarelecimento, são muito cobiçados. Consequentemente, as morsas são submetidas a uma caça irrefletida que logo as levará à extinção, uma vez que os caçadores, assassinando indistintamente as fêmeas prenhas e as jovens, executam mais de 4 mil delas por ano.

Passando perto daqueles curiosos animais, eu podia examiná-los à vontade, pois eles não se incomodavam com nossa presença. Sua pele é grossa e rugosa, com um tom fulvo, puxado para o ruivo, e seu pelo é curto e ralo. Alguns chegavam a 4 metros de comprimento. Mais tranquilos e menos temerosos que seus congêneres do norte, não confiavam a sentinelas escolhidas a responsabilidade de vigiar as fronteiras de seu acampamento.

Depois de examinar aquela cidade das morsas, cogitei retornar. Eram 11 horas, e se o capitão Nemo encontrasse condições favoráveis para a observação, eu queria estar presente. No entanto, não esperava que o sol se mostrasse naquele dia. Nuvens compactas no horizonte mantinham-no longe de nossos olhos. Parecia que o ciumento astro não queria revelar aos seres humanos esse ponto inabordável do globo.

Ainda assim, pensava em regressar ao *Nautilus*. Seguimos por uma estreita trilha que beirava o penhasco. Às 11h30, chegamos ao local do desembarque. A embarcação tinha trazido o capitão à terra. Vi-o em pé sobre um bloco de basalto. Os instrumentos estavam perto dele, e seu olhar se fixava no horizonte do norte, onde o sol descrevia sua curva alongada.

Sentei-me ao lado dele e esperei calado. Ao meio-dia, assim como no dia anterior, o sol não apareceu.

Era uma fatalidade. Ainda não sabíamos nossa posição e, se isso não acontecesse no dia seguinte, teríamos de abdicar, de uma vez por todas, de calcular nossas coordenadas.

Com efeito, estávamos precisamente no dia 20 de março. No dia seguinte, 21, dia do equinócio, descontada a refração, o sol desapareceria sob o horizonte durante seis meses, e com seu desaparecimento começaria a longa noite polar. Desde o equinócio de setembro, ele emergira no horizonte setentrional, subindo por espirais alongadas até o dia 21 de dezembro. Nessa época, solstício de verão nas regiões boreais, ele tinha recomeçado sua descida, e no dia seguinte deveria lançar seus últimos raios.

Comuniquei minhas observações e preocupações ao capitão Nemo.

– Tem razão, senhor Aronnax – ele me disse –, se eu não conseguir medir a altura do sol amanhã, não vou ser capaz de retomar essa operação pelos próximos seis meses. Mas também, precisamente porque os acasos da minha navegação me trouxeram, no dia 21 de março, a estes mares, será fácil levantar nossa posição, se, ao meio-dia, o sol decidir aparecer.

– Por que, capitão?

– Porque quando o astro do dia descreve espirais tão alongadas, é difícil medir com precisão sua altura acima do horizonte, e os instrumentos são expostos a

erros graves.

– Como o senhor vai proceder, então?

– Usarei apenas meu cronômetro – ele respondeu. – Se amanhã, 21 de março, ao meio-dia, o disco do sol, levando em conta a refração, for cortado exatamente pelo horizonte do norte, significa que estou no Polo Sul.

– De fato – concordei. – Porém, essa afirmação não é rigorosa em termos matemáticos, porque o equinócio não necessariamente coincide com o meio-dia.

– Sem dúvida, senhor, mas o erro não será de 100 metros, e não precisamos no preocupar com ela. Até amanhã, então.

O capitão Nemo regressou a bordo. Conseil e eu permanecemos até 5 da tarde caminhando pela praia, observando e estudando. Eu não coletava objetos curiosos, exceto um ovo de pinguim, notável por seu tamanho, e pelo qual um colecionador teria pagado mais de mil francos. Sua coloração bege, as listras e os caracteres que o adornavam como hieróglifos, faziam dele um raro bibelô. Coloquei-o nas mãos de Conseil, e o prudente rapaz, pisando a passos firmes, segurava-o como uma preciosa porcelana chinesa, e chegou com ele intacto ao *Nautilus*.

Coloquei o ovo raro debaixo de uma das vitrines do museu. Comi com um enorme apetite um excelente pedaço de fígado de foca, cujo sabor lembrava carne de porco. Depois fui me deitar, não sem ter invocado, como um hindu, os favores do astro radiante.

No dia seguinte, 21 de março, às 5 da manhã, subi à plataforma e lá encontrei o capitão Nemo.

– O tempo está melhorando – disse ele. – Tenho esperança. Depois do café, vamos a terra escolher um posto de observação.

Depois de tudo decidido, fui ao encontro de Ned Land. Queria levá-lo comigo, mas o teimoso canadense se recusou a vir, e eu percebi que tanto seu ar taciturno como seu mau humor cresciam dia após dia. Mas, na ocasião, não lamentei sua teimosia. Na verdade, havia focas demais por lá, e não convinha submeter o indócil pescador àquela tentação.

Depois do café, fui ao continente. O *Nautilus* tinha subido mais algumas milhas durante a noite. Estava ao largo, a uma légua de distância do litoral dominado por um pico agudo que media entre 400 e 500 metros. O escaler levava comigo o capitão Nemo, dois homens da tripulação, e os instrumentos, isto é, um cronômetro, uma luneta e um barômetro.

Durante nossa travessia, vi inúmeras baleias que pertenciam às três espécies particulares dos mares austrais, a baleia franca, ou *right-wale* dos ingleses, que não tem nadadeira dorsal; a jubarte, baleinóptero de ventre plissado com longas nadadeiras esbranquiçadas, que, apesar do nome, não formam asas; e a baleia-comum, castanho-amarelada, o mais vívido dos cetáceos. Esse poderoso animal pode ser ouvido de longe quando lança a uma grande altura suas colunas de ar e vapor que se assemelham a turbilhões de fumaça. Esses diferentes mamíferos se agitavam em cardumes pelas águas tranquilas, e

compreendi que essa bacia do polo antártico agora servia de refúgio para os cetáceos intensamente perseguidos por caçadores.

Também notei longos cordões esbranquiçados de salpas, tipos de molusco agregado, e grandes medusas que se balançavam no vaivém das ondas.

Às 9 horas, atracamos. O céu começava a clarear. As nuvens seguiam para o sul e as brumas abandonavam a fria superfície das águas. O capitão Nemo foi até o pico onde provavelmente instalaria seu observatório. Foi uma subida penosa por pedras de lavas pontiagudas e púmices, no meio de uma atmosfera muitas vezes saturada pelas emanações sulfurosas das fumarolas. O capitão, para um homem desabituado a pisar na terra, escalava as encostas mais íngremes com uma flexibilidade e agilidade que eu não podia igualar, e que até um caçador de cabritos-monteses invejaria.

Demoramos duas horas para chegar ao topo do pico, metade pórfiro, metade basalto. De lá nossos olhos enlaçavam um vasto mar que, em direção ao norte, traçava claramente sua linha de demarcação contra o fundo do céu. A nossos pés, campos ofuscantes de brancura. Sobre nossas cabeças, um azul-claro, livre de bruma. Ao norte, o disco do sol como uma bola de fogo já ceifada pelo gume do horizonte. Do seio das águas subiam em magníficos feixes centenas de jatos líquidos. Ao longe, o *Nautilus*, como um cetáceo adormecido. Atrás de nós, em direção ao sul e ao leste, uma imensa terra, um amontoado caótico de rochedos e blocos de gelo a perder de vista.

O capitão Nemo, ao chegar ao topo do pico, calculou cuidadosamente sua altura por meio do barômetro, pois ele teria de levar isso em conta em sua observação.

Às 11h45, o sol, visto então somente pela refração, mostrou-se como um disco de ouro e espalhou seus últimos raios por aquele continente abandonado, por aqueles mares que o homem nunca tinha explorado.

O capitão Nemo, munido com uma luneta reticulada que, por meio de um espelho, corrigia a refração, observou o astro que desaparecia pouco a pouco na linha do horizonte em uma diagonal bem alongada. Eu segurava o cronômetro. Meu coração estava disparado. Se o desaparecimento do semidisco do sol coincidisse com o meio-dia do cronômetro, estávamos, então, no polo.

– Meio-dia! – gritei.

– O Polo Sul! – respondeu o capitão Nemo em voz baixa, entregando-me a luneta que mostrava o astro do dia precisamente cortado em duas partes iguais pelo horizonte.

Eu observava os últimos raios coroarem o pico e as sombras subirem gradualmente sobre as encostas.

Nesse momento, o capitão Nemo, apoiando a mão em meu ombro, disse-me:

– Senhor, em 1600, o holandês Gheritk, arrastado pelas correntes e pelas tempestades, chegou a 64° de latitude sul e descobriu New Shetland. No dia 17 de

janeiro de 1773, o ilustre Cook, seguindo o 38º meridiano, chegou à latitude 67° 30', e, em 30 de janeiro de 1774, no 109º meridiano, alcançou a latitude 71° 15'. Em 1819, o russo Bellinghausen chegou ao 69º paralelo, e, em 1821, ao 66º, a 111° de longitude oeste. Em 1820, o inglês Brunsfield deteve-se no 65º grau. No mesmo ano, Morrel, um norte-americano cujos relatos são duvidosos, ascendendo ao 42º meridiano, descobriu o mar aberto a 70° 14' de latitude. Em 1825, o inglês Powell não conseguiu ultrapassar o 62º grau. No mesmo ano, um simples pescador de focas, o inglês Weddel, atingiu 72° 14' de latitude no 35º meridiano, e 74° 15' no 36º. Em 1829, o inglês Forster, comandante do *Chanticleer*, tomava posse do continente antártico a 63° 26' de latitude e 66° 26' de longitude. Em 1º de fevereiro de 1831, o inglês Biscoë descobria a terra de Enderby a 68° 50' de latitude, em 5 de fevereiro de 1832, a terra de Adelaide a 67° de latitude, e, no dia 21 de fevereiro, a terra de Graham a 64° 45' de latitude. Em 1838, o francês Dumont d'Urville, parado pela banquisa de gelo a 62° 57' de latitude, avistou a terra de Luís Felipe; dois anos depois, em um novo ponto ao sul, ele batizava de Adélie a terra a 66° 30' em 21 de janeiro, e, oito dias depois, a 64° 40', a costa Clarie. Em 1838, o inglês Wilkes avançava até o 69º paralelo, no 100º meridiano. Em 1839, o inglês Balleny descobria a terra de Sabrina, no limite do círculo polar. Finalmente, em 12 de janeiro de 1842, o inglês James Ross, escalando o Érebo e o Terror, a 76° 56' de latitude e 171° 7' de longitude leste, encontrava a terra Victoria; no dia 23 do mesmo mês, ele chegava ao 74º paralelo, o ponto mais alto alcançado até então; no dia 27, ele foi a 76° 8', no dia 28, a 77° 32',

no dia 2 de fevereiro, a 78° 4’, e, em 1842, ele voltou para o 71º grau, que não conseguiu vencer. Pois bem! Eu, capitão Nemo, no dia 21 de março de 1868, cheguei ao Polo Sul no 92º grau, e tomo posse desta parte do globo que equivale ao sexto dos continentes reconhecidos.

– Em nome de quem, capitão?

– Em meu nome, senhor!

E, dizendo isso, o capitão Nemo exibiu uma bandeira negra que trazia um N de ouro esquartelado em estame. Então, dirigindo-se ao astro do dia, cujos últimos raios lambiam o horizonte marítimo, bradou:

– Adeus, sol! Desapareça, astro radioso! Deite-se sob esse mar livre, e deixe que uma noite de seis meses espalhe suas sombras sobre meu novo domínio.

Acidente ou incidente?

No dia seguinte, 22 de março, às 6 da manhã, os preparativos para a partida começaram. Os últimos raios do crepúsculo desvaneciam-se na noite e o frio era intenso. As constelações refulgiam com uma intensidade surpreendente. No zênite, brilhava o admirável Cruzeiro do Sul, a estrela polar das regiões antárticas.

O termômetro marcava 12 graus abaixo de zero, e quando o vento soprava forte, fustigava como um chicote. Os cubos de gelo se multiplicavam em mar aberto e o mar tendia a congelar por toda parte. Numerosas placas escuras, espalhadas pela superfície, anunciavam a próxima formação de gelo jovem. Evidentemente, a bacia austral, congelada durante os seis meses de inverno, estava inacessível por completo. O que acontecia às baleias durante esse tempo? Sem dúvida, iam para debaixo da banquisa à procura de mares mais navegáveis. Quanto às focas e morsas, acostumadas a viver nos climas mais severos, permaneciam nessas praias geladas. Esses animais têm o instinto de cavar buracos nos *icefields* e mantê-los sempre abertos. É nesses buracos que eles vêm

respirar; quando as aves, expulsas pelo frio, migram para o norte, esses mamíferos marinhos passam a ser os únicos soberanos do continente polar.

Nesse intervalo, os reservatórios de água tinham se enchido, e o *Nautilus* começava a descer lentamente e se estabilizou a uma profundidade de 300 metros. Sua hélice batia nas ondas e ele avançava direto para norte com uma velocidade de 15 milhas por hora. Ao anoitecer, já flutuava sob a enorme camada de gelo da banquisa.

As escotilhas do salão foram fechadas por precaução, pois o casco do *Nautilus* poderia colidir com algum bloco submerso. Mais uma vez, ocupei o dia passando minhas notas a limpo. Minha mente estava impregnada com as memórias do polo. Tínhamos chegado àquele ponto inacessível sem fadiga, sem perigo, como se nosso vagão flutuante deslizasse sobre os trilhos de uma via férrea. E agora, o regresso de fato começava. Será que ele ainda teria outras surpresas do tipo reservadas para mim? Pensava que sim, uma vez que a série de maravilhas submarinas é inesgotável! Ao longo dos cinco meses e meio em que o acaso tinha nos lançado a bordo, atravessamos 14 mil léguas, e durante esse percurso, mais extenso que o Equador terrestre, quantos incidentes curiosos ou terríveis tinham encantado nossa viagem: a caça nas florestas de Crespo, o encalhe no Estreito de Torres, o cemitério de coral, as pescas no Ceilão, o Túnel das Arábias, os vulcões de Santorini, os milhões da baía de Vigo, a Atlântida, o Polo Sul! Durante a noite, todas essas lembranças, passando de sonho em sonho, não deram trégua a meu cérebro.

Às 3 da manhã, fui acordado por um choque violento. Sentei na cama e tentava ouvir no meio da escuridão, quando de repente fui atirado para o meio do quarto. Obviamente, o *Nautilus* perdia o prumo depois de sofrer uma colisão.

Levantei me apoiando nas paredes e me arrastei pelos corredores até o salão iluminado. A mobília tinha sido derrubada. Felizmente, as vitrines, soldadas com firmeza no chão, tinham resistido. Os quadros a estibordo, sob o deslocamento da vertical, estavam colados às tapeçarias, enquanto os a bombordo se afastavam uns 30 centímetros delas pela borda inferior. Portanto, o *Nautilus* estava deitado a estibordo, e, além disso, completamente imóvel.

Ouvi barulhos de passos e vozes confusas, mas o capitão Nemo não apareceu. Quando eu estava prestes a deixar o salão, Ned Land e Conseil entraram.

– O que aconteceu? – perguntei de imediato.

– É o que vim perguntar ao cavalheiro – respondeu Conseil.

– Com mil diabos! – bradou o canadense. – Eu sei o que aconteceu! O *Nautilus* colidiu, e, a julgar pela inclinação lateral, acho que ele não se safa como da primeira vez, no Estreito de Torres.

– Mas pelo menos ele voltou à superfície? – perguntei.

– Não sabemos – respondeu Conseil.

– É fácil descobrir – eu disse.

Consultei o manômetro. Para minha surpresa, ele indicava uma profundidade de 360 metros.

– O que significa isso! – exclamei.

– É melhor perguntarmos ao capitão Nemo – respondeu Conseil.

– Mas onde o encontramos? – perguntou Ned Land.

– Sigam-me – pedi a meus dois companheiros.

Deixamos o salão. Na biblioteca, ninguém. Na escadaria central, no posto da tripulação, ninguém. Presumi que o capitão Nemo devia estar na cabine do timoneiro. Era melhor esperar. Nós três voltamos ao salão.

Não vou mencionar as recriminações do canadense, que tinha razões de sobra para se exaltar. Deixei que desabafasse seu mau humor sem lhe responder.

Estávamos havia 20 minutos tentando decifrar o menor barulho dentro do *Nautilus*, quando o capitão Nemo entrou. Pareceu não nos ver. Sua fisionomia, em geral tão impassível, revelava certa inquietude. Ele observou em silêncio a bússola, o manômetro, e veio colocar seu dedo em um ponto do planisfério, naquela parte que representava os mares austrais.

Não quis interrompê-lo. Apenas alguns minutos depois, quando ele se voltou para mim, perguntei, devolvendo uma frase que ele tinha usado no Estreito de Torres:

– Um incidente, capitão?

– Não, senhor – ele respondeu –, um acidente desta vez.

– Grave?

– Talvez.

– O perigo é iminente?

– Não.

– O *Nautilus* encalhou?

– Sim.

– E esse encalhe é resultado...?

– De um capricho da natureza, não da imperícia dos homens. Nenhuma falha foi cometida em nossas manobras. No entanto, o equilíbrio não pode ser impedido de ter seus efeitos. Podemos desafiar as leis humanas, não resistir às leis naturais.

Momento singular escolhido pelo capitão Nemo para se entregar àquela reflexão filosófica. Resumindo, sua resposta não esclarecia nada.

– Eu poderia saber, senhor, qual é a causa deste acidente?

– Um enorme bloco de gelo, uma montanha inteira desmoronou – ele respondeu. – Quando os *icebergs* são minados em sua base por águas mais quentes ou por repetidos impactos, seu centro de gravidade sobe. Então, eles se deslocam e provocam deslizamentos. Foi o que aconteceu. Um desses blocos, ao cair, atingiu o

Nautilus, que navegava sob a água. Então, deslizando sob seu casco e elevando-o com uma força descomunal, ele o trouxe de volta às camadas menos densas, onde agora está deitado sobre o flanco.

– Mas não podemos libertar o *Nautilus* esvaziando seus reservatórios para restaurar o equilíbrio?

– É o que está acontecendo neste exato momento, senhor. Pode ouvir as bombas funcionando. Observe o ponteiro do manômetro, ele indica que o *Nautilus* está ascendendo, mas o bloco de gelo está subindo com ele, e até que um obstáculo pare seu movimento ascendente, nossa situação não será alterada.

De fato, o *Nautilus* continuava deitado a estibordo. Sem dúvida, ele se endireitaria quando o bloco repousasse. Mas quem sabe se não teríamos atingido o topo da banquisa, se não estaríamos terrivelmente pressionados entre as duas superfícies geladas?

Eu pensava sobre todas as consequências daquela situação. O capitão Nemo continuava observando o manômetro. Desde a queda do *iceberg*, o *Nautilus* tinha subido cerca de 45 metros, mas ainda mantinha o mesmo ângulo com a perpendicular.

De repente, um ligeiro movimento foi sentido no casco. Evidentemente o *Nautilus* se endireitava um pouco. Os objetos pendurados no salão retomavam sensivelmente sua posição original, as paredes recuperavam a verticalidade. Ninguém falava. Com o coração angustiado, observávamos sua recuperação. O assoalho voltava à horizontal. Dez minutos se passaram.

– Finalmente, endireitamos! – exclamei.

– Sim – disse o capitão Nemo, dirigindo-se para a porta do salão.

– Mas vamos flutuar? – questionei.

– Certamente – ele respondeu –, uma vez que os reservatórios ainda não estão vazios, e que, quando esvaziados, farão o *Nautilus* subir à superfície do mar.

O capitão saiu e logo vi que, sob suas ordens, a ascensão do *Nautilus* tinha sido interrompida. Na verdade, em breve teria atingido a parte inferior da banquisa, por isso era preferível mantê-lo entre duas águas.

– Foi por pouco! – disse então Conseil.

– Sim. Poderíamos ter sido esmagados entre esses blocos de gelo, ou pelo menos ficado presos. E então, sem conseguir renovar o ar... Sim! Foi por pouco!

– Se é que acabou! – murmurou Ned Land.

Não quis entrar numa discussão inútil com o canadense, e não respondi. Aliás, naquele momento, as escotilhas foram abertas e a luz exterior rebentou através da vidraça desobstruída.

Estávamos em mar aberto, como eu disse, mas, a uma distância de 10 metros, em cada lado do *Nautilus*, subia uma muralha de gelo ofuscante. Em cima e embaixo, a mesma muralha. Em cima, porque a superfície inferior da banquisa se desenvolvia como um imenso teto. Embaixo, porque o bloco deslocado,

tendo deslizado pouco a pouco, havia encontrado nas paredes laterais dois pontos de apoio que o mantinham naquela posição. O *Nautilus* estava preso num verdadeiro túnel de gelo com cerca de 20 metros de largura, tomado por águas tranquilas. Portanto, não era difícil sair dali indo para a frente ou para trás, e então retomar, algumas centenas de metros abaixo, uma passagem livre sob a banquisa.

O teto luminoso havia se apagado, e ainda assim o salão mantinha uma luz intensa, porque a poderosa reverberação das paredes de gelo refletia violentamente o facho do fanal. Eu não saberia descrever o efeito dos raios voltaicos sobre aqueles grandes blocos caprichosamente recortados, em que cada ângulo, cada aresta, cada faceta, lançava uma luz diferente, de acordo com a natureza das veias que corriam dentro do gelo. Deslumbrante mina de pedras preciosas, especialmente safiras que cruzavam seus jatos azuis com o jato verde das esmeraldas. Aqui e ali, nuances opalinas de uma delicadeza infinita corriam em meio a pontos ardentes, como diamantes de fogo cujo brilho os olhos não podiam suportar. A potência do fanal era centuplicada como a de uma lâmpada, através das lâminas lenticulares de um potente farol.

– Como é bonito! Como é bonito! – exclamou Conseil.

– Sim! – respondi. – É um espetáculo maravilhoso. Não é verdade, Ned?

– Ora! Com mil diabos! Sim! – reagiu Ned Land. – É soberbo! Sou obrigado a concordar. Nunca se viu nada parecido. Mas esse espetáculo pode nos custar caro. E,

se querem saber, acho que vemos aqui coisas que Deus quis proibir aos olhos humanos!

Ned tinha razão. Era belo demais. De repente, um grito de Conseil chamou minha atenção.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Que o cavalheiro feche os olhos! Que o cavalheiro não olhe!

Dizendo isso, Conseil colocou as mãos sobre os olhos.

– Qual é o problema, meu rapaz?

– Estou ofuscado, estou cego!

Meu olhar se dirigiu involuntariamente para a vidraça, mas não pude suportar o fogo que a devorava.

Compreendi o que tinha acontecido. O *Nautilus* tinha acabado de aumentar sua velocidade. Todos os silenciosos fragmentos das muralhas de gelo tinham então se transformado em raios fulgurantes. Os fogos daquelas miríades de diamantes se misturavam, e o *Nautilus,* impulsionado por sua hélice, viajava em meio a um feixe de raios.

As escotilhas do salão foram fechadas. Mantínhamos as mãos sobre os olhos, encharcados pelo brilho concêntrico que flutuava diante de nossas retinas quando os raios do sol a castigavam violentamente. Foi preciso algum tempo para acalmar a confusão des nossos olhos.

Finalmente, depois de algum tempo, baixamos as

mãos.

– Por Deus, eu jamais teria acreditado – disse Conseil.

– E eu ainda não acredito! – respondeu o canadense.

– Quando regressarmos a terra – acrescentou Conseil –, cansados de tantas maravilhas da natureza, o que pensaremos desses míseros continentes e das ínfimas obras produzidas pelas mãos dos homens! Não, o mundo habitado já não é mais digno de nós!

Tais palavras na boca de um impassível flamengo mostram o grau de ebulição de nosso entusiasmo. Mas o canadense não deixou de atirar sua última gota de água fria.

– O mundo habitado! – disse, abanando a cabeça. – Não se preocupe, Conseil, não voltaremos!

Eram, então, 5 da manhã. Nesse momento, um choque ocorreu na proa do *Nautilus*. Percebi que seu esporão tinha atingido um bloco de gelo. Devia ter sido uma manobra errada, já que aquele túnel submarino, obstruído por blocos, não oferecia uma navegação fácil. Pensei que o capitão Nemo, mudando sua rota, contornaria os obstáculos ou seguiria as sinuosidades do túnel. Em qualquer caso, seu avanço tinha de continuar. Entretanto, ao contrário de minhas expectativas, o *Nautilus* adotou um movimento retrógrado bastante pronunciado.

– Estamos dando ré? – perguntou Conseil.

– Sim, respondi. O túnel não deve ter saída deste lado.

– E agora?...

– Agora – eu disse –, a manobra é bastante simples. Vamos refazer o trajeto e sairemos pela saída do sul. Só isso.

Falando assim, queria parecer mais confiante do que realmente estava. No entanto, o movimento retrógrado do *Nautilus* se acelerava, e navegando a contra-hélice, nos arrastava com grande velocidade.

– Será mais um atraso – disse Ned.

– O que importam algumas horas a mais ou a menos, desde que saiamos.

– Sim – repetiu Ned Land –, desde que saiamos!

Fui até a biblioteca. Meus companheiros, sentados, ficaram em silêncio. Eu logo me atirei sobre um divã e peguei um livro que meus olhos percorreram mecanicamente.

Quinze minutos depois, aproximando-se de mim, Conseil perguntou:

– É interessante o que o cavalheiro está lendo?

– Muito interessante – respondi.

– Eu acredito. É o livro do cavalheiro que o cavalheiro está lendo!

– Meu livro?

De fato, eu segurava a obra *As grandes profundezas*

submarinas e não tinha me dado conta disso. Fechei o livro e retomei minha caminhada. Ned e Conseil levantaram para se retirar.

– Fiquem, meus amigos – eu disse, retendo-os. – Vamos ficar juntos até sairmos desse impasse.

– Como o cavalheiro quiser – respondeu Conseil.

Algumas horas se passaram. A todo momento, eu observava os instrumentos pendurados nas paredes do salão. O manômetro indicava que o *Nautilus* se mantinha a uma profundidade constante de 300 metros; a bússola, que ele seguia sempre para o sul; a barquilha, que navegava a uma velocidade de 20 milhas por hora, o que é uma velocidade excessiva para um espaço tão estreito. Mas o capitão Nemo sabia que não podia se precipitar, e que, naquela situação, os minutos equivaliam a séculos.

Às 8h25, ocorreu um segundo choque. Dessa vez, na popa. Empalideci. Meus companheiros se aproximaram. Agarrei a mão de Conseil. Nós nos interrogávamos com os olhos, e mais diretamente do que se as palavras tivessem interpretado nosso pensamento.

Nesse momento, o capitão entrou no salão. Fui ter com ele.

– O caminho está bloqueado para o sul? – questionei.

– Sim, senhor. O *iceberg* virou e fechou todas as saídas.

– Estamos encurralados?

– Sim.

Falta de ar

Então, em torno do *Nautilus*, em cima e embaixo, havia uma parede impenetrável de gelo. Estávamos presos na banquisa! O canadense deu um sonoro soco em uma mesa. Conseil ficou em silêncio. Olhei para o capitão. Sua expressão tinha voltado à impassibilidade habitual. Ele cruzou os braços. Refletia. O *Nautilus* não se mexia mais.

O capitão tomou a palavra:

– Senhores – disse ele com uma voz calma –, há duas maneiras de morrer nas condições em que estamos.

Aquele personagem inexplicável parecia um professor de matemática fazendo uma demonstração para seus alunos.

– A primeira – continuou – é morrermos esmagados. A segunda é morrermos por asfixia. Não menciono a possibilidade de morrermos de fome, porque as provisões do *Nautilus* certamente vão durar mais que nós. Por isso, preocupemo-nos com as hipóteses de esmagamento ou asfixia.

– Quanto à asfixia, capitão – respondi –, ela não é uma preocupação, pois nossos tanques estão cheios.

– Fato – disse o capitão Nemo –, mas eles nos fornecem apenas mais dois dias de ar. Ora, estamos há 36 horas enfurnados dentro d'água, e a atmosfera pesada do *Nautilus* já precisa ser renovada. Dentro de 48 horas, nossa reserva estará esgotada.

– Pois bem! Capitão, temos de nos salvar dentro de 48 horas!

– Pelo menos vamos tentar, perfurando a parede que nos rodeia.

– De que lado? – perguntei.

– É o que a sonda nos dirá. Vou estacionar o *Nautilus* sobre o banco inferior, e meus homens, vestidos com seus escafandros, vão atacar o *iceberg* pela sua parede fina.

– Podemos abrir as escotilhas do salão?

– Não há nenhum inconveniente. Não estamos avançando.

O capitão Nemo saiu. Logo ouvi silvos que indicavam que a água estava entrando nos reservatórios. O *Nautilus* desceu lentamente e repousou no fundo do gelo a uma profundidade de 350 metros, profundidade na qual a parte inferior da banquisa estava submersa.

– Meus amigos – eu disse –, a situação é grave, mas conto com sua coragem e energia.

– Senhor – respondeu o canadense –, não é agora que vou aborrecê-lo com minhas recriminações. Estou disposto a fazer qualquer coisa pelo bem comum.

– Muito bem, Ned – agradeci, estendendo a mão ao canadense.

– Eu acrescentaria – continuou –, que como tenho com a picareta a mesma habilidade que tenho com o arpão, se eu puder ser útil ao capitão, estou à disposição dele.

– Ele não vai recusar sua ajuda. Venha, Ned.

Levei o canadense até a cabine onde os homens do *Nautilus* vestiam seus escafandros. Informei ao capitão a proposta de Ned, que foi aceita. O canadense vestiu seus trajes de mar e ficou pronto junto com os colegas de trabalho. Cada um deles carregava nas costas um aparelho Rouquayrol, abastecido com uma grande quantidade de ar puro. Considerável, mas necessário empréstimo feito à reserva do *Nautilus*. Quanto às lâmpadas Ruhmkorff, eram inúteis no meio daquelas águas luminosas e saturadas de raios elétricos.

Quando Ned se vestiu, voltei para o salão cujas vidraças estavam descobertas, e, postado perto de Conseil, examinei as camadas ambientes que sustentavam o *Nautilus*.

Alguns momentos depois, vimos uma dúzia dos homens da tripulação se posicionarem sobre o banco de gelo, e entre eles Ned Land, reconhecível pela altura. O capitão Nemo estava com eles.

Antes de prosseguir com a escavação das paredes, ele determinou a realização de sondagens para garantir a direção adequada do trabalho. Longas sondas foram inseridas nas paredes laterais; mas depois de 15 metros, elas ainda eram bloqueadas pela espessa muralha. Era inútil atacar a superfície do teto, já que se tratava da própria banquisa, que tinha mais de 400 metros de altura. O capitão Nemo então fez uma sondagem na superfície inferior. Ali, 10 metros de parede nos separavam da água. Essa era a espessura do *icefield*. Então, era necessário recortar um pedaço igual em superfície à linha de flutuação do *Nautilus*. Eram cerca de 6.500 metros cúbicos a romper, a fim de cavar um buraco através do qual atravessaríamos o campo de gelo.

O trabalho foi imediatamente iniciado e conduzido com uma incansável obstinação. Em vez de escavar em torno do *Nautilus*, o que teria acarretado maiores dificuldades, o capitão Nemo fez com que se desenhasse o contorno de um enorme fosso a 8 metros de sua alheta de bombordo. Depois, seus homens perfuraram simultaneamente em vários pontos da sua circunferência. Não tardou para que as picaretas atacassem vigorosamente o material compacto, e grandes blocos se soltaram do maciço. Por um efeito curioso de gravidade específica, esses blocos, menos pesados que a água, voaram, por assim dizer, pela abóbada do túnel, engrossando o topo à medida que diminuíam o fundo. Mas não importava, desde que a parede inferior ficasse mais fina.

Depois de duas horas de trabalho árduo, Ned Land voltou exausto. Ele e seus companheiros foram

substituídos por novos trabalhadores a quem Conseil e eu nos juntamos. O imediato do *Nautilus* era nosso líder.

A água pareceu-me singularmente fria, mas logo me aqueci ao manusear a picareta. Meus movimentos eram muito livres, embora estivesse sob uma pressão de 30 atmosferas.

Quando retornei, depois de duas horas de trabalho, para obter um pouco de comida e de descanso, encontrei uma notável diferença entre o fluido puro fornecido pelo aparelho Rouquayrol e a atmosfera do *Nautilus*, já carregada de gás carbônico. O ar não tinha sido renovado havia 48 horas, e suas qualidades revigorantes estavam consideravelmente enfraquecidas. Além disso, num período de 12 horas, tínhamos removido apenas uma fatia de 1 metro de gelo da área desenhada, ou seja, cerca de 600 metros cúbicos. Admitindo que o mesmo trabalho fosse feito a cada 12 horas, seriam necessários cinco noites e quatro dias para completar a tarefa.

– Cinco noites e quatro dias! – eu disse a meus companheiros. – E temos no reservatório ar para apenas mais dois dias.

– Sem contar – completou Ned – que uma vez livres desta maldita prisão, continuaremos presos sob a banquisa e sem nenhuma comunicação com a atmosfera!

Reflexão correta. Quem poderia, então, prever o tempo mínimo necessário para nossa libertação? Não seríamos asfixiados antes que o *Nautilus* pudesse voltar

à superfície das águas? Estava ele destinado a perecer naquele túmulo de gelo com todas as pessoas que transportava? A situação parecia terrível, mas todos a encaravam resolutos e estavam determinados a cumprir seu dever até o fim.

De acordo com minhas previsões, durante a noite, uma nova fatia de 1 metro teria sido removida do enorme alvéolo. Mas, pela manhã, quando eu já estava vestido com meu escafandro, percorri a massa líquida a uma temperatura de 6 a 7 graus abaixo de zero e notei que as paredes laterais estavam gradualmente se aproximando. As camadas de água distantes do fosso, que não eram aquecidas pelo trabalho dos homens e pelo jogo das ferramentas, tendiam a se solidificar. Na presença desse novo e iminente perigo, o que aconteceria com nossas chances de salvação, e como poderíamos evitar a solidificação do meio líquido, que teria triturado as paredes do *Nautilus* como vidro?

Não revelei esse novo perigo a meus dois companheiros. De que serviria arriscar a energia que eles empregavam na árdua tarefa de resgate? Mas, quando voltei a bordo, chamei a atenção do capitão Nemo para aquela grave complicação.

– Sei disso –, ele me disse no tom calmo que nem as mais terríveis conjunturas podiam abalar. – É um perigo a mais, porém não vejo como enfrentá-lo. A única chance de salvação é sermos mais rápidos que a solidificação. Trata-se de chegar primeiro. Só isso.

Chegar primeiro! Eu já devia ter me habituado àquele tipo de conversa!

Nesse dia, durante várias horas, manejei a picareta obstinadamente. Esse trabalho me dava certo alento. Além disso, trabalhar era deixar o *Nautilus*, era respirar diretamente o ar puro emprestado dos reservatórios e fornecido pelos aparelhos, era abandonar uma atmosfera empobrecida e viciada.

À noite, tínhamos cavado mais 1 metro do fosso. Quando voltei a bordo, quase fui asfixiado pelo gás carbônico que saturava o ar. Ah! Por que não tínhamos recursos químicos capazes de expulsar esse gás deletério! Não nos faltava oxigênio. Toda aquela água continha uma quantidade considerável de oxigênio e, decompondo-a com nossas poderosas pilhas, teríamos restaurado o fluido revigorante. Eu tinha considerado essa hipótese, mas de que serviria isso se o gás carbônico, produto de nossa respiração, já tinha invadido todas as partes do navio. Para absorvê-lo, teríamos de encher recipientes de potássio cáustico e agitá-los incessantemente. Ora, essa matéria era escassa a bordo e nada poderia substituí-la.

Naquela noite, o capitão Nemo teve de abrir as torneiras dos reservatórios e lançar algumas colunas de ar puro dentro do *Nautilus*. Sem tal precaução, não teríamos acordado.

No dia seguinte, 26 de março, retomei meu trabalho como mineiro, desbastando o quinto metro. As paredes laterais e a superfície inferior da banquisa espessavam-se visivelmente. Era óbvio que se juntariam antes que o *Nautilus* conseguisse se libertar. O desespero tomou conta de mim e minha picareta quase escapou de minhas mãos. De que servia cavar, se eu ia morrer sufocado, esmagado por aquela água

em forma de pedra, um suplício que nem a ferocidade dos selvagens tinha sido capaz de inventar? Parecia-me que estava entre as formidáveis mandíbulas de um monstro que se aproximava irresistivelmente.

Nesse momento, o capitão Nemo, supervisionando o trabalho ao mesmo tempo que trabalhava, passou perto de mim. Toquei-o com a mão e mostrei as paredes de nossa prisão. A parede de estibordo estava a menos de 4 metros do casco do *Nautilus*.

O capitão compreendeu e fez um sinal para que o seguisse. Retornamos a bordo. Tirei meu escafandro e fui com ele até o salão.

– Senhor Aronnax – disse-me ele –, temos de tentar alguns meios heroicos, ou seremos emparedados nessa água solidificada como cimento.

– Sim! – eu disse. – Mas que podemos fazer?

– Ah – lamentou –, se meu *Nautilus* fosse forte o suficiente para suportar essa pressão sem ser esmagado!

– O que aconteceria? – perguntei, sem compreender a ideia do capitão.

– O senhor não entende – disse ele – que o congelamento da água nos ajudaria? Não percebe que, com sua solidificação, rebentaria esses campos de gelo que nos aprisionam, como faz, ao congelar, rebentar as pedras mais duras? Não concorda que seria um agente de salvação em vez de um agente de destruição?

– Sim, capitão, talvez. Mas qualquer que seja a resistência do *Nautilus* ao esmagamento, ele não poderia suportar essa terrível pressão e seria achatado como uma folha de metal.

– Sei disso, senhor. Portanto, não podemos contar com a ajuda da natureza, mas apenas conosco. Precisamos combater essa solidificação. Temos de pará-la. Não só as paredes laterais estão se fechando, mas há somente 3 metros de água na frente ou atrás do *Nautilus*. O congelamento está nos tomando por todos os lados.

– Por quanto tempo o ar dos tanques nos permitirá respirar a bordo? – perguntei.

O capitão olhou-me nos olhos.

– Depois de amanhã – disse ele –, os tanques estarão vazios!

Um suor frio tomou conta do meu corpo. No entanto, deveria ficar surpreso com a resposta? Em 22 de março, o *Nautilus* tinha mergulhado sob as águas abertas do polo. Estávamos no dia 26. Vivíamos havia cinco dias com as reservas de bordo, e o que restava de ar respirável tinha de ser economizado para os trabalhadores! No momento em que escrevo sobre isso, minhas impressões ainda são tão vivas que um terror involuntário se apodera de todo o meu ser e tenho a sensação de que falta ar em meus pulmões!

Enquanto isso, o capitão Nemo refletia, silencioso, imóvel. Estava claro que uma ideia lhe passara pela cabeça, mas ele parecia rechaçá-la, respondia negativamente a si mesmo. Por fim, estas palavras lhe

escaparam dos lábios:

– Água fervendo!

– Água fervendo? – interroguei.

– Sim, senhor. Estamos confinados em um espaço relativamente pequeno. Os jatos de água fervente, constantemente injetados pelas bombas do *Nautilus*, não aumentariam a temperatura desse meio e atrasariam seu congelamento?

– Temos de tentar – eu disse com determinação.

– Vamos tentar, professor.

O termômetro marcava 7 graus negativos do lado fora. O capitão Nemo levou-me às cozinhas onde os grandes destiladores operavam, fornecendo água potável por evaporação. Eles eram carregados com água, e todo o calor elétrico das pilhas era lançado através das serpentinas banhadas pelo líquido. Em poucos minutos, a água tinha atingido os 100 graus. Ela foi direcionada para as bombas, enquanto uma nova água a substituía concomitantemente. O calor desenvolvido pelas pilhas era tal que a água fria retirada do mar, depois de apenas atravessar os dispositivos, chegava fervendo aos corpos da bomba.

A injeção começou, e, três horas depois, o termômetro marcava externamente 6 graus abaixo de zero. Era um grau conquistado. Duas horas depois, o termômetro marcava apenas 4 graus.

– Nós venceremos – eu disse ao capitão, depois de ter

seguido e monitorado por diversas vezes o progresso da operação.

– Penso que sim – ele respondeu. – Não seremos esmagados. Agora só precisamos temer a asfixia.

Durante a noite, a temperatura da água subiu para um grau abaixo de zero. As injeções não conseguiram elevá-la mais que isso. Mas como o congelamento da água do mar só ocorre a dois graus negativos, pude enfim ficar tranquilo em relação aos perigos da solidificação.

No dia seguinte, 27 de março, 6 metros de gelo tinham sido arrancados do alvéolo. Restavam apenas 4 metros para serem removidos, o que correspondia a mais 48 horas de trabalho. O ar não podia mais ser renovado dentro do *Nautilus* e o dia piorava cada vez mais.

Uma pressão intolerável me dominava. Por volta das 3 da tarde, esse sentimento de angústia cresceu violentamente dentro de mim. Bocejos deslocavam-me as mandíbulas, meus pulmões ofegavam procurando pelo fluido oxidante, indispensável à respiração, e que estava se tornando cada vez mais escasso. Um torpor moral apoderou-se de mim. Estava esticado, sem força, quase sem sentidos. Meu valente Conseil, tomado pelos mesmos sintomas, sofrendo os mesmos sofrimentos, não me abandonava. Ele pegava minha mão, encorajava-me, e ainda o conseguia ouvir sussurrar:

– Ah! Se ao menos eu não precisasse respirar para deixar mais ar para o cavalheiro!

As lágrimas me vinham aos olhos ao ouvi-lo falar assim.

Se a situação de todos nós era intolerável do lado de dentro, com que pressa, com que felicidade vestíamos nossos escafandros para trabalhar em nossos turnos! As picaretas ressoavam sobre a camada de gelo. Os braços se cansavam, as mãos se esfolavam, mas o que importavam esses cansaços e essas feridas? O ar vital chegava a nossos pulmões! Respirávamos! Respirávamos!

Contudo, ninguém prolongava seu trabalho sob as águas para além do tempo necessário. Tarefa cumprida, cada um passava aos companheiros ofegantes o reservatório que devia lhes insuflar a vida. O capitão Nemo dava o exemplo sendo o primeiro a se submeter a essa severa disciplina. Quando chegava a hora, cedia seu aparelho a alguém e voltava à atmosfera viciada de bordo, sempre calmo, sem uma vacilação, sem um murmúrio.

Naquele dia, o trabalho habitual foi realizado com ainda mais vigor. Restavam apenas 2 metros a serem removidos em toda a superfície. Somente 2 metros nos separavam do mar livre, mas os reservatórios de ar estavam quase vazios. O pouco que restava tinha de ser guardado para os trabalhadores. Nem um átomo para o *Nautilus*!

Quando voltei a bordo, sofri com a falta de ar. Que noite! Eu seria incapaz de descrevê-la, pois tamanho sofrimento não pode ser descrito. No dia seguinte, minha respiração estava oprimida. As dores de cabeça misturavam-se com vertigens que me faziam parecer

um homem embriagado. Meus companheiros experimentavam os mesmos sintomas; alguns membros da tripulação se queixavam.

Naquele dia, o sexto de nossa prisão, o capitão Nemo, julgando a pá e a picareta muito lentas, resolveu triturar a camada de gelo que ainda nos separava da camada líquida. Aquele homem mantinha seu sangue-frio e sua energia, domava a dor física com sua força moral, pensava, maquinava, agia.

A uma ordem sua, a embarcação foi aliviada, ou seja, soerguida da camada congelada por uma mudança de gravidade específica. Quando flutuou, foi manobrada de forma a deslocar-se para cima do enorme fosso desenhado de acordo com sua linha de flutuação. Então, quando seus reservatórios de água foram completados, ela desceu e se encaixou no alvéolo.

Nesse instante, toda a tripulação voltou a bordo e a dupla porta de comunicação foi fechada. O *Nautilus* então repousou sobre a camada de gelo que tinha menos de 1 metro de espessura e que as sondas haviam perfurado em mil lugares.

As torneiras dos reservatórios foram abertas e uma centena de metros cúbicos de água se precipitaram, aumentando o peso do *Nautilus* em cem toneladas.

Esperamos, escutamos, esquecemo-nos de nossos sofrimentos e mantivemos a esperança. Nossa salvação estava ancorada naquela tentativa.

Apesar dos zumbidos que enchiam minha cabeça, logo ouvi tremores sob o casco do *Nautilus*. Ocorreu um

desnivelamento, o gelo rachou com um estrondo peculiar, como o do papel rasgando, e o *Nautilus* desceu.

– Passamos! – Conseil murmurou ao meu ouvido.

Não consegui responder. Agarrei-lhe a mão e pressionei-a num frêmito
involuntário.

De repente, levado pela sua descomunal sobrecarga, o *Nautilus* afundou como um projétil debaixo d’água, ou seja, caiu como se estivesse em um vácuo!

Em seguida, toda a força elétrica foi colocada nas bombas, que imediatamente começaram a empurrar a água para fora dos reservatórios. Depois de alguns minutos, nossa queda foi interrompida. Logo, o manômetro indicou um movimento ascensional e a hélice, movendo-se a toda velocidade, fez trepidar o casco de metal até seus rebites e nos conduziu para o norte.

Mas quanto tempo duraria essa navegação da banquisa até o mar aberto? Mais um dia? Eu já estaria morto!

Deitado sobre um divã na biblioteca, eu sufocava. Meu rosto estava roxo, meus lábios azuis, minhas faculdades suspensas. Eu não enxergava nem ouvia mais. A noção de tempo tinha desaparecido de minha mente e meus músculos não conseguiam se contrair.

Não saberia precisar quantas horas permaneci assim, mas tinha consciência da agonia que me era

incipiente. Percebi que ia morrer...

De repente, recuperei os sentidos. Alguns sopros de ar entraram em meus pulmões. Tínhamos voltado à superfície? Havíamos vencido a banquisa?

Não! Eram Ned e Conseil, meus dois corajosos amigos, que se sacrificavam para me salvar. Alguns átomos de ar ainda permaneceram no fundo de um aparelho. Em vez de o respirarem, guardaram-no para mim, e, enquanto sufocavam, vertiam-me a vida, gota a gota! Tentei repelir o dispositivo. Eles seguraram minhas mãos e, por alguns instantes, respirei com volúpia.

Meus olhos se voltaram para o relógio. Eram 11 da manhã. Devíamos estar no dia 28 de março. O *Nautilus* navegava com uma rapidez assustadora de 64 quilômetros por hora e se contorcia dentro da água.

Onde estava o capitão Nemo? Teria sucumbido? Seus companheiros teriam morrido com ele?

Nesse momento, o manômetro indicou que estávamos a apenas 6 metros da superfície. Uma simples camada de gelo nos separava da atmosfera. Não seria possível rompê-la?

Talvez! Em todo caso, o *Nautilus* faria sua tentativa. Senti, de fato, que ele assumia uma posição oblíqua, baixando a popa e elevando o esporão. Um filete de água seria suficiente para romper seu equilíbrio. Depois, impulsionado por sua poderosa hélice, atacou o *icefield* por baixo como um poderoso aríete. Ele o rachava pouco a pouco, recuava, colidia a toda a velocidade contra o campo que se rompia, e

finalmente, propelido por um impulso supremo, lançou-se sobre a superfície congelada que esmagou com seu peso.

A escotilha foi aberta, ou melhor, quase arrancada, e o ar puro fluiu em todas as partes do *Nautilus*.

Do Cabo Horn ao Amazonas

Não me lembro como cheguei à plataforma. Talvez o canadense me tivesse levado até lá. O fato é que eu respirava, inalava o ar revigorante do mar, e meus dois companheiros embebedavam-se, perto de mim, com as frescas moléculas de oxigênio. Os infelizes, há muito tempo privados de comida, não podem se atirar irrefletidamente sobre os primeiros alimentos que lhes são oferecidos. Nós, ao contrário, não tínhamos por que nos moderar, podíamos aspirar os átomos da atmosfera a plenos pulmões, e era a brisa, a própria brisa, que derramava sobre nós aquela embriaguez voluptuosa!

– Ah! – fez Conseil. – Como é bom o oxigênio! Que o cavalheiro não hesite em respirar. Há o suficiente para todo mundo.

Quanto a Ned Land, não falava, mas abria o maxilar com uma abertura de assustar um tubarão. E que potentes aspirações! O canadense “resfolegava” como uma estufa em combustão.

Recuperamos prontamente nossas forças, e, quando olhei em volta, vi que estávamos sozinhos na plataforma. Nenhum homem da tripulação, nem mesmo o capitão Nemo. Os estranhos marinheiros do *Nautilus* se contentavam com o ar que circulava no interior e ninguém tinha vindo se deleitar em plena atmosfera.

As primeiras palavras que eu disse foram palavras de agradecimento e gratidão a meus dois companheiros. Ned e Conseil tinham prolongado minha existência durante as últimas horas daquela longa agonia. Toda a minha gratidão não seria suficiente para recompensar tamanha devoção.

– Bem, professor – Ned Land respondeu –, não vale a pena falar sobre isso! Que mérito tivemos? Nenhum. Era só uma questão de aritmética. Sua existência vale mais que a nossa, por isso era necessário conservá-la.

Não, Ned – eu disse –, ela não vale mais. Ninguém é melhor que um homem generoso e bom como você!

– Está bem! Está bem! – repetiu o canadense envergonhado.

– E você, meu corajoso Conseil, também sofreu muito.

– Não muito, para ser sincero com o cavalheiro. Faltou-me o fôlego algumas vezes, mas acho que poderia sobreviver. Além disso, eu olhava para o cavalheiro que estava prestes a desmaiar e isso não me fazia querer respirar. Isso me cortava, como dizem, a respir...

Conseil, envergonhado por estar falando banalidades, não terminou sua frase.

– Meus amigos – respondi muito comovido –, estamos unidos para sempre, e vocês têm direitos sobre mim...

– Dos quais irei abusar – retrucou o canadense.

– O quê?! – fez Conseil.

– Sim – prosseguiu Ned Land –, o direito de levá-lo comigo quando sair desse infernal *Nautilus*.

– A propósito – disse Conseil –, estamos na direção certa?

– Sim – eu disse –, já que estamos indo para o lado do sol, e aqui o sol fica ao norte.

– Sem dúvida – disse Ned Land –, mas falta saber se nos dirigimos ao Pacífico ou ao Atlântico, ou seja, aos mares habitados ou desertos.

Para isso eu não tinha resposta, e temia que o capitão Nemo preferisse nos levar de volta àquele vasto oceano que banha ao mesmo tempo as costas da Ásia e da América. Dessa forma, ele completaria sua volta ao mundo submarino e retornaria aos mares onde o *Nautilus* encontrava sua mais completa independência. Mas, se regressássemos ao Pacífico, longe de qualquer terra habitada, o que seria dos planos do Ned Land?

Em pouco tempo, esse importante ponto seria esclarecido. O *Nautilus* avançava rapidamente. O círculo polar foi logo cruzado, e o curso foi definido na direção do promontório de Horn. No dia 31 de

março, às 7 da noite, chegamos à ponta norte-americana.

Então, todos os nossos sofrimentos passados foram esquecidos. A memória daquela prisão no gelo desaparecia de nossas mentes e só pensávamos no futuro. O capitão Nemo não aparecia nem no salão nem na plataforma. As coordenadas registradas diariamente no planisfério pelo imediato me permitiam saber a direção exata do *Nautilus*. Ora, naquela noite ficou claro, para minha grande satisfação, que voltávamos para o norte pela rota do Atlântico.

Informei ao canadense e a Conseil os resultados de minhas observações.

– Boas notícias – respondeu o canadense –, mas para onde vai o *Nautilus*?

– Não sei dizer, Ned.

– Seu capitão, depois do Polo Sul, enfrentaria o Polo Norte e regressaria ao Pacífico pela famosa passagem do Noroeste?

– Não devemos desafiá-lo – respondeu Conseil.

– Pois bem! – disse o canadense. – Vamos fugir antes.

– Em todo caso – acrescentou Conseil –, é um verdadeiro mestre esse capitão Nemo, e não nos arrependeremos de tê-lo conhecido.

– Especialmente quando o deixarmos! – retrucou Ned Land.

No dia seguinte, 1º de abril, quando o *Nautilus* subiu à superfície das ondas, alguns minutos antes do meio-dia, avistamos uma costa a oeste. Era a Terra do Fogo, à qual os primeiros navegadores deram esse nome quando viram a fumaça que se levantava das cabanas indígenas. Essa Terra do Fogo forma uma vasta aglomeração de ilhas que se estendem por 30 léguas de comprimento e 80 léguas de largura, entre 53° e 56° de latitude austral, e 67° 50' e 77° 15' de longitude oeste. A costa parecia baixa, mas ao longe despontavam altas montanhas. Pensei inclusive ter vislumbrado o monte Sarmiento, bloco de xisto com 2.070 metros de altura, com um cume escarpado, que, se está coberto de nuvens ou completamente descoberto, "anuncia se o tempo está bom ou ruim", disse Ned Land.

– Um excelente barômetro, meu amigo.

– Sim, senhor, um barômetro natural, que nunca me enganou quando eu navegava pelas passagens do Estreito de Magalhães.

No momento, o cume aparecia claramente recortado contra o fundo do céu. Era um presságio de bom tempo que se tornou realidade.

O *Nautilus*, que tinha submergido novamente, aproximou-se da costa e prolongou-a a apenas alguns quilômetros de distância. Pelas vidraças do salão, pude ver longas lianas e gigantescos fucos, algas peliculosas das quais o mar livre do polo continha algumas amostras; com seus filamentos viscosos e polidos, mediam até 300 metros de comprimento; verdadeiros cabos, maiores que o polegar, muito

resistentes, são muitas vezes usadas como linhas de amarração nos navios. Outra erva, conhecida como *velp*, com folhas de pouco mais de 1 metro de comprimento, incrustada nas concreções coralígenas, atapetava os fundos. Elas serviam de ninho e de alimento para miríades de crustáceos e moluscos, caranguejos e sibas. Ali, focas e lontras faziam esplêndidas refeições, misturando carne de peixe e vegetais do mar, segundo o método inglês.

O *Nautilus* passava por cima daqueles fundos gordurosos e exuberantes com extrema rapidez. Ao anoitecer, aproximou-se do arquipélago das Malvinas, cujos picos pude avistar no dia seguinte. A profundidade do mar era medíocre. Por isso pensei, não sem razão, que aquelas duas ilhas, rodeadas por um grande número de ilhotas, tinham feito parte das terras de Magalhães. As Malvinas foram provavelmente descobertas pelo célebre John Davis, que lhes deu o nome de Davis Southern Islands. Mais tarde, Richard Hawkins as chamou de Maiden Islands, Ilhas da Virgem. Elas foram, em seguida, chamadas de Malvinas, no início do século XVIII, por pescadores de Saint-Malo, e, finalmente, de Falkland pelos ingleses, a quem pertencem atualmente.

Naquelas paragens, nossas redes trouxeram belos espécimes de algas marinhas, e especialmente certo fuco cujas raízes estavam carregadas de mexilhões considerados os melhores do mundo. Gansos e patos atacavam às dúzias a plataforma e logo fizeram as honras das refeições a bordo. Quanto aos peixes, observei especialmente os ósseos pertencentes ao gênero dos gobioides, e o caboz-negro, de 2

decímetros de comprimento, pontilhado com manchas esbranquiçadas e amarelas.

Eu admirava igualmente as numerosas medusas e as mais belas do gênero, as crisaores, peculiares dos mares das Malvinas. Elas ora assumiam o formato de uma umbela semiesférica bastante lisa, riscada com linhas de um marrom-avermelhado e terminada em 12 festões regulares; ora transformavam-se em uma cesta virada para baixo, da qual escapavam graciosamente grandes folhas e compridos ramos vermelhos. Nadavam agitando seus quatro braços foliculosos e deixavam à deriva sua opulenta cabeleira de tentáculos. Eu gostaria de ter guardado algumas amostras desses delicados zoófitos; mas, fora de seu elemento natural, eles são apenas nuvens, sombras, aparências que se fundem e evaporam.

Quando as últimas montanhas das Malvinas desapareceram no horizonte, o *Nautilus* mergulhou entre 20 e 25 metros e seguiu a costa americana. O capitão Nemo não apareceu.

Até o dia 3 de abril, não saímos das paragens da Patagônia, ora sob a superfície do oceano, ora sobre ela. O *Nautilus* atravessou o largo estuário formado pela foz do Rio da Prata e chegou, em 4 de abril, perto do Uruguai, mas a 50 milhas da costa. Sua direção permanecia ao norte, e ele seguia as extensas sinuosidades da América do Sul. Tínhamos, então, percorrido 16 mil léguas desde nosso embarque nos mares do Japão.

Por volta das 11 horas da manhã, o Trópico de Capricórnio foi cortado no 37º meridiano, e passamos

ao largo de Cabo Frio.

O capitão Nemo, para desgosto de Ned Land, não gostava da vizinhança dessas costas habitadas do Brasil, e impunha-nos uma velocidade vertiginosa. Nem um peixe, nem uma ave, por mais rápido que fosse, conseguiria nos seguir, e as curiosidades naturais daqueles mares escaparam a toda observação.

Essa velocidade foi mantida por vários dias, e, na noite de 9 de abril, avistamos a ponta mais oriental da América do Sul, que forma o Cabo de São Roque. Então, o *Nautilus* se afastou novamente e foi procurar um vale submarino nas maiores profundezas, que ficam entre esse cabo e Serra Leoa, na costa africana. O vale se bifurca na altura das Antilhas e termina no norte em uma enorme depressão de 9 mil metros. Nessa região, o corte geológico do oceano apresenta, até as Pequenas Antilhas, uma falésia de 6 quilômetros cortada perpendicularmente, e, na altura das Ilhas de Cabo Verde, outra muralha, não menos considerável, que circunscreve todo o continente submerso da Atlântida. O solo desse imenso vale é acidentado por algumas montanhas, que dão aspectos pitorescos a esses fundos marinhos. Refiro-me a isso sobretudo com base nos mapas manuscritos que encontrei na biblioteca do *Nautilus*, mapas, naturalmente, feitos à mão pelo capitão Nemo com base em suas observações pessoais.

Durante dois dias, essas águas desertas e profundas foram visitadas por meio dos planos inclinados. O *Nautilus* fazia estirões diagonais longos que o levavam a percorrer todos os níveis. Mas, em 11 de abril, ele subiu de repente e a terra reapareceu para nós na foz

do Rio Amazonas, um vasto estuário cuja vazão é tão intensa que dessaliniza o mar num espaço de muitas léguas.

Havíamos atravessado o Equador. Vinte milhas a oeste estavam as Guianas, terras francesas em que teríamos facilmente encontrado refúgio. Mas o vento soprava uma grande brisa, e as ondas furiosas não teriam permitido que uma simples canoa as afrontasse. Ned Land certamente compreendeu a situação, porque não falou comigo. Quanto a mim, não fiz alusão alguma a seus planos de fuga, pois não queria forçá-lo a nenhuma tentativa, que teria sido infalivelmente abortada.

Compensei com facilidade esse atraso por meio de interessantes estudos. Durante esses dois dias, 11 e 12 de abril, o *Nautilus* permaneceu na superfície do mar, e sua rede de arrasto trouxe uma milagrosa pesca de zoófitos, peixes e répteis.

Alguns zoófitos ficaram presos às tramas da rede. Eram, em sua maioria, belas anêmonas pertencentes à família dos actinídeos, e, entre outras espécies, *Phyctalis protexta*, nativa dessa parte do oceano; um pequeno tronco cilíndrico, adornado com listras verticais e pontilhados vermelhos, coroado por um maravilhoso penacho de tentáculos. Quanto aos moluscos, consistiam de produtos que eu já tinha observado: turritelas; olivas *porphyria*, com linhas regularmente entrecruzadas, cujas manchas avermelhadas se destacavam acentuadamente em um fundo cor de carne; pteróceras extravagantes, semelhantes a escorpiões petrificados; híalas translúcidas; argonautas; sibas muito saborosas; e

algumas espécies de lulas, que os naturalistas da Antiguidade classificavam entre os peixes voadores, e que servem principalmente como isca para a pesca do bacalhau.

Dos peixes dessas áreas que eu ainda não tinha tido a oportunidade de estudar, notei várias espécies. Entre os cartilaginosos: lampreias-dos-rios, um tipo de enguia com 30 centímetros de comprimento, cabeça esverdeada, nadadeiras violeta, dorso cinza-azulado, ventre marrom e prateado, pintalgado com pontos chamativos, íris dos olhos envoltas em dourado, curiosos animais que a Corrente do Amazonas arrasta para o mar, porque eles habitam as águas doces; raias tuberculadas com focinho pontudo, cauda longa e desvinculada, armadas com um grande aguilhão denteado; pequenos esqualos de 1 metro, de pele cinza e esbranquiçada, cujos dentes, distribuídos em várias carreiras, são curvados para trás, e vulgarmente conhecidos pelo nome de "pantufas"; lófios-vespertílios, tipos de triângulo isósceles avermelhados de 0,5 metro, nos quais os peitorais formam prolongações carnudas que lhes dão o aspecto de morcegos, mas cujo apêndice córneo, situado perto das narinas, deu-lhes o apelido de unicórnios marinhos; enfim, algumas espécies de balistas, o curassaviano, cujos flancos pontilhados refletem uma intensa cor dourada, e o *capriscus* violeta, com nuances furta-cor, como o papo de um pombo.

Termino aqui essa relação um pouco seca, mas bastante precisa, com a série de peixes ósseos que observei: ituís-cavalos, pertencentes ao gênero dos apteronotídeos, cujo focinho é obtuso e branco como a

neve, o corpo tingido de um belo preto e munidos com um látego carnudo bastante longo e solto; odontagnatos espinhosos, compridas sardinhas de 3 decímetros, resplandecendo um brilho prateado; escômbridas-guarea com duas nadadeiras anais; centronotos-negros, com tons de preto, pescados com archotes, peixes com 2 metros de comprimento, de carne gordurosa, branca, firme, e que, frescos, têm o mesmo gosto da enguia, e secos, o do salmão defumado; labros avermelhados, cobertos de escamas apenas na base das nadadeiras dorsal e anal; crisópteros sobre os quais o ouro e a prata misturam seu brilho com os do rubi e do topázio; sargos-rabo-de-ouro, cuja carne é extremamente delicada e que têm propriedades fosforescentes capazes de enganar os olhos no meio das águas; sargos-pobs, de língua fina e tom alaranjado; cienas-coro com cauda dourada; acanturos-escuros; anablepídeos do Suriname etc.

Esse “*et cetera*” não me impede de citar um peixe de que Conseil se lembrará durante muito tempo, e por boas razões.

Uma de nossas redes trouxe uma espécie de raia muito achatada que, com a cauda cortada, formaria um disco perfeito, e que pesava cerca de 20 quilos. Ela era branca embaixo, avermelhada em cima, com grandes manchas redondas em azul escuro e circuladas de preto e tinha uma pele muito lisa, que terminava com uma nadadeira bilobada. Estendida sobre a plataforma, ela se debatia, tentava virar-se com movimentos convulsivos, e fez tanto esforço que um sobressalto a precipitaria de volta ao mar. Mas Conseil, que prezava seu peixe, pulou sobre ela antes

que eu pudesse impedi-lo, e agarrou-a com as duas mãos.

Imediatamente, ele foi virado de cabeça para baixo, com as pernas para o ar, com a metade do corpo paralisada e gritando:

– Ah! Patrão, patrão! Acuda-me!

Era a primeira vez que o pobre rapaz não se dirigia a mim “na terceira pessoa”.

O canadense e eu o levantamos e o massageamos energicamente com nossas mãos. Quando recuperou os sentidos, o eterno classificador murmurou com voz entrecortada:

– Classe dos cartilaginosos, ordem dos condropterígios, brânquias fixas, subordem dos seláquios, família das raias e gênero dos torpedos!

– Sim, meu amigo – eu disse –, foi um torpedo que o colocou nesse estado deplorável.

– Ah! O cavalheiro pode acreditar em mim – disse Conseil –, eu me vingarei desse animal.

– E de que modo?

– Comendo-o.

O que ele fez na mesma noite, mas por pura retaliação porque, francamente, era uma carne fibrosa.

O infeliz Conseil tinha atacado um torpedo da mais perigosa espécie, a cumana. Esse animal bizarro, em

um ambiente condutor como a água, fulmina os peixes a metros de distância, tão mortífero é o poder de seu órgão elétrico cujas duas superfícies principais chegam a medir 2,5 metros quadrados.

Em 12 de abril, durante o dia, o *Nautilus* se aproximou da costa holandesa em direção à foz do Maroni. Lá viviam como uma família vários grupos de manatins. Eram manatins que, como o dugongo e o peixe-boi, pertencem à ordem dos sirênios. Esses belos, pacíficos e inofensivos animais, com 6 a 7 metros de comprimento, deviam pesar pelo menos 4 toneladas. Expliquei a Ned Land e Conseil que a previdente natureza atribuiu a esses mamíferos um papel importante. São eles que, como as focas, têm de pastar nas pradarias submarinas e destruir as aglomerações de ervas que obstruem a foz dos rios tropicais.

– E vocês sabem – acrescentei – o que aconteceu desde que os homens aniquilaram quase completamente essas raças úteis? Pois bem, as algas putrefatas envenenaram o ar, e, com o ar envenenado, a febre amarela está devastando essas admiráveis regiões. As vegetações venenosas se multiplicaram sob esses mares tórridos, e a doença se alastrou irresistivelmente da foz do Rio da Prata até a Flórida.

E, se confiarmos em Toussenel, esse flagelo ainda não é nada perto do que atingirá nossos descendentes, quando os mares estiverem despovoados de baleias e focas. Então, congestionados de polvos, medusas e lulas, eles se tornarão grandes focos de infecção, uma vez que seus córregos não mais possuirão “esses vastos estômagos que Deus tinha encarregado de limpar a superfície dos mares”.

Contudo, sem desdenhar de tais teorias, a tripulação do *Nautilus* capturou meia dúzia de manatins. Tratava-se, de fato, de abastecer as despesas com uma excelente carne, superior à da vaca e à da vitela. A caçada não foi interessante. Os manatins deixam-se capturar sem se defender e toneladas de carne, destinadas a virarem carne seca, foram armazenadas a bordo.

Naquele dia, uma pescaria singular veio aumentar ainda mais as reservas do *Nautilus*, tão férteis eram aqueles mares. A rede capturou com suas tramas certa quantidade de peixes cuja cabeça terminava em uma placa oval com rebordos carnudos. Eram esqueneídeos da terceira família dos malacopterígios sub-bráquios. Seu disco achatado é composto de lâminas cartilaginosas transversais móveis entre as quais o animal pode operar no vácuo, permitindo-lhe aderir a objetos como se fosse uma ventosa.

A rêmora, que eu havia observado no Mediterrâneo, pertence a essa mesma espécie. Mas aquela com que estávamos lidando era uma esqueneídea osteófita, particular desses mares. À medida que as capturavam, nossos marinheiros depositavam-nas em reservatórios cheios d’água.

Quando a pesca terminou, o *Nautilus* se aproximou da costa. Ali, certa quantidade de tartarugas-marinhas dormia boiando na superfície das ondas. Teria sido difícil capturar esses preciosos répteis, pois o menor ruído os desperta, e sua sólida carapaça é à prova de arpão. Mas o esqueneídeo devia realizar essa operação com extraordinária segurança e precisão. Esse animal é, na verdade, um anzol vivo, que faria a felicidade e a

fortuna do pescador ingênuo de caniço.

Os homens do *Nautilus* amarraram à cauda desses peixes uma argola larga o suficiente para não dificultar seus movimentos, e a essa argola, uma longa corda ancorada a bordo pela outra extremidade.

Os esqueneídeos, jogados ao mar, imediatamente fizeram seu papel e foram se fixar ao plastrão das tartarugas. Sua tenacidade era tamanha que prefeririam morrer a se deixar capturar. Eles eram novamente içados a bordo, e com eles vinham as tartarugas a que aderiam.

Com esse procedimento, capturamos diversas cauanas de 1 metro e que pesavam 200 quilos. Seu casco, revestido com grandes placas córneas finas, transparentes e castanhas, com manchas brancas e amarelas, tornava esses animais ainda mais valiosos. Além disso, eles eram excelentes do ponto de vista comestível, bem como as tartarugas-francas, que têm um sabor requintado.

Essa pesca encerrou nossa temporada pelo Amazonas, e à noite o *Nautilus* regressou ao mar aberto.

Os polvos

Durante alguns dias, o *Nautilus* se afastou constantemente da costa norte-
-americana. Ele obviamente não queria atravessar as águas do Golfo do México ou do Mar do Caribe. No entanto, não teria faltado água sob sua quilha, uma vez que a profundidade média desses mares é de 1.800 metros; mas, provavelmente, aquelas paragens, repletas de ilhas e frequentadas por *steamers*, não convinham ao capitão Nemo.

Em 16 de abril, avistamos os departamentos Martinica e Guadalupe, a uma distância de cerca de 30 milhas, e vi por um momento seus pítons elevados.

O canadense, que planejava implementar seus projetos no golfo, quer alcançando um pedaço de terra, quer acostando uma das muitas balsas que fazem a cabotagem de uma ilha para a outra, ficou muito desapontado. A fuga teria sido muito praticável se Ned Land tivesse conseguido se apossar do escaler sem o conhecimento do capitão. Mas, em pleno oceano, era impensável.

O canadense, Conseil e eu tivemos uma longa conversa sobre esse assunto. Fazia seis meses que éramos prisioneiros a bordo do *Nautilus*. Tínhamos percorrido 17 mil léguas, e, como dizia Ned Land, não havia razão para que aquilo terminasse. Então, ele me fez uma proposta inesperada. Que eu perguntasse categoricamente ao capitão Nemo: “O capitão pretende nos manter a bordo indefinidamente?”.

Tal proposta me repugnava. Além disso, ela não teria sucesso. Não se podia esperar nada do comandante do *Nautilus*, mas tudo de nós mesmos. Além disso, já havia algum tempo, esse homem se tornara mais sombrio, mais reservado, menos sociável, e parecia me evitar. Eu só o encontrava em raras ocasiões. Outrora, ele gostava de me explicar as maravilhas submarinas; agora ele me deixava sozinho com meus estudos e não vinha mais ao salão.

Que mudança teria acontecido com ele? Por que razão? Eu não tinha feito nada de errado. Talvez nossa presença a bordo fosse um fardo para ele? No entanto, não devíamos esperar que um homem como ele nos libertasse.

Então, pedi a Ned que me deixasse pensar antes de agir. Se a tentativa não funcionasse, poderia reacender suas suspeitas, tornar nossa situação penosa e minar os planos do canadense. Acrescento que não estava em questão alegar problemas de saúde. Exceto pelas dificuldades na banquisa do Polo Sul, nunca tínhamos estado melhor, nem Ned, nem Conseil, nem eu. A alimentação saudável, a atmosfera salubre, a regularidade da rotina, a uniformidade de temperatura não davam chance a doenças, e, para um homem a

quem as memórias da terra não deixaram nenhuma saudade, para um capitão Nemo, que está em casa, que vai para onde quer, que por rotas misteriosas para os outros, mas não para ele, caminha até seu objetivo, eu entendia tal existência. Mas nós não tínhamos rompido com a humanidade. Quanto a mim, não queria enterrar comigo meus estudos tão curiosos e tão novos. Eu agora tinha o direito de escrever o verdadeiro livro sobre o mar, e queria que ele viesse a público o quanto antes.

Enquanto isso, mais uma vez, nas águas das Antilhas, a 10 metros da superfície, pelas escotilhas abertas, quantas espécies interessantes pude registrar em minhas anotações diárias! Havia, entre outros zoófitos, cigarras-do-mar, conhecidas pelo nome de fisálias-pelágicas, espécie de grandes bexigas oblongas com reflexos nacarados, retesando sua membrana ao vento e deixando flutuar seus tentáculos azuis como fios de seda; medusas encantadoras para os olhos, verdadeiras urtigas que destilam um líquido corrosivo ao serem tocadas. Entre os articulados, anelídeos com 1,5 metro de comprimento, dotados de uma tromba cor-de-rosa e com 1.700 órgãos locomotores que serpenteavam sob as águas, exibindo em sua passagem todos os tons do espectro solar. No ramo dos peixes, raias-mobulas, enormes cartilaginosos de 10 metros de comprimento e pesando quase 300 quilos, com uma nadadeira peitoral triangular, o centro das costas um pouco abaulado, olhos fixos nas extremidades da face anterior da cabeça, e que, flutuando como um destroço de navio, por vezes grudavam em nossa janela como uma persiana opaca. Havia também balistas norte-americanos, para os quais a natureza só

reservou o branco e o preto; gobioides plumários, compridos e carnudos, com nadadeiras amarelas e mandíbulas proeminentes; escômbridas de 16 decímetros, com dentes curtos e afiados e cobertas com pequenas escamas, pertencentes à espécie albacora. Também, em bandos, surgiram salmonetes espartilhados de listras douradas da cabeça à cauda, agitando suas resplandecentes nadadeiras – verdadeiras obras-primas outrora consagradas a Diana, particularmente procuradas pelos ricos romanos, cujo provérbio dizia: “Não as come quem as apanha!”. Finalmente, pomacantos dourados, adornados com tiras cor de esmeralda, vestidos de veludo e seda, que passavam diante de nossos olhos como senhores de Veronese; sargos espinhosos fugiam com suas velozes nadadeiras torácicas; sáveis de 40 centímetros se envolviam em seus próprios brilhos fosforescentes; tainhas fustigavam o mar com suas grandes caudas carnudas; coregonídeos vermelhos pareciam ceifar as ondas com seu peitoral bem desenhado; peixes-galo, dignos de seu nome, pululavam no horizonte das águas como raios de luar.

Quantas amostras maravilhosas e novas eu teria observado, se o *Nautilus* não tivesse descido gradualmente até as camadas profundas! Seus planos inclinados o levaram a profundidades entre 2 mil e 3,5 mil metros, onde a vida animal era representada apenas por crinoides, estrelas-do-mar, charmosos pentacrinos com cabeça de medusa, cuja haste direita sustentava um pequeno cálice, troquídeos, conchas-sangrentas e fissurelas, moluscos costeiros de grande espécie.

No dia 20 de abril, retornamos a uma altura média de 1,5 mil metros. A terra mais próxima era o arquipélago das Ilhas Lucaias, disseminadas como paralelepípedos sobre a superfície das águas. Havia altos penhascos submarinos, muralhas verticais feitas de blocos desgastados e dispostos em camadas entre as quais se viam grutas, que nossos raios elétricos não iluminavam até o fundo.

As rochas estavam cobertas com gramíneas altas, laminárias gigantes, fucos gigantescos, uma verdadeira espaldeira de hidrófitas digna de um mundo de Titãs.

Das plantas colossais de que falávamos, Conseil, Ned e eu, passamos naturalmente à citação das monstruosas criaturas marinhas. Algumas são naturalmente destinadas a alimentar outras. No entanto, pelas janelas do *Nautilus*, quase imóvel, eu só conseguia distinguir nesses longos filamentos os principais articulados da divisão dos braquiúros, lampreias de patas compridas, caranguejos violáceos e clios peculiares aos mares das Antilhas.

Era perto das 11 horas quando Ned Land chamou minha atenção para uma formidável agitação que se produzia entre as grandes algas marinhas.

– Ora! São cavernas de polvos – expliquei –, e eu não ficaria surpreso de ver alguns desses monstros.

– O quê!? – fez Conseil. – Lulas, simples lulas da classe dos cefalópodes?

– Não – eu disse –, polvos de grande dimensão. Mas o

amigo Land deve ter se enganado, porque não consigo ver nada.

– Que pena – lamentou Conseil. – Eu gostaria de contemplar cara a cara um desses polvos de que tanto ouvi falar e que dizem poder arrastar navios para as profundezas dos abismos. Essas bestas são chamadas de krak...

– *Craca* é suficiente – respondeu ironicamente o canadense.

– Krakens – completou Conseil, terminando a frase sem dar atenção à piada do companheiro.

– Nunca conseguirão me convencer de que tais animais existem – disse Ned Land.

– Por que não? – perguntou Conseil. – Não acreditamos no narval do cavalheiro?

– Eu estava equivocado, Conseil.

– Sem dúvida! Mas outros provavelmente ainda acreditam nisso.

– É provável, Conseil, mas, quanto a mim, estou determinado a só admitir a existência desses monstros quando dissecá-los com minhas próprias mãos.

– Então – disse-me Conseil –, o cavalheiro não acredita em polvos gigantes?

– Ora! Quem algum dia já acreditou neles? – exclamou o canadense.

– Muitas pessoas, amigo Ned.

– Não os pescadores. Cientistas, talvez!

– Desculpe, Ned. Pescadores e cientistas!

– Mas eu, que lhes falo – disse Conseil no tom mais sério do mundo –, lembro-me perfeitamente de ter visto uma grande embarcação arrastada em meio às ondas pelos braços de um cefalópode.

– Você viu isso mesmo? – perguntou o canadense.

– Sim, Ned.

– Com seus próprios olhos?

– Com meus próprios olhos.

– Onde, por favor?

– Em Saint-Malo – disse Conseil, imperturbável.

– No porto? – ironizou Ned Land.

– Não, em uma igreja – Conseil respondeu.

– Em uma igreja! – exclamou o canadense.

– Sim, amigo Ned. Era um quadro que representava o tal polvo!

– Ora essa! – fez Ned Land, caindo na risada. – O senhor Conseil me pegou direitinho!

– Na verdade, Conseil tem razão. Já ouvi falar desse quadro, mas o tema que ele representa é tirado de

uma lenda, e vocês sabem o que se pensa das lendas em termos de história natural! Além disso, quando se trata de monstros, a imaginação só precisa divagar. Não só se afirmou que esses polvos podiam arrastar navios, mas certo Olaüs Magnus fala de um cefalópode de 1 milha de comprimento, que parecia mais uma ilha que um animal. Dizem também que o bispo de Nidros uma vez ergueu um altar sobre uma rocha enorme. Quando a missa acabou, a rocha começou a se mover e voltou para o mar. A rocha era um polvo.

– E é só isso? – perguntou o canadense.

– Não – respondi. – Outro bispo, Pontoppidan de Berghem, também falou de um polvo sobre o qual seria possível manobrar um regimento de cavalaria!

– Eles não andavam bem da cabeça, esses bispos de antigamente! – disse Ned Land.

– Por fim, os naturalistas da Antiguidade citam monstros cuja boca parecia um golfo, e que eram grandes demais para passar pelo Estreito de Gibraltar.

– Era o que me faltava! – fez o canadense.

– Mas, em todas essas narrativas, o que há de verdadeiro? – perguntou Conseil.

– Nada, meus amigos, pelo menos nada que vá além do limite de plausibilidade e mereça chegar ao status de fábula ou lenda. No entanto, na imaginação dos contadores de histórias, deve haver uma causa, ou pelo menos um pretexto. Não se pode negar que existem polvos e lulas de espécies muito grandes,

ainda que inferiores aos cetáceos. Aristóteles auferiu as dimensões de uma lula de 5 côvados, ou 3,10 metros. Nossos pescadores se deparam frequentemente com alguns de mais de 1,80 metro de comprimento. Os museus de Trieste e de Montpellier preservam esqueletos de polvos de 2 metros de comprimento. Além disso, de acordo com os cálculos dos naturalistas, um desses animais, com apenas 1,80 metro de comprimento, teria tentáculos de 27 metros, o que é suficiente para criar um monstro descomunal.

– Eles ainda são pescados hoje em dia? – perguntou o canadense.

– Se não os pescam, pelo menos os marinheiros os veem. Um amigo meu, o capitão Paul Bos, do Havre, afirmou diversas vezes ter encontrado um desses monstros colossais nos mares da Índia. Mas o fato mais surpreendente, que já não permite negar a existência desses animais gigantescos, ocorreu há alguns anos, em 1861.

– Que fato é esse? – perguntou Ned Land.

– Vou lhes contar. Em 1861, no nordeste de Tenerife, próximo da latitude onde estamos agora, a tripulação do *Alecton* avistou uma lula monstruosa nadando em suas águas. O comandante Bouguer aproximou-se do animal e atacou-o com arpões e tiros de fuzil, sem muito sucesso, pois balas e arpões atravessaram aquela carne macia como uma gelatina sem consistência. Após várias tentativas fracassadas, a tripulação conseguiu passar uma corda ao redor do corpo do molusco. Essa corda escorregou até as nadadeiras caudais e parou. Tentaram, então, içar o

monstro a bordo, mas seu peso era tão grande que ele se separou de sua cauda sob a tração da corda, e, privado desse ornamento, desapareceu sob as águas.

– Enfim um fato – disse Ned Land.

– Um fato indiscutível, meu bravo Ned. Foi por isso que propuseram chamar esse polvo de “octopus Bouguer”.

– E qual era seu tamanho? – perguntou o canadense.

– Por acaso não tinha cerca de 6 metros? – interveio Conseil que, posicionado na vidraça, examinava as anfractuosidades do penhasco.

– Precisamente – respondi.

– Sua cabeça – prosseguiu Conseil – não era coroada com oito tentáculos, que se debatiam sobre a água como um ninho de serpentes?

– Precisamente.

– Seus olhos, situados na frente da cabeça, não tinham um desenvolvimento considerável?

– Sim, Conseil.

– E sua boca não era um verdadeiro bico de papagaio, mas um bico formidável?

– De fato, Conseil.

– Pois bem! Com todo o respeito pelo cavalheiro – Conseil prosseguiu calmamente –, se não é o octopus

Bouguer, aqui está, pelo menos, um de seus irmãos.

Olhei para Conseil. Ned Land se precipitou para a vidraça.

– A besta pavorosa! – ele gritou.

Olhei também e não consegui conter um gesto de repulsa. Diante de meus olhos, estava um monstro horrível, digno de lendas teratológicas.

Era uma lula de dimensões colossais, com 8 metros de comprimento. Ela se movia para trás com extrema velocidade na direção do *Nautilus* e olhava fixamente com seus enormes olhos de tom glauco.

Seus oito braços, ou melhor, seus oito pés, implantados na cabeça, que deram a esses animais o nome de cefalópodes, mediam o dobro de seu corpo e se retorciam como a cabeleira das Fúrias. As 250 ventosas dispostas na face interna desses tentáculos, em forma de cápsulas semiesféricas, eram facilmente distinguíveis. Às vezes, essas ventosas grudavam nas vidraças do salão produzindo vácuos. A boca desse monstro – um bico córneo parecido com o bico de um papagaio – abria e fechava verticalmente. Sua língua, substância igualmente córnea, ela própria armada com várias fileiras de dentes afiados, saía da boca vibrando como uma autêntica cisalha. Que excentricidade da natureza! Um bico de pássaro em um molusco! Seu corpo, fusiforme e inchado na região medial, formava uma massa carnuda que devia pesar entre 20 e 25 toneladas. Sua cor inconstante, que mudava com extrema rapidez de acordo com a irritação do animal, passava sucessivamente do cinza-claro ao castanho-

avermelhado.

O que será que irritava o molusco? Provavelmente, a presença do *Nautilus*, mais formidável que ele, e sobre o qual seus braços sugadores ou suas mandíbulas não surtiam efeito algum. Mas que verdadeiros monstros são esses polvos, que vitalidade o Criador lhes deu, que vigor em seus movimentos, graças a seus três corações!

O acaso nos havia colocado diante daquela lula, e eu não queria perder a oportunidade de estudar com cuidado a amostra de cefalópode. Superei o horror de sua aparência, e, pegando num lápis, comecei a desenhá-lo.

– Pode ser o mesmo que o de Alecton – disse Conseil.

– Não – respondeu o canadense –, uma vez que este está inteiro e o outro perdeu a cauda!

– Isso não seria uma razão – respondi. – Os tentáculos e a cauda desses animais se reconstroem por regeneração, e, em sete anos, a cauda do octopus Bouguer certamente teve tempo de se regenerar.

– De qualquer forma – rebateu Ned –, se não é ele, talvez seja um deles!

De fato, outros polvos apareceram na vidraça de estibordo. Contei sete. Eles seguiam em procissão na direção do *Nautilus*, e eu ouvia os guinchos de seus bicos sobre o casco metálico. Estávamos bem servidos.

Continuei meu trabalho. Os monstros se mantinham

em nossas águas com tanta precisão que pareciam imóveis, e eu podia tê-los decalcado sobre o vidro, pois seguíamos num ritmo moderado.

De repente, o *Nautilus* parou. Um choque o fez sacudir toda a sua estrutura.

– Será que encalhamos? – perguntei.

– Em todo o caso – o canadense respondeu –, já nos desvencilhamos, pois voltamos a flutuar.

O *Nautilus* de fato flutuava, mas não avançava mais. As pás de sua hélice não batiam nas ondas. Um minuto se passou. O capitão Nemo, seguido por seu imediato, entrou no salão.

Não o via havia algum tempo. Ele pareceu-me lúgubre. Sem falar conosco, sem talvez nos ver, foi até a escotilha, olhou para os polvos e disse algumas palavras ao imediato, que logo saiu. As escotilhas foram fechadas novamente. O teto se acendeu.

Fui ter com o capitão.

– Uma curiosa coleção de polvos – disse-lhe no tom displicente que qualquer amador usaria diante do cristal de um aquário.

– De fato – senhor naturalista, ele respondeu –, e vamos enfrentá-los corpo a corpo.

Olhei para o capitão. Pensei ter ouvido mal.

– Corpo a corpo? – repeti.

– Sim, senhor. A hélice está parada. Acho que as mandíbulas córneas de uma dessas lulas ficaram presas em suas pás, o que nos impede de avançar.

– E o que o senhor vai fazer?

– Subir à superfície e massacrar esses trastes.

– Tarefa difícil.

– Realmente. As balas elétricas são impotentes contra essa carne macia onde não encontram resistência suficiente para rebentar. Mas vamos atacá-los com machados.

– E com o arpão, senhor – disse o canadense –, se não recusar minha ajuda.

– Aceito, mestre Land.

– Nós o acompanhamos – eu disse, e, seguindo o capitão Nemo, dirigimo-nos para a escadaria central.

Lá, cerca de dez homens, armados com machados, estavam prontos para o ataque. Conseil e eu pegamos dois machados. Ned Land agarrou um arpão.

O *Nautilus* foi, então, levado à superfície. Um dos marinheiros, nos últimos degraus, desenroscava os parafusos do alçapão. Mas assim que as porcas foram retiradas, o alçapão saiu com extrema violência, certamente sugado pela ventosa de um tentáculo de polvo.

Imediatamente, um desses longos tentáculos deslizou como uma serpente através da abertura, e outros 20 se

agitaram acima de nós. Com um golpe de machado, o capitão Nemo cortou esse tentáculo formidável, que escorregou pelos degraus se contorcendo.

Enquanto nos espremíamos para chegar à plataforma, dois outros tentáculos, cortando o ar, caíram sobre o marinheiro que se encontrava na frente do capitão Nemo e o arrebataram com uma violência irresistível.

O capitão Nemo lançou um grito e foi para o lado de fora. Corremos atrás dele.

Que cena! O infeliz, agarrado pelo tentáculo e preso às ventosas, era chacoalhado no ar ao bel-prazer daquela enorme tromba. Ele esbravejava, sufocava, gritava: "Socorro! Socorro!". Essas palavras, pronunciadas em francês, causaram-me um profundo estupor! Então, eu tinha um compatriota a bordo, vários, talvez! Aquele apelo dilacerante ecoará em meus ouvidos pelo resto da minha vida!

O infeliz estava perdido. Quem poderia tirá-lo daquele tentáculo poderoso? Mas o capitão Nemo correu para o polvo, e, com um golpe de machado, decepou-lhe outro tentáculo. Seu imediato lutou com raiva contra outros monstros que rastejavam nos flancos do *Nautilus*. A tripulação lutava com golpes de machado. O canadense, Conseil e eu arriscávamos nossas armas sobre aquelas massas carnudas. Um forte cheiro de almíscar impregnava a atmosfera. Era horrível.

Por um momento, pensei que o infeliz, enlaçado pelo polvo, seria aspirado por sua poderosa sucção. Sete dos oito tentáculos foram cortados. Apenas um, brandindo a vítima como uma pena, se contorcia no

ar. Mas quando o capitão Nemo e seu imediato se precipitaram sobre ele, o animal expeliu uma coluna de um líquido negro, secretado por uma bolsa situada em seu abdome. Ficamos completamente cegos. Quando essa nuvem se dissipou, o polvo tinha desaparecido, e com ele meu infeliz compatriota!

Que raiva nos impeliu então contra aqueles monstros! Não nos controlávamos mais. Dez ou 12 polvos tinham invadido a plataforma e os flancos do *Nautilus*. Rolávamos desordenadamente no meio daqueles pedaços de serpentes que se contorciam sobre a plataforma em meio a águas tingidas de sangue e de tinta preta. Parecia que aqueles viscosos tentáculos renasciam como as cabeças da hidra. O arpão de Ned Land, a cada golpe, mergulhava nos olhos glaucos dos polvos e os perfurava. Mas meu corajoso companheiro foi subitamente derrubado pelos tentáculos de um monstro que ele não tinha conseguido evitar.

Ah! Não sei como meu coração não se rompeu com tamanha emoção e horror! O formidável bico da lula tinha-se aberto sobre Ned Land e esse infeliz estava prestes a ser cortado ao meio. Precipitei-me em seu socorro. Mas o capitão Nemo havia me precedido. Seu machado desapareceu entre as duas enormes mandíbulas, e milagrosamente salvo, o canadense, levantando-se, mergulhou todo o seu arpão no triplo coração do polvo.

– Eu lhe devia essa! – disse o capitão Nemo ao canadense.

Ned curvou-se sem responder.

O combate tinha durado 15 minutos. Os monstros vencidos, mutilados, golpeados até a morte, finalmente cederam e desapareceram sob as ondas.

O capitão Nemo, vermelho de sangue, imóvel perto do fanal, olhou para o mar que tinha engolido um de seus companheiros, e grandes lágrimas lhe correram pela face.

A Corrente do Golfo

Nenhum de nós jamais esquecerá a terrível cena do dia 20 de abril. Escrevi-a sob violenta emoção. Em seguida, revisei o relato. Li-o para Conseil e para o canadense, que o consideraram preciso como fato, mas insuficiente como narrativa literária. Para retratar cenas como aquela, seria preciso a pluma do mais ilustre de nossos poetas, o autor de *Os trabalhadores do mar*[21].

Eu disse que o capitão Nemo chorava enquanto observava as ondas. Sua dor era imensa. Era o segundo companheiro que perdia desde que chegamos a bordo. E que morte! Aquele amigo, esmagado, sufocado, triturado pelo formidável tentáculo de um polvo, moído por suas mandíbulas de ferro, não iria repousar com os companheiros nas águas serenas do cemitério de coral!

Quanto a mim, o que despedaçou meu coração foi o grito de desespero do infeliz no meio da luta. Aquele pobre francês, esquecendo o dialeto convencionado entre eles, tinha recorrido à língua de seu país e de sua mãe para lançar um apelo supremo! Entre os

tripulantes do *Nautilus*, associados de corpo e alma ao capitão Nemo, escapando como ele do contato dos homens, eu tinha então um compatriota! Seria ele o único a representar a França naquela misteriosa organização, obviamente composta de indivíduos de diferentes nacionalidades? Era um dos problemas insolúveis que desafiava incessantemente meu espírito!

O capitão Nemo entrou em seu quarto, e não o vi mais durante algum tempo. Como ele devia estar triste, desesperado, desolado, a julgar por esse navio do qual ele era a alma e que absorvia todos os seus sentimentos! O *Nautilus* já não se mantinha mais em uma direção fixa. Ele ia e vinha flutuando como um cadáver à mercê das ondas. A hélice tinha sido limpa, mas ele mal se servia dela e navegava ao acaso. Não conseguia se desvencilhar do cenário de sua última luta, daquele mar que devorara um dos seus!

Dez dias se passaram. Foi apenas em 1º de maio que o *Nautilus* retomou sua navegação em direção ao norte, depois de ter passado pelas Lucaias ao largo do Canal das Bahamas. Seguimos então a corrente do mais extenso "rio marítimo", que tem suas próprias margens, seus próprios peixes e sua própria temperatura. Identifiquei-a como sendo a Corrente do Golfo.

Essa corrente é um rio, de fato, que corre livremente no meio do Atlântico, e suas águas não se misturam com as do oceano. É um rio salgado, mais salgado que o mar circundante; sua profundidade média é de 900 metros e sua largura é mais ou menos de 60 milhas. Em determinados lugares, sua corrente flui a uma

velocidade de 4 quilômetros por hora, e o volume constante de suas águas é maior que o de todos os rios do globo juntos.

A verdadeira fonte da Corrente do Golfo, localizada pelo comandante Maury, seu ponto de partida por assim dizer, está localizada no Golfo de Biscaia. Lá, suas águas, ainda fracas em temperatura e cor, começam a se formar. Ela desce para o sul, corre ao largo da África equatorial, aquece suas águas com os raios da zona tórrida, atravessa o Atlântico, atinge o Cabo São Roque na costa brasileira e se bifurca em duas ramificações, uma das quais vai saturar-se novamente com as moléculas quentes do Mar das Antilhas. Então, a Corrente do Golfo, responsável por restaurar o equilíbrio entre as temperaturas e misturar as águas dos trópicos com as águas boreais, assume seu papel de mediadora. Aquecida até o limite no Golfo do México, sobe para o norte pelas costas norte-americanas, avança para a Terra Nova, faz um desvio sob a pressão da corrente fria do Estreito de Davis, retoma o curso do oceano seguindo por um dos grandes círculos do globo, a linha loxodrômica, e divide-se em dois braços nas proximidades do 43º grau. Um deles, ajudado pelo alísio nordeste, volta para o Golfo da Gasconha e para os Açores; o outro, depois de ter aquecido as costas da Irlanda e da Noruega, vai além do Spitzberg, onde sua temperatura cai para 4 graus, e forma o mar livre do polo.

Era nesse rio do oceano que o *Nautilus* navegava. Na sua saída do Canal das Bahamas, com 14 léguas de largura e 350 metros de profundidade, a Corrente do Golfo flui a uma velocidade de 8 quilômetros por

hora. Essa velocidade diminui regularmente à medida que avança para o norte, e espera-se que essa regularidade persista, pois, se, como foi salientado, sua velocidade e sua direção mudarem, os climas europeus ficarão sujeitos a desequilíbrios cujas consequências são incalculáveis.

Por volta do meio-dia, fui à plataforma com Conseil. Eu lhe explicava sobre as particularidades da Corrente do Golfo e, quando minha explicação terminou, convidei-o a mergulhar as mãos na corrente.

Conseil obedeceu e ficou muito surpreso por não experimentar nenhuma sensação de calor ou frio.

– Isso se deve ao fato de que a temperatura das águas da Corrente do Golfo, saindo do Golfo do México, é semelhante à do sangue. Essa Corrente do Golfo é um vasto calorífero que permite às costas da Europa se adornarem com uma eterna vegetação. E, se acreditarmos em Maury, o calor dessa corrente, se totalmente utilizado, forneceria calorias suficientes para manter em fusão um rio de ferro fundido tão grande como o Amazonas ou o Missouri.

Naquele momento, a velocidade da Corrente do Golfo era de 2,25 metros por segundo. Sua corrente é tão distinta do mar circundante que suas águas comprimidas se projetam sobre o oceano, criando um desnivelamento entre elas e as águas frias. Escuras e muito ricas em substâncias salinas, elas contrastam seu puro anil com as correntes verdes que as rodeiam. A nitidez de sua linha divisória é tamanha que o *Nautilus*, na altura das Carolinas, rasgou com seu esporão as águas da Corrente do Golfo, enquanto sua

hélice ainda girava nas do oceano.

Essa corrente trazia consigo um mundo inteiro de seres vivos. Os argonautas, tão comuns no Mediterrâneo, viajavam por ela em numerosos cardumes. Entre os cartilaginosos, os mais notáveis eram as raias, cuja cauda esfiapada ocupava cerca de um terço do corpo e estampava vastos losangos de 7,5 metros de comprimento; pequenos esqualos de 1 metro, com cabeça grande, focinho curto e arredondado, dentes pontiagudos dispostos em várias fileiras, e corpo que parecia revestido de escamas.

Entre os peixes ósseos, identifiquei labros-grisões, peculiares desses mares; sargos-synagrops cuja íris brilhava como o fogo; cienas com 1 metro de comprimento e uma grande boca forrada de pequenos dentes, que emitiam leves grunhidos; centronotos-negros, de que já falei; corifenídeos-azuis, com detalhes dourados e prateados; peixes-papagaios, verdadeiros arco-íris do oceano, que podem rivalizar em cores com as mais belas aves dos trópicos; blênios-bosquianos de cabeça triangular; *rhombus* azulados desprovidos de escamas; batracóides cobertos com uma faixa amarela e transversal que forma um teta grego; formigueiros de pequenos gobiões pontilhados de manchas marrons; dipterodontes de cabeça prateada e cauda amarela; várias amostras de salmões; tainhas de silhueta esbelta, com um brilho sutil que Lacépède dedicou à amável companheira de sua vida; e, finalmente, um belo peixe, o cavaleiro-americano, que, condecorado com todas as ordens e agaloado com todas as medalhas, frequenta as costas dessa grande nação onde as medalhas e as ordens são tão mal

valorizadas.

Devo acrescentar que, durante a noite, as águas brilhantes da Corrente do Golfo rivalizaram com o brilho elétrico de nosso fanal, especialmente por conta das borrascas que frequentemente nos ameaçavam.

No dia 8 de maio, ainda estávamos perpendiculares ao Cabo Hatteras, na Carolina do Norte. A largura da Corrente do Golfo é de 125 quilômetros, e sua profundidade de 210 metros. O *Nautilus* continuava errante. Parecia que não havia mais vigilância a bordo. Devo confessar que, em tais condições, uma fuga poderia ter êxito. Na verdade, as margens habitadas ofereciam refúgios fáceis por todo lado. Além disso, o mar era incessantemente cruzado por *steamers* que servem entre Nova Iorque ou Boston e o Golfo do México, e, dia e noite, vagueavam por lá pequenas escunas encarregadas de cabotagem pelos vários pontos da costa norte-americana. Era possível que fôssemos resgatados. Tratava-se, portanto, de uma ocasião favorável, apesar das 30 milhas que separavam o *Nautilus* das costas da União.

Mas uma circunstância infeliz frustrou os planos do canadense: a condição climática era péssima. Estávamos próximos das áreas onde as tempestades são frequentes, da pátria das tempestades e dos ciclones, precisamente engendrados pela Corrente do Golfo. Enfrentar um mar muitas vezes conturbado em uma pequena canoa era como caminhar na direção da morte. O próprio Ned Land concordava com isso. Ao mesmo tempo, mordia o freio, tomado por uma nostalgia furiosa que somente a fuga poderia curar.

– Senhor – ele me disse naquele dia –, isso tem de acabar. Quero deixar claro. Seu Nemo está se afastando das terras e se dirigindo para o norte. Mas estou dizendo, cheguei no meu limite com o Polo Sul e não vou segui-lo até o Polo Norte.

– O que podemos fazer, Ned, uma vez que a fuga é impraticável neste momento?

– Retomo minha ideia. Precisamos falar com o capitão. O senhor não disse nada quando estávamos nos mares do seu país. Agora que estamos nos meus mares, falarei eu. Quando penso que dentro de alguns dias o *Nautilus* estará na altura da Nova Escócia, e que lá, próximo à Terra Nova, abre-se uma larga baía; que nessa baía deságua o São Lourenço, e que o São Lourenço é o meu rio, o rio de Quebec, minha cidade natal! Quando penso nisso, a fúria toma conta de meu ser, meus cabelos se arrepiam, eu enlouqueço. Percebe, senhor, antes me atirar ao mar! Aqui eu não fico! Estou sufocado!

O canadense estava visivelmente no limite de sua paciência. Sua natureza vigorosa não poderia se acostumar com aquela prisão perpétua. Sua fisionomia se modificava dia a pós dia e sua personalidade era cada vez mais melancólica. Eu sentia quanto ele estava sofrendo, porque a nostalgia também me dominava. Quase sete meses haviam se passado sem que tivéssemos qualquer notícia da terra. Além disso, o isolamento do capitão Nemo, seu humor alterado, especialmente desde o combate com os polvos, a sua taciturnidade, tudo me fazia ver as coisas sob outro aspecto. Não sentia mais o entusiasmo dos primeiros dias. Era necessário ser um flamengo como Conseil

para aceitar tal situação, no ambiente reservado aos cetáceos e a outros habitantes do mar. Na verdade, se aquele bravo rapaz tivesse guelras em vez de pulmões, daria um peixe distinto!

– E então, senhor? – repetiu Ned Land, vendo que eu não respondia.

– Bem, Ned, você quer que eu pergunte ao capitão Nemo quais são as intenções dele para conosco?

– Sim, senhor.

– Mesmo que já as conheçamos?

– Sim. Quero ser informado disso uma última vez. Fale por mim, em meu nome, se quiser.

– Mas eu raramente encontro o capitão. Ele me evita, inclusive.

– É mais uma razão para ir ter com ele.

– Vou interrogá-lo, Ned.

– Quando? – insistiu o canadense.

– Quando encontrá-lo.

– Senhor Aronnax, quer que eu mesmo o procure?

– Não, deixe-me fazer isso. Amanhã...

– Hoje – disse Ned Land.

– Está bem. Hoje, irei ter com ele – respondi ao

canadense, que, sendo quem era, poria tudo a perder se decidisse agir sozinho.

Fiquei sozinho. A questão resolvida, decidi colocar um fim naquilo de uma vez por todas, pois prefiro a coisa feita que por fazer.

Voltei para meu quarto. De lá, ouvi passos no quarto do capitão Nemo. Não podia desperdiçar a oportunidade de encontrá-lo. Bati à sua porta. Não obtive resposta. Voltei a bater e depois virei a maçaneta. A porta se abriu.

Entrei. O capitão estava lá. Debruçado sobre sua mesa de trabalho, ele não tinha me ouvido. Determinado a não sair sem tê-lo interrogado, aproximei-me dele. Ele levantou a cabeça bruscamente, franziu a testa e disse em um tom bastante áspero:

– O senhor por aqui! O que deseja?

– Falar com o senhor, capitão.

– Mas estou ocupado, senhor, concentrado no trabalho. Essa liberdade que lhe concedo para se isolar, não posso eu mesmo tê-la para mim?

A recepção não era muito encorajadora, mas eu estava determinado a ouvir tudo e a responder a tudo.

– Senhor – eu disse friamente –, tenho de lhe falar sobre um assunto inadiável.

– Que assunto, senhor? – ele respondeu ironicamente. – Por acaso o senhor fez alguma descoberta que eu não tenha notado? O mar desvendou-lhe novos

segredos?

Estávamos muito longe do assunto. Mas, antes que eu pudesse responder, mostrando-me um manuscrito aberto em sua mesa, ele me disse em um tom mais sério:

– Eis um manuscrito escrito em várias línguas, senhor Aronnax. Ele contém o resumo de meus estudos sobre o mar, e, se Deus quiser, ele não perecerá comigo. Este manuscrito, assinado por mim, complementado pela história da minha vida, será encerrado num pequeno aparelho insubmersível. O último sobrevivente de todos nós a bordo do *Nautilus* atirará esse aparelho ao mar, e ele irá para onde as ondas o levarem.

O nome daquele homem! A sua história escrita por ele mesmo! Então o mistério dele seria um dia revelado? Mas, naquele momento, vi em sua comunicação uma possibilidade de entrar no meu assunto.

– Capitão – respondi –, não posso senão aprovar o pensamento que o faz agir. Não se pode deixar que o fruto de seus estudos se perca, mas os meios que o senhor emprega me parecem primitivos. Quem sabe aonde os ventos vão empurrar esse aparelho, ou em que mãos cairá? Não conseguiria encontrar algo melhor? O senhor, ou um dos seus...?

– Nunca, senhor – exclamou o capitão, interrompendo-me.

– Mas eu e meus companheiros, nós estamos prontos para manter esse manuscrito em sigilo, se o senhor nos der a liberdade...

– Liberdade! – exclamou o capitão Nemo, levantando-se.

– Sim, senhor, e era sobre isso que eu queria lhe falar. Há sete meses estamos a bordo de sua embarcação, e hoje eu lhe pergunto, em nome de meus companheiros e em meu nome, se sua intenção é nos manter aqui para sempre.

– Sr. Aronnax – disse o capitão Nemo –, vou responder hoje o que respondi há sete meses: quem entra no *Nautilus* nunca mais sai.

– O que o senhor nos impõe é escravidão!

– Dê o nome que quiser.

– Mas onde quer que esteja, o escravo tem o direito de recuperar sua liberdade! Quais sejam os meios que lhes são ofertados, não podem recusá-los!

– Quem lhes nega esse direito? – respondeu o capitão Nemo. – Alguma vez tentei prendê-los a um juramento?

O capitão me observava de braços cruzados.

– Senhor – eu disse –, voltar uma segunda vez a este assunto não seria nem do seu agrado nem do meu. Mas, uma vez que começamos, vamos até o fim. Repito, não se trata apenas de mim. Para mim, os estudos são um refúgio, uma diversão fascinante, um arrebatamento, uma paixão que me faz esquecer de tudo. Tal como o senhor, sou um homem para viver ignorado, obscuro, na tênue esperança de legar um dia

ao futuro o resultado de meus trabalhos através de um hipotético aparato confiado ao acaso pelas ondas e pelo vento. Em uma palavra, eu posso admirá-lo, segui-lo sem desprazer em um papel que, de certo ponto de vista, entendo; mas ainda há outros aspectos de sua vida que me fazem vislumbrá-la rodeada de complicações e mistérios aos quais meus companheiros e eu somos completamente alheios. E, ainda, quando nosso coração bateu pelo senhor, comovido por algumas de suas dores ou impactados por seus atos de genialidade ou coragem, tivemos de repelir em nós mesmos o menor testemunho dessa simpatia que vem da visão do que é belo e bom, seja do amigo ou do inimigo. Pois bem! É esse sentimento, de que somos alheios a tudo que lhe afeta, que torna nossa posição inaceitável, impossível, mesmo para mim, mas ainda mais impossível para Ned Land. Todo homem, nem que seja pelo simples fato de ser homem, merece consideração. Alguma vez o senhor já se perguntou o que o amor à liberdade, o ódio à escravatura, poderia fazer nascer como plano de vingança numa natureza como a do canadense, o que ele poderia pensar, tentar, arriscar?...

Calei-me. O capitão Nemo se levantou.

– Que Ned Land pense, tente ou arrisque, o que me importa? Eu não fui procurá-lo! Não tenho nenhum prazer em mantê-lo a bordo! Quanto ao senhor, professor Aronnax, o senhor é um daqueles que compreende tudo, até o silêncio. Não tenho mais nada a dizer. Que esta primeira vez que o senhor aborda este assunto seja também a última, pois não irei sequer escutá-lo uma segunda vez.

Retirei-me. A partir desse dia, nossa situação ficaria muito tensa. Relatei minha conversa a meus dois companheiros.

– Agora sabemos – disse Ned – que não há nada a esperar desse homem. O *Nautilus* se aproxima de Long Island. Fugiremos, não importa como estará o tempo.

Mas o céu ficava cada vez mais ameaçador. Sintomas de um furacão se manifestavam. A atmosfera estava esbranquiçada e leitosa. Aos cirros com feixes soltos sucediam no horizonte camadas de cúmulos-nimbos. Outras nuvens baixas fugiam rapidamente e o mar engrossava e encrespava as ondas. Os pássaros desapareceram, à exceção dos petréis, amigos das tempestades. O barômetro caía visivelmente e indicava uma extrema pressão de vapores na atmosfera. A mistura do *storm-glass* se decompunha sob a influência da eletricidade que saturava a atmosfera. A luta dos elementos era iminente.

A tempestade eclodiu no dia 18 de maio, precisamente quando o *Nautilus* flutuava na altura de Long Island, a poucos quilômetros de Nova Iorque. Posso descrever essa luta dos elementos porque, em vez de fugir para as profundezas do mar, o capitão Nemo, por um inexplicável capricho, escolheu enfrentá-la na superfície.

O vento soprava a sudoeste, no início de maneira suave, ou seja, com uma velocidade de 15 metros por segundo, que foi aumentando para 25 metros por segundo perto das 3 da tarde.

O capitão Nemo, inabalável sob as rajadas, tomou seu

lugar na plataforma. Ele tinha se amarrado até a cintura para resistir às monstruosas ondas que rebentavam. Também subi e me amarrei, partilhando minha admiração entre a tempestade e o homem singular que a enfrentava.

O mar era varrido por grandes massas de nuvens que encharcavam as ondas. Eu não via nenhuma dessas marolas intermediárias que se formam no fundo dos grandes tubos. Apenas ondulações compridas e fuliginosas cujas cristas não rebentam de tão compactas. A altura delas aumentava. Provocavam-se mutuamente. O *Nautilus*, ora pendendo para o lado, ora em pé como um mastro, chacoalhava e adernava terrivelmente.

Por volta das 5 horas, caiu uma chuva torrencial que não abrandou nem o vento nem o mar. O furacão atingiu uma velocidade de 45 metros por segundo, ou seja, cerca de 40 léguas por hora. É nessas condições que ele derruba casas, espeta telhas em portas, quebra portões de ferro e desloca canhões de mais de 10 quilos. E, no entanto, o *Nautilus*, no meio da tormenta, justificava as palavras de um sábio engenheiro: “Não há casco bem construído que não possa desafiar o mar!”. Não era uma rocha resistente que essas lâminas teriam de demolir, era um bilro de aço, obediente e móvel, sem cordame, sem mastreação, que enfrentava impunemente sua fúria.

Pude examinar cuidadosamente aquelas ondas furiosas. Elas chegavam a 15 metros de altura, em um comprimento de 150 a 175 metros, e sua velocidade de propagação, metade da velocidade do vento, era de 15 metros por segundo. Seu volume e potência

aumentavam com a profundidade das águas. Entendi então o papel dessas lâminas que prendem o ar em seus flancos e o empurram de volta para o fundo dos mares, onde trazem vida com o oxigênio. Estima-se que sua força extrema de pressão pode atingir até 3 mil quilogramas por metro quadrado da superfície que atravessam. Foram essas ondas que, nas Hébridas, moveram uma rocha que pesava 38 toneladas. Foram elas que, na tempestade de 23 de dezembro de 1864, depois de destruírem uma parte da cidade de Edo, no Japão, a 700 quilômetros por hora, foram rebentar no mesmo dia nas praias da América.

Ao anoitecer, a intensidade da tempestade aumentou. O barômetro, como em 1860, durante um ciclone na Ilha da Reunião, desceu para 710 milímetros. Com o cair da noite, avistei no horizonte um grande navio que lutava penosamente. Ele capeava sob um pequeno vapor para se manter em equilíbrio sobre as ondas. Devia ser um dos *steamers* das linhas de Nova Iorque a Liverpool ou ao Havre, que logo desapareceu na escuridão.

Às 10 horas, o céu estava em chamas. A atmosfera era bombardeada por violentos relâmpagos. Eu não conseguia suportar o brilho deles, enquanto o capitão Nemo, olhando-os de frente, parecia sugar a alma da tempestade para si. Um ruído terrível enchia os ares, um barulho complexo, composto do fragor das ondas, do zunido dos ventos e das rajadas dos trovões. O vento varria todos os pontos do horizonte, e o ciclone, vindo do leste, voltava a ele passando pelo norte, oeste e sul, na direção oposta das tempestades circulares do hemisfério austral.

Ah! A Corrente do Golfo! Ela fazia jus ao nome de rainha das tempestades! É ela quem cria esses devastadores ciclones, a partir da diferença de temperatura das camadas de ar sobrepostas às suas correntes.

A chuva foi seguida por uma tempestade de fogo. As gotículas de água se transformavam em feixes fulminantes. Era possível dizer que o capitão Nemo, buscando uma morte digna de si, fazia de tudo para ser fulminado. Numa terrível inclinação, o *Nautilus* empinou seu esporão de aço como se fosse a haste de um para-raios, e vi longas faíscas saírem dele.

Destruído, exausto, rastejei até a escotilha. Abri-a e fui até o salão. A tempestade atingia sua intensidade máxima. Era impossível permanecer em pé dentro do *Nautilus*.

O capitão Nemo entrou por volta da meia-noite. Ouvi os reservatórios se completarem pouco a pouco, e o *Nautilus* afundou lentamente sob a superfície das águas.

Através das vidraças abertas do salão, vi grandes peixes estarrecidos passando como fantasmas nas águas incandescentes. Alguns foram fulminados diante de meus olhos!

O *Nautilus* continuava descendo. Pensei que ele reencontraria a calma a uma profundidade de 15 metros. Não. As camadas superiores estavam violentamente agitadas. Foi necessário buscar descanso a 50 metros nas entranhas do mar.

Mas ali, que tranquilidade, que silêncio, que ambiente pacífico! Quem diria que um terrível furacão estava devastando a superfície daquele oceano?

Obra do francês Victor Hugo. (N. E.)

A 47° 24’ de latitude e 17° 28’ de longitude

Como resultado daquela tempestade, fomos empurrados para o leste. Qualquer esperança de fuga nas imediações de Nova Iorque ou São Lourenço esvaiu-se. O pobre Ned, desesperado, isolou-se, como o capitão Nemo. Conseil e eu não nos separamos mais.

Eu disse que o *Nautilus* tinha sido empurrado para leste. Devia ter dito, mais precisamente, para nordeste. Por alguns dias, ele vagueou ora na superfície das águas, ora sob elas, em meio às brumas tão temidas pelos navegadores. Elas se formam, principalmente, devido ao derretimento do gelo, que mantém um teor de umidade extremo na atmosfera. Quantos navios naufragados naquelas paragens quando tentavam reconhecer as luzes embaçadas da costa! Quantas perdas decorrentes daqueles nevoeiros impenetráveis! Quantos impactos sobre aqueles escolhos cuja rebentação é sobreposta pelo barulho do vento! Quantas colisões entre navios, apesar dos faróis sinalizadores, apesar dos avisos dos apitos e dos sinos de alarme!

O fundo daqueles mares oferecia a aparência de um campo de batalha, onde todos os vencidos do oceano ainda jaziam; alguns velhos e já destroçados; outros jovens e refletindo o brilho de nosso fanal sobre suas quilhas de ferro e cobre. Entre eles, tantas embarcações perdidas junto com os corpos e os bens de sua tripulação, seu mundo de emigrantes, naqueles pontos perigosos assinalados nas estatísticas – o Cabo Race, a Ilha Saint-Paul, o Estreito de Belle-Île, o Estuário de São Lourenço! E, há alguns anos, quantas vítimas registradas nos fúnebres anais pelas linhas do Royal Mail, do Inmann, do Montreal: o *Solway*, o *Isis*, o *Paramatta*, o *Hungarian*, o *Canadian*, o *Anglo-Saxon*, o *Humboldt*, o *United-States*, todos naufragados; o *Arctic*, o *Lyonnais*, afundados por colisão; o *Président*, o *Pacific*, o *City of Glasgow*, desaparecidos por causas desconhecidas, destroços sombrios no meio dos quais o *Nautilus* navegava como se passasse os mortos em revista!

No dia 15 de maio, estávamos na extremidade meridional do banco de Terra Nova, produto das aluviões marinhas, uma concentração considerável de detritos orgânicos trazida do Equador pela Corrente do Golfo, ou do polo boreal, pela contracorrente de água fria que prolonga a costa norte-americana. Aqui, também se amontoam rochas erráticas empilhadas pelo rompimento das geleiras. Ali, um vasto ossuário de peixes, moluscos ou zoófitos que pereciam aos bilhões.

A profundidade do mar não é considerável no banco de Terra Nova. Algumas centenas de braças no máximo. Mas, na direção sul, uma depressão

profunda, um buraco de 3 mil metros, é de repente escavado. Ali, a Corrente do Golfo se alarga. É a expansão de suas águas. Ela perde velocidade e temperatura, mas se transforma em mar.

Entre os peixes que o *Nautilus* assustou em sua passagem, é possível citar o ciclóptero com 1 metro de comprimento, dorso negro, ventre laranja, que oferece a seus congêneres um exemplo pouco seguido de fidelidade conjugal; um grande unernack, espécie de moreia esmeralda, de gosto excelente; karraks de olhos grandes, cuja cabeça se assemelha à do cachorro; blênios, ovovivíparos como as cobras; gobioides-boulerots ou goujons pretos de 2 decímetros; macruros de cauda longa e brilho prateado, peixes rápidos que se aventuram longe dos mares hiperbóreos.

As redes também capturaram um peixe audaz, atrevido, vigoroso e musculoso, armado com espinhos na cabeça e com esporões nas nadadeiras, um verdadeiro escorpião de 2 a 3 metros, feroz inimigo dos blênios, do bacalhau e do salmão; era o cadoz dos mares setentrionais, com corpo tuberculoso, de cor marrom e nadadeiras vermelhas. Os pescadores do *Nautilus* tiveram certa dificuldade para capturar esse animal, que, graças à conformação de seus opérculos, isola seus órgãos respiratórios do contato desumidificador da atmosfera e pode viver algum tempo fora d’água.

Cito agora, de memória, bosquianos, pequenos peixes que acompanham durante um bom tempo os navios pelos mares boreais; barracudas-oxirrincos, especiais do Atlântico setentrional; peixes-leão; e, por fim,

robalos, principalmente a espécie bacalhau, que surpreendi em suas águas de predileção naquele inesgotável banco de Terra Nova.

Pode-se dizer que o bacalhau é um peixe de montanha, porque a Terra Nova não passa de uma montanha submarina. Quando o *Nautilus* abriu um caminho através de suas falanges cerradas, Conseil não pôde conter esta observação:

– Isso agora! Bacalhaus! Mas eu pensava que o bacalhau era achatado como a solha ou o linguado.

– Tolo! – exclamei. – Os bacalhaus só são achatados na peixaria, onde ficam expostos abertos e limpos. Mas, na água, são peixes fusiformes como as tainhas, e perfeitamente configurados para se locomover.

– Quero acreditar no cavalheiro – respondeu Conseil. – Que nuvem, que formigueiro!

– Ora, meu amigo, haveria muito mais sem seus inimigos, os peixes-leão e os seres humanos! Sabe quantos ovos foram encontrados em uma única fêmea?

– Vou tentar arredondar – respondeu Conseil. – Quinhentos mil.

– Onze milhões, meu amigo.

– Onze milhões! Está aí uma coisa que eu jamais imaginaria ser possível, a não ser que eu mesmo os contasse.

– Pois conte-os, Conseil. Mas pouparia tempo se

acreditasse em mim. Além disso, os franceses, os ingleses, os norte-americanos, os dinamarqueses e os noruegueses pescam bacalhaus aos milhares. Eles são consumidos em quantidades prodigiosas, e, sem a espantosa fecundidade desses peixes, os mares se veriam despovoados deles. Por exemplo, só na Inglaterra e na América, foram utilizados na pesca do bacalhau 5 mil navios, ocupados por 75 mil marinheiros. Cada navio pesca uma média de 40 mil, o que corresponde a 25 milhões. Nas costas da Noruega, o resultado é o mesmo.

– Bem – respondeu Conseil –, acredito no cavalheiro. Não preciso contá-los.

– Contar o quê?

– Os 11 milhões de ovos. Mas gostaria de fazer uma observação.

– Qual?

– Se todos os ovos eclodissem, quatro bacalhaus seriam suficientes para alimentar a Inglaterra, a América e a Noruega.

Enquanto tocávamos nos fundos do banco da Terra Nova, vi perfeitamente as linhas compridas, armadas com 200 anzóis, que cada pesqueiro lançava às dúzias. Cada linha trazia um pequeno gancho amarrado em uma de suas extremidades, enquanto a outra era retida na superfície por uma corda presa a uma boia de cortiça. O *Nautilus* teve de manobrar habilmente no meio daquela malha submarina.

Além disso, ele não permaneceu por muito tempo naquelas áreas movimentadas e subiu até o 42º grau de latitude. Estávamos na altura de São João e Terra Nova, e de Heart's Content, onde termina o cabo transatlântico.

O *Nautilus*, em vez de continuar a navegar para o norte, virou-se para o leste, como se quisesse seguir pelo platô telegráfico sobre o qual repousa o cabo, cujo relevo foi estudado com extrema precisão com base em múltiplas sondagens.

Foi em 17 de maio, a cerca de 500 milhas de Heart's Content e a 2.800 metros de profundidade, que avistei o cabo deitado no solo. Conseil, que eu não tinha advertido, inicialmente o tomou por uma gigantesca serpente marinha e estava prestes a classificá-lo de acordo com seu método de costume. Mas desiludi o digno rapaz e, para confortá-lo de sua frustração, ensinei a ele várias peculiaridades sobre a instalação daquele cabo.

O primeiro cabo foi instalado durante os anos de 1857 e 1858, mas, depois de transmitir cerca de 400 telegramas, deixou de funcionar. Em 1863, engenheiros construíram um novo cabo, que media 3.400 quilômetros e pesava 4.500 toneladas, que foi embarcado no *Great-Eastern*. Mas essa tentativa também fracassou.

Então, no dia 25 de maio, o *Nautilus*, mergulhado em uma profundidade de 3.836 metros, chegou exatamente ao local onde ocorreu a ruptura que arruinou a empreitada. Foi a 538 milhas da costa da Irlanda. Às 2 da tarde, percebeu-se que as

comunicações com a Europa tinham acabado de ser interrompidas. Os eletricistas a bordo decidiram cortar o cabo antes de resgatá-lo, e às 11 horas da noite, tinham trazido de volta a parte danificada. Refizeram uma articulação e uma emenda, e o cabo foi novamente lançado ao mar. Mas, alguns dias depois, ele se rompeu e não pôde ser resgatado das profundezas do oceano.

Os norte-americanos não desanimaram. O audacioso Cyrus Field, promotor da empresa que arriscou nela toda a sua fortuna, lançou uma nova subscrição, que foi imediatamente coberta. Um outro cabo foi instalado em melhores condições. O feixe de fios condutores, isolado em um envelope de guta-percha, estava protegido por um colchão de matérias têxteis embutidos em uma moldura metálica. O *Great-Eastern* voltou novamente ao mar em 13 de julho de 1866.

A operação funcionou bem. No entanto, ocorreu um incidente. Várias vezes, ao desenrolar o cabo, os eletricistas observaram que pregos tinham sido recentemente espetados nele a fim de sabotar a operação. O capitão Anderson se reuniu com seus oficiais e engenheiros, eles deliberaram e anunciaram que se o culpado fosse pego a bordo, seria jogado no mar sem direito a julgamento. Desde então, a tentativa criminosa nunca mais aconteceu.

Em 23 de julho, o *Great-Eastern* estava a apenas a 800 quilômetros de Terra Nova quando foi telegrafada da Irlanda a notícia do armistício entre a Prússia e a Áustria depois de Sadowa. No dia 27, ele avistava em meio à névoa o porto de Heart’s Content. A empreitada foi felizmente concluída, e como primeiro

despacho, a jovem América enviava à velha Europa estas sábias palavras tão raramente compreendidas: "Glória a Deus no céu e paz na Terra aos homens de boa vontade".

Eu não esperava encontrar o cabo elétrico em seu estado original, tal como estava ao sair da fábrica. A longa serpente, coberta de detritos de conchas e espetada com foraminíferos, estava incrustada numa pilha pedregosa que a protegia dos moluscos perfurantes. O cabo repousava calmamente ao abrigo dos movimentos do mar, e sob uma pressão favorável à transmissão da centelha elétrica que passa da América para a Europa em 32 centésimos de segundo. A duração desse cabo tende a ser infinita, pois observou-se que a capa de guta-percha fica mais resistente com sua permanência na água do mar.

Além disso, naquele platô tão bem escolhido, o cabo nunca é imerso em profundidades capazes de rompê-lo. O *Nautilus* o acompanhou até seu ponto mais baixo, situado a 4.431 metros, e ali ele ainda repousava sem nenhum esforço de tração. Em seguida, aproximamo-nos do local onde ocorreu o acidente de 1863.

O fundo do oceano formava, então, um vale de 120 quilômetros de largura, sobre qual o Mont Blanc poderia ser colocado sem que seu topo ultrapassasse a superfície da água. Esse vale está fechado ao leste por uma muralha escarpada de 2 mil metros de altura. Chegamos no dia 28 de maio, e o *Nautilus* estava a apenas 150 quilômetros da Irlanda.

O capitão Nemo subiria para aterrar nas ilhas britânicas? Não. Para minha surpresa, ele desceu para

o sul e seguiu para os mares europeus. Ao contornar a ilha Esmeralda, vi por um breve instante o Cabo Clear e o farol de Fastnet, que iluminava os milhares de navios que saíam de Glasgow ou Liverpool.

Havia uma questão importante me atormentando. O *Nautilus* ousaria adentrar o Canal da Mancha? Ned Land, que tinha reaparecido desde que nos aproximamos da terra, não parava de me fazer perguntas. Como lhe responder? O capitão Nemo permanecia invisível. Depois de dar ao canadense um vislumbre das costas da América, ele ia mostrar-me o litoral da França?

Enquanto isso, o *Nautilus* continuava rumando para o sul. Em 30 de maio, avistamos Land's End, entre a ponta extrema da Inglaterra e as Sorlingas, que ele deixou a estibordo.

Se ele queria entrar no Canal da Mancha, tinha de mudar a direção para leste. Mas não o fez.

Durante todo o dia 31 de maio, o *Nautilus* descreveu no mar uma série de círculos que me intrigaram muito. Ele parecia estar à procura de um lugar difícil de encontrar. Ao meio-dia, o capitão Nemo veio pessoalmente calcular nossa posição. Ele não me dirigiu a palavra, parecia mais melancólico que nunca. Quem o entristecia daquela maneira? Seria sua proximidade com as costas europeias? Teria ele saudade do país que abandonara? O que sentia afinal, remorso ou arrependimento? Durante muito tempo, esses pensamentos ocuparam minha mente, e tive o pressentimento de que o acaso trairia em breve os segredos do capitão.

No dia seguinte, 1º de junho, o *Nautilus* manteve a mesma velocidade. Era óbvio que ele estava à procura de um ponto específico no oceano. O capitão Nemo veio calcular a altura do sol, como tinha feito na véspera. O mar estava lindo; o céu, límpido. Oito milhas a leste, um grande navio a vapor ganhava forma na linha do horizonte. Nenhum pavilhão se agitava em seu mastro, e não pude reconhecer sua nacionalidade.

O capitão Nemo, poucos minutos antes de o sol atravessar o meridiano, armou seu sextante e observou com extrema precisão. A calma absoluta das ondas facilitava sua operação. O *Nautilus*, imóvel, não jogava nem adernava.

Naquele momento, eu estava sobre a plataforma. Ao terminar seus cálculos, o capitão pronunciou estas únicas palavras:

– É aqui!

Em seguida, desceu pela escotilha. Teria ele visto o navio que modificara seu curso e parecia estar vindo em nossa direção? Eu não saberia dizer.

Voltei ao salão. A escotilha foi fechada e ouvi os silvos da água nos reservatórios. O *Nautilus* começou a afundar, seguindo uma linha vertical, porque sua hélice travada não lhe transmitia mais nenhum movimento.

Alguns minutos depois, ele parou a uma profundidade de 833 metros e repousou no solo.

O teto iluminado do salão se apagou, as escotilhas foram abertas, e, através das vidraças, pude ver, num raio de meia-milha, o mar intensamente iluminado pelos raios do fanal.

Olhei a bombordo e não vi nada além da vastidão das águas tranquilas. A estibordo, no fundo, havia uma forte excrescência que chamou minha atenção. Pareciam ruínas enterradas sob um amálgama de conchas esbranquiçadas, como se cobertas por um manto de neve. Examinando atentamente aquela massa, julguei reconhecer as formas abauladas de um navio desprovido de seus mastros, que devia ter afundado pela proa. O desastre certamente datava de uma época remota. Por estarem aqueles destroços tão profundamente incrustados no calcário das águas, já contavam muitos anos passados naquelas profundezas.

Que navio era aquele? Por que o *Nautilus* tinha ido visitar seu túmulo? Não fora então um naufrágio que arrastara aquele navio para as profundezas do mar?

Não sabia o que pensar quando, perto de mim, o capitão Nemo disse com uma voz lenta:

– Outrora esse navio se chamava *Le Marseillais*. Ele carregava 74 canhões e foi lançado ao mar em 1762. Em 13 de agosto de 1778, sob o comando de La Poype-Vertrieux, lutou corajosamente contra o *Preston*. Em 4 de julho de 1779, ele estava presente, com o esquadrão do almirante D’Estaing, na tomada de Granada. No dia 5 de setembro de 1781, participou do combate do conde de Grasse na baía de Chesapeake. Em 1794, a República francesa mudou o nome da embarcação. Em 16 de abril do mesmo ano, ele se

juntava, em Brest, à esquadra de Villaret-Joyeuse, encarregada de escoltar um comboio de trigo que vinha da América, sob o comando do almirante Van Stabel. Em 11 e 12 prairial, ano II, a esquadra encontrou os navios britânicos. Senhor, hoje é o dia 13 do ano prairial, 1º de junho de 1868. Exatamente 74 anos atrás, neste mesmo lugar, a 47° 24’ de latitude e 17° 28’ de longitude, esse navio, depois de uma heroica luta, amputado de seus três mastros, com água em seus paióis, um terço de sua tripulação fora de combate, preferiu afundar com seus 356 marinheiros a se render, e, cravando sua bandeira na popa, desapareceu sob as ondas, aos gritos de: “Viva a República!”.

– O *Vingador!* – exclamei.

– Sim, senhor. O *Vingador!* Um belo nome! – murmurou o capitão Nemo, cruzando os braços.

Uma hecatombe

Essa maneira de falar, o inusitado da cena, o histórico do navio patriota, a princípio narrado friamente e, em seguida, a emoção com que o estranho personagem pronunciou suas últimas palavras, o nome *Vingador*, cujo significado não poderia me escapar, tudo se encaixava e me tocava profundamente. Meus olhos não deixavam mais o capitão. Ele, com as mãos estendidas na direção do mar, contemplava com os olhos marejados a gloriosa carcaça. Talvez eu jamais soubesse quem ele era, de onde vinha ou para onde ia, mas via cada dia mais o homem distanciar-se do cientista. Não era uma misantropia comum que tinha confinado o capitão Nemo e seus companheiros nos flancos do *Nautilus,* mas um ódio, monstruoso ou sublime, que o tempo não era capaz de amenizar.

Esse ódio ainda buscava vinganças. O futuro logo iria me revelar. Enquanto isso, o *Nautilus* subia lentamente para a superfície, e eu vi as formas confusas do *Vingador* desaparecerem pouco a pouco. Logo, uma leve rotação indicou que flutuávamos ao ar livre.

Nesse momento, ouviu-se um estrondo alto. Olhei para

o capitão. Ele não se mexia.

– Capitão? – chamei. Ele não respondeu.

Deixei-o e subi à plataforma onde Conseil e o canadense me aguardavam.

– De onde vem essa detonação? – perguntei.

– De um canhão – respondeu Ned Land.

Olhei na direção do navio que tinha visto. Ele tinha se aproximado do *Nautilus* e forçava visivelmente sua velocidade. Seis milhas o separavam de nós.

– Que navio é aquele, Ned?

– Se considerarmos seu cordame e a altura dos mastros – o canadense respondeu –, eu apostaria em um navio de guerra. Que ele venha nos atacar e afunde, se necessário, este maldito *Nautilus*!

– Amigo Ned – Conseil respondeu –, que mal ele poderia fazer ao *Nautilus*? Conseguiria atacá-lo sob as ondas? Ou canhoneá-lo no fundo dos mares?

– Diga-me, Ned – perguntei –, você consegue identificar a nacionalidade desse navio?

O canadense, franzindo as sobrancelhas, cerrando as pálpebras e vincando os olhos nos cantos, olhou por alguns instantes para o navio com todo o poder de seu olhar.

– Não, senhor – respondeu ele. – Impossível identificar a que nação pertence. A bandeira não está hasteada.

Mas posso afirmar que é um navio de guerra, pois uma longa flâmula se desenrola no cume de seu mastro principal.

Durante 15 minutos, continuamos a observar o navio vindo em nossa direção. Eu não podia acreditar, no entanto, que ele tinha identificado o *Nautilus* a essa distância, muito menos que sabia o que era aquele engenho submarino.

Logo o canadense anunciou que se tratava de um grande navio de guerra, com esporão e dois conveses encouraçados. Uma espessa fumaça preta escapava de suas duas chaminés. Suas velas arriadas se confundiam com a linha das vergas. O mastro não exibia nenhum pavilhão e a distância tornava impossível distinguir as cores de sua bandeira, que esvoaçava como uma fita fina.

Ele avançava rapidamente. Se o capitão Nemo permitisse sua aproximação, teríamos uma chance de escapar.

– Senhor – Ned Land disse –, se esse navio chegar a uma milha de distância, eu me atiro ao mar. E o senhor está intimado a me seguir.

Não respondi à proposta do canadense, e continuei a observar o navio que aumentava de tamanho a olhos vistos. Que ele fosse inglês, francês, norte-americano ou russo, era certo que nos acolheria se conseguíssemos chegar até ele.

– É importante que o cavalheiro se recorde – disse Conseil – de que tenho certa experiência de natação.

Então, ele pode confiar em mim para rebocá-lo até o navio, se lhe for conveniente acompanhar o amigo Ned.

Eu estava prestes a responder, quando um vapor branco jorrou da proa do navio de guerra. Então, alguns segundos depois, as águas respingadas pela queda de um corpo pesado salpicaram a popa do *Nautilus*. Praticamente no mesmo momento, uma detonação atingiu-me o ouvido.

– Como? Estão disparando contra nós! – gritei.

– Pessoas do bem! – murmurou o canadense.

– Eles não veem que somos náufragos agarrados a um destroço?!

– Que o cavalheiro me perd... – disse Conseil, sacudindo a água que um novo projétil tinha lançado em seu rosto. – Que o cavalheiro me perdoe, mas eles reconheceram o narval e o estão canhoneando.

– Mas eles não veem – bradei – que estão lidando com homens!

– Talvez seja por isso mesmo! – Ned Land disse me olhando nos olhos.

Uma revelação súbita tomou conta de mim. Sem dúvida, agora eles sabiam com o que estavam lidando quando se falava da existência do suposto monstro. Será que, quando da colisão com o *Abraham Lincoln*, quando o canadense o atingiu com seu arpão, o comandante Farragut reconheceu que o narval era um

navio submarino, mais perigoso que um cetáceo sobrenatural?

Sim, deve ter sido isso, e por todos os mares, sem dúvida, este terrível dispositivo de destruição estava agora sendo perseguido!

De fato terrível, se, como se pode supor, o capitão Nemo empregava o *Nautilus* em um projeto de vingança! Naquela noite, quando nos aprisionou em sua cela, no meio do Oceano Índico, não teria atacado algum navio? Aquele homem, agora enterrado no cemitério de coral, não teria sido vítima da colisão causada pelo *Nautilus*? Sim, repito, devia ter sido isso. Parte da misteriosa existência do capitão Nemo estava sendo revelada e, se sua identidade não era conhecida, pelo menos as nações coligadas contra ele já não perseguiam um ser quimérico, mas um homem que devotava um ódio implacável contra eles!

Todo aquele passado tenebroso me veio à tona. Em vez de amigos, só podíamos encontrar inimigos implacáveis naquele navio que se aproximava.

Enquanto isso, os projéteis se multiplicavam à nossa volta. Alguns, encontrando a superfície líquida, iam por ricochete se perder a distâncias consideráveis. Mas nenhum atingiu o *Nautilus*.

O navio couraçado estava agora a menos de 3 milhas. Apesar dessa violenta canhonada, o capitão Nemo não apareceu na plataforma. No entanto, se uma daquelas esferas cônicas atingisse o casco do *Nautilus*, seria um golpe fatal.

O canadense se pronunciou:

– Senhor, temos de fazer tudo o que pudermos para sair desta situação. Façamos sinais! Com mil diabos! Talvez entendam que somos pessoas honestas!

Ned Land pegou seu lenço para agitá-lo no ar. Mas ele mal o tinha desdobrado quando, apesar de sua força prodigiosa, foi derrubado no convés por uma mão de ferro.

– Miserável – gritou o capitão –, você quer que o amarre ao esporão do *Nautilus* antes que ele ataque aquele navio?

O capitão Nemo, terrível de se ouvir, era ainda mais terrível de se ver. Seu rosto empalideceu sob os espasmos de seu coração, que devia ter parado de bater por um instante. Suas pupilas estavam assustadoramente contraídas. A voz não falava mais, ela rugia. Com o corpo inclinado para a frente, torcia os ombros do canadense com as mãos.

Então, abandonando-o e voltando-se para o navio de guerra cujos projéteis choviam a sua volta:

– Ah!, então você sabe quem eu sou, navio de uma nação maldita! – ele gritou com sua voz portentosa. – Eu não precisei de suas cores para reconhecê-lo! Veja! Vou lhe mostrar as minhas!

E o capitão Nemo desdobrou, na proa da plataforma, um pavilhão preto, semelhante àquele fincado no Polo Sul.

Naquele momento, um projétil atingiu obliquamente o casco do *Nautilus*, sem rasgá-lo, e ricocheteando perto do capitão, perdeu-se no mar.

O capitão Nemo deu de ombros. Então, dirigindo-se a mim:

– Desça – disse ele brevemente –, desçam o senhor e seus companheiros.

– Senhor, o senhor vai atacar aquele navio? – indaguei.

– Senhor, eu vou afundá-lo.

– O senhor não faria isso!

– Assim farei – respondeu friamente o capitão Nemo. – Não se atreva a me julgar, senhor. A fatalidade mostra o que o senhor não devia ter visto. O ataque veio, e a resposta será terrível. Desça.

– Que navio é aquele?

– Não o reconhece? Pois bem, tanto melhor! Sua nacionalidade, pelo menos, continuará a ser um segredo para o senhor. Desçam.

Só nos restava obedecer. Cerca de 15 marinheiros do *Nautilus* cercavam o capitão e observavam com um sentimento implacável de ódio enquanto o navio avançava em direção a eles. Sentia-se que o mesmo sopro de vingança movia todas aquelas almas.

Desci no exato momento em que um novo projétil arranhava o casco do *Nautilus*, e ouvi o capitão gritar:

– Ataque, navio insensato! Esbanje seus inúteis projéteis! Você não escapará do aríete do *Nautilus*. Mas não é aqui que você deve perecer! Não quero que suas ruínas sejam confundidas com as do *Vingador*!

Voltei para meu quarto. O capitão e seu imediato permaneciam na plataforma. A hélice foi acionada e o *Nautilus*, afastando-se velozmente, colocou-se fora do alcance dos projéteis do navio. Mas a perseguição continuou, e o capitão Nemo contentava-se em se manter distante.

Por volta das 4 da tarde, incapaz de conter a impaciência e a ansiedade que me devoravam, voltei para a escadaria central. A escotilha estava aberta. Aventurei-me na plataforma. O capitão ainda caminhava a passos agitados e fixava o navio que permanecia a 5 ou 6 milhas a sotavento. Ele girava em torno dele como um animal selvagem. Atraindo-o para leste, ele se deixava perseguir. No entanto, não atacava. Talvez ele ainda hesitasse?

Quis intervir uma última vez. Mas mal abordei o capitão Nemo, e ele me impôs silêncio:

– Eu sou a lei, eu sou a justiça! – ele disse. – Eu sou o oprimido, e aí vem o opressor! Foi por causa dele que vi perecer tudo que eu amava, estimava, venerava, pátria, esposa, filhos, meu pai, minha mãe, tudo! Tudo que odeio está ali! Cale-se!

Olhei uma última vez para o navio de guerra que aumentava sua potência. Depois, juntei-me a Ned e Conseil.

– Vamos fugir! – gritei.

– Muito bem – falou Ned. – Que navio é aquele?

– Ignoro. Mas seja qual for, será afundado antes do anoitecer. Em todo caso, é melhor morrermos com ele que sermos cúmplices de represálias cuja equidade não podemos avaliar.

– Estou de acordo – respondeu friamente Ned Land. – Vamos esperar até anoitecer.

Anoiteceu. Havia um profundo silêncio a bordo. A bússola indicava que o *Nautilus* não tinha alterado sua direção. Eu ouvia a vibração de sua hélice que batia nas ondas com uma velocidade regular. Ele permanecia na superfície da água, e um ligeiro balanço o fazia ir de um costado a outro.

Meus companheiros e eu decidimos fugir quando o navio estivesse perto o suficiente, ou para nos fazer ouvir ou para nos fazer ver, pois a lua, que devia estar cheia dali a três dias, já resplandecia no céu. Uma vez a bordo do navio, se não conseguíssemos evitar o perigo que o ameaçava, pelo menos faríamos tudo que as circunstâncias nos permitissem tentar. Várias vezes, julguei que o *Nautilus* estava prestes a atacar, mas ele se contentava em deixar seu adversário se aproximar, e, logo depois, recobrava a velocidade de fuga.

Parte da noite transcorreu sem incidentes. Estávamos à espera de uma oportunidade para agir. Falávamos pouco, os nervos à flor da pele. Ned Land queria se jogar no mar. Obriguei-o a esperar. Do meu ponto de vista, o *Nautilus* atacaria os dois conveses na

superfície, e então seria não só possível, como muito fácil escapar.

Às 3 da manhã, ansioso, fui até a plataforma. O capitão Nemo ainda estava lá. Em pé, perto de seu pavilhão, que uma brisa suave fazia tremular sobre sua cabeça, ele não tirava os olhos do navio inimigo. Seu olhar carregado com uma extraordinária intensidade parecia atraí-lo, fasciná-lo, arrastá-lo com mais eficiência que se o rebocasse!

A lua então passava pelo meridiano. Júpiter nascia a leste. No meio daquela natureza pacífica, o céu e o oceano rivalizavam em tranquilidade, e o mar oferecia ao astro noturno o mais belo espelho que já refletira sua imagem.

E, quando eu pensava naquela profunda quietude dos elementos, comparada a toda a raiva latente nos flancos do imperceptível *Nautilus*, sentia calafrios.

O navio estava a duas milhas de nós. Ele havia se aproximado, sempre caminhando em direção ao brilho fosforescente que sinalizava a presença do *Nautilus*. Vi seus sinalizadores, verde e vermelho, e seu fanal branco suspenso no grande estai de mezena. Uma vaga reverberação iluminava seu cordame e indicava que o vapor estava em sua potência máxima. Feixes de fagulhas e escórias de carvão incandescente escapavam de suas chaminés, estrelando a atmosfera.

Permaneci assim até as 6 horas da manhã, sem que o capitão Nemo parecesse notar minha presença. O navio permanecia a uma distância de 1,5 milha, e com as primeiras luzes do dia, sua canhonada recomeçou.

Chegaria em breve o momento em que o *Nautilus* atacaria seu adversário, e meus companheiros e eu deixaríamos para sempre aquele homem que eu não ousava julgar.

Quando me preparava para descer a fim de prevenir meus companheiros, o imediato subiu à plataforma. Vários marinheiros o acompanhavam. O capitão Nemo não os viu ou fingiu não os ver. Alguns preparativos foram providenciados, que poderiam ser chamados de "rebuliço de combate" do *Nautilus*. Eram muito simples. O gradil que formava uma balaustrada em torno da plataforma foi abaixado. Da mesma forma, as casinhas do fanal e do timoneiro recuaram para o casco de forma a se manterem no mesmo nível. A superfície do longo charuto de metal já não tinha uma única aresta que pudesse interferir em seu funcionamento.

Voltei ao salão. O *Nautilus* ainda estava emerso e alguns raios matinais se infiltravam na cama líquida. Sob certas oscilações, as vidraças eram coloridas pela vermelhidão do sol nascente. O terrível dia 2 de junho estava nascendo.

Às 5 horas, a barquilha apontou que a velocidade do *Nautilus* se moderava e percebi que ele se deixava aproximar. Enquanto isso, as detonações eram ouvidas com uma intensidade cada vez mais violenta. Os projéteis lavravam a água ambiente e nela mergulhavam com um peculiar assobio.

– Meus amigos – eu disse –, chegou a hora. Um aperto de mãos, e que Deus esteja conosco!

Ned Land estava determinado, Conseil, calmo, eu, nervoso, mal me controlava.

Passamos pela biblioteca. Quando empurrei a porta que se abria para a escadaria central, ouvi a escotilha superior se fechar abruptamente.

O canadense correu pelas escadas, mas eu o segurei. Um apito bastante familiar indicou que a água penetrava nos reservatórios de bordo. De fato, em poucos segundos, o *Nautilus* imergiu a poucos metros da superfície.

Compreendi sua manobra. Era tarde demais para agir. O *Nautilus* não intentava golpear os dois conveses em sua couraça impenetrável, mas abaixo de sua linha de flutuação, onde a carapaça de metal não protege mais o costado.

Estávamos novamente aprisionados, forçados a testemunhar o sinistro drama que estava por vir. Além disso, mal tivemos tempo para pensar. Refugiados no meu quarto, olhávamos um para o outro sem dizer uma palavra. Um profundo estupor tomou conta de mim. O movimento do pensamento me abandonava. Eu me encontrava nesse estado angustiante que precede a expectativa de uma terrível detonação. Esperava, ouvia, vivia apenas pelo sentido da audição!

A velocidade do *Nautilus* aumentou significativamente. Era visível que ele tomava impulso. Todo o seu casco trepidava.

De repente, soltei um grito. Ocorreu um choque relativamente leve. Senti a força penetrante do

esporão de aço. Ouvi rangidos e arranhões. Mas o *Nautilus*, propelido por seu poder de propulsão, atravessou a massa do navio como se uma agulha de marinheiro atravessasse o cânhamo!

Não me contive. Enlouquecido, desesperado, saí do meu quarto e corri para o salão.

O capitão Nemo estava lá. Silencioso, sombrio, implacável, olhava através da escotilha de bombordo.

Uma enorme massa afundava sob as águas, e para não perder um segundo de sua agonia, o *Nautilus* descia ao abismo com ela. A 10 metros de mim, vi o casco entrecortado por onde a água penetrava estrondosamente, depois a linha dupla de canhões e corrimões. O convés estava coberto de sombras negras que se agitavam.

A água subia. Os infelizes saltavam nos óvens, agarravam-se aos mastros,
contorciam-se sob a água. Era um formigueiro humano surpreendido pela invasão do mar!

Paralisado, retesado pela angústia, cabelos desgrenhados, olhos excessivamente abertos, respiração ofegante, sem fôlego, sem voz, eu também observava! Uma atração irresistível me mantinha preso à vidraça!

O enorme navio afundava lentamente. O *Nautilus*, acompanhando-o, espiava todos os seus movimentos. De repente, ocorreu uma explosão. O ar comprimido fez o convés voar pelos ares, como se o fogo tivesse tomado conta dos paióis. O impulso das águas foi tal

que o *Nautilus* ficou à deriva.

Então, o infeliz navio afundou mais rapidamente. Suas gáveas, carregadas de vítimas, apareceram, depois os cordames, dobrando sob cachos de homens, e finalmente o topo do mastro principal. Então, a massa escura desapareceu, e com ela uma tripulação de cadáveres arrastados por um turbilhão gigante...

Voltei-me para o capitão Nemo. Aquele terrível justiceiro, verdadeiro arcanjo do ódio, continuava olhando. Quando tudo terminou, o capitão Nemo, dirigindo-se para a porta de seu quarto, abriu-a e entrou. Segui-o com os olhos.

Na escotilha do fundo, embaixo dos retratos de seus heróis, vi o retrato de uma jovem mulher e de dois bebês. O capitão Nemo contemplou-os por alguns instantes, estendeu-lhes os braços, e, ajoelhando-se, caiu em prantos.

As últimas palavras do capitão Nemo

As escotilhas tinham sido fechadas diante daquela visão assustadora, mas a luz não havia voltado ao salão. Dentro do *Nautilus*, tudo era escuridão e silêncio. Ele deixava aquele lugar de desolação, 30 metros sob as águas, com uma rapidez prodigiosa. Para onde iria? Para o norte ou para o sul? Para onde fugiria aquele homem depois da terrível represália?

Voltei para meu quarto, onde Ned e Conseil estavam em silêncio. Sentia um horror ímpar pelo capitão Nemo. A despeito do que tivesse sofrido por parte dos homens, ele não tinha o direito de puni-los daquela forma. Ele tinha me transformado, senão em cúmplice, pelo menos em testemunha de suas vinganças! Já era demais.

Às 11 horas da noite, a luz elétrica voltou. Fui até o salão. Estava deserto. Consultei os vários instrumentos. O *Nautilus* fugia para o norte a uma velocidade de 25 milhas por hora, intercalando entre a superfície e 9 metros abaixo dela.

Encontrada nossa localização no mapa, constatei que passávamos ao largo da Mancha e que nossa direção seguia para os mares boreais com uma velocidade vertiginosa.

Eu mal podia avistar os cabozes de focinho comprido; os tubarões-martelo; os cações que frequentam aquelas águas; as grandes águias-do-mar; enxames de cavalos-marinhos semelhantes aos cavalos do xadrez; enguias que se agitavam como girândolas; exércitos de caranguejos que fugiam obliquamente, cruzando suas tenazes pinças sobre sua carapaça; e, finalmente, cardumes de golfinhos que apostavam corrida com o *Nautilus*. Mas já não era mais o caso de observar, estudar e classificar.

À noite, tínhamos atravessado 200 léguas do Atlântico. Anoiteceu, e o mar foi invadido pelas trevas até o despontar da lua.

Voltei para meu quarto, mas não consegui dormir. Tive pesadelos. A horrível cena de destruição se repetia em minha mente.

A partir desse dia, quem poderá dizer até onde o *Nautilus* nos arrastou por aquela bacia do Atlântico norte? Sempre com uma velocidade incalculável! Sempre no meio das brumas hiperbóreas! Tocou nas pontas do Spitzberg, nos penhascos de Nova Zembla? Viajou pelos mares desconhecidos, o Mar Branco, o Mar de Kara, o Golfo de Obi, o Arquipélago de Liarrov, as praias desconhecidas da costa asiática? Eu não saberia dizer. Não tinha mais noção do tempo. As horas tinham sido suspensas dos relógios de bordo. Parecia que a noite e o dia, como nas regiões polares,

não seguiam mais seu curso regular. Sentia que estava sendo arrastado para os domínios do estranho, onde a fértil imaginação de Edgar Allan Poe ganha asas. A todo instante, esperava ver, como o fabuloso Gordon Pym, “aquela figura humana velada, de proporção muito maior que a de qualquer habitante da Terra, lançada através da catarata que defende o acesso ao polo!”.

Estimo – mas talvez esteja enganado – que essa corrida aventureira do *Nautilus* tenha durado 15 ou 20 dias, e não sei por quanto tempo mais teria se prolongado sem a catástrofe que pôs termo a nossa viagem. O capitão Nemo tinha desaparecido, assim como seu imediato. Não víamos mais nenhum homem da tripulação. O *Nautilus* navegava submerso praticamente o tempo todo e, quando voltava à superfície para renovar o ar, as escotilhas abriam ou fechavam automaticamente. Não havia mais apontamentos de localização sobre o planisfério. Eu não sabia onde estávamos.

O canadense, cuja força e paciência chegavam ao fim, também tinha desaparecido. Conseil não conseguia tirar uma única palavra dele, e temia que, em um acesso de delírio e sob a influência de uma assustadora nostalgia, Ned Land se matasse. Então, ele o vigiava com grande devoção a todo momento.

Era possível compreender que, naquelas condições, a situação era insustentável.

Uma manhã – de qual dia, não saberia dizer –, eu cochilava nas primeiras horas do dia, um cochilo penoso e enfermiço. Quando acordei, vi Ned Land

curvado sobre mim, e ouvi quando sussurrou:

– Vamos fugir!

Levantei-me.

– Quando? – perguntei.

– Hoje à noite. Não há nenhum sinal de vigilância no *Nautilus*. Eu diria que o estupor reina a bordo. Estará pronto, senhor?

– Sim. Onde estamos?

– Em vista da terra que pude observar esta manhã entre as brumas, 20 milhas a leste.

– Que terras são essas?

– Ignoro, mas quaisquer que sejam, fugiremos para lá.

– Sim, Ned! Sim, fugiremos esta noite, nem que seja para o mar nos engolir!

– O mar está furioso, o vento, violento, mas 20 milhas nesse barquinho do *Nautilus* não me assustam. Consegui transportar algumas provisões e algumas garrafas d’água sem que a tripulação me visse.

– Eu o acompanho.

– Aliás – acrescentou o canadense –, se eu for surpreendido, vou me defender até a morte.

– Morreremos juntos, amigo Ned.

Eu estava disposto a tudo. O canadense se retirou. Fui à plataforma sobre a qual eu mal podia resistir ao impacto das ondas. O céu estava ameaçador, mas, como a terra estava lá, atrás daquelas brumas espessas, tínhamos de fugir. Não podíamos desperdiçar nem um dia, nem uma hora.

Voltei ao salão, temendo e desejando ao mesmo tempo encontrar o capitão Nemo, querendo e não querendo vê-lo. O que eu lhe diria? Poderia esconder-lhe o horror involuntário que ele me inspirava? Não! Era melhor não ficar cara a cara com ele! Melhor seria esquecê-lo! E apesar de tudo!

Que dia longo aquele, o último que passaria a bordo do *Nautilus*! Fiquei sozinho. Ned Land e Conseil evitavam falar comigo com medo de se denunciarem.

Às 6 da tarde, jantei, mas não tinha fome. Forcei-me a comer, apesar da minha repugnância, porque não podia enfraquecer.

Às 6h30, Ned Land entrou no meu quarto e disse:

– Não nos veremos antes da partida. Às 10, a lua ainda não terá aparecido. Desfrutaremos da escuridão. Vá até o barco. Conseil e eu estaremos à sua espera.

Em seguida, o canadense saiu sem me dar tempo para responder.

Queria verificar a direção do *Nautilus*. Fui até o salão. Corríamos para o nor-nordeste com uma velocidade assustadora, e a uma profundidade de 50 metros.

Lancei um último olhar sobre aquelas maravilhas da natureza, aquelas riquezas de arte acumuladas naquele museu, naquela coleção inigualável destinada a perecer um dia no fundo do mar junto de seu curador. Eu queria gravar em minha memória uma impressão suprema. Fiquei uma hora assim, banhado nas emanações do teto luminoso e passando os olhos por aqueles tesouros resplandecentes em suas vitrines. Depois, voltei para meu quarto.

Ali, vesti sólidos trajes marítimos. Juntei minhas anotações e guardei-as cuidadosamente junto ao corpo. Meu coração estava acelerado e eu não conseguia controlar minha pulsação. Com certeza, minha ansiedade e inquietação teriam me traído na presença do capitão Nemo.

O que faria ele naquele exato momento? Colei o ouvido à porta do seu quarto. Ouvi o ruído de passos. O capitão Nemo estava lá. Ele não tinha ido se deitar. A cada movimento, tinha a impressão de que ele surgiria para me perguntar por que eu queria fugir! Tinha constantes sobressaltos. Minha imaginação se alimentava deles e aquela sensação se tornou tão pungente que me perguntei se não seria melhor entrar no quarto do capitão, ficar frente a frente, desafiá-lo no gesto e no olhar!

Era uma ideia completamente insana. Felizmente, controlei meu impulso e me deitei na cama para apaziguar minha inquietação. Meus nervos se acalmaram um pouco, mas o cérebro, superexcitado, reviveu em um átimo toda a minha existência a bordo do *Nautilus*, todos os felizes ou infelizes incidentes que ele tinha atravessado desde meu desaparecimento do

Abraham Lincoln, as caças submarinas, o Estreito de Torres, os selvagens da Papua, o encalhe, o cemitério de coral, a passagem de Suez, a Ilha de Santorini, o mergulhador de Creta, a baía de Vigo, a Atlântida, a banquisa, o Polo Sul, a prisão nos blocos de gelo, a luta com os polvos, a Corrente do Golfo, a tempestade da Corrente do Golfo, o *Vingador* e aquela horrível cena do navio afundado com sua tripulação!... Todos esses eventos passaram diante de meus olhos como cenários de uma peça de teatro. Então, o capitão Nemo cresceu desproporcionalmente naquele contexto extravagante. Seu tipo se acentuava e assumia proporções sobre-humanas. Já não era meu semelhante, era o homem das águas, o gênio dos mares.

Eram 9h30. Eu segurava a cabeça com as duas mãos para evitar que ela explodisse. Fechei os olhos. Não queria mais pensar. Meia hora de espera ainda! Meia hora de um pesadelo que poderia me enlouquecer!

Nesse momento, ouvi os acordes vagos do órgão, uma triste harmonia sob um canto indefinível, verdadeiros lamentos de uma alma disposta a romper com seus laços terrenos. Ouvia simultaneamente com todos os meus sentidos, mal respirava, mergulhado como o capitão Nemo naqueles êxtases musicais que o arrastavam para além dos limites deste mundo.

Foi então que um pensamento súbito me aterrorizou. O capitão Nemo tinha saído do quarto. Ele estava no salão que eu tinha de atravessar para fugir, e eu o encontraria uma última vez. Ele me veria, talvez falasse comigo! Um gesto dele poderia me aniquilar, uma única palavra, acorrentar-me a bordo para

sempre!

Eram quase 10 horas. Era chegado o momento de deixar meu quarto e me juntar a meus companheiros.

Não podia hesitar, ainda que o capitão Nemo se interpusesse em meu caminho. Abri a porta com cuidado e, no entanto, pareceu-me que as dobradiças faziam um barulho ensurdecedor. Talvez o barulho só existisse na minha imaginação!

Rastejei pelos corredores escuros do *Nautilus*, parando a cada passo para comprimir as batidas de meu coração.

Cheguei à porta angular do salão. Abri-a lentamente. O salão estava mergulhado em uma profunda escuridão. Os acordes do órgão ressoavam frágeis. O capitão Nemo estava lá, mas não me via. Até acho que, à luz do dia, ele não teria reparado em mim, de tal forma seu êxtase o absorvia por inteiro.

Arrastei-me sobre o carpete, evitando qualquer esbarrão cujo barulho pudesse denunciar minha presença. Demorei cinco minutos para chegar à porta do fundo, que dá para a biblioteca.

Estava prestes a abri-la, quando um suspiro do capitão Nemo me congelou. Compreendi que ele se levantava. Cheguei a vê-lo de relance, pois alguns fachos de luz da biblioteca iluminada vazavam para o salão. Ele veio em minha direção, braços cruzados, silencioso, mais deslizando que caminhando, como um espectro. Seu peito oprimido saltava em soluços. E ouvi-o murmurar estas palavras, as últimas que me chegaram

aos ouvidos:

– Deus todo-poderoso! Basta! Basta!

Seria a confissão do remorso que escapava à consciência daquele homem?...

Desesperado, corri para a biblioteca. Subi a escadaria central e, seguindo pelo corredor superior, cheguei ao escaler. Penetrei nele através da abertura que já tinha dado passagem a meus dois companheiros.

– Vamos! Vamos! – gritei.

– Agora mesmo! – respondeu o canadense.

O buraco esvaziado no aço do *Nautilus* foi previamente fechado e vedado por meio de uma chave inglesa que Ned Land tinha conseguido.

A abertura do escaler também foi fechada, e o canadense começou a desapertar os parafusos que ainda nos prendiam ao submarino.

De repente, ouvimos um ruído no interior do aparelho. Vozes se interpelavam com vivacidade. O que estaria acontecendo? Teriam se dado conta de nossa fuga? Senti Ned Land me passar um punhal.

– Sim! – murmurei. – Saberemos morrer!

O canadense tinha parado o que fazia.

Mas uma palavra, 20 vezes repetida, uma palavra terrível, revelou-me a causa da agitação que se espalhava a bordo do *Nautilus*. Não era para nós que a

tripulação vociferava!

– Maelström! Maelström! – eles gritavam.

O Maelström! Não haveria nome mais assustador, em uma situação mais assustadora, que pudesse reverberar em nossos ouvidos! Então, estávamos naquelas perigosas paragens da costa da Noruega? O *Nautilus* tinha sido arrastado para aquele abismo, no momento exato em que nossa embarcação estava prestes a se separar de seus flancos?

Sabe-se que na época do fluxo as águas comprimidas entre as ilhas de Faroé e Lofoten são precipitadas com uma violência irresistível. Elas formam, então, um turbilhão do qual nenhum navio jamais conseguiu escapar. De todos os pontos do horizonte acorrem ondas monstruosas. Elas formam o abismo chamado de "Umbigo do Oceano", cujo poder de atração se estende a uma distância de 15 quilômetros. Para ele são sugados não só os navios, mas as baleias, e também os ursos polares das regiões boreais.

Foi para ele que o *Nautilus* – involuntária ou talvez voluntariamente – foi levado por seu capitão. Ele descrevia uma espiral cujo raio diminuía de forma progressiva. Como ele, o escaler, ainda pendurado em seu flanco, era carregado com uma velocidade vertiginosa. Eu sentia. Experienciava uma tontura doentia que sucede a um movimento de rotação demasiado longo. Estávamos apavorados, às portas do horror, a circulação suspensa, o sistema nervoso aniquilado, atravessados por calafrios como o suor da agonia! E que barulho à volta de nosso frágil bote! Que zunidos repetidos em eco, a uma distância de

várias milhas! Que estrondo o daquelas águas quebrantadas nas rochas pontiagudas do fundo, onde os corpos mais duros se rompem, onde os troncos de árvore se desgastam e formam uma “camada de pelos”, segundo a expressão norueguesa!

Que situação! Éramos freneticamente sacudidos. O *Nautilus* se defendia como um ser humano. Seus músculos de aço rachavam. Às vezes, ele inclinava, e nós éramos levados junto!

– Temos de aguentar firme – disse Ned Land – e apertar de novo os parafusos. Enquanto permanecermos ligados ao *Nautilus*, ainda poderemos nos salvar...!

Ele não acabou de falar, e ouvimos algo crepitar. Os parafusos se soltaram, e o bote, arrancado de seu alvéolo, foi atirado como a pedra de uma catapulta no meio do turbilhão.

Minha cabeça se chocou com uma barra de ferro, e com o choque violento, perdi os sentidos.

Conclusão

Eis a conclusão dessa viagem submarina. O que aconteceu naquela noite, como o bote escapou do formidável turbilhão do Maelström, como Ned Land, Conseil e eu escapamos do abismo, não sei dizer. Mas, quando acordei, estava deitado na cabana de um pescador das ilhas Lofoten. Meus dois companheiros, sãos e salvos, estavam perto de mim e apertavam minhas mãos. Abraçamo-nos efusivamente.

Neste momento, seria impensável regressar à França. Os meios de ligação entre a Noruega setentrional e o sul são escassos. Sou, portanto, forçado a esperar pela passagem do barco a vapor que presta um serviço quinzenal ao Cabo Norte.

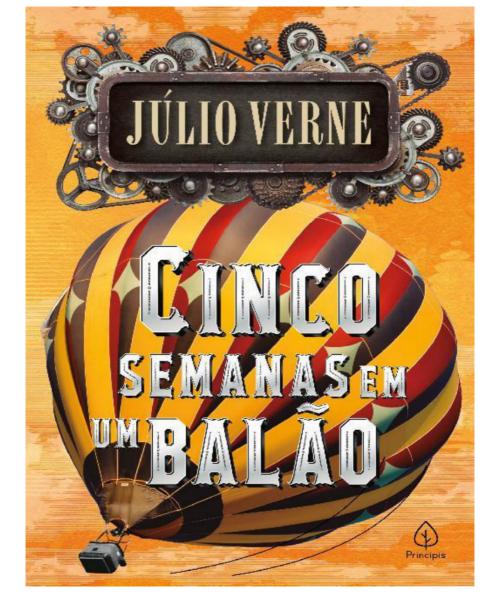
Então é aqui, no meio dessas pessoas corajosas que nos acolheram, que eu revisito a narrativa de minhas aventuras. Ela é exata. Nenhum fato foi omitido, nenhum pormenor exagerado. É a fiel narração dessa expedição inverossímil, sob um elemento inacessível ao homem, cujo progresso tornará essas rotas exploráveis um dia.

Acreditarão em mim? Não sei. Pouco importa, afinal. O que posso afirmar agora é o meu direito de falar desses mares sob os quais, em menos de dez meses, atravessei 20 mil léguas, dessa volta ao mundo submarina que me revelou tantas maravilhas ao longo do Pacífico, do Oceano Índico, do Mar Vermelho, do Mediterrâneo, do Atlântico, dos mares austrais e boreais!

Mas o que terá acontecido ao *Nautilus*? Terá resistido aos tentáculos do Maelström? O capitão Nemo ainda está vivo? Continua a tramar, sob o oceano, suas terríveis represálias, ou foi impedido por essa última hecatombe? As ondas algum dia trarão à tona o manuscrito que contém toda a história de sua vida? Descobrirei finalmente o nome desse homem? Será que o navio desaparecido nos revelará, por sua nacionalidade, a nacionalidade do capitão Nemo?

Espero que sim. Também espero que seu poderoso aparelho tenha vencido o mar no seu mais terrível abismo, e que o *Nautilus* tenha sobrevivido onde tantos navios pereceram! Se assim for, se o capitão Nemo ainda habita o oceano, sua pátria adotiva, que o ódio seja apaziguado naquele coração selvagem! Que a contemplação de tantas maravilhas esmoreça seu espírito da vingança! Que o justiceiro desapareça, que o cientista continue a exploração pacífica dos mares! Se seu destino é excêntrico, ele é também sublime. Não o compreendi eu mesmo? Não vivi dez meses dessa existência insólita? Assim, a esta pergunta feita há 6 mil anos no Eclesiastes: “Quem alguma vez foi capaz de sondar as profundezas do abismo?”. Dois homens entre todos os homens têm agora o direito de

responder: o capitão Nemo e eu.

JÚLIO VERNE
CINCO SEMANAS EM UM BALÃO
Principis

JÚLIO VERNE

Cinco semanas em um balão

Viagem de descobertas na
África por três ingleses

Tradução
Frank de Oliveira

Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Traduzido do original em francês
Cinq semaines en ballon
Texto
Júlio Verne
Tradução
Frank de Oliveira
Preparação
Luciene Ribeiro dos Santos
Revisão
Karin Gutz
Ana Lucia Rizzi
Cleusa S. Quadros
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
Mott Jordan/Shutterstock.com;
Andrey Burmakin/Shutterstock.com;
donatas1205/Shutterstock.com;
Brandon Bourdages/Shutterstock.com;
jumpingsack/Shutterstock.com;

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

V531c Verne, Júlio

Cinco semanas em um balão [recurso eletrônico] / Júlio Verne ; traduzido por Frank de Oliveira. - Jandira, SP : Principis, 2021.

288 p. ; ePUB ; 4,3 MB. – (Clássicos da literatura mundial)
Tradução de: Cinq semaines en ballon
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-297-6 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Ficção. I. Oliveira, Frank de. II. Título. III. Série.

2021-160 CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br

maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Capítulo 1

O fim de um discurso muito aplaudido – Apresentação do doutor Samuel Fergusson – “Excelsior” – Retrato de corpo inteiro do doutor – Um fatalista convicto – Jantar no Traveller’s Club – Vários brindes para a ocasião

Era grande a afluência na assembleia da Real Sociedade Geográfica de Londres, praça Waterloo, número 3, no dia 14 de janeiro de 1862. O presidente, Sir Francis M..., fazia uma importante comunicação a seus ilustres colegas, em um discurso interrompido a todo momento pelos aplausos.

Esse extraordinário rasgo de eloquência finalmente terminou com algumas frases bombásticas, nas quais o patriotismo transbordava em períodos bombásticos.

– A Inglaterra sempre marchou à frente das nações (pois, como já se observou, as nações marcham no mundo inteiro à frente umas das outras) graças à intrepidez de seus viajantes empenhados em descobertas geográficas. (*Concordância geral.*) O doutor Samuel Fergusson, um de nossos gloriosos filhos, não desmentirá sua origem. (*Por toda parte: “Não, não!”*) Este empreendimento, se tiver êxito (“*Vai ter!*”), fará a conexão, ligando as noções esparsas que temos da cartografia africana (*Aprovação veemente*); se não tiver (*“Nunca, nunca!”*), ao menos irá se imortalizar como uma das mais audaciosas concepções do gênio humano! (*Agitação frenética.*)

– Viva! Viva! – bradou a assembleia, eletrizada por aquelas emocionantes palavras.

– Viva o intrépido Fergusson! – exclamou um dos membros mais expansivos do auditório.

Gritos de entusiasmo ressoaram. O nome de Fergusson vibrou em todas as bocas, e temos razões de sobra para acreditar que o tom muito se elevou ao passar por gargantas inglesas. O salão estremeceu.

Contudo, ali se achavam, em grande número, viajantes corajosos, já velhos e fatigados, cujo temperamento irrequieto os levara a percorrer as cinco partes do mundo! Todos (uns mais, outros menos) haviam, física ou moralmente, escapado aos naufrágios, aos incêndios, às machadinhas dos índios, aos porretes dos selvagens, aos postes de suplício ou ao canibalismo na Polinésia! Mas nada podia conter as batidas do coração do Sir Francis M... durante o discurso e, sem dúvida, não há lembrança de um sucesso oratório maior na Real Sociedade Geográfica de Londres.

No entanto, na Inglaterra, o entusiasmo não se limita às palavras. Ele entra em circulação mais rapidamente que as cédulas da Casa da Moeda de Londres. Antes de finalizar a sessão, votou-se uma ordem de pagamento em favor do doutor Fergusson que alcançou a soma de duas mil e quinhentas libras. A quantia arrecadada era proporcional à importância do empreendimento.

Um dos membros da Sociedade perguntou ao presidente se o doutor Fergusson não seria oficialmente apresentado.

– O doutor está à disposição da assembleia – respondeu Sir Francis M...

– Pois que entre! – gritaram. – Que entre! Queremos ver com nossos próprios olhos um homem de tão extraordinária audácia!

– Talvez essa incrível proposta – resmungou um velho comodoro exaltado – tenha por finalidade única nos fazer de bobos!

– E se o doutor Fergusson nem existir? – insinuou uma voz maliciosa.

– Então, será necessário inventá-lo – retrucou um membro zombeteiro daquela renomada sociedade.

– Façam entrar o doutor Fergusson – disse simplesmente Sir Francis M...

E o doutor entrou, em meio a uma tempestade de aplausos, sem demonstrar nenhuma emoção.

Era um homem em seus quarenta anos, de estatura e constituição normais; o rosto muito vermelho denunciava seu temperamento sanguíneo; tinha expressão fria, traços regulares e nariz comprido, em forma de quilha, típico do homem predestinado às descobertas; os olhos muito meigos, mais inteligentes que atrevidos, davam um grande encanto à sua fisionomia; os braços eram longos e os pés se firmavam no chão com a força e energia dos andarilhos traquejados.

Uma gravidade serena emanava do doutor, e nem se pensaria que ele pudesse ser instrumento de algum tipo de mistificação, ainda que das mais inocentes.

Pois bem, os vivas e os aplausos só cessaram quando o doutor Fergusson pediu silêncio com um gesto amável. Dirigiu-se para a poltrona de onde faria sua apresentação e, ainda de pé, ereto, o olhar enérgico, levantou para o céu o indicador da mão direita, abriu a boca e pronunciou uma única palavra:

– *Excelsior*!

Não! Jamais uma interpelação inesperada dos senhores Bright e Cobden, jamais um pedido de fundos extraordinários de lorde Palmerston para fortificar os rochedos da Inglaterra obtiveram tamanho sucesso. O discurso de Sir Francis M... fora superado e em muito. O doutor se mostrava ao mesmo tempo sublime, grandioso, sóbrio e comedido. Tinha pronunciado a palavra que o momento exigia:

– *Excelsior*!

O velho comodoro, totalmente rendido àquele homem extraordinário, exigiu a inserção "integral" do discurso de Fergusson nos *Proceedings of The Royal Geographical Society of London*[1].

Quem era, então, esse doutor? E a quais afazeres ele se dedicava?

O pai do jovem Fergusson, um bravo capitão da marinha inglesa, havia iniciado o filho, desde tenra idade, aos perigos e às aventuras de sua profissão. O magnânimo garoto, que aparentemente não conhecia o medo, revelou desde cedo um espírito vivo, uma inteligência de pesquisador e uma propensão notável para os trabalhos científicos; além disso, tinha habilidades incomuns para se safar de embaraços; nunca teve dificuldades com nada, nem mesmo na hora de usar pela primeira vez o garfo, algo em que geralmente as crianças não se saem muito bem.

Cedo sua imaginação abriu asas ao ler sobre empreendimentos

arriscados e explorações marítimas; seguia com paixão as descobertas que assimilou a primeira metade do século XIX; sonhou com a glória dos Mungo-Park, dos Bruce, dos Caillié, dos Levaillant e até, creio eu, com a de Selkirk, o Robinson Crusoé, que não lhe parecia inferior. Quantas horas atarefadas não passou com ele na ilha de Juan Fernández! Aprovava quase sempre as ideias do marinheiro abandonado; às vezes, discutia seus planos e projetos; teria feito de outra forma, melhor talvez, mas pelo menos igual! Entretanto, é certo que jamais sairia daquela ilha bem-aventurada, onde era feliz como um rei sem súditos... Não, nem mesmo para se tornar primeiro-lorde do Almirantado!

Deixo aos cuidados do leitor concluir se essas tendências se desenvolveram durante sua juventude aventureira, passada nos quatro cantos do mundo. Seu pai, homem instruído, não deixava de consolidar a inteligência brilhante do filho com estudos sérios sobre hidrografia, física e mecânica, além de um pouquinho de botânica, medicina e astronomia.

Quando da morte do digno capitão, Samuel Fergusson, com vinte e dois anos de idade, já havia dado a volta ao mundo. Alistou-se no Corpo dos Engenheiros de Bengala e conseguiu se distinguir em várias missões. Mas a vida de soldado não lhe convinha: avesso a mandar, era também avesso a obedecer. Pediu demissão e, ora caçando, ora herborizando, foi para o norte da península indiana, que atravessou de Calcutá a Surate, como um simples passeio de amador.

De Surate, rumou para a Austrália onde tomou parte, em 1845, da expedição do capitão Stuart, encarregado de descobrir o mar Cáspio que se supunha existir no centro da Nova Holanda.

Samuel Fergusson voltou para a Inglaterra em 1850 e, possuído como nunca pelo demônio das descobertas, acompanhou até 1853 o capitão Mac Clure na expedição que contornou o continente americano do estreito de Behring ao cabo Farewel.

Apesar das fadigas de todo gênero e sob os mais diversos climas, a constituição de Fergusson resistia maravilhosamente. Suportava bem as maiores privações; era o tipo do perfeito viajante, cujo estômago se contrai ou se dilata à vontade, cujas pernas se alongam ou se encurtam conforme o tamanho da cama improvisada, que dorme a qualquer hora do dia e acorda a qualquer hora da noite.

Portanto, não é de se espantar que encontremos nosso infatigável

viajante visitando de 1855 a 1857 todo o oeste do Tibete, em companhia dos irmãos Schlagintweit, e colhendo dessa exploração dados curiosos de etnografia.

Durante essas muitas viagens, Samuel Fergusson se revelou o correspondente mais ativo e mais interessante do *Daily Telegraph*, esse jornal de apenas um tostão, cuja tiragem chega a cento e quarenta mil exemplares diários e mal consegue atender aos vários milhões de leitores. Por isso, o doutor era bem conhecido, embora não fosse membro de nenhuma instituição erudita nem das reais sociedades geográficas de Londres, Paris, Berlim, Viena ou São Petersburgo, nem do Clube dos Viajantes ou sequer da Royal Polytechnic Institution, onde seu amigo, o estatístico Kokburn, brilhava.

Um dia, esse cientista propôs a Fergusson, só para lhe ser agradável, o seguinte problema: dado o número de quilômetros percorridos pelo doutor durante a volta do mundo, quantas vezes sua cabeça percorreu mais que os pés, considerando-se a diferença dos raios? Ou então: conhecendo-se o número de quilômetros percorridos pelos pés e pela cabeça do doutor, qual seria exatamente sua estatura?

Apesar dos influentes amigos, Fergusson se mantinha afastado das sociedades científicas, uma vez que era militante da Igreja e não falante. Achava que era melhor empregar o tempo pesquisando que discutindo, ou melhor descobrindo que discorrendo.

Conta-se que um inglês apareceu um dia em Genebra para visitar o lago; puseram-no em uma dessas velhas carruagens onde os passageiros se sentam de lado, como nos ônibus; ora, sucedeu que por acaso nosso inglês ficasse de costas para o lago; a diligência completou pacificamente sua viagem circular sem que ele se virasse uma vez sequer: voltou para Londres encantado com o lago de Genebra.

Já o doutor Fergusson se virara várias vezes durante suas viagens, e tanto que acabara vendo muita coisa. Nisso, aliás, obedecia à sua natureza; e temos boas razões para crer que era um pouco fatalista, mas de um fatalismo bastante ortodoxo, pois contava tanto com as próprias forças quanto com a Providência; dizia-se antes empurrado que atraído por suas viagens, percorrendo o mundo como uma locomotiva dirigida não por si mesma, mas pelos trilhos.

– Não sigo meu caminho – dizia com frequência –, meu caminho é que me segue.

Ninguém estranhará, portanto, o sangue-frio com que recebeu os

aplausos da Real Sociedade. Estava acima de todas essas baboseiras, não tinha orgulho e muito menos vaidade; dirigiu-se em termos simples ao presidente Sir Francis M... e nem sequer notou o efeito tremendo que produziu.

Após a sessão, o doutor foi conduzido ao Traveller's Club, em Pall Mall, onde um soberbo banquete fora preparado em sua homenagem. O tamanho das iguarias condizia com a importância do personagem: o esturjão que abrilhantou o jantar não era muito menor que o próprio Samuel Fergusson.

Brindes numerosos foram levantados, com vinhos franceses, aos célebres viajantes que se haviam destacado em terras da África. Bebeu-se à saúde ou à memória de cada um e por ordem alfabética, o que é bem inglês: a Abbadie, Adams, Adamson, Anderson, Arnaud, Baikie, Baldwin, Barth, Batouda, Beke, Beltrame, Du Berba, Bimbachi, Bolognesi, Bolwik, Bolzoni, Bonnemain, Brisson, Browne, Bruce, Brun-Rollet, Burchell, Burckhardt, Burton, Caillaud, Caillié, Campbell, Chapman, Clapperton, Clot-Bey, Colomieu, Corval, Cumming, Cuny, Debono, Decken, Denham, Desavanchers, Dicksen, Dickson, Dochard, Duchaillu, Duncan, Durand, Duroulé, Duveyrier, Erhardt, D'Escayrac, De Lauture, Ferret, Fresnel, Galinier, Galton, Geoffroy, Golberry, Hahn, Halm, Harnier, Hecquart, Heuglin, Hornemann, Houghton, Imbert, Kaufmann, Knoblecher, Krapf, Kummer, Lafargue, Laing, Lajaille, Lambert, Lamiral, Lamprière, John Lander, Richard Lander, Lefebvre, Lejean, Levaillant, Livingstone, Maccarthie, Maggiar, Maizan, Malzac, Moffat, Mollien, Monteiro, Morrisson, Mungo-Park, Neimans, Overwey, Panet, Partarrieau, Pascal, Pearse, Peddie, Peney, Petherick, Poncet, Prax, Raffenel, Rath, Rebmann, Richardson, Riley, Ritchie, Rochet d'Héricourt, Rongäwi, Roscher, Ruppel, Saugnier, Speke, Steidner, Thibaud, Thompson, Thornton, Toole, Tousny, Trotter, Tuckey, Tyrwitt, Vaudey, Veyssière, Vincent, Vinco, Vogel, Wahlberg, Warington, Washington, Werne, Wild e, enfim, ao doutor Samuel Fergusson que, por sua incrível tentativa, deveria reunir os trabalhos desses viajantes e completar a série das descobertas africanas.

Boletins da Real Sociedade Geográfica de Londres. (N. O.)

Capítulo 2

Um artigo do Daily Telegraph *– Guerra de jornais científicos – O senhor Petermann apoia seu amigo, o doutor Fergusson – Resposta do cientista Koner – Apostas feitas – Diversas propostas apresentadas ao doutor*

No dia seguinte, em seu número de 15 de janeiro, o *Daily Telegraph* publicou o seguinte artigo:

> *"A África vai desvendar por fim o segredo de suas vastas solidões. Um Édipo moderno nos dará a solução desse enigma que os cientistas não puderam decifrar em sessenta séculos. Outrora, buscar as nascentes do Nilo,* fontes Nili quaerere*, era considerada uma tentativa insana, uma quimera irrealizável.*
>
> *O doutor Barth, seguindo até o Sudão a rota traçada por Denham e Clapperton; o doutor Livingstone, multiplicando suas intrépidas pesquisas desde o cabo da Boa Esperança até a bacia do Zambézi; os capitães Burton e Speke, abrindo três caminhos para a civilização moderna com a descoberta dos Grandes Lagos, cujo ponto de interseção, onde nenhum viajante jamais chegou, é o próprio coração da África. É para lá que devem se voltar todos os esforços.*
>
> *Ora, os trabalhos desses corajosos pioneiros da ciência serão retomados pela arriscada tentativa do doutor Samuel Fergusson, do qual nossos leitores têm apreciado frequentemente as extraordinárias explorações.*

Esse ousado descobridor pretende atravessar de balão a África toda, de leste a oeste. Se estamos bem informados, o ponto de partida dessa surpreendente viagem será a ilha de Zanzibar, na costa oriental. Quanto ao ponto de chegada, só Deus sabe.

A proposta dessa exploração científica foi apresentada ontem, oficialmente, à Real Sociedade Geográfica. Conseguiu-se uma soma de duas mil e quinhentas libras para subsidiar o empreendimento.

Manteremos nossos leitores a par dessa tentativa sem precedentes nos anais geográficos."

Como era de se esperar, o artigo teve enorme repercussão. Primeiro, insuflou as tormentas da incredulidade, e o doutor Fergusson se tornou um ser meramente quimérico, inventado pelo senhor Barnum, que, após trabalhar nos Estados Unidos, se preparava para "fazer" as Ilhas Britânicas.

Em Genebra, o número de fevereiro dos *Bulletins de la Société Géographique*[2] trouxe uma resposta bem-humorada, zombando com muito espírito da Real Sociedade de Londres, do Traveller's Club e do gigantesco esturjão.

Mas o senhor Petermann, em seus *Mittheilungen*[3], publicados em Gotha, reduziu ao silêncio mais absoluto o jornal de Genebra. Petermann conhecia pessoalmente o doutor Fergusson e garantiu a coragem de seu audacioso amigo.

De resto, a dúvida logo não era mais possível. Os preparativos da viagem estavam sendo feitos em Londres; as fábricas de Lyon haviam recebido uma encomenda importante de tafetá, um tecido especial para a construção do aeróstato; enfim, o governo britânico colocou à disposição do doutor o barco *Resolute*, comandado pelo capitão Pennet.

Não tardou e vieram a público milhares de incentivos e felicitações. Detalhes do empreendimento não faltavam nos *Bulletins de la Société Géographique de Paris*[4]; um artigo notável apareceu nos *Nouvelles Annales des Voyages de la Géographie, de l'Histoire e de l'Archeologie*[5], do senhor V. A. Malte-Brun; um trabalho minucioso publicado na *Zeitschrift für Allgemeine Erdkunde*[6], de autoria do doutor W. Koner, demonstrou vitoriosamente a possibilidade da viagem, suas chances de sucesso, a natureza dos obstáculos, as imensas vantagens da locomoção pelo ar. Ele apenas criticou o local da partida: preferia Masuah, pequeno porto da Abissínia, de onde James Bruce tinha saído

em busca das nascentes do Nilo em 1768. No entanto, reconhecia sem reservas o espírito aventureiro do doutor Fergusson, aquele coração protegido por um triplo escudo de bronze que concebera e tentaria semelhante aventura.

A *North American Review*[7] não viu com bons olhos essa glória reservada à Inglaterra. Ridicularizou a proposta do doutor e convidou-o a ir até a América enquanto estivesse no bom caminho.

Em suma, sem contar os periódicos do mundo inteiro, não houve publicação científica, desde o *Journal des Missions Évangéliques*[8] até a *Revue Algérienne et Coloniale*[9], desde os *Annales de la Propagation de la Foi*[10] até o *Church Missionary Intelligencer*[11], que não relatasse o fato em todos os seus aspectos.

Fizeram-se apostas consideráveis em Londres e em toda a Inglaterra sobre: 1) a existência real ou suposta do doutor Fergusson; 2) sobre a própria viagem, que não seria realizada, segundo uns, ou que seria levada adiante, segundo outros; 3) sobre o sucesso ou o fracasso da aventura; 4) sobre as possibilidades ou impossibilidades da volta do doutor Fergusson. Foram registradas somas enormes no livro de apostas, como se fosse a época das corridas de cavalos de Epsom.

Desse modo, crédulos e incrédulos, ignorantes e sábios, todos tinham os olhos fixos no doutor, que se tornou a celebridade do momento, sem ao menos se dar conta disso. Ele fornecia de boa vontade informações exatas sobre a expedição. Era muito acessível, o homem mais simples do mundo. Mais de um aventureiro se apresentou para partilhar a glória e os perigos de sua tentativa, porém ele dispensou a todos que apareceram sem dar explicações.

Numerosos inventores de engenhocas aplicáveis à direção de balões foram oferecer-lhe seus sistemas, mas ele não aceitou nenhum. A quem lhe perguntava se ele havia descoberto algo de novo nessa área, Fergusson recusava responder, apenas se ocupando mais que nunca dos preparativos da viagem.

Boletins da Sociedade Geográfica. (N. T.)

Informativos. (N. T.)

Boletins da Sociedade Geográfica de Paris. (N. T.)

Novos Anais das Viagens da Geografia, História e Arqueologia. (N. T.)

Revista de Geografia Geral. (N. T.)

Revista Norte-Americana. (N. T.)

Jornal das Missões Evangélicas. (N. T.)

Revista Argelina e Colonial. (N. T.)

Anais da Propagação da Fé. (N. T.)

Informativo da Igreja Missionária. (N. T.)

Capítulo 3

O amigo do doutor – Início de sua amizade – Dick Kennedy em Londres – Proposta inesperada, mas nada tranquilizadora – Provérbio que não consola – Algumas palavras sobre o martirológio africano – Vantagens de um aeróstato – O segredo do doutor Fergusson

O doutor Fergusson tinha um amigo. Não uma cópia dele mesmo, um *alter ego*, pois a amizade não pode existir entre dois seres exatamente idênticos.

Contudo, embora possuíssem qualidades, aptidões e temperamentos diversos, Dick Kennedy e Samuel Fergusson tinham, por assim dizer, um só coração, o que não os incomodava muito. Ao contrário.

Dick Kennedy era um escocês na mais pura acepção da palavra: franco, resoluto, teimoso. Morava na cidadezinha de Leith, perto de Edimburgo, um autêntico subúrbio da "Cidade Enfumaçada". Era às vezes pescador, mas, sobretudo e quase sempre, um caçador determinado, o que não chega a espantar por se tratar de um filho da Caledônia, que vivia percorrendo as montanhas das Highlands. Tinha a fama de grande atirador, pois não só cortava as balas com uma lâmina de faca, como as duas metades ficavam tão semelhantes que, observando-as em seguida, não se podia encontrar nelas uma diferença considerável.

A fisionomia de Kennedy lembrava muito a de Halbert

Glendinning, tal qual o descreve Walter Scott em *O mosteiro*. Tinha mais de 1,80 metro de altura e, embora de talhe gracioso e desenvolto, parecia dotado de uma força hercúlea. Rosto bronzeado pelo sol, olhos negros e vivos, uma ousadia natural das mais decididas; enfim, algo de bom e sólido nesse escocês falava em seu favor.

Os dois amigos se conheceram na Índia, quando serviam no mesmo regimento. Dick caçava tigres e elefantes; Samuel, plantas e insetos. Ambos podiam se considerar muito bons em seu ofício, e mais de uma planta rara caiu em mãos do doutor, tão difícil de obter quanto um par de presas de marfim.

Esses dois rapazes nunca tiveram a oportunidade de salvar a vida um do outro ou de prestar-se um serviço qualquer. Nem por isso a amizade era menos sólida. O destino, às vezes, os distanciava, mas a simpatia os reunia sempre.

Após voltarem para a Inglaterra, ficavam frequentemente separados por causa das expedições do doutor a terras longínquas; entretanto, ao regressar, Fergusson jamais deixava, não de pedir, mas de dar algumas semanas de seu tempo ao amigo escocês.

Kennedy discorria sobre o passado, Fergusson preparava o futuro: um olhava para trás, o outro para a frente. Daí o espírito inquieto de Samuel e a serenidade perfeita de Dick.

Depois de sua viagem ao Tibete, o doutor ficou quase dois anos sem falar em novas explorações; Dick pensou então que os instintos de viajante, e os apetites de aventureiro do amigo haviam se acalmado. Ficou contente. Aquilo, pensava ele, iria acabar mal, mais cedo ou mais tarde. Por mais que se conheça bem os homens, ninguém se mete impunemente com antropófagos e animais selvagens. Kennedy tentou, pois, convencer Samuel a acomodar-se, dizendo que ele já fizera muito para desenvolver a ciência o suficiente para angariar a gratidão humana.

A isso, o doutor se limitava a não responder nada; permanecia pensativo, depois se entregava a cálculos secretos, passando a noite lutando com números e até experimentando aparelhos estranhos que ninguém sabia o que eram. Percebia-se que alguma coisa gigantesca ocupava seus pensamentos.

"O que ele estará tramando?", Kennedy se perguntou quando o amigo o deixou para voltar a Londres, em janeiro.

Teve a resposta em uma bela manhã, pelo artigo do *Daily Telegraph*.

– Misericórdia! – gritou. – Louco! Insensato! Atravessar a África em um balão! Era só o que faltava! Então é isso que ele vem planejando nos últimos dois anos!

Se o leitor puder imaginar socos violentamente aplicados à cabeça no lugar de todos esses pontos de exclamação, terá uma boa ideia do exercício ao qual se entregava o bravo Dick enquanto proferia para si mesmo tais palavras.

Quando sua criada, a velha Elspeth, tentou insinuar que isso poderia ser pura mistificação:

– Ora! – replicou ele. – Então não conheço meu amigo? Isso não é bem típico dele? Viajar pelos ares! Agora sente inveja das águias! Não, isso não vai acontecer, devo impedi-lo! Se o deixarmos fazer o que bem entende, um belo dia ele partirá para a lua!

Naquela mesma noite, Kennedy, meio impaciente, meio irritado, tomou o trem na estação General Railway e, no dia seguinte, chegou a Londres.

Três quartos de hora depois, um coche o deixava na pequena casa do doutor: praça Soho, rua Greek. Atravessou a varanda e, para se anunciar, aplicou à porta cinco golpes violentos.

Fergusson em pessoa veio abrir.

– Dick? – exclamou, sem muito espanto.

– O próprio – respondeu Kennedy.

– Mas como assim, meu caro Dick? Você em Londres no inverno, em plena estação de caça?

– Sim, eu em Londres.

– E o que veio fazer aqui?

– Impedir uma loucura inqualificável!

– Uma loucura? – estranhou o doutor.

– É verdade o que diz este jornal? – prosseguiu Kennedy, com o cenho franzido, estendendo-lhe o exemplar do *Daily Telegraph*.

– Ah, então é disso que está falando! Os jornais são bem indiscretos! Mas sente-se, meu caro Dick.

– Não vou me sentar. Você tem mesmo a intenção de empreender essa tal viagem?

– Perfeitamente. Meus preparativos estão adiantados e eu...

– Onde estão esses preparativos? Vou fazê-los em pedaços. Onde estão? Quero esmigalhá-los.

O digno escocês parecia realmente furioso.

– Calma, meu caro Dick – apaziguou o doutor. – Compreendo sua irritação. Está ofendido porque não lhe comuniquei meus novos projetos.

– E ainda chama isso de novos projetos!

– Tenho andado muito ocupado – prosseguiu Samuel, ignorando a interrupção. – Tanta coisa para fazer! Mas fique tranquilo, eu não partiria sem lhe escrever...

– Como se eu ligasse para isso...

– ... porque tenho a intenção de levá-lo comigo.

O escocês deu um salto que não ficaria mal a um camelo.

– E essa, agora! Quer então que nos trancafiem no hospício de Bethlehem!

– Conto muito com você, meu caro Dick, porque o escolhi no lugar de muitos outros.

Kennedy olhava, estupefato.

– Depois de me ouvir por dez minutos – continuou tranquilamente o doutor –, vai me agradecer.

– Está falando sério?

– Muito sério.

– E se eu não quiser acompanhá-lo?

– Vai querer.

– Mas, enfim, e se eu não quiser?

– Irei sozinho.

– Sentemo-nos – disse o caçador – e conversemos com calma. Se de fato não está brincando, valerá a pena discutirmos o assunto.

– Caso não se oponha, façamos isso tomando o café da manhã, meu caro Dick.

Os amigos se colocaram um diante do outro na pequena mesa, entre uma pilha de sanduíches e uma enorme chaleira.

– Meu caro Samuel – disse o caçador –, seu projeto é insensato! É inviável! Não tem nada de sério ou praticável!

– Isso só saberemos depois de tentar.

– Pois tentar é justamente o que não devemos fazer.

– Por que, faça-me o favor de explicar?

– Perigos, obstáculos de todo tipo!

– Os obstáculos – ponderou seriamente Fergusson – foram inventados para serem vencidos. Quanto aos perigos, quem pode se gabar de fugir deles? Tudo é perigoso nesta vida. Talvez seja muito

perigoso sentar-se à mesa ou pôr o chapéu na cabeça. De resto, convém considerar o que deve acontecer como já acontecido e ver apenas o presente no futuro; pois o futuro nada mais é que o presente um pouco longínquo.

– E isso! – exclamou Kennedy, dando de ombros. – Você é sempre exagerado!

– Sempre, mas no bom sentido da palavra. Não nos preocupemos com o que a sorte nos reserva, e não esqueçamos nunca nosso excelente provérbio da Inglaterra: “Quem nasceu para ser enforcado não morrerá afogado”.

Para isso, não havia resposta possível, mas Kennedy continuou apresentando uma série de argumentos fáceis de imaginar, porém longos demais para reproduzir aqui.

– Enfim – desabafou ele após uma hora de discussão –, se você quer mesmo atravessar a África, se isso for necessário à sua felicidade, por que não seguir as rotas comuns?

– Por quê? – animou-se o doutor. – Porque até agora todas as tentativas fracassaram! Porque, de Mungo-Park assassinado no Níger ao Vogel desaparecido no Wadai, de Oudney morto em Murmur e Clapperton morto em Sackatu ao francês Maizan cortado em pedaços, do major Laing morto pelos tuaregues ao Roscher de Hamburgo massacrado no início de 1860, numerosas vítimas foram inscritas no martirológio africano! Porque lutar contra a fome, a sede, a febre, animais ferozes e povos mais ferozes ainda é impossível! Porque o que não se pode fazer de um jeito deve ser feito de outro! Porque, quando não se consegue passar pelo meio, é preciso passar pelos lados ou por cima!

– Se fosse apenas o caso de passar por cima! – replicou Kennedy. – Mas passar acima!

– Pois bem! – continuou o doutor com o maior sangue-frio do mundo. – O que tenho a temer? Você mesmo admite que tomei precauções de modo a não temer a queda de meu balão. Se, porém, ele me desapontar, estarei em terra, nas condições normais dos exploradores. Mas meu balão não me desapontará, nem se deve pensar nisso.

– Ao contrário, deve-se pensar.

– Não, não, meu caro Dick. Vou ficar com ele até minha chegada à costa ocidental africana. Com ele, tudo é possível; sem ele, terei de

enfrentar os perigos e obstáculos naturais em expedições desse tipo. Com ele, nem calor, nem torrentes, nem tempestades, nem o simum, nem os climas insalubres, nem feras, nem homens terei para temer! Se eu sentir muito calor, subirei; se sentir muito frio, descerei. Se encontrar uma montanha, passarei por cima dela; se encontrar um precipício, será fácil contorná-lo. Atravessarei rios; dominarei tempestades; sobrevoarei as torrentes como um pássaro! Avançarei sem fadiga, pararei sem necessidade de repouso! Planarei sobre cidades desconhecidas! Voarei com a velocidade do furacão, seja bem no alto, seja a poucos metros do solo. O mapa africano irá se desdobrar a meus olhos no grande atlas do mundo!

O bom Kennedy começava a ceder; mas, ainda assim, o espetáculo que tinha diante de si lhe dava vertigens. Observava Samuel com admiração e, ao mesmo tempo, com medo. Já se sentia sacolejando nos ares.

– Vejamos, então, meu caro Samuel. Você descobriu mesmo um meio de dirigir balões?

– Que nada! Isso é uma utopia.

– Mas... mas você irá...

– Aonde a Providência quiser. No entanto, de leste a oeste.

– Por quê?

– Porque espero me servir dos ventos alísios, cuja direção é constante.

– Hum, verdade? – murmurou Kennedy, refletindo. – Ventos alísios... sem dúvida... A rigor, pode-se... Há alguma coisa...

– Há alguma coisa? Não, meu valente amigo, há tudo! O governo inglês colocou um barco à minha disposição. Combinamos também que três ou quatro navios cruzarão ao largo da costa ocidental na ocasião exata de minha chegada. Em três meses, no máximo, estarei em Zanzibar, onde inflarei o balão, e de lá nós levantaremos voo.

– Nós! – exclamou Dick.

– Tem ainda alguma objeção a fazer? Pois fale, amigo Kennedy.

– Uma objeção? Tenho mil! Mas diga-me uma coisa: se pretende sobrevoar o país, subindo e descendo à vontade, não poderá fazer isso sem perder gás. Não existe até agora outro combustível apropriado, e é isso que sempre impediu as longas peregrinações pela atmosfera.

– Meu caro Dick, só lhe direi isto: não perderei uma molécula, um átomo sequer de gás.

– E descerá à vontade?

– Descerei à vontade.

– Como?

– Esse é o meu segredo, amigo Dick. Tenha confiança, e que o nosso lema seja a sua: *Excelsior!*

– Vá lá, *Excelsior!* – concordou o caçador, que não sabia uma palavra de latim.

Entretanto, ele estava resolvido a se opor, de todas as maneiras, à partida do amigo. Fingiu então que cedia, e resolveu ficar por ali observando. Quanto a Samuel, foi finalizar seus preparativos.

Capítulo 4

Explorações africanas – Barth, Richardson, Overweg, Werne, Brun-Rollet, Peney, Andrea Debono, Miani, Guillaume Lejean, Bruce, Krapf e Rebmann, Maizan, Roscher, Burton e Speke

A companhia aérea que o doutor Fergusson pretendia seguir não fora escolhida ao acaso. Ele estudou minuciosamente seu ponto de partida e por isso decidiu alçar voo da ilha de Zanzibar. Situada perto da costa oriental da África, está a 6º na latitude sul, isto é, a 692 quilômetros abaixo do equador.

Dali, acabava de partir a última expedição que cruzaria os Grandes Lagos em busca das nascentes do Nilo, com cento e setenta e duas léguas.

Convém agora dizer a quais explorações o doutor Fergusson esperava se conectar. As principais eram duas: a do doutor Barth, em 1849, e a dos tenentes Burton e Speke, em 1858.

O doutor Barth, de Hamburgo, obteve para si e seu compatriota Overweg permissão para se juntar ao grupo do inglês Richardson, encarregado de uma missão no Sudão.

Esse vasto país se situa entre 15º e 10º na latitude norte, ou seja: para chegar lá, é preciso percorrer mais de dois mil e quatrocentos quilômetros no interior da África.

Até então, o lugar só era conhecido por Denham, Clapperton e

Oudney, cujas expedições ocorreram de 1822 a 1824. Richardson, Barth e Overweg, querendo ir mais longe em suas investigações, desembarcaram em Túnis e Trípoli, como seus antecessores, e conseguiram chegar a Murzuk, capital do Fezã.

Abandonaram então a linha perpendicular e seguiram rumo ao oeste, para Ghât, guiados, não sem dificuldades, pelos tuaregues. Após inúmeras cenas de pilhagem, vexames e ataques à mão armada, a caravana alcançou em outubro o grande oásis de Asben. O doutor Barth se separou dos companheiros, para fazer uma excursão até a cidade de Agades e se reintegrou à expedição, que retomou à marcha a 12 de dezembro. Chegaram à província do Damerghu, onde os três viajantes se separaram, com Barth rumando para Kano, que a alcançou à custa de muita paciência e pagando tributos consideráveis.

Apesar de acometido por febre intensa, Barth deixou essa cidade a 7 de março, acompanhado por um único serviçal. O objetivo maior de sua viagem era encontrar o lago Chade, do qual ainda estava separado por 563 quilômetros. Avançou então para leste e chegou à cidade de Zuricolo, no Bornu, núcleo do grande império África Central. Ali teve notícia da morte de Richardson, que fora vencido pela fadiga e pelas privações. Chegou a Kuka, capital do Bornu, às margens do lago. Enfim, ao cabo de três semanas, no dia 14 de abril, doze meses e meio após deixar Trípoli, entrou na cidade de Ngornu.

Vamos vê-lo de novo a 29 de março de 1851, com Overweg, visitando o reino de Adamaua, ao sul do lago; chegou a cidade de Yola, um pouco abaixo dos 9º na latitude norte. Foi o limite extremo alcançado ao sul por esse ousado viajante.

Em agosto, voltou a Kuka e de lá percorreu incansavelmente o Mandara, o Barghimi e o Kanem, alcançando, como limite extremo a leste, a cidade de Masena, situada a 17º 20’ na longitude oeste.

A 25 de novembro de 1852, após a morte de Overweg, seu último companheiro, rumou para oeste; visitou Sockoto, cruzou o Níger e chegou finalmente a Tombuctu, onde aguardou por oito meses, sofrendo as humilhações do xeque, os maus-tratos e a miséria. Além do que, a presença de um cristão na cidade não podia ser tolerada por muito tempo, e os fulas ameaçavam atacá-lo. O doutor partiu então a 17 de março de 1854, refugiando-se na fronteira, onde permaneceu por trinta e três dias na mais completa penúria. Voltou a Kano em novembro e depois a Kuka, tomando o caminho de Denham após

quatro meses de espera; reviu Trípoli no fim de agosto de 1855 e regressou a Londres a 6 de setembro. Foi o único sobrevivente da expedição.

Eis o que foi a audaciosa jornada de Barth.

O doutor Fergusson tomou nota cuidadosamente de que ele havia parado a 4º na latitude norte e a 17º de longitude oeste.

Vejamos agora o que fizeram os tenentes Burton e Speke na África Oriental.

As diversas expedições que subiram o Nilo jamais conseguiram chegar às nascentes misteriosas desse rio. Conforme o relato do médico alemão Ferdinand Werne, a expedição de 1840, sob os auspícios de Mehemet-Ali, deteve-se em Gondokoro, entre os paralelos norte 4º e 5º.

Em 1855, Brun-Rollet, um saboiano nomeado cônsul da Sardenha no Sudão Oriental para substituir Vaudey, que havia morrido em ação, partiu de Cartum sob o pseudônimo de Yacub, mercador de borracha e marfim. Chegou a Belenia e retornou doente a Cartum, onde morreu em 1857.

Nem o doutor Peney, chefe do serviço médico egípcio, que em um pequeno vapor atingiu um grau abaixo de Gondokoro, e voltou para morrer de esgotamento em Cartum; nem o veneziano Miani, que, contornando as cataratas situadas abaixo de Gondokoro, alcançou o 2º paralelo; nem o negociante maltês Andrea Debono, que levou ainda mais longe sua expedição ao Nilo; nenhum deles pôde ultrapassar o limite intransponível.

Em 1859, Guillaume Lejean, encarregado de uma missão pelo governo francês, dirigiu-se a Cartum pelo mar Vermelho, navegou pelo Nilo com vinte e um homens na tripulação e vinte soldados, mas não conseguiu ir além de Gondokoro e correu os maiores perigos em meio aos selvagens em plena revolta. A expedição comandada por D'Escayrac de Lauture também tentou sem sucesso alcançar as famosas nascentes.

Entretanto, o limite fatal deteve sempre os viajantes. Os enviados de Nero alcançaram outrora o 9.º grau de latitude, de maneira que, em dezoito séculos, não ganhamos mais que 5 ou 6 graus, ou seja, 480 a 580 quilômetros.

Vários viajantes tentaram chegar às nascentes do Nilo partindo de um terminado ponto na costa oriental da África.

De 1768 a 1772, o escocês Bruce saiu de Masuá, porto da Abissínia, percorreu o Tigre, visitou as ruínas de Axo, viu um lugar que pensou ser o das nascentes do Nilo, porém não havia nada, então voltou sem obter nenhum resultado concreto.

Em 1844, o doutor Krapf, missionário anglicano, fundou um estabelecimento em Mombassa, na costa de Zanguebar, e descobriu, em companhia do reverendo Rebmann, duas montanhas a 480 quilômetros da costa: os montes Quilimanjaro e Quênia, que Heuglin e Thornton acabaram de escalar em parte.

Em 1845, o francês Maizan desembarcou sozinho em Bagamayo, diante de Zanzibar, e chegou a Deje-la-Mhora, onde o chefe o fez perecer em meio a cruéis suplícios.

Em 1859, no mês de agosto, o jovem viajante Roscher, de Hamburgo, juntou-se a uma caravana de mercadores árabes, alcançou o lago Niassa e ali foi assassinado enquanto dormia.

Enfim, em 1857, os tenentes Burton e Speke, oficiais do exército de Bengala, foram enviados pela Sociedade Geográfica de Londres para explorar os grandes lagos africanos. A 17 de junho, deixaram Zanzibar e rumaram diretamente para oeste.

Após quatro meses de sofrimentos indescritíveis, tendo suas bagagens pilhadas e os carregadores mortos, chegaram a Kazé, ponto de reunião dos traficantes e das caravanas. Estavam, por assim dizer, na lua; e ali colheram informações preciosas sobre os costumes, o governo, a religião, a fauna e a flora do país. Dirigiram-se então para o primeiro dos Grandes Lagos, o Tanganica, situado entre 3º e 8º na latitude sul, onde chegaram a 14 de fevereiro de 1858. Visitaram os diversos povoados das margens, quase todos canibais.

Retomaram a marcha a 26 de maio e regressaram a Kazé em 20 de junho. Ali, um esgotado Burton permaneceu por vários meses, doente. Enquanto isso, Speke avançava mais de 480 quilômetros para o norte, até o lago Ukereué, do qual se aproximou a 3 de agosto, só conseguindo ver, no entanto, sua embocadura, a 2º 30’ na latitude.

Voltou a Kazé no dia 25 de agosto e retomou com Burton o caminho para Zanzibar, onde chegaram em março do ano seguinte. Os dois ousados exploradores voltaram então para a Inglaterra, e a Sociedade Geográfica de Paris lhes concedeu seu prêmio anual.

O doutor Fergusson observou cuidadosamente que eles não cruzaram nem o 2.º grau na latitude sul nem o 29.º grau na longitude

leste.

Resolveu então juntar os dados das explorações de Burton e Speke com as do doutor Barth. E isso significava percorrer uma extensão de mais de 12 graus.

Capítulo 5

Sonhos de Kennedy – Artigos e pronomes no plural – Insinuações de Dick – Passeio pelo mapa da África – O que resta entre as duas pontas do compasso – Expedições atuais – Speke e Grant – Krapt, De Decken, De Heuglin

O doutor Fergusson apressava-se com os preparativos para sua partida. Fiscalizava ele próprio, a construção do aeróstato, adotando certas inovações sobre as quais guardava o mais absoluto sigilo.

Há muito tempo vinha se dedicando ao estudo da língua árabe e de diversos dialétos dos mandingas, obtendo rápidos progressos, graças a seus talentos de poliglota.

Enquanto aguardava, seu amigo caçador não o deixava um minuto sequer, temendo sem dúvida que o doutor levantasse voo sem lhe dizer nada. Dick ainda tentava insistentemente fazer Samuel Fergusson desistir da viagem, por meio de sermões persuasivos, se desfazia em súplicas patéticas, às quais o outro nem dava ouvidos. Sentia que o amigo lhe escapava por entre os dedos.

O pobre escocês era, realmente, digno de lástima. Já não contemplava a abóbada celeste sem terrores sombrios; sentia, enquanto dormia, sacolejos vertiginosos e sonhava todas as noites que estava despencando de grandes alturas.

Devemos acrescentar que, durante esses terríveis pesadelos, chegou

a cair da cama uma ou duas vezes. Correu então para mostrar a Fergusson um grande galo que ganhara na cabeça.

– No entanto – acrescentou com ingenuidade –, foi a menos de um metro de altura! Só isso! E um inchaço assim! Julgue por si mesmo!

Essa insinuação, cheia de melancolia não comoveu o doutor.

– Não cairemos – disse apenas.

– Mas, e se cairmos?

– Não cairemos.

Foi só. Kennedy não soube o que responder.

O que mais exasperava Dick era a insistência do doutor em contar com ele, Kennedy: se considerava indiscutivelmente destinado a tornar-se companheiro aéreo de Fergusson. Isso já estava fora de discussão. Samuel usava e abusava do pronome pessoal na primeira pessoa do plural.

– "Nós" iremos... "nós" estaremos prontos no dia... "nós" partiremos quando...

E do pronome possessivo no singular:

– "Nosso" balão... "nossa" barquinha... "nossa" exploração...

E também no plural!

– "Nossos" preparativos... "nossas" descobertas... "nossas" subidas...

Dick estremecia, embora estivesse decidido a não ir; não queria contrariar demais o amigo. Então, mesmo que, sem perceber bem o que fazia, mandara vir aos poucos de Edimburgo algumas roupas apropriadas e seus melhores fuzis de caça.

Um dia, depois de reconhecer que com muita sorte poderiam ter uma chance em mil de obter sucesso, fingiu render-se aos desejos do doutor. Mas, para retardar a viagem, inventou uma série de desculpas das mais desencontradas. Pôs em dúvida a utilidade da expedição, e quis saber se aquele seria de fato o momento oportuno de partir. Se a descoberta das nascentes do Nilo era mesmo necessária? Resultaria em benefício para a humanidade? Afinal, os povos da África se sentiriam mais felizes quando fossem beneficiados com a civilização? Tínhamos por acaso certeza de que nós éramos civilizados e eles não? Dúvida. E, para início de conversa, não convinha esperar mais um pouco? A travessia da África seria feita mais dia menos dia, e de um modo menos arriscado. Dentro de um mês, dez meses, um ano, algum explorador iria sem sombra de dúvida, aparecer...

Essas insinuações produziram um efeito inteiramente contrário à

sua intenção. O doutor não conteve a impaciência.

– Mas então, Dick, seu infeliz, seu falso amigo, você quer que essa glória caiba a outros? Devo negar meu passado, fugir de obstáculos sem importância? Devo me acovardar diante da proposta que o governo inglês e a Real Sociedade de Londres fizeram por mim?

– Mas... – começou Kennedy, que gostava muito dessa conjunção.

– Mas – completou o doutor – você não sabe que minha viagem deve concorrer para o êxito dos empreendimentos atuais? Ignora que novos exploradores estão rumando para o centro da África?

– No entanto...

– Escute bem, Dick, e dê uma olhada neste mapa.

Dick examinou-o com resignação.

– Suba o Nilo – orientou Fergusson.

– Estou subindo – disse docilmente o escocês.

– Chegue a Gondokoro.

– Cheguei.

Kennedy viu então como era fácil empreender semelhante viagem... no mapa.

– Pegue o compasso – continuou o doutor – e coloque uma das pontas nesta cidade, que os mais corajosos mal conseguiram ultrapassar.

– Coloquei.

– Procure agora, na costa da ilha de Zanzibar, o ponto a 6º na latitude sul.

– Aqui está.

– Siga esse paralelo e chegue a Kazé.

– Pronto.

– Suba, pelo 33º na longitude, até a embocadura do lago Ukereué, no lugar em que o tenente Speke parou.

– Cá estou! Um pouco mais e cairia no lago.

– Ótimo. Sabe o que devemos assumir com base nas informações dadas pelos habitantes das margens?

– Não faço ideia.

– Que esse lago, cuja extremidade inferior está a 2º 30’ na latitude, estende-se igualmente por 2,5 graus acima do Equador.

– Verdade?

– Que dessa extremidade norte flui um curso de água que deve necessariamente desaguar no Nilo, se não for o próprio Nilo.

– Isso é curioso.

– Apoie agora a outra ponta do compasso nessa extremidade do lago Ukereué.

– Feito, amigo Fergusson.

– Quantos graus você calcula entre as duas pontas?

– Só dois.

– E o que isso significa, Dick?

– Não faço a menor ideia.

– Cento e noventa quilômetros no máximo. Ou seja, nada.

– Quase nada, Samuel.

– Sabe o que está acontecendo neste exato momento?

– Não, de modo algum!

– Pois vou lhe dizer. A Sociedade Geográfica considerou muito importante a exploração desse lago, visto de longe por Speke. Sob seus auspícios, o tenente (hoje capitão) Speke se associou ao capitão Grant, do exército da Índia. Ambos chefiaram uma expedição numerosa e generosamente patrocinada, cuja missão é subir o lago e chegar a Gondokoro. Receberam uma verba de mais de cinco mil libras, e o governador do Cabo colocou soldados hotentotes à sua disposição. Partiram de Zanzibar no fim de outubro de 1860. Nesse meio tempo, o inglês John Petherick, cônsul de Sua Majestade em Cartum, obteve do Foreign Office cerca de setecentas libras para equipar um barco a vapor naquela cidade, aprovisioná-lo em quantidade suficiente e alcançar Gondokoro. Ali, ele esperará a caravana do capitão Speke e poderá reabastecê-la.

– Bem pensado – disse Kennedy.

– Então, você vê que precisamos ir depressa se quisermos participar desses trabalhos de exploração. E não é tudo: enquanto avançarmos a passo firme para descobrir as nascentes do Nilo, outros viajantes se embrenharão ousadamente pelo interior da África.

– A pé? – perguntou Kennedy.

– Sim, a pé – respondeu Fergusson, fingindo não ter notado a insinuação. – O doutor Krapt pretende tomar o rumo oeste pelo Djob, rio situado abaixo do equador. O barão De Decken deixou Mombassa, fez o reconhecimento das montanhas Quênia e Quilimanjaro e se dirigiu para o centro.

– A pé, também?

– Sempre a pé ou em lombo de mula.

– Para mim, é a mesma coisa – replicou Kennedy.

– Enfim – continuou o doutor –, De Heuglin, vice-cônsul da Áustria em Cartum, acaba de organizar uma expedição muito importante, cujo principal objetivo é procurar o viajante Vogel, que em 1853 foi mandado para o Sudão a fim de se associar aos trabalhos do doutor Barth. Em 1856, ele deixou o Bornu e resolveu explorar o país desconhecido que se estende entre o Chade e o Darfur. Mas desapareceu. Cartas chegadas a Alexandria em junho de 1860 relatam que foi assassinado por ordem do rei do Wadai; mas outras, endereçadas pelo doutor Hartmann ao pai do viajante, afirmam, com base no relato de um fula do Bornu, que Vogel apenas estaria preso em Wara. Portanto, há esperança. Um comitê se formou sob a presidência do duque regente de Saxe-Coburgo-Gotha, do qual meu amigo Petermann é o secretário. Uma coleta nacional financiou a expedição, integrada também por vários cientistas. De Heuglin partiu de Masuá em junho e, enquanto vai atrás de Vogel, deve explorar todo o país compreendido entre o Nilo e o Chade; ou seja, juntar as operações do capitão Speke às do doutor Barth. Então, a África será atravessada de leste a oeste.[12]

– Mas, então – ponderou o escocês –, se tudo já está praticamente feito, o que vamos fazer por lá?

O doutor Fergusson não respondeu, limitando-se a dar de ombros.

Após a partida do doutor Fergusson, soube-se que De Heuglin, em seguida a algumas discussões, tomou uma rota diferente da originalmente traçada para sua expedição, cujo comando foi entregue a Munzinger. (N. O.)

Capítulo 6

Um criado fantástico – Ele consegue ver os satélites de Júpiter – Dick e Joe discutem – Dúvida e crença – A pesagem – Joe Wellington – Ele recebe meia coroa

O doutor Fergusson tinha um criado que atendia pelo nome de Joe. Um ótimo caráter. Dedicava ao patrão uma confiança absoluta e uma fidelidade sem limites, indo até além de suas ordens, que as interpretava de maneira inteligente. Um Caleb[13] que não resmungava e estava sempre de bom-humor. Se o tivessem mandado fazer sob medida, não sairia melhor. Fergusson lhe confiava todos os detalhes de sua existência, e com razão. Raro e honesto Joe! Um criado que encomenda o jantar do patrão e tem o mesmo gosto dele, que faz sua mala sem esquecer meias e camisas, que guarda suas chaves e seus segredos sem abusar deles!

Mas que grande homem o doutor era para seu digno Joe! Com que respeito e confiança este acolhia suas decisões! Quando Fergusson falava, ai de quem retrucasse. Tudo que ele pensava era certo; tudo que dizia, sensato; tudo que ordenava, exequível; tudo que empreendia, viável; tudo que realizava, magnífico. Se alguém cortasse Joe em pedacinhos, o que seria sem dúvida um ato repugnante, nem assim ele mudaria de ideia com respeito a seu patrão.

Portanto, quando o doutor concebeu o projeto de atravessar a África pelo ar, aquilo para Joe eram favas contadas. Não havia mais obstáculos. Se o doutor Fergusson decidira partir, então já bastava: seria em companhia de seu fiel servidor, pois esse bravo rapaz, sem que jamais se falasse sobre o assunto, sabia muito bem que participaria da viagem.

De resto, ele deveria prestar grandes serviços à expedição por sua inteligência e maravilhosa agilidade. Caso fosse necessário nomear um professor de ginástica para os macacos do Jardim Zoológico, muito espertos por sinal, Joe certamente ficaria com o cargo. Saltar, escalar, voar, executar mil piruetas impossíveis, isso para ele era simples brincadeira.

Se Fergusson era a cabeça e Kennedy o braço, Joe devia ser a mão. Já havia acompanhado o doutor em diversas viagens e possuía alguns conhecimentos de ciência apropriados à sua condição. No entanto, distinguia-se principalmente por uma filosofia doce, um otimismo encantador; achava tudo fácil, lógico, natural e, por isso, ignorava a necessidade de se queixar ou de reclamar.

Entre outras qualidades, possuía a visão espantosamente aguçada, partilhando com Moestlin, o professor de Kepler, a rara faculdade de distinguir sem lentes os satélites de Júpiter e contar, na constelação das Plêiades, nada menos que catorze estrelas, das quais as últimas são de nona grandeza. Não se mostrava vaidoso por isso: ao contrário, saudava as pessoas de muito longe e, quando necessário, sabia se servir com proveito de seus olhos.

Considerando-se a confiança de Joe no doutor, não é de se estranhar que houvesse contínuas discussões entre Kennedy e o digno serviçal, sem que fosse posta de lado a deferência.

Um duvidava, o outro acreditava; um era a prudência lúcida, o outro, a fé cega; de sorte que o doutor se via entre a dúvida e a crença! Devo acrescentar que nem uma nem outra o preocupavam.

– E então, senhor Kennedy? – começava Joe.

– E então, meu rapaz?

– A hora se aproxima. Parece que vamos embarcar para a lua.

– Você quer dizer a Terra da lua, que não é tão longe. Mas fique tranquilo, é igualmente perigosa.

– Perigosa! Para um homem como o doutor Fergusson!

– Não quero destruir suas ilusões, meu caro Joe. Mas o que ele quer

fazer é, pura e simplesmente, uma loucura. Não partirá.

– Não partirá! Mas então o senhor não viu seu balão na oficina dos senhores Mittchell, no Borough?[14]

– Não vi, nem quero ver.

– Pois está perdendo um bonito espetáculo, senhor! Que coisa mais linda! Que desenho mais elegante! Que cesto mais gracioso! Ali, vamos estar bem à vontade!

– Então você pensa, seriamente, em acompanhar seu patrão?

– Ora – replicou Joe, convicto –, eu o acompanharei aonde ele for! Só me faltava deixá-lo ir sozinho, quando já corremos o mundo juntos! Quem o ampararia quando ele estivesse cansado? Quem lhe estenderia uma mão vigorosa para ele saltar de um precipício? Quem cuidaria dele se ficasse doente? Não, senhor Dick, Joe sempre estará a postos ao lado do doutor. Do doutor Fergusson, quero dizer.

– Rapaz valente!

– Aliás, o senhor nos acompanhará – disse Joe.

– Sem dúvida. Eu os acompanharei para impedir até o último minuto que Samuel cometa essa loucura! Pretendo mesmo ir com vocês até Zanzibar para que lá também a mão de um amigo o detenha em seu projeto insensato.

– Desculpe-me, mas o senhor não deterá nada. Meu patrão não tem a cabeça fora do lugar. Medita longamente o que quer empreender e, quando toma uma resolução, nem o diabo o demove de seu projeto.

– É o que veremos!

– Não alimente essa esperança. Afinal, o importante é que o senhor venha. Para um caçador que se preze, a África é um lugar maravilhoso. Apenas por isso, não lamentará a viagem.

– Não a lamentarei, é claro, principalmente se esse cabeçudo se render por fim às evidências.

– A propósito – lembrou Joe –, sabe que a pesagem é hoje?

– Como assim, a pesagem?

– Meu patrão, o senhor e eu vamos nos pesar.

– Como os jóqueis?

– Como os jóqueis. Mas fique tranquilo, não precisaremos emagrecer se formos gordos demais. Vão nos aceitar como somos.

– Não permitirei que me pesem – declarou o escocês com firmeza.

– Mas, senhor, parece que isso é necessário para a máquina.

– A máquina que se dane.

– E se, por falta de cálculos precisos, não pudermos subir?

– Ora, é justamente o que quero!

– Bem, senhor Kennedy, daqui a pouco meu patrão virá procurá-lo.

– Não irei.

– Assim, o senhor lhe fará uma desfeita.

– Farei.

– Ah – disse Joe, rindo –, fala assim porque meu patrão não está aqui! Mas quando ele lhe disser cara a cara: “Dick (perdoe-me a familiaridade), Dick, tenho de saber exatamente seu peso”, o senhor irá, não há dúvida.

– Não irei.

Logo depois, o doutor Fergusson entrou em seu escritório, onde ocorria essa conversa, e lançou um olhar a Kennedy, que não se sentia muito à vontade.

– Dick – pediu ele –, acompanhe Joe. Preciso saber quanto vocês dois pesam.

– Mas...

– Você poderá conservar o chapéu na cabeça. Vamos.

E Kennedy foi.

Entraram os três na oficina do senhor Mittchell, onde uma das chamadas balanças romanas os aguardava. Era realmente preciso que o doutor soubesse o peso de seus companheiros para estabelecer o equilíbrio do aeróstato. Fez, então, Dick subir à plataforma da balança; e Dick, sem oferecer resistência, resmungava baixinho:

“Ora, isso não me compromete de forma alguma”.

– Setenta quilos – disse o doutor, escrevendo esse número em seu caderno.

– Estou gordo demais?

– Oh, não, senhor Kennedy! – tranquilizou-o Joe. – Eu sou magro, isso compensará seu peso.

E Joe tomou o lugar do caçador na balança, que quase a derrubou com seu entusiasmo. Assumiu a pose de Wellington, que imita Aquiles na entrada do Hyde-Park, e foi magnífico, mesmo sem escudo.

– Cinquenta e quatro quilos – registrou o doutor.

– Ah, ah! – riu Joe, com satisfação. Por que ria? Ele nunca explicou.

– Agora é minha vez – disse Fergusson. E marcou para si o número 61. – Nós três pesamos apenas 185 quilos.

– Patrão – interveio Joe –, se for preciso para sua expedição, posso

emagrecer uns dez quilos ficando sem comer.

– Seria inútil, meu rapaz – respondeu o doutor. – Pode comer quanto quiser. Aqui está meia coroa para você se fartar à vontade.

Caleb foi um dos espiões enviados por Moisés à Canaã. (N. R.)

Bairro ao sul de Londres. (N. O.)

Capítulo 7

Detalhes geométricos – Cálculo da capacidade do balão – O aeróstato duplo – O revestimento – O cesto – O aparelho misterioso – Os víveres – O acréscimo final

Há muito tempo, o doutor Fergusson se preocupava com os detalhes de sua aventura. Por isso é compreensível que o balão, esse maravilhoso veículo destinado às viagens aéreas, fosse objeto de sua permanente dedicação.

De início, para o aeróstato não ficar grande demais, resolveu inflá-lo com hidrogênio, que é catorze vezes e meia mais leve que o ar. A produção desse gás não oferece dificuldade, e foi ele quem deu os melhores resultados nas experiências aerostáticas.

Após cálculos bastante precisos, o doutor concluiu que, para os objetos indispensáveis à viagem e os dispositivos precisaria levar um peso de 1.814 quilos. Portanto, seria necessário determinar a força ascensional capaz de erguer esse peso e, consequentemente, sua capacidade.

Um peso de 1.814 quilos pressupõe um deslocamento de ar de 1.270 metros cúbicos, ou seja, 1.270 metros cúbicos de ar pesam cerca de 1.814 quilos.

Atribuindo-se ao veículo a capacidade de 1.270 metros cúbicos e enchendo-o, não de ar, mas de hidrogênio que, sendo catorze vezes e

meia mais leve, pesa apenas 125 quilos, tem-se uma ruptura de equilíbrio, de 1.689 quilos. Essa diferença entre o peso do gás contido no balão e o do ar à sua volta é que constitui a força ascensional do aeróstato.

Todavia, se introduzirmos no balão os 1.270 metros cúbicos de gás mencionados, ficará totalmente cheio; mas isso não deve ser feito porque, à medida que o balão subir pelas camadas menos densas de ar, o gás tenderá a se dilatar e não tardará a romper o revestimento. Por isso, só se inflam dois terços dos balões.

O doutor, porém, com base em um projeto conhecido apenas por ele, resolveu encher o balão apenas pela metade, e, como teria de carregar 1.270 metros cúbicos de hidrogênio, daria a seu balão uma capacidade mais ou menos dupla.

Deu-lhe a forma alongada, a que todos acham preferível; o diâmetro horizontal era de 15 metros e o vertical, de 25[15]; conseguiu, assim, um esferoide cuja capacidade se elevava, em números redondos, a 2.550 metros cúbicos.

Se o doutor Fergusson pudesse empregar dois balões, suas chances de sucesso dobrariam; de fato, caso um se rompesse no ar, seria possível, livrando-se do lastro e continuar flutuando com o outro. Contudo, manobrar dois aeróstatos é muito difícil quando se trata de preservar neles uma força de ascensão igual.

Após refletir longamente, Fergusson, por meio um dispositivo engenhoso, reuniu as vantagens dos dois balões eliminando todas as desvantagens: construiu dois de tamanhos diferentes e colocou um dentro do outro. O balão externo, no qual conservou as dimensões que referimos, continha um menor, com o mesmo formato, de apenas 14 metros de diâmetro horizontal por 21 de diâmetro vertical. Sua capacidade era, portanto, de 1.900 metros cúbicos. Devia navegar dentro do fluido que o rodeava; uma válvula se abria de um para o outro e permitia, em caso de necessidade, a comunicação entre os dois balões.

Esse desenho apresentava a seguinte vantagem: se fosse preciso dar vazão ao gás para descer, fazia-se isso primeiro com o balão grande; e se ele ficasse completamente vazio, o pequeno ficaria intacto, sendo possível então se livrar do revestimento externo como o de um peso incômodo, pois o segundo aeróstato, sozinho, não ofereceria ao vento a resistência dos balões cheios pela metade.

Além disso, no caso de um acidente ou de um rasgo no balão externo, o outro ficaria preservado.

Os dois aeróstatos foram construídos com tafetá reforçado de Lyon, revestido de guta-percha. Essa goma resinosa proporciona uma impermeabilidade total, sendo altamente resistente aos ácidos e gases. O tecido foi aplicado em duas camadas no polo superior do globo, onde a pressão é mais forte.

Esse revestimento podia reter o fluido por tempo indeterminado. Pesava 273 gramas por 1 metro quadrado. Ora, como a superfície do balão externo era de cerca de 1.077 metros quadrados, seu revestimento pesava 294 quilos. O revestimento do segundo tinha cerca de 855 metros quadrados; portanto, pesava apenas 233 quilos: ao todo, 527 quilos.

A rede de sustentação do cesto foi feita de corda de cânhamo muito resistente. As duas válvulas foram objeto de cuidados minuciosos, como o teria sido o leme de um navio.

O cesto, de forma circular e com diâmetro de 4,5 metros, era de vime reforçado por uma leve armação de ferro, possuía a parte inferior revestida de molas elásticas destinadas a amortecer os choques. O peso total do cesto não chegava a 127 quilos.

O doutor mandou construir também quatro caixas de chapas de metal com duas linhas de espessura, reunidas por tubos providos de torneiras. Adaptou-lhes serpentinas de 5 centímetros de diâmetro cada uma, terminadas por duas retas de comprimento desigual, com a maior medindo 7,5 metros de altura, e a menor, apenas 5.

As caixas de chapas de metal foram empilhadas no cesto de modo a ocupar o mínimo de espaço possível; as serpentinas foram embaladas separadamente, pois seriam ajustadas mais tarde, assim como uma pilha elétrica de Bunsen de alta potência. Esse aparelho, engenhosamente combinado, pesava apenas 316 quilos, podendo conter até 25 galões de água dentro de uma caixa especial.

Os instrumentos para a viagem consistiam em dois barômetros, dois termômetros, duas bússolas, um sextante, dois cronômetros, um horizonte artificial e um altazimute para medir a distância dos objetos inacessíveis. O Observatório de Greenwich se pôs à disposição do doutor. Porém, como ele não pretendia fazer experiências de física, desejava apenas reconhecer a direção e localizar os principais rios, montanhas e cidades.

Ele se muniu de três âncoras de ferro a toda prova, bem como de uma escada de seda leve e muito resistente, com cerca de 15 metros de comprimento.

Calculou também o peso exato de seus víveres: chá, café, biscoitos, carne salgada e *pemmican* – mistura concentrada de ingredientes como, proteína, gordura, além de outras substâncias nutritivas. – Afora uma quantidade suficiente de aguardente, reservou duas caixas para água, cada uma contendo 22 galões.

O consumo desses víveres iria diminuindo aos poucos o peso suportado pelo aeróstato, pois é preciso saber que o equilíbrio de um balão na atmosfera é extremamente sensível. A perda de um peso insignificante basta para provocar um deslocamento considerável.

O doutor não esqueceu nem a tenda para proteger parte do cesto nem os cobertores para quando dormissem, além dos fuzis de caça e a munição em pólvora e balas.

Eis um resumo de seus vários cálculos:

Fergusson... 61 quilos

Kennedy... 70 –

Joe... 54 –

Peso do primeiro balão... 294 –

Peso do segundo balão... 233 –

Cesto e rede. 127 –

Âncoras, instrumentos, fuzis, cobertores, tenda, utensílios diversos... 86 –

Carne, *pemmican*, biscoitos, chá, café, aguardente... 175 –

Água... 182 –

Aparelho... 316 –

Peso do hidrogênio... 125 –

Lastro... 91 –

Total 1.814 quilos

Esses eram os 1.814 quilos que o doutor Fergusson se propunha a levar. O lastro seria de apenas 91 quilos, "só para imprevistos", dizia ele, pois, graças a seu aparelho, não esperava usá-lo.

Essa dimensão nada tem de extraordinário: em 1784, em Lyon, Montgolfier construiu um aeróstato com capacidade de 340.000 m^3 (10.000 metros cúbicos), capaz de erguer 20 toneladas. (N. O.)

Capítulo 8

Importância de Joe – O comandante do Resolute *– O arsenal de Kennedy – Ajustes – O jantar de despedida – A partida a 21 de fevereiro – Aulas científicas do doutor – Duveyrier, Livingstone – Detalhes da viagem aérea – Kennedy reduzido ao silêncio*

Em 10 de fevereiro, os preparativos chegaram ao fim. Os aeróstatos, postos um dentro do outro, estavam prontos. Tinham suportado uma forte pressão de ar comprimido nos flancos e esse teste deu uma boa ideia de solidez e do cuidado com que foram construídos.

Joe não cabia em si de contente. Ia sem parar da rua Greek à oficina do senhor Mittchell, sempre atarefado, mas sempre comunicativo, fornecendo de boa vontade detalhes que ninguém lhe pedia e orgulhoso sobretudo por acompanhar seu patrão. Creio mesmo que, exibindo o aeróstato, explicando as ideias e planos do doutor, mostrando a este por uma janela entreaberta ou de passagem na rua, o digno rapaz ganhou uma ou outra meia-coroa. Não convém censurá-lo: ele tinha o direito de se aproveitar um pouco da admiração e da curiosidade de seus contemporâneos.

A 16 de fevereiro, o *Resolute* lançou âncora diante de Greenwich. Era um navio de hélice de oitocentas toneladas, bem rápido, e que havia sido encarregado de abastecer a última expedição de Sir James

Ross às regiões polares. O comandante Pennet, homem amável, tinha grande interesse pela viagem do doutor, a quem admirava de longa data. Pennet era mais cientista que soldado, mas isso não impedia seu barco de levar quatro canhões, que nunca tinham feito mal a ninguém, e só serviam para produzir os barulhos mais pacíficos do mundo.

O porão do *Resolute* foi preparado para acomodar o aeróstato, transportado com grandes precauções no dia 18 de fevereiro e acomodado bem no fundo para evitar qualquer acidente. O cesto e seus acessórios, as âncoras, as cordas, os víveres, as caixas de água que seriam enchidas na chegada, tudo se dispôs sob os olhos atentos de Fergusson.

Foram para bordo dez toneladas de ácido sulfúrico e dez de ferro velho para a produção do hidrogênio. Essa quantidade era mais que suficiente, mas convinha contar com possíveis perdas. O aparelho para produzir o gás, composto por uns trinta barris, também foi acomodado no fundo do porão.

Todos esses preparativos terminaram na noite de 18 de fevereiro. Duas cabines confortáveis atendiam ao doutor Fergusson e seu amigo Kennedy. Este, sempre jurando que não partiria, subiu a bordo com um verdadeiro arsenal de caça, um par de excelentes fuzis de dois canos que são carregados pela culatra e uma carabina a toda prova fabricada por Purdey Moore e Dickson, de Edimburgo. Com uma arma dessas, o caçador não teria dificuldade em alojar uma bala no olho de um camelo a dois mil passos de distância. Acrescentem-se ao arsenal dois revólveres Colt de seis tiros, para necessidades imprevistas; o barril de pólvora, as caixas de cartuchos, o chumbo e as balas em quantidade suficiente, mas que não ultrapassavam os limites prescritos pelo doutor.

Os três viajantes se instalaram a bordo no dia 19 de fevereiro, sendo recebidos com grande cortesia pelo capitão e seus oficiais – o doutor sempre frio, preocupado apenas com a expedição; Dick comovido, mas sem querer demonstrar; e Joe efusivo, cheio de frases brincalhonas, a ponto de logo se tornar a distração dos tripulantes, entre os quais lhe reservaram um posto.

No dia 20, um grande jantar de despedida foi oferecido ao doutor Fergusson e a Kennedy pela Real Sociedade Geográfica. O comandante Pennet e seus oficiais participaram do banquete, onde não faltaram a animação e os brindes lisonjeiros. Esses brindes, em grande número,

asseguravam aos convivas vidas centenárias, enquanto Sir Francis M... presidia a festa com uma emoção contida, mas repleta de dignidade.

Para sua grande surpresa, Dick Kennedy recebeu boa parte das felicitações báquicas. Depois de beber “ao intrépido Fergusson, glória à Inglaterra”, os convivas beberam “ao não menos corajoso Kennedy, seu audaz companheiro”.

Dick enrubesceu muito, o que foi interpretado como modéstia; os aplausos redobraram e Dick ficou ainda mais corado.

Uma mensagem da rainha chegou durante a sobremesa. Ela apresentava seus cumprimentos aos dois viajantes, e fazia votos pelo êxito do empreendimento.

Isso exigiu novos brindes “à Sua Mui Graciosa Majestade”.

À meia-noite, após despedidas comoventes e calorosos apertos de mão, os convivas se separaram.

Os botes do *Resolute* aguardavam na ponte de Westminster; o comandante tomou seu lugar, na companhia dos passageiros e oficiais, e a rápida corrente do Tâmisa os levou a Greenwich.

À uma hora, todos dormiam a bordo.

Às três da manhã do dia 21 de fevereiro, as caldeiras chiavam; às cinco, o *Resolute* levantou âncora e, sob a impulsão da hélice, dirigiu-se para a embocadura do Tâmisa.

Nem é preciso dizer que as conversas a bordo giravam unicamente em torno da expedição do doutor Fergusson. Em gestos e palavras, ele inspirava tamanha confiança que ninguém, exceto o escocês, punha em dúvida o sucesso da aventura.

Durante as longas horas de ócio da viagem, o doutor deu um verdadeiro curso de geografia na sala dos oficiais. Esses jovens eram apaixonados pelas descobertas feitas nos últimos quarenta anos na África; ele lhes contou sobre as explorações de Barth, Burton, Speke e Grant; descreveu-lhes a misteriosa terra entregue por todos os lados às pesquisas da ciência. No norte, o jovem Duveyrier explorava o Saara e conduzia a Paris os chefes tuaregues. Por inspiração do governo francês, duas expedições estavam sendo preparadas: uma desceria do norte e a outra iria se dirigir para o oeste, encontrando-se em Tombuctu. Ao sul, o incansável Livingstone avançava para o equador e, desde março de 1862, subia o rio Rovoonia acompanhado por Mackensie. Sem dúvida, o século XIX não terminaria sem que a África revelasse os segredos guardados em seu seio por seis mil anos.

O interesse dos ouvintes de Fergusson aumentou principalmente quando ele lhes deu a conhecer, em detalhes, os preparativos de sua viagem. Quiseram verificar seus cálculos. Discutiram. E o doutor participou de bom grado da discussão.

Em geral, todos estranhavam a quantidade relativamente pequena de víveres que ele levava. Um dia, um dos oficiais o interrogou a esse respeito.

– Então isso o surpreende? – perguntou Fergusson.

– Sem dúvida.

– Mas que duração terá, a seu ver, minha viagem? Meses inteiros? Engano seu. Se ela se prolongasse, estaríamos perdidos e não voltaríamos. Fique sabendo que não percorreremos mais que 5.600, vamos colocar 6.400 quilômetros de Zanzibar à costa do Senegal. Ora, fazendo 380 quilômetros em doze horas, menos até que a velocidade de nossos trens, e viajando dia e noite, em sete dias atravessaremos a África.

– Mas assim vocês não verão nada, não farão levantamentos geográficos nem reconhecerão o território.

– Se eu controlar meu balão – explicou o doutor –, subindo e descendo à vontade, pararei quando quiser, sobretudo se correntes muito violentas ameaçarem me arrastar.

– E vai encontrá-las – interveio o comandante Pennet. – Certos furacões fazem mais que 380 quilômetros por hora.

– Então – replicou o doutor –, com essa velocidade atravessaremos a África em doze horas. Acordaremos em Zanzibar e dormiremos em Saint-Louis.

– Mas – objetou o oficial – um balão poderia ser arrastado a uma velocidade tão grande?

– Isso já aconteceu – respondeu Fergusson.

– E o balão resistiu?

– Perfeitamente. Foi na época da coroação de Napoleão, em 1804. O aeronauta Garnerin partiu de Paris, às onze horas da noite, um balão que exibia a seguinte inscrição em letras douradas: “Paris, 25 frimário, ano XIII, coroação do imperador Napoleão por S.S. Pio VII”. Na manhã seguinte, às cinco horas, os habitantes de Roma viram o mesmo balão planar acima do Vaticano, percorrer o campo romano e cair no lago Bracciano. Sim, meus senhores, um balão pode resistir a essas velocidades.

– Um balão, sim. Mas um homem... – arriscou-se a dizer Kennedy.

– Um homem também! Pois um balão está sempre imóvel em relação ao ar que o cerca. Não é ele que avança, e sim a própria massa de ar. Por isso, se você acender uma vela no cesto a chama não vacilará. Um aeronauta, no balão de Garnerin, não seria de modo algum afetado por essa velocidade. De resto, não pretendo ir tão rápido e, se à noite puder amarrar o balão a uma árvore ou acidente de terreno, eu o farei. Além disso, temos víveres para dois meses e nada impedirá nosso hábil caçador de nos fornecer carne em abundância quando estivermos em terra.

– O senhor Kennedy vai fazer grandes coisas por lá! – disse um jovem aspirante a marinheiro, olhando o escocês com admiração.

– Sem contar – interveio outro – que seu prazer virá acompanhado de uma imensa glória.

– Senhores – replicou o caçador –, agradeço muito seus cumprimentos... Mas não posso aceitá-los.

– Como? – ouviu-se de todos os lados. – O senhor não irá?

– Não irei.

– Não acompanhará o doutor Fergusson?

– Não o acompanharei e, ainda por cima, estou aqui para detê-lo no último instante.

Todos os olhares se voltaram para o doutor.

– Não lhe deem ouvidos – respondeu Fergusson, muito calmo. – Nem vale a pena discutir com ele. Ele sabe, no fundo, que irá.

– Por São Patrício! – exclamou Kennedy. – Garanto...

– Você não garante nada, amigo Dick. Foi medido e pesado, juntamente com sua pólvora, seus fuzis e suas balas. Portanto, chega de conversa.

E de fato, até a chegada a Zanzibar, Dick não abriu mais a boca para falar desse ou de qualquer outro assunto. Emudeceu.

Capítulo 9

Dobram o Cabo – O castelo de proa – Curso de cosmografia pelo professor Joe – Sobre a direção dos balões – Sobre a pesquisa das correntes atmosféricas – Eureka

O *Resolute* avançava rapidamente para o cabo da Boa Esperança. Fazia bom tempo, embora o mar estivesse um pouco agitado.

A 30 de março, vinte e sete dias após a partida de Londres, a montanha da Mesa se desenhou no horizonte. A Cidade do Cabo, situada ao pé de um anfiteatro de colinas, surgiu na ponta das lunetas marítimas; e logo o *Resolute* lançou âncora no porto. Mas, ali, o comandante só queria se abastecer de carvão e para isso precisou de apenas um dia. Na manhã seguinte, o navio tomou rumo sul, a fim de dobrar a extremidade meridional da África e entrar no canal de Moçambique.

Essa não era a primeira viagem marítima de Joe, que logo se sentiu em casa a bordo. Todos o estimavam por sua franqueza e bom-humor. Boa parte da fama de seu patrão respingava sobre ele. Ouviam-no como a um oráculo, e esse oráculo não se enganava mais que qualquer outro.

Enquanto o doutor prosseguia com suas descrições na sala dos oficiais, Joe brilhava no castelo de proa, narrando os fatos à sua maneira (processo, aliás, seguido pelos maiores historiadores de todos

os tempos).

Falava-se, é claro, da viagem aérea. Joe teve dificuldade em convencer alguns espíritos obstinados sobre os méritos do empreendimento; mas, uma vez aceita essa verdade, a imaginação dos marinheiros, estimulada pelo relato de Joe, não achou mais nada impossível.

O entusiasmado narrador persuadiu seu auditório de que, após aquela viagem, viriam muitas outras. Era apenas o começo de uma longa série de aventuras sobre-humanas.

– Fiquem certos, amigos, de que, após experimentar esse tipo de locomoção, não se fica mais sem ela. Por isso, em nossa próxima aventura, em vez de ir de lado, iremos em linha reta à frente, subindo sempre.

– Para a lua, então! – disse um ouvinte, maravilhado.

– Para a lua? – replicou Joe. – Oh, não, isso é muito comum. Todo mundo vai à lua. Lá não existe água, é preciso levar provisões em grande quantidade e até ar em frascos, ainda que se tenha de respirar pouco.

– Se pelo menos houver gim por lá... – aparteou um marinheiro, grande apreciador dessa bebida.

– Não há, meu amigo. Basta de lua. Mas passearemos entre as belas estrelas, nos belos planetas de que meu patrão fala com frequência. Começaremos por visitar Saturno...

– Aquele do anel? – perguntou o contramestre.

– Sim, como um anel de casamento. Infelizmente, não sabemos o que foi feito da mulher dele.

– Como? Irão tão alto assim? – perguntou um grumete, atônito. – Então seu patrão é mesmo o diabo?

– Diabo? Meu patrão é bom demais para isso.

– E depois de Saturno? – quis saber um dos ouvintes mais curiosos do auditório.

– Depois de Saturno? Bem, visitaremos Júpiter. Uma droga de lugar, é verdade, onde os dias só têm nove horas e meia, coisa bastante cômoda para os preguiçosos; e onde um ano dura doze anos, muito vantajoso para quem tem apenas seis meses de vida. Isso prolonga um pouco sua existência!

– Um ano dura doze anos? – espantou-se o grumete.

– Sim, meu garoto. Assim, naquele planeta, você ainda estaria

mamando e o velhote cinquentão ali seria um menino de quatro anos e meio.

– Incrível! – foi a exclamação unânime no castelo de proa.

– É a pura verdade – insistiu Joe com voz segura. – Mas o que vocês querem? As pessoas que teimam em vegetar aqui em nosso mundo não aprendem nada, permanecem ignorantes como botos! Visitem Júpiter e verão! Contudo, é necessário saber andar por lá, pois há satélites que não são nada cômodos!

Todos riam, mas ninguém acreditava totalmente nele. Joe lhes falava de Netuno, onde os marinheiros são muito bem recebidos, e de Marte, onde os militares mandam e desmandam, o que acaba por ser um pouco enfadonho. Quanto a Mercúrio, é uma terra vil, povoada por um bando de ladrões e mercadores, tão parecidos uns com os outros que se torna difícil distingui-los. De Vênus, porém, ele pintava um quadro dos mais cativantes.

– E quando voltarmos dessa expedição – prosseguiu o amável narrador –, seremos condecorados com a Cruz do Sul, como a que brilha na lapela do bom Deus.

– E merecidamente! – asseguraram os marinheiros.

Assim se passavam, em conversas agradáveis, as longas noites no castelo de proa. Enquanto isso, as palestras instrutivas do doutor prosseguiam.

Um dia, a conversa girava em torno da direção dos balões, e Fergusson foi convidado a dar sua opinião sobre o assunto.

– Não creio – confessou ele – que um dia conseguiremos dirigir balões. Conheço todos os sistemas tentados ou propostos; nenhum teve êxito, nenhum é praticável. Vocês devem compreender que me ocupei bastante dessa questão, de grande interesse para mim. Entretanto, não pude resolvê-la com os meios fornecidos pelos conhecimentos atuais da mecânica. Seria necessário construir um motor de força extraordinária e rapidez impossível! Mesmo assim, não se poderia resistir às correntes um pouco fortes. Aliás, até hoje, temos nos preocupado com a direção do cesto e não do balão. É um erro.

– Há, entretanto – replicou alguém –, grandes semelhanças entre um aeróstato e um navio, que se pode dirigir à vontade.

– Não – explicou o doutor –, há poucas ou nenhuma. O ar é infinitamente menos denso que a água. E o navio fica submerso só pela metade, enquanto o aeróstato mergulha inteiro na atmosfera e

permanece imóvel com relação ao fluido circundante.

– Acha então que a ciência aerostática já disse sua última palavra?

– Não, não! É necessário tomar outro caminho, pois, se não conseguimos dirigir um balão, convém pelo menos tentar mantê-lo dentro de correntes atmosféricas favoráveis. À medida que subimos, elas vão se tornando cada vez mais uniformes e constantes em sua direção. Não são mais perturbadas pelos vales e montanhas que pontilham a superfície da Terra, causa principal, como todos sabem, das mudanças do vento e da desigualdade de seu sopro. Uma vez determinadas essas zonas, o balão terá apenas de se colocar dentro das correntes favoráveis.

– No entanto – ponderou o comandante Pennet –, para alcançá-las, será preciso subir ou descer o tempo todo. Eis aí a principal dificuldade, meu caro doutor.

– Mas por que, meu caro comandante?

– Faço uma ressalva: será uma dificuldade e um obstáculo apenas para as viagens de longo curso, não para os simples passeios aéreos.

– Qual o motivo, por favor?

– É que o senhor só subirá com a condição de eliminar lastro, e só descerá se perder gás. Assim, com essas manobras, suas provisões de gás e lastro logo se esgotarão.

– Meu caro Pennet, aí está todo o problema, toda a dificuldade que a ciência terá de resolver. Não se trata de dirigir balões, mas de movê-los de alto a baixo sem perder o gás, que é sua força, seu sangue, sua alma, se assim se pode dizer.

– Tem razão, meu caro doutor. No entanto, essa dificuldade ainda não foi resolvida e esse meio ainda não foi encontrado.

– Perdão, comandante. Foi, sim.

– Por quem?

– Por mim!

– Pelo senhor?

– Saiba que, sem isso, eu não me arriscaria nunca a atravessar a África de balão. Ao fim de vinte e quatro horas, não teria mais gás!

– O senhor não mencionou nada a esse respeito na Inglaterra.

– É verdade. Queria evitar uma discussão pública, que me parecia inútil. Fiz em segredo experiências preliminares e fiquei satisfeito. Não precisava saber mais nada.

– Pois bem, meu caro Fergusson, podemos perguntar que segredo é

esse?

– Claro, senhores. Meu segredo é muito simples.

A atenção do auditório chegou ao ponto máximo, e o doutor, tomando tranquilamente a palavra, disse o seguinte.

Capítulo 10

Tentativas anteriores – As cinco caixas do doutor – O maçarico a gás – O aquecedor – Forma de manobrar – Sucesso certo

– Muitas vezes, tentou-se, senhores, realizar a subida e a descida de um balão sem perda de gás ou lastro. Um aeronauta francês, Meunier, experimentou comprimir o ar em um receptáculo interno. Um belga, o doutor Van Hecke, por meio de asas e paletas, obteve uma força vertical que, porém, teria sido insuficiente na maior parte dos casos. Os resultados conseguidos com esses meios foram insignificantes.

Resolvi, pois, abordar a questão de maneira mais direta. Primeiro, suprimo completamente o lastro, a não ser em caso de força maior, como a ruptura do aparelho ou a urgência de subir imediatamente para evitar um obstáculo imprevisto.

Meus meios de ascensão e descida resumem-se a dilatar ou contrair, com temperaturas diversas, o gás encerrado no interior do aeróstato. E eis como chego a esse resultado.

Vocês viram que eu trouxe para o cesto várias caixas, cujo uso ignoram. São cinco.

A primeira contém mais ou menos vinte e cinco galões de água, à qual acrescentei algumas gotas de ácido sulfúrico para aumentar a condutibilidade, e que decomponho por meio de uma possante pilha

de Bunsen. A água, como sabem, é composta de dois volumes do gás hidrogênio e um do gás oxigênio.

Este último, sob a ação da pilha, vai por seu polo positivo para uma segunda caixa. Uma terceira, colocada em cima dela e com capacidade dupla, recebe o hidrogênio que chega pelo polo negativo.

Duas válvulas, uma das quais tem abertura duas vezes maior que a da outra, põem em comunicação as duas caixas com uma quarta, chamada caixa de mistura. Ali, com efeito, mistura-se os dois gases provenientes da decomposição da água. A capacidade da caixa de mistura é de cerca de 1,20 metro cúbico.

Na parte superior dessa caixa, há um tubo de platina com válvula.

Os senhores já entenderam: o aparelho que descrevo não passa de um aquecedor a gás hidrogênio e oxigênio, mas seu calor é maior que o de uma forja.

Passo agora à segunda parte do dispositivo.

Do piso de meu balão, hermeticamente fechado, projetam-se dois tubos separados por um pequeno intervalo. Um sai do meio das camadas superiores do hidrogênio, o outro, do meio de suas camadas inferiores.

Os dois tubos estão equipados com fortes articulações de borracha entre as camadas que lhes permitem ceder às oscilações do aeróstato.

Ambos descem até o cesto e entram em uma caixa de ferro cilíndrica, chamada caixa de calor, fechada nas duas extremidades por dois discos espessos do mesmo metal.

O tubo que parte da região inferior do balão entra nessa caixa cilíndrica pelo disco de baixo, assumindo a forma de uma serpentina helicoidal, cujos anéis superpostos ocupam quase toda a altura do recipiente. Antes de sair, a serpentina penetra em um pequeno cone, cuja base côncava, em forma de calota esférica, dirige-se para baixo.

É pelo ápice desse cone que sai o segundo tubo para entrar, como eu já disse, nas camadas superiores do balão.

A calota esférica do pequeno cone é de platina, para não se fundir sob a ação do aquecedor. Ele fica no fundo da caixa de ferro, no meio da serpentina helicoidal, e a extremidade de sua chama toca ligeiramente a calota.

Os senhores sabem como é um aquecedor destinado a esquentar residências. Sabem como ele funciona. O ar do recinto é forçado a passar pelos tubos e é restituído com uma temperatura mais elevada.

Ora, o que acabo de lhes descrever é, na verdade, um aquecedor.

Sendo assim, o que acontece? Uma vez aceso o aquecedor, o hidrogênio da serpentina e do cone côncavo se aquece e sobe rapidamente pelo tubo que leva às camadas superiores do aeróstato. Embaixo, o vácuo formado atrai o gás das camadas inferiores, que se aquece por seu turno e é continuamente substituído. Estabelece-se, assim, nos tubos e na serpentina, uma corrente muito rápida de gás, que sai do balão e volta aquecendo-se sem cessar.

Ora, os gases aumentam 1/267 de seu volume por grau centígrado. Se eu forçar a temperatura de 10 graus, o hidrogênio do aeróstato irá se dilatar em 10/267, ou cerca de 17 metros cúbicos, deslocando, portanto, 19 metros cúbicos de ar a mais; o que aumentará sua força ascensional em 72 quilos. Isso equivalerá a desprezar o mesmo peso em lastro. Se eu aumentar a temperatura em 100º, o gás irá se dilatar em 100/267: deslocará 475 metros cúbicos a mais e sua força ascensional aumentará em 272 quilos.

Como veem, senhores, posso obter facilmente rupturas de equilíbrio consideráveis. O volume do aeróstato foi calculado de tal modo que, estando inflado pela metade, desloca um peso de ar exatamente igual ao do revestimento do gás hidrogênio e do cesto carregado com os viajantes e todos os seus acessórios. Inflado assim, ele está em perfeito equilíbrio no ar: não sobe nem desce.

Para subir, ponho o gás em uma temperatura superior à ambiente, graças ao aquecedor. Com esse excesso de calor, ele obtém uma tensão mais forte e infla mais o balão, que ascende à mesma medida que dilato o hidrogênio.

De resto, como já disse, guardo uma certa quantidade de lastro que me permitirá subir ainda mais rápido, caso isso seja necessário. A válvula situada no polo superior do balão está lá apenas por segurança. O balão conserva sempre a mesma carga de hidrogênio; as variações de temperatura que provoco nesse gás fechado geram sozinhas todos os seus movimentos de subida e descida.

E agora, senhores, como detalhe prático, acrescento o seguinte:

A combustão do hidrogênio e do oxigênio na ponta do aquecedor produz unicamente vapor de água. Por isso, instalei, na parte inferior da caixa cilíndrica de ferro, um tubo de vazão, com uma válvula que funciona a menos de 2 atmosferas de pressão; em consequência, quando ela alcança essa tensão, o vapor sai automaticamente.

Eis aqui uns números bastante exatos.

Vinte e cinco galões de água decomposta em seus elementos constitutivos produzem 90 quilos de oxigênio e 11 quilos de hidrogênio. Isso representa, na pressão atmosférica, 53 metros cúbicos do primeiro e 107 metros cúbicos do segundo ao todo, ou 160 metros cúbicos de mistura.

Ora, a válvula de meu aquecedor, totalmente aberta, consome menos de 1 metro cúbico por hora, com uma chama pelo menos dez vezes mais forte que a das grandes lanternas. Assim, em média, para me manter a uma altura pouco considerável, eu queimaria apenas 0,3 metro cúbico por hora. Desse modo, meus 25 galões de água representam 630 horas de navegação aérea ou pouco mais de 26 dias.

Ora, como posso descer à vontade e renovar minha provisão de água durante a viagem, esta pode ter uma duração indefinida.

Eis aí meu segredo, senhores. É simples e, como tudo que é simples, só pode ter êxito. Meu meio consiste na dilatação e na contração do gás do aeróstato, não exigindo nem asas incômodas nem motor mecânico. Um aquecedor acionado por um maçarico pode produzir as mudanças de temperatura. Isso não é trabalhoso nem pesado. Penso, pois, ter reunido todas as condições necessárias para o sucesso.

O doutor Fergusson encerrou assim seu discurso e foi entusiasticamente aplaudido. Não houve objeções; tudo tinha sido previsto e solucionado.

– Contudo – observou o comandante –, isso pode ser perigoso.

– Não importa – retrucou simplesmente o doutor Fergusson –, desde que funcione.

Capítulo 11

Chegada a Zanzibar – O cônsul inglês – Más disposições dos habitantes – A ilha Kumbeni – Os fazedores de chuva – O balão é inflado – Partida a 18 de abril – Último adeus – O Vitória

Um vento sempre favorável havia acelerado a marcha do *Resolute* rumo ao seu destino. A navegação pelo canal de Moçambique foi particularmente tranquila. A travessia marítima era um bom presságio para a travessia aérea. Todos aguardavam ansiosos o momento da chegada e se dispunham a ajudar o doutor Fergusson nos últimos preparativos.

Enfim, avistaram a cidade de Zanzibar, situada na ilha de mesmo nome; e no dia 15 de abril, às onze horas da manhã, o navio lançou âncora no porto.

A ilha de Zanzibar pertence ao imã de Mascate, aliado da França e da Inglaterra, e é, sem dúvida, a mais bela das colônias. O porto recebe grande número de navios dos países vizinhos.

A ilha é separada da costa africana apenas por um canal cuja largura máxima não excede a 50 quilômetros.

Nela é realizado o comércio intenso de borracha, marfim e, sobretudo, de ébano, pois Zanzibar é um grande mercado de escravos e concentra todo o saque conquistado nas batalhas travadas incessantemente entre os chefes locais. Esse tráfico se estende também

por toda a costa oriental e logo abaixo das latitudes do Nilo, e G. Lejean viu este comércio sendo feito abertamente sob pavilhão francês.

Após a chegada do *Resolute*, o cônsul inglês em Zanzibar subiu a bordo para oferecer seus préstimos ao doutor, de cujos projetos, há um mês, os jornais da Europa o tinham deixado a par. Até então, ele integrava a numerosa falange dos incrédulos.

– Eu duvidava – confessou o diplomata, estendendo a mão a Samuel Fergusson. – Agora, não duvido mais.

Ofereceu sua própria casa ao doutor, a Dick Kennedy e, naturalmente, ao bravo Joe.

Por intermédio do cônsul, o doutor tomou conhecimento de várias cartas que recebera do capitão Speke. Este e seus companheiros haviam passado fome e sofrido terríveis maus-tratos antes de chegar ao país de Ugogo; avançavam com extrema dificuldade, e achavam que não voltariam a dar notícias tão cedo.

– Eis os perigos e as privações que saberemos evitar – disse o doutor.

As bagagens dos três viajantes foram levadas para a casa do cônsul. Preparavam-se para desembarcar o balão na praia de Zanzibar, pois havia, perto do mastro de sinalizações, um local favorável, junto a uma enorme construção que o abrigaria dos ventos de leste. Essa sólida torre, semelhante a um tonel erguido sobre a base, e perto da qual a cuba de Heidelberg pareceria um simples barril, servia de forte; em sua plataforma, armados de lanças, velavam alguns beluches, espécie de soldados preguiçosos e tagarelas.

Mas, o cônsul foi informado de que a população da ilha se opunha violentamente ao desembarque do aeróstato. Não há nada mais cego que as paixões fanáticas. A notícia da chegada de um cristão que pretendia elevar-se nos ares foi recebida com acessos de cólera. Os negros, mais emotivos que os árabes, viram no projeto intenções hostis à sua religião: achavam que isso ofenderia o sol e a lua. Ora, esses astros são objeto de reverência para as populações africanas. Os negros então resolveram se opor àquela aventura sacrílega.

O cônsul, a par dessa movimentação, disse ao doutor Fergusson e ao comandante Pennet que não queria ceder às ameaças; seu amigo, porém, conseguiu trazê-lo de volta à razão.

– No fim, levaremos a melhor – disse-lhe. – Os próprios soldados do

imã nos ajudarão, se for necessário. Meu caro comandante, acidentes acontecem quando menos se espera, e bastaria um golpe qualquer para provocar no balão um dano irreparável. Convém, pois, agir com a máxima cautela.

– Mas o que faremos? Se desembarcarmos na costa da África, encontraremos as mesmas dificuldades! E então?

– Nada mais simples – respondeu o cônsul. – Está vendo aquelas ilhas para além do porto? Desembarquem o aeróstato em uma delas, cerquem-se de uma centena de marinheiros e não terão nada a temer.

– Ótimo – disse o doutor. – Assim, ficaremos à vontade para concluir nossos preparativos.

O comandante aceitou o conselho, e o *Resolute* se aproximou da ilha de Kumbeni. Na manhã de 16 de abril, o balão foi posto em segurança em meio a uma clareira, entre os densos bosques que cobriam aquela área.

Ergueram-se dois mastros de 25 metros de altura, a uma certa distância um do outro. Um jogo de polias fixadas em suas extremidades permitiu erguer o aeróstato por meio de um cabo transversal. Agora, ele estava totalmente vazio. O balão interno, preso ao alto do balão externo, pôde ser erguido com ele.

No apêndice inferior de cada revestimento, foram fixados os dois tubos de introdução de hidrogênio.

No dia 17, instalou-se o aparelho para a produção de gás, composto de trinta tonéis, nos quais a decomposição da água se fazia por meio de pedaços de ferro e ácido sulfúrico, mergulhados em uma grande quantidade de líquido. O hidrogênio ia para um grande tonel central, depois de ser lavado no trajeto, e de lá passava para cada aeróstato pelos tubos de introdução. Desse modo, cada balão recebia a quantidade de gás perfeitamente determinada.

Foi necessário usar, para essa operação, 1866 galões de ácido sulfúrico, 16.050 libras de ferro e 966 galões de água.

A operação começou na noite seguinte, por volta das três horas da manhã, e durou perto de oito horas. No dia seguinte, o aeróstato, coberto por sua rede, balançava-se graciosamente acima do cesto, retido por um grande número de sacos de terra. O aparelho de dilatação foi montado com grande cuidado, e os tubos que saíam do aeróstato foram adaptados à caixa cilíndrica.

As âncoras, as cordas, os instrumentos, os cobertores, a tenda, os

víveres e as armas tomaram seu lugar no cesto. Fez-se a provisão de água em Zanzibar. Os noventa quilos de lastro foram repartidos em cinquenta sacos e colocados no fundo do cesto, porém ao alcance da mão.

Esses preparativos terminaram por volta das cinco horas da tarde. Sentinelas velavam, atentas, em torno da ilha; e os botes do *Resolute* navegavam no canal.

Os selvagens continuavam manifestando sua cólera com gritos, caretas e contorções. Os feiticeiros percorriam os grupos irrequietos, alimentando ainda mais a irritação. Alguns fanáticos tentaram alcançar a ilha a nado, mas foram repelidos facilmente.

Então, começaram os feitiços e encantamentos; os fazedores de chuva, que afirmavam comandar as nuvens, invocaram furacões e "tempestades de pedras[16]" em seu socorro. Para isso, arrancaram folhas das diferentes árvores da região, puseram-nas a ferver em fogo lento e mataram um carneiro enfiando-lhe uma agulha comprida no coração. Mas, apesar dessas cerimônias, o céu continuava limpo: de nada valeram o carneiro e as caretas.

Os feiticeiros se entregaram então a furiosas orgias, embebedando-se de *tembo*, uma espécie de aguardente extraída do coqueiro, e de uma cerveja muito forte chamada *togwa*. Seus cantos, sem melodia reconhecível, mas de ritmo marcante, avançaram noite adentro.

Às seis horas da tarde, um último jantar reuniu os viajantes em torno da mesa do comandante e seus oficiais. Kennedy, que ninguém mais interrogava, sussurrava baixinho palavras inaudíveis, sem tirar os olhos do doutor Fergusson.

Essa refeição, como era de se esperar, foi triste. A iminência do momento supremo inspirava em todos reflexões penosas. Que reservaria o destino àqueles intrépidos viajantes? Ainda se reuniriam com seus amigos em casa, junto à lareira? Se o meio de transporte falhasse, o que seria deles cercados por tribos ferozes, em terras inexploradas e na vastidão dos desertos?

Essas ideias, dispersas até então e às quais se deram pouca importância, invadiram as imaginações superexcitadas. O doutor Fergusson, sempre frio, sempre impassível, falou de vários assuntos para dissipar aquela tristeza contagiante, mas em vão. Nada conseguiu.

Como temiam agressões ao doutor e a seus companheiros, todos

foram dormir a bordo do *Resolute*. Às seis horas da manhã, deixaram suas cabines e voltaram para a ilha de Kumbeni.

O aeróstato se balançava levemente ao sopro do vento leste. Os sacos de terra que o retinham haviam sido substituídos pela força de vinte marinheiros. O comandante Pennet e seus oficiais foram assistir à partida solene.

Nesse momento, Kennedy foi direto ao doutor, tomou-lhe a mão e disse:

– Está mesmo decidido a partir, Samuel?

– Sem nenhuma dúvida, meu caro Dick.

– Fiz tudo ao meu alcance para impedir essa viagem?

– Tudo.

– Então minha consciência está tranquila. E o acompanho.

– Eu tinha certeza disso – replicou o doutor, deixando transparecer no rosto uma emoção furtiva.

Chegara a hora das despedidas. O comandante e seus oficiais abraçaram efusivamente seus audazes amigos, sem deixar de lado o digno Joe, que parecia orgulhoso e feliz. Todos insistiram em apertar a mão do doutor Fergusson.

Às nove horas, os três companheiros de viagem tomaram lugar no cesto. O doutor Fergusson acendeu o maçarico e avivou a chama até produzir um calor rápido. O balão, que se mantinha no solo em perfeito equilíbrio, começou a erguer-se ao fim de alguns minutos. Os marinheiros afrouxaram um pouco as cordas que o seguravam. O cesto subiu cerca de 6 metros.

– Amigos – gritou o doutor, ereto entre seus dois companheiros e tirando o chapéu –, batizemos nosso navio aéreo com um nome que lhe traga sorte: *Vitória*!

Um grito formidável ecoou:

– Viva a Rainha! Viva a Inglaterra!

Nesse momento, a força ascensional do aeróstato aumentou prodigiosamente. Fergusson, Kennedy e Joe lançaram um último adeus a seus amigos.

– Soltem tudo! – ordenou o doutor.

E o *Vitória* se alçou rapidamente pelos ares, enquanto os quatro canhões do *Resolute* troavam em sua honra.

Nome que os africanos dão ao granizo. (N. O.)

Capítulo 12

Travessia do estreito – O Mrima – Conversa de Dick e proposta de Joe – Receita de café – O Uzaramo – O infeliz Maizan – O monte Duthumi – Os mapas do doutor – Noite sobre um nopal

Com ar límpido e vento moderado, o *Vitória* subiu quase perpendicularmente a uma altura de 460 metros, indicada por uma depressão de 5 centímetros menos duas linhas[17] na coluna barométrica.

Nessa altitude, uma corrente mais forte impeliu o balão para sudoeste. Que magnífico espetáculo se desdobrou aos olhos dos viajantes!

A ilha de Zanzibar destacou-se inteira e em cores mais vibrantes, como sobre um vasto planisfério. Os campos tinham a aparência de retalhos de diversas tonalidades, com densos aglomerados de árvores indicando os bosques e as matas.

Os habitantes da ilha pareciam insetos. Vivas e gritos foram se extinguindo pouco a pouco na atmosfera, e apenas os tiros de canhão do navio ainda vibravam na concavidade inferior do aeróstato.

– Como tudo isto é bonito! – exclamou Joe, rompendo o silêncio pela primeira vez.

Não obteve resposta. O doutor estava atento às variações barométricas e tomava nota dos diversos detalhes da subida.

Kennedy observava e parecia não ter olhos suficientes para ver tudo aquilo.

Os raios do sol vieram em auxílio do maçarico, e a tensão do gás aumentou. O *Vitória* alcançou a altitude de 760 metros.

O *Resolute* parecia um simples bote; e a costa africana, a oeste, lembrava uma imensa franja de espuma.

– Ninguém vai dizer nada? – insistiu Joe.

– Estamos olhando – respondeu o doutor, apontando sua luneta para o continente.

– Mas eu... eu preciso falar.

– Pois fale, Joe, fale o quanto quiser!

E Joe proferiu, sozinho, uma torrente de onomatopeias: os "oh", "ah", "hum" estalavam entre seus lábios.

Durante a travessia do mar, o doutor achou conveniente manter-se naquela mesma altitude. Podia observar a costa em uma extensão maior. O termômetro e o barômetro, suspensos no interior da tenda entreaberta, estavam sempre à vista. Um segundo barômetro, instalado do lado de fora, utilizados para as vigias noturnas.

Ao fim de longas duas horas, o *Vitória*, impelido a uma velocidade de mais de 13 quilômetros por hora, aproximou-se visivelmente da costa. O doutor resolveu descer um pouco e moderou a chama do maçarico, de modo que logo o balão estava a 90 metros do solo.

Achava-se acima do Mrima, nome dado a essa parte da costa oriental da África. Espessas faixas de mangues protegiam a costa, e a maré baixa deixava entrever as grossas raízes roídas pelos dentes do oceano Índico. As dunas, que formavam a linha costeira, arredondavam-se no horizonte, e o monte Nguru se erguia a noroeste.

O *Vitória* sobrevoou bem perto de uma aldeia que, no mapa, o doutor reconheceu tratar-se de Kaole. A população inteira, reunida, lançava gritos de cólera e medo; flechas voaram inutilmente contra aquele monstro dos ares, que se balançava majestosamente acima desses furiosos impotentes.

O vento soprava para o sul, mas o doutor não se preocupou com a direção que, ao contrário, permitia-lhe seguir a rota traçada pelos capitães Burton e Speke.

Kennedy, por fim, tornou-se tão tagarela quanto Joe; os dois trocavam exclamações entusiásticas.

– Acabaram-se as carruagens! – dizia um.

– Acabaram-se os vapores! – dizia o outro.

– Basta de estradas de ferro – bradava Kennedy –, com as quais atravessamos países sem os ver!

– Não há nada como um balão! – replicava Joe. – Nem sentimos que estamos avançando, e a natureza tem a bondade de se desdobrar diante de nossos olhos!

– Que espetáculo admirável! Que êxtase! Um sonho ao balanço da rede!

– E se comêssemos? – propôs Joe, a quem o ar puro despertara o apetite.

– Boa ideia, rapaz.

– Oh, não será nada difícil preparar a refeição! Biscoitos e carne em conserva.

– E café à vontade – acrescentou o doutor. – Permitirei que você roube um pouco do calor de meu maçarico. Não fará falta. E assim não precisaremos temer um incêndio.

– Isso seria terrível – disse Kennedy. – É como se estivéssemos em cima de um barril de pólvora.

– Nem tanto – explicou o doutor. – Se o gás se inflamasse, seria consumido aos poucos; nós baixaríamos até o solo e então teríamos, realmente, um contratempo. Mas fiquem tranquilos, nosso aeróstato é hermeticamente fechado.

– Então vamos comer – sugeriu Kennedy.

– Cá está a refeição, senhores – disse Joe. – E enquanto os imito, vou preparando um café que dará o que falar.

– A verdade – interveio o doutor – é que Joe, entre mil virtudes, tem um talento notável para preparar essa deliciosa bebida. Usa uma mistura de ingredientes de diversas procedências, que nunca me revelou.

– Ora, patrão, como estamos aqui em cima, posso lhe ensinar minha receita. É apenas uma combinação, em partes iguais, de moka, bourbon e rio-nunez.

Instantes depois, três xícaras fumegantes eram servidas e rematavam um desjejum substancial, temperado pelo bom-humor dos convivas. Em seguida, cada um retornou ao seu posto de observação.

O país se distinguia pela extrema fertilidade. Trilhas sinuosas e estreitas serpenteavam por entre as cúpulas verdejantes. Sobrevoaram campos cultivados de tabaco, milho e cevada em plena maturação;

aqui e ali, vastos arrozais com seus caules eretos e suas flores purpúreas. Viam-se carneiros e cabras presos em engradados erguidos sobre estacas, para preservá-los do dente do leopardo. Uma vegetação exuberante atapetava aquele solo pródigo. Em numerosas aldeias, reproduziram-se as cenas de gritaria e estupefação à vista do *Vitória*, mas o doutor Fergusson se mantinha prudentemente fora do alcance das flechas. Os habitantes, apinhados em volta de suas cabanas contíguas, perseguiam os viajantes por muito tempo com vãs imprecações.

Ao meio-dia, o doutor consultou o mapa e calculou que se encontravam no país de Uzaramo[18]. O campo era eriçado de coqueiros, mamoeiros e algodoeiros, por cima dos quais o *Vitória* parecia brincar. Joe achou aquela vegetação muito natural, pois se tratava da África. Kennedy avistou lebres e codornizes que pareciam não pedir mais que um tiro de fuzil. Mas isso seria desperdiçar pólvora, pois não poderia pegar a caça.

Os aeronautas avançavam a uma velocidade de 19 quilômetros por hora e logo se acharam a 38º 20’ na longitude, bem em cima da aldeia de Tunda.

– Foi ali – lembrou o doutor – que Burton e Speke contraíram febres violentas e pensaram que a expedição estava comprometida. Embora ainda se achassem próximos da costa, já sentiam a fadiga e as privações.

Com efeito, reina ali uma malária perpétua, que o doutor procurou evitar colocando o balão acima dos miasmas daquela terra úmida, cujas emanações eram dispersadas por um sol inclemente.

Às vezes, era possível ver uma caravana repousando em um *kraal*, à espera do frescor da noite para retomar a jornada. Esses são lugares rodeados de sebes e matagais, onde os mercadores se abrigam não apenas contra os animais selvagens, mas também contra as tribos de assaltantes do país. Os nativos corriam e se dispersavam à vista do balão. Kennedy gostaria de observá-los mais de perto, mas Samuel se opôs veemente a esse capricho.

– Os chefes têm mosquetes – explicou ele. – E nosso balão seria um alvo fácil para balas.

– Um buraco de bala nos faria cair? – perguntou Joe.

– Imediatamente, não. Mas logo o buraco iria se transformar em uma enorme fenda pela qual perderíamos todo o nosso gás.

– Então, vamos nos manter a uma distância respeitosa desses hereges. Que pensarão eles ao ver-nos planando nos ares? Acho que ficarão com vontade de nos adorar.

– Pois deixemos que nos adorem – replicou o doutor. – Mas de longe. Será melhor assim. Olhem, o terreno já muda de aspecto. As aldeias vão ficando mais escassas. As mangueiras desapareceram e a vegetação escasseia nessa latitude. O solo é pontilhado de colinas e prenuncia as montanhas próximas.

– De fato, estou avistando alguns picos daquele lado.

– A oeste... Sim, são as primeiras cadeias de Urizara, o monte Duthumi, sem dúvida, atrás do qual pretendo que passemos a noite. Vou atiçar a chama do maçarico porque precisamos ficar a uma altitude de 45 a 55 metros.

– Grande ideia o senhor teve, patrão – cumprimentou Joe. – A manobra não é nem difícil nem cansativa. Gira-se uma chave e pronto.

– Cá estamos nós – disse o caçador quando o balão ganhou alguma altura. O reflexo do sol na areia vermelha estava insuportável.

– Que árvores magníficas! – exclamou Joe. – Selvagens, mas lindas! Não seria preciso uma dúzia para fazer uma floresta.

– São baobás – disse o doutor Fergusson. – O tronco daquele ali deve ter uns 30 metros de circunferência. Foi talvez nessa mesma árvore que morreu o francês Maizan em 1845, pois estamos planando sobre a aldeia de Deje la Mhora, onde ele se aventurou sozinho. Foi capturado pelo chefe do país e amarrado ao tronco de um baobá. O selvagem feroz cortou lentamente suas articulações enquanto ressoavam cânticos de guerra. Em seguida, chegando à garganta, deteve-se para afiar a faca cega e arrancou a cabeça do infeliz antes mesmo de cortá-la inteiramente! O pobre francês tinha apenas vinte e seis anos!

– E a França não vingou esse crime? – espantou-se Kennedy.

– A França protestou. O *said* de Zanzibar fez de tudo para agarrar o assassino, mas não conseguiu.

– Peço que não paremos no caminho – disse Joe. – Vamos subir, patrão, vamos subir, é o melhor.

– Certamente, de muito bom grado, Joe. O Duthumi está logo adiante. Se meus cálculos forem exatos, antes das sete horas da noite teremos deixado esse monte para trás.

– Não viajaremos à noite? – perguntou o caçador.

– Não, se pudermos evitar. Com muita precaução e vigilância, faríamos isso sem perigo, mas não basta atravessar a África, é preciso vê-la.

– Até agora, não temos motivo de queixa, senhor. O país é o mais cultivado e fértil do mundo, não é um deserto! E vá alguém acreditar nos geógrafos!

– Esperemos, Joe, esperemos. O deserto aparecerá mais tarde.

Por volta das seis e meia da noite, o *Vitória* se aproximou do monte Duthumi e precisou, para ultrapassá-lo, elevar-se a mais de 900 metros, bastando para isso que o doutor aumentasse a temperatura em 10º centígrados. Era óbvio que ele sabia manejar seu balão. Kennedy indicou-lhe os obstáculos a vencer e o *Vitória* planou nos ares, roçando a montanha.

Às oito horas, desceu a vertente oposta, cuja inclinação era mais suave; as âncoras foram jogadas para fora do cesto e uma delas, encontrando os galhos de um enorme nopal, aí se enganchou firmemente. Joe se apressou a deslizar pela corda e se certificar de que estava bem presa. A escada de seda foi descida, e ele subiu com a maior desenvoltura. O aeróstato permaneceu quase imóvel, ao abrigo dos ventos de leste.

Os viajantes prepararam a refeição da noite e, excitados pelo passeio aéreo, abriram uma brecha enorme em suas provisões.

– Que caminho percorremos hoje? – perguntou Kennedy, devorando bocados impressionantes.

O doutor determinou sua posição por meio de observações lunares e consultou o excelente mapa que lhe servia de norte, parte do atlas *Der Neuester Entedekungen in Afrika*[19], publicado em Gotha por seu erudito amigo Petermann, e por ele mesmo enviado. O atlas deveria servir ao doutor durante toda a viagem, pois continha o itinerário de Burton e Speke aos Grandes Lagos, ao Sudão segundo o doutor Barth, ao sul do Senegal segundo Guillaume Lejean e ao delta do Níger descrito pelo doutor Baikie.

Fergusson se munira igualmente de uma obra que reunia em um volume único todas as noções adquiridas sobre o Nilo, intitulada *The sources of the Nil, being a general survey of the basin of that river and of its head stream with the history of the Nilotic discovery by Charles Beke, Th.D.*[20].

Ele possuía também os excelentes mapas publicados nos *Boletins da*

Sociedade Geográfica de Londres, de modo que nenhum ponto dos países descobertos poderia lhe escapar.

Examinando o mapa, concluiu que sua rota latitudinal era de 2º ou 225 quilômetros para oeste.

Kennedy observou que estavam se dirigindo para o sul. Mas essa direção convinha ao doutor, que desejava, tanto quanto possível, seguir as pegadas de seus antecessores.

Foi decidido que a noite seria dividida em três quartos, para que cada um pudesse velar pela segurança dos outros dois. O doutor ficou com o quarto das nove horas, Kennedy com o da meia-noite e Joe com o das três horas da manhã.

Assim, Kennedy e Joe, enrolados em suas mantas, acomodaram-se sob a tenda e dormiram de maneira pacífica, enquanto o doutor Fergusson vigiava.

Cerca de cinco centímetros. A depressão equivale mais ou menos a 1 centímetro por 100 metros de elevação. (N. O.)

U significa “país” na língua local. (N. O.)

As novas descobertas na África. (N. O.)

As fontes do Nilo. Uma descrição geral da bacia desse rio e sua cabeceira, com a história da descoberta nilótica por Charles Beke, doutor em teologia. (N. O.)

Capítulo 13

Mudança de tempo – Febre de Kennedy – O remédio do doutor – Viagem por terra – A bacia do Imengé – O monte Rubeho – A mil e oitocentos metros – Uma parada de dia

A noite foi tranquila. No entanto, no sábado de manhã, ao acordar, Kennedy se queixou de fraqueza e calafrios. O tempo mudava; o céu, coberto de nuvens espessas, parecia arquitetar um novo dilúvio. Triste país esse Zungomero, onde chove sem parar, exceto talvez durante uns quinze dias do mês de janeiro.

Uma chuva violenta não tardou a despencar sobre os viajantes. Lá embaixo, os caminhos entrecortados por *nullas*, espécie de torrentes passageiras, se tornavam impraticáveis, embaraçados por arbustos espinhosos e cipós gigantescos. Percebiam-se distintamente as emanações de hidrogênio sulfuroso de que falara o capitão Burton.

– Ele disse e com razão – lembrou o doutor –, que parece haver um cadáver escondido em cada moita.

– Maldito país, este – resmungou Joe. – E me parece que o senhor Kennedy não se sente bem por ter passado a noite nele.

– De fato, estou com uma febre muito alta – declarou o caçador.

– E não é de se estranhar, meu caro Dick. Essa é uma das regiões mais insalubres da África. Mas logo sairemos daqui. A caminho!

Graças a uma hábil manobra de Joe, a âncora foi desenganchada e,

subindo pela escada, ele voltou ao cesto. O doutor abriu generosamente o gás e o *Vitória* retomou seu voo, impelido por um vento impetuoso.

Mal se entreviam algumas cabanas em meio àquela bruma pestilenta. O terreno mudava de aspecto, isso acontece com frequência, na África, um pouco saudável e não muito extensa faça fronteira com países perfeitamente saudáveis.

Kennedy sofria visivelmente, e a febre dominava sua natureza de forma vigorosa.

– Não é hora de ficar doente – lamentou ele, envolvendo-se no cobertor e deitando-se sob a tenda.

– Um pouco de paciência, meu caro Dick – disse o doutor. – Logo estará curado.

– Curado! Por Deus, Samuel, se você tiver em sua farmácia de viagem qualquer remédio que me ponha de pé novamente, quero tomá-lo agora mesmo. E de olhos fechados.

– Tenho algo melhor que isso, amigo Dick. Vou lhe dar, é claro, um febrífugo que não custará nada.

– Como assim?

– É bem simples. Subirei, pura e simplesmente, acima destas nuvens que nos sufocam e me afastarei desta atmosfera doentia. Peço-lhe apenas dez minutos para dilatar o hidrogênio.

Mal haviam decorrido os dez minutos e os viajantes já estavam fora da zona úmida.

– Aguarde um pouco, Dick, e logo sentirá a influência do ar puro e do sol.

– Estranho remédio! – disse Joe. – Mas maravilhoso!

– Não, natural.

– Sim, natural, não duvido.

– Estou enviando Dick para o ar livre, como se faz todos os dias na Europa, e como na Martinica o mandaria para as altas montanhas Pitons, a fim de livrá-lo da febre amarela.

– Que coisa! Este balão é um verdadeiro paraíso – disse Kennedy, já um pouco aliviado.

– Se não é, leva até lá – ponderou seriamente Joe.

As massas de nuvens aglomeradas nesse momento abaixo do cesto compunham um curioso espetáculo; rolavam umas sobre as outras e se embaraçando em um clarão magnífico, refletindo os raios do sol. O

Vitória alcançou uma altitude de 1.200 metros. O termômetro indicava leve queda de temperatura. Já não se via a terra. Cerca de 80 quilômetros a oeste, o monte Rubeho alteava sua cabeça cintilante, marcando o limite do país de Ugogo em 36º 20' na longitude. O vento soprava a uma velocidade de 32 quilômetros por hora, mas os viajantes nem a percebiam; não sentiam nenhuma turbulência, e sequer tinham a sensação de que se deslocavam.

Três horas mais tarde, a previsão do doutor se realizou. Kennedy já não tinha nenhum vestígio de febre e comeu com apetite.

– E ainda há quem tome sulfato de quinino – brincou com satisfação.

– Decididamente – disse Joe –, é para cá que vou me retirar quando chegar à velhice.

Por volta das dez horas da manhã, a atmosfera clareou. Abriu-se um buraco nas nuvens, a terra reapareceu e o *Vitória* foi descendo lentamente. O doutor Fergusson procurava por uma corrente que os levasse mais para noroeste, e a encontrou a 180 metros do solo. O terreno ali era acidentado e bastante montanhoso. O distrito de Zungomero desaparecia a leste, com os últimos coqueiros dessa latitude.

Em seguida, as cristas de uma montanha assumiram um relevo mais acentuado. Alguns picos se elevavam aqui e ali, e era preciso muita atenção aos cones agudos que pareciam repentinamente.

– Podemos esbarrar neles – advertiu Kennedy.

– Fique tranquilo, Dick, não esbarraremos.

– De qualquer modo, é uma bela maneira de viajar! – exclamou Joe.

De maneira efetiva, o doutor manobrava seu balão com maravilhosa destreza.

– Se tivéssemos de andar nesse terreno encharcado – disse ele –, precisaríamos rastejar por uma lama insalubre. De nossa partida de Zanzibar até aqui, metade de nossas bestas de carga teria morrido de cansaço. Nós mesmos pareceríamos fantasmas tomados de desespero. Brigaríamos o tempo todo com nossos guias e carregadores, ficando expostos a brutalidade inimagináveis. De dia, um calor úmido, insuportável, esmagador! De noite, um frio quase sempre intolerável, e picadas de moscas cujas mandíbulas perfuram a tela mais grossa, além de nos enlouquecer! E tudo isso sem falar dos animais selvagens e das

populações ferozes!

– Só peço para não esbarrarmos em nada disso – replicou Joe.

– E não estou exagerando – continuou o doutor Fergusson. – Se ouvissem os relatos dos viajantes que tiveram a audácia de se aventurar por essas terras, vocês chorariam.

Por volta das onze horas, sobrevoaram a bacia do Imengé. Tribos esparsas, nas colinas, ameaçavam inutilmente o *Vitória* com suas armas. Finalmente se aproximavam das últimas ondulações de terreno que precedem o Rubeho e formam a terceira cadeia, a mais elevada, das montanhas de Usagara.

Os viajantes distinguiam perfeitamente os relatos da conformação orográfica do terreno. As três ramificações, das quais o Duthumi é a primeira, são separadas por vastas planícies longitudinais. Essas elevações se compõem de cones arredondados, e entre elas o solo é formado de pedregulhos e seixos. O declive mais acentuado dessas montanhas defronta a costa de Zanzibar, e as vertentes ocidentais não passam de planaltos inclinados. As depressões de terreno são cobertas por argila negra e fértil, que propicia uma vegetação exuberante. Diversos cursos de água correm para leste e deságuam no Kingani, em meio a maciços gigantescos de sicômoros, tamarindos, goiabeiras e coqueiros.

– Atenção! – gritou o doutor Fergusson. – Estamos perto do Rubeho, cujo nome significa “Passagem dos Ventos” na língua do país. Será bom ultrapassarmos as arestas agudas a uma certa altitude. Se meu mapa estiver correto, subiremos a mais de 1.500 metros.

– Precisaremos com frequência alcançar essas zonas superiores?

– Raramente. A altitude das montanhas da África parece inferior em comparação com os picos da Europa e da Ásia. Mas, em todo caso, nosso *Vitória* não terá dificuldade de sobrevoá-las.

Em pouco tempo, o gás se expandiu sob a ação do calor expandiu o balão empreendeu uma marcha ascensional bastante acentuada. A dilatação do hidrogênio não oferecia perigo algum, e o balão estava cheio só em três quartos de sua capacidade; o barômetro, por uma depressão de quase 20 centímetros, indicava a altitude de 1.800 metros.

– Avançaremos por muito tempo desta maneira? – quis saber Joe.

– A atmosfera terrestre tem uma altura de 12.000 metros – respondeu o doutor. – Um balão grande pode ir longe. Foi o que

fizeram os senhores Brioschi e Gay-Lussac. Mas então começaram a soltar sangue pela boca e pelos ouvidos, por falta de ar respirável. Há alguns anos, dois franceses corajosos, Barral e Bixio, também se aventuraram pelas regiões elevadas. Mas o balão deles se rompeu...

– Caíram? – perguntou Kennedy, ansiosamente.

– Sem dúvida! Mas como devem cair os cientistas, sem sofrer nenhum dano.

– Pois bem, senhores – interveio Joe. – Vocês dois podem reproduzir a queda deles quando quiserem. Já eu, ignorante que sou, prefiro ficar no justo meio-termo, nem muito alto, nem muito baixo, é melhor não ser ambicioso.

A 1.800 metros, a densidade do ar diminui significativamente. O som se propaga com dificuldade e é quase impossível ouvir uma voz claramente. A visão dos objetos se torna confusa. O olhar só percebe, muito vagamente, grandes massas; homens e animais ficam totalmente indecifráveis; os caminhos parecem cordões de sapatos, e os lagos, tanques.

O doutor e seus companheiros não se sentiam em estado normal. Uma corrente atmosférica de extrema velocidade os impelia para além das montanhas áridas, em cujos picos imensas placas de neve ofuscavam o olhar. Seu aspecto convulsionado denunciava algum trabalho netuniano dos primórdios do mundo.

O sol brilhava no zênite, e seus raios caíam a prumo sobre os picos desérticos. O doutor fez um desenho exato dessas montanhas que são formadas por quatro projeções distintas, quase em linha reta, sendo que a localizada mais ao norte é a mais alongada.

Logo o *Vitória* descia a vertente oposta do Rubeho, percorrendo uma extensão coberta de matas com árvores de um verde muito escuro. Vieram depois uma paisagem repleta de barrancos com muitos sulcos, uma espécie de deserto que precedia o país de Ugogo. Mais embaixo, estendiam-se planícies amareladas, tostadas, rachadas, gretadas, salpicadas aqui e ali de plantas salinas e arbustos espinhosos.

Alguns bosques mirrados, que mais à frente se tornavam florestas, embelezavam o horizonte. O doutor se aproximou do solo e as âncoras foram lançadas, uma delas se enganchando sem problemas nos galhos de um enorme sicômoro.

Joe, deslizando rapidamente pela árvore, firmou bem a âncora, por precaução. O doutor deixou seu maçarico ligado para conservar no

aeróstato uma certa força ascensional que o mantivesse no ar. O vento amainara, quase de repente.

– Agora – disse Fergusson –, pegue dois fuzis, amigo Dick, um para você e o outro para Joe. Não deixem de trazer uns bons filés de antílope para nosso jantar.

– À caça! – bradou Kennedy.

Escalou a amurada do cesto e desceu. Joe, pulou de galho em galho, ficou à sua espera embaixo, estirando os músculos. O doutor, livre do peso de seus dois companheiros, pôde apagar de vez o maçarico.

– Não vá sair voando por aí, patrão – recomendou Joe.

– Fique tranquilo, rapaz, estou solidamente amarrado. Aproveitarei para colocar em ordem minhas anotações. Boa caça e tenham prudência. Ficarei observando tudo daqui, e, ao menor indício suspeito, darei um tiro de carabina. Será o nosso sinal de reunião.

– Combinado – disse o caçador.

Capítulo 14

A floresta de seringueiras – O antílope azul – O sinal de reunião – Um ataque inesperado – O Kanyemé – Uma noite em pleno ar – O Mabunguru – Jihoue-la-Mkoa – Provisão de água – Chegada a Kazé

O território, árido e ressequido, formado por terra argilosa que se fendia com o calor, parecia deserto. Aqui e ali, alguns traços de caravanas, esqueletos esbranquiçados de homens e animais, meio roídos e confundidos no mesmo pó.

Após meia hora de marcha, Dick e Joe se embrenharam em uma floresta de seringueiras, atentos e com o dedo no gatilho. Não sabiam o que poderiam encontrar. Sem ser propriamente um atirador, Joe manejava bem uma arma de fogo.

– Caminhar faz bem, senhor Dick, mas este terreno não é nada apropriado – reclamou Joe, tropeçando em fragmentos de quartzo espalhados por todo lado.

Kennedy fez sinal ao companheiro para que se calasse e ficasse imóvel. Faltavam cães e, qualquer que fosse a agilidade de Joe, ele não tinha o faro de um *beagle* ou de um galgo.

No leito de um riacho, que ainda conservava algumas poças lamacentas, uma manada de uns dez antílopes estava saciando a sede. Esses graciosos animais, pressentindo o perigo, pareciam inquietos; entre um gole e outro, erguiam vivamente a cabeça, farejando com as

narinas palpitantes as emanações dos caçadores.

Enquanto Joe permanecia imóvel, Kennedy contornou alguns arbustos, colocando-se ao alcance de tiro, disparou. A manada fugiu em um piscar de olhos e um único antílope macho, atingido no ombro, tombou como se golpeado por um raio. Kennedy se precipitou sobre sua presa.

Era um *blawe-bock*, um magnífico animal de cor azul-clara, quase cinzenta, com o ventre e o interior das patas de uma brancura de neve.

– Belo tiro! – gritou o caçador. – Esta é uma espécie muito rara de antílope e pretendo preparar bem sua pele para conservá-la.

– Fará isso, senhor Dick?

– Sem dúvida! Olhe que pelo esplêndido!

– Mas o doutor Fergusson nunca permitirá tamanha sobrecarga.

– Tem razão, Joe. Mas é lamentável abandonar intacto um animal tão bonito!

– Intacto, não, senhor Dick. Tiraremos dele todas as vantagens nutricionais se me permite, farei isso tão bem quanto o presidente do sindicato dos açougueiros de Londres.

– À vontade, meu amigo. Mas você bem sabe que, na qualidade de caçador, sou tão hábil em trinchar uma caça quanto em matá-la.

– Sei disso, senhor Dick. E também sei que lhe bastarão três pedras para fazer um fogão. Lenha não falta, e só lhe peço alguns minutos para utilizar suas brasas.

– Isso não vai demorar – garantiu Kennedy.

Iniciou imediatamente a construção de um fogão, que instantes depois já ardia.

Joe havia retirado do corpo do antílope várias costelas e partes macias do lombo, que logo se transformaram em assados deliciosos.

– Isso dará grande prazer ao amigo Samuel – disse o caçador.

– Sabe no que estou pensando, senhor Dick?

– Sem dúvida, nesses bifes que agora prepara.

– De modo algum. Penso na cara que faríamos se não encontrássemos mais o aeróstato.

– Que ideia! Acha que o doutor nos abandonaria?

– Não. Mas e se âncora se desprendesse?

– Impossível. De resto, Samuel poderia muito bem descer de novo com seu balão. Sabe manejá-lo perfeitamente.

– Mas, se o vento o levasse para longe, ele não conseguiria voltar.

– Ora vamos, Joe, chega de suposições. Não são nada agradáveis.

– Ah, senhor, tudo que acontece neste mundo é natural. No entanto, se tudo pode acontecer, tudo deve ser previsto...

De repente, um tiro ressoou no ar.

– Que foi isso? – alarmou-se Joe.

– Minha carabina! Reconheço a detonação.

– O sinal!

– Perigo à vista!

– Para ele, talvez – replicou Joe.

– Vamos!

Os caçadores reuniram apressadamente o produto de sua caça e voltaram, orientando-se pelos galhos que Kennedy quebrara para reconhecer o caminho. A espessura da vegetação os impedia de avistar o *Vitória*, do qual não podiam estar longe.

Ouviram um segundo tiro.

– Depressa! – gritou Joe.

– Outra detonação!

– Ele deve estar se defendendo.

– Vamos, vamos!

Correram o máximo que podiam. Chegaram à orla do bosque, o que viram primeiro foi o *Vitória* e o doutor no cesto.

– Que terá acontecido? – perguntou Kennedy.

– Deus do céu! – exclamou Joe.

– O que você está vendo?

– Um bando estranho está atacando o balão!

Com efeito, a 3 quilômetros de distância, uns trinta indivíduos se aglomeravam junto de um sicômoro, gesticulando, gritando e sapateando. Alguns, subindo pelo tronco, buscavam os galhos mais altos. O perigo parecia iminente.

– Meu patrão está perdido! – gritou Joe.

– Vamos lá, Joe, sangue-frio e olho vivo. Temos nas mãos a vida de quatro desses bastardos. Em frente!

Tinham percorrido velozmente 1,5 quilômetro quando outro tiro partiu do cesto e atingiu um grandalhão que se içava pela corda da âncora. Um corpo sem vida caindo de galho em galho, ficou dependurado a uns 6 metros do chão, braços e pernas balançando no ar.

– Com os diabos! – estranhou Joe, parando. – Por onde aquele animal está suspenso?

– Não importa – respondeu Kennedy. – Corra, corra!

– Ah, senhor Kennedy! – exclamou Joe, desatando a rir. – Está suspenso pelo rabo! É um macaco. São apenas macacos.

– Antes macacos que homens – replicou Kennedy, lançando-se contra o bando ululante.

Eram cinocéfalos assustadores, ferozes e brutais, horríveis de se ver com seus focinhos de cachorro. Mas alguns disparos foram suficientes para dispersá-los e a horda ameaçadora escapou, deixando vários dos seus por terra.

Em um instante, Kennedy se agarrava à escada. Joe subiu nos sicômoros, desenganchou a âncora, o cesto desceu e ele entrou sem dificuldade. Minutos depois, o *Vitória* se alçava nos ares e rumava para leste, impelido por um vento moderado.

– Que belo ataque! – disse Joe.

– Pensamos que você estivesse sendo assaltado por nativos.

– Felizmente, eram apenas macacos – desabafou o doutor.

– De longe, não dava para definir, meu caro Samuel.

– Certamente – observou Joe.

– Seja como for – continuou Fergusson –, esse ataque de símios poderia ter tido as mais graves consequências. Se a âncora se desprendesse por causa dos constantes sacolejos na árvore, quem sabe para onde o vento me levaria!

– Que lhe dizia eu, senhor Kennedy?

– Você tinha razão, Joe. Mas, apesar disso, naquele momento preparava uns bifes de antílope cuja vista me abria o apetite.

– Acredito – disse o doutor. – A carne de antílope é excelente.

– O senhor mesmo poderá julgar, patrão. A mesa está posta.

– Por Deus – exclamou o caçador –, esses pedaços de caça têm um aroma selvagem que não é de se desdenhar.

– Eu comeria antílope até o fim da vida – replicou Joe de boca cheia. – Sobretudo com uma boa garrafa de *grog* para facilitar a digestão.

Joe preparou a tal bebida, que foi degustada com reverência.

– Até agora está indo tudo bem – disse por fim.

– Muito bem – completou Kennedy.

– E então, senhor Dick, arrependeu-se por ter vindo conosco?

– Quero ver quem teria a coragem de me impedir! – declarou o caçador com ar resoluto.

Eram quatro horas da tarde. O *Vitória* logo encontrou uma corrente mais rápida. O sol subia insensivelmente, e logo a coluna barométrica indicava uma altitude de 500 metros acima do nível do mar. O doutor foi então obrigado a sustentar seu aeróstato com uma dilatação de gás bem forte e o maçarico não parou mais de funcionar.

Por volta das sete horas, o *Vitória* planou sobre a bacia do Kanyemé. O doutor reconheceu imediatamente esse vasto descampado de 16 quilômetros de extensão, com suas aldeias perdidas no meio dos baobás e dos cabaceiros. É a residência de um dos sultões do país de Ugogo, onde já existe um pouco de civilização e os membros da família não são vendidos com muita frequência. Mas homens e animais moram todos juntos em cabanas redondas sem armação de madeira, que lembram montes de feno.

Depois de Kanyemé, o terreno se torna árido e pedregoso. Mas, ao fim de uma hora, em uma depressão fértil, a vegetação recobra toda a sua força, a alguma distância de Mdaburu. O vento reduzia com a proximidade do fim da tarde, e a atmosfera parecia dormitar. O doutor procurou em vão uma corrente em várias altitudes, mas, percebendo a calma da natureza, resolveu passar a noite no ar. Para ficarem mais seguros, subiu cerca de 300 metros. O *Vitória* permanecia imóvel. O silêncio envolvia o céu magnificamente estrelado.

Dick e Joe se estenderam sobre suas camas aconchegantes e dormiram um sono profundo durante a vigília do doutor. À meia-noite, ele foi substituído pelo escocês.

– Ao mínimo incidente, não deixe de me acordar – recomendou Fergusson. – E, sobretudo, não tire os olhos do barômetro. É a nossa bússola.

A noite estava fria, com 14º centígrados de diferença entre a temperatura do dia. As trevas haviam trazido a sinfonia noturna dos animais, que a sede e a fome expulsam de seus covis; as rãs emitiam sua voz de soprano, em dueto com o regougar dos chacais, enquanto o baixo profundo dos leões sustentava os acordes dessa orquestra viva.

Quado voltou ao seu posto pela manhã, o doutor Fergusson consultou a bússola e constatou que a direção do vento havia mudado durante a noite. O *Vitória* estava a deriva cerca de 48 quilômetros para o nordeste havia mais ou menos duas horas e sobrevoava o

Mabunguru, país pedregoso, semeado de blocos de sienito belamente polidos e as rochas acidentadas tinham forma de corcova. Massas cônicas, semelhantes aos rochedos de Karnak, eriçavam o solo como momumentos druídicos. Ossadas de búfalos e elefantes branquejavam aqui e ali. Havia poucas árvores, exceto a leste, onde densos bosques ocultavam algumas aldeias.

Por volta das sete horas, uma rocha arredondada, com aproximadamente 3 quilômetros de extensão, emergiu como uma imensa carapaça.

– Estamos no bom caminho – disse o doutor Fergusson. – Aquela é Jihoue-la-Mkoa, onde vamos parar por alguns instantes. Vou renovar a provisão da água necessária para alimentar o maçarico. Procuremos algo onde prender o balão.

– Há poucas árvores – observou o caçador.

– Tentemos de qualquer forma. Joe, jogue as âncoras.

O balão, perdendo pouco a pouco sua força ascensional, aproximou-se da rocha. As âncoras desceram e o gancho de uma delas se prendeu em uma fenda do rochedo. O *Vitória* se imobilizou.

Não pense que o doutor extinguia completamente o maçarico durante as paradas. O equilíbrio do balão tinha sido calculado ao nível do mar; como tinham pousado em cima da montanha, 180 a 215 metros, a tendência do aeróstato seria descer até o solo: era necessário, portanto, sustentá-lo mediante uma certa dilatação do gás. Somente no caso em que, sem vento, o doutor deixasse o cesto pousar na terra, o aeróstato, livre de um peso considerável, iria se manter sem o recurso do maçarico.

Os mapas indicavam extensos lagos na vertente ocidental do Jihoue-la-Mkoa. Joe foi até lá com um barril que armazenava uns dez galões; encontrou sem dificuldade o lugar apontado, não muito longe de uma aldeia deserta, fez sua provisão de água e voltou em menos de três quartos de hora. Não vira nada de especial, exceto umas imensas armadilhas para elefante, em uma das quais, jazia a carcaça meio roída a ponto de cair.

Trouxe de sua excursão uma espécie de nêspera que os macacos devoram com gosto. O doutor reconheceu logo o fruto do *mbenbu*, árvore muito comum na parte ocidental de Jihoue-la-Mkoa. Fergusson aguardava Joe com certa impaciência, pois uma parada, ainda que rápida, naquela terra inóspita lhe inspirava receios.

A água foi facilmente levada para o cesto que estava quase ao nível do solo. Joe desenganchou a âncora e voltou para junto do doutor, que se apressou a reavivar a chama. O *Vitória* retomou sua rota aérea.

Encontravam-se agora a cerca de 160 quilômetros de Kazé, importante estabelecimento do interior da África, onde, graças a uma corrente de sudeste, os viajantes esperavam conseguir chegar ainda naquele dia. Avançavam a uma velocidade de 22 quilômetros por hora, e a condução do aeróstato foi se tornando cada vez mais difícil. Não era possível subir muito sem dilatar excessivamente o gás, porque o território estava a uma altitude média de 900 metros. Por isso, tanto quanto possível, o doutor preferia não forçar a dilatação. Acompanhou atentamente as sinuosidades de uma encosta bastante acentuada, quase roçando as aldeias de Thembo e Tura-Wels. Esta pertence ao Unyamwezy, belo país onde as árvores alcançam enormes dimensões, entre elas, os cactos, realmente gigantescos.

Por volta das dez horas, com tempo magnífico e um sol escaldante que devorava a mais leve corrente de ar, o *Vitória* planou sobre a aldeia de Kazé, situada a 560 quilômetros da costa.

– Partimos de Zanzibar às nove horas da manhã – disse o doutor, consultando suas anotações – e, após dois dias de travessia, percorremos, com desvios, perto de 800 quilômetros. Os capitães Burton e Speke precisaram de quatro meses e meio para fazer o mesmo trajeto!

Capítulo 15

Kazé – O mercado barulhento – Aparição do Vitória *– Os waganga – Os filhos da lua – Passeio do doutor – População – O* tembé *real – As mulheres do sultão – Uma embriaguez real – Joe adorado – Como se dança na lua – Reviravolta – Duas luas no céu – Instabilidade das grandezas divinas*

Kazé, ponto importante da África Central, não é uma cidade. A rigor, não existem cidades naquela região. Kazé é apenas um aglomerado de seis vastas escavações onde se abrigam casas e choças de escravos com pequenos quintais e jardins zelosamente cultivados. Ali as cebolas, batatas, berinjelas, abóboras e cogumelos de ótimo sabor crescem em profusão.

O Unyamwezy é a Terra da lua por excelência, o horto esplêndido da África. No centro, está o distrito de Unyanembé, país delicioso onde vivem preguiçosamente algumas famílias de omanis, raça de pura origem árabe.

Há muito tempo é negociado no interior da África e da Arábia o contrabando de borracha, marfim, tecidos de algodão e escravos. Suas caravanas percorrem essas regiões tropicais e ainda vão buscar na costa objetos de luxo e prazer para os mercadores ricos. Estes, rodeados de mulheres e criados, levam em sua terra encantadora a existência menos agitada e mais horizontal possível: sempre deitados,

rindo, fumando ou dormindo.

Em volta dessas escavações, numerosas casas de nativos, amplos espaços para os mercados, campos de *cannabis* e datura, belas árvores e sombra fresca: isso é Kazé.

Ali é o ponto de encontro geral das caravanas: as do sul com seus escravos e carregamentos de marfim; as do ocidente com seu algodão e bugigangas, que exportam para as tribos dos Grandes Lagos.

Assim, nos mercados, reina uma balbúrdia perpétua, uma barulheira indescritível composta pelos gritos dos carregadores mestiços, do som dos tambores e cornetas, dos relinchos das mulas, dos zurros dos asnos, do canto das mulheres, do choro das crianças e dos estalos da vara do *jemadar*[21], que dá ritmo a essa sinfonia pastoral.

Nesse local, exibem-se sem ordem, e mesmo com uma desordem encantadora, os tecidos vistosos, as miçangas, os marfins, os dentes de rinoceronte e tubarão, o mel, o tabaco, o algodão; ali se realizam as transações mais bizarras, onde cada objeto vale tanto quanto o desejo que desperta.

De repente, toda essa agitação cessou. O *Vitória* acabava de surgir nos ares, planando majestosamente e descendo pouco a pouco sem se afastar da linha vertical. Homens, mulheres, crianças, escravos, mercadores, árabes e negros desapareceram, indo se esconder nos *tembés* e choças.

– Meu caro Samuel – disse Kennedy –, se continuarmos provocando essas reações, teremos muita dificuldade em estabelecer acordos comerciais com essa gente.

– No entanto – ponderou Joe –, podemos realizar uma operação comercial muito simples: descer tranquilamente e pegar as mercadorias mais preciosas, sem dar atenção aos mercadores. Ficaríamos ricos.

– Bem – replicou o doutor –, esses nativos sentiram medo em um primeiro momento. Mas logo voltarão, por superstição ou curiosidade.

– Acredita nisso, senhor Fergusson?

– Basta esperar. Mas convém mantermos uma certa distância, pois o *Vitória* não é blindado nem navio de guerra. Portanto, não está a salvo de uma bala ou uma flecha.

– Pretende então, meu caro Samuel, conversar com esses africanos?

– Se for possível, por que não? – respondeu o doutor. – Deve haver em Kazé alguns mercadores árabes mais instruídos, menos selvagens.

Lembro-me de que Burton e Speke elogiaram a hospitalidade dos habitantes da cidade. Assim, podemos tentar.

O *Vitória*, aproximando-se lentamente da terra, prendeu uma das âncoras no alto de uma árvore, perto da praça do mercado. A população inteira reapareceu nesse momento, estirando timidamente a cabeça para fora de seus esconderijos. Diversos waganga, reconhecíveis por suas insígnias de conchas cônicas, avançavam ousadamente: eram os feiticeiros do lugar. Traziam no cinto pequenas cabaças pretas untadas de graxa e inúmeros objetos de magia, de uma imundície impura, usado somente para cura.

Aos poucos, a multidão foi se apinhando em volta deles; mulheres e crianças os cercaram, os tambores rivalizavam em barulho; as mãos, batendo palmas, estenderam-se para o céu.

– É seu jeito de suplicar – explicou o doutor Fergusson. – Se não me engano, iremos representar um grande papel aqui.

– Pois então, represente-o, meu senhor.

– Você mesmo, meu bravo Joe, talvez se torne um deus.

– Ora, patrão, isso não me assusta. E o incenso não me desagrada.

Nesse instante, um dos feiticeiros, um *myanga*, fez um gesto e todo aquele clamor se transformou em profundo silêncio. Disse alguma coisa aos viajantes, mas em uma língua desconhecida.

O doutor Fergusson, sem ter entendido nada, lançou ao acaso algumas palavras em árabe e obteve resposta imediata na mesma língua.

O orador iniciou uma arenga sem fim, cheia de floreios e acompanhada com a máxima atenção. O doutor logo entendeu que o *Vitória* tinha sido tomado pela própria lua, deusa amável que se dignara a visitar a cidade com seus três filhos. Essa honra jamais seria esquecida naquela terra amada pelo sol.

Fergusson respondeu, com imensa dignidade, que a lua fazia a cada mil anos um giro pelas províncias, a fim de se mostrar bem de perto a seus adoradores. Pedia-lhes então que não temessem nem abusassem de sua divina presença para comunicar suas necessidades e desejos.

O feiticeiro, por sua vez, informou que o sultão, o Mwani, doente há muitos anos, implorava o socorro do céu e convidava os filhos da lua a visitá-lo.

O doutor transmitiu o convite a seus companheiros.

– Vai mesmo se encontrar com esse rei? – perguntou o caçador.

– Sem dúvida. Essa gente me parece amigável. A atmosfera está calma, sem um sopro de vento! Não devemos nos preocupar com o *Vitória.*

– Mas o que você vai fazer?

– Fique tranquilo, meu caro Dick. Com um pouquinho de medicina, resolverei o problema.

Depois, dirigindo-se à multidão:

– A lua, com pena do soberano que os filhos do Unyamwezy tanto amam, encarregou-nos de curá-lo. Que ele se prepare para nos receber!

Redobraram os clamores, os cânticos, as demonstrações. Todo aquele vasto formigueiro de cabeças negras se pôs em movimento.

– Agora, meus amigos – recomendou o doutor Fergusson –, é preciso contar com imprevistos. Poderemos, de repente, ter que partir às pressas. Dick, fique no cesto e, com o maçarico ligado, mantenha uma força ascensional suficiente. A âncora está bem presa e não há o que temer. Vou descer à terra em companhia de Joe, que entretanto permanecerá junto à escada.

– Como? Irá sozinho falar com aquele sujeito? – alarmou-se Kennedy.

– Senhor Samuel – interveio Joe –, não quer que eu fique a seu lado o tempo todo?

– Não, irei sozinho. Como essa boa gente acha que sua grande deusa, a lua, veio visitá-los, estou protegido pela superstição. Portanto, nada receiem e fiquem cada um no posto que lhes designei.

– Se quer assim – suspirou o caçador.

– Cuide da dilatação do gás.

– Pode deixar.

Os gritos dos nativos redobraram. Pediam energicamente a intervenção celeste.

– Hum! – resmungou Joe. – Estou achando-os um pouco autoritários com a lua e seus filhos divinos...

O doutor, munido de sua farmácia de viagem, desceu à terra, precedido por Joe. Este, grave e digno como convinha, sentou-se junto à escada cruzando as pernas debaixo de si à moda árabe, e parte da multidão cercou-o com mostras de respeito.

Enquanto isso, o doutor Fergusson, ao som dos instrumentos e escoltado por um grupo que executava danças religiosas, caminhou

lentamente para o *tembé* real, situado bem longe da cidade. Eram mais ou menos três horas e o sol resplandecia, sem dúvida em consideração às circunstâncias.

O doutor caminhava com dignidade; os waganga o cercavam, contendo a multidão. Fergusson foi logo saudado pelo filho natural do soberano, um rapaz de boa aparência que, conforme o costume do país, era o único herdeiro dos bens paternos, com exclusão dos filhos legítimos. Prosternou-se diante do filho da lua, que o fez levantar-se com um gesto gracioso.

Três quartos de hora depois, por trilhas escuras e em meio à luxuriante vegetação tropical, esse cortejo festivo chegou ao palácio do sultão, um edifício quadrado, chamado *Ititenya*, erguido na vertente de uma colina. Uma espécie de varanda com teto de colmo se abria na parte externa, apoiada em troncos de madeira que se esforçavam para parecer esculpidos. Longas linhas de argila avermelhada ornamentavam as paredes, tentando reproduzir homens e cobras, estas bem mais convincentes que aqueles. O teto da habitação não se firmava diretamente nas paredes, para que o ar circulasse sem obstáculos. Nenhuma janela, e apenas uma porta.

O doutor Fergusson foi recebido com grandes honras pelos guardas e favoritos, homens de boa raça, os wanyamwezi, tipo puro das populações da África Central, altos e fortes, sadios e de belo físico. Seus cabelos, divididos em grande número de pequenas tranças que caíam sobre os ombros; por meio de incisões pretas ou azuis, riscavam as faces desde as têmporas até a boca. As orelhas, assustadoramente distendidas, suportavam discos de madeira e placas de copal. Vestiam-se com roupas de cores vivas e estavam armados de azagaia, arco e flecha emplumada e envenenada com sumo de eufórbio, faca, *sime*, sabre longo de lâmina denteada e machadinha.

O doutor entrou no palácio. Ali, apesar da doença do sultão, o barulho já reinante aumentou ainda mais à sua chegada. Ele notou, suspensos no portal, rabos de lebres e crinas de zebras à maneira de talismãs. Foi recebido pelas mulheres de Sua Majestade aos acordes harmoniosos do *upatu*, espécie de címbalo feito com o fundo de um pote de cobre, e ao rufar do *kilindo*, tambor de um metro e meio de altura escavado em um tronco, que dois virtuoses martelavam os punhos vigorosamente.

Quase todas essas mulheres, muito bonitas e sorridentes, fumavam

tabaco e *thang* em longos cachimbos pretos. Deviam ter belos corpos sob a comprida túnica drapejada com graça e traziam, na cintura, o *kilt* de fibras de cabaça.

Seis delas, separadas das demais, não pareciam menos alegres que o resto do grupo, embora tivessem sido escolhidas para um suplício cruel: quando seu senhor morresse, seriam enterradas vivas junto com ele, para distraí-lo durante a eterna solidão.

O doutor Fergusson, depois de observar tudo isso com um rápido olhar, adiantou-se até o leito de madeira do soberano. Viu ali um homem de cerca de quarenta anos, totalmente embrutecido por orgias de todos os tipos e pelo qual nada mais se podia fazer. A doença, que se prolongava há anos, era apenas uma embriaguez perpétua. Esse beberrão real estava quase inconsciente, e nem todo o amoníaco do mundo o poria de novo em pé.

As favoritas e as mulheres se curvavam, flexionando os joelhos diante da visita solene. Com algumas gotas de um cordial violento, o doutor reanimou por um instante aquele corpo combalido. O sultão esboçou um movimento e, para um cadáver que já nem dava sinal de vida havia algumas horas, esse sintoma foi acolhido por gritos redobrados em honra ao médico.

Este, que já não tinha mais nada a fazer ali, afastou com um gesto decidido os adoradores exageradamente entusiasmados, saiu do palácio e dirigiu-se para o *Vitória.* Eram seis horas da tarde.

Joe, em sua ausência, esperava tranquilamente junto à escada. A multidão lhe tributava grandes mostras de respeito. E ele, como verdadeiro filho da lua, aceitava-as de bom grado. Para uma divindade, parecia um homem bastante acessível, nada pomposo e até propenso a tratar com familiaridade as jovens africanas, que não se cansavam de contemplá-lo. Ele, de seu lado, dizia-lhes palavras amigáveis.

– Adorem, senhoritas, podem adorar à vontade – repetia. – Não passo de um pobre-diabo, embora seja filho de uma deusa!

Presentearam-no com oferendas propiciatórias, comumente armazenadas nas *mzimu* ou choças-fetiches. Consistiam em espigas de cevada e *pombé*. Joe achou que deveria provar essa espécie de cerveja forte; mas seu paladar, embora habituado ao gim e ao uísque, não pôde suportar tamanha violência. Fez uma careta horrenda, que a assistência tomou por um sorriso amável.

Em seguida, as jovens, misturando suas vozes em uma melopeia arrebatadora, executaram em volta dele uma dança solene.

– Ah, vocês dançam bem! – disse ele. – Mas não ficarei atrás. Vou lhes mostrar uma coreografia de meu país.

E executou uns passos estonteantes, contorcendo-se, esticando-se, saltitando, usando os pés, os joelhos, as mãos, girando de maneira extravagante, assumindo poses incríveis, fazendo caretas bizarras; em suma, dando àquelas populações uma estranha ideia do modo como os deuses bailam na lua.

Agora, aqueles africanos, que imitam tudo como macacos, logo reproduziam suas maneiras, suas cabriolas, seus pulos; não perdiam um gesto, não esqueciam uma pose; foi então um delírio só, uma sarabanda, um frenesi do qual seria difícil dar uma ideia, ainda que aproximada. No melhor da festa, Joe avistou o doutor.

Este voltava a toda pressa, rodeado por uma multidão barulhenta e caótica. Os feiticeiros e chefes pareciam muito agitados. Cercavam o doutor; empurravam-no; ameaçavam-no. Curiosa reviravolta! Que acontecera? Teria o sultão sucumbido desastradamente nas mãos do médico celeste?

Kennedy, de seu posto, percebeu o perigo sem compreender a causa. O balão, fortemente solicitado pela dilatação do gás, esticava a corda, ansioso por se elevar nos ares.

O doutor chegou junto à escada. Um medo supersticioso ainda retinha a turba, impedindo-a de atentar contra sua pessoa. Ele subiu rapidamente os degraus, seguido com igual agilidade por Joe.

– Nenhum minuto a perder! – disse seu patrão. – Não tente desenganchar a âncora. Cortaremos a corda. Siga-me!

– Mas o que está acontecendo? – perguntou Joe, saltando para o cesto.

– O que houve? – ecoou Kennedy, de carabina em punho.

– Olhem – respondeu o doutor, apontando para o horizonte.

– E então? – perguntou o caçador.

– E então! A lua!

A lua, com efeito, erguia-se vermelha e esplêndida, um globo de fogo em um fundo azul. Era ela!

Ela e o *Vitória!* Ou havia duas luas, ou os estrangeiros não passavam de impostores, intrigantes, falsos deuses!

Tais deviam ter sido as reflexões, muito naturais, da multidão. Daí

a reviravolta.

Joe não pôde conter um acesso de riso. A população de Kazé, vendo que a presa lhe escapava, rugia sem parar. Arcos e mosquetes foram apontados para o balão.

Mas um dos feiticeiros fez um sinal. As armas baixaram; ele subiu na árvore, com a intenção de agarrar a corda da âncora e puxar para fazer a máquina cair.

Joe se adiantou, segurando o machado.

– Devo cortar?

– Espere – respondeu o doutor.

– Mas esse feiticeiro...

– Talvez ainda possamos salvar nossa âncora, que não convém perdermos. Sempre haverá tempo para cortar.

O feiticeiro, já na árvore, tão bem fez que, partindo os galhos, conseguiu soltar a âncora; e ela, violentamente puxada pelo aeróstato, enganchou-se entre suas pernas, levando-o para os ares montado nesse hipogrifo inesperado.

O espanto da turba foi imenso ao ver um dos seus waganga alçar-se no espaço.

– Hurra! – gritou Joe enquanto o *Vitória*, graças à sua potência ascensional, subia com grande rapidez.

– Ele está firme – disse Kennedy. – Uma pequena viagem não lhe fará mal.

– Vamos deixá-lo cair aqui de cima? – perguntou Joe.

– Não – replicou o doutor. – Nós o colocaremos suavemente em terra. E creio que, depois de tamanha aventura, o prestígio desse feiticeiro aumentará bastante aos olhos de seus contemporâneos.

– São bem capazes de transformá-lo em um deus – disse Joe.

O *Vitória* atingiu uma altitude de mais ou menos 300 metros. O homem se agarrava à corda com uma energia tremenda. Não dizia nada, e seus olhos estavam fixos, refletindo um terror mesclado de assombro. Um leve vento oeste impelia o balão para longe da cidade.

Meia hora depois, o doutor, vendo o país deserto, moderou a chama do maçarico e se aproximou da terra. A 6 metros do solo, o feiticeiro tomou rapidamente uma decisão: saltou, caiu de pé e fugiu na direção de Kazé, enquanto, subitamente aliviado daquele peso, o *Vitória* subia novamente.

Chefe da caravana. (N. O.)

Capítulo 16

Sinais de tempestade – A Terra da lua – O futuro do continente africano – A máquina da última hora – Vista do país ao sol poente – Flora e fauna – A tempestade – A zona de fogo – O céu estrelado

– Eis no que dá – disse Joe – alguém se passar por filho da lua sem sua permissão! Esse satélite quase nos prega uma boa peça! Por acaso o senhor não comprometeu sua reputação com aquele remédio?

– E quem era o tal sultão de Kazé? – perguntou o caçador.

– Um velho bêbado semimorto – respondeu o doutor –, cuja perda não será de se lamentar. A moral da história é que as honras são efêmeras e não convém gostar demasiadamente delas.

– Que pena – suspirou Joe. – Aquilo me convinha! Ser adorado, me fingir de deus à vontade! Mas o que fazer? A lua apareceu, toda vermelha, para mostrar que estava zangada!

Entre uma conversa e outra, com Joe tratando o astro das noites de um ponto de vista inteiramente novo, o céu foi se carregando de densas nuvens ao norte, nuvens sinistras e pesadas. Um vento impetuoso, soprando a 90 metros do solo, empurrava o *Vitória* na direção norte-nordeste. Lá em cima, a abóbada azulada estava límpida, mas visivelmente ameaçadora.

Os viajantes se achavam, às oito horas da noite, a 32º 40’ na longitude e 4º 17’ na latitude. As correntes atmosféricas, sob a

influência de uma tempestade próxima, impeliam os viajantes a uma velocidade de 56 quilômetros por hora. Sob seus pés, desfilavam rapidamente as planícies onduladas e férteis de Mfuto. O espetáculo era admirável e foi muito admirado.

– Estamos em plena Terra da lua – informou o doutor Fergusson. – Ela conserva esse nome desde a Antiguidade, sem dúvida, porque a lua sempre foi venerada aqui. Trata-se de um país magnífico e dificilmente encontraríamos em outro lugar uma vegetação mais bela.

– Se a encontrássemos nos arredores de Londres, isso não seria natural – ponderou Joe. – Mas seria bem agradável! Por que coisas tão bonitas só existem em países bárbaros?

– E nós sabemos – replicou o doutor –, se algum dia este país se tornar o centro da civilização? As pessoas do futuro estão lá e virão para cá quando as regiões da Europa, esgotadas, não conseguirem mais alimentar seus habitantes.

– Acredita nisso? – perguntou Kennedy.

– Sem dúvida, meu caro Dick. Considere a marcha dos acontecimentos, as migrações sucessivas de povos e chegará à mesma conclusão que eu cheguei. A Ásia foi a primeira nutriz do mundo, não é verdade? Durante quatro mil anos talvez, ela trabalhou, fecundou, produziu; e depois, no momento em que as pedras apareceram onde antes brotavam as searas douradas de Homero, seus filhos abandonaram seu seio exausto e ressequido. Então, atiraram-se sobre a Europa, jovem e poderosa, que os alimentou durante dois mil anos. Mas sua fertilidade já se esgota; suas faculdades produtivas diminuem a cada dia. As novas pragas que todos os anos atacam os produtos da terra, as colheitas fracas, os recursos insuficientes, tudo isso indica, com certeza, uma vitalidade em deterioração, um esgotamento em futuro próximo. Já vemos os povos se precipitarem para os seios fartos da América como para uma fonte, não inesgotável, mas que ainda não se esgotou. Esse novo continente, por sua vez, ficará velho, suas florestas virgens tombarão sob o machado da indústria; seu solo se enfraquecerá por produzir demais o que lhe foi demasiadamente pedido. Onde se faziam duas colheitas por ano, só com dificuldade uma sairá daquelas terras quase sem forças. Então, a África oferecerá às novas raças os tesouros acumulados durante séculos em seu seio. Estes climas fatais aos estrangeiros serão purificados pela rotatividade de culturas e drenagem; estas águas esparsas irão se reunir em um

leito comum para formar uma artéria navegável. E o país que agora vemos lá embaixo, mais fértil, mais rico, mais cheio de vitalidade que os outros, irá se tornar um grande reino onde ocorrerão descobertas ainda mais espantosas que o vapor e a eletricidade.

– Ah, senhor, isso eu gostaria de ver! – disse Joe.

– Você se levantou cedo demais, meu rapaz.

– De resto – filosofou Kennedy –, a época em que a indústria absorver tudo em proveito próprio será bem triste. À força de inventar máquinas, os homens acabarão devorados por elas! Creio até que o último dia do mundo vai ser aquele em que uma imensa caldeira incandescente de três milhões de atmosferas fará saltar o globo!

– E acrescento – interveio Joe – que os americanos serão os maiores responsáveis pela máquina!

– De fato – observou o doutor –, eles são grandes caldeireiros. Mas, em vez de prosseguir nessas discussões, limitemo-nos a admirar a Terra da lua, já que nos é concedido o privilégio de vê-la.

O sol, deslizando seus últimos raios pelo amontoado de nuvens, adornadas com uma crista dourada os menores acidentes do solo: árvores gigantescas, arbustos viçosos, placas de musgo estendendo-se pelo chão, tudo teve seu papel nesse eflúvio luminoso. O terreno, ligeiramente ondulado, formava aqui e ali pequenas colinas cônicas. Sem montanhas no horizonte; imensas paliçadas de mato cerrado, sebes impenetráveis e bosques de espinheiros separavam as clareiras, onde foram espalhadas inúmeras aldeias rodeadas de eufórbias gigantescas que, entrelaçando-se com os arbustos de galhos em forma de coral, pareciam fortificações naturais.

Não tardou e o Malagazari, principal afluente do lago Tanganica, surgiu serpenteando sob a densa vegetação. Ele deu abrigo a numerosos cursos de água, nascidos de torrentes avolumadas na época das cheias ou de poças abertas na camada argilosa do solo. Para quem observava de cima, era uma rede de cascatas estendida sobre toda a extensão ocidental do país.

Animais providos de bossas enormes pastavam nas férteis pradarias e desapareciam em meio à grande vegetação exuberante. As florestas, rescendendo a aromas deliciosos, lembravam enormes buquês. Mas, dentro desses buquês, leões, leopardos, hienas e tigres se refugiavam para escapar dos derradeiros calores do dia. Por vezes, um elefante fazia ondular o mato e ouvia-se o estalar das árvores que cediam às

suas presas de marfim.

– Que belo lugar para caçar! – exclamou Kennedy, entusiasmado. – Uma bala disparada ao acaso em plena floresta encontraria uma presa digna dela! Não poderíamos fazer uma experiência?

– Não, meu caro Dick. A noite se aproxima, uma noite ameaçadora, acompanhada de tempestade. Ora, as tempestades são violentas nestas terras, onde o solo funciona como uma imensa bateria elétrica.

– Tem razão, senhor – concordou Joe. – O calor está sufocante, o vento amainou e posso sentir que alguma coisa vem por aí.

– A atmosfera está carregada de eletricidade – disse o doutor. – Todo ser vivo é sensível a essa condição do ar, que precede a luta dos elementos, e confesso que eu mesmo jamais a senti a tal ponto.

– Mas então – perguntou o caçador – não seria o caso de descermos?

– Ao contrário, Dick, eu preferiria subir. Mas temo ser arrastado para longe de minha rota pelos cruzamentos de correntes atmosféricas.

– Pretende então abandonar o rumo que estamos seguindo desde a costa?

– Se for possível – respondeu Fergusson –, avançarei diretamente para o norte por 7 ou 8 graus, até as latitudes onde devem estar as nascentes do Nilo. Talvez detectemos alguns sinais da expedição do capitão Speke ou mesmo a caravana de De Heuglin. Se meus cálculos forem exatos, estamos a 32º 40’ na longitude e eu gostaria de ultrapassar o equador em linha reta.

– Olhem lá! – interrompeu Kennedy. – Hipopótamos saindo das lagoas, massas de carne sanguinolenta e crocodilos que aspiram ruidosamente o ar!

– Parece que estão sufocando! – disse Joe. – Ah, que maneira encantadora de viajar, a salvo dessa bicharada perversa! Senhor Samuel, senhor Kennedy, estão vendo aqueles bandos que marcham em fileiras cerradas? Uns duzentos, pelo menos. São lobos.

– Lobos não, Joe, cães selvagens. Uma raça famosa, que não teme atacar os leões. O encontro mais terrível que um viajante possa ter. Seria imediatamente feito em pedaços.

– Pois não serei eu quem vai pôr neles uma focinheira – retrucou o amável Joe. – Mas, se essa é sua natureza, não podemos recriminá-los.

O silêncio aumentava sob a influência da tempestade. Era como se

o ar espesso não conseguisse mais transmitir os sons. A atmosfera parecia acolchoada e, como uma sala revestida de tapeçarias, perdia toda a sonoridade. O pássaro-remador, o grou-coroado, as gralhas vermelhas e azuis, o rouxinol e os papa-moscas desapareciam entre as folhas das grandes árvores. A natureza inteira dava sinais de um cataclisma iminente.

Às nove horas da noite, o *Vitória* permanecia imóvel sobre Msené, vasto agregado de aldeias que mal se distinguiam na escuridão. Por vezes, o reflexo de um raio extraviado na água parada indicava fossos distribuídos regularmente e, por um último clarão do relâmpago, desenhou-se o perfil calmo e sombrio das palmeiras, tamarindos, sicômoros e eufórbias gigantescas.

– Parece que vou sufocar! – reclamou o escocês, inspirando com força a maior quantidade possível de ar rarefeito. – Não nos movemos! Vamos descer?

– E a tempestade? – objetou o doutor, bastante inquieto.

– Se teme ser arrastado pelo vento, acredito que não há outra alternativa para nós.

– Talvez a tempestade não desabe esta noite – aventou Joe. – As nuvens estão bem altas.

– Por isso mesmo, hesito em ultrapassá-las. Seria necessário subir muito, perder a terra de vista e não saber, durante toda a noite, se avançamos e para onde estamos indo.

– Decida logo, Samuel. É urgente.

– É lamentável que o vento tenha cessado – observou Joe. – Ele nos levaria para longe da tempestade.

– É de fato ruim, meus amigos, pois as nuvens representam um perigo para nós. Elas contêm correntes contrárias, que podem nos abraçar em seus turbilhões, e raios capazes de nos incendiar. Além disso, a força da rajada nos lançará por terra caso enganchemos a âncora no alto de uma árvore.

– Que fazer, então?

– Precisamos manter o *Vitória* em uma zona média, entre os perigos da terra e os do céu. Temos água suficiente para o maçarico e nossos 90 quilos de lastro estão intactos. Se for preciso, posso usá-los.

– Vamos ficar de guarda com você – disse o caçador.

– Não, meus amigos. Coloquem as provisões em lugar protegido e deitem-se. Eu os acordarei em caso de necessidade.

– Mas, patrão, não seria bom se o senhor também descansasse, já que nada nos ameaça por enquanto?

– Agradeço, amigos, mas prefiro ficar acordado. Estamos imóveis e, se as circunstâncias não mudarem, amanhã nos encontraremos exatamente no mesmo lugar.

– Então, boa noite, patrão.

– Boa noite, se isso for possível.

Kennedy e Joe se estiraram sob as cobertas e o doutor ficou sozinho naquela imensidão.

Enquanto isso, a cúpula das nuvens ia baixando insensivelmente e a escuridão aumentava. A abóbada negra se arredondava em volta do globo terrestre como se fosse esmagá-lo.

De repente, um raio violento, rápido e incisivo, cortou as trevas, logo seguido por um trovão que parecia ter sacudido as profundezas do céu.

– Alerta! – bradou Fergusson.

Os dois companheiros do doutor, despertados por aquele estrondo horrível, puseram-se às suas ordens.

– Vamos descer? – perguntou Kennedy.

– Não, o balão não resistiria. Subamos, antes que as nuvens se dissolvam em água e o vento comece a soprar com violência.

E atiçou a chama do maçarico para dentro das espirais da serpentina.

Nos trópicos, as tempestades se desencadeiam com rapidez comparável à sua violência. Outro raio dilacerou a nuvem, e mais vinte se seguiram. O céu ficou recortado de faíscas elétricas que ziguezagueavam sob as pesadas gotas de chuva.

– Demoramos demais – lamentou o doutor. – Agora teremos de atravessar uma zona de fogo com nosso balão cheio de ar inflamável!

– A terra! Desçamos para a terra! – insistia Kennedy.

– Um raio poderia nos atingir da mesma forma e ainda correríamos o risco de ver nosso balão rasgado pelos galhos das árvores!

– Estamos subindo, senhor Samuel!

– Não tão rápido quanto eu desejava.

Nessa parte da África, durante as tempestades equatoriais, não é raro contar de trinta a trinta e cinco raios por minuto. O céu fica literalmente em fogo, e as descargas se sucedem sem intervalo.

O vento foi desencadeado com violência assustadora neste

ambiente abrasador: retorcia as nuvens, parecia o sopro de um ventilador imenso atiçando um incêndio.

O doutor mantinha a chama de seu maçarico no ponto máximo. O balão se dilatava e subia. De joelhos no centro do cesto Kennedy segurava as cortinas da tenda. O cesto rodopiava a ponto de dar vertigem, e as oscilações inquietavam os viajantes. Produziam-se grandes cavidades no revestimento do aeróstato, contra as quais o vento colidia com força, fazendo o tecido ranger sob sua pressão. Uma espécie de granizo, precedido por um barulho tumultuoso, sulcava a atmosfera e crepitava sobre o *Vitória*. Este, no entanto, prosseguia em sua marcha ascensional, enquanto os raios desenhavam linhas tangentes inflamadas em sua circunferência, fazendo com que ela parecesse envolta em chamas.

– Deus nos proteja! – bradou o doutor Fergusson. – Estamos em Suas mãos. Só Ele pode nos salvar. Qualquer coisa pode acontecer, até um incêndio. E nossa queda pode não ser rápida.

A voz do doutor mal chegava aos ouvidos de seus companheiros. Ele, no entanto, permanecia calmo em meio ao faiscar dos raios, observando os fenômenos de fosforescência produzidos pelo fogo de Santelmo que ondulava em volta da rede do aeróstato.

Este girava, rodopiava, mas subia sempre. Ao fim de um quarto de hora, ultrapassou a zona das nuvens tempestuosas; as descargas elétricas continuavam ziguezagueando embaixo dele, como uma vasta coroa de fogos de artifício suspensa ao cesto.

Esse é um dos mais belos espetáculos que a natureza pode oferecer ao homem. Embaixo, a tempestade; em cima, o céu estrelado, sereno, mudo, impassível, com a lua projetando seus raios pacíficos sobre as nuvens irritadas.

O doutor Fergusson consultou o barômetro: estavam a 3.600 metros. Eram onze horas da noite.

– Graças a Deus, o perigo passou – disse ele. – Agora, basta nos mantermos nesta altitude.

– Foi assustador! – disse Kennedy.

– Bem, isso animou a viagem e não achei ruim ver uma tempestade do alto. É um belo espetáculo!

Capítulo 17

As montanhas da lua – Um oceano de verdura – A âncora é descida – O elefante rebocador – Fogo cerrado – Morte do paquiderme – O forno de campanha – Refeição sobre a relva – Uma noite em terra

Por volta das seis horas da manhã, na segunda-feira, o sol se ergueu no horizonte. As nuvens se dissiparam e um bom vento refrescou as primeiras horas matinais.

A terra, toda perfumada, reapareceu aos olhos dos viajantes. O balão, girando em torno de si mesmo em meio a correntes contrárias, mal desviara de seu curso. O doutor, deixando que o gás se contraísse, desceu a fim de tomar uma direção mais ao norte. Durante muito tempo, sua procura foi inútil. O vento os impeliu para oeste, até avistarem as célebres montanhas da lua, que se arredondam em semicírculo à volta da extremidade do lago Tanganica. A cadeia, pouco acidentada, destacava-se no horizonte azulado como uma fortificação natural, impenetrável aos exploradores do África Central. Alguns cones isolados conservavam traços de neve eterna.

– Agora estamos em um país inexplorado – disse o doutor. – O capitão Burton avançou bem para oeste, mas não conseguiu alcançar estas famosas montanhas. Chegou a negar a existência delas, ao contrário de Speke, seu companheiro. Afirmou que eram fruto da imaginação deste último. Para nós, meus amigos, não há dúvida

possível.

– Vamos ultrapassá-las? – perguntou Kennedy.

– Se Deus quiser, não. Espero encontrar um vento favorável que me leve ao Equador. Estou disposto até a esperá-lo, se for preciso, e usarei o *Vitória* como um navio que lança âncora quando encontra-se na presença de ventos contrários.

Mas as previsões do doutor não demorariam a se cumprir. Depois de tentar diferentes alturas, o *Vitória* foi impelido para nordeste a uma velocidade média.

– Estamos no rumo certo – disse ele, consultando a bússola – e a apenas 60 metros da terra, o que é uma feliz circunstância para reconhecer estas regiões novas. O capitão Speke, em busca do lago Ukereué, subiu mais a leste, em linha reta abaixo de Kazé.

– Avançaremos assim por muito tempo? – quis saber Kennedy.

– Talvez. Nosso objetivo é ir na direção das nascentes do Nilo, e temos ainda 965 quilômetros a percorrer até o limite extremo alcançado pelos exploradores vindos do norte.

– E não desceremos à terra? – perguntou Joe – Nem para esticar um pouco as pernas?

– Desceremos, sim. Precisamos, aliás, economizar víveres e, no caminho, meu bravo Dick e você nos presentearão com carne fresca.

– Com muito prazer, amigo Samuel.

– Precisamos também renovar nossa reserva de água. Quem sabe se não seremos arrastados na direção de terras áridas? Todo cuidado é pouco.

Ao meio-dia, o *Vitória* se encontrava a 29º 15’ na longitude e 3º 15’ na latitude. Ultrapassou a aldeia de Uyofu, limite extremo ao sul do Unyamwezi, do outro lado do lago Ukereué, que ainda não estava à vista.

As populações mais próximas do Equador parecem ser um pouco mais civilizadas. Quem as governa são monarcas absolutos, de despotismo desenfreado, e sua aglomeração mais compacta constitui a província de Karagwah.

Os três viajantes combinaram que desceriam assim que avistassem o primeiro local favorável. Era necessário inspecionar cuidadosamente o aeróstato, e, por isso, precisavam parar por algum tempo. A chama do maçarico foi diminuída; as âncoras, lançadas para fora do cesto, logo roçaram o mato alto de um prado imenso, que de cima parecia

coberto por uma erva rasteira, a qual, no entanto, tinha de 2 a 2,5 metros de espessura.

O *Vitória* tocou de leve essa erva sem curvá-la, como se fosse uma gigantesca borboleta. Nenhum obstáculo à vista. Aquilo era como um oceano de verdura sem ondas.

– Acho que vamos deslizar assim por horas – disse Kennedy. – Não estou vendo nenhuma árvore onde possamos nos amarrar. A caçada talvez esteja comprometida.

– Espere um pouco mais, amigo Dick. Não conseguiria caçar afundado nessa erva mais alta que você. Logo acharemos um local favorável.

O passeio era, sem dúvida, encantador, uma verdadeira navegação sobre um mar verde, quase transparente, com suaves ondulações formadas pelo vento. O cesto parecia um barco cortando aquelas ondas, levantando bandos de aves de cores esplêndidas que escapavam da erva com mil gritos alegres. As âncoras mergulhadas no lago de flores, traçando sulcos que se fechavam atrás delas como o rastro de um navio.

De repente, o balão se sacudiu todo: a âncora decerto se enganchara em alguma fissura de rocha oculta sob aquele gigantesco tapete de relva.

– Estamos presos – disse Joe.

– Muito bem, então jogue a escada – replicou o caçador.

Mal pronunciara essas palavras e um grito agudo ecoou no ar. As frases seguintes que escaparam da boca dos três viajantes estavam entrecortadas de exclamações.

– Que foi isso?

– Que grito estranho!

– Vejam, estamos nos movendo!

– A âncora escapou!

– Não, não! Continua presa – disse Joe, tentando puxar a corda.

– A rocha está sendo arrastada!

A erva se agitou e logo uma forma alongada, sinuosa, ergueu-se acima dela.

– Uma cobra! – exclamou Joe.

– Uma cobra! – repetiu Dick, engatilhando sua carabina.

– Nada disso – interveio o doutor. – É uma tromba de elefante.

– De um elefante, Samuel? – perguntou Dick e, dizendo isso, levou

a arma ao ombro.

– Espere, Dick, espere!

– Mas o animal está nos rebocando!

– E para o lado certo, Joe, para o lado certo.

O elefante caminhava com certa rapidez, que não tardou a chegar a uma clareira, onde se mostrou por inteiro. Pelo seu tamanho enorme, o doutor reconheceu um macho de espécie magnífica. Exibia duas presas esbranquiçadas, de curvatura admirável, com uns 2,5 metros de comprimento, e as garras da âncora estavam firmemente presas entre elas.

O animal tentava, em vão, livrar-se com a tromba da corda que o prendia ao cesto.

– Para a frente, grandalhão! – exultou Joe no auge da alegria, excitando o melhor que podia aquele estranho rebocador. – Aí está outra maneira de viajar! Não me deem um cavalo, deem-me um elefante, por favor!

– Mas aonde está nos levando? – perguntou Kennedy, agitando a carabina, que parecia queimar suas mãos.

– Aonde queremos ir, meu caro Dick! Um pouco de paciência!

– *Wig a more, wig a more!*, como dizem os camponeses da Escócia. Para a frente, para a frente! – gritou o entusiasmado Joe.

O animal começou a galopar velozmente. Lançava a tromba à direita e à esquerda e, com seus movimentos bruscos, causava violentos trancos ao cesto. O doutor, de machado na mão, esperava para cortar a corda se fosse preciso.

– Mas só nos separaremos de nossa âncora se não tivermos outra alternativa – disse ele.

A corrida atrás do elefante durou uma hora e meia. O animal não parecia se cansar nunca; esses gigantescos paquidermes podem trotar por muito tempo e, de um dia para outro, às vezes são encontrados a enormes distâncias, como baleias, das quais possuem a massa e a rapidez.

– Na verdade – disse Joe –, é uma baleia mesmo que arpoamos. E não fazemos mais do que imitar a manobra dos baleeiros em suas pescarias.

Mas uma mudança na natureza do terreno obrigou o doutor a renunciar a seu meio de locomoção.

Um bosque espesso se destacava ao norte da imensa pradaria, a

cerca de 5 quilômetros, e por isso era necessário que o balão fosse separado de seu condutor.

Kennedy foi então encarregado de deter o elefante em sua corrida. Levou ao ombro a carabina, mas não estava em boa posição para atingir com sucesso o animal. A primeira bala, disparada contra o crânio, achatou-se como se tivesse batido contra uma placa de ferro, sem parecer sequer perturbar o elefante. Ao estampido da descarga, seu passo se acelerou como o de um cavalo lançado a galope.

– Diabos! – praguejou Kennedy.

– Que cabeça dura! – exclamou Joe.

– Vamos experimentar algumas balas cônicas na articulação do ombro – disse Dick –, recarregando a arma com cuidado. Disparou.

O animal emitiu um grito lancinante, e continuou mais belo ainda.

– Vejamos – interveio Joe, pegando um dos fuzis. – Acho que devo ajudá-lo, senhor Dick, senão isso não acabará nunca.

E duas balas foram se alojar nos flancos do animal.

O elefante parou, ergueu a tromba e retomou, a toda velocidade, sua corrida para o bosque. Sacudia a imensa cabeça e o sangue começava a correr em borbotões de suas feridas.

– Continuemos a fazer fogo, senhor Dick.

– E fogo cerrado – acrescentou o doutor –, pois estamos a menos de 20 metros do bosque!

Após dez tiros, o elefante deu um salto assustador, o cesto e o balão estalaram, como se tudo houvesse se quebrado. O baque fez cair no chão o machado que o doutor segurava.

A situação ia ficando terrível; a corda da âncora, fortemente presa, não podia ser desatada nem cortada pelas facas dos viajantes. O balão se aproximava rapidamente do bosque quando o elefante recebeu uma bala no olho, no momento em que erguia a cabeça. Parou. Hesitou. Seus joelhos se dobraram e ele apresentou o flanco ao caçador.

– Uma bala no coração – avisou este, descarregando pela última vez a carabina.

O elefante lançou um rugido de dor e agonia; firmou-se por um instante, agitando a tromba, e, em seguida, desabou com todo o seu peso sobre uma das presas, que se partiu inteira. Estava morto.

– A sua defesa está quebrada! – exclamou Kennedy. – Na Inglaterra, 45 quilos de marfim valeriam trinta e cinco guinéus!

– Tanto assim? – espantou-se Joe, descendo pela corda da âncora

até o chão.

– De que vale lamentar, meu caro Dick? – interveio o doutor Fergusson. – Somos acaso traficantes de marfim? Estamos aqui para fazer fortuna?

Joe examinou a âncora; estava solidamente enganchada na presa que permanecera intacta. Samuel e Dick saltaram do cesto, enquanto o aeróstato meio desinflado se balançava sobre o corpo do elefante.

– Magnífico animal! – disse Kennedy. – Que massa! Nunca vi, na Índia, um elefante desse porte!

– O que não é de espantar, meu caro Dick. Os elefantes da África Central são os mais belos. Os Anderson, os Cumming caçaram tantos nas proximidades do Cabo que eles emigraram para o Equador, onde frequentemente os encontramos em manadas numerosas.

– Enquanto aguardamos – propôs Joe –, que tal degustarmos uns bocados desse animal? Prometo oferecer-lhes uma refeição suculenta à custa dele. O senhor Kennedy vai caçar por uma hora ou duas, o senhor Samuel vai inspecionar o *Vitória* e, durante esse tempo, encarrego-me da cozinha.

– Bem pensado – respondeu o doutor. – Faça como quiser.

– Quanto a mim – disse o caçador –, aproveitarei as duas horas de liberdade que Joe se dignou conceder-me.

– Aproveite-as, meu amigo. Mas nada de imprudência. Não vá longe.

– Fique tranquilo.

E Dick, armado com seu fuzil, embrenhou-se no bosque.

Joe então se ocupou de suas funções. Escavou primeiro um buraco profundo, de cerca de 60 centímetros, e encheu-o com galhos secos que cobriam o solo, arrancados pelos elefantes, dos quais se viam por ali as pegadas. Enchido o buraco, colocou por cima uma pilha de lenha de 60 centímetros de altura e ateou-lhe fogo.

Em seguida, voltou para junto do cadáver do elefante, que caíra a uns 3 metros de distância do bosque. Cortou habilmente a tromba, que media quase 60 centímetros de largura na base. Escolheu a parte mais delicada e retirou uma das patas esponjosas do animal. Esses são, de fato, os melhores pedaços, tão bons quanto a bossa do bisão, a pata do urso ou a cabeça do javali.

Depois que a pilha de lenha se consumiu inteiramente, por dentro e por fora, o buraco, livre das cinzas e dos carvões, apresentava uma

temperatura bem alta. Os pedaços do elefante, embrulhados em folhas aromáticas, foram depositados no fundo desse forno improvisado e recobertos de cinzas quentes. Depois, Joe acendeu outra fogueira por cima e, quando a madeira se consumiu toda, a carne estava no ponto.

Joe retirou então o apetitoso jantar da fornalha, depositou-o sobre folhas verdes e dispôs o repasto em uma magnífica toalha de relva. Trouxe biscoitos, aguardente, café e água fresca, que foi buscar em um regato próximo.

O banquete assim apresentado dava gosto de ver; e Joe, sem excesso de vaidade, pensava que seria melhor ainda para saborear.

"Uma viagem sem cansaço e sem perigo!", pensava ele. "Uma refeição na hora certa! Uma rede para repousar o tempo todo! Que mais se pode pedir? E esse bom senhor Kennedy que não volta nunca..."

De seu lado, o doutor Fergusson se entregava a uma vistoria minuciosa do aeróstato, que não parecia ter sofrido nenhum dano com a tormenta. O tafetá e a guta-percha haviam resistido bravamente. Ele pegou a altura do solo e calculou a força ascensional do balão, então concluiu, satisfeito, que a quantidade de hidrogênio não mudara. O revestimento continuava totalmente impermeável.

Fazia apenas cinco dias que os viajantes tinham saído de Zanzibar. A provisão de *pemmican* não diminuíra; os biscoitos e a carne em conserva bastariam para uma longa viagem; e só seria necessário renovar a reserva de água.

Os tubos e a serpentina pareciam estar em perfeito estado; graças às suas articulações de borracha, acomodavam-se a todas as oscilações do aeróstato.

Terminada a vistoria, o doutor se ocupou de pôr suas anotações em dia. Fez um esboço bastante exato da zona circundante, com a longa pradaria a perder de vista, a floresta e o balão imóvel pairando acima do corpo do monstruoso elefante.

Ao fim de duas horas, Kennedy voltou com uma enfiada de perdizes gordas e uma perna de órix, uma variedade de *gemsbok* pertencente à espécie mais ágil dos antílopes. Joe se encarregou de preparar essas provisões extras.

– O jantar está servido – avisou ele com sua voz mais solene.

Os três viajantes só precisaram sentar-se na relva verde. A pata e a tromba do elefante foram consideradas excelentes. Beberam à saúde

da Inglaterra, como sempre, e deliciosos charutos havanas perfumaram pela primeira vez aquele país encantador.

Kennedy comeu, bebeu e falou por quatro. Estava um pouco embriagado e propôs seriamente a seu amigo, o doutor, estabelecerem-se naquela floresta, construírem ali uma cabana de folhagem e fundarem a dinastia dos Robinsons africanos.

A ideia não foi longe, embora Joe se oferecesse para desempenhar o papel de Sexta-Feira[22].

A campina parecia tão tranquila, tão deserta que o doutor resolveu passar a noite em terra. Joe acendeu um círculo de fogo, barricada indispensável contra os animais selvagens; hienas, pumas e chacais, farejando a carne do elefante, rondavam por perto. Kennedy precisou disparar várias vezes sua carabina na direção desses visitantes audaciosos; mas, por fim, a noite transcorreu sem incidentes desagradáveis.

Referência ao personagem do livro *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. (N. R.)

Capítulo 18

O Karagwah – O lago Ukereué – Uma noite em uma ilha – O Equador – Travessia do lago – As cascatas – Vista do país – As nascentes do Nilo – A ilha Benga – A assinatura de Andrea Debono – O pavilhão com as armas da Inglaterra

No dia seguinte, às cinco horas, começaram os preparativos da partida. Joe, com o machado que felizmente encontrara, partiu as presas do elefante e o *Vitória*, enfim livre, levou os viajantes para nordeste a uma velocidade de 30 quilômetros por hora.

Na noite anterior, Fergusson havia calculado cuidadosamente sua posição pela altura das estrelas. Estava a 2º 40' na latitude abaixo do Equador, ou seja, a 260 quilômetros geográficos. Atravessou numerosas aldeias sem se preocupar com os gritos provocados por sua aparição. Tomou notas sumárias da conformação dos lugares, cruzou as encostas do Rubemhé, quase tão íngremes quanto as dos picos do Usagara, e avistou, depois, em Tenga, as primeiras elevações das cadeias de Karagwah, que a seu ver eram necessariamente um prolongamento das montanhas da lua. Ora, a lenda antiga que fazia dessas montanhas o berço do Nilo tinha sua porção de verdade, pois elas confinam com o lago Ukereué, provável reservatório das águas do grande rio.

De Kafuro, importante distrito de mercadores do país, ele percebeu

enfim, no horizonte, esse lago tão procurado e que o capitão Speke havia avistado em 3 de agosto de 1858.

Samuel Fergusson estava comovido, bem perto de um dos pontos principais de sua exploração, e, de luneta assestada, não perdia um acidente sequer desse país misterioso que seu olhar percebia assim:

Abaixo dele, um solo geralmente estéril; aqui e ali, uma ravina cultivada; o terreno, semeado de cones de altura média, ia se tornando plano nas vizinhanças do lago; plantações de cevada substituíam os arrozais; ali, cresciam a tanchagem de onde se tira o vinho local e o *mwani*, planta selvagem utilizada como café. O agrupamento de cerca de cinquenta cabanas circulares, recobertas de colmo florido, era a capital do Karagwah.

Percebiam-se facilmente os rostos surpreendidos de uma raça muito bonita, de cor moreno-amarelada. As mulheres, inacreditavelmente corpulentas, percorriam as plantações; e o doutor espantou seus companheiros informando-os de que aquela obesidade, muito apreciada, era conseguida com um regime obrigatório de leite coalhado.

Ao meio-dia, o *Vitória* se encontrava a 1º 45’ na latitude sul; à uma hora, o vento impeliu-o para o lago.

Esse lago foi chamado de Nyanza (“Lago”) Vitória pelo capitão Speke. Ele mediu ali 150 quilômetros de largura e encontrou, na extremidade sul, um grupo de ilhas a que deu o nome de arquipélago de Bengala. Continuou o reconhecimento até Muanza, na costa leste, onde foi bem recebido pelo sultão. Triangulou essa parte do lago, mas não conseguiu uma barca nem para atravessá-lo nem para visitar a grande ilha de Ukereué, bastante populosa, é governada por três sultões e forma uma península na maré baixa.

O *Vitória* aproximou-se do lago mais ao norte, para grande aborrecimento do doutor, que gostaria de determinar seus contornos inferiores. As margens, eriçadas com arbustos espinhentos e mata emaranhados, literalmente desapareciam sob uma nuvem de mosquitos de cor castanha-clara. O país devia ser desabitado e inabitável; viam-se manadas de hipopótamos chafurdando no lamaçal entremeado de juncos ou afundando nas águas esbranquiçadas do lago.

Este, visto de cima, apresentava a oeste um horizonte tão amplo que parecia um mar; a distância é muito grande entre as margens,

dificultando as comunicações. Não bastasse isso, as tempestades são aí violentas e frequentes, pois os ventos correm à solta nessa bacia elevada e descoberta.

O doutor estava com dificuldade para dirigir o balão, e temia ser arrastado para leste; mas, felizmente, uma corrente o levou direto para o norte e, às seis horas da tarde, o *Vitória* pairou sobre uma ilhota deserta, a 0º 30' na latitude e 32º 2' na longitude, a 30 quilômetros da costa.

Os viajantes conseguiram prender o balão em uma árvore e, à medida que o vento se acalmava à noite, permaneceram tranquilos, confiantes na âncora. Não era possível descer à terra, pois legiões de mosquitos, como nas margens do Nyanza, escureciam o solo com uma nuvem espessa. O próprio Joe voltou da árvore coberto de picadas; mas pouco se importou, pois achava isso natural da parte dos insetos.

No entanto, o doutor, menos otimista, soltou o máximo de corda, a fim de escapar desses bichinhos impiedosos, que subiam com um murmúrio inquietante.

Calculou a altitude do lago acima do nível do mar, tal como fizera o capitão Speke, e obteve 1.150 metros.

– Cá estamos então em uma ilha! – exclamou Joe, que não parava de se coçar.

– Uma ilha que percorreríamos rapidamente – disse o caçador. – E, com exceção desses amáveis insetos, não se vê por aí nenhum ser vivo.

– As ilhas que pontilham o lago – explicou o doutor – não são, na verdade, nada mais que picos de colinas submersas. Entretanto, devemos nos dar por satisfeitos em encontrar aqui um abrigo, pois as margens do lago são habitadas por tribos ferozes. Durmam então, já que o céu nos prepara uma noite tranquila.

– Você não fará o mesmo, Samuel?

– Não. Não conseguiria pregar o olho. Meus pensamentos expulsariam o sono. Amanhã, meus amigos, se o vento for favorável, iremos direto para o norte e talvez descubramos as nascentes do Nilo, esse segredo até agora impenetrável. Tão perto das nascentes do grande rio, eu não poderia dormir.

Kennedy e Joe, a quem as preocupações científicas não perturbavam a esse ponto, não tardaram a adormecer profundamente, sob a guarda do doutor.

Na quarta-feira, 23 de abril, o *Vitória* partiu às quatro horas da

manhã, sob um céu carregado. A noite tardava a abandonar as águas do lago, envolto em uma bruma espessa, mas logo um vento impetuoso a dissipou. O *Vitória* balançou por alguns minutos em várias direções e finalmente tomou o rumo do norte.

O doutor Fergusson bateu palmas com alegria.

– Estamos no bom caminho! – bradou ele. – Hoje ou nunca avistaremos o Nilo! Meus amigos, estamos atravessando o Equador! Entramos no nosso hemisfério!

– Oh! – exclamou Joe. – Acha então, senhor, que o Equador passa aqui?

– Aqui mesmo, meu bravo rapaz!

– Pois bem, senhor, com todo o respeito, parece-me conveniente comemorar isso com um trago generoso.

– Que venha a garrafa! – concordou o doutor, alegremente. – Você tem uma maneira inteligente de entender a cosmografia.

E assim foi comemorada a passagem da linha a bordo do *Vitória*.

Este avançava velozmente. Percebia-se, a oeste, a costa baixa e pouco acidentada; ao fundo, os planaltos muito elevados de Uganda e Usoga. A velocidade do vento ia se tornando excessiva: perto de 50 quilômetros por hora.

As águas do Nyanza, soerguidas com violência, espumavam como as ondas de um mar. Via-se ao fundo algumas ondas que continuavam agitadas muito tempo depois, o doutor deduziu que o lago devia ter uma grande profundidade. Apenas um ou dois barcos foram avistados durante essa rápida travessia.

– O lago – disse o doutor – é evidentemente, por sua posição elevada, o reservatório natural dos rios da parte oriental da África. O céu lhe devolve em chuva o que retira em vapores de seus efluentes. Parece-me certo que o Nilo tem aqui sua nascente.

– Veremos – replicou Kennedy.

Por volta das nove horas, aproximaram-se da costa oeste, que parecia deserta e arborizada. O vento se levantou um pouco na direção leste e os viajantes puderam entrever a outra margem do lago. Ela se encurvava de maneira a terminar, em ângulo bem aberto, a 2º 40’ na latitude norte. Montanhas altas ostentavam seus picos áridos nessa extremidade do Nyanza; mas, entre elas, um desfiladeiro profundo e sinuoso dava passagem a um rio borbulhante.

Manobrando seu aeróstato, o doutor Fergusson examinava o país

com um olhar ávido.

– Vejam! – gritou ele. – Vejam, meus amigos! As descrições dos árabes eram exatas! Eles falavam de um rio pelo qual o lago Ukereué se descarregava em direção ao norte. Esse rio existe e nós o desceremos! Ele corre a uma velocidade comparável à nossa! E essa gota de água que foge sob os nossos pés vai sem dúvida se fundem com as ondas do Mediterrâneo. É o Nilo!

– O Nilo! – repetiu Kennedy, contaminado pelo entusiasmo de Samuel Fergusson.

– Viva o Nilo! – festejou Joe, que comemorava qualquer coisa quando estava alegre.

Rochedos enormes embaraçavam aqui e ali o curso desse rio misterioso. A água espumava, formando corredeiras e cataratas, que confirmavam as previsões do doutor. Das montanhas próximas, desciam torrentes que borbulhavam na queda e podiam contar-se às centenas. Via-se brotar do solo um número incontável de filetes de água que se cruzavam, fundindo-se, lutando pela velocidade e todos correndo para o riacho que nascia e se tornava rio após os ter absorvido.

– É mesmo o Nilo – repetiu o doutor, convicto. – A origem de seu nome tem intrigado os sábios tanto quanto a origem de suas águas. Fizeram-no provir do grego, do copta, do sânscrito[23]. Mas isso pouco importa, agora que ele revelou por fim o segredo de suas nascentes!

– Mas – objetou o caçador – como garantir que este rio é o mesmo identificado pelos viajantes do norte?

– Teremos provas certas, irrefutáveis, infalíveis – respondeu Fergusson – se o vento nos favorecer por mais uma hora.

As montanhas abriam espaço a numerosas aldeias e campos cultivados de gergelim, sorgo e cana-de-açúcar. As tribos locais, pressentindo estrangeiros e não deuses, mostravam-se agitadas, hostis, mais perto da cólera que da adoração. Era como se quem alcançasse as nascentes do Nilo fosse lhes tomar alguma coisa. O *Vitória* teve de manter-se longe do alcance de seus mosquetes.

– Aterrissar aqui seria difícil – observou o escocês.

– Pior para eles – replicou Joe. – Serão privados do encanto de nossa conversação.

– No entanto, preciso descer – avisou o doutor Fergusson –, nem que seja por um quarto de hora. Do contrário, não poderei confirmar

os resultados de nossa exploração.

– Isso é mesmo necessário, Samuel?

– Indispensável. Desceremos, mesmo que tivermos de atirar!

– Para mim, tudo bem – disse Kennedy, acariciando sua carabina.

– Estou às ordens, senhor – declarou Joe, preparando-se para o combate.

– Não será a primeira vez – continuou o doutor – que se fará ciência com armas na mão. Isso já aconteceu a um cientista francês nas montanhas da Espanha, onde ele media o meridiano terrestre.

– Fique tranquilo, Samuel, e confie em seus dois guardas.

– Vamos descer agora, senhor?

– Ainda não. E até subiremos um pouco para obter a configuração exata do país.

O hidrogênio se expandiu e, em menos de dez minutos, o *Vitória* planava a 750 metros acima do solo.

Distinguia-se dali uma inextricável rede de arroios que o rio acolhia em seu leito; vinham principalmente do oeste, do meio de colinas numerosas espalhadas por campos férteis.

– Estamos a mais ou menos 150 quilômetros de Gondokoro – disse o doutor, apontando para o mapa. – E a menos de 8 quilômetros do ponto alcançado pelos exploradores vindos do norte. Vamos descer com precaução.

O *Vitória* abaixou mais de 600 metros.

– Agora, amigos, estejam prontos para tudo.

– Nós estamos – garantiram Dick e Joe.

– Ótimo!

A apenas 30 metros de altitude, o *Vitória* avançou seguindo o curso do rio. O Nilo media 100 metros de largura nesse ponto, e os nativos se agitavam tumultuosamente nas aldeias que bordejavam suas margens. No segundo grau, ele formava uma cascata a pique, de cerca de 3 metros de altura, consequentemente intransponível.

– Lá está a cascata mencionada por Debono – gritou o doutor.

A bacia do rio se alargava, semeada de numerosas ilhas que Samuel Fergusson devorava com o olhar. Parecia estar procurando um ponto de referência que ainda não tinha avistado.

Alguns nativos haviam se aproximado de barca e se colocado debaixo do balão. Kennedy saudou-os com um tiro de fuzil que, sem atingi-los, forçou-os a voltar para a margem o mais rápido possível.

– Boa viagem! – desejou-lhes Joe. – Se eu fosse esses sujeitos, não me atreveria a retornar, com medo de um monstro que despeja raios à vontade!

Mas eis que o doutor Fergusson apanha a luneta e aponta-a para uma ilha no meio do rio.

– Quatro árvores! – exclamou. – Olhem lá embaixo!

De fato, havia quatro árvores isoladas que se erguiam em uma de suas extremidades.

– É a ilha de Benga! É ela, sem dúvida! – acrescentou.

– E daí? – quis saber Dick.

– É nela que desceremos, se Deus quiser!

– Mas parece habitada, senhor Samuel!

– Joe tem razão. Se não me engano, aquilo é um grupo de uns vinte nativos.

– Nós os poremos em fuga, o que não será difícil – respondeu o doutor Fergusson.

– Seja como você diz – replicou o caçador.

O sol estava no zênite. O *Vitória* se aproximou da ilha.

Os habitantes da tribo de Makado lançaram gritos enérgicos. Um deles agitava no ar seu capacete de cortiça. Kennedy mirou-o, fez fogo e o capacete voou pelos ares, em pedaços.

Foi uma debandada geral. Os nativos se precipitaram para o rio e o atravessaram a nado. Das duas margens, veio uma saraivada de balas e uma chuva de flechas, mas sem perigo para o aeróstato, cuja âncora havia se encaixado em uma fissura de rocha. Joe deslizou para o chão.

– A escada! – gritou o doutor. – Siga-me, Kennedy.

– O que você pretende fazer?

– Vamos descer. Preciso de uma testemunha.

– Cá estou.

– Joe, fique bem atento.

– Não se preocupe, senhor, respondo por tudo.

– Venha, Dick – chamou o doutor, pondo o pé em terra.

Levou o companheiro para um grupo de rochedos que se erguiam na ponta da ilha; ali, ficou procurando alguma coisa, remexeu nos arbustos e acabou com as mãos em sangue.

De repente, segurou com força o braço do caçador.

– Olhe – sussurrou.

– Letras! – espantou-se Kennedy.

Duas letras gravadas na rocha apareciam com toda a nitidez. Lia-se distintamente:

A. D.

– A. D.! – exclamou o doutor Fergusson. – Andrea Debono! A própria assinatura do viajante que subiu mais longe o curso do Nilo!

– Isso é indiscutível, amigo Samuel.

– Agora está convencido?

– É o Nilo. Não podemos duvidar.

O doutor observou pela última vez aquelas preciosas iniciais, de que copiou exatamente a forma e as dimensões.

– Agora, para o balão! – disse ele.

– E depressa, pois alguns nativos já se preparam para cruzar o rio.

– Isso não tem mais importância! Se o vento nos levar para o norte durante algumas horas, chegaremos a Gondokoro e apertaremos a mão de nossos compatriotas.

Dez minutos depois, o *Vitória* se alçava majestosamente nos ares, enquanto o doutor Fergusson, para comemorar o sucesso, desfraldava o pavilhão com as armas da Inglaterra.

Um sábio bizantino via em *Neilos* um nome aritmético: N representava 50, E 5, I 10, L 30, O 70, S 200, o que perfazia o número de dias do ano. (N. O.)

Capítulo 19

O Nilo – A montanha que tremia – Lembranças de casa – As narrativas dos árabes – Os nyam-nyam – Reflexões sensatas de Joe – O Vitória *sacudido – As ascensões aerostáticas – Madame Blanchard*

– Qual é a nossa direção? – perguntou Kennedy, vendo o amigo consultar a bússola.

– Nor-noroeste.

– Diabos! Isso não é o norte!

– Não, Dick, não é. E com certeza encontraremos dificuldades para chegar a Gondokoro, o que é lamentável. Mas, pelo menos, ligamos as explorações do leste às do norte. Não podemos nos queixar.

O *Vitória* se afastava pouco a pouco do Nilo.

– Um último olhar – disse o doutor – a esta intransponível latitude que os mais intrépidos viajantes jamais ultrapassaram! Lá estão as tribos intratáveis mencionadas por Petherick, D'Arnaud, Miani e o jovem explorador Lejean, ao qual devemos as melhores descrições do alto Nilo.

– Então – perguntou Kennedy –, nossas descobertas estão de acordo com os pressentimentos da ciência?

– Completamente de acordo. As nascentes do rio Branco, do Bahr-el-Abiad, estão imersas em um lago tão grande como o mar. É ali que ele nasce. A poesia sairá perdendo, sem dúvida, gostaríamos de

assumir que o rei dos rios vem do céu. Os povos antigos chamavam-no de oceano, e não estávamos longe de acreditar que descesse diretamente do sol! Mas é preciso nos conformarmos e aceitar, de tempos em tempos, o que a ciência nos ensina. Nem sempre haverá cientistas; mas sempre haverá poetas.

– Ainda se veem as cataratas – disse Joe.

– São as cataratas de Makedo, a 3 graus na latitude. Nada é mais exato! Que lástima não termos podido seguir por algumas horas o curso do Nilo!

– E ali, à nossa frente, percebo o pico de uma montanha – disse o caçador.

– É o monte Logwek, a montanha que treme, segundo os árabes. Todo este território foi percorrido por Debono, que usou o nome de Latif Effendi. As tribos vizinhas do Nilo são inimigas e travam entre si uma guerra de extermínio. Vocês bem podem imaginar os perigos que ele correu.

O vento agora impelia o *Vitória* para noroeste. A fim de evitar o monte Logwek, era necessário encontrar uma corrente mais inclinada.

– Meus amigos – disse o doutor –, é agora que começamos de fato nossa travessia africana. Até o momento, seguimos as pegadas de nossos antecessores. Daqui para a frente, mergulharemos no desconhecido. Será que vai nos faltar coragem para isso?

– Nunca! – bradaram a uma só voz Dick e Joe.

– Então, a caminho! E que o céu nos ajude!

Às dez horas da noite, planando sobre ravinas, florestas e aldeias dispersas, os viajantes chegaram ao flanco da montanha que treme, passando ao largo de suas encostas suaves.

Nessa memorável jornada de 23 de abril, durante quinze horas, eles percorreram, impulsionados por um vento rápido, cerca de 500 quilômetros.

Mas a última parte da viagem os deixou um tanto melancólicos. O silêncio reinava no cesto. Estaria o doutor Fergusson absorvido em suas descobertas? Seus dois companheiros estariam pensando em atravessar por regiões desconhecidas? Havia tudo isso, sem dúvida, mas também as mais vivas lembranças da Inglaterra e dos amigos distantes. Apenas Joe mostrava uma filosofia despreocupada, achando bastante natural que a pátria não estivesse lá, pois não estava; mas respeitou o silêncio de Samuel Fergusson e Dick Kennedy.

Às dez horas da noite, o *Vitória* “ancorou” em um ponto da montanha que treme[24]. Os três ingeriram uma refeição suculenta e foram dormir, ficando sempre um de guarda.

No dia seguinte, ideias mais serenas surgiram ao despertar. Fazia bom tempo e o vento soprava do lado certo. Um desjejum bem temperado por Joe acabou de devolver o bom humor aos espíritos.

O país que agora percorriam era imenso. Limita-se com as montanhas da lua e as do Darfur, sendo quase tão grande quanto a Europa.

– Estamos atravessando – disse o doutor – o que talvez seja o reino de Usoga. Os geógrafos afirmaram que existe bem no meio da África uma vasta depressão, um imenso lago central. Veremos se essa teoria tem algo de verdade.

– Mas como se chegou a essa suposição? – perguntou Kennedy.

– Com base nos relatos dos árabes. Eles falam muito, até demais. Alguns viajantes, chegando a Kazeh ou aos Grandes Lagos, viram escravos oriundos dos países centrais, interrogaram-nos sobre esses países, reuniram grande número de informações e, a partir delas, elaboraram teorias. No fundo de tudo isso, há sempre alguma verdade e, como você viu, eles não se enganavam sobre a origem do Nilo.

– Nada mais verdadeiro – concordou Kennedy.

– Por meio dessas informações, é que se esboçaram mapas. Por isso, vou seguir um deles e, se necessário, corrigi-lo.

– Toda esta região é habitada? – perguntou Joe.

– Sem dúvida. E mal habitada.

– Eu já desconfiava disso.

– São tribos esparsas compreendidas sob a denominação geral de nyam-nyam, nome que não passa de uma onomatopeia. Reproduz o ruído da mastigação.

– É mesmo! – disse Joe. – Nyam, nyam!

– Meu bravo Joe, se você fosse a causa imediata dessa onomatopeia, não ficaria muito satisfeito.

– Por quê?

– Porque essas populações são consideradas antropófagas.

– E é verdade?

– É. Chegou-se a afirmar que tinham rabos, como simples quadrúpedes. Mas, logo se descobriu que esse apêndice pertence às peles de animal que vestem.

– Que pena! Um rabo seria muito bom para espantar mosquitos.

– Pode ser, Joe. Mas isso deve ser relegado à categoria das fábulas, tal como as cabeças de cão que o viajante Brun-Rollet atribuiu a certos povos.

– Cabeças de cão? Coisa bem útil para latir e uivar e até mesmo para ser antropófago!

– O que se sabe ao certo, infelizmente, é que essas populações são ferozes e ávidas por carne humana. Perseguem-na com paixão.

– Só peço – disse Joe – que não se apaixonem demais pela minha.

– Vejam só! – brincou o caçador.

– É verdade, senhor Dick. Se eu tiver de ser devorado em um momento de necessidade, quero que seja em proveito seu e de meu patrão! Mas nutrir aqueles malandros, ah, não! Eu morreria de vergonha.

– Entendido, meu caro Joe – disse Kennedy. – Recorreremos a você se precisarmos.

– Disponham, senhores.

– Joe fala assim – replicou o doutor – para que cuidemos bem dele e o engordemos.

– Quem sabe? – disse Joe. – O homem é um animal tão egoísta!

Ao meio-dia, o céu se cobriu de uma névoa quente que emanava do solo e permitia vislumbrar muito mal os acidentes do terreno. Assim, temendo bater contra algum pico imprevisto, o doutor deu às cinco horas sinal de parar.

A noite decorreu sem incidentes, mas foi preciso redobrar a vigilância por causa da escuridão profunda.

A monção soprou impetuosamente durante a manhã do outro dia; o vento penetrava nas cavidades inferiores do aeróstato, agitando com violência o apêndice pelo qual entravam os tubos de dilatação. Foi necessário conter esses tubos com cordas, manobra que Joe executou muito bem.

Ele constatou ao mesmo tempo que o orifício do aeróstato continuava hermeticamente fechado.

– Isso tem dupla importância para nós – disse o doutor Fergusson. – Em primeiro lugar, evitamos o desperdício de um gás precioso; em segundo, não deixamos à nossa volta um rastro inflamável, ao qual acabaríamos por colocar fogo.

– Eis aí um péssimo contratempo de viagem – reconheceu Joe.

– Seríamos precipitados ao chão? – perguntou Dick.

– Precipitados, não! O gás se queimaria tranquilamente e nós desceríamos devagar. Isso aconteceu com uma aeronauta francesa, madame Blanchard. Ela incendiou seu balão lançando fogos de artifício, mas não caiu; e certamente teria escapado com vida se seu cesto não se chocasse com uma chaminé, arremessando-a por terra.

– Esperemos que nada disso nos aconteça – disse o caçador. – Até agora, nossa travessia não me pareceu perigosa, e não vejo motivo para não alcançarmos nosso objetivo.

– Eu também não, meu caro Dick. De resto, os acidentes sempre foram causados pela imprudência dos aeronautas ou por defeitos em seus aparelhos. No entanto, entre vários milhares de ascensões aerostáticas, não se contam nem vinte acidentes fatais. Em geral, o risco maior está nas aterrissagens e nas subidas. Por isso, nunca devemos negligenciar as precauções.

– É hora do desjejum – avisou Joe. – Teremos de nos contentar com carne em conserva e café, até que o senhor Kennedy encontre meios de nos regalar com um bom pedaço de caça.

Reza a tradição que essa montanha treme assim que um muçulmano põe o pé nela. (N. O.)

Capítulo 20

A garrafa celeste – As figueiras-palmeiras – As árvores-mamute – A árvore de guerra – A atrelagem aérea – Combates de dois povos – Massacre – Intervenção divina

O vento ia se tornando impetuoso e irregular. O *Vitória* era tremendamente sacudido nos ares. Arremessado ora para o norte, ora para o sul, não encontrava um sopro constante.

– Estamos indo muito depressa sem avançar quase nada – observou Kennedy, ao notar as frequentes oscilações da agulha imantada.

– O *Vitória* vai a uma velocidade de pelo menos 120 quilômetros por hora – disse Samuel Fergusson. – Debrucem-se e vejam como o campo desaparece rapidamente sob nossos pés. Olhem! Aquela floresta parece se precipitar contra nós!

– Ela já cedeu lugar a uma clareira – disse o caçador.

– E a clareira a uma aldeia – interveio Joe, segundos mais tarde. – Vejam as caras espantadas daqueles selvagens!

– Nada mais natural – ponderou o doutor. – Os camponeses da França, quando viram balões pela primeira vez, atiraram neles, achando que eram monstros aéreos. É, pois, permitido a um nativo do Sudão arregalar os olhos.

– Por Deus! – disse Joe, enquanto o *Vitória* planava sobre uma aldeia a 30 metros do solo. – Vou lhes jogar uma garrafa vazia, com

sua permissão, senhor. Se ela chegar sã e salva, eles a adorarão; se se partir, eles farão talismãs com os cacos!

E, dizendo isso, arremessou uma garrafa, que se quebrou em mil fragmentos, enquanto os nativos se precipitavam para suas cabanas, dando gritos ensurdecedores.

Um pouco mais adiante, Kennedy falou:

– Olhem só aquela árvore esquisita! Na parte superior, é de uma espécie; na inferior, de outra.

– Céus! – exclamou Joe. – Neste país, as árvores nascem umas em cima das outras.

– Trata-se somente de um tronco de figueira – explicou o doutor – sobre o qual se acumulou um pouco de terra vegetal. Um belo dia, o vento trouxe uma semente de palmeira e esta cresceu ali como em campo aberto.

– Boa coisa – disse Joe. – Vou levar essa moda para a Inglaterra. Seria um ótimo meio de multiplicar as árvores frutíferas. Teríamos jardins verticais, bem ao gosto dos pequenos proprietários.

Nesse momento, foi preciso elevar o *Vitória* para ultrapassar uma floresta de árvores de quase 100 metros de altura, uma espécie de figueiras seculares.

– Árvores magníficas, aquelas – gritou Kennedy. – Nunca vi nada tão bonito quanto essas veneráveis florestas. Olhe, Samuel.

– A altura daquelas figueiras é realmente espetacular, meu caro Dick. No entanto, não iriam surpreender nas matas do Novo Mundo.

– Como?! Existem árvores mais altas?

– Com certeza, as que chamamos de árvores-mamute. Na Califórnia, achou-se um cedro com 130 metros, altura que ultrapassa a torre do Parlamento e até a grande pirâmide do Egito. A base tinha 35 metros de circunferência e os anéis concêntricos do tronco lhe davam mais de quatro mil anos de idade.

– Mas, então, senhor, isso não tem nada de espantoso! Quando se vive quatro mil anos, não é natural ter uma bela estatura?

Contudo, durante a história do doutor e a resposta de Joe, a floresta dera lugar a uma grande reunião de cabanas dispostas circularmente em torno de uma praça. No centro, crescia uma árvore única, a cuja vista Joe não pôde se conter:

– Pois bem, se essa aí levou quatro mil anos para dar tais flores, não a acho digna de elogio.

E mostrou um sicômoro gigantesco, cujo tronco desaparecia inteiro sob uma camada de ossos humanos. As flores de que Joe falava eram cabeças recém-decepadas, suspensas por punhais cravados na cortiça.

– A árvore de guerra dos canibais! – disse o doutor. – Os índios arrancam o couro cabeludo, os africanos arrancam a cabeça inteira.

– É a moda deles – sentenciou Joe.

Mas a aldeia de cabeças sangrentas já desaparecia no horizonte. Outra, mais à frente, oferecia um espetáculo não menos repulsivo: cadáveres meio devorados, esqueletos desfazendo-se em pó, membros humanos espalhados que serviam de pasto às hienas e chacais.

– São, sem dúvida, corpos de criminosos. Tal como se faz na Abissínia, são expostos às feras, que os matam a dentadas e depois os devoram à vontade.

– Não é mais cruel que a forca – disse o escocês. – Apenas mais sujo.

– Nas regiões do sul da África – continuou o doutor –, contentam-se em encerrar o criminoso em sua própria cabana, acompanhado de seus animais domésticos e, às vezes, de sua família. Põem fogo na cabana e tudo queima ao mesmo tempo. Isso, sim, é crueldade; mas concordo com Kennedy em que, se a forca é menos cruel, nem por isso é menos bárbara.

Joe, com a vista excelente de que sabia fazer bom uso, avistou alguns bandos de pássaros predadores que pairavam no horizonte.

– São águias! – exclamou Kennedy, depois de reconhecê-las com a luneta. – Aves magníficas cujo voo é tão rápido quanto o nosso.

– Que o céu nos livre de seu ataque! – disse o doutor. – Para nós, são mais temíveis que as feras e as tribos selvagens.

– Ora – replicou o caçador –, nós as espantaremos a tiros de fuzil.

– Eu preferiria, meu caro amigo Dick, não recorrer à sua habilidade. O tecido de nosso balão não resistiria a uma bicada dessas aves temíveis. Mas, felizmente, creio que elas estão mais assustadas que atraídas por nossa máquina.

– Tenho uma ideia – aparteou Joe. – Hoje, as ideias estão me ocorrendo às dezenas. Se conseguíssemos reunir uma atrelagem de águias vivas, poderíamos prendê-la ao cesto e ela nos levaria pelos ares!

– Esse método já foi proposto a sério – respondeu o doutor. – Mas acho-o pouco praticável com animais tão ariscos por natureza.

– Poderíamos adestrá-las – continuou Joe. – E, em lugar de freios, usaríamos vendas para bloquear a visão. Conforme o olho tapado, iriam para a direita ou para a esquerda; com os dois tapados, parariam.

– Permita-me, meu bravo Joe, preferir um vento favorável às suas águias atreladas. Ele nos sai mais barato e é mais seguro.

– Está certo, senhor. Mas vou conservar minha ideia.

Era meio-dia. O *Vitória*, há algum tempo, mantinha-se a uma velocidade moderada; o solo caminhava sob ele, não fugia mais.

De repente, gritos e assobios chegaram aos ouvidos dos viajantes, que se debruçaram e perceberam, em uma planície aberta, um espetáculo assombroso.

Duas tribos lutando ferozmente, escurecendo os ares com uma nuvem de flechas. Os combatentes, ávidos por se matar uns aos outros, nem perceberam a chegada do *Vitória.* Eram cerca de trezentas pessoas, que se misturavam em uma estranha confusão. Quase todos vermelhos do sangue dos feridos, no qual afundavam e, ofereciam um espetáculo horrível de se ver.

À aproximação do aeróstato, houve uma pausa. Os rugidos redobraram. Algumas flechas foram atiradas contra o cesto, e uma delas tão perto que Joe conseguiu apanhá-la com a mão.

– Vamos sair do alcance deles! – gritou o doutor Fergusson. – Todo cuidado é pouco! Não podemos nos permitir nenhuma imprudência.

O massacre continuava de parte a parte, a golpes de machado e azagaia. Quando um inimigo tombava, o adversário corria e lhe cortava a cabeça. Mulheres, no meio de todo aquele caos, recolhiam as cabeças sangrentas e empilhavam-nas a cada extremidade do campo de batalha. E elas mesmas, às vezes, batiam-se para conquistar alguns desses pavorosos troféus.

– Que cena horrível! – resmungou Kennedy, com asco.

– São nobres bandidos – ponderou Joe. – Se vestissem uniforme, não se distinguiriam de outros guerreiros do mundo.

– Sinto uma vontade tremenda de intervir no combate – prosseguiu o caçador, brandindo a carabina.

– Não – respondeu vivamente o doutor –, nada disso! Cuidemos do que nos interessa. Você acaso sabe quem está certo e quem está errado para fazer o papel da Providência? Fujamos o mais depressa possível desse espetáculo repulsivo. Se os grandes capitães pudessem

contemplar assim a cena de suas façanhas, talvez acabassem por perder o gosto do sangue e das conquistas.

O chefe de um dos bandos selvagens se distinguia pela sua constituição atlética, unida a uma força hercúlea. Com uma das mãos, mergulhava a lança nas fileiras compactas dos inimigos e, com a outra, abria nelas grandes brechas a machadadas. Em certo momento, atirou para longe a azagaia embebida em sangue sobre um ferido a quem cortou o braço com um só golpe, agarrou esse membro e, levando-o à boca, começou a devorá-lo.

– Oh! – exclamou Kennedy. – Que fera abominável! Não suporto mais ver isso!

E o guerreiro, atingido por uma bala na testa, tombou de costas.

Um profundo espanto se apoderou de seus guerreiros ao vê-lo cair; temiam que essa morte sobrenatural reacendesse o ardor dos adversários, por sorte que em alguns segundos o campo de batalha foi abandonado por metade dos combatentes.

– Vamos subir para encontrar uma corrente que nos leve daqui – disse o doutor. – Já estou farto desse espetáculo.

Mas não partiram rápido o suficiente, e tiveram ainda de ver a tribo vitoriosa caindo sobre os mortos e feridos, disputando a carne ainda quente e devorando-a com avidez.

– Isso é nojento – disse Joe. – Repulsivo.

O *Vitória* subia, dilatando-se. Os rugidos da horda em delírio foi ouvido durante alguns instantes; mas, enfim, ele rumou para o sul, se afastou daquela cena de carnificina e canibalismo.

O terreno apresentava agora acidentes variados, com numerosos cursos de água que corriam para leste; desaguavam sem dúvida nos afluentes do lago Nu ou do rio das Gazelas, sobre o qual Guillaume Lejean dera curiosos detalhes.

Ao cair da noite, o *Vitória* lançou âncora a 27º na longitude e 4º 20’ na latitude norte, após uma travessia de 240 quilômetros.

Capítulo 21

Ruídos estranhos – Um ataque noturno – Kennedy e Joe na árvore – Dois disparos – "À moi! À moi!" *– Resposta em francês – A manhã – O missionário – O plano de salvamento*

A noite ia ficando muito escura. O doutor não tinha conseguido reconhecer o país; prendera o balão em uma árvore muito alta, cuja massa indistinta mal se distinguia nas trevas.

Como de hábito, encarregou-se da vigília das nove horas e à meia-noite Dick veio substituí-lo.

– Fique bem atento, Dick. Tenha bastante cuidado.

– Alguma novidade?

– Não. Mas acho que ouvi alguns leves ruídos abaixo de nós. Não sei onde estamos. Um pouco de prudência não fará mal a ninguém.

– Você deve ter ouvido os gritos de alguns animais selvagens.

– Não me pareceram outra coisa. Enfim, ao menor sinal de alerta, não deixe de nos acordar.

– Fique tranquilo.

Depois de escutar atentamente pela última vez, o doutor, não ouvindo nada, envolveu-se nas cobertas e logo adormeceu.

O céu estava carregado de nuvens espessas, mas nem um sopro agitava o ar. O *Vitória*, retido por uma única âncora, não apresentava nenhuma oscilação.

Kennedy, apoiado à borda do cesto de modo a acompanhar o maçarico aceso, observava aquela escuridão calma; interrogava o horizonte e, como costuma acontecer aos espíritos inquietos e prudentes, supunha distinguir às vezes vagos reflexos de luzes.

Em um momento, acreditou ver claramente um deles a duzentos passos de distância. Mas foi apenas um relâmpago, depois do qual não viu mais nada.

Fora sem dúvida uma dessas sensações luminosas que o olho capta nas trevas profundas.

Kennedy, tranquilo, já voltava à sua contemplação indecisa quando um assobio agudo cortou os ares.

Seria o grito de um animal, de um pássaro noturno? Ou saíra de lábios humanos?

O caçador, sabendo da gravidade da situação, esteve a ponto de acordar seus companheiros. Mas disse a si mesmo que, fosse o que fosse, homens ou feras estavam fora de alcance; examinou suas armas e, com a luneta noturna, mergulhou de novo o olhar no espaço.

Logo pensou ter visto, lá embaixo, formas vagas que deslizavam na direção da árvore; graças a um raio de lua que se filtrou como um relâmpago entre duas nuvens, reconheceu distintamente um grupo de indivíduos que se agitava na sombra.

A aventura dos cinocéfalos lhe voltou à memória e ele tocou o ombro do doutor, que despertou imediatamente.

– Silêncio – recomendou. – Falemos em voz baixa.

– Aconteceu alguma coisa?

– Sim. Vamos acordar Joe.

Depois que Joe se levantou, o caçador contou o que tinha visto.

– De novo os malditos macacos? – perguntou Joe.

– Talvez. Mas convém tomarmos cuidado.

– Joe e eu – propôs Kennedy – desceremos até a árvore pela escada.

– Enquanto isso – disse o doutor –, tomarei medidas para podermos subir rapidamente.

– Combinado.

– Vamos descer – disse Joe.

– Só usem as armas como último recurso – recomendou o doutor. – Será inútil revelar nossa presença nestas paragens.

Dick e Joe concordaram com um aceno de cabeça. Desceram sem ruído até a árvore e se postaram na forquilha de galhos grossos onde a

âncora se prendera.

Ficaram durante alguns minutos ouvindo em meio à folhagem, em silêncio e imóveis. De repente, um leve roçar na casca do tronco fez com que Joe agarrasse a mão do escocês.

– Ouviu?

– Sim, bem perto.

– E se for uma cobra? Esse assobio que escutou...

– Não. Havia nele algo de humano.

– Prefiro mesmo os selvagens – disse Joe. – Os répteis me repugnam.

– O ruído está aumentando – continuou Kennedy, instantes depois.

– Alguém está se aproximando e subindo.

– Vigie deste lado, eu me encarrego do outro.

– Certo.

Estavam ambos no galho mais a prumo da árvore chamada baobá, que sozinha parece uma floresta; a escuridão, aumentada pela espessura da folhagem, era profunda, mas Joe, falando ao ouvido de Kennedy, apontou-lhe a parte inferior da árvore e sussurrou:

– Selvagens!

Algumas palavras trocadas em voz baixa acabaram chegando até os dois viajantes.

Joe levou seu fuzil ao ombro.

– Espere – disse Kennedy.

Alguns selvagens haviam de fato escalado o baobá. Surgiam por todos os lados, arrastando-se sobre os galhos como répteis, subindo lentamente, mas com segurança; foram traídos pelas emanações de seus corpos friccionados com uma gordura malcheirosa.

Logo, duas cabeças apareceram diante de Kennedy e Joe, no próprio nível do galho que ocupavam.

– Cuidado! – disse Kennedy. – Fogo!

O duplo estampido ecoou como um trovão e se extinguiu em meio a gritos de dor. Em um segundo, a horda toda desapareceu.

Mas em meio aos urros, ouviu-se um grito estranho, inesperado, impossível! Uma voz humana havia proferido claramente estas palavras em francês:

– *À moi! À moi!* [25]

Kennedy e Joe, estupefatos com o que ouviram, voltaram para o cesto o mais rápido possível.

– Ouviram aquilo? – perguntou o doutor.

– Perfeitamente. Um grito sobrenatural: *À moi! À moi!*

– Um francês nas garras desses bárbaros!

– Um viajante!

– Um missionário, talvez!

– Estão assassinando, torturando o infeliz! – exclamou o caçador.

O doutor procurava, inutilmente, disfarçar sua emoção.

– Não há dúvida – disse por fim. – O coitado do francês caiu nas mãos desses selvagens. Mas não partiremos sem fazer tudo o que pudermos para salvá-lo. Ao ouvir nossos tiros de fuzil, ele terá reconhecido um socorro inesperado, uma intervenção providencial. Não o decepcionaremos em sua última esperança. É essa a opinião de vocês?

– É claro, Samuel, e estamos prontos a obedecer-lhe.

– Então vamos traçar um plano para, de manhã, tentarmos resgatá-lo.

– Mas como nos livraremos desses miseráveis? – perguntou Kennedy.

– É evidente – replicou o doutor –, pelo modo como reagiram, que não conhecem armas de fogo. Portanto, vamos tirar partido do horror deles. Mas é preciso esperar o dia para agir e faremos nosso plano de salvamento conforme as condições do lugar.

– O infeliz não pode estar longe, já que... – começou Joe.

– *À moi! À moi!* – repetiu a voz, agora mais fraca.

– Os bárbaros! – rugiu Joe, tremendo de raiva. – Mas, e se o matarem esta noite?

– E então, Samuel? E se o matarem esta noite? – repetiu Kennedy, segurando a mão do doutor.

– Provavelmente não o farão, amigos. As populações selvagens matam seus prisioneiros em plena luz do dia. Precisam do sol!

– E se eu, protegido pela noite, me esgueirasse até onde está o coitado? – sugeriu o escocês.

– Eu o acompanho, senhor Dick.

– Calma, meus amigos, calma! Essa intenção faz honra ao seu coração e à sua coragem, mas assim vocês nos exporiam a todos e prejudicariam ainda mais o homem a quem pretendemos salvar.

– Por que isso? – estranhou Kennedy. – Aqueles selvagens estão assustados, dispersaram-se! Não voltarão.

– Por favor, Dick, obedeça-me. Estou pensando na salvação comum. Se, por azar, eles o surpreendessem, tudo estaria perdido!

– Então que o pobre-diabo espere, seja paciente! Ninguém responde a seus apelos! Ninguém vai em seu socorro! Talvez acredite que seus sentidos o enganaram, que não ouviu nada!...

– Podemos tranquilizá-lo – garantiu o doutor Fergusson.

E de pé, em plena escuridão, pôs as mãos em concha junto à boca e gritou bem alto, na língua do estrangeiro:

– Quem quer que seja você, confie! Três amigos velam por sua segurança!

Um terrível grito respondeu-lhe, sem dúvida para abafar a resposta do prisioneiro.

– Estão degolando-o! Vão degolá-lo! – bradou Kennedy. – Nossa intervenção terá servido apenas para apressar a hora de seu suplício! É preciso agir!

– Agir como, Dick? Que pretende fazer nesta escuridão?

– Ah, se fosse dia! – lamentou Joe.

– Bem, e se fosse dia? – perguntou o doutor, em um tom estranho.

– Nada mais simples, Samuel – disse o caçador. – Eu desceria à terra e dispersaria aquele patife a tiros de fuzil.

– E você, Joe? – perguntou Fergusson.

– Eu, patrão, com certeza teria mais prudência e o aconselharia a fugir na direção certa.

– E como faria esse conselho chegar até ele?

– Por meio desta flecha que apanhei em pleno voo e à qual amarraria um bilhete. Ou então, lhe falaria em voz alta, pois esses selvagens não compreendem nossa língua.

– Tais planos são impraticáveis, meus amigos. O infeliz teria enorme dificuldade em fugir, admitindo-se que conseguisse enganar a vigilância de seus carrascos. Quanto a você, Dick, com muita audácia e aproveitando-se do espanto causado por nossas armas de fogo, seu projeto talvez tivesse êxito. Mas, se fracassasse, você estaria perdido e precisaríamos salvar duas pessoas em vez de uma. Não, precisamos pôr todas as chances do nosso lado e agir de outra forma.

– Mas age agora – insistiu o caçador.

– Talvez! – replicou Samuel, enfatizando essa palavra.

– Patrão, o senhor então é capaz de dissipar estas trevas?

– Quem sabe, Joe?

– Ah, se você fizer tal coisa, vou proclamá-lo o primeiro cientista do mundo!

O doutor se calou por alguns instantes; refletia. Seus dois companheiros o observavam, comovidos e superexcitados por aquela situação extraordinária. Logo, Fergusson retomou a palavra:

– Eis meu plano. Restam-nos 90 quilos de lastro, pois os sacos que trouxemos ainda estão intactos. Calculo que o prisioneiro, um homem evidentemente esgotado pelos sofrimentos, não pesará mais que qualquer um de nós. Teríamos, assim, de atirar fora uns 30 quilos para o balão subir rapidamente.

– E como irá manobrar? – quis saber Kennedy.

– Da seguinte forma, Dick: você, sem dúvida, admite que, se eu conseguir chegar até o prisioneiro e me livrar de uma quantidade de lastro igual ao peso dele, não alterarei em nada o equilíbrio do balão. Mas, nesse caso, se quiser subir rapidamente para escapar àquela tribo, precisarei empregar meios mais enérgicos que o maçarico. No entanto, jogando fora o excedente de lastro no momento desejado, estou certo que subiremos com grande velocidade.

– Isso é óbvio.

– Sim, mas há um inconveniente. Para descer mais tarde, terei de perder uma quantidade de gás proporcional ao excesso de lastro que joguei. Mas esse gás é coisa preciosa, embora não devamos lamentar sua perda quando se trata de salvar um homem.

– Tem razão, Samuel, precisamos fazer tudo para resgatá-lo.

– Mãos à obra, então. Coloquem os sacos na borda do cesto para serem empurrados com um só golpe.

– Mas, e esta escuridão?

– Ela esconde nossos preparativos e só se dissipará quando tivermos terminado. Fiquem sempre com as armas ao alcance da mão. Pode ser que precisemos atirar. Dispomos de um tiro para a carabina, quatro para os dois fuzis e doze para os dois revólveres, ao todo dezessete, que podem ser disparados em um quarto de minuto. Mas talvez não haja necessidade de recorrer a esse barulhão todo. Estão prontos?

– Sim – respondeu Joe.

Os sacos estavam no lugar, as armas prontas.

– Ótimo – disse o doutor. – Fiquem de olho em tudo. Joe se encarrega de jogar o lastro e Dick de pegar o prisioneiro. Mas não façam nada sem minhas ordens. Joe, vá primeiro desprender a âncora

e volte depressa para o cesto.

Joe deslizou pela corda e reapareceu ao fim de alguns instantes. O *Vitória*, agora livre, flutuou no ar, quase imóvel.

Enquanto isso, o doutor se assegurava de que havia quantidade suficiente de gás na caixa de mistura para alimentar o maçarico sem necessidade de recorrer por algum tempo à ação da pilha de Bunsen. Retirou os dois fios condutores perfeitamente isolados que serviam para a decomposição da água; depois, vasculhando na mala de viagem, pegou dois pedaços de carvão afunilados, que os fixou na extremidade de cada fio.

Seus dois amigos o observavam sem entender nada, mas em silêncio. Quando o doutor terminou seu trabalho, pôs-se de pé no meio do cesto, segurando um pedaço de carvão em cada mão, aproximou as duas pontas dos fios.

De repente, um clarão intenso e ofuscante se produziu entre os dois polos do carvão, insuportável para os olhos; um feixe imenso de luz elétrica literalmente afugentava a escuridão da noite.

– Oh, meu patrão! – balbuciou Joe.

– Nem mais uma palavra – recomendou o doutor.

A mim! A mim! (N. T.)

Capítulo 22

O feixe de luz – O missionário – Rapto em um raio de luz – O padre lazarista – Pouca esperança – Cuidados do doutor – Uma vida de abnegação – Ultrapassagem de um vulcão

Fergusson projetou seu raio de luz em várias direções e deteve-o em um ponto onde gritos de espanto se fizeram ouvir. Seus dois companheiros lançaram para lá um olhar ansioso.

O baobá acima do qual o *Vitória* pairava quase imóvel havia crescido no centro de uma clareira. Entre dois campos de gergelim e cana-de-açúcar, distinguiam-se umas cinquenta cabanas baixas e cônicas, em volta das quais formigava uma tribo numerosa.

Trinta metros abaixo do balão, via-se um poste. Junto dele, jazia uma criatura humana, um jovem de no máximo trinta anos, com longos cabelos negros, seminu, magro, ensanguentado, coberto de feridas e a cabeça inclinada para o peito como o Cristo na cruz. Alguns cabelos mais ralos no alto da cabeça revelavam uma tonsura quase desaparecida.

– Um missionário! Um padre! – gritou Joe.

– Pobre homem! – replicou o caçador.

– Nós o salvaremos, Dick! – garantiu Fergusson. – Nós o salvaremos!

A multidão de nativos, avistando o balão semelhante a um cometa

enorme, com sua cauda de luz faiscante, foi tomada por um espanto fácil de imaginar. Ao ouvir os gritos, o prisioneiro levantou a cabeça. Seus olhos brilhavam um lampejo de esperança e, sem compreender muito bem o que se passava, estendeu as mãos em direção aqueles salvadores inesperados.

– Está vivo! está vivo! – bradou Fergusson. – Deus seja louvado! Esses selvagens ficaram aterrorizados. Nós o resgataremos! Prontos, meus amigos?

– Estamos prontos, Samuel.

– Joe, apague a tocha.

A ordem do doutor foi executada. Uma brisa apenas perceptível colocou o *Vitória* bem acima do prisioneiro, enquanto a contração do gás o abaixava insensivelmente. Por quase dez minutos, ele permaneceu flutuando em meio às ondas luminosas. Fergusson projetava contra a turba seu facho brilhante, que desenhava aqui e ali placas vivas e fugazes de luz. A tribo, avassalada por um medo indescritível, foi se refugiando nas cabanas; e a solidão se fez em volta do poste. O doutor acertara em cheio ao contar com a aparição fantástica do *Vitória*, que lançava raios de sol no meio das trevas.

O cesto se aproximou do solo. No entanto, alguns selvagens mais audaciosos, percebendo que sua vítima iria escapar-lhes, voltaram, dando gritos estrondosos.. Kennedy pegou seu fuzil, mas o doutor ordenou-lhe que não atirasse.

O padre, ajoelhado e sem forças para se manter de pé, nem sequer tinha sido amarrado ao poste, pois sua fraqueza era tanta que tornava essa precaução inútil. No momento em que o cesto tocou o solo, o caçador, desvencilhando-se da arma, agarrou o missionário nos braços, colocou-o para dentro, no mesmo instante em que Joe se livrava dos 90 quilos de lastro.

O doutor pretendia subir rapidamente; mas, contrariando suas previsões, o balão, após se erguer 1 metro ou 1,5 metro acima do solo, imobilizou-se!

– O que estará nos retendo? – gritou ele, com um tom de terror na voz.

Alguns selvagens se aproximaram, lançando gritos ferozes.

– Oh! – exclamou Joe, debruçando-se sobre a borda. – Um dos malditos se agarrou ao fundo do cesto!

– Dick! Dick! – gritou o doutor. – A caixa de água!

Dick compreendeu a intenção do amigo e, erguendo uma das caixas de água que pesava quase 50 quilos, atirou-a por cima da borda.

O *Vitória*, subitamente aliviado, deu um salto de 90 metros nos ares, acompanhado pelos rugidos da tribo, à qual o prisioneiro escapava envolto em um raio de luz ofuscante.

– Hurra! – gritaram os dois companheiros do doutor.

Subitamente, o balão deu outro salto, que o levou a mais de 30 metros de altitude.

– Que foi isso? – perguntou Kennedy, quase perdendo o equilíbrio.

– Nada. Aquele patife acaba de nos deixar – respondeu tranquilamente Samuel Fergusson.

Joe, debruçando-se rapidamente, ainda pôde ver o selvagem, de mãos estendidas, rodopiando no espaço e logo se estatelando no solo. O doutor afastou então os dois fios elétricos e a escuridão voltou a ser profunda. Era uma hora da manhã.

O francês, que tinha desmaiado, abriu enfim os olhos.

– Está salvo – comunicou-lhe o doutor.

– Salvo – respondeu ele em inglês, com um sorriso triste –, salvo de uma morte cruel! Meus irmãos, eu lhes agradeço. Mas meus dias estão contados, na verdade minhas horas. Não tenho muito tempo de vida!

E o missionário, exausto, mergulhou de novo na inconsciência.

– Está morrendo – murmurou Dick.

– Não, não – disse Fergusson, inclinando-se sobre ele. – Mas está muito fraco. Vamos colocá-lo na tenda.

Estenderam delicadamente sobre o colchão aquele pobre corpo consumido, coberto de cicatrizes e feridas ainda sangrentas, onde o ferro e o fogo haviam deixado por toda parte traços dolorosos. O doutor fez uma compressa com um lenço e aplicou-a sobre as chagas depois de lavá-las, e prestou esses cuidados com a habilidade de um médico. Em seguida, retirando um tônico de sua farmácia de viagem, pingou algumas gotas na boca do padre.

Este comprimiu debilmente os lábios ressequidos, e mal teve forças para murmurar:

– Obrigado! Obrigado!

O doutor compreendeu que era preciso deixá-lo em repouso absoluto. Correu as cortinas da tenda e retomou a direção do aeróstato.

O balão, levando-se em conta o peso de seu novo hóspede, perdera

cerca de 80 quilos de lastro e, assim, mantinha-se sem a ajuda do maçarico. Aos primeiros raios do dia, uma corrente começou a impeli-lo suavemente na direção oeste-norte-oeste. Fergusson foi ver, por alguns instantes, como estava o padre adormecido.

– Tomara que conservemos este companheiro que o céu nos enviou! – disse o caçador. – Você tem alguma esperança?

– Sim, Dick. Com os cuidados necessários, neste ar tão puro.

– Como sofreu este homem! – suspirou Joe, comovido. – Ele foi mais corajoso que nós, aparecendo sozinho no meio daquela gente!

– Quanto a isso, não há dúvida – concordou o caçador.

Durante toda a jornada, o doutor não permitiu que o sono do infeliz fosse interrompido. Um sono que era mais um torpor profundo, entrecortado de gemidos de dor que não deixavam de inquietar Fergusson.

À noite, o *Vitória* permanecia parado em plena escuridão, enquanto Joe e Kennedy se revezavam ao lado do doente e Fergusson velava pela segurança de todos.

Na manhã seguinte, o *Vitória* avançara muito pouco para oeste. O dia se anunciava límpido e magnífico. O doente conseguiu chamar seus novos amigos com voz mais forte. As cortinas da tenda foram abertas e ele aspirou alegremente o ar puro da manhã.

– Como se sente? – perguntou-lhe Fergusson.

– Acho que um pouco melhor – respondeu ele. – Mas, meus amigos, parece que só os vi em sonhos! Mal me dou conta do que aconteceu! Quem são vocês, para que seus nomes não sejam esquecidos em minha última prece?

– Somos viajantes ingleses – respondeu Samuel. – Nosso objetivo é atravessar a África de balão e, no caminho, tivemos a sorte de salvá-lo.

– A ciência tem seus heróis – disse o missionário.

– E a religião tem seus mártires – completou o escocês.

– Você é missionário? – perguntou o doutor.

– Sou um padre da missão dos lazaristas. O céu os enviou até mim, o céu seja louvado! O sacrifício de minha vida foi feito. Mas vocês vêm da Europa. Falem-me dela, da França! Estou sem notícias de lá há cinco anos.

– Cinco anos sozinho entre selvagens! – espantou-se Kennedy.

– São almas a serem redimidas – disse o jovem padre –, irmãos

ignorantes e bárbaros que só a religião pode instruir e civilizar.

Samuel Fergusson, atendendo ao desejo do missionário, falou-lhe longamente da França.

O homem ouvia, atento, com lágrimas nos olhos. Apertava alternadamente as mãos de Kennedy e Joe entre as suas, que ardiam de febre. O doutor lhe preparou uma xícara de chá, que ele sorveu deliciado. Teve então forças para se soerguer e abrir um sorriso ao notar que estava sendo levado pelo céu muito claro.

– Vocês são viajantes de coragem – disse ele – e, sem dúvida, terão êxito em seu audacioso empreendimento. Conseguirão rever seus parentes, seus amigos, sua pátria. Vocês...

A fraqueza do jovem padre se tornou tão grande que foi necessário deitá-lo novamente. Uma prostração de várias horas manteve-o como morto nas mãos de Fergusson. Este não conseguia conter a emoção, pressentindo que aquela vida se esvaía. Perderiam tão depressa aquele que haviam arrancado ao suplício? Tratou de novo das horríveis feridas do mártir e sacrificou boa parte da provisão de água para refrescar seus membros, que queimavam de febre. Cercou-o dos cuidados mais ternos, mais habilidosos. O doente renascia pouco a pouco entre seus braços e recobrava a consciência, se não a vida.

O doutor conseguiu captar a história do jovem, apesar de suas palavras entrecortadas.

– Fale em sua língua materna – havia dito a ele. – Eu a entendo, e isso o cansará menos.

O missionário era um pobre moço da aldeia de Aradon, na Bretanha, em pleno Morbihan. Seus primeiros instintos o levaram para a carreira eclesiástica e, a essa vida de abnegação, ele quis também juntar a vida de perigo: ingressou na Ordem dos Padres da Missão, cujo fundador foi o glorioso São Vicente de Paula. Aos vinte anos, deixou seu país pelas praias nada hospitaleiras da África. Dali, aos poucos, ultrapassando obstáculos, sofrendo privações, caminhando e rezando, chegou até as tribos que habitam as margens dos afluentes do Nilo superior. Durante dois anos, sua religião foi rejeitada, seu zelo ignorado, sua caridade mal recebida. Caiu prisioneiro de uma das mais cruéis populações do Nyambarra, padecendo os piores abusos. Mas estava sempre ensinando, instruindo, orando. Quando a tribo se dispersou, e ele foi dado por morto após um desses combates tão frequentes entre as populações, em vez de regressar ele prosseguiu em

sua peregrinação evangelizadora. Seu período de maior calma foi aquele em que o tomaram por louco e ele se familiarizou com os idiomas locais. Catequisava. Finalmente, após mais dois anos, percorreu aquelas regiões bárbaras, arrebatado pela força sobre-humana que vem de Deus; decorrido outro ano, passou a morar com a tribo dos nyam-nyam, chamada barafri, uma das mais selvagens. O chefe morreu e atribuíram a ele essa desgraça inesperada. Resolveram imolá-lo. Sua tortura já durava quarenta horas e, como havia suposto o doutor, ele deveria ser sacrificado ao sol do meio-dia. Quando ouviu estampidos de armas de fogo, a natureza prevaleceu: "*À moi! À moi!*", pôs-se a gritar e pensou estar sonhando quando uma voz vinda do céu lhe comunicou palavras de consolo.

– Não me arrependo – acrescentou ele – desta existência que se vai. Minha vida pertence a Deus.

– Tenha esperança – consolou-o o doutor. – Estamos aqui com você, e o salvaremos da morte da mesma maneira que o resgatamos do tormento.

– Não peço tanto ao céu – respondeu o padre, resignado. – Bendito seja Deus por me ter dado, antes de morrer, a alegria de apertar mãos amigas e ouvir a língua de meu país!

O missionário se sentiu fraco novamente. O dia passou assim, entre a esperança e o temor; Kennedy estava muito comovido, e Joe enxugava os olhos disfarçadamente.

O *Vitória* avançava pouco e o vento parecia querer poupar sua preciosa carga.

Joe sinalizou, à noite, um clarão imenso a oeste. Em altitudes mais elevadas, aquilo poderia ser tomado por uma enorme aurora boreal. O céu parecia em fogo. O doutor começou a examinar atentamente esse fenômeno.

– Só pode ser um vulcão em atividade – disse ele.

– E o vento nos leva para cima dele – replicou Kennedy.

– Pois então o ultrapassaremos a uma altitude segura.

Três horas depois, o *Vitória* planava sobre as montanhas. Sua posição exata era 24º 15' na longitude e 4º 42' na latitude. À frente, uma cratera em chamas vomitava torrentes de lava e projetava pedaços de rocha a uma altura considerável. Riachos de fogo líquido desciam em cascatas borbulhantes. Espetáculo magnífico e perigoso, pois o vento, em velocidade constante, impelia o aeróstato na direção

daquela atmosfera incendiada.

Não seria possível contornar o obstáculo: era preciso ultrapassá-lo. O maçarico foi aberto ao máximo e o *Vitória* subiu a 1.800 metros, deixando entre ele e o vulcão um espaço de mais de 600 metros.

De seu leito de dor, o padre moribundo pôde contemplar a cratera em chamas, de onde escapavam ruidosamente mil golfadas de fogo.

– Que maravilha! – disse ele. – O poder de Deus é infinito até em suas manifestações mais terríveis!

Esse transbordamento de lava incandescente revestia os flancos da montanha com um verdadeiro tapete de labaredas. O hemisfério inferior do balão brilhava na noite; um calor insuportável subia até o cesto e o doutor Fergusson apressou-se a fugir daquela situação perigosa.

Por volta das dez horas da noite, a montanha não era mais que um ponto vermelho no horizonte e o *Vitória* prosseguia tranquilamente sua viagem por uma zona mais baixa.

Capítulo 23

Cólera de Joe – A morte de um justo – Velório do corpo – Aridez – O sepultamento – Os blocos de quartzo – Alucinação de Joe – Um lastro precioso – Localização das montanhas auríferas – Início do desespero de Joe

Uma noite esplendorosa se estendia sobre a terra. O padre dormia em uma prostração serena.

– Não despertará – murmurou Joe. – Pobre rapaz! Com apenas trinta anos!

– Vai se extinguir em nossos braços – disse o doutor, em desespero. – Sua respiração está ficando cada vez mais fraca, e não posso fazer mais nada para salvá-lo!

– Aqueles miseráveis! – rugiu Joe, que, às vezes, era tomado por uma cólera súbita. – E pensar que este digno padre ainda teve palavras para lamentá-los, desculpá-los, perdoá-los!

– O céu lhe preparou uma noite muito bonita, Joe, sua última noite talvez. De agora em diante, não sofrerá e sua morte será apenas um sono tranquilo.

O moribundo pronunciou algumas palavras indistintas. O doutor se aproximou. A respiração do doente ia ficando difícil e ele pediu ar; as cortinas foram inteiramente abertas e o pobre homem inspirou com delícia os leves sopros daquela noite transparente. As estrelas lhe

enviavam sua luz trêmula, e a lua o envolvia em um branco sudário de raios.

– Amigos – sussurrou ele –, eu me vou! Que o Deus das recompensas os conduza ao porto seguro! Que pague por mim minha dívida de gratidão!

– Espere um pouco mais – disse Kennedy. – Isso é apenas um desfalecimento passageiro. Você não morrerá! Acaso se pode morrer em uma noite de verão tão bela?

– A morte está aqui – disse o missionário. – Eu a sinto. Deixem-me olhá-la face a face! A morte, começo da eternidade, é apenas o fim dos cuidados terrenos. Ponham-me de joelhos, meus irmãos, por favor!

Kennedy soergueu-o. Dava pena ver aqueles membros sem forças dobrando-se ao próprio peso.

– Deus, ó Deus – clamou o apóstolo moribundo –, tenha piedade de mim!

Seu rosto resplandecia. Longe desta terra da qual jamais conhecera as alegrias, cercado pela noite que lhe enviava sua mais doce claridade, no caminho do céu para onde se elevava como em uma ascensão miraculosa, parecia já reviver para uma nova existência.

Seu último gesto foi uma bênção suprema para seus amigos recentes. Tombou então nos braços de Kennedy, cujo rosto se banhava em lágrimas abundantes.

– Morto! – disse o doutor, inclinando-se sobre ele. – Morto!

E, de comum acordo, os três amigos se ajoelharam para rezar em silêncio.

– Amanhã cedo – disse Fergusson quando terminaram –, nós o sepultaremos nesta terra da África regada com seu sangue.

Pelo resto da noite, o doutor, Kennedy e Joe velaram alternadamente o corpo, sem que uma só palavra perturbasse esse religioso silêncio. Todos choravam.

No dia seguinte, com vento sul, o *Vitória* avançava lentamente sobre um vasto planalto montanhoso. Ali, crateras extintas; aqui, ravinas não cultivadas.. Nem uma gota de água nessas cristas ressequidas; rochas amontoadas, blocos dispersos, placas calcárias esbranquiçadas, tudo denotava uma esterilidade absoluta.

Perto do meio-dia, o doutor, para proceder ao sepultamento do corpo, resolveu descer em uma ravina em meio a rochas plutônicas de formação primitiva. As montanhas circundantes serviriam de abrigo e

lhe permitiriam baixar o cesto até o chão, pois ali não havia nenhuma árvore onde a âncora pudesse se prender.

Entretanto, conforme explicara a Kennedy, depois da perda de lastro por ocasião do salvamento do padre, não poderia descer senão liberando uma quantidade proporcional de gás. Abriu, pois, a válvula do balão externo. O hidrogênio escapou e o *Vitória* foi descendo tranquilamente em direção à ravina.

Quando o cesto tocou o solo, o doutor fechou a válvula. Joe saltou e, agarrado com uma das mãos à borda externa, recolheu com a outra algumas pedras que logo compensaram seu próprio peso. Pôde, então, usar as duas mãos, e logo empilhou no cesto mais de 230 quilos de pedras. Então, o doutor e Kennedy puderam descer. O *Vitória* estava equilibrado e sua força ascensional não conseguiria alçá-lo.

Além disso, não foi necessário recolher grande quantidade daquelas pedras, que eram extremamente pesadas, o que despertou logo a atenção de Fergusson. O solo era semeado de placas de quartzo e pórfiro.

“Eis aí uma descoberta singular”, pensou o doutor.

Kennedy e Joe, enquanto isso, afastavam-se para escolher o local da cova. Fazia um calor tremendo naquela ravina, que mais parecia uma fornalha. O sol do meio-dia dardejava a prumo seus raios escaldantes.

Foi necessário, primeiro, limpar o terreno dos fragmentos de rocha que cobriam o solo; em seguida, cavou-se um fosso suficientemente profundo para que os animais selvagens da região não pudessem desenterrar o cadáver.

O corpo do mártir foi aí depositado com respeito.

A terra recobriu esses despojos mortais, sobre os quais foram colocados pedaços de rochas à maneira de túmulo.

Enquanto isso, o doutor permanecia imóvel e perdido em suas reflexões. Não ouviu o chamado dos companheiros e não procurou, como eles, um abrigo contra o calor do dia.

– Em que está pensando, Samuel? – perguntou-lhe Kennedy.

– Em um estranho contraste da natureza, em um singular efeito do acaso. Sabe em que terra este homem altruísta, pobre por vocação, acabou sendo sepultado?

– Que quer dizer, Samuel? – estranhou o escocês.

– Este padre, que fez votos de pobreza, repousa agora em uma mina de ouro!

– Uma mina de ouro! – gritaram ao mesmo tempo Kennedy e Joe.

– Sim, uma mina de ouro – continuou tranquilamente o doutor. – Os blocos em que vocês estão pisando, como se fossem pedras sem valor, são um minério de grande pureza.

– Impossível! Impossível! – repetia Joe.

– Se remexerem por algum tempo nessas fissuras de xisto argiloso, vão encontrar pepitas de grande tamanho.

Joe se precipitou como um louco sobre aqueles fragmentos esparsos. Kennedy fez menção de imitá-lo.

– Acalme-se, meu bravo Joe – recomendou Fergusson.

– Falar é fácil, senhor.

– Como? Um filósofo de seu nível...

– Senhor, não há filosofia em uma hora destas.

– Vejamos. Reflita um pouco. De que nos servirá toda essa riqueza? Não podemos levá-la.

– Não podemos levá-la! Por exemplo!

– Seria pesada demais para nosso cesto. Eu nem queria lhe comunicar essa descoberta, com receio de atiçar sua ambição.

– Como! – exclamou Joe. – Abandonar esses tesouros! Uma fortuna para nós! Só para nós! Deixá-la aqui...

– Tome cuidado, meu amigo. Você acaso contraiu a febre do ouro? O homem que acaba de sepultar não lhe demonstrou a futilidade das coisas humanas?

– Tudo isso é verdadeiro – respondeu Joe. – Mas ouro é ouro. Senhor Kennedy, não me ajudaria a recolher um pouco desses milhões?

– E o que faríamos com ele, meu pobre Joe? – respondeu o caçador, sem conter um sorriso. – Não viemos aqui atrás de fortuna e não devemos voltar com ela.

– Os milhões são pesados – ponderou o doutor – e não se consegue pô-los facilmente no bolso.

– Mas, enfim – insistiu Joe, como último recurso –, não poderíamos, em lugar de areia, levar esse minério como lastro?

– Está bem, concordo – disse Fergusson. – Mas não faça caretas quando tivermos de arremessar milhões pela borda do cesto.

– Milhares de libra! – exclamou Joe. – Então tudo isso aqui talvez seja ouro?

– Sim, meu amigo. Estamos em um reservatório onde a natureza

acumulou seus tesouros ao longo de séculos. Há o suficiente para enriquecer países inteiros! Uma Austrália e uma Califórnia reunidas nos confins de um deserto!

– E nada será aproveitado!

– Quem sabe? Em todo caso, farei algo para consolá-lo.

– Isso será bem difícil – gemeu Joe, com ar de desânimo.

– Escute. Registrarei a localização exata deste lugar e lhe darei o mapa. Quando você voltar para a Inglaterra, contará tudo a seus concidadãos, se acredita mesmo que tanto ouro os fará felizes.

– Sim, patrão, acho que está certo. Devo me resignar, pois não há outro jeito. Enchamos o cesto com esse precioso minério. O que restar no fim da viagem será lucro.

E Joe pôs mãos à obra, com tanto entusiasmo que logo reuniu perto de 500 quilos de fragmentos de quartzo, dentro do qual o ouro fica encerrado como em uma ganga de enorme dureza.

O doutor sorria vendo Joe trabalhar e, enquanto isso, tomava suas medidas. Determinou, para a tumba do missionário, 22º 23’ na longitude e 4º 55’ na latitude sul.

Em seguida, lançando um último olhar ao montículo sob o qual repousava o corpo do pobre francês, regressou ao cesto.

Ele gostaria de ter erguido uma cruz, ainda que modesta e grosseira, sobre aquele túmulo abandonado no meio dos desertos da África; mas nenhuma árvore crescia nas imediações.

– Deus sabe sua localização – disse ele.

Um grave problema atormentava o espírito de Fergusson. Ele daria boa parte daquele ouro para encontrar um pouco de água. Queria substituir a que tinha jogado fora na caixa, quando o selvagem se agarrara ao cesto, mas isso era impossível naquele terreno árido. Tal o motivo de sua inquietação. Obrigado a alimentar o tempo todo o maçarico, começava a temer que não lhe restasse água suficiente para matar a sede. Prometeu então a si mesmo não perder nenhuma oportunidade de renovar sua reserva.

De volta ao cesto, encontrou-o atulhado com as pedras de seu insaciável criado. Subiu sem nada dizer; Kennedy assumiu seu posto habitual, e Joe os seguiu, não sem lançar um olhar de cobiça para os tesouros da ravina.

O doutor acendeu o maçarico. A serpentina esquentou, o hidrogênio começou a fluir depois de alguns minutos, o gás se dilatou,

mas o balão não se mexeu.

Joe observava-o inquieto, sem dizer uma palavra.

– Joe – chamou o doutor.

Joe não respondeu.

– Joe, está me ouvindo?

Joe fez sinal de que ouvia, mas não entendia.

– Você vai me fazer o obséquio – continuou Fergusson – de jogar fora uma certa quantidade desse minério.

– Mas o senhor me permitiu...

– Eu lhe permiti substituir o lastro, só isso.

– No entanto...

– Quer então que fiquemos eternamente neste deserto?

Joe lançou um olhar desesperado a Kennedy; mas o caçador respondeu com um ar de quem não pode fazer nada.

– E então, Joe?

– O maçarico por acaso não está funcionando? – insistiu o teimoso.

– Está aceso, como pode bem ver. Mas o balão só subirá quando você o aliviar de parte de sua carga.

Joe coçou a orelha, apanhou um fragmento de quartzo, o menor de todos, avaliou-o uma vez, duas vezes, fê-lo saltar entre as mãos; não tinha mais que 1 ou 2 quilos. Jogou-o fora.

O *Vitória* continuou imóvel.

– Como? – disse ele. – Ainda não subimos?

– Ainda não – respondeu o doutor. – Continue.

Kennedy ria. Joe se desfez de mais uns 10 quilos. O balão não se movia. Joe empalideceu.

– Meu pobre rapaz – disse Fergusson –, Dick, você e eu pesamos, se não me engano, perto de 185 quilos. Por isso, terá de se livrar de um peso pelo menos igual ao nosso, pois o que colocou aqui nos substituiu.

– Jogar fora 185 quilos! – lamentou Joe, aterrorizado.

– E mais alguma coisa, para conseguirmos subir. Vamos, rapaz, tenha coragem!

O digno criado, dando longos suspiros, pôs-se a aliviar o balão. De tempos em tempos, parava:

– Estamos subindo! – dizia.

– Não, não estamos – era a resposta invariável.

– Já se move!

– Continue – repetia Fergusson.

– Começa a subir! Tenho certeza!

– Não pare – replicava Kennedy.

Então Joe, em desespero, agarrou mais um bloco e atirou-o para fora do cesto.

O *Vitória* subiu uns 30 metros e, com a ajuda do maçarico, logo ultrapassou os os cumes das montanhas circundantes.

– Agora, Joe – disse o doutor –, ainda lhe resta uma bela fortuna, se conseguirmos guardar essa provisão até o fim da viagem, e você será rico pelo resto da vida.

Joe não disse nada e estirou-se sobre seu leito de minério.

– Veja, meu caro Dick – prosseguiu o doutor –, o que o poder do ouro faz com a melhor pessoa do mundo. Quantas paixões, quanta cobiça, quantos crimes a descoberta dessa mina provocaria! É triste.

À noite, o *Vitória* já havia percorrido 150 quilômetros para oeste, encontrando-se então, em linha reta, a 2.300 quilômetros de Zanzibar.

Capítulo 24

O vento cessa – As vizinhanças do deserto – O inventário da provisão de água – As noites do equador – Inquietações de Samuel Fergusson – A situação real – Respostas enérgicas de Kennedy e Joe – Mais uma noite

O *Vitória*, preso a uma árvore solitária e quase seca, passou a noite em uma tranquilidade perfeita. Os viajantes puderam gozar um pouco o sono de que tanto necessitavam. As emoções dos dias anteriores tinham despertado neles lembranças tristes.

De manhã, o céu recuperou sua limpidez brilhante e seu calor. O balão se elevou nos ares e, após algumas tentativas infrutíferas, encontrou uma corrente, de resto pouco rápida, que o levou para noroeste.

– Não estamos mais avançando – disse o doutor. – Se não me engano, fizemos metade de nossa viagem em cerca de dez dias. Mas, neste ritmo, precisaremos de meses para terminá-la. E o pior é que podemos ficar sem água.

– Nós a acharemos – retrucou Dick. – É impossível que não exista algum rio, algum riacho, alguma lagoa neste país tão grande.

– É o que espero.

– Não será a carga de Joe que está retardando nossa marcha?

Kennedy falava assim para se divertir à custa do bravo rapaz; tanto mais que, há pouco, havia ele próprio tido as mesmas alucinações de

Joe. Mas soubera ocultá-las, ostentando fortaleza de espírito. Tudo isso rindo, é claro.

Joe lhe lançou um olhar de súplica. O doutor não disse nada. Pensava, não sem um terror secreto, nas vastas solidões do Saara, onde se passam semanas sem que as caravanas encontrem um poço para matar a sede. Por isso, examinava atentamente as menores depressões do terreno.

Essas preocupações e os últimos incidentes haviam modificado sensivelmente o estado de espírito dos três viajantes. Falavam menos e se absorviam nos próprios pensamentos.

O digno Joe já não era o mesmo depois que vira aquele oceano de ouro. Calava-se, observando com avidez as pedras amontoadas no cesto, sem valor hoje, inestimáveis amanhã.

O aspecto daquela parte da África era, além do mais, inquietante. O deserto ia surgindo pouco a pouco. Nenhuma aldeia, nem sequer um pequeno conjunto de cabanas. A vegetação se retirava. Viam-se apenas algumas plantas mirradas, como nas charnecas da Escócia, um começo de areal branco e pedras calcinadas, algumas aroeiras e arbustos espinhosos. No meio de toda essa esterilidade, a carcaça rudimentar do globo se eriçava em arestas de rochas vivas e afiladas. Esses sintomas de aridez inquietavam o doutor Fergusson.

Tinha-se a impressão de que jamais uma caravana houvesse percorrido aquele território deserto, pois teria deixado traços visíveis de acampamentos e ossadas esbranquiçadas de homens ou animais. Nada disso se via. E tudo indicava que, logo, uma imensidão de areia tomaria conta daquela região desolada.

Mas não era possível recuar. O que o doutor mais desejava era que o balão fosse em frente: acolheria aliviado até uma tempestade, desde que o levasse para bem longe dali. Mas não havia nem uma nuvem no céu! Ao fim do dia, o *Vitória* ainda não havia feito 50 quilômetros.

Se pelo menos não faltasse água! Infelizmente, restavam apenas mais ou menos 15 litros. Fergusson reservou 5 para matarem a sede ardente que um calor de 50ºC tornaria insuportável. Dez litros seriam então para alimentar o maçarico. Não poderiam produzir mais que 14 metros cúbicos de gás; e como o maçarico gastava cerca de 0,2 metro cúbico por hora, o balão só poderia permanecer em movimento durante 54 horas. Um cálculo rigorosamente matemático.

– Serão 54 horas – disse ele aos companheiros. – Agora, como não

pretendo viajar à noite para não perder um riacho, uma nascente, um lago, restam-nos três dias e meio de viagem, durante os quais é preciso encontrar água a qualquer custo. Achei que deveria prevenir vocês da gravidade da situação, meus amigos, porque reservei apenas 5 litros para a nossa sede e temos de adotar um racionamento severo.

– Pois seja – respondeu o caçador. – Mas ainda não é hora de nos desesperarmos. Temos ainda três dias, você disse?

– Sim, meu caro Dick.

– Certo. E como nossas queixas seriam inúteis por enquanto, daqui a três dias, tomaremos uma decisão. Até lá, redobremos a vigilância.

Assim, ao jantar, a água foi rigorosamente medida. A quantidade de aguardente aumentou nos grogues, mas era preciso cuidado com esse licor mais propenso a embriagar que a refrescar.

O cesto repousou à noite em um imenso planalto que apresentava uma forte depressão. Sua altitude mal chegava a 250 metros acima do nível do mar. Essa circunstância deu alguma esperança ao doutor Fergusson, lembrando-lhe das suposições dos geólogos sobre a existência de uma vasta extensão de água na África Central. Mas, se esse lago existia, era preciso chegar até ele e não se notava mudança alguma no ar imóvel.

À noite serena, à sua magnificência estrelada, sucederam o dia imutável e os raios ardentes do sol. Desde seus primeiros clarões, a temperatura se tornou abrasadora. Às cinco horas da manhã, o doutor deu o sinal de partida e, durante muito tempo, o *Vitória* permaneceu imóvel em uma atmosfera de chumbo.

Fergusson poderia escapar a esse calor intenso subindo para zonas superiores, mas isso exigiria o dispêndio de uma quantidade maior de água, o que, no momento, era impossível. Ele se contentou, pois, em manter seu aeróstato a 30 metros do solo, altitude em que uma corrente fraca o impelia para o horizonte ocidental.

O desjejum incluiu um pouco de carne seca e *pemmican.* Por volta do meio-dia, o *Vitória* mal tinha percorrido alguns quilômetros.

– Não conseguimos ir mais depressa – disse o doutor. – Não mandamos, obedecemos.

– Ah, meu caro Samuel – retrucou o escocês –, eis uma das ocasiões em que um motor viria a calhar.

– Sem dúvida, Dick, mas desde que não consumisse água para funcionar; do contrário, a situação seria exatamente a mesma. De

resto, até hoje, não se inventou nada assim que fosse praticável. Os balões estão ainda no ponto em que estavam os navios antes da invenção do vapor. Levamos seis mil anos para inventar as pás e as hélices. Podemos então esperar um pouco mais.

– Maldito calor! – esbravejou Joe, enxugando o suor da testa.

– Caso não nos faltasse água, este calor nos prestaria algum serviço, pois ele dilataria o hidrogênio do aeróstato, exigindo uma chama menos forte na serpentina. É verdade que, se tivéssemos bastante líquido, não precisaríamos economizá-lo. Ah, maldito selvagem que nos custou aquela preciosa caixa!

– Está arrependido do que fez, Samuel?

– Não, Dick, pois conseguimos salvar aquele infeliz de uma morte horrível. Mas os 45 quilos de água que jogamos fora nos seriam agora bem úteis. Garantiriam doze ou treze dias de percurso, e com eles, certamente deixaríamos este deserto para trás.

– Fizemos pelo menos metade da viagem? – perguntou Joe.

– Como distância, sim; como duração, não, caso o vento nos abandone. E ele tende a cessar completamente.

– Vamos, patrão – continuou Joe –, não nos queixemos. Tudo deu certo até agora e, por mais que me esforce, não consigo me sentir desesperado. Acharemos água, é o que digo.

No entanto, o solo ia ficando cada vez mais plano; as ondulações das montanhas auríferas morriam na planície e eram as derradeiras proeminências de uma natureza esgotada. Um mato esparso substituía as belas árvores do leste; tufos de erva raquítica lutavam inutilmente contra a invasão das areias; e as grandes rochas caídas dos picos distantes, esmagadas na queda, fragmentavam-se em seixos agudos, que logo se dissolveriam em areia grossa e depois em poeira impalpável.

– Eis a África tal qual você a imaginava, Joe. Eu estava certo ao dizer-lhe: "Espere só para ver!".

– Bem, senhor – replicou Joe –, isso pelo menos é natural. Calor e areia! Seria absurdo procurar outra coisa em um país como este. Saiba – acrescentou, rindo – que eu não acreditava muito em suas florestas e pradarias: era um contrassenso! Não valeria a pena vir tão longe para admirar os campos da Inglaterra. Esta é a primeira vez que me sinto realmente na África e não lamento a experiência.

À noite, o doutor constatou que o *Vitória* não havia feito nem

seque 30 quilômetros durante aquele dia escaldante. Uma pesada escuridão envolveu-o tão logo o sol mergulhou em um horizonte traçado com a nitidez de uma linha reta.

O dia seguinte era 1.º de maio, uma quinta-feira. Os dias se sucediam com uma monotonia desesperadora: a manhã de hoje não diferia em nada da manhã de ontem. O meio-dia arremessava em profusão os mesmos raios inesgotáveis e a noite condensava, em suas trevas, o calor esparso que no dia seguinte deixaria a próxima noite sufocante. O vento, apenas perceptível, era antes uma exalação que um sopro, e já se adivinhava o momento em que até ela se extinguiria.

O doutor procurou reagir contra a tristeza que a situação causava, conservando a calma e o sangue-frio de um ânimo aguerrido. De luneta em punho, observava todos os pontos do horizonte. Via as últimas colinas e a última vegetação desaparecendo insensivelmente. Diante dele, desdobrava-se a imensidão do deserto.

A responsabilidade que pesava sobre seus ombros o afetava muito, embora ele a dissimulasse. Arrastara aqueles dois homens, aqueles dois amigos, Dick e Joe, para longe, sob pretexto da amizade ou do dever. Agira bem? Não havia se arriscado por caminhos proibidos? Não tentara, nessa viagem, atravessar os limites do impossível? Deus não poderia ter reservado para séculos futuros o conhecimento daquele continente ingrato?

Esses pensamentos, como sempre acontece nas horas de desânimo, multiplicavam-se em seu cérebro e, por uma irresistível associação de ideias, faziam-no esquecer a lógica e a razão. Após constatar o que não devia ter feito, perguntava-se o que agora devia fazer. Haveria alguma possibilidade de voltar? Correntes mais altas não poderiam conduzi-lo a lugares menos áridos? Conhecia o território percorrido, mas não o território a percorrer; por isso, sua consciência o convenceu a ser franco com os dois companheiros. Expôs-lhes com clareza a situação; mostrou--lhes o que havia sido feito e o que tinham pela frente. Poderiam retroceder ou pelo menos tentá-lo. Qual era a opinião deles?

– A minha é a do meu patrão – respondeu Joe. – O que ele suportar eu suportarei, e melhor ainda. Aonde ele for, irei também.

– E você, Kennedy?

– Eu, meu caro Samuel, não sou homem que perca fácil a coragem. Ninguém ignorava menos os perigos do empreendimento, mas preferi ignorá-los ao ver que você os enfrentaria. Então, fico a seu lado, de

corpo e alma. Na atual situação, penso que devemos perseverar, ir até o fim. Aliás, os perigos da volta me parecem igualmente grandes. Portanto, avante e conte conosco!

– Obrigado, meus dignos amigos – respondeu o doutor, visivelmente emocionado. – Eu contava com essa dedicação de sua parte, mas precisava de umas palavras encorajadoras. Mais uma vez, obrigado.

E os três homens se apertaram as mãos, efusivamente.

– Agora escutem – continuou Fergusson. – Pelos meus cálculos, estamos a menos de 500 quilômetros do golfo da Guiné. O deserto não pode, portanto, estender-se indefinidamente, pois a costa é habitada e conhecida até certa profundidade. Se for preciso, vamos para lá, e é impossível que não encontremos algum oásis, algum poço para renovar nossa provisão de água. No entanto, o que nos falta é o vento. Sem ele, permaneceremos imóveis no ar.

– Esperemos com resignação – ponderou o caçador.

Mas cada um, por seu turno, interrogava inutilmente o espaço durante esse dia interminável. Nada surgiu que alimentasse uma esperança. O chão deixou de desfilar por baixo deles ao sol poente, cujos raios horizontais se projetavam em longas riscas de fogo sobre aquela monótona imensidão. Era o deserto.

Os viajantes só tinham percorrido uma distância de 25 quilômetros e gastaram, como no dia anterior, 3,5 metros cúbicos de gás para alimentar o maçarico. Além disso, 1 litro de água, dos 4 que lhes restavam, precisou ser sacrificado para saciar uma sede ardente.

A noite decorreu tranquila, demasiadamente tranquila! Mas o doutor não dormiu.

Capítulo 25

Um pouco de filosofia – Uma nuvem no horizonte – No meio da neblina – O balão inesperado – Os sinais – Reprodução exata do Vitória *– As palmeiras – Vestígios de uma caravana – O poço em pleno deserto*

No dia seguinte, o mesmo céu límpido, a mesma atmosfera imóvel. O Vitória se elevou a uma altura de quinhentos metros; mas mal se moveu, deslocou sensivelmente em direção ao oeste.

– Estamos no meio do deserto –, disse o doutor. – Uma imensidão de areia! Que estranho espetáculo! Que singular disposição da natureza! Por que, ao longe, uma vegetação excessiva e, aqui, uma aridez extrema, tudo na mesma latitude, sob os mesmos raios do sol?

– O motivo, meu caro Samuel – disse Kennedy –, não me deixa nem um pouco inquieto. Acho a razão menos importante que o fato. As coisas são assim e pronto!

– Convém mesmo filosofar um pouco, meu caro Dick. Isso não faz mal a ninguém.

– Então, filosofemos. Tempo não nos falta, pois mal nos movimentamos. O vento está com medo de soprar. Ainda não despertou.

– Isso não vai durar – interveio Joe. – Acho que estou vendo algumas faixas de nuvens no leste.

– Joe tem razão – concordou o doutor.

– Ótimo – disse Kennedy –, teremos então nossa nuvem, com uma boa chuva e um bom vento no rosto?

– Veremos, Dick, veremos.

– No entanto, patrão, hoje é sexta-feira. E tenho muita desconfiança das sextas-feiras.

– Pois acho que hoje você esquecerá seus preconceitos.

– É o que desejo. Ufa! – desabafou ele, enxugando o rosto. – Boa coisa é o calor, principalmente no inverno. Mas, no verão, é melhor não abusar.

– Você teme os efeitos do sol sobre o balão? – perguntou Kennedy ao doutor.

– Não. A guta-percha que reveste o tafetá suporta temperaturas bem mais altas. Cheguei a submetê-la por dentro, usando a serpentina, a 70ºC e o tecido parece não ter sofrido nada.

– Uma nuvem! Uma nuvem de verdade! – gritou Joe, cuja vista aguçada desafiava qualquer luneta.

Com efeito, uma faixa espessa e agora bem distinta se elevava lentamente no horizonte. Parecia densa e entumecida, formada por um agregado de nuvenzinhas que conservavam, invariavelmente, sua forma original, levando o doutor a concluir que nenhuma corrente de ar soprava contra a aglomeração.

Essa massa compacta surgira por volta das oito horas da manhã e somente às onze alcançou o disco solar, que desapareceu por completo atrás da espessa cortina. Não tardou e a orla inferior da nuvem desprendeu--se da linha do horizonte, deixando-o inundado de luz.

– É uma nuvem isolada – disse o doutor. – Não convém esperar muito dela. Olhe, Dick, conserva a mesma forma que tinha pela manhã.

– De fato, Samuel. Não há lá nem vento nem chuva, ao menos para nós.

– É o que temo, pois ela se mantém muito alta.

– Samuel, e se tentássemos ir atrás dessa nuvem, que não quer nada conosco?

– Acho que não adiantaria muito – respondeu o doutor. – Seria uma despesa considerável de gás e, portanto, de água. Contudo, em nossa situação, convém não negligenciar nada. Vamos lá pra cima.

O doutor intensificou a chama do maçarico nas espirais da serpentina. Um violento calor se desprendeu dali e logo o balão se

elevou sob a ação do hidrogênio dilatado.

A 450 metros do solo, ele encontrou a massa opaca da nuvem e mergulhou em uma neblina densa, mantendo-se na mesma altitude. Entretanto, não achou o menor sopro de vento; a neblina parecia até desprovida de umidade, tanto que quase não molhou os objetos a ela expostos. O *Vitória*, envolvido em vapor, ganhou um pouco mais de velocidade, e foi tudo.

O doutor constatava, decepcionado, o efeito insignificante de sua manobra quando ouviu Joe gritar em um tom da mais viva surpresa:

– Céus!

– Que foi, Joe?

– Patrão, senhor Kennedy! Que coisa estranha!

– Como assim?

– Não estamos sozinhos aqui! Há alguns intrometidos! Roubaram nossa invenção!

– Ficou louco? – recriminou Kennedy.

Joe era a própria estátua da perplexidade. Não se mexia.

– Terá o sol desarranjado os miolos desse pobre rapaz? – disse o doutor, virando-se para ele. – Está me dizendo...

– Mas veja, senhor – continuou Joe, indicando um ponto no espaço.

– Por são Patrício! – balbuciou Kennedy. – Não posso acreditar! Samuel, Samuel, veja!

– Estou vendo – respondeu tranquilamente o doutor.

– Outro balão! Outros viajantes como nós!

Com efeito, a 60 metros de distância, um aeróstato flutuava no ar com seu cesto e seus viajantes, seguindo exatamente a mesma rota que o *Vitória*.

– Pois bem – disse o doutor –, só nos resta fazer-lhe sinais. Pegue a bandeira, Kennedy, e mostremos nossas cores.

Parece que os viajantes do segundo aeróstato tiveram a mesma ideia no mesmo instante, pois a mesma bandeira repetiu a mesma saudação na mão de alguém que a agitava da mesma maneira.

– Que significa isso? – indagou o caçador.

– Macacos! – gritou Joe. – Zombam de nós!

– Significa – prosseguiu Fergusson, rindo – que é você quem está fazendo esse sinal para você mesmo, meu caro amigo Dick. Significa que nós estamos no segundo cesto e que aquele balão é, pura e simplesmente, o *Vitória*.

– Com todo o respeito, patrão – disse Joe –, nisso o senhor não vai me fazer acreditar jamais.

– Suba na borda, Joe, e agite os braços. Então, verá.

Joe obedeceu – para ver seus gestos exatamente, instantaneamente reproduzidos.

– É apenas um efeito de miragem – explicou o doutor –, nada mais. Um simples fenômeno ótico por causa da refração desigual das camadas de ar. Só isso.

– Maravilhoso! – exclamou Joe, que não cessava de agitar os braços para se convencer de uma vez por todas.

– Curioso espetáculo! – prosseguiu Kennedy. – Como é bom ver nosso bravo *Vitória*! Que silhueta bela e majestosa!

– Não importa como se explique – insistiu Joe –, o efeito continua sendo estranho do mesmo modo.

Mas, aos poucos, aquela imagem foi se desvanecendo. As nuvens ganharam altitude, abandonando o *Vitória*, que não tentou mais segui-las, e ao fim de uma hora desapareceram do céu.

O vento, apenas perceptível, pareceu diminuir ainda mais. O doutor, desesperado, aproximou-se do solo.

Os viajantes, que aquele incidente havia desviado de suas preocupações, entregaram-se de novo a pensamentos sombrios, esmagados por um calor insuportável.

Perto das quatro horas, Joe avistou um objeto que se destacava da imensa planura de areia e logo pôde afirmar que eram duas palmeiras, a pouca distância.

– Palmeiras! – exclamou Fergusson. – Haverá ali então uma fonte, um poço?

Com a luneta confirmou que os olhos de Joe não se enganaram.

– Enfim, água! – desabafou. – Água! Estamos salvos porque, embora avancemos lentamente, avançamos sempre e acabaremos por chegar!

– Senhor – perguntou Joe –, e se bebermos enquanto esperamos? O ar está sufocante.

– Bebamos, meu rapaz.

Ninguém se fez de rogado. Meio litro de água foi consumido, o que reduzia a provisão a apenas a metade.

– Ah, que delícia! – exclamou Joe. – Que delícia! Nunca a cerveja de Perkins me deu tanto prazer!

– Eis as vantagens da privação – sentenciou Fergusson.

– São poucas, essas vantagens – disse o caçador. – Eu concordaria de bom grado em não sentir o prazer de beber água... desde que ela nunca me faltasse.

Às seis horas, o *Vitória* planava sobre as palmeiras.

Eram duas árvores mirradas, ressequidas, dois espectros de árvores sem folhas, mais mortas que vivas. Fergusson as examinou, assustado.

Junto delas, viam-se as pedras meio desgastadas de um poço; mas essas pedras, quase desfeitas pelo calor do sol, pareciam mais uma poeira impalpável. Não se percebia ali nenhuma umidade. Samuel sentiu um aperto no coração e já ia comunicar seus receios aos companheiros quando ouviu suas exclamações.

A perder de vista, na direção oeste, estendia-se uma longa fileira de ossos esbranquiçados. Fragmentos de esqueletos rodeavam a fonte. Uma caravana chegara até ali, deixando esse ossuário como marca de sua passagem. Os mais fracos tinham tombado na areia, um atrás do outro; e os mais fortes, conseguindo chegar àquela fonte tão desejada, encontraram junto dela uma morte horrível.

Os viajantes se entreolharam, empalidecendo.

– Não desçamos – aconselhou Kennedy. – É melhor fugir desse horrível espetáculo. Não há aí uma gota de água sequer a recolher.

– Quem sabe, Dick? Pensemos com lucidez. Tanto vale passar a noite aqui como em qualquer outro lugar. Exploraremos esse poço até o fundo, pois ele já teve água. Talvez reste alguma.

O *Vitória* baixou. Joe e Kennedy puseram no cesto uma quantidade de areia equivalente ao peso deles e desceram. Chegados ao poço, penetraram em seu interior por uma escada que se desfazia em pó. A fonte parecia seca há anos. Escavaram na areia ressequida e sem vestígios de umidade, a mais árida que se pudesse imaginar.

O doutor os viu voltar à superfície do deserto banhados de suor, cansados, cobertos de um pó fino, abatidos, desencorajados, desesperados.

Compreendeu a inutilidade daquelas tentativas. Já imaginava isso e não disse nada. Sentia que, a partir daquele momento, precisaria ter coragem e energia por três.

Joe trazia nas mãos os fragmentos de um odre ressequido, que atirou com raiva no meio dos ossos dispersos pelo chão.

Durante o jantar, não se ouviu uma palavra dos viajantes; comiam com repugnância.

Contudo, ainda não tinham verdadeiramente sofrido os tormentos da sede e só se inquietavam com o futuro.

Capítulo 26

Quarenta e cinco graus centígrados – Reflexões do doutor – Busca desesperada – O maçarico se extingue – Sessenta graus centígrados – A contemplação do deserto – Uma caminhada noturna – Solidão – Desfalecimento – Projetos de Joe – Um dia de prazo

O percurso do *Vitória* no dia anterior tinha sido de, no máximo, 15 quilômetros e, para se manter, ele gastara 4,6 metros cúbicos de gás.

No sábado de manhã, o doutor deu sinal de partida.

– O maçarico só funcionará por mais seis horas – avisou ele. – Se, depois disso, não encontrarmos um poço ou uma nascente, sabe Deus o que será de nós.

– Nada de vento nesta manhã, patrão! – disse Joe. – Mas talvez ele apareça – apressou-se a completar, vendo a tristeza mal dissimulada do doutor Fergusson.

Vã esperança! Pairava no ar uma calmaria dessas que, nos mares tropicais, paralisam obstinadamente os navios. O calor ia se tornando intolerável, e o termômetro marcava 45ºC à sombra.

Joe e Kennedy, estendidos um ao lado do outro, procuravam, se não o sono, ao menos o torpor, o esquecimento da situação. Uma inatividade forçada os condenava a um lazer penoso. O homem é digno de lástima quando não pode se desligar de seus pensamentos por meio de um trabalho ou uma ocupação material. Mas agora os

viajantes não tinham nada para vigiar nem nada para fazer; deviam aceitar a situação sem poder melhorá-la.

Os tormentos da sede não tardaram a surgir. A aguardente, longe de aplacar essa necessidade imperiosa, agravava-a, fazendo jus ao nome de "leite de tigre" que lhe dão os habitantes da África. Restava apenas um litro de uma água quente. Cada qual lançava olhares cobiçosos para essas gotas tão preciosas, mas nenhum ousava molhar os lábios com elas. Um litro de água no meio do deserto!

Então, o doutor Fergusson, abismado em suas reflexões, concluiu que talvez não tivesse agido com prudência. Não teria sido melhor conservar a água que decompusera à toa, só para se manter na atmosfera? Percorrera algum caminho, sem dúvida, mas avançara significativamente? Pouco importava que estivesse 100 quilômetros atrás, pois lá a água lhe faltaria do mesmo jeito! O vento, se finalmente aparecesse, sopraria tanto lá quanto aqui, aqui talvez até mais forte, se viesse do leste! A esperança, porém, impelia Samuel para diante. No entanto, os 10 litros de água desperdiçados bastariam para nove dias de parada naquele deserto! E quanta coisa podia mudar em nove dias! Talvez também, conservando a água, ele pudesse subir diminuindo o lastro, ainda que depois precisasse perder gás para descer! Mas o gás de seu balão era sangue, era vida!

Essas mil reflexões se entrecruzavam em sua cabeça, que ele mantinha entre as mãos há horas.

"Temos de fazer um último esforço!", disse para si mesmo por volta das dez horas da manhã. "E tentar pela última vez descobrir uma corrente atmosférica que nos leve daqui! Precisamos arriscar nossos últimos recursos."

E, enquanto seus amigos cochilavam, aumentou a temperatura do hidrogênio do aeróstato, que se arredondou pelo efeito da dilatação do gás e subiu direto, cortando os raios perpendiculares do sol. O doutor procurou inutilmente um sopro de vento durante um percurso de 3 metros a 8 quilômetros. Seu ponto de partida permanecia obstinadamente abaixo dele; uma calma absoluta parecia reinar até os derradeiros limites do ar respirável.

Por fim, a água que alimentava o maçarico foi consumida e ele se extinguiu por falta de gás. A pilha de Bunsen deixou de funcionar, e o *Vitória*, contraindo-se, pousou suavemente na areia, no mesmo lugar em que o cesto havia deixado sua marca.

Era meio-dia. O cálculo forneceu 19º 35’ na longitude e 6º 51’ na latitude, a cerca de 800 quilômetros do lago Chade e 650 quilômetros das costas ocidentais da África.

Quando o balão tocou o solo, Dick e Joe saíram de seu pesado torpor.

– Paramos? – perguntou o escocês.

– Foi preciso – respondeu Samuel em tom grave.

Seus companheiros compreenderam. O solo estava agora ao mesmo nível do mar, por causa da sua constante depressão, de modo que o aeróstato se mantinha em equilíbrio perfeito e totalmente imóvel.

O peso dos viajantes foi substituído por uma carga equivalente de areia e eles desembarcaram. Cada um remoía seus pensamentos e, durante horas, não se trocou nenhuma palavra. Joe preparou o jantar, composto de biscoitos e *pemmican*, jantar que mal foi tocado. Um gole de água quente completou essa triste refeição.

Durante a noite, ninguém ficou de vigia – e ninguém dormiu. O calor era sufocante. No dia seguinte, só restava um quarto de litro de água. O doutor deixou-o de reserva e combinou-se que não o tocariam, a não ser em última instância.

– Mal consigo respirar – queixou-se Joe. – O calor aumenta! E não é de se espantar – acrescentou, após consultar o termômetro. – Sessenta graus centígrados!

– A areia nos queima como se saísse de um forno – disse o caçador. – E nem uma nuvem nesse céu de fogo! É de enlouquecer!

– Nada de desespero – incentivou o doutor. – Aos grandes calores nesta latitude, sucedem inevitavelmente tempestades; e elas chegam com a rapidez do raio. Apesar da angustiante serenidade do céu, podem ocorrer grandes mudanças em menos de uma hora.

– Mas devia haver algum sinal! – continuou Kennedy.

– Parece – disse o doutor – que o barômetro apresenta uma leve tendência a baixar.

– Que os céus o ouçam, Samuel. Pois estamos aqui presos ao chão como pássaros de asas quebradas.

– Com uma diferença, meu caro Dick: nossas asas estão intactas e espero me servir delas de novo.

– Ah, vento, vento! – exclamou Joe. – Vento que nos leve a um riacho, a um poço, para então nada nos faltar. Nossos víveres são suficientes e, com água, ficaremos um mês sem sofrer. Mas a sede é

uma sensação muitíssimo cruel.

A sede, assim como a contemplação incessante do deserto, fatigavam o espírito. Não se via um acidente no terreno, nem um montículo de areia, nem um calhau para deter o olhar. Aquela planura desencorajava e produzia o mal-estar chamado doença do deserto. A impassibilidade do azul árido do céu e a imensidade amarela do areal acabavam por assustar. Nessa atmosfera ardente, o calor parecia vibrar como se estivesse sobre um fogão aceso. O ânimo descaía diante de uma tão vasta serenidade e não lograva esperar que esse estado de coisas cessasse, pois a imensidão é uma espécie de eternidade.

Assim, os infelizes, privados de água naquela temperatura tórrida, começaram a sentir os sintomas da alucinação; seus olhos se dilatavam, seu olhar se turvava.

À noite, o doutor resolveu combater essa disposição com uma marcha rápida pela planície, durante algumas horas, não para procurar alguma coisa, mas para simplesmente andar.

– Venham – disse aos companheiros. – Isso lhes fará bem, podem acreditar.

– Impossível, Samuel – retrucou Kennedy. – Eu não conseguiria dar um passo.

– E eu preferiria dormir – acrescentou Joe.

– O sono ou o repouso seriam funestos para vocês, meus amigos. Reajam contra o torpor. Vamos, vamos.

O doutor nada conseguiu deles e partiu sozinho, sob a transparência estrelada da noite. Seus primeiros passos foram penosos, passos de um homem enfraquecido e desacostumado de andar. Entretanto, logo percebeu que o exercício lhe faria bem e avançou vários quilômetros para oeste. Seu espírito já se reconfortava quando, de repente, foi tomado de vertigem, acreditando-se estar à beira de um abismo; seus joelhos se dobraram; a vasta extensão o assustou; ele era o ponto matemático, o centro de uma circunferência infinita, ou seja, nada! O *Vitória* desaparecia por completo na treva, e o doutor se sentiu dominado por um medo incontrolável – ele, o viajante impassível, audacioso! Quis voltar, mas não conseguiu. Gritou. Nem o eco lhe respondeu e sua voz caiu no espaço como uma pedra em um precipício. Ele vacilava sobre a areia, meio desfalecido, solitário, envolvido pelos enormes silêncios do deserto.

À meia-noite, recuperou a consciência nos braços de seu fiel Joe; este, inquieto com a ausência prolongada do patrão, seguira suas pegadas nitidamente impressas na areia e o encontrara desmaiado.

– Que aconteceu, senhor? – perguntou ele.

– Não há de ser nada, meu bravo Joe. Um momento de fraqueza, apenas isso.

– Sim, não há de ser nada. Mas fique de pé e apoie-se em mim. Vamos voltar para o *Vitória*.

O doutor, apoiado pelo braço de Joe, retomou o caminho que havia percorrido.

– Foi imprudência, senhor, não convém que se aventure assim. Poderia ter sido roubado – Joe acrescentou rindo. – Mas falemos seriamente, senhor.

– Fale, estou ouvindo.

– É absolutamente necessário fazer alguma coisa. Nossa situação não pode durar mais que alguns dias e, se o vento não chegar, estaremos perdidos.

O doutor não respondeu.

– Pois bem, é preciso que um de nós se sacrifique pelos outros e nada mais natural que seja eu!

– Que quer dizer? Qual é o seu plano?

– Um plano bem simples. Com alguns víveres, caminharei sempre em frente até chegar a algum lugar, o que fatalmente acontecerá. Enquanto isso, se o céu lhes enviar um vento favorável, não me esperem, partam. Eu, encontrando alguma aldeia, me comunicarei com algumas palavras em árabe que o senhor me dará por escrito e trarei recursos ou deixarei minha pele lá. Que acha dessa ideia?

– Insensata, mas digna de sua alma corajosa, Joe. É impossível, você não nos deixará.

– Mas é preciso tentar alguma coisa, senhor! Isso não os prejudicará em nada porque, repito, vocês não me esperarão e, a rigor, posso me sair bem.

– Não, Joe, não! Não nos separaremos. Seria uma dor a mais. Está escrito que será assim, e provavelmente está escrito que será diferente mais tarde. Portanto, esperemos com resignação.

– Que seja, senhor. Mas previno-o de uma coisa: dou-lhe só mais um dia, só um. Hoje é domingo, ou antes, segunda-feira, pois já é uma hora da manhã. Se não partirmos na terça-feira, tentarei a aventura.

Isso está irrevogavelmente decidido.

O doutor não respondeu. Logo chegou ao cesto, onde tomou lugar ao lado de Kennedy. Este estava mergulhado em um silêncio profundo, que não devia ser efeito do sono.

Capítulo 27

Calor espantoso – Alucinações – As últimas gotas de água – Noite de desespero – Tentativa de suicídio – O simum – O oásis – Leão e leoa

O primeiro cuidado do doutor foi, no dia seguinte, consultar o barômetro. A coluna de mercúrio praticamente não baixara.

– Nada – disse ele. – Nada!

Saiu do cesto e examinou o tempo: o mesmo calor, a mesma dureza, a mesma implacabilidade.

– É o caso então de nos desesperarmos? – gritou.

Joe não dizia uma palavra, absorvido em seus pensamentos e refletindo sobre o seu projeto de exploração.

Kennedy acordou se sentindo muito mal e tomado por uma excitação inquietante. Padecia horrivelmente de sede. Sua língua e seus lábios ressequidos mal conseguiam articular um som.

Ainda havia algumas gotas de água; todos sabiam disso, todos pensavam nelas, todos se sentiam atraídos por elas, mas ninguém ousava dar um passo em sua direção.

Esses três companheiros, esses três amigos se entreolhavam com as pupilas dilatadas, com um sentimento de avidez bestial que se detectava sobretudo no rosto de Kennedy. Sua vigorosa constituição sucumbia mais rápido às privações intoleráveis e, durante todo o dia, ele delirou. Ia e vinha, emitindo sons roucos, mordendo os punhos e

pronto a abrir as veias para beber o sangue.

– Ah – gritou –, país da sede! Deveria chamar-se, isso sim, país do desespero!

Em seguida, caiu em uma prostração profunda; só se ouvia o silvo de sua respiração entre os lábios ressequidos.

À noite, Joe também foi tomado por um princípio de loucura. O vasto oásis de areia lhe parecia uma lagoa imensa, de águas claras e límpidas; mais de uma vez se precipitou sobre aquele solo inflamado para beber e se levantou com a boca cheia de pó.

– Maldição! – praguejava, furioso. – É água salgada!

Logo, enquanto Fergusson e Kennedy permaneciam deitados, imóveis, sentiu uma vontade incontrolável de beber as últimas gotas de água mantidas de reserva. Foi mais forte que ele; arrastou-se de joelhos para o cesto, contemplou sofregamente a garrafa onde o líquido se agitava, lançou-lhe um olhar esgazeado e levou-a aos lábios.

Nesse momento, as palavras: “Beber! Beber!” foram pronunciadas em um tom dilacerante.

Era Kennedy, que se arrastava atrás dele. O infeliz inspirava compaixão, implorava de joelhos, chorava.

Joe, chorando também, estendeu-lhe a garrafa e Kennedy a esgotou até a última gota.

– Obrigado – balbuciou ele.

Mas Joe não o ouviu; estendeu-se como o amigo sobre a areia.

O que aconteceu durante a tempestuosa noite não se sabe. Mas quando acordaram na manhã de terça-feira, os infortunados sentiram seus membros ressecar-se pouco a pouco. Quando Joe quis levantar-se, não conseguiu; não poderia pôr seu plano em execução.

Olhou em volta, no cesto, o doutor, de braços cruzados ao peito, sem forças, procurava no espaço um ponto imaginário, com uma fixação tola. Kennedy estava assustador; balançava a cabeça da direita para a esquerda como um animal feroz na jaula.

De repente, os olhos do caçador deram com sua carabina, cuja culatra ultrapassava a borda do cesto.

–Ah! – exclamou ele, levantando-se com um esforço sobre-humano.

Agarrou a arma, desnorteado, ensandecido e apontou o cano para a boca dele.

– Senhor, senhor! – gritou Joe, precipitando-se sobre ele.

– Deixe-me! Afaste-se! – esbravejou Kennedy.

Os dois lutaram arduamente.

– Afaste-se ou eu o mato! – repetia o escocês.

Mas Joe se agarrava a ele com força; debateram-se assim por quase um minuto, sem que o doutor parecesse ver o que acontecia. No meio da luta, a carabina disparou e, ao estampido da detonação, o doutor se pôs de pé, hirto como um espectro. Olhou à sua volta.

Mas logo seu olhar se animou, sua mão se estendeu para o horizonte e, com uma voz que já nada tinha de humano, bradou:

– Lá, lá! Lá longe!

Havia tanta energia em seu rosto que Joe e Kennedy se separaram e olharam.

A planície se agitava como um mar furioso em dia de tempestade. Colunas de areia rolavam umas sobre as outras no meio de um turbilhão de poeira; uma gigantesca onda de poeira girando com extrema velocidade vinha do sudeste. O sol ia desaparecendo atrás de uma nuvem opaca, cuja sombra desordenada se alongava até o *Vitória*. Grãos de areia finíssimos deslizavam com a facilidade de moléculas líquidas e essa maré montante subia pouco a pouco.

Uma chama viva de esperança brilhou nos olhos de Fergusson.

– O simum! – gritou ele.

– O simum! – repetiu Joe, sem saber bem o que dizia.

– Tanto melhor! – replicou Kennedy, com uma raiva incontida. – Tanto melhor! Vamos morrer!

– Sim, tanto melhor! – concordou o doutor. – Pelo contrário, vamos viver!

E se pôs a tirar rapidamente a areia que servia de lastro no cesto.

Seus companheiros finalmente compreenderam e se juntaram a ele, dos dois lados.

– E agora, Joe – prosseguiu o doutor –, jogue fora uns vinte quilos de seu minério!

Joe não hesitou, apenas sentiu algo como um desgosto passageiro. O balão se ergueu.

– Já não era sem tempo – bradou Fergusson.

Com efeito, o simum chegava com a velocidade do raio. Um pouco mais e o *Vitória* seria esmagado, feito em pedaços, destruído. O imenso redemoinho atingiu-o em cheio, cobrindo-o com uma chuva de areia.

– Mais lastro! – ordenou o doutor.

– Lá vai! – disse Joe, atirando para longe um enorme fragmento de

quartzo.

O *Vitória* subiu rapidamente acima do turbilhão; mas, envolvido no imenso deslocamento de ar, foi arrastado a uma velocidade incalculável por cima daquele mar espumante.

Samuel, Dick e Joe não diziam nada; olhavam e esperavam, um pouco refrescados pelo sopro do redemoinho.

Às três horas, a tormenta cessou; a areia, caindo, formava uma inumerável quantidade de montículos no solo; o céu clareava de novo.

O *Vitória*, agora imóvel, planava sobre um oásis, uma ilha coberta de árvores viçosas estendida sobre a superfície do oceano de areia.

– Água! Ali há água! – exultou o doutor.

E sem demora, abrindo a válvula superior, deu passagem ao hidrogênio. O balão desceu suavemente a duzentos passos do oásis.

Em quatro horas, os viajantes haviam feito um percurso de quase 400 quilômetros.

O cesto foi logo equilibrado e Kennedy, seguido por Joe, saltou para o chão.

– Seus fuzis! – advertiu o doutor. – E tomem cuidado.

Dick agarrou a carabina e Joe pegou um dos fuzis. Correram para as árvores e penetraram sob aquela cobertura verde que prometia fontes abundantes. Nem repararam nas grandes pegadas, traços recentes que marcavam aqui e ali o solo úmido.

Súbito, um rugido ecoou a vinte passos deles.

– O rugido de um leão! – exclamou Joe.

– Melhor assim! – replicou o caçador, irritado. – Lutaremos! Se é para lutar, não nos faltarão forças!

– Prudência, senhor Dick, prudência! Da vida de um depende a vida de todos.

Mas Kennedy não o ouvia; avançava, olhos faiscantes, carabina engatilhada, terrível em sua audácia. Sob uma palmeira, um leão enorme, de juba negra, mantinha-se em posição de ataque. Ao avistar o caçador, saltou; mas, antes que pudesse tocar o solo, uma bala atravessou seu coração. Caiu morto.

– Hurra! Hurra! – festejou Joe.

Kennedy se precipitou para os poços, escorregou pelos degraus lamacentos e estirou-se de bruços sobre uma fonte fresca, na qual mergulhou avidamente os lábios. Joe imitou-o e logo só se ouviam os estalidos de língua que fazem os animais quando bebem.

– Vamos com calma, senhor Dick – recomendou Joe, respirando fundo. – Não convém abusar!

Mas Dick, sem responder, mergulhou a cabeça e as mãos naquela água benéfica. Embriagava-se.

– E o senhor Fergusson? – perguntou Joe.

Tanto bastou para que Kennedy voltasse a si. Encheu a garrafa que havia trazido e subiu correndo os degraus do poço.

Mas qual não foi sua estupefação! Um corpo opaco, enorme, bloqueava a abertura. Joe, que seguia Dick, teve de recuar como ele.

– Estamos presos!

– Impossível! O que significa...

Um rugido terrível interrompeu-o. Teria de se haver com um novo inimigo!

– Outro leão! – gritou Joe.

– Não, uma leoa! Espere só, maldita fera! – disse o caçador, pegando rapidamente a carabina.

Um minuto depois ele disparou, mas o animal havia desaparecido.

– Vamos! – gritou.

– Não, senhor Dick, o tiro não a matou, do contrário seu corpo teria rolado até aqui. A fera vai saltar sobre o primeiro que puser a cabeça para fora e que estará perdido.

– Mas então o que faremos? Temos de sair! Samuel nos espera!

– Atrairemos o animal. Pegue meu fuzil e passe-me sua carabina.

– Qual é o seu plano?

– Vai ver.

Joe tirou a camisa e amarrou-a no cano da arma, agitando-a como chamariz acima da borda do poço. O animal, furioso, precipitou-se contra aquele objeto; Kennedy esperou que ela aparecesse na abertura e uma bala atravessou o ombro da fera. A leoa, rugindo, rolou pela escada, derrubando Joe, que já podia sentir as enormes patas abatendo-se sobre ele quando ouviu uma segunda detonação, e o doutor Fergusson apareceu na abertura, empunhando o fuzil ainda fumegante.

Joe se levantou rapidamente, afastou o corpo do animal e passou a seu patrão a garrafa cheia de água.

Levá-la aos lábios, esvaziá-la pela metade, isso foi para o doutor Fergusson obra de um instante. Em seguida, os três companheiros agradeceram do fundo do coração à Providência que os havia

milagrosamente salvado.

Capítulo 28

Noite deliciosa – A cozinha de Joe – Dissertação sobre a carne crua – História de James Bruce – O acampamento – Os sonhos de Joe – O barômetro desce – O barômetro sobe – Preparativos de partida – O furacão

A noite foi encantadora sob as sombras frescas de mimosas, após um jantar reconfortante. Não houve economia de chá nem de aguardente.

Kennedy havia percorrido o pequeno oásis em todos os sentidos e vasculhado todos os seus arbustos. Os viajantes eram as únicas criaturas vivas naquele paraíso terrestre. Estenderam-se sobre seus colchões e tiveram uma noite agradável, que lhes trouxe o esquecimento das dores passadas.

No dia seguinte, 7 de maio, o sol brilhava em todo o seu esplendor, mas seus raios não podiam atravessar a espessa cortina de sombra. Como havia víveres em quantidade suficiente, o doutor resolveu esperar ali mesmo por um vento favorável.

Joe trouxera sua cozinha portátil e entregava-se a uma série de combinações culinárias, gastando água com uma prodigalidade descuidada.

– Estranha sucessão de dores e prazeres! – filosofou Kennedy. – A abundância após a provação! O luxo sucedendo à miséria! Ah, estive

bem perto de enlouquecer!

– Meu caro Dick – disse-lhe o doutor –, se não fosse Joe, você não estaria aqui discorrendo sobre a instabilidade das coisas humanas.

– Grande amigo! – reconheceu Dick, estendendo a mão a Joe.

– Não foi nada. O senhor fica me devendo esta, embora eu prefira que não surja nenhuma oportunidade de pagar-me.

– Pobre natureza, a nossa! – suspirou Fergusson. – Deixar-se abater por tão pouco!

– Deixar-se abater por um pouco de água, o senhor quer dizer, patrão! Um elemento muitíssimo necessário à vida.

– Sem dúvida, Joe. As pessoas resistem mais tempo sem comer do que sem beber.

– Acredito. De resto, em caso de necessidade, comemos o que encontramos, até nosso semelhante, embora essa seja uma refeição para não esquecer nunca!

– Os selvagens, porém, não a rejeitam – disse Kennedy.

– Sim, mas são selvagens e, além do mais, habituados a comer carne crua. Eis um costume que me repugnaria!

– É, de fato, um costume repugnante – reconheceu o doutor –, e a tal ponto que muita gente não acreditou nos relatos dos primeiros exploradores da África. Estes afirmaram que vários povos se nutriam de carne crua, mas, em geral, ninguém os levou a sério. Foi nessas circunstâncias que ocorreu uma curiosa aventura a James Bruce.

– Conte-a, senhor. Tempo para ouvir é o que não nos falta – disse Joe, estendendo-se voluptuosamente sobre a relva fresca.

– Com muito gosto. James Bruce foi um escocês do condado de Stirling que, de 1768 a 1772, percorreu toda a Abissínia até o lago Tiana, em busca das nascentes do Nilo. Depois, voltou à Inglaterra, onde apenas em 1790 resolveu publicar o relato de suas viagens. Suas narrativas foram recebidas com extrema incredulidade, a mesma que, sem dúvida, acolherá as nossas. Os hábitos dos abissínios pareciam tão diferentes dos usos e costumes dos ingleses que ninguém quis acreditar neles. Entre outras coisas, James Bruce afirmava que os povos da África Oriental comiam carne crua. Isso deixou todos indignados. Bruce podia dizer o que quisesse, pois ninguém iria lá para confirmar! Ele era um homem muito corajoso, de um gênio terrível. Essas desconfianças o irritavam tremendamente. Certa vez, em um salão de Edimburgo, um escocês começou a irritá-lo e, a

propósito da carne crua, afirmou que aquilo não era nem possível nem verdadeiro. Bruce não disse nada; saiu e voltou instantes depois com um pedaço de carne crua, polvilhada de sal e pimenta à moda africana. “Senhor”, disse ao escocês, “ao duvidar de uma coisa que afirmei, você me fez uma ofensa grave. E declarando que ela é impraticável, enganou-se redondamente. Agora, para todos saberem que não é, você irá comer esse bife cru ou terá de me dar satisfações”. O escocês, apavorado, obedeceu, não sem fazer fortes caretas. Então, James Bruce, com o maior sangue-frio, acrescentou: “Mesmo achando que a coisa não é verdadeira, o senhor pelo menos não sustentará mais que é impossível”.

– Bem feito – disse Joe. – Se o escocês teve uma indigestão, foi merecida. E se, ao voltarmos para a Inglaterra, puserem nossa viagem em dúvida...

– O que você fará, Joe?

– Obrigarei os incrédulos a comer pedaços do *Vitória*, sem sal nem pimenta!

Os outros dois riram dos expedientes de Joe. O dia se passou assim, em conversas agradáveis. Com a força, voltava a esperança; e, com a esperança, voltava a audácia. O passado se desvaneceu diante do futuro com uma rapidez providencial.

Joe gostaria de nunca deixar aquele asilo encantador, aquele reino de sonhos. Sentia-se em casa. Pediu que seu patrão lhe desse a localização exata do lugar e, com grande seriedade, escreveu em seu caderno de viagem: 15º 43’ na longitude e 8º 32’ na latitude.

Kennedy só lamentava uma coisa: não poder caçar naquela floresta em miniatura. A seu ver, faltava ali um pouco de animais selvagens.

– Meu caro amigo, você se esquece com muita facilidade – disse o doutor. – E o leão? E a leoa?

– Ora, aquilo! – replicou Dick com o desdém do verdadeiro caçador pela presa abatida. – Entretanto, a presença deles neste oásis leva a supor que não estejamos muito longe de territórios mais férteis.

– Prova de pouco peso, Dick. Esses animais, pressionados pela fome ou pela sede, percorrem frequentemente distâncias consideráveis. À noite, faremos bem em vigiar com bastante atenção e acender fogueiras.

– Com uma temperatura destas! – estranhou Joe. – Mas, enfim, se for necessário, que seja. Eu, porém, lamentaria muito se incendiasse

um bosque tão bonito, que nos foi tão útil.

– Teremos cuidado para não pôr fogo nele – respondeu o doutor –, a fim de que outros possam, futuramente, encontrar um refúgio no meio do deserto.

– Ficaremos de vigia, senhor. Mas acredita que este oásis seja conhecido?

– Sem dúvida. É um ponto de parada das caravanas que frequentam a África Central e cuja visita talvez não lhe agradasse, Joe.

– Será que ainda há por aqui aqueles terríveis nyam-nyam?

– Certamente, é o nome genérico de todas as populações da região. E, sob o mesmo clima, as mesmas raças devem ter hábitos parecidos.

– Bem – disse Joe –, afinal de contas, isso é muito natural. Se selvagens tivessem os mesmos gostos dos cavalheiros, onde estaria a diferença? Por exemplo, eles não se fariam de rogados para devorar o bife do escocês e o próprio escocês, se fosse o caso.

Depois dessa reflexão das mais sensatas, Joe foi acender as fogueiras para a noite, usando a menor quantidade de lenha possível. Precaução inútil, felizmente, pois cada um dormiu profundamente quando chegou sua vez.

No dia seguinte, o tempo continuava o mesmo, obstinadamente limpo. O balão permanecia imóvel, sem que nenhuma oscilação denunciasse o menor sopro de vento.

O doutor voltou a se inquietar: se a viagem se prolongasse dessa forma, os víveres não seriam suficientes. Depois de quase sucumbir à falta de água, ficariam reduzidos a morrer de fome?

Mas recuperou a confiança ao ver a coluna de mercúrio baixar sensivelmente no barômetro, sinal evidente de uma próxima mudança na atmosfera. Resolveu então fazer seus preparativos de partida a fim de aproveitar a primeira oportunidade. Tanto a caixa de alimentos quanto a de água foram enchidas completamente.

Fergusson precisou em seguida restabelecer o equilíbrio do aeróstato, e Joe teve de sacrificar boa parte de seu precioso minério. Com a saúde, voltara a cobiça; fez mais de uma careta antes de obedecer ao patrão. Este, porém, mostrou-lhe que não poderia levar um peso tão considerável, e lhe deu a escolha entre a água e o ouro: Joe não hesitou mais, e atirou na areia grande quantidade de seus valiosos calhaus.

– Isto é para os que vierem depois de nós – disse ele. – Ficarão

espantados ao descobrir uma fortuna em um lugar assim.

– E se algum cientista viajante encontrar essas pedras? – perguntou Kennedy.

– Não duvide, meu caro Dick, de que será grande a surpresa dele e que a publicará em numerosos artigos! Um belo dia, ouviremos falar de uma maravilhosa jazida de quartzo aurífero bem no meio das areias da África Central.

– E o responsável por isso será Joe.

A ideia de que talvez pudesse influenciar algum sábio consolou o bravo rapaz e o fez sorrir.

Pelo resto do dia, o doutor aguardou em vão a mudança atmosférica. A temperatura subiu e, sem as sombras do oásis, teria sido insuportável. O termômetro marcou, ao sol, 69 graus centígrados. Uma verdadeira chuva de fogo atravessava o ar. Foi a temperatura mais alta que já haviam observado.

Joe montou, como na véspera, o acampamento da noite e, durante os quartos de vigia do doutor e de Kennedy, nenhum incidente novo se produziu.

Mas, perto das três horas da manhã, enquanto Joe velava, a temperatura baixou subitamente, o céu se cobriu de nuvens e a escuridão aumentou.

– Alerta! – gritou ele, acordando os dois companheiros. – Alerta! É o vento!

– Enfim! – desabafou o doutor, examinando o céu. – Uma tempestade! Ao *Vitória*! Ao *Vitória*!

Já era tempo. O balão se curvava ao sopro do furacão e arrastava o cesto pela areia. Se, por infelicidade, mais lastro tivesse sido retirado, ele partiria e toda esperança de reencontrá-lo iria se perder para sempre.

Mas o rápido Joe correu a toda velocidade e segurou o cesto, enquanto o aeróstato se inclinava para o chão com risco de despedaçar-se. O doutor ocupou seu posto habitual, acendeu o maçarico e livrou-se do excesso de peso.

Os viajantes contemplaram pela última vez as árvores do oásis, que se dobravam ao ímpeto da tempestade; e logo, impelidos pelo vento leste a 60 metros do solo, desapareceram na noite.

Capítulo 29

Indícios de vegetação – Ideia fantasiosa de um autor francês – País magnífico – Reino de Adamova – As explorações de Speke e Burton associadas às de Barth – Os montes Atlantika – O rio Benué – A cidade de Yola – O Bagelé – O monte Mendif

Desde o momento da partida, os viajantes avançaram a grande velocidade. Queriam deixar logo para trás aquele deserto que quase lhes custara a vida.

Por volta de nove e quinze da manhã, alguns indícios de vegetação foram observados; ervas flutuando sobre o mar de areia e anunciando-lhes, como a Cristóvão Colombo, a proximidade da terra. Rebentos verdes apontavam timidamente entre os seixos, que iriam logo, eles próprios, tornar-se os escolhos daquele oceano.

Colinas ainda pouco elevadas ondulavam no horizonte, com seu perfil delineado vagamente em consequência da bruma. A monotonia cessava. O doutor saudou com alegria aquele território novo e, como um marinheiro de vigia, esteve a ponto de gritar:

– Terra à vista! Terra à vista!

Uma hora depois, o continente se desdobrou a seus olhos, ainda selvagem, mas menos plano, menos nu, com algumas árvores recortadas contra o céu cinzento.

– Estaremos acaso em um país civilizado? – perguntou o caçador.

– Civilizado, senhor Dick, talvez seja uma maneira de falar. Ainda não vimos habitantes.

– Isso não vai demorar – disse Fergusson – na velocidade em que estamos.

– Aqui ainda é o país dos selvagens, senhor Samuel?

– Ainda, Joel, por enquanto não chegamos ao dos árabes.

– Dos árabes, senhor, dos verdadeiros árabes com seus camelos?

– Não, sem camelos. Esses animais são raros, quando não desconhecidos por aqui. Será preciso subir alguns graus para o norte a fim de encontrá-los.

– Isso é mau.

– Por que, Joe?

– Porque, se o vento soprasse ao contrário, eles poderiam nos servir.

– Como?

– Uma ideia que me ocorreu, senhor: nós os atrelaríamos ao cesto e seríamos rebocados por eles. Que me diz?

– Meu pobre Joe, alguém já teve essa ideia antes de você. Um autor francês muito espiritualizado, o senhor Méry... em um romance, é verdade. Viajantes são arrastados no balão por camelos; um leão vem e devora os camelos, coloque-se no lugar deles e passe a rebocar o balão; e por aí vai. Já vê que tudo isso é fantasia desenfreada e pouco tem em comum com nosso gênero de locomoção.

Joe, um tanto humilhado por sua ideia já ter sido adotada, procurou um animal capaz de devorar o leão; mas não o achou e pôs-se a examinar o território.

Um lago de extensão média se estendia diante de seus olhos, rodeado por colinas que ainda não tinham o direito de chamar-se montanhas. Ali, serpenteavam vales numerosos e fecundos, com densas selvas formadas por árvores de espécies variadas. A palmeira dominava aquela massa, projetando do caule eriçado de espinhos agudos suas folhas de 4 metros de comprimento; o bômbax soltava ao vento a fina penugem de suas sementes; os perfumes intensos do pândano, o *kenda* dos árabes, embalsamavam os ares até a zona que o *Vitória* atravessava; o mamoeiro de folhas largas, a estercúlia que produz as nozes do Sudão, o baobá e as bananeiras completavam essa flora exuberante das regiões intertropicais.

– Este país é soberbo – admirou-se o doutor.

– Já vejo os animais – disse Joe. – Os homens não devem estar longe.

– Que elefantes magníficos! – Kennedy falou num tom de voz bastante alto. – Não haverá um modo de caçarmos um pouco?

– Mas como pararíamos, meu caro Dick, com uma corrente tão violenta? Não, sofra por algum tempo o suplício de Tântalo. Será recompensado mais tarde.

Havia, com efeito, muito para excitar a imaginação de um caçador. O coração de Dick saltava em seu peito e seus dedos se crispavam em torno da Purdey.

A fauna do país valia bem a flora. O boi selvagem chafurdava no mato espesso, onde desaparecia inteiro; elefantes cinzentos, pretos ou amarelos, de talhe enorme, irrompiam como uma tormenta pelo meio dos bosques, quebrando, destroçando, destruindo, devastando tudo à sua passagem. Das encostas verdejantes das colinas, cascatas e regatos fluíam para o norte; ali, os hipopótamos se banhavam com grande alarido e as morsas de 4 metros de comprimento e corpo pisciforme erravam pelas margens, erguendo ao céu suas mamas redondas, túrgidas de leite.

Era todo um zoológico raro naquela estufa maravilhosa, onde pássaros incontáveis e de mil cores exibiam seus reflexos luminosos em meio às plantas arborescentes.

Por essa prodigalidade da natureza, o doutor reconheceu o magnífico reino de Adamova.

– Seguimos as pegadas das descobertas modernas – disse ele. – Retomei a pista interrompida dos viajantes. É uma ditosa fatalidade, meus amigos. Vamos associar os trabalhos dos capitães Burton e Speke às explorações do doutor Barth: deixamos os ingleses e encontramos um hamburguês. Logo alcançaremos o ponto extremo ao qual chegou esse cientista audacioso.

– A meu ver – replicou Kennedy –, entre essas duas explorações existe uma vasta extensão de terras, a julgar pelo caminho que percorremos.

– Será fácil calcular. Pegue o mapa e determine a longitude da extremidade meridional do lago Ukereué alcançada por Speke.

– Ela está mais ou menos a 37 graus.

– E a cidade de Yola, cuja localização reconheceremos esta noite e aonde Barth conseguiu chegar, a quantos graus se encontra?

– A cerca de 12 graus de longitude.

– Temos então 25 graus. Calculando-se 90 quilômetros para cada um, são cerca de 2.250 quilômetros.

– Um belo passeio – disse Joe – para quem fosse a pé...

– No entanto, isso será feito. Livingstone e Moffat avançam mais e mais para o interior. O Niassa, que eles descobriram, não é muito longe do lago Tanganica, reconhecido por Burton. Antes do final do século, esses territórios imensos serão certamente explorados. Mas – acrescentou, consultando a bússola –, infelizmente, o vento nos leva muito para oeste; eu preferiria ir para o norte.

Após doze horas de navegação, o *Vitória* sobrevoou os confins da Nigrícia, onde seus primeiros habitantes, os árabes chouas, apascentavam rebanhos nômades. Os picos majestosos dos montes Atlantika se erguem no horizonte, montanhas que nenhum europeu jamais pisou e cuja altitude é estimada em 2.500 metros. A vertente ocidental determina o curso de todas as águas dessa parte da África até o oceano; são as Montanhas da lua dessa região.

Enfim, um verdadeiro rio surgiu aos olhos dos viajantes e, pelos imensos formigueiros que o bordejavam, o doutor reconheceu o Benué, um dos grandes afluentes do Níger, chamado pelos nativos de a “Fonte das Águas”.

– Este rio – explicou o doutor a seus companheiros – irá se tornar no futuro a via natural de comunicação com o interior da Nigrícia. Sob o comando de um de nossos bravos capitães, o vapor *La Pléiade* já o subiu até a cidade de Yola. Portanto, estamos em um país conhecido.

Numerosos escravos ocupavam-se dos campos, cultivando o sorgo, uma espécie de milho que constitui a base de sua alimentação. As mais tolas demonstrações de espanto se sucediam à passagem do *Vitória*, que voava como um meteoro. À noite, deteve-se a 60 quilômetros de Yola, tendo à frente, mas bem longe, os dois cones afilados do monte Mendif.

O doutor mandou baixar as âncoras, que foram presas em uma árvore alta. Contudo, um vento muito forte balançava o *Vitória*, a ponto de curvá-lo horizontalmente, tornando, às vezes, bastante perigosa a posição do cesto. Fergusson não pregou o olho durante a noite e repetidamente esteve prestes a cortar a corda para fugir da tempestade. Esta por fim se acalmou, e as oscilações do aeróstato não

o inquietaram mais.

No dia seguinte, o vento soprava com menos força, mas afastava os viajantes da cidade de Yola, que, recém-reconstruída pelos fulas, excitava a curiosidade de Fergusson. Não obstante, era preciso resignar-se a ir para o norte e mesmo um pouco para leste.

Kennedy propôs uma parada naquele território de caça, e Joe alegou que já faltava carne fresca. Mas os costumes selvagens do país, a atitude da população e alguns tiros de fuzil na direção do *Vitória* convenceram o doutor a prosseguir viagem. Cruzavam agora uma terra que era palco de massacres e incêndios, onde as lutas guerreiras são incessantes, e os sultões governam seu reino em meio às mais atrozes carnificinas.

Aldeias numerosas, populosas, de choças compridas, estendiam-se entre as vastas pastagens cuja erva espessa era semeada de violetas. As choças, verdadeiras cabanas espaçosas, abrigavam-se atrás de paliçadas feitas de troncos pontiagudos. Kennedy observou várias vezes que as encostas selvagens das colinas lembravam os *glen* das terras altas da Escócia.

A despeito dos esforços do doutor, o balão avançava diretamente para nordeste, rumo ao monte Mendif, que desaparecia no meio das nuvens. Os picos elevados dessas montanhas separam a bacia do Níger do lago Chade.

Logo surgiu o Begelé. Dezoito aldeias se agarravam a seus flancos como crianças ao seio da mãe, magnífico espetáculo para os olhares que dominavam e agarravam àquele conjunto. As ravinas estavam cobertas de plantações de arroz e amendoim.

Às três horas, o *Vitória* se viu diante do monte Mendif. Não tinha sido possível evitá-lo: era preciso ultrapassá-lo. O doutor, com uma temperatura de 100 graus centígrados, deu ao gás do balão uma nova força ascensional de cerca de 300 quilos e colocou-o a uma altitude de 2.500 metros. Foi a maior obtida durante toda a viagem, e começou a fazer tanto frio que o doutor Fergusson e seus companheiros tiverem de recorrer aos cobertores.

Fergusson tinha pressa em descer, pois o invólucro do aeróstato ameaçava romper-se. Mas ainda assim teve tempo de constatar a origem vulcânica da montanha, cujas crateras extintas hoje não são mais que abismos profundos. Aglomerados de excrementos de pássaros davam aos flancos do Mendif a aparência de rochas calcárias, em

tamanha quantidade que bastariam para adubar todo o Reino Unido.

Às cinco horas, o *Vitória*, abrigado dos ventos sul, passava suavemente pelas vertentes da montanha e se detinha em uma vasta clareira, longe de qualquer habitação. Desde que tocou o solo, foram tomadas precauções para prendê-lo firmemente; e Kennedy, de fuzil em punho, lançou-se pela planura inclinada. Não tardou a voltar com meia dúzia de patos e uma espécie de narceja que Joe preparou da melhor maneira possível. A refeição foi agradável, e a noite de profundo descanso.

Capítulo 30

Mosfeia – O xeque – Denham, Clapperton, Oudney – Vogel – A capital do Logum – Toole – Calma sobre Kernak – O governador e sua corte – O ataque – Os pombos incendiários

No dia seguinte, 11 de maio, o *Vitória* retomou seu curso aventureiro; os viajantes confiavam nele como os marinheiros confiam em seu navio.

Furacões terríveis, calores tropicais, subidas perigosas, descidas mais perigosas ainda, mas ele sempre e por toda parte se saíra bem. Pode-se dizer que Fergusson o dirigia com um simples gesto; assim, sem conhecer o ponto de chegada, o doutor não tinha receios quanto ao êxito da viagem. Apenas, nesse país de bárbaros e fanáticos, a prudência o obrigava a tomar as mais severas precauções, de modo que recomendou aos companheiros ficarem atentos a tudo e o tempo todo.

O vento os levou um pouco mais para o norte e, perto das nove horas, entreviram a grande cidade de Mosfeia, construída sobre uma eminência encaixada, ela própria, entre duas altas montanhas. Sua posição era inexpugnável; e um caminho estreito, entre pântanos e bosques, era o único acesso.

Nesse momento, um xeque, acompanhado por uma escolta a

cavalo, trajando roupas de cores vivas, precedido de tocadores de trombeta e batedores que lhe abriam caminho, entrava na cidade.

O doutor desceu para examinar esses nativos de mais perto; mas, à medida que o balão crescia aos olhos deles, deram sinais de um profundo terror e não tardaram a se valer de toda a velocidade de suas pernas e das patas de seus cavalos.

Só o xeque não se moveu. Pegou seu longo mosquete, engatilhou-o e esperou corajosamente. O doutor se aproximou a 50 metros e, com seu mais belo tom de voz, saudou-o em árabe.

Ao ouvir essas palavras caídas do céu, o xeque desmontou e se ajoelhou na poeira do caminho. O doutor não conseguia arrancá-lo de sua adoração.

– É impossível – disse ele – que essa gente não nos tome por seres sobrenaturais, pois, quando da chegada dos primeiros europeus aqui, acharam que eram uma raça sobre-humana. Assim, ao relatar este encontro, o xeque não deixará de exagerar o acontecimento com todos os recursos da imaginação árabe. Tentem então prever o que a lenda fará de nós no futuro.

– Isso talvez não seja bom – ponderou o caçador. – Do ponto de vista da civilização, se passássemos por simples mortais, daríamos a estes selvagens uma ideia diferente do poderio europeu.

– De acordo, meu caro Dick. Mas que podemos fazer? Você explicaria detalhadamente aos sábios do país o mecanismo de um aeróstato, eles não entenderiam nada e continuariam vendo aí uma intervenção sobrenatural.

– Patrão – interveio Joe –, o senhor falou dos primeiros europeus que exploraram este país. Pode nos dizer quem foram?

– Meu rapaz, estamos justamente na rota do major Denham, recebido na própria Mosfeia pelo sultão do Mandara. Havia saído do Bornu, acompanhando o xeque em uma expedição contra os fulas. Presenciou o ataque à cidade, que resistiu bravamente com suas flechas às balas árabes e pôs em fuga as tropas do xeque. Isso tudo não era mais que pretexto para morticínios, pilhagens, devastações. O major, despojado de seus pertences e suas roupas, esgueirou-se para debaixo de um cavalo, sem o qual não teria escapado aos vencedores em um galope desenfreado e jamais voltaria para Kuka, a capital do Bornu.

– Mas quem era esse major Denham?

– Um valente inglês que, de 1822 a 1824, comandou uma expedição ao Bornu em companhia do capitão Clapperton e do doutor Oudney. Partiram de Trípoli no mês de março, passaram por Murzuk, capital do Fezã, e, tomando o caminho que mais tarde o doutor Barth seguiria para voltar à Europa, chegaram em 16 de fevereiro de 1823 a Kuka, perto do lago Chade. Denham empreendeu diversas explorações no Bornu, no Mandara e nas margens orientais do lago. Enquanto isso, em 15 de dezembro de 1823, o capitão Clapperton e o doutor Oudney, após atravessar o Sudão, chegaram a Sackatu e Oudney morreu de fadiga e esgotamento na cidade de Murmur.

– Então – perguntou Kennedy –, esta parte da África pagou um pesado tributo de vítimas à ciência?

– Sim, é um lugar fatal! Estamos indo diretamente para o reino de Barghimi, que Vogel atravessou em 1856 para penetrar no Wadai, onde desapareceu. Esse jovem de vinte e três anos tinha sido enviado para ajudar o doutor Barth. Encontraram-se no dia 1.º de dezembro de 1854 e, em seguida, Vogel iniciou as explorações do país. Em 1856, anunciou em suas últimas cartas a intenção de reconhecer o reino do Wadai, onde nenhum europeu jamais havia penetrado. Parece que chegou até Wara, a capital, e ali foi aprisionado, segundo uns, ou morto, segundo outros, por ter tentado escalar uma montanha sagrada das redondezas. Mas não convém admitir precipitadamente a morte de viajantes, pois isso nos dispensa de irmos à sua procura. Quantas vezes a morte do doutor Barth não foi oficialmente comunicada, o que sempre o deixava furioso? É então bem possível que Vogel esteja como prisioneiro do sultão do Wadai, o qual talvez espere receber um resgate por ele. O barão de Neimans partiria para o Wadai quando morreu no Cairo, em 1855. Sabemos hoje que De Heuglin, na expedição enviada de Leipzig, seguiu as pegadas de Vogel. Pode ser então que logo saibamos o que aconteceu com esse jovem e interessante explorador[26].

Mosfeia já desaparecera no horizonte havia muito tempo. O Mandara desdobrava aos olhos dos viajantes sua assombrosa fertilidade, com florestas de acácias, canteiros de flores vermelhas e plantas herbáceas dos campos de algodão e índigo. O Shari, que vai se lançar no Chade a 120 quilômetros dali, rolava suas águas impetuosas.

O doutor mostrou a seus companheiros o curso do rio nos mapas de Barth.

– Como podem ver – disse ele –, os trabalhos desse cientista são extremamente precisos. Estamos indo em linha reta para o distrito de Loggum e talvez mesmo para Kernak, sua capital. Foi lá que morreu o pobre Toole, com apenas vinte e dois anos. Era um jovem inglês, alferes do 80º Regimento, que havia se juntado ao major Denham na África poucas semanas antes e logo encontrou a morte. Ah, bem podemos chamar este imenso país de cemitério de europeus!

Algumas canoas de 15 metros de comprimento desciam o curso do Shari. O *Vitória*, a 300 metros do solo, quase não chamava a atenção dos nativos; mas o vento, que até então havia soprado com certa força, tendia a diminuir.

– Será que vamos ser de novo apanhados pela calmaria? – inquietou-se o doutor.

– E daí, patrão! Agora não precisamos temer a falta nem de água nem de comida!

– É verdade. Mas precisamos temer populações ainda mais ameaçadoras.

– Vejam – disse Joe. – Algo que se parece com uma cidade.

– É Kernak. Os últimos sopros do vento nos levam para lá e, se quisermos, poderemos traçar uma planta exata do local.

– Vamos nos aproximar? – perguntou Kennedy.

– Nada mais fácil, Dick. Estamos bem em cima da cidade. Diminuirei um pouco a chama do maçarico e logo desceremos.

Meia hora depois, o *Vitória* se mantinha imóvel a 60 metros do chão.

– Estamos mais perto de Kernak – disse o doutor – do que um homem encarapitado na cúpula da catedral de São Paulo estaria de Londres. Daqui, podemos observar tudo à vontade.

– Que barulho é este que vem de todos os lados e parece o som de martelos?

Joe olhou atentamente e descobriu que o ruído era provocado por numerosos tecelões que golpeavam ao ar livre seus panos estendidos sobre grandes troncos de árvores.

A capital do Loggum se deixava agora abarcar totalmente, como em um mapa. Era uma verdadeira cidade, com casas alinhadas e ruas bastante largas. No meio de uma ampla praça, via-se um mercado de escravos com grande afluência de compradores, pois os mandarenses, de pés e mãos bem pequenos, são muito apreciados e dão lucro.

À vista do *Vitória*, a reação de sempre se produziu: primeiro, gritos; depois, uma estupefação profunda. Os negócios foram abandonados; os trabalhos, suspensos; o alarido cessou. Os viajantes, em uma imobilidade perfeita, não perdiam um só detalhe daquela populosa cidade e chegaram a descer a 20 metros do solo.

Então, o governador de Loggum saiu de sua casa empunhando uma bandeira verde e acompanhado de seus músicos, que sopravam quase a ponto de romper tudo, exceto seus pulmões, em chifres de búfalo de timbre rouco. A multidão se apinhou em torno dele. O doutor Fergusson quis se fazer ouvir; não conseguiu.

Aquela população de testa alta, cabelos encaracolados e nariz quase aquilino parecia orgulhosa e inteligente. Mas a presença do *Vitória* a perturbava de maneira singular. Viam-se cavaleiros disparando para todos os lados e logo ficou claro que as tropas do governador se reuniam para combater um inimigo tão extraordinário. Joe agitou lenços de todas as cores, sem nenhum resultado.

Então, o xeque, no meio de sua corte, exigiu silêncio e pronunciou um discurso em árabe misturado com baguirmi, do qual o doutor não entendeu nada. Só reconheceu, pela língua universal dos gestos, um convite para ir embora. Ele não queria outra coisa, mas, na falta de vento, isso era impossível. Sua imobilidade exasperou o governador, e seus cortesãos começaram a gritar para que o monstro fugisse.

Curiosos personagens, aqueles cortesãos, com cinco ou seis camisas multicoloridas. Tinham ventres enormes, alguns até parecendo postiços. O doutor espantou seus companheiros ao explicar que aquela era a maneira de bajular o sultão. A proeminência do abdome indicava a ambição da pessoa. Gritavam e gesticulavam, principalmente um deles, que devia ser o primeiro-ministro caso seu tamanho houvesse encontrado a devida recompensa aqui na Terra. A multidão juntava seu alarido aos gritos da corte, repetindo os gestos dos cortesãos o que produzia um movimento único e instantâneo de dez mil braços.

A esses meios de intimidação, que foram julgados bastante insuficientes, juntaram-se outros mais temíveis. soldados munidos de arcos e flechas se dispuseram em ordem de batalha; mas o *Vitória*, inflado, já se punha tranquilamente fora de seu alcance. O governador empunhou então um mosquete e o apontou para o balão. Mas Kennedy acompanhava seus movimentos e, com um tiro de carabina,

partiu a arma na mão do xeque.

A esse golpe inesperado, sucedeu uma debandada geral. Cada qual entrou às pressas em sua casa e, pelo resto do dia, a cidade ficou totalmente deserta.

Veio a noite. O vento parou de soprar e foi necessário permanecer imóvel a 90 metros do solo. Não se via uma chama brilhando na escuridão. Reinava um silêncio de morte. O doutor redobrou de cautela, pois aquela calma poderia esconder uma armadilha.

Fergusson tinha razão em velar. Por volta da meia-noite, a cidade inteira parecia estar em chamas; centenas de raios de fogo se entrecruzavam como foguetes, formando um intricado de linhas incandescentes.

– Que coisa estranha! – murmurou o doutor.

– Deus me perdoe – replicou Kennedy –, mas eu diria que o incêndio aumenta e se aproxima de nós!

Realmente, por entre gritos espantosos e descargas de mosquetes, aquela massa de fogo subia na direção do *Vitória*. Joe se preparou para atirar fora um pouco de lastro. E Fergusson não tardou a encontrar a explicação do fenômeno.

Milhares de pombos, com matéria combustível amarrada à cauda, tinham sido lançados contra o *Vitória*; espavoridos, eles subiam traçando na atmosfera seus ziguezagues de fogo. Kennedy começou a disparar com todas as suas armas contra os agressores; mas o que poderia fazer diante de um exército tão numeroso? Os pombos já rodeavam o cesto e o balão, cujas paredes, refletindo aquela luz, pareciam envoltas em uma rede de fogo.

O doutor não hesitou nem um instante e, atirando fora um pedaço de quartzo, colocou-se fora do alcance das perigosas aves. Durante duas horas, elas continuaram esvoaçando aqui e ali na noite; depois, aos poucos, seu número foi diminuindo e, por fim, desapareceram.

– Agora, podemos dormir tranquilos – disse o doutor.

– Um plano engenhoso, em se tratando de selvagens – observou Joe.

– Sim, eles costumam recorrer a esse expediente para incendiar as choças das aldeias. Hoje, porém, a aldeia voou mais alto que seus pombos incendiários!

– Pelo visto, um balão não tem inimigos a temer – disse Kennedy.

– Tem, sim – contestou o doutor.

– Quais?

– Os imprudentes que ele carrega no cesto. Portanto, amigos, atenção a tudo, vigilância sempre!

Após a partida do doutor, cartas enviadas de El'Obeid por Munzinger, o novo chefe da expedição, infelizmente não deixam dúvidas sobre a morte de Vogel. (N. O.)

Capítulo 31

Partida durante a noite – Os três – Os instintos de Kennedy – Precauções – O curso do Shari – O lago Chade – A água do lago – O hipopótamo – Uma bala perdida

Por volta das três horas da manhã, Joe, que estava de vigia, viu enfim a cidade se deslocar sob seus pés. O *Vitória* retomava a marcha. Kennedy e o doutor despertaram.

Fergusson consultou a bússola e constatou, satisfeito, que o vento os impelia para nor-nordeste.

– Estamos com sorte – disse ele. – Tudo vai bem. Veremos o lago Chade hoje mesmo.

– É uma grande extensão de água? – perguntou Kennedy.

– Considerável, meu caro Dick. Em sua largura e comprimento máximos, esse lago pode medir quase 200 quilômetros.

– Passear sobre um tapete líquido vai dar um pouco de variedade à nossa viagem.

– Mas não creio que devamos nos queixar. A viagem tem sido muito variada e, sobretudo, ocorre nas melhores condições possíveis.

– Sem dúvida, Samuel. Com exceção das privações do deserto, não enfrentamos nenhum perigo sério.

– Nosso bravo *Vitória* se comportou bem o tempo todo, temos de reconhecer. Hoje é 12 de maio; partimos em 18 de abril; são, portanto,

vinte e cinco dias de marcha. Mais uns dez dias e chegaremos.

– Onde?

– Não sei. Mas isso importa?

– Tem razão, Samuel. Confiemos à Providência a tarefa de nos dirigir e nos manter em boa saúde, como agora! Nem parece que atravessamos as terras mais pestilentas do mundo!

– Podíamos subir e foi o que fizemos.

– Um "viva" às viagens aéreas! – gritou Joe. – Cá estamos, depois de vinte e cinco dias, saudáveis, bem nutridos e descansados. Talvez descansados até demais, pois minhas pernas começam a ficar dormentes e eu não me recusaria a esticá-las em uma caminhada de uns 50 quilômetros.

– Você terá esse prazer nas ruas de Londres, Joe. Mas, para concluir, fomos três ao partir, como Denham, Clapperton e Overweg, ou como Barth, Richardson e Vogel. Contudo, mais felizes que eles, estamos ainda aqui os três! O importante, porém, é que não nos separemos. Se um de nós estivesse em terra e o *Vitória* precisasse subir para evitar um perigo repentino, imprevisto, quem sabe se o voltaríamos a ver? Por isso, eu já disse francamente a Kennedy: não gosto que ele se afaste para caçar.

– No entanto, você me permitirá, amigo, que eu continue com essa fantasia. Não há nenhum mal em renovar nossas provisões. De resto, antes da partida, você me fez entrever uma série de caçadas soberbas e, até agora, consegui muito pouco em comparação com os Anderson e os Cumming.

– Ora, meu caro Dick, ou você está com a memória fraca, ou a modéstia o leva a esquecer suas proezas. Parece-me que, sem contar a caça miúda, você já tem na consciência um antílope, um elefante e dois leões.

– Mas o que é isso para um caçador africano que vê todos os animais da criação desfilando diante de sua mira? Olhe! Olhe! Girafas!

– Sim, girafas! – repetiu Joe. – E grandes como um punho.

– É porque estamos 300 metros acima delas. Mas, de perto, você verá que têm três vezes a sua altura.

– E que me diz daquele bando de gazelas? – continuou Kennedy. – E daquelas avestruzes que fogem com a rapidez do vento?

– Ora, avestruzes! – rebateu Joe. – São galinhas e das mais legítimas!

– Não poderíamos nos aproximar um pouco, Samuel?

– Poderíamos nos aproximar, Dick, mas não descer em terra. Aliás, para que machucar animais inutilmente? Se fosse o caso de liquidar um leão, um tigre, uma hiena, eu compreenderia. Seria um bicho muito perigoso ao menos. Mas um antílope, uma gazela, sem outro proveito que a vã satisfação de seus instintos de caçador, isso realmente não vale a pena. Mas vamos nos manter a 30 metros do solo, meu amigo, e, se você distinguir algum animal feroz, nos dará o prazer de meter uma bala bem em seu coração.

O *Vitória* desceu pouco a pouco, mas se manteve a uma altitude segura. Naquele país selvagem e quase despovoado, era preciso desconfiar de perigos imprevistos.

Agora, os viajantes seguiam diretamente o curso do Shari. As margens encantadoras desse rio desapareciam sob as sombras das árvores de matizes variados. Cipós e trepadeiras serpenteavam por toda parte, produzindo curiosas combinações de cores. Os crocodilos se espojavam ao sol ou mergulhavam nas águas com a vivacidade de lagartos e, brincando, acercavam-se das numerosas ilhas verdes que pontilhavam a corrente do rio.

Foi assim, em meio a uma natureza rica e verdejante, que passaram pelo distrito de Maffatay. Por volta das nove horas da manhã, o doutor Fergusson e seus amigos alcançaram enfim a margem meridional do lago Chade.

Lá estava, pois, o Cáspio da África, cuja existência foi por muito tempo relegada à esfera das fábulas, esse mar interior ao qual haviam chegado apenas as expedições de Denham e Barth.

O doutor tentou traçar sua configuração atual, já bem diferente da divulgada em 1847. Com efeito, é impossível desenhar o mapa desse lago, rodeado de pântanos movediços e quase intransponíveis, nos quais Barth receou perecer. De um ano para outro, esses pântanos, cobertos de juncos e papiros de 5 metros de altura, transformam-se eles próprios em lago. E, com frequência, as cidades situadas em suas margens ficam meio submersas, como aconteceu a Ngornu em 1856, de sorte que, hoje, os hipopótamos e os crocodilos mergulham onde antes se erguiam as habitações do Bornu.

O sol lançava seus raios deslumbrantes sobre aquela água tranquila e, no norte, os dois elementos se confundiam em um mesmo horizonte.

O doutor quis constatar a natureza da água, que muitos acreditavam ser salgada. Não havia perigo algum em se aproximar da superfície do lago, que o cesto quase roçou como um pássaro, a menos de 2 metros de distância.

Joe mergulhou uma garrafa e trouxe-a cheia pela metade. Provaram--na e não a acharam potável, pois tinha um certo gosto de natrão.

Enquanto o doutor registrava o resultado de sua experiência, um tiro de fuzil ecoou às suas costas. Kennedy não resistira ao desejo de alvejar um monstruoso hipopótamo. Este, respirando tranquilamente, desapareceu ao ouvir o disparo e a bala cônica do caçador não pareceu perturbá-lo nem um pouco.

– Teria sido melhor arpoá-lo – disse Joe.

– Mas como?

– Com uma de nossas âncoras. Seria um anzol conveniente para um animal desses.

– Hum... – murmurou Kennedy. – Não é que Joe teve uma boa ideia?

– Que lhes peço para não pôr em execução – advertiu o doutor. – O animal nos arrastaria velozmente para um lugar onde nada poderíamos fazer.

– Sobretudo agora que conhecemos a qualidade da água do Chade. Esse peixe é comestível, senhor Fergusson?

– Esse peixe, Joe, é pura e simplesmente um mamífero do gênero dos paquidermes. A carne é excelente, segundo dizem, e muito comercializada entre as tribos ribeirinhas do lago.

– Então, lamento que o tiro do senhor Kennedy tenha falhado.

– Esse animal só é vulnerável no ventre e entre as coxas. A bala de Dick nem o arranhou. Mas, se o terreno for propício, pararemos na extremidade setentrional do lago, onde Kennedy terá todo um zoológico para brincar à vontade.

– Tomara – disse Joe – que o senhor Kennedy se dedique um pouco à caça ao hipopótamo. Eu gostaria de degustar a carne desse anfíbio. Não é nada natural embrenhar até a África Central para viver aí de patos e perdizes, como na Inglaterra!

Capítulo 32

A capital do Bornu – As ilhas dos bidiomás – Os gipaetos – As inquietações do doutor – Suas precauções – Um ataque em pleno ar – O invólucro rasgado – A queda – Sacrifício sublime – A costa setentrional do lago

Após sua chegada ao lago Chade, o *Vitória* encontrou uma corrente que o impelia mais a oeste. Algumas nuvens refrescavam agora o calor do dia e até se sentia um pouco de ar sobre aquela vasta extensão de água. Mas, à uma hora, o balão, depois de cruzar em diagonal essa parte do lago, avançou de novo para terra firme em um espaço de 11 ou 12 quilômetros.

O doutor, inicialmente aborrecido com essa direção, não pensou mais em queixar-se quando avistou a cidade de Kuka, a famosa capital do Bornu. Entreviu-a por um instante, cercada de muralhas de argila branca. Algumas mesquitas muito grosseiras se erguiam pesadamente acima das casas árabes, que mais parecem um tabuleiro de xadrez. Nos pátios e nas praças públicas, cresciam palmeiras e seringueiras, coroadas por uma abóbada de folhagem com mais de 30 metros de largura. Joe observou que esses imensos guarda-sóis estavam em consonância com a intensidade dos raios solares e tirou daí conclusões muito lisonjeiras para a Providência.

Kuka se compõe, na verdade, de duas cidades distintas, separadas pelo *dendal*, uma grande avenida de 600 metros, agora apinhada de

pedestres e cavaleiros. De um lado, está a cidade rica, com casas altas e arejadas; do outro, a cidade pobre, triste aglomerado de choças baixas e cônicas onde vegeta uma população indigente, pois Kuka não é nem comercial nem industrial.

Kennedy achou-a de certa forma parecida com uma Edimburgo que se estendesse por uma planície, com suas duas cidades perfeitamente delimitadas.

Mas os viajantes mal puderam lançar um olhar a Kuka, pois, com a mobilidade que caracteriza as correntes dessa região, um vento contrário apanhou-os bruscamente e impeliu-os por uns 60 quilômetros sobre o Chade.

A cena, agora, era diferente. Podiam contar as numerosas ilhas do lago, habitadas pelos bidiomás, piratas sanguinários cuja vizinhança é tão temida quanto a dos tuaregues do Saara. Esses selvagens se preparavam para receber corajosamente o *Vitória* com disparos de flechas e pedras, mas ele logo ultrapassou as ilhas, sobre as quais pairava como um escaravelho gigantesco.

Nesse momento, Joe fitou o horizonte e disse a Kennedy:

– Bem, senhor Dick, o senhor que vive pensando em caça, lá está a sua grande oportunidade.

– Como assim, Joe?

– E desta vez meu patrão não se oporá a seus tiros de fuzil.

– Mas o que há?

– Está vendo, lá longe, aquele bando de pássaros enormes que vêm em nossa direção?

– Pássaros! – exclamou o doutor, apontando a luneta.

– Agora estou vendo – replicou Kennedy. – São pelo menos uns doze pássaros.

– Catorze, se olhar bem – corrigiu Joe.

– Queira o céu que sejam de uma espécie bastante daninha, pois assim Samuel não terá nada a me objetar!

– Não direi coisa alguma – respondeu Fergusson. – Mas gostaria muito de ver essas aves bem longe de nós!

– Está com medo de passarinhos? – desdenhou Joe.

– São gipaetos, Joe, e dos maiores. Se nos atacarem...

– Se nos atacarem, nós nos defenderemos, Samuel! Temos todo um arsenal para recebê-los! Não acho que esses bichos sejam tão temíveis assim.

– Quem sabe? – disse o doutor.

Dez minutos depois, o bando estava ao alcance de tiro. Os catorze pássaros faziam o ar vibrar com seus gritos roucos e irrompiam contra o *Vitória,* mais irritados que amedrontados por sua presença.

– Como gritam! – exclamou Joe. – Quanto escândalo! Talvez não achem bom que entremos em seus domínios e voemos como eles!

– Na verdade – reconheceu o caçador –, parecem terríveis e eu não os acharia mais ameaçadores se estivessem armados com carabinas Purdey Moore!

– Não precisam delas – disse Fergusson, que ficara muito sério.

Os gipaetos revoavam, traçando círculos imensos e estreitando cada vez mais suas órbitas em torno do *Vitória*. Cortavam o céu com uma velocidade impressionante, precipitando-se às vezes tão rápidos quanto projéteis e quebrando sua linha de visão em um ângulo brusco e ousado.

O doutor, inquieto, resolveu ir mais para cima a fim de escapar dessa perigosa vizinhança. Dilatou o hidrogênio do balão, que logo subiu.

Mas os gipaetos subiram com ele, pouco dispostos a abandoná-lo.

– Parecem estar com raiva de nós – observou o caçador, engatilhando sua carabina.

Com efeito, as aves se aproximavam e mais de uma, a apenas 15 metros de distância, desafiavam as armas de Kennedy.

– Estou com uma vontade louca de atirar nelas – disse o caçador.

– Não, Dick, nada disso! Não as irritemos sem motivo. Seria um incentivo para que elas nos atacasse.

– Mas eu as acertaria facilmente!

– Engano seu, Dick.

– Temos uma bala para cada uma.

– E se elas se lançassem contra a parte superior do balão, como você as atingiria? Imagine que você está diante de um bando de leões, em terra, ou de tubarões, em pleno oceano! Para aeronautas, a situação é igualmente perigosa.

– Fala sério, Samuel?

– Muito sério, Dick.

– Então, esperemos.

– Esperemos. Fique pronto para o caso de ataque, mas não atire sem minha ordem.

Os pássaros agora se reuniam a pouca distância. Percebia-se claramente sua goela aberta, distendida pelo esforço dos gritos, sua crista cartilaginosa, guarnecida de papilas violáceas e furiosamente eriçada. Eram enormes, com quase 1 metro de comprimento, e a parte inferior de suas asas brancas resplandecia ao sol. Pareciam tubarões alados.

– Estão nos seguindo – disse o doutor, vendo-os subir com ele. – E seria inútil subir mais, pois eles voariam mais alto ainda que nós!

– Que fazer, então? – perguntou Kennedy.

O doutor não respondeu.

– Escute, Samuel – prosseguiu o caçador –, eles são catorze. Temos dezessete tiros à nossa disposição, se dispararmos com todas as armas. Não haverá meio de destruí-los ou dispersá-los? Encarrego-me de um bom número deles.

– Não duvido de sua habilidade, Dick, e vejo como mortos os que passarem diante de sua carabina. Mas, repito, se atacarem o hemisfério superior do balão, você não conseguirá enxergá-los. Perfurarão o invólucro que nos sustenta e estamos a 900 metros de altura!

Nesse instante, um dos atacantes mais ferozes voou direto para o *Vitória*, bico e garras abertos, pronto a morder, pronto a dilacerar.

– Fogo! Fogo! – gritou o doutor.

Mal acabara e o pássaro, ferido fatalmente, tombava girando no espaço.

Kennedy havia escolhido um dos fuzis de cano duplo. Joe empunhava o outro.

Assustados com a detonação, os gipaetos se afastaram por alguns momentos, mas quase imediatamente voltaram à carga com uma fúria extrema. Kennedy, ao primeiro tiro, decepou o pescoço do mais próximo. Joe despedaçou a asa de outro.

– Agora são onze – disse ele.

Mas as aves mudaram de tática e, de comum acordo, elevaram-se acima do *Vitória*. Kennedy olhou para Fergusson.

Apesar de toda sua energia e impassibilidade, este ficou pálido. Houve um silêncio muito assustador. Em seguida, ouviu-se um ruído de dilaceramento, como o da seda que se rasga, e o cesto saltou sob os pés dos três viajantes.

– Estamos perdidos – gritou Fergusson, olhando para o barômetro,

que subia rapidamente. E acrescentou: – Fora com o lastro! Fora com o lastro!

Em segundos, todos os fragmentos de quartzo haviam desaparecido.

– Continuamos caindo! Esvaziem as caixas de água! Está ouvindo, Joe? Vamos cair no lago!

Joe obedeceu. O doutor se inclinou sobre a borda. O lago parecia subir até ele como uma maré crescente, os objetos cresciam a olhos vistos e o cesto não estava a mais de 60 metros da superfície do Chade.

– As provisões! As provisões! – gritou o doutor.

E a caixa que as continha foi atirada ao espaço.

A queda se tornou lenta, mas os infelizes continuavam caindo.

– Joguem! Joguem o resto! – ordenou pela última vez o doutor.

– Não há mais nada – replicou Kennedy.

– Há, sim – disse Joe, fazendo rapidamente o sinal da cruz.

E desapareceu pela borda do cesto.

– Joe! Joe! – bradou o doutor, aterrorizado.

Mas Joe já não podia ouvi-lo. O *Vitória*, mais leve, retomou sua marcha ascensional, subindo a 300 metros. O vento, precipitando-se pelo invólucro esvaziado, empurrava-o para as costas setentrionais do lago.

– Perdido! – lamentou o caçador, com um gesto de desespero.

– Perdido para nos salvar! – replicou Fergusson.

E esses dois homens tão intrépidos sentiram lágrimas escorrendo de seus olhos. Debruçaram-se, na tentativa de distinguir algum vestígio do infeliz Joe, mas já estavam longe.

– Que vamos fazer agora? – perguntou Kennedy.

– Descer à terra quando for possível e esperar, Dick.

Após um percurso de 100 quilômetros, o *Vitória* se abateu sobre uma costa deserta, ao norte do lago. Suas âncoras se engancharam em uma árvore pouco alta e o caçador firmou-as solidamente.

Veio a noite, mas nem Fergusson nem Kennedy conseguiram dormir um instante sequer.

Capítulo 33

Conjecturas – Restabelecimento do equilíbrio do Vitória *– Novos cálculos do doutor Fergusson – Caçada de Kennedy – Exploração completa do lago Chade – Tangalia – Volta – Lari*

No dia seguinte, 13 de maio, os viajantes começaram por reconhecer a parte da costa que ocupavam, uma espécie de ilhota no meio de um pântano imenso. Em volta desse pedaço de terra firme, erguiam-se juncos do tamanho das árvores da Europa, estendendo-se a perder de vista.

Esses lamaçais eram intransponíveis e tornavam segura a posição do *Vitória*. Bastava apenas vigiar o lado do lago. A vasta extensão se alargava, sobretudo para leste, e nada surgia no horizonte, nem continente nem ilhas.

Os dois amigos não haviam até então ousado falar de seu infeliz companheiro. Kennedy foi o primeiro a compartilhar suas conjecturas ao doutor.

– Talvez Joe não esteja perdido – sugeriu ele. – É um rapaz esperto, um nadador como poucos. Atravessaria facilmente o Firth of Forth em Edimburgo. Nós vamos revê-lo; quando e como, não sei; mas não deixaremos nenhuma pedra por virar para lhe dar a oportunidade de se reunir a nós.

– Deus o ouça, Dick – disse o doutor, em tom comovido. – Sim,

faremos o possível para encontrar nosso amigo! Mas, antes de mais nada, vamos nos orientar. Precisamos aliviar o *Vitória* do invólucro externo, que já não é mais útil e nos livrará de um peso considerável, 294 quilos. Vale a pena.

O doutor e Kennedy puseram mãos à obra. Encontraram grandes dificuldades, pois foi necessário arrancar o tecido resistente aos pedaços e cortá-los em tiras finas para poder desembaraçá-los das malhas da rede. O rasgo feito pelo bico das aves de rapina se estendia por vários metros.

Essa operação exigiu pelo menos quatro horas e por sorte o balão interno, agora inteiramente liberado, não parecia ter sofrido algum tipo de avaria. O *Vitória* tinha agora um quinto do tamanho original, diferença suficientemente significativa que surpreendeu Kennedy.

– Será suficiente? – perguntou ao doutor.

– Fique tranquilo quanto a isso, Dick. Vou restabelecer o equilíbrio e, se nosso pobre Joe voltar, retomaremos com ele a rota costumeira.

– Se não me falha a memória, Samuel, no momento de nossa queda, estávamos perto de uma ilha.

– Sim, eu me lembro. Mas essa ilha, como todas as do Chade, é sem dúvida habitada por piratas e assassinos. Eles certamente devem ter testemunhado nossa catástrofe e, se Joe cair em suas mãos, a menos que a superstição o proteja, que será dele?

– Ele é o homem certo para se safar, digo isso e repito: confio na sua habilidade e inteligência.

– Assim espero. Agora, Dick, vá caçar nas imediações, mas sem se afastar muito. Precisamos urgentemente repor nossos víveres, cuja maior parte foi sacrificada.

– Está bem, Samuel. Não ficarei ausente por muito tempo.

Kennedy pegou um fuzil de dois canos e, atravessando o mato alto, rumou para um bosque próximo. Detonações frequentes logo revelaram ao doutor que a caça seria abundante.

Durante esse tempo, ele se ocupou de fazer o registro dos objetos conservados no cesto e de estabelecer o equilíbrio do segundo aeróstato. Restavam cerca de 15 quilos de *pemmican,* um pouco de chá e café, 8 litros de aguardente e uma caixa de água totalmente vazia; a carne seca desaparecera por completo.

O doutor sabia que pela perda de parte do hidrogênio do primeiro balão, sua força ascensional ficara reduzida a mais ou menos 360

quilos, diferença em que deveria se basear para restaurar o equilíbrio. O novo *Vitória* tinha a capacidade de 1.900 metros cúbicos e continha 950 metros cúbicos de gás; o aparelho de dilatação parecia em bom estado; nem a pilha nem a serpentina tinham sido danificadas.

A força ascensional do novo balão era 1.360 quilos; somando o peso do aparelho, dos viajantes, da provisão de água, do cesto e seus acessórios, e levando 230 litros de água e 45 quilos de carne fresca, o doutor atingiu um total de 1.300 quilos. Para que pudesse levar 77 quilos de lastro para casos imprevistos e o aeróstato ficaria em equilíbrio com o ar circundante.

Tomou, pois, as medidas adequadas e substituiu o peso de Joe por um suplemento de lastro. Passou o dia inteiro nesses preparativos, que terminaram quando Kennedy voltou. O caçador tinha se saído bem na caça; trouxe uma bela provisão de gansos, patos selvagens, narcejas, marrecos e tarambolas, que ele mesmo preparou e defumou. Cada peça, atravessada por um espeto fino, foi colocada sobre uma fogueira de lenha verde. Quando Kennedy, que era bom entendedor, achou que a carne estava no ponto, armazenou-a no cesto.

No dia seguinte, o caçador saiu a completar suas provisões.

A noite surpreendeu os viajantes em meio a esses trabalhos. A refeição era composta de *pemmican*, biscoitos e chá. A fadiga, depois de lhes dar o apetite, deu-lhes o sono. Cada qual, durante seu quarto de vigia, interrogou as trevas, acreditando, por vezes, escutar a voz de Joe; mas, infelizmente, ela estava longe aquela voz que eles teriam querido ouvir!

Na primeira luz do dia, o doutor acordou Kennedy.

– Meditei longa e duramente – disse ele – sobre o que precisamos fazer para encontrar nosso companheiro.

– Qualquer que seja seu projeto, Samuel, eu o aprovo. Fale!

– Primeiro, é importante que Joe tenha notícias nossas.

– Sem dúvida! Não vá esse bom rapaz pensar que o abandonamos!

– Não, Joe nos conhece bem. Nunca uma ideia dessas lhe ocorreria ao espírito. Mas ele precisa saber onde estamos.

– O que quer dizer?

– Vamos retomar nosso lugar no cesto e subiremos.

– E se o vento nos levar para longe?

– Felizmente, isso não acontecerá. Veja, a brisa nos leva para o lago, circunstância que ontem seria desastrosa, mas hoje é propícia.

Nossos esforços irão se limitar a permanecer sobre essa vasta extensão de água durante o dia inteiro. Joe não poderá deixar de nos ver, pois sei que estará olhando para cima o tempo todo. Talvez até consiga nos informar onde está.

– Se estiver sozinho e livre, é o que certamente fará.

– E se ele for prisioneiro – prosseguiu o doutor –, como os nativos não costumam prender seus cativos, ele nos verá e entenderá o que pretendemos fazer.

– Mas – objetou Kennedy –, apenas para levar em consideração todas as possibilidades, se não encontrarmos nenhuma pista de sua passagem, que faremos?

– Tentaremos regressar à parte setentrional do lago, mantendo-nos o mais em vista possível. Lá esperaremos, exploraremos as margens, percorreremos a orla, aonde Joe decerto tentará chegar, e não sairemos sem ter feito tudo para encontrá-lo.

– Então, vamos – disse o caçador.

O doutor consultou o mapa para determinar a direção exata de terra firme de onde iriam partir e estimou que estavam ao norte do Chade, entre a cidade de Lari e a aldeia de Ingemini, ambas visitadas pelo major Denham. Enquanto isso, Kennedy completava sua provisão de carne fresca. Embora os pântanos circundantes mostrassem traços de rinocerontes, morsas e hipopótamos, ele não teve chance de encontrar nenhum desses gigantescos animais.

Às sete horas da manhã, não sem as grandes dificuldades que o pobre Joe sabia superar sem problemas, a âncora foi desprendida da árvore. O gás se dilatou e o novo *Vitória* subiu 60 metros. Hesitou no início, girando sobre si mesmo, mas, finalmente alcançado por uma corrente muito forte, avançou sobre o lago e não tardou a ser impelido a uma velocidade de 30 quilômetros por hora.

O doutor se manteve constantemente a uma altitude que variava entre 60 e 150 metros. Kennedy descarregava frequentemente sua carabina. Por cima das ilhas, os viajantes se aproximavam da terra até com certa imprudência, de olhos atentos aos bosques, aos arbustos, ao mato cerrado, a qualquer fenda de rocha que pudesse dar abrigo a seu companheiro. Baixavam até ficar bem perto das longas pirogas que percorriam o lago. Os pescadores, ao vê-los, atiravam-se à água e voltavam para sua ilha, sem dissimular o medo que sentiam.

– Não se vê nada – disse Kennedy, após duas horas de busca.

– Vamos esperar, Dick, e não percamos a coragem. Devemos estar perto do local do acidente.

Às onze horas, o *Vitória* tinha avançado 145 quilômetros e encontrou uma nova corrente que, em ângulo quase reto, impeliu-o para leste por cerca de 100 quilômetros. Planava agora sobre uma ilha muito grande e muito populosa, que o doutor julgou ser Farram, onde se encontra a capital dos bidiomás. Ele esperava que Joe surgisse de algum arbusto, correndo e chamando-o. Livre, poderiam recolhê-lo sem dificuldade; prisioneiro, repetindo-se a manobra empregada para o missionário, logo estaria junto de seus amigos. Mas nada apareceu, nada se mexeu! Era de se desesperar.

O *Vitória* se aproximou às duas horas e meia de Tangalia, aldeia situada na margem oriental do Chade e que foi o ponto extremo alcançado por Denham na época de sua exploração.

O doutor estava preocupado com aquela direção persistente do vento. Sentia-se arremessado para leste, para a África Central com seus intermináveis desertos.

– É absolutamente necessário parar e mesmo pôr pé em terra – disse ele. – Sobretudo no interesse de Joe, devemos voltar ao lago. Mas, antes, tentemos encontrar uma corrente contrária.

Durante mais de uma hora, ele procurou em diferentes zonas. O *Vitória* derivava sempre para a terra firme. Mas, felizmente, a 300 metros, um sopro muito forte o redirecionou para noroeste.

Não era possível que Joe estivesse retido em uma das ilhas do lago, pois teria certamente encontrado um meio de revelar sua presença. Talvez tivesse sido levado para a terra firme. Assim raciocinou o doutor, ao avistar de novo a margem setentrional do Chade.

Pensar que Joe se afogara era inadmissível. Uma ideia horrenda ocorreu a Fergusson e Kennedy: os crocodilos são numerosos naquelas paragens! Mas nenhum dos dois ousou formular essa apreensão. Todavia, ela era tão insistente que, por fim, o doutor disse sem mais preâmbulos:

– Os crocodilos só ficam nas costas das ilhas ou do lago. Joe sem dúvida teve habilidade suficiente para evitá-los. De resto, são pouco perigosos e os africanos se banham impunemente sem temer seus ataques.

Kennedy não respondeu; preferia calar-se a discutir essa terrível possibilidade.

O doutor avistou a cidade de Lari por volta das cinco horas da tarde. Os habitantes trabalhavam na colheita do algodão diante das cabanas de bambu trançado, dentro de cercados limpos e bem-cuidados. Esse conjunto de umas cinquenta casas ocupava uma leve depressão de terreno em um vale aberto entre montanhas baixas. O vento, muito forte, impelia o balão mais do que convinha ao doutor, mas mudou pela segunda vez e o conduziu exatamente ao ponto de partida, naquela espécie de ilha firme onde ele havia passado a noite anterior. A âncora, não encontrando galhos de árvore, prendeu-se a um feixe de juncos que cresciam no pântano fundo e apresentavam boa resistência.

O doutor teve dificuldades em conter o aeróstato. Mas, por fim, o vento amainou com a chegada da noite e os dois amigos assistiram juntos, já à beira do desespero.

Capítulo 34

O furacão – Partida forçada – Perda de uma âncora – Reflexões tristes – Resolução tomada – A tromba – A caravana engolida – Vento contrário e favorável – Volta ao sul – Kennedy a postos

Às três horas da manhã, o vento começou a soprar com uma violência tal que o *Vitória* não poderia permanecer perto da terra sem correr perigo. Os juncos roçavam o invólucro, ameaçando rasgá-lo.

– Temos de partir, Dick – alertou o doutor. – Não podemos continuar nesta situação.

– Mas e Joe, Samuel?

– Não vou abandoná-lo. Não, não! Mesmo que o furacão me arremessasse a 150 quilômetros para o norte, eu voltaria! Acontece que, aqui, comprometemos a segurança de todos.

– Partir sem ele! – gemeu o escocês, em um tom de profundo sofrimento.

– Acha que meu coração não sangra tanto quanto o seu, Dick? Apenas obedeço a uma necessidade imperiosa.

– Estou às suas ordens – respondeu o caçador. – Partamos.

Mas a partida teve grandes dificuldades. A âncora, profundamente enganchada, resistia a todos os esforços, e o balão, puxando em sentido inverso, fixava-a ainda mais. Kennedy não conseguiu desprendê-la e, onde estava, sua manobra era perigosa, pois o *Vitória*

poderia subir antes que ele voltasse.

O doutor, não querendo correr esse risco, pediu que o escocês voltasse para o cesto e se resignou a cortar a corda da âncora. O *Vitória* deu um salto de 90 metros no ar e tomou diretamente o rumo norte.

A Fergusson só restava obedecer à tormenta; cruzou os braços e mergulhou em tristes reflexões.

Após alguns instantes de profundo silêncio, ele se virou para Kennedy, que não estava menos taciturno.

– Talvez tenhamos desafiado Deus – disse. – Não cabe ao homem empreender semelhante viagem!

E um suspiro de dor escapou de seu peito.

– Há poucos dias – retrucou o caçador –, nós nos felicitamos por haver escapado a inúmeros perigos! E apertamos as mãos, os três.

– Pobre Joe! Boa, excelente natureza! Coração intrépido, inquieto mas honesto! Por um instante deslumbrado com sua riqueza, não hesitou em sacrificá-la! E agora, tão longe de nós! Não bastasse isso, o vento nos leva a uma velocidade irresistível!

– Vejamos, Samuel. Admitindo que tenha encontrado abrigo entre as tribos do lago, Joe não poderia fazer como os viajantes que as visitaram antes de nós, como Denham ou Barth? Essas pessoas voltaram a ver seu país.

– Meu pobre Dick, Joe não sabe uma palavra da língua local! Está sozinho e sem recursos! Os viajantes que você cita só se aproximavam depois de enviar ricos presentes aos chefes. Iam protegidos por escoltas, armados e preparados para essas expedições. E ainda assim, não puderam evitar sofrimentos e tribulações da pior espécie. Que poderá fazer nosso infortunado companheiro? É horrível pensar nisso, uma das piores provações que me foi dado padecer!

– Mas nós voltaremos, Samuel.

– Voltaremos, Dick, ainda que precisemos abandonar o *Vitória*, ir a pé para o lago Chade e fazer contato com o sultão do Bornu! Os árabes não podem ter conservado uma má lembrança dos primeiros europeus.

– Eu irei com você, Samuel – garantiu o caçador, em tom enérgico. – Pode contar comigo! E não importa que tenhamos de renunciar a concluir esta viagem! Joe se devotou a nós e nós nos sacrificaremos por ele!

Essa resolução devolveu alguma coragem ao coração dos dois

homens. Unidos pela mesma ideia, sentiam-se mais fortes. Fergusson apressou os preparativos para se lançar em uma corrente contrária que o aproximasse do Chade. Mas isso era impossível no momento e até a descida parecia impraticável em um terreno desnudo, sob a violência do furacão.

Dessa forma, o *Vitória* atravessou o país dos tibus, ultrapassou o Belad-el-Djerid, planície espinhosa na orla do Sudão, e penetrou no deserto de areia sulcado por longos traços de caravanas. A última linha de vegetação logo se confundiu com o céu no horizonte meridional, não longe do principal oásis dessa parte da África, com seus cinquenta poços sombreados por árvores magníficas. Mas não foi possível parar. Um acampamento árabe, de tendas de tecidos listrados, e alguns camelos que alongavam sobre a areia suas cabeças de víbora animavam aquela solidão. O *Vitória*, porém, passou como uma estrela cadente e percorreu assim uma distância de 90 quilômetros em três horas, sem que Fergusson conseguisse controlar seu curso.

– Não podemos parar! – disse ele. – Nem descer! Não vejo uma árvore, uma única saliência de terreno! Será que iremos atravessar o Saara? Definitivamente o céu está contra nós!

Falava assim, tomado pela raiva do desespero, quando viu ao norte as areias do deserto se erguendo em meio a um turbilhão de poeira e revoluteando sob o impulso de correntes opostas.

No meio do torvelinho, uma caravana inteira, dispersada, rompida, derrubada, desaparecia sob a avalanche de areia. Os camelos, em grupo, lançavam gemidos surdos e lamentosos; gritos e rugidos saíam daquela névoa sufocante. Às vezes, uma veste de cores vivas se destacava do caos e o rugido da tormenta dominava um cenário de destruição total.

Logo a areia se acumulou em massas compactas, e no lugar onde a planície se estendia, muito lisa, ergueu-se uma colina ainda palpitante, túmulo imenso de uma caravana engolida.

O doutor e Kennedy, pálidos, assistiam a esse terrível espetáculo. Já não conseguiam manobrar o balão, que girava em meio a correntes contrárias e não obedecia mais às diferentes dilatações do gás. Apanhado nesses redemoinhos, rodopiava com uma rapidez vertiginosa; o cesto oscilava violentamente; os instrumentos suspensos dentro da tenda se entrechocavam quase a ponto de se quebrar; os tubos da serpentina se curvavam, ameaçando romper-se, e as caixas de

água se moviam por causa das oscilações. A meio metro um do outro, os viajantes não conseguiam ouvir-se e, com mãos crispadas, agarravam-se às cordas para resistir à fúria da ventania.

Kennedy, com os cabelos desgrenhados, olhava sem dizer uma palavra; o doutor recuperara a audácia diante do perigo e nada em seus traços denunciava emoções violentas, nem mesmo quando, após um último giro, o *Vitória* se deteve subitamente em meio a uma calma inesperada. O vento norte havia prevalecido e o impelia em sentido inverso ao da rota da manhã, com rapidez igual.

– Para onde estamos indo? – perguntou Kennedy.

– Meu caro Dick, deixemos isso aos cuidados da Providência, de quem errei ao duvidar. Ela sabe o que nos convém, pois agora voltamos para os lugares que não esperávamos rever.

O solo plano, tão liso durante a vinda, estava agora agitado como as ondas do mar após a tempestade. Uma sucessão de montículos pouco firmes cobria o deserto. O vento soprava com violência e o *Vitória* voava no espaço.

A direção seguida pelos viajantes diferia um pouco da que haviam tomado de manhã; assim, por volta das nove horas, em vez de avistar as margens do Chade, o que se estendeu diante de seus olhos foi ainda o deserto.

Kennedy observou tudo isso.

– Pouco importa – respondeu o doutor. – O que temos de fazer é voltar para o sul. Reencontraremos as cidades de Bornu, Wuddie ou Kuka e não hesitarei em parar lá.

– Se estiver tudo bem para você, está tudo bem para mim também – disse o caçador. – Mas queira Deus que não precisemos atravessar o deserto como aqueles infelizes árabes! O que vimos foi horrível.

– E acontece frequentemente, Dick. As travessias do deserto são sempre muito mais perigosas que as do oceano. O deserto tem todos os perigos do mar, até mesmo a submersão, e além disso as fadigas, as privações insuportáveis.

– Parece-me que o vento tende a diminuir. A poeira está menos compacta, as ondulações vão desaparecendo, o horizonte fica mais claro – observou Kennedy.

– Tanto melhor. É preciso examiná-lo atentamente com a luneta, sem perder nada de vista.

– Encarrego-me disso, Samuel. A primeira árvore que aparecer,

você será informado.

E Kennedy, de luneta em punho, postou-se na parte dianteira do cesto.

Capítulo 35

A história de Joe – A ilha dos bidiomás – A adoração – A ilha submergida – As bordas do lago – A árvore de serpentes – Viagem a pé – Padecimentos – Mosquitos e formigas – A fome – Passagem do Vitória *–* *Desaparecimento do* Vitória *– Desespero – O pântano – Um último grito*

Que fora feito de Joe durante a busca vã de seu patrão?

Depois de se precipitar no Chade, seu primeiro movimento ao voltar à superfície foi erguer os olhos para o alto. Avistou o *Vitória*, já bem acima do lago, subir rapidamente, diminuir a velocidade e, apanhado por uma corrente veloz, desaparecer na direção do norte. Seu patrão, seus amigos estavam salvos.

"Foi boa ideia", disse para si mesmo, "me jogar no Chade. Ela não deixaria de ocorrer ao senhor Kennedy, que decerto não hesitaria em fazer como eu, pois é bem natural um homem se sacrificar para salvar dois. Pura matemática".

Tranquilizado quanto a esse ponto, Joe resolveu pensar em si. Estava no meio de um lago imenso, rodeado de povos desconhecidos e provavelmente ferozes. Motivo suficiente para contar apenas consigo mesmo e não se preocupar com mais nada.

Antes do ataque das aves de rapina, que, segundo ele, conduziam-se como autênticos gipaetos, ele tinha avistado uma ilha no horizonte. Decidiu ir para lá e começou a pôr em prática tudo o que sabia da arte

da natação, depois de se livrar de suas roupas mais incômodas. Não o assustava um passeio de 8 ou 10 quilômetros e, por isso, no lago, pensou apenas em nadar vigorosamente, em linha reta.

Ao final de uma hora e meia, já era bem menor a distância que o separava da ilha.

Mas, à medida que se aproximava da terra, um pensamento de início fugaz, depois persistente, foi tomando conta de seu espírito. Ele sabia que as margens do lago eram assombradas por crocodilos enormes, cuja voracidade conhecia bem.

O digno rapaz tinha a mania de achar tudo natural no mundo, mas agora se sentia totalmente indefeso. Temia que a carne branca não fosse muito apreciada por aqueles animais e assim avançou com extrema precaução, de olhos bem abertos. Estava a umas cem braças de uma praia sombreada de árvores verdes quando uma lufada de ar carregada do odor penetrante do almíscar chegou até ele.

“Eis o que eu temia”, pensou. “O crocodilo não está longe.”

Mergulhou rapidamente, mas não o bastante para evitar o contato de um corpo enorme, que o arranhou de passagem com seu couro escamoso. Julgou-se perdido e começou a nadar com a velocidade do desespero; voltou à superfície, respirou e mergulhou de novo. O quarto de hora seguinte foi de uma indescritível angústia, que toda a sua filosofia não conseguiu superar. Acreditava ouvir atrás de si o ruído daquela bocarra pronta a dilacerá-lo. Nadava meio submerso, o mais suavemente possível, quando se sentiu agarrado por um braço e depois pelo peito.

Pobre Joe! Teve um último pensamento para seu patrão e pôs-se a resistir de maneira desesperada, sentindo-se arrastar, não para o fundo do lago, como fazem os crocodilos para devorar sua presa, mas para a superfície.

Mal pôde respirar e abrir os olhos, viu-se entre dois selvagens da cor do ébano, que o seguravam firmemente e emitiam gritos estranhos.

“Céus”, pensou Joe, “dois homens em lugar de crocodilos! Por minha fé, é melhor assim! Mas como eles têm a coragem de se banhar nestas perigosas paragens?”.

Joe ignorava que os habitantes das ilhas do Chade, como muitos, mergulham impunemente em águas infestadas de crocodilos sem se preocupar com a presença deles; os anfíbios desse lago, em especial,

têm a merecida reputação de saurianos inofensivos.

Mas teria Joe evitado um perigo para correr outro? Isso só os acontecimentos decidiriam e, como não lhe restava outra coisa a fazer, deixou-se conduzir para a margem sem demonstrar medo.

“Evidentemente”, pensava, “esses sujeitos viram o *Vitória* roçar as águas do lago como um monstro dos ares. Foram as testemunhas distantes de minha queda e devem sentir o maior respeito por um homem vindo do céu! Deixemos que sintam!”.

Joe refletia assim quando chegou à terra e foi acolhido por uma turba ululante de ambos os sexos, de todas as idades, mas não de todas as cores. Aquela era uma tribo bidiomá de uma soberba cor preta. Não precisou sequer enrubescer pela escassez de suas roupas: estava “nu” conforme a última moda do país.

No entanto, antes de se dar conta do que acontecia, viu-se objeto de uma verdadeira adoração. Isso não deixou de tranquilizá-lo, embora a história de Kazé logo lhe viesse à memória.

“Pressinto que vou me tornar um deus, um filho da lua! Antes essa profissão que outra qualquer, pois não tenho escolha. O importante é ganhar tempo. Se o *Vitória* voltar, aproveitarei meu novo cargo para dar aos meus adoradores o espetáculo de uma ascensão miraculosa!”

Enquanto Joe pensava assim, a turba se reunia à sua volta; ajoelhava-se, ululava, palpava-o, tomava familiaridades com ele. Mas ao menos teve a ideia de lhe oferecer um festim magnífico, composto de leite azedo com arroz socado no mel. O bom rapaz, que sabia se aproveitar de tudo, saboreou então uma das melhores refeições de sua vida e deu a seu povo uma excelente ideia de como os deuses se empanturram nas grandes ocasiões.

À tardinha, os feiticeiros da ilha tomaram-no de maneira respeitosa pela mão e o conduziram a uma espécie de cabana rodeada de talismãs. Antes de entrar, Joe lançou um olhar bastante inquieto aos montes de ossos que se erguiam em volta daquele santuário. E teve todo o tempo do mundo para pensar em sua situação depois que o prenderam na cabana.

Pelo resto da tarde e parte da noite, ouviu cânticos festivos, o toque de uma espécie de tambor e um tilintar de ferros, tudo muito agradável a ouvidos africanos. Coros estridentes acompanharam danças intermináveis que rodeavam a cabana sagrada com suas contorções e caretas.

Joe ouvia essa barulheira ensurdecedora através das paredes de barro e junco da cabana. Talvez, em outras circunstâncias, pudesse sentir grande prazer com tão estranhas cerimônias, mas logo seu espírito foi perturbado por uma ideia das mais desagradáveis. Embora tomasse as coisas pelo lado bom, achou estúpido e mesmo triste estar perdido naquele país selvagem, no meio daquelas populações. Poucos viajantes que se aventuraram até ali tinham conseguido voltar para sua pátria. Além disso, poderia confiar nas mostras de adoração de que se via objeto? Não lhe faltavam razões para constatar a inutilidade das grandezas humanas! Naquele país, adorar não significaria comer o adorado?

Apesar dessa inquietante perspectiva, após algumas horas de reflexão, a fadiga prevaleceu sobre as ideias sombrias e Joe mergulhou em um sono profundo, que se prolongaria sem dúvida até o amanhecer se uma umidade inesperada não despertasse o dorminhoco.

Logo a umidade se transformou em água, que subiu até metade de seu corpo.

“Que é isso?”, perguntou-se. “Uma inundação, uma tromba d’água, um novo suplício destes selvagens? Por Deus, não vou esperar que chegue ao meu pescoço!”

Dizendo isso, forçou a parede com o ombro e se viu... no meio do lago! Não havia mais ilha, que submergira durante a noite! No lugar dela, a imensidão do Chade!

“Triste país para os proprietários!”, pensou, retomando com vigor de suas habilidades de natação.

Um dos fenômenos bastante frequentes no lago Chade havia livrado o bravo rapaz. Mais de uma ilha já desapareceu assim, embora parecesse ter a solidez da rocha, e não raro as populações ribeirinhas precisaram recolher os infortunados sobreviventes dessas terríveis catástrofes.

Joe ignorava essa particularidade, mas não deixou de usá-la em seu favor. Avistou uma canoa desgarrada e aproximou-se dela rapidamente. Era uma espécie de tronco de árvore talhado de forma grosseira. Um par de remos felizmente tinha sido deixado lá e Joe, aproveitando-se de uma corrente bem rápida, deixou-se levar.

“Orientemo-nos”, disse ele de si para si. “A estrela polar, que faz honestamente seu trabalho de indicar o norte a todo mundo, não deixará de vir em meu socorro.”

Abandonou-se, satisfeito, à corrente que o levava para a margem setentrional do Chade. Por volta das duas horas da manhã, subiu em uma árvore coberta de espinhos, que pareceram muito importunos mesmo a um filósofo; mas ela estava pronta para lhe oferecer um leito em seus galhos. Joe subiu para ter mais segurança e esperou, sem pregar os olhos, os primeiros raios do dia.

A manhã surgiu com a rapidez típica das regiões equatoriais, e Joe examinou a árvore que o tinha abrigado durante a noite. Um espetáculo dos mais inesperados assustou-o. Os galhos estavam literalmente cobertos de serpentes e camaleões, cujo entrelaçamento ocultava a folhagem; parecia uma árvore de uma nova espécie que dava répteis. Sob os primeiros raios do sol, tudo aquilo se retorcia e rastejava. Joe experimentou um vivo sentimento de terror mesclado ao asco e saltou para o chão em meio aos silvos daquele bando.

“Eis uma aventura em que ninguém vai querer acreditar”, murmurou.

Joe não sabia que as últimas cartas do doutor Vogel aludiam a essa singularidade das margens do Chade, onde os répteis são mais numerosos que em qualquer outro país do mundo. Depois do que acabava de ver, Joe resolveu ser mais precavido e, orientando-se pelo sol, pôs-se em marcha para nordeste. Evitava cuidadosamente cabanas, choças, casas, barracas, em suma, tudo que pudesse servir de abrigo à raça humana.

Quantas vezes olhou para cima em busca do *Vitória*! E, embora procurasse inutilmente durante todo aquele dia de marcha, não perdeu a confiança em seu patrão. Precisava de uma enorme força de caráter para encarar filosoficamente sua situação. A fome se juntava à fadiga, pois raízes, medula de arbustos como o *melé* ou cocos não bastam para refazer um homem. Ainda assim, conforme seus cálculos, avançou cerca de 45 quilômetros na direção oeste. Seu corpo estava todo perfurado pelos espinhos dos juncos, acácias e mimosas que bordejam o lago, e seus pés feridos tornavam a caminhada extremamente dolorosa. Mas superou esses sofrimentos e resolveu passar a noite nas margens do Chade.

Ali, teve de suportar as atrozes picadas de miríades de insetos: moscas, mosquitos e formigas de quase 2 centímetros de comprimento cobriam literalmente o chão. Ao fim de duas horas, não restava a Joe sequer um farrapo de roupa: os insetos tinham devorado tudo! Foi

uma noite terrível, que não concedeu sequer uma hora de sono ao viajante fatigado. Durante esse tempo, os javalis, os búfalos selvagens e os *ajubs*, espécie de morsa muitíssimo perigosa, faziam suas devastações nos arbustos e sob as águas do lago, enquanto o concerto de animais ferozes ecoava pela noite. Joe não ousava se mexer. Sua resignação e sua paciência foram postas a uma dura prova em semelhante situação.

Finalmente o dia regresso, Joe se levantou precipitadamente – e julgue-se qual foi sua sensação de repugnância ao ver com que bicho imundo havia partilhado sua cama: um sapo! Mas um sapo de 12 centímetros de largura, uma besta monstruosa, repugnante, que o fitava com seus olhos redondos. Joe sentiu seu coração se acelerar e, tirando forças da repugnância, correu para o lago a fim de se lavar. O banho aliviou um pouco a coceira que o atormentava e, depois de mastigar algumas folhas, retomou sua rota com uma obstinação, uma teimosia da qual nem ele mesmo se dava conta. Não percebia mais seus atos e, no entanto, sentia em si um poder superior ao desespero.

Mas uma fome terrível o atormentava; seu estômago, menos resignado que ele, queixava-se. Foi obrigado a amarrar fortemente um cipó em volta da cintura. Felizmente, a sede podia ser aplacada a cada passo e Joe, lembrando-se dos sofrimentos do deserto, encontrou uma felicidade relativa no fato de não padecer os tormentos dessa imperiosa necessidade.

“Onde estará o *Vitória*?”, perguntava-se. “O vento sopra do norte. Ele devia voltar ao lago! Sem dúvida, o senhor Samuel fez novos ajustes a fim de restabelecer o equilíbrio. Mas o dia de ontem sem dúvida bastou para esses trabalhos e não será impossível que hoje... Não vamos agir como se eu nunca mais fosse revê-lo. Afinal, se conseguir chegar a uma das grandes cidades do lago, estarei na posição dos viajantes dos quais o patrão nos falou. Por que não me safaria como eles? Houve até quem voltasse a seu país, que diabo! Vamos, coragem!”

Assim pensando e caminhando sempre, o intrépido Joe quase foi cair, em plena floresta, no meio de um grupo de selvagens. Deteve-se a tempo e não foi visto. Eles se ocupavam de envenenar suas flechas com sumo de eufórbio, importante ocupação das populações desses países e que se faz com uma espécie de cerimônia solene.

Joe, imóvel, retendo o fôlego, escondeu-se atrás de um arbusto. E

foi então que, erguendo os olhos, avistou por um vão na folhagem o *Vitória*, o próprio *Vitória* se dirigindo para o lago a apenas 30 metros acima dele. Impossível se fazer ouvir! Impossível mostrar-se!

Uma lágrima lhe veio aos olhos, não de desespero, mas de reconhecimento: o patrão o procurava! O patrão não o tinha abandonado! Joe devia agora esperar que os selvagens se fossem para, em seguida, sair de seu esconderijo e correr até as margens do Chade.

Mas o *Vitória* já se perdia ao longe, no céu. Joe resolveu aguardá-lo, pois ele certamente voltaria! Voltou, de fato, porém mais a leste. Joe correu, gesticulou, gritou... Em vão! Um vento fortíssimo impelia o aeróstato a uma velocidade irresistível.

Pela primeira vez, a energia e a esperança faltaram ao coração do desventurado. Sentiu-se perdido; achou que seu patrão partira em definitivo; não ousava mais pensar, não ousava mais refletir.

Como um louco, os pés escorrendo sangue, o corpo ferido, caminhou durante todo o dia e parte da noite. Arrastava-se ora sobre os joelhos, ora sobre as mãos; sentia que se aproximava o momento em que as forças lhe faltariam e ele morreria.

Avançando assim, encontrou-se diante de um pântano, ou melhor, o que ele soube ser um pântano, pois a noite já caíra havia algumas horas. Desabou inesperadamente em uma lama pegajosa e, apesar de seus esforços, apesar de sua resistência desesperada, sentiu-se afundar pouco a pouco naquele charco. Minutos depois, estava mergulhado até a cintura.

"Então é a morte!", suspirou. "E que morte!..."

Debatia-se com raiva, mas esses esforços acabaram servindo apenas para enterrá-lo mais ainda naquele túmulo que o próprio infeliz cavava para si mesmo. Nem um tronco de árvore, nem um junco onde se agarrar! Compreendeu que era o fim. Seus olhos se fecharam.

– Meu patrão! meu patrão! para mim!... – ele chorou.

E essa voz desesperada, isolada, abafada já, perdeu-se na noite.

Capítulo 36

Um agrupamento no horizonte – Um bando de árabes – A perseguição – É ele! – Queda do cavalo – O árabe estrangulado – Uma bala de Kennedy – Manobra – Resgate em pleno voo – Joe salvo

Depois de retomar seu posto de observação na parte dianteira do cesto, Kennedy não deixou de observar atentamente o horizonte.

Ao fim de certo tempo, voltou-se para o doutor e disse:

– Se não me engano, há uma movimentação de homens e animais lá longe. Ainda não é possível distingui-los com clareza. Em todo caso, estão bastante agitados, pois levantam uma nuvem de poeira.

– Não seria mais um vento contrário – perguntou Samuel –, uma tromba que vai nos jogar de novo para o norte?

Levantou-se para olhar o horizonte.

– Não creio, Samuel – respondeu Kennedy. – Parece uma manada de gazelas ou bois selvagens.

– Talvez, Dick. Mas esse agrupamento está a pelo menos uns 15 quilômetros de nós e, mesmo com a luneta, não consigo descobrir o que é.

– Seja o que for, não perderei aquilo de vista. Há ali alguma coisa extraordinária que me intriga. Parece, às vezes, uma manobra de cavalaria. Ei, não estou enganado: são mesmo cavaleiros! Olhe!

O doutor observou o grupo atentamente.

– Acho que tem razão – disse por fim. – É um destacamento de árabes ou tibus. Fogem na mesma direção que nós. Mas somos mais rápidos e ganharemos deles facilmente. Em meia hora, poderemos vê-los de perto e decidir o que fazer.

Kennedy pegara a luneta e observava. A massa de cavaleiros ia se tornando cada vez mais visível; alguns deles galopavam isolados.

– É, sem dúvida, uma manobra ou uma perseguição – concluiu o caçador. – Parece que essa gente está correndo atrás de alguma coisa. Gostaria de saber o quê.

– Paciência, Dick. Em breve, os alcançaremos e até os ultrapassaremos, caso continuem nessa rota. Vamos a 35 quilômetros por hora e não há cavalos que possam correr tanto.

Kennedy continuou observando e, minutos depois, disse:

– São árabes galopando a toda velocidade. Distingo-os perfeitamente. Uns cinquenta. Vejo seus albornozes inflados pelo vento. Trata-se de um exercício de cavalaria. O chefe os precede a cem passos e eles o seguem.

– Quem quer que sejam, Dick, não parecem ameaçadores. Mas, em caso de necessidade, subirei.

– Espere! Espere um pouco, Samuel! – pediu Dick. E, após novo exame: – É curioso. Há algo que não estou entendendo. Por seus esforços e a irregularidade de sua linha, esses árabes parecem estar perseguindo, não seguindo.

– Tem certeza?

– Sim. Não, não estou enganado! É uma caçada, mas uma caça ao homem! Quem os precede não é um chefe, mas um fugitivo.

– Um fugitivo! – exclamou Samuel, emocionado.

– Sim!

– Não o percamos de vista e esperemos.

Cinco ou seis quilômetros foram rapidamente ganhos sobre os cavaleiros, que, no entanto, galopavam a uma velocidade prodigiosa.

– Samuel! Samuel! – gritou Kennedy com voz trêmula.

– Que foi, Dick?

– Será uma alucinação? Será possível?

– Que quer dizer?

– Espere.

O caçador limpou rapidamente os vidros da luneta e voltou a observar.

– E então? – perguntou o doutor.

– É ele!

– Ele! – balbuciou Fergusson.

"Ele" dizia tudo. Não era necessário pronunciar o nome.

– É ele a cavalo! A apenas cem passos de seus inimigos! Está fugindo!

– É mesmo o Joe! – disse o doutor, empalidecendo.

– Na fuga, não consegue nos ver!

– Mas nos verá – garantiu Fergusson, diminuindo rapidamente a chama do maçarico.

– E como?

– Em cinco minutos, estaremos a 15 metros do solo; em quinze, ficaremos bem em cima dele.

– Convém adverti-lo com um tiro de fuzil!

– Não, não poderá recuar, está bloqueado.

– Que faremos, então?

– Esperaremos.

– Esperaremos! E aqueles árabes?

– Nós os alcançaremos e ultrapassaremos. Estamos a menos de 3 quilômetros de distância deles. Se o cavalo de Joe resistir...

– Deus do céu! – gritou Kennedy.

– Que aconteceu?

Kennedy lançara esse grito de desespero ao ver Joe sendo atirado por terra. Seu cavalo, evidentemente cansado, esgotado, havia caído.

– Ele nos viu, Dick! – exclamou o doutor. – Ao se levantar, acenou para nós!

– Mas os árabes vão alcançá-lo! Que estará esperando? Ah, rapaz corajoso! Hurra! – bradou o caçador, que já não estava satisfeito.

Joe se levantou imediatamente após a queda, no instante em que um dos cavaleiros mais rápidos se precipitava sobre ele. Com um salto de pantera, evitou por pouco o golpe, saltou para a garupa do cavalo, agarrou o árabe pela garganta com mãos e dedos de ferro, estrangulou-o, jogou-o ao chão e continuou sua carreira desenfreada.

Um grito uníssono dos árabes ecoou pelos ares; mas, ocupados unicamente com a perseguição, não viram o *Vitória* a quinhentos passos em sua retaguarda e a menos de 10 metros do solo, estando eles mesmos a vinte corpos de cavalo do fugitivo.

Um se aproximou bastante de Joe e ia feri-lo com sua lança quando

Kennedy, de olho fixo e mão firme, deteve-o com uma bala e lançou-o por terra.

Joe nem sequer se voltou ao ouvir o estampido. Parte do grupo refreou o galope e caiu de rosto no chão ao avistar o *Vitória*, mas o resto continuou no encalço do fugitivo.

– Que há com Joe? – estranhou Kennedy. – Por que não para?

– Ele sabe o que faz, Dick. Eu o entendi! Mantém-se na direção do aeróstato. Conta com nossa inteligência! Ah, que rapaz valente! Nós o resgataremos bem nas barbas desses árabes! Estamos a apenas duzentos passos.

– Que vamos fazer? – perguntou Kennedy.

– Largue o fuzil.

– Pronto – disse o caçador, pondo a arma de lado.

– Consegue segurar 60 quilos de lastro?

– Mais que isso até.

– Não, 60 quilos bastam.

E sacos de areia foram empilhados pelo doutor nos braços de Kennedy.

– Fique na parte traseira do cesto e esteja pronto para jogar esse lastro de uma só vez. Mas, por Deus, não o faça antes de minha ordem!

– Fique tranquilo.

– Do contrário, não alcançaremos Joe e ele estará perdido.

– Pode contar comigo.

O *Vitória* pairava quase em cima da tropa de cavaleiros, que se lançavam a toda rédea nas pegadas de Joe. O doutor, na parte da frente do cesto, mantinha a escada desenrolada, pronto a descê-la no momento certo. Joe conservava certa distância dos perseguidores, cerca de 15 metros. O *Vitória* se adiantou ao grupo.

– Atenção! – gritou Samuel para Kennedy.

– Estou pronto.

– Joe, cuidado! – advertiu o doutor com voz sonora, atirando a escada, cujos primeiros degraus levantaram poeira do chão.

Ao chamado do doutor, Joe, sem frear o cavalo, se voltou; a escada caiu perto dele no momento em que a agarrava:

– Jogue! – disse Fergusson a Kennedy.

– Está feito!

O *Vitória*, aliviado de um peso superior ao de Joe, subiu a 15

metros.

O rapaz, segurando-se firmemente na escada apesar de suas violentas oscilações, fez aos árabes um gesto que não se pode descrever e, subindo com a agilidade de um acrobata, caiu nos braços dos companheiros.

Os árabes lançaram um grito de surpresa e raiva. O fugitivo acabava de ser resgatado em pleno voo. O *Vitória* se afastou rapidamente.

– Meu patrão! Senhor Dick! – balbuciou Joe.

E cedendo à emoção, à fadiga, perdeu os sentidos; enquanto Kennedy, quase em delírio, bradava:

– Salvo! Salvo!

– Sem exageros – recomendou o doutor, que havia recobrado a impassibilidade.

Joe estava quase nu; os braços ensanguentados, o corpo coberto de hematomas, tudo revelava seus sofrimentos. O doutor, após cuidar de suas feridas, deitou-o sob a tenda.

Joe logo se recobrou do desmaio e pediu um copo de aguardente, que o doutor não achou necessário recusar-lhe, pois o rapaz não podia ser tratado como outro qualquer. Depois de beber, ele apertou a mão dos companheiros e se declarou pronto para contar sua história.

Mas não lhe permitiram falar, e o bravo rapaz mergulhou em um sono profundo, do qual evidentemente tinha grande necessidade.

O *Vitória* seguia agora uma linha oblíqua para oeste. Sob o ímpeto de um vento muito forte, retornou à orla do deserto espinhoso, por cima de palmeiras curvadas ou arrancadas pela tempestade; e, após uma marcha de cerca de 320 quilômetros desde o resgate de Joe, ultrapassou à noite o 10º na longitude.

Capítulo 37

A rota do oeste – O despertar de Joe – Sua teimosia – Fim da história de Joe – Tagelel – Inquietações de Kennedy – Rumo ao norte – Uma noite perto de Agadés

À noite, o vento repousou das violências do dia, e o *Vitória* permaneceu tranquilamente no alto de um grande sicômoro. O doutor e Kennedy velaram por turnos e Joe se aproveitou disso para dormir profundamente, de um sono só, durante vinte e quatro horas.

– Esse é o remédio de que ele precisa – disse Fergusson. – A natureza se encarregará de curá-lo.

Ao nascer do dia, o vento voltou forte, mas caprichoso, atirando-os bruscamente para o norte e para o sul; no fim, porém, o *Vitória* foi impelido para oeste.

O doutor, de mapa em punho, identificou o reino de Damergu, terreno ondulado de grande fertilidade, com as cabanas das aldeias feitas de longos juncos intercalados de ramos de asclepias. Nos campos cultivados, montes de cereais se elevavam sobre uma espécie de andaimes cuja finalidade é preservá-los do ataque de ratos e formigas.

Logo chegaram à cidade de Zinder, reconhecível por sua larga praça de execuções. No centro, ergue-se a árvore da morte; o carrasco espera junto ao tronco e quem passa sob sua sombra é imediatamente enforcado!

Consultando a bússola, Kennedy se apressou a dizer:

– Estamos de novo na rota do norte!

– Pouco importa. Se ela nos levar a Tombuctu, não teremos motivos de queixa! Jamais uma viagem tão bela haverá terminado em melhores circunstâncias!...

– Nem com melhor saúde – interveio Joe, passando seu rosto bem-humorado pelas cortinas da tenda.

– Aí está nosso intrépido companheiro! – gritou Kennedy. – Nosso salvador! Como se sente?

– Muito natural, senhor, muito natural! Jamais me senti tão bem. Não há nada que revigore um homem como um pequeno passeio precedido de um banho no Chade! Não é verdade, patrão?

– Coração de ouro! – respondeu Fergusson, apertando-lhe a mão. – Quantas angústias, quantas inquietações você nos causou!

– Digo o mesmo. Acham que fiquei tranquilo pensando no que lhes acontecia? Podem se gabar, porque me fizeram sentir um medo terrível!

– Jamais iremos nos entender, Joe, se você continuar a encarar as coisas desse modo.

– A queda não o mudou em nada – acrescentou Kennedy.

– Seu devotamento foi sublime, meu rapaz, e nos salvou. Pois o *Vitória* já caía no lago e, se isso acontecesse, ninguém o tiraria de lá.

– Mas se meu devotamento, como lhe agrada chamar aquele salto, salvou vocês, salvou a mim também, pois não estamos os três em perfeita saúde? Não temos, então, nada a nos agradecer.

– Nunca nos entenderemos com esse rapaz – suspirou o caçador.

– A melhor maneira de nos entendermos – replicou Joe – é não falarmos sobre isso. O que aconteceu, aconteceu, para o bem ou para o mal! Não há volta.

– Teimoso! – disse o doutor, rindo. – Pelo menos, vai nos contar sua história?

– Se fizerem questão. Mas, antes, quero preparar muito bem este ganso gordo, pois vejo que Dick não perdeu tempo.

– À vontade, Joe.

– Veremos então como a caça africana se comporta em um estômago europeu.

O ganso foi prontamente assado na chama do maçarico e mais prontamente ainda devorado. Joe se serviu de um belo pedaço, como

convinha a um homem que não comia havia vários dias. Após o chá e os drinques, ele pôs os companheiros a par de suas aventuras. Falava com certa emoção, mas encarando os acontecimentos à luz de sua filosofia habitual. O doutor não pôde se impedir de apertar-lhe várias vezes a mão, ao ver aquele digno servidor mais preocupado com a salvação de seu patrão do que com a sua. A propósito do afundamento da ilha dos bidiomás, explicou-lhe que esse fenômeno era frequente no lago Chade.

Enfim, Joe, prosseguindo com seu relato, chegou ao momento em que, atolado no pântano, lançou um derradeiro grito de desespero.

– Achei que estava perdido, patrão, e meus pensamentos se voltaram para vocês. Comecei a me debater. Nem lhes conto: estava decidido a não me deixar engolir sem discussão quando, a dois passos de mim, distingui... uma ponta de corda recém-cortada! Resolvi fazer um último esforço e, não sei como, cheguei até ela. Puxei-a. A corda resistiu. Subi por ela e logo depois estava em terra firme! Na outra ponta, encontrei uma âncora! Ah, senhor, tenho sem dúvida o direito de chamá-la de âncora da salvação, se isso não for inconveniente. Reconheci-a, uma âncora do *Vitória*! Vocês desceram justamente naquele lugar! Segui a direção da corda, que me indicava para onde tinham ido, e, após mais alguns esforços, saí do atoleiro. Com as forças e a coragem renovadas, caminhei durante parte da noite, afastando-me do lago, e cheguei por fim à orla de uma floresta. Ali, em um cercado, pastavam tranquilamente alguns cavalos. Há, na vida, momentos em que todo mundo sabe montar a cavalo, não é verdade? Não perdi um minuto a refletir, saltei sobre um dos quadrúpedes e galopei para o norte a toda velocidade. Não vou dizer nada das cidades que não vi nem das aldeias que evitei. Não. Atravessei plantações, saltei arbustos, ultrapassei paliçadas, sempre espicaçando o animal, excitando-o, fazendo-o voar! Cheguei ao limite das terras cultivadas. Bem, lá estava o deserto. Antes assim: podia ver melhor à minha frente e mais longe. Sempre a galope, esperava avistar a qualquer momento o *Vitória* à minha espera. Mas nada. Ao fim de três horas, fui cair como um idiota em um acampamento de árabes! Ah, que perseguição! Senhor Kennedy, um caçador não sabe o que é uma caça até ser ele próprio caçado! No entanto, se me permite, aconselho-o a não fazer essa experiência. Meu pobre animal tombava de cansaço. Os árabes vinham perto. Caí. Saltei para a garupa do cavalo de um

deles. Eu não lhe queria mal e espero que não me guarde rancor por tê-lo estrangulado. Mas tinha visto vocês! O resto, já sabem. O *Vitória* correu atrás de mim e vocês me resgataram em pleno voo, como um cavaleiro faz ao apanhar o aro com a lança em um torneio. Não tinha eu razão de contar com meus amigos? Pois bem, senhor Samuel, veja como tudo o que aconteceu é simples. Nada de mais natural no mundo! E estou pronto a fazer tudo de novo, se isso lhes for útil! Aliás, conforme já disse, nem vale a pena falar a respeito.

– Meu bravo Joe! – disse o doutor, emocionado. – Não estávamos errados ao confiar em sua inteligência e habilidade!

– Ora, senhor, basta seguir os acontecimentos para resolver os problemas! O mais seguro, como vê, ainda é aceitar as coisas como são.

Durante o relato de Joe, o balão havia rapidamente percorrido uma grande extensão do país. Kennedy mostrou no horizonte um conjunto de cabanas que pareciam formar uma cidade. O doutor consultou seu mapa e reconheceu a cidade de Tagelel, no Damergu.

– Aqui reencontramos as pegadas de Barth – disse então. – Foi onde ele se separou de seus companheiros Richardson e Overweg. O primeiro devia seguir a rota de Zinder, o segundo, a de Maradi. E vocês devem se lembrar de que, desses três viajantes, apenas Barth voltou para a Europa.

– Portanto – concluiu o caçador –, se seguirmos no mapa a direção do *Vitória*, iremos diretamente para o norte.

– Diretamente, meu caro Dick.

– E isso não o inquieta nem um pouco?

– Por que inquietaria?

– Bem, esse caminho nos leva a Trípoli, cruzando o grande deserto.

– Oh, não iremos chegar tão longe, meu amigo. Pelo menos, é o que espero.

– Mas onde pretende parar?

– Não está curioso para visitar Tombuctu?

– Tombuctu?

– Sim – interveio Joe –, não se pode fazer uma viagem à África sem conhecer Tombuctu!

– Você será o quinto ou sexto europeu a ver essa cidade misteriosa!

– Pois então vamos a Tombuctu!

– Quando estivermos entre o 17.º e o 18.º grau na latitude,

procuraremos um vento favorável que nos leve para oeste.

– Mas – objetou o caçador – temos ainda uma longa rota a percorrer no norte?

– Duzentos e quarenta quilômetros, pelo menos.

– Nesse caso – disse Kennedy –, vou dormir um pouco.

– Durma, senhor – aconselhou Joe. – E o senhor, patrão, faça a mesma coisa. Devem precisar de um bom repouso, pois eu os fiz velar de um modo indecente.

O caçador se estendeu sob a tenda, mas Fergusson, que não se deixava dominar facilmente pela fadiga, permaneceu em seu posto de observação.

Após três horas, o *Vitória* atravessou com extrema rapidez um terreno pedregoso, pontilhado de altas montanhas nuas de base granítica, das quais alguns picos chegavam a 1.200 metros de altura. Girafas, antílopes e avestruzes saltavam com maravilhosa agilidade em meio a florestas de acácias, mimosas, ingás e palmeiras. Após a aridez do deserto, a vegetação retomava seu império. É o país dos cailuas, que escondem o rosto com um lenço de algodão, como seus perigosos vizinhos, os tuaregues.

Às dez horas da noite, após uma soberba travessia de 400 quilômetros, o *Vitória* pairou acima de uma cidade importante, de que a lua deixava entrever uma parte meio arruinada. Alguns minaretes de mesquitas surgiam aqui e ali, iluminados por um pálido raio de luar. O doutor tomou a altura das estrelas e concluiu que estava na latitude de Agadés.

Essa cidade, outrora centro de um imenso comércio, achava-se já em ruínas na época da visita do doutor Barth.

O *Vitória*, invisível na sombra, aterrissou 3 quilômetros ao sul de Agadés, em uma vasta plantação de milho. A noite decorreu bastante tranquila; às cinco horas da manhã, um vento leve impeliu o balão para oeste e mesmo um pouco para o sul.

Fergusson aproveitou bem esse golpe de sorte. Subiu rapidamente e se foi, seguindo uma longa trilha de raios do sol.

Capítulo 38

Travessia rápida – Resoluções prudentes – Caravanas – Chuva contínua – Gao – O Níger – Golberry, Geoffroy, Gray – Mungo-Park – Laing – René Caillié – Clapperton – John e Richard Lander

O dia 17 de maio foi tranquilo, sem incidentes. O deserto recomeçava, com um vento médio levando o *Vitória* para sudoeste. O aeróstato não se desviava nem para a direita nem para a esquerda e sua sombra traçava na areia uma linha rigorosamente reta.

Antes da partida, o doutor havia renovado, por prudência, sua provisão de água, pois temia não poder aterrissar naquelas regiões infestadas de tuaregues aueliminianos. O planalto, cuja altitude era de 550 metros acima do nível do mar, baixava na direção sul. Os viajantes, cortando o caminho de Agadés a Murzuk, frequentemente calcado por camelos, alcançaram à noite 16º na latitude e 4º 55’ na longitude, após um percurso monótono de 290 quilômetros.

Durante essa jornada, Joe preparou as últimas peças de caça, que haviam recebido apenas um tratamento sumário, e serviu, ao jantar, espetinhos de narceja muito apetitosos. Como o vento estava bom, o doutor resolveu continuar em sua rota durante a noite, que a lua ainda quase cheia tornava resplandecente. O *Vitória* subiu a 150 metros e, durante essa travessia noturna de cerca de 100 quilômetros, nem sequer o sono leve de um bebê teria sido perturbado.

No domingo de manhã, o vento mudou novamente e começou a soprar na direção noroeste. Alguns corvos esvoaçavam pelas imediações e, no horizonte, um bando de abutres se mantinha felizmente distante.

A visão dessas aves levou Joe a cumprimentar seu patrão pela ideia dos dois balões.

– Onde estaríamos agora com um só invólucro? Este segundo balão é como a chalupa de um navio: em caso de naufrágio, podemos sempre embarcar nela para nos salvar.

– Tem razão, amigo. O único problema é que minha chalupa me deixa um pouco inquieto, pois não se compara ao navio.

– Que quer dizer? – perguntou Kennedy.

– Quero dizer que o novo *Vitória* não é tão bom quanto o antigo. Seja porque o tecido se desgastou com o atrito ou porque a guta-percha se derreteu ao calor da serpentina, noto um certo desperdício de gás. Não foi muito, até o momento, mas, ainda assim, em quantidade apreciável. O balão tende a descer e, para mantê-lo, sou forçado a dilatar mais o hidrogênio.

– Diabo! – praguejou Kennedy. – Para isso, não vejo remédio.

– E não há, meu caro Dick. O melhor então é nos apressarmos, evitando até as paradas noturnas.

– Ainda estamos longe da costa? – perguntou Joe.

– Que costa, meu rapaz? Não sabemos para onde o acaso nos conduzirá. Só posso dizer que Tombuctu está a mais ou menos 650 quilômetros a oeste.

– E quanto tempo levaremos para chegar lá?

– Se o vento não nos desviar muito, penso que alcançaremos essa cidade na terça-feira ao anoitecer.

– Então – disse Joe, mostrando uma longa fila de animais e homens que serpenteava em pleno deserto –, chegaremos mais depressa que aquela caravana.

Fergusson e Kennedy se debruçaram e viram uma vasta aglomeração de seres de toda espécie. Havia ali mais de cento e cinquenta camelos, daqueles que por doze *mutkals* de ouro, equivalentes a cento e vinte e cinco francos, vão de Tombuctu a Tafilet com uma carga de 230 quilos no lombo. Todos traziam na cauda um saco destinado a recolher seus excrementos, único combustível com que se pode contar no deserto.

Esses camelos dos tuaregues são da melhor espécie. Podem ficar de três a sete dias sem beber e dois dias sem comer; sua velocidade é superior à dos cavalos e obedecem com inteligência à voz do *khabir*, o guia da caravana. São conhecidos no país pelo nome de *mehari*.

Muitos foram os detalhes fornecidos pelo doutor enquanto seus companheiros observavam aquela multidão de homens, mulheres e crianças marchando penosamente pelo areal meio movediço, contido apenas por cardos, ervas ressequidas e arbustos franzinos. O vento apagava suas pegadas quase instantaneamente.

Joe perguntou como os árabes conseguiam se orientar no deserto e achar os poços dispersos por aquela vasta solidão.

– Os árabes – respondeu Fergusson – receberam da natureza um maravilhoso instinto para reconhecer seu rumo. Onde um europeu ficaria desorientado, eles não hesitam; uma rocha insignificante, um seixo, um arbusto, a tonalidade diferente da areia são suficientes para avançarem com segurança. À noite, guiam-se pela estrela polar; fazem pouco mais de 3 quilômetros por hora e descansam durante os calores do meio-dia. Calculem então quanto tempo levam para atravessar o Saara, um deserto com quase 1.500 quilômetros de extensão.

Mas o *Vitória* já havia desaparecido dos olhos espantados dos árabes, que deviam invejar sua rapidez. À tardinha, ele passou pela longitude de 2º 20’[27] e, durante a noite, ultrapassou mais um grau.

Na segunda-feira, o tempo mudou completamente e a chuva caiu com grande violência, sendo então necessário resistir a esse dilúvio e ao aumento de peso que ele provocava no balão e cesto. Essa chuvarada perpétua explicava os pântanos que cobriam toda a superfície do país, onde a vegetação reaparecia sob a forma de mimosas, baobás e tamarindos.

Era assim o Sonray, com suas choças cobertas de tetos invertidos à semelhança dos gorros armênios. Viam-se poucas montanhas, apenas colinas que formavam vales e reservatórios sobrevoados por narcejas e galinha-d’angola. Aqui e ali, torrentes impetuosas cortavam os caminhos, que os nativos atravessavam agarrados a um cipó estendido de uma árvore a outra. A floresta dava espaço a lamaçais, onde se agitavam crocodilos, hipopótamos e rinocerontes.

– Logo veremos o Níger – avisou o doutor. – O terreno muda nas imediações dos grandes rios. Esses “caminhos andantes”, segundo uma feliz expressão, trouxeram primeiro as florestas e, mais tarde, trarão a

civilização. Assim, percorrendo 4.000 quilômetros, o Níger semeou em suas margens as cidades mais importantes da África.

– Isso me lembra – disse Joe – da história de um grande admirador da Providência, que a louvava por ela ter tido o cuidado de fazer passar os rios através das grandes cidades!

Ao meio-dia, o *Vitória* sobrevoou uma povoação, um conjunto de choças miseráveis que já foi uma importante capital.

– Ali – disse o doutor – é que Barth atravessou o Níger ao voltar de Tombuctu. Eis o rio famoso na Antiguidade, o rival do Nilo, a que a superstição pagã atribuiu uma origem celeste. Como o Nilo, chamou a atenção dos geógrafos de todos os tempos e sua exploração fez numerosas vítimas.

O Níger corria entre duas margens largamente separadas. Suas águas rolavam para o sul com certa violência, mas os viajantes mal puderam observar seus curiosos contornos.

– Eu queria falar sobre esse rio – disse Fergusson – e ele já está longe! Com os nomes de Dhiuleba, Mayo, Egghirreú, Quorra e muitos outros, percorre uma imensa extensão de terras e quase se compara ao Nilo em comprimento. Tais nomes significam apenas “rio”, conforme o país que atravessa.

– Terá o doutor Barth seguido esse caminho? – perguntou Kennedy.

– Não, Dick. Após deixar o lago Chade, ele atravessou as principais cidades do Bornu e cruzou o Níger em Say, 4 graus abaixo de Gao. Em seguida, embrenhou-se nesses países inexplorados que o Níger esconde em suas curvas e, depois de um mês de novas fadigas, chegou a Tombuctu. Mas nós faremos isso em apenas três dias, com um vento assim tão rápido.

– Já foram descobertas as nascentes do Níger? – perguntou Joe.

– Há muito tempo – respondeu o doutor. – O reconhecimento do Níger e de seus afluentes atraiu numerosos exploradores e posso citar os principais. De 1749 a 1758, Adamson reconheceu o rio e visitou Gorée; de 1785 a 1788, Golberry e Geoffroy percorreram os desertos da Senegâmbia e subiram até o país dos mouros, que assassinaram Saugnier, Brisson, Adam, Riley, Cochelet e muitos outros desafortunados. Veio então o ilustre Mungo-Park, amigo de Walter Scott, escocês como ele. Enviado em 1795 pela Sociedade Africana de Londres, chegou a Bambarra, viu o Níger, caminhou 800 quilômetros com um mercador de escravos, reconheceu o rio Gâmbia e voltou para

a Inglaterra em 1797. Em 30 de janeiro de 1805, partiu novamente em companhia de seu cunhado Anderson, Scott, o desenhista, e um grupo de operários. Alcançou Gorée, recrutou um destacamento de trinta e cinco soldados e reviu o Níger em 19 de agosto. Mas, então, em consequência das privações, dos maus-tratos, das inclemências do céu e da insalubridade do país, só restavam vivos onze de quarenta europeus. Em 16 de novembro, as últimas cartas de Mungo-Park chegaram à sua esposa e, um ano mais tarde, soube-se por um traficante do país que, já em Bussa, no Níger, em 23 de dezembro, o infeliz viajante viu sua barca tombar nas cataratas do rio e depois foi massacrado pelos nativos.

– E esse fim terrível não desanimou os exploradores?

– Ao contrário, Dick, pois então se desejava não apenas reconhecer o rio como encontrar os papéis do viajante. Em 1816, foi organizada em Londres uma expedição da qual participou o major Gray. O grupo chegou ao Senegal, penetrou no Futa-Djallon, visitou populações fulas e mandingues, mas voltou para a Inglaterra sem outros resultados. Em 1822, o major Laing explorou toda a parte da África ocidental vizinha das possessões inglesas e foi o primeiro a chegar às nascentes do Níger. Segundo seus documentos, a origem desse rio imenso não tem mais de 60 centímetros de largura.

– Fácil de saltar – disse Joe.

– Ah, ah, fácil? – replicou o doutor. – Se acreditarmos nas tradições, quem ousar atravessar essa nascente saltando-a é imediatamente engolido; e quem quiser tirar água dali se sente empurrado por uma mão invisível.

– É permitido não crer em uma palavra de toda essa história? – perguntou Joe.

– Sim, é. Cinco anos depois, o major Laing se lançou pelo Saara, foi até Tombuctu e morreu estrangulado alguns quilômetros mais acima pelos ulad-shiman, que queriam obrigá-lo a tornar-se muçulmano.

– Mais uma vítima! – exclamou o caçador.

– Foi então que um jovem corajoso empreendeu à própria custa, e realizou a mais espantosa das viagens modernas. Refiro-me ao francês René Caillié. Após diversas tentativas em 1819 e 1824, ele partiu de novo, em 19 de abril de 1827, de Rio-Nunez; em 3 de agosto, chegou de tal modo doente e esgotado a Timé que só conseguiu reiniciar a viagem em janeiro de 1828, seis meses depois. Juntou-se então a uma

caravana, protegido por suas roupas orientais, alcançou o Níger em 10 de março, entrou na cidade de Jenné e desceu o rio até Tombuctu, onde desembarcou em 30 de abril. Outro francês, Imbert, em 1670, e um inglês, Robert Adams, em 1810, talvez tenham visto essa cidade curiosa; mas René Caillié foi o primeiro europeu a descrevê-la com detalhes exatos. Em 4 de maio, deixou esse reino do deserto; em 9, reconheceu o lugar onde o major Laing tinha sido assassinado; em 19, chegou a El-Arauan, cidade comercial de onde saiu para atravessar, correndo mil perigos, as vastas solidões compreendidas entre o Sudão e as regiões setentrionais da África. Finalmente, apareceu em Tânger e, em 28 de setembro, embarcou para Toulon: em dezenove meses, apesar de cento e oitenta dias de enfermidade, havia cruzado a África do oeste ao norte. Ah, se Caillié houvesse nascido na Inglaterra, seria reverenciado como o mais intrépido viajante dos tempos modernos, tal como Mungo-Park. Mas, na França, não se reconhece seu valor[28].

– Um valente companheiro – reconheceu o caçador. – E que foi feito dele?

– Morreu aos trinta e nove anos, em consequência de suas fadigas. Pensou-se que era o bastante conceder-lhe o prêmio da Sociedade Geográfica em 1828. Honras bem maiores lhe seriam tributadas na Inglaterra! A propósito, enquanto ele realizava essa maravilhosa viagem, um inglês concebia o mesmo projeto e o executava com a mesma coragem, embora não com a mesma sorte. Trata-se do capitão Clapperton, o companheiro de Denham. Em 1829, ele voltou à África pela costa oeste, desembarcando no golfo de Benim. Seguiu os passos de Mungo-Park e Laing, encontrou em Bussa os documentos relativos à morte do primeiro e chegou no dia 20 de agosto a Sakcatu, onde exalou o último suspiro nos braços de seu fiel criado, Richard Lander.

– E o que aconteceu a esse Richard Lander? – perguntou Joe, muito interessado.

– Conseguiu chegar à costa e voltou a Londres, levando os documentos do capitão e um relato preciso de sua própria viagem. Ofereceu então seus serviços ao governo a fim de completar o reconhecimento do Níger. Convocou seu irmão John e, de 1829 a 1831, esses dois filhos de uma família pobre da Cornualha desceram o rio de Bussa até sua embocadura, descrevendo aldeia por aldeia, quilômetro por quilômetro.

– E esses dois irmãos escaparam à sorte comum? – indagou

Kennedy.

– Sim, pelo menos nessa viagem. Mas em 1833, Richard empreendeu uma terceira expedição ao Níger e tombou ferido por uma bala perdida perto da foz do rio. Como veem, meus amigos, o país que atravessamos testemunhou muitas ações nobres, cuja recompensa foi frequentemente a morte!

O meridiano zero de Paris. (N.T.)

O doutor Fergusson, na qualidade de inglês, talvez exagere um pouco. Mas temos de reconhecer que René Caillié não gozou na França, entre os viajantes, de uma celebridade digna de seu devotamento e de sua coragem. (N. O.)

Capítulo 39

O país na curva do Níger – Vista fantástica dos montes Hombori – Kabra – Tombuctu – Plano do doutor Barth – Decadência – Onde Deus quiser

Durante essa longa jornada da segunda-feira, o doutor Fergusson se divertiu dando aos companheiros mil detalhes sobre o país que atravessavam. O solo, muito plano, não oferecia obstáculos à marcha. A única preocupação do doutor era aquele maldito vento de nordeste que soprava com raiva e o afastava da latitude de Tombuctu.

O Níger, após subir para o norte até essa cidade, arredonda-se como um imenso jato de água e deságua no oceano Atlântico, formando um gigantesco delta. Dentro dessa curva, o país é muito variado, ora de uma fertilidade exuberante, ora de uma aridez extrema. Planícies incultas se sucedem a campos de milho, logo substituídos por vastos terrenos cobertos de giestas. Inúmeras variedades de pássaros aquáticos, como pelicanos, marrecos e martins-pescadores, vivem em bandos nas margens das torrentes e pântanos.

De vez em quando, surgia um acampamento de tuaregues abrigados em suas tendas de couro, enquanto as mulheres se esfalfavam nas tarefas externas, ordenhando as camelas e fumando seus cachimbos de grossos fornilhos.

O *Vitória*, por volta das oito horas da noite, havia avançado mais de 300 quilômetros para oeste, e os viajantes puderam então testemunhar

um magnífico espetáculo.

Alguns raios de luar abriam caminho por uma abertura entre as nuvens e, deslizando entre as gotas de chuva, caíam sobre a cadeia dos montes Hombori. Nada mais estranho que essas cristas de aparência basáltica, cujas silhuetas fantásticas se recortavam contra o céu sombrio. Lembravam ruínas lendárias de uma cidade imensa da Idade Média, tal como as que, nas noites escuras, as massas de gelo flutuantes dos mares glaciais sugerem aos olhares espantados.

– Eis um lugar dos *Mistérios de Udolfo* – disse o doutor. – Ann Radcliffe não teria descrito essas montanhas com tintas mais impressionantes.

– Por minha fé! – exclamou Joe. – Eu não gostaria nada de perambular sozinho à noite nesse país de fantasmas. Se essa paisagem não pesasse tanto, eu a levaria inteira para a Escócia. Ficaria bem às margens do lago Lomond e os turistas apareceriam em massa.

– Nosso balão não é grande o suficiente para permitir essa fantasia. Mas parece-me que nossa direção está mudando. Ótimo! Os duendes daqui são muito amáveis e sopram um leve vento de sudeste que nos porá no bom caminho.

Dessa forma, o *Vitória* retomava uma rota mais para o norte e, na manhã do dia 20, planou sobre uma inextricável rede de canais, torrentes e riachos que constituem o emaranhado completo dos afluentes do Níger. Vários desses canais, cobertos por uma erva espessa, pareciam pradarias verdejantes. Ali, o doutor assinalou a rota de Barth, quando este embarcou no rio para descer até Tombuctu. Com uma largura de 1.600 metros, o Níger corria entre margens ricas em crucíferas e tamarindos. Bandos saltitantes de gazelas confundiam seus cornos anelados com a grama alta, onde crocodilos as espreitava em silêncio.

Longas filas de asnos e camelos, carregados com mercadorias de Jenné, desfilavam sob o arvoredo. Logo, um anfiteatro de casas baixas surgiu numa curva do rio, com a forragem trazida das regiões vizinhas acumulada nos terraços e telhados.

– É Kabra – informou alegremente o doutor –, o porto de Tombuctu. A cidade está a menos de 8 quilômetros daqui!

– Isso lhe agrada, senhor? – perguntou Joe.

– Isso me encanta, meu rapaz.

– Então, tudo bem.

Com efeito, duas horas depois, a rainha do deserto, a misteriosa Tombuctu, que teve como Atenas e Roma suas academias de sábios e suas cátedras de filosofia, desdobrou-se sob os olhos dos viajantes.

Fergusson seguiu os mínimos detalhes no mapa traçado por Barth e constatou sua extrema exatidão.

A cidade forma um vasto triângulo inscrito em uma imensa planície de areia branca; sua ponta se projeta para o norte e corta um canto do deserto; nas imediações, nada, apenas algumas gramíneas, mimosas anãs e arbustos secos.

Quanto ao aspecto de Tombuctu, em uma visão rápida, figure-se um amontoado de bolas de bilhar e dados. As ruas, muito estreitas, são ladeadas de casas térreas, construídas com tijolos cozidos ao sol, e choças de palha entremeada com junco – estas cônicas, aquelas quadradas. Nos terraços, viam-se alguns habitantes deitados pachorrentamente, com suas roupas berrantes e lanças ou mosquetes ao alcance da mão. Mas, nessa hora do dia, não se viam mulheres.

– Dizem, no entanto, que elas são bonitas – acrescentou o doutor. – Vejam as três torres das três mesquitas, as únicas que restaram de um grande número. A cidade perdeu muito de seu antigo esplendor! No ápice do triângulo, ergue-se a mesquita de Sankore com suas galerias sustentadas por arcadas de um desenho muito puro. Mais longe, perto do bairro de Sane-Gungu, estão a mesquita de Sidi-Yahia e umas poucas casas de dois andares. Não procurem palácios nem monumentos. O xeque é um mero traficante e sua residência real não passa de um bazar.

– Acho que estou vendo restos de muralhas – disse Kennedy.

– Foram destruídas pelos fulas em 1826, quando a cidade era um terço maior que hoje. Tombuctu, desde o século XI, tem sido objeto da cobiça geral e pertenceu sucessivamente aos tuaregues, aos suraianos, aos marroquinos, aos fulas. E esse grande centro de civilização, onde um sábio como Ahmed-Baba possuía no século XVI uma biblioteca com mil e seiscentos manuscritos, hoje não é mais que um entreposto comercial da África Central.

Tombuctu, com efeito, parecia entregue a um grande descuido, acusando a preguiça endêmica das cidades que morrem. Montes de escombros se acumulavam nos bairros, formando com a colina do mercado os únicos acidentes do terreno.

À passagem do *Vitória*, produziu-se algum movimento e o tambor

soou. Mas o último sábio do local mal teve tempo de observar esse novo fenômeno. Os viajantes, impelidos pelo vento do deserto, retomaram o curso sinuoso do rio e logo Tombuctu foi apenas uma das lembranças fugazes da aventura.

– Agora – disse o doutor –, o céu nos levará para onde quiser!

– Desde que seja para oeste! – replicou Kennedy.

– Ora – interveio Joe –, voltar a Zanzibar pelo mesmo caminho ou atravessar o oceano até a América, nada disso me assustaria.

– Impossível, Joe.

– E o que nos falta?

– Gás, meu jovem. A força ascensional do balão diminuiu sensivelmente e precisaremos ter muito cuidado para que ele nos leve até a costa. Vou mesmo jogar fora um pouco de lastro. Estamos muito pesados.

– Eis no que dá não fazer nada, patrão! Ficar o dia inteiro estendidos como vagabundos em uma rede, isso engorda e aumenta o peso. A nossa aventura é uma viagem de preguiçosos e, na volta, estaremos terrivelmente corpulentos e balofos.

– Essas são reflexões dignas de Joe – ponderou o caçador. – Mas aguarde o final. Sabe acaso o que o céu nos reserva? Ainda estamos longe do término de nossa viagem. Onde pensa encontrar a costa da África, Samuel?

– Não poderei lhe responder, Dick. Voamos à mercê de ventos muito variáveis, mas eu ficaria feliz se o local fosse entre Serra Leoa e Portendick. Há ali um território onde encontraremos amigos.

– Será um prazer apertar a mão deles. Mas seguimos, pelo menos, a direção certa?

– Não muito, Dick, não muito. Olhe a agulha imantada: estamos indo para o sul, subindo o Níger na direção de suas nascentes.

– Ótima oportunidade para descobri-las – disse Joe –, se já não tivessem sido descobertas. Não poderíamos, a rigor, encontrar outras?

– Não, Joe. Mas fique tranquilo, espero não chegar até lá.

Ao cair da noite, o doutor se livrou dos últimos sacos de lastro; o *Vitória* subiu, mas o maçarico, embora funcionando ao máximo, mal conseguia sustentá-lo. Estava agora a 100 quilômetros ao sul de Tombuctu e, na manhã seguinte, sobrevoou as margens do Níger, não longe do lago Debo.

Capítulo 40

Inquietações do doutor Fergusson – Sempre para o sul – Uma nuvem de gafanhotos – Vista de Jenné – Vista de Sego – Mudança de vento – Lamentações de Joe

O leito do rio era agora partilhado por grandes ilhas em braços estreitos de uma corrente bastante rápida. Em uma delas, viam-se algumas casas de pastores, mas foi impossível ter do local uma ideia exata porque a velocidade do *Vitória* aumentava cada vez mais. Infelizmente, ele teimava em rumar para o sul e em instantes atravessou o lago Debo.

Fergusson, forçando quanto podia sua dilatação, procurou em diversas altitudes outras correntes atmosféricas, mas não encontrou nenhuma. Renunciou logo a essa manobra, que aumentava ainda mais o desperdício de gás por forçar as paredes do balão, distendidas ao máximo.

Não disse nada, mas estava muito inquieto. A obstinação do vento em impeli-lo para a parte meridional da África arruinava seus cálculos. Não sabia mais com que ou com quem contar. Se não alcançassem os territórios ingleses ou franceses, o que seria deles nas mãos dos bárbaros que infestavam as costas da Guiné? Como aguardariam ali um navio para voltar à Inglaterra? A direção atual do vento os empurrava para o reino de Daomé, cujas populações são as

mais selvagens e onde ficariam à mercê de um rei que, nas festas públicas, sacrificava milhares de vítimas humanas! Lá, estariam perdidos.

Não bastasse isso, o balão se desgastava visivelmente e o doutor sentia que logo lhe faltaria! Mas, como o tempo melhorava um pouco, ele esperava que o fim da chuva acabasse trazendo uma mudança nas correntes atmosféricas.

Foi, pois, desagradavelmente trazido de volta à realidade por esta reflexão de Joe:

– Bem, a chuva vai aumentar e desta vez será o dilúvio, a julgar por aquela nuvem que se aproxima!

– Mais uma nuvem! – exclamou Fergusson.

– E das grandes! – completou Kennedy.

– Como nunca vi igual – disse Joe –, com bordas bem definidas.

– Que alívio! – suspirou o doutor, baixando a luneta. – Não é uma nuvem de chuva.

– Como não? – estranhou Joe.

– Mas um enxame de gafanhotos!

– Gafanhotos!

– Milhares deles, que passarão sobre estas terras como uma tromba. E ai delas se baixarem, pois devorarão tudo!

– Isso eu queria ver!

– Pois espere, Joe. Dentro de dez minutos, estarão aqui e você verá com seus próprios olhos.

Fergusson não se enganava. A nuvem espessa, opaca, com quilômetros de extensão, chegava com um barulho ensurdecedor, projetando sobre o solo uma sombra gigantesca: uma inumerável legião de gafanhotos, a que se dá o nome de grilos. A cem passos do *Vitória*, abateram-se sobre uma terra verdejante; quinze minutos depois, a massa retomou seu voo e os viajantes puderam perceber de longe que as árvores e os arbustos estavam inteiramente nus, e a planície, devastada. Parecia que um inverno súbito acabava de mergulhar no campo na mais completa esterilidade.

– E então, Joe?

– Sim, patrão, é muito curioso, mas muito natural. O que um gafanhoto faria sozinho, milhares fazem juntos.

– Uma chuva assustadora – observou o caçador. – E mais terrível ainda que o granizo pela devastação que causa.

– Além do mais, não é possível evitá-la – disse Fergusson. – Os habitantes já tiveram a ideia de incendiar as florestas e até as plantações para impedir o voo desses insetos. Mas as filas da frente, precipitando-se nas chamas, extinguiu-a com sua massa e o resto do bando passou incólume. Felizmente, nestes países, há uma espécie de compensação para seus danos: os nativos recolhem os gafanhotos em grande número e os comem.

– São os camarões do ar – disse Joe, com ar circunspecto. – Lamento não ter podido degustá-los, para me instruir.

O terreno se tornou mais pantanoso ao cair da noite. As florestas deram lugar a árvores isoladas. Nas margens do rio, distinguiam-se algumas plantações de tabaco e áreas alagadas cobertas de forragem. Em uma grande ilha, surgiu então a cidade de Jenné com as duas torres de sua mesquita de barro e o odor infecto de milhões de ninhos de andorinhas acumulados em suas paredes. Algumas copas de baobás, mimosas e palmeiras trespassadas entre as casas. Mesmo à noite, a atividade parecia intensa. Há, certamente, muito comércio em Jenné, que abastece Tombuctu de quase tudo: barcos no rio e caravanas pelos caminhos sombreados levam para lá as diversas produções de sua indústria.

– Se isso não prolongasse nossa viagem – disse o doutor –, eu bem que gostaria de descer e conhecer a cidade um pouco. Deve haver ali mais de um árabe que viajou para a França ou a Inglaterra e para o qual nosso gênero de locomoção talvez não seja uma grande novidade. Mas isso não seria prudente.

– Adiemos a visita para nossa próxima excursão – brincou Joe.

– De resto, meus amigos, quero crer que um leve vento começa a soprar para leste. Não convém perder uma oportunidade dessas.

O doutor jogou fora alguns objetos inúteis, garrafas vazias e uma caixa de carne que já não servia para nada, conseguindo assim manter o *Vitória* em uma zona mais favorável a seus projetos. Às quatro horas da manhã, os primeiros raios do sol iluminaram Sego, a capital do Bambarra, prontamente reconhecível pelas quatro cidades que a compõem, por suas mesquitas mouriscas e pelo vaivém incessante das barcas que transportam os habitantes de um bairro a outro. Mas os viajantes não viram nem foram vistos, pois viajavam rapidamente para noroeste, e as inquietações do doutor se acalmaram um pouco.

– Mais dois dias nesta direção e com esta velocidade, alcançaremos

o rio do Senegal.

– E estaremos em país amigo? – perguntou o caçador.

– Ainda não. A rigor, se o *Vitória* nos faltar, poderemos procurar estabelecimentos franceses. Mas, se ele resistir por algumas centenas de quilômetros, chegaremos à costa ocidental sem fadigas, sem medo e sem perigo.

– E tudo acabará! – suspirou Joe. – Tanto pior. Se não fosse o prazer de contar a história, eu gostaria de não pôr mais o pé em terra! Acha que acreditarão no que dissermos, patrão?

– Quem sabe, meu bravo Joe? Mas um fato será incontestável: mil testemunhas nos viram partir de uma costa da África e mil testemunhas nos verão chegar à outra.

– Nesse caso – disse Kennedy –, parece-me difícil contestar que realizamos a travessia.

– Ah, senhor Samuel – suspirou de novo Joe –, vou sempre lamentar minhas pedras de ouro maciço! Isso daria peso às nossas histórias, e verossimilhança aos nossos relatos. Calculando-se um grama de ouro por ouvinte, eu reuniria uma bela multidão para me ouvir e até para me admirar!

Capítulo 41

As proximidades do Senegal – O Vitória *desce cada vez mais – Lastro fora, lastro fora – O marabuto Al-Hadji – Pascal, Vincent, Lambert – Um rival de Maomé – As montanhas difíceis – As armas de Kennedy – Uma manobra de Joe – Parada acima de uma floresta*

No dia 27 de maio, por volta das nove horas da manhã, o território se apresentou sob um novo aspecto: as extensas encostas se transformavam em colinas que pressagiavam montanhas próximas. Seria necessário transpor a cadeia que separa a bacia do Níger da bacia do Senegal e dirige as águas para o golfo da Guiné ou para a baía de Cabo Verde.

Até o Senegal, essa parte da África é considerada perigosa. O doutor Fergusson sabia disso pelos relatos de seus antecessores, que haviam suportado mil privações e corrido mil perigos em meio às populações bárbaras. O clima devorou a maior parte dos companheiros de Mungo-Park. Assim, Fergusson decidiu não pôr pé em um país tão pouco hospitaleiro.

Mas não teve um minuto de repouso; o *Vitória* baixava a olhos vistos. Foi preciso jogar fora vários objetos mais ou menos inúteis, sobretudo no momento de ultrapassar o topo de montanhas. Isso continuou por quase 200 quilômetros. Não paravam de subir e descer; o balão, qual nova pedra de Sísifo, baixava incessantemente e sua

forma pouco inflada já se distendia, alongando-se, com o vento cavando profundas reentrâncias em seu invólucro.

Kennedy não deixou de notar esse problema.

– Será que o balão não tem uma fissura? – perguntou.

– Não – respondeu o doutor. – Mas a guta-percha evidentemente amoleceu ou se derreteu sob o efeito do calor, e o hidrogênio escapa pela trama do tecido.

– Como impedir isso?

– É impossível. Só nos resta aliviar o peso. Vamos nos livrar de tudo que pudermos.

– Mas nos livrar do quê? – perguntou o caçador, olhando o cesto já quase sem nada.

– Da tenda, que pesa muito.

Joe, a quem essa ordem era endereçada, subiu para o arco que prendia as cordas da rede e, de lá, conseguiu facilmente soltar a grossa cortina da tenda, jogando-a fora.

– Isso fará a alegria de toda uma tribo de selvagens – disse ele. – Poderá vestir mil nativos, que usam muito pouco pano.

O balão subiu alguns metros, mas logo ficou evidente que se aproximava de novo do solo.

– É melhor descermos – sugeriu Kennedy – e ver o que podemos fazer com esse invólucro.

– Repito, Kennedy: não temos nenhum meio de consertá-lo.

– Então, o que faremos?

– Sacrificaremos tudo que não for absolutamente necessário. Quero evitar a todo custo uma parada nesta região. As florestas cujas copas estamos roçando agora não são nada seguras.

– Ora, leões e hienas? – perguntou Joe, em tom de desprezo.

– Pior que isso, meu rapaz. Homens. E os mais cruéis da África.

– Como o senhor sabe?

– Pelos viajantes que nos precederam. Além do mais, os franceses que ocupam a colônia do Senegal mantêm obrigatoriamente relações com os povos vizinhos. No governo do coronel Faidherbe, foram feitos reconhecimentos pelo interior do país. Oficiais como Pascal, Vincent e Lambert produziram documentos preciosos sobre suas expedições. Visitaram territórios contornados pela curva do Senegal, onde a guerra e a pilhagem só deixaram ruínas.

– Que aconteceu?

– O seguinte. Em 1854, um marabuto do Futa senegalês, Al-Hadji, dizendo-se inspirado como Maomé, instigou todas as tribos à guerra contra os infiéis, isto é, os europeus, provocando destruição e desolação entre o rio Senegal e seu afluente Falemé. Três hordas de fanáticos comandados por ele assolaram o país, não poupando aldeia ou cabana. Pilhavam, massacravam. Ele ousou mesmo avançar até o vale do Níger, até a cidade de Sego, que se viu por muito tempo ameaçada. Em 1857, subiu para o norte e atacou o forte de Medina, construído pelos franceses nas margens do rio. Esse estabelecimento foi defendido por um herói, Paul Holl, que, durante vários meses, sem comida e quase sem munição, resistiu até ao coronel Faidherbe vir libertá-lo. Al-Hadji cruzou de novo o Senegal e rumou para o Kaarta a fim de reiniciar suas rapinas e morticínios. Estes aqui são justamente os territórios onde ele se refugiou com seus bandidos. E afirmo que não seria nada bom cair nas mãos dessa gente.

– Não cairemos – garantiu Joe – mesmo que tivermos de sacrificar nossos sapatos para reerguer o *Vitória.*

– Não estamos longe do rio – disse o doutor. – Mas prevejo que nosso balão não poderá nos levar além dele.

– Cheguemos pelo menos às suas margens – replicou o caçador. – Esta será a sua vitória.

– É o que tentaremos fazer – disse o doutor. – Mas uma coisa me deixa inquieto.

– Qual?

– Temos montanhas a ultrapassar e isso será difícil, pois não consigo aumentar a força ascensional do aeróstato, mesmo produzindo o maior calor possível.

– Só nos resta esperar – disse Kennedy. – E na hora veremos o que fazer.

– Pobre *Vitória*! – suspirou Joe. – Afeiçoei-me a ele como o marinheiro a seu navio. Não me separarei deste balão sem tristeza! Bem, não é mais o que era na partida, mas não vou criticá-lo. Prestou-nos bons serviços e ficarei de coração partido ao abandoná-lo.

– Fique tranquilo, Joe. Só o abandonaremos em último caso. Ele nos servirá até o fim de suas forças. Só peço a ele que resista por mais vinte e quatro horas.

– Está esgotado – disse Joe, examinando o *Vitória*. – Emagreceu, sua vida se vai. Pobre balão!

– Ou muito me engano – observou Kennedy –, ou lá estão, no horizonte, as montanhas de que você falou, Samuel.

– São elas mesmo – confirmou o doutor, após as examinar com a luneta. – Parecem-me muito altas e teremos dificuldade em transpô-las.

– Não poderíamos evitá-las?

– Acho que não, Dick. Veja quanto espaço elas ocupam: quase metade do horizonte!

– Parecem até nos cercar pela direita e pela esquerda – disse Joe.

– Temos, obrigatoriamente, de passar por cima delas.

Esses obstáculos perigosíssimos iam se aproximando com uma rapidez impressionante, ou, melhor dizendo, o vento forte empurrava o *Vitória* contra seus picos agudos.

– Vamos esvaziar a caixa de água – propôs Fergusson. – Ficaremos apenas com o necessário para um dia.

– Pronto! – disse Joe.

– O balão subiu um pouco? – perguntou Kennedy.

– Um pouco. Cerca de 15 metros – respondeu o doutor, que não tirava os olhos do barômetro. – Mas isso não basta.

Com efeito, os picos altos se acercavam dos viajantes como que se precipitando sobre eles. O balão estava muito baixo: precisava ainda de mais de 150 metros. A provisão de água do maçarico foi também jogada fora e só ficaram alguns litros. Mas nem isso pareceu suficiente.

– No entanto, precisamos passar – disse o doutor.

– Joguemos as caixas, pois já estão vazias – disse Kennedy.

– Joguem.

– Pronto! – disse Joe. – É triste ir perdendo pedaço após pedaço.

– Quanto a você, Joe, não vá repetir seu devotamento da outra vez. Pouco importa o que aconteça, jure que não nos deixará.

– Fique tranquilo, patrão. Não nos separaremos.

O *Vitória* conseguiu subir cerca de 40 metros, mas o topo da montanha ainda era mais alto, com sua aresta pontiaguda coroando uma verdadeira muralha cortada a pique. Erguia-se a mais de 60 metros acima dos viajantes.

– Em dez minutos – murmurou o doutor –, nosso cesto irá se despedaçar contra essas rochas, caso não consigamos ultrapassá-las.

– E agora, senhor Samuel? – indagou Joe.

– Só conserve nossa provisão de *pemmican* e jogue fora toda essa carne que está pesando muito.

O balão foi aliviado de uns 20 quilos e subiu sensivelmente; mas isso pouco importaria caso não conseguisse superar a linha das montanhas. A situação era assustadora; o *Vitória* se deslocava a grande velocidade e era de crer que logo estivesse em pedaços, pois o choque seria terrível.

O doutor olhou em volta, examinando o cesto.

Estava quase vazio.

– Se for preciso, Dick, você terá de sacrificar suas armas.

– Sacrificar minhas armas! – exclamou o caçador, emocionado.

– Meu amigo, se lhe peço isso, é porque talvez seja necessário.

– Samuel, Samuel!

– Suas armas, munição e pólvora podem nos custar a vida.

– Estamos perto! – gritou Joe. – Estamos perto!

20 metros! A montanha ainda ultrapassava o *Vitória* em 20 metros.

Joe agarrou os cobertores e atirou-os pela borda. Sem nada dizer a Kennedy, livrou-se também de vários sacos de balas e chumbo.

O balão subiu, ultrapassou o cimo perigoso e seu polo superior se iluminou aos raios do sol. Mas o cesto ainda se encontrava um pouco abaixo dos penhascos, contra os quais iria fatalmente se chocar.

– Kennedy, Kennedy – bradou o doutor –, jogue suas armas ou estaremos perdidos!

– Espere, senhor Dick! – interveio Joe. – Espere!

E Kennedy, virando-se, o viu desaparecer do cesto.

– Joe, Joe! – gritou ele.

– O infeliz! – exclamou o doutor.

O topo da montanha podia ter naquele ponto uns 6 metros de largura, mas, do outro lado, a encosta era menos acentuada. O cesto chegou bem ao nível daquela meseta bastante plana e deslizou sobre um solo coberto de pedras afiadas, que estalavam à sua passagem.

– Passamos! Passamos! Passamos! – ecoou uma voz que fez saltar o coração de Fergusson.

O intrépido rapaz se agarrava com as mãos na borda inferior do cesto e corria pela crista, aliviando, assim, o balão da totalidade de seu peso e até precisando retê-lo fortemente, para que não escapasse.

Quando chegou à vertente oposta, diante do abismo, Joe ergueu-se com um vigoroso esforço dos punhos e, agarrando-se ao cordame,

voltou para junto de seus companheiros.

– Não foi difícil – anunciou.

– Meu bravo Joe! Meu amigo! – exclamou o doutor, efusivamente.

– Ora – respondeu ele –, não fiz isso por vocês. Fiz pela carabina do senhor Dick! Eu lhe devia esse favor depois do caso do árabe! Gosto de pagar minhas dívidas, e agora estamos quites – acrescentou, apresentando ao caçador sua arma predileta. – Eu sentiria muito vê-lo se separar dela.

Kennedy apertou-lhe a mão de maneira vigorosa, sem poder dizer uma palavra.

O *Vitória* agora só podia baixar, o que seria fácil; e logo se encontrou a 60 metros do solo, recuperando o equilíbrio. O terreno parecia convulsionado, com numerosos acidentes muito difíceis de se evitar durante a noite por um balão já fora de controle. A noite chegava rapidamente e, a contragosto, o doutor resolveu parar até o dia seguinte.

– Vamos procurar um lugar favorável para nos determos – disse ele.

– Ah, finalmente se decidiu? – perguntou Kennedy.

– Sim, meditei a fundo um projeto que poremos em execução. São apenas seis horas da tarde e temos tempo. Atire as âncoras, Joe.

Joe obedeceu e as duas âncoras penderam para fora do cesto.

– Vejo florestas imensas – disse o doutor. – Planaremos por cima das copas e nos agarraremos a alguma árvore. Por nada no mundo, eu passaria a noite em terra.

– Poderemos descer? – perguntou Kennedy.

– Para quê? Seria perigoso nos separarmos, repito. Além disso, preciso de vocês para um trabalho difícil.

O *Vitória*, que aflorava o alto das árvores daquela extensa floresta, logo se deteve bruscamente. Suas âncoras estavam presas. O vento amainou ao cair da noite, e o balão permaneceu quase imóvel acima do interminável tapete verde formado pelos cimos de uma floresta de sicômoros.

Capítulo 42

Disputa de generosidade – Último sacrifício – O aparelho de dilatação – Destreza de Joe – Meia-noite – O quarto de vigia do doutor – O quarto de vigia de Kennedy – Ele adormece – O incêndio – Os gritos – Fora de alcance

O doutor começou por determinar sua posição pela altura das estrelas: estava a apenas uns 40 quilômetros do Senegal.

– Tudo que podemos fazer, amigos – disse ele, após examinar o mapa –, é cruzar o rio. Mas, como não há nem ponte nem barcos, é preciso a todo custo cruzá-lo de balão. E para isso, precisamos ficar ainda mais leves.

– Não sei como! – apressou-se a dizer o caçador, que temia por suas armas. – A menos que um de nós resolva se sacrificar, ficar para trás... Pois reclamo essa honra.

– De modo algum! – disse Joe. – Não tenho eu o costume...

– Não se trata de saltar, meu amigo, mas de ir a pé até a costa da África. Sou bom andarilho, bom caçador...

– Isso eu não permitirei jamais! – replicou Joe.

– Sua disputa de generosidade é inútil, meus bravos amigos – conciliou Fergusson. – Espero que não precisemos chegar a tanto; mas, se fosse o caso, longe de nos separarmos, permaneceríamos juntos para atravessar o país.

– Isso é que é falar! – disse Joe. – Um passeiozinho não nos faria mal.

– Mas antes – continuou o doutor – teremos de apelar para um último recurso a fim de tornar nosso *Vitória* mais leve.

– Qual? – perguntou Kennedy. – Eu gostaria muito de saber.

– Vamos nos livrar da caixa do maçarico, da pilha de Bunsen e da serpentina. Serão cerca de 400 quilos bem pesados que lançaremos ao espaço.

– Mas, Samuel, como você conseguirá depois a dilatação do gás?

– Não conseguirei. Ficaremos sem isso.

– Mas, então...

– Escutem, meus amigos. Calculei com bastante exatidão o que nos resta de força ascensional. Ela é suficiente para nos transportar a todos com os poucos objetos que nos restam. Teremos apenas um peso de mais ou menos 220 quilos, incluindo as duas âncoras, que faço questão de conservar.

– Meu caro Samuel – declarou o caçador –, você sabe melhor que nós dessas coisas. É o único árbitro da situação. Diga o que precisamos fazer e faremos.

– Estamos às suas ordens, patrão.

– Repito, amigos: embora seja uma decisão difícil, teremos de sacrificar nosso equipamento.

– Pois sacrifiquemos! – replicou Kennedy.

– Mãos à obra! – exclamou Joe.

Não foi trabalho fácil. Precisaram desmontar o equipamento peça por peça. Tiraram primeiro a caixa de mistura, depois a do maçarico e finalmente a da decomposição da água. Quase não bastou a força reunida dos três viajantes para arrancar os recipientes do fundo do cesto, onde estavam firmemente presos. Mas Kennedy era tão vigoroso, Joe tão hábil e Samuel tão engenhoso que conseguiram. As peças foram sendo jogadas fora uma após outra e desapareceram, abrindo grandes rombos na folhagem dos sicômoros.

– Os nativos ficarão muito espantados ao encontrar esses objetos na mata – observou Joe. – Talvez os transformem em ídolos!

Ocuparam-se em seguida dos tubos engastados no balão e ligados à serpentina. Joe conseguiu cortar, alguns palmos acima do cesto, as articulações de borracha; mas arrancar os tubos foi mais difícil, pois estavam presos pela extremidade superior e fixados com arame ao

próprio aro da válvula.

Joe, então, deu mostras de uma surpreendente habilidade. Descalço, para não rasgar o invólucro, conseguiu, com a ajuda da rede e má vontade das oscilações, subir até o ápice exterior; ali, após mil dificuldades, segurando-se com a mão naquela superfície escorregadia, soltou as porcas que prendiam os tubos. Estes então se desprenderam facilmente e foram retirados pelo apêndice inferior, logo em seguida, hermeticamente fechado com uma forte ligadura.

O *Vitória*, livre desse peso considerável, endireitou-se no ar e esticou ao máximo a corda da âncora.

À meia-noite, esses vários trabalhos foram concluídos com êxito, ao preço de muita fadiga. Fez-se uma rápida refeição de *pemmican* e bebida fria, pois o doutor já não dispunha de calor para colocar à disposição de Joe.

De resto, este e Kennedy cambaleavam de cansaço.

– Deitem-se e durmam, meus amigos – recomendou-lhes Fergusson. – Fico com o primeiro quarto de vigia. Às duas horas, acordarei Kennedy; às quatro, Kennedy acordará Joe. Às seis, partiremos e que o céu continue nos protegendo nesta derradeira jornada!

Sem se fazer de rogados, os dois companheiros do doutor se estenderam no fundo do cesto e adormeceram imediatamente, mergulhando em um sono profundo.

A noite estava tranquila. Algumas nuvens velavam o último quarto de lua, cujos raios indecisos rompiam a custo a escuridão. Fergusson, debruçado à beira do cesto, olhava em volta, atento à sombria cortina de folhagem que se estendia a seus pés, ocultando-lhe a vista do solo. O menor barulho lhe parecia suspeito, até mesmo o leve sussurro das folhas.

Achava-se naquele estado de espírito que a solidão torna ainda mais sensível e durante o qual vagos terrores assaltam o cérebro. No final de uma viagem dessas, após superar tantos obstáculos, no momento de alcançar o objetivo, os medos se tornam mais vivos, as emoções mais fortes, e o ponto de chegada parece fugir diante dos olhos.

Não bastasse isso, a situação atual não era nada tranquilizadora, em plena terra de bárbaros e com um meio de transporte que, por fim, poderia lhes faltar de uma hora para outra. O doutor já não tinha confiança total em seu balão; fora-se o tempo em que o manobrava

com audácia por contar plenamente com ele.

Sob o jugo dessas impressões, Fergusson captou alguns ruídos indeterminados naquelas vastas florestas. Achou mesmo que vira uma chama fugaz brilhar entre as árvores; atento, apontou sua luneta noturna para aquela direção, mas não notou nada e o silêncio até se tornou mais profundo.

Fergusson havia, sem dúvida, sido vítima de uma alucinação; pois, prestando atenção, não escutou nenhum barulho. Findo seu quarto de vigia, acordou Kennedy, recomendou-lhe que ficasse alerta e tomou lugar ao lado de Joe, que dormia a sono solto.

Kennedy acendeu tranquilamente seu cachimbo e esfregou os olhos, que mal conseguia manter abertos, encostou-se a um canto e pôs-se a fumar vigorosamente para combater o sono.

Reinava à sua volta o silêncio mais absoluto. Um vento suave agitava a copa das árvores e balançava docemente o cesto, induzindo o caçador ao sono que teimava em dominá-lo. Tentou resistir, forçou várias vezes as pálpebras a permanecerem abertas, lançou para a noite olhares que não viam nada e, por fim, sucumbindo à fadiga, adormeceu.

Por quanto tempo ficou nesse estado de inércia? Isso ele não conseguiu saber ao acordar, e acordou por efeito de um clarão súbito.

Esfregou os olhos, ergueu-se. Sentia no corpo um calor intenso. A floresta estava em chamas.

– Fogo! Fogo! – gritou, sem entender bem o que acontecia.

Seus dois companheiros se levantaram.

– O que é? – perguntou Samuel.

– Incêndio! – exclamou Joe. – Mas quem teria...

Nesse instante, gritos irromperam sob a folhagem violentamente iluminada.

– Ah, os selvagens! – disse Joe. – Puseram fogo na mata para ter certeza de que nos queimariam!

– Os talibas! Os marabutos de Al-Hadji, é claro! – reconheceu o doutor.

Um círculo de fogo rodeava o *Vitória*; os estalidos do mato morto se mesclavam aos gemidos dos ramos verdes; os cipós, as folhas, toda a parte viva daquela vegetação se retorcia dentro do elemento destruidor e o olhar só captava um oceano de chamas. As grandes árvores se desenhavam em negro no seio da fornalha, com seus galhos

transformados em brasas. Todo esse conjunto incandescente, toda essa conflagração se refletia nas nuvens, e os viajantes se imaginaram apanhados em uma roda de fogo.

– Vamos fugir! – bradou Kennedy. – A terra é nossa única chance de salvação!

Mas Fergusson deteve-o com mão firme e, precipitando-se para a corda da âncora, cortou-a com um golpe de machado. As labaredas, alongando-se para o balão, já lambiam sua superfície iluminada; mas o *Vitória*, desembaraçado de suas amarras, subiu a mais de 300 metros nos ares.

Gritos espantosos eclodiram na floresta, acompanhados de violentas detonações de armas de fogo. O balão, apanhado por uma corrente que começava a soprar com a aproximação do dia, foi tangido para oeste.

Eram quatro horas da manhã.

Capítulo 43

Os talibas – A perseguição – Um país devastado – Vento moderado – O Vitória *desce – As últimas provisões – Os saltos do* Vitória *– Defesa a tiros de fuzil – O vento refresca – O rio Senegal – As cataratas de Gouina – O ar quente – Travessia do rio*

– Ainda bem que aliviamos o peso ontem à noite – disse o doutor. – Sem essa precaução, estaríamos irremediavelmente perdidos.

– Por isso é bom fazer as coisas no momento certo – observou Joe. – Nós nos salvamos e não há nada mais natural.

– Mas ainda não estamos fora de perigo – advertiu Fergusson.

– E o que você teme? – perguntou Dick. – O *Vitória* não pode descer sem sua permissão? E se descesse...

– Se descesse! Olhe, Dick!

A orla da floresta acabava de ficar para trás e os viajantes puderam perceber cerca de trinta cavaleiros com suas calças folgadas e seus albornozes ao vento. Uns estavam armados de lanças, outros, de longos mosquetes e seguiam ao trote curto de seus cavalos ágeis e impetuosos a direção do *Vitória*, que avançava a uma velocidade moderada.

Ao avistar os viajantes, lançaram gritos selvagens, brandindo as armas; a cólera e as ameaças se estampavam no rosto moreno deles, cuja ferocidade era realçada pelas barbas ralas, mas eriçadas.

Atravessavam sem dificuldade aquelas planícies baixas e aquelas encostas suaves, que desciam na direção do Senegal.

– Sim, são eles! – disse o doutor. – São os cruéis talibas, os ferozes marabutos de Al-Hadji! Eu preferiria estar no meio de uma floresta, cercado de bestas feras, do que nas mãos desses bandidos.

– De fato, não parecem nada tranquilizadores – observou Kennedy. – E são bandidos bem vigorosos!

– Felizmente – interveio Joe –, esses bichos não sabem voar. Já é alguma coisa.

– Vejam aquelas aldeias em ruínas, com as choças incendiadas! – disse Fergusson. – Tudo isso é obra deles. Onde havia vastas culturas, espalharam a aridez e a devastação.

– Enfim, não podem nos alcançar – retrucou Kennedy. – E se conseguirmos colocar o rio entre nós e eles, estaremos em segurança.

– Exato, Dick. Mas convém não cairmos – respondeu o doutor, observando o barômetro.

– Em todo caso, Joe – continuou Kennedy –, não faríamos mal se preparássemos nossas armas.

– Mal nenhum, senhor Dick. Seria ótimo não ter essa gente em nosso caminho.

– Minha carabina! – gritou o caçador. – Da qual espero não me separar jamais!

E Kennedy carregou a arma com o maior cuidado. Restavam-lhe balas e pólvora em quantidade suficiente.

– Qual é a nossa altitude? – perguntou a Fergusson.

– Mais ou menos 230 metros. Mas já não temos a liberdade de procurar correntes favoráveis: estamos à mercê do balão.

– Isso é mau – resmungou Kennedy – porque o vento quase não sopra. Se encontrássemos um furacão como o de alguns dias atrás, há muito teríamos perdido de vista esses malfeitores.

– Os miseráveis nos seguem sem se cansar, a trote – disse Joe. – Um autêntico passeio.

– Se estivessem ao alcance de tiro – replicou o caçador –, eu me divertiria desmontando-os um depois do outro.

– Sim – concordou Fergusson. – Mas nós também estaríamos e nosso *Vitória* seria um alvo muito fácil às balas de seus mosquetes compridos. Se o perfurassem, deixo a seu critério avaliar qual seria nossa situação.

A perseguição dos talibas continuou por toda a manhã. Por volta das onze horas, os viajantes mal haviam percorrido 20 quilômetros na direção oeste.

O doutor observava as menores nuvens no horizonte, temendo sempre uma mudança na atmosfera. Caso fosse arremessado rumo ao Níger, que aconteceria? Além disso, havia constatado que o balão baixava sensivelmente; após a partida, perdera mais de 90 metros e o rio Senegal ainda estava a uns 20 quilômetros de distância. Na velocidade atual, ele precisava de mais três horas de viagem.

Nesse instante, teve a atenção despertada por nova onda de gritos. Os talibas se agitavam, apressando seus cavalos.

O doutor consultou o barômetro e compreendeu a causa de toda aquela gritaria:

– Estamos descendo – constatou Kennedy.

– Sim – replicou Fergusson.

"Diabo!", pensou Joe.

Ao fim de um quarto de hora, o cesto estava a apenas 45 metros do solo, mas o vento soprava com mais força.

Os talibas esporearam os cavalos e logo uma descarga de mosquetes se fez ouvir.

– Muito longe, imbecis! – gritou Joe. – Acho bom manter esses vilões a distância.

E, visando um dos cavaleiros mais adiantados, disparou; o taliba rolou por terra. Seus companheiros pararam e o *Vitória* ganhou distância.

– Mostram prudência – disse Kennedy.

– Pois acreditam que vão nos apanhar – replicou o doutor. – E conseguirão, se continuarmos baixando! Temos de subir a qualquer custo!

– Que vamos jogar fora? – perguntou Joe.

– O restante da provisão de *pemmican*! Serão mais uns 15 quilos de que ficaremos livres!

– Está feito, senhor – disse Joe, obediente às ordens do patrão.

O cesto, que quase roçava o solo, elevou-se ante os gritos dos talibas; mas, meia hora depois, voltou a descer com rapidez: o gás escapava pela trama do invólucro.

Logo o cesto resvalou no solo e os bárbaros de Al-Hadji se precipitaram para ele. Mas, como sempre acontece em tais

circunstâncias, o *Vitória*, mal tocou o chão, ergueu-se de um salto para baixar de novo a mais de um quilômetro de distância.

– Não vamos escapar! – lamentou Kennedy, com raiva.

– Jogue fora nossa reserva de aguardente, Joe – gritou o doutor –, nossos instrumentos e tudo que possa ter peso. Nossa última âncora também, pois é preciso!

Joe arrancou os barômetros e os termômetros; mas isso era quase nada e o balão, subindo por um instante, abateu-se de novo. Os talibas voavam em suas pegadas e estavam a apenas duzentos passos dele.

– Joguem os dois fuzis! – ordenou o doutor.

– Não antes de os descarregar, pelo menos – respondeu o caçador.

E quatro tiros sucessivos foram disparados contra a massa de cavaleiros; quatro talibas tombaram em meio ao ulular frenético do bando.

O *Vitória* se ergueu de novo; dava saltos de enorme extensão, como uma imensa bola elástica ricocheteando no solo. Estranho espetáculo o daqueles infelizes que procuravam fugir a passos gigantescos e que, semelhantes a Anteu, pareciam recuperar as forças quando tocavam a terra! Mas era preciso que o drama terminasse. Aproximava-se o meio-dia. O *Vitória* se esgotava, esvaziava-se, alongava-se; seu invólucro se tornava flácido e ondulante, com as dobras do tecido se amontoando umas sobre as outras.

– O céu nos abandona – suspirou Kennedy. – Será preciso morrer!

Joe não dizia nada, apenas olhava para seu patrão.

– Não! – bradou este. – Ainda temos uns 70 quilos para jogar fora!

– Como assim? – estranhou Kennedy, achando que o doutor enlouquecera.

– O cesto! Vamos nos agarrar às malhas da rede e chegar ao rio! Rápido, rápido!

E aqueles homens audaciosos não hesitaram em recorrer a um meio de salvação tão extremo. Suspenderam-se às malhas da rede, como recomendara o doutor, e Joe, segurando-se com uma das mãos, cortou as cordas do cesto, que tombou no exato momento em que o balão ia cair.

– Hurra! Hurra! – bradou ele, enquanto o aeróstato, mais leve, subia 90 metros.

Os talibas fustigavam seus cavalos, que galopavam mal aflorando o chão com os cascos; mas o *Vitória*, encontrando um vento mais forte,

adiantou-se e rumou para uma colina que fechava o horizonte a oeste. Essa foi uma circunstância que favoreceu em muito os viajantes, pois conseguiram ultrapassá-la enquanto a horda de Al-Hadji se via obrigada a desviar-se para o norte a fim de contornar esse último obstáculo.

Os três amigos se agarravam firmemente à rede, que tinham conseguido desdobrar por baixo deles à maneira de uma bolsa flutuante.

De repente, após franquear a colina, o doutor gritou:

– O rio! O rio! O Senegal!

A 3 quilômetros, de fato, fluía uma vasta corrente de água; a margem oposta, baixa e fértil, oferecia um abrigo seguro e um local favorável para realizar a descida.

– Mais um quarto de hora – disse Fergusson – e estaremos salvos!

Não seria, porém, tão fácil. O balão descia pouco a pouco sobre um terreno quase desprovido de vegetação, composto de encostas longas e planuras rochosas. Mal se viam alguns arbustos e uma erva espessa, ressecada ao calor do sol.

O *Vitória* tocou várias vezes o solo e outras tantas se ergueu, mas seus saltos diminuíam de altura e extensão. No último, enganchou-se pela parte superior da rede aos ramos mais elevados de um baobá, única árvore isolada no meio daquele país deserto.

– É o fim – disse o caçador.

– E a apenas cem passos do rio – lamentou Joe.

Os três infortunados puseram pé em terra, e o doutor conduziu seus dois companheiros na direção do rio.

Nesse ponto, o Senegal emitia um rugido prolongado e, chegando à margem, o doutor reconheceu as quedas de Gouina! Nenhum barco à vista; nenhum ser vivo.

Com uma largura de 600 metros, o Senegal se precipitava de uma altura de 50, com um estrondo ensurdecedor. Corria de leste para oeste e a linha de rochedos que barrava seu curso se estendia de norte a sul. No meio da catarata, erguiam-se penedos de formas estranhas, como imensos animais antediluvianos petrificados dentro das águas.

A impossibilidade de atravessar esse verdadeiro golfo era evidente, e Kennedy não pôde conter um gesto de desespero.

Mas o doutor Fergusson, com tom de suprema audácia, bradou:

– Não, não é o fim!

– Eu sabia – disse Joe, com aquela confiança no patrão que não perdia nunca.

A vista do mato ressequido havia inspirado ao doutor uma ideia ousada. Era a única chance de salvação. Levou rapidamente os companheiros para junto do invólucro do balão.

– Temos pelo menos uma hora de vantagem sobre aqueles bandidos – disse ele. – Não percamos tempo, meus amigos: juntem uma grande quantidade desse mato seco. Preciso de pelo menos 100 quilos.

– Para quê? – quis saber Kennedy.

– Não há mais gás. Pois bem, atravessaremos o rio com ar quente!

– Ah, meu bravo Samuel – exclamou Kennedy –, você é mesmo um grande homem!

Joe e Kennedy se puseram a trabalhar e, logo, acumularam uma enorme pilha de mato seco junto ao baobá.

Durante esse tempo, o doutor aumentou o orifício do aeróstato cortando-o na parte inferior, tendo antes o cuidado de deixar escapar pela válvula o que restava de hidrogênio; em seguida, colocou uma certa quantidade de erva seca sob o invólucro e lhe pôs fogo.

É preciso pouco tempo para encher um balão de ar quente: um calor de 100 graus centígrados basta para diminuir em 50% o peso do ar que ele encerra, por causa da rarefação. Assim, o *Vitória* foi aos poucos reassumindo sua forma arredondada. Não faltava erva; o doutor atiçava o fogo e o aeróstato se avolumava a olhos vistos.

Eram doze horas e quarenta e cinco minutos.

Nesse momento, 3 quilômetros ao norte, surgiu a horda de talibas; ouviam-se seus gritos e o galope dos cavalos lançados a toda rédea.

– Dentro de vinte minutos, chegarão aqui – previu Kennedy.

– Mais erva! Mais erva, Joe! Em dez minutos, estaremos no ar!

– Pronto, senhor.

O *Vitória* estava inflado em dois terços.

– Meus amigos, agarremo-nos à rede, como antes.

– Feito! – respondeu o caçador.

Ao fim de dez minutos, alguns abalos indicaram a tendência do balão a se elevar. Os talibas se aproximaram; estavam a menos de cem passos dos viajantes.

– Segurem-se bem! – gritou Fergusson.

– Não se preocupe, patrão, não se preocupe!

Com o pé, o doutor jogou mais erva na fogueira.

O balão, que estava inteiramente dilatado pelo aumento da temperatura, ergueu-se, roçando os ramos do baobá.

– A caminho! – gritou Joe.

Uma descarga de mosquetes lhe respondeu e uma bala chegou a lhe raspar o ombro; mas Kennedy, inclinando-se e descarregando sua carabina, deitou mais um inimigo por terra.

Gritos indescritíveis de raiva acolheram a ascensão do aeróstato, que subiu a mais de 250 metros. Um vento rápido o colheu, fazendo-o descrever inquietantes oscilações, enquanto o intrépido doutor e seus companheiros pasmavam para o golfo das cataratas escancarado diante de seus olhos.

Dez minutos depois, sem dizer uma palavra, os intrépidos viajantes desciam pouco a pouco na direção da outra margem do rio.

Lá, surpresos, maravilhados, assustados, esperavam-nos uns dez homens com uniformes franceses. Qual não deve ter sido seu espanto ao ver aquele balão se levantar da margem oposta! Não estavam muito longe de acreditar em um fenômeno celeste. Mas seus comandantes, um tenente e um subtenente de marinha, sabiam pelos jornais da Europa da audaciosa tentativa do doutor Fergusson e logo se deram conta do que acontecia.

O balão, esvaziando-se pouco a pouco, baixava com os corajosos aeronautas agarrados à sua rede. Mas era duvidoso que conseguisse alcançar a terra, e assim os franceses se precipitaram para o rio, recebendo os três ingleses nos braços justamente quando o *Vitória* desabava a poucos metros da margem esquerda do Senegal.

– O doutor Fergusson! – bradou o tenente.

– Ele mesmo – respondeu o doutor com a maior tranquilidade. – E seus dois amigos.

Os franceses levaram os viajantes para a margem, enquanto o balão, quase vazio, era arrastado pela rápida corrente como uma imensa bolha e desaparecia com as águas do Senegal nas cataratas de Gouina.

– Pobre *Vitória*! – murmurou Joe.

O doutor não pôde conter uma lágrima; abriu os braços e seus amigos se precipitaram para ele tomados de intensa emoção.

Capítulo 44

Conclusão – A ata – Os estabelecimentos franceses – O posto de Medina – O Basilic – Saint-Louis – A fragata inglesa – Regresso a Londres

A expedição que se encontrava na margem do rio tinha sido enviada pelo governador do Senegal. Compunha-se de dois oficiais, Dufraisse, tenente de infantaria da marinha, e Rodamel, subtenente, mais um sargento e sete soldados. Havia dois dias procuravam um local favorável para o estabelecimento de um posto em Gouina quando presenciaram a chegada do doutor Fergusson.

Nem se fale nas felicitações e abraços de que foram alvo os três viajantes. Os franceses, tendo visto com seus próprios olhos a conclusão daquele audacioso projeto, tornaram-se as testemunhas naturais de Samuel Fergusson.

O doutor lhes pediu, então, que constatassem oficialmente sua chegada às cataratas de Gouina.

– O senhor concordaria em assinar a ata? – perguntou ao tenente Dufraisse.

– De bom grado – foi a resposta.

Os ingleses foram conduzidos a um posto provisório na margem do rio, onde receberam os melhores cuidados e provisões em abundância. E lá se redigiu, nos seguintes termos, a ata que está hoje nos arquivos da Sociedade Geográfica de Londres:

“Nós, os signatários, declaramos que vimos chegar hoje, suspensos pela rede de um balão, o doutor Fergusson e seus dois companheiros, Richard Kennedy e Joseph Wilson[29]; cujo balão caiu a alguns passos de nós no leito do rio e, arrastado pela corrente, desapareceu nas cataratas de Gouina. Disso damos fé e assinamos a presente ata juntamente com os acima nomeados, para lhe conferir caráter oficial. Lavrada nas cataratas de Gouina em 24 de maio de 1862.

Samuel Fergusson; Richard Kennedy; Joseph Wilson; Dufraisse, tenente de infantaria da marinha; Rodamel, subtenente; Dufays, sargento; Flippeau, Mayor, Pélissier, Lorois, Rascagnet, Guillon, Lebel, soldados.”

Aqui termina a impressionante travessia do doutor Fergusson e seus bravos e intrépidos companheiros, constatada por testemunhos irrecusáveis; encontravam-se na companhia de amigos e no meio de tribos bastante hospitaleiras, cujos contatos são frequentes com os estabelecimentos franceses.

Chegaram ao Senegal em 24 de maio, sábado, e em 27 do mesmo mês alcançaram o posto de Medina, situado mais ao norte, na margem do rio.

Lá, os oficiais franceses os receberam de braços abertos, com todos os recursos de sua hospitalidade. Os três puderam embarcar quase imediatamente em um pequeno barco a vapor, *Le Basilic*, que descia o Senegal rumo à embocadura.

Catorze dias depois, em 10 de junho, chegaram a Saint-Louis, onde o governador lhes preparou uma recepção magnífica. Estavam completamente recuperados de suas emoções e fadigas. De resto, Joe dizia a quem quisesse ouvir:

– Foi uma viagem sem graça, afinal de contas, e quem gosta de emoções fortes não deverá empreendê-la, se aceitar meu conselho. Acabou por ficar aborrecida e, sem as aventuras do lago Chade e do Senegal, acho mesmo que morreríamos de tédio!

Uma fragata inglesa estava de partida, e os três viajantes embarcaram nela. Em 25 de junho, chegaram a Portsmouth e, no dia seguinte, a Londres.

Não descreveremos a acolhida que tiveram na Real Sociedade de Geografia nem as atenções de que foram objeto. Kennedy partiu logo para Edimburgo com sua famosa carabina: tinha pressa em tranquilizar sua velha governanta.

O doutor Fergusson e seu fiel Joe continuaram sendo os mesmos homens de sempre, mas com uma pequena diferença que lhes passou despercebida: haviam se tornado amigos íntimos.

Os jornais da Europa inteira não pouparam elogios aos audaciosos exploradores e o *Daily Telegraph* lançou uma tiragem de novecentos e setenta e sete mil exemplares no dia em que publicou um resumo da viagem.

O doutor Fergusson fez em sessão pública na Real Sociedade de Geografia o relato de sua expedição aeronáutica, obtendo para ele e seus dois companheiros a medalha de ouro destinada a recompensar a mais notável expedição do ano de 1862.

A viagem do doutor Fergusson teve como principal resultado confirmar de maneira precisa os fatos e levantamentos geográficos realizados por Barth, Burton, Speke e outros. Graças às expedições atuais de Speke e Grant, De Heuglin e Munzinger, que se dirigem às nascentes do Nilo ou à África Central, poderemos em breve comprovar as próprias descobertas do doutor Fergusson nesse imenso território compreendido entre os graus 14 e 33 na longitude.

Dick é o diminutivo de Richard; Joe, de Joseph. (N. T.)

JÚLIO VERNE
DA
TERRA
À LUA
Principis

JÚLIO VERNE

Trajeto direto em 97 horas

Tradução
Frank de Oliveira

Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Traduzido do original em francês
De la Terre à la Lune
Texto
Júlio Verne
Tradução
Frank de Oliveira
Preparação
Flávia Yacubian
Revisão
Eliel Cunha
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
Mott Jordan/Shutterstock.com;
donatas1205/Shutterstock.com;
Theus/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

V531d Verne, Júlio

Da Terra à Lua [recurso eletrônico] / Júlio Verne ; traduzido por Frank Oliveira. - Jandira, SP : Principis, 2021.

192 p. ; ePUB ; 3,7 MB. - (Literatura Clássica Mundial)
Tradução de: De la Terre à la Lune
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-269-3 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Ficção. I. Oliveira, Frank. II. Título. III. Série.

2021-78 CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br

O Clube do Canhão

Durante a Guerra de Secessão dos Estados Unidos, um novo clube, muito influente, foi fundado na cidade de Baltimore, Maryland. Bem se sabe com que energia o instinto militar se desenvolveu no seio desse povo de armadores, comerciantes e industriais. De simples balconistas, improvisaram-se capitães, coronéis e generais, sem passar pela escola militar de West-Point; não tardaram a igualar, na “arte da guerra”, seus colegas do Velho Continente e, como estes, obtiveram vitórias à força de prodigalizar balas, dólares e homens.

Mas se em algo os americanos superaram notoriamente os europeus foi na ciência da balística. Não que suas armas atingissem um grau mais elevado de perfeição: apenas tinham dimensões inusitadas e, consequentemente, alcances desconhecidos até então. Em matéria de tiros rasantes, parabólicos, frontais, transversais, sucessivos ou de revés, ingleses, franceses e prussianos já nada têm a aprender; mas seus canhões, obuses e morteiros não passam de pistolas de bolso em comparação com os formidáveis engenhos da artilharia americana.

Mas que ninguém se espante. Os ianques, esses primeiros mecânicos do mundo, são engenheiros, como os italianos são músicos e os alemães, metafísicos: nascem assim. Nada mais natural, então, que apliquem à ciência da balística sua audaciosa engenhosidade. Daí esses canhões gigantescos, bem menos úteis que as máquinas de costura, mas igualmente espantosos e ainda mais admirados. Conhecem-se, nessa área, as maravilhas de Parrott, de Dahlgren, de

Rodman. Os Armstrong, os Pallisser e os Treuille de Beaulieu foram obrigados a se inclinar diante de seus rivais de além-mar.

Portanto, durante a terrível luta entre nortistas e sulistas, os artilheiros foram a cereja do bolo; os jornais da União celebravam seus inventos com entusiasmo e não havia pequeno comerciante, não havia *booby* (ignorante) ingênuo que não quebrasse a cabeça, dia e noite, calculando trajetórias malucas.

Ora, quando um americano tem uma ideia, procura logo outro americano com quem partilhá-la. Quando chegam a três, elegem um presidente e dois secretários. Se já são quatro, nomeiam um arquivista e a sociedade passa a funcionar. Cinco? Convocam uma assembleia geral e o clube está fundado. Foi o que aconteceu em Baltimore. O primeiro que inventou um canhão se associou ao primeiro que o fundiu e ao primeiro que o forjou. Nasceu assim o Gun Club, o Clube do Canhão. Um mês depois, contava com 1.833 membros efetivos e 30.575 membros correspondentes.

Condição *sine qua non* imposta a toda pessoa que quisesse entrar para o clube: ela devia ter projetado ou, pelo menos, aperfeiçoado um canhão (à falta de canhão, qualquer arma de fogo servia). Mas, convém dizer a verdade, os inventores de revólveres de quinze tiros, de carabinas giratórias ou de sabres-pistolas não gozavam de grande consideração. Quem tinha a primazia eram sempre os artilheiros.

"A estima que angariam", disse certa vez um dos oradores mais sábios do Gun Club, "é proporcional às massas de seu canhão e está na razão direta do quadrado das distâncias alcançadas por seus projéteis!"

Mais um pouco e a lei da gravitação universal de Newton seria transposta para a ordem moral.

Fundado o Gun Club, adivinha-se com facilidade o que o gênio inventivo dos americanos produziu nesse gênero. Os engenhos de guerra assumiram proporções colossais, e os projéteis iam, para além dos limites permitidos, cortar em dois os transeuntes inofensivos. Todas essas invenções deixavam bem para trás os tímidos instrumentos da artilharia europeia. Basta lançar os olhos para as estatísticas seguintes.

Outrora, "nos bons tempos", uma bala de 36 milímetros atravessava, a uma distância de 90 metros, 36 cavalos de lado e 68

homens. Era a infância da arte. Desde então, os projéteis evoluíram muito. O canhão Rodman, que arremessava a mais de 11 quilômetros uma bala de 500 quilos, teria derrubado facilmente 150 cavalos e 300 homens. Chegou--se mesmo a discutir, no Gun Club, a possibilidade de um teste oficial. Mas, se os cavalos nada disseram contra a experiência, os homens infelizmente não aceitaram participar.

Como quer que seja, o efeito desses canhões era mortífero e, a cada descarga, os combatentes tombavam como espigas sob a foice. Significariam alguma coisa, em comparação com tais projéteis, a famosa bala que, em Coutras, em 1587, pôs 25 homens fora de combate, aquela que, em Zorndoff, em 1758, matou 40 cavaleiros ou o canhão austríaco de Kesselsdorf que, em 1742, lançava por terra, a cada disparo, 70 inimigos? Seriam mesmo surpreendentes as bocas de fogo de Iena ou Austerlitz, que decidiam a sorte das batalhas? Outras bem diferentes se viram durante a Guerra de Secessão! No combate de Gettysburg, um projétil cônico, lançado por um canhão raiado, atingiu nada menos que 173 sulistas; e, na passagem do Potomac, uma bala Rodman mandou 215 confederados para um mundo evidentemente melhor. Convém mencionar ainda um formidável morteiro concebido por J.-T. Maston, membro distinto e secretário perpétuo do Gun Club, cujo resultado foi mortífero às avessas, pois, no teste, matou 337 pessoas – ao explodir! É verdade!

Cabe acrescentar mais alguma coisa a esses números que falam por si mesmos? Nada. Por isso, temos de admitir sem contestação o cálculo seguinte, feito pelo estatístico Pitcairn: dividindo-se o número de vítimas das balas pelo dos membros do Gun Club, conclui-se que cada um destes matou por sua própria conta uma "média" de 2.375 homens e uma fração.

Diante dessas cifras, torna-se evidente que a única preocupação de uma sociedade tão sábia era o fim da humanidade com objetivo filantrópico, sendo os aperfeiçoamentos das armas de guerra considerados veículos civilizatórios.

Era uma legião de Anjos Exterminadores – de resto, tidos como as melhores pessoas do mundo.

Convém acrescentar que esses ianques, bravos a não poder mais, iam além das fórmulas e procuravam concretizá-las. Viam-se entre eles oficiais das mais variadas patentes – tenentes, generais, militares de

todas as idades, aqueles que se iniciavam na carreira das armas e aqueles que nela haviam envelhecido. Muitos, tombados no campo de batalha, tiveram seus nomes incluídos no livro de honra do Gun Club; e os que voltaram trouxeram as marcas da coragem indiscutível. Muletas, pernas de pau, mãos e braços mecânicos, mandíbulas de borracha, crânios de prata, narizes de platina... não faltava nada à coleção. O já citado Pitcairn chegou mesmo a calcular que, no Gun Club, havia no máximo um braço para quatro pessoas e apenas duas pernas para seis.

Mas esses valentes artilheiros não ligavam para tais ninharias e se sentiam justificadamente orgulhosos quando o boletim de uma batalha mostrava um número de vítimas dez vezes maior que a quantidade de projéteis disparados.

Um belo dia, porém – dia triste, lamentável –, a paz foi assinada pelos sobreviventes da guerra. As detonações cessaram pouco a pouco, os morteiros silenciaram, os obuses foram amordaçados por tempo indeterminado, os canhões reentraram de cabeça baixa nos arsenais, as balas se amontoaram nos depósitos de munições, as lembranças sangrentas se diluíram, os algodoeiros cresceram magnificamente nos campos muito bem adubados, as roupas de luto sumiram juntamente com as dores e o Gun Club mergulhou numa apatia profunda.

É verdade que alguns teimosos, trabalhadores encarniçados, continuaram fazendo cálculos de balística e sonhando com bombas gigantescas, obuses incomparáveis... Mas, sem a prática, de que vale a teoria? Assim, as salas ficavam desertas, os criados dormiam nas antecâmaras, os jornais emboloravam nas mesas, os cantos obscuros ecoavam gemidos tristonhos e os membros do Gun Club, outrora tão falantes, agora reduzidos ao silêncio por uma paz desastrosa, deixavam-se embalar pelos devaneios da artilharia platônica!

– É desolador – suspirou um dia o bravo Tom Hunter, enquanto suas pernas de pau se cobriam de fuligem diante da lareira da sala dos fumantes. – Nada a fazer! Nada a esperar! Que existência monótona! Onde estão os tempos em que o canhão nos acordava todas as manhãs com suas alegres detonações?

– Esses tempos se foram – respondeu o corajoso Bilsby, tentando estirar os braços que já não tinha. – Aquilo, sim, era prazer! Inventávamos nosso obus e, mal ele era fundido, corríamos a

experimentá-lo contra o inimigo! Depois, regressávamos ao acampamento, onde éramos recebidos com um incentivo de Sherman ou um aperto de mão de MacClellan! E hoje? Os generais voltaram para suas lojas e, em vez de projéteis, vendem fardos de algodão! Ah, por Santa Bárbara, a artilharia não tem mais futuro na América!

– Sim, Bilsby – lamentou o coronel Blomsberry –, são cruéis decepções! Deixamos nossos hábitos tranquilos, treinamos o manejo das armas, saímos de Baltimore para os campos de batalha, tornamo-nos heróis; e dois, três anos mais tarde tivemos de renunciar ao fruto de tantas fadigas, adormecer numa deplorável ociosidade e ficar de mãos nos bolsos.

Mas, dissesse o que dissesse, o bravo coronel não poderia falar em bolsos para exemplificar sua inatividade, pois não eram bolsos que lhe faltavam.

– E nenhuma guerra em perspectiva! – disse então o famoso J.-T. Maston, coçando com seu gancho de ferro o crânio de guta-percha. – Nenhuma nuvem no horizonte justamente quando há tanto a fazer na ciência da artilharia! Eu mesmo, esta manhã, terminei um desenho, com plano, perfil e elevação, de um morteiro fadado a alterar completamente as leis da guerra!

– Verdade? – interessou-se Tom Hunter, pensando involuntariamente no último teste do honrado J.-T. Maston.

– Verdade – respondeu este. – Mas de que servirão tantos estudos levados a bom termo, tantas dificuldades vencidas? Não será isso trabalhar inutilmente? Os povos do Novo Mundo parecem ter decidido viver em paz, e nosso belicoso *Tribune*[1] chegou a prognosticar catástrofes iminentes devidas ao aumento escandaloso das populações!

– E, enquanto isso, Maston – prosseguiu o coronel Blomsberry –, na Europa estão lutando para defender o princípio das nacionalidades!

– E daí?

– Daí que, talvez, possamos tentar alguma coisa por lá, caso solicitem nossos serviços...

– Como assim? – alterou-se Bilsby. – Fazer balística em proveito de estrangeiros?

– Melhor que não fazer nada – replicou o coronel.

– Sem dúvida – concordou J.-T. Maston –, é melhor. Mas nem vale a pena pensar nisso.

– Por quê? – perguntou o coronel.

– Porque, no Velho Mundo, eles têm ideias sobre o progresso que contrariam nossos hábitos americanos. Não aceitam que alguém possa se tornar general sem ter sido subtenente, o que equivale a dizer que um bom artilheiro precisa fundir, ele mesmo, o canhão! Ora, isso é simplesmente...

– Absurdo! – bradou Tom Hunter, rasgando o braço de sua poltrona a golpes de *bowie-knife*[2]. – E do jeito que vão as coisas, só nos resta plantar tabaco ou purificar óleo de baleia!

– Mas, então – gritou J.-T. Maston com voz retumbante –, passaremos os últimos anos de nossas vidas sem aperfeiçoar armas de fogo? Não teremos mais a oportunidade de testar o alcance de nossos projéteis? A atmosfera não voltará a se iluminar com o clarão de nossos canhões? Não surgirá uma dificuldade internacional que nos permita declarar guerra a alguma potência transatlântica? Os franceses não afundarão pelo menos um de nossos vapores, e os ingleses não enforcarão, contrariando os direitos humanos, três ou quatro conterrâneos nossos?

– Não, Maston, essa felicidade não teremos! – respondeu o coronel Blomsberry. – Não ocorrerá nenhum desses incidentes e, mesmo que ocorresse, não saberíamos aproveitá-lo. A suscetibilidade americana vai desaparecendo a olhos vistos e nós vamos nos encolhendo!

– Sim, nós nos humilhamos! – rugiu Bilsby.

– E somos humilhados! – acrescentou Tom Hunter.

– Nunca vi verdade tão sólida – disse J.-T. Maston, com mais veemência ainda. – Há por aí milhares de razões para combatermos e não combatemos! Economizamos braços e pernas em proveito de gente que não sabe o que fazer deles! E, sem precisar ir mais longe para encontrar um motivo de guerra, a América do Norte já não pertenceu aos ingleses?

– Já – rosnou Tom Hunter, atiçando raivosamente as brasas da lareira com a ponta de sua muleta.

– Aí está! – continuou J.-T. Maston. – Por que então a Inglaterra não pode agora pertencer aos americanos?

– Seria muito justo – disse o coronel Blomsberry.

– Mas tentem propor isso ao presidente dos Estados Unidos! – desdenhou J.-T. Maston. – Verão como ele os receberá!

– Receberá mal – murmurou Bilsby entre os quatro dentes que sobraram do combate.

– Por minha fé! – ameaçou J.-T. Maston. – Nas próximas eleições, que ele não conte com meu voto!

– E que não conte também com os nossos – replicaram em coro aqueles belicosos inválidos.

– Enquanto isso – prosseguiu J.-T. Maston –, e para concluir, se não me dão a oportunidade de testar meu novo morteiro num verdadeiro campo de batalha, demito-me do Gun Club e corro a me enterrar nas savanas do Arkansas!

– Nós o seguiremos – garantiram veementemente os interlocutores do audacioso J.- T. Maston.

Estavam nisso as coisas, com os espíritos se exaltando cada vez mais e o clube sob ameaça de dissolução próxima, quando um acontecimento inesperado acabou por impedir essa indesejável catástrofe.

Logo no dia seguinte à conversa que transcrevemos acima, cada membro do clube recebeu uma circular nestes termos:

Baltimore, 3 de outubro.

O presidente do Gun Club tem a honra de informar seus colegas de que na sessão do dia 5 do corrente mês lhes fará um comunicado de seu maior interesse. Em consequência, pede-lhes que suspendam quaisquer outros compromissos e atendam ao convite feito na presente.

Cordialmente,

Impey Barbicane, presidente do Gun Club

O mais combativo jornal abolicionista da União. (N.O.)

Canivete de lâmina larga. (N.O.)

Comunicação do presidente Barbicane

No dia 5 de outubro, às oito horas da noite, uma multidão compacta se espremia nos salões do Gun Club, Union-Square, número 21. Todos os membros do círculo que residiam em Baltimore haviam aceitado o convite do senhor Barbicane. Quanto aos membros correspondentes, os trens os desembarcavam às centenas nas ruas da cidade e, por maior que fosse o salão nobre, essa massa de cientistas não pudera encontrar lugar; por isso, inundava as salas vizinhas, os fundos dos corredores e até os pátios externos. Ali, esbarrava com os simples populares, que se comprimiam nas portas, cada qual querendo ganhar as fileiras da frente, todos ávidos por ouvir a importante comunicação do presidente Barbicane. Empurravam-se, atropelavam-se, esmagavam-se com aquela liberdade de ação típica das massas educadas nas ideias do "*self government*"[3].

Naquela noite, um estranho que se achasse em Baltimore não teria conseguido, nem a peso de ouro, penetrar no salão, reservado exclusivamente aos membros residentes ou correspondentes. Ninguém mais poderia entrar, e os notáveis da cidade, os magistrados do conselho dos *selectmen*[4], tiveram de se misturar à multidão de seus administrados para ficar sabendo do que se passava lá dentro.

O imenso salão oferecia aos olhares um curioso espetáculo. O vasto recinto era maravilhosamente apropriado a seu objetivo. Colunas altas, formadas de canhões superpostos aos quais grossos morteiros

serviam de base, sustentavam as elegantes estruturas da abóbada, verdadeiros rendilhados de ferro fundido. Panóplias de bacamartes, arcabuzes, carabinas, de todas as armas de fogo antigas e modernas se entrelaçavam pitorescamente nas paredes. A luz do gás era furiosamente projetada por um milhar de revólveres agrupados em forma de lustres, enquanto girândolas de pistolas e candelabros feitos de fuzis reunidos em feixes completavam essa esplêndida iluminação. Os modelos de canhões, as amostras de bronze, os alvos crivados de balas, as placas amassadas pelos tiros do Gun Club, as coleções de tacos e lanadas, os rosários de bombas, os colares de projéteis, as guirlandas de obuses, em suma, todos os utensílios do artilheiro surpreendiam o olhar por sua impressionante disposição, dando a entender que sua verdadeira finalidade era mais decorativa que mortífera.

No lugar de honra, via-se, protegido por uma esplêndida vitrine, um fragmento de culatra, quebrado e retorcido pelo efeito da pólvora, precioso resquício do canhão de J.-T. Maston.

No fundo da sala, o presidente, assistido por quatro secretários, ocupava uma vasta plataforma. Sua cadeira, pousada numa base esculpida, mostrava no conjunto as formas poderosas de um morteiro de 80 centímetros, assestado num ângulo de 90 graus e suspenso em munhões: assim, o presidente podia imprimir-lhe, como a uma *rocking-chair*[5], um vaivém bastante agradável nos dias de muito calor. Sobre a mesa – vasta placa de metal sustentada por seis canos de canhão –, via-se um tinteiro elegante, feito de uma bala artisticamente cinzelada, e uma campainha de detonação que soava, quando tocada, como um revólver. No entanto, durante as discussões acaloradas, essa campainha de um novo tipo mal bastava para cobrir a voz daquela legião de artilheiros estrepitosos.

Diante da mesa, bancos dispostos em zigue-zague, como a linha de trincheiras, formavam uma sucessão de baluartes e anteparos onde tomavam assento os membros do Gun Club. Nessa noite, pode-se dizer, “as muralhas estavam guarnecidas”. Todos conheciam muito bem o presidente para saber que ele não teria incomodado seus colegas sem um motivo sério.

Impey Barbicane era um homem de 40 anos, calmo, frio, austero, de um espírito eminentemente sério e concentrado, pontual como um

cronômetro, dotado de temperamento firme a toda prova e de caráter inabalável. Pouco cavalheiresco, mas aventureiro e sempre aplicando ideias práticas a seus empreendimentos mais temerários, era o homem por excelência da Nova Inglaterra, o nortista colonizador, o descendente dos Cabeças Redondas tão funestos aos Stuart e o inimigo implacável dos fidalgos do Sul, esses antigos cavaleiros da mãe-pátria. Em uma palavra, um ianque fundido em um só bloco.

Barbicane tinha feito grande fortuna no comércio de madeira; nomeado diretor de artilharia durante a guerra, mostrou-se fértil em invenções; audacioso em ideias, contribuiu poderosamente para o progresso dessa arma e deu às pesquisas experimentais um impulso incomparável.

Ele era de estatura mediana e – coisa rara no Gun Club – tinha os membros intactos. As feições marcantes pareciam cuidadosamente traçadas a régua e compasso – e, se é verdade que, para adivinhar os instintos de um homem, devemos olhá-lo de perfil, Barbicane, visto assim, ostentava os sinais mais inconfundíveis de energia, audácia e sangue-frio.

Agora, lá estava ele, imóvel em sua poltrona, mudo, absorto, o olhar perdido a distância, abrigado sob seu chapéu de copa alta, esse cilindro de seda preta que parece aparafusado na cabeça dos americanos.

Seus colegas, em volta, tagarelavam barulhentamente, sem distraí-lo; perguntavam, faziam suposições, observavam o presidente na vã tentativa de desvendar o mistério de sua fisionomia imperturbável.

Quando soaram oito horas no relógio trovejante do salão, Barbicane, como que acionado por uma mola, endireitou-se subitamente; fez-se silêncio geral, e o orador, em tom um tanto enfático, falou nestes termos:

– Bravos colegas, já faz tempo que uma paz infecunda mergulhou os membros do Gun Club numa ociosidade lamentável. Após uns poucos anos repletos de incidentes, foi preciso interromper nossos trabalhos e parar no meio do caminho do progresso. Não temo proclamar aos quatro ventos: toda guerra que nos pusesse de novo as armas na mão seria bem-vinda...

– Sim, a guerra! – bradou o impetuoso J.-T. Maston.

– Ouçam, ouçam! – gritaram de todos os lados.

– Mas a guerra – prosseguiu Barbicane – é impossível nas circunstâncias atuais. E, apesar das esperanças do honorável colega que me interrompeu, muitos anos se passarão antes de nossos canhões voltarem a troar num campo de batalha. É preciso, então, fazer alguma coisa e procurar em outra ordem de ideias um alimento para a atividade que nos devora!

A assembleia sentiu que seu presidente iria abordar um ponto delicado. Redobrou a atenção.

– Há alguns meses, meus bravos colegas – prosseguiu Barbicane –, perguntei-me se, dentro de nossa especialidade, nós não poderíamos empreender uma grande experiência digna do século XIX e se os progressos da balística não nos permitiriam levar essa experiência a bom termo. Então pesquisei, trabalhei, calculei... e de meus estudos resultou a convicção de que podemos ter êxito em um empreendimento que seria visto como impraticável em qualquer outro país. Esse projeto, longamente elaborado, será o tema de minha comunicação. É digno dos senhores, digno das tradições do Gun Club, e não deixará de fazer barulho pelo mundo todo!

– Bastante barulho? – quis saber um artilheiro apaixonado.

– Sim. E na verdadeira acepção da palavra – garantiu Barbicane.

– Não interrompam! – resmungaram várias vozes.

– Peço-lhes, pois, meus bravos colegas – disse Barbicane –, toda a sua atenção.

A assembleia estremeceu. Barbicane, ajeitando o chapéu com um gesto rápido, continuou com voz calma:

– Não há aqui ninguém, bravos colegas, que já não tenha visto a lua ou, pelo menos, ouvido falar dela. E não se espantem se venho entretê-los com o astro das noites. Talvez nos esteja reservado sermos os Colombos desse mundo desconhecido. Compreendam-me, ajudem-me com todas as suas forças e eu os conduzirei à sua conquista, acrescentando--o aos trinta e seis Estados que formam esta grande União!

– Viva a lua! – gritou o Gun Club a uma só voz.

– Já se estudou muito a lua – prosseguiu Barbicane. – Sua massa, sua densidade, seu peso, seu volume, sua constituição, seus movimentos, sua distância, sua função no sistema solar, tudo isso está perfeitamente determinado. Fizeram-se mapas selenográficos[6] com

uma perfeição que iguala, se não supera, os terrestres. A fotografia deu, de nosso satélite, provas de uma incomparável beleza. Ou seja, sabemos da lua tudo que as ciências matemáticas, a astronomia, a geologia e a óptica podem ensinar. Mas, até hoje, não estabelecemos comunicação direta com ela.

Um movimento incontido de interesse e surpresa acolheu essas palavras firmes.

– Permitam-me – continuou o presidente – lembrar-lhes de passagem que alguns espíritos ardorosos, empreendendo viagens imaginárias, pretenderam ter penetrado os segredos de nosso satélite. No século XVII, um certo David Fabricius se gabou de haver visto com seus próprios olhos os habitantes da lua. Em 1649, um francês, Jean Baudoin, publicou *Viagem ao mundo da lua feita por Dominguez González*, aventureiro espanhol. Pela mesma época, Cyrano de Bergerac escreveu sobre uma expedição que ficou célebre na França. Mais tarde, outro francês – essa gente se ocupa muito da lua –, chamado Fontenelle, publicou *Pluralidade dos mundos*, obra-prima em seu tempo. Mas a ciência, avançando, esmaga até as obras-primas! Em 1835, um opúsculo traduzido do *New York American* relatou que Sir John Herschell, enviado ao Cabo da Boa Esperança para aí realizar estudos astronômicos, conseguiu, com um telescópio de iluminação interna, trazer a lua a uma distância de cerca de 70 metros! Avistou então, distintamente, cavernas onde viviam hipopótamos, montanhas verdes rendadas de ouro, carneiros com chifres de marfim, cabritos brancos e habitantes com asas membranosas como as dos morcegos. Essa brochura, redigida por um americano chamado Locke[7], obteve enorme sucesso. Mas logo se viu que era uma mistificação científica, e os franceses foram os primeiros a rir dela.

– Rir de um americano! – esbravejou J.-T. Maston. – Eis aí um *casus belli*!

– Acalme-se, meu digno amigo. Os franceses, antes de rir, tinham sido completamente enganados por nosso compatriota. Para terminar este rápido resumo histórico, acrescentarei que um tal Hans Pfaal, de Roterdã, em seu balão cheio de um gás derivado do azoto e trinta e sete vezes mais leve que o hidrogênio, alcançou a lua após dezenove dias de jornada. Essa viagem, como as anteriores, era puramente imaginária, mas da lavra de um escritor muito conhecido na América,

um gênio estranho e contemplativo. Falo de Edgar Allan Poe!

– Viva Edgar Allan Poe! – bradou a assembleia, eletrizada pelas palavras de seu presidente.

– Nada mais direi – prosseguiu Barbicane – dessas tentativas que chamo de meramente literárias e que não bastam para estabelecer relações sérias com o astro das noites. Devo, entretanto, acrescentar que alguns espíritos práticos tentaram pôr-se em comunicação real com ele. Por exemplo, há alguns anos, um geômetra alemão sugeriu o envio de uma comissão de cientistas às estepes da Sibéria. Naquelas vastas planícies, deveriam traçar imensas figuras geométricas, desenhadas por meio de refletores luminosos, entre outras o quadrado da hipotenusa, vulgarmente chamado de "mata-burros" pelos franceses. "Qualquer ser dotado de inteligência", assegurava o geômetra, "compreenderá o objetivo científico dessa figura. Os selenitas, caso existam, responderão com uma figura semelhante e, uma vez estabelecida a comunicação, será fácil inventar um alfabeto que nos permita conversar com eles." Era o que dizia o geômetra alemão, mas seu projeto não foi concretizado e, até hoje, nenhum vínculo direto se estabeleceu entre a Terra e seu satélite. Está, porém, reservado ao gênio prático dos americanos entrar em contato com o mundo sideral. O meio para isso é simples, fácil, certo, infalível. Será o objeto de minha proposta.

Um barulho ensurdecedor, uma tempestade de exclamações acolheu essas palavras. Os assistentes estavam dominados, arrebatados, enleados pela fala do orador.

– Ouçam! Ouçam! Silêncio! – gritava-se pelo salão.

Acalmada a balbúrdia, Barbicane retomou, em tom mais grave, o discurso interrompido:

– Sabem que a balística progrediu muito em poucos anos e que as armas de fogo alcançariam alto grau de perfeição se a guerra não houvesse terminado. Sabem também que, de modo geral, a força de resistência dos canhões e o poder de expansão da pólvora são ilimitados. Pois bem! Partindo desse princípio, perguntei-me se, com um aparelho suficiente, feito em determinadas condições de resistência, não seria possível enviar uma bala à lua.

A essas palavras, um "oh" de estupefação escapou de mil peitos ofegantes; em seguida, fez-se um momento de silêncio, parecido à

calma profunda que precede a tempestade. E, com efeito, a tempestade desabou, mas uma tempestade de aplausos, gritos, clamores. O salão tremeu. O presidente queria falar e não conseguia. Só ao fim de dez minutos é que logrou se fazer ouvir.

– Permitam-me terminar – prosseguiu ele, com frieza. – Abordei a questão por todos os ângulos, resolutamente, e meus cálculos indiscutíveis deixaram claro que um projétil com velocidade inicial de onze mil metros por segundo, dirigido para a lua, chegará necessariamente até lá. Tenho, pois, a honra de lhes propor, meus bravos colegas, que tentemos essa pequena experiência!

Governo pessoal. (N.O.)

Administradores da cidade eleitos pela população. (N.O.)

Cadeiras de balanço em uso nos Estados Unidos. (N.O.)

Da palavra grega *selene*, que significa lua. (N.O.)

Essa brochura foi publicada na França pelo republicano Laviron, morto no cerco de Roma em 1849. (N.O.)

Efeito da comunicação de Barbicane

É impossível descrever o efeito produzido pelas últimas palavras do honorável presidente. Que gritos! Que vociferações! Que sucessão de rugidos, de hurras, “hip, hip!”, de todas as onomatopeias que pululam na língua americana! Era uma balbúrdia, um vozerio indescritível! As bocas gritavam, as mãos batiam, os pés faziam estremecer o pavimento. Todas as armas daquele museu de artilharia, disparando ao mesmo tempo, não teriam agitado mais violentamente as ondas sonoras. Isso não chega a surpreender. Há artilheiros quase tão ruidosos quanto seus canhões.

Barbicane permanecia calmo em meio àquelas manifestações de entusiasmo. Talvez ainda quisesse dizer mais algumas palavras aos colegas, pois seus gestos reclamavam silêncio e sua campainha fulminante emitia violentas detonações. Mas ninguém o escutava. Logo foi arrancado da poltrona, carregado em triunfo – e, das mãos de seus fiéis companheiros, passou para os braços de uma multidão não menos excitada.

Nada detém um americano. Já se repetiu que a palavra “impossível” não é francesa: evidentemente, alguém se enganou de dicionário. Na América, tudo é fácil, tudo é simples, de modo que as dificuldades mecânicas morrem antes de nascer. Entre o projeto de Barbicane e sua realização, nenhum ianque se permitiria entrever nem uma sombra sequer de dificuldade. O que é dito é feito.

O desfile triunfal do presidente se prolongou pela noite. Uma verdadeira marcha à luz de tochas. Irlandeses, alemães, franceses, escoceses, todos esses indivíduos heterogêneos que compõem a população de Maryland gritavam em sua língua materna, e os vivas, os hurras, os bravos se mesclavam numa alacridade indescritível.

Pontualmente, como se soubesse que falavam dela, a lua refulgiu com uma serena magnificência, eclipsando com sua irradiação feérica as luzes da cidade. Todos os ianques miravam aquele disco cintilante; uns a saudavam com um aceno de mão, outros a chamavam pelos nomes mais carinhosos; uns a mediam com o olhar, outros a ameaçavam com o punho. Das oito horas à meia-noite, uma óptica da Jone's Fall Street fez fortuna vendendo lunetas. A lua era minuciosamente examinada como se fosse uma senhora da alta roda. Os americanos a encaravam com o espírito de proprietários: a loura Febe pertencia a esses audaciosos conquistadores e já fazia parte do território da União. No entanto, tratava-se de enviar-lhe um balaço, maneira um tanto brutal de travar relações, mesmo com um satélite, mas muito em uso nas nações civilizadas.

Acabava de soar meia-noite e o entusiasmo não arrefecia, mantendo--se no mesmo nível em todas as classes da população. O magistrado, o cientista, o comerciante, o vendedor, o carregador, os homens inteligentes tanto quanto os "verdes"[8] sentiam-se tocados até a última fibra, pois tratava-se de um empreendimento nacional. Assim, a cidade alta, a cidade baixa, os embarcadouros banhados pelas águas do Patapsco e os navios ancorados tinham sido invadidos por uma multidão ébria de alegria, de gim e de uísque. Todos conversavam, argumentavam, discutiam, altercavam, aprovavam, aplaudiam, desde os cavalheiros pachorrentamente estendidos nos canapés dos *bar-rooms*, diante de seu copo de *sherry-cobbler*[9], até o barqueiro que se intoxicava de "arrebenta--peito"[10] nas lúgubres tabernas do Fells-Point.

Só por volta das duas horas a emoção se acalmou. O presidente Barbicane conseguiu voltar para casa, alquebrado, esmagado, moído. Um Hércules não resistiria a semelhante entusiasmo. A multidão abandonou pouco a pouco as ruas e as praças. As quatro ferrovias de Ohio, Susquehanna, Filadélfia e Washington, que convergem para Baltimore, espalharam o público heterogêneo pelos quatro cantos dos

Estados Unidos, e a cidade recuperou uma tranquilidade relativa.

De resto, seria errôneo acreditar que, durante essa noite memorável, só Baltimore fora tomada por tamanho alvoroço. As grandes cidades da União – Nova Iorque, Boston, Albany, Washington, Richmond, Crescent-City[11], Charleston, Mobile –, do Texas a Massachusetts, de Michigan à Flórida, todas tomaram parte naquele delírio. Com efeito, os trinta mil correspondentes do Gun Club conheciam a letra de seu presidente e aguardaram com igual impaciência a famosa comunicação de 5 de outubro. Assim, na mesma noite, à medida que escapavam dos lábios do orador, suas palavras corriam pelos fios telegráficos através dos Estados da União na velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo, a velocidade da luz. Pode-se dizer então, com certeza absoluta, que no mesmo instante os Estados Unidos da América, dez vezes maiores que a França, lançaram um único hurra e que vinte e cinco milhões de corações, inflados de orgulho, bateram no mesmo ritmo.

No dia seguinte, quinhentas publicações diárias, semanais, bimensais ou mensais se apropriaram da questão. Examinaram-na sob seus diferentes aspectos físicos, meteorológicos, econômicos ou morais, do ponto de vista da preponderância política ou da civilização. Indagavam se a lua era um mundo acabado ou se ainda sofreria alguma mudança. Seria parecida com a Terra no tempo em que a atmosfera ainda não existia? Que espetáculo ofereceria essa face invisível ao esferoide terrestre? Embora, de momento, só se tratasse de enviar uma bala ao astro das noites, todos viam nisso o ponto de partida de uma série de experiências. Todos esperavam que, um dia, a América penetrasse os últimos segredos desse disco misterioso e alguns até pareciam crer que sua conquista alteraria sensivelmente o equilíbrio europeu.

Discutido o projeto, nem um único periódico pôs em dúvida sua realização; as coletâneas, os panfletos, os boletins, as revistas publicadas pelas sociedades científicas, literárias ou religiosas enfatizaram suas vantagens. A Sociedade de História Natural, de Boston, a Sociedade Americana de Ciências e Artes, de Albany, a Sociedade Geográfica e Estatística, de Nova Iorque, a Sociedade Filosófica Americana, da Filadélfia, o Instituto Smithsoniano, de Washington, enviaram em mil cartas suas felicitações ao Gun Club,

com ofertas imediatas de serviço e dinheiro.

Podemos dizer, sem exagero, que jamais uma proposta reuniu tantos adeptos; estavam fora de questão as hesitações, as dúvidas, os receios. Quanto às ironias, às caricaturas, às cançonetas que acolheriam na Europa, e particularmente na França, a ideia de mandar um projétil à lua, teriam se voltado contra seus autores: todos os *lifepreservers*[12] seriam impotentes para defendê-los contra a indignação geral. Há coisas de que não se ri no Novo Mundo. Impey Barbicane tornou-se então, a partir desse dia, um dos maiores cidadãos dos Estados Unidos, algo como o Washington da ciência – e um detalhe entre muitos mostrará até onde ia essa admiração de todo um povo a um homem.

Alguns dias após a famosa sessão do Gun Club, o diretor de uma companhia inglesa anunciou no teatro de Baltimore a representação de *Muito barulho por nada*, uma das comédias de Shakespeare. Mas o povo da cidade, vendo nesse título uma alusão desabonadora aos projetos do presidente Barbicane, invadiu a sala, quebrou as cadeiras e obrigou o infeliz diretor a mudar o programa. Esse diretor, homem de espírito, submeteu-se à vontade pública e substituiu a malfadada comédia por *Do jeito que você gosta*. Durante semanas, o lucro foi fenomenal.

Expressão bem americana para designar pessoas tolas. (N.O.)

Mistura de rum, suco de laranja, açúcar, canela e noz-moscada. De cor amarelada, bebe-se com um canudinho de vidro. *Bar-rooms* é uma espécie de café. (N.O.)

Bebida assustadora dos pobres. Literalmente, *thorough knock me down*. (N.O.)

Nome poético de Nova Orleans. (N.O.)

Arma de bolso feita de uma haste flexível e de uma bola de metal. (N.O.)

Resposta do Observatório de Cambridge

Enquanto isso, Barbicane não perdia um minuto sequer em meio às ovações de que era objeto.

Seu primeiro cuidado foi reunir os colegas no escritório do Gun Club. Ali, após discutirem, eles concordaram em consultar os astrônomos sobre a parte astronômica do empreendimento. Obtida a resposta, tratariam dos meios mecânicos e nada seria negligenciado para garantir o sucesso da grande experiência.

Uma nota minuciosa, contendo perguntas especiais, foi então redigida e endereçada ao Observatório de Cambridge, em Massachusetts. Essa cidade, onde foi fundada a primeira universidade dos Estados Unidos, é justificadamente famosa por sua equipe de astrônomos, sábios do mais elevado mérito. Lá se encontra o poderoso telescópio que permitiu a Bond examinar a nebulosa de Andrômeda e a Clarke descobrir o satélite de Sirius. Portanto, esse célebre estabelecimento justificava em todos os pontos a confiança do Gun Club.

Dois dias depois, a resposta ansiosamente esperada chegava às mãos do presidente Barbicane. Era concebida nos seguintes termos:

O Diretor do Observatório de Cambridge ao Presidente do Gun Club, em Baltimore.

Cambridge, 7 de outubro.

Após o recebimento de sua carta de 6 do corrente mês,

endereçada ao Observatório de Cambridge em nome dos membros do Gun Club de Baltimore, nossa equipe se reuniu imediatamente e julgou de bom alvitre responder como segue:

As perguntas que lhe foram feitas são estas:

1.ª É possível enviar um projétil à lua?

2.ª Qual é a distância exata que separa a Terra de seu satélite?

3.ª Qual será a duração do trajeto do projétil ao qual será imprimida uma velocidade inicial suficiente e, em consequência, quando deverá ele ser lançado para encontrar a lua em determinado ponto?

4.ª Em que exato momento a lua estará na posição mais favorável para ser atingida pelo projétil?

5.ª Que ponto do céu deveremos visar com o canhão destinado a lançar o projétil?

6.ª Que lugar no céu a lua ocupará no momento do disparo?

Sobre a primeira pergunta: "É possível enviar um projétil à lua?".

Sim, é possível enviar um projétil à lua, caso se consiga animar esse projétil com uma velocidade inicial de onze mil metros por segundo. Os cálculos demonstram que essa velocidade é suficiente. À medida que nos distanciamos da Terra, a ação do peso diminui na razão inversa do quadrado das distâncias, isto é, para uma distância três vezes maior, essa ação é nove vezes menor. Em consequência, o peso da bala irá diminuindo e acabará por se anular completamente no momento em que a atração da lua se equilibrar com a da Terra: a 47,52% do trajeto. Nesse momento, o projétil pesará mais e, se cruzar esse ponto, cairá sobre a lua apenas pelo efeito da atração lunar. A possibilidade teórica da experiência fica, pois, absolutamente demonstrada. Quanto ao sucesso, só dependerá do equipamento empregado.

Sobre a segunda pergunta: "Qual é a distância exata que separa a Terra de seu satélite?".

A lua não descreve em torno da Terra uma circunferência, mas antes uma elipse da qual nosso globo ocupa um dos focos; portanto, ela se encontra ora mais perto, ora mais longe de nós (em termos astronômicos, ora está no perigeu, ora no apogeu). A diferença entre a distância maior e a menor é bastante considerável, no caso, para que a possamos negligenciar. Com efeito, no apogeu, a lua está a

398 mil quilômetros e, no perigeu, a 352 mil – uma diferença de 46 mil quilômetros ou mais ou menos a nona parte do percurso. É, pois, a distância no perigeu que deve servir de base aos cálculos.

Sobre a terceira pergunta: "Qual será a duração do trajeto do projétil ao qual será imprimida uma velocidade inicial suficiente e, em consequência, quando deverá ele ser lançado para encontrar a lua em determinado ponto?".

Se o projétil conservasse indefinidamente a velocidade inicial de onze mil metros por segundo, impressa na partida, levaria apenas nove horas mais ou menos para chegar a seu destino; mas, como essa velocidade inicial diminuirá continuamente, concluímos pelos cálculos que precisará de trezentos mil segundos, ou seja, 83 horas e 20 minutos para chegar ao ponto em que as atrações terrestre e lunar se equilibram; a partir daí, cairá na lua em cinquenta mil segundos, ou 13 horas, 53 minutos e 20 segundos. Convirá, portanto, que o lançamento se faça 97 horas, 13 minutos e 20 segundos antes da chegada da lua ao ponto visado.

Sobre a quarta pergunta: "Em que exato momento a lua estará na posição mais favorável para ser atingida pelo projétil?".

Como se viu acima, primeiro é necessário escolher a época em que a lua estará em seu perigeu e, em seguida, o momento em que passará pelo zênite, pois isso diminuirá ainda mais o percurso de uma distância igual ao raio terrestre, isto é, 6.300 quilômetros. Assim, o trajeto definitivo será de 346 mil quilômetros. No entanto, como mensalmente a lua passa a seu perigeu, nem sempre está no zênite nesse momento. Só se apresenta nessas condições em longos intervalos, sendo, pois, necessário aguardar a coincidência da passagem ao perigeu e pelo zênite. Ora, por uma feliz coincidência, no dia 4 de dezembro do próximo ano, a lua oferecerá essas duas condições: à meia-noite, estará em seu perigeu, quer dizer, em sua menor distância da Terra, e passará ao mesmo tempo pelo zênite.

Sobre a quinta pergunta: "Que ponto do céu deveremos visar com o canhão destinado a lançar o projétil?".

Admitidas as observações precedentes, o canhão deverá ser apontado para o zênite[13] *do lugar; assim, o tiro será perpendicular ao plano do horizonte, e o projétil se subtrairá mais rapidamente aos efeitos da atração terrestre. Mas, para que a lua suba para o zênite*

de um lugar, é preciso que este não seja mais alto em latitude que a declinação do astro – em outras palavras, que esteja compreendido entre 0 grau e 28 graus de latitude norte ou sul[14]*. Em qualquer outro lugar, o tiro deveria ser necessariamente oblíquo, o que prejudicaria o bom êxito da experiência.*

Sobre a sexta pergunta: "Que lugar no céu a lua ocupará no momento do disparo?".

No momento em que o projétil for lançado, a lua, que avança a cada dia 13º10'35", deverá estar distanciada do zênite quatro vezes esse número, ou seja, 52º42'20", espaço que corresponde ao caminho que ela percorrerá durante o percurso do projétil. Mas, como é preciso também levar em conta o desvio que o movimento de rotação da Terra imprimirá ao projétil, e como este só chegará à lua depois de se desviar em uma distância igual a dezesseis raios terrestres (que, contados sobre a órbita da lua, perfazem cerca de onze graus), devemos acrescentar esses onze graus aos que correspondem ao atraso da lua já mencionado, isto é, 64 graus em números redondos. Portanto, no momento do disparo, o raio visual até a lua fará, com a vertical do lugar, um ângulo de 64 graus.

Tais são as respostas às perguntas dirigidas ao Observatório de Cambridge pelos membros do Gun Club.

Em resumo:

1.º O canhão deverá ser posto em um país situado entre 0 grau e 28 graus de latitude norte ou sul.

2.º O canhão ser apontado para o zênite do lugar.

3.º O projétil deverá ter a velocidade inicial de onze mil metros por segundo.

4.º Deverá ser lançado em primeiro de dezembro do próximo ano, às 11 horas menos 13 minutos e 20 segundos.

5.º O projétil encontrará a lua quatro dias após o disparo, em 4 de dezembro, exatamente à meia-noite, no momento em que ela passar pelo zênite.

Os membros do Gun Club devem, portanto, começar sem demora os trabalhos necessários a semelhante empreendimento e estar prontos a agir no momento certo, pois, se deixarem passar a data de 4 de dezembro, só encontrarão a lua nas mesmas condições de perigeu e zênite daqui a dezoito anos e onze dias.

A equipe do Observatório de Cambridge se coloca inteiramente à sua disposição para as questões de astronomia teórica e, pela presente, junta suas felicitações às da América inteira.

Pela equipe,

– J.-M. Belfast, diretor do Observatório de Cambridge

Zênite é o ponto do céu situado verticalmente acima da cabeça de um observador. (N.O.)

Apenas nas regiões do globo compreendidas entre o equador e o paralelo 28 a culminação da lua a conduz ao zênite; para além do 28.º grau, quanto mais avançamos para os polos, menos a lua se aproxima do zênite. (N.O.)

O romance da lua

Um observador de vista infinitamente penetrante e postado no centro desconhecido em volta do qual gravita o mundo teria visto miríades de átomos enchendo o espaço na época caótica do universo. Mas, pouco a pouco, com o decorrer dos séculos, uma mudança ocorreu: uma lei de atração surgiu e os átomos até então errantes passaram a obedecer-lhe. Esses átomos se combinaram quimicamente, segundo suas afinidades, transformaram-se em moléculas e formaram os agregados nebulosos que se espalham pelas profundezas do céu.

Esses agregados foram imediatamente providos de um movimento de rotação em torno de seu ponto central. O centro, constituído de moléculas vagas, pôs-se a girar em torno de si mesmo, condensando-se progressivamente. Nos termos das leis imutáveis da mecânica, à medida que seu volume diminuía pela condensação, seu movimento rotativo se acelerava e, com a persistência desses efeitos, resultou daí uma estrela principal, núcleo do agregado nebuloso.

Olhando com atenção, o observador teria visto as outras moléculas do agregado se comportar como a estrela central, condensar-se do mesmo modo por um movimento de rotação progressivamente acelerado e gravitar em torno dela sob a forma de estrelas incontáveis. A nebulosa, que segundo os astrônomos tem perto de cinco mil, estava formada.

Entre as cinco mil nebulosas, uma foi chamada pelos homens de Via Láctea[15] e contém dezoito milhões de estrelas, cada qual o centro

de um mundo solitário.

Se o observador desse atenção especial, entre esses dezoito milhões de astros, a um dos mais modestos e menos brilhantes[16], uma estrela de quarta grandeza e que ostenta orgulhosamente o nome de sol, todos os fenômenos aos quais se deve a formação do universo ocorreriam, em sucessão, diante de seus olhos.

Com efeito, o sol, ainda em estado gasoso e composto de moléculas móveis, apareceria girando em torno de seu eixo para terminar a obra de concentração. Esse movimento, fiel às leis da mecânica, se acelerou com a diminuição do volume e chegaria o momento em que a força centrífuga superaria a força centrípeta, cuja tendência é empurrar as moléculas para o centro.

Então, outro fenômeno ocorreria diante dos olhos do observador: as moléculas situadas no plano do equador escapariam como a pedra de uma funda cuja corda se rompesse de repente, formando em volta do sol vários anéis concêntricos parecidos com os de Saturno. Por sua vez, esses anéis de matéria cósmica, dotados de um movimento de rotação em volta da massa central, se romperiam e se decomporiam em nebulosas secundárias, isto é, planetas.

Nosso observador concentraria em seguida toda a sua atenção nesses planetas e notaria que se comportavam exatamente como o sol, dando nascença a um ou vários anéis cósmicos, origem dos astros de ordem inferior que chamamos de satélites.

Desse modo, remontando do átomo à molécula, da molécula ao agregado nebuloso, do agregado nebuloso à nebulosa, da nebulosa à estrela principal, da estrela principal ao sol, do sol ao planeta e do planeta ao satélite, temos a série inteira das transformações sofridas pelos corpos celestes desde os primeiros dias do mundo.

O sol parece perdido nas imensidões do mundo estelar, mas, segundo as teorias atuais da ciência, está preso à nebulosa da Via Láctea. Centro de um mundo (e por pequeno que pareça no meio das regiões etéreas), ele ainda assim pode ser considerado enorme, pois seu volume é 1.400.000 vezes maior que o da Terra. À sua volta, gravitam oito planetas, saídos de suas próprias entranhas nos primeiros tempos da Criação. São eles, do mais próximo ao mais distante: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. Mas, entre Marte e Júpiter, circulam regularmente outros

corpos menores, talvez os restos de um astro partido em milhares de fragmentos, dos quais o telescópio reconheceu 97 até hoje[17].

Desses servos que o sol mantém em sua órbita elíptica graças à grande lei da gravidade, alguns possuem seus próprios satélites. Urano possui oito, Saturno, oito, Júpiter, quatro, Netuno, possivelmente, três, e a Terra, um; este, um dos menos importantes do mundo solar, chama-se lua e é o que o gênio audacioso dos americanos pretendia conquistar.

O astro das noites, por sua proximidade relativa e pelo espetáculo sempre renovado de suas fases diversas, nunca deixou de partilhar com o sol a atenção dos habitantes da Terra; mas contemplar o sol é ofuscante para os olhos, e seu brilho nos obriga a baixá-los.

Ao contrário, a loura Febe, mais humana, deixa-se contemplar em sua graça modesta; é doce ao olhar, pouco ambiciosa e, no entanto, permite--se às vezes eclipsar seu radioso irmão, Apolo, sem nunca ser por ele eclipsada. Os muçulmanos se mostraram reconhecidos a essa fiel amiga da Terra e regularam os meses por sua revolução, que é de cerca de vinte e nove dias e meio.

Os povos mais antigos consagraram um culto especial a essa deusa casta. Os egípcios a chamavam de Ísis; os fenícios, de Astarteia; os gregos a adoravam sob o nome de Febe, filha de Latona e Júpiter, explicando seus eclipses pelas visitas misteriosas de Diana ao belo Endimião. A crermos na mitologia, o leão de Nemeia percorreu os campos da lua antes de aparecer na Terra, e o poeta Agesianace, citado por Plutarco, celebrou em seus versos esses olhos doces, esse nariz encantador e essa boca amável formados pelas partes luminosas da adorável Selene.

Mas, se os antigos compreenderam bem o caráter, o temperamento – em suma, as qualidades morais – da lua do ponto de vista mitológico, os mais sábios dentre eles permaneceram muito ignorantes em selenografia.

Entretanto, vários astrônomos de épocas recuadas descobriram certas particularidades confirmadas hoje pela ciência. Se os arcádios pretendiam ter habitado a Terra quando a lua ainda não existia, se Simplício a julgava imóvel e engastada na abóbada de cristal, se Tácio a via como um fragmento destacado do disco solar, se Clearco, discípulo de Aristóteles, considerava-a um espelho polido no qual se

refletiam as imagens do oceano e se outros, enfim, supunham-na apenas uma bola de vapores exalados pela Terra ou um globo metade fogo, metade gelo, que girava em torno de si mesmo, alguns sábios, por meio de observações sagazes na falta de instrumentos de óptica, anteciparam a maior parte das leis que regem o astro das noites.

Assim, Tales de Mileto, 460 anos antes de Cristo, aventou que a lua era iluminada pelo sol. Aristarco de Samos explicou corretamente suas fases. Cleômenes ensinou que sua luz era reflexa. O caldeu Berósio descobriu que a duração de seu movimento de rotação era igual ao de seu movimento de revolução e esclareceu com isso por que a lua apresenta sempre a mesma face. Enfim, Hiparco, dois séculos antes da era cristã, reconheceu algumas irregularidades nos movimentos aparentes do satélite da Terra.

Todas essas observações foram confirmadas posteriormente e ajudaram muito os novos astrônomos. Ptolomeu, no século II, e o árabe Abul-Wefa, no século X, confirmaram as conclusões de Hiparco sobre as irregularidades do trajeto da lua pela linha ondulada de sua órbita, em consequência da ação do sol. Mais tarde, Copérnico[18], no século XV, e Tycho Brahe, no século XVI, fizeram uma descrição completa do sistema do mundo e do papel da lua no conjunto dos corpos celestes.

Por essa época, seus movimentos estavam praticamente determinados, mas de sua constituição física pouco se sabia. Então, Galileu explicou os fenômenos luminosos produzidos em certas fases pela existência de montanhas às quais atribuiu uma altura média de nove mil metros.

Depois dele, Hevelius, um astrônomo de Danzig, rebaixou as maiores altitudes a 5.200 metros; seu colega Riccioli, porém, elevou-as para catorze mil.

Herschell, no fim do século XVIII, munido de um possante telescópio, reduziu em muito as medidas precedentes. Deu 3.800 metros às montanhas mais altas e diminuiu a média das diferentes altitudes a apenas oitocentos metros. Mas Herschell também se enganou, sendo necessárias as observações de Shroeter, Louville, Halley, Nasmyth, Bianchini, Pastorf, Lohrman, Gruithuysen e sobretudo de Beer e Moedeler, com seus pacientes estudos, para resolver em definitivo a questão. Graças a esses cientistas, a elevação

das montanhas da lua é perfeitamente conhecida hoje em dia. Beer e Moedeler mediram 1.905 altitudes, das quais seis estão acima de 5.200 metros e vinte e duas acima de 5.800[19]. O pico mais alto está a 7.602 metros do disco lunar.

Enquanto isso, completava-se o reconhecimento da lua; esse astro aparecia crivado de crateras e sua natureza essencialmente vulcânica era comprovada a cada observação. Como não se notava refração nos raios dos planetas ocultados por ela, concluiu-se que a lua não tinha quase nenhuma atmosfera. A ausência de ar implicava a ausência de água. Tornava-se então manifesto que os selenitas, para viver em tais condições, possuíam necessariamente uma organização especial, diferindo muito dos habitantes da Terra.

Por fim, graças aos métodos novos, instrumentos mais aperfeiçoados vasculharam a lua sem cessar, não deixando um ponto de sua face inexplorado. Contudo, seu diâmetro é de 3.440 quilômetros[20], sua superfície equivale à 13.ª parte da superfície da Terra[21] e seu volume à 49.ª parte do volume do esferoide terrestre. Mas nenhum de seus segredos poderia escapar ao olho hábil dos astrônomos, que levaram ainda mais longe suas prodigiosas observações.

Notaram, por exemplo, que durante a lua cheia o disco aparecia em certas partes raiado de linhas brancas e, durante as fases, raiado de linhas pretas. Estudos mais precisos deram uma explicação bastante exata da natureza dessas linhas: eram sulcos compridos e estreitos, cavados entre bordas paralelas e que levavam geralmente aos contornos das crateras. Seu comprimento era de 15 a 150 quilômetros, com largura de 1.500 metros. Os astrônomos se limitaram a chamá-los de "sulcos", mas não puderam determinar com certeza se eram leitos secos de rios antigos ou não. Então, os americanos contavam explicar, mais cedo ou mais tarde, esse fato geológico. Reservavam-se também a tarefa de reconhecer a série de muralhas paralelas descobertas na superfície da lua por Gruithuysen, eminente professor de Munique, que as considera um sistema de fortificações erguidas pelos engenheiros selenitas. Esses dois pontos, ainda obscuros (além de muitos outros, sem dúvida), só poderiam ser definitivamente explicados após uma comunicação direta com a lua.

Quanto à intensidade de sua luz, não havia mais nada a aprender a

esse respeito: sabia-se que ela é trezentas mil vezes mais fraca que a do sol e que seu calor quase não afeta os termômetros. Relativamente ao fenômeno conhecido como luz cinzenta, explica-se pelo efeito dos raios do sol redirecionados da Terra à lua, que parecem completar o disco lunar quando este se apresenta sob a forma de um crescente na primeira e última fase.

Tal era o estado dos conhecimentos sobre o satélite da Terra que o Gun Club se propunha enriquecer sob todos os pontos de vista: cosmográficos, geológicos, políticos e morais.

Da palavra grega *galakhtos*, que significa *leite.* (N.O.)

O diâmetro de Sirius, segundo Wollaston, deve ser doze vezes o do sol, isto é, cerca de dezenove milhões de quilômetros. (N.O.)

Alguns desses asteroides são tão pequenos que é possível percorrê-los em um único dia a passo rápido. (N.O.)

Ver *Les Fondateurs de l'Astronomie Moderne* [Os fundadores da astronomia moderna], um livro admirável de M. J. Bertrand, do Instituto. (N.O.)

O Monte Branco chega a 4.813 metros acima do nível do mar. (N.O.)

Isto é, um pouco mais que um quarto do raio terrestre. (N.O.)

Trinta e oito milhões de quilômetros quadrados. (N.O.)

O que não é possível ignorar e o que não é mais permitido aceitar nos Estados Unidos

A proposta de Barbicane teve por resultado imediato trazer para a ordem do dia todos os fatos astronômicos relativos ao astro das noites. Cada qual se pôs a estudá-lo assiduamente. Era como se a lua surgisse pela primeira vez no horizonte e ninguém jamais a tivesse visto no céu. Entrou na moda; foi a "estrela" do momento, sem parecer mais modesta, e tomou lugar entre as "divas", sem mostrar menos vaidade. Os jornais ressuscitaram velhas anedotas nas quais o "Sol dos lobos" desempenhava um papel; lembraram as influências que a ignorância das eras antigas lhe emprestava; cantaram-na em todos os tons; um pouco mais e reproduziriam seus ditos espirituosos. Em suma, a América inteira foi contaminada pela selenomania.

De seu lado, as revistas científicas abordaram mais especificamente as questões relativas ao empreendimento do Gun Club. A carta do Observatório de Cambridge foi por elas publicada, comentada e aprovada sem reservas.

Logo se proibiu tacitamente, até ao menos letrado dos ianques, ignorar um só dos fatos relativos a seu satélite – e, à mais teimosa das matronas, continuar admitindo erros supersticiosos a respeito dele. A ciência lhes chegava sob todas as formas; entrava-lhes pelos olhos e ouvidos: não era possível ser um asno... em astronomia.

Até então, muitas pessoas ignoravam como se pudera calcular a distância entre a Terra e a lua. Aproveitou-se essa circunstância para ensinar-lhes que essa distância se obtinha pela medida da paralaxe lunar. Quando a palavra paralaxe as assustava, diziam-lhes que é o ângulo formado por duas linhas retas partidas de cada extremidade do raio terrestre até a lua. Se duvidavam da perfeição desse método, provavam-lhes imediatamente que não apenas a distância média era de 375 mil quilômetros como os astrônomos só poderiam enganar-se em, no máximo, 110 quilômetros.

A quem não estava familiarizado com os movimentos da lua, os jornais demonstravam diariamente que ela executa dois deslocamentos distintos: o primeiro, de rotação, em torno de seu eixo; o segundo, de revolução, em torno da Terra. Ambos ocorrem em tempo igual, ou seja, vinte e sete dias e um terço[22].

O movimento de rotação é o que cria o dia e a noite na superfície da lua. Mas há apenas um dia e uma noite por mês lunar e cada um dura 354 horas e um terço. Felizmente para ela, a face voltada para o globo terrestre é iluminada por ele com uma intensidade igual à luz de catorze luas. Quanto à outra face, sempre invisível, tem naturalmente 354 horas de noite absoluta, amenizada apenas por essa "pálida claridade que tomba das estrelas". Esse fenômeno se deve unicamente ao fato de os movimentos de rotação e revolução se cumprirem em tempos rigorosamente iguais, fenômeno comum, segundo Cassini e Herschell, aos satélites de Júpiter e com muita probabilidade a todos os outros satélites.

Alguns espíritos bem dispostos, mas um pouco lentos, não entendiam de início que, se a lua mostra invariavelmente a mesma face à Terra durante sua revolução, é porque, no mesmo lapso de tempo, realiza uma volta em torno de seu próprio eixo. A eles, dizia-se: "Vá até sua sala de jantar e caminhe em torno da mesa sempre com os olhos postos no centro dela; no fim de seu passeio circular, você terá executado um giro em torno de si mesmo, pois seus olhos terão percorrido, sucessivamente, todos os pontos da sala. Pois bem: a sala é o céu, a mesa é a Terra e a lua é você!". Todos ficavam encantados com a comparação.

Desse modo, a lua mostra sempre a mesma face à Terra. Mas, para sermos exatos, cabe acrescentar que, em virtude de um certo balanço

de norte a sul e de oeste a leste, chamado “libração”, ela deixa entrever um pouco mais da metade de seu disco, uns 57% mais ou menos.

Quando os ignorantes já sabiam tanto quanto o diretor do Observatório de Cambridge sobre o movimento de rotação da lua, passaram a inquietar-se muito com seu movimento de revolução em torno da Terra, e vinte revistas científicas se apressaram a instruí-los. Aprenderam então que o firmamento, com sua infinidade de estrelas, pode ser considerado um vasto mostrador de relógio sobre o qual a lua passeia indicando a hora certa a todos os habitantes da Terra; que é graças a esse movimento que o astro das noites apresenta suas diferentes fases; que a lua é cheia quando se coloca em oposição ao sol, ou seja, quando os três astros estão numa mesma linha e a Terra no centro; que a lua é nova quando se coloca em conjunção com o sol, ou seja, quando está entre ele e a Terra; enfim, que a lua é crescente ou minguante quando forma com o sol e a Terra um ângulo reto, ocupando o vértice.

Alguns ianques perspicazes deduziram então que os eclipses só podem ocorrer em épocas de conjunção ou oposição e estavam certos. Na conjunção, a lua eclipsa o sol; e, na oposição, a Terra é que o eclipsa. Se esses eclipses não ocorrem duas vezes por lunação é porque o plano pelo qual se move a lua está inclinado sobre a eclíptica, ou seja, sobre o plano pelo qual a Terra se move.

Quanto à altura que o astro das noites pode atingir acima do horizonte, a carta do Observatório de Cambridge havia dito tudo a esse respeito. Todos sabiam que essa altura varia conforme a latitude do local onde se faz a observação. Mas as únicas zonas do globo pelas quais a lua passa no zênite, colocando-se diretamente sobre a cabeça dos observadores, estão compreendidas entre o paralelo 28 e o equador. Daí a importante recomendação de tentar a experiência num ponto qualquer dessa parte do globo, para que o projétil pudesse ser lançado perpendicularmente e escapar assim, com mais rapidez, à ação da gravidade. Essa era uma condição essencial para o êxito do empreendimento e não deixava de preocupar vivamente a opinião pública.

Quanto à linha seguida pela lua em sua revolução em torno da Terra, o Observatório de Cambridge havia explicado suficientemente,

mesmo aos incultos de todos os países, que ela é uma curva reentrante, não um círculo, parecendo-se mais com uma elipse da qual a Terra ocupa um dos focos. Essas órbitas elípticas são comuns a todos os planetas e a todos os satélites, com a mecânica racional provando rigorosamente que não poderia ser de outra forma. Ficou bem entendido que a lua, no apogeu, acha-se mais afastada da Terra e, no perigeu, mais próxima.

Eis, pois, o que todo americano sabia, o que ninguém podia decentemente ignorar. Entretanto, se esses princípios verdadeiros iam se vulgarizando com rapidez, algumas crenças ilusórias foram mais difíceis de erradicar.

Algumas mentes imaginativas sustentavam, por exemplo, que a lua era um antigo cometa, o qual, percorrendo sua extensa órbita em torno do sol, passou perto da Terra e foi capturado por seu campo de atração. Esses astrônomos de salão pretendiam explicar assim o aspecto calcinado da superfície da lua, desgraça irreparável que atribuíam ao astro radioso. Todavia, quando alguém observava que os cometas possuem atmosfera e que a lua possui pouca ou nenhuma, não sabiam responder.

Outros, pertencentes à raça dos assustados, tinham certo medo da lua. Ouviram dizer que, com base em observações feitas no tempo dos califas, seu movimento se acelerava em determinada proporção. Deduziam daí, aliás com muita lógica, que à aceleração do movimento devia corresponder a diminuição da distância entre os dois astros: portanto, se esse duplo efeito se prolongar ao infinito, a lua acabará um dia por cair sobre a Terra. Mas se tranquilizaram e deixaram de temer pelas gerações futuras quando foram informados de que, segundo os cálculos de Laplace, ilustre matemático francês, essa aceleração de movimento é muito restrita e que uma diminuição proporcional logo a substituirá. Desse modo, o equilíbrio do mundo solar não será abalado nos séculos que estão por vir.

Restava a classe supersticiosa dos ignorantes. Esses não se contentavam com ignorar, acreditavam no que não existia e, a propósito da lua, sabiam tudo. Uns consideravam seu disco como um espelho polido por meio do qual se poderiam ver diversos pontos da Terra e comunicar pensamentos. Outros sustentavam que, de mil luas observadas, novecentas e cinquenta provocaram mudanças notáveis,

como cataclismos, revoluções, terremotos, dilúvios, etc. Acreditavam, pois, na misteriosa influência do astro da noite sobre os destinos humanos, considerando-o o “verdadeiro contrapeso” da existência. Supunham que cada selenita estivesse ligado a um habitante da Terra por um vínculo simpático. Para essas pessoas, como para o doutor Mead, o sistema vital estava inteiramente submetido ao nosso satélite e teimavam que os meninos nasciam sobretudo durante a lua nova, e as meninas, durante o último quarto, etc., etc. Mas, por fim, foi necessário renunciar a esses erros vulgares e aceitar a verdade única; e se a lua, despojada de sua influência, ficou muito diminuída no espírito de alguns cortesãos de todos os poderes, se muita gente lhe virou as costas, a imensa maioria se pronunciou a seu favor. Quanto aos ianques, tinham por única ambição tomar posse desse novo continente dos ares e arvorar em seu ponto mais alto a bandeira estrelada dos Estados Unidos da América.

Essa é a duração da revolução sideral, ou seja, o tempo que a lua gasta para voltar a uma mesma estrela. (N.O.)

O hino da bala

O Observatório de Cambridge havia, em carta memorável de 7 de outubro, abordado a questão do ponto de vista astronômico; tratava-se agora de resolvê-la mecanicamente. A essa altura, as dificuldades práticas teriam parecido insuperáveis em qualquer outro país: na América, era apenas um jogo.

O presidente Barbicane, sem perda de tempo, nomeou com membros do Gun Club um comitê executivo, que em três sessões deveria elucidar os três grandes problemas: o canhão, o projétil e a pólvora. Era composto de quatro indivíduos muito sábios nessas matérias: Barbicane, com voto de desempate, o general Morgan, o major Elphiston e o indefectível J.-T. Maston, ao qual foram confiadas as funções de secretário-relator.

Em 8 de outubro, o comitê se reuniu na casa do presidente Barbicane, Republican Street, nº 3. Como fosse importante que o estômago não perturbasse com seus gritos uma discussão tão séria, os quatro membros do Gun Club se sentaram a uma mesa coberta de sanduíches e chaleiras em quantidade respeitável. Em seguida, J.-T. Maston encaixou sua pena no gancho de ferro e a sessão teve início.

Barbicane tomou a palavra:

– Meus caros colegas, precisaremos resolver um dos mais importantes problemas da balística, a ciência por excelência, que trata do movimento dos projéteis, isto é, dos corpos lançados ao espaço por uma força de impulsão qualquer e depois abandonados a si mesmos.

– Oh, a balística, a balística! – exultou J.-T. Maston, comovido.

– Talvez parecesse mais lógico – prosseguiu Barbicane – discutirmos nesta primeira sessão o problema do aparelho...

– De fato – reconheceu o general Morgan.

– Mas – continuou o presidente –, após refletir bastante, achei que o problema do projétil devia vir antes que o do canhão e que as dimensões deste deveriam depender das dimensões daquele.

– Peço a palavra – interveio J.-T. Maston.

A palavra lhe foi concedida com a presteza que seu magnífico passado merecia.

– Meus bravos amigos – começou ele, num tom inspirado –, nosso presidente está certo em antepor a questão do projétil! A bala que mandaremos à lua é nossa mensageira, nossa embaixadora, e peço-lhes permissão para considerá-la do ponto de vista puramente moral.

Essa maneira nova de encarar um projétil deixou curiosos os membros do comitê; prestaram, pois, a máxima atenção às palavras de J.-T. Maston.

– Queridos colegas – prosseguiu ele –, serei breve. Deixarei de lado o projétil físico, aquele que mata, para contemplar o projétil matemático, de natureza moral. O projétil é, para mim, a mais brilhante manifestação do poder humano, que ele resume por inteiro. Criando-o, o homem se aproximou mais do Criador!

– Muito bem! – disse o major Elphiston.

– Com efeito – prosseguiu o orador –, se Deus fez as estrelas e os planetas, o homem fez o projétil, esse padrão das velocidades terrestres, essa redução dos astros errantes no espaço, que, a bem dizer, não passam de projéteis! A Deus a velocidade da eletricidade, a velocidade da luz, a velocidade das estrelas, a velocidade dos cometas, a velocidade dos planetas, a velocidade dos satélites, a velocidade do som, a velocidade do vento! Mas, a nós, a velocidade do projétil, cem vezes superior à dos trens e dos cavalos mais rápidos!

J.-T. Maston estava exultante; sua voz assumia tons líricos ao cantar esse hino sagrado da bala.

– Querem números? – prosseguiu ele. – Pois aí vão, e eloquentes! Tomem, por exemplo, o modesto projétil de dez quilos. Sua velocidade pode ser oitocentas mil vezes menor que a da eletricidade, 640 vezes menor que a da luz, 76 vezes menor que a da Terra em seu

movimento de translação em torno do sol, mas, ao sair do canhão, ultrapassa a do som[23]. Faz quatrocentos metros por segundo, quatro mil metros em dez segundos, cerca de vinte e dois quilômetros por minuto, 1.350 quilômetros por hora, trinta e dois mil quilômetros por dia (ou seja, a velocidade dos pontos do equador no movimento de rotação do globo) e 11.500.000 quilômetros por ano. Levaria onze dias para chegar à lua, doze anos para chegar ao sol, 360 anos para chegar a Netuno, nos confins do mundo solar. Eis o que faria esse modesto projétil, obra de nossas mãos! Que acontecerá então se, multiplicando por vinte essa velocidade, nós o lançarmos a onze quilômetros por segundo? Ah, projétil soberbo, projétil esplêndido! Creio que será recebido, lá no alto, com as honras devidas a um embaixador terrestre!

Hurras acolheram essa vibrante peroração, e J.-T. Maston, muito comovido, assentou-se em meio às felicitações de seus colegas.

– Agora – disse Barbicane – que já abrimos bastante espaço à poesia, ataquemos de frente o problema.

– Estamos prontos – acudiram os membros do comitê, devorando, cada um, meia dúzia de sanduíches.

– Sabem qual é o problema a resolver – continuou o presidente. – Trata-se de imprimir a um projétil a velocidade de 11 mil metros por segundo. Creio bem que o conseguiremos. Mas, por ora, vamos examinar as velocidades obtidas até aqui. O general Morgan poderá nos esclarecer a esse respeito.

– Tanto mais facilmente – replicou o general – quanto, durante a guerra, fui membro da comissão de experiências. Direi então que os canhões de cem de Dahlgreen, com alcance de 5 mil metros, imprimiam a seu projétil uma velocidade inicial de 460 metros por segundo.

– Certo. E a Columbiad Rodman[24]? – perguntou o presidente.

– A Columbiad Rodman, testada no Forte Hamilton, perto de Nova Iorque, lançava um projétil de meia tonelada a uma distância de quase dez mil metros, com uma velocidade de 732 metros por segundo, resultado que Armstrong e Pallisser jamais conseguiram na Inglaterra.

– Ah, os ingleses! – suspirou J.-T. Maston, voltando para o horizonte oriental seu gancho ameaçador.

– Então – perguntou Barbicane – esses 732 metros são a velocidade

máxima alcançada até hoje?

– Sim – respondeu Morgan.

– Eu diria, no entanto – interveio J.-T. Maston –, que se meu morteiro não houvesse explodido...

– Mas explodiu – comentou Barbicane, com um gesto benevolente. – Tomemos então, por ponto de partida, essa velocidade de 732 metros. Precisaremos multiplicá-la por vinte. Reservando para outra sessão o estudo dos meios destinados a produzir essa velocidade, quero que atentem, meus caros colegas, para as dimensões que convém dar ao projétil. Bem sabem que, agora, não se trata de projéteis com peso máximo de meia tonelada!

– Por que não? – quis saber o major.

– Porque nosso projétil – respondeu vivamente J.-T. Maston – deve ser grande o bastante para chamar a atenção dos habitantes da lua, caso existam.

– Sim – disse Barbicane. – E por outro motivo, mais importante ainda.

– Que quer dizer, Barbicane? – estranhou o major.

– Quero dizer que não basta enviar um projétil e esquecê-lo. Deveremos segui-lo durante todo o seu percurso até o momento em que atingir o alvo.

– Hein? – exclamaram o general e o major, um tanto surpresos com a proposta.

– Do contrário – continuou Barbicane, seguro de si –, nossa experiência certamente não produzirá nenhum resultado.

– Mas, então – perguntou o major –, quer dar ao projétil dimensões enormes?

– Não. Ouçam bem. Sabem que os instrumentos de óptica adquiriram grande perfeição. Com alguns telescópios, já conseguimos obter aumentos de seis mil vezes e aproximar a lua a 65 quilômetros. Ora, a essa distância, objetos com dezoito metros de lado se tornam perfeitamente visíveis. Se ainda não aumentamos o alcance dos telescópios foi porque isso prejudicaria a nitidez; e a lua, sendo apenas um espelho refletor, não envia luz suficientemente intensa para podermos ir além desse limite.

– Então o que fará? – perguntou o general. – Dará ao nosso projétil um diâmetro de dezoito metros?

– De modo algum!

– Então tornará a lua mais luminosa?

– Exatamente.

– Isso já é demais! – espantou-se J.-T. Maston.

– O senhor quer dizer simples demais – respondeu Barbicane. – Com efeito, se eu conseguir diminuir a espessura da atmosfera atravessada pela luz da lua, essa luz não ficará mais intensa?

– Evidentemente.

– Pois bem! A fim de obter esse resultado, só terei de instalar um telescópio numa montanha elevada. E é o que faremos.

– Eu me entrego! – brincou o major. – O senhor sabe simplificar as coisas! E que aumento espera obter dessa maneira?

– Um aumento de 48 mil vezes, o que trará a lua para apenas oito quilômetros. Assim, os objetos só precisarão ter 2,7 metros de diâmetro.

– Perfeito! – gritou J.-T. Maston. – De modo que nosso projétil terá essa medida?

– Exatamente.

– Permita-me dizer-lhe, no entanto – interveio o major Elphiston –, que seu peso será tal...

– Ora, major – disse Barbicane –, antes de discutirmos o peso, permita-me lembrar-lhe que nossos pais faziam maravilhas nessa área. Longe de mim insinuar que a balística não evoluiu, mas é bom ter em mente que, desde a Idade Média, são obtidos resultados espantosos. Mais espantosos até que os nossos, ouso dizer.

– Céus! – exclamou Morgan.

– Justifique suas palavras! – bradou vivamente J.-T. Maston.

– Nada mais fácil – replicou Barbicane. – Tenho muitos exemplos em apoio de minha declaração. Assim, no sítio de Constantinopla por Maomé II, em 1453, lançaram-se balas de pedra que pesavam oitocentos quilos e deviam ter um belo tamanho.

– Oh! – exclamou o major. – Oitocentos quilos! É um valor alto!

– Em Malta, no tempo dos cavaleiros, um canhão do Forte Santelmo disparava projéteis de 1.100 quilos.

– Não é possível!

– E segundo um historiador francês, no tempo de Luís XI, um morteiro lançou uma bomba de apenas 230 quilos. Mas essa bomba,

partindo da Bastilha, lugar onde os loucos prendiam os sábios, foi cair em Charenton, lugar onde os sábios prendem os loucos.

– Que beleza! – exultou J.-T. Maston.

– E depois, que vimos? Os canhões de Armstrong lançando projéteis de 230 quilos, e as Columbiads Rodman, de meia tonelada! Parece então que, ganhando em alcance, perderam em peso. Ora, se insistirmos nesse aspecto, chegaremos com o progresso da ciência a decuplicar o peso das balas de Maomé II e dos cavaleiros de Malta.

– É claro – disse o major. – Mas que metal empregaremos no projétil?

– Ferro fundido, pura e simplesmente – disse o general Morgan.

– *Pff*... Ferro fundido! – exclamou J.-T. Maston com profundo desdém. – Coisa muito comum para uma bala destinada a chegar à lua...

– Não exageremos, meu caro amigo – respondeu Morgan. – O ferro fundido bastará.

– Contudo – interveio o major Elphiston –, dado que o peso é proporcional a seu volume, um projétil de ferro fundido, medindo 2,7 metros de diâmetro, será extremamente pesado!

– Se for compacto. Se for oco, não – explicou Barbicane.

– Oco! Mas então será um obus!

– Onde poderemos colocar mensagens – replicou J.-T. Maston. – E amostras de nossos produtos terrestres!

– Um obus, sim – continuou Barbicane. – Isso é absolutamente necessário. Uma bala compacta de 275 centímetros pesaria mais de noventa mil quilos, o que evidentemente é excessivo. No entanto, como é preciso dar alguma estabilidade ao projétil, sugiro um peso de 2.270 quilos.

– E qual seria a espessura das paredes? – perguntou o major.

– Se seguirmos a proporção regulamentar – respondeu Morgan –, um diâmetro de 275 centímetros exigirá paredes de 60 centímetros, pelo menos.

– Isso seria muito – observou Barbicane. – Vejam bem, aqui não se trata de um projétil destinado a furar placas metálicas. Então, bastará lhe dar paredes fortes o suficiente para resistir à pressão do gás da pólvora. O problema, então, é este: que espessura deve ter um obus de ferro fundido para pesar apenas nove mil quilos? Nosso hábil

calculista, o bravo Maston, irá logo nos responder.

– Nada mais fácil – replicou o honorável secretário do comitê.

E, dizendo isso, traçou algumas fórmulas algébricas no papel; apareceram sob sua pena os "π" e os "x" elevados à décima potência, além de uma raiz cúbica. Disse então:

– As paredes terão apenas cinco centímetros de espessura.

– Será suficiente? – perguntou o major, com ar de dúvida.

– Não – respondeu o presidente Barbicane. – É claro que não.

– Então, que fazer? – continuou Elphiston, com ar embaraçado.

– Empregar outro metal que não o ferro fundido.

– Cobre? – indagou Morgan.

– Não, também é muito pesado. Tenho algo melhor a propor.

– O quê? – perguntou o major.

– Alumínio – respondeu Barbicane.

– Alumínio! – espantaram-se os três colegas do presidente.

– Sim, amigos. Sabem que um ilustre químico francês, Henri Sainte-Claire Deville, conseguiu, em 1854, obter o alumínio em massa compacta. Ora, esse precioso metal tem a brancura da prata, a inalterabilidade do ouro, a tenacidade do ferro, a maleabilidade do cobre e a leveza do vidro; é facilmente trabalhado, existe em enorme quantidade na natureza, pois forma a base da maior parte das rochas, é três vezes mais leve que o ferro e parece ter sido criado expressamente para nos fornecer a matéria-prima de nosso projétil!

– Viva o alumínio! – bradou o secretário do comitê, sempre barulhento em suas horas de entusiasmo.

– Mas, presidente – objetou o major –, o preço do alumínio não será alto demais?

– Já foi – respondeu Barbicane. – Logo após sua descoberta, o quilo de alumínio custava de 520 a 560 dólares; depois baixou para 54 e hoje pode ser comprado por dezoito.

– Mas dezoito dólares por quilo – replicou o major, que não se rendia facilmente – ainda é um preço enorme!

– Sem dúvida, meu caro major, mas não proibitivo.

– E quanto pesará o projétil? – perguntou Morgan.

– Eis o resultado de meus cálculos – respondeu Barbicane. – Um projétil de 274 centímetros de diâmetro e trinta de espessura pesaria, em ferro fundido, um pouco mais de trinta mil quilos; em alumínio

fundido, esse peso ficaria reduzido a menos de nove mil.

– Perfeito! – exultou Maston. – Isso cabe bem em nosso programa.

– Perfeito! Perfeito! – secundou o major. – Entretanto, a dezoito dólares o quilo, o projétil custará...

– Cerca de 162 mil dólares. Sim, eu sei. Mas não temam, meus amigos, não faltará dinheiro para nosso empreendimento, garanto-lhes.

– Choverá em nossa caixa – replicou J.-T. Maston.

– E então, que pensam do alumínio? – indagou o presidente.

– Adotado – responderam os três membros do comitê em uníssono.

– Já a forma do projétil – prosseguiu Barbicane – não importa muito, pois, ultrapassada a atmosfera, ele se achará no vácuo. Proponho então o projétil redondo, que girará em torno de si mesmo, caso queira, e se comportará de acordo com sua fantasia.

Assim terminou a primeira sessão do comitê. O problema do projétil estava definitivamente resolvido, e J.-T. Maston gostou muito da ideia de mandar uma bala de alumínio para os selenitas, "o que lhes dará uma agradável ideia dos habitantes da Terra"!

Portanto, quem ouve a detonação do canhão já escapou ao projétil. (N.O.)

Os americanos davam o nome de Columbiad a esses enormes engenhos de destruição. (N.O.)

História do canhão

As resoluções tomadas nessa sessão produziram um grande efeito lá fora. Algumas pessoas medrosas se assustavam um pouco diante da ideia de uma bala de trinta mil quilos lançada através do espaço. Outras perguntavam que canhão conseguiria imprimir uma velocidade inicial suficiente a semelhante massa. A ata da segunda sessão do comitê devia responder triunfantemente a essas questões.

No outro dia, à noite, os quatro membros do Gun Club se sentaram diante de novas montanhas de sanduíches e de um verdadeiro oceano de chá. A discussão logo retomou seu curso e, dessa vez, sem preâmbulo.

– Meus caros colegas – disse Barbicane –, vamos tratar agora do canhão a ser construído, seu tamanho, sua forma, sua composição e seu peso. Sem dúvida, apresentaremos dimensões gigantescas, mas, por maiores que sejam as dificuldades, nosso gênio industrial as superará com facilidade. Portanto, ouçam-me e não poupem objeções à queima-roupa. Elas não me intimidam.

Um rosnado de aprovação acolheu essas palavras.

– Não esqueçamos – continuou Barbicane – o ponto a que nossa discussão nos conduziu ontem. Hoje, o problema é o seguinte: imprimir uma velocidade inicial de onze mil metros por segundo a um obus de 274 centímetros de diâmetro e nove mil quilos de peso.

– Isso é realmente um problema – observou o major Elphiston.

– Continuo. Quando um projétil é lançado ao espaço, que acontece? É solicitado por três forças independentes, a resistência do meio, a

atração da Terra e a força de impulsão que o anima. Examinemos essas três forças. A resistência do meio, isto é, do ar, será pouco importante. Com efeito, a atmosfera terrestre tem apenas 65 quilômetros. Ora, a uma velocidade de onze mil quilômetros, o projétil a atravessará em cinco segundos, tempo muito curto para que a resistência do meio seja decisiva. Passemos à atração da Terra, isto é, ao peso do obus. Sabemos que esse peso diminuirá na razão inversa do quadrado das distâncias, e a física nos ensina que, quando um corpo abandonado a si mesmo cai na superfície da Terra, sua queda é de 4,90 metros no primeiro segundo; e se esse corpo percorrer 414 mil quilômetros, ou seja, a distância a que se acha a lua, sua queda será reduzida a um milímetro e um terço ou 590 milionésimos de uma linha no primeiro segundo. Isso é quase a imobilidade. Trata-se então de vencer progressivamente a ação do peso. Mas como? Pela força da impulsão.

– Eis a dificuldade – observou o major.

– Sim, eis a dificuldade – prosseguiu Barbicane. – Mas nós a superaremos, pois a força de impulsão de que precisamos resultará do comprimento do canhão e da quantidade de pólvora empregada, sendo que esta ficará limitada pela resistência daquele. Assim, ocupemo-nos hoje das dimensões do canhão, sabendo desde já que podemos determiná--las em condições de resistência por assim dizer infinitas, pois ele não deverá ser manobrado.

– Tudo isso é evidente – disse o general.

– Até hoje – continuou Barbicane –, os canhões mais compridos, nossas enormes Columbiads, nunca ultrapassaram sete metros e meio. Portanto, assombraremos muita gente com as dimensões que seremos forçados a adotar.

– Oh, sem dúvida! – exclamou J.-T. Maston. – Por mim, teríamos um canhão de meio quilômetro de comprimento!

– Meio quilômetro! – bradaram o major e o general.

– Sim, meio quilômetro. E ainda seria muito curto.

– Vamos, Maston, não exagere – ponderou Morgan.

– Eu não estou exagerando! – replicou o buliçoso secretário. – Verdadeiramente, não sei por que dizem isso.

– Porque está indo longe demais!

– Pois eu afirmo, senhor – replicou J.-T. Maston, enfunando-se todo

–, que um artilheiro é como um projétil, nunca vai longe o suficiente!

A fim de evitar que a discussão desandasse em conflito de personalidades, o presidente interveio:

– Calma, meus amigos. Raciocinemos. Será preciso, é claro, um canhão bem comprido, pois seu comprimento acelerará a expulsão dos gases acumulados sob o projétil, mas é inútil ultrapassar certos limites.

– Perfeitamente – disse o major.

– Quais são as regras usadas em casos semelhantes? Em geral, o comprimento do canhão é de vinte a vinte e cinco vezes o diâmetro do projétil, pesando de 235 a 240 vezes mais que ele.

– Não basta! – gritou J.-T. Maston impetuosamente.

– Sei disso, meu amigo. Com efeito, seguindo essa proporção, para um projétil de 2,7 metros e nove mil quilos, o canhão teria um comprimento de 67 metros e um peso de 3.265.000 quilos.

– Ridículo! – resmungou J.-T. Maston. – Mais vale usar uma pistola!

– Também acho – disse Barbicane. – Por isso, sugiro quadruplicar esse comprimento e construir um canhão de 270 metros.

O general e o major fizeram algumas objeções, mas a proposta, entusiasticamente apoiada pelo secretário do Gun Club, foi adotada em definitivo.

– Agora – disse Elphiston –, qual será a espessura das paredes?

– Será de 1,8 metro – respondeu Barbicane.

– E está pensando em montar uma estrutura dessa numa carreta? – perguntou o major.

– Seria soberbo! – exclamou J.-T. Maston.

– Mas impraticável – respondeu Barbicane. – Não, vou pousar o canhão no próprio solo, prendê-lo com aros de ferro forjado e rodeá-lo com um grosso anteparo de pedras e cal, para que ele participe de toda a resistência do terreno em volta. Uma vez fundida a peça, a alma será cuidadosamente perfurada e calibrada para anular o vento[25] do projétil. Assim, não haverá desperdício de gás e toda a força expansiva da pólvora contribuirá para o impulso.

– Hurra! Hurra! – gritou J.-T. Maston. – Temos nossa peça!

– Ainda não – disse Barbicane, acalmando com um gesto de mão seu impaciente amigo.

– Por quê?

– Porque ainda não discutimos sua forma. Será um canhão, um

obuseiro ou um morteiro?

– Um canhão – propôs Morgan.

– Um obuseiro – sugeriu o major.

– Um morteiro! – bradou J.-T. Morgan.

Uma nova discussão, muito acalorada, ia começar, com cada qual preconizando sua arma favorita, quando o presidente interveio:

– Meus amigos, vou pô-los todos de acordo. Nossa Columbiad será essas três bocas de fogo ao mesmo tempo. Será um canhão, pois a câmara de pólvora terá o mesmo diâmetro que a alma. Será um obuseiro, pois lançará um obus. E será também um morteiro, pois, apontado num ângulo de 90 graus, sem recuo possível, firmemente preso ao solo, comunicará ao projétil todo o poder de impulsão acumulado em seus flancos.

– Adotado, adotado – concordaram os membros do comitê.

– Eu tenho uma dúvida – disse Elphiston. – Esse canobusomorteiro será raiado?

– Não, não – respondeu Barbicane. – Precisamos de uma velocidade inicial enorme, e os senhores sabem bem que o projétil sai menos rapidamente dos canhões raiados que dos de alma lisa.

– É verdade.

– Então, temos nossa peça! – repetiu J.-T. Morgan.

– De novo, ainda não – replicou o presidente.

– Por quê?

– Porque ainda não sabemos de que metal ele será feito.

– Vamos decidir isso logo.

– É o que eu ia propor.

Os quatro membros do Comitê se fartaram, cada um, com uma dúzia de sanduíches e um bule de chá. Em seguida, a discussão recomeçou.

– Meus bravos colegas – disse Barbicane –, nosso canhão deve ser resistente, sólido, imune ao calor, indestrutível e inoxidável em presença de qualquer ácido corrosivo.

– Quanto a isso, não há dúvida – replicou o major. – E, como teremos de empregar uma quantidade considerável de metal, a escolha não deve nos embaraçar.

– Então – disse Morgan –, proponho para a fabricação da Columbiad a melhor liga conhecida até agora, isto é, cem partes de

cobre, doze de estanho e seis de latão.

– Meus amigos – continuou o presidente –, reconheço que essa composição deu resultados excelentes. Mas, em nosso caso, custaria muito caro e seria de emprego difícil. Penso, pois, que deveremos escolher um material excelente, embora barato, como o ferro fundido. Não pensa assim, major?

– Perfeitamente – respondeu Elphiston.

– Com efeito – prosseguiu Barbicane –, o ferro custa dez vezes menos que o bronze. É fácil de fundir, pode ser vertido em moldes de areia e sua manipulação é rápida. Isso significa, portanto, economia de dinheiro e tempo. De resto, é um material muito bom e me lembro de que, durante a guerra, no cerco de Atlanta, peças de ferro fundido atiraram mil projéteis a cada vinte minutos sem nada sofrer.

– No entanto, o ferro fundido é muito quebradiço – objetou Morgan.

– Sim, mas também é muito resistente. E eu lhe garanto que não iremos explodir.

– Pode-se explodir e ser honesto – sentenciou J.-T. Maston.

– Evidentemente – respondeu Barbicane. – Vou, pois, pedir ao nosso digno secretário que calcule o peso de um canhão de ferro fundido com 275 metros de comprimento, diâmetro interno de 2,7 metros e paredes de 1,8 metro de espessura.

– Agora mesmo! – respondeu J.-T. Morgan.

E, tal como havia feito na véspera, alinhou suas fórmulas com maravilhosa facilidade e disse ao fim de um minuto:

– Esse canhão pesará 68.040.000 quilos.

– A vinte centavos o quilo, quanto custará?

– Dois milhões, quinhentos e dez mil, setecentos e um dólares.

Ao mesmo tempo, J.-T. Maston, o major e o general olharam para Barbicane com ar inquieto.

– Muito bem, senhores – disse o presidente –, repetirei o que lhes assegurei ontem: fiquem tranquilos, os milhões não nos faltarão!

Após essa garantia de seu presidente, o comitê se separou, marcando para o dia seguinte a próxima sessão.

É o espaço que existe às vezes entre o projétil e a alma do canhão. (N.O.)

A questão da pólvora

Restava a tratar a questão da pólvora, última decisão que o povo aguardava com ansiedade. Determinados a grossura do projétil e o comprimento do canhão, qual seria a quantidade de pólvora necessária para produzir o impulso? Esse agente terrível, mas cujos efeitos o homem conseguiu dominar, seria chamado a desempenhar seu papel em proporções nunca vistas.

Dizem-nos, e todos o repetem de bom grado, que a pólvora foi inventada no século XIV pelo monge Schwartz, o qual pagou com a vida sua grande descoberta. Mas hoje está praticamente provado que essa história deve ser inserida entre as lendas da Idade Média. A pólvora não foi inventada por ninguém, deriva diretamente do fogo grego, composto como ela de enxofre e salitre. A diferença é que essas misturas provocavam apenas estalidos e, mais tarde, transformaram-se em explosivos.

Mas, se os eruditos sabem perfeitamente que a história da pólvora é falsa, pouca gente se dá conta de sua força mecânica. E isso deve ser considerado para compreendermos a importância da questão submetida ao comitê.

Assim, um litro de pólvora pesa cerca de 900 gramas; produz, ao inflamar-se, 400 litros de gás que, liberado e sob a ação de uma temperatura de 2.400 graus, ocupa um espaço de 4 mil litros. Portanto, o volume da pólvora está, para os volumes dos gases produzidos por sua deflagração, assim como um está para quatro mil.

Julgue-se então o poder desses gases quando ficam comprimidos num espaço quatro mil vezes menor.

Eis o que sabiam perfeitamente os membros do comitê quando, no dia seguinte, se reuniram de novo. Barbicane deu a palavra ao major Elphiston, que fora diretor de pólvoras durante a guerra.

– Meus caros amigos – começou o eminente químico –, vamos de início a alguns números irrecusáveis que nos servirão de base. O projétil de 24, de que nos falou anteontem o honorável J.-T. Maston em termos tão poéticos, é lançado da boca de fogo por apenas sete quilos de pólvora.

– Tem certeza disso? – perguntou Barbicane.

– Certeza absoluta – garantiu o major. – O canhão Armstrong emprega somente 34 quilos para um projétil de 360 quilos e a Columbiad Rodman, 72 quilos para enviar, a dez quilômetros, sua bala de meia tonelada. Tais fatos não podem ser postos em dúvida, pois eu mesmo os colhi nas atas do Comitê de Artilharia.

– Perfeitamente – atalhou o general.

– Pois bem – continuou o major –, eis a consequência a tirar desses números: a quantidade de pólvora não aumenta com o peso do projétil. Com efeito, embora sejam necessários sete quilos de pólvora para um projétil de 24 (em outras palavras, se, nos canhões comuns, empregarmos uma quantidade de pólvora equivalente a dois terços do peso da bala), essa proporcionalidade não é constante. Calculem e verão que, para um projétil de meia tonelada, em lugar de 150 quilos de pólvora, usamos apenas 72.

– Aonde quer chegar? – perguntou o presidente.

– Se levar sua teoria ao extremo, meu caro major – interveio J.-T. Maston –, quando seu projétil estiver suficientemente pesado, não precisará mais usar pólvora.

– Meu amigo Maston é brincalhão até nas coisas sérias – replicou o major. – Mas fique tranquilo. Proporei quantidades de pólvora que satisfarão seu amor-próprio de artilheiro. Devo, porém, informar que, durante a guerra e para os canhões maiores, o peso da pólvora foi reduzido, após experiências, a um décimo do peso do projétil.

– Nada mais exato – disse Morgan. – Mas, antes de decidir a quantidade de pólvora necessária para dar o impulso, penso que seria bom escolhermos seu tipo.

– Empregaremos a pólvora grossa – respondeu o major. – Sua deflagração é mais rápida que a da pólvora fina.

– Sem dúvida – concordou Morgan. – No entanto, ela pode alterar a alma das peças.

– Bem, o que é inconveniente para um canhão destinado a um longo serviço não o é para nossa Columbiad. Não corremos nenhum risco de explosão, e a pólvora deve se inflamar instantaneamente para que seu efeito mecânico seja completo.

– Poderíamos – sugeriu J.-T. Maston – perfurar vários ouvidos, de modo a acender diversos pontos ao mesmo tempo.

– Sem dúvida – replicou Elphiston –, mas isso tornaria a manobra mais complicada. Volto, pois, à minha pólvora grossa, que não apresenta essas dificuldades.

– Seja, então – concordou o general.

– Para carregar sua Columbiad – continuou o major –, Rodman empregou pólvora de grãos grossos como castanhas, feita com carvão de salgueiro torrado em caldeiras de fundição. Era uma pólvora dura e brilhante, que não deixava traço nas mãos, continha grande proporção de hidrogênio e oxigênio, deflagrava de forma instantânea e, embora muito corrosiva, não deteriorava sensivelmente as bocas de fogo.

– Bem, parece-me – atalhou J.-T. Morgan – que não há razão para hesitar e que nossa escolha está feita.

– A menos que prefira pólvora de ouro – replicou o major, rindo, o que lhe valeu um gesto ameaçador do gancho de seu suscetível amigo.

Até então, Barbicane se mantivera fora da discussão. Deixava falar, ouvia. E, evidentemente, tinha uma ideia. Assim, limitou-se a dizer:

– Agora, meus amigos, que quantidade de pólvora sugerem?

Os três membros do Gun Club se entreolharam por um instante.

– Noventa mil quilos – disse por fim Morgan.

– Duzentos e vinte mil – replicou o major.

– Trezentos e sessenta mil! – bradou J.-T. Maston.

Dessa vez, Elphiston não ousou acusar seu colega de exagero. Com efeito, tratava-se de enviar à lua um projétil de nove mil quilos dando--lhe uma força inicial de onze mil metros por segundo. Assim, um momento de silêncio se seguiu à tríplice proposta dos três colegas.

Silêncio finalmente interrompido pelo presidente Barbicane.

– Meus bravos amigos – disse ele com voz tranquila –, parto do

princípio de que a resistência de nosso canhão, construído dentro das condições desejadas, não tem limite. Vou, pois, surpreender o honorável J.-T. Maston dizendo-lhe que ele até foi tímido em seus cálculos e proporei dobrar seus 360 mil quilos de pólvora.

– Setecentos e vinte mil quilos! – exclamou J.-T. Maston, saltando da cadeira.

– Nada menos que isso.

– Mas então será preciso voltar ao meu canhão de oitocentos metros de comprimento.

– Evidentemente – concordou o major.

– Setecentos e vinte mil quilos de pólvora – ponderou o secretário do comitê – ocuparão um espaço de oitocentos metros cúbicos mais ou menos; ora, como seu canhão poderá conter dois mil metros cúbicos, ficará semicheio, e a alma não será longa o bastante para que a expansão do gás imprima ao projétil um impulso suficiente.

Não havia resposta para isso. J.-T. Maston dizia a verdade. Olharam para Barbicane.

– No entanto – continuou o presidente –, insisto nessa quantidade de pólvora. Pensem bem: 360 quilos de pólvora gerarão seis bilhões de litros de gás. Seis bilhões! Estão entendendo?

– E como faremos isso? – quis saber o general.

– Muito simples. Reduziremos essa enorme quantidade de pólvora conservando, ao mesmo tempo, sua potência mecânica.

– Sim, mas... como?

– Vou lhes dizer – respondeu simplesmente Barbicane.

Seus interlocutores o devoravam com os olhos.

– Na verdade – continuou ele –, não há nada mais simples que reduzir essa massa de pólvora a um volume quatro vezes menor. Os senhores conhecem a substância curiosa que constitui os tecidos elementares dos vegetais e que chamamos de celulose.

– Ah – disse o major –, agora o entendo, meu caro Barbicane!

– Essa substância – prosseguiu o presidente – pode ser obtida em estado de pureza absoluta de diversos corpos, principalmente do algodão, que nada mais é que a penugem dos grãos do algodoeiro. Ora, o algodão, combinado com ácido nítrico a frio, se transforma em uma substância praticamente insolúvel, combustível e explosiva. Há alguns anos, em 1832, um químico francês, Braconnot, descobriu-a e

deu-lhe o nome de xiloidina. Em 1838, outro francês, Pelouze, estudou suas diversas propriedades, e finalmente, em 1846, Shonbein, professor de química na Basileia, sugeriu-a como pólvora para fins militares. Essa pólvora é o algodão nítrico...

– Ou piróxilo – emendou Elphiston.

– Ou fulmialgodão – completou Morgan.

– Não existe uma palavra americana para dar nome a essa descoberta? – resmungou J.-T. Maston, movido por um vivo sentimento de amor-próprio nacional.

– Infelizmente, não – respondeu o major.

– No entanto, para agradar a Maston – interveio o presidente –, direi que os trabalhos de um de nossos concidadãos podem ser associados ao estudo da celulose, pois o colódio, um dos principais agentes da fotografia, é apenas piróxilo dissolvido em éter misturado com álcool e foi descoberto por Maynard, então estudante de Medicina em Boston.

– Hurra para Maynard e para o fulmialgodão! – gritou o barulhento secretário do Gun Club.

– Volto ao piróxilo – continuou Barbicane. – Conhecem suas propriedades, que o tornarão muito precioso para nós. É preparado com a maior facilidade. Mergulha-se o algodão em ácido nítrico fumegante[26] durante quinze minutos, lava-se com água abundante, seca-se... e pronto!

– De fato, nada mais simples – reconheceu Morgan.

– Além disso, o piróxilo não se altera com a umidade, o que é uma enorme vantagem em nosso caso, pois serão necessários vários dias para carregar o canhão. Inflama-se a 170 graus, e não a 240, sendo sua deflagração tão sutil que podemos acendê-lo em cima de pólvora comum sem que esta tenha tempo de pegar fogo.

– Perfeito – disse o major.

– Só que é mais caro.

– Que importa? – atalhou J.-T. Maston.

– Por fim, comunica aos projéteis uma velocidade quatro vezes superior à da pólvora. Direi mesmo que, se lhe acrescentarmos oito décimos de seu peso em nitrato de potássio, sua potência expansiva aumentará em grande proporção.

– Isso será necessário? – perguntou o major.

– Acho que não – respondeu Barbicane. – Desse modo, em vez de 720 mil quilos de pólvora, teremos apenas 160 mil quilos de fulmialgodão. E, como podemos sem perigo comprimir 225 quilos de algodão em 75 centímetros cúbicos, esse material ocupará apenas uma altura de sessenta metros na Columbiad. Desse modo, o projétil terá mais de 230 metros de alma a percorrer sob o efeito de seis bilhões de litros de gás, antes de alçar voo rumo ao astro das noites!

Diante dessas palavras, J.-T. Maston não pôde conter sua emoção: atirou-se nos braços do amigo com a violência de um projétil, e o teria esmagado se Barbicane não fosse à prova de balas.

Esse incidente encerrou a terceira sessão do comitê. Barbicane e seus audaciosos colegas, aos quais nada parecia impossível, acabavam de resolver a difícil questão do projétil, do canhão e da pólvora. O plano estava feito; só restava executá-lo.

– Simples detalhe, uma bagatela – assegurou J.-T. Maston.

> *Nota: Nessa discussão, o presidente Barbicane reivindica para um de seus compatriotas a invenção do colódio. É um erro (queira J.-T. Maston nos perdoar!) que vem da semelhança de dois nomes.*
>
> *Em 1847, Maynard, estudante de Medicina em Boston, teve realmente a ideia de empregar o colódio no tratamento de feridas, mas o colódio era conhecido desde 1846. É a um francês, espírito dos mais eminentes, um cientista ao mesmo tempo pintor, poeta, filósofo, helenista e químico, Louis Menard, que cabe a honra dessa grande descoberta. J. V.*

Assim chamado porque, em contato com o ar úmido, ele espalha uma densa fumaça esbranquiçada. (N.O.)

Um inimigo em vinte e cinco milhões de amigos

O público americano se interessava vivamente pelos mais insignificantes detalhes do empreendimento do Gun Club. Acompanhava dia a dia as discussões do comitê. Os mais simples preparativos dessa grande experiência, as questões matemáticas que ela suscitava, as dificuldades mecânicas a resolver, em suma, sua "realização", eis o que o apaixonava no mais alto grau.

Mais de um ano decorreria entre o começo dos trabalhos e sua conclusão. Contudo, esse lapso de tempo não ficaria vazio de emoções: o local a ser escolhido para a perfuração, a construção do molde, a fundição da Columbiad, seu carregamento perigosíssimo, tudo isso era mais que o necessário para excitar a curiosidade pública. O projétil, uma vez lançado, escaparia aos olhares em alguns décimos de segundo; o que seria dele, como se comportaria no espaço, de que modo chegaria à lua, isso só um pequeno número de privilegiados veria com seus próprios olhos. Portanto, os preparativos da experiência e os detalhes precisos da execução é que constituíam no momento o verdadeiro interesse.

Porém, o atrativo puramente científico do empreendimento foi, de maneira inesperada, ofuscado por um incidente.

Sabe-se quão numerosas foram as legiões de admiradores e amigos que o projeto de Barbicane havia reunido à sua volta. No entanto, por mais digna, por mais extraordinária que fosse, essa maioria não devia

ser unanimidade. Um único homem em todos os Estados da União protestou contra a tentativa do Gun Club, não perdendo ocasião de criticá-la virulentamente. E a natureza é feita de tal maneira que Barbicane se mostrou mais sensível à oposição de um só que aos aplausos de muitos.

No entanto, sabia bem o motivo de semelhante antipatia, de onde vinha essa inimizade solitária: era pessoal e de longa data, nascida de uma rivalidade de amor-próprio.

Esse inimigo perseverante... o presidente do Gun Club nunca o vira! E felizmente, pois o encontro dos dois homens decerto acarretaria desagradáveis consequências. Esse rival era um cientista como Barbicane, uma natureza orgulhosa, ousada, convicta, violenta – um ianque puro. Chamavam-no de capitão Nicholl. Morava na Filadélfia.

Ninguém ignora a curiosa luta travada, durante a guerra federal, entre o projétil e a blindagem dos navios encouraçados. Aquele, querendo perfurar estes; estes, decididos a não se deixar perfurar. Daí uma transformação radical da marinha em Estados dos dois continentes. A bala e a chapa metálica lutaram com um encarniçamento sem precedentes, uma se avolumando, a outra se espessando em proporção constante. Os navios, armados de canhões formidáveis, iam para a refrega ao abrigo de sua carapaça invulnerável. O *Merrimack*, o *Monitor*, o *Tennessee*, o *Weckausen*, navios da Marinha americana, disparavam projéteis enormes após se encouraçar contra os projéteis dos adversários. Faziam aos outros o que não desejavam que lhes fosse feito, princípio imoral que constitui a base de toda a arte da guerra.

Ora, se Barbicane foi um grande fundidor de projéteis, Nicholl foi um grande forjador de chapas metálicas. Um fundia dia e noite em Baltimore, o outro forjava noite e dia em Filadélfia, cada qual seguindo uma linha de ideias essencialmente oposta.

Tão logo Barbicane inventava um novo projétil, Nicholl inventava uma nova chapa. O presidente do Gun Club passava a vida abrindo rombos, o capitão fazia de tudo para impedi-lo disso. Daí uma rivalidade constante, que chegou ao nível pessoal. Nicholl aparecia nos sonhos de Barbicane sob a forma de uma couraça impenetrável, contra a qual ele esbarrava, e Barbicane, nos sonhos de Nicholl, surgia como um projétil que o atravessava de lado a lado.

No entanto, embora seguissem linhas divergentes, esses cientistas acabariam por se encontrar a despeito de todos os axiomas geométricos – mas seria no campo do duelo. Felizmente para esses cidadãos tão úteis a seu país, uma distância de pelo menos oitenta quilômetros os separava, e os amigos atulharam o caminho de tantos obstáculos que eles nunca se viram.

Mas qual dos dois inventores tinha levado a melhor? Não se sabia. Os resultados obtidos tornaram difícil uma apreciação justa. Parecia, no entanto, que no final a couraça deveria curvar-se ao projétil.

Os homens competentes, porém, tinham lá suas dúvidas. Nas últimas experiências, os projéteis cilíndrico-cônicos de Barbicane foram se fixar como alfinetes nas placas de Nicholl. Nesse dia, o forjador de Filadélfia acreditou-se vitorioso e só sentiu desprezo por seu rival; mas, quando este substituiu mais tarde as balas cônicas por simples obuses de 240 quilos, o capitão teve de baixar a crista. Com efeito, esses projéteis, embora animados de uma velocidade medíocre[27], romperam, furaram, despedaçaram as placas do melhor metal.

Estavam nisso as coisas, com a vitória pendendo para o projétil, quando a guerra acabou no mesmo dia em que Nicholl terminava uma nova couraça de aço forjado! Era uma obra-prima em seu gênero; desafiava todos os projéteis do mundo. O capitão mandou transportá-la para o polígono de Washington e desafiou o presidente do Gun Club a rompê-la. Barbicane, considerando que a paz havia sido assinada, não quis tentar a experiência.

Então Nicholl, furioso, se ofereceu para expor sua chapa ao impacto das balas mais inverossímeis – compactas, ocas, redondas, cônicas. Barbicane, que obviamente não queria comprometer seu último sucesso, recusou-se.

Nicholl, irritadíssimo com essa teimosia inqualificável, resolveu tentar o rival dando-lhe todas as vantagens. Propôs instalar a chapa a 180 metros do canhão. Barbicane obstinava-se em sua recusa. A noventa metros? Nem a sessenta.

– A quarenta, então? – desesperou-se o capitão pela voz dos jornais. – Ou a vinte! Ficarei atrás da chapa!

Barbicane mandou responder que, mesmo se o capitão Nicholl ficasse na frente, não dispararia.

A essa réplica, Nicholl não se conteve. Levou tudo para a esfera pessoal. Insinuou que a covardia é indivisível; que quem se recusa a atirar com um canhão sem dúvida está com medo; que os artilheiros, combatendo agora a doze quilômetros de distância, substituíram prudentemente a coragem individual por fórmulas matemáticas, havendo, além do mais, tanta bravura em esperar com tranquilidade uma bala por trás de uma chapa quanto em enviá-la segundo todas as regras da arte.

Barbicane não deu ouvidos a essas insinuações. Talvez mesmo nem soubesse delas, pois no momento estava inteiramente absorvido nos cálculos de seu grande empreendimento.

Quando fez sua famosa comunicação ao Gun Club, a cólera do capitão Nicholl chegou ao paroxismo. Neste se misturava uma inveja suprema a um sentimento de absoluta impotência! Como inventar algo melhor que essa Columbiad de 270 metros? Que couraça poderia resistir a um projétil de nove mil quilos? De início, Nicholl se sentiu aterrado, anulado, esmagado por esse "disparo de canhão"; mas depois se endireitou e resolveu sufocar a proposta sob o peso de seus próprios argumentos.

Assim, passou a atacar violentamente os trabalhos do Gun Club, publicando inúmeras cartas que os jornais não se recusaram a reproduzir. Tentou desmantelar cientificamente a obra de Barbicane. Iniciada a disputa, invocou a seu favor razões de toda ordem, com frequência capciosas e de má-fé, convém reconhecer.

De início, Barbicane foi furiosamente atacado em seus números; Nicholl tentou provar por a + b a falsidade de suas fórmulas e acusou-o de ignorar os princípios rudimentares da balística. Entre outros erros, e de acordo com seus próprios cálculos, disse ser absolutamente impossível imprimir a um corpo a velocidade de onze mil metros por segundo; sustentou, de álgebra na mão, que mesmo a essa velocidade um projétil com semelhante peso jamais ultrapassaria os limites da atmosfera terrestre! Não alcançaria sequer 35 quilômetros! E mais: ainda que obtivesse essa velocidade (e ainda que ela fosse suficiente), o obus não resistiria à pressão dos gases produzidos pela combustão de 270 mil quilos de pólvora. Mesmo que resistisse, não suportaria semelhante temperatura e se fundiria à saída da Columbiad, caindo como chuva incandescente sobre a cabeça dos

incautos espectadores.

Barbicane deu de ombros a esses ataques e continuou trabalhando.

Então Nicholl passou a encarar a questão de outro modo; sem mencionar sua inutilidade sob todos os pontos de vista, considerou a experiência extremamente perigosa, tanto para os cidadãos que autorizassem com sua presença um espetáculo tão condenável quanto para as cidades que ficassem nas imediações desse deplorável canhão. Observou também que, se o projétil não atingisse o alvo, coisa sem dúvida alguma impossível, cairia evidentemente sobre a Terra, e a queda de tamanha massa, multiplicada pelo quadrado de sua velocidade, provocaria danos em algum ponto do globo. Portanto, em tais circunstâncias e sem levar em conta os direitos dos cidadãos livres, esse era um caso que exigia a intervenção do governo, pois o prazer de um só não devia comprometer a segurança de todos.

Vê-se a que exageros o capitão Nicholl se deixava conduzir. Mas, como fosse só ele a sustentar esse ponto de vista, ninguém deu atenção às suas malfadadas profecias. Deixaram-no espernear e esgoelar à vontade, já que assim o desejava. Era o defensor de uma causa perdida; escutavam-no, mas não o ouviam: e ele não arrebatou um único admirador ao presidente do Gun Club, que nem sequer se deu o trabalho de responder aos argumentos do rival.

Nicholl, acuado em sua última trincheira e não podendo nem mesmo se sacrificar pela causa que defendia, resolveu sacrificar seu dinheiro. Propôs então, publicamente, no *Enquirer* de Richmond, uma série de desafios concebidos nos seguintes termos e em proporção crescente:

Apostou:

1. Que os fundos necessários ao empreendimento do Gun Club não seriam obtidos: mil dólares.

2. Que a fundição de um canhão de 270 metros era impraticável e não se realizaria: dois mil dólares.

3. Que seria impossível carregar a Columbiad e que o piróxilo pegaria fogo espontaneamente sob a pressão do projétil: três mil dólares.

4. Que a Columbiad explodiria ao primeiro tiro: quatro mil dólares.

5. Que o projétil não alcançaria dez quilômetros e cairia alguns segundos após o disparo: cinco mil dólares.

Já se vê que era uma soma considerável e que o capitão se arriscava muito por causa de sua teimosia ferrenha.

Apesar do montante da aposta, em 19 de outubro ele recebeu uma carta lacrada de um laconismo soberbo e concebida nestes termos:

Baltimore, 18 de outubro.

Aceito.

Barbicane

O peso da pólvora era a décima segunda parte do peso do obus. (N.O.)

Flórida e Texas

No entanto, um problema ainda não havia sido solucionado: era preciso escolher o local favorável à experiência. Conforme a recomendação do Observatório de Cambridge, o tiro devia ser dirigido perpendicularmente ao plano do horizonte, ou seja, na direção do zênite. Ora, a lua só alcança o zênite em lugares situados entre 0 e 28 graus de latitude – em outras palavras, sua declinação é de apenas 28 graus[28]. Cumpria, pois, determinar com exatidão o ponto do globo onde seria fundida a imensa Columbiad.

Assim, em 20 de outubro, com o Gun Club reunido em sessão magna, Barbicane exibiu aos membros um magnífico mapa dos Estados Unidos, de Z. Beltropp.

Entretanto, sem lhe dar tempo de desenrolá-lo, J.-T. Maston pediu a palavra com a veemência habitual e disse:

– Honoráveis colegas, a questão que se vai tratar aqui tem enorme importância nacional e nos dará a oportunidade de praticar um grande ato de patriotismo.

Os membros do Gun Club se entreolharam sem entender aonde o orador queria chegar.

– Nenhum dos senhores – continuou ele – pensa, é claro, em empanar a glória de seu país. E se existe um direito que a União possa exigir é o de acolher em seu ventre o formidável canhão do Gun Club. Ora, nas circunstâncias atuais...

– Caro Maston... – interveio o presidente.

– Permitam-me desenvolver meu pensamento – insistiu o orador. – Nas circunstâncias atuais, dizia eu, precisamos escolher um lugar muito próximo do equador para que a experiência se realize em condições favoráveis…

– Se nos der licença... – disse Barbicane.

– Peço o livre debate das ideias – replicou o verborrágico J.-T.Maston. – E sustento que o território do qual partirá nosso glorioso projétil deva pertencer à União.

– Sem dúvida! – acudiram alguns membros.

– Pois bem! Como nossas fronteiras não são suficientemente extensas, pois ao Sul o oceano nos opõe uma barreira intransponível, e teremos de buscar, fora dos Estados Unidos e num país limítrofe, esse paralelo 28, vejo aí um *casus belli* legítimo. Sugiro então que declaremos guerra ao México!

– Oh, não, não! – gritou-se de todos os lados.

– Não? – retrucou J.-T. Maston. – Aí está uma palavra que eu jamais imaginei ouvir neste recinto!

– Escute...

– Jamais! Jamais! – bradou o fogoso orador. – Cedo ou tarde essa guerra ocorrerá e exijo que ela ocorra hoje mesmo.

– Maston – disse Barbicane, fazendo sua campainha vibrar com estardalhaço. – Retiro-lhe a palavra!

Maston quis continuar argumentando, mas alguns de seus colegas conseguiram contê-lo.

– Reconheço – continuou Barbicane – que a experiência só pode e deve ser tentada em solo da União. Mas, se meu impaciente amigo me houvesse deixado falar, se lançasse os olhos sobre um mapa, veria que é perfeitamente inútil declarar guerra a nossos vizinhos, pois algumas fronteiras dos Estados Unidos se estendem para além do paralelo 28. Sim, temos à nossa disposição toda a parte meridional do Texas e da Flórida.

O incidente terminou por aí, mas não foi sem desgosto que J.-T. Maston se deixou convencer. Decidiu-se então que a Columbiad seria fundida no chão do Texas ou da Flórida. Contudo, essa decisão iria suscitar uma rivalidade sem precedentes entre as cidades desses dois Estados.

O paralelo 28, em seu encontro com a costa americana, atravessa a

Península da Flórida e divide-a em duas partes mais ou menos iguais. Em seguida, lançando-se no Golfo do México, cruza o arco formado pelas costas do Alabama, Mississípi e Luisiana. Então, atingindo o Texas, que corta em ângulo, prolonga-se pelo México, ultrapassa Sonora, transpõe a velha Califórnia e perde-se nas águas do Pacífico. Portanto, apenas algumas porções do Texas e da Flórida, situadas abaixo desse paralelo, atendiam às condições de latitude recomendadas pelo Observatório de Cambridge.

A Flórida, em sua parte meridional, não tem cidades importantes, somente uma série de fortes erguidos contra os índios nômades. Uma única aglomeração, Tampa-Town, poderia reivindicar foros de cidade e candidatar-se.

No Texas, ao contrário, elas são maiores e mais numerosas: Corpus Christi, no condado de Nueces, e as situadas ao longo do Rio Bravo, como Laredo, Comalites, San Ignacio (no Web), Roma, Rio Grande (no Starr), Edinburg (no Hidalgo), Santa Rita, El Panda e Brownsville (no Cameron), formam uma liga imponente contra as pretensões da Flórida.

Assim, mal se conheceu a decisão, deputados do Texas e da Flórida acorreram a Baltimore pelo caminho mais curto. A partir desse momento, o presidente Barbicane e os membros do Gun Club se viram assediados dia e noite pelas reivindicações mais estrondosas. Se sete cidades da Grécia disputavam a honra de ter sido o berço de Homero, aqui dois Estados inteiros ameaçavam brigar por causa de um canhão.

Viram-se então esses “irmãos ferozes” passear armados pelas ruas da cidade. A cada encontro, parecia iminente um conflito de consequências desastrosas. Felizmente, a prudência e a habilidade de Barbicane conjuraram esse perigo. Os rompantes pessoais encontraram um derivativo nos periódicos dos diversos Estados. Assim, o *New York Herald* e o *Tribune* apoiaram o Texas, enquanto o *Times* e o *American Review* fizeram causa comum com os deputados da Flórida. Os membros do Gun Club já não sabiam a quem dar ouvidos.

O Texas ostentava orgulhosamente seus 26 condados, que parecia dispor em bateria; mas a Flórida replicava que doze condados de um território seis vezes menor valiam mais que 26.

O Texas se gabava de seus 330 mil indígenas; a Flórida alegava ser mais povoada com seus 56 mil, por ser menos vasta. Além disso,

acusava o Texas de ter epidemias de paludismo que lhe custavam, conforme o ano, milhares e milhares de habitantes. E não mentia.

Por sua vez, o Texas contra-atacava afirmando que, em matéria de paludismo, a Flórida não lhe ficava atrás e que era no mínimo um atrevimento de sua parte chamar os outros de territórios malsãos quando ela tinha a honra de possuir o "vômito negro" em estado endêmico. E não mentia.

"De resto", acrescentavam os texanos no *New York Herald*, "é preciso respeitar um Estado onde nasce o mais belo algodão da América, um Estado que produz o melhor carvalho verde para a construção de navios, um Estado que encerra minas soberbas de hulha e ferro, este com 50% de mineral puro."

O *American Review* retrucava que o solo da Flórida, sem ser tão rico, oferecia as melhores condições para a fundição e moldagem da Columbiad, pois era composto de areia e terra argilosa.

"Mas", volviam os texanos, "antes de fundir seja o que for em algum lugar, é preciso chegar lá; ora, as comunicações com a Flórida são difíceis, ao passo que a costa do Texas tem a Baía de Galveston, com sessenta quilômetros de extensão e capaz de abrigar as frotas do mundo inteiro."

"Essa é boa!", diziam os jornais devotados à Flórida. "De que servirá sua Baía de Galveston, situada abaixo do paralelo 29, se nós temos a do Espírito Santo, aberta precisamente no 28º grau de latitude e pela qual os navios chegam diretamente a Tampa-Town?"

"Bonita baía a de vocês", replicava o Texas, "quase toda coberta de areia!"

"Coberta de areia é a sua!", gritava a Flórida. "Então somos uma terra de selvagens? Por Deus, os seminoles ainda galopam por suas pradarias!"

"Ah, é? Por acaso seus apaches e comanches são civilizados?"

A guerra se arrastava assim havia vários dias quando a Flórida tentou levar o adversário para outro terreno. Um dia, o *Times* insinuou que, como o empreendimento era "essencialmente americano", só poderia ser conduzido num território "essencialmente americano".

A essas palavras, o Texas explodiu:

"Americanos! E acaso não o somos tanto quanto vocês? O Texas e a Flórida não foram, os dois, incorporados à União em 1845?"

“Sem dúvida”, observou o *Times*. “Mas nós já éramos americanos em 1820.”

“Acredito”, respondeu o *Tribune*. “Depois de serem espanhóis ou ingleses durante duzentos anos, vocês foram vendidos aos Estados Unidos por cinco milhões de dólares!”

“E daí?”, rosnava a Flórida. “Será isso motivo de vergonha? Em 1803, não compramos a Luisiana de Napoleão por dezesseis milhões de dólares?”

“Vergonha!”, bradaram então os deputados do Texas. “Um pedaço miserável de terra como a Flórida ousa se comparar ao Texas, que em vez de se vender conquistou sua própria independência, expulsou os mexicanos em 2 de março de 1836 e se declarou república federativa após a vitória obtida por Samuel Houston contra as tropas de Santa Anna, às margens do San Jacinto! Um país, enfim, que se juntou voluntariamente aos Estados Unidos da América!”

“Porque tinha medo dos mexicanos!”, zombou a Flórida.

Medo! Depois que essa palavra, verdadeiramente excessiva, foi pronunciada, a situação se tornou intolerável. Esperava-se que as duas partes se degolassem nas ruas de Baltimore. Foi preciso escoltar os deputados.

O presidente Barbicane já nem sabia mais o que fazer. As notas, os documentos, as cartas repletas de ameaças choviam em sua casa. Que partido deveria tomar? Do ponto de vista da adequação do solo, da facilidade de comunicações e da rapidez dos transportes, os direitos dos dois Estados eram notoriamente iguais. Quanto às personalidades políticas... não entravam no jogo.

Ora, essa hesitação embaraçosa já durava muito tempo quando Barbicane resolveu dar um fim nela; reuniu os colegas e a solução que lhes propôs foi profundamente sábia, como se verá.

– Examinando bem – disse ele – o que se passa entre a Flórida e o Texas, é evidente que as mesmas dificuldades surgirão entre as cidades do Estado favorecido. A rivalidade descerá do gênero à espécie, do Estado à cidade, eis tudo. Ora, o Texas possui onze cidades nas condições desejadas e elas disputarão a honra do empreendimento, criando novos embaraços para nós, enquanto a Flórida tem apenas uma. Escolhamos então a Flórida e Tampa-Town!

Essa decisão, tornada pública, consternou os deputados do Texas.

Furiosos, dirigiram provocações pessoais a todos os membros do Gun Club. Os magistrados de Baltimore só tinham um partido a tomar e não vacilaram. Requisitando um trem especial, embarcaram nele, à força, os texanos, e os mandaram embora a uma velocidade de cinquenta quilômetros por hora.

Entretanto, por mais rapidamente que fossem conduzidos, tiveram tempo de lançar um último e ameaçador sarcasmo a seus adversários.

Aludindo à largura exígua da Flórida, simples península espremida entre dois mares, afirmaram que ela não resistiria ao abalo do tiro e saltaria pelos ares ao primeiro disparo do canhão.

“Pois que salte!”, respondeu a Flórida com um laconismo digno dos tempos antigos.

A declinação de um astro é sua latitude na esfera celeste; a ascensão direita é sua longitude. (N.O.)

Urbi et Orbi

Resolvidas as dificuldades astronômicas, mecânicas e topográficas, levantou-se a questão do dinheiro. Era preciso amealhar uma soma enorme para a execução do projeto, e nenhum particular ou mesmo Estado poderia dispor dos milhões necessários.

O presidente Barbicane tomou então o partido, embora o empreendimento fosse americano, de transformá-lo em objeto de interesse universal e pedir a cada povo sua cooperação financeira. Era ao mesmo tempo direito e dever da Terra inteira interferir nos negócios de seu satélite. A subscrição, aberta com essa finalidade, estendeu-se de Baltimore para o mundo, *urbi et orbi*.

E ela superou as expectativas, embora se tratasse de doações e não de empréstimos. A operação era puramente desinteressada no sentido literal da palavra e não oferecia nenhuma possibilidade de lucro.

A comunicação de Barbicane não se deteve nas fronteiras dos Estados Unidos. Cruzou o Atlântico e o Pacífico, invadiu ao mesmo tempo a Ásia e a Europa, a África e a Oceania. Os observatórios da União se puseram imediatamente em contato com seus congêneres dos países estrangeiros. Os de Paris, São Petersburgo, Cidade do Cabo, Berlim, Altona, Estocolmo, Varsóvia, Hamburgo, Bude, Bolonha, Malta, Lisboa, Benares, Madras e Pequim enviaram seus cumprimentos ao Gun Club. Os outros preferiram se ater a uma expectativa prudente.

Já o observatório de Greenwich, apoiado por outros vinte e dois estabelecimentos astronômicos da Grã-Bretanha, foi taxativo: negou

veementemente a possibilidade de sucesso e perfilhou as teorias do capitão Nicholl. Assim, enquanto diversas sociedades científicas prometiam enviar delegados a Tampa-Town, a diretoria de Greenwich, reunida em sessão, ignorou rudemente a proposta de Barbicane em sua ordem do dia. Era a boa e velha inveja inglesa. Nada mais.

Em resumo, o efeito foi excelente no mundo científico e passou daí para as massas que, em geral, se tomaram de amores pelo empreendimento – fato de grande importância, pois essas massas iriam ser convidadas a subscrever um capital considerável.

O presidente Barbicane, em 8 de outubro, lançou um manifesto vibrante de entusiasmo, no qual apelava “a todos os homens de boa vontade da Terra”. Esse documento, traduzido para todas as línguas, teve enorme repercussão.

As subscrições foram abertas nas principais cidades da União e centralizadas no Banco de Baltimore, rua Baltimore, n.º 9. Em seguida, repetiu-se nos diferentes países dos dois continentes:

Em Viena (S.-M. de Rothschild).

Em São Petersburgo (Stieglitz & Cia.).

Em Paris (Crédit Mobilier).

Em Estocolmo (Tottie & Arfuredson).

Em Londres (N.-M. de Rothschild & Sons).

Em Turim (Ardouin & Cia.).

Em Berlim (Mendelssohn).

Em Genebra (Lombard, Odier & Cia.).

Em Constantinopla (Banco Otomano).

Em Bruxelas (S. Lambert).

Em Madri (Daniel Weisweller).

Em Amsterdã (Banco Holandês).

Em Roma (Torlonia & Cia.).

Em Lisboa (Lecesne).

Em Copenhague (Banco privado).

Em Buenos Aires (Banco Mauá).

No Rio de Janeiro (mesmo estabelecimento).

Em Montevidéu (mesmo estabelecimento).

Em Valparaíso (Thomas La Chambre & Cia.).

Na Cidade do México (Martin Daran & Cia.).

Em Lima (Thomas La Chambre & Cia.).

Três dias após o manifesto do presidente Barbicane, quatro milhões de dólares haviam sido recolhidos nas diferentes cidades da União. Com tantas entradas, o Gun Club já podia começar seus trabalhos.

Mas, dias depois, chegaram à América notícias de que as subscrições estrangeiras se avolumavam rapidamente. Alguns países mostravam grande generosidade; outros abriam a bolsa com menos facilidade. Questão de temperamento.

De resto, os números são muito mais eloquentes que as palavras e eis aqui o estado oficial das somas alocadas ao Gun Club, depois de concluída a subscrição.

A Rússia contribuiu com a enorme soma de 368.733 rublos. Não é de admirar: conhece-se o gosto científico dos russos e o progresso que vão imprimindo aos estudos astronômicos graças a seus numerosos observatórios, o principal dos quais custou nada menos que dois milhões de rublos.

A França, de início, riu das pretensões dos americanos. A lua serviu de pretexto a incontáveis anedotas surradas e a dezenas de cançonetas, nas quais o mau gosto não ficava a dever nada à ignorância. Mas, do mesmo modo que pagaram caro em outros tempos por ter cantado, agora não iam pagar menos por ter rido e entregaram 253.930 francos. A esse preço, certamente mereciam um pouco de diversão.

A Áustria se mostrou bastante generosa apesar da turbulência de suas finanças. Sua contribuição chegou a 216 mil florins, que foram muito bem-vindos.

Cinquenta e dois mil rixdales: essa a soma vertida pela Suécia e pela Noruega. Cifra considerável, levando-se em conta o tamanho da região; mas teria sido maior, sem dúvida, caso a subscrição ocorresse em Cristiânia ao mesmo tempo que em Estocolmo. Por uma razão qualquer, os noruegueses não gostam de mandar dinheiro para a Suécia.

A Prússia, enviando 250 mil táleres, revelou a que ponto aprovava o empreendimento. Seus vários observatórios contribuíram sem demora com uma soma considerável e foram os mais ardorosos incentivadores do presidente Barbicane.

A Turquia se mostrou generosa, mas estava interessada no caso, pois a lua regula o curso de seus anos e seu jejum do Ramadã. Não

podia fazer menos que doar 1.372.640 piastras, e ela o fez com um entusiasmo que, todavia, denunciava certa pressão do governo da Sublime Porta.

A Bélgica se distinguiu, entre todos os Estados menores, pela soma de 513 mil francos, ou seja, doze centavos por habitante.

A Holanda e suas colônias se interessaram pela operação com 110 mil florins, solicitando apenas uma bonificação de cinco por cento de desconto, já que estavam pagando à vista.

A Dinamarca, de pouco território, doou ainda assim nove mil ducados, demonstrando todo o amor de seu povo pelas expedições científicas.

A Confederação Germânica contribuiu com 34.285 florins. Não se podia pedir mais a ela, pois mais ela não daria.

Embora em má situação, a Itália encontrou doze mil liras nos bolsos de seus filhos, mas só depois de revirá-los pelo avesso. Se ela tivesse Veneza, faria melhor; mas não tinha.

Os Estados da Igreja julgaram não dever dar menos que 7.040 escudos romanos. E Portugal levou sua devoção à ciência a ponto de contribuir com trinta mil cruzados.

O México deu o óbolo da viúva: 86 piastras. Mas os impérios que desmoronam têm lá seus problemas.

Duzentos e cinquenta e sete francos, tal foi a modesta participação da Suíça na obra americana. Digamos com franqueza, ela não viu nenhum lado prático na operação; não lhe pareceu que o envio de um projétil à lua fosse de natureza a estabelecer boas relações comerciais com o astro das noites e achou pouco prudente comprometer seus capitais em uma aventura tão aleatória. Afinal, a Suíça talvez tivesse razão.

A Espanha não conseguiu reunir mais que 110 reais e deu como pretexto a necessidade de concluir as obras de suas estradas de ferro. Mas, na verdade, a ciência não é bem vista ali. A Espanha ainda está um pouco atrasada. Além disso, alguns espanhóis, e não os menos instruídos, não calculavam bem a massa do projétil em comparação com a da lua e temiam que ele desarranjasse sua órbita, a perturbasse em seu ofício de satélite e provocasse sua queda na superfície do globo terrestre. Então, mais valia se abster. Foi o que fizeram, dando apenas uns poucos reais.

Restava a Inglaterra. Sabemos da antipatia desdenhosa com que acolheu a proposta de Barbicane. A Grã-Bretanha, com seus 25 milhões de habitantes, tem uma só e mesma alma. Deu a entender que o empreendimento do Gun Club era contrário ao "princípio da não intervenção" e não subscreveu um centavo sequer.

Ao ouvir isso, o Gun Club se contentou com dar de ombros e voltar ao trabalho. Depois que a América do Sul – Peru, Chile, Brasil, províncias do Prata e Colômbia – anunciou sua cota de trezentos mil dólares, o Gun Club se viu de posse de um capital considerável, assim discriminado (em dólares):

Subscrição dos Estados Unidos 4.000.000

Subscrições estrangeiras 1.446.675

Total 5.446.675

Aí está: 5.446.675 dólares vertidos pelo público na caixa do Gun Club.

Que ninguém se surpreenda com a importância da soma. Os trabalhos de fundição, perfuração, alvenaria, transporte de operários, sua instalação numa região quase desabitada, construção de fornos e barracões, equipamento das usinas, pólvora, projétil e despesas adicionais deviam, conforme os cálculos, absorver quase todo o dinheiro arrecadado. Alguns tiros de canhão durante a Guerra Civil custaram mil dólares; o de Barbicane, único na história da artilharia, poderia muito bem custar cinco mil vezes esse valor.

Em 20 de outubro, um contrato foi assinado com a usina de Goldspring, perto de Nova Iorque, que durante a guerra havia fornecido a Parrott seus melhores canhões fundidos.

Estipulou-se, entre as partes contratantes, que a usina de Goldspring se comprometia a transportar a Tampa-Town, no sul da Flórida, o material necessário para a fundição da Columbiad. Essa operação deveria estar concluída, o mais tardar, em 15 de outubro próximo, com o canhão entregue em perfeito estado, sob pena de uma indenização de cem dólares por dia até o momento em que a lua se apresentasse nas mesmas condições, isto é, dentro de dezoito anos e onze dias. A contratação dos operários, seus salários e as disposições necessárias ficavam a cargo da empresa de Goldspring.

O contrato, em duas vias e de boa-fé, foi assinado por I. Barbicane, presidente do Gun Club, e J. Murchison, diretor da usina de

Goldspring, ambos de pleno acordo com os termos lavrados.

Stone’s Hill

Após a escolha feita pelos membros do Gun Club em detrimento do Texas, cada indivíduo na América, onde todos sabem ler, julgou de sua obrigação estudar a geografia da Flórida. Nunca as livrarias venderam tantos exemplares do *Guia da Flórida*, de Bertram, da *História natural da Flórida Oriental e Ocidental,* de Roman, do *Território da Flórida*, de William, da *Cultura da cana-de-açúcar no Leste da Flórida*, de Cleland. Foi preciso imprimir novas edições. Um verdadeiro furor.

Barbicane, que não tinha tempo para leituras, quis ver com seus próprios olhos o local da Columbiad, para demarcá-lo. Assim, sem perda de tempo, colocou à disposição do Observatório de Cambridge os fundos necessários à construção de um telescópio e combinou com a empresa Breadwill & Co., de Albany, a confecção do projétil em alumínio. Em seguida, partiu de Baltimore na companhia de J.-T. Maston, do major Elphiston e do diretor da usina de Goldspring.

No dia seguinte, os quatro companheiros de viagem chegaram a Nova Orleans. Ali, embarcaram imediatamente no *Tampico*, aviso[29] da marinha federal que o governo pôs à disposição. Com as chaminés do barco largando fumaça, as margens da Luisiana logo desapareceram de vista.

A travessia não foi longa. Dois dias após a partida, o *Tampico*, depois de percorrer setecentos quilômetros, avistou a costa da Flórida. Barbicane viu-se então em presença de uma terra baixa, plana, de aspecto estéril. Depois de passar por uma série de enseadas ricas em

ostras e lagostas, o barco entrou na Baía do Espírito Santo.

Essa baía se divide em duas enseadas esguias, a de Tampa e a de Hillisboro, das quais o vapor transpôs rapidamente a entrada. Pouco depois, o Forte Brooke surgiu com suas baterias rasantes acima das ondas e a cidade de Tampa apareceu, negligentemente estendida ao fundo de um pequeno porto natural, formado pela embocadura do Rio Hillisboro.

Foi ali que o *Tampico* atracou no dia 22 de outubro, às sete horas da noite. Os quatro passageiros desembarcaram imediatamente.

Barbicane sentiu o coração disparar quando pisou o solo da Flórida; parecia tateá-lo com o pé, como faz o arquiteto de uma casa para constatar sua solidez. J.-T. Maston arranhava a terra com seu gancho.

– Senhores – disse então Barbicane –, não temos tempo a perder. Amanhã mesmo sairemos a cavalo para reconhecer o terreno.

No momento em que Barbicane havia desembarcado, os três mil habitantes de Tampa-Town correram ao seu encontro, honra sem dúvida devida ao presidente do Gun Club, que os favorecera com sua escolha. Receberam-no em meio a aclamações formidáveis; mas Barbicane se esquivou à ovação, enfurnou-se num quarto do Hotel Franklin e não quis receber ninguém. O papel de celebridade não lhe convinha.

No dia seguinte, 23 de outubro, pequenos cavalos de raça espanhola, ágeis e vigorosos, relinchavam sob suas janelas. Mas, em vez de quatro, havia ali cinquenta, com seus cavaleiros. Barbicane desceu, seguido de seus três companheiros, e espantou-se de início ao ver tamanha cavalgada. Notou, além disso, que cada homem levava uma carabina à bandoleira e pistolas nos coldres. O motivo dessa exibição de força lhe foi logo esclarecido por um jovem morador local:

– Senhor, é por causa dos seminoles.

– Que seminoles?

– Os selvagens que vagam pelas pradarias. Pareceu-nos prudente escoltá-lo para garantir sua segurança.

– Ora, ora! – desdenhou J.-T. Maston, montando.

– Sim, é mais seguro – insistiu o jovem.

– Senhores – disse Barbicane –, agradeço sua atenção. Agora, a caminho!

A pequena tropa partiu numa nuvem de poeira. Eram cinco horas

da manhã; o sol já brilhava e o termômetro marcava vinte e oito graus Celsius, mas as brisas frescas do mar moderavam essa temperatura excessiva.

Barbicane, deixando Tampa-Town, desceu para o sul ao longo da costa, rumo ao riacho Alifia. Esse pequeno curso de água se lança na Baía Hillisboro, cerca de vinte quilômetros abaixo de Tampa-Town. Barbicane e sua escolta seguiram pela margem direita, em direção ao Leste. Logo as águas da baía desapareceram atrás de uma dobra do terreno e o campo da Flórida se estendeu diante dos olhos dos cavaleiros.

A Flórida se divide em duas partes: uma ao norte, mais populosa e menos abandonada, tem Tallahassee como capital e Pensacola como um dos principais arsenais marítimos dos Estados Unidos; a outra, comprimida entre o Atlântico e o Golfo do México, que a estrangulam com suas águas, não passa de uma península esguia roída pela corrente do golfo, uma ponta de terra perdida no meio de um pequeno arquipélago que os numerosos navios do Canal das Bahamas contornam o tempo todo. É a sentinela avançada do golfo das grandes tempestades. A superfície desse Estado é de 15.365.440 hectares, entre os quais era preciso encontrar um situado aquém do 28.º paralelo e adequado ao empreendimento. Por isso, Barbicane cavalgava examinando atentamente a configuração e a distribuição do solo.

A Flórida, descoberta por Juan Ponce de Leon em 1512, no Domingo de Ramos, foi inicialmente chamada de Páscoa Florida, denominação encantadora que ela pouco merecia devido às suas costas áridas e calcinadas. Mas, a alguns quilômetros da praia, a natureza do terreno muda pouco a pouco, e a região se mostra digna desse nome, com seu solo entrecortado de riachos, rios, pântanos e pequenos lagos. O viajante poderia se imaginar na Holanda ou na Guiana. Em seguida, o terreno se eleva sensivelmente e não tarda a revelar suas planícies cultivadas, onde prosperam todas as plantas do norte e do sul, seus campos imensos nutridos pelo sol dos trópicos e pelas águas conservadas na terra argilosa, e, enfim, suas plantações de abacaxis, inhames, tabaco, arroz, algodão e cana-de-açúcar, que se estendem a perder de vista ostentando sua riqueza com uma prodigalidade descuidosa.

Barbicane pareceu muito satisfeito ao constatar a elevação

progressiva do terreno e, quando J.-T. Maston o interrogou a esse respeito:

– Meu digno amigo – respondeu ele –, é de nosso maior interesse fundir a Columbiad em um lugar alto.

– Para ficar mais perto da lua? – brincou o secretário do Gun Club.

– Não! – respondeu Barbicane, sorrindo. – Alguns metros a mais ou a menos não farão diferença. É que, em terreno elevado, nossos trabalhos irão mais rápido. Não teremos de lutar contra as águas, o que nos evitará tubulações longas e caras, coisa que deve ser considerada quando se trata de perfurar um poço de quase trezentos metros de profundidade.

– O senhor tem razão – disse o engenheiro Murchison. – É preciso, tanto quanto possível, evitar os lençóis de água durante a perfuração. Entretanto, se encontrarmos fontes, não haverá problema: nós as esgotaremos com bombas ou as desviaremos. Aqui, não é o caso de um poço artesiano[30], estreito e escuro, onde a sonda, a broca, a verruma, enfim, todas as ferramentas do perfurador trabalham às cegas. Não, nós trabalharemos a céu aberto, à plena luz, de enxada e picareta na mão, e, com o auxílio de minas, chegaremos logo ao fim.

– No entanto – observou Barbicane –, se graças à elevação do solo ou à sua natureza pudermos evitar as águas subterrâneas, o trabalho será mais rápido e mais perfeito. Procuremos então escavar em um ponto situado a algumas centenas de metros acima do nível do mar.

– Certo, senhor Barbicane. E, se não muito me engano, logo acharemos um local conveniente.

– Ah, como eu gostaria de presenciar o primeiro golpe de enxada! – disse o presidente.

– E eu o último! – atalhou J.-T. Maston.

– Chegaremos lá, senhores – disse o engenheiro. – E, creiam-me, a empresa de Goldspring não precisará nos pagar indenização por atraso.

– Por Santa Bárbara! – exclamou J.-T. Maston. – O senhor tem razão! Cem dólares por dia até que a lua volte a ficar nas mesmas condições, isto é, durante dezoito anos e onze dias, sabem que isso significa um total de 658.100 dólares?

– Não, senhor, não sabemos – respondeu o engenheiro. – Nem queremos saber.

Por volta das dez horas da manhã, o pequeno grupo havia percorrido uns quinze quilômetros; aos campos férteis, sucedia agora a região das florestas, onde cresciam as plantas mais variadas, com profusão tropical. Essas florestas quase impenetráveis eram constituídas por romãzeiras, laranjeiras, limoeiros, figueiras, oliveiras, pessegueiros, bananeiras e grandes cepas de vinha, cujos frutos e flores rivalizavam em cores e aromas. À sombra perfumada das árvores magníficas, cantavam e revoavam bandos de pássaros de cores brilhantes, entre os quais se distinguiam os airões, cujo ninho devia ser um escrínio para conter semelhantes joias emplumadas.

J.-T. Maston e o major não continham a admiração em presença dessa natureza opulenta. Mas o presidente Barbicane, pouco sensível a tais maravilhas, tinha pressa; aquela região fértil o desagradava devido à sua própria fertilidade. Sem ser versado em hidroscopia, sentia a água sob os pés e procurava, em vão, os sinais de uma aridez incontestável.

Ainda assim, iam em frente. Foi preciso vadear diversos rios e não sem algum perigo, pois estavam infestados de jacarés de cinco metros de comprimento. J.-T. Maston ameaçou-os com seu temível gancho, mas só conseguiu assustar os pelicanos, os marrecos e as narcejas, habitantes selvagens daquelas margens, enquanto enormes flamingos vermelhos o contemplavam com ar apalermado.

Por fim, também esses hóspedes das regiões úmidas desapareceram; árvores mirradas formavam, aqui e ali, matagais menos densos no meio da planície infinita, onde pastavam bandos de gamos assustados.

– Enfim! – desabafou Barbicane, erguendo-se nos estribos. – Cá estamos na região dos pinheiros!

– E dos selvagens – completou o major.

Com efeito, alguns seminoles apareceram no horizonte; agitavam-se, corriam de um lado para outro em seus cavalos rápidos, brandiam longas lanças ou descarregavam seus fuzis de detonação surda. Mas limitaram-se a essas demonstrações hostis, sem preocupar Barbicane e seus companheiros.

Estes estavam agora no meio de uma planície rochosa, com vários quilômetros de extensão e inundada de sol. Era formada por uma vasta intumescência do terreno e parecia oferecer aos membros do Gun Club todas as condições exigidas para a instalação de sua

Columbiad.

– Alto! – gritou Barbicane, detendo-se. – Este lugar aqui tem um nome?

– Chama-se Stone's Hill[31] – respondeu um dos homens da escolta.

Barbicane, sem dizer palavra, apeou, pegou seus instrumentos e começou a determinar sua posição com muita meticulosidade; o pequeno grupo, em volta, observava-o guardando um silêncio profundo.

Nesse momento, o sol cruzou o meridiano.

Barbicane, passados alguns instantes, concluiu rapidamente seus cálculos e disse:

– Este lugar está situado a seiscentos metros acima do nível do mar, a 27º7' de latitude e 5º7' de longitude Oeste[32]. A meu ver, oferece por sua natureza árida e rochosa todas as condições favoráveis à experiência. É, pois, aqui que se elevarão nossos armazéns, nossas oficinas, nossos fornos, os alojamentos de nossos operários; e é daqui, daqui mesmo – repetiu ele, batendo com o pé no cume da Stone's Hill – que nosso projétil voará para os espaços do mundo solar!

Aviso é um tipo de embarcação de guerra utilizada para transmissão de notas e de outras mensagens entre os diversos navios e entre estes e quem está em terra.

Foram necessários nove anos para perfurar o poço de Grenelle, que tem 547 metros de profundidade. (N.O.)

Colina das Pedras. (N.O.)

No meridiano de Washington. A diferença para o meridiano de Paris é de 79º22'. Essa longitude é, pois, em medidas francesas, 83º25'. (N.O.)

Enxada e pá

Naquela mesma noite, Barbicane e seus companheiros voltaram para Tampa-Town e o engenheiro Murchison reembarcou no *Tampico* para Nova Orleans. Deveria recrutar um exército de operários e adquirir a maior parte do material. Os membros do Gun Club permaneceram em Tampa-Town a fim de organizar os primeiros trabalhos com a ajuda dos moradores da região.

Oito dias após sua partida, o *Tampico* entrou novamente na Baía do Espírito Santo com uma flotilha de barcos a vapor. Murchison havia reunido mil e quinhentos trabalhadores. Nos maus tempos da escravidão, ele teria perdido seu tempo e seu esforço. Mas desde que a América, terra da liberdade, só contava com homens livres em seu seio, estes corriam para qualquer lugar onde se precisasse de uma mão de obra generosamente remunerada. Ora, dinheiro era o que não faltava ao Gun Club; ele oferecia a seus homens bons salários, com gratificações consideráveis e proporcionais. O operário contratado para a Flórida podia contar, finda a obra, com um capital depositado em seu nome no Banco de Baltimore. Murchison só teve, pois, o embaraço da escolha e mostrou-se exigente quanto à inteligência e à habilidade dos trabalhadores. É de crer que arrebanhasse em sua laboriosa legião a elite dos mecânicos, foguistas, fundidores, caldeireiros, mineiros, oleiros e ajudantes de todo gênero, pretos ou brancos, sem distinção de cor. Muitos levavam suas famílias. Era uma verdadeira emigração.

Em 31 de outubro, às dez horas da manhã, esse grupo desembarcou nos cais de Tampa-Town, e pode-se imaginar o movimento e a atividade que tomaram conta da cidadezinha, cuja população havia dobrado em um dia. Com efeito, Tampa-Town iria ganhar muito com a iniciativa do Gun Club, não pelo número de operários, que foram levados imediatamente para a Stone's Hill, mas pela presença de curiosos que afluíam pouco a pouco de todos os pontos do globo para a Península da Flórida.

Nos primeiros dias, descarregou-se o material trazido pela flotilha, as máquinas, os víveres e um grande número de casas pré-fabricadas. Ao mesmo tempo, Barbicane instalava os primeiros marcos de uma ferrovia de 25 quilômetros que ligaria a Colina das Pedras a Tampa-Town.

Sabe-se em que condições se faz uma estrada de ferro americana; caprichosa nas curvas, ousada nas encostas, indiferente às obras de proteção, subindo pelas montanhas, precipitando-se nos vales, a ferrovia corre às cegas e sem se preocupar com a linha reta. Isso não prejudica e custa pouco; as composições descarrilam e saltam dos trilhos com toda a liberdade. A estrada de Tampa-Town a Stone's Hill foi simples bagatela, não exigindo nem muito tempo nem muito dinheiro para que ficasse pronta.

De resto, Barbicane era a alma de todo aquele mundo que acorria à sua voz; ele o animava, ele lhe comunicava seu alento, seu entusiasmo, sua convicção. Estava em todos os lugares, como que munido do dom da ubiquidade e sempre acompanhado por J.-T. Maston, seu fiel escudeiro. O espírito prático de Barbicane urdia mil invenções. Para ele não havia obstáculos, dificuldades, embaraços; era tanto mineiro, pedreiro e mecânico quanto artilheiro, com respostas para todas as exigências e soluções para todos os problemas. Correspondia--se ativamente com o Gun Club e a usina de Goldspring; dia e noite, de caldeiras acesas e vapor sob pressão, o *Tampico* atendia todas às suas ordens na Enseada de Hillisboro.

Em 1.º de novembro, Barbicane deixou Tampa-Town com um grupo de trabalhadores e, já no dia seguinte, uma fileira de casas pré--fabricadas se erguia em volta da Stone's Hill. A vila, rodeada de paliçadas, parecia por seu movimento e entusiasmo uma das grandes cidades da União. O cotidiano foi rigorosamente disciplinado, e os

trabalhos começaram em perfeita ordem.

Sondagens cuidadosamente executadas haviam permitido reconhecer a natureza do terreno, e a perfuração pôde ser iniciada em 4 de novembro. Nesse dia, Barbicane reuniu seus chefes de oficina e disse-lhes:

– Todos vocês sabem, meus amigos, por que os reuni nesta parte selvagem da Flórida. Vamos fundir um canhão de 2,7 metros de diâmetro interno, 1,8 metro de espessura nas paredes e 5,8 metros em seu revestimento de pedra. Teremos, pois, de escavar um poço com dezoito metros de largura por 270 de profundidade. Essa obra considerável deverá ficar pronta em oito meses; ora, vocês têm 720 mil metros cúbicos de terra a extrair em 255 dias, ou seja, arredondando os números, três mil metros cúbicos por dia. O que não ofereceria nenhuma dificuldade para mil operários trabalhando num espaço amplo será mais penoso num espaço relativamente restrito. Mas, dado que o trabalho precisa ser feito, nós o faremos, e conto para isso com sua coragem e habilidade.

As oito horas da manhã, o primeiro golpe de enxada fendeu o solo da Flórida e, desde então, essa valente ferramenta não ficou ociosa um instante sequer nas mãos dos mineiros. Os operários se revezavam em turnos de seis horas.

De resto, por colossal que fosse a operação, não ultrapassava o limite das forças humanas. Longe disso. Quantos trabalhos mais difíceis, nos quais os elementos precisaram ser diretamente combatidos, não chegaram a bom termo! Bastará citar, por exemplo, o “Poço do Pai José”, construído perto do Cairo pelo sultão Saladino numa época em que as máquinas ainda não tinham surgido para centuplicar a força do homem e que desce ao próprio nível do Nilo, a uma profundidade de noventa metros! E que dizer de outro poço, com 180 metros, perfurado em Coblença pelo margrave João de Bade? Afinal, de que se tratava? De triplicar essa profundidade, com uma largura dez vezes maior, o que tornava a perfuração mais fácil! Por isso, nem um contramestre, nem um operário duvidava do êxito da operação.

Uma decisão importante, tomada pelo engenheiro Murchison de acordo com o presidente Barbicane, contribuiu para acelerar ainda mais a marcha dos trabalhos. Um artigo do contrato previa que a

Columbiad seria cingida por aros de ferro forjado, instalados a quente. Precauções inúteis, pois o engenho podia muito bem prescindir de anéis compressores. Renunciou-se, pois, a essa cláusula.

Daí, uma grande economia de tempo, pois foi possível empregar o novo sistema de perfuração, adotado hoje na construção de poços e em que a alvenaria se faz ao mesmo tempo que a escavação. Graças a esse processo muito simples, não é necessário conter a terra com anteparos: a parede a escora firmemente e vai descendo por seu próprio peso.

Essa manobra só começaria quando a enxada atingisse a parte firme do solo.

Em 4 de novembro, cinquenta operários cavaram no centro da paliçada, isto é, na parte superior da Stone's Hill, um buraco circular com dezoito metros de largura.

A enxada bateu primeiro numa espécie de camada negra, com uns quinze centímetros de espessura, que não ofereceu obstáculo. A ela se sucederam sessenta centímetros de uma areia fina, que foi cuidadosamente retirada, pois serviria para a confecção do molde interno.

Depois da areia, surgiu uma argila branca bastante compacta, semelhante à marga inglesa e com 1,20 metro de espessura.

Em seguida, o ferro das picaretas resvalou sobre uma camada de terra dura, uma espécie de rocha formada de conchas petrificadas, muito seca, muito sólida, que daria bastante trabalho às ferramentas. A essa altura, o buraco alcançara uma profundidade de quase dois metros e os trabalhos de alvenaria foram iniciados.

No fundo da escavação, colocou-se uma roda de madeira de carvalho, espécie de disco firmemente aparafusado e de solidez a toda prova; abriu-se no centro um orifício de diâmetro igual ao diâmetro externo da Columbiad. Sobre esse disco foram assentadas as primeiras camadas de alvenaria, com as pedras solidamente unidas por cimento hidráulico. Os operários, após trabalhar da circunferência ao centro, viram-se fechados num poço de seis metros de largura.

Terminada essa obra, os mineiros retomaram as pás e as picaretas, atacando a rocha sob a própria roda e tomando o cuidado de ir sustentando-a com cavaletes bem sólidos; todas as vezes que o buraco ganhava sessenta centímetros de profundidade, os cavaletes eram

retirados sucessivamente e a roda baixava pouco a pouco, levando consigo a massa anular de alvenaria. Sobre a camada superior desta, os operários trabalhavam sem parar, deixando respiradouros por onde o gás escaparia durante o processo de fundição.

Esse gênero de tarefa exigia da parte dos operários muita habilidade e muita atenção. Mais de um, escavando sob a roda, foi atingido perigosamente, e mesmo mortalmente, por lascas de pedra. Ainda assim, dia e noite, o entusiasmo não arrefeceu um minuto sequer: de dia, sob os raios de um sol que, alguns meses depois, dardejaria 40ºC de calor sobre aquelas planícies calcinadas; de noite, ao clarão das lâmpadas elétricas. O ruído das picaretas contra a rocha, a detonação das minas, o ranger das máquinas e o turbilhão de fumaça lançada aos ares traçavam em torno da Stone's Hill um círculo ameaçador que as manadas de bisões ou os bandos de seminoles não ousavam franquear.

E os trabalhos avançavam regularmente. Guindastes a vapor aceleravam a remoção do entulho; eram poucos os obstáculos inesperados – e as dificuldades previstas eram superadas com galhardia.

Decorrido o primeiro mês, o poço alcançara a profundidade esperada, ou seja, 34 metros. Em dezembro, essa profundidade dobrou e, em janeiro, triplicou. Em fevereiro, os trabalhadores se viram às voltas com um lençol de água que brotou da crosta terrestre. Foi necessário empregar bombas poderosas e aparelhos de ar comprimido para esgotá-lo e tapar o orifício das fontes, tal como se veda com betume a abertura por onde um navio faz água. Por fim, essas correntes indesejáveis foram vencidas. No entanto, devido à mobilidade do terreno, a roda cedeu em parte e houve um desabamento parcial. Imagine-se o ímpeto formidável daquele disco de alvenaria de 150 metros de altura! Esse acidente custou a vida de alguns operários.

Foram necessárias três semanas para escorar o revestimento de pedra, repará-lo e repor a roda nas primitivas condições de solidez. Mas, graças à habilidade do engenheiro e à potência das máquinas empregadas, a obra, comprometida por um instante, foi retomada e a perfuração continuou.

Nenhum outro incidente deteve daí por diante a marcha da

operação e, em 10 de junho, vinte dias antes de expirar o prazo fixado por Barbicane, o poço, inteiramente revestido de pedra, havia atingido a profundidade de 270 metros. No fundo, a alvenaria repousava sobre um cubo maciço de nove metros de espessura; na parte superior, nivelava-se com o solo.

O presidente Barbicane e os membros do Gun Club cumprimentaram calorosamente o engenheiro Murchison, cujo trabalho ciclópico se realizara com impressionante rapidez.

Durante esses oito meses, Barbicane não abandonou um instante a Stone’s Hill. Acompanhando de perto as operações de perfuração, preocupava-se o tempo todo com o bem-estar e a saúde de seus trabalhadores, conseguindo evitar as epidemias comuns às grandes aglomerações de homens, tão desastrosas nessas regiões do globo expostas a todas as influências tropicais.

Vários trabalhadores, é certo, pagaram com a vida as imprudências inerentes a essas tarefas perigosas; mas são desgraças impossíveis de evitar, detalhes aos quais os americanos dão pouca atenção. Eles pensam mais na humanidade em geral do que no indivíduo em particular. Barbicane, contudo, tinha princípios diferentes e aplicava-os em todas as ocasiões. Assim, graças ao seu zelo, à sua inteligência, à sua intervenção oportuna em casos difíceis, à sua sagacidade prodigiosa e humana, a média das catástrofes não ultrapassou a dos países de além-mar famosos pelo excesso de precauções, entre outros a França, onde se constata cerca de um acidente por duzentos mil francos de obras.

A festa da fundição

Durante os oito meses empregados na escavação, os trabalhos preparatórios de fundição haviam sido conduzidos simultaneamente com extrema rapidez; um estrangeiro, chegando a Stone's Hill, se surpreenderia muito com o espetáculo oferecido a seus olhos.

A cerca de quinhentos metros do poço, e dispostos circularmente em torno desse ponto central, erguiam-se 1.200 fornos de reverberação, cada um com quase dois metros de largura e separados entre si por um intervalo de um metro. Mediam, em linha, 3,6 quilômetros de comprimento. Eram todos do mesmo modelo; e, com sua alta chaminé quadrangular, produziam um curioso efeito. J.-T. Maston achava soberba aquela disposição arquitetônica, que lhe lembrava os monumentos de Washington. A seu ver, não havia nada mais bonito no mundo, nem mesmo na Grécia, "onde, aliás", dizia ele, "nunca estive".

Sabe-se que, em sua terceira sessão, o comitê havia decidido empregar a fundição de ferro para a Columbiad, em especial o ferro cinza. Esse metal é, com efeito, mais resistente, mais dúctil, mais flexível, mais fácil de polir, ideal para todos os tipos de moldagem, e, tratado com carvão mineral, tem qualidade superior para peças de grande resistência, como canhões, cilindros de máquinas a vapor, prensas hidráulicas, etc.

Mas o ferro, após uma única fusão, raramente se mostra homogêneo: é necessária uma segunda fusão para purificá-lo, refiná-

lo, desembaraçá--lo dos últimos depósitos terrosos.

Assim, antes de ser despachado para Tampa-Town, o mineral de ferro, aquecido nos altos-fornos de Goldspring com carvão e silício a elevadas temperaturas, foi transformado em ferro fundido após a incorporação do carbono[33]. Em seguida, o metal foi enviado para a Stone's Hill. Mas eram mais de sessenta mil toneladas, e despachá-las por ferrovia ficaria muito caro, de tal modo que o preço do transporte seria o dobro do preço da carga. Pareceu preferível fretar navios em Nova Iorque para levar o ferro em barras; foram necessários nada menos que 68 barcos de mil toneladas, uma verdadeira frota, que em 3 de maio saiu de Nova Iorque e tomou a rota do oceano. Em seguida, perlongando as costas americanas, passou pelo Canal das Bahamas, dobrou a ponta da Flórida e, em 10 do mesmo mês, entrando na Baía do Espírito Santo, atracou no porto de Tampa-Town.

Ali, a carga foi transferida dos navios para os vagões da ferrovia da Stone's Hill e, em meados de janeiro, a enorme massa de metal já tinha chegado a seu destino.

Compreende-se facilmente que mil e duzentos fornos não eram demais para liquefazer ao mesmo tempo essas sessenta mil toneladas de ferro fundido. Cada um podia conter perto de cinquenta mil quilos de metal. Tinham sido feitos segundo o modelo dos que fundiram o canhão Rodman, e sua forma era trapezoidal, rebaixada. A fornalha e a chaminé ficavam nas duas extremidades do forno, de modo que a temperatura deste era a mesma em toda a sua extensão. Construídos com tijolos refratários, resumiam-se a uma grelha para queimar o carvão mineral e a um crisol sobre o qual deviam ser dispostas as barras de ferro; esse crisol, inclinado em ângulo de 25 graus, permitia que o metal escorresse para os recipientes, de onde mil e duzentas canaletas convergentes o encaminhavam para o poço central.

No dia seguinte àquele em que as obras de alvenaria e perfuração haviam terminado, Barbicane ordenou a confecção do molde interno. Tratava-se de elevar no centro do poço, seguindo seu eixo, um cilindro com 270 metros de altura por 27 de largura, que preencheria exatamente o espaço reservado à alma da Columbiad. Esse cilindro era feito de uma mistura de terra argilosa e areia, ligada por feno e palha. O intervalo entre o molde e o revestimento seria preenchido pelo metal em fusão, que formaria assim paredes de 1,8 metro de

espessura.

O cilindro, para se manter em equilíbrio, precisaria ser reforçado com armações de ferro e apoiado de espaço a espaço com travessas chumbadas no revestimento de pedra; após a fundição, elas ficariam mergulhadas no bloco de metal, o que não oferecia inconveniente algum.

Essa tarefa terminou em 8 de julho, e a fundição foi marcada para o dia seguinte.

– A festa da fundição será uma bela cerimônia – confidenciou J.-T. Maston a seu amigo Barbicane.

– Sem dúvida – concordou Barbicane. – Mas não há de ser uma festa pública!

– Como? Não vai deixar entrar quem vier?

– Não, Maston. A fundição da Columbiad é uma operação delicada, para não dizer perigosa, e prefiro que seja realizada a portas fechadas. Poderemos ter festa quando for feito o disparo. Antes, não.

O presidente estava certo: a operação podia oferecer riscos imprevistos, que a grande afluência de espectadores impediria de evitar. Era necessário garantir a liberdade de movimentos. Por isso, ninguém foi admitido no recinto, exceto uma delegação dos membros do Gun Club que vieram de Tampa-Town. Estavam entre eles o arrojado Bilsby, Tom Hunter, o coronel Blomsberry, o major Elphiston, o general Morgan e *tutti quanti*, para os quais a fundição da Columbiad era um assunto pessoal. J.-T. Maston se apresentou como seu cicerone; não lhes poupou nenhum detalhe; levou-os para toda parte, para os armazéns, oficinas, instalações de máquinas; forçou-os a visitar cada um dos mil e duzentos fornos. Na última visita, estavam esgotados.

A fundição devia ocorrer ao meio-dia em ponto; na véspera, cada forno tinha sido carregado com 450 mil quilos de metal em barra, dispostos em pilhas entrecruzadas para que o ar quente circulasse livremente entre elas. Desde o começo da manhã, as mil e duzentas chaminés expeliam na atmosfera suas torrentes de chamas, e o chão estremecia com surdas trepidações. Para determinada quantidadede metal a fundir, a mesma de carvão a queimar – portanto, 68 mil toneladas de carvão que projetavam, diante do disco solar, uma espessa cortina de fumaça negra.

O calor logo se tornou insuportável dentro daquele círculo de fornos cujo fragor parecia a rolagem do trovão; poderosos ventiladores sopravam sem parar e saturavam de oxigênio todas aquelas fornalhas incandescentes.

A operação, para ter êxito, precisava ser feita com rapidez. Ao sinal dado por um tiro de canhão, cada forno deveria dar passagem à massa líquida e se esvaziar por completo.

Tomadas essas disposições, capatazes e operários aguardaram o momento crucial com uma impaciência mesclada de emoção. Já não havia ninguém no recinto, e os contramestres fundidores permaneciam a postos perto dos orifícios de vazão.

Barbicane e seus colegas, de pé numa elevação próxima, assistiam a tudo. Diante deles, uma peça de canhão esperava o sinal do engenheiro para disparar.

Alguns minutos antes do meio-dia, as primeiras gotas de metal começaram a escorrer; as bacias de recepção se encheram pouco a pouco e, quando o metal se derreteu todo, foi mantido em repouso por alguns instantes para facilitar a separação das substâncias estranhas.

Soou meio-dia. O canhão troou subitamente e lançou seu clarão amarelado nos ares. Mil e duzentos orifícios se abriram ao mesmo tempo e mil e duzentas serpentes de fogo colearam rumo ao poço central, desenrolando seus anéis flamejantes. Ali se precipitaram com um ruído espantoso, a uma profundidade de 270 metros. Era um espetáculo impressionante e magnífico. O solo estremecia enquanto aqueles fluxos, lançando ao céu torvelinhos de fumaça, volatilizavam ao mesmo tempo a umidade do molde e a dirigiam para os respiradouros do revestimento de pedra sob a forma de vapores diáfanos. Essas nuvens artificiais e espessas espiralavam na direção do zênite até uma altura de quinhentos metros. Um selvagem que vagasse além dos limites do horizonte teria visto ali a formação de uma nova cratera no seio da Flórida – embora aquilo não fosse nem uma erupção, nem uma tromba-d’água, nem uma tempestade, nem uma luta de elementos nem um desses fenômenos terríveis que a natureza costuma produzir! Não! O homem é que havia criado aqueles vapores avermelhados, aquelas chamas gigantescas, dignas de um vulcão, aqueles estremecimentos ruidosos semelhantes aos abalos sísmicos, aqueles mugidos que lembravam furacões e tormentas. Era a mão do

homem que precipitava, num abismo cavado por ela, um Niágara de metal borbulhante.

É depois de retirar o carbono e o silício, mediante a operação de refino em fornos reverberatórios, que se transforma o ferro fundido em ferro dúctil. (N.O.)

A Columbiad

Tivera êxito a operação de fundição? Cabia apenas conjecturar. No entanto, tudo apontava para o sucesso, pois o molde havia absorvido por completo o metal liquefeito nos fornos. Fosse como fosse, levaria tempo para se ter certeza mediante observação direta.

Com efeito, quando o major Rodman fundiu seu canhão de setenta mil quilos, o resfriamento exigiu nada menos que quinze dias. Por quanto tempo então a monstruosa Columbiad, coroada de vapores turbilhonantes e envolta em seu calor intenso, se furtaria aos olhares de seus admiradores? Cálculo difícil.

A impaciência dos membros do Gun Club foi posta, durante esse lapso de tempo, a uma dura prova. Mas tinham de esperar. J.-T. Maston era a ansiedade em pessoa. Quinze dias após a fundição, um imenso penacho de fumaça ainda subia para o céu e o chão queimava os pés num raio de duzentos passos em volta do pico da Stone's Hill.

Decorreram os dias, sucederam-se as semanas. Não havia meio de esfriar o imenso cilindro. Não era possível aproximar-se dele. Restava esperar. E os membros do Gun Club se agitavam de impaciência.

– Hoje é 10 de agosto – resmungou um dia J.-T. Maston. – Apenas quatro meses nos separam de primeiro de dezembro! Retirar o molde interno, calibrar a alma da peça, carregar a Columbiad... tudo isso ainda precisa ser feito. Estaremos prontos a tempo? Mas se não podemos nem chegar perto do canhão! Diabos, ele não esfriará nunca? Que ironia cruel!

Todos tentavam inutilmente acalmar o irrequieto secretário. Barbicane não dizia nada, mas seu silêncio disfarçava uma surda irritação. Não era nada fácil, para um homem de guerra, se ver detido por um obstáculo que só o tempo poderia remover – o tempo, inimigo temível naquelas circunstâncias, à mercê do qual agora se achava.

No entanto, observações cotidianas já permitiam constatar certa mudança no estado do solo. Em 15 de agosto, os vapores projetados haviam diminuído bastante de intensidade e espessura. Dias depois, o terreno só exalava uma ligeira neblina, derradeiro alento do monstro encerrado em seu ataúde de pedra. Pouco a pouco, os estremecimentos do chão diminuíram e o círculo de calor se estreitou; os espectadores mais impacientes se aproximavam: um dia, quatro metros; no outro, oito; em 22 de agosto, Barbicane, seus colegas e o engenheiro puderam postar-se sobre a superfície de ferro fundido nivelada com o pico da Stone's-Hill, lugar sem dúvida muito salutar porque os pés ficavam aquecidos.

– Enfim! – desabafou o presidente do Gun Club, com um imenso suspiro de satisfação.

Os trabalhos foram retomados no mesmo dia. Fez-se imediatamente a retirada do molde interno para desimpedir a alma da peça; a picareta, a enxada, as brocas funcionaram sem descanso; a terra argilosa e a areia haviam adquirido uma extrema dureza sob a ação do calor, mas, com a ajuda das máquinas, foi possível despedaçar aquela mistura ainda quente pelo contato com as paredes de ferro fundido; e os materiais extraídos rapidamente atulharam os carros movidos a vapor. Trabalhou-se tão bem, o entusiasmo era tal, a intervenção de Barbicane revelou-se tão estimulante e seus argumentos, apresentados sob a forma de dólares, tinham tanta força que, em 3 de setembro, os últimos resquícios do molde haviam desaparecido.

Imediatamente, começou a operação de perfuração. As máquinas foram instaladas sem demora e logo manobravam poderosas brocas, cujas lâminas mordiam as rugosidades do ferro. Algumas semanas mais tarde, a superfície interna do imenso tubo estava perfeitamente cilíndrica e a alma da peça adquirira um polimento perfeito.

Finalmente, em 22 de setembro, menos de um ano após a comunicação de Barbicane, o enorme engenho, rigorosamente calibrado e de uma verticalidade absoluta, obtida graças a

instrumentos precisos, estava pronto para funcionar. Faltava apenas a lua, mas todos tinham certeza de que ela não faltaria ao encontro.

A alegria de J.-T. Murchison não conhecia limites e ele quase sofreu uma queda assustadora ao olhar para dentro do tubo de 270 metros. Sem o braço direito de Blombsberry, que o digno coronel havia felizmente conservado, o secretário do Gun Club, qual novo Heróstrato[34], teria encontrado a morte nas profundezas da Columbiad.

O canhão estava, pois, terminado e não havia dúvida possível quanto à perfeição do trabalho. Assim, em 6 de outubro, o capitão Nicholl, muito a contragosto, pagou a aposta ao presidente Barbicane e este inscreveu em seus livros, na coluna das receitas, a soma de dois mil dólares. Devemos crer que a cólera do capitão chegou ao limite extremo e que ele quase caiu doente. Mas havia ainda três apostas de três mil, quatro mil e cinco mil dólares: se ele ganhasse duas, teria feito um negócio bom, embora não excelente. Todavia, o dinheiro não entrava em seus cálculos, e o sucesso do rival na fundição de um canhão ao qual placas de vinte metros não resistiriam lhe assestava um golpe terrível.

Em 23 de setembro, o recinto da Stone's Hill foi totalmente aberto ao público, e é fácil imaginar a afluência de visitantes.

Inúmeros curiosos, vindos de todos os pontos dos Estados Unidos, invadiam a Flórida. A cidade de Tampa havia crescido prodigiosamente nesse ano, consagrado por inteiro aos trabalhos do Gun Club, e já contava com uma população de 150 mil almas. Após englobar o Forte Brooke em sua rede de ruas, agora se alongava pela língua de terra que separa as duas enseadas da Baía do Espírito Santo. Bairros novos, praças novas e toda uma floresta de casas haviam surgido sobre aquelas plagas outrora desertas, ao calor do sol americano. Empresas foram fundadas para a construção de igrejas, escolas e residências particulares, de modo que em menos de um ano a cidade duplicou de extensão.

Sabe-se que os ianques já nascem comerciantes; aonde quer que a sorte os conduza, da zona gelada à zona tórrida, seu instinto comercial se exerce com grande proveito. Por isso, simples curiosos, pessoas que se dirigiram à Flórida com a única finalidade de acompanhar as operações do Gun Club se deixaram arrastar para os negócios tão logo se instalaram em Tampa. Os navios fretados para o transporte de

material e operários haviam promovido no porto uma atividade sem paralelo. Logo outros barcos, de todas as formas e tonelagens, carregados de víveres, provisões e mercadorias, singravam a baía e as duas enseadas. Grandes agências de armadores e corretores se estabeleceram na cidade, e a *Shipping Gazette* (Gazeta Marítima) registrava dia a dia as ancoragens no porto de Tampa.

Enquanto as estradas se multiplicavam em torno da cidade, esta, devido ao prodigioso aumento de sua população e de seu comércio, foi enfim ligada por uma ferrovia aos Estados meridionais da União. Um ramal ligou Mobile a Pensacola, o grande arsenal marítimo do Sul; dessa importante localidade, ele se estendeu a Tallahassee. Ali, existia já um pequeno trecho de via férrea com 34 quilômetros, graças ao qual Tallahassee se comunicava com Saint-Marks, situada junto ao mar. Esse trecho é que foi prolongado até Tampa-Town, ressuscitando ou despertando, à sua passagem, as regiões mortas ou adormecidas da Flórida central. Assim, Tampa, graças às maravilhas da indústria devidas à ideia surgida um belo dia na cabeça de um homem, pôde com justiça assumir ares de cidade grande. Apelidaram-na de “Moon City”, Cidade da lua, e a capital da Flórida amargou um eclipse total, visível de todos os quadrantes do mundo.

Todos entenderão agora por que a rivalidade foi tão grande entre o Texas e a Flórida e por que os texanos se irritaram tanto quando a escolha do Gun Club acabou com suas pretensões. Em sua sagacidade previdente, eles haviam percebido o que uma região poderia obter da experiência tentada por Barbicane e quanto lucro se arrecadaria com um tiro de canhão. O Texas perdeu assim um grande centro de comércio, estradas de ferro e um considerável aumento de população. Todas essas vantagens couberam àquela miserável península erguida como uma paliçada entre as ondas do golfo e as vagas do Oceano Atlântico. Desse modo, Barbicane partilhou com o general Santa Anna todas as antipatias texanas.

No entanto, embora entregue à sua fúria comercial e a seu ímpeto industrial, a nova população de Tampa-Town nem por isso esqueceu as interessantes operações do Gun Club. Ao contrário. Os mais insignificantes detalhes do empreendimento, os mais leves golpes de enxada os apaixonavam. Foi um ir e vir sem fim entre a cidade e a Stone’s Hill – uma procissão, ou, antes, uma peregrinação.

Era de imaginar que, no dia da experiência, a aglomeração de espectadores se contava por milhões, pois vinham de todos os pontos da Terra para congestionar a estreita península. A Europa emigrava para a América.

Mas até então, é preciso dizer, a curiosidade desses numerosos recém--chegados mal tinha sido satisfeita. Muitos esperavam assistir ao espetáculo da fundição e... só viram a fumaça. Isso era pouco para olhos tão ávidos, mas Barbicane não queria admitir a presença de ninguém durante a operação. Daí a raiva, o descontentamento, os murmúrios; censuraram o presidente, acusaram-no de despotismo, declararam seu procedimento "pouco americano". Houve quase um motim em volta das paliçadas da Stone's Hill. Barbicane, já se sabe, permaneceu inabalável em sua decisão.

Mas, depois que a Columbiad ficou pronta, as restrições já não podiam ser mantidas. Não convinha fechar as portas; pior, seria imprudência descontentar os sentimentos públicos. Assim, Barbicane abriu o recinto a quem chegasse, mas, levado por seu espírito prático, resolveu ganhar dinheiro com a curiosidade dos visitantes.

Contemplar a imensa Columbiad já não era pouca coisa; mas descer às suas profundezas, eis o que parecia aos americanos o *nec plus ultra* da felicidade neste mundo. Não houve, pois, um só curioso que não quisesse se dar o prazer de visitar as entranhas daquele abismo de metal. Elevadores suspensos de um sarilho a vapor permitiram aos espectadores satisfazer sua curiosidade. Foi um frenesi. Mulheres, crianças, velhos, todos julgaram seu dever penetrar até o fundo dos mistérios do canhão colossal. O preço da descida foi fixado em cinco dólares por pessoa, preço muito alto; mas, mesmo assim, durante os dois meses que precederam a experiência, o número de pagantes permitiu ao Gun Club embolsar perto de quinhentos mil dólares.

Nem é preciso dizer que os primeiros visitantes da Columbiad foram os membros do Gun Club, privilégio reservado com justiça à ilustre confraria. Essa solenidade ocorreu em 25 de setembro. Um elevador especial desceu o presidente Barbicane, J.-T. Maston, o major Elphiston, o general Morgan, o coronel Blomsberry, o engenheiro Murchison e outros figurões do célebre clube. Ao todo, uma dezena. Fazia ainda muito calor no fundo do comprido tubo de metal. Mal se conseguia respirar. Mas que alegria! Que êxtase! Uma mesa para dez

convivas havia sido instalada sobre o maciço de pedra que sustentava a Columbiad, iluminada *a giorno* por um jato de luz elétrica. Pratos refinados e numerosos, que pareciam descer do céu, pousaram sucessivamente diante dos convidados, e os melhores vinhos franceses borbulharam em profusão durante esse esplêndido banquete servido a 270 metros de profundidade.

O festim foi muito animado e até um pouco barulhento; os brindes se entrecruzavam; bebeu-se ao globo terrestre, a seu satélite, ao Gun Club, à União, à lua, a Febe, a Diana, a Selene, ao astro das noites, "à pacífica mensageira do firmamento"! Todos esses hurras, levados pelas ondas sonoras do imenso tubo acústico, chegavam como um trovão à abertura – e a multidão, apinhada em volta da Stone's Hill, se unia de alma e garganta aos gritos dos dez convivas enfurnados nas profundezas da gigantesca Columbiad.

J.-T. Maston não cabia em si de contente. Se gritou mais que gesticulou, se bebeu mais que comeu, eis um ponto difícil de estabelecer. Em todo caso, não trocaria sua situação por um império, "ainda que o canhão, carregado, escorvado e pronto para disparar, o mandasse em pedaços para as vastidões planetárias".

Responsável pela destruição do templo de Artemis, o qual incendiou para se tornar famoso. (N.E.)

Um telegrama

Os grandes trabalhos empreendidos pelo Gun Club estavam, por assim dizer, terminados. No entanto, faltavam ainda dois meses para o dia em que o projétil seria lançado na direção da lua. Dois meses que, sem dúvida, a impaciência universal encarava como anos! Até então, simples detalhes da operação haviam sido reproduzidos diariamente pelos jornais, que todos devoravam com olhos ávidos e apaixonados; mas era de temer que, doravante, esse "dividendo de novidades" distribuído ao público diminuísse bastante, e cada qual temia não poder mais receber sua parte de emoções cotidianas.

Isso logo acabou. O incidente mais inesperado, mais extraordinário, mais inacreditável, mais inverossímil veio animar novamente os espíritos anelantes e mergulhar o mundo inteiro em um estado de tremenda e incontrolável agitação.

No dia 30 de setembro, às três horas e quarenta e sete minutos da tarde, um telegrama, transmitido pelo cabo estendido entre Valentia, na Irlanda, Terra-Nova e a costa americana, chegou ao endereço de Barbicane.

O presidente abriu o envelope, leu a mensagem e, por mais controlado que fosse, seus lábios empalideceram e seus olhos se anuviaram à leitura da vintena de palavras do telegrama.

Eis o texto da mensagem, que se encontra agora nos arquivos do Gun Club:

França, Paris.

30 de setembro, 4h da manhã.

Barbicane, Tampa, Flórida, Estados Unidos.

Substitua obus esférico por projétil cilíndrico-cônico. Partirei dentro dele. Chego pelo vapor Atlanta.

Michel Ardan

O passageiro do Atlanta

Se essa notícia fulminante, em vez de voar pelos fios elétricos, houvesse chegado simplesmente pelo correio, em envelope lacrado; e se os telegrafistas da França, Irlanda, Terra-Nova e América não estivessem necessariamente a par da mensagem telegráfica, Barbicane saberia muito bem o que fazer. Ficaria calado por medida de prudência e para não comprometer sua obra. Aquele telegrama podia ocultar uma mistificação, sobretudo porque vinha de um francês. Como poderia alguém ser audacioso a ponto de conceber a ideia de semelhante viagem? E se o tal homem existisse, não era um louco que se devia encerrar numa camisa de força e não dentro de uma bala?

Mas o conteúdo do telegrama era conhecido, pois os aparelhos de transmissão são pouco discretos por natureza, e a proposta de Michel Ardan já corria pelos diversos Estados da União. Portanto, Barbicane não tinha nenhum motivo para permanecer calado. Reuniu então seus colegas presentes em Tampa-Town e, sem revelar seu pensamento, sem discutir a credibilidade do telegrama, leu friamente o texto lacônico.

“Não é possível!” “Inacreditável!” “Pura zombaria!” “Estão rindo de nós!” “Ridículo!” “Absurdo!” Toda a série de expressões que servem para exprimir dúvida, incredulidade, asneira e loucura se desdobrou durante alguns instantes, acompanhada dos gestos usados em tais circunstâncias. Só J.-T. Maston teve uma palavra brilhante.

– Boa ideia! – exclamou ele.

– De fato – ponderou o major. – Entretanto, se vez por outra é permitido ter ideias assim, isso ocorre sob a condição de não serem postas em prática.

– Por quê? – replicou vivamente o secretário do Gun Club, pronto a discutir.

Mas ninguém quis lhe dar rédea solta.

Contudo, o nome de Michel Ardan já circulava na cidade de Tampa. Visitantes e moradores se entreolhavam, se interrogavam e ironizavam, não o tal europeu, mas J.-T. Maston, que acreditava na existência daquela figura lendária. Quando Barbicane havia proposto mandar um projétil à lua, todos acharam o empreendimento natural, praticável, puro assunto de balística. Mas que um ser racional se oferecesse para viajar no projétil e tentar uma aventura tão inverossímil, eis o que lhes parecia uma proposta fantasiosa, uma pilhéria, uma farsa e, se é permitido empregar uma palavra para a qual temos a tradução exata em nossa língua, um *humbug*: uma "mistificação".

As zombarias se sucederam sem parar até a noite, e pode-se dizer que a União inteira foi tomada de um riso incontido, o que não é comum em um país onde os projetos impossíveis sempre encontram defensores, adeptos, partidários.

Entretanto, a proposta de Michel Ardan, como qualquer ideia nova, não deixava de espicaçar certos espíritos, o que alterava o curso das emoções corriqueiras. "Não tínhamos pensado nisso!" O incidente logo se tornou uma obsessão por sua própria estranheza. Dava o que pensar. Quanta coisa foi negada ontem e se tornou realidade hoje! Por que uma viagem dessas não se realizaria, mais cedo ou mais tarde? No entanto, o homem que pretendia correr tamanho risco era sem dúvida um doido varrido, pois seu projeto não podia ser levado a sério. Ele devia ter ficado de boca fechada em vez de perturbar toda uma população com seus disparates.

Mas, para início de conversa, esse homem existia mesmo? Boa pergunta! O nome "Michel Ardan" não era desconhecido na América. Já havia sido mencionado por suas aventuras audaciosas. Além do mais, aquele telegrama vindo através das profundezas do Atlântico, a indicação do navio no qual o francês dizia ter reservado passagem, a previsão da data de sua iminente chegada, todas essas circunstâncias

davam à proposta certo caráter de verossimilhança. Cabia encarar o fato com prudência. Logo, indivíduos isolados começaram a formar grupos, os grupos se condensaram pela ação da curiosidade como átomos em virtude da atração molecular e, por fim, resultou daí uma multidão compacta que se dirigiu para a residência do presidente Barbicane.

Este, depois da chegada do telegrama, não dissera palavra, deixando que a opinião de J.-T. Maston tivesse livre curso. Não aprovou nem desaprovou; manteve-se nos bastidores, aguardando os acontecimentos. Todavia, não contava com a impaciência pública e viu, contrariado, a população de Tampa juntar-se sob suas janelas. Logo os murmúrios e as vociferações o obrigaram a mostrar-se. Vemos que ele tinha todos os deveres e, portanto, todos os aborrecimentos da fama.

Mostrou-se. Após alguns instantes de silêncio, um cidadão tomou a palavra e perguntou-lhe, sem papas na língua:

– O sujeito designado no telegrama pelo nome de Michel Ardan está a caminho da América? Sim ou não?

– A esse respeito, senhores – foi a resposta –, sei tão pouco quanto vocês.

– Mas é preciso saber – rosnaram vozes impacientes.

– O tempo nos dirá – sentenciou com frieza Barbicane.

– O tempo não tem o direito de manter em suspenso um país inteiro – disse o orador. – O senhor alterou os planos do projétil, conforme pedido no telegrama?

– Ainda não, amigos. Mas têm razão, é preciso saber o que faremos. O telégrafo, que causou tanta balbúrdia, completará as informações.

– Ao telégrafo! Ao telégrafo! – bradou a multidão.

Barbicane desceu e, encabeçando o imenso ajuntamento, dirigiu-se para o escritório da administração.

Minutos depois, uma mensagem era enviada ao representante dos armadores de Liverpool. Pedia-se resposta às seguintes perguntas:

“Que tipo de navio é o *Atlanta*? Quando deixou a Europa? Tem a bordo um francês chamado Michel Ardan?”

Duas horas depois, Barbicane recebia informações de uma precisão que não deixava margem a dúvidas.

“O vapor *Atlanta*, de Liverpool, se fez ao mar em 2 de outubro,

rumo a Tampa-Town, levando a bordo um francês inscrito no registro de passageiros com o nome de Michel Ardan.”

Ao ver confirmado o primeiro telegrama, os olhos do presidente faiscaram com uma chama súbita; seus punhos se cerraram com força e ouviram-no murmurar:

– Então é verdade! Então é possível! Esse francês existe e, dentro de quinze dias, estará aqui! Mas é um louco, um cérebro transtornado! Jamais consentirei...

No entanto, naquela mesma noite, escreveu à firma Breadwill & Co. determinando que ela suspendesse a fundição do projétil até nova ordem.

É tarefa acima das forças humanas, que seria uma temeridade empreender, relatar a emoção que tomou conta da América inteira; como o efeito da comunicação de Barbicane foi dez vezes superado; o que disseram os jornais da União, o modo como receberam a notícia e o estilo em que exaltaram a chegada do herói do Velho Continente; a agitação febril que se apossou de cada um, ficando todos a contar as horas, os minutos, os segundos. Seria difícil dar uma ideia, mesmo superficial, da obsessão extenuante daqueles cérebros imbuídos de um pensamento único; mostrá-los subjugados por uma única preocupação; enumerar os trabalhos interrompidos, o comércio suspenso, os navios, prestes a levantar âncora, apinhados no porto para não perder a chegada do *Atlanta*; descrever os trens cheios que retornavam vazios, a Baía do Espírito Santo singrada o tempo todo pelos vapores, os paquetes, os iates de veraneio, os barcos ligeiros de todas as dimensões; recensear os milhares de curiosos que quadruplicaram, em quinze dias, a população de Tampa-Town e precisaram se alojar em barracas como um exército em campanha.

Em 20 de outubro, às nove horas da manhã, os vigias dos faróis do Canal das Bahamas detectaram uma espessa fumaça no horizonte. Duas horas depois, um grande vapor trocava com eles sinais de reconhecimento e imediatamente o nome *Atlanta* foi comunicado a Tampa-Town. Às quatro horas, o navio inglês entrava na Baía do Espírito Santo. Às cinco, franqueava a passagem da Baía de Hillisboro a toda velocidade. E, às seis, atracava no porto de Tampa.

A âncora não havia ainda tocado o fundo arenoso e quinhentas embarcações rodearam o *Atlanta*, como que para tomá-lo de assalto.

Barbicane adiantou-se, saltou a amurada do navio e, sem poder conter a emoção, gritou:

– Michel Ardan!

– Presente! – respondeu um indivíduo postado no castelo de proa.

Barbicane, de braços cruzados, olhar inquisitivo e lábios cerrados, observou detidamente o passageiro do *Atlanta*.

Era um homem de quarenta e dois anos, grande, mas já um pouco encurvado, parecido às cariátides que suportam sacadas nos ombros. Sua cabeça leonina sacudia de vez em quando uma cabeleira revolta que mais parecia uma juba. Um rosto curto, largo nas têmporas, ornado por um bigode hirsuto como o dos gatos e por pequenos tufos de pelos amarelados que brotavam das faces, olhos redondos, um pouco desvairados, e um olhar de míope completavam essa fisionomia eminentemente felina. Mas o nariz tinha um desenho atrevido, a boca era bastante humana, a fronte alta, inteligente e sulcada como um campo que nunca esteve inculto. Enfim, um torso robusto, ereto sobre pernas compridas, braços musculosos, verdadeiras alavancas bem articuladas, e um porte decidido faziam daquele europeu um grandalhão solidamente construído, “antes forjado que fundido”, para empregar uma expressão da arte metalúrgica.

Os discípulos de Lavater ou de Gratiolet teriam decifrado sem demora, com base no crânio e na fisionomia daquele homem, os sinais indiscutíveis da combatividade. Isto é, da coragem no perigo e da indiferença aos obstáculos; da benevolência e da fantasia, instinto que leva alguns temperamentos a se apaixonar pelas coisas sobre-humanas – mas, em troca, faltavam as marcas do instinto de aquisição e posse.

Para rematar a descrição do tipo físico do passageiro do *Atlanta*, convém assinalar as roupas largas e folgadas, a calça e o paletó feitos com uma abundância tal de tecido que o próprio Michel Ardan costumava se dar o nome de “Devora-Pano”. Além disso, a gravata solta, o colarinho aberto, revelando um pescoço robusto, e as mangas invariavelmente desabotoadas, de onde escapavam mãos irrequietas. Percebia-se que, mesmo no auge do inverno e dos perigos, aquele homem não sentia frio – nem sequer nos olhos.

De resto, no convés do vapor, em meio à multidão, ele ia e vinha sem parar, “arrastando a âncora”, como diziam os marinheiros, gesticulando, tagarelando com todos e roendo as unhas com uma

avidez nervosa. Era uma dessas figuras originais que o Criador inventa em momentos de fantasia e das quais quebra logo o molde.

A personalidade moral de Michel Ardan, com efeito, daria larga margem às observações de um analista. Esse sujeito impressionante vivia numa perpétua disposição à hipérbole e ainda não havia ultrapassado a idade dos superlativos: os objetos chegavam à sua retina em dimensões exageradas, provocando associações de ideias verdadeiramente descomedidas. Via tudo em ponto maior, exceto as dificuldades e os homens.

Era também de uma natureza exuberante, artista por instinto, conversador espirituoso que não desperdiçava sua verve a torto e a direito, mas sabia ser incisivo. Nas discussões, pouco afeito à lógica e rebelde ao silogismo, que por certo jamais teria inventado, saía-se à sua maneira. Agressivo, brandia argumentos *ad hominem* de efeito fulminante e gostava de defender causas perdidas com unhas e dentes.

Entre outras manias, declarava-se “um ignorante sublime”, como Shakespeare, e fingia desprezar os sábios: “Pessoas”, dizia ele, “que só marcam os pontos enquanto nós jogamos”. Era, em suma, um boêmio do país das maravilhas, aventuroso, mas não aventureiro, um ferrabrás, um Faetonte guiando à rédea solta o carro do sol, um Ícaro com asas sobressalentes. De resto, corria riscos e dispunha-se a pagar caro por eles, atirava-se de cabeça erguida aos empreendimentos mais malucos, incendiava seus navios mais apressadamente ainda que Agátocles e, pronto para tudo, por maior que fosse a queda, acabava invariavelmente caindo de pé, como os bonequinhos de sabugo com que se divertem as crianças.

Sua divisa sucinta era “Pouco importa!”, e o amor ao impossível sua “*ruling passion*[35]”, segundo a bela expressão de Pope.

No entanto, esse grande empreendedor tinha todos os defeitos de suas qualidades! Quem não arrisca não petisca, costuma-se dizer. Ardan arriscava sempre e não petiscava nunca! Era um carrasco de dinheiro, um tonel das Danaides. Mas, homem absolutamente desinteressado, usava o coração tanto quanto a cabeça: caridoso, cavalheiresco, incapaz de mandar para a forca seu pior inimigo e pronto a se vender como escravo para resgatar um negro.

Na França, na Europa, todos conheciam essa figura brilhante e espalhafatosa. Pusera a seu serviço as cem vozes da Fama, para que

ninguém deixasse de falar dele. Morava por assim dizer em uma casa de vidro, tomando o universo inteiro por confidente de seus mais íntimos segredos. Mas tinha também uma admirável coleção de inimigos, a quem havia ofendido, machucado, derrubado sem misericórdia para abrir caminho na multidão.

Contudo, de modo geral, as pessoas o estimavam, tratando-o como uma criança mimada. Era, na expressão popular, "um homem para pegar ou largar" – e pegavam-no. Todos se interessavam por suas peripécias e as acompanhavam com olhar inquieto. Sabiam que ele era imprudentemente audacioso! Quando um amigo queria detê-lo, predizendo-lhe uma catástrofe inevitável, ele respondia com um sorriso amistoso, sem saber que citava o mais belo de todos os provérbios árabes: "A floresta é queimada pela madeira de suas próprias árvores".

Tal era aquele passageiro do *Atlanta*, sempre agitado, sempre aquecido por um fogo interior, sempre impetuoso, não pelo que viera fazer na América – nem pensava nisso –, mas por efeito de sua organização irrequieta. Se jamais dois indivíduos ofereceram um contraste tão gritante, esses foram o francês Michel Ardan e o ianque Barbicane – ambos, porém, empreendedores, corajosos e ousados à sua maneira.

A contemplação a que se abandonava o presidente do Gun Club em presença do rival vindo de longe para relegá-lo a segundo plano foi logo interrompida pelos hurras e vivas da multidão. Os gritos se tornaram tão frenéticos e o entusiasmo assumiu um caráter a tal ponto pessoal que Michel Ardan, depois de apertar milhares de mãos nas quais pouco faltou para que deixasse seus dez dedos, precisou se refugiar em sua cabine.

Barbicane seguiu-o sem dizer palavra.

– O senhor é Barbicane? – perguntou Michel Ardan quando se viram sozinhos e no tom com que falaria a um amigo de vinte anos.

– Sim – respondeu o presidente do Gun Club.

– Bom dia, então, Barbicane! Como vai? Tudo em ordem? Tanto melhor, tanto melhor!

– Indo direto ao assunto – atalhou Barbicane –, está mesmo decidido a partir?

– Absolutamente decidido.

– Nada o deterá?

– Nada. Modificou o projeto, conforme sugeri no telegrama?

– Eu estava esperando sua chegada. Mas refletiu bem a respeito? – insistiu Barbicane.

– E lá tenho tempo a perder? Encontro a oportunidade de passear na lua, aproveito-a e é tudo. Não me parece que isso mereça muita reflexão.

Barbicane devorava com o olhar aquele homem que falava com tamanha leviandade e despreocupação, sem trair o mínimo receio.

– Mas, ao menos, tem um plano?

– E excelente, meu caro Barbicane. Mas permita-me fazer uma observação. Gosto de contar minha história uma vez só e não voltar mais ao assunto. Isso evita repetições. Portanto, se o desejar, convoque seus amigos, seus colegas, a cidade, a Flórida, a América inteira e amanhã estarei pronto para explicar meu plano e responder às objeções, sejam quais forem. Fique tranquilo, não me esquivarei a nada. Está bem assim?

– Está – respondeu Barbicane.

Em seguida, o presidente saiu da cabine e comunicou à multidão a proposta de Michel Ardan. Suas palavras foram acolhidas com entusiasmo e gritos de júbilo. Aquilo resolvia tudo. No dia seguinte, todos poderiam admirar à vontade o herói europeu. No entanto, alguns espectadores mais teimosos não quiseram deixar o convés do *Atlanta* e passaram a noite a bordo. J.-T. Maston, por exemplo, encaixara seu gancho na amurada e teria sido preciso um cabrestante para arrancá-lo de lá.

– É um herói! Um herói! – bradava a multidão em todos os tons. – E nós somos apenas umas donzelas perto desse europeu!

Quanto ao presidente, após pedir aos visitantes que se retirassem, voltou à cabine do passageiro e só saiu quando o sino do vapor bateu o quarto da meia-noite.

Mas então os dois rivais em popularidade já se davam calorosamente as mãos, e Michel Ardan tratava familiarmente Barbicane.

Paixão dominante. (N.O.)

Uma meeting[36]

No dia seguinte, o astro do dia se ergueu bem tarde, para a impaciência dos curiosos. Eles acharam muito preguiçoso um sol que devia iluminar semelhante festa. Barbicane, temendo que fizessem perguntas indiscretas a Michel Ardan, teria preferido reduzir os ouvintes a um pequeno número de adeptos – a seus colegas, por exemplo. Mas seria o mesmo que tentar represar o Niágara. Teve de renunciar a seus projetos e deixar o novo amigo correr o risco de uma conferência pública. A sala recém-inaugurada da Bolsa de Tampa-Town, apesar de suas dimensões colossais, foi considerada insuficiente para a cerimônia, pois o encontro projetado tomava as proporções de uma verdadeira convenção.

O local escolhido foi uma vasta planície situada nas imediações da cidade. Em algumas horas conseguiu-se protegê-la dos raios solares. Os navios atracados no porto, repletos de velas, cordame, mastros e vergas sobressalentes, forneceram o material necessário à montagem de uma tenda enorme. Logo, um imenso céu de pano se estendia sobre a planície calcinada e a poupava aos ardores do dia. Ali, trezentas mil pessoas tomaram lugar e enfrentaram durante várias horas uma temperatura sufocante, à espera do francês. Da multidão de espectadores, o primeiro terço podia ver e ouvir; o segundo via mal e ouvia pouco; o terceiro não via nem ouvia nada. Mas, mesmo assim, aplaudia tanto quanto os outros.

Às três horas, Michel Ardan apareceu, acompanhado pelos

principais membros do Gun Club. Dava o braço direito ao presidente Barbicane, e o esquerdo a J.-T. Maston, que vinha quase tão radioso e ofuscante quanto o sol do meio-dia. Ardan subiu a um estrado, de onde avistava um oceano de chapéus pretos. Não parecia de modo algum embaraçado; não fazia pose; estava como que em casa, alegre, simples, amável. Aos hurras que o acolheram, respondeu com uma saudação graciosa. Em seguida, erguendo a mão, pediu silêncio e tomou a palavra em inglês, exprimindo-se com muita correção nos seguintes termos:

– Senhores, embora faça muito calor, vou abusar de sua paciência para lhes dar algumas explicações sobre os projetos que parecem ter despertado seu interesse. Não sou nem orador nem cientista e não pensava em falar publicamente; mas meu amigo Barbicane me garantiu que isso lhes agradaria e cedi. Portanto, ouçam-me com seus seiscentos mil ouvidos e desculpem as falhas do autor.

Esse início pouco cerimonioso agradou muito aos assistentes, que exprimiram concordância com um imenso murmúrio de contentamento.

– Senhores – continuou ele –, não proíbo nenhuma palavra de aprovação ou desaprovação. Dito isso, começo. Não esqueçam, em primeiro lugar, que estão na presença de um ignorante, cuja ignorância é tamanha que ele ignora até as dificuldades. Pareceu-lhe então que era coisa simples, natural e fácil embarcar em um projétil e partir para a lua. Essa viagem deve acontecer cedo ou tarde e, quanto ao modo de locomoção adotado, segue naturalmente a lei do progresso. O homem começou por viajar com quatro patas; depois, um belo dia, com dois pés; depois, de carroça; depois, de diligência; depois, de barco; depois, de carruagem; depois, de trem. Ora, o projétil é o veículo do futuro e, a bem dizer, os planetas nada mais são que isso, simples balas de canhão disparadas pela mão do Criador. Mas voltemos ao nosso veículo. Alguns de vocês, senhores, podem achar que sua velocidade será excessiva. Não será. Todos os astros são mais velozes, e a própria Terra, em seu movimento de translação em volta do sol, nos arrasta três vezes mais depressa. Eis alguns exemplos. Somente peço-lhes permissão para me exprimir em léguas, pois não conheço bem as medidas americanas e temo errar nos cálculos.

Esse pedido pareceu aceitável e não enfrentou nenhuma

dificuldade. O orador retomou o discurso:

– Aqui está, senhores, a velocidade dos diferentes planetas. Devo dizer que, malgrado minha ignorância, conheço com muita exatidão esse simples detalhe astronômico. Mas vocês também, dentro de dois minutos, ficarão sabendo o mesmo que eu. Netuno faz cinco mil léguas por hora; Urano, sete mil; Saturno, oito mil; Júpiter, 11.675; Marte, 22.858; a Terra, 27.500; Vênus, 32.190; Mercúrio, 52.520; alguns cometas, cento e quarenta mil em seu periélio! Quanto a nós, simples passeadores, gente pouco apressada, nossa velocidade não ultrapassará 1.900 libras e irá decrescendo sempre! Pergunto-lhes: há aí motivo de espanto, já que essa velocidade será ultrapassada algum dia por outras ainda maiores, das quais a luz ou a eletricidade funcionarão talvez como os agentes mecânicos?

Ninguém, aparentemente, pôs em dúvida essa afirmação de Michel Ardan.

– Meus caros ouvintes – prosseguiu ele –, a crermos em certos espíritos acanhados (é o adjetivo que lhes convém), a humanidade ficará encerrada para sempre num círculo de Popílio[37] e condenada a vegetar neste globo sem jamais se lançar aos espaços planetários! Não será assim! Iremos à lua, iremos aos planetas, iremos às estrelas como se vai hoje de Liverpool a Nova Iorque, facilmente, rapidamente e em segurança. O oceano atmosférico logo será cruzado como os oceanos da lua! A distância é apenas uma palavra relativa e acabará por se reduzir a zero.

A assembleia, embora bastante disposta em favor do herói francês, permaneceu um pouco interdita diante dessa audaciosa teoria. Michel Ardan pareceu compreender a hesitação.

– Não estão convencidos, meus caros anfitriões? – prosseguiu ele, com um sorriso amável. – Mas raciocinemos. Sabem quanto tempo um trem expresso levaria para chegar à lua? Trezentos dias. Nada mais. Um trajeto de 86.410 léguas, sim, mas o que vem a ser isso? Nem sequer nove vezes a circunferência da Terra, e não há marinheiro veterano que não tenha percorrido uma distância maior ao longo de sua existência. Pensem também que minha viagem durará apenas noventa e sete horas! Ah, vocês acham que a lua está muito distante e que é preciso pensar duas vezes antes de tentar a aventura! Mas o que diriam se fosse o caso de ir a Netuno, que gravita a 1.147 milhões de

léguas do sol? Eis uma viagem que poucas pessoas poderiam fazer, mesmo que custasse cinco centavos por quilômetro! Nem o barão de Rothschild, com seu bilhão, teria com que pagar a passagem e, sem 147 milhões, ficaria no meio do caminho!

Esse tipo de argumentação pareceu agradar bastante à assembleia, não bastasse o fato de Michel Ardan, entusiasmado pelo assunto, abordá-lo com uma veemência soberba. Sentindo que o escutavam avidamente, prosseguiu, com admirável segurança:

– Pois bem, meus amigos! A distância de Netuno ao sol não é nada se a compararmos à das estrelas. Com efeito, para calcular o afastamento desses astros, é preciso usar uma numeração atordoante, em que o menor número tem nove algarismos, e tomar o bilhão por unidade. Peço-lhes desculpas por insistir nesse ponto, mas ele é de enorme interesse. Escutem e julguem! Alfa Centauro está a 8 mil bilhões de quilômetros; Vega e Sirius, a 50 mil bilhões; Arcturo, a 52 mil bilhões; a estrela Polar, a 117 mil bilhões; a Cabra, a 170 mil bilhões; as outras, a milhares e milhões de bilhões! E ainda se quer falar da distância que separa os planetas do sol! E ainda se insiste em que essa distância existe! Erro! Falsidade! Aberração dos sentidos! Sabem o que penso deste mundo que começa no astro radioso e termina em Netuno? Querem conhecer minha teoria? Pois ela é bem simples: para mim, o mundo solar é um corpo sólido, homogêneo; os planetas que o compõem se espremem, se tocam, aderem uns aos outros, deixando entre si um espaço equivalente ao que separa as moléculas do metal mais compacto, prata ou ferro, ouro ou platina! Posso então afirmar, com uma certeza que sem dúvida não deixará vocês indiferentes: a distância é uma palavra vã, a distância não existe!

– Muito bem! Bravo! Hurra! – explodiu a uma só voz a assembleia, eletrizada pelo gesto, pelo tom, pelas concepções ousadas do orador.

– É isso mesmo! – bradou J.-T. Maston, mais energicamente que os outros. – A distância não existe!

E, transportado pela violência de seus movimentos, pelo ímpeto de seu corpo que mal conseguia dominar, quase caiu ao chão do alto do palanque. Mas conseguiu recuperar o equilíbrio e evitou uma queda que lhe teria provado, de maneira brutal, que a distância não era uma palavra vazia. Em seguida, o discurso do envolvente orador

prosseguiu:

– Meus amigos, creio que essa questão está em definitivo resolvida. Se não convenci a todos foi por ter sido tímido em minhas demonstrações e fraco em meus argumentos, o que se deve pôr na conta de meus estudos teóricos insuficientes. Seja como for, repito: a distância da Terra a seu satélite é realmente pouco importante e indigna de preocupar um espírito sério. Portanto, não creio exagerar dizendo que logo construiremos comboios de projéteis dentro dos quais se fará comodamente a viagem da Terra à lua. Não será preciso temer sacolejos, choques ou descarrilamentos; alcançaremos nosso destino rapidamente, sem fadiga, em linha reta, "a voo de abelha", como dizem os caçadores daqui. Antes de vinte anos, metade da Terra terá visitado a lua!

– Viva! Viva Michel Ardan! – gritaram os assistentes, até os menos convencidos.

– Viva Barbicane! – interveio modestamente o orador.

Essa mostra de gratidão ao promotor do empreendimento foi acolhida com aplausos unânimes.

– Agora, meus amigos – continuou Michel Ardan –, se tiverem perguntas a fazer, deixarão certamente embaraçado um pobre homem como eu. Mas procurarei responder a todas.

Até aí, o presidente do Gun Club parecia satisfeito com o rumo da discussão. Esta versava sobre as especulações nas quais Michel Ardan, arrebatado por sua imaginação muito viva, se mostrava absolutamente magnífico. Agora, era preciso impedi-lo de se desviar para questões práticas, em que sem dúvida se revelaria menos brilhante. Barbicane se apressou então a tomar a palavra e perguntou a seu novo amigo se pensava que a lua ou os planetas fossem habitados.

– Pergunta difícil, meu digno presidente – respondeu o orador, sorrindo. – Entretanto, se não me engano, homens de grande inteligência como Plutarco, Swedenborg, Bernardin de Saint-Pierre e muitos outros achavam que sim. Adotando o ponto de vista da ciência natural, eu me inclinaria a pensar como eles. Diria que nada de inútil existe neste mundo. Mas respondo à sua pergunta com outra, amigo Barbicane: se os mundos são habitáveis, então não é lícito pensar que devem ser habitados, já o foram ou ainda o serão?

– Muito bem! – gritaram as primeiras filas dos espectadores, cuja

opinião tinha força de lei para as demais.

– Não se poderia responder com mais lógica e propriedade – reconheceu o presidente do Gun Club. – Mas insisto na pergunta: os mundos são habitados? De minha parte, acho que sim.

– E eu tenho certeza – afirmou Michel Ardan.

– Contudo – aparteou um dos assistentes –, há argumentos contra a habitabilidade dos mundos. Seria necessário, é claro, que na maior parte deles os princípios da vida fossem modificados. Assim, para só falar dos planetas, ficaríamos queimados em uns e gelados em outros, conforme estejam mais ou menos afastados do sol.

– Lamento – respondeu Michel Ardan – não conhecer pessoalmente meu honorável contraditor, mas tentarei responder-lhe. Sua objeção tem peso, embora eu acredite que se possa removê-la com algum sucesso, bem como a todas que tomem por objeto a habitabilidade dos mundos. Se eu fosse físico, diria que, como existe menor valor calórico em movimento nos planetas vizinhos do sol e, ao contrário, mais nos planetas afastados, só esse fenômeno basta para equilibrar o calor e tornar a temperatura deles suportável a seres organizados como nós. Se eu fosse naturalista, observaria que, segundo vários sábios ilustres, a natureza nos fornece exemplos de animais terrestres vivendo em condições bem diferentes de habitabilidade; que os peixes respiram em um meio mortal aos outros bichos; que os anfíbios têm uma existência dupla difícil de explicar; que alguns habitantes dos mares sobrevivem em camadas de enorme profundidade e aí suportam, sem ser esmagados, pressões de cinquenta ou sessenta atmosferas; que diversos insetos aquáticos, insensíveis à temperatura, podem ser encontrados tanto em fontes de água fervente quanto nas planícies geladas do Oceano Polar; que, enfim, é preciso reconhecer na natureza uma diversidade de meios de ação frequentemente incompreensível, mas não menos real, que beira a onipotência. Se eu fosse químico, explicaria que os aerólitos, esses corpos formados evidentemente fora do mundo terrestre, revelaram após análise traços indiscutíveis de carbono; que essa substância se origina de seres organizados e que, segundo as experiências de Reichenbach, ela deve ter sido necessariamente "animalizada". Se, enfim, eu fosse teólogo, diria que a Redenção divina parece, a crermos em São Paulo, aplicar-se não apenas à Terra, mas a todos os mundos celestes. Porém, não sou

teólogo, químico, naturalista ou físico. Assim, em minha ignorância crassa das grandes leis que regem o universo, limito-me a responder: não sei se os mundos são habitados e, por não saber, vou descobrir!

O adversário das teorias de Michel Ardan arriscou-se acaso a outros argumentos? Impossível dizer, pois os gritos frenéticos da multidão teriam impedido que qualquer opinião se fizesse ouvir. Quando o silêncio se restabeleceu até nos grupos mais afastados, o triunfante orador limitou-se a acrescentar as considerações seguintes:

– Os senhores talvez pensem, bravos ianques, que tratei de maneira muito sumária uma questão de tal porte. É que não vim aqui lhes ministrar um curso público e defender uma tese sobre assunto tão vasto. Existe toda uma série de argumentos diferentes em favor da habitabilidade dos mundos, mas deixo-a de lado. Permitam-me insistir apenas em um ponto. Às pessoas para as quais os planetas não são habitados, cumpre responder: podem ter razão caso se demonstre que a Terra é o melhor dos mundos possíveis, mas ela não é, apesar do que disse Voltaire. Tem apenas um satélite, enquanto Júpiter, Urano, Saturno e Netuno contam com vários a seu serviço, vantagem que não se deve desdenhar. Entretanto, o que mais torna nosso globo pouco confortável é a inclinação de seu eixo em relação à sua órbita. Essa é a causa da diferença entre os dias e as noites, bem como da diversidade incômoda das estações. Em nosso infeliz esferoide, sempre faz muito calor ou muito frio; gelamos no inverno, queimamos no verão; é o planeta dos resfriados, das corizas e das congestões de peito, ao passo que na superfície de Júpiter, por exemplo, onde o eixo é muito pouco inclinado em relação à órbita (apenas três graus e cinco minutos), os habitantes poderiam gozar de temperaturas invariáveis. Há a zona das primaveras, a zona dos verões, a zona dos outonos e a zona dos invernos perpétuos; cada jupiteriano escolheria o clima que lhe aprouvesse, pondo-se a vida inteira ao abrigo das variações de temperatura. Sem dúvida reconhecerão facilmente a superioridade de Júpiter em relação ao nosso planeta, sem falar de seus anos, que equivalem a doze dos nossos! Além disso, é evidente para mim que, sob esses auspícios e dentro dessas condições maravilhosas de existência, os habitantes daquele mundo afortunado são seres superiores, seus sábios são mais sábios, seus artistas, mais artistas, seus maus, menos maus e seus bons são melhores. Que falta ao nosso

esferoide para atingir essa perfeição? Pouca coisa: um eixo de rotação menos inclinado em relação à órbita.

– Pois bem – gritou uma voz impetuosa –, unamos nossos esforços, inventemos máquinas e endireitemos o eixo da Terra!

Um trovão de aplausos explodiu a essa proposta, cujo autor era – e não podia deixar de ser – J.-T. Maston. Provavelmente, o fogoso secretário havia sido levado por seus instintos de engenheiro a arriscar essa ousada sugestão. (Mas – temos de dizê-lo, pois é verdade – muitos o apoiaram com seus gritos e, sem dúvida, se contassem com o ponto de apoio reclamado por Arquimedes, os americanos teriam construído uma alavanca capaz de erguer o mundo e corrigir seu eixo. Mas ponto de apoio era o que faltava a esses temerários mecânicos.)

Não obstante, uma ideia tão "eminentemente prática" só podia lograr um êxito enorme; a discussão foi suspensa durante um bom quarto de hora e por muito, muito tempo se falou nos Estados Unidos da América sobre a proposta formulada tão energicamente pelo secretário perpétuo do Gun Club.

Convenção, está em inglês no original. (N.E.)

Cônsul romano enviado para negociar com Antíoco e evitar um ataque deste a Alexandria. Dizem que conseguiu o feito circulando Antíoco com seu cajado e exigindo uma resposta sobre o assunto antes de liberá-lo. (N.E.)

Ataque e réplica

Esse incidente parecia destinado a encerrar a discussão. Era “a palavra definitiva” e não se encontraria melhor. No entanto, quando a agitação se acalmou, ouviram-se estas palavras pronunciadas com voz forte e severa:

– Agora que o orador deu rédea solta à fantasia, quererá entrar de vez no assunto, tecer menos teorias e discutir a parte prática de sua expedição?

Todos os olhares se voltaram para o importuno que falava assim. Era um homem magro, seco, de aparência enérgica, com uma barba à americana que lhe escondia o queixo. Graças às agitações produzidas na assembleia, ele conseguira aos poucos chegar à primeira fila de espectadores. Ali, de braços cruzados, olhos brilhantes e atrevidos, fitava imperturbável o herói do encontro. Depois de formular sua pergunta, calou-se e não pareceu dar a mínima importância aos milhares de olhares que convergiam para ele nem ao murmúrio de desaprovação suscitado por suas palavras. A resposta tardava; o homem repetiu a pergunta no mesmo tom claro e preciso. Em seguida, acrescentou:

– Estamos aqui para nos ocupar da lua e não da Terra.

– Tem razão, senhor – respondeu Michel Ardan. – A discussão enveredou por outro caminho. Voltemos à lua.

– O senhor afirma – insistiu o desconhecido – que nosso satélite é habitado. Pois bem. Mas, se existem selenitas, essa gente decerto vive

sem respirar, uma vez que (e digo isso em seu interesse) não existe uma única molécula de ar na superfície da lua.

A essa declaração, Ardan sacudiu sua juba avermelhada; compreendeu que iria travar com aquele homem uma luta em torno do ponto crucial da questão. Olhou-o fixamente por seu turno e disse:

– Ah, não existe ar na lua? E quem afirma isso, por favor?

– Os sábios.

– Verdade?

– Verdade.

– Senhor – continuou Michel –, brincadeiras à parte, estimo profundamente os sábios que sabem, mas sinto um enorme desdém por sábios que não sabem.

– Conhece alguns que pertençam a esta última categoria?

– Conheço muito bem. Na França, um deles declara que, “matematicamente”, um pássaro não pode voar, e outro demonstra, com suas teorias, que o peixe não foi feito para viver dentro da água.

– Não se trata disso, senhor, e posso citar em apoio de minha proposição nomes que o amigo não desabonaria.

– Assim o senhor deixa muitíssimo embaraçado um pobre ignorante que só pede para ser instruído!

– Então por que aborda temas científicos que ignora? – perguntou grosseiramente o desconhecido.

– Por quê! Porque quem não conhece o perigo sempre se mostra corajoso. Eu não conheço nada, confesso-o, mas é justamente minha fraqueza que faz minha força.

– Sua fraqueza beira a loucura! – gritou o desconhecido, furioso.

– Tanto melhor! – replicou o francês. – Minha loucura me levará à lua!

Barbicane e seus colegas devoravam com o olhar aquele intruso que vinha, tão ousadamente, se meter no empreendimento. Ninguém o conhecia; e o presidente, pouco seguro quanto às consequências daquela discussão tão franca, observava seu novo amigo com certa apreensão. A assembleia estava alerta e visivelmente inquieta, pois aquela disputa tinha por resultado chamar atenção para os perigos ou mesmo para as reais impossibilidades da expedição.

– Senhor – prosseguiu o adversário de Michel Ardan –, são numerosas e indiscutíveis as razões que provam a ausência total de

atmosfera em torno da lua. *A priori,* eu diria mesmo que, se essa atmosfera já existiu, foi absorvida pela Terra. Mas prefiro apresentar fatos irrecusáveis.

– Apresente, senhor – convidou Michel Ardan com perfeita galanteria. – Apresente o que quiser!

– O senhor sabe – continuou o desconhecido – que, quando os raios luminosos atravessam um meio como o ar, são desviados da linha reta ou, em outras palavras, sofrem refração. Pois bem, quando as estrelas são veladas pela lua, jamais os raios que se projetam delas, roçando as bordas do disco lunar, revelam o menor desvio, não dando o mínimo indício de refração. Daí a consequência óbvia: a lua não é rodeada de uma atmosfera.

Todos olharam para o francês, pois, admitida a premissa, seguiam-se conclusões rigorosas.

– Com efeito – reconheceu Michel Ardan –, esse é seu melhor argumento, para não dizer o único, e um cientista se sentiria talvez embaraçado para responder. Quanto a mim, direi apenas que esse argumento não tem valor absoluto, já que supõe o diâmetro angular da lua perfeitamente determinado, o que não acontece. Mas ignoremos isso. Diga-me, meu caro senhor, se admite a existência de vulcões na superfície da lua.

– De vulcões extintos, sim; em atividade, não.

– Devo crer então, sem ultrapassar os limites da lógica, que esses vulcões estiveram em atividade durante certo período.

– Sem dúvida. Mas, como talvez eles mesmos fornecessem o oxigênio necessário à combustão, suas erupções não provam de maneira alguma a presença de atmosfera lunar.

– Adiante – replicou Michel Ardan. – Esqueçamos esse tipo de argumento para chegar às observações diretas. Mas previno-o de que vou citar nomes.

– Cite.

– Cito. Em 1715, os astrônomos Louville e Halley, observando o eclipse de 3 de maio, notaram certas incandescências de natureza bizarra. Esses clarões, rápidos e frequentemente renovados, foram atribuídos por eles a tempestades desencadeadas na atmosfera da lua.

– Em 1715 – replicou o desconhecido –, os astrônomos Louville e Halley tomaram por fenômenos lunares fenômenos puramente

terrestres, como aerólitos e outros, que se produzem em nossa atmosfera. É assim que os cientistas interpretam o fato e respondo com base no que eles dizem.

– Adiante, então – continuou Ardan, sem se perturbar com a resposta. – Herschell, em 1787, não observou vários pontos luminosos na superfície da lua?

– Sim. Mas, sem explicar a origem desses pontos, o próprio Herschell não concluiu que sua aparição provava a existência de uma atmosfera da lua.

– Boa resposta – disse Michel Ardan, cumprimentando seu adversário. – Vejo que é bastante versado em selenografia.

– Bastante, senhor. E acrescentarei que os mais hábeis observadores, aqueles que melhor estudaram o astro das noites, Beer e Moelder, estão de acordo em que não existe nenhum ar em sua superfície.

Notou-se um movimento na assistência, que pareceu tocada pelos argumentos daquele personagem singular.

– Mais uma vez, deixemos isso de lado – respondeu Michel Ardan com muita calma. – Tratemos agora de um fato importante. Um arguto astrônomo francês, Laussedat, observando o eclipse de 18 de julho de 1860, constatou que as pontas do crescente solar estavam arredondadas e truncadas. Ora, esse fenômeno só podia ter sido produzido pelo desvio dos raios solares através da atmosfera da lua! Não há outra explicação possível.

– Mas isso aconteceu mesmo? – atalhou vivamente o desconhecido.

– Sem nenhuma dúvida!

Um movimento inverso reaproximou a assembleia de seu herói favorito, cujo adversário não abriu a boca. Ardan retomou a palavra e, sem se gabar de sua última vantagem, disse simplesmente:

– Já vê o senhor que não podemos nos pronunciar de maneira absoluta contra a possibilidade de uma atmosfera na superfície da lua. Essa atmosfera é, provavelmente, pouco densa, muito sutil; mas, de modo geral, hoje a ciência admite sua existência.

– Não nas montanhas, queira me desculpar – replicou o desconhecido, que não queria dar o braço a torcer.

– Mas nos vales, sim, embora não ultrapasse algumas centenas de metros.

– Em todo caso, o senhor andaria bem se tomasse algumas precauções, pois essa atmosfera deve ser terrivelmente rarefeita.

– Oh, meu amigo, sempre haverá o bastante para uma pessoa só! Além disso, uma vez lá em cima, procurarei economizá-la ao máximo, só respirando nas grandes ocasiões!

Uma formidável explosão de riso sacudiu as orelhas do misterioso interlocutor, que passeou o olhar pela assembleia, desafiando-a com altivez.

– Então – volveu Michel Ardan, tranquilo –, já que estamos de acordo quanto à presença de certa quantidade de atmosfera, somos forçados a admitir a presença de certa quantidade de água. É uma consequência que me deixa muito satisfeito. Mas, meu caro contraditor, permita-me fazer outra observação. Só conhecemos uma das duas faces da lua e, se há pouco ar naquela que está voltada para nós, talvez haja muito naquela que não vemos.

– E por quê?

– Porque a lua, atraída pela Terra, tomou a forma de um ovo do qual só avistamos a extremidade menor. Assim, pelos cálculos de Hansen, seu centro de gravidade se situa no outro hemisfério. Daí a conclusão de que todas as massas de ar e água devem ter sido arrastadas para a face oculta de nosso satélite nos primeiros dias de sua criação.

– Fantasias! – zombou o desconhecido.

– Não, teorias válidas, apoiadas pelas leis da mecânica e difíceis de refutar. Apelo, pois, a essa assembleia e ponho em votação o problema de saber se a vida, tal qual existe na Terra, é possível na superfície da lua.

Trezentos mil ouvintes aplaudiram ao mesmo tempo a proposta. O adversário de Michel Ardan ainda quis falar, mas já ninguém o ouvia. Gritos e ameaças desabavam sobre ele como granizo.

– Chega! Chega! – gritavam uns.

– Expulsem esse intruso! – rugiam outros.

– Fora! Fora! – bradava a multidão, irritada.

Mas ele, firme e agarrado ao palanque, não se movia, esperando passar a tormenta – que teria tomado proporções formidáveis se Michel Ardan não a apaziguasse com um gesto. Era cavalheiresco demais para abandonar seu contraditor em semelhante situação.

– Quer dizer mais algumas palavras? – perguntou-lhe num tom amistoso.

– Sim, cem mil! – retrucou o desconhecido, exaltado. – Ou melhor, uma só! Se vai mesmo tentar essa aventura, então o senhor deve ser...

– Imprudente! Como pode dizer isso de mim, que pedi um projétil cilíndrico-cônico ao meu amigo Barbicane para não ficar girando como um esquilo?

– Mas, desgraçado, o abalo inicial do tiro o fará em pedaços!

– Meu caro contraditor, acaba de pôr o dedo na única e verdadeira dificuldade. No entanto, como tenho em grande conta o gênio industrial dos americanos, acredito que vão resolvê-la.

– E quanto ao calor provocado pela velocidade do projétil atravessando as camadas de ar?

– Oh, suas paredes são espessas e logo sairei da atmosfera!

– E os víveres? A água?

– Segundo meus cálculos, poderei levá-los para um ano, e minha travessia durará quatro dias.

– E o ar para respirar durante o trajeto?

– Recorrerei a processos químicos.

– E a queda na lua, se chegar lá?

– Será seis vezes mais lenta que na Terra, pois o peso é seis vezes menor na face da lua.

– Mas, ainda assim, bastará para espatifá-lo como vidro.

– Quem me impedirá de retardar a queda por meio de foguetes convenientemente dispostos e acesos na hora certa?

– Mas, enfim, supondo que todas as dificuldades sejam superadas, que todos os obstáculos sejam removidos, que todas as chances o favoreçam, que chegue são e salvo à lua... como voltará?

– Não voltarei.

A essa resposta, que beirava o sublime pela singeleza, a assembleia emudeceu. Mas seu silêncio foi mais eloquente do que teriam sido seus gritos de entusiasmo. O intruso se aproveitou disso para protestar uma última vez.

– O senhor se matará – bradou ele –, e sua morte será apenas a morte de um insensato, sem proveito algum para a ciência!

– Continue, generoso desconhecido, pois suas profecias são verdadeiramente muito agradáveis!

– Ah, é demais! – gritou o adversário de Michel Ardan. – Nem sei por que continuo uma discussão tão pouco séria! Vá em frente, como quiser, com essa louca aventura! A culpa não é sua!

– Ora, não faça cerimônia, por favor!

– Não, é a outro que cabe a responsabilidade de seus atos!

– E pode me dizer a quem? – perguntou Michel Ardan em tom imperioso.

– Ao ignorante que organizou essa tentativa ao mesmo tempo impossível e ridícula!

A acusação era direta. Barbicane, desde a intervenção do desconhecido, fazia violentos esforços para se conter e "queimar sua própria fumaça", como certas fornalhas de caldeiras; mas, diante do ultraje, levantou-se de um pulo e ia avançar contra o adversário que o ofendia quando se viu de repente isolado dele.

O palanque foi imediatamente levantado por cem braços vigorosos, e o presidente do Gun Club teve de partilhar com Michel Ardan as honras do triunfo. O peso era grande, mas os carregadores se revezavam o tempo todo, e cada qual se adiantava, lutava, combatia para prestar àquela manifestação o apoio de seus ombros.

Todavia, o desconhecido não se aproveitou do tumulto para escapar. Poderia, aliás, fazer isso no meio daquela multidão compacta? Não, decerto. Seja como for, mantinha-se na primeira fila, de braços cruzados, e devorava com o olhar o presidente Barbicane.

Este, por sua vez, não o perdia de vista, e os olhares dos dois homens se cruzavam como espadas dardejantes.

Os gritos da imensa multidão permaneciam no máximo de intensidade durante a marcha triunfal. Michel Ardan se deixava ir com um prazer indisfarçável. Seu rosto brilhava. De vez em quando, o estrado se sacudia como um navio batido pelas ondas. Mas os dois heróis do encontro tinham pés de marinheiro e não vacilavam, de modo que o barco chegou sem avarias ao porto de Tampa-Town. Michel Ardan conseguiu, aliviado, furtar-se aos últimos abraços de seus vigorosos admiradores e fugiu para o Hotel Franklin. Ali, correu para o quarto e meteu-se rapidamente na cama, enquanto um exército de cem mil homens velava sob suas janelas.

Durante esse tempo, uma cena curta, grave e decisiva ocorria entre o homem misterioso e o presidente do Gun Club.

Barbicane, finalmente livre, fora direto a seu adversário.

– Venha! – disse apenas. O outro o seguiu pelo cais e logo os dois se encontravam à entrada de um embarcadouro que dava para a Jone's-Fall.

Ali, os dois inimigos, que ainda não se conheciam, ficaram frente a frente.

– Quem é o senhor? – perguntou Barbicane.

– O capitão Nicholl.

– Era o que eu suspeitava. Até hoje, nossos caminhos nunca haviam se cruzado.

– Pois agora se cruzam.

– O senhor me insultou!

– Publicamente.

– E vai me dar satisfação desse insulto.

– Imediatamente.

– Não. Quero que tudo seja muito discreto. Há um bosque situado a uns cinco quilômetros de Tampa, o bosque de Skersnaw. Conhece o lugar?

– Conheço.

– Concorda em entrar lá por um dos lados, amanhã de manhã às cinco horas?

– Sim, se às cinco horas o senhor entrar pelo outro.

– E não vai esquecer seu fuzil? – continuou Barbicane.

– Tanto quanto o senhor não vai esquecer o seu.

Após essas palavras friamente pronunciadas, o presidente do Gun Club e o capitão se separaram. Barbicane voltou para casa, mas, em vez de gozar algumas horas de sono, passou a noite estudando os meios de evitar a repercussão do tiro dentro do projétil e resolver esse difícil problema colocado por Michel Ardan na discussão do encontro.

Como um francês resolve questões de honra

Enquanto o presidente e o capitão discutiam os termos do duelo, duelo terrível e selvagem no qual os adversários se tornariam caçadores de homens, Michel Ardan repousava das fadigas do triunfo. Repousar não é, evidentemente, a palavra correta, pois as camas americanas rivalizam em dureza com as mesas de mármore ou granito.

Ardan, portanto, dormia muito mal, virando e revirando entre os pedaços de pano que lhe serviam de lençóis, e sonhava com uma cama mais confortável dentro do projétil, quando um estrondo o arrancou de seu torpor. Golpes estabanados sacudiam a porta. Pareciam vibrados com um instrumento de ferro. Gritos estridentes se misturavam àquela barulheira pouco matinal.

– Abra! – berrava uma voz. – Abra em nome de Deus!

Ardan não tinha nenhuma vontade de atender a uma solicitação tão veemente. Mas ainda assim se levantou e abriu a porta, no momento em que ela ia ceder aos esforços do visitante obstinado. O secretário do Gun Club irrompeu no quarto. Uma bomba não entraria ali com menos cerimônia do que ele.

– Ontem à noite – disparou J.-T. Maston *ex abrupto* –, nosso presidente foi insultado em público durante o encontro. Desafiou seu adversário, que não é outro senão o capitão Nicholl! Vão se bater esta manhã no bosque de Skersnaw! Eu soube de tudo pelo próprio

Barbicane. Se ele for morto, daremos adeus aos nossos projetos! É preciso então impedir o duelo, e só um homem no mundo tem influência suficiente sobre Barbicane para detê-lo: esse homem é Michel Ardan!

Enquanto J.-T. Maston falava, Michel Ardan, renunciando a interrompê-lo, meteu-se em sua calça larga, e menos de dois minutos depois os dois amigos se dirigiam a passo acelerado para os subúrbios de Tampa-Town.

Foi durante essa corrida desenfreada que Maston pôs Ardan ao corrente da situação. Revelou-lhe as verdadeiras causas da inimizade de Barbicane e Nicholl, inimizade de longa data, e por que até então, graças a amigos comuns, o presidente e o capitão nunca se haviam encontrado. Acrescentou que se tratava unicamente de uma desavença de placa e projétil, com a cena do encontro servindo apenas de pretexto há longo tempo buscado para Nicholl satisfazer velhos rancores.

Nada mais terrível que esses duelos típicos da América, durante os quais os dois adversários se buscam no meio do mato, se espreitam por entre os troncos e atiram escondidos atrás das moitas como se caçassem animais selvagens. É então que devem invejar as maravilhosas qualidades dos índios das pradarias, sua inteligência rápida, suas artimanhas, sua capacidade de detectar rastos e farejar o inimigo. Um erro, uma hesitação, um passo em falso podem significar a morte. Nesses duelos, os ianques costumam frequentemente usar seus cães e, ao mesmo tempo caçadores e caça, perseguem-se durante horas e horas.

– Que diabo de gente são vocês? – estranhou Michel Ardan depois que seu companheiro lhe descreveu, com bastante entusiasmo, toda essa encenação.

– É o nosso jeito – respondeu J.-T. Maston, modestamente. – Mas apressemo-nos!

Porém, embora disparassem pela pradaria ainda úmida de orvalho, atravessando arrozais, saltando riachos e tomando o caminho mais curto, não conseguiram chegar antes das cinco e meia ao bosque de Skersnaw. Barbicane já devia ter cruzado sua orla havia pelo menos meia hora.

Estava por ali um velho lenhador que rachava lenha, e Maston

correu para ele, gritando:

– Viu entrar no bosque um homem armado de fuzil, Barbicane, o presidente... meu melhor amigo?

O digno secretário do Gun Club pensava, ingenuamente, que o mundo inteiro conhecia Barbicane. Mas o velho não deu mostras de tê-lo entendido.

– Um caçador – disse então Ardan.

– Um caçador? Ah, sim – respondeu o velho.

– Há muito tempo?

– Há mais ou menos uma hora.

– Tarde demais! – gemeu Maston.

– E ouviu tiros de fuzil? – perguntou Michel Ardan.

– Não.

– Nem um sequer?

– Nem um sequer. Aquele caçador não deve ter encontrado caça!

– Que vamos fazer? – perguntou Maston.

– Entrar no bosque, com risco de levar um balaço que não é para nós.

– Ah – suspirou Maston num tom inconfundível –, eu preferia dez balas em minha cabeça que uma só na cabeça de Barbicane!

– Então vamos! – urgiu Ardan, pegando a mão de seu companheiro.

Segundos depois, os dois amigos desapareciam na mata espessa, formada por ciprestes gigantes, sicômoros, tulipeiros, oliveiras, carvalhos e magnólias. Essas árvores diversas emaranhavam seus galhos numa teia inextricável, sem permitir que se visse muito longe. Michel Ardan e Maston caminhavam lado a lado, deslizando silenciosamente por entre a erva alta, afastando as trepadeiras vigorosas, interrogando com o olhar as moitas e ramagens perdidas na sombra espessa da folhagem e esperando, a cada passo, ouvir a aterradora detonação dos fuzis. Quanto aos rastos que Barbicane pudesse ter deixado à sua passagem, não conseguiram detectá-los e prosseguiram às cegas por aquelas sendas quase virgens, nas quais um índio reconheceria com facilidade as pegadas de seu adversário.

Após uma hora de buscas inúteis, os dois companheiros pararam. Sua inquietação havia redobrado.

– Acho que acabou – disse Maston, em tom de desânimo. – Um homem como Barbicane não usa de astúcia com seu inimigo, não arma

ciladas nem recorre a manobras! É muito franco, muito corajoso. Avançou direto para o perigo, sem dúvida longe demais do lenhador, e o vento impediu que este ouvisse a detonação da arma de fogo.

– Mas nós, nós... – balbuciou Michel Ardan – quando entramos no bosque, teríamos ouvido!

– E se chegamos tarde? – gritou Maston, em desespero.

Michel Ardan não soube o que responder. Retomaram a marcha interrompida. De tempos em tempos, gritavam alto, chamando Barbicane ou Nicholl, mas nenhum dos dois respondia. Bandos alegres de pássaros, despertados pelo barulho, desapareciam entre os ramos, e alguns gamos, enfurecidos, fugiam precipitadamente por entre o mato.

A busca se prolongou ainda por mais uma hora. A maior parte do bosque tinha sido percorrida e nada denunciava a presença dos duelistas. Começavam a duvidar da palavra do lenhador, e Ardan ia desistir daquela exploração inútil quando, de repente, Maston se deteve.

– Silêncio! – disse ele. – Há alguém ali!

– Alguém? – perguntou Michel Ardan.

– Sim, um homem! Parece imóvel. Não empunha seu fuzil. Que estará fazendo?

– Consegue reconhecê-lo? – indagou Michel Ardan, cuja vista fraca lhe servia muito mal em tais circunstâncias.

– Sim, sim! Está se virando...

– E é...

– O capitão Nicholl!

– Nicholl! – gritou Michel Ardan, sentindo um forte aperto no coração.

Nicholl desarmado! Pois então não temia seu adversário?

– Vamos até ele – disse o francês. – E saberemos o que se passa.

Porém, não haviam dado cinquenta passos quando pararam para examinar mais atentamente o capitão. Imaginavam se deparar com um homem sedento de sangue e todo entregue à sua vingança – e, ao vê-lo, ficaram estupefatos.

Uma teia de malhas cerradas se estendia entre dois tulipeiros gigantescos e, no meio dela, uma avezinha presa pelas asas se debatia, lançando gritos lastimosos. O passarinheiro que havia disposto a teia inextricável não era um ser humano, mas uma aranha venenosa, típica

da região, grande como um ovo de pomba e provida de patas enormes. O terrível animal, no momento de se precipitar sobre a presa, tivera de fugir e buscar abrigo nos galhos altos do tulipeiro, pois um inimigo temível viera ameaçá-la por seu turno.

Com efeito, o capitão Nicholl, deixando o fuzil por terra e esquecendo os perigos de sua situação, ocupava-se em libertar, o mais delicadamente possível, a vítima apanhada na rede da monstruosa aranha. Quando terminou, soltou a avezinha, que bateu as asas alegremente e desapareceu.

Nicholl, enternecido, observava-a revoando por entre os ramos quando ouviu estas palavras pronunciadas com voz comovida:

– É um homem valente!

Voltou-se. Michel Ardan estava diante dele, repetindo em todas as entonações:

– E um homem bom!

– Michel Ardan! – exclamou o capitão. – Que veio fazer aqui, senhor?

– Apertar-lhe a mão, Nicholl, e impedi-lo de matar Barbicane ou de ser morto por ele.

– Barbicane! – retrucou o capitão. – Procuro-o há duas horas e não o encontro! Onde se escondeu?

– Nicholl – repreendeu Michel Ardan –, isso não é nada bonito! Devemos sempre respeitar nosso adversário. Fique tranquilo, se Barbicane estiver vivo, nós o acharemos e tanto mais facilmente quanto, caso não se ocupe como o senhor de libertar passarinhos capturados, também ele deve andar à sua procura. Mas, quando o acharmos, e é Michel Ardan quem o diz, não haverá mais duelo.

– Entre mim e o presidente Barbicane – respondeu gravemente Nicholl –, a rivalidade é tal que só a morte de um de nós...

– Ora, vamos! – prosseguiu Michel Ardan. – Homens valentes como os senhores podem se detestar, mas também se estimam. Não duelarão.

– Eu duelarei, senhor!

– Não.

– Capitão – interveio J.-T. Maston, emocionado –, sou amigo do presidente, seu *alter ego*, um outro ele. Se quer mesmo matar alguém, atire em mim, será exatamente a mesma coisa.

– Senhor – replicou Nicholl, apertando convulsivamente o fuzil –, essas zombarias...

– O amigo Maston não está zombando – disse Michel Ardan – e compreendo bem sua ideia de morrer pelo homem de quem tanto gosta. Mas nem ele nem Barbicane tombarão sob as balas do capitão Nicholl, pois quero apresentar aos dois rivais uma proposta tão sedutora que não deixarão de aceitá-la.

– E qual é? – perguntou Nicholl, com visível incredulidade.

– Paciência – recomendou Ardan. – Só poderei comunicá-la em presença de Barbicane.

– Pois então vamos atrás dele – disse o capitão.

Os três homens logo se puseram a caminho. O capitão, após desarmar o fuzil, colocou-o ao ombro e caminhou a passo rápido, sem dizer palavra.

Durante meia hora, procuraram em vão. Maston se sentia tomado por um sinistro pressentimento. Observava Nicholl com desconfiança, temendo que, satisfeita a vingança do capitão, o infeliz Barbicane, ferido por uma bala, estivesse sem vida em alguma moita ensanguentada. Michel Ardan parecia pensar o mesmo, e ambos já interrogavam Nicholl com o olhar quando Maston estacou de súbito.

O busto imóvel de um homem encostado ao tronco de uma gigantesca catalpa aparecia a vinte passos de distância, meio oculto pela ramagem.

– É ele! – exclamou Maston.

Barbicane não se mexia. Ardan mirou fixamente os olhos do capitão, que não esboçou nenhum movimento. O francês, adiantando-se, chamou:

– Barbicane! Barbicane!

Nenhuma resposta. Ardan se precipitou para o amigo, mas, no momento em que ia tomá-lo pelo braço, deteve-se com um grito de surpresa.

Barbicane, de lápis na mão, rabiscava fórmulas e figuras geométricas num caderno, enquanto seu fuzil desarmado jazia por terra.

Absorvido nesse trabalho, o cientista, esquecendo ao mesmo tempo o duelo e a vingança, não tinha visto nada, não tinha ouvido nada.

Mas, quando Michel Ardan pousou a mão sobre a sua, voltou-se e

olhou-o, espantado.

– Ah! – exclamou enfim. – É você! Aqui! Achei, meu amigo! Achei!

– Achou o quê?

– O meio!

– Que meio?

– O meio de anular o efeito do choque na partida do projétil. Água! A água pura servirá de amortecedor! Ah, Maston, o senhor também!

– Ele também – repetiu Michel Ardan. – E permita-me apresentar-lhe igualmente o digno capitão Nicholl.

– Nicholl! – exclamou Barbicane, pondo-se imediatamente de pé. – Queira me desculpar, capitão... Eu me esqueci... Mas estou pronto...

Michel Ardan interveio para não permitir que os dois inimigos tivessem tempo de se interpelar.

– Por Deus! – disse ele. – Felizmente, homens corajosos assim não se encontraram mais cedo! Agora, estaríamos chorando um ou outro. Mas graças aos céus, que interferiram, já não há nada a temer. Quando se esquece a raiva para mergulhar em problemas de mecânica ou desfazer teias de aranha, é que essa raiva não traz perigo a ninguém.

E Michel Ardan contou ao presidente a história do capitão.

– Pergunto – concluiu ele – se dois homens bondosos como os senhores foram feitos para arrebentar a cabeça de seu adversário a tiros de carabina.

Havia naquela situação, um pouco ridícula, algo de tão inesperado que Barbicane e Nicholl não sabiam muito bem como se portar em face um do outro. Michel Ardan percebeu isso e resolveu promover a reconciliação entre eles.

– Meus bravos amigos – prosseguiu ele, pondo nos lábios seu melhor sorriso –, o que houve foi apenas um mal-entendido. Nada mais. Pois bem, a fim de provar que tudo terminou, e uma vez que são pessoas prontas a arriscar a pele, aceitem de boa vontade a proposta que vou fazer a vocês.

– Fale – disse Nicholl.

– O amigo Barbicane acredita que seu projétil irá direto para a lua.

– Sem dúvida – replicou o presidente.

– E o amigo Nicholl está persuadido de que ele cairá na Terra.

– Tenho certeza – rosnou o capitão.

– Bem! – prosseguiu Michel Ardan. – Longe de mim a pretensão de reconciliá-los, mas faço-lhes um convite: embarquem comigo e vamos ver se concluímos a viagem.

– Hein?! – espantou-se J.-T. Maston.

Os dois rivais, a essa proposta repentina, entreolharam-se. Observavam-se atentamente. Barbicane esperava a resposta do capitão; Nicholl aguardava as palavras do presidente.

– Então, qual a resposta – perguntou Michel com seu tom mais envolvente –, já que não há mais nada a temer?

– Aceito – disse Barbicane.

Mas, por mais rápido que tenha sido ao pronunciar essa palavra, Nicholl não lhe ficou atrás.

– Hurra! Bravo! Viva! Hip, hip, hip! – gritou Michel Ardan, estendendo a mão aos dois adversários. – E agora que o assunto está resolvido, meus amigos, permitam-me tratá-los à francesa. Vamos comer.

O novo cidadão dos Estados Unidos

Nesse dia, a América inteira ficou sabendo ao mesmo tempo do caso do capitão Nicholl e do presidente Barbicane, bem como de seu singular desfecho. O papel desempenhado nesse encontro pelo cavalheiresco europeu, sua proposta inesperada para superar a dificuldade, a concordância simultânea dos dois rivais, a conquista do continente lunar a ser empreendida de comum acordo pela França e pelos Estados Unidos, tudo se juntava para aumentar ainda mais a popularidade de Michel Ardan.

Sabe-se com que frenesi os ianques se apaixonam por um indivíduo. Em um país em que magistrados graves se atrelam à carruagem de uma dançarina e a puxam triunfalmente, julgue-se o amor desencadeado pelo audacioso francês! Se não desatrelaram seus cavalos, é porque sem dúvida ele não os tinha; mas todas as outras mostras de entusiasmo lhe foram prodigalizadas. Nenhum americano deixou de se unir ao francês de mente e coração! *E pluribus unum*, “De vários, um só”, reza a divisa dos Estados Unidos.

Depois desse dia, Michel Ardan não teve mais um minuto de sossego. Delegações vindas de todos os cantos da União o atormentavam sem dó nem piedade, e ele tinha de recebê-las quer quisesse, quer não. Quantas mãos apertou! Quantas pessoas precisou tratar com familiaridade! Logo, estava exausto; sua voz, enrouquecida por incontáveis discursos, só escapava de seus lábios em grunhidos

ininteligíveis, e ele quase ganhou uma gastrenterite após tantos brindes a todos os condados da União. Esse sucesso teria subido à cabeça de qualquer outro no primeiro dia, mas ele soube resistir, ostentando uma semiembriaguez espiritual e encantadora.

Entre as delegações de todo tipo que o atormentavam, a dos "lunáticos" reconhecia sua dívida para com o futuro conquistador da lua. Um dia, alguns desses pobres-diabos, tão numerosos na América, procuraram-no e pediram para voltar com ele a seu país natal. Uns se diziam mesmo proficientes na língua "selenita" e queriam ensiná-la a Michel Ardan. Este se prestou de bom grado à sua inocente loucura e concordou em levar recados para os amigos deles na lua.

– Estranho delírio! – disse a Barbicane depois de dispensá-los. – E delírio que frequentemente se apossa das grandes inteligências. Um de nossos mais ilustres cientistas, Arago, me disse que muitas pessoas cultas e comedidas em suas concepções se deixam levar a uma incontida exaltação, a incríveis singularidades, todas as vezes que falam da lua. Acredita na influência de nosso satélite sobre as doenças?

– Não muito – respondeu o presidente do Gun Club.

– Eu também não acredito e, no entanto, a história registra fatos no mínimo intrigantes. Por exemplo, em 1693, durante uma epidemia, morreram mais pessoas no dia 21 de janeiro, no momento de um eclipse. O célebre Bacon desmaiava quando havia eclipses da lua e só voltava a si depois que o astro ressurgia inteiramente. O rei Carlos VI mergulhou seis vezes na demência em 1399, por ocasião tanto da lua nova quanto da lua cheia. Alguns médicos incluíram a epilepsia entre as doenças que acompanham as fases lunares. As moléstias nervosas parecem sofrer frequentemente a influência da lua. Mead cita uma criança que tinha convulsões quando a lua entrava em oposição. Gall notou que a exaltação das pessoas fracas aumentava duas vezes por mês, quando da lua nova e da lua cheia. Enfim, mil observações desse tipo sobre as vertigens, as febres malsãs e os sonambulismos tendem a provar que o astro das noites exerce uma misteriosa influência sobre as doenças terrestres.

– Mas como? Por quê? – perguntou Barbicane.

– Por Deus, vou lhe dar a resposta que Arago repetiu dezenove séculos depois de Plutarco: "Porque, sem dúvida, não é verdade".

No auge de seu triunfo, Michel Ardan não conseguiu escapar aos aborrecimentos inerentes à condição de homem famoso. Os empresários de sucesso queriam exibi-lo. Barnum[38] lhe ofereceu um milhão para levá-lo de cidade em cidade, cruzando todo o território dos Estados Unidos, e mostrá-lo como um animal exótico. Michel Ardan chamou-o de cornaca e mandou-o passear.

Mas, se não quis satisfazer assim à curiosidade pública, seus retratos, pelo menos, correram o mundo inteiro e ocuparam o lugar de honra nos álbuns; fizeram-no de todos os tamanhos, desde o natural até as reduções microscópicas dos selos de correio. Cada qual podia possuir seu herói nas poses mais variadas: de cabeça, de busto, de pé, de frente, de perfil, em três quartos, de costas. Imprimiram-se cerca de um milhão e meio de exemplares, e era uma boa hora para comercializar relíquias, mas ele não quis aproveitar a oportunidade. Se vendesse fios de cabelo a um dólar por unidade, faria fortuna!

Essa popularidade, entretanto, não lhe desagradava. Ao contrário. Michel Ardan punha-se à disposição do público e se correspondia com o mundo todo. Suas pilhérias eram repetidas, propagadas, principalmente as que não dissera. Mas, como de hábito, lhe eram atribuídas porque ele era fértil nessa arte.

Não fascinava apenas os homens, mas também as mulheres. Quantos “bons casamentos” não teria feito caso lhe ocorresse a fantasia de “acomodar-se”! Sobretudo as senhoras idosas, as que, com mais de quarenta anos, iam mirrando, sonhavam dia e noite diante de suas fotografias.

É certo que acharia companheiras às centenas, mesmo que lhes impusesse a condição de ir com ele para o espaço. As mulheres são corajosas quando não têm medo de tudo. Mas a intenção de Michel não era constituir família no continente lunar, levando para lá uma raça cruzada de franceses e americanos. Portanto, recusou a oferta.

– Ir desempenhar lá em cima o papel de Adão com uma filha de Eva! – dizia. – Não, obrigado. Poderia encontrar serpentes...

Desde que conseguiu, por fim, se furtar às alegrias já maçantes do triunfo, foi com os amigos visitar a Columbiad. Devia-lhe isso. Além do mais, aprendera muito sobre balística no convívio com Barbicane, J.-T. Maston e *tutti quanti.* Seu maior prazer consistia em repetir àqueles bravos artilheiros que eles não passavam de assassinos

amáveis e sábios. A esse respeito, suas zombarias não tinham fim. No dia em que visitou a Columbiad, admirou-a muito e desceu até o fundo da alma do gigantesco morteiro, que logo o atiraria em direção ao astro das noites.

– Pelo menos – ponderou ele –, este canhão não fará mal a ninguém, o que é estranho para um canhão. Mas, quanto a seus engenhos que destroem, incendeiam, arrebentam e matam, não me falem deles e, principalmente, não me venham dizer que têm uma "alma", pois não acredito nisso!

Convém agora relatar uma proposta de J.-T. Maston. Quando o secretário do Gun Club ouviu que Barbicane e Nicholl aceitavam a sugestão de Michel Ardan, quis se juntar a eles e formar uma "parceria de quatro". Assim, pediu para fazer também a viagem. Barbicane, desolado por ter de recusar, tentou convencê-lo de que o projétil não comportaria tamanho número de passageiros. J. T.-Maston, desesperado, procurou Michel Ardan, que o aconselhou a se resignar e apresentou argumentos *ad hominem*.

– Não me leve a mal, caro Maston – disse ele. – Mas, cá entre nós, você é demasiado incompleto para se apresentar na lua!

– Incompleto! – bradou o corajoso inválido.

– Sim, meu valente amigo! E se encontrarmos habitantes por lá? Você desejaria lhes dar uma ideia tão triste do que acontece cá embaixo, revelar-lhes o que é a guerra, mostrar-lhes que empregamos o melhor de nosso tempo em devorar, comer, quebrar braços e pernas uns aos outros, e tudo isso num globo que poderia conter cem bilhões de habitantes, mas só abriga um bilhão e duzentos? Ora vamos, digno amigo, eles nos poriam para fora!

– Mas, se chegarem aos pedaços, serão tão incompletos quanto eu!

– Sem dúvida – respondeu Michel Ardan. – Mas nós chegaremos inteiros.

Com efeito, uma experiência preparatória, tentada em 18 de outubro, havia dado os melhores resultados e alimentou as mais legítimas esperanças. Barbicane, para avaliar o efeito do abalo no momento da partida do projétil, mandou vir um canhão de 0,75 centímetro do arsenal de Pensacola. Instalaram-no perto da praia da enseada de Hillisboro, para que a bomba caísse no mar e sua queda fosse amortecida. Tratava-se de calcular o abalo na partida e não o

choque na chegada. Para essa experiência, preparou-se com o maior cuidado um projétil oco. Um acolchoado espesso, posto sobre uma série de molas feitas com o melhor aço, duplicava suas paredes internas. Era um autêntico ninho, carinhosamente almofadado.

– Que pena eu não poder entrar aí! – lamentou J.-T. Maston, ciente de que seu corpanzil não lhe permitiria tentar a aventura.

Nessa bomba encantadora, fechada com tampa de rosca, introduziram primeiro um gato gordo e depois um esquilo pertencente ao secretário perpétuo do Gun Club, de quem ele gostava muito. É que precisavam saber como o animalzinho, pouco sujeito à vertigem, suportaria essa viagem experimental.

O canhão foi carregado com setenta quilos de pólvora. Colocou-se a bomba e fez-se o disparo.

O projétil subiu com rapidez, descreveu majestosamente sua parábola, alcançou uma altura de mais ou menos trezentos metros e, numa curva graciosa, foi cair no meio das ondas.

Sem perda de um instante, um barco se aproximou do local da queda; mergulhadores hábeis se atiraram à água e amarraram cordas às aletas da bomba, que foi logo içada para bordo. Nem cinco minutos haviam decorrido entre o momento em que os animais haviam sido colocados no projétil e aquele em que se abriu a tampa de sua prisão.

Ardan, Barbicane, Maston e Nicholl estavam no barco e assistiram à operação com um interesse fácil de entender. Mal a bomba foi aberta, o gato se lançou para fora, um pouco contundido, é verdade, mas cheio de vida e sem aparentar ter chegado de uma expedição aérea.

Mas, quanto ao esquilo... nada. Procuraram-no. Nenhum sinal. Foi preciso então reconhecer: o gato havia comido seu companheiro de viagem.

J.-T. Maston ficou muito triste com a perda de seu pobre esquilo e propôs inscrevê-lo no martirológio da ciência.

Seja como for, após essa experiência, medos e hesitações desapareceram; de resto, os planos de Barbicane deveriam ainda aperfeiçoar o projétil e anular quase por completo os efeitos do abalo. Só restaria então partir.

Dois dias depois, Michel Ardan recebeu uma mensagem do presidente da União, honra a que se mostrou particularmente sensível.

Como fizera a seu cavalheiresco compatriota, o marquês de La

Fayette, o governo lhe concedeu o título de cidadão dos Estados Unidos da América.

Fundador do que se tornou o mais famoso circo dos Estados Unidos, os Ringling Bros. (N.O.)

O vagão-projétil

Pronta a célebre Columbiad, o interesse público se voltou imediatamente para o projétil, esse novo veículo destinado a transportar pelo espaço os três ousados aventureiros. Ninguém se esquecera de que, conforme seu telegrama de 30 de setembro, Michel Ardan havia pedido alterações no projeto elaborado pelos membros do comitê.

O presidente Barbicane pensava então, e estava certo, que a forma do projétil importava pouco, pois, uma vez atravessada a atmosfera em alguns segundos, seu percurso se realizaria no vácuo absoluto. Por isso, o comitê adotara a forma redonda para que a bala girasse sobre si mesma e se comportasse de acordo com sua fantasia. Entretanto, como agora se transformaria em veículo, a história era outra. Michel Ardan não queria viajar à maneira dos esquilos, mas de cabeça para cima, pés para baixo, cheio de dignidade como se estivesse na barquinha de um balão, sem dúvida mais depressa, mas sem se submeter a uma sequência de cabriolas pouco respeitáveis.

Novos projetos foram então enviados à empresa Breadwill & Co., de Albany, com a recomendação de executá-los sem demora. O projétil, assim modificado, foi fundido em 2 de novembro e despachado imediatamente para a Colina das Pedras pela ferrovia do Leste. No dia 10, chegou sem acidentes a seu destino. Michel Ardan, Barbicane e Nicholl aguardavam com a mais viva impaciência aquele “vagão-projétil” no qual embarcariam para descobrir um mundo novo.

Convenhamos: era uma magnífica peça de metal, um produto metalúrgico que fazia a mais alta honra ao gênio industrial dos americanos. Obtivera-se pela primeira vez alumínio em quantidade tão considerável, o que podia ser visto, justificadamente, como um resultado prodigioso. O precioso engenho cintilava aos raios do sol. Quem o visse com suas formas imponentes, coberto por seu chapéu cônico, sem dúvida o tomaria por uma daquelas robustas torres em forma de pimenteiro que os arquitetos da Idade Média erguiam nos cantos das fortalezas. Só lhe faltavam as seteiras e o cata-vento.

– Parece até – brincou Michel Ardan – que vai sair dali um guerreiro de arcabuz e couraça. Estaremos lá dentro como senhores feudais, e, se dispuséssemos de um pouco de artilharia, poderíamos enfrentar todos os exércitos selenitas, se é que existem!

– Então o veículo lhe agrada? – perguntou Barbicane ao amigo.

– Sim, sem dúvida! – respondeu Michel Ardan, que o examinava com olhos de artista. – Só lamento que suas formas não sejam um pouco mais afiladas, seu cone mais gracioso... Deveria ser encimado por um enfeite de metal trabalhado, representando, por exemplo, uma quimera, uma gárgula ou uma salamandra saindo do fogo com as asas distendidas e a goela escancarada...

– Para quê? – estranhou Barbicane, cujo espírito positivo era pouco sensível às belezas da arte.

– Ora, amigo Barbicane! Mas, ai de mim, se pergunta, receio que não vá compreender!

– Diga mesmo assim, meu bravo companheiro.

– Pois bem. A meu ver, é preciso sempre pôr um pouco de arte nas coisas que fazemos, para valorizá-las. Conhece uma comédia indiana intitulada *O Carro da Criança*?

– Nem de nome – confessou Barbicane.

– Isso não me espanta – continuou Michel Ardan. – Pois saiba que, nessa comédia, um ladrão, no momento de furar a parede de uma casa, pergunta a si mesmo se dará ao buraco a forma de uma lira, de uma flor, de um pássaro ou de uma ânfora. Então me diga, amigo Barbicane: se nessa época fosse membro do júri, condenaria o ladrão?

– Sem hesitar – respondeu o presidente do Gun Club. – E levando em conta a circunstância agravante do arrombamento.

– Mas eu o absolveria, amigo Barbicane! Eis por que jamais poderá

me entender!

– Nem sequer tentarei isso, meu valente artista.

– Mas pelo menos – prosseguiu Michel Ardan –, uma vez que o exterior de nosso vagão-projétil deixa a desejar, permita-me mobiliá-lo a meu modo, com todo o luxo que convém a embaixadores da Terra!

– Sob esse aspecto, meu bravo Michel, o senhor fará tudo a seu gosto e nós não poremos obstáculo!

Mas, antes de passar ao agradável, o presidente do Gun Club havia pensado no útil, e os meios que inventou para suavizar os efeitos do abalo foram aplicados com uma inteligência perfeita.

Barbicane concluíra, não sem razão, que nenhuma mola seria suficientemente forte para amortecer o choque e, durante seu famoso passeio pelo bosque de Skersnaw, havia conseguido resolver o difícil problema de uma maneira engenhosa. A água é que lhe prestaria esse notável serviço. Eis como.

O projétil deveria ter até a altura de um metro uma camada de água destinada a suportar um disco de madeira totalmente impermeável que escorregaria, com fricção, pelas paredes internas. Sobre essa autêntica jangada é que os viajantes se postariam. Quanto à massa líquida, seria dividida por tabiques horizontais, que o abalo, na partida, romperia um por um. Então, cada porção de água, da mais baixa à mais alta, escaparia por tubos até a parte superior do projétil, funcionando como uma mola, e o disco, provido de tampões extremamente rígidos, só poderia se chocar com o fundo após o esmagamento sucessivo dos diversos tabiques. Sem dúvida, os viajantes sentiriam ainda um abalo violento após o escape total da massa líquida, mas o primeiro choque seria quase inteiramente amortecido por essa “mola” poderosa.

É verdade que um metro de água sobre uma superfície de cinco metros quadrados deveria pesar perto de cinco mil quilos; mas a força elástica dos gases acumulados dentro da Columbiad bastaria, segundo Barbicane, para compensar esse aumento de peso; de resto, o choque expeliria toda a água em menos de um segundo e o projétil voltaria imediatamente ao peso normal.

Eis o que havia imaginado o presidente do Gun Club para resolver o grave problema do abalo. Essa tarefa, inteligentemente compreendida pelos engenheiros da firma Breadwill, foi executada

com perfeição. Passado o efeito e expelida a água, os viajantes poderiam se desembaraçar facilmente dos tabiques despedaçados e desmontar o disco móvel sobre os quais ficariam no momento da partida.

Quanto às paredes superiores do projétil, estavam revestidas de uma espessa proteção de couro, aplicado sobre espirais do melhor aço, dotadas da flexibilidade de molas de relógio. Os tubos de escapamento, ocultos sob essa proteção, nem sequer deixavam entrever sua existência.

Assim, todas as precauções imagináveis para amortecer o primeiro choque tinham sido tomadas e, se alguém se deixasse esmagar, seria "de péssima constituição", nas palavras de Michel Ardan.

Por fora, o projétil media 2,7 metros de largura por 3,6 de altura. A fim de não ultrapassar o peso calculado, diminuiu-se um pouco a espessura das paredes e reforçou-se sua parte inferior, que deveria suportar toda a violência dos gases emitidos pela deflagração do piróxilo. Aliás, é assim que se faz com as bombas e os obuses cilíndrico-cônicos, cuja base é sempre mais espessa.

Entrava-se nessa torre metálica por uma estreita abertura praticada nas paredes do cone e parecida com as das caldeiras a vapor, chamadas de "buracos de homem". Era hermeticamente fechada por uma placa de alumínio, retida no interior por fortes parafusos a pressão. Os viajantes poderiam, portanto, sair sem dificuldade de sua prisão móvel quando chegassem ao astro das noites.

Mas não bastava ir, era preciso também ver durante o trajeto. Nada mais fácil. Sob o acolchoado, havia quatro escotilhas de vidro lenticular bem grosso, duas na parede circular do projétil, uma na parte inferior e a quarta no chapéu cônico. Os viajantes poderiam então observar, ao longo do percurso, a Terra que deixavam, a lua da qual se aproximavam e os espaços constelados do céu. Essas escotilhas estavam protegidas contra os choques da partida por placas solidamente presas por fora e que poderiam ser soltas com facilidade, bastando desatarraxar porcas instaladas do lado de dentro. Assim, o ar contido no interior não escaparia e as observações seriam possíveis.

Todos esses mecanismos, admiravelmente concebidos, funcionavam sem problemas. E os engenheiros não haviam se mostrado menos hábeis no arranjo do vagão-projétil.

Recipientes bem presos eram destinados à água e aos víveres necessários aos três passageiros, que poderiam até ter fogo e luz graças ao gás armazenado em uma caixa especial, sob pressão de várias atmosferas. Girando-se uma torneira, durante seis dias esse gás iluminaria e aqueceria o confortável veículo. Como se vê, não faltava o essencial à vida e mesmo ao bem-estar. Além disso, graças aos instintos de Michel Ardan, o agradável se juntou ao útil sob a forma de objetos de arte – e ele teria feito do projétil um verdadeiro ateliê de artista se não lhe faltasse espaço. Mas seria engano supor que três pessoas ficariam espremidas naquela torre de metal. Ela tinha aproximadamente cinco metros quadrados por três metros de altura, o que permitia aos viajantes certa liberdade de movimentos. Não ficariam tão à vontade no mais confortável vagão de trem dos Estados Unidos.

Resolvida a questão dos víveres e da iluminação, restava a do ar. Era evidente que o ar encerrado no projétil não seria suficiente, durante quatro dias, para a respiração dos três homens. Cada pessoa, com efeito, consome em uma hora quase todo o oxigênio contido em cem litros de ar. Barbicane, seus dois companheiros e dois cães que ele planejava levar, deviam consumir, em 24 horas, 2.400 litros de oxigênio (ou, em peso, perto de três quilos). Seria necessário, pois, renovar o ar do projétil. Mas como? Graças a um processo muito simples, o de Reiset e Regnault, explicado por Michel Ardan durante a discussão do encontro.

Sabe-se que o ar é composto principalmente de vinte e uma partes de oxigênio e setenta e nove de hidrogênio. Ora, o que acontece no ato da respiração? Um fenômeno nada complicado. O homem absorve o oxigênio do ar, eminentemente adequado à vida, e expele o hidrogênio intato. O ar expirado perde cinco por cento de seu oxigênio e passa a conter então um volume mais ou menos igual de ácido carbônico, produto definitivo da combustão dos elementos do sangue realizada pelo oxigênio inspirado. Sucede que, num meio fechado e depois de certo tempo, todo o oxigênio do ar é substituído pelo ácido carbônico, gás extremamente deletério.

Portanto, a questão se reduzia ao seguinte: com o hidrogênio conservado intato, 1.º refazer o oxigênio absorvido; 2.º destruir o ácido carbônico expirado. Nada mais fácil por meio do clorato de

potássio e da potassa cáustica.

O clorato de potássio é um sal que se apresenta sob a forma de pequeninas lâminas brancas; levado a uma temperatura superior a quatrocentos graus, transforma-se em cloreto de potássio, perdendo todo o oxigênio que continha. Ora, oito quilos de clorato de potássio rendem três quilos de oxigênio, ou seja, a quantidade necessária aos viajantes durante 24 horas. Assim se fabricaria o oxigênio.

Quanto à potassa cáustica, é uma substância ávida pelo ácido carbônico misturado ao ar: basta agitá-la para que se apodere dele e forme o bicarbonato de potássio. Assim se faz a absorção do ácido carbônico.

Combinando-se esses dois meios, os viajantes tinham certeza de que poderiam devolver ao ar viciado todas as suas qualidades vivificantes. Os dois químicos, Reiset e Regnault, haviam de fato feito essa experiência com sucesso – mas, é preciso dizer, apenas *in anima vili*, com animais. Qualquer que houvesse sido sua precisão científica, ignorava-se completamente como os homens a suportariam.

Tal foi a observação feita no encontro em que se tratou desse grave problema. Michel Ardan não queria pôr em dúvida a possibilidade de sobreviver graças a um ar por assim dizer artificial e ofereceu-se para testá-lo antes da partida. Mas a honra do teste foi energicamente reclamada por J.-T. Maston.

– Já que não viajarei – disse o bravo artilheiro –, devo pelo menos habitar o projétil por uns oito dias.

Não seria delicado recusar-lhe esse favor. Os outros aceitaram seu pedido. Uma quantidade suficiente de clorato de potássio e de potassa cáustica foi colocada à sua disposição, juntamente com víveres para oito dias; em seguida, apertando a mão dos amigos, no dia 12 de novembro, às seis horas da manhã, recomendou expressamente que não abrissem sua prisão antes do dia 20, às seis horas da tarde. Entrou então no projétil e a placa foi hermeticamente fechada.

Que se passou durante esses oito dias? Impossível saber. A espessura das paredes do projétil impedia que qualquer ruído interno chegasse ao exterior.

Em 20 de novembro, exatamente às seis horas, a placa foi retirada. Os amigos de J.-T. Maston estavam um pouco inquietos. Mas logo se tranquilizaram ao ouvir uma voz jovial proferindo um hurra que os

impressionou.

Logo o secretário do Gun Club apareceu no alto do cone, em atitude triunfante. Tinha engordado!

O telescópio das Montanhas Rochosas

No dia 20 de outubro do ano anterior, uma vez encerrada a subscrição, o presidente do Gun Club havia entregado ao Observatório de Cambridge as somas necessárias à construção de um enorme instrumento óptico. Esse aparelho, luneta ou telescópio, devia ser possante o suficiente para tornar visível, na superfície da lua, qualquer objeto com mais de 2,7 metros de largura.

Há, entre a luneta e o telescópio, uma importante diferença que convém mencionar. A luneta se compõe de um tubo que traz na extremidade superior uma lente convexa chamada objetiva, e, na inferior, uma segunda lente chamada ocular, à qual se encosta o olho do observador. Os raios que emanam do objeto luminoso atravessam a primeira lente e vão, por refração, formar uma imagem invertida em seu foco[39]. Essa imagem é vista com a ocular, que a aumenta exatamente como o faria uma lupa. O tubo da luneta é, portanto, fechado em cada extremidade pela objetiva e pela ocular.

O tubo do telescópio, ao contrário, é aberto na extremidade superior. Os raios partidos do objeto penetram aí livremente e vão incidir sobre um espelho metálico côncavo, isto é, convergente. Dali, os raios refletidos se dirigem para um espelho menor que os envia à ocular, disposta de modo a aumentar a imagem produzida.

Assim, na luneta, a refração desempenha o papel principal; no telescópio, isso é feito pela reflexão. Daí o nome de instrumento

refrator dado à primeira e de instrumento refletor dado ao segundo. Toda a dificuldade de execução desses aparelhos de óptica reside na confecção das objetivas, quer sejam feitas de lentes ou de espelhos metálicos.

Ora, na época em que o Gun Club tentou sua grande experiência, esses instrumentos já estavam bastante aperfeiçoados e davam resultados magníficos. Ia longe o tempo em que Galileu observava os astros com sua modesta luneta que só amplificava sete vezes, se tanto. Depois do século XVI, os aparelhos de óptica aumentaram de tamanho e se alongaram até alcançar proporções consideráveis, permitindo mergulhar nos espaços estelares a uma profundidade desconhecida até então. Entre os instrumentos refratores que operavam nessa época, citamos a luneta do Observatório de Pulkowa, na Rússia, com uma objetiva de 38 centímetros de largura e custo de oitenta mil rublos; a luneta do óptico francês Lerebours, provida de uma objetiva igual à precedente; e, enfim, a luneta do Observatório de Cambridge, munida de uma objetiva de 48 centímetros.

Entre os telescópios, conheciam-se dois de uma potência notável e de dimensão gigantesca. O primeiro, construído por Herschell, tinha onze metros de comprimento, com um espelho de 1,5 metro de diâmetro, e permitia um aumento de seis mil vezes. O segundo estava na Irlanda, em Birrcastle, no parque de Parsonstown, e pertencia a lorde Rosse. Com quinze metros de comprimento e um espelho de 1,93 metro[40], aumentava 6.400 vezes e exigiu uma imensa construção de alvenaria para a disposição dos aparelhos necessários à manobra do instrumento, que pesava catorze toneladas.

Entretanto, como se vê, apesar dessas disposições colossais os aumentos obtidos não ultrapassavam seis mil vezes, em números redondos; ora, um aumento desses só traz a lua para uma distância de 65 quilômetros e só deixa ver objetos com dezoito metros de diâmetro, a menos que eles sejam muito compridos.

Mas agora se tratava de um projétil de 2,7 metros de largura por 3,6 de comprimento; seria necessário, pois, trazer a lua a oito quilômetros de distância, pelo menos, o que significava um aumento e 48 mil vezes.

Tal o problema apresentado ao Observatório de Cambridge, que não precisava se preocupar com dificuldades financeiras. Restavam,

pois, apenas dificuldades materiais.

De início, era preciso escolher entre os telescópios e as lunetas. Estas tinham certas vantagens sobre aqueles. Sendo iguais às objetivas, elas permitiam obter aumentos maiores, pois os raios luminosos que atravessam as lentes perdem menos nitidez pela absorção que pela reflexão no espelho metálico dos telescópios. Mas a espessura que se pode dar a uma lente é limitada, já que, se ela for muito grossa, não deixa passar os raios luminosos. Além disso, a construção dessas lentes enormes é muitíssimo difícil e exige um tempo considerável – anos, até.

Desse modo, se bem que as imagens fossem mais claras nas lunetas (vantagem inapreciável quando se trata de observar a lua, cuja luz é simplesmente refletida), decidiu-se pelo telescópio, de execução mais rápida e que permite obter aumentos maiores. Todavia, como os raios luminosos perdem grande parte de sua intensidade ao atravessar a atmosfera, o Gun Club resolveu instalar o instrumento em uma das montanhas mais altas da União, o que diminuiria a espessura das camadas aéreas.

Nos telescópios, como vimos, a ocular, isto é, a lupa onde o observador coloca o olho, produz o aumento, enquanto a objetiva, que suporta os maiores aumentos, tem maior diâmetro e maior distância focal. Para aumentar 48 mil vezes, seria necessário ultrapassar muito, em tamanho, as objetivas de Herschell e de lorde Rosse. Nisso consistia a dificuldade, pois a fundição desses espelhos é uma operação das mais delicadas.

Felizmente, alguns anos antes, um cientista do Instituto da França, Léon Foucault, tinha inventado um processo que tornava bem fácil e rápido o polimento das objetivas, substituindo os espelhos metálicos por espelhos prateados. Bastava fundir um pedaço de vidro do tamanho desejado e em seguida metalizá-lo com um sal de prata. Esse processo, de resultados excelentes, foi o adotado para a fabricação da objetiva.

Além disso, sua disposição obedeceu ao método imaginado por Herschell para seus telescópios. No grande aparelho do astrônomo de Slough, a imagem dos objetos, refletida pelo espelho inclinado no fundo do tubo, formava-se na outra extremidade, onde se situava a ocular. Assim, o observador não se postava na parte inferior do tubo,

mas subia para a parte superior e ali, munido de sua lupa, mergulhava a vista no enorme cilindro. Essa combinação tinha a vantagem de suprimir o pequeno espelho destinado a redirecionar a imagem para a ocular, que então sofria apenas uma reflexão, em vez de duas. Assim, perdiam-se menos raios luminosos, a imagem aparecia mais nítida e obtinha-se mais claridade, vantagem preciosa na observação a ser feita[41].

Tomadas essas resoluções, iniciaram-se os trabalhos. Segundo os cálculos da equipe do Observatório de Cambridge, o tubo do novo refletor devia ter 85 metros de comprimento, e seu espelho, cinco metros de diâmetro. Por colossal que fosse, o aparelho não se compararia ao telescópio de 3,5 quilômetros que o astrônomo Hooke queria construir há alguns anos. Contudo, a instalação de um equipamento de tamanhas proporções apresentava grandes dificuldades.

Quanto ao problema da localização, foi prontamente resolvido. Limitava-se a escolher uma montanha alta, embora montanhas altas não sejam numerosas nos Estados Unidos.

Com efeito, o sistema orográfico desse grande país se reduz a duas cadeias de altitude média, entre as quais corre o magnífico Mississípi, que os americanos chamariam de “Rei dos Rios” caso admitissem alguma realeza.

A Leste, erguem-se os Apalaches, cujo pico mais alto, em New Hampshire, não ultrapassa os 1.700 metros, o que é bem modesto.

A Oeste, encontramos as Montanhas Rochosas, imensa cadeia que começa no Estreito de Magalhães, na costa ocidental da América do Sul, com o nome de Andes ou Cordilheiras, passa o istmo do Panamá e percorre a América do Norte até as praias do Oceano Polar.

Essas montanhas não são pujantes. Os Alpes e o Himalaia as olhariam com supremo desdém do alto de sua grandeza. Com efeito, seu pico mais elevado tem apenas 3.200 metros, enquanto o Monte Branco mede 4.800 e o Kintschindjinga, o mais alto do Himalaia, chega a oito mil acima do nível do mar.

Mas, como o Gun Club insistisse em que o telescópio, tanto quanto a Columbiad, fosse instalado no território dos Estados Unidos, ele teve de contentar-se com as Montanhas Rochosas e todo o material necessário foi levado para o cume do Long’s-Peak, no Missouri.

Nem a pena nem a palavra poderiam descrever as dificuldades de todos os tipos que os engenheiros americanos tiveram de vencer ou os prodígios de audácia e de habilidade que realizaram. Foi uma verdadeira façanha. Precisaram levar pedras enormes, peças forjadas extremamente pesadas, vigas gigantescas, grandes partes separadas do cilindro e a objetiva que pesava, sozinha, perto de quinze mil quilos acima das neves eternas, a mais de três mil metros de altitude. E isso após atravessar pradarias desertas, florestas impenetráveis, corredeiras assustadoras, longe dos centros habitados, no meio de regiões selvagens nas quais cada detalhe da existência se tornava um problema quase insolúvel. No entanto, o gênio dos americanos triunfou desses mil obstáculos. Menos de um ano após o começo dos trabalhos, nos últimos dias do mês de setembro, o gigantesco refletor ostentava nos ares seu tubo de 85 metros, suspenso em uma enorme corrente de ferro. Esse mecanismo engenhoso permitia girá-lo facilmente para todos os pontos do céu e seguir os astros de um horizonte a outro durante sua marcha pelo espaço.

Havia custado mais de quatrocentos mil dólares. A primeira vez que foi assestado para a lua, os observadores experimentaram um misto de curiosidade e inquietude. Que iriam descobrir no campo de um telescópio que aumentava 48 mil vezes os objetos observados? Manadas de animais lunares, cidades, lagos, oceanos? Não, nada que a ciência já não conhecesse: em todos os quadrantes de seu disco, a natureza vulcânica da lua pôde ser determinada com precisão absoluta.

Mas o telescópio das Montanhas Rochosas, antes de servir ao GunClub, prestou imensos serviços à astronomia. Graças a seu poder de penetração, as profundezas do céu foram sondadas até os derradeiros limites, o diâmetro aparente de um bom número de estrelas foi rigorosamente medido e o senhor Clarke, da equipe de Cambridge, decompôs a *crab nebula*[42] da constelação do Touro, que o refletor de lorde Rosse não conseguira jamais reduzir.

É o ponto onde os raios luminosos se juntam depois de ter sido refratados. (N.O.)

Ouve-se falar de lunetas ainda mais compridas. Uma delas, com noventa metros de foco, foi fabricada aos cuidados de Dominique Cassini, no Observatório de Paris. Mas é preciso levar em conta que essas lunetas não tinham tubo. A objetiva ficava suspensa no ar por meio de mastros, e o observador, de ocular na mão, postava-se no foco da objetiva da maneira mais precisa possível. Portanto, esses instrumentos eram de manejo difícil, não sendo nada fácil centralizar duas lentes dispostas nessas condições. (N.O.)

Esses refletores são chamados em inglês de “*front view telescopes*”, telescópios de visão frontal. (N.O.)

Nebulosa que tem a forma de um caranguejo. (N.O.)

Últimos detalhes

Era 22 de novembro. A grande partida devia ocorrer dali a dez dias. Uma única operação precisava ainda ser levada a bom termo, operação delicada, perigosa, que exigia precauções infinitas e contra o sucesso da qual o capitão Nicholl havia proposto seu terceiro desafio. Tratava-se, com efeito, de carregar a Columbiad com os 180 mil quilos de algodão-pólvora. Nicholl havia pensado, talvez acertadamente, que a manipulação de uma quantidade tão grande de pólvora provocaria graves catástrofes e que, fosse como fosse, essa massa eminentemente explosiva se inflamaria por si mesma sob a pressão do projétil.

Acrescentem-se a isso o descuido e a leviandade dos americanos, que com a maior despreocupação, durante a guerra federal, carregavam suas bombas com o charuto na boca. Mas Barbicane queria por força obter sucesso e não morrer na praia; escolheu então seus melhores operários, supervisionou-os de perto, não tirou os olhos deles um momento sequer e, à força de prudência e cuidado, soube propiciar todas as chances de êxito.

Por exemplo, não depositou toda a carga no recinto da Colina das Pedras, mas fez com que viesse aos poucos, em caixas hermeticamente fechadas. Os 180 mil quilos de algodão-pólvora foram divididos em pacotes de 225 quilos, o que perfazia oitocentos grossos cartuchos confeccionados meticulosamente pelos melhores artífices de Pensacola. Cada caixa continha dez e chegava em lotes pela ferrovia de Tampa--Town, de modo que não havia nunca, no recinto, mais de

2.250 quilos de explosivo ao mesmo tempo. Mal chegava, cada caixa era descarregada por operários descalços, e cada cartucho era levado até a abertura da Columbiad, na qual descia por meio de guindastes manobrados a pulso. Toda máquina a vapor fora posta de lado, e os menores fogos extintos num raio de três quilômetros. Já era muito ter de preservar essas massas de algodão-pólvora contra os ardores do sol, mesmo em novembro. Assim, trabalhou-se de preferência à noite, sob uma luz produzida no vazio e que, por meio dos aparelhos de Ruhmkorff, gerava um dia artificial até o fundo da Columbiad. Lá, os cartuchos foram dispostos com perfeita regularidade e ligados entre si por um fio metálico destinado a levar simultaneamente a faísca elétrica ao centro de cada um.

Com efeito, era por intermédio da pilha que o fogo deveria ser comunicado à massa de algodão-pólvora. Todos esses fios, recobertos de material isolante, se juntavam num orifício estreito praticado na altura onde seria mantido o projétil, atravessavam a espessa parede de metal fundido e subiam até o solo por um respiradouro do revestimento de pedra conservado para esse fim. Uma vez chegado ao pico da Colina das Pedras, o fio corria sobre postes por cerca de três quilômetros e alcançava uma potente pilha de Bunsen, passando por um aparelho interruptor. Bastava, pois, comprimir com o dedo o botão do aparelho para que a corrente fosse instantaneamente restabelecida e ateasse fogo aos 180 quilos de algodão-pólvora. Nem é preciso dizer que a pilha só entraria em ação no último momento.

Em 28 de novembro, os oitocentos cartuchos estavam acomodados no fundo da Columbiad. Essa parte da operação fora bem-sucedida. Mas quanto trabalho, quanta inquietude, quanta luta o presidente Barbicane havia enfrentado! Em vão, proibira a entrada de curiosos na Colina das Pedras; diariamente, eles escalavam as paliçadas e alguns, levando a imprudência às raias da loucura, fumavam no meio dos fardos de algodão-pólvora. A raiva de Barbicane era contínua. J.-T. Maston secundava-o tanto quanto podia, expulsando violentamente os intrusos e pisoteando os tocos de charutos ainda acesos que os ianques jogavam aqui e ali. Tarefa cansativa, pois mais de trezentas mil pessoas se acotovelavam em volta das paliçadas. Michel Ardan tinha se oferecido para escoltar as caixas até a abertura da Columbiad; mas, surpreendendo-o, a ele próprio, com um enorme charuto na boca

enquanto escorraçava os imprudentes aos quais dava esse funesto exemplo, o presidente do Gun Club concluiu que não podia contar com esse intrépido fumante e mandou que ele fosse vigiado de perto.

Porém, como existe um Deus para os artilheiros, não houve explosões e nada aconteceu ao carregamento. O terceiro desafio do capitão Nicholl tinha sido, portanto, muito arriscado. Restava introduzir o projétil na Columbiad e depositá-lo sobre a espessa camada de algodão-pólvora.

Antes de se proceder a essa operação, os objetos necessários à viagem foram instalados em boa ordem dentro do vagão-projétil. Eram em grande número e, caso se houvesse concedido liberdade a Michel Ardan, ocupariam todo o espaço reservado aos viajantes. Nem se imagina o que esse amável francês desejava levar para a lua: um monte de inutilidades. Mas Barbicane interveio e os objetos ficaram reduzidos ao estritamente necessário.

Vários termômetros, barômetros e lunetas foram guardados na caixa de instrumentos.

Os viajantes estavam ávidos por examinar a lua durante o trajeto e, a fim de facilitar o reconhecimento desse mundo novo, muniram-se de um excelente mapa de Beer e Moedler, o *Mappa Selenographica*, publicado em quatro pranchas, que passa com justiça por uma verdadeira obra-prima de observação e paciência. Reproduzia com escrupulosa minúcia os mais simples detalhes da face do astro voltada para a Terra; montanhas, vales, depressões, crateras, picos e sulcos aí se viam em suas dimensões exatas, orientação fiel e nomenclatura, desde os montes Doerfel e Leibnitz, que se erguem na parte oriental do disco, até o *Mare Frigoris*, que se estende pelas regiões circumpolares do Norte.

Era, pois, um precioso documento para os viajantes, pois podiam estudar o país antes de nele pôr os pés.

Levavam também três fuzis e três carabinas de caça de repetição e balas explosivas, além de pólvora e chumbo em grande quantidade.

– Não sabemos o que vamos enfrentar – advertiu Michel Ardan. – Homens ou animais podem não apreciar nossa visita! Portanto, é bom tomarmos as devidas precauções.

Não bastasse isso, acrescentaram-se aos instrumentos de defesa pessoal picaretas, enxadas, serras manuais e outros utensílios

indispensáveis, sem falar das roupas próprias para todas as temperaturas, desde o frio das regiões polares até os calores da zona tórrida.

Michel Ardan gostaria de levar em sua expedição alguns animais, mas não um casal de todas as espécies, pois não via necessidade de aclimatar na lua serpentes, tigres, crocodilos e outras bestas-feras.

– Não – disse a Barbicane. – Contudo, alguns animais de carga, bois ou vacas, burros ou cavalos ficariam bem na paisagem e nos seriam de grande utilidade.

– Concordo, meu caro Ardan – respondeu o presidente do Gun Club. – Mas nosso vagão-projétil não é a arca de Noé. Não tem nem sua capacidade nem seu objetivo.

– Fiquemos então nos limites do possível.

Enfim, após longas discussões, combinou-se que os viajantes se contentariam com um excelente cão de caça pertencente a Nicholl e um vigoroso terra-nova de força prodigiosa. Vários sacos dos cereais mais úteis foram postos no número dos objetos indispensáveis. Se pudesse, Michel Ardan levaria também alguns sacos de terra para semeá-los. Em todo caso, reuniu uma dezena de arbustos, que foram cuidadosamente envoltos em palha e guardados num canto do projétil.

Restava agora a importante questão dos víveres, pois era necessário prever o caso em que descessem em uma parte da lua absolutamente estéril. Barbicane fez de modo a tê-los por um ano. Todavia, cabe acrescentar para que ninguém se admire, que esses víveres consistiam em conservas de carnes e legumes reduzidos ao menor volume em prensa hidráulica, sem que com isso perdessem seus nutrientes. Não eram variados, mas não se podia ser muito exigente numa expedição daquele tipo. Havia também uma reserva de duzentos litros de aguardente, além de água para apenas dois meses. Com efeito, após as últimas observações dos astrônomos, ninguém punha em dúvida a existência de uma certa quantidade de água na superfície da lua. Quanto aos víveres, era insensato supor que habitantes da Terra não encontrassem de que se nutrir lá em cima. Michel Ardan não tinha nenhuma dúvida a esse respeito – se tivesse, não partiria.

– Além disso – disse ele um dia a seus amigos –, não ficaremos totalmente abandonados por nossos camaradas da Terra e eles tomarão o cuidado de não nos esquecer.

– É claro – concordou J.-T. Maston.

– Como assim? – quis saber Nicholl.

– Nada mais simples – respondeu Ardan. – A Columbiad não estará sempre a postos? Todas as vezes que a lua se apresentar em condições favoráveis no zênite, se não no perigeu, isto é, uma vez por ano mais ou menos, eles não poderão nos enviar um obus carregado de víveres, que esperaremos em dia marcado?

– Hurra! Hurra! – gritou J.-T. Maston, encantado com a ideia. – Certamente, meus bravos amigos, nós não os esqueceremos!

– Conto com isso! Assim, como veem, teremos regularmente notícias da Terra e, de nossa parte, seríamos muito medíocres se não encontrássemos meios de nos comunicar com nossos bons amigos daqui!

Essas palavras inspiraram tal confiança que Michel Ardan, com seu ar determinado e seu porte soberbo, teria convencido todo o Gun Club a ir com ele. O que afirmava parecia simples, elementar, fácil, de sucesso garantido, e alguém precisaria ser realmente mesquinho para se agarrar a este miserável globo terrestre e não seguir os três viajantes em sua expedição lunar.

Depois de colocados os diversos objetos no projétil, a água que devia funcionar como mola foi introduzida entre os tabiques e o gás de iluminação acondicionado em seu recipiente. Quanto ao clorato de potássio e à potassa cáustica, Barbicane, temendo atrasos imprevistos na viagem, providenciou uma quantidade suficiente para renovar o oxigênio e absorver o ácido carbônico durante dois meses. Um aparelho extremamente engenhoso e de funcionamento automático iria devolver ao ar suas qualidades vivificantes e purificá-lo completamente. O projétil estava, pois, pronto, só restando descê-lo dentro da Columbiad. Operação, no entanto, cheia de dificuldades e perigos.

O enorme obus foi levado para o alto da Colina das Pedras. Ali, guindastes de grande potência o seguraram e suspenderam acima da abertura de metal.

Momento palpitante. Se as correntes se rompessem sob aquele peso formidável, a queda da enorme massa provocaria sem dúvida a explosão do algodão-pólvora.

Felizmente, nada disso aconteceu e, horas depois, o vagão-projétil,

descido suavemente pela alma do canhão, repousava sobre a camada de piróxilo, esse verdadeiro cobertor fulminante. Sua pressão só teve por efeito comprimir ainda mais a carga da Columbiad.

– Perdi – disse o capitão, entregando ao presidente Barbicane a quantia de três mil dólares.

Barbicane não queria receber esse dinheiro de um companheiro de viagem, mas precisou ceder diante da obstinação de Nicholl, que teimava em cumprir todos os seus compromissos antes de deixar a Terra.

– Nesse caso – disse Michel Ardan –, só tenho uma coisa a lhe desejar, meu bravo capitão.

– Qual? – perguntou Nicholl.

– Que perca suas duas outras apostas! Assim, teremos certeza de não ficar no meio do caminho.

Fogo!

O primeiro dia de dezembro chegou, dia fatal, pois, se a partida do projétil não se realizasse naquela mesma noite, às dez horas, quarenta e seis minutos e quarenta segundos, mais de dezoito anos se passariam antes que a lua se apresentasse em idênticas condições simultâneas de zênite e perigeu.

O tempo estava magnífico; malgrado a aproximação do inverno, o sol resplandecia e banhava com seus radiosos eflúvios essa Terra que três de seus habitantes iriam trocar por um mundo novo.

Quanta gente dormiu mal na noite que precedeu esse dia tão impacientemente esperado! Quantos peitos oprimidos pelo pesado fardo da espera! Todos os corações palpitavam de inquietação, salvo o de Michel Ardan. Esse homem impassível ia e vinha com sua pressa habitual, mas nada nele denunciava preocupação insólita. Seu sono tinha sido tranquilo, o sono de Turenne[43] antes da batalha, deitado na carreta de um canhão.

Desde o amanhecer, uma turba inumerável atulhava as pradarias que se estendiam a perder de vista em volta da Colina das Pedras. A cada quarto de hora, a ferrovia de Tampa despejava novos curiosos. Era uma verdadeira imigração, que tomou logo proporções fabulosas: segundo o jornal *Tampa-Town Observer*, durante esse dia memorável, cinco milhões de espectadores calcaram o solo da Flórida.

Há um mês, a maior parte da multidão acampava em torno do recinto e lançava os alicerces de uma cidade que depois se chamou

Ardan-Town. Barracas, cabanas, choças e tendas cobriam a planície – habitações efêmeras de uma população numerosa o bastante para fazer inveja às maiores cidades da Europa.

Todos os povos da Terra tinham aí seus representantes; todos os dialetos do mundo eram aí falados ao mesmo tempo, lembrando a confusão das línguas nos tempos bíblicos da Torre de Babel. As diferentes classes da sociedade americana se confundiam em uma igualdade absoluta. Banqueiros, lavradores, marinheiros, despachantes, corretores, plantadores de algodão, negociantes, barqueiros, magistrados, todos se acotovelavam com uma sem-cerimônia primitiva. Os negros da Luisiana confraternizavam com os agricultores de Indiana; os cavalheiros de Kentucky e do Tennessee, bem como os virginianos elegantes e orgulhosos, conversavam com os caçadores meio selvagens dos Lagos e com os vaqueiros de Cincinnati. Cobertos com o chapéu de castor branco de bordas largas ou com o panamá clássico, vestidos com calças de brim azul das fábricas de Opelousas, ostentando camisas elegantes de algodão cru, calçados com botas de cores vivas, exibiam golas bufantes de cambraia e, no pescoço, nos punhos, nas gravatas, nos dez dedos e mesmo nas orelhas, um sortimento completo de anéis, alfinetes, brilhantes, colares, brincos e berloques cujo alto preço igualava o mau gosto. Mulheres, crianças e criados, em trajes não menos opulentos, acompanhavam, seguiam, precediam, rodeavam maridos, pais e patrões que pareciam caciques no meio de suas famílias numerosas.

Na hora das refeições, era de ver todo aquele mundo se precipitar sobre os pratos típicos dos Estados do Sul com um apetite ameaçador para o abastecimento da Flórida, pratos que repugnariam a um estômago europeu: rãs fritas, macacos recheados, *fish-chowder*[44], gambá assado ou malpassado e guaxinim na grelha.

E que variedade de bebidas vinha em socorro dessa alimentação indigesta! Quantos gritos excitados, vociferações convidativas nos bares ou nas tavernas abarrotadas de garrafas, copos, taças, garrafões, frascos de formas inverossímeis, pilões para triturar o açúcar e feixes de palha!

– Olhe o coquetel de hortelã! – gritava o dono de um bar, com voz retumbante.

– Olhe a sangria com vinho de Bordeaux! – replicava outro, em tom

aliciante.

– Olhe o *gin-sling*! – oferecia um.

– Olhe o *brandy-smash*! – esgoelava outro.

– Quem quer saborear o verdadeiro *mint-julep* à última moda? – convidavam esses hábeis comerciantes, fazendo passar rapidamente de um copo a outro, como um prestidigitador e sua bolinha, o açúcar, o limão, a hortelã verde, o açúcar triturado, a água, o conhaque e o abacaxi fresco, que compõem a tal bebida refrescante.

Habitualmente, essas incitações endereçadas às gargantas ressequidas pela ação abrasadora dos temperos se repetiam, se cruzavam no ar e produziam um barulho infernal. Mas nesse dia, primeiro de dezembro, os gritos eram raros. Os donos dos bares teriam berrado em vão para chamar os fregueses. Quem visse os pinos de boliche caídos, os dados do crepe dormindo em seu copo, a roleta imóvel, o *cribbage* abandonado, as cartas do *whist*, do vinte e um, do vermelho e preto, do rouba-monte e do faro tranquilamente guardadas em suas embalagens compreenderia que o acontecimento do dia sufocava qualquer outra necessidade, não deixando lugar a nenhuma distração.

Até a noite, uma agitação surda, sem clamores, como a que precede as grandes catástrofes, correu pela turba ansiosa. Reinavam nos espíritos um mal-estar indescritível, um torpor penoso, um sentimento indefinível que oprimia o coração. Cada qual queria que tudo "já tivesse acabado".

No entanto, por volta das sete horas, esse pesado silêncio se dissipou bruscamente. A lua se ergueu no horizonte e milhões de hurras saudaram sua aparição. Ela chegava pontualmente ao encontro. Os clamores subiram até o céu; os aplausos retumbaram de todos os lados, enquanto a loura Febe brilhava pacificamente num firmamento admirável e acariciava, com seus raios mais afetuosos, a multidão embriagada.

Nesse momento, surgiram os três intrépidos viajantes. Os gritos redobraram de intensidade. Unanimemente, instantaneamente, o hino nacional dos Estados Unidos escapou de todos os peitos anelantes e, repetido em coro por cinco milhões de executantes, elevou-se como uma tempestade sonora até os derradeiros limites da atmosfera.

Após esse ímpeto irresistível, as últimas harmonias foram se

extinguindo pouco a pouco, o hino silenciou, o barulho arrefeceu e um rumor surdo flutuou por cima da multidão profundamente comovida. Enquanto isso, o francês e os dois americanos haviam franqueado a cerca em torno da qual se apinhava a imensa turba. Vinham acompanhados pelos membros do Gun Club e das delegações enviadas pelos observatórios europeus. Barbicane, frio e calmo, dava tranquilamente suas últimas ordens. Nicholl, de lábios cerrados e mãos cruzadas às costas, marchava a passo firme e contido. Michel Ardan, sempre à vontade, vestido como um perfeito viajante, polainas de couro nos pés, bolsa a tiracolo, flutuava dentro de suas vastas roupas de veludo marrom, de charuto na boca, distribuindo à sua passagem calorosos apertos de mão com uma prodigalidade principesca. Mostrava-se incansável no entusiasmo, na alegria, rindo, pilheriando, brincando com o sério J.-T. Maston – em uma palavra, “francês” e, o que é pior, “parisiense” até o último segundo.

Soaram as dez horas. Chegara o momento de embarcar no projétil; a manobra de descida, a tampa a ser aparafusada, a retirada dos guindastes e andaimes inclinados sobre a boca da Columbiad exigiram certo tempo.

Barbicane havia acertado seu cronômetro em um décimo de segundo com o do engenheiro Murchison, encarregado de pôr fogo na pólvora por meio da faísca elétrica; os viajantes, encerrados no projétil, poderiam assim seguir com o olhar o ponteiro impassível que marcaria o instante exato da partida.

Chegara o momento do adeus. A cena foi tocante. A despeito de sua jovialidade febril, Michel Ardan não conseguia esconder a emoção. J.-T. Maston encontrou sob suas pálpebras secas uma antiga lágrima, que sem dúvida havia reservado para essa ocasião. Verteu-a sobre a fronte de seu querido e bravo presidente.

– E se eu fosse também? Ainda é tempo...

– Impossível, meu velho Maston – cortou logo Barbicane.

Instantes depois, os três companheiros de viagem estavam instalados no projétil, cuja tampa interna já haviam aparafusado, e a boca da Columbiad, inteiramente desimpedida, abria-se toda para o céu.

Nicholl, Barbicane e Michel Ardan se achavam definitivamente emparedados dentro de seu vagão de metal.

Quem poderia descrever a emoção geral, que chegara ao paroxismo?

A lua avançava por um firmamento de límpida pureza, extinguindo ao passar os fogos cintilantes das estrelas; percorria agora a constelação de Gêmeos, estava quase a meio caminho entre o horizonte e o zênite. Todos deviam então compreender que a mira do canhão visava à frente do alvo, como o caçador que faz pontaria à frente da lebre que quer atingir.

Um silêncio amedrontador pairava sobre a cena. Nem um sopro de vento varria a Terra! Nem um alento dilatava os peitos! Os corações não ousavam bater. Todos os olhares esgazeados se fixavam na boca hiante da Columbiad.

Murchison acompanhava atentamente a marcha do ponteiro de seu cronômetro. Faltavam apenas quarenta segundos para soar o instante da partida – e cada segundo parecia durar um século.

Faltando vinte, um frêmito percorreu a multidão. Ocorreu-lhe que os audaciosos viajantes, fechados no projétil, também contavam esses terríveis segundos! Gritos isolados escaparam:

– Trinta e cinco! Trinta e seis! Trinta e sete! Trinta e oito! Trinta e nove! Quarenta! Fogo!

Imediatamente Murchison, pressionando com o dedo o interruptor do aparelho, restabeleceu a corrente e lançou a faísca elétrica ao fundo da Columbiad.

Uma detonação espantosa, inaudita, sobre-humana, da qual ninguém saberia dar uma ideia, pois não se parecia nem com os clarões dos relâmpagos nem com o estrondo das erupções, produziu-se instantaneamente. Uma imensa coluna de fogo brotou das entranhas do solo, como de uma cratera. A terra estremeceu e só algumas pessoas conseguiram entrever por uma fração de segundo o projétil que fendia vitoriosamente o ar, em meio a vapores inflamados.

Marechal francês do século XVII que faleceu atingido por um tiro de canhão. (N.O.)

Peixada. (N.O.)

Céu encoberto

No momento em que se projetou para o céu a uma altura prodigiosa, a coluna de fogo iluminou com suas chamas a Flórida inteira e, por um instante fugaz, o dia substituiu a noite em considerável extensão do país. O imenso penacho de fogo foi visto a 150 quilômetros no Mar do Golfo e no Atlântico, e mais de um capitão de navio anotou em seu diário de bordo a aparição daquele meteoro gigantesco.

À detonação da Columbiad, seguiu-se um verdadeiro terremoto. A Flórida foi sacudida até as entranhas. Os gases da pólvora, dilatados pelo calor, repeliram com incrível violência as camadas atmosféricas, e esse furacão artificial, cem vezes mais rápido que o das tempestades, atravessou os ares como um ciclone.

Nenhum espectador permaneceu de pé; homens, mulheres, crianças, todos se dobraram como espigas ao vento; houve um tumulto indescritível, um grande número de pessoas feridas. J.-T. Maston, que, desafiando a prudência, tinha ficado muito na frente, viu-se arremessado quarenta metros para trás e passou como uma bala sobre a cabeça de seus concidadãos. Trezentas mil pessoas ficaram momentaneamente surdas e paralisadas de estupor.

A corrente atmosférica, depois de derrubar as barracas, destruir as cabanas, arrancar as árvores pela raiz num raio de trinta quilômetros e empurrar os trens até Tampa, caiu sobre essa cidade como uma avalanche e arrasou uma centena de construções, entre elas a Igreja de

Santa Maria e o novo edifício da bolsa, que sofreu rachaduras em toda a extensão. Alguns barcos, no porto, se entrechocaram e foram a pique, enquanto uma dezena de navios ancorados deram à costa após romper suas correntes como se fossem fios de algodão.

Mas o círculo das devastações se estendeu para mais longe ainda, além das fronteiras dos Estados Unidos. O efeito do choque, ampliado pelos ventos do Oeste, foi sentido no Atlântico a quase quinhentos quilômetros da costa americana. Uma tempestade artificial, inesperada, que nem o almirante Fitz-Roy poderia ter previsto, se lançou sobre os navios com violência inaudita; muitos, apanhados nesses turbilhões assustadores, soçobraram sem ter tido tempo de recolher as velas, entre eles o *Childe-Harold*, de Liverpool, lamentável catástrofe que foi, na Inglaterra, objeto de tremendas recriminações.

Enfim, para não dizer mais (e com base apenas nas afirmações de alguns nativos, é verdade), meia hora depois da partida do projétil, habitantes de Goreia e da Serra Leoa afirmaram ter ouvido um barulho surdo, último deslocamento das ondas sonoras que, após atravessar o Atlântico, foram morrer na costa africana.

Mas voltemos à Flórida. Passado o primeiro instante de tumulto, os feridos, os surdos, enfim, a multidão toda voltou a si e gritos frenéticos de “Hurra para Ardan! Hurra para Barbicane! Hurra para Nicholl!” subiram até o céu. Milhões de homens, com o nariz para o ar, armados de telescópios, de lunetas, de binóculos, interrogavam o espaço, esquecendo as contusões e a emoção para só se preocupar com o projétil. Mas procuravam em vão. Já não era possível avistá-lo e seria preciso aguardar os telegramas de Long’s-Peak. O diretor do Observatório de Cambridge, senhor Belfast, estava em seu posto nas Montanhas Rochosas, pois a ele, astrônomo hábil e obstinado, é que haviam sido confiadas as observações.

Contudo, um fenômeno imprevisto, embora fácil de prever e contra o qual nada podia ser feito, logo veio impor à impaciência pública uma rude prova.

O tempo, tão bom até então, mudou de súbito e o céu se cobriu de nuvens. Acaso seria diferente, após o terrível deslocamento das camadas atmosféricas e da dispersão da enorme quantidade de vapores oriundos da deflagração de 180 mil quilos de piróxilo? A ordem natural fora perturbada, e isso não deveria espantar ninguém,

pois, nos combates marítimos, frequentemente se viu a condição atmosférica mudar por completo devido às descargas de artilharia.

Na manhã seguinte, o sol emergiu de um horizonte carregado de nuvens espessas, uma pesada e impenetrável cortina descida do céu sobre a Terra e que, infelizmente, se estendia até a região das Montanhas Rochosas. Pura fatalidade. Um concerto de reclamações ecoou em todas as partes do globo. Mas a natureza não se incomodou, e com justiça: se os homens haviam conflagrado a atmosfera com sua detonação, deviam sofrer as consequências.

Durante esse primeiro dia, todos tentavam devassar o véu opaco das nuvens, mas sem sucesso e lançando equivocadamente os olhares para o céu, uma vez que, devido ao movimento diurno do globo, o projétil agora devia estar percorrendo a linha dos antípodas.

Fosse como fosse, quando a noite envolveu a Terra, noite impenetrável e profunda, não foi possível perceber a lua emergindo do horizonte; era como se o astro se furtasse de propósito aos olhares dos temerários que haviam atirado contra ele. Portanto, nada de observações – e os telegramas de Long's-Peak confirmaram esse desagradável contratempo.

Todavia, se a experiência tivesse dado certo, os viajantes, partindo em primeiro de dezembro às dez horas, quarenta e seis minutos e quarenta segundos da noite, deviam chegar a seu destino à meia-noite do dia 4. Assim, até lá, dado que não seria nada fácil detectar naquelas condições um corpo tão pequeno quanto o obus, as pessoas resolveram ter paciência sem reclamar demais.

Em 4 de dezembro, das oito horas até a meia-noite, teria sido possível seguir a trilha do projétil, que apareceria como um ponto negro sobre o disco brilhante da lua. Mas o céu continuava implacavelmente encoberto, o que levou ao paroxismo a exasperação pública. Alguns chegaram a injuriar a lua, que teimava em não se mostrar. Fraca compensação para as mazelas deste mundo!

J.-T. Maston, desesperado, partiu para Long's-Peak. Queria observar pessoalmente e não punha em dúvida que seus amigos tivessem chegado ao termo da viagem. Pelo que se sabia, o projétil não caíra em nenhuma ilha ou continente terrestre, e J.-T. Maston não admitia por um instante sequer uma queda possível nos oceanos, que cobrem três quartos do globo.

No dia 5, o mesmo céu sombrio. Os grandes telescópios do Velho Mundo – de Herschell, de Rosse, de Foucault – estavam o tempo todo voltados para o astro das noites, pois o tempo era magnífico na Europa. Mas a fraqueza relativa desses instrumentos impedia toda observação útil.

No dia 6, nenhuma mudança. A impaciência afligia três quartos do globo. Propuseram-se os meios mais absurdos para dissipar as nuvens acumuladas no ar.

No dia 7, o céu pareceu se desanuviar um pouco. Renasceu a esperança, que não durou muito: à noite, nuvens espessas voltaram a proteger a abóbada estrelada de todos os olhares.

A situação era grave. Com efeito, no dia 11, às nove horas e onze minutos da manhã, a lua entraria em seu último quarto. Depois disso, iria declinando e, mesmo com céu sereno, as chances de observação diminuiriam muito. A lua só mostraria então uma parte cada vez menor de seu disco e entraria na fase nova, isto é, se poria e se levantaria com o sol, cujos raios a tornariam totalmente invisível. Seria preciso então esperar até 3 de janeiro, ao meio-dia e quarenta e quatro minutos, para que ela voltasse à fase cheia e permitisse a retomada das observações.

Os jornais publicavam essas reflexões com mil comentários e não dissimulavam ao público que ele devia se armar de uma paciência angélica.

No dia 8, nada. No dia 9, o sol reapareceu por um instante, como que para escarnecer dos americanos. Foi vaiado e, sem dúvida enraivecido com essa acolhida, mostrou-se tremendamente avaro de seus raios.

No dia 10, nenhuma mudança. J.-T. Maston quase enlouqueceu e muita gente chegou a temer pelo cérebro desse digno homem, tão bem conservado até então sob seu crânio de guta-percha.

Mas, no dia 11, uma dessas espantosas tempestades das regiões intertropicais varreu a atmosfera. Fortes ventos do Leste empurraram as nuvens havia tanto tempo acumuladas e, à noite, o disco meio roído da lua passeou majestosamente em meio às límpidas constelações do céu.

Um novo astro

Nessa mesma noite, a palpitante notícia tão impacientemente aguardada explodiu como um raio nos Estados da União e dali, cruzando o oceano, correu por todos os fios telegráficos do globo. O projétil tinha sido avistado graças ao gigantesco refletor de Long's-Peak!

Eis a nota redigida pelo diretor do Observatório de Cambridge. Ela encerra a conclusão científica dessa grande experiência do Gun Club.

Long's-Peak, 12 de dezembro.

Aos senhores membros da equipe do Observatório de Cambridge.

O projétil lançado da Colina das Pedras pela Columbiad foi visto pelos senhores Belfast e J.-T. Maston no dia 12 de dezembro às oito horas e quarenta e sete minutos da noite, com a lua em seu último quarto.

Esse projétil não atingiu o alvo. Passou ao largo, perto o suficiente para ser retido pela atração lunar.

Ali, seu movimento retilíneo se transformou em movimento circular de rapidez vertiginosa, seguindo uma órbita elíptica em volta da lua, da qual se tornou um autêntico satélite.

Os elementos desse novo astro não puderam ainda ser determinados. Não se sabe nem sua velocidade de translação nem sua velocidade de rotação. A distância que o separa da superfície da lua foi avaliada em cerca de 4.500 quilômetros.

No momento, duas hipóteses são viáveis e capazes de modificar o atual estado de coisas: ou a atração da lua acabará por prevalecer e

os viajantes alcançarão o objetivo de sua viagem ou, permanecendo tal como está, o projétil continuará gravitando em torno do disco lunar até o fim dos tempos.

É o que as informações nos dirão um dia, mas, até agora, a tentativa do Gun Club só teve por resultado prover nosso sistema solar de um novo astro.

– J.-M. Belfast

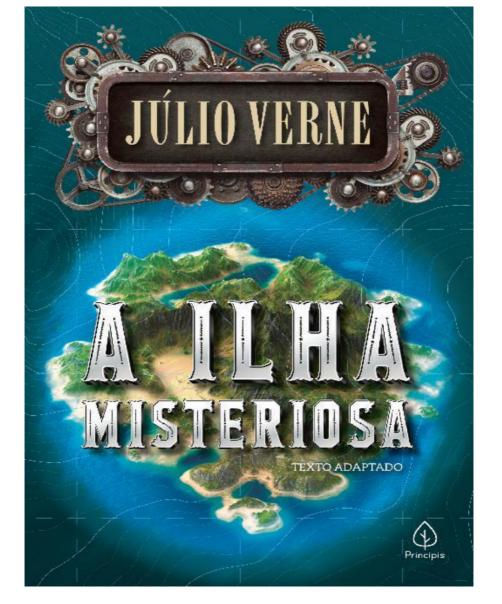
Quantas perguntas esse desfecho inesperado suscitou! Que situação prenhe de mistérios o futuro reservava às pesquisas da ciência! Graças à coragem e ao devotamento de três homens, a aventura, muito fútil na aparência, de enviar um projétil à lua dera um resultado de enormes proporções e consequências incalculáveis. Os viajantes, presos dentro de um novo satélite, não haviam atingido seu alvo, mas pelo menos faziam parte do mundo lunar; gravitavam em torno do astro das noites e, pela primeira vez, o olho podia penetrar todos os seus mistérios. Os nomes de Nicholl, Barbicane e Michel Ardan seriam doravante celebrados nos fastos astronômicos, pois esses corajosos exploradores, ansiosos por alargar o círculo dos conhecimentos humanos, tinham se lançado audaciosamente pelo espaço e arriscado a vida na mais estranha tentativa dos tempos modernos.

Seja como for, uma vez conhecida a nota de Long's-Peak, houve no mundo inteiro um sentimento de surpresa e espanto. Seria possível ajudar aqueles intemeratos habitantes da Terra? Não, sem dúvida, pois haviam se distanciado da humanidade ao franquear os limites impostos por Deus às criaturas terrestres. Poderiam ter ar durante dois meses. Dispunham de víveres para um ano. Mas... e depois? Os corações mais insensíveis palpitavam a essa pergunta terrível.

Um único homem não quis admitir que a situação fosse desesperada e mostrou confiança: seu amigo devotado, audacioso e resoluto como eles, o bravo J.-T. Maston.

A bem dizer, não os perdia de vista. Sua casa foi, doravante, Long's--Peak; seu horizonte, o espelho do imenso refletor. Quando a lua se erguia no horizonte, ele a enquadrava no campo do telescópio, não deixava de observá-la um instante sequer e seguia-a passo a passo em sua marcha pelos espaços estelares; acompanhava com paciência infinita a passagem do projétil sobre seu disco de prata e, na verdade, permanecia em constante comunicação com seus três amigos, que

ainda esperava rever um dia.

– Vamos nos corresponder com eles – dizia a quem o quisesse ouvir – quando as circunstâncias o permitirem. Receberemos notícias deles e eles receberão as nossas! Além disso, conheço-os bem, são homens engenhosos. Levaram para o espaço todos os recursos da arte, da ciência e da indústria. Com isso, podemos fazer o que quisermos. Saibam, pois, que eles sairão dessa enrascada!

JÚLIO VERNE
A ILHA
MISTERIOSA
TEXTO ADAPTADO
Principis

JÚLIO VERNE

Tradução e adaptação
Andréia Manfrin Alves

Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Traduzido e adaptado do original em francês
L'île mystérieuse
Texto
Júlio Verne
Tradução e adaptação
Andréia Manfrin Alves
Preparação
Luciene Ribeiro dos Santos
Revisão
Flávia Yacubian
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
Mott Jordan/Shutterstock.com;
Andrey Burmakin/Shutterstock.com;
donatas1205/Shutterstock.com;
Theus/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

V531i Verne, Júlio

A ilha misteriosa [recurso eletrônico] / Júlio Verne ; adaptado por Andréia Manfrin Alves. - Jandira, SP : Principis, 2021.

416 p. ; ePUB ; 4,4 MB. - (Clássicos da literatura mundial)
Adaptação de: L'île mystérieuse
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-354-6 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Ficção. I. Alves, Andréia Manfrin. II. Título. III. Série.

2021-502 CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br

PRIMEIRA PARTE

OS NÁUFRAGOS DO AR

Capítulo 1

– Estamos subindo?

– Não! Pelo contrário, estamos descendo!

– Pior do que isso, senhor Cyrus! Estamos caindo!

– Por Deus! Joguem os lastros!

– Pronto, nos desfizemos do último saco!

– O balão está subindo?

– Não! Estou ouvindo ondas se quebrando!

– O mar está debaixo do cesto!

– E deve estar no máximo a cento e cinquenta metros daqui!

Então uma voz potente rasgou o ar e estas palavras ecoaram:

– Livrem-se de tudo o que for pesado! E seja o que Deus quiser!

Foram essas as palavras que ecoaram no ar perto das quatro da tarde, acima daquele vasto deserto marítimo do Pacífico, no dia 23 de março de 1865.

Sem dúvida, ninguém se esqueceu do terrível vendaval do nordeste, no meio do equinócio daquele ano, quando o barômetro caiu para setecentos e dez milímetros. Foi um furacão ininterrupto que começou em 18 de março e só parou no dia 26. Os estragos produzidos por ele foram incontáveis na América, Europa, Ásia! Cidades foram destroçadas, florestas erradicadas, rios devastados por montanhas de água que se precipitavam como macaréus. Centenas de navios arremessados na costa, territórios inteiros nivelados por trombas que

trituravam tudo em sua passagem, milhares de pessoas esmagadas sob a terra ou engolidas pelo mar: foram os testemunhos deixados pelo furacão após sua passagem, que ultrapassou em destruição os que arrasaram assustadoramente as ilhas de Havana, em outubro de 1810, e de Guadalupe em 26 de julho de 1825.

Mas, no exato momento em que tamanhas catástrofes devastavam terras e mares, outro drama, não menos surpreendente, acontecia nos ares tumultuados. Um balão, flutuando como uma bolha no topo de uma tromba e rodopiando com o impulso da coluna de ar, percorria o espaço com uma velocidade de 35[1] quilômetros por hora, girando em seu eixo como se tivesse sido perfurado por um redemoinho.

Abaixo do apêndice inferior desse balão havia um cesto com cinco passageiros, quase invisíveis em meio aos espessos vapores misturados à água pulverizada que se alastrava pela superfície do oceano.

De onde vinha aquele aerostato? De que lugar do mundo partira? É óbvio que não tinha saído durante o furacão, que já durava ao menos cinco dias, e os primeiros estragos apareceram no dia 18!

Os passageiros não dispunham de qualquer meio para conferir o trajeto percorrido desde a sua partida, pois estavam sem nenhum ponto de referência. Ao contrário, eles eram vítimas desse fato curioso de serem levados pela violência da tempestade sem serem diretamente atingidos por ela. Eles se deslocavam, giravam em seu eixo sem sentir nada da rotação ou do deslocamento horizontal. Seus olhos não conseguiam enxergar através do nevoeiro espesso que se acumulava debaixo do cesto e a opacidade das nuvens era tamanha que eles não podiam nem ao menos saber se era dia ou noite. Nenhum reflexo de luz, som de terras habitadas, ou barulho do oceano chegava até eles em meio à imensa escuridão, enquanto se mantinham nas zonas mais altas. A rápida descida foi a única maneira de torná-los conscientes dos perigos que corriam acima das águas.

O balão, desprovido de objetos pesados como munição, armas, provisões, tinha subido até as camadas superiores da atmosfera, a uma altura de 4.500 pés. Os passageiros avistaram o mar debaixo do cesto e, considerando menos temíveis os perigos em cima do que embaixo, não hesitaram em se livrar dos objetos a bordo, mesmo os mais úteis, e procuraram não perder mais nada do fluido do dirigível que os sustentava bem em cima do abismo.

A noite passou em meio a preocupações que teriam sido fatais para

almas menos resolutas. Então, outro dia raiou e o furacão demonstrou uma tendência a se moderar. Desde o início daquele dia 24 de março, surgiram sinais de calmaria. Ao amanhecer, nuvens carregadas retornaram às camadas mais altas do céu, rompendo e dispersando a tromba em poucas horas, e o vento passou de furacão a ventania.

Por volta das onze horas, foi possível constatar que o balão descia lentamente, em um movimento contínuo, para as camadas mais baixas do ar. Parecia que ele murchava aos poucos e que seu envelope se alongava à medida que se distendia, passando de esférico a ovoide.

Ao meio-dia, o aerostato estava apenas a dois mil pés acima do mar. Ele media cerca de mil e quinhentos metros cúbicos e, por causa de sua capacidade, tinha sido capaz de se manter no ar por um longo tempo, ou porque ele tinha alcançado grandes altitudes ou por ter se deslocado horizontalmente.

Os passageiros então jogaram fora os últimos objetos e provisões que ainda guardavam no cesto, inclusive os que enchiam seus bolsos. Era evidente que não conseguiam mais manter o balão nas zonas mais elevadas, porque o gás estava no fim. Eles estavam perdidos!

E não havia um continente ou uma ilha que se estendia abaixo deles. O espaço não fornecia um único ponto de aterrissagem ou uma superfície sólida para a âncora poder se fixar, mas apenas o imenso mar, cujas ondas rebentavam com uma violência incomparável. O oceano estava sem limites visíveis até para quem o dominava de cima e cujos olhos alcançavam um raio de sessenta e cinco quilômetros. A planície líquida, impiedosamente açoitada pelo furacão, deve ter aparecido como uma sobreposição de ondas descontroladas sobre as quais tinha sido lançada uma vasta rede de cumes brancos. Nenhuma terra à vista, nenhum navio.

Era, portanto, necessário parar o movimento descendente, a fim de evitar que o aerostato fosse engolido pelas ondas, e era nessa operação que os passageiros do cesto trabalhavam com afinco. Mas, apesar de seus esforços, o balão continuava caindo, ao mesmo tempo em que se movia com extrema velocidade, seguindo a direção do vento: do nordeste ao sudoeste.

Que situação terrível a daqueles infelizes! É óbvio que já não controlavam o balão e que suas tentativas eram em vão. O envelope do balão se esvaziava, e o fluido escapava sem que fosse possível retê-lo. À uma da tarde, o cesto estava suspenso a cento e oitenta metros

acima do oceano.

Com o esvaziamento do balão, os passageiros puderam permanecer suspensos no ar por algumas horas. Mas a inevitável catástrofe só estava sendo adiada, e se nenhuma terra aparecesse antes do anoitecer, tudo desapareceria sob as ondas.

A única manobra que restava fazer foi feita neste momento. Os passageiros eram pessoas resolutas que sabiam como encarar a morte e nada lamentaram. Estavam determinados a lutar até o último segundo, a fazer de tudo para atrasar a queda, pois não havia nenhuma possibilidade de manter o cesto de vime na superfície do mar caso caíssem.

Às duas horas, o aerostato estava a apenas quatrocentos metros acima das ondas. Foi então que a voz de um homem cujo coração desconhecia o medo foi ouvida. E as respostas não foram menos vigorosas.

– Estamos livres de tudo?

– Não! Ainda há dez mil francos em ouro!

Um saco pesado logo caiu no mar.

– O balão está subindo?

– Um pouco, mas não vai demorar muito até cair!

– O que ainda falta jogar fora?

– Nada!

– Na verdade, sim! O cesto!

– Vamos nos agarrar à rede e lançar o cesto ao mar!

De fato, esse era o único e derradeiro meio de deixar o aerostato mais leve. As cordas que ligavam o cesto à saia foram cortadas, e ele subiu mais seiscentos metros. Os cinco passageiros tinham se içado até os gomos acima da saia e se agarravam às malhas, olhando para o abismo.

Depois de se manter por um momento em equilíbrio nas camadas superiores, o balão começou a descer. Os passageiros tinham feito tudo o que podiam. E agora só contavam com a ajuda divina.

Às quatro horas, o balão estava a pouco mais de cento e cinquenta metros da água. Um latido alto foi ouvido. Um cão acompanhava os passageiros e ficou ao lado de seu dono nas malhas da rede.

– Top viu alguma coisa! – gritou um dos passageiros.

E imediatamente ouviram uma voz bradar:

– Terra! Terra!

O balão, que o vento ainda levava para o sudoeste, havia percorrido centenas de quilômetros desde o amanhecer, e uma terra razoavelmente extensa surgiu logo à frente.

Mas ela ainda estava a aproximadamente 50 quilômetros de distância na direção do vento e para chegar até lá, precisaria de mais uma hora, se não derivasse. Uma hora! O balão ainda teria fluido?

Tal era a terrível questão! Os passageiros viam claramente aquele ponto sólido que tinha de ser alcançado a todo o custo e mal sabiam para que parte do mundo o furacão os havia arrastado!

Às quatro horas, parecia evidente que o balão não podia mais se sustentar no ar e que ele quase tocava a superfície do mar. As cristas das ondas gigantes haviam lambido o fundo da rede diversas vezes, deixando o balão ainda mais pesado.

Meia hora depois, a terra firme estava a pouco mais de um quilômetro, mas o balão só conservava gás em sua parte superior. Os passageiros, agarrados à rede, ainda faziam muito peso, e, já quase mergulhados no mar, foram arrebatados pelas ondas. O envelope do aerostato se transformou em uma espécie de balsa, e o vento, soprando em sua direção, empurrou-o como a um navio. Dessa forma ele talvez conseguisse chegar à costa!

Ele estava a apenas a duzentos metros de distância quando todos os pulmões soltaram um grito terrível ao mesmo tempo. O balão, que parecia não ter como voar novamente, deu um salto inesperado depois de ser atingido por um forte golpe marítimo. Como se de repente tivesse sido despojado de uma nova parte de seu peso, ele subiu a uma altura de quatrocentos e cinquenta metros e encontrou uma espécie de redemoinho que, em vez de levá-lo diretamente para a costa, conduziu-o em uma direção paralela a ela.

Finalmente, dois minutos depois, o balão se aproximou obliquamente e caiu sobre a areia da costa, fora do alcance das ondas. Os passageiros conseguiram se desvencilhar das malhas da rede ajudando um ao outro. O balão, aliviado do peso, foi novamente arrastado pelo vento e desapareceu no espaço.

No cesto tinha cinco passageiros e um cachorro, mas o balão lançou apenas quatro na costa. O passageiro desaparecido certamente havia sido golpeado pela forte onda que atingiu as cordas, e foi isso que permitiu que o aerostato, mais leve, subisse uma última vez antes de chegar ao solo instantes depois.

Mal tinham os quatro náufragos – podemos chamá-los assim – posto os pés em terra firme e todos, pensando no ausente, começaram a gritar:

– Talvez ele esteja tentando chegar a nado. Vamos salvá-lo! Vamos salvá-lo!

---

[1] Isso a 46 metros por segundo ou 166 quilômetros por hora. (N.T.)

Capítulo 2

Não eram aeronautas profissionais nem aviadores de expedições aéreas que o furacão tinha atirado na costa, mas prisioneiros de guerra cuja audácia os havia encorajado a fugir em circunstâncias extraordinárias. Estiveram umas cem vezes à beira da morte. Mas o céu lhes reservava um estranho destino, e, em 24 de março, depois de terem fugido de Richmond, sitiada pelas tropas do general Ulysses Grant, encontravam-se a onze mil quilômetros da capital da Virgínia, principal fortaleza dos separatistas durante a terrível guerra de Secessão. Voaram durante cinco dias.

Eis as curiosas circunstâncias em que ocorreu a fuga dos prisioneiros e que os conduziu à catástrofe que agora conhecemos.

Em fevereiro de 1865, em uma das frustrantes tentativas do general Grant de conquistar Richmond, vários de seus oficiais foram capturados e aprisionados pelo inimigo. Um dos mais ilustres prisioneiros pertencia ao Estado-Maior federal e se chamava Cyrus Smith.

Nativo de Massachusetts, ele era engenheiro, cientista de primeira categoria a quem o governo da União havia confiado, durante a guerra, a direção das ferrovias, cujo papel estratégico era primordial. Verdadeiro norte-americano, magro, ossudo, franzino, com cerca de quarenta e cinco anos, cabelos e bigodes já grisalhos. Tinha uma daquelas belas cabeças “numismáticas” que parecem ser feitas para

cunhar medalhas, olhos ardentes e expressão séria. Além da engenhosidade intelectual, ele dispunha de uma suprema habilidade manual. Bastante instruído, prático, “traquejado”, segundo o jargão militar, tinha um excelente temperamento e cumpria em seu mais alto grau estas três condições que determinam a energia humana: a atividade do corpo e da mente, a impetuosidade dos desejos e a força de vontade.

Cyrus Smith era também a personificação da coragem. Participou de todas as batalhas durante a guerra de Secessão. Depois de começar, sob o comando de Ulysses Grant, como voluntário em Illinois, ele lutou em Paducah, Belmont, Pittsburg-Landing, no cerco de Corinth, em Port-Gibson, Rio Negro, Chattanooga, Wilderness e Potomac, sempre com muita valentia. E cem vezes Cyrus Smith deveria ter figurado entre aqueles que o terrível Grant não contabilizava, mas nesses combates, nos quais ele não se poupava, a sorte o favorecia, até que foi ferido e capturado no campo de batalha de Richmond.

No mesmo dia, outra figura importante caiu nas mãos dos sulistas: o honorável Gédéon Spilett, repórter do *New York Herald*, incumbido de acompanhar as peripécias da guerra junto aos exércitos do Norte. Ele pertencia à linhagem dos incríveis cronistas que não recuam diante de nada para obter uma informação exata e transmiti-la aos seus jornais com máxima urgência.

Homem de grande mérito, enérgico, dinâmico e disposto a tudo, cheio de ideias, ele percorreu o mundo inteiro, soldado e artista, verdadeiro herói da informação, era daqueles intrépidos observadores que escrevem em meio ao tiroteio, apuram sob os projéteis, e para os quais todos os perigos são bem-vindos.

Tinha também participado de todas as batalhas, na primeira fila, revólver em uma mão e caderneta na outra. Não cansava os fios com telegramas incessantes: cada uma de suas notas era curta, precisa, clara e iluminava um ponto importante.

Ele era alto, tinha no máximo 40 anos e costeletas ruivas que emolduravam seu rosto. O olhar era calmo, brilhante e veloz em seus deslocamentos. De constituição forte, já tinha mergulhado em todos os climas, como uma barra de aço em água fria.

Quando foi capturado, fazia a descrição da batalha. As últimas palavras encontradas em sua caderneta foram: “Um sulista mirou sua arma em minha direção e...”. E Gédéon Spilett escapou, pois, seguindo

seu hábito invariável, safou-se sem um arranhão.

Cyrus Smith e Gédéon Spilett, que não se conheciam senão pela reputação, foram levados para Richmond. O engenheiro rapidamente se recuperou de sua ferida e foi durante a convalescença que se familiarizou com o repórter. Os dois encontraram afinidades e aprenderam a se apreciar. Logo, tinham um objetivo em comum: escapar, juntar-se ao exército de Grant e lutar novamente em seus pelotões pela unidade federal.

Os dois estavam, portanto, determinados a aproveitar todas as oportunidades, mas, embora tivessem sido deixados livres na cidade, Richmond era tão bem vigiada que era impossível cogitar uma fuga.

Durante todo esse tempo, Cyrus Smith contava com a companhia de um criado que lhe era fiel na vida e na morte. Esse intrépido era um negro nascido na propriedade do engenheiro, de pai e mãe escravos, mas que Cyrus Smith, abolicionista de razão e coração, há muito já o havia libertado. O escravo, livre, não quis deixar seu patrão. Amava-o a ponto de morrer por ele. Jovem de trinta anos, vigoroso, ágil, hábil, inteligente, gentil e calmo, às vezes ingênuo, sempre sorridente, prestativo e bondoso. Seu nome era Nabucodonosor, mas ele só atendia pelo apelido singelo e familiar de Nab.

Quando soube que seu mestre tinha sido capturado, deixou Massachusetts com destino a Richmond, e, com sua astúcia e habilidade, arriscando a vida vinte vezes, logo penetrou a cidade sitiada. O prazer de Cyrus ao rever o criado, e a alegria de Nab ao reencontrar o mestre, foram imensuráveis.

Mas, se Nab tivera êxito para entrar em Richmond, sair seria mais difícil, pois os prisioneiros federais eram severamente vigiados.

Enquanto isso, Grant prosseguia com suas drásticas operações. A vitória de Petersburg tinha lhe custado enormes sacrifícios. Suas forças, combinadas com as de Butler, ainda não tinham obtido qualquer resultado favorável em Richmond, e não havia nada que sugerisse que a libertação dos prisioneiros seria iminente. O repórter, a quem o tedioso cativeiro já não fornecia qualquer detalhe interessante a anotar, não conseguia mais se conter. Tudo o que tinha em mente era sair de Richmond a todo o custo, mas suas tentativas foram impedidas por obstáculos intransponíveis.

Enquanto isso, o cerco continuava, e se os prisioneiros desejavam

escapar para se juntar ao exército de Grant, outros sitiados estavam igualmente ansiosos para fugir e se juntar ao exército separatista, dentre eles um certo Jonathan Forster, um sulista raivoso. O fato é que se os prisioneiros federais não podiam deixar a cidade, tampouco os federados podiam fazê-lo, pois o exército do Norte investia contra eles. O governador de Richmond havia muito já não conseguia se comunicar com o general Lee, e era de seu interesse saber da situação da cidade, a fim de acelerar a marcha do exército de socorro. Jonathan Forster então teve a ideia de voar de balão, a fim de cruzar as linhas sitiadas e chegar ao campo dos separatistas.

O governador autorizou a tentativa. Um aerostato foi fabricado e colocado à disposição de Forster, que deveria voar com cinco de seus companheiros, munidos com armas para o caso de precisarem se defender durante a aterrissagem, e de provisões caso a viagem aérea se prolongasse.

A partida do balão foi agendada para 18 de março. O voo seria realizado durante a noite e com um vento noroeste moderado, os aeronautas esperavam chegar ao quartel general de Lee em poucas horas.

Mas o vento noroeste não era uma mera brisa. Desde o dia 18, ele tinha se transformado em um furacão. A tempestade se intensificou tanto que a partida de Forster teve que ser adiada, pois era impossível arriscar o aerostato e seus passageiros no meio dos furiosos elementos.

O balão, insuflado na praça central de Richmond, estava pronto para partir na primeira calmaria do vento. Na cidade, a impaciência era grande ao ver que o estado da atmosfera não se alterava.

Os dias 18 e 19 transcorreram sem mudança na tormenta. Era, inclusive, muito difícil manter o balão preso ao chão enquanto as rajadas de vento tentavam arrancá-lo. A noite de 19 para 20 passou, mas na manhã seguinte o furacão ganhou ainda mais força. Era impossível partir.

Naquele dia, um homem desconhecido pelo engenheiro Cyrus Smith se aproximou dele em uma das ruas de Richmond. Era um marujo chamado Pencroff, que tinha entre 35 e 40 anos, de constituição vigorosa, pele bronzeada, olhos vivos e inquietos, mas aparência calma. Era um americano do norte que já tinha viajado por todos os mares do globo, e a quem, por conta das aventuras, tudo o que pode acontecer de extraordinário a um ser com dois pés e sem

penas já tinha acontecido. No início do ano, Pencroff tinha ido a Richmond com um rapaz de 15 anos, Harbert Brown, de Nova Jersey, filho do seu capitão, um órfão a quem amava como se fosse seu próprio filho, para fazer negócios. Sem conseguir deixar a cidade antes das primeiras operações do cerco, ele ficou preso lá e tinha uma única ideia: escapar por todos os meios possíveis. Conhecia o engenheiro Cyrus Smith por sua reputação e sabia como esse homem determinado estava impaciente. Portanto, não hesitou em abordá-lo dizendo de forma direta:

– Senhor Smith, o senhor está farto de Richmond?

O engenheiro olhou fixamente para o homem que lhe abordava daquela forma e que acrescentou em voz baixa:

– Senhor Smith, o senhor quer fugir?

– Quando? – respondeu prontamente o engenheiro, sem ao menos examinar o estranho que lhe falava. Depois de observar, com olhar penetrante, a leal figura do marujo, ele não podia duvidar que tinha diante de si um homem honesto. – Quem é o senhor? – perguntou com um tom de voz seco.

Pencroff se apresentou.

– Bem. E por que meio o senhor me propõe fugir?

– Com aquele balão preguiçoso deixado lá à toa, e que me faz sentir que está à nossa espera!

O marujo mal concluiu sua frase e o engenheiro já havia entendido tudo. Pegou Pencroff pelo braço e arrastou-o até sua casa.

Quando chegaram, o marujo expôs seu projeto, de fato muito simples. Não arriscariam nada além da própria vida. O furacão estava em sua intensidade mais violenta, é verdade, mas um engenheiro hábil e audacioso como Cyrus poderia muito bem conduzir um aerostato em tais condições. Se conhecesse a manobra, ele mesmo, Pencroff, não hesitaria em partir acompanhado de Harbert.

Cyrus Smith ouviu o marujo sem dizer uma palavra, mas seus olhos brilhavam. A oportunidade estava lá e ele não era homem de deixá-la escapar. O projeto era perigoso, mas executável. À noite, apesar da vigilância, seria possível se aproximar do balão, deslizar até o cesto e depois cortar as amarras que o mantinham preso ao chão! Claro que corriam o risco de serem mortos, mas, por outro lado, poderiam ter êxito, e sem essa tempestade...

– Não estou sozinho! – disse Cyrus Smith para concluir.

– Quantas pessoas o senhor quer levar?

– Duas: meu amigo Spilett e o meu criado Nab.

– Comigo e com Harbert, seremos cinco.

– É o suficiente. Nós vamos partir!

Esse “nós” comprometia o repórter, que não era homem de recuar, e quando o projeto lhe foi comunicado, ele o aprovou sem reservas. Quanto a Nab, ele seguiria seu patrão aonde quer que fosse.

– Até a noite então. Nós cinco flanaremos por lá, simplesmente como curiosos!

– Até a noite, às dez – respondeu Cyrus Smith –, e que o céu permita que essa tempestade não se enfraqueça antes da nossa partida!

Pencroff se despediu do engenheiro e voltou para seu alojamento, onde se encontrava o jovem Harbert. Eram cinco homens determinados que estavam prestes a se lançar na tempestade, no meio de um furacão!

Não! O furacão não se acalmou, nem Jonathan Forster nem seus companheiros cogitavam enfrentá-lo naquele frágil cesto! Foi um dia terrível. O engenheiro temia apenas uma coisa: que o aerostato rasgasse, preso ao chão e deitado sob vento. Durante horas ele vagou pelo local quase deserto, observando o aparato. Pencroff fez o mesmo de seu lado, com as mãos nos bolsos e bocejando quando necessário, mas temendo também que o balão rasgasse ou rompesse suas amarras e saísse voando.

A noite chegou bastante escura. O tempo estava frio. Havia uma espécie de nevoeiro em Richmond. Parecia que a violenta tempestade tinha feito uma trégua entre os sitiantes e os sitiados, e que o canhão buscava permanecer calado diante dos ensurdecedores estrondos do furacão. As ruas da cidade estavam desertas. Nem parecia necessário vigiar a praça no centro da qual o aerostato se debatia. Tudo era favorável à partida dos prisioneiros, era evidente; mas uma viagem no meio de rajadas furiosas...

– Maré desfavorável! – balbuciava Pencroff, fixando o chapéu à cabeça com um soco, enquanto o vento o disputava. – Mas vamos conseguir de qualquer jeito!

Às nove e meia, Cyrus Smith e seus companheiros surgiram de vários lados da praça que as lanternas de gás, extintas pelo vento, deixaram em um breu profundo. Não se via sequer o enorme

aerostato, quase completamente colado ao chão.

Os cinco prisioneiros estavam próximos do cesto. Sem dizer uma palavra, Cyrus Smith, Gédéon Spilett, Nab e Harbert ocuparam seus lugares no cesto enquanto Pencroff, sob ordem do engenheiro, desatava sucessivamente os sacos do lastro. O aerostato era então mantido no chão apenas por um cabo duplo, e Cyrus só precisava dar a ordem para a partida.

Um cachorro então saltou para dentro do cesto. Era Top, o cão do engenheiro, que, tendo quebrado sua coleira, havia seguido o dono.

Em seguida, o balão, partindo em uma direção oblíqua, desapareceu depois de bater o cesto contra duas chaminés, que derrubou com o tranco da partida.

O furacão se manifestava com violência pavorosa. Quando o dia raiou, a visão da terra estava obstruída pelas nuvens. Apenas cinco dias depois, um desbaste permitiu ver o imenso mar abaixo do aerostato que o vento arrastava em uma velocidade assustadora!

Sabemos agora como, desses cinco homens que partiram, quatro foram lançados em uma costa deserta no dia 24 do mesmo mês, a mais de nove mil quilômetros de seu país[2]! E aquele que faltava, aquele a quem os quatro sobreviventes do balão correram para socorrer, era o seu líder natural, o engenheiro Cyrus Smith!

---

2 Em 5 de abril, Richmond caiu nas mãos de Grant. A revolta separatista havia sido suprimida, Lee recuou para o oeste, e a causa da unidade americana triunfou. (N.T.)

Capítulo 3

O engenheiro fora lançado ao mar pelas malhas da rede, que arrebentaram com o impacto. Top também havia desaparecido, precipitando-se voluntariamente para socorrer seu dono.

– Avante! – gritou o repórter.

E os quatro, Gédéon Spilett, Harbert, Pencroff e Nab, esqueceram a exaustão e começaram as buscas.

O pobre Nab chorou ao mesmo tempo de raiva e desespero, pensando ter perdido tudo o que amava no mundo.

Havia menos de dois minutos de diferença entre o momento do desaparecimento de Cyrus e a queda dos outros quatro em terra firme, o que lhes permitia alimentar a esperança de chegar a tempo para salvá-lo.

– Procurem! Procurem! – bradava Nab.

– Sim, Nab – respondeu Gédéon Spilett –, vamos encontrá-lo!

– Vivo?

– Vivo!

– Ele sabe nadar? – perguntou Pencroff.

– Sim! – respondeu Nab. – Além disso, Top está com ele!

O engenheiro desapareceu ao norte da costa, a cerca de oitocentos metros de onde os náufragos aterrissaram, então, se tivesse conseguido chegar ao ponto mais próximo da costa, ele estaria no máximo a oitocentos metros dali.

Eram quase seis horas e a noite estava bastante sombria. Os náufragos caminharam para o norte ladeando a costa leste daquela terra onde o acaso os havia lançado – uma terra desconhecida cuja localização geográfica eles ignoravam. Seus pés pisavam em um solo arenoso misturado com pedras, que parecia desprovido de qualquer tipo de vegetação. A todo momento, pássaros de voo pesado saíam de buracos no solo, fugindo em todas as direções, com a visão dificultada pela escuridão.

De tempos em tempos, os náufragos paravam, gritavam bem alto e tentavam ouvir se alguma resposta vinha do oceano. Decerto pensavam que se permanecessem perto do lugar onde o engenheiro provavelmente havia caído, o latido de Top, caso Cyrus Smith não pudesse enviar um sinal, chegaria até eles. Mas nenhum grito se destacava em meio à rebentação das águas.

Vinte minutos depois, os quatro náufragos foram subitamente parados por uma orla espumante de ondas em plena rebentação. Eles haviam chegado a uma extremidade pontiaguda onde o mar se agitava violentamente.

– É um promontório – disse o marujo. – Temos de retornar pelo mesmo caminho e então chegaremos à faixa de terra mais seca.

– Mas e se ele estiver lá! – respondeu Nab, apontando para o oceano.

– Muito bem, vamos tentar chamá-lo!

E todos, em uníssono, lançaram um estrondoso chamado, mas ninguém respondeu. Outra tentativa. Nada.

Os náufragos retornaram pelo lado oposto ao do promontório. No entanto, Pencroff observou que a costa estava ficando mais íngreme e supôs que ela deveria dar em uma costa alta e comprida, cujo maciço se perfilava de maneira confusa na escuridão. Havia menos pássaros nessa parte da costa. Só se ouvia o som da rebentação. Esse lado do promontório formava uma enseada semicircular, cujo ponto agudo a protegia contra as ondulações do mar aberto.

Mas ao seguir nessa direção, caminhavam para o sul, e isso significava seguir na direção oposta à parte da costa em que Cyrus Smith teria aterrissado. Após uma caminhada de dois quilômetros e meio, a costa ainda não havia indicado qualquer curvatura que lhes permitisse retomar a direção norte. Era necessário, entretanto, que esse promontório, cuja ponta haviam contornado, voltasse a encontrar

a faixa de terra. Os náufragos, embora exaustos, seguiam caminhando corajosamente, esperando encontrar a qualquer momento algum ângulo abrupto que os colocasse de volta na direção inicial.

Depois de caminharem por cerca de três quilômetros, viram-se novamente encurralados pelo mar em um ponto alto, feito de rochas escorregadias.

– Estamos em uma ilha! – disse Pencroff – e já a percorremos de ponta a ponta!

A observação do marujo estava correta. Os náufragos tinham sido lançados, não em um continente, nem mesmo em uma ilha, mas em uma ilhota que não tinha mais do que três quilômetros de comprimento e cuja largura era pouco considerável. Será que ela estaria ligada a algum arquipélago de maior tamanho? Não era possível afirmar. Os passageiros do balão, quando vislumbraram aquela faixa de terra através do nevoeiro, não puderam identificar seu tamanho com clareza.

Também não era possível, em meio à escuridão, determinar a qual sistema, simples ou complexo, pertencia a ilhota. E nem podiam sair dela, pois estavam cercados pelo mar. Era, portanto, necessário adiar para o dia seguinte a busca pelo engenheiro que, infelizmente, não dera qualquer sinal de vida.

– O silêncio de Cyrus não prova nada – disse o repórter. – Ele pode estar inconsciente, incapaz de responder, mas não nos desesperemos.

O repórter então sugeriu que eles tentassem acender uma fogueira que servisse como um sinal para o engenheiro. Mas procuraram em vão por madeiras e gravetos secos. Não havia nada além de areia e pedras.

Pode-se imaginar o tamanho da dor que Nab e seus companheiros estavam sentindo, pois tinham se afeiçoado ao intrépido Cyrus Smith.

Foram longas e árduas horas de espera. O frio era intenso. Os náufragos sofriam cruelmente, mas mal se davam conta disso. Esquecendo-se de si mesmos para pensar em seu líder, mantendo a esperança, eles iam e vinham pela ilha árida, retornando incessantemente à ponta norte, que ficava mais perto do lugar da catástrofe. Eles ouviam, gritavam, procuravam identificar algum chamado supremo. Um dos gritos de Nab até pareceu ecoar a dada altura. Harbert fez essa observação a Pencroff, adicionando:

– Isso prova que há uma costa a oeste, bastante próxima.

O marujo fez um sinal afirmativo, seus olhos jamais o enganavam. Avistou uma terra, por mais improvável que parecesse, era porque havia uma. Mas esse eco distante foi a única resposta provocada pelos gritos de Nab, e a imensidão, em toda a parte oriental da ilhota, permaneceu silenciosa.

Enquanto isso, o céu clareava vagarosamente. Por volta da meia-noite, algumas estrelas brilharam, e se o engenheiro estivesse perto de seus companheiros, teria notado que elas não eram mais as do hemisfério boreal. A estrela polar não aparecia no novo horizonte, as constelações zenitais já não eram as que ele costumava observar no norte do novo continente, e o Cruzeiro do Sul agora brilhava no polo sul do mundo.

Por volta das cinco da manhã do dia 25 de março, o céu ficou ligeiramente matizado. O horizonte ainda estava escuro, mas com a primeira luz do dia, uma névoa opaca surgiu do mar, de modo que não se conseguia enxergar por mais de vinte passos. O nevoeiro se compunha de grandes espirais que se moviam pesadamente. Era um revés.

Enquanto os olhares de Nab e do repórter se projetavam na direção do oceano, o marujo e Harbert procuravam pela costa oeste. Mas nenhum pedaço de terra foi avistado.

– Pouco importa se não consigo ver a costa – disse Pencroff –, pois consigo senti-la... ela está aqui... ali... tão certo como o fato de não estarmos mais em Richmond!

O nevoeiro não demoraria a se dissipar. O sol aquecia as camadas superiores e o calor penetrava na superfície da ilhota.

De fato, perto das seis e meia a névoa se tornou mais transparente. Ela engrossava no topo, mas se dissipava embaixo. Logo toda a ilhota ficou visível, como se tivesse descido de uma nuvem; então o mar se mostrou em um plano circular, infinito no leste, mas limitado no oeste por uma costa alta e abrupta.

Sim! Havia terra ali! A salvação estava ao menos provisoriamente assegurada. Entre a ilhota e a costa, separadas por um canal de oitocentos metros de largura, uma rápida corrente se propagava com um intenso barulho.

Naquele momento, um dos náufragos, consultando apenas seu coração, precipitou-se na direção da corrente marítima sem seguir o conselho dos companheiros e sem dizer uma só palavra. Era Nab. Ele

tinha pressa em chegar à costa e subi-la na direção norte. Ninguém conseguiu impedi-lo. Pencroff gritou seu nome em vão. O repórter estava disposto a acompanhar Nab, mas Pencroff foi falar com ele:

– O senhor quer atravessar este canal?

– Sim – respondeu Gédéon Spilett.

– Pois bem, então espere. Nab conseguirá socorrer seu mestre sozinho. Se adentrarmos nesse canal, corremos o risco de sermos arrastados pela corrente violenta. Se eu não estiver enganado, é uma corrente jusante. Está vendo, a maré diminui sobre a areia. Portanto, sejamos pacientes e, na maré baixa, é possível que encontremos uma passagem permanente...

Enquanto isso, Nab lutava vigorosamente contra a corrente, tentando atravessá-la por uma direção oblíqua. Dava para ver seus ombros negros emergirem a cada golpe do mar. Ele flutuava sobre as ondas com extrema velocidade, ao mesmo tempo em que avançava em direção à costa. Levou mais de meia hora para atravessar os oitocentos metros que separavam a ilhota do continente.

Nab fincou os pés na base de uma muralha de granito e se sacudiu vigorosamente; então, pôs-se a correr e logo desapareceu atrás de algumas rochas que se projetavam no mar, mais ou menos na altura da extremidade setentrional da ilhota.

Seus parceiros acompanharam com angústia a ousada tentativa, e quando ele sumiu de vista, vasculharam com os olhos a terra onde iam procurar refúgio, enquanto comiam algumas conchas que se espalhavam pela areia. Era uma refeição pobre, mas era o que tinham.

Em frente à ilhota, o litoral era composto, em primeiro plano, de uma praia arenosa semeada de rochas negras, que, naquele momento, reapareciam pouco a pouco sob a maré baixa. Em segundo plano, sobressaía uma espécie de muralha granítica, esculpida e coroada com uma caprichosa aresta de quase cem metros de altura. Ela se perfilava por cinco quilômetros e terminava à direita por um lanço uniforme que parecia ter sido esculpido por mãos humanas.

No planalto superior da costa não havia árvores. Todavia, por ali a vegetação se espalhava, à direita, atrás do lanço. Era possível distinguir a massa confusa das grandes árvores, cuja aglomeração se prolongava para além dos limites do olhar, e que encantava os olhos, profundamente entristecidos ao contemplar as linhas ásperas do asfalto de granito.

Não era claro se aquela terra era uma ilha ou se pertencia a um continente. Mas, levando-se em consideração as rochas convulsas que se acumulavam à esquerda, um geólogo não hesitaria em dar-lhes uma origem vulcânica, pois eram inquestionavelmente produto de um trabalho plutoniano.

Gédéon Spilett, Pencroff e Harbert observavam com atenção a terra na qual eles talvez tivessem que viver por longos anos, e onde poderiam inclusive morrer caso não estivessem na rota dos navios!

– O que você tem a dizer, Pencroff? – perguntou Harbert.

– Bem, como tudo na vida, há o lado bom e o lado ruim. Veremos. Mas podemos sentir a jusante, e daqui a três horas tentaremos atravessar, e lá chegando, tentaremos sair desta confusão e encontrar o senhor Smith!

Pencroff não se enganara em suas previsões. Três horas depois, com a maré baixa, grande parte da faixa de areia que formava o leito do canal estava descoberta. Restava apenas um canal estreito entre a ilhota e a costa, que podia ser facilmente atravessado.

Por volta das dez horas, Gédéon Spilett e seus dois companheiros despiram-se de suas roupas, colocaram-nas sobre suas cabeças como pacotes e se aventuraram pelo canal. Harbert, para quem a água era muito alta, nadou como um peixe e se saiu muito bem. Os três chegaram em segurança à costa oposta. Ali, o sol os secou rapidamente e eles vestiram suas roupas, preservadas do contato com a água, e discutiram sobre o que fazer.

Capítulo 4

O repórter disse ao marujo para esperar por ele ali mesmo e subiu a costa na direção que Nab havia tomado algumas horas antes, desaparecendo logo em seguida atrás de um ângulo da costa, ansioso por receber notícias do engenheiro. Harbert quis acompanhá-lo.

– Fique aqui, meu rapaz – disse-lhe o marujo. – Precisamos montar um acampamento e tentar encontrar algo mais sólido do que moluscos para comer. Nossos amigos precisarão se recuperar quando voltarem. Cada um tem sua própria tarefa.

– Estou pronto para isso, Pencroff.

– É melhor assim. Vamos prosseguir com cautela. Estamos cansados, com frio e fome. Portanto, temos que encontrar abrigo, fogo e comida. A floresta tem madeira, os ninhos têm ovos, resta-nos encontrar a casa.

– Está bem, vou procurar uma caverna nessas rochas onde poderemos nos proteger!

– Perfeito – respondeu Pencroff. – Ao trabalho, meu rapaz.

Agora ambos caminhavam aos pés da enorme muralha, sobre aquele areal que a vazante tinha descoberto em grande parte. Mas em vez de subirem para norte, desceram para sul. Pencroff tinha notado a algumas centenas de passos abaixo do lugar em que haviam desembarcado, que a costa possuía uma estreita passagem que deveria servir de escoamento para algum rio ou riacho. Por um lado, era

importante estabelecer-se nas proximidades de um riacho com água potável, e, por outro, não era impossível que a corrente tivesse empurrado Cyrus Smith para aquele lado.

A alta muralha media cerca de noventa metros, mas o bloco era sólido de todos os lados, e mesmo em sua base, apenas tocada pelas águas do mar, não tinha qualquer rachadura que pudesse servir como habitação temporária. Próximo ao cume, um bando de aves aquáticas esvoaçava, voláteis ralhadoras que pouco se assustaram com a presença do homem, que, certamente, pela primeira vez perturbava sua solidão. Pencroff reconheceu entre os palmípedes vários labos, tipos de gaivotas também conhecidos como estercorários, e pequenas gaivotas vorazes que construíam seus ninhos nas fendas do granito. Um tiro de fuzil, disparado no meio daquele formigueiro de pássaros, teria matado muitos; mas, para disparar um fuzil, seria necessário ter um, e nem Pencroff nem Harbert dispunham de uma arma. A propósito, essas gaivotas e esses labos são pouco comestíveis, e mesmo seus ovos têm um gosto detestável.

Harbert, que se encontrava um pouco mais à esquerda, encontrou algumas rochas cobertas de algas que a maré alta logo encobriria. Sobre as rochas, no meio daquela variedade de algas escorregadias, pululavam conchas de válvulas duplas, que não podiam ser desprezadas por pessoas famintas. Harbert chamou Pencroff, que logo se juntou a ele.

– São mexilhões! – exclamou o marujo. – É o que precisamos para substituir os ovos que não encontramos!

– Não são mexilhões, são litodomos.

– Isso é comestível?

– Certamente.

– Então vamos comer litodomos.

O marujo confiava em Harbert. O jovem sabia muito a respeito de história natural e sempre teve paixão por essa ciência. Seu pai o havia incentivado a frequentar aulas com os melhores professores de Boston, que nutriam afeto por aquela criança inteligente e dedicada. Consequentemente, seus instintos como naturalista seriam usados mais de uma vez dali em diante, e seu primeiro palpite foi certeiro.

Pencroff e Harbert se alimentaram dos litodomos que estavam entreabertos sob o sol como se fossem ostras, e encontraram neles um forte sabor apimentado.

Sua fome foi temporariamente apaziguada, mas não sua sede, que aumentou após a absorção daqueles moluscos picantes. Portanto, precisavam encontrar água doce, que provavelmente abundava numa região acidentada. Depois de encherem seus bolsos e lenços com litodomos, Pencroff e Harbert retornaram ao topo do planalto.

A duzentos passos dali, chegaram à fenda por meio da qual, segundo o palpite de Pencroff, um pequeno rio fluía em abundância. Ali, a muralha parecia ter sido separada por alguma força plutoniana violenta. O riacho tinha uns trinta metros de largura e suas duas margens mediam apenas seis metros.

– Aqui temos água! Ali, madeira. Falta apenas a casa! – disse Pencroff.

A água do rio era límpida. O marujo identificou que na vazante, quando as ondas não chegavam até o rio, a água era doce. Depois desse reconhecimento, Harbert procurou em vão por uma de vegetação variada se servir como abrigo, pois a muralha era lisa, plana e vertical por todos os lados.

No entanto, na própria foz do curso d'água, e acima da preamar, os seixos formavam um amontoado de rochas enormes, como muitas vezes são encontradas nos países graníticos, chamadas de "chaminés".

Pencroff e Harbert penetraram entre as rochas, nos corredores arenosos e bastante iluminados pela luz que infiltrava nos buracos deixados entre eles pelos granitos, e alguns eram mantidos apenas por um milagre de equilíbrio. Mas com a luz entrava também o vento, e com ele, o frio severo do exterior. O marujo então pensou que obstruindo certas partes desses corredores e bloqueando algumas aberturas com uma mistura de pedras e areia, seria possível tornar as "chaminés" habitáveis. O plano geométrico daquele espaço representava o sinal tipográfico &, que significa *et cetera* abreviado, e, ao isolar o anel superior do sinal, através do qual os ventos do sul e do oeste se infiltravam, seria possível usar seu espaço inferior.

– Esse é o nosso desafio – disse Pencroff –, e se voltarmos a ver o senhor Smith, ele saberá o que fazer com este labirinto.

– Nós o veremos novamente, Pencroff, e quando isso acontecer, ele precisará encontrar este espaço minimamente habitável. E será, se conseguirmos acender uma lareira na galeria da esquerda, mantendo uma abertura para a fumaça.

– Conseguiremos, meu rapaz, e essas chaminés servirão para o que

precisamos. Mas, primeiro, vamos buscar combustível. Imagino que a madeira não será inútil para preencher essas aberturas através das quais o diabo toca a sua trombeta!

Harbert e Pencroff deixaram as chaminés e começaram a subir a margem esquerda do rio. A correnteza estava forte e arrastava consigo alguns pedaços de lenha. A maré alta, que já se fazia sentir, devia impelir de volta aquele material a uma distância considerável. O marujo então pensou que o fluxo e refluxo poderia ser usado para transportar os objetos pesados.

Depois de caminhar durante quinze minutos, o marujo e o rapaz chegaram à curva sinuosa do rio. Ali, o naturalista identificou alguns cedros, numerosos no Himalaia, que exalam um aroma muito agradável. Entre as belas árvores cresciam ramos de pinheiros com seus para-sóis opacos bem abertos. No meio das altas árvores, Pencroff sentiu que seus pés esmagavam galhos secos que estalavam como fogo de artifício.

– Bem, meu jovem – ele disse a Harbert –, ainda que eu ignore os nomes dessas árvores, consigo ao menos classificá-las na categoria “lenha para queimar”, e, por enquanto, isso nos convém!

– Vamos fazer nossa provisão!

A colheita foi fácil e nem sequer foi necessário agitar as árvores, pois enormes quantidades de madeira seca jaziam aos seus pés. Mas, ainda que o combustível abundasse, os meios de transporte deixavam a desejar. A madeira seca queimaria rapidamente, daí a necessidade de levar uma boa quantidade para as chaminés, e os braços de dois homens não seriam suficientes. Harbert fez essa observação.

– Ora! – respondeu o marujo. – Deve haver uma solução para carregar toda essa madeira. Se tivéssemos um carrinho ou um barco, seria extremamente fácil.

– Mas temos o rio!

– Exato. O rio servirá como estrada, e os trens de madeira não foram inventados à toa.

– Porém, “nossa estrada” está seguindo em uma direção contrária à nossa, uma vez que a maré está subindo!

– Vamos esperar que ela volte a baixar, e é ela quem vai transportar o nosso combustível até as chaminés.

Então eles caminharam na direção do ângulo onde a orla da floresta encontrava o rio e começaram a carregar fardos de madeira

amarrados em feixes. Havia também uma boa quantidade de ramos secos pela orla, e Pencroff se pôs a construir uma embarcação.

Em uma espécie de remanso formado por uma ponta da costa onde a corrente rebentava, eles dispuseram alguns pedaços grandes de madeira que amarraram com cipós secos, e assim construíram uma espécie de jangada sobre a qual empilharam toda a colheita. Dentro de uma hora o trabalho foi concluído e a embarcação, ancorada à margem, teve que esperar a mudança da maré.

Havia então algumas horas de espera pela frente e eles resolveram ir até o planalto superior para examinar a região de um ponto mais panorâmico.

Precisamente duzentos passos atrás do ângulo formado pelo rio, a muralha, que terminava em um deslizamento de rochas, vinha morrer em um encosta suave na orla da floresta e criava uma espécie de escada natural. Os dois chegaram ao cume em pouco tempo, posicionando-se no ângulo que ela faz com a foz do rio.

A primeira coisa que viram foi o oceano que tinham acabado de atravessar naquelas condições tão terríveis. Eles observaram com emoção toda a parte norte da costa, onde havia acontecido a catástrofe e o desaparecimento de Cyrus Smith. Procuraram por algum destroço do balão que ainda estivesse boiando e no qual um homem pudesse se agarrar. Nada! O mar e a costa estavam desertos. Nem o repórter nem Nab apareceram, mas era possível que naquele momento ambos estivessem a tal distância que não pudessem ser vistos.

– Algo me diz que um homem tão forte como o senhor Cyrus não se deixou levar pelas águas como um grumete. Ele deve ter conseguido chegar a algum ponto da costa. Concorda, Pencroff?

O marujo balançou a cabeça tristemente. Ele já não esperava ver Cyrus Smith novamente; mas, desejando dar alguma esperança a Harbert, disse:

– Sem dúvida, sem dúvida, nosso engenheiro é o tipo de homem que consegue escapar de situações em que qualquer outro sucumbiria!

Dizendo isso, ele observava a costa com extrema atenção. Diante de seus olhos estava a praia de areia, protegida, à direita da foz, por abrolhos. Do outro lado, o mar brilhava sob os raios do sol. Ao sul, uma ponta aguda fechava o horizonte e não era possível ver se a terra se estendia naquela direção ou se seguia na direção sudeste-sudoeste, o que faria da costa uma península muito alongada. Na extremidade

setentrional da baía, o desenho do litoral se prolongava por grande distância, formando uma linha mais arredondada.

Pencroff e Harbert se viraram para o oeste. Seus olhos se fixaram imediatamente em uma montanha nevada que ficava a uns dez quilômetros. Desde suas primeiras encostas até três quilômetros dali, estendiam-se vastas massas arborizadas, realçadas por vastas chapadas que resultavam da presença de árvores de folhagem duradoura. Da orla dessa floresta a costa, havia um planalto verdejante semeado com ramos de árvores caprichosamente distribuídos. À esquerda, viam-se as águas do pequeno rio brilhar através das clareiras e parecia que seu curso sinuoso o levava de volta para os sopés da montanha, entre os quais ele provavelmente nascia. No ponto em que o marujo tinha deixado sua embarcação, a água começava a correr entre dois paredões de granito.

– Estamos em uma ilha? – perguntou o marujo.

– Se for, ela parece ser bastante grande!

– Uma ilha, por maior que seja, continua sendo uma ilha!

Mas a importante pergunta ainda não podia ser respondida. Quanto à terra em si, fosse ilha ou continente, parecia fértil, agradável em seus aspectos e de vegetação variada.

– Isso é uma dádiva – observou Pencroff – e em nosso infortúnio, devemos agradecer à Providência.

– Louvado seja Deus! – respondeu Harbert, cujo coração piedoso estava repleto de gratidão pelo Autor de todas as coisas.

Eles então tomaram o caminho de volta, seguindo a crista meridional do planalto de granito, onde viviam algumas centenas de pássaros aninhados nos buracos da pedra. Saltando sobre as rochas, Harbert espantou um bando inteiro desses pássaros.

– Ah! – ele exclamou. – Estas não são gaivotas de nenhuma espécie!

– Que pássaros são esses? Posso jurar que são pombos!

– De fato, mas são selvagens ou pombos-das-rochas. Reconheço-os pela dupla faixa preta na asa, pelo rabo branco e penas cinza azuladas. Ora, se são pássaros bons de comer, seus ovos devem ser excelentes e os que voaram há pouco deixaram alguns em seus ninhos...!

– Não vamos dar tempo para eclodirem, a menos que seja sob a forma de uma omelete! – brincou Pencroff.

– Mas onde você vai preparar a omelete? No seu chapéu?

– Ah! Não sou feiticeiro o suficiente. Vamos tentar os ovos poché e

eu me encarrego de digerir os mais duros!

Pencroff e o jovem rapaz examinaram cuidadosamente as fendas de granito e de fato encontraram em algumas cavidades ovos que recolheram e colocaram no lenço do marujo. Como chegava o momento da maré subir, Harbert e Pencroff começaram a descida em direção ao curso d'água e à uma da tarde chegaram à curva do rio. A maré já se invertia. Então, era necessário aproveitar o refluxo para levar a balsa até a foz. Pencroff não tinha intenção de deixar a embarcação partir com a correnteza, sem direção, nem planejava embarcar nela nem conduzi-la. Ele logo trançou uma corda de três metros com cipós secos. O cabo vegetal foi amarrado na parte detrás da jangada, e o marujo o segurou com as mãos enquanto Harbert a empurrava com a ajuda de uma longa vara, mantinha-a na direção da corrente.

O procedimento foi bem-sucedido. A carga de lenha que o marujo segurava enquanto caminhava ao longo da costa, seguiu pelo curso d'água. O rio era raso o suficiente para não temerem que a embarcação naufragasse e em menos de duas horas chegaram à foz, a poucos passos das chaminés.

Capítulo 5

A primeira preocupação de Pencroff, assim que a madeira foi descarregada, era tornar as chaminés habitáveis, obstruindo os corredores por onde passava a corrente de ar. Um único duto, estreito e sinuoso que dava para a parte lateral foi mantido para levar a fumaça para fora e formar uma espécie de sistema de sucção da lareira. As chaminés foram divididas em três ou quatro quartos, se é que se pode dar esse nome às cavernas escuras com as quais somente um animal selvagem talvez se contentaria. Mas ao menos ali era possível se manter seco e ficar em pé pelo menos na parte principal dos quartos que ocupavam o centro.

Enquanto trabalhavam, Harbert e Pencroff conversavam.

– Talvez nossos companheiros tenham encontrado uma instalação melhor do que a nossa! – disse Harbert.

– É possível, mas, na dúvida, não relaxe! É melhor uma corda a mais do que nenhuma corda!

– Ah! Que eles encontrem o senhor Smith e assim só teremos o que agradecer aos Céus!

– Sim! Era um homem corajoso aquele lá!

– Era... Você acha que nunca mais voltará a vê-lo?

– Deus me livre!

O trabalho de apropriação foi realizado rapidamente, e Pencroff ficou bastante satisfeito:

– Agora nossos amigos podem voltar. Vão encontrar um abrigo em boas condições.

Tudo o que restava era fixar a moradia e preparar uma refeição. Tarefa simples e fácil. Grandes pedras planas foram colocadas no fundo do primeiro corredor à esquerda, no orifício do estreito buraco que tinha sido reservado para esse fim. O que a fumaça não aqueceria na parte externa seria suficiente para manter uma temperatura interna adequada. A provisão de lenha foi armazenada em um dos quartos, e o marujo colocou sobre as pedras da lareira alguns troncos intercalados com gravetos. Harbert então perguntou se tinha fósforos.

– Certamente, e eu acrescentaria “felizmente”, pois sem fósforos ou qualquer outra acendalha, estaríamos em maus lençóis!

– Ainda seria possível fazer fogo como os selvagens, esfregando dois pedaços de madeira seca um contra o outro!

– Ora! Tente, meu rapaz, e veremos se você conseguirá algum resultado além de destruir o braço!

– No entanto, é um procedimento muito simples e amplamente utilizado nas ilhas do Pacífico.

– Eu não digo o contrário, mas é importante lembrar que os selvagens sabem o que fazer, ou usam uma madeira específica, pois, por mais de uma vez eu quis fazer fogo dessa forma, em vão! Por isso, confesso que prefiro fósforos! Onde estão meus fósforos?

Pencroff procurou em seu casaco pela caixa que nunca abandonava, pois era um fumante inveterado, mas não a encontrou.

– Isso é estúpido, é muito estúpido! – ele disse. – Aquela caixa deve ter caído do meu bolso e eu a perdi! Harbert, você não tem nada, um isqueiro ou qualquer coisa que possa ser usada para fazer fogo?

– Não, Pencroff!

O marujo virou-se e saiu, no que foi seguido pelo rapaz. Pencroff esfregou fortemente o rosto. Procuraram na areia, nas rochas, perto da margem do rio, mas não encontraram nada. A caixa era feita de cobre e não passaria despercebida.

– Pencroff, por acaso você não jogou a caixa para fora do cesto?

– Não, eu a mantive comigo. Mas, quando fomos sacudidos daquela forma, um objeto tão pequeno pode ter desaparecido. Meu cachimbo, por exemplo, desapareceu! Maldita caixa! Onde ela pode estar?

– Bem, o mar está recuando, vamos até o local onde aterrissamos.

Harbert e Pencroff caminharam rapidamente até o ponto onde

tinham aterrissado na véspera, a cerca de duzentos passos das chaminés.

Ali, procuraram minuciosamente por entre os seixos e nos vãos das rochas. Inútil. Se a caixa tinha caído ali, já teria sido varrida pelas ondas. À medida que o mar recuava, o marujo vasculhava todos os interstícios das rochas sem nada encontrar. Era uma perda irreparável diante das circunstâncias.

Pencroff não escondeu seu desapontamento, mas não disse uma única palavra. Harbert tentou consolar o companheiro dizendo que, muito provavelmente, os fósforos estariam molhados por conta da água do mar e que de qualquer forma seria impossível usá-los.

– Não, meu rapaz. Eles estavam numa caixa de cobre muito bem fechada! E agora, como faremos?

– Certamente encontraremos uma maneira de obter fogo. O senhor Smith ou o senhor Spilett não ficarão desamparados como nós!

– Sim, mas enquanto isso estamos sem fogo, e nossos companheiros não encontrarão nada além de uma pobre refeição quando regressarem!

– Mas é possível que eles não tenham fósforos ou qualquer outra acendalha!

– Duvido – respondeu o marujo fazendo um sinal negativo com a cabeça. – Nem Nab nem o senhor Smith fumam, e receio que o senhor Spilett tenha guardado consigo sua caderneta e não a sua caixa de fósforos!

Harbert não respondeu. A perda da caixa era obviamente lamentável, mas o rapaz esperava conseguir fogo de alguma forma. De todo modo, só havia uma coisa a fazer: esperar o retorno de Nab e do repórter. Ele teve que desistir da refeição de ovos cozidos que pretendia preparar e a dieta de carne crua não parecia uma perspectiva agradável.

Antes de retornar às chaminés, eles fizeram uma nova colheita de litodomos, para o caso de ficarem definitivamente sem fogo, e caminharam silenciosamente.

Eram cinco da tarde quando Harbert e ele chegaram às chaminés. Por volta das seis horas, quando o sol desapareceu atrás das altas terras ocidentais, Harbert, que caminhava de um lado para o outro da praia, sinalizou o retorno de Nab e de Gédéon Spilett. Eles estavam sozinhos! O coração do rapaz apertou. O engenheiro Cyrus Smith não

tinha sido encontrado!

Quando chegou, o repórter se sentou sobre uma pedra sem dizer palavra nenhuma. Quanto a Nab, seus olhos vermelhos mostravam o quanto ele tinha chorado!

O repórter relatou a busca por Cyrus Smith. Nab e ele tinham percorrido a costa por mais de doze quilômetros, bem além do ponto em que a penúltima queda do balão tinha ocorrido e causado o desaparecimento do engenheiro e do cachorro Top. Nenhum vestígio, nenhuma pegada, nenhuma só marca de pé humano no litoral.

Nesse momento do relato, Nab se levantou, e com uma voz que indicava como os sentimentos de esperança ainda estavam vivos nele, disse:

– Não! Não! Ele não está morto! Eu, ou qualquer outro, seria possível! Mas ele, jamais! Ele é o tipo de homem que resiste a tudo! – E então perdeu as forças: – Ah! Não aguento mais! – confessou.

Harbert foi ao encontro dele:

– Nab, nós vamos encontrá-lo! Deus o devolverá para nós! Mas agora você deve estar com fome. Coma um pouco, por favor!

E ele ofereceu ao triste homem um punhado de mariscos, alimento pobre em nutrientes e em quantidade insuficiente!

Nab estava há muito tempo sem comer, mas recusou. Sem o seu mestre, não podia ou não queria mais viver!

Gédéon Spilett devorou os moluscos e depois se deitou na areia ao pé de uma rocha. Então Harbert se aproximou dele e pegou sua mão:

– Senhor, nós encontramos um abrigo onde ficará melhor do que aqui. Já está anoitecendo. Venha descansar! Amanhã nós veremos...

O repórter se levantou e foi guiado até as chaminés. Nesse momento, Pencroff se aproximou dele e perguntou no tom mais natural possível se, por acaso, ele não teria um fósforo. O repórter parou, procurou nos bolsos, não encontrou nada e disse:

– Eu tinha alguns, mas precisei jogar fora...

O marujo então chamou Nab, fez a mesma pergunta e recebeu a mesma resposta.

– Maldição! – ele gritou, sem conseguir se conter.

O repórter ouviu e perguntou a Pencroff:

– Nenhum fósforo?

– Nenhum, e, consequentemente, sem fogo!

– Ah! – fez Nab. – Se meu mestre estivesse aqui, saberia como

fazer!

Os quatro náufragos permaneceram imóveis e se entreolharam, inquietos. Foi Harbert quem primeiro quebrou o silêncio, dizendo:

– Senhor Spilett, o senhor é fumante, portanto, carrega sempre fósforos consigo. Talvez não tenha procurado direito! Procure novamente. Um só fósforo será suficiente!

O repórter revistou novamente os bolsos das calças, do casaco, do paletó até que, para a grande alegria de Pencroff e para sua extrema surpresa, sentiu um pequeno pedaço de madeira preso no forro de seu casaco. Como parecia ser um fósforo e apenas um, ele não podia correr o risco de acendê-lo sem querer.

– O senhor me permite tentar? – perguntou o rapaz.

Muito habilmente, ele conseguiu remover o pequeno pedaço de madeira que estava intacto!

– Um fósforo! – exclamou Pencroff. – Ah! É como se tivéssemos um monte deles!

Ele pegou o fósforo e, seguido por seus companheiros, rumou para as chaminés. Esse pedacinho de madeira que nos países habitados é dispensado com indiferença e cujo valor é nulo precisava ser usado com extrema cautela. O marujo certificou-se de que estivesse bem seco. Então disse:

– Precisamos de papel.

– Aqui está – respondeu Spilett, arrancando uma folha de sua caderneta.

Pencroff pegou o papel que o repórter estendia e se abaixou diante da lareira. Alguns punhados de gravetos, folhas e musgos secos foram colocados sob os feixes e dispostos de modo que o ar pudesse circular fácil e rapidamente inflamar a madeira seca. Em seguida, ele dobrou o pedaço de papel em forma de cone e colocou-o entre os musgos. Depois, pegou um pedregulho ligeiramente áspero, limpou-o e secou com cuidado, e com o coração acelerado, esfregou suavemente o fósforo.

O primeiro atrito não produziu nenhum efeito. Pencroff não tinha friccionado o suficiente temendo estragar o fósforo.

– Não, não vou conseguir, minha mão treme... Eu perderia o fósforo... Não posso! Não quero! – E designou Harbert para substituí-lo.

Certamente o rapaz nunca tinha se sentido tão pressionado em toda

sua vida. Nem Prometeu, quando estava indo roubar o fogo do céu, ficara tão tenso! Todavia, ele não hesitou e esfregou o pedregulho rapidamente. Um pequeno crepitar foi ouvido e uma chama azul-clara surgiu, produzindo uma fumaça forte. Harbert virou calmamente o fósforo, de modo a alimentar a chama, e jogou-a dentro do cone de papel que pegou fogo em questão de segundos. Os musgos queimaram imediatamente. Alguns instantes depois, a madeira seca crepitava e uma bela chama tomou forma no meio da escuridão.

Pencroff pensou em usar a fogueira para preparar uma refeição mais nutritiva do que um prato de litodomos. Harbert providenciou duas dúzias de ovos. O repórter olhava para os preparativos sem dizer nada. Um triplo pensamento o dominava. Cyrus ainda estaria vivo? Em caso afirmativo, onde poderia estar? Se sobreviveu à queda, como explicar o fato de não ter encontrado um meio para informá-los disso?

Nab perambulava pela praia como um corpo sem alma.

Em poucos minutos, Pencroff preparou os ovos e convocou o repórter para jantar. Os ovos cozidos estavam excelentes e como contêm todos os elementos essenciais para a alimentação do homem, aqueles pobres náufragos se sentiram muito bem alimentados e reconfortados.

Ah! Se ao menos um deles não tivesse perdido a refeição, eles só teriam o que agradecer ao céu!

Assim transcorreu o dia 25 de março. O repórter se retirou para o fundo de um corredor obscuro depois de anotar sumariamente todos os incidentes daquele dia: a primeira aparição da nova terra, o desaparecimento do engenheiro, a exploração da costa, o incidente do fósforo, etc. e, atingido pelo cansaço, conseguiu descansar durante o sono.

Harbert logo adormeceu. Quanto ao marujo, vigiando com um olho, passou a noite perto da fogueira, para a qual não poupou combustível. Apenas um dos náufragos não descansou nas chaminés. Era o inconsolável Nab, que durante toda a noite errou pela praia chamando por seu mestre!

Capítulo 6

O inventário dos objetos desses náufragos do ar, lançados em uma costa que parecia ser desabitada, pode ser prontamente estabelecido.

Eles não tinham nada além das roupas que usavam no momento da catástrofe. É preciso mencionar, no entanto, uma caderneta e um relógio que Gédéon Spilett guardou, mas não havia sequer uma arma, ferramenta ou canivete de bolso. Os passageiros do cesto jogaram tudo fora para deixar o balão mais leve.

Não havia sequer um instrumento ou utensílio. Eles tinham que começar tudo do zero!

Se pelo menos Cyrus Smith estivesse com eles e pudesse colocar sua ciência prática e a serviço da situação, talvez a esperança não estivesse totalmente perdida! Mas, infelizmente, não era mais possível contar com a possibilidade de voltar a vê-lo. Os náufragos só podiam dispor deles mesmos e com aquela Providência que nunca abandona aqueles cuja fé é sincera.

A primeira coisa a decidir era se deveriam se estabelecer naquela parte da costa antes mesmo de procurar saber a que continente pertencia, se era habitada, ou se aquela não era apenas parte de uma ilha deserta.

Essa era uma questão importante que precisava ser resolvida o mais breve possível, pois dessa resolução sairiam as demais medidas a serem tomadas. No entanto, Pencroff achou apropriado esperar alguns

dias antes de realizar uma exploração. Era necessário providenciar víveres e preparar uma alimentação mais fortificante do que a de ovos e moluscos. Os exploradores tinham antes de tudo que recuperar suas forças.

As chaminés era um abrigo suficiente apenas por um tempo. O fogo estava aceso e seria simples manter as brasas. Por enquanto, não faltavam conchas e ovos nas rochas e na praia. Seria simples encontrar meios para matar alguns daqueles pombos que voavam às centenas no topo do planalto, nem que fosse com um pau ou uma pedra. Talvez as árvores da floresta vizinha oferecessem frutos comestíveis? Por fim, tinham também água doce à disposição. Portanto, eles ainda podiam permanecer nas chaminés durante alguns dias.

Esse projeto foi conveniente para Nab que não tinha pressa em abandonar aquela parte da costa, cenário da catástrofe. Ele não acreditava na perda de Cyrus Smith, não parecia possível que um homem como aquele terminasse dessa maneira vulgar, levado por uma corrente marítima, afogado nas ondas a algumas centenas de passos de uma costa! Enquanto as ondas não rejeitassem o corpo do engenheiro, enquanto ele, Nab, não visse com seus olhos nem tocasse com suas mãos o cadáver de seu mestre, não acreditaria em sua morte! E essa ideia se enraizou no seu coração obstinado.

Naquela manhã, 26 de março, ainda de madrugada, Nab seguiu pela costa na direção norte e voltou ao lugar onde o mar tinha se fechado sobre o corpo do infortunado Smith.

O almoço do dia consistiu apenas em ovos de pombo e litodomos. Harbert encontrou sal depositado nos buracos das rochas por evaporação e a substância mineral veio a calhar.

Quando terminaram a refeição, Pencroff perguntou ao repórter se este não gostaria de acompanhá-lo na floresta onde Harbert e ele tentariam caçar alguma coisa! Mas depois refletiram que seria necessário que alguém permanecesse no local a fim de manter o fogo aceso e para o caso, muito improvável, de Nab precisar de ajuda. Então o repórter ficou.

– Vamos à caça, Harbert – disse o marujo. – Vamos encontrar munições no caminho e preparar nosso fuzil na floresta.

Mas quando ele estava saindo, Harbert ressaltou que, uma vez que a acendalha era escassa, seria prudente substituí-la por outra substância.

– Mas qual? – perguntou Pencroff.

– Queimar nossas roupas. Isso pode, se necessário, servir de combustível para o fogo.

O marujo achou aquilo bastante insensato, mas, como era por uma boa causa, seu lenço logo foi reduzido a um trapo meio queimado. O material inflamável foi depositado na parte central da caverna, no fundo de uma pequena cavidade rochosa, protegida do vento e da umidade.

Harbert e Pencroff deram a volta nas chaminés, não sem antes ter olhado para a fumaça que se contorcia em um ponto da rocha; então subiram a margem esquerda do rio.

Chegando à floresta, Pencroff quebrou dois ramos fortes da primeira árvore que encontrou e os transformou em porretes, cujas pontas Harbert afiou em uma rocha. Em seguida, os dois caçadores avançaram pelas altas vegetações seguindo a margem. A partir do ângulo que deslocava seu curso para o sudoeste, o rio se estreitava gradualmente e suas margens formavam um leito íngreme e recoberto pelo arco duplo das árvores. Para não se perder, Pencroff resolveu seguir o curso d'água que sempre o levaria de volta ao seu ponto de partida.

Ao caminhar, o marujo observava cuidadosamente a organização natural do lugar. Na margem esquerda, o solo era plano e seguia em direção ao interior. Em algumas partes, a umidade dava uma aparência pantanosa. Havia uma rede subjacente de filetes líquidos que vertiam suas águas no rio por alguma falha subterrânea. Em outros trechos, um riacho fluía pelo bosque facilitando a travessia. A margem oposta parecia ser mais acidentada, e o vale, cujo rio ocupava o talvegue, era mais claramente desenhado. A colina, coberta de árvores dispostas em camadas, formava uma cortina que impedia a visão nítida do espaço.

Essa floresta, assim como a costa já percorrida, não tinha qualquer rastro de pegada humana. Pencroff só encontrou vestígios, passadas frescas de quadrúpedes cuja espécie ele não sabia identificar. Certamente – e essa era também a opinião de Harbert – elas tinham sido deixadas pelos animais selvagens que existiam na região.

Harbert e Pencroff falavam pouco, pois as dificuldades do caminho eram grandes e eles avançavam lentamente. A caçada ainda não tinha sido bem-sucedida. No entanto, alguns pássaros cantavam e voavam

sob a ramagem e se mostravam ferozes, como se o homem instintivamente tivesse inspirado o medo. Harbert identificou em uma parte pantanosa da floresta, um pássaro com bico agudo e alongado que anatomicamente se assemelhava a um pica-peixe, mas se distinguia dele por sua plumagem bastante rude, envolta em um brilho metálico.

– Deve ser um jacamar – disse Harbert, tentando se acercar do animal.

– Seria uma boa oportunidade de provar um jacamar se ele estivesse disposto a ser assado!

Nesse momento, uma pedra atirada hábil e vigorosamente pelo jovem atingiu o pássaro na ponta da asa; mas o golpe não foi suficiente, e o jacamar fugiu com toda a velocidade de suas pernas e logo desapareceu.

– Que desastrado eu sou! – exclamou Harbert.

– Não, meu rapaz! O golpe foi certeiro, qualquer outro teria errado o pássaro. Não seja tão duro consigo mesmo! Nós o acertaremos na próxima tentativa!

A exploração continuou. À medida que os caçadores avançavam, as árvores, mais espaçadas, tornavam-se magníficas, mas nenhuma produzia frutos comestíveis. A floresta era composta apenas por coníferas, como os cedros-deodara, já identificados por Harbert, os “douglas”, semelhantes aos que crescem na costa noroeste da América, e os admiráveis pinheiros que chegam a quase cinquenta metros de altura.

Nesse momento, um bando de aves de pequeno porte e de bela plumagem se espalhou por entre os ramos, semeando suas penas sutilmente coladas e cobrindo o chão com uma penugem bem fina. Harbert pegou algumas dessas penas, e depois de examiná-las, disse:

– São curucuís.

– Eu preferia uma pintada ou um tetraz – respondeu Pencroff. – Será que esses são bons para comer?

– Eles não só são bons, como sua carne é bem delicada. Além disso, se não me engano, é fácil se aproximar deles e matá-los com golpes de bastão.

O marujo e o jovem, rastejando entre as gramíneas, chegaram aos pés de uma árvore cujos ramos mais baixos estavam cobertos de pequenos pássaros. Os curucuís estavam à espreita de insetos que

servissem como alimento. Os caçadores então se levantaram, e, segurando seus bastões como se fossem foices, deceparam fileiras inteiras de curucuís que não cogitaram voar e se deixaram estupidamente abater.

– Bem – disse Pencroff –, eis uma caça perfeitamente ao alcance de caçadores como nós! Seria possível caçá-los com a mão!

O marujo prendeu os curucuís com um bastão flexível e a exploração continuou. Era possível observar que o curso d'água se arredondava ligeiramente, formando uma espécie de gancho em direção ao sul, mas esse desvio provavelmente não se prolongava, pois o rio tinha sua fonte na montanha e se alimentava da fundição da neve que cobria os flancos do cone central.

Sabemos que o principal objetivo dessa excursão era conseguir a maior quantidade de provisão possível para os hóspedes das chaminés. Então, não se podia dizer que o objetivo já tinha sido alcançado. O marujo prosseguiu com sua busca e praguejava quando algum animal que ele mal tinha tempo de reconhecer fugia pela relva. Se ao menos ele pudesse contar com o cachorro Top! Mas ele tinha desaparecido com seu dono e provavelmente também tinha morrido!

Por volta das três da tarde, um verdadeiro toque de trombeta ecoou na floresta. Essas estranhas e sonoras fanfarras eram produzidas por pássaros galináceos que são chamados de "tétras" nos Estados Unidos. Os náufragos reconheceram alguns pares com plumagem variada de ruivo e castanho e cauda castanha. Pencroff considerou necessário conseguir apreender um deles, tão grandes como uma galinha e cuja carne é tão boa como a da gelinota. Mas foi difícil, porque eles não se deixavam aproximar. Depois das tentativas fracassadas que só assustaram os galos silvestres, o marujo disse ao jovem:

– Decididamente, como não conseguimos matá-los com um golpe, precisamos tentar pegá-los com uma linha.

– Como uma carpa? – exclamou Harbert, surpreso com a proposta.

– Como uma carpa.

Pencroff encontrou meia dúzia de ninhos de galos selvagens na relva, cada um com dois a três ovos, e teve cuidado para não tocar neles, aos quais seus proprietários certamente retornariam. Foi em torno deles que ele imaginou esticar suas linhas semelhantes às de anzol. Ele levou Harbert a certa distância dos ninhos e preparou seus singulares instrumentos. Harbert acompanhou esse trabalho com

interesse, apesar de duvidar de seu sucesso. As linhas foram feitas de cipós finos, presos uns aos outros e com cinco a seis metros de comprimento. Espinhos grandes, fortes e de pontas curvadas, fornecidos por um arbusto de acácias anãs, foram ligados às extremidades dos cipós para servirem de gancho. Grandes vermes vermelhos que rastejavam pelo chão fizeram as vezes de isca.

Quando terminou, Pencroff deslizou entre as gramíneas e habilmente colocou a ponta de suas linhas armadas com ganchos perto dos ninhos; em seguida, retornou para a outra extremidade e se escondeu com Harbert atrás de uma grande árvore. Ambos esperaram pacientemente.

Meia hora se passou e, como o marujo havia previsto, vários pares de galos retornaram aos seus ninhos. Eles saltitavam, bicavam o chão e não pressentiram a presença dos caçadores. Os animais caminhavam entre os anzóis sem muita preocupação. Pencroff então deu pequenos chacoalhões que agitaram as iscas como se os vermes ainda estivessem vivos.

Aqueles movimentos chamaram a atenção das aves, e os ganchos foram atacados com bicadas. Três tétras, muito vorazes, engoliram tanto a isca como o anzol. De repente, Pencroff "ferroou" seu instrumento, e batidas de asas indicaram que os pássaros tinham sido fisgados.

– Hurra! – ele vibrou se precipitando sobre a presa que logo dominou.

Harbert o aplaudiu. Foi a primeira vez que viu pássaros serem caçados com linha.

Os galos silvestres foram presos pelas pernas, e Pencroff feliz por não voltar de mãos vazias e vendo que o dia estava começando a cair, achou apropriado voltar para casa.

A direção a seguir foi indicada pelo rio e eles só precisavam descer acompanhando seu curso. Por volta das seis horas, Harbert e Pencroff estavam de volta às chaminés.

Capítulo 7

Gédéon Spilett estava na praia, imóvel, olhando para o mar cujo horizonte se fundia a leste com uma grande nuvem negra que subia rapidamente em direção ao zênite. O vento estava forte e se resfriava mais com o cair da tarde. O céu tinha um aspecto ruim e os primeiros sintomas de um vendaval já eram sentidos.

Harbert entrou nas chaminés e Pencroff foi ter com o repórter. Este, muito concentrado, não o viu chegar.

– Teremos uma noite ruim, senhor Spilett! Chuva e vento de deixar os petréis felizes[3]!

O repórter se virou, viu Pencroff e disse estas primeiras palavras:

– A que distância da costa o senhor acha que o cesto foi atingido pelo mar que levou nosso companheiro?

O marujo não esperava essa pergunta. Ele pensou por alguns segundos e respondeu:

– A aproximadamente cento e oitenta metros.

– Isso significa que Cyrus Smith desapareceu a menos de quatrocentos metros da costa junto com seu cão?

– Aproximadamente.

– O que me surpreende é que Top também tenha morrido e que nenhum dos dois corpos tenha sido rejeitado pelo mar!

– Isso não é surpreendente com um mar tão forte. Além disso, as correntes podem tê-los levado mais para longe da costa.

– Então o senhor realmente acredita que nosso companheiro morreu sob as ondas?

– É o que eu penso.

– Quanto a mim, salvo o respeito que devo à sua experiência, Pencroff, acredito que o desaparecimento absoluto de Cyrus e de Top, vivos ou mortos, tem algo de inexplicável e implausível.

– Eu gostaria muito de pensar como o senhor, mas, infelizmente, é nisso que acredito!

O marujo então regressou às chaminés. Um belo fogo trepidava sobre a lareira. Harbert tinha colocado uma boa quantidade de madeira seca e a chama projetava grandes clarões nas partes escuras do corredor.

Pencroff começou a preparar o jantar e considerou introduzir no menu alguma sustância, pois todos precisavam recuperar suas forças. Os maços de curucuís foram reservados para o dia seguinte, mas ele depenou dois tétras que foram espetados em uma vareta e assados no fogo chamejante.

Às sete da noite, Nab ainda não tinha voltado e essa longa ausência preocupava Pencroff. Harbert acreditava que se Nab ainda não tinha voltado era porque alguma nova circunstância o incentivara a prolongar suas buscas. Por que Nab não voltaria para casa se não restasse alguma esperança? Talvez tivesse encontrado alguma pista que o manteve na busca? Talvez estivesse com seu mestre?

Era assim que o rapaz pensava e foi assim que se manifestou. O repórter concordava com gestos, mas, para Pencroff, o mais provável era que Nab tivesse ido mais longe do que no dia anterior na sua busca pela costa e ainda não tivesse conseguido voltar.

Harbert, inquieto com seus pressentimentos, expôs a intenção de sair à procura de Nab. Mas Pencroff explicou que seria uma busca inútil, pois em tal escuridão e com aquele mau tempo ele não conseguiria encontrar os vestígios de Nab. Se Nab não reaparecesse no dia seguinte, Pencroff não hesitaria em se juntar a Harbert nessa busca.

Gédéon Spilett aprovou a opinião do marujo e Harbert foi persuadido a desistir de seu projeto; mas duas grandes lágrimas escorreram de seus olhos.

O tempo estava absolutamente ruim. Um vendaval vindo do sudeste atravessava a costa com intensa violência. Pulverizada pelo

furacão, a chuva se dissipava como uma névoa líquida. A areia, erguida pelo vento, se misturava com a água e seu ataque era insuportável. Entre a foz do rio e o lanço da muralha, grandes redemoinhos rodopiavam e as camadas de ar que escapavam desse turbilhão eram engolidas pelo vale estreito com grande violência. Como resultado, a fumaça da lareira frequentemente recuava enchendo os corredores e tornando-os inabitáveis.

Assim que os galos silvestres cozinharam, Pencroff abandonou o fogo e conservou apenas as brasas enterradas sob as cinzas.

Às oito horas, Nab ainda não tinha reaparecido; mas agora eles admitiam que o terrível tempo o tinha impedido de regressar e que ele devia ter encontrado refúgio em alguma cavidade para esperar o fim da tormenta ou o amanhecer.

Depois do jantar, cada um se retirou para o canto onde havia descansado na noite anterior e Harbert adormeceu perto do marujo que se deitou ao lado da fogueira.

Lá fora, com o avançar da noite, a tempestade assumia proporções assustadoras. Era um vendaval comparável ao que conduziu os prisioneiros de Richmond até essa terra do Pacífico.

Felizmente, a pilha de rochas que formava as chaminés era bastante sólida. Pencroff sentia tremores debaixo das mãos encostadas às paredes. Mas ele repetia, e com razão, que não havia nada a temer e que aquela morada improvisada não desmoronaria. Duas vezes, o marujo rastejou até o orifício do corredor a fim de observar o lado de fora. Os deslizamentos não eram muito grandes e não constituíam perigo, e ele retomou o seu lugar em frente à lareira, cujas brasas crepitavam sob as cinzas.

Apesar da fúria do furacão, do barulho da tempestade e dos trovões da tormenta, Harbert dormiu profundamente. O sono acabou dominando até Pencroff, cuja vida de marinheiro o acostumara a toda essa violência. Apenas Gédéon Spilett permaneceu acordado pela ansiedade, culpando-se por não ter acompanhado Nab. Era evidente que ele não tinha perdido as esperanças. Os pressentimentos de Harbert também o inquietavam. O pensamento dele estava concentrado em Nab. Por que não voltou?

Enquanto isso, a noite avançava e devia ser perto das duas da manhã quando Pencroff, em sono profundo, foi vigorosamente sacudido.

– O que é? – ele exclamou, despertando e recuperando a consciência com a prontidão típica dos marinheiros.

O repórter estava debruçado sobre ele e dizia:

– Ouça, Pencroff, ouça!

O marujo apurou os ouvidos e não conseguiu distinguir barulho algum a não ser o das rajadas.

– É o vento – ele disse.

– Não, tive a impressão de ter ouvido latidos de cachorro!

– Um cachorro! – fez Pencroff, dando um salto.

– Sim... latidos...

– Não é possível! Além disso, como, com os barulhos da tempestade...

– Ouça... Ouça... – insistiu o repórter.

Pencroff ouviu com mais atenção e teve a sensação de ouvir mesmo alguns latidos vindos de longe.

– É verdade!... – disse o repórter, apertando a mão do marujo.

– Sim... Sim! – respondeu Pencroff.

– É o Top! É o Top! – vibrou Harbert, que tinha acabado de acordar, e os três correram para o orifício das chaminés.

Eles tiveram grande dificuldade para sair. O vento os empurrava de volta. Mas, finalmente, conseguiram sair e só conseguiram se manter em pé encostados contra as rochas.

A escuridão era absoluta. Mar, céu e terra se misturavam numa mesma escuridão e parecia não haver um só átomo de luz na atmosfera.

Durante alguns minutos, o repórter e seus dois companheiros permaneceram como se estivessem sendo esmagados pela rajada, encharcados pela chuva e cegados pela areia. Então, escutaram novamente os latidos em uma trégua da tormenta e concluíram que eles vinham de longe.

Só podia ser Top latindo daquele jeito! Será que estava sozinho ou acompanhado? Era mais provável que estivesse sozinho, pois se Nab estivesse com ele, teria voltado apressadamente para as chaminés.

O marujo pressionou a mão do repórter, pois não podia ser ouvido, de uma forma que significava “Espere!”, depois entrou pelo corredor.

Um instante depois, ele retornou com um feixe de luz aceso e deu alguns assovios agudos.

Sob esse sinal, que parecia ser esperado, alguns latidos começaram

a responder enquanto ficavam mais próximos e logo um cão surgiu no corredor. Pencroff, Harbert e Gédéon Spilett voltaram para dentro.

Um punhado de madeira seca foi jogado sobre as brasas. O corredor se iluminou com uma chama forte.

– É o Top! – exclamou Harbert.

De fato, era Top, o cachorro do engenheiro Cyrus Smith. Mas ele estava sozinho! Nem seu mestre nem Nab o acompanharam!

Mas como o seu instinto o levou às chaminés que ele não conhecia? Aquilo parecia inexplicável, sobretudo no meio daquela noite escura e sob a tempestade! Mais inexplicável ainda era que Top não estava cansado, nem exausto, nem sujo de lama ou areia!

Harbert o atraíra para si e pressionava sua cabeça com as mãos. O cão se soltou e esfregou o pescoço nas mãos do rapaz.

– Se o cão foi encontrado, também encontraremos seu dono! – disse o repórter.

– Se Deus quiser! – respondeu Harbert. – Vamos! Top vai nos guiar!

Pencroff não fez qualquer objeção. Ele sentiu que a chegada de Top poderia desmentir suas conjecturas.

– Vamos lá!

Pencroff cobriu cuidadosamente as brasas da lareira colocando pedaços de madeira sob as cinzas com o objetivo de encontrar fogo em seu retorno. Então, precedido pelo cão, que parecia convidá-lo com pequenos latidos e seguido pelo repórter e pelo jovem rapaz, saiu após pegar os restos do jantar.

A tempestade estava muito violenta. A lua nova, em conjunção com o sol, não permitia que qualquer luz passasse pelas nuvens. Era difícil seguir por uma linha reta. O melhor a fazer era se deixar guiar pelos instintos de Top. O repórter e o jovem caminhavam atrás do cachorro e o marujo seguia por último. Não era possível trocar qualquer palavra.

Mas uma feliz circunstância favoreceu o marujo e seus companheiros. O vento soprava do sudeste e, consequentemente, os atingia pelas costas. A areia que ele jogava com violência e que era insuportável, era lançada por trás deles. Muitas vezes eles avançavam mais rápido do que queriam e apressavam os passos para não serem derrubados, mas uma grande esperança dobrava suas forças e não era mais por pura aventura que subiam a costa. Eles não tinham dúvida de que Nab tinha encontrado seu mestre e que enviara seu cão fiel

para buscá-los. Mas será que o engenheiro estava vivo, ou Nab só queria que os companheiros dissessem seu último adeus ao cadáver do infortunado Smith?

Depois de atravessar o lanço uniforme de que eles tinham prudentemente se afastado, pararam para recuperar o fôlego. O contorno da rocha os protegia do vento, e eles puderam respirar após a caminhada de quinze minutos. Agora já conseguiam se ouvir e responder um ao outro e quando o jovem pronunciou o nome de Cyrus Smith, Top emitiu pequenos latidos como se dissesse que seu dono estava vivo.

– Vivo, não é mesmo? – repetia Harbert – Vivo, Top? – E o cachorro latia como se respondesse.

Eram cerca de duas e meia da manhã. A maré começava a subir e movida pelo vento ameaçava ser muito forte. As grandes ondas rebentavam contra a borda dos escolhos com tanta violência que, muito provavelmente, passavam sobre a ilhota absolutamente invisível naquele momento.

Assim que se afastaram do lanço, o vento os atingiu novamente com extrema fúria. Curvados, com o dorso exposto à rajada, eles caminhavam depressa, seguindo Top que não hesitava sobre a direção a tomar.

Às quatro da manhã, estima-se que eles haviam percorrido uma distância de aproximadamente oito quilômetros. As nuvens tinham ligeiramente subido e já não se arrastavam pelo chão. Insuficientemente protegidos por suas roupas, Pencroff, Harbert e Gédéon Spilett sofriam cruelmente, mas nenhuma queixa escapou de seus lábios. Eles estavam determinados a seguir Top até onde o inteligente animal os levasse.

Por volta das cinco horas, o dia começou a surgir. A crista das ondas foi ligeiramente salpicada com luzes ruivas e a espuma voltou a esbranquiçar.

Às seis da manhã, o dia havia finalmente amanhecido. As nuvens corriam rapidamente em uma área relativamente alta. O marujo e seus companheiros estavam a quase dez quilômetros das chaminés e seguiam por uma costa plana, delimitada por uma orla formada por rochas cujas cabeças acabavam de surgir, pois eles estavam na altura do nível do mar. À esquerda, a região, atravessada por algumas dunas rodeadas de estepes, tinha o aspecto selvagem de uma região arenosa.

Aqui e ali, uma ou duas árvores se exibiam, estendidas para oeste com os ramos apontando nessa direção.

Nesse momento, Top deu sinais inequívocos de inquietação. Ele seguia em frente, volta para o marujo e parecia tentar convencê-lo a acelerar o ritmo. O cão tinha deixado a praia e entrado nas dunas.

Os homens o seguiram. O lugar parecia absolutamente deserto. Nenhum ser vivo o animava.

Cinco minutos depois de sair da praia, o repórter e seus companheiros chegaram a uma espécie de escavação na parte detrás de uma grande duna. Ali, Top parou e lançou um latido claro. Spilett, Harbert e Pencroff entraram na caverna.

Nab estava lá, ajoelhado perto de um corpo estendido sobre um leito de ervas...

Era o corpo do engenheiro Cyrus Smith.

---

3 Aves marinhas que se manifestam em maior número no meio de tempestades. (N.T.)

Capítulo 8

Nab não se movia. O marujo só disse uma única palavra:

– Vivo!

Nab não respondeu. Gédéon Spilett e Pencroff empalideceram. Harbert uniu suas mãos e permaneceu imóvel. Mas era óbvio que o pobre homem, absorvido em sua dor, não os tinha visto nem ouvido.

O repórter se ajoelhou perto do corpo imóvel e colocou a orelha no peito do engenheiro, cujas roupas ele entreabriu. Um minuto – um século! – se passou enquanto ele procurava identificar algum batimento no coração.

Nab se levantou um pouco e olhou sem ver. Nenhum desespero alteraria ainda mais o rosto de um homem. Ele estava irreconhecível, destruído pela dor, pois pensava que seu mestre estava morto.

Gédéon Spilett, após uma longa e cuidadosa observação se levantou.

– Ele está vivo – disse.

Pencroff então se ajoelhou perto de Cyrus Smith e viu também uma respiração sair dos lábios do engenheiro.

A pedido do repórter Harbert saiu à procura de água. Ele encontrou um córrego límpido a cem passos de distância que obviamente tinha aumentado com as chuvas do dia anterior. Mas não havia onde pôr a água, nenhuma só concha naquelas dunas! O jovem teve que se contentar em mergulhar seu lenço no riacho e correu de volta para a

caverna.

Felizmente, o lenço encharcado foi suficiente para Gédéon Spilett que só queria umedecer os lábios do engenheiro. As moléculas de água doce produziram um efeito quase imediato. Um suspiro escapou do peito de Cyrus Smith e até parecia que ele tentava dizer algumas palavras.

– Vamos salvá-lo! – disse o repórter.

Com essas palavras, Nab recuperou a esperança. Ele despiu seu mestre para ver se o corpo estava ferido. Cabeça, tronco e membros não apresentavam contusões nem arranhões, algo surpreendente, já que o corpo de Cyrus Smith deve ter rolado em meio às rochas.

A explicação dessa circunstância viria mais tarde. Quando Cyrus Smith conseguisse falar, relataria o que tinha acontecido. Por enquanto, era necessário trazê-lo de volta à vida e era provável que algumas fricções dessem resultado. Foi o que fizeram com o casaco do marujo. O engenheiro, aquecido por essa ríspida massagem, moveu o braço ligeiramente e sua respiração começou a se regular. Ele estava à beira da exaustão.

– Então pensou que seu mestre estava morto? – o marujo perguntou a Nab.

– Sim, morto! E se Top não os tivesse encontrado, se vocês não tivessem vindo, eu teria enterrado meu mestre e morrido ao lado dele!

Eis do que dependia a vida de Cyrus Smith! Nab então contou o que tinha acontecido. No dia anterior quando saiu das chaminés, ele subiu a costa na direção noroeste e chegou à parte do litoral que já havia visitado.

Sem qualquer esperança, caminhou pela costa procurando pelas mais remotas pistas que pudessem guiá-lo. Nab já não esperava encontrar seu mestre vivo. Ele seguia em busca de um cadáver que queria enterrar com as próprias mãos!

Procurou por muito tempo, mas seus esforços não foram bem-sucedidos, pois parecia que a costa deserta jamais tivesse sido frequentada por um ser humano. As conchas que o mar não conseguia alcançar estavam intactas.

Nab decidiu então subir alguns quilômetros pela costa. Era possível que as correntes tivessem levado um corpo até algum ponto mais distante.

– Eu caminhei ao longo da orla por uns três quilômetros, visitei

toda a linha de escolhos na maré baixa, toda a praia na maré alta e entrei em desespero por não encontrar nada até que ontem, por volta das cinco da tarde, vi pegadas na areia.

– Pegadas humanas? – perguntou Pencroff.

– Sim!

– E essas pegadas vinham dos escolhos? – perguntou o repórter.

– Não, da preamar, pois entre ela e os recifes, as outras devem ter sido apagadas.

– Continue, Nab – pediu Gédéon Spilett.

– Quando vi aquelas pegadas quase enlouqueci. Eram muito nítidas e seguiam na direção das dunas. Segui-as durante quatrocentos metros, correndo e tentando não apagá-las. Cinco minutos depois, quando já escurecia, ouvi um latido. Era Top que me trouxe até meu mestre!

Nab concluiu seu relato falando da dor que sentiu ao encontrar o corpo inanimado. Tinha tentado descobrir nele algum indício de vida. Agora que o havia encontrado morto queria que ele vivesse! Todos os seus esforços foram inúteis. Tudo o que restava era prestar as últimas homenagens a quem tanto amava!

Então, Nab pensou em seus companheiros. Eles gostariam, sem dúvida, de ver o infortunado companheiro pela última vez! Top estava lá. Será que não poderia contar com a sagacidade do fiel animal? Nab pronunciou repetidamente o nome do repórter, a quem Top mais conhecia entre os companheiros. Então mostrou a ele a costa sul, e o cão correu na direção indicada.

Os companheiros de Nab ouviram essa história com extrema atenção. Havia algo inexplicável no fato de Cyrus Smith, depois dos esforços feitos para escapar das ondas não ter nenhum arranhão. E também não se podia explicar como o engenheiro conseguiu chegar àquela caverna perdida no meio das dunas a mais de um quilômetro da costa.

– Então, Nab, não foi você quem trouxe seu mestre até aqui? – perguntou o repórter.

– Não, não fui eu.

– É óbvio que o senhor Smith veio sozinho – disse Pencroff.

– É óbvio, de fato – observou Gédéon Spilett –, mas é crível!

Só chegariam ao esclarecimento desse fato pelo engenheiro. Então era necessário esperar até que ele voltasse a falar. Felizmente, sua vida

voltava ao normal.

Nab, inclinado sobre ele, começou a chamá-lo, mas o engenheiro não parecia ouvir, e seus olhos continuavam fechados. A vida se fazia presente pelo movimento, mas os sentidos ainda não estavam lá.

Pencroff lamentou não ter fogo, nem um meio de consegui-lo. Os bolsos do engenheiro estavam absolutamente vazios, exceto o de seu colete que continha um relógio. Era, portanto, necessário levar Cyrus Smith para as chaminés o mais rápido possível.

Mas os cuidados que foram dirigidos ao engenheiro fizeram-no recobrar a consciência mais rápido do que o esperado. A água com que seus lábios foram umedecidos o reanimou pouco a pouco. Pencroff teve a ideia de misturar com a água o sumo da carne que ele tinha trazido. Harbert correu até a costa e retornou com duas grandes conchas bivalves. O marujo preparou uma mistura e introduziu-a entre os lábios do engenheiro, que pareceu sorvê-la avidamente. Seus olhos se abriram.

– Meu mestre! – vibrou Nab.

O engenheiro ouviu. Ele reconheceu Nab e Spilett, depois os outros dois companheiros, Harbert e o marujo, e sua mão apertou levemente as deles.

Algumas palavras escaparam de sua boca.

– Ilha ou continente? – ele murmurou.

– Ah! – fez Pencroff, que não conseguiu conter a exclamação. – Por tudo o que é sagrado, pouco importa contanto que esteja vivo, senhor Cyrus! Veremos isso mais tarde.

O engenheiro fez um pequeno sinal afirmativo e adormeceu novamente. O repórter logo tomou as providências para que o engenheiro fosse transportado nas melhores condições possíveis. Nab, Harbert e Pencroff deixaram a caverna e seguiram na direção de uma duna elevada, coroada com algumas árvores raquíticas. Ao longo do caminho, o marujo repetia:

– Ilha ou continente! Pensar nisso quando se está quase sem fôlego!

No topo da duna, Pencroff e seus dois companheiros cortaram os principais ramos de um pinheiro marítimo emaciado pelos ventos; em seguida, prepararam um leito com os ramos e o cobriram com folhas e ervas a fim de transportar o engenheiro.

Eram dez horas quando o marujo, Nab e Harbert retornaram para perto de Cyrus Smith, a quem Gédéon Spilett não havia deixado.

O engenheiro então acordou daquele torpor em que havia sido encontrado. A cor voltou para suas bochechas, até então pálidas como a morte. Ele se levantou um pouco, olhou em volta e pareceu perguntar onde estava.

– O senhor consegue me ouvir sem fazer muito esforço, senhor Cyrus? – disse o repórter.

– Sim.

– Eu acho – disse o marujo – que o senhor Smith vai ouvi-lo ainda melhor se tomar um pouco mais desta geleia de tétras.

Cyrus Smith mastigou os pedaços de carne, cujos restos foram divididos entre seus companheiros.

– Bem! – disse o marujo. – Os víveres nos esperam nas chaminés, senhor Cyrus. Temos lá, no sul, uma casa com quartos, camas e lareira e, na dispensa, algumas dezenas de pássaros curucuís. O seu leito está pronto, e assim que se sentir mais forte, vamos levá-lo até lá.

– Obrigado, meu amigo – respondeu o engenheiro –, mais uma hora ou duas e poderemos ir... Agora fale, Spilett.

O repórter então contou o que tinha ocorrido. Ele falou dos acontecimentos que Cyrus Smith ignorava, a última queda do balão, a aterrissagem na terra desconhecida, fosse ilha ou continente, a descoberta das chaminés, as buscas pelo engenheiro, a devoção de Nab, tudo o que se devia à inteligência do fiel Top, etc.

– Mas vocês não me encontraram na praia?

– Não – respondeu o repórter.

– E não foram vocês que me trouxeram até esta caverna?

– Não.

– A que distância esta gruta está dos recifes?

– A cerca de oitocentos metros – respondeu Pencroff –, e se o senhor está espantado, senhor Cyrus, não estamos menos surpresos por encontrá-lo neste lugar!

– De fato, isso é muito curioso! – respondeu o engenheiro, que se recuperava gradualmente e se interessava cada vez mais pelos detalhes.

– Mas – prosseguiu o marujo – o senhor pode nos dizer o que aconteceu depois que foi levado pelo mar?

Cyrus Smith consultou suas memórias. Ele sabia pouco. O mar o havia arrancado do balão e ele se afundou a algumas braçadas de profundidade. Ao voltar à superfície, sentiu um ser vivo se mexer

perto dele. Era Top que tinha se precipitado em seu socorro. Ao olhar para cima, não viu mais o balão. Ele estava no meio de ondas tempestuosas contra as quais tentou lutar nadando vigorosamente. Top o segurava pela roupa, mas uma corrente o arrebatou e o empurrou para o norte, e depois de meia hora de esforço ele afundou, arrastando Top com ele para o abismo. Dessa situação até o momento em que se encontrava nos braços de seus amigos, ele não tinha mais lembranças.

– No entanto – considerou Pencroff –, o senhor deve ter sido jogado na costa e teve forças para caminhar até aqui, pois Nab encontrou marcas de passos!

– Sim, é verdade – respondeu o engenheiro, pensativo. – E vocês não viram qualquer vestígio de humanos na costa?

– Nenhum vestígio – respondeu o repórter. – Além disso, se por acaso algum salvador o tivesse encontrado a tempo, por que o teria abandonado depois de tê-lo arrancado das ondas?

– Tem razão, meu caro Spilett. Diga-me, Nab – prosseguiu o engenheiro, voltando-se para seu criado –, não foi você que... por acaso não teve um momento de ausência... durante o qual... Não, isso é absurdo. Ainda há alguma dessas pegadas?

– Sim, meu mestre – respondeu Nab. – Na entrada, na parte detrás desta duna em um lugar protegido do vento e da chuva. As outras foram apagadas pela tempestade.

– Pencroff – disse Cyrus Smith –, você poderia pegar meus sapatos e ver se eles correspondem a essas pegadas?

O marujo fez o que o engenheiro pediu. Harbert e ele, guiados por Nab, foram até o lugar onde estavam as pegadas, enquanto Cyrus disse ao repórter:

– Aconteceram aqui coisas inexplicáveis!

– De fato, inexplicáveis! – respondeu Gédéon Spilett.

– Mas não insistamos nisso agora, meu caro Spilett, falamos sobre isso mais tarde.

Um instante depois, o marujo, Nab e Harbert voltaram. Os sapatos do engenheiro correspondiam exatamente às impressões preservadas. Então foi Cyrus Smith quem as deixou na areia.

– Ora – disse ele –, então eu é que tive essa alucinação, essa ausência que eu delegava a Nab! Devo ter caminhado como um sonâmbulo, sem estar ciente dos meus passos, e foi Top que, com seu

instinto, me trouxe até aqui, depois de me tirar da água... Vem, Top! Vem, meu cãozinho!

O magnífico animal saltou para o seu dono, ladrando, e não pouparam carícias.

Por volta do meio-dia, Pencroff perguntou a Cyrus Smith se poderiam levá-lo e este, no lugar da resposta e por um esforço que atestava sua vontade, se levantou apoiando-se no marujo para não cair.

– Bom! Muito bem! – disse Pencroff! – Tragam o leito do senhor engenheiro.

O leito foi trazido. Cyrus Smith se deitou sobre os ramos cobertos com musgo e gramíneas longas e todos seguiram para a costa.

O vento ainda estava forte, mas felizmente tinha parado de chover. Enquanto estava deitado, o engenheiro, apoiado nos braços, observava a costa, especialmente a parte oposta ao mar. Ele não falava, mas olhava, e certamente o desenho dessa terra ficou gravado em sua mente. No entanto, depois de duas horas, ele foi tomado pela fadiga e adormeceu na maca.

Às cinco e meia, o pequeno grupo chegou ao lanço e um pouco mais tarde estavam em frente às chaminés. A maca foi colocada sobre a areia. Cyrus Smith dormia profundamente e não acordou.

Pencroff, para sua extrema surpresa, viu que a terrível tempestade do dia anterior tinha alterado a aparência do lugar. Houve deslizamentos de terras e grandes pedaços de rocha jaziam na margem. Era evidente que o mar, passando sobre a ilhota, tinha chegado ao pé da enorme cortina de granito.

Em frente ao orifício das chaminés, o solo, devastado, tinha sofrido um violento ataque das ondas.

Pencroff teve um pressentimento e se precipitou pelo corredor.

Quando voltou, permaneceu imóvel olhando para os companheiros...

O fogo estava apagado. As cinzas molhadas não passavam de lama. O linho queimado, que serviria de acendalha, tinha desaparecido. O mar tinha penetrado nas profundezas dos corredores e revolvido tudo dentro das chaminés!

Capítulo 9

O acidente, que podia ter consequências muito graves – pelo menos Pencroff imaginava que sim –, produziu diferentes efeitos nos companheiros do marujo.

Nab, feliz por ter reencontrado seu mestre, nem se importou com o que Pencroff disse. Harbert, por outro lado, parecia compartilhar em certa medida das apreensões do marujo. Quanto ao repórter, ele simplesmente respondeu:

– Juro que não me importo com isso, Pencroff!

– Mas, repito, não temos mais fogo!

– *Pfff!*

– Nem qualquer meio de reacendê-lo.

– Basta!

– Mas, senhor Spilett...

– Cyrus não está aqui? Ele não está vivo, o nosso engenheiro? Pois ele vai arranjar uma maneira de fazer fogo!

– E com o quê?

– Sem nada.

O que Pencroff poderia responder? Nada, pois compartilhava da confiança que seus companheiros tinham em Cyrus Smith. O engenheiro era para eles um microcosmo, um combinado de toda a ciência e inteligência humana! Melhor seria estar com Cyrus em uma ilha deserta do que sem Cyrus na cidade mais engenhosa da União.

Nada de desespero. Se alguém dissesse a essas pessoas corajosas que uma erupção vulcânica destruiria essa terra, que ela se afundaria nas profundezas do Pacífico, eles responderiam imperturbavelmente: Cyrus está aqui!

Mas o engenheiro ainda estava imerso em uma nova prostração em razão do seu transporte e sua engenhosidade não poderia ser invocada no momento. O jantar seria fraco, pois toda a carne de tétras tinha sido consumida e não havia maneira de cozinhar outra caça. Então, era preciso refletir.

Cyrus Smith foi transportado para o corredor central. Lá, prepararam uma cama de algas e vareques que estavam mais ou menos secos. O sono profundo que se apoderou dele poderia reparar sua força, e melhor, sem dúvida, do que uma alimentação abundante.

A noite chegou, e com ela a temperatura arrefeceu consideravelmente. Como o mar tinha destruído as divisórias criadas por Pencroff em certos pontos dos corredores, algumas correntes de ar tornaram as chaminés inabitáveis. O engenheiro estaria então em péssimas condições se os seus companheiros, tendo-se despido dos seus casacos ou blusões, não o tivessem coberto cuidadosamente.

A ceia daquela noite consistiu apenas dos litodomos que Harbert e Nab colheram em abundância na costa. O jovem rapaz adicionou a eles uma certa quantidade de algas comestíveis, ricas em nutrientes. O repórter e seus companheiros, depois de terem absorvido uma quantidade considerável de litodomos, chuparam alguns sargaços cujo sabor era suportável.

– Bem – disse o marujo –, já está na hora do senhor Cyrus nos ajudar.

No entanto, o frio tornou-se muito agudo e não havia maneira de combatê-lo.

O marujo, verdadeiramente irritado, procurou todos os meios possíveis para obter fogo. Ele encontrou alguns grumetes secos, e, atritando os dois seixos obteve algumas faíscas; mas o grumete não era suficientemente inflamável e não pegou fogo.

Apesar de não acreditar no processo, Pencroff tentou esfregar dois pedaços de madeira seca um contra o outro, à maneira dos selvagens. O resultado foi nulo. Os pedaços de madeira aqueceram, só isso e ainda menos do que os próprios operadores.

– Quando conseguirem me convencer de que os selvagens acendem

o fogo dessa maneira, teremos calor mesmo no inverno! Seria mais fácil acender meus braços esfregando um contra o outro!

O marujo estava errado ao questionar o processo. É comum que os selvagens inflamem a madeira por meio de um atrito rápido. Mas nem todo tipo de madeira é adequado para essa operação.

O mau humor de Pencroff não durou muito. Os dois pedaços de madeira rejeitados por ele estavam com Harbert, que tentava esfregá-los com mais força. O robusto marujo não podia conter seu riso vendo os esforços do adolescente para ter sucesso onde ele havia falhado.

– Esfregue, meu rapaz, esfregue! – ele desdenhou.

– Estou esfregando, mas não tenho outra pretensão senão me aquecer em vez de tremer e em breve estarei com tanto calor quanto você, Pencroff!

O que de fato aconteceu. Em todo o caso, foi necessário desistir de obter fogo aquela noite. Gédéon Spilett repetiu uma vigésima vez que Cyrus Smith não faria feio com algo tão simples. Enquanto isso, ele se deitou em um dos corredores sobre a camada de areia. Harbert, Nab e Pencroff seguiram o exemplo, enquanto Top dormia aos pés de seu mestre.

No dia seguinte, 28 de março, quando o engenheiro acordou, e, como no dia anterior, suas primeiras palavras foram:

– Ilha ou continente?

Era uma ideia fixa.

– Bem! – respondeu Pencroff. – Não sabemos de nada, senhor Smith!

– Vocês ainda não sabem?

– Mas saberemos quando o senhor nos acompanhar pela região.

– Acho que posso tentar – respondeu o engenheiro, que, sem muito esforço, conseguiu ficar em pé.

– Isso é muito bom! – exclamou o marujo.

– Eu estava morrendo de exaustão, mas com um pouco de comida ficarei em perfeito estado. Vocês têm fogo não é mesmo?

A pergunta não teve uma resposta imediata. Mas depois de alguns instantes:

– Infelizmente, não temos fogo! – disse Pencroff. – Ou melhor, não temos mais!

E o marujo contou o que tinha acontecido no dia anterior.

– Resolveremos isso – respondeu o engenheiro –, e se não

encontrarmos uma substância que sirva de acendalha...

– Então? – perguntou o marujo.

– Faremos fósforos.

– Químicos?

– Químicos!

– Não é tão difícil assim – exclamou o repórter, batendo no ombro do marujo.

Este não achava a coisa tão simples, mas não protestou. Todos saíram. Depois de dar uma olhada rápida em volta, o engenheiro se sentou em uma rocha. Harbert ofereceu alguns mexilhões e sargaços e explicou:

– Isso é tudo o que temos, senhor Cyrus.

– Obrigado, meu rapaz, será suficiente. Para esta manhã, pelo menos.

E ele comeu com apetite o magro alimento, que regou com um pouco de água fresca extraída do rio em uma concha. Então, depois de ter saciado parcialmente sua fome, Cyrus Smith cruzou os braços e disse:

– Então, meus amigos, ainda não sabem se o destino nos lançou em um continente ou em uma ilha?

– Não, senhor Cyrus – respondeu o jovem.

– Descobriremos amanhã – disse o engenheiro. – Até lá, não há nada que possamos fazer.

– Há sim, fez Pencroff.

– O quê?

– Fogo – disse o marujo, que também tinha uma ideia fixa.

– Faremos, Pencroff. Ontem, enquanto vocês me transportavam, avistei uma montanha a oeste que domina esta terra!

– Sim – respondeu Gédéon Spilett –, uma montanha que deve ser bastante alta.

– Pois bem – disse o engenheiro –, amanhã subiremos ao seu cume e veremos se esta terra é uma ilha ou um continente. Até lá, repito, não temos nada a fazer.

– Sim, fogo! – repetiu o teimoso marujo.

– Mas nós faremos fogo! – respondeu Gédéon Spilett. – Tenha paciência, Pencroff!

O marujo olhou para Gédéon Spilett com um olhar que parecia dizer: “Se é só você que pode fazer, não vamos saborear um assado tão

logo!” Mas não disse nada.

Cyrus Smith também não respondeu. Ele parecia pouco preocupado com a questão do fogo. Por alguns momentos, permaneceu absorvido em seus pensamentos. Depois voltou a falar:

– Meus amigos, nossa situação pode parecer deplorável, mas é simples. Ou estamos em um continente, e com algum esforço chegaremos a um ponto habitado, ou estamos em uma ilha e, neste caso, duas coisas são possíveis: se a ilha for habitada, teremos que lidar com seus habitantes; se for deserta, teremos que nos virar sozinhos.

– É certo que é bastante simples – respondeu Pencroff.

– Mas, seja continente ou ilha – perguntou Gédéon Spilett –, onde acha que o furacão nos atirou, Cyrus?

– Não posso precisar, mas presumo que seja uma terra do Pacífico. Quando saímos de Richmond, o vento soprava do nordeste, e com sua força a direção não deve ter variado. Se ela foi mantida do nordeste para o sudoeste, nós atravessamos os estados da Carolina do Norte, Carolina do Sul, Geórgia, o Golfo do México, o próprio México e também parte do oceano Pacífico. Estimo que a distância percorrida pelo balão seja de pelo menos onze mil quilômetros, e, se o vento variou meio quarto, deve ter nos levado ou ao arquipélago das Marquesas ou às ilhas Pomotou, ou, se assumiu uma velocidade maior do que eu suponho, às terras da Nova Zelândia. Se a última hipótese estiver correta, será fácil conseguirmos nos repatriar. Inglês ou maori, teremos sempre com quem falar. Se, no entanto, esta costa pertence a uma ilha deserta de um arquipélago micronésio, talvez possamos reconhecê-la do topo dessa montanha que domina a região e então teremos de nos estabelecer aqui e nunca mais sair!

– Nunca! – exclamou o repórter. – Você diz “nunca”, meu caro Cyrus?

– É melhor pensarmos no pior e deixar que as circunstâncias nos surpreendam positivamente.

– Tem razão! – disse Pencroff. – E temos de considerar que esta ilha pode estar fora da rota dos navios, o que seria uma verdadeira catástrofe!

– Não saberemos o que nos espera até que tenhamos subido a montanha – respondeu o engenheiro.

– Mas amanhã o senhor estará pronto para suportar o cansaço da

subida? – perguntou Harbert.

– Espero que sim – respondeu o engenheiro –, mas com a condição de que mestre Pencroff e você sejam caçadores inteligentes e hábeis.

– Senhor Cyrus – respondeu o marujo –, como o senhor se referiu à caça, se ao menos eu tivesse a garantia de poder assar como estou certo de conseguir caçar...

– Continue caçando, Pencroff – respondeu Cyrus Smith.

Foi então acordado que o engenheiro e o repórter passariam o dia nas chaminés, examinando a costa e o planalto superior, enquanto Nab, Harbert e o marujo retornariam à floresta para renovar o fornecimento de madeira e colocar as mãos em qualquer animal de pena ou pelo que surgisse pela frente.

Eles partiram por volta das dez da manhã: Harbert confiante, Nab alegre e Pencroff murmurando à parte:

– Se, ao retornar, eu encontrar fogo na casa, é porque o trovão veio acendê-lo pessoalmente!

Os três subiram pela margem e quando chegaram à curva do rio, o marujo parou e perguntou aos companheiros:

– Começaremos como caçadores ou lenhadores?

– Caçadores – respondeu Harbert. – Top já está caçando.

– Então cacemos – disse o marujo –, e depois voltaremos aqui para buscar nossa lenha.

Em vez de seguirem o curso do rio, os caçadores penetraram no coração da floresta. As árvores eram iguais, a maioria da família dos pinheiros. Em alguns lugares, esses pinheiros tinham dimensões consideráveis e pareciam indicar, por seu desenvolvimento que a latitude da região era maior do que o engenheiro supunha.

Era difícil se guiar no meio das árvores sem estradas pavimentadas. Então, de vez em quando, o marujo demarcava o caminho com alguns gravetos que seriam facilmente reconhecíveis. Mas talvez estivesse errado em não seguir o curso d’água, como Harbert e ele tinham feito durante a primeira expedição, pois, após uma hora de caminhada, nenhum animal tinha aparecido. Correndo sob os ramos baixos, Top apenas despertava pássaros que não se deixavam aproximar. Os curucuís estavam invisíveis, e o marujo provavelmente seria forçado a voltar àquela parte pantanosa da floresta na qual ele tinha pescado tão alegremente seus tétras.

– Ora, Pencroff! – disse Nab num tom um pouco sarcástico. – Se

essa é toda a caça que você prometeu levar a meu mestre, não será preciso muito fogo para assá-la!

– Paciência, Nab, não é animal para assar que faltará quando nós voltarmos!

– Então não confia no senhor Smith?

– Confio.

– Mas não acha que ele vai fazer fogo?

– Só acreditarei quando vir a madeira arder na lareira.

– Ela vai arder, meu mestre garantiu!

– Veremos!

O sol ainda não tinha atingido o ponto mais alto de seu curso acima do horizonte. A exploração continuou e Harbert encontrou uma árvore cujos frutos eram comestíveis. Era uma espécie de pinheiro que produz uma excelente amêndoa. As amêndoas estavam perfeitamente maduras e Harbert as sugeriu aos seus dois companheiros que se deliciaram.

– Vamos lá – disse Pencroff –, algas marinhas como pão, mexilhões crus como carne e amêndoas de sobremesa, eis o jantar de pessoas que não têm um só fósforo no bolso!

– Não podemos reclamar – respondeu Harbert.

– Não estou reclamando, meu jovem. No entanto, repito que a carne é um pouco escassa nesse tipo de refeição!

– Top viu alguma coisa! – exclamou Nab, que correu para o bosque no meio do qual o cão tinha desaparecido, latindo. O latido de Top se misturava com rugidos singulares.

Assim que entraram na mata, eles viram Top lutando com um animal que ele segurava pela orelha. O quadrúpede era uma espécie de porco com cerca de setenta centímetros de comprimento, castanho-escuro e um pouco mais claro na barriga, pelos duros e muito grossos, e cujos dedos, fortemente agarrados ao chão, pareciam unidos por membranas. A criatura não lutava com o cão. Ele girava seus grandes olhos profundamente afundados numa espessa camada de gordura. Talvez estivesse vendo homens pela primeira vez.

Nab segurou seu bastão e ia derrubar o roedor quando este, livrando-se dos dentes de Top, que segurava apenas uma ponta de sua orelha, proferiu um vigoroso rosnado, se atirou sobre Harbert e o derrubou, desaparecendo na floresta.

– Ah! que patife! – bradou Pencroff.

Os três seguiram imediatamente o rastro de Top e quando quase o alcançaram, o animal desapareceu sob as águas de uma vasta lagoa sombreada por grandes pinheiros centenários.

Top saltou na água, mas o capiraba desapareceu no fundo da lagoa.

– Vamos esperar, ele logo virá respirar na superfície – disse o jovem.

– Ele não se vai afogar? – perguntou Nab.

– Não – respondeu Harbert –, como tem os pés espalmados, ele é quase um anfíbio. Vamos vigiá-lo.

Top continuou nadando. Pencroff e seus dois companheiros ocuparam um ponto na margem cada um, a fim de impedir a fuga do capiraba que o cão procurava nadando na superfície da lagoa.

Harbert não estava errado. Depois de alguns minutos, o animal subiu de volta à superfície. Top saltou em cima dele e o impediu de mergulhar novamente. Um instante depois, o capiraba, arrastado para a beira, foi nocauteado com um golpe do bastão de Nab.

Pencroff carregou o capiraba no ombro, e, a julgar pela altura do sol, devia ser cerca de duas horas, era o momento de retornar.

O instinto de Top não foi inútil para os caçadores, que, graças ao animal inteligente, puderam retornar pelo mesmo caminho. Meia hora depois, chegaram à curva do rio.

Exatamente como fizera da primeira vez, Pencroff construiu uma embarcação de madeira que, seguindo a correnteza, levou o combustível até as chaminés.

A menos de cinquenta passos do destino, o marujo soltou outro vibrante "hurra", apontando para o ângulo da falésia:

– Harbert, Nab, Vejam! – ele exclamou.

Uma fumaça subia e rodopiava por cima das rochas!

Capítulo 10

Alguns minutos depois, os caçadores estavam diante de uma grande fogueira. Cyrus Smith e o repórter já estavam lá. Pencroff olhava para os dois sem dizer uma palavra, segurando o capiraba na mão.

– Pois é, meu caro, conseguimos – disse o repórter. – Fogo de verdade, para fazer um belo assado com essa caça com que vamos nos deliciar daqui a pouco!

– Mas quem acendeu? – perguntou Pencroff.

– O sol!

A resposta de Gédéon Spilett estava correta. Foi o sol que forneceu o calor que tanto surpreendia Pencroff.

– Então o senhor tinha uma lente? – perguntou Harbert a Cyrus Smith.

– Não, meu filho, mas eu fiz uma.

E mostrou o instrumento que lhe serviu de lente. Tratava-se de dois vidros que ele tirou do relógio do repórter e do seu próprio. Depois de enchê-los com água e deixar suas bordas aderentes com um pouco de argila, ele criou uma verdadeira lente que, concentrando os raios solares em uma espuma seca, causou a combustão.

O marujo observou o instrumento e depois olhou para o engenheiro sem dizer uma só palavra. Mas seu olhar dizia muito! Se aos seus olhos Cyrus Smith não era um Deus, certamente era mais do que um homem. Finalmente ele recuperou a fala:

– Escreva isso, senhor Spilett, escreva isso em suas anotações!

– Já escrevi – respondeu o repórter.

Com a ajuda de Nab, o marujo preparou um espeto e logo o capiraba foi assado como um simples leitão, em uma chama clara e crepitante.

As chaminés voltaram a ser habitáveis, não só porque os corredores foram aquecidos pelo fogo da lareira, mas porque as divisórias de pedra e areia foram refeitas.

O engenheiro e seu companheiro tinham produzido bastante durante o dia. Cyrus Smith recuperou quase completamente sua força e testou a si mesmo subindo ao planalto superior. A partir desse ponto, seus olhos, acostumados a avaliar alturas e distâncias, fixaram por um bom tempo o cone em cujo topo ele desejava chegar no dia seguinte. O monte, a cerca de dez quilômetros a noroeste, parecia ficar a quase um quilômetro acima do nível do mar. Portanto, o olhar de um observador que estivesse no topo dessa montanha poderia percorrer o horizonte em um raio de pelo menos oitenta quilômetros. Cyrus Smith poderia então resolver facilmente a questão de “continente ou ilha”, que ele, com razão, priorizava.

A refeição contou com a excelente carne do capiraba, com sargaços e com as amêndoas dos pinheiros. O engenheiro falou pouco, estava preocupado com os planos do dia seguinte.

Ao final da refeição, novos pedaços de madeira foram lançados sobre a fogueira e os anfitriões das chaminés, incluindo o fiel Top, dormiram profundamente. No dia seguinte, 29 de março, eles se levantaram frescos e dispostos, prontos para realizar a excursão que determinaria seu destino.

Estava tudo pronto para partir. Os restos do capiraba poderiam alimentar o grupo por pelo menos mais vinte e quatro horas, e eles esperavam se reabastecer no caminho. Como os vidros foram colocados de volta nos relógios do engenheiro e do repórter, Pencroff queimou um pouco do linho para usar como acendalha.

Às sete e meia, os exploradores, armados com paus, deixaram as chaminés. Segundo Pencroff, era conveniente ir pelo caminho já percorrido através floresta, que era a rota mais direta para chegar à montanha, mesmo que fosse necessário voltar por outro lugar. Então eles pegaram a direção sul e seguiram pela margem esquerda do rio, da qual se distanciaram ao fazer uma curva na direção sudoeste. Às

nove horas, chegaram à borda ocidental da floresta, foram pela trilha já aberta sob as árvores verdes.

Alguns animais fugidios foram vistos sob os bosques. Top fazia-os levantar lentamente, mas seu dono o chamava imediatamente, pois ainda não era o momento de persegui-los. Mais tarde, quem sabe. O engenheiro não era um homem que se distraía facilmente de seu objetivo e, naquele momento, seu único destino era a montanha que ele pretendia escalar.

Às dez horas pararam para descansar. Ao sair da floresta, o sistema orográfico da região saltava aos olhos. O monte era composto por dois cones. O primeiro, truncado a uma altura de cerca de setecentos metros, era sustentado por contrafortes que pareciam ramificar-se como garras cravadas no solo

O segundo cone se apoiava no primeiro, ligeiramente arredondado no topo e um pouco mais inclinado. Parecia ser formado por uma terra árida salpicada de rochas avermelhadas.

Era o cume desse segundo cone que precisava ser alcançado, e a aresta dos contrafortes parecia ser o melhor jeito de chegar até ele.

– Estamos em um terreno vulcânico – observou Cyrus Smith.

Havia inúmeras intumescências nesse terreno de que as forças plutonianas visivelmente convulsionaram.

Durante essa primeira parte da subida, Harbert avistou pegadas que indicavam a passagem recente de grandes animais por ali, alguns deles ferozes.

– Será que essas bestas nos cederiam espontaneamente seu território? – interrogou Pencroff.

– Bem – respondeu o repórter, que já tinha caçado tigres na Índia e leões na África –, vamos ter que descobrir isso na prática. Enquanto isso, sejamos prudentes!

Aos poucos, eles subiam contornando a montanha. O caminho ficava mais longo por conta dos desvios e obstáculos que não podiam ser diretamente transpostos. Ao meio-dia, quando a pequena trupe parou para almoçar, ainda estava na metade do caminho para o primeiro planalto, que provavelmente seria alcançado apenas ao anoitecer.

A partir desse ponto, o horizonte do mar se revelou mais amplamente; mas, à direita, o olhar, barrado pelo promontório agudo do sudeste, não pôde determinar se a costa estava conectada a alguma

terra na parte de trás. À esquerda, o raio de visão já ganhava poucos quilômetros ao norte; no entanto, a partir do noroeste, no ponto ocupado pelos exploradores, ele era cortado pela aresta de um sopé estranhamente desenhado, que formava uma espécie de estribo do cone central. Então, a questão de Cyrus Smith ainda não tinha resposta.

À uma hora, a ascensão foi retomada. Depois de deixar o bosque, os escaladores seguiram pelo caminho mais curto e chegaram a um andar superior, não muito provido de árvores e cujo solo tinha uma aparência vulcânica. Nab e Harbert assumiram a dianteira, Pencroff a traseira e entre eles estavam Cyrus e o repórter. Os animais que frequentavam essas alturas deviam certamente pertencer a raças de pé seguro e coluna vertebral flexível, como as camurças. Eles viram alguns dessa espécie, mas o que chamou a atenção de Pencroff foi outro:

– Carneiros! – ele exclamou.

Todos pararam a cinquenta passos de uma meia dúzia de animais grandes, com chifres fortes dobrados para trás e achatados na ponta, de lã felpuda, escondidos sob longos pelos sedosos e castanhos. Não eram carneiros comuns, mas uma espécie facilmente encontrada nas regiões montanhosas das zonas temperadas, que Harbert chamou de carneiro montês.

– Eles têm gigotes e costeletas? – perguntou o marujo.

– Sim – respondeu Harbert.

– Então são carneiros! – disse Pencroff.

Os animais, imóveis entre os escombros do basalto, olhavam espantados, como se vissem bípedes humanos pela primeira vez. De repente, despertados pelo medo, desapareceram saltando sobre as rochas.

– Adeus! – gritou Pencroff em um tom tão cômico que os demais gargalharam.

A subida continuou. Em alguns declives era possível observar com frequência traços de lava muito caprichosamente estriadas que entrecortavam o caminho, e eles eram obrigados a fazer novos desvios.

Nas proximidades do primeiro planalto, formado pelo truncamento com o cone inferior, as dificuldades da subida aumentaram. Às quatro horas, a zona das árvores tinha sido ultrapassada e restavam apenas

alguns pinheiros, que deviam ser muito resistentes para suportar, naquela altura, os fortes ventos marítimos. A pureza do céu no zênite podia ser sentida através da transparência do ar. Eles não viam mais o sol, escondido atrás do cone superior que mascarava parcialmente o horizonte a oeste.

Apenas cento e cinquenta metros separavam os exploradores do planalto em que queriam atingir a fim de montar um acampamento para a noite, mas essa distância quadruplicou por conta dos desvios que foram obrigados a fazer. Já estava escuro quando Cyrus Smith e seus companheiros, muito cansados pela subida, chegaram ao planalto do primeiro cone.

Foi necessário começar a organizar o acampamento e recuperar as forças, primeiro comendo, depois dormindo. O segundo andar da montanha estava sobre uma base de rochas no meio da qual era fácil encontrar onde descansar. O combustível não era abundante, mas era possível obter fogo a partir de musgos e sarças que cobriam algumas partes do planalto. Enquanto o marujo preparava sua fogueira sobre pedras que organizou com essa finalidade, Nab e Harbert providenciaram o combustível. A chama foi produzida, o linho queimado recolheu faíscas do sílex e ao sopro de Nab surgiu um fogo brilhante dentro do abrigo das rochas.

Esse fogo era destinado apenas a combater a temperatura um pouco fria da noite e não foi usado para cozinhar o faisão, que Nab reservou para o dia seguinte. A ceia foi composta pelos restos do capiraba e por algumas dezenas de grãos de pinho.

Cyrus Smith teve a ideia de explorar, na semiescuridão, a ampla camada circular que sustentava o cone superior da montanha. Antes de descansar, ele queria saber se o cone poderia ser contornado em sua base, no caso de seus flancos, muito inclinados, tornarem inacessível a subida até o cume. Essa questão o preocupava porque era possível que, ao norte, o planalto fosse completamente instável. Se o topo da montanha não pudesse ser alcançado de um lado e do outro não houvesse meio de contornar a base do cone, seria impossível examinar a porção ocidental do país e o objetivo estaria parcialmente frustrado.

O engenheiro deixou Pencroff e Nab organizando o pernoite e Gédéon Spilett registrando os incidentes do dia e começou a seguir a borda circular do planalto, indo para o norte. Harbert o acompanhou.

Os dois caminharam lado a lado sem dizer nada. Após uma caminhada de vinte minutos, tiveram que parar. A partir desse ponto, as encostas dos dois cones ficavam niveladas. Não havia mais parapeito separando as duas partes da montanha e contorná-las por encostas de quase 70° era impraticável.

Mas havia a possibilidade de retomar diretamente a ascensão do cone. Diante deles abria-se uma profunda fissura do maciço. Era a deterioração da cratera superior, o gargalo através do qual os materiais das erupções líquidas escapavam quando o vulcão ainda estava em atividade. As lavas endurecidas e as escórias incrustadas formavam uma espécie de escada natural com degraus amplos que facilitavam o acesso ao topo da montanha.

Uma simples observação de Cyrus Smith foi suficiente para reconhecer essa disposição, e, sem hesitar, seguido pelo jovem rapaz, ele entrou na enorme fenda, no meio da crescente escuridão.

Quanto ao vulcão em si, não havia dúvida de que estava completamente extinto. Nenhuma fumaça escapava de seus flancos. Era mais do que um vulcão adormecido, era sua extinção completa.

A tentativa de Cyrus Smith seria bem-sucedida. Harbert e ele, subindo pelas paredes internas, viram a cratera se alargar pouco a pouco acima de suas cabeças. A cada passo dado, novas estrelas surgiam no campo devisão. As magníficas constelações daquele céu austral resplandeciam. No zênite, o esplêndido Antares do Escorpião brilhava intensamente, e, não muito longe, o ß do Centauri, que se acredita ser a estrela mais próxima do globo terrestre.

Eram quase oito horas quando Cyrus Smith e Harbert puseram os pés no cume superior do monte. A escuridão não permitia que o olhar se estendesse por um raio maior de três quilômetros. Será que o mar cercava essa terra desconhecida, ou ela pertencia a algum continente do Pacífico, a oeste? Ainda não era possível saber.

Mas, em um ponto do horizonte, uma vaga luz surgiu de repente e começou a descer aos poucos enquanto a nuvem subia em direção ao zênite.

Era o crescente da lua, já prestes a desaparecer. Sua luz era suficiente para desenhar claramente a linha do horizonte, então separada da nuvem, e o engenheiro pôde ver sua imagem tremida refletir por um momento em uma superfície líquida.

Cyrus Smith agarrou a mão do rapaz.

– Uma ilha! – gritou, quando o crescente lunar se apagava sobre as ondas.

Capítulo 11

Meia hora depois, Cyrus Smith e Harbert estavam de volta ao acampamento. O engenheiro limitou-se a dizer aos companheiros que a terra sobre a qual o destino os havia laçado era uma ilha e que no dia seguinte eles pensariam no que fazer.

Então, no dia 30 de março, o engenheiro quis retornar ao topo do vulcão a fim de observar com atenção a ilha em que ele e seus companheiros talvez estivessem presos para sempre, caso ela estivesse a uma grande distância de qualquer terra, ou fora da rota dos navios que visitam os arquipélagos do oceano Pacífico. Desta vez seus companheiros o seguiram na nova exploração.

Devia ser por volta de sete da manhã quando os cinco náufragos deixaram o acampamento. Nenhum deles parecia preocupado com a situação. Eles estavam confiantes, mas vale observar que essa confiança não tinha a mesma fonte para Cyrus Smith e para seus companheiros. O engenheiro estava confiante porque se sentia capaz de extrair dessa natureza selvagem tudo o que é necessário para a vida de seus companheiros e a sua, e estes nada temiam porque Cyrus Smith estava com eles.

– Pois bem! – disse Pencroff. – Nós saímos de Richmond sem a permissão das autoridades! Seria o cúmulo não conseguirmos, cedo ou tarde, sair de um lugar onde ninguém nos manterá presos!

Quando chegaram à cratera, o engenheiro percebeu que ela era

exatamente como havia reconhecido no escuro: um grande funil que se alargava a uma altura de trezentos metros acima do planalto. No fundo da fenda, largas e espessas camadas de lava serpenteavam sobre os flancos do monte, demarcando o curso dos materiais eruptivos até os vales inferiores que cortavam a parte norte da ilha.

Antes das oito horas, Cyrus Smith e seus companheiros chegaram ao topo da cratera, sobre uma intumescência cônica que dilatava a borda setentrional. Só havia mar, por todos os lados!

Talvez, subindo ao topo do cone, Cyrus Smith esperasse descobrir alguma ilha não muito distante, que ele não tinha sido capaz de ver na noite anterior por conta da escuridão. Mas nada surgiu nos limites do horizonte, num raio de mais de oitenta quilômetros. Nenhuma terra à vista, nem vela.

O engenheiro e seus companheiros, mudos e imóveis, procuraram por alguns minutos todos os pontos do oceano.

Do oceano, os olhos se voltaram para toda a ilha, e a primeira pergunta foi feita por Gédéon Spilett:

– Qual será o tamanho desta ilha?

Cyrus Smith refletiu por alguns instantes, observou cuidadosamente o perímetro da ilha, levando em conta a altura em que se encontrava e respondeu:

– Meus amigos, acho que se pode atribuir à costa da ilha uma extensão de mais de cinquenta quilômetros.

– E sua superfície?

– É difícil calcular, porque ela é muito recortada – respondeu o engenheiro.

Se Cyrus Smith estivesse certo, a ilha deveria ter, aproximadamente, a mesma extensão de Zaquintos, no Mediterrâneo, mas era muito mais irregular e menos rica em cabos, promontórios, pontas ou baías. Sua forma estranha surpreendia o olhar, e quando Gédéon Spilett, a pedido do engenheiro desenhou seus contornos, eles consideraram que ela se assemelhava a algum animal fantástico, uma espécie de pterópode adormecido na superfície do Pacífico.

Eis a configuração exata dessa ilha, que é importante conhecer e cujo mapa foi imediatamente rabiscado pelo repórter com certa precisão.

A parte oriental da costa em que os náufragos tinham desembarcado, era abaulada e margeava uma vasta baía que

terminava a sudeste em um cabo agudo que uma ponta escondera de Pencroff durante sua primeira exploração. A nordeste, dois outros cabos fechavam a baía e entre eles se desenhava um golfo estreito semelhante ao maxilar entreaberto de um tubarão.

Do nordeste ao noroeste, a costa se arredondava, depois formava uma espécie de corcova que não atribuía uma forma muito nítida a essa parte da ilha cujo centro era ocupado pela montanha vulcânica.

A partir desse ponto, a costa ganhava uma forma regular de norte a sul, entrecortada em dois terços de seu perímetro por uma estreita calheta a partir da qual ele terminava em uma longa cauda.

Ela formava uma verdadeira península que se estendia por mais de quarenta quilômetros no mar, a partir do cabo sudeste da ilha e se arredondava descrevendo uma enseada vicinal que desenhava a costa inferior dessa terra estranhamente entrecortada.

Em sua menor largura, entre as chaminés e a calheta observada na costa oeste, a ilha tinha apenas dezesseis quilômetros de comprimento; mas em sua maior extensão, que ia da mandíbula do nordeste à extremidade da cauda a sudoeste, tinha pelo menos quarenta e oito quilômetros.

Quanto ao interior da ilha, sua aparência geral era esta: muito arborizada em toda a parte sul da montanha até costa e árida e arenosa ao norte. Entre o vulcão e a costa leste, havia um lago emoldurado em sua borda por árvores verdes cuja existência eles desconheciam. Visto daquela altura, o lago parecia estar no mesmo nível que o mar, mas, depois de refletir, o engenheiro explicou aos companheiros que a altura daquela pequena camada de água deveria ser de noventa metros, pois o planalto que servia como bacia era apenas uma extensão da costa.

– Então é um lago de água doce? – perguntou Pencroff.

– Certamente, pois deve ser alimentado pelas águas que fluem da montanha.

– Estou vendo um pequeno rio fluindo para ele – disse Harbert, apontando para um riacho estreito cuja fonte devia se espalhar pelo sopé ocidental.

– De fato, e uma vez que esse riacho alimenta o lago, é provável que do lado do mar haja um orifício por onde o excesso de água é escoado. Veremos isso quando voltarmos.

O pequeno riacho, bastante sinuoso, e o rio já reconhecido

constituíam o sistema hidrográfico. No entanto, era possível que, sob essas massas de árvores que faziam de dois terços da ilha uma imensa floresta, outros rios fluíssem em direção ao mar. Quanto à parte norte, não havia qualquer indício de água corrente; talvez alguma água estagnada na parte pantanosa do nordeste, mas isso é tudo.

O vulcão não ocupava a parte central da ilha, mas estava localizado na região noroeste e parecia marcar o limite entre as duas zonas. A sudoeste, sul e sudeste, os primeiros andares dos sopés desapareciam sob massas de vegetação. Ao norte, pelo contrário, era possível seguir suas ramificações que terminavam nas planícies de areia. Era também desse lado que, no momento das erupções, os derramamentos tinham aberto uma passagem e um grande aterro de lavas se estendia até a estreita mandíbula que formava o golfo a nordeste.

Os náufragos permaneceram uma hora no topo da montanha. A ilha se estendia sob os olhares deles como um plano em destaque com seus vários tons, verde para as florestas, amarelo para as areias, azul para as águas.

Restava uma questão séria a resolver e que tinha um impacto particular no futuro dos náufragos: A ilha era habitada?

Em nenhum lugar foi visto qualquer trabalho da mão humana. Nenhuma fumaça se levantava e denunciava a presença do homem. É fato que uma distância de aproximadamente de cinquenta quilômetros separava os observadores dos pontos extremos e teria sido difícil, mesmo para Pencroff, avistar alguma habitação ali. Mas podia-se admitir que a ilha era desabitada.

Mas será que era frequentada, ao menos temporariamente, por nativos das ilhas vizinhas? Difícil saber, pois nenhuma terra aparecia num raio de oitenta quilômetros. Será que, sem instrumentos, Cyrus Smith conseguiria calcular sua posição em latitude e longitude? Seria difícil. Na dúvida, era apropriado tomar certas precauções contra uma possível chegada de nativos vizinhos.

A exploração da ilha tinha sido concluída, sua configuração determinada, seu relevo demarcado, sua extensão calculada, sua hidrografia e sua orografia reconhecida. Restava agora descer as encostas da montanha e explorar o solo em termos de recursos minerais, vegetais e animais. Mas, antes de dar aos seus companheiros o sinal de partida, Cyrus Smith disse com voz calma e séria:

– Esse, meus amigos, é o pedaço estreito de terra sobre o qual a

mão do Todo-Poderoso nos lançou. É aqui que vamos viver, talvez por muito tempo. Talvez um resgate inesperado chegue se algum navio passar aqui por acaso... Digo por acaso porque esta não é uma ilha importante, não oferece sequer um porto que possa ser usado como repouso para os navios e deve-se recear que esteja localizada fora das rotas habituais. Não quero esconder nada da situação...

– E o senhor tem razão, meu caro Cyrus – respondeu o repórter. – Está lidando com homens. Eles confiam no senhor e o senhor pode contar com eles. Certo, meus amigos?

– Vou obedecê-lo em tudo, senhor Cyrus – disse Harbert, pegando a mão do engenheiro.

– Meu mestre, sempre e em qualquer lugar! – exclamou Nab.

– Quanto a mim – disse o marujo –, mudo meu nome se fugir à luta, e se quiser, senhor Smith, vamos fazer desta ilha uma pequena América! Construiremos cidades, ferrovias, instalaremos telégrafos e, um dia, quando estiver bem transformada, preparada e civilizada, iremos oferecê-la ao governo da União! Só peço uma coisa.

– O quê? – perguntou o repórter.

– Não nos consideremos náufragos, mas colonos que vieram aqui com o objetivo de colonizar!

Cyrus Smith não conteve um sorriso e a proposta do marujo foi acatada.

– Vamos para as Chaminés! – exclamou Pencroff.

– Um momento, meus amigos – respondeu o engenheiro –, parece-me importante dar um nome a esta ilha, bem como aos cabos, aos promontórios e aos riachos que existem aqui.

– De acordo – disse o repórter. – Isso simplificará no futuro as instruções que poderemos ter de dar ou seguir.

– De fato – retomou o marujo –, já é alguma coisa poder dizer onde se vai e de onde se vem. Pelo menos parece que estamos em algum lugar.

– As Chaminés, por exemplo – disse Harbert.

– Certo! – respondeu Pencroff. – Manteremos o nome de Chaminés para o nosso primeiro acampamento, senhor Cyrus?

– Sim, Pencroff, já que o batizaram assim.

– Bem, quanto aos outros, será fácil – disse o marujo, que estava inspirado. – Vamos dar a eles nomes como faziam os Robinsons, cuja história Harbert leu mais de uma vez para mim: a “baía da

Providência", a "ponta dos Cachalotes", o "cabo da Desilusão"!...

– Ou os nomes de senhor Smith – respondeu Harbert –, senhor Spilett, Nab!...

– Meu nome! – exclamou Nab, mostrando seus dentes reluzentes.

– Por que não? – questionou Pencroff. – O "porto Nab" ficaria ótimo! E o "cabo Gédéon"...

– Eu preferia nomes emprestados do nosso país – respondeu o repórter –, o que nos lembraria da América.

– Sim, para os principais – disse Cyrus Smith –, para os das baías ou mares. Podemos, por exemplo, chamar esta baía do leste de baía da União, a fenda do sul de baía de Washington, a montanha onde agora estamos de monte Franklin e o lago diante de nossos olhos de lago Grant. Esses nomes nos farão lembrar do nosso país e dos grandes cidadãos que o honraram; mas para os rios, golfos, cabos e promontórios que avistamos do topo desta montanha, daremos nomes que correspondam à sua configuração particular. Eles serão ao mesmo tempo mais práticos e mais fáceis de memorizar. Quanto aos rios que não conhecemos, as várias partes da floresta que vamos explorar mais tarde, os riachos que ainda serão descobertos, poderemos batizá-los à medida que os encontrarmos. O que acham?

A proposta do engenheiro foi unanimemente aceita. Gédéon Spilett registraria tudo à medida que avançassem e a nomenclatura geográfica da ilha seria definitivamente adotada.

– Agora – disse o repórter –, à península a sudoeste da ilha, proponho dar o nome de península Serpentina e de promontório do Réptil para a cauda arredondada que a completa, pois ela realmente se parece com uma cauda de réptil.

– Aprovado – disse o engenheiro.

– Ao outro extremo da ilha, aquele golfo que tão singularmente se assemelha a uma mandíbula aberta, podemos chamar de Golfo do Tubarão – disse Harbert.

– Boa ideia! – exclamou Pencroff. – E vamos completar o quadro nomeando-o de cabo da Mandíbula ambas as partes do maxilar.

– Mas há dois cabos – disse o repórter.

– Ora! – respondeu Pencroff. – Teremos o cabo da Mandíbula-Norte e o cabo da Mandíbula-Sul.

– Estão batizados – respondeu Gédéon Spilett.

– Resta nomear a extremidade sudeste desta ilha – disse Pencroff.

– Você se refere à extremidade da baía da União? – perguntou Harbert.

– Cabo da Garra – exclamou Nab, que também queria batizar uma parte de sua propriedade.

Pencroff ficou empolgado com a forma como as coisas estavam caminhando: ao rio que abastecia os colonos com água potável e perto do qual o balão os havia atirado, o nome de Misericórdia – um verdadeiro agradecimento à Providência; ao ilhéu onde os náufragos tinham colocado os pés pela primeira vez, o nome de ilhéu da Salvação; ao planalto que coroava a alta muralha de granito, acima das Chaminés, o nome de planalto da Grande-Vista; para todas as florestas impenetráveis que cobriam a península Serpentina, o nome de florestas do Extremo Oeste.

Quanto à orientação da ilha, o engenheiro a determinou aproximadamente pela altura e posição do sol, com a baía da União e todo o planalto da Grande-Vista a leste. Mas no dia seguinte, tomando a hora exata do nascer e do pôr do sol, observando a sua posição na metade do tempo decorrido entre o nascer e o pôr do sol, ele considerava identificar exatamente o norte da ilha, porque, pela sua localização no hemisfério sul, o sol, no momento preciso de seu ápice, passava para o norte e não para o sul, como em seu movimento aparente parece fazer nos lugares situados no hemisfério norte.

Os colonos só precisavam descer o Monte Franklin e voltar para as Chaminés quando Pencroff bradou:

– Ora! Somos uns cabeças de vento!

– Por quê? – interrogou Gédéon Spilett, que tinha fechado sua caderneta e se levantava para partir.

– E a nossa ilha? Esquecemos de batizá-la!

Harbert propôs dar o nome do engenheiro, quando Cyrus Smith disse simplesmente:

– Vamos dar a ela o nome de um grande cidadão, alguém que está lutando para defender a unidade da república americana! Vamos chamá-la de ilha Lincoln!

Três hurras foram a resposta à proposta do engenheiro.

Naquela noite, antes de dormir, os novos colonos falaram do país que haviam deixado, da terrível guerra que o ensanguentava. Mal podiam imaginar que o sul em breve seria derrotado e que a causa do norte, a da justiça, logo triunfaria graças a Grant e a Lincoln!

Isso aconteceu no dia 30 de março de 1865 e eles não sabiam que, dezesseis dias depois um crime terrível seria cometido em Washington e que na sexta-feira santa Abraham Lincoln sucumbiria à bala de um fanático.

Capítulo 12

Os colonos da ilha Lincoln deram uma última olhada ao redor, contornaram a cratera e meia hora depois estavam de volta ao acampamento noturno.

Pencroff pensou que estava na hora do almoço e lembrou que era necessário consertar os relógios de Cyrus Smith e do repórter.

Sabe-se que o de Gédéon Spilett tinha sido poupado pelo mar, uma vez que o repórter foi lançado na areia, fora do alcance das ondas.

Já o relógio do engenheiro havia parado durante o tempo em que permaneceu nas dunas. Então ele deu corda no objeto e acertou o horário, estimando pela altura do sol que deveria ser cerca de nove horas da manhã.

Gédéon Spilett ia imitá-lo quando o engenheiro, segurando sua mão, disse fervorosamente:

– Não, meu caro Spilett, espere. Você conservou o horário de Richmond, não é?

– Sim, Cyrus.

– Portanto, seu relógio está definido segundo o meridiano dessa cidade, que é mais ou menos o de Washington?

– Exatamente.

– Pois então mantenha-o assim. Dê corda, mas não toque nos ponteiros. Isso poderá nos ser útil.

Eles comeram tão bem que a reserva de carne e amêndoas esgotou.

Mas Pencroff não estava preocupado, pois poderiam se reabastecer no caminho. Além disso, o marujo cogitava pedir ao engenheiro para fabricar pólvora e uma ou duas armas de caça, acreditava que não seria difícil consegui-los.

Cyrus Smith propôs a seus companheiros que seguissem um novo caminho para retornar às Chaminés. Ele queria visitar o lago Grant, tão bem enquadrado pelas fileiras de árvores. Ao conversar, os colonos já usavam os nomes próprios que tinham acabado de escolher, e isso facilitou a troca de ideias. Harbert e Pencroff – um adolescente e o outro uma eterna criança – estavam encantados, e, enquanto caminhavam, o marujo disse:

– Então, Harbert, a vida é bela! Não podemos nos perder, meu rapaz, pois, quer sigamos a rota do lago Grant, quer passemos pela Misericórdia através dos bosques do Extremo Oeste, certamente chegaremos ao planalto da Grande-Vista, e, consequentemente, à baía da União!

Os colonos haviam acordado que não se afastariam muito uns dos outros. Certamente, alguns animais perigosos viviam nas densas florestas da ilha e era prudente tomar cuidado. Habitualmente, Pencroff, Harbert e Nab seguiam na frente, precedidos por Top que vasculhava por todos os cantos. O repórter e o engenheiro seguiam juntos, Gédéon Spilett, pronto para registrar qualquer incidente, o engenheiro se desviando do caminho para pegar, vez ou outra, algum mineral ou vegetal que colocava em seu bolso sem fazer qualquer consideração.

"Que raios ele tanto junta? Por mais que eu procure, não vejo nada que valha a pena pegar!", pensou Pencroff.

Por volta das dez horas, o pequeno grupo descia as últimas rampas do monte Franklin, cheio de arbustos e árvores raras. Cyrus Smith acreditava ter alcançado, sem incidentes, o curso do riacho que devia fluir sob as árvores na borda da planície, quando viu Harbert correr de volta, enquanto Nab e o marujo se escondiam atrás das rochas.

– O que foi, meu rapaz? – perguntou Gédéon Spilett.

– Vimos uma fumaça subindo entre as rochas, a cem passos de nós.

– Há homens aqui? – interrogou o repórter.

– Evitemos aparecer antes de sabermos com quem estamos lidando – respondeu Cyrus Smith. – Se houver nativos nesta ilha, creio que devemos mais temê-lo do que desejar encontrá-los.

Em poucos instantes, o engenheiro, Gédéon Spilett e Harbert se juntaram a seus dois companheiros e também se esconderam atrás dos escombros de basalto.

De lá, eles viram, muito claramente, uma fumaça girando no ar de tom amarelo muito peculiar.

Top retornou, chamado por um leve assobio e seu dono escorregou entre as rochas.

Os colonos, imóveis, aguardavam ansiosamente o resultado da exploração, quando um chamado de Cyrus os fez saírem em disparada. Eles logo se juntaram ao engenheiro e foram recebidos pelo cheiro desagradável que permeava a atmosfera.

Esse cheiro, facilmente reconhecível, foi suficiente para o engenheiro adivinhar qual era a fumaça que inicialmente o inquietou.

– Esse fogo – disse ele –, ou melhor, essa fumaça é produzida pela própria natureza. É apenas uma fonte de enxofre que nos permitirá tratar eficazmente nossas laringites.

– Ah! Que pena que não estou constipado! – disse Pencroff.

Os colonos seguiram para o lugar de onde a fumaça estava escapando e viram uma fonte sulfurosa de sódio que fluía abundantemente entre as rochas e cujas águas emanavam um forte cheiro de ácido sulfídrico ao absorver oxigênio do ar.

Cyrus Smith mergulhou a mão na água e achou sua consistência cremosa. A temperatura foi estimada em aproximadamente trinta e cinco graus. Harbert questionou em que ele baseava essa estimativa:

– Simples, meu filho. Quando eu coloquei minha mão na água, não senti nem frio nem calor. Então, ela está na mesma temperatura do corpo humano.

Como a fonte de enxofre não tinha qualquer utilidade no momento, os colonos seguiram para a espessa borda da floresta.

Como presumido, o riacho conduzia suas águas límpidas entre as altas margens de terra vermelha, cuja cor denunciava a presença de óxido de ferro. Chamaram o curso d’água de córrego Vermelho.

Suas águas eram frescas, o que os fazia supor que as águas do lago também eram. Circunstâncias favorável, caso encontrassem em suas bordas uma morada mais adequada do que as Chaminés.

Um estranho concerto de vozes dissonantes ecoou no meio de um matagal. Os colonos escutaram, sucessivamente, o canto dos pássaros, o grito dos quadrúpedes e uma espécie de palma que parecia ser

reproduzida por lábios indígenas. Nab e Harbert adentraram no mato, esquecendo os princípios da mais elementar prudência. Felizmente, não havia animais selvagens ou nativos perigosos, mas meia dúzia de “faisões de montanha”, gozadores e cantores. Alguns golpes de bastão encerraram a cena e ofereceram uma excelente refeição noturna ao grupo.

Mais adiante, um grupo de quadrúpedes, saltitando como verdadeiros mamíferos voadores, fugiu pelos bosques tão velozmente e alcançando tamanha altura que se poderia pensar que passavam de uma árvore para outra como esquilos.

– Cangurus! – exclamou Harbert.

– Isso é comestível? – questionou Pencroff.

– Cozido no vapor fica melhor do que a carne do veado!

Gédéon Spilett mal completou sua frase e o marujo, seguido por Nab e Harbert, começaram a seguir os passos dos cangurus. Foi em vão que os caçadores perseguiram aquele animal elástico que quicava como uma bola. Depois de cinco minutos de corrida, eles ficaram sem fôlego e o bando desapareceu na mata.

– Senhor Cyrus – disse Pencroff quando o engenheiro e o repórter se juntaram a ele –, o senhor percebe que é essencial fabricarmos armas? É possível consegui-las?

– Talvez – respondeu o engenheiro –, mas vamos começar fazendo arcos e flechas e estou certo de que vocês se tornarão tão hábeis em manuseá-los quanto os caçadores australianos.

– Flechas e arcos! Isso é coisa de criança! – desdenhou Pencroff.

– Não seja orgulhoso, amigo Pencroff – respondeu o repórter. – Os arcos e flechas foram suficientes durante séculos para ensanguentar o mundo!

– É verdade, senhor Spilett, eu sempre falo sem pensar. Peço desculpas por isso!

Top, sentindo que seu próprio interesse estava em jogo, bisbilhotava por toda parte com o instinto aguçado por um apetite feroz.

Por volta das três horas, o cão desapareceu mato adentro e rosnados abafados logo indicaram que ele estava às voltas com algum animal.

Nab correu, e de fato viu Top devorando avidamente um quadrúpede que, dez segundos depois, estaria irreconhecível no

estômago do cachorro. Mas, felizmente, o cão tinha encontrado uma ninhada de marás. Ele se atracava com três e dois outros jaziam no chão, estrangulados.

Nab retornou triunfante, segurando em cada mão um roedor cujo tamanho excedia o de uma lebre.

– Hurra! – exclamou Pencroff. – O assado chegou! Agora podemos voltar para casa!

A caminhada foi retomada. Os exploradores chegaram à margem oeste do lago Grant. Valia a pena dar uma volta pelo lugar. Aquela vastidão de água repousava em uma orla de árvores variadas. Para o leste, através de uma cortina curiosamente alta de vegetação em alguns lugares, aparecia um horizonte marítimo cintilante. Ao norte, o lago desenhava uma curvatura ligeiramente côncava, que contrastava com o desenho agudo de sua ponta inferior.

As águas do lago eram doces, límpidas, um pouco turvas e certas borbulhas formavam círculos concêntricos que se cruzavam na superfície, não restando dúvida de que eram muito piscosas.

– Esse lago é realmente lindo! – disse Gédéon Spilett. – Dá vontade de morar em suas margens!

– Vamos morar! – respondeu Cyrus Smith.

Os colonos desceram até o ângulo formado pela junção das margens do lago, ao sul, trilharam um caminho através dos bosques e das sarças que a mão humana ainda não tinha espalhado e seguiram em direção ao litoral até chegar ao norte do planalto da Grande-Vista. Três quilômetros foram percorridos nessa direção, então, após a última cortina de árvores, o planalto apareceu coberto de uma grama espessa e além, o mar infinito.

Para chegar às Chaminés, bastava atravessar o planalto obliquamente durante um quilômetro e meio e descer até o cotovelo formado pelo primeiro desvio da Misericórdia. Mas o engenheiro queria saber como e onde o transbordamento do lago escoava e a exploração foi estendida sob as árvores por mais ou menos dois quilômetros e meio para o norte. Era realmente provável que houvesse um orifício em algum lugar e ele certamente passava por alguma fenda de granito. Este lago era, em suma, apenas uma imensa bacia que tinha sido preenchida pouco a pouco pelo fluxo do riacho e seu transbordamento tinha que fluir para o mar por alguma queda. Se assim fosse, o engenheiro pensou que poderia ser possível emprestar a

força dessa queda, que atualmente não era bem aproveitada. Então eles continuaram a seguir as margens do lago Grant até o planalto; mas depois de percorrer um quilômetro e meio nessa direção, Cyrus Smith não conseguiu descobrir o escoadouro, que certamente existia.

Eram quatro e meia. Os preparativos para o jantar exigiam que os colonos regressassem à sua moradia. Lá o fogo foi aceso, Nab e Pencroff foram incumbidos de cozinhar e prepararam assados de cutias que foram muito apreciados.

Ao término da refeição, quando estavam prestes a ir dormir, Cyrus Smith tirou de seu bolso as pequenas amostras de minerais de diferentes espécies e disse:

– Meus amigos, isto aqui é minério de ferro, pirita, argila, cal e carvão. É isso que a natureza nos oferece e é essa a sua contribuição para o trabalho comum! Amanhã daremos a nossa!

Capítulo 13

– E então, senhor Cyrus, por onde começamos? – Pencroff perguntou ao engenheiro na manhã seguinte.

– Pelo começo – respondeu Cyrus Smith.

Com efeito, os colonos seriam forçados a começar pelo "começo". Eles sequer possuíam os materiais necessários para fazer ferramentas e estes nem sequer se encontravam na natureza. Eles não tinham tempo, pois tinham que prover imediatamente sua existência, se, aproveitando a experiência adquirida, não tinham nada para inventar, pelo menos tinham tudo para fabricar. O ferro e o aço ainda estavam em seu estado mineral, a cerâmica no estado de argila, o linho e todo o vestuário no estado de materiais têxteis.

É importante ressaltar que o engenheiro Smith não podia ser assistido por companheiros mais inteligentes, nem com mais devoção e zelo.

Gédéon Spilett, um repórter muito talentoso, podia oferecer grande contribuição física e mental para a colonização da ilha. Ele não se esquivava de nenhuma tarefa, e, como um caçador apaixonado, transformaria em profissão o que, até então, era apenas prazer.

Harbert, um jovem corajoso, notavelmente bem educado em ciências naturais, ofereceria um importante complemento à causa comum.

Nab era a devoção em pessoa. Hábil, inteligente, incansável,

robusto, com uma saúde de ferro, se dava bem com o trabalho de fundição e seria muito útil para a colônia.

Pencroff tinha trabalhado como marujo em todos os oceanos, como carpinteiro, ajudante de alfaiate, jardineiro, agricultor, etc. e sabia fazer de tudo.

“Pelo começo”, havia respondido Cyrus Smith. Esse começo de que o engenheiro falava era a construção de um aparelho que seria usado para transformar as substâncias naturais. Sabemos do papel do calor nessas transformações. O combustível, madeira ou carvão vegetal, era imediatamente utilizável então era necessário construir um forno para isso.

– Qual será a utilidade desse forno? – perguntou Pencroff.

– Fabricar a cerâmica de que precisamos – respondeu Cyrus Smith.

– E como faremos o forno?

– Com tijolos.

– E os tijolos?

– Com argila. Para evitar o transporte, montaremos nossa oficina no próprio local de produção. Nab trará as provisões e não faltará fogo para cozinhá-las.

– Mas e se a comida acabar por falta de instrumentos de caça? – perguntou o repórter.

– Se tivéssemos ao menos uma faca! – exclamou o marujo.

– Então? – perguntou Cyrus Smith.

– Ora! Eu fabricaria rapidamente um arco e flechas e a caça seria abundante!

– Sim, uma faca, uma lâmina afiada... – disse o engenheiro, pensando alto.

Então seus olhos se viraram para Top, que ia e vinha pela costa. De repente, o olhar de Cyrus Smith se animou.

– Top, aqui!

O cão atendeu ao chamado de seu dono. Cyrus tirou a coleira que o animal usava no pescoço e quebrou-a em duas partes dizendo:

– Aqui estão duas facas, Pencroff!

O marujo respondeu com dois hurras. A coleira de Top era feita de uma fina lâmina de aço temperado. Bastava afiá-la em uma pedra de arenito. Duas horas mais tarde a maquinaria da colônia consistia em duas lâminas afiadas que foram encaixadas em um punho sólido.

A conquista dessa primeira ferramenta foi saudada como uma

conquista preciosa e oportuna. Partiram.

A intenção de Cyrus Smith era retornar à costa ocidental do lago, onde havia encontrado, na véspera, o solo argiloso do qual tinha uma amostra. Depois de uma caminhada de uns oito quilômetros, chegaram a uma clareira a duzentos passos do lago Grant.

Ao longo do caminho, Harbert encontrou a "crejimba", árvore com cujos ramos os índios da América do Sul costumavam fazer seus arcos. Galhos longos e retos foram cortados, desfolhados e talhados. Eram resistentes nas extremidades e frágeis no meio, restava apenas encontrar uma planta que pudesse ser usada como corda do arco. Escolheram para isso uma espécie pertencente à família das malváceas, um *hibiscus heterophyllus* que fornece fibras de notável tenacidade e Pencroff obteve arcos bastante potentes. Faltavam apenas as flechas, fáceis de fazer com galhos retos e rígidos, sem nodosidades; mas a ponta que os armaria, ou seja, uma substância que substituísse o ferro.

Os colonos chegaram à terra da véspera, composta de argila figulina, usada para fazer tijolos e telhas, e, portanto, muito adequada para o objetivo desejado. A mão de obra não era trabalhosa. Bastava desengordurar a figulina com areia, moldar os tijolos e cozinhá-los no calor de uma fogueira.

Normalmente os tijolos são prensados em moldes, mas o engenheiro os fez à mão. A argila, impregnada de água e depois moldada com os pés e punhos dos manipuladores, foi dividida em prismas de igual tamanho. Em dois dias de trabalho, os cinco artesãos da ilha Lincoln produziram três mil tijolos, que foram colocados um lado a lado, até secarem completamente, o que permitiria cozinhá-los dentro de três ou quatro dias.

No dia 2 de abril, Cyrus Smith definiu a orientação da ilha.

Na véspera, ele registrou exatamente a hora em que o sol havia desaparecido sob o horizonte, levando em conta sua refração. Nessa manhã, anotou a hora exata em que o sol nasceu. Entre o pôr e o nascer do sol, passaram-se doze horas e vinte e quatro minutos. Então, seis horas e doze minutos após nascer, o sol, naquele dia, passaria exatamente pelo meridiano e o ponto do céu que ocuparia naquele momento seria o norte[4].

Na hora prevista, Cyrus anotou esse ponto e alinhando o sol com duas árvores que serviriam de pontos de referência, obteve um

meridiano invariável para suas operações subsequentes.

Durante os dois dias anteriores à queima dos tijolos, os homens se ocuparam com a provisão do combustível. Cortaram troncos em torno da clareira e recolheram a madeira caída sob as árvores. Também realizaram caça nas proximidades, sobretudo porque Pencroff agora tinha algumas dúzias de flechas armadas com pontas afiadas fornecidas por Top, que trouxe um porco-espinho de um valor incontestável graças aos seus espinhos. Os espinhos foram amarrados à ponta das flechas, cuja direção era garantida pelo empenamento de plumas de cacatuas. O repórter e Harbert logo se tornaram hábeis atiradores com arco e flecha. Animais de pelos e penas eram abundantes nas Chaminés e a maioria deles foi morta na parte da floresta situada na margem esquerda da Misericórdia, à qual foi dado o nome de bosque do Jacamar, em memória ao volátil que Pencroff e Harbert perseguiram em sua primeira exploração.

Durante as excursões, os caçadores puderam constatar a recente passagem de grandes animais de espécie desconhecida, armados com poderosas garras. Cyrus Smith recomendou extrema cautela, pois era provável que na floresta houvesse alguns animais selvagens perigosos.

E ele tinha razão. Gédéon Spilett e Harbert de fato viram uma vez um animal que parecia um jaguar. Felizmente o animal não os atacou, pois eles não teriam escapado sem algum ferimento grave.

O engenheiro pretendia descobrir ou construir, se necessário, uma habitação mais adequada do que a das Chaminés. Então, eles se contentaram em estender sobre a areia dos corredores uma cama fresca de musgos e folhas secas sobre as quais dormiram, extenuados.

Os dias passados na ilha Lincoln desde que os colonos lá desembarcaram também foram registrados e um relato regular foi mantido desde então.

Em 6 de abril, ao amanhecer, o engenheiro e seus companheiros se reuniram na clareira onde seria feito o cozimento dos tijolos. Naturalmente, essa operação devia ser realizada ao ar livre e não em fornos, senão a aglomeração de tijolos se transformaria em uma enorme fornalha que se autocozeria. O combustível foi colocado no chão e cercado por várias fileiras de tijolos secos que formaram um grande cubo no exterior do qual foram feitas aberturas para ventilação. O trabalho durou o dia todo e somente à noite colocaram fogo nos feixes.

A operação durou 48 horas e foi bem-sucedida. Então deixaram a massa fumegante arrefecer e enquanto isso, Nab e Pencroff, liderados por Cyrus Smith, carregaram cargas de carbonato de cal, pedras comuns que abundavam ao norte do lago. Decompostas pelo calor, elas forneciam uma cal viva, oleosa, dilatada pela manipulação e tão pura como se tivesse sido produzida pela calcinação de giz ou mármore. Misturada com areia, a fim de reduzir o encolhimento da pasta quando se solidifica, a cal proporciona uma excelente argamassa.

Como resultado, no dia 9 de abril, o engenheiro tinha à disposição certa quantidade de cal preparada e alguns milhares de tijolos.

A construção do forno que seria usado para cozinhar cerâmicas essenciais para uso doméstico começou imediatamente. Cinco dias depois, a fornalha foi carregada com o carvão, do qual o engenheiro havia descoberto um jazigo a céu aberto perto da foz do córrego Vermelho e as primeiras fumaças subiram pela Chaminé. A clareira foi transformada em usina e Pencroff começou a imaginar que todos os produtos da indústria moderna sairiam desse forno.

Os colonos produziam uma cerâmica comum, muito adequada para cozinhar alimentos. A matéria-prima era a argila extraída do próprio solo, à qual Cyrus Smith adicionou um pouco de cal e quartzo. Essa pasta constituía uma espécie de “barro de cachimbo” com o qual fizeram vasos, copos, pratos, jarros e cubas para armazenar água. A forma desses objetos era imperfeita, mas, depois de cozinharem em alta temperatura, a cozinha das Chaminés foi equipada com uma série de utensílios valiosos, como se um belo caulim fizesse parte de sua composição.

Pencroff, desejando saber se a argila assim preparada justificava o nome de “barro de cachimbo”, confeccionou alguns cachimbos bastante grosseiros para os quais, infelizmente, não havia tabaco! E essa era uma grande privação para Pencroff.

– Mas o tabaco virá, como todas as coisas! – ele disse a si mesmo em um acesso de confiança.

Os trabalhos duraram até o dia 15 de abril. Os colonos que se tornaram oleiros não fizeram nada além de cerâmica. Mas o dia seguinte era domingo de Páscoa e todos concordaram em santificar esse dia de descanso. Os americanos eram homens religiosos, observadores escrupulosos dos preceitos da Bíblia e a situação em que

se encontravam só fazia crescer neles o sentimento de confiança no Autor de todas as coisas.

Naquela noite, finalmente regressaram às Chaminés. O retorno foi marcado pela descoberta de uma substância adequada para substituir a acendalha. Sabe-se que essa carne esponjosa e aveludada provém de certo cogumelo do gênero políporo. Devidamente preparada, ela é extremamente inflamável, especialmente quando foi previamente saturada com pólvora ou fervida numa dissolução de nitrato ou clorato de potássio. Mas, até então, eles não tinham encontrado nenhum políporo que pudesse substituí-lo. Naquele dia, o engenheiro, tendo identificado certa planta pertencente ao gênero artemísia, arrancou alguns tufos e os apresentou ao marujo dizendo:

– Toma, Pencroff – disse ele –, isso vai deixar você feliz.

Pencroff olhou atentamente para a planta cujas folhas estavam cobertas com uma penugem algodoada.

– Meu Deus! Isso é tabaco?

– Não – respondeu Cyrus Smith –, é artemísia, que para nós pode servir de acendalha.

Naquela noite, os colonos reunidos na sala central cearam adequadamente. Nab preparou um guisado de cutia, um presunto de capiraba aromatizado ao qual foram adicionados tubérculos cozidos de *caladium macrorhizum*, uma planta herbácea da família das aráceas. Esses rizomas eram muito saborosos, nutritivos e podiam, em certa medida, substituir o pão que ainda faltava aos colonos da ilha Lincoln.

Após o jantar, antes de ir dormir, Cyrus Smith e seus companheiros foram fazer a digestão na praia. A noite se anunciava magnífica. O horizonte já se prateava com as nuances doces e pálidas da chamada aurora lunar. No zênite sul, as constelações circumpolares brilhavam, entre as quais o Cruzeiro do Sul que o engenheiro, alguns dias antes, avistara do cume do monte Franklin.

Cyrus Smith observou durante algum tempo a esplêndida constelação, que tem em seu topo e em sua base duas estrelas de primeira grandeza, no braço esquerdo uma estrela de segunda e no braço direito uma estrela de terceira grandeza. Então, depois de refletir:

– Harbert, hoje é dia 15 de abril?

– Sim, senhor Cyrus.

– Se não estou enganado, amanhã será um dos quatro dias do ano

em que a hora verdadeira se funde com a hora média, ou seja, com poucos segundos de diferença, o sol passará pelo meridiano exatamente ao meio-dia. Se o tempo colaborar, acho que consigo obter a longitude da ilha com alguns graus de aproximação.

– Sem instrumentos, sem sextante? – perguntou Gédéon Spilett.

– Sim – respondeu o engenheiro. – Como a noite está clara, vou tentar, ainda esta noite, obter nossa latitude calculando a altura do Cruzeiro do Sul. Antes de empreender qualquer trabalho de moradia, não é suficiente constatar que esta terra é uma ilha. É necessário, na medida do possível, verificar a que distância ela está, seja do continente americano, do australiano ou dos arquipélagos do Pacífico.

– De fato – disse o repórter –, em vez de construir uma casa, pode ser mais interessante construirmos um barco, caso estejamos a poucos quilômetros de uma costa habitada.

– É por isso que esta noite eu vou tentar obter a latitude da ilha Lincoln e amanhã, ao meio-dia, tentarei calcular a longitude.

Cyrus Smith voltou às Chaminés. Sob a luz da fogueira, talhou duas pequenas réguas planas que uniu por uma das extremidades a fim de formar uma espécie de compasso, cujos ramos poderiam se distanciar ou se aproximar. O ponto de ligação foi fixado por meio de um forte espinho de acácia.

Ao terminar a construção do instrumento, o engenheiro retornou à praia. Mas como precisava medir a altura do polo acima de um horizonte claramente delineado, e o cabo da Garra escondia o horizonte do sul, ele teve que procurar uma posição mais adequada. O melhor teria sido que o litoral ficasse diretamente voltado ao sul, mas foi necessário atravessar a Misericórdia, o que no momento da cheia era uma grande dificuldade.

Cyrus Smith decidiu fazer sua observação no planalto da Grande-Vista, considerando descontar a altitude acima do nível do mar – altura que ele pretendia calcular no dia seguinte por meio de um processo de geometria elementar.

Os colonos subiram a margem esquerda da Misericórdia até o planalto e chegaram à orla que ia do noroeste ao sudeste. Ao sul, esse horizonte, iluminado pelos primeiros raios da lua, destacava-se no céu e podia ser observado com certa precisão.

O Cruzeiro do Sul então se apresentava ao observador em uma posição invertida, com a estrela Alfa marcando sua base que está mais

perto do polo Sul.

Essa constelação não está localizada tão perto do polo antártico quanto a estrela polar está do polo ártico. A estrela Alfa está a cerca de 27º do polo, mas Cyrus Smith sabia disso e levaria essa distância em conta em seus cálculos. Ele também teve o cuidado de observá-la quando passava pelo meridiano abaixo do polo, o que simplificaria sua operação.

Ele direcionou então uma haste de seu compasso de madeira para o horizonte do mar, a outra para a estrela Alfa, como teria feito com as lentes de um círculo de repetição e a abertura das duas hastes forneceu a distância angular que separa Alfa do horizonte. A fim de fixar o ângulo obtido de um modo imutável, ele picou transversalmente com um espinho uma terceira haste nas duas tábuas de seu aparelho, a fim de manter a abertura bem firme.

Agora era só calcular o ângulo obtido, transpondo a observação ao nível do mar e levando em conta a depressão do horizonte, o que exigia medir a altura do planalto. O valor desse ângulo indicaria então a altura de Alfa, e, consequentemente, a do polo acima do horizonte, isto é, a latitude da ilha, uma vez que a latitude de um ponto do globo é sempre igual à altura do polo acima do horizonte desse ponto.

Os cálculos foram adiados para o dia seguinte e às dez horas todos dormiam tranquilamente.

---

4 Nessa época do ano e nessa latitude, o sol nasce às 5h48 da manhã e se põe às 5h12 da tarde. (N.T.)

Capítulo 14

No domingo de Páscoa, os colonos deixaram as Chaminés ao amanhecer a fim de lavar suas vestimentas. O engenheiro pretendia fabricar sabão assim que obtivesse as matérias-primas necessárias para saponificação: soda ou potássio, gordura ou óleo. A questão importante da renovação do guarda-roupa também seria tratada no momento oportuno. As roupas durariam ainda uns seis meses, porque eram sólidas, mas tudo dependeria da situação da ilha em relação às terras habitadas, o que seria determinado naquele dia, se o tempo permitisse.

O sol anunciava um dia magnífico. O objetivo era completar as observações do dia anterior medindo a altura do planalto da Grande-Vista acima do nível do mar.

– O senhor não precisa de um instrumento semelhante ao que usou ontem? – Harbert perguntou ao engenheiro.

– Não, meu filho, vamos proceder de uma maneira diferente e quase tão exata.

Harbert, que gostava de aprender sobre tudo, seguiu o engenheiro que desceu até a costa. Enquanto isso, Pencroff, Nab e o repórter se ocupavam com outras atividades.

Cyrus Smith se equipou com uma espécie de vara reta e longa de mais ou menos três metros de comprimento, que tinha medido o mais exatamente possível, comparando-a à sua altura. Harbert carregava

uma vara de chumbo que consistia em uma simples pedra amarrada à ponta de uma fibra flexível.

A cerca de seis metros da orla da praia e de cento e cinquenta metros da muralha de granito, que subia em direção ao céu, Cyrus Smith fincou a vara na areia e conseguiu, com o auxílio da vara de chumbo, elevá-la perpendicularmente ao plano do horizonte.

Feito isso, recuou a distância necessária para que, deitado na areia, o raio visual, partindo de seu olho, enxergasse tanto a extremidade do polo como a crista da muralha. Em seguida, marcou cuidadosamente o ponto com uma estaca.

Então, dirigindo-se a Harbert:

– Conhece os princípios básicos da geometria?

– Um pouco, senhor Cyrus.

– Lembra-se das propriedades de dois triângulos semelhantes?

– Sim. Os seus lados homólogos são proporcionais.

– Bem, meu filho, acabo de construir dois triângulos semelhantes, ambos retângulos: o primeiro, menor, tem como lados a vara perpendicular, a distância que separa a estaca do fundo da vara e o meu raio visual como hipotenusa; o segundo tem como lados a muralha perpendicular, cuja altura precisa ser medida, a distância que separa a estaca do fundo dessa muralha e meu raio visual formando igualmente sua hipotenusa – que passa a ser a extensão da hipotenusa do primeiro triângulo.

– Ah, senhor Cyrus, entendi! Assim como a distância entre a estaca e a haste é proporcional a distância entre a estaca e a base da muralha, a altura da haste também é proporcional à altura da muralha.

– É assim que funciona, Harbert. E quando tivermos medido as duas primeiras distâncias, conhecendo a altura da haste, teremos apenas um cálculo de proporção a fazer, que nos dará a altura da muralha e nos poupará o trabalho de medi-la diretamente.

As duas distâncias horizontais foram medidas com a mesma haste, cujo comprimento acima da areia é de exatamente três metros.

A primeira distância era de cinco metros da estaca até o ponto onde a haste estava enterrada na areia. A segunda, entre a estaca e a base da muralha, era de cento e cinquenta metros.

Com essas medidas encontradas, Cyrus Smith e o jovem rapaz voltaram às Chaminés.

Lá, o engenheiro pegou uma pedra plana que havia trazido de suas excursões anteriores, uma espécie de xisto de ardósia, em que era fácil desenhar figuras com uma concha afiada. Então ele calculou a seguinte proporção:

$$15 : 500 : : 10 : x$$

$$500 \text{ x } 10 = 5.000$$

$$5.000 / 15 = 333{,}33$$

A partir daí foi estabelecido que a parede de granito tinha quase dez metros de altura.

Cyrus Smith pegou novamente o instrumento que tinha fabricado na véspera e cujas tábuas davam a distância angular da estrela alfa no horizonte. Ele mediu precisamente a abertura desse ângulo em uma circunferência que dividiu em trezentas e sessenta partes iguais. O ângulo era de 10°. Depois desse resultado, calculou que a distância angular total entre o polo e o horizonte, adicionando os 27° que separam Alfa do polo antártico e reduzindo ao nível do mar a altura do planalto no qual a observação foi feita era de 37°. Então, concluiu que a ilha Lincoln estava situada a 37° de latitude sul, ou, considerando uma diferença de 5° por conta da imperfeição de seus cálculos, que ela estava situada entre os paralelos 35° e 40°.

Ainda era necessário saber a longitude para completar as coordenadas da ilha. O engenheiro tentaria fazer esse cálculo ao meio-dia, quando o sol passasse pelo meridiano.

Foi então decidido que o domingo seria usado para uma caminhada pela parte da ilha situada entre o norte do lago e o Golfo do Tubarão e, se o tempo permitisse, seguiriam até o reverso setentrional do cabo da Mandíbula-Sul.

Às oito e meia da manhã, o grupo seguiu pela orla do canal. Do outro lado, sobre a ilhota da Salvação, muitos pássaros caminhavam. Eram mergulhadores da espécie dos pinguins. Pencroff só os considerava do ponto de vista comestível e descobriu com grande satisfação que sua carne, embora escura, é muito comestível.

Havia também grandes focas rastejando na areia que pareciam ter escolhido a ilhota como refúgio. Não era possível examiná-las do ponto de vista alimentício, pois sua carne oleosa é detestável; no entanto, Cyrus Smith observou-as com atenção, e, sem contar sua ideia, anunciou aos seus companheiros que em breve fariam uma visita à ilhota.

A costa seguida pelos colonos era semeada de conchas, algumas das quais teriam feito a alegria de um amador da malacologia. Mas o mais útil era uma vasta cama de ostras que Nab avistou entre as rochas, a cerca de seis quilômetros das Chaminés.

– É realmente uma feliz descoberta – disse o repórter –, e se, como se afirma, cada ostra produz de cinquenta a sessenta mil ovos por ano, temos ali uma fonte inesgotável.

– Mas não acho que a ostra seja muito nutritiva – considerou Harbert.

– Não – respondeu Cyrus Smith. – A ostra contém muito pouco nitrogênio e um homem que se alimentasse exclusivamente dela teria que consumir de quinze a dezesseis dúzias por dia.

– Ah! – respondeu Pencroff. – Vamos poder comer dúzias e dúzias delas antes de esgotarmos a fonte. Por que não pegamos algumas para o almoço?

Então o marujo e Nab colheram certa quantidade desses moluscos. Em seguida, eles continuaram a subir a costa entre as dunas e o mar.

De vez em quando, Cyrus Smith consultava o relógio a fim de se preparar a tempo para a observação solar que seria feita precisamente ao meio-dia.

Aquela parte da ilha era muito árida até a ponta que fechava a baía da União, batizada de cabo da Mandíbula-Sul. Não havia nada além de areia e conchas misturadas aos resíduos de lava. Algumas aves marinhas frequentavam a costa desolada e despertaram a luxúria de Pencroff. Ele tentou abatê-las com flechadas, mas sem sucesso, pois elas raramente pousavam e precisariam ser atingidas em pleno voo. Isso levou o marujo a repetir para o engenheiro:

– O senhor vê, senhor Cyrus, até termos uma ou duas espingardas, nosso equipamento continuará deixando a desejar!

– Sem dúvida, Pencroff – respondeu o repórter –, mas isso só depende de você! Arranje-nos ferro para as armas, aço para as baterias, salitre, carvão e enxofre para a pólvora, mercúrio e ácido nítrico para o fulminato, chumbo para as balas e Cyrus fará armas de primeira linha.

– Todas essas substâncias certamente existem na ilha, mas uma arma de fogo é um instrumento delicado e requer ferramentas de grande precisão. Enfim, veremos mais tarde – respondeu o engenheiro.

– Por que tivemos que nos desfazer de todas as armas que

trazíamos no cesto dos nossos utensílios e até das nossas facas de bolso? – lamentou Pencroff.

– Se não os tivéssemos jogado fora, Pencroff, o balão nos teria lançado no fundo do mar! – considerou Harbert.

– Isso é verdade, meu rapaz! – respondeu o marujo. Depois, mudando o assunto. – Mas eu imagino qual deve ter sido a perplexidade de Jonathan Forster quando, na manhã seguinte, encontrou o lugar vazio e o balão desaparecido!

– Minha última preocupação é com o que eles pensaram! – disse o repórter.

– No entanto, a ideia foi minha! – disse Pencroff com um ar satisfeito.

– Uma bela ideia, Pencroff – respondeu Gédéon Spilett, rindo – e que nos colocou onde estamos!

– Prefiro estar aqui a estar nas mãos dos sulistas! – exclamou o marujo. – Especialmente porque o senhor Cyrus teve a bondade de se juntar a nós!

– Eu também, na verdade! – respondeu o repórter. – Além disso, o que nos falta? Nada!

– A não ser... tudo! – respondeu Pencroff, que começou a rir, sacudindo os ombros largos. – Mas, cedo ou tarde, encontraremos uma saída!

– Talvez mais cedo do que vocês possam imaginar, meus amigos – disse o engenheiro –, se a ilha Lincoln estiver a uma distância razoável de um arquipélago ou continente habitado. Dentro de uma hora, saberemos. Se minha memória não me enganar, a latitude que obtive ontem coloca a ilha Lincoln entre a Nova Zelândia a oeste e a costa do Chile a leste. Mas a distância entre essas duas terras é de pelo menos dez mil quilômetros. Resta determinar o ponto que a ilha ocupa nesse vasto espaço marítimo e é isso que a longitude nos indicará mais tarde.

– Não é o arquipélago de Pomotou que está mais próximo de nós em latitude? – perguntou Harbert.

– Sim – respondeu o engenheiro –, mas a distância que nos separa dele é de mais de dois mil quilômetros.

– E para lá? – interrogou Nab, que seguia a conversa com extremo interesse e cuja mão apontava para o sul.

– Para lá, nada – respondeu o engenheiro.

– Mas, Cyrus – perguntou o repórter –, se a ilha Lincoln estiver a trezentos ou quinhentos quilômetros da Nova Zelândia ou do Chile...?

– Bem – respondeu o engenheiro –, neste caso, em vez de construir uma casa, faremos um barco e Pencroff irá conduzi-lo...

– Senhor Cyrus – respondeu o marujo –, estou pronto para me tornar capitão assim que o senhor encontrar um meio de montar um barco suficientemente sólido para enfrentar o mar!

– Nós o faremos, se necessário!

Mas enquanto esses homens, que realmente não suspeitavam de nada conversavam, a hora em que a observação seria feita se aproximava.

Os observadores estavam a uma distância de dez quilômetros das Chaminés, não muito longe da parte das dunas onde o engenheiro havia sido encontrado após seu enigmático resgate. Eles se instalaram ali e prepararam o almoço, pois já eram onze e meia.

Durante os preparativos, Cyrus Smith organizou tudo para sua observação astronômica. Ele escolheu um lugar claro na praia, que o recuo da maré havia nivelado perfeitamente. Essa camada de areia fina estava distribuída sem que um grão sobressaísse ao outro. Não importava se essa camada era horizontal ou não, tampouco que a vareta, de um metro e oitenta de comprimento subisse perpendicularmente, pois o engenheiro a inclinou para o sul, ou seja, para o lado oposto ao sol e não se deve esquecer que os colonos da ilha Lincoln, pelo próprio fato de que a ilha se situava no hemisfério sul, viram o astro radiante descrever seu arco diurno acima do horizonte do norte e não do sul.

Harbert logo entendeu como o engenheiro ia proceder para verificar o ponto culminante do sol. Seria por meio da sombra projetada na areia pela vareta, que, na ausência de um instrumento, obteria uma aproximação adequada para o resultado desejado.

O momento em que a sombra atingisse seu menor tamanho seria exatamente meio-dia e bastaria seguir a extremidade dela a fim de identificar quando, depois de ter sucessivamente diminuído, ela voltaria a aumentar. Ao inclinar a vareta para o lado oposto ao do sol, Cyrus Smith deixou a sombra mais longa. Quanto maior a agulha de um mostrador, mais fácil é seguir o movimento da sua ponta e a sombra da vareta exercia a função de agulha de um mostrador.

Ao acreditar que o momento tinha chegado, Cyrus Smith se

ajoelhou e com pequenas estacas de madeira colocadas na areia, começou a marcar as sucessivas diminuições da sombra da varinha. Seus companheiros seguiam a operação com extremo interesse.

O repórter segurou seu cronômetro na mão, pronto para anotar a hora que ele marcaria quando a sombra atingisse seu menor tamanho. E como Cyrus Smith estava realizando a operação em 16 de abril, o dia em que o tempo verdadeiro e o médio coincidem, a hora informada por Gédéon Spilett corresponderia à hora verdadeira em Washington, simplificando o cálculo.

O sol avançava lentamente, a sombra da vareta diminuía pouco a pouco e quando Cyrus Smith considerou que ela estava aumentando novamente:

– Que horas são? – perguntou.

– Cinco horas e um minuto – respondeu Gédéon Spilett.

Bastava agora calcular a operação. Havia cinco horas de diferença entre o meridiano de Washington e o da ilha Lincoln, o que significa que era meio-dia na ilha Lincoln quando já eram cinco da tarde em Washington. O sol, em seu movimento aparente em torno da Terra, percorre um grau a cada quatro minutos, ou seja, 15° por hora. 15° multiplicados por cinco horas resultam em 75°. Então, uma vez que Washington está em 77° 3’ 11” a partir do Meridiano de Greenwich – que os americanos consideram como ponto de partida das longitudes, assim como os ingleses –, isso significa que a ilha estava localizada a 77° mais 75° a oeste do Meridiano de Greenwich, ou seja, a 152° graus de longitude oeste.

Cyrus Smith apresentou esse resultado aos companheiros, e considerando os erros de observação, pensou poder afirmar que o refúgio da ilha Lincoln estava entre o 35º e o 37º paralelo, e entre o 150º e o 155º meridiano oeste do meridiano de Greenwich.

O possível desvio que ele atribuía aos erros de observação era de 5° em ambas as direções, o que, a cem quilômetros por grau, poderia resultar em um erro de quinhentos quilômetros em latitude ou longitude em relação à localização exata.

Mas essa margem de erro não influenciaria a decisão que precisava ser tomada. Era bastante evidente que a ilha Lincoln estava tão distante de qualquer terra ou arquipélago que não seria possível se aventurar a atravessar essa distância numa simples e frágil canoa.

O cálculo apontava que ela estava a pelo menos dois mil

quilômetros do Taiti e das ilhas do arquipélago Pomotou, a mais de três mil quilômetros da Nova Zelândia e a mais de sete mil quilômetros da costa americana!

Consultando sua memória, Cyrus Smith de modo algum se lembrou de qualquer ilha naquela parte do Pacífico que tivesse a localização atribuída à ilha Lincoln.

Capítulo 15

No dia seguinte, 17 de abril, a primeira palavra do marujo foi para Gédéon Spilett.

– E então, senhor – perguntou ele –, o que seremos hoje?

– O que Cyrus determinar – respondeu o repórter.

De ladrilheiros e oleiros que tinham sido até então, os companheiros do engenheiro logo se transformariam em metalúrgicos.

Na véspera, após o almoço, a exploração tinha seguido até a ponta do cabo da Mandíbula. Lá terminava a longa série de dunas e o solo assumia uma aparência vulcânica. Não havia mais muralhas altas, como no planalto da Grande-Vista, mas uma orla que enquadrava um estreito golfo situado entre dois cabos formados de matérias minerais expelidas pelo vulcão. Os colonos chegaram nessa ponta e deram meia-volta, e ao cair da noite retornaram às Chaminés, mas não adormeceram até resolver definitivamente se deixariam ou não a ilha Lincoln.

A distância de dois mil quilômetros que separavam a ilha do arquipélago de Pomotou era considerável. Uma canoa não seria suficiente para atravessá-la. Além disso, construir uma canoa simples, mesmo com as ferramentas necessárias, era uma tarefa difícil, e uma vez que os colonos não as tinham, era necessário começar por fabricar martelos, machados, enxós, serras, trados, plainas, etc., o que levaria certo tempo. Eles decidiram então que hibernariam na ilha Lincoln e

procurariam uma morada mais confortável do que as Chaminés para passar o inverno.

Em primeiro lugar, era necessário extrair o minério de ferro que o engenheiro havia encontrado na parte noroeste da ilha e transformá-lo em ferro ou aço.

O solo geralmente não contém metais em estado puro. Na maioria das vezes, eles são encontrados em combinação com oxigênio ou enxofre. As amostras coletadas por Cyrus Smith eram ferro magnético não carbonado e pirita, ou sulfureto de ferro. Portanto, era a primeira amostra, o óxido de ferro, que deveria ser reduzida pelo carvão a fim de obter minério em estado de pureza. Essa redução é feita submetendo o minério à presença do carvão a uma alta temperatura, quer pelo rápido e fácil "método catalão", quer pelo método do alto-forno, que primeiro transforma o mineral em ferro fundido e depois em ferro, removendo de três a quatro por cento do carvão que se combina com ele.

Cyrus Smith precisava de ferro, não de ferro fundido, e teve que adotar o método mais rápido de redução. Além disso, o minério que ele havia coletado era por si só muito puro e muito rico. Não muito longe dessa jazida havia as minas de carvão já exploradas pelos colonos. Isso facilitaria muito o tratamento do minério, uma vez que a fonte de matéria-prima estava muito próxima.

– Então, senhor Cyrus – perguntou Pencroff –, vamos trabalhar no minério de ferro?

– Sim, meu amigo, e por isso, e sei que isso não o desagrada, vamos começar com uma caça às focas na ilhota.

– A caça às focas! – exclamou o marujo olhando para Gédéon Spilett. – Então, precisamos de focas para produzir ferro?

– Se Cyrus está dizendo! – respondeu o repórter. Mas o engenheiro já tinha saído das Chaminés e Pencroff começou os preparativos para a caça às focas sem mais explicações.

Logo os colonos se reuniram na praia, em um ponto onde o canal criava uma espécie de passagem permanente na maré baixa, e os caçadores puderam atravessar o canal sem molhar mais do que os joelhos.

Quando chegaram, algumas centenas de pinguins os recepcionaram com seus olhares cândidos.

Então avançaram cautelosamente até a ponta norte. No final da

ilhota apareceram grandes manchas negras boiando na água. Eram as focas que queriam capturar. Eles tinham que esperar que os animais voltassem à terra firme, porque, com sua bacia estreita, o pelo curto e a silhueta fusiforme, essas focas, excelentes nadadoras, são presas difíceis no mar, enquanto, em solo firme, suas patas curtas e espalmadas permitem apenas um lento rastejar.

Pencroff conhecia os hábitos desses anfíbios e achou prudente esperar até que se estendessem na areia, sob o sol, o que logo os mergulharia num sono profundo. Os caçadores se esconderam atrás das rochas e esperaram silenciosamente.

Uma hora se passou antes das focas retornarem à areia. Pencroff e Harbert se separaram e contornaram a ponta da ilhota de modo a surpreender os animais pela retaguarda. Cyrus Smith, Gédéon Spilett e Nab, rastejando pelas rochas, chegaram no cenário da batalha.

De repente, o marujo se levantou. Pencroff gritou. Dois desses animais, severamente atingidos, permaneceram mortos na areia, mas os outros conseguiram voltar para o mar e zarpar.

– As focas que o senhor pediu, senhor Cyrus! – disse o marujo enquanto se aproximava do engenheiro.

– Bem. Vamos fabricar foles de forja!

– Foles de forja! – exclamou Pencroff. – Muito bem, aí estão focas de sorte!

Era necessária uma máquina de sopro para o processamento do minério que o engenheiro pretendia fabricar com a pele dos anfíbios.

Como seria inútil carregar tanto peso como o dos dois animais, Nab e Pencroff resolveram tirar a pele deles ali mesmo, enquanto Cyrus Smith e o repórter terminavam de explorar o ilhéu. Três horas depois Cyrus Smith tinha à disposição duas peles de foca que pretendia usar em estado natural, sem precisar curtir.

Os colonos retornaram às Chaminés. Lá, esticaram as peles em armações de madeira para mantê-las separadas e cosê-las com fibras vegetais, de modo a conseguir armazenar ar sem muitos vazamentos. Cyrus Smith tinha à disposição apenas as duas lâminas de aço tiradas da coleira de Top, três dias mais tarde, as ferramentas da pequena colônia contavam com uma forja de fole destinada a injetar ar no meio do minério, quando ele estivesse sendo tratado pelo calor – condição indispensável para o sucesso da operação.

Foi no dia 20 de abril que teve início “a era metalúrgica”, como o

repórter nomeou em sua caderneta. O engenheiro estava determinado, como sabemos, a trabalhar diretamente no jazigo de carvão e minério, localizado no sopé nordeste do Monte Franklin. Portanto, não era possível pensar em retornar todos os dias para as Chaminés e foi acordado que a pequena colônia acamparia sob uma cabana de ramos para que a importante operação fosse acompanhada noite e dia.

Eles partiriam na manhã seguinte. Nab e Pencroff arrastavam em uma grade a máquina de sopro e certa quantidade de provisões vegetais e animais que seriam repostas pelo caminho.

Seguiram pelo bosque Jacamar, atravessando-o obliquamente do sudeste para o noroeste em sua parte mais densa. As árvores estavam magníficas. Harbert identificou novamente dragoeiros de raízes amadeiradas que, quando cozidas, ficam excelentes, e que, após certa fermentação, resultam em um apreciável licor. Fizeram uma provisão deles.

A viagem pelo bosque durou o dia todo, o que permitiu observar a fauna e a flora. Top corria por gramíneas e arbustos atiçando todo tipo de caça. Harbert e Gédéon Spilett mataram dois cangurus a flechada e também um animal que parecia muito com um ouriço ou tamanduá: com o primeiro, porque se enrolava feito uma bola e era coberto de espinhos; com o segundo, porque tinha unhas perfurantes, focinho comprido e peludo com um bico de pássaro na ponta e uma língua extensível coberta de pequenos espinhos que usava para prender insetos.

– E quando ele for preparado como ensopado que gosto terá? – indagou Pencroff.

– O de um excelente pedaço de carne – respondeu Harbert.

– Não precisamos de mais nada – respondeu o marujo.

Durante a excursão, avistaram alguns javalis selvagens que não tentaram atacar a pequena tropa e não parecia que encontrariam qualquer animal selvagem quando, sob uma espessa vegetação, o repórter pensou ter visto um animal que parecia um urso e começou a desenhá-lo tranquilamente. Era uma “kula”, mais conhecida como “preguiça”, do tamanho de um cachorro grande, com pelo eriçado e cor ruça, e patas com garras fortes que permitiam subir em árvores e se alimentar de folhas. Verificada a identidade do referido animal, Gédéon Spilett trocou “urso” por “kula” na legenda de seu esboço e a caminhada foi retomada.

Às cinco da tarde, Cyrus Smith fez sinal para pararem. Eles estavam na raiz dos potentes sopés que calçavam o monte Franklin a leste. A algumas centenas de metros de distância corria o córrego Vermelho, e, portanto, a água potável não estava longe.

Em menos de uma hora, na orla da floresta, entre as árvores, montaram uma cabana de ramos intercalados com lianas e cobertos de argila, que oferecia abrigo satisfatório. As investigações geológicas foram adiadas para o dia seguinte.

Quando amanheceu, Cyrus Smith e Harbert foram procurar por terrenos de formação antiga nos quais já haviam encontrado uma amostra de minério. Encontraram uma jazida na superfície, quase na nascente do córrego, ao pé da base lateral de um dos sopés do nordeste. Esse minério, muito rico em ferro, era perfeitamente adequado ao método de redução que o engenheiro pretendia utilizar.

Esse método, o catalão, requer a construção de fornos e cadinhos nos quais o minério e o carvão, dispostos em camadas alternadas, são transformados e reduzidos. Mas Cyrus Smith pretendia abrir mão dessas construções e formar com o minério e o carvão uma massa cúbica no centro da qual ele direcionaria o vento da forja de fole.

Além do minério, eles extraíram carvão da superfície do solo. O minério foi primeiro quebrado em pequenos pedaços, e as impurezas em sua superfície foram removidas à mão. Em seguida, o carvão e o minério foram empilhados em camadas sucessivas – como se faz com o carvão vegetal para carbonizá-lo. Dessa forma, sob a influência do ar projetado pelo sopro da forja, o carvão seria transformado em ácido carbônico, depois em monóxido de carbono, responsável pela redução do óxido de ferro, liberando oxigênio.

O engenheiro assim procedeu. O fole de pele de foca, com um tubo de terra refratária em sua extremidade, fabricado no forno de cerâmica, foi instalado perto da pilha de minério. Movido por um mecanismo cujos órgãos consistiam em chassis, cordas de fibras e contrapesos, ele jogou na massa uma provisão de ar que, ao elevar a temperatura, também contribuiu para a transformação química que resultaria em ferro puro.

Foi preciso muita paciência e contar com toda a engenhosidade dos colonos para levar a operação adiante, mas finalmente conseguiram, e o produto foi uma escória de ferro, reduzida ao estado de esponja, que foi fundida para extrair a ganga líquida.

A primeira escória, soldada em um bastão, serviu de martelo para forjar a segunda em uma bigorna de granito e obtiveram um metal grosseiro mas utilizável.

Finalmente, em 25 de abril, várias barras de ferro foram forjadas e se transformaram em ferramentas como alicates, pinças, picaretas, etc., que Pencroff e Nab consideraram verdadeiras joias.

Mas não era no estado do ferro puro que esse metal podia prestar grandes serviços, mas principalmente como aço, que é uma combinação de ferro e carvão, extraído quer direto da fonte, removendo o excesso de carvão, quer do ferro adicionando a ele o carvão que falta. O primeiro, obtido pela descarbonização, resulta em aço natural ou pudlado; o segundo, produzido pela carbonização do ferro, resulta em aço de cementação.

Era este último que Cyrus Smith procurava fabricar, uma vez que possuía ferro em seu estado puro. Ele conseguiu fazê-lo aquecendo o metal com carvão em pó em um cadinho feito de terra refratária.

Então, ele trabalhou esse aço com um martelo. Os hábeis Nab e Pencroff fizeram machados de ferro, que, aquecidos no fogo e imersos bruscamente em água fria, adquiriram uma excelente têmpera.

Outros instrumentos moldados de forma grosseira foram fabricados, como lâminas de plaina, machados, machadinhas e tiras de aço que seriam transformadas em serras, tesouras de carpinteiro, grilhões de picareta, pá, martelo, martelos, pregos, etc.

Em 5 de maio, o primeiro período metalúrgico foi concluído, os ferreiros retornaram para as Chaminés e novos trabalhos logo permitiriam assumir uma nova qualificação.

Capítulo 16

Era 6 de maio, dia que corresponde a 6 de novembro nos países do hemisfério norte. O céu estava nublado há alguns dias, e era importante tomar certas precauções para o inverno. A temperatura ainda não tinha caído significativamente e um termômetro marcaria, em média, 10º a 12º positivos. Isso não era surpreendente, uma vez que a ilha Lincoln, muito provavelmente localizada entre o paralelo 35 e 40, estaria sujeita, no hemisfério sul, às mesmas condições climáticas que as da Sicília ou as da Grécia no hemisfério norte. Mas assim como a Grécia e a Sicília enfrentam um frio severo, com neve e gelo, a ilha Lincoln provavelmente sofreria, no período mais pesado do inverno, certas quedas de temperatura contra as quais era necessário se prevenir.

A estação chuvosa estava próxima, e naquela ilha isolada, no meio do Oceano Pacífico, o mau tempo devia ser terrível.

A questão de uma habitação mais confortável do que as Chaminés teve de ser considerada e rapidamente resolvida. As Chaminés já tinham sido visitadas pelo mar, em circunstâncias de que nos lembramos, e não se podia voltar a se expor a tal acidente.

– Além disso – acrescentou Cyrus Smith, que falava desse assunto com seus companheiros –, temos que tomar certas precauções.

– Por que, se a ilha não é habitada? – disse o repórter.

– É provável que não, embora ainda não a tenhamos explorado em

sua totalidade; mas temo que possa haver animais perigosos em abundância, e é necessário nos protegermos de uma possível agressão, e não obrigarmos um de nós a passar a noite em claro para vigiar a fogueira acesa. Além disso, temos que nos preparar para tudo, já que estamos em uma parte do Pacífico frequentada por piratas malaios. Mas a essa distância de qualquer terra? – perguntou Harbert – perguntou Harbert.

– Sim, meu filho. Esses piratas são marinheiros ousados e malfeitores temíveis, temos de tomar medidas à altura.

– Pois bem – respondeu Pencroff –, vamos nos proteger contra os selvagens de duas e quatro patas. Mas, senhor Cyrus, não seria apropriado explorar todas as partes da ilha antes de empreender alguma coisa?

– Seria melhor – acrescentou Gédéon Spilett. – Quem sabe não encontramos na costa oposta uma caverna que procuramos inutilmente por aqui?

– É verdade – respondeu o engenheiro –, mas vocês esquecem que temos que nos estabelecer nas proximidades de um curso d’água, e que do topo do monte Franklin não avistamos um riacho ou rio a oeste. Aqui estamos entre o lago da Misericórdia e o lago Grant, uma vantagem considerável que não deve ser negligenciada. Além disso, como esta costa é orientada para o leste, ela não está exposta como a outra aos ventos alísios, que sopram do noroeste neste hemisfério.

– Então, senhor Cyrus – respondeu o marujo –, vamos construir uma casa às margens do lago. Não nos falta material.

– Sim, meu amigo, mas antes de tomar uma decisão, precisamos pesquisar. Uma moradia onde a natureza já tenha pagado todas as despesas nos pouparia trabalho e sem dúvida nos ofereceria um abrigo ainda mais seguro, pois estaria protegida tanto dos inimigos do interior quanto do exterior.

– De fato, Cyrus – respondeu o repórter –, mas já examinamos todo o maciço de granito da costa e não encontramos um só buraco ou fenda!

– Não, nenhum! – concordou Pencroff. – Ah! Se conseguíssemos cavar uma habitação nesse muro, a certa altura, de modo a deixá-la fora de alcance, seria muito conveniente! Já consigo vê-la aqui, de frente para o mar, cinco ou seis quartos... Afinal, não temos picaretas? O senhor Cyrus não sabe fazer pólvora para explodir a mina?

Cyrus Smith ouviu o entusiasta Pencroff desenvolver seus projetos fantasiosos. Atacar aquela massa de granito, mesmo com explosões, era uma tarefa hercúlea e era verdadeiramente lamentável que a natureza não tivesse feito o mais difícil.

Então eles saíram e exploraram cerca de três quilômetros da área com extremo cuidado. Mas não encontraram qualquer cavidade ao longo da parede maciça e plana.

Pencroff havia encontrado naquela parte do litoral, graças ao acaso, o único abrigo provisoriamente habitado, ou seja, as Chaminés, que, no entanto, eles teriam que abandonar.

Depois de concluírem a exploração, os colonos chegaram à extremidade norte da muralha, que terminava em um declive acentuado que morria na areia. Cyrus Smith pensou que era desse lado que o transbordamento do lago se espalhava em forma de cascata. Era de fato necessário que o excesso de água fornecido pelo córrego Vermelho se perdesse em algum ponto. Mas o engenheiro ainda não tinha encontrado esse ponto em nenhuma parte das margens já exploradas, isto é, da foz do riacho até o planalto da Grande-Vista.

O engenheiro propôs a seus companheiros subir a encosta que estavam observando e voltar às Chaminés pela parte alta, explorando as margens setentrional e oriental do lago. A proposta foi aceita e em poucos minutos Harbert e Nab chegaram ao planalto superior. Cyrus Smith, Gédéon Spilett e Pencroff chegaram logo depois, caminhando calmamente.

Os colonos, em vez de ir diretamente à margem norte do lago, contornaram a orla do planalto para chegar à foz do riacho por sua margem esquerda. Era possível perceber que a zona fértil terminava naquela fronteira e que ali a vegetação era menos vigorosa do que em toda a parte entre o córrego e a Misericórdia.

Cyrus Smith e seus companheiros caminhavam com certa circunspecção por aquela região nova para eles. Arcos, flechas e bastões soldados com ferro afiado eram suas únicas armas. Logo chegaram à foz do córrego Vermelho, onde ele fluía para o lago. Os exploradores reconheceram na margem oposta o ponto que já tinham visitado quando desceram do monte Franklin. Cyrus Smith constatou que o fluxo de água do riacho era intenso; portanto, seria necessário que em algum lugar a natureza tivesse oferecido um lugar para o transbordamento do lago. Era esse escoadouro que eles precisavam

descobrir, porque, certamente, ele formava uma queda que seria possível usar como energia mecânica.

Os colonos começaram a contornar a margem do lago que estava bem próximo. Primeiro, foi necessário atravessar a ponta aguda do nordeste. Era possível supor que o escoamento da água começava ali, pois a extremidade do lago quase tocava a borda do planalto. Mas não foi o caso, e os colonos continuaram a explorar a margem que, após uma ligeira curva, voltava a descer fazendo um paralelo com o litoral.

O lago Grant então apareceu em toda a sua expansão, e nenhuma brisa enrugava a superfície de suas águas. Os colonos seguiram pela costa oriental do lago e não tardariam a chegar à porção já visitada. O engenheiro ficou muito surpreso, pois não viu qualquer indício de escoamento de água e não escondeu seu espanto.

Nesse momento, Top deu sinais de inquietação. O inteligente animal ia e vinha pela margem e de repente parou e olhou para as águas, com uma pata levantada, como se paralisado por alguma caça invisível.

Nem Cyrus Smith nem seus companheiros tinham inicialmente prestado atenção à movimentação de Top; mas os latidos do cachorro logo ficaram tão frequentes que o engenheiro se preocupou:

– O que foi, Top?

O cão saltou diversas vezes na direção de seu dono e correu novamente para a margem do lago.

– Aqui, Top! – gritou Cyrus Smith, que não queria deixar seu cão se aventurar naquelas águas suspeitas.

– O que se passa lá embaixo? – questionou Pencroff ao examinar a superfície do lago.

– Top deve ter encontrado algum anfíbio – respondeu Harbert.

– Um jacaré, talvez? – disse o repórter.

– Acho que não – respondeu Cyrus Smith. – Os jacarés são encontrados apenas em regiões de menor latitude.

Enquanto isso, Top havia retornado, obedecendo ao chamado de seu dono; mas ele não conseguia ficar parado e parecia seguir algum ser invisível que rastejava sob as águas do lago, rente à margem. No entanto, as águas estavam calmas, e nenhuma ruga perturbava a superfície. O engenheiro ficou muito intrigado.

– Vamos continuar a exploração até o fim.

Meia hora depois, chegaram ao ângulo sudeste do lago, junto ao

planalto da Grande-Vista. Nesse ponto, o exame das margens do lago devia ser considerado completo, mas o engenheiro não tinha conseguido descobrir onde e como a água escoava.

– No entanto, esse orifício existe – ele insistia – e como não é externo, deve estar escavado dentro do maciço de granito da costa!

– Mas qual é a importância disso, meu caro amigo Cyrus? – perguntou Gédéon Spilett.

– Enorme – respondeu o engenheiro –, porque se a efusão é feita através do maciço, é possível que haja alguma cavidade que facilite tornar o local habitável depois de desviar as águas.

– Mas não é possível, senhor Cyrus, que as águas fluam pelo fundo do lago – disse Harbert – e cheguem ao mar por um canal subterrâneo?

– Pode ser realmente possível e se for, seremos obrigados a construir nós mesmos nossa casa, uma vez que a natureza não bancou os custos iniciais da construção.

Os colonos se preparavam para atravessar o planalto e retornar às Chaminés quando Top deu novos sinais de agitação, ladrando ferozmente. Antes que seu dono conseguisse detê-lo, correu novamente para o lago.

Todos correram para a margem. O cão já estava longe e Cyrus Smith o chamava sem cessar quando uma enorme cabeça emergiu da superfície das águas, que não pareciam profundas naquele lugar.

Harbert reconheceu a espécie de anfíbio a que pertencia a cabeça cônica com grandes olhos, decorada com bigodes longos e sedosos.

– Um manatim! – ele exclamou.

Não era um manatim, mas um membro dessa espécie, o “dugongo”, cujas narinas se abrem na parte superior do focinho.

O enorme animal se precipitou sobre o cachorro, que tentou em vão evitá-lo, retornando à margem. Seu mestre não podia fazer nada para salvá-lo, e Top, capturado pelo dugongo, desapareceu sob as águas.

Nab, com o bastão empunhado, quis se atirar para ajudar o cão, determinado a atacar o formidável animal em seu ambiente natural.

– Não, Nab! – disse o engenheiro, retendo seu fiel serviçal.

Enquanto isso, uma luta era travada sob as águas, uma luta inexplicável, pois era evidente que Top não poderia resistir naquelas condições. Mas de repente, no meio de um círculo de espuma, viram

Top reaparecer. Atirado no ar por alguma força desconhecida, ele subiu três metros acima da superfície do lago e caiu no meio das águas turbulentas para logo retornar à costa, milagrosamente salvo.

Cyrus Smith e seus companheiros olharam sem nada entender. As circunstâncias ficaram ainda menos explicáveis! Era como se a luta continuasse debaixo d'água. Sem dúvida, o dugongo, atacado por algum animal poderoso, lutava pela própria vida depois de ter libertado o cachorro.

Logo as águas foram tingidas com sangue, e o corpo do dugongo, emergindo, encalhou em uma pequena praia no ângulo sul do lago.

Os colonos correram até o local. O dugongo estava morto. Era um animal enorme, de quatro a cinco metros de comprimento, que devia pesar mais de uma tonelada. No pescoço, uma ferida que parecia ter sido feita com uma lâmina afiada.

Que anfíbio poderia ter destruído o formidável dugongo com aquele terrível golpe? Ninguém saberia responder, e Cyrus Smith e seus companheiros voltaram para as Chaminés, bastantes preocupados com o incidente.

Capítulo 17

No dia seguinte, 7 de maio, Cyrus Smith e Gédéon Spilett deixaram Nab preparando o almoço e subiram o planalto da Grande-Vista, enquanto Harbert e Pencroff subiam o rio a fim de renovar a provisão de madeira.

O engenheiro e o repórter logo chegaram a uma pequena praia localizada na ponta sul do lago, onde o anfíbio tinha encalhado. Bandos de pássaros já tinham atacado a massa carnuda, e foi necessário expulsá-los com pedras, pois Cyrus Smith queria preservar a gordura do dugongo e usá-la na colônia. A carne do animal também poderia fornecer um excelente alimento.

Cyrus Smith tinha outros pensamentos em mente. O incidente do dia anterior não tinha desaparecido de sua memória e o preocupava muito. Ele queria desvendar o mistério daquela luta submarina e descobrir que congênere dos mastodontes tinha ferido o dugongo de forma tão estranha.

Sobre a pequena margem que sustentava o corpo do dugongo, as águas eram rasas; mas a partir desse ponto o lago afundava gradualmente e era provável que no centro a profundidade fosse considerável.

– Bem, Cyrus, parece que essas águas não oferecem nada suspeito!

– Não, meu caro Spilett, e eu realmente não sei como explicar o incidente de ontem!

– Admito que a ferida feita nesse anfíbio é no mínimo estranha, e eu também não saberia explicar como Top foi tão vigorosamente lançado para fora da água! Daria para dizer que foi um braço poderoso que o atirou daquela forma e que depois matou o dugongo!

– Sim. Há algo que não consigo compreender. Mas talvez você entenda melhor, meu caro Spilett, como fui salvo, como fui arrebatado das ondas e transportado para as dunas? Pressinto que há algum mistério que desvendaremos um dia. Observemos, guardemos nossas observações e continuemos o trabalho.

Como se sabe, o engenheiro ainda não tinha descoberto por onde escapava a água do lago, mas como não tinha visto qualquer indício de que ele já havia transbordado, era necessário que existisse um escoadouro em algum lugar. Então, ele ficou bastante surpreso ao distinguir uma forte correnteza ali. Ao jogar pequenos pedaços de madeira, viu que eles seguiam para o ângulo sul e, acompanhando-os, chegou à ponta sul do lago.

Ali havia uma espécie de depressão das águas, como se de repente elas se perdessem em alguma fissura no chão. Cyrus Smith escutou, colocando seu ouvido no nível do lago e ouviu distintamente o som de uma queda subterrânea.

– É aqui que ocorre o escoamento da água, e por um conduíte escavado no maciço de granito a água vai se juntar ao mar, por cavidades que usaremos em nosso benefício! Descobrirei como!

O engenheiro cortou um galho longo, desfolhou-o e quando o mergulhou no ângulo entre as duas margens, encontrou um grande buraco aberto a apenas trinta centímetros da superfície. O buraco era o orifício do escoadouro que tinha sido procurado em vão até então, e a força da correnteza era tão grande que o galho foi arrancado das mãos do engenheiro e desapareceu.

– Não há mais dúvida agora. Ali fica o orifício do escoadouro e resta apenas alcançá-lo.

– Como?

– Baixando o nível da água do lago em um metro, abrindo outra saída que seja maior do que esta.

– Onde, Cyrus?

– Na margem mais próxima do litoral.

– Mas é uma margem de granito!

– Bem, eu vou explodir esse granito, e quando as águas escaparem,

reduzirão o nível do rio, deixando o orifício descoberto...

– E vão formar uma queda d'água sobre a praia.

– Uma queda que poderemos aproveitar! Vamos!

Como abrir aquela margem de granito, sem pólvora, e, com instrumentos imperfeitos, desintegrar aquelas rochas? O engenheiro não estaria prestes a fazer um trabalho acima de suas forças?

Quando Cyrus Smith e o repórter voltaram às Chaminés, encontraram Harbert e Pencroff ocupados descarregando a madeira da balsa.

– Os lenhadores já vão terminar senhor Cyrus – disse o marujo, rindo – e quando precisar de pedreiros...

– De pedreiros não, mas de químicos.

– Sim – acrescentou o repórter –, vamos explodir a ilha...

– Explodir a ilha! – exclamou Pencroff.

– Pelo menos parte dela! – respondeu Gédéon Spilett.

Cyrus Smith contou o resultado de suas observações. De acordo com ele, existia uma cavidade na massa de granito que suportava o planalto da Grande-Vista e ele pretendia alcançá-la. Para tal, era necessário desobstruir a abertura através da qual as águas se precipitavam e, consequentemente, baixar o seu nível, proporcionando-lhes uma passagem mais ampla. Daí a necessidade de fabricar uma substância explosiva que pudesse causar uma grande sangria em outro ponto da costa. Era o que Cyrus Smith tentaria fazer por meio dos minerais que a natureza colocava à sua disposição.

Nab e Pencroff foram encarregados de extrair gordura do dugongo e de conservar sua carne que seria destinada à alimentação. Eles partiram imediatamente sem pedir mais explicações.

Um pouco depois deles, Cyrus Smith, Harbert e Gédéon Spilett, arrastando a argila e subindo o rio, seguiram em direção ao depósito de carvão, onde abundavam piritas xistosas das quais Cyrus Smith já tinha trazido uma amostra.

No dia seguinte, 8 de maio, o engenheiro começou as manipulações. Uma vez que as piritas xistosas são compostas principalmente por carvão, sílica, alumínio e sulfureto de ferro, o objetivo era isolar o sulfureto de ferro e transformá-lo em sulfato o mais rapidamente possível. O sulfato obtido seria extraído do ácido sulfúrico.

O ácido sulfúrico é um dos agentes mais utilizados, e a importância

industrial de uma nação pode ser medida pelo consumo que se faz dele. Esse ácido seria mais tarde de grande utilidade para os colonos para a fabricação de velas, curtimento de peles, etc.

Cyrus Smith escolheu, atrás das Chaminés, um local cujo terreno foi cuidadosamente equalizado. Sobre esse solo, empilhou ramos e lenha cortada sobre os quais foram colocados pedaços de xistos piríticos apoiados um sobre o outro; em seguida, recobriu tudo com uma fina camada de piritas previamente reduzidas ao tamanho de uma noz.

Em seguida a madeira foi incendiada e o calor transmitido aos xistos, que se inflamaram, pois contêm carvão e enxofre. Então, novas camadas de piritas trituradas foram dispostas de modo a formar uma pilha, externamente vedada com terra e grama, depois de fazerem alguns espiráculos, como se fossem carbonizar uma meda de madeira para fazer carvão. Enquanto o trabalho químico era realizado, Cyrus Smith organizou outras operações. Era mais do que zelo. Era obstinação.

Nab e Pencroff removeram a gordura do dugongo e a armazenaram em grandes recipientes de argila. Era necessário isolar um dos elementos dessa gordura, a glicerina, saponificando-a.

O engenheiro tratou a gordura resultante com soda, produzindo sabão solúvel e glicerina.

Mas não foi tudo. Outra substância, o azotato de potássio, mais conhecido como sal de nitrito ou salitre, ainda era necessária para Cyrus Smith usar em suas preparações futuras.

Ele poderia ter fabricado essa substância tratando o carbonato de potássio, que é facilmente extraído das cinzas das plantas, com ácido nítrico. Mas ele não tinha ácido nítrico e era precisamente esse ácido que desejava obter. Havia, portanto, um círculo vicioso, do qual parecia não haver saída. Muito felizmente, dessa vez, a natureza lhe fornecia salitre sem grandes dificuldades. Harbert descobriu um jazigo no norte da ilha, no sopé do monte Franklin, e só era necessário purificar o sal.

Esses trabalhos duraram oito dias e foram concluídos antes que a transformação do sulfureto em sulfato de ferro terminasse. Nos dias seguintes, os colonos tiveram tempo para fabricar cerâmica de argila refratária e construir um forno de tijolos com uma disposição especial para a destilação do sulfato de ferro, assim que este fosse obtido. Tudo foi concluído por volta de 18 de maio, ao término da transformação

química.

Quando a pilha de piritas foi completamente reduzida pelo fogo, o resultado da operação, consistindo em sulfato de ferro, sulfato de alumínio, sílica, resíduo de carvão e cinzas, foi depositado em uma tina cheia de água. Essa mistura foi agitada, deixada em repouso e decantada, obtendo-se um líquido límpido, contendo sulfato de ferro e sulfato de alumínio diluídos, tendo os outros materiais permanecido sólidos, uma vez que eram insolúveis. Finalmente, este líquido tendo parcialmente evaporado, cristais de sulfato de ferro foram depositados, e as águas-mães, ou seja, o líquido não evaporado, que continha sulfato de alumínio, foram descartadas.

Cyrus Smith tinha, portanto, à disposição uma grande quantidade de cristais de sulfato de ferro, dos quais era necessário extrair o ácido sulfúrico.

Para obter o ácido sulfúrico, Cyrus Smith precisava fazer apenas uma operação: calcinar os cristais de sulfato de ferro à vácuo, para que o ácido sulfúrico destilado em vapores produzisse, em seguida, ácido por condensação.

Esse foi o destino das cerâmicas refratárias em que os cristais foram colocados, e do forno, cujo calor destilaria o ácido sulfúrico. A operação correu com perfeição, e em 20 de maio o engenheiro tinha em mãos o agente que pretendia usar mais tarde de diferentes maneiras.

Mas por que ele queria obter esse agente? Para produzir ácido nítrico, e isso foi fácil, uma vez que o salitre, atacado pelo ácido sulfúrico, deu-lhe precisamente esse ácido por destilação.

O engenheiro se aproximava de seu objetivo, e na última operação conseguiu obter a substância que tinha exigido tantas manipulações.

Após coletar ácido nítrico, ele o colocou na presença da glicerina, previamente concentrada por evaporação em banho-maria, e obteve vários litros de um líquido oleoso e amarelado.

Cyrus Smith fez esta última operação sozinho, longe das Chaminés, pois o local apresentava risco de explosão, e quando trouxe uma garrafa do líquido para seus amigos, contentou-se a dizer:

– Aqui está a nitroglicerina!

– E esse é o licor que vai explodir as rochas? – questionou Pencroff bastante incrédulo.

– Sim, meu amigo, essa nitroglicerina produzirá um efeito enorme,

uma vez que o granito é extremamente duro e vai se opor fortemente à explosão.

– E quando veremos isso acontecer?

– Amanhã, assim que cavarmos um buraco de mina.

No dia seguinte, 21 de maio, os mineiros foram levados a um pontona costa leste do lago Grant. Naquele lugar, o planalto estava num ponto inferior ao das águas represadas apenas por sua parede de granito. Era evidente, portanto, que se essa fosse quebrada, as águas escapariam pela saída e formariam um riacho que, depois de escorrer pela ribanceira do planalto, seguiria até a praia. Como resultado, haveria uma redução geral do nível do lago e a exposição da saída do escoadouro, o que era o objetivo final.

Portanto, era a parede que devia ser quebrada. Sob a direção do engenheiro, Pencroff, armado com uma picareta que ele segurava habilmente e vigorosamente, atacou o granito em sua superfície exterior. O buraco que precisava ser perfurado se originava em uma aresta horizontal da margem e se aprofundava obliquamente, de modo a encontrar um nível substancialmente inferior ao das águas do lago. Dessa forma, a força explosiva, ao remover as rochas, permitiria que as águas fossem amplamente derramadas para fora e, consequentemente, o nível baixaria de modo suficiente.

Por volta das quatro da tarde, o buraco da mina estava pronto. Restava a questão da combustão da substância explosiva. A nitroglicerina geralmente se inflama por meio de iscas de fulminato que, quando se fragmentam, determinam a explosão. É preciso um choque para causá-la e, se fosse simplesmente acesa, a substância queimaria sem estourar.

Cyrus Smith sabia que a nitroglicerina tinha a capacidade de detonar com o choque. Então ele resolveu usar essa propriedade, mesmo que tivesse que reservar outros meios, se não obtivesse sucesso.

O impacto de um martelo em algumas gotas de nitroglicerina, espalhadas na superfície de uma pedra dura, é suficiente para causar a explosão. Mas o operador não poderia estar presente e disferir o golpe de martelo sem ser vítima da operação. Cyrus Smith imaginou, então, suspender um bloco de ferro pesando vários quilos a uma altura acima do buraco da mina, usando uma fibra vegetal. Outra fibra longa, previamente besuntada com enxofre, foi amarrada no meio da

primeira por uma de suas extremidades, enquanto a outra ponta se arrastava no chão a vários metros do buraco da mina. O fogo seria ateado na segunda fibra e queimaria até atingir a primeira. Esta, por sua vez, explodiria em chamas, e a massa de ferro se precipitaria sobre a nitroglicerina.

O aparelho foi então instalado; em seguida, o engenheiro, depois de afastar seus companheiros, encheu o buraco da mina de tal forma que a nitroglicerina ficasse nivelada com a abertura, e jogou algumas gotas da substância na superfície da rocha, abaixo da massa de ferro já suspensa.

Depois, pegou a extremidade da fibra besuntada de enxofre, ateou fogo nela, e, afastando-se do local, voltou para encontrar seus companheiros nas Chaminés.

Vinte e cinco minutos depois, uma explosão ecoou. Parecia que toda a base da ilha estremecia. Uma pilha de pedras foi projetada no ar como se tivesse sido vomitada por um vulcão. O tremor produzido pelo ar deslocado foi tal que as rochas das Chaminés oscilaram. Os colonos, embora a mais de três quilômetros da mina, foram derrubados no chão.

Eles se levantaram, subiram ao planalto e correram para o lugar onde a margem do lago devia ter rachado com a explosão.

Um triplo “hurra” escapou de seus peitos! A parede de granito estava fendida em uma grande extensão. Um curso d’água agitado escapava por ela e corria pelo planalto chegando ao cume, e se precipitava de uma altura de noventa metros sobre a praia!

Capítulo 18

O projeto de Cyrus Smith tinha sido um sucesso; mas, como de hábito, sem manifestar qualquer satisfação, ele permaneceu imóvel. Harbert estava entusiasmado; Nab pulava de alegria; Pencroff balançava a cabeça e dizia:

– Ora, nosso engenheiro se saiu bem!

Com efeito, a nitroglicerina tinha agido de modo poderoso. A sangria feita no lago era tão grande que o volume de água escapando através do novo escoadouro era pelo menos três vezes maior que o de antes. Pouco depois da operação, o nível do lago deveria baixar em pelo menos sessenta centímetros.

Os colonos voltaram para as Chaminés para pegar picaretas, lanças de ferro, cordas de fibra, um isqueiro e acendalha, para então retornar ao planalto. Depois de chegar ao planalto da Grande-Vista, seguiram para a ponta do lago, perto da qual se abria o orifício do antigo escoadouro, que agora devia estar descoberto. Ele teria, assim, se tornado praticável, uma vez que a água não se precipitaria mais por ele, facilitando o reconhecimento de sua disposição interna. Um olhar bastou para ver que o resultado tinha sido positivo.

Na parede granítica do lago, e agora acima do nível da água, aparecia o orifício que tanto procuraram. O orifício não oferecia uma passagem fácil aos colonos; mas Nab e Pencroff usaram suas picaretas, e em uma hora conseguiram uma abertura suficiente.

O engenheiro se aproximou e percebeu que a parte superior das paredes do escoadouro não tinha uma inclinação de mais de trinta e cinco graus. Portanto, desde que a inclinação não aumentasse, seria fácil descer por ela até o nível do mar. Se existisse então uma vasta cavidade dentro do maciço de granito, talvez fosse possível utilizá-la.

– Então, senhor Cyrus, o que estamos esperando? – perguntou o marujo, ansioso para se aventurar no corredor estreito. – Viu que Top nos precedeu?

– Sim – respondeu o engenheiro. – Precisamos ser cautelosos. Nab, corte alguns galhos resinosos.

Nab e Harbert correram para a margem do lago, sombreada por pinheiros e outras árvores, e logo retornaram com galhos que dispuseram como tochas. Essas tochas foram acesas pelo isqueiro, e os colonos adentraram no sombrio corredor que o excesso de água havia preenchido.

Ao contrário do que se poderia supor, o diâmetro do corredor se alargava, e os exploradores podiam quase ficar de pé conforme desciam. Gotículas ainda presas nas rochas irisavam-se aqui e ali sob o clarão das tochas e era possível imaginar que as paredes estavam revestidas por numerosas estalactites. O corredor datava dos primórdios da ilha. Plutão o havia perfurado e podia-se distinguir na muralha os traços de um trabalho eruptivo que a lavagem das águas não conseguiu apagar completamente.

Os colonos desciam lentamente, sentindo certa emoção por se aventurar assim nas profundezas daquele maciço que os seres humanos visitavam pela primeira vez.

Depois de descerem por volta de trinta metros por uma estrada sinuosa, Cyrus Smith, que seguia na frente, parou e seus companheiros se juntaram a ele. O lugar estava vazio e formava uma caverna de dimensões medíocres. Gotas de água caíam de sua abóbada, mas não provinham de uma infiltração no maciço. Eram simplesmente os últimos vestígios deixados pela torrente que há tanto tempo ruía a cavidade, e o ar, ligeiramente úmido, não emitia qualquer emanação mefítica.

– Então, meu caro Cyrus? – disse Gédéon Spilett. – Aqui está um refúgio ignorado, bem escondido nas profundezas, mas é inabitável.

– Por que inabitável? – perguntou o marujo.

– Porque é pequeno e escuro demais.

– Não podemos aumentar, escavar e criar aberturas para a luz diurna e para ventilação? – interrogou Pencroff, que já não duvidava de nada.

– Vamos em frente – respondeu Cyrus –, vamos prosseguir com a exploração. Talvez, mais abaixo, a natureza nos tenha poupado esse trabalho.

– Onde está Top? – perguntou Nab.

Eles procuraram pela caverna, mas não o encontraram.

– Ele deve ter continuado sua caminhada – disse Pencroff.

– Vamos nos juntar a ele – respondeu Cyrus Smith.

O engenheiro observou cuidadosamente os desvios do escoadouro, e apesar de tantos, todos seguiam para o mar.

Os colonos tinham descido mais uns quinze metros na perpendicular quando a atenção deles foi atraída para sons distantes vindos das profundezas do maciço. Eles pararam e ouviram.

– São os latidos de Top! – exclamou Harbert.

– Temos nossas lanças de ferro – observou Cyrus Smith. – Mantenham--se atentos e avancem!

– Isso está ficando cada vez mais interessante – murmurou Gédéon Spilett no ouvido do marujo, que fez um sinal afirmativo.

Os homens correram para socorrer o cão, cujos latidos eram cada vez mais audíveis. Pode-se dizer que, sem considerar o perigo a que se expunham, os colonos sentiam agora uma curiosidade irresistível. Vinte metros mais abaixo, encontraram Top.

Ali, o corredor terminava em uma vasta e magnífica caverna. Top ia e vinha e latia furiosamente. Pencroff e Nab, agitando suas tochas, lançaram grandes clarões de luz em todas as asperezas do granito, enquanto os demais, com a lança empunhada, mantinham-se alertas para qualquer ataque.

A enorme caverna estava vazia. Os colonos a percorreram em todos os sentidos. Não havia nada, nenhum ser vivo sequer! E mesmo assim Top continuou a ladrar.

– Deve haver uma saída por onde as águas do lago seguem para o mar – disse o engenheiro.

– De fato – respondeu Pencroff –, e tenhamos cuidado para não cairmos em um buraco.

– Vai, Top, vai! – ordenou Cyrus Smith.

O cão correu até a extremidade da caverna, e lá seus latidos

dobraram. Seguiram-no, e à luz das tochas apareceu o orifício de um verdadeiro poço aberto no granito. Era por lá que escoavam as águas anteriormente introduzidas no maciço, e agora era apenas um poço perpendicular no qual era impossível se aventurar.

As tochas foram apontadas para o orifício. Não viram nada. Cyrus Smith deixou cair um galho em chamas dentro do abismo. A resina brilhante iluminou o interior do poço, mas nada apareceu. Logo a chama se apagou com um ligeiro estremecimento indicando que tinha atingido a camada de água, ou o nível do mar.

– Essa é a nossa casa – disse Cyrus Smith.

– Mas ela estava ocupada por algum ser – respondeu Gédéon Spilett.

– Bem, esse ser qualquer, anfíbio ou outro, escapou por esta saída e nos cedeu o lugar.

– De todo modo – acrescentou o marujo –, eu gostaria de estar no lugar de Top quinze minutos atrás, porque ele ladrou por alguma razão!

– Sim, acho que Top sabe mais do que nós sobre muitas coisas! – murmurou o engenheiro.

Os desejos dos colonos foram amplamente realizados. O acaso, auxiliado pela sagacidade do líder, lhes serviram de bom grado. Eles tinham à disposição uma vasta caverna que seria certamente fácil de dividir em quartos com divisórias de tijolos. As águas haviam abandonado o local e não poderiam voltar. O lugar estava vago.

Subsistiam duas dificuldades: primeiro, a possibilidade de iluminar a escavação feita em um bloco sólido; segundo, a necessidade de facilitar o acesso ao local. Não era possível pensar em estabelecer a iluminação a partir do topo, uma vez que uma enorme camada de granito a sobrepunha; mas talvez se pudesse perfurar a parede anterior, que estava de frente para o mar. Cyrus Smith, que durante a descida tinha observado de perto a obliquidade e o comprimento do escoadouro, acreditava que a parte anterior da muralha não deveria ser muito espessa. Se a iluminação fosse obtida dessa forma, o acesso também o seria, já que era fácil construir uma porta e estabelecer uma escada externa. Cyrus Smith compartilhou suas ideias com os companheiros.

– Então, senhor Cyrus, ao trabalho! – respondeu Pencroff. – Com minha picareta, consigo fazer penetrar a luz do dia por esta parede.

Onde devemos quebrar?

– Aqui – respondeu o engenheiro, apontando para o vigoroso marujo uma saliência na parede cuja espessura precisava ser reduzida.

Pencroff atacou o granito, e durante meia hora, à luz das tochas, fez os fragmentos voarem à sua volta.

O trabalho já estava acontecendo há duas horas, e podia-se, portanto, temer que naquele lugar a muralha excedesse o comprimento da picareta, quando, sob um último golpe de Gédéon Spilett, o instrumento passou pela parede e caiu para fora.

– Hurra! Mil vezes hurra! – bradou Pencroff.

Cyrus Smith olhou pela abertura, vinte e cinco metros acima do nível do mar. À sua frente, a orla da praia, a ilhota e, mais adiante, o imenso mar.

Através do largo buraco, a luz penetrava intensamente e produzia um efeito mágico, inundando a esplêndida caverna! Em alguns lugares, colunas de granito distribuídas de maneira irregular sustentavam a base semelhante à nave de uma catedral. Apoiada em uma espécie de pé--direito lateral, a abóbada apresentava uma pitoresca mistura de tudo o que a arquitetura bizantina, românica e gótica produziram pela mão do homem. Ali, no entanto, era tudo obra da natureza!

Os colonos estavam maravilhados. Onde pensaram encontrar apenas uma cavidade estreita, encontraram uma espécie de palácio maravilhoso, e Nab sentia como se tivesse sido transportado para um templo!

– Ah! meus amigos – exclamou Cyrus Smith –, quando tivermos iluminado o interior deste maciço, organizado nossos quartos, depósitos e escritórios na parte esquerda, ainda teremos esta esplêndida caverna que transformaremos em sala de estudo e museu!

– E como iremos batizá-la? – perguntou Harbert.

– Granite House![5] – respondeu Cyrus Smith, um nome que seus companheiros saudaram com seus “hurras”.

Nesse momento, as tochas tinham sido quase completamente consumidas, então foi decidido que o trabalho de organização da nova habitação seria adiado para o dia seguinte.

Antes de sair, Cyrus Smith se inclinou sobre o poço escuro, que afundava perpendicularmente até o nível do mar, e ouviu atentamente. Não havia nenhum barulho, nem mesmo das águas, que

as ondas às vezes agitavam nessas profundezas. O marujo então se aproximou dele e tocando-lhe o braço:

– Senhor Smith?

– O que você quer, meu amigo? – perguntou o engenheiro, como se tivesse voltado da terra dos sonhos.

– As tochas vão se apagar em breve.

– Vamos!

O grupo deixou a caverna e começou sua ascensão através do escuro escoadouro. Top seguia atrás, ainda emitindo estranhos rosnados. Logo sentiram um ar mais fresco. As gotículas, secas pela evaporação, já não cintilavam nas paredes. A luz das tochas diminuía. A fim de não se aventurar na escuridão profunda, eles apertaram o passo.

Um pouco antes das quatro horas, Cyrus Smith e seus companheiros saíram pelo orifício do escoadouro.

---

5 Palácio de granito. A palavra *house* também se aplica a palácios e casas. Como o palácio de Buckingham ou a Mansion House, em Londres. (N.T.)

Capítulo 19

No dia seguinte, 22 de maio, as obras de apropriação da nova moradia começaram. As Chaminés não seriam totalmente abandonadas, e o plano do engenheiro era transformá-las em um ateliê para grandes obras.

O primeiro cuidado de Cyrus Smith foi entender em que ponto preciso a Granite House se desenvolvia. Ele foi até a praia, ao pé da enorme muralha, e, como a picareta que escapou das mãos do repórter deve ter caído perpendicularmente, bastava encontrá-la para reconhecer o lugar onde o buraco tinha sido perfurado no granito.

A picareta foi facilmente encontrada, e de fato havia um buraco aberto em uma linha perpendicular acima do ponto onde ela tinha afundado na areia.

A intenção do engenheiro era dividir a parte direita da caverna em quartos precedidos por um corredor de entrada, e iluminá-la com cinco janelas e uma porta. Pencroff compreendia as cinco janelas, mas não a utilidade da porta, uma vez que o antigo escoadouro oferecia uma escadaria natural através da qual era fácil acessar a Granite House.

– Meu amigo – respondeu Cyrus Smith –, se é fácil para nós chegarmos à casa através do escoadouro, também o será para os outros. Pretendo obstruir o escoadouro até seu orifício, selando-o hermeticamente.

– E como vamos entrar?

– Por uma escada de corda que, quando retirada, tornará impossível o acesso à nossa moradia.

– Mas por que tantas precauções? Os animais não parecem tão ameaçadores, e nossa ilha não é habitada por nativos!

– Você tem certeza disso, Pencroff?

– Não teremos certeza, é claro, até que tenhamos explorado em todas as suas partes.

– Sim – concordou Cyrus –, porque até agora só conhecemos uma pequena porção dela. Mas, de qualquer forma, se não tivermos inimigos dentro, eles podem vir de fora, pois estas são paragens sinistras do Pacífico.

Cyrus Smith falou sabiamente, e sem mais objeções, Pencroff se preparou para cumprir suas ordens.

A fachada da Granite House seria iluminada por cinco janelas e uma porta, e por uma grande claraboia que permitiria que a luz penetrasse naquela nave que serviria como sala de estar. Enquanto esperava que os caixilhos das janelas fossem feitos, o engenheiro pretendia vedar as aberturas com obturadores espessos que não permitiriam nem o vento nem a chuva passar, e que ele poderia dissimular, se necessário.

A primeira tarefa, portanto, era escavar as aberturas. Sabe-se que Cyrus Smith era um homem de grandes feitos, e como ainda tinha uma boa quantidade de nitroglicerina à disposição, empregou-a de maneira útil. Em seguida, a picareta e a enxada finalizaram o desenho ogival das cinco janelas, da claraboia e da porta. Alguns dias após o início das obras, a Granite House estava amplamente iluminada pela luz oriental, que penetrava em seus cantos mais escondidos.

Segundo o plano elaborado por Cyrus Smith, o apartamento seria dividido em cinco compartimentos com vista para o mar: à direita, uma entrada por uma porta que terminaria em uma escada, em seguida, uma cozinha de nove metros de largura, uma sala de jantar de doze metros, um quarto-dormitório de igual largura, e, finalmente, um “quarto de hóspedes”, reivindicado por Pencroff e que ficava isolado da sala de estar.

O conjunto de quartos que formavam o apartamento da Granite House não ocupariam toda a profundidade da cavidade. Eles seriam servidos por um corredor arranjado entre eles e um extenso depósito

em que utensílios, provisões e reservas se distribuiriam num amplo espaço. Todos os produtos coletados da flora como da fauna ficariam em excelentes condições de conservação e protegidos da umidade. Além disso, os colonos ainda podiam fazer um sótão da pequena caverna acima da grande.

Até então, Cyrus e os demais tinham tido acesso à caverna apenas através do velho escoadouro, modo de comunicação que os obrigava a primeiro subir até o planalto da Grande-Vista, desviando pela margem do rio e descer sessenta metros pelo corredor. Cyrus Smith decidiu então avançar sem demora na fabricação de uma escada de corda sólida, que, quando retirada, tornaria a entrada para a Granite House absolutamente inacessível.

Os diversos trabalhos foram realizados rapidamente, sob a direção do engenheiro, que também manipulava o martelo e a trolha. Cyrus Smith não recusava fazer nenhum trabalho e dava o exemplo aos inteligentes e zelosos companheiros. A questão do vestuário e dos calçados – uma questão de fato séria –, a da iluminação durante as noites de inverno, o aproveitamento das partes férteis da ilha, a transformação da flora selvagem em flora civilizada, tudo parecia fácil com a ajuda de Cyrus Smith, e tudo seria feito em seu tempo. Ele sonhava em canalizar rios, facilitando o transporte das riquezas do solo, da exploração das pedreiras e minas, das máquinas próprias para as práticas industriais e dos caminhos de ferro, sim, dos caminhos de ferro! que um dia cobririam a ilha Lincoln.

Harbert se destacou durante os trabalhos. Ele era inteligente e ativo, aprendia rápido, executava bem, e Cyrus Smith se afeiçoava cada vez mais a ele.

Nab era Nab. E continuaria a ser o mesmo: a coragem, o zelo a dedicação e a abnegação. Ele tinha a mesma fé em seu mestre que Pencroff, mas a manifestava menos efusivamente.

Quanto a Gédéon Spilett, ele fazia sua parte do trabalho conjunto, e não era o mais desajeitado – o que surpreendia um pouco o marujo. Um "jornalista" hábil que não só entende tudo, mas que sabe fazer tudo!

A escada foi instalada em 28 de maio. Havia mais de cem degraus na altura perpendicular de vinte e cinco metros que ela media. Cyrus Smith tinha conseguido dividi-la em duas partes, aproveitando uma saliência da muralha que se projetava cerca de doze metros acima do

solo. Essa saliência, cuidadosamente nivelada com uma picareta, tornou-se uma espécie de degrau onde a primeira escada foi fixada, a oscilação foi reduzida pela metade e uma corda permitia chegar ao nível da Granite House. A segunda escada foi presa tanto em sua extremidade inferior, que repousava sobre a saliência, como em sua extremidade superior, presa à soleira da porta. A subida tornou-se significativamente mais fácil. Além disso, Cyrus Smith planejava instalar um elevador hidráulico mais tarde, o que evitaria fadiga e perda de tempo aos habitantes da Granite House.

Os colonos logo se acostumaram a usar a escada. Eles eram ágeis e habilidosos. Pencroff teve de ensinar Top a subir as escadas. O pobre cão, com suas quatro patas, não fora feito para esse tipo de exercício. Mas Pencroff era um professor tão zeloso, que Top acabou por subir corretamente, como costumam fazer seus congêneres nos circos.

As imensas florestas, que tinham recebido o nome de florestas do Extremo Oeste, ainda não tinham sido exploradas. A importante excursão foi reservada para os primeiros bons dias da primavera seguinte.

Harbert e o repórter partiram para caçar e descobriram, a sudoeste da laguna, uma reserva natural, espécie de pradaria úmida coberta com salgueiros e ervas aromáticas que perfumavam o ar, como tomilho, serpilho, manjericão, segurelha, todas as espécies odoríferas da família dos labiados de que os coelhos tanto gostam.

Com a observação do repórter, de que seria surpreendente faltarem coelhos onde havia tanta fartura para eles, os dois caçadores exploraram cuidadosamente a reserva. Abundavam ali plantas úteis que dariam a um naturalista a oportunidade de estudar muitos espécimes do reino vegetal. Harbert colheu certa quantidade de mudas de manjericão, alecrim, melissa, betônica, etc. que possuem várias propriedades terapêuticas, como adstringentes, febrífugas, outras antiespasmódicas ou antirreumáticas. Quando, mais tarde, Pencroff perguntou para que serviria toda aquela colheita de erva, o jovem respondeu:

– Para nos tratar quando ficarmos doentes.

– Por que adoeceríamos, uma vez que não há médicos na ilha? – interrogou Pencroff muito seriamente.

Não havia resposta para essa pergunta, e o jovem fez sua colheita, que foi muito bem recebida na Granite House. Além dessas plantas

medicinais, ele encontrou uma quantidade considerável de monardas dídimas, que são conhecidas na América do Norte como "chá de oswego", de sabor excelente.

Naquele dia, enquanto procuravam cuidadosamente, os dois caçadores chegaram ao local da reserva. O chão estava perfurado como uma escumadeira.

– Tocas! – exclamou Harbert.

– Sim – respondeu o repórter –, estou vendo.

– Mas será que estão habitadas?

– Essa é uma boa pergunta.

E logo foi respondida. Quase imediatamente, centenas de pequenos animais parecidos com coelhos fugiram em todas as direções e com tanta rapidez, que nem Top ganharia deles em velocidade. Caçadores e cão correram, mas os roedores escaparam facilmente. No entanto, o repórter estava determinado a não partir antes de capturar pelo menos meia dúzia de quadrúpedes. Com algumas armadilhas colocadas na entrada das tocas, a operação não poderia fracassar. Mas, naquele momento, não havia armadilhas nem material para fabricá-las. Era, portanto, necessário resignar-se a visitar cada toca, cutucá-las com um bastão.

Após uma hora de buscas, quatro roedores foram capturados. Eram coelhos conhecidos como "coelhos americanos".

O produto da caça foi levado para a Granite House e consumido na refeição da noite. Os habitantes daquela reserva não podiam ser desprezados, pois eram deliciosos. Aquele era um recurso valioso para a colônia e parecia inesgotável.

Em 31 de maio, as divisórias ficaram prontas. Tudo o que restava era mobiliar os quartos, o que seria o trabalho dos longos dias de inverno. Uma Chaminé foi construída no primeiro quarto, que foi usado como cozinha. O tubo destinado a expulsar a fumaça deu algum trabalho aos construtores de Chaminés improvisados. Cyrus Smith achou mais fácil fabricá-lo com barro de tijolo.

Quando os arranjos interiores foram concluídos, o engenheiro começou a obstruir a saída do antigo escoadouro que dava no lago, de modo a evitar qualquer acesso por aquele caminho. Cyrus Smith ainda não tinha realizado o plano de inundar aquele orifício com as águas do lago, trazendo-as de volta ao seu primeiro nível por uma barragem. Ele se contentou em esconder a obstrução com plantas, arbustos ou

sarças, que foram colocados nos interstícios das rochas, e que a primavera seguinte faria desabrochar em abundância.

Porém, usou o escoadouro para trazer à nova habitação um riozinho de água fresca e doce do lago. Uma pequena fissura, feita abaixo do nível deles, produziu esse resultado e essa derivação de fonte pura e inesgotável rendia uma média de cem a cento e trinta litros por dia.

Os habitantes daquela casa sólida, saudável e segura não podiam deixar de se regozijar de seu trabalho. As janelas permitiram que o olhar deles se estendesse por um horizonte ilimitado, que os dois cabos da Mandíbula fechavam ao norte, e o cabo da Garra ao sul. Toda a baía da União se estendia lindamente diante deles. Sim, esses bravos colonos tinham razões para estar satisfeitos, e Pencroff não economizava elogios ao que humoristicamente chamava de "seu apartamento no quinto andar, com mezanino!".

Capítulo 20

O inverno começou com o mês de junho, que corresponde ao mês de dezembro no hemisfério norte, com chuvas e rajadas sucessivas. Os habitantes da Granite House puderam apreciar as vantagens de uma habitação inatingível pelas intempéries.

Durante todo o mês, o tempo foi utilizado para fazer diferentes trabalhos, entre os quais a caça e a pesca, e as reservas de mantimento permaneceram inalteradas.

A questão do vestuário foi discutida muito seriamente. Os colonos não tinham roupas além das que usavam quando o balão os atirou na ilha e, se o inverno fosse rigoroso, sofreriam muito com o frio.

Cyrus Smith tinha cuidado do mais urgente, que era construir a casa e prover a comida, mas o frio poderia surpreendê-los antes que a questão da roupa fosse resolvida. Era, portanto, necessário resignar-se a passar esse primeiro inverno sem se queixar em demasia. Quando o tempo melhorasse, caçariam os carneiros monteses que foram avistados durante a exploração no monte Franklin, e quando a lã fosse colhida, o engenheiro saberia produzir tecidos quentes e sólidos com ela. Como? Ele pensaria nisso.

– Bem, vamos grelhar nossos bezerros na Granite House! – disse Pencroff. – O combustível é abundante e não há razão para economizá-lo.

– Além disso – respondeu Gédéon Spilett –, a ilha Lincoln não está

situada em uma latitude muito alta, e é provável que os invernos não sejam tão rigorosos. Você não disse, Cyrus, que este 35º paralelo corresponde ao da Espanha no outro hemisfério?

– Sem dúvida – respondeu o engenheiro –, mas alguns invernos são muito rigorosos na Espanha e a ilha Lincoln também pode ser rigorosamente afetada!

– E por que, senhor Cyrus? – interrogou Harbert.

– Porque o mar pode ser considerado um imenso reservatório no qual o calor do verão fica armazenado. Quando o inverno chega, o mar restitui esse calor, que garante que as regiões limítrofes dos oceanos tenham uma temperatura média menor no verão, mas menos rigorosa no inverno.

– Veremos – respondeu Pencroff. – Estou tentando não me preocupar demais com o frio que vai ou não fazer. O que é certo, é que os dias já são curtos e as noites longas. É melhor tratarmos da iluminação.

– Nada é mais fácil de resolver– respondeu Cyrus Smith.

– E quando começamos? – perguntou o marujo.

– Amanhã, organizando uma caça às focas.

– Para fazer velas?

– Exato, Pencroff, velas!

Esse era, de fato, o projeto do engenheiro; projeto viável, uma vez que ele tinha cal e ácido sulfúrico, e os anfíbios da ilhota forneceriam a gordura necessária para sua fabricação.

Era dia 4 de junho, domingo de Pentecostes, e houve um acordo comum para que a data fosse respeitada. Todos os trabalhos foram suspensos, e as preces foram dirigidas aos céus. Mas as preces eram agora ações de graças. Os colonos da ilha Lincoln não eram mais os miseráveis náufragos lançados naquela ilhota. E, em vez de pedir, eles apenas agradeceram.

No dia seguinte, com um clima bastante incerto, partiram para a ilhota. As focas eram numerosas, e os caçadores mataram facilmente meia dúzia delas. Nab e Pencroff as abriram, e só levaram à Granite House a gordura e a pele, que seria usada na confecção de calçados sólidos.

A operação foi bastante simples e resultou em produtos minimamente utilizáveis. Cyrus Smith fez um belo par de espevitadeiras e as velas foram de grande serventia durante as vigílias

da Granite House.

O mês foi de muito trabalho dentro da casa. Os marceneiros produziram bastante. As ferramentas rudimentares foram aperfeiçoadas. E eles também fabricaram outras, como tesouras, e os colonos puderam enfim cortar os cabelos e aparar a barba da melhor forma possível.

A fabricação de um serrote foi custosa, mas quando finalmente construíram o instrumento, ele pôde dividir as fibras lenhosas da madeira. Então fizeram mesas, bancos e armários que mobiliaram os quartos principais, além de armações de cama cujos colchões eram compostos de zostera. A cozinha, com prateleiras sobre as quais repousavam os utensílios de cerâmica, a fornalha de tijolos e o tanque, tinha um aspecto agradável, e Nab cozinhava ali como se estivesse em um laboratório de química.

Mas os marceneiros logo deram lugar aos carpinteiros. O novo escoadouro, criado por explosões, exigia a construção de dois pontilhões, um no planalto da Grande-Vista e o outro na própria praia, de seis a sete metros de comprimento, cuja estrutura seria formada por árvores esquadradas com um machado. Isso foi feito em poucos dias. Isso feito, Nab e Pencroff aproveitaram para ir até o ostreiro que descobriram nas dunas. Eles levaram consigo uma espécie de carroça grosseira e trouxeram alguns milhares de ostras, rapidamente aclimatadas no meio das rochas que formaram diversos parques naturais na entrada da Misericórdia.

Embora os habitantes tivessem explorado apenas uma pequena porção, a ilha Lincoln fornecia quase tudo de que precisavam. Só uma privação ainda era penosa para os colonos da ilha Lincoln: a ausência do pão.

Talvez mais tarde os colonos pudessem substituir esse alimento por algum equivalente, como farinha de sagueiro ou fruta-pão e era realmente possível que as florestas do sul incluíssem essas árvores preciosas entre suas espécies, mas eles ainda não as tinham encontrado.

Nessa circunstância, a Providência viria em auxílio dos colonos, em uma proporção infinitesimal, é verdade, mas nem Cyrus Smith, com toda sua inteligência e engenhosidade, poderia produzir o que, pelo grande acaso, Harbert encontrou um dia no forro de seu casaco, que ele teve o cuidado de remendar.

Naquele dia, caía uma chuva torrencial e os colonos estavam reunidos no salão da Granite House Grande quando o jovem gritou de repente:

– Vejam, um grão de trigo!

E mostrou aos seus companheiros um único grão que havia entrado no forro do seu casaco pelo furo do bolso.

A presença daquele grão podia ser explicada pelo hábito que Harbert tinha, em Richmond, de alimentar alguns pombos torcazes que Pencroff lhe havia dado de presente.

– Um grão de trigo? – disse o engenheiro.

– Sim, senhor Cyrus, mas apenas um!

– Ah! Meu rapaz – exclamou Pencroff –, não avançamos muito! O que podemos fazer com um só grão de trigo?

– Faremos pão – respondeu Cyrus Smith.

– Pães, bolos, tortas! Ora! O pão que este grão de trigo nos dará não nos saciará tão cedo!

Harbert, atribuindo pouca importância à sua descoberta, estava prestes a se desfazer do grão, mas Cyrus Smith o pegou, examinou, viu que estava em boas condições, e, olhando nos olhos do marujo, perguntou calmamente:

– Pencroff, você sabe quantas espigas um grão de trigo pode produzir?

– Uma, suponho!

– Dez, Pencroff. E sabes quantos grãos existem em uma espiga?

– Bem, não.

– Oitenta em média. Portanto, se plantarmos este grão, na primeira colheita, teremos oitocentos grãos, que produzirão na segunda seiscentos e quarenta mil, na terceira quinhentos e doze milhões, na quarta mais de quatrocentos bilhões de grãos. Essa é a proporção.

Os companheiros de Cyrus Smith ouviram-no sem responder. Esses números eram espantosos e, ao mesmo tempo, muito precisos.

Mas o engenheiro não tinha terminado seu pequeno interrogatório.

– E agora, Pencroff, você sabe quantos alqueires quatrocentos bilhões de grãos representam?

– Não, o que eu sei é que sou apenas uma besta!

– Pois bem, isso daria mais de três milhões, a cento e trinta mil por alqueire.

– Três milhões!

– Três milhões.

– Em quatro anos?

– Em quatro anos, ou até em dois anos, se, como espero, pudermos, sob esta latitude, obter duas colheitas por ano.

Como de hábito, Pencroff não soube responder de outra forma que não por um formidável “hurra”.

– E você, Harbert, fez uma descoberta de extrema importância para todos nós. Tudo pode ser útil na condição em que estamos, meus amigos, tudo. Não se esqueçam disso.

– Não, senhor Cyrus, não esqueceremos – respondeu Pencroff –, e se eu por acaso encontrar sementes de tabaco que se multiplicam por trezentos e sessenta mil, prometo que não as atirarei ao vento! Agora, sabem o que nos resta fazer?

– Plantar esse grão – respondeu Harbert.

– Sim – acrescentou Gédéon Spilett –, e com todo o cuidado devido, pois ele carrega consigo nossas futuras colheitas.

– Desde que ele prospere! – fez o marujo.

– Ele irá prosperar – respondeu Cyrus Smith.

Era dia 20 de junho. Momento propício para semear aquele único e precioso grão de trigo. Primeiro, cogitaram plantá-lo em um pote, mas, depois de refletirem, decidiram colocá-lo aos cuidados da terra e da natureza. Não é necessário reforçar que todas as precauções foram tomadas para que a operação fosse bem-sucedida.

Como o tempo estava mais ameno, os colonos voltaram ao topo da Granite House e escolheram um lugar abrigado do vento e sobre o qual o sol do meio-dia derramava seu calor. O local foi limpo, cuidadosamente sachado e espantaram todos os insetos e vermes; em seguida, colocaram uma camada de terra fértil misturada com um pouco de cal; cercaram-no com paliçada e, enfim, o grão foi plantado na camada úmida de terra.

Parecia até que os colonos estavam colocando a primeira pedra de um edifício! Pencroff se lembrou do dia em que acendeu o seu único fósforo e de todos os cuidados que teve com a operação. Mas, dessa vez, a coisa era mais séria. Os náufragos poderiam conseguir fogo de uma forma ou de outra, mas nenhuma força humana seria capaz de recuperar aquele grão de trigo se, por azar, ele acabasse estragando!

Capítulo 21

Depois de plantar, Pencroff visitou todos os dias o que ele chamava de “seu campo de trigo”.

No final de junho, depois de chuvas intermináveis, o tempo ficou decididamente frio, e no dia 29, um termômetro certamente teria anunciado 6º abaixo de zero.

O dia 30 de junho, 31 de dezembro no hemisfério norte, era uma sexta-feira. Nab observou que o ano terminava com um dia feio, mas Pencroff respondeu que, naturalmente, o outro começaria com um bonito, o que era melhor. Mas o ano começou com um frio muito intenso. O gelo se acumulava na entrada da Misericórdia, e o lago congelou em toda sua extensão.

A provisão de combustível teve de ser renovada várias vezes. Ao combustível fornecido abundantemente pela floresta, acrescentaram carregamentos de carvão que foram buscar no sopé do monte Franklin. O potente calor do carvão de terra foi muito útil na baixa temperatura que, em 4 de julho, caiu para 13º negativos.

Durante o período frio, Cyrus Smith se vangloriou por ter trazido um pequeno curso d’água do lago Grant até a Granite House. Captadas abaixo da superfície congelada e descendo pelo antigo escoadouro, as águas mantinham sua liquidez e chegavam a um reservatório interno escavado num canto da despensa cujo transbordamento escoava pelo poço e seguia para o mar.

Nessa época, com o tempo extremamente seco, os colonos resolveram dedicar um dia para a exploração da parte da ilha situada a sudeste, entre a Misericórdia e o cabo da Garra. Aquele era um vasto terreno pantanoso onde poderia haver uma boa caça.

Como se tratava da exploração de uma parte desconhecida da ilha, toda colônia participaria dela. Então, na manhã de 5 de julho, os cinco colonos, armado com lanças, armadilhas, arcos e flechas e levando provisões suficientes, deixaram a Granite House precedidos pelo saltitante Top. Seguiram pelo caminho mais curto, que era atravessar a Misericórdia sobre o gelo que ainda a encobria.

– Mas – observou o repórter –, isso não pode substituir uma verdadeira ponte!

E a construção de uma "verdadeira" ponte foi incluída na próxima série de trabalhos.

Era a primeira vez que os colonos punham os pés na margem direita da Misericórdia. Mal tinham percorrido oitocentos metros quando uma família de quadrúpedes saiu de um espesso matagal, espantada pelos latidos de Top.

– Ah! parecem raposas! – exclamou Harbert ao ver o bando correr o mais rápido possível.

Eram raposas muito grandes que emitiam uma espécie de latido que pareceram deixar Top surpreso, pois ele parou sua perseguição e deu tempo para os rápidos animais desaparecerem.

Mas, pelos latidos, as raposas de pelos grisalhos e caudas pretas que terminavam num pompom branco, tinham denunciado sua origem. Então Harbert chamou-as pelo verdadeiro nome: "zorros". Harbert lamentou muito que Top não tivesse conseguido capturar um daqueles carnívoros.

– Eles são comestíveis? – perguntou Pencroff, que só pensava nos representantes da vida selvagem da ilha desse ponto de vista.

– Não – respondeu Harbert.

Uma vez que as raposas não eram classificadas no gênero comestível, elas não interessavam a Pencroff. No entanto, quando um curral fosse construído na Granite House, ele observou que seria importante tomar algumas precauções contra a provável visita desses ladrões de quatro patas.

Depois de contornar a ponta do Destroço, os colonos encontraram uma longa praia banhada pelo mar. Eram oito da manhã. O céu estava

límpido e por isso Cyrus Smith e seus companheiros não sentiam a baixa temperatura com intensidade. Além disso, não havia vento, uma circunstância que fez a baixa temperatura ficar mais suportável. O cabo da Garra adelgava-se a mais ou menos seis quilômetros a sudeste. Certamente, naquela parte da baía da União, que ficava completamente exposta ao mar, os navios atingidos pelos ventos do leste não encontrariam abrigo. Os colonos pararam ali para almoçar.

Enquanto comiam, eles observavam. Aquela parte da ilha Lincoln era realmente estéril e contrastava com toda a região ocidental. Isso levou o repórter a fazer a análise de que se o acaso os tivesse lançado naquela praia, eles teriam construído uma ideia deplorável sobre sua futura morada.

– Acho até que não teríamos chegado até lá – respondeu, sério, o engenheiro –, pois o mar é profundo e não nos oferece sequer uma rocha para nos refugiarmos.

– É bastante peculiar – observou Gédéon Spilett – que esta ilha, relativamente pequena, apresente um solo tão variado. Em termos lógicos, essa diversidade pertence apenas aos continentes de extensão considerável. Parece realmente que a parte ocidental da ilha Lincoln, tão rica e fértil, é banhada pelas águas quentes do Golfo do México e que suas costas norte e sudeste são banhadas por uma espécie de mar Ártico.

– Você tem razão, meu caro Spilett – respondeu Cyrus Smith –, é uma observação que eu também fiz. Esta ilha é como um resumo de todos os aspectos de um continente e não me surpreenderia que tivesse sido um continente no passado.

– O quê! um continente no meio do Pacífico? – exclamou Pencroff.

– E a ilha Lincoln teria pertencido a esse continente? – perguntou Pencroff.

– É provável – respondeu Cyrus Smith – e isso explicaria muito bem a variedade de produções que encontramos em sua superfície.

– E o número considerável de animais que ainda a habitam – acrescentou Harbert.

– Sim, meu jovem, e você dá um novo argumento em apoio à minha tese. É certo, pelo que vimos, que há muitos animais na ilha e, o que é curioso, de espécies bastante variadas. Há uma razão para isso e para mim é que a ilha Lincoln pode ter sido parte de algum vasto continente que gradualmente se afundou sob Pacífico.

– Então, um belo dia – respondeu Pencroff, que não parecia absolutamente convencido –, o que resta deste antigo continente pode, por sua vez, desaparecer e não restará mais nada entre a América e a Ásia?

– Sim – respondeu Cyrus Smith –, haverá os novos continentes, que bilhões de animálculos estão trabalhando para construir neste momento.

– E quem são esses pedreiros? – perguntou Pencroff.

– Os infusórios do coral – respondeu Cyrus Smith. – Eu acredito que com o passar dos séculos, e de infusório em infusório, esse Pacífico um dia será capaz de se transformar em um vasto continente que as novas gerações irão então habitar e civilizar.

– Vai demorar muito tempo! – disse Pencroff.

– A natureza tem tempo para isso – respondeu o engenheiro.

– Mas para que servem novos continentes? – interrogou Harbert. – Parece-me que a extensão atual das terras habitáveis é suficiente para a humanidade. Mas a natureza não faz nada inútil.

– Nada inútil, de fato – concordou o engenheiro –, mas é assim que podemos explicar no futuro a necessidade de novos continentes e precisamente nesta zona tropical ocupada pelas ilhas coralígenas.

– Tudo isso é muito bonito – disse Pencroff –, mas o senhor pode me dizer se a ilha Lincoln é fruto desses infusórios?

– Não – respondeu Cyrus Smith –, ela é de origem vulcânica.

– Então ela vai desaparecer um dia?

– Provavelmente.

– Espero que já não estejamos mais aqui.

– Fique tranquilo, Pencroff, não estaremos, já que não temos qualquer desejo de morrer aqui e que conseguiremos talvez partir.

– Enquanto isso – respondeu Gédéon Spilett –, vamos nos instalar como se fosse definitivo. Nunca se deve fazer algo pela metade.

A conversa foi encerrada, a exploração foi retomada e os colonos chegaram à fronteira onde começava a área pantanosa.

O solo era formado por um lodo de argila silicatada, misturado com uma grande quantidade de fósseis vegetais. Alguns tanques congelados cintilavam pelo espaço sob os raios do sol. Nem as chuvas nem qualquer rio, transbordado por uma inundação repentina, poderiam ter formado as reservas de água. Era natural concluir que o pântano era alimentado pelas infiltrações do solo, o que se confirmaria depois.

Acima das plantas aquáticas, na superfície das águas estagnadas, um mundo de aves esvoaçava.

Um único tiro atingiria algumas dezenas desses pássaros, de tão próximos que estavam uns dos outros. Mas foi necessário se contentar em atingi-los a flechadas. Os caçadores então se satisfizeram com uma dúzia de patos de corpos brancos e faixa cor de canela, cabeça verde, asa preta, branca e vermelha e bico achatado, que Harbert reconheceu como “tadornas”. Top contribuiu para a captura dessas aves, cujo nome foi dado a essa parte pantanosa da ilha. Os colonos tinham, assim, uma abundante caça aquática. Quando chegasse a hora, seria necessário apenas explorar a região de modo conveniente, e era provável que várias espécies dessas aves pudessem ser, se não domesticadas, pelo menos aclimatadas no entorno do lago, o que as manteria ao alcance dos consumidores.

Por volta das cinco da tarde, Cyrus Smith e seus companheiros atravessaram o pântano das Tadornas e voltaram à Misericórdia pela ponte de gelo. Às oito da noite, tinham chegado à Granite House.

Capítulo 22

O frio intenso durou até 15 de agosto. Quando a atmosfera estava calma, era fácil suportar a baixa temperatura; mas quando o vento-norte soprava, ficava difícil para as pessoas vestidas de modo insuficiente. Pencroff lamentou que a ilha Lincoln não abrigasse algumas famílias de ursos, em vez das raposas ou focas, cujo pelo era insuficiente.

– Os ursos geralmente estão bem-vestidos, e eu só queria pedir emprestada sua capa quente durante o inverno.

Mas esses carnívoros formidáveis não existiam na ilha, ou pelo menos ainda não tinham aparecido.

Harbert, Pencroff e o repórter estavam ocupados na construção de armadilhas no planalto da Grande-Vista e na região da floresta. Todos os dias eles as visitavam, e em três ocasiões durante os primeiros dias, encontraram amostras dos zorros que já tinham sido vistos na margem direita da Misericórdia.

– Ora, então só há raposas neste país! – vociferou Pencroff na terceira vez que removeu uma delas do poço. – Animais que não servem para absolutamente nada!

– Servem para alguma coisa sim! – contestou Gédéon Spilett.

– E para quê?

– Para fazer isca para atrair outros animais!

O repórter tinha razão e as muitas armadilhas foram preparadas

com as raposas mortas.

O marujo também tinha feito armadilhas usando fibras de *curry-jonc*, que eram mais eficientes que as outras. Era raro passar um dia sem que um coelho fosse capturado.

Uma ou duas vezes, na segunda semana de agosto, as armadilhas entregaram aos caçadores animais diferentes e mais úteis que os zorros. Eram javalis, que já tinham sido vistos a norte do lago. Pencroff não precisou perguntar se aqueles animais eram comestíveis. Isso era óbvio por sua semelhança com o porco americano ou europeu.

– Mas não são porcos, Pencroff, é importante você saber – disse Harbert.

– Meu jovem, deixe-me acreditar que são porcos!

– E por quê?

– Porque isso me agrada!

– Você gosta muito de porco, Pencroff?

– Gosto muito, especialmente dos pés. E se ele tivesse oito em vez de quatro, eu gostaria duas vezes mais!

Os animais em questão eram pecaris pertencentes a um dos quatro gêneros dessa família. Eles geralmente vivem em bandos e era provável que fossem abundantes nas partes arborizadas da ilha.

Por volta de 15 de agosto o tempo mudou repentinamente com uma ventania vinda do noroeste. A temperatura subiu alguns graus, e os vapores acumulados no ar logo se dissiparam em neve. A neve caiu abundantemente por vários dias e sua espessura chegou a sessenta centímetros.

O vento logo arrefeceu com extrema violência, e do topo da Granite House ouvia-se o mar rebentar sobre os recifes. Em certos ângulos surgiam redemoinhos e a ventania formava altas colunas giratórias de neve. No entanto, o furacão, vindo do noroeste, atingia a ilha pelas costas, e a orientação da Granite House a preservava de um ataque direto. Nem Cyrus Smith nem seus companheiros se aventuraram no exterior e permaneceram enclausurados por cinco dias. Era possível ouvir a tempestade rugindo nos bosques do Jacamar que deviam sofrer com tudo aquilo. Muitas árvores seriam arrancadas, mas Pencroff se consolava pensando que não precisaria cortá-las.

– O vento está trabalhando como um lenhador, deixemos que faça seu trabalho – ele dizia.

Os habitantes da Granite House agradeceram ao céu por ter dado

aquele retiro sólido e inabalável! Cyrus Smith tinha sua participação legítima nos agradecimentos, mas, foi a natureza quem cavou aquela vasta caverna que ele apenas descobriu. Quanto às Chaminés, apenas pelo som das ondas, que se ouvia com tanta intensidade, era de se acreditar que elas estavam absolutamente inabitáveis, porque o mar, passando sobre a ilhota, devia atingi-las violentamente.

Durante os poucos dias de reclusão, os colonos não permaneceram inativos. A madeira cortada em pranchas abundava na despensa e pouco a pouco a mobília foi concluída, incluindo mesas e cadeiras.

Então os marceneiros se transformaram em fabricantes de cestos e não falharam nesse novo trabalho. As primeiras tentativas foram frustradas, mas, graças à habilidade e inteligência dos trabalhadores e se lembrando dos modelos que já tinham visto, cestos e corbelhas de diferentes tamanhos foram adicionados ao material da colônia.

Durante a última semana de agosto, o tempo mudou novamente. A temperatura baixou um pouco e a tempestade se acalmou. Os colonos se aventuraram no exterior. Cyrus Smith e seus companheiros subiram o planalto da Grande-Vista.

Que mudança! Os bosques que eles tinham deixado ainda verdes tinham desaparecido sob uma coloração uniforme. Tudo estava branco, desde o topo do monte Franklin até a costa. As rochas entre as quais a cachoeira despencava na beirada do planalto estavam cheias de gelos em forma de espinhos. Era como se a água escapasse por uma monstruosa goteira que tinha sido escavada com toda a imaginação de um artista renascentista.

Gédéon Spilett, Pencroff e Harbert não perderam a oportunidade de visitar suas armadilhas, difíceis de encontrar sob a neve que as cobria. Eles tiveram, inclusive, que tomar cuidado para não serem pegos por uma delas, o que teria sido ao mesmo tempo perigoso e humilhante! Eles encontraram as armadilhas perfeitamente intactas. Nenhum animal tinha sido capturado, no entanto, havia várias pegadas no entorno, incluindo algumas marcas de garras muito conspícuas. Harbert não hesitou em afirmar que algum carnívoro do gênero dos felinos tinha passado por lá, o que justificava a opinião do engenheiro sobre a existência de animais selvagens perigosos na ilha Lincoln.

– Mas, afinal, que felinos são esses? – perguntou Pencroff.

– São tigres.

– Pensei que esses animais só existissem em países quentes.

– No novo continente, eles são encontrados do México aos pampas de Buenos Aires. Então, uma vez que a ilha Lincoln está na mesma latitude que as províncias de La Plata, não surpreende encontrarmos alguns tigres por aqui.

– Bem, ficaremos atentos.

A neve acabou se dissipando sob a influência da temperatura crescente. A chuva caiu e a camada branca desapareceu. Apesar do mau tempo, os colonos renovaram todas as suas reservas, o que exigiu algumas excursões na floresta e descobriram que árvores tinham sido derrubadas pelo último furacão. O marujo e Nab foram com a carroça à mina de carvão, a fim de trazer algumas toneladas de combustível para a residência.

Renovaram também a reserva de madeira da Granite House e aproveitaram a corrente da Misericórdia, que estava livre novamente, para fazer várias viagens.

Fizeram também uma visita às Chaminés, o que os fez comemorar a decisão de não permanecer ali durante a tempestade. O mar tinha deixado marcas de devastação. Enquanto Nab, Harbert e Pencroff caçavam ou renovavam as provisões de combustível, Cyrus Smith e Gédéon Spilett desobstruíam as Chaminés e encontraram a fundição e os fornos quase intactos, protegidos desde o início pelo monte de areia.

O reabastecimento de combustível não foi em vão. Os colonos não estavam livres do frio rigoroso.

Por volta do dia 25, depois de uma nova onda de neve e chuva, o vento soprou para o sudeste e o frio se intensificou ainda mais. De acordo com a estimativa do engenheiro, a coluna de mercúrio de um termômetro teria marcado perto de 22º negativos, e esse frio intenso, ainda mais doloroso devido à tramontana, continuou por vários dias. Os colonos tiveram que se enclausurar novamente na Granite House, e como todas as aberturas da fachada foram seladas, deixando apenas a passagem necessária para renovar o ar, o consumo de velas foi considerável.

Ainda era necessário ocupar o tempo com atividades de lazer a que a reclusão obrigava os habitantes da Granite House. Cyrus Smith então realizou uma operação que podia ser feita a portas fechadas.

Sabe-se que os colonos não tinham à sua disposição outro açúcar senão a substância líquida que retiraram da árvore de bordo, fazendo

incisões profundas nela. Tudo o que tinham de fazer era recolher o licor em vasos e usá-lo para fins culinários. Mas havia como aprimorar a atividade e Cyrus Smith anunciou a seus companheiros que eles se tornariam refinadores.

– Refinadores! – fez Pencroff. – Esse trabalho deve ser fogo, não?

– Põe fogo nisso! – respondeu o engenheiro.

– Então estamos na melhor época!

O frio continuou até meados de setembro, e os prisioneiros da Granite House começaram a achar a clausura interminável. Quase todos os dias, eles tentavam algumas saídas que não se prolongavam. Então, trabalhavam sem cessar na organização da morada. Enquanto trabalhavam, Cyrus Smith ensinava diversas coisas, principalmente, sobre as aplicações práticas da ciência. Os colonos não tinham uma biblioteca à disposição, mas o engenheiro era um livro sempre pronto e aberto na página de que todos precisavam e que eles frequentemente folheavam.

No entanto, já era tempo de findar aquela reclusão. Eles estavam ansiosos para ver novamente, senão a boa temporada, ao menos o fim daquele frio insuportável. Se estivessem vestidos de uma forma que permitisse enfrentar o frio, quantas excursões teriam feito às dunas ou ao pântano das Tadornas! Mas Cyrus Smith cuidava para que ninguém comprometesse sua saúde e seus conselhos foram seguidos.

O mais impaciente na prisão, depois de Pencroff, era Top. O fiel cão se sentia encurralado na Granite House. Cyrus Smith notou muitas vezes que, ao se aproximar do poço escuro, que se comunicava com o mar e cujo orifício se abria no fundo da despensa, Top emitia grunhidos peculiares. Às vezes ele tentava deslizar as patas por sob o painel, como se quisesse levantá-lo.

O engenheiro observou essa movimentação diversas vezes. O que havia naquele abismo para impressionar o inteligente animal? O poço estava ligado ao mar, mas será que se ramificava em estreitos dutos através da estrutura da ilha? Ou se comunicava com outras cavidades internas? Será que algum monstro marítimo vinha respirar no fundo daquele poço? O engenheiro não sabia o que pensar e não podia deixar de sonhar com complicações bizarras. Acostumado a ir longe na esfera das realidades científicas, não admitia ser atraído para o campo do quase sobrenatural; mas como explicar que Top, um cão que nunca desperdiça seu tempo latindo para a lua, teimava em sondar com o

olfato e a audição aquele abismo?

O engenheiro rapidamente comunicou suas impressões apenas a Gédéon Spilett, achando inútil incutir em seus companheiros as reflexões involuntárias que nasciam dentro dele, mas que talvez fossem mero capricho de Top.

Finalmente, o frio cessou. O gelo se dissolveu, a neve derreteu; a praia, o planalto, as margens da Misericórdia, a floresta, tudo voltou a ficar acessível. Esse retorno da primavera encantou os habitantes da Granite House e logo eles passaram apenas as horas de sono e refeições no interior da habitação.

Muita caça foi realizada na segunda metade de setembro, o que levou Pencroff a insistir nas armas de fogo que afirmava terem sido prometidas por Cyrus Smith. Este sabia que, sem equipamento especial, seria quase impossível fabricar uma arma que tivesse alguma utilidade, por isso sempre recuava e adiava a operação. Além disso, Harbert e Gédéon Spilett tinham se tornado hábeis arqueiros, todos os tipos de excelentes animais caiam sob suas flechas, e, por conseguinte, era possível esperar. Mas o obstinado marujo não deu ouvidos a isso e não deixaria o engenheiro descansar até que ele satisfizesse seu desejo.

– Se, como imaginamos, a ilha tem animais ferozes, devemos pensar em combatê-los e exterminá-los – Pencroff disse. – Pode chegar o momento em que essa será nossa principal preocupação.

Naquela época, porém, não era a questão de armas de fogo que preocupava Cyrus Smith, mas a de vestimentas. Eles tinham que se preocupar em encontrar peles de carnívoros ou lãs de ruminantes e, uma vez que havia uma boa oferta de carneiro montês, era conveniente pensar nos meios de criar um rebanho que serviria às necessidades da colônia. Um cercado para os animais domésticos, um galinheiro para as aves, enfim, uma espécie de granja a ser instalada em algum ponto da ilha, seriam os dois projetos importantes a serem realizados durante o verão.

Como resultado, havia uma necessidade urgente de examinar toda a parte desconhecida da ilha Lincoln, sob aquelas florestas altas que se estendiam à direita da Misericórdia. Mas era necessário esperar o tempo firmar e passou um mês até que a exploração pudesse ser realizada de forma eficaz.

Eles esperavam com certa impaciência, quando ocorreu um

incidente que reavivou o desejo dos colonos de visitar a ilha por completo.

Era 24 de outubro. Pencroff tinha ido visitar as armadilhas que mantinha preparadas. Em uma delas, encontrou três animais que seriam muito bem-vindos nas refeições. Era uma fêmea pecari com dois filhotes.

Pencroff voltou à Granite House, encantado com sua captura, e, como sempre, exibiu sua caça em grande estilo.

– Veja! Faremos uma boa refeição, senhor Cyrus! O senhor também vai apreciar, senhor Spilett!

– Estou ansioso para aproveitar, mas o que teremos?

– Leitão.

– Ah! leitão de verdade, Pencroff? Ao ouvi-lo, pensei que tivesse trazido uma perdiz trufada!

– Como? Por acaso o senhor desprezaria um leitão?

– Não – respondeu Gédéon Spilett, sem mostrar qualquer entusiasmo – e desde que não abusemos...

– Ok, senhor jornalista, está se fazendo de difícil? Há sete meses, quando aterrissamos nesta ilha, o senhor ficaria muito feliz em encontrar uma caça como esta!

– Está bem, está bem. O homem nunca é perfeito ou está satisfeito. Enfim, espero que Nab se supere. Vejam! Estes dois pequenos pecaris não têm nem três meses! Devem ser tenros como codornas!

E o marujo, seguido por Nab, foi até a cozinha e ficou absorto no trabalho culinário.

Nab e ele prepararam uma refeição magnífica, os dois pequenos pecaris, sopa de canguru, presunto fumado, amêndoas, suco de dragoeiro, chá de oswego – enfim, tudo do bom e do melhor. Os saborosos pecaris compunham o prato principal.

Às cinco horas, o jantar foi servido na sala da Granite House. A sopa de canguru fumegava sobre a mesa.

Os pecaris, cortados pelo próprio Pencroff, seguiram a sopa e foram servidos em porções monstruosas para cada um dos convivas.

Os leitões estavam realmente deliciosos, e Pencroff devorava sua parte com voracidade quando de repente um grito e uma blasfêmia escaparam.

– O que há? – perguntou Cyrus Smith.

– Há... há... que acabo de quebrar um dente!

– Ah! mas então há pedras no recheio desses seus pecaris? – zombou Gédéon Spilett.

– Parece que sim – respondeu Pencroff, tirando da boca o objeto que lhe custou um maxilar!

Não era uma pedra... Era um chumbinho.

SEGUNDA PARTE

O EXILADO

Capítulo 1

Exatos sete meses se passaram desde o dia em que os passageiros do balão foram lançados na ilha Lincoln e nenhum ser humano se mostrou a eles durante as expedições. A ilha não só parecia inabitada, como era possível imaginar que jamais tivesse sido. E agora, esse turbilhão de inferências caía por terra diante de um grão de metal encontrado no corpo de um roedor!

Quando Pencroff colocou o chumbinho sobre a mesa, seus companheiros olharam para ele espantados. Todas as consequências desse incidente tinham subitamente dominado seus pensamentos.

Cyrus Smith não hesitou em formular as primeiras hipóteses que esse fato, ao mesmo tempo surpreendente e inesperado deveria provocar.

– Você pode afirmar, Pencroff, que o pecari ferido por este chumbo tinha apenas três meses de idade?

– Apenas, senhor Cyrus. Ele ainda estava mamando na mãe quando o encontrei no fosso.

– Bem, isso prova que há no máximo três meses, um tiro foi disparado na ilha Lincoln.

– E que um chumbinho atingiu esse pequeno animal, mas não mortalmente – acrescentou Gédéon Spilett.

– Isso é indubitável – concordou Cyrus Smith – e eis as consequências que podem ser deduzidas do incidente: ou a ilha foi

habitada antes de nossa chegada, ou homens desembarcaram nela há no máximo três meses.

– Não! Mil vezes não! – bradou o marujo ao se levantar da mesa. – Não há outros homens na ilha Lincoln além de nós! Que diabos! A ilha não é grande, e se fosse habitada, já teríamos visto alguns dos seus habitantes!

– O contrário, de fato, seria surpreendente – concordou Harbert.

– Mas suponho que seja mais surpreendente – observou o repórter – que esse pecari tenha nascido com um grão de chumbo em seu corpo!

– A não ser – disse seriamente Nab – que Pencroff tenha...

– Só faltava essa, Nab! – objetou Pencroff. – Então eu teria há meses, um grão de chumbo na mandíbula, sem me dar conta! Onde é que ele estaria escondido?

– A hipótese de Nab é realmente inadmissível – considerou Cyrus Smith. – É certo que um tiro foi disparado na ilha nos últimos três meses. E estou inclinado a admitir que qualquer ser que tenha desembarcado nesta costa chegou há pouco tempo. Então, é provável que os náufragos tenham sido lançados por uma tempestade em algum ponto da costa há apenas algumas semanas, e precisamos ter certeza do que aconteceu.

– Senhor Cyrus – perguntou o marujo –, não seria apropriado, antes de procurarmos descobrir, construir uma canoa que nos permita subir o rio ou contornar a costa? Não podemos ser pegos de surpresa.

– Sua ideia é boa, Pencroff, mas não podemos esperar. Levaria pelo menos um mês para construir uma canoa...

– Uma canoa de verdade, sim – respondeu o marujo –, mas não precisamos de um barco que resista ao mar, e em cinco dias, no máximo, estou determinado a construir uma canoa capaz de navegar pela Misericórdia.

– Construir um barco em cinco dias! – exclamou Nab.

– Sim, Nab, um barco ao estilo indiano. De madeira, ou melhor, de casca. Repito, senhor Cyrus, que em cinco dias eu cumpro essa missão!

– Está bem, cinco dias! – respondeu o engenheiro.

– Mas, até lá, temos que nos proteger! – observou Harbert.

– Muito seriamente, meus amigos – respondeu Cyrus Smith –, e peço que restrinjam suas caçadas às proximidades da Granite House.

O jantar acabou menos alegremente do que Pencroff esperava. Então, a ilha era ou tinha sido habitada por outros além dos colonos.

Cyrus Smith e Gédéon Spilett discutiram longamente esse assunto antes de irem descansar. Eles se perguntaram se, por acaso, o incidente não teria alguma conexão com as circunstâncias inexplicáveis do resgate do engenheiro e outras peculiaridades estranhas que haviam surgido em diferentes ocasiões.

– Quer saber a minha opinião, meu caro Spilett?

– Sim, Cyrus.

– Bem, por mais que exploremos a ilha, não encontraremos nada!

No dia seguinte, Pencroff se pôs a trabalhar. Não era necessário construir uma grande canoa, mas um simples dispositivo flutuante que seria suficiente para a navegação na Misericórdia.

Enquanto o marujo, assistido pelo engenheiro, se ocupava com essa tarefa sem perder uma só hora, Gédéon Spilett e Harbert se tornaram os fornecedores da colônia. Muitas vezes, durante as caçadas, Harbert conversava com Gédéon Spilett sobre o incidente do grão de chumbo e sobre as consequências que o engenheiro tinha elaborado. Em 26 de outubro, ele disse:

– Senhor Spilett, não acha extraordinário que, se de fato alguns náufragos desembarcaram nesta ilha, eles ainda não tenham chegado ao entorno da Granite House?

– Isso é muito surpreendente se eles ainda estiverem por aqui, mas pouco surpreendente se já não estiverem mais!

– Então o senhor acha que essas pessoas já saíram da ilha?

– É bem provável, meu rapaz, pois se a estadia delas tivesse sido prolongada, e ainda estivessem aqui, algum incidente já teria denunciado sua presença.

– Uma coisa devemos admitir, o senhor Smith sempre pareceu temer mais do que desejar a presença de seres humanos em nossa ilha.

– Na verdade, ele acredita que apenas malaios possam frequentar estes mares e esses cavalheiros são valdevinos a quem é preferível evitar.

No dia dessa conversa, os dois caçadores estavam em uma floresta vizinha da Misericórdia, notável pela beleza de suas árvores. Lá, entre outras coisas, havia coníferas magníficas que os nativos chamam de “kauris” na Nova Zelândia e que chegam a sessenta metros de altura.

– Tenho uma ideia, senhor Spilett. Se eu subir no topo de um desses kauris, talvez possa observar a ilha num raio bastante extenso!

– É uma boa ideia, mas você consegue chegar ao topo desses

gigantes?

– Posso tentar.

O jovem, ágil e habilidoso, lançou-se sobre os primeiros ramos do kauri e em poucos minutos chegou ao topo, que emergia sobre a imensa planície verde formada pelos ramos arredondados da floresta.

Daquela altura, a visão podia se estender por toda a porção meridional da ilha que compreendia um quarto do horizonte.

Do topo de seu observatório, Harbert pôde ver a parte ainda desconhecida da ilha que teria dado ou dava refúgio aos estrangeiros de cuja presença eles suspeitavam.

No mar, nada à vista. Nenhuma vela, nem no horizonte, nem nos aportamentos da ilha. No entanto, como o maciço de árvores escondia o litoral, era possível que um navio tivesse se aproximado muito da costa e, consequentemente, estivesse invisível para Harbert.

Mas, se algum sinal de acampamento escapava a Harbert, ele não poderia ao menos reconhecer no ar alguma fumaça que indicasse a presença humana? Por um momento, ele pensou ter visto uma fumaça surgir no oeste, mas uma observação mais cuidadosa mostrou-lhe que estava enganado. Ele olhou com extremo cuidado e, certamente, não havia nada lá.

Harbert desceu do kauri, e ambos voltaram para a Granite House. Lá, Cyrus Smith ouviu o relato do rapaz, mas não disse nada. Era óbvio que uma conclusão só seria possível depois da exploração completa da ilha.

Capítulo 2

Em 29 de outubro, a canoa ficou pronta. Pencroff cumpriu sua promessa, e uma espécie de piroga foi construída em cinco dias. Um banco na parte de trás, outro no meio, para equilibrar o espaço, um terceiro na frente, um alcatrate para apoiar os dois remos e uma ginga como direção completavam a embarcação de quatro metros de comprimento, que não chegava a pesar cem quilos.

A operação de lançamento foi bem simples. A canoa leve foi levada até a areia, na beira da praia, em frente à Granite House e a maré cheia se encarregou de deslocá-la. Pencroff manobrou a ginga e pôde constatar que ela se adequava perfeitamente ao uso a que se destinava.

– Hurra! – bradou o marujo, que não economizou na comemoração de seu próprio triunfo. – Com isso, podemos dar a volta...

– Ao mundo? – perguntou Gédéon Spilett.

– Não, à ilha. Alguns seixos como lastro, um mastro na proa, um pedaço de vela que o senhor Smith fará um dia e vamos longe! Muito bem! Senhor Cyrus, Spilett, Harbert e Nab, vocês não vão testar nossa nova embarcação? Precisamos verificar se ela aguenta nós cinco!

Ao embarcar, Nab declarou:

– Tem muita água dentro do seu barco, Pencroff!

– Não faz mal, Nab. A madeira tem de ser impermeabilizada! Daqui a dois dias, isso estará resolvido e nossa canoa terá menos água em

seu interior do que há no ventre de um beberrão. Subam!

Eles embarcaram, e Pencroff iniciou a viagem. Nab tomou um dos remos e Harbert o outro, e Pencroff permaneceu na popa do barco, direcionando a ginga.

O marujo atravessou o canal e passou rente à ponta sul da ilhota. Algumas ondulações inchavam a superfície do mar. Eles se distanciaram cerca de oitocentos metros da costa para que pudessem ver toda a extensão do monte Franklin.

Então Pencroff, virando de bordo, voltou para a foz do rio. A canoa seguiu o curso, que se arredondava até a extrema ponta e escondia a planície pantanosa das Tadornas. Os colonos resolveram ir até sua extremidade e ultrapassar apenas o necessário para ter um rápido vislumbre da costa até o cabo da Garra.

A canoa seguiu pelo litoral a uma distância de no máximo duzentos metros, evitando os escolhos. A muralha começava a diminuir da foz do rio até a ponta. Era um amontoado de granitos, caprichosamente distribuídos, muito diferentes da cortina formada pelo planalto da Grande-Vista e de aparência selvagem.

A canoa, guiada pelos dois remos, avançava sem dificuldade. Gédéon Spilett, o lápis numa mão e o caderno na outra, desenhava a costa com grandes traços. Nab, Pencroff e Harbert conversavam enquanto examinavam essa parte da propriedade que era nova para eles. Cyrus Smith não falava, apenas observava e, pela desconfiança expressa por seu olhar, parecia observar uma terra estranha.

Após quase uma hora de navegação, a canoa chegou à extremidade da ponta, e Pencroff se preparava para ultrapassá-la quando Harbert, levantando-se, mostrou um ponto negro e disse:

– O que é aquilo que estou vendo na praia?

Todos os olhares foram direcionados ao ponto indicado.

– De fato – disse o repórter –, há alguma coisa ali. Parece um náufrago meio afundado na areia.

– Ah! – exclamou Pencroff – Eu sei o que é!

– O quê? – perguntou Nab.

– Barris, e eles podem estar cheios! – respondeu o marujo.

– Para a costa, Pencroff! – ordenou Cyrus Smith.

Com algumas braçadas do remo, a canoa aterrissou no fundo de uma pequena enseada, e os passageiros pularam na praia.

Pencroff estava certo. Havia dois barris meio afundados na areia,

mas ainda firmemente presos a uma grande caixa que, sustentada por eles, tinha flutuado até encalhar na costa.

– O que será que tem na caixa? – questionou Pencroff com uma impaciência natural. – Está trancada e não temos nada para quebrar a tampa! Bem, vamos abrir a pedradas então...

E o marujo, levantando um bloco pesado, ia bater em uma das paredes da caixa quando o engenheiro o impediu:

– Pencroff, você pode moderar sua impaciência por apenas uma hora?

– Mas, senhor Cyrus, pense! Talvez haja algo aí dentro de que com certeza precisamos!

– Nós descobriremos, Pencroff, mas acredite em mim, não quebre esta caixa, ela pode nos ser útil. Vamos transportá-la até a Granite House, onde poderemos abri-la mais facilmente, sem quebrá-la. Ela já está pronta para a viagem, e, tendo flutuado até aqui, ainda flutuará bem até a foz do rio.

– Tem razão, senhor Cyrus, mas nem sempre é possível manter o controle!

O engenheiro tinha mesmo razão. De fato, a canoa não poderia carregar os objetos que a caixa provavelmente continha, e que deviam ser pesados, uma vez que tinha sido necessário "aliviar" seu peso com dois barris vazios. Então, era melhor rebocá-la até a costa da Granite House.

E agora, de onde vinha aquele náufrago? Cyrus Smith e seus companheiros olharam atentamente em torno e percorreram algumas centenas de passos da costa. Não havia outros destroços. Harbert e Nab subiram numa rocha alta, mas o horizonte estava deserto.

No entanto, não havia dúvida sobre haver um naufrágio. Talvez esse incidente tivesse relação com o do chumbinho? Talvez os estrangeiros tivessem aterrado em outra parte da ilha? A reflexão natural dos colonos era de que esses estrangeiros não podiam ser piratas malaios, pois os destroços tinham origem americana ou europeia.

Todos se aproximaram da caixa. Ela era feita de madeira de carvalho, estava cuidadosamente fechada e coberta com uma pele espessa presa com pregos de cobre. Os dois grandes barris, hermeticamente selados, pareciam vazios pelo barulho e estavam amarrados aos flancos por meio de cordas fortes, atadas com nós. Ela

parecia estar em perfeito estado de conservação, o que podia ser explicado pelo fato de que tinha ido parar em uma praia de areia e não em recifes. Também era possível afirmar que sua estadia no mar não tinha sido longa. A água não parecia ter penetrado em seu interior, e os objetos que ela continha deviam estar intactos.

Era evidente que aquela caixa tinha sido lançada de um navio desamparado que seguia na direção da ilha, e que, na esperança de que ela chegasse até a costa, onde poderia ser encontrada mais tarde, os passageiros tinham tomado a precaução de deixá-la mais leve com um aparelho flutuante.

– Vamos rebocar a caixa até a Granite House – disse o engenheiro – e lá faremos um inventário; se encontrarmos na ilha algum sobrevivente do suposto naufrágio, devolveremos a ele o que lhe pertence. Se não encontrarmos ninguém...

– Ficamos com a caixa! – exclamou Pencroff. – Mas, por Deus, o que pode haver aí dentro!

Uma hora e meia após a sua partida, a canoa atracou na costa em frente à Granite House.

Barco e destroços foram rebocados sobre a areia, e como o mar já estava recuando, eles logo se secaram. Nab foi buscar ferramentas para abrir a caixa sem deteriorá-la muito, e o inventário foi realizado. Pencroff não escondeu sua comoção. Eles forçaram as fechaduras com um grampo e a tampa logo se abriu.

Uma segunda camada de zinco revestia o interior da caixa, visivelmente disposta de modo que os objetos nela contidos ficassem absolutamente protegidos da umidade.

– Ah! – fez Nab. – Será que tem comida enlatada aí dentro?

– Espero que não – respondeu o repórter.

– Se ao menos houvesse... – disse o marujo em voz baixa.

– O quê? – perguntou Nab, que tinha ouvido o marujo cochichar.

– Nada!

A tela de zinco foi recortada na largura, depois dobrada nas laterais da caixa, gradualmente vários objetos de natureza muito diferente foram extraídos e depositados na areia. A cada novo objeto, Pencroff soltava novos hurras, Harbert batia palmas e Nab dançava. Havia ali livros que deixaram Harbert louco de alegria e utensílios de cozinha que Nab cobriu de beijos!

Além disso, os colonos tinham razões de estar extremamente

satisfeitos, pois a caixa continha ferramentas, armas, instrumentos, roupas e livros. Eis a lista exata, como foi anotada na caderneta de Gédéon Spilett:

Ferramentas:

3 facas com diferentes lâminas

2 machados de lenhador

2 machados de carpinteiro

3 plainas

2 enxós

1 bisegre

6 tesouras temperadas a frio

2 limas

3 martelos

3 verrumas

2 trados

10 sacos de pregos e parafusos

3 serras de diferentes tamanhos

2 caixas de agulhas

Armas:

2 espingardas de pederneira

2 fuzis de cápsula

2 carabinas de estopim central

5 cutelos

4 sabres de abordagem

2 barris de pólvora de dez quilos

12 caixas de fulminantes

Instrumentos:

1 sextante

1 binóculo

1 luneta

1 bússola

1 bússola de bolso

1 termômetro

1 barômetro aneroide

1 caixa contendo uma câmera fotográfica, lente, chapas, produtos químicos, etc.

Vestimentas:

2 dúzias de camisas de um tecido que parecia lã, mas cuja origem

era vegetal

3 dúzias de meias do mesmo tecido

Utensílios:

1 chaleira de ferro

6 panelas de cobre estanhado.

3 pratos de ferro

10 talheres de alumínio

2 chaleiras de alumínio

1 fogão portátil

6 facas de mesa

Livros:

1 Bíblia contendo o Antigo e o Novo Testamento

1 atlas

1 dicionário de idiomas polinésios

1 dicionário de ciências naturais

3 resmas de papel branco

2 livros de registros com páginas em branco

– Precisamos admitir – disse o repórter depois que o inventário foi concluído – que o proprietário dessa caixa era um homem prático! Ferramentas, armas, instrumentos, roupas, utensílios, livros, não falta nada!

– De fato, não falta nada – murmurou Cyrus Smith, pensativo.

– E, com certeza – acrescentou Harbert –, nem a embarcação que carregava esta caixa nem seu proprietário eram piratas malaios!

– A menos que esse proprietário tenha sido feito prisioneiro por piratas – disse Pencroff.

– Isso é inaceitável – respondeu o repórter. – É mais provável que um navio americano ou europeu tenha sido arrastado para esta região, e que os passageiros, desejando salvar o que era necessário, prepararam esta caixa e a lançaram ao mar.

– Sim – concordou o engenheiro –, pode ter acontecido isso mesmo. É possível que, prevendo um naufrágio, diversos objetos de primeira necessidade tenham sido reunidos nesta caixa para que fosse possível recuperá-los depois em algum lugar da costa.

– Inclusive uma câmera fotográfica! – observou o marujo com um ar bastante incrédulo.

– Quanto a isso – respondeu Cyrus Smith –, teria sido melhor ter um conjunto mais completo de roupas ou munição mais abundante!

– Mas não há nestes instrumentos, nestas ferramentas, nestes livros, qualquer indício que nos permita reconhecer sua procedência? – perguntou Gédéon Spilett.

Era preciso verificar. Cada objeto foi cuidadosamente examinado, principalmente os livros, os instrumentos e as armas. Mas nada tinha a marca do fabricante; tudo estava em perfeito estado e não parecia já ter sido utilizado. O mesmo com as ferramentas e utensílios, o que provava que esses objetos não tinham sido escolhidos aleatoriamente para serem colocados na caixa, pelo contrário, a seleção desses objetos tinha sido bem pensada e organizada.

Os dicionários de ciências naturais e idiomas polinésios eram ingleses, mas não tinham nome de editor ou data de publicação. O mesmo para a Bíblia, impressa em inglês, em um *in-quarto* notável do ponto de vista tipográfico e que parecia ter sido folheada diversas vezes.

O atlas era uma obra magnífica que continha os mapas de todo o mundo e vários planisférios elaborados de acordo com a projeção de Mercator, cuja nomenclatura estava em francês, mas também não tinha data de publicação nem nome de editor.

Não havia, portanto, qualquer indício da origem dos diferentes objetos que fizesse supor a nacionalidade do navio que tinha passado recentemente por ali. Mas de onde quer que tivesse vindo, aquela caixa enriqueceu os colonos da ilha Lincoln. Até então, ao transformar os produtos da natureza, tinham criado tudo por si mesmos e graças à sua inteligência, tinham se saído muito bem. Mas não parecia que a Providência desejava recompensá-los, enviando-lhes esses vários produtos da indústria humana? Seus agradecimentos foram unanimemente direcionados aos céus.

No entanto, um deles não estava totalmente satisfeito. Era Pencroff. Parece que a caixa não continha algo que ele tanto desejava e conforme os objetos era retirados dela, seus hurras diminuíam de intensidade. Quando o inventário terminou, ouviram-no murmurar:

– Tudo isso é bom e bonito, mas não há nada para mim nessa caixa!

– Ora! Amigo Pencroff, o que você esperava? – perguntou Nab.

– Alguns gramas de tabaco e nada mais me faltaria!

O conteúdo daquela caixa demonstrava que era urgente explorar a ilha em toda sua extensão. Então, ficou acordado que no dia seguinte eles partiriam logo cedo, subindo a Misericórdia a fim de chegar à

costa oeste. Se alguns náufragos tinham desembarcado num ponto da costa, era possível que não tivessem recursos e era necessário ajudá-los sem demora.

Durante esse dia, 29 de outubro, os vários objetos foram transportados para a Granite House e organizados metodicamente no salão principal. Antes de ir para a cama, Harbert perguntou ao engenheiro se ele não poderia ler a todos alguma passagem do evangelho.

– Com prazer – respondeu Cyrus Smith.

Ele pegou o livro sagrado e estava prestes a abri-lo quando Pencroff o interrompeu:

– Senhor Cyrus, eu sou supersticioso. Abra ao acaso e leia o primeiro versículo que seus olhos encontrarem. Vamos ver se ele se aplica à nossa situação.

Cyrus Smith sorriu com o pedido do marujo, e, rendendo-se, abriu o evangelho em um lugar onde um marcador de livros separava as páginas.

De repente, seus olhos foram atraídos por uma cruz vermelha que, feita a lápis, estava diante do versículo 8 do Capítulo VII do Evangelho de São Mateus.

E ele leu este versículo:

Quem pede recebe, e quem procura, encontra.

Capítulo 3

No dia seguinte, 30 de outubro, tudo estava pronto para a exploração planejada. As circunstâncias tinham mudado de tal maneira que os colonos da ilha Lincoln imaginavam que não estavam mais em condição de pedir ajuda, mas de ir ao socorro de quem precisasse.

As provisões, já embarcadas por Nab, consistiam em carne enlatada e alguns litros de cerveja e licor fermentado, ou seja, o suficiente para se sustentarem por até três dias. Ademais, eles esperavam conseguir se reabastecer no caminho, e Nab tratou de levar consigo o pequeno fogão portátil.

Quanto às ferramentas, os colonos levaram os dois machados de lenhador, úteis para criar uma passagem na floresta espessa, e os instrumentos escolhidos foram o binóculo e a bússola de bolso. As armas foram duas espingardas de pederneira. Uma das carabinas e alguns cartuchos também foram levados. Quanto à pólvora, cujos barris continham cerca de vinte e dois quilos, foi necessário transportar certa quantidade, mas o engenheiro pretendia fabricar uma substância explosiva que permitisse utilizá-la com moderação. Os cinco cutelos foram adicionados às armas e nessas condições os colonos poderiam se aventurar na vasta floresta com alguma chance de sucesso.

Às seis da manhã, a canoa foi arrastada para o mar. Todos

embarcaram, incluindo Top, e se dirigiram à embocadura da Misericórdia.

O fluxo já estava forte, pois a lua cheia chegaria em três dias, e a canoa, que só precisou ser mantida na direção da corrente, fluiu rapidamente entre as duas margens.

Em poucos minutos, os exploradores chegaram à curva formada pela Misericórdia. O aspecto das margens da Misericórdia era magnífico. Cyrus Smith e seus companheiros só faziam admirar os belos efeitos que a natureza tão facilmente consegue com água e árvores.

De tempos em tempos, a canoa parava em lugares onde era mais fácil aportar. Então, Gédéon Spilett, Harbert e Pencroff, precedidos por Top, empunhavam suas armas e exploravam as margens. Além das caças, era possível encontrar plantas úteis que não deveriam ser ignoradas, e o jovem naturalista foi generosamente servido, pois descobriu uma espécie de espinafre selvagem e amostras pertencentes ao gênero da couve que seria certamente possível "civilizar" se transportadas.

– Você sabe que planta é essa? – Harbert perguntou ao marujo.

– Tabaco! – exclamou Pencroff, que nunca tinha visto sua planta favorita antes, exceto no fornilho de seu cachimbo.

– Não, Pencroff! É mostarda.

– Que seja mostarda! – respondeu o marujo –, mas se por acaso uma planta de tabaco aparecer, meu rapaz, não a menospreze.

– Vamos encontrar algum dia! – afirmou Gédéon Spilett.

– Certo! E nesse dia, já não sei mais o que poderá faltar à nossa ilha!

O repórter, Harbert e Pencroff desembarcaram várias vezes, tanto na margem direita da Misericórdia como na esquerda. Consultando sua bússola de bolso, o engenheiro reconheceu que a direção do rio, depois da primeira curva, era do sudoeste ao nordeste. Mas supunha-se que essa direção se modificava mais adiante, e que a Misericórdia iria para o noroeste, rumo ao sopé do monte Franklin, que devia se alimentar de suas águas.

Durante uma das excursões, Gédéon Spilett conseguiu capturar dois pares de galináceos vivos. Harbert os chamou de "inambus" e foi decidido que eles seriam os primeiros hóspedes do futuro galinheiro.

Até então as armas não tinham agido, e o primeiro som ouvido

naquela floresta do Extremo Oeste foi provocado pelo surgimento de um belo pássaro anatomicamente semelhante a um pica-peixe.

– Um jacamar! – exclamou Harbert.

Era com certeza um jacamar. Alguns grãos de chumbo o deitaram ao chão, e Top o levou até a canoa, junto com uma dúzia de “turacos--loricos”. O jovem recebeu o mérito pelo belo tiro e ficou muito orgulhoso de si mesmo.

Eram dez da manhã quando a canoa chegou a uma segunda curva da Misericórdia, a cerca de oito quilômetros de sua embocadura. Fizeram uma parada de meia hora para o almoço, ao abrigo de grandes e belas árvores.

O engenheiro observou que muitos afluentes do rio aumentavam o curso, mas eram somente riachos inavegáveis. A floresta se estendia a perder de vista. Em nenhum lugar, nem sob os mais altos bosques, nem sob as árvores às margens da Misericórdia, foi detectada a presença do homem, e era óbvio que um machado de lenhador nunca tinha cortado aquelas árvores, que a faca de um desbravador nunca tinha cortado as lianas esticadas de um tronco a outro. Se náufragos haviam desembarcado na ilha, eles ainda não haviam deixado a costa e não era sob aquela espessa cobertura que deviam procurar pelos sobreviventes do suposto naufrágio.

O engenheiro manifestava certa pressa de chegar à costa oeste da ilha Lincoln. A navegação foi retomada, e foi decidido que a canoa seria usada enquanto houvesse água suficiente sob sua quilha para flutuar.

Mas logo o fluxo foi completamente interrompido, ou porque a maré estava baixando, ou porque não era mais possível senti-la a tal distância da embocadura da Misericórdia. Então foi necessário armar os remos.

Parecia que a floresta tendia a limpar para os lados do Extremo Oeste. As árvores estavam menos comprimidas e muitas vezes isoladas, e eram belíssimas.

– Eucaliptos! – exclamou Harbert.

– Isso, sim, são árvores! – exclamou Nab –, mas elas servem para alguma coisa?

– *Pfff*! – desdenhou Pencroff. – Devem ser plantas gigantes como gigantes humanos. Só têm a função de se exibir nas feiras!

– É aí que você se engana, Pencroff – disse o engenheiro –, pois

esses eucaliptos gigantescos que nos abrigam são bons para alguma coisa.

– E para quê?

– Para limpar o país onde vivem. Sabe como são chamadas na Austrália e na Nova Zelândia?

– Não, senhor Cyrus.

– Elas são chamadas de “árvores-da-febre”.

– Por que causam febre?

– Não, porque a impedem!

– Bem. Vou anotar isso – disse o repórter.

– Anote, meu caro Spilett, parece provado que a presença de eucaliptos é suficiente para neutralizar os miasmas da malária.

– Ah! que ilha abençoada! – exclamou Pencroff. – Estou dizendo, não falta nada aqui... a não ser...

– Isso virá, Pencroff, será encontrado – respondeu o engenheiro –; mas vamos retomar nossa navegação e remar até onde o rio levar nossa canoa!

A exploração continuou por pelo menos três quilômetros no meio de uma região coberta por eucaliptos. O leito do rio era frequentemente obstruído por uma alta vegetação e por rochas pontiagudas que tornavam a navegação bastante árdua. O manejo dos remos foi obstruído, e Pencroff teve que empurrar com uma vara. O rio ficava cada vez mais raso e logo chegaria o momento em que a canoa teria que parar por falta de água. Cyrus Smith, vendo que não poderia chegar à costa oeste da ilha naquele dia, decidiu que acampariam no lugar onde, por falta de água, a navegação inevitavelmente pararia.

A embarcação navegou implacavelmente através da floresta, que aos poucos se tornava mais espessa e parecia também mais habitada, pois, se os olhos do marujo não o enganavam, avistou bandos de macacos correndo sob os bosques. Teria sido fácil abater esses quadrúmanos a tiros, mas Cyrus Smith se opôs ao inútil massacre que atentava Pencroff. Essa foi uma decisão prudente, porque esses macacos, vigorosos e dotados de extrema agilidade, podiam ser terríveis e era melhor não provocá-los com uma agressão inoportuna.

Por volta das quatro horas, a navegação na Misericórdia tornou-se difícil, pois seu curso foi obstruído por plantas aquáticas e rochas.

– Em menos de quinze, seremos forçados a parar, senhor Cyrus –

disse o marujo.

– Então pararemos, Pencroff, e vamos organizar um acampamento para passar a noite.

– A que distância será que estamos da Granite House? – interrogou Harbert.

– Cerca de onze quilômetros – respondeu o engenheiro –, considerando os desvios do rio, que nos levaram para o noroeste.

– Continuamos em frente? – perguntou o repórter.

– Sim, pelo tempo que pudermos – respondeu Cyrus Smith. – Amanhã abandonaremos a canoa, atravessaremos a distância que nos separa da costa e exploraremos o litoral.

– Em frente! – respondeu Pencroff.

Mas logo a canoa raspou o fundo pedregoso do rio, que não tinha mais de seis metros de largura. Havia o forte barulho de uma cachoeira, que indicava a presença de uma barragem natural.

De fato, depois de um último desvio do rio, uma cascata surgiu através das árvores. A canoa atingiu o fundo do leito e alguns momentos depois foi amarrada a um tronco perto da margem direita.

Eram cerca de cinco da tarde. Os vários rios que afluíam ao longo do curso da Misericórdia formavam um verdadeiro rio mais adiante. Os colonos desembarcaram e fizeram uma fogueira sob um ramo de grandes lódãos, entre os galhos em que Cyrus Smith e seus companheiros encontraram um refúgio para a noite.

A ceia foi rapidamente devorada, pois eles tinham fome, e logo adormeceram. Mas alguns rugidos suspeitos da natureza foram ouvidos ao cair da noite e o fogo foi alimentado de modo a proteger os adormecidos com suas chamas flamejantes. Nab e Pencroff se revezaram para vigiar e alimentar o combustível. Talvez tivessem razão quando pensaram ter visto sombras de animais vagando ao redor do acampamento, sob os bosques e as ramagens; mas a noite transcorreu sem qualquer incidente, e no dia seguinte, 31 de outubro, às cinco da manhã, todos estavam em pé, prontos para partir.

Capítulo 4

Às seis da manhã, após uma rápida refeição, os colonos, seguiram caminhada com a intenção de chegar à costa ocidental da ilha pelo caminho mais curto. Essa parte do Extremo Oeste parecia coberta de madeira, como seria um imenso bosque composto de essências variadas. Era, portanto, provável que tivessem que abrir caminho através da grama, das sarças e dos cipós e andar com o machado em mãos.

Partiram depois de amarrar cuidadosamente a canoa. Pencroff e Nab tinham provisões suficientes para sustentar a pequena tropa por pelo menos dois dias.

A floresta era composta por árvores que já tinham sido identificadas nas proximidades do lago e do planalto da Grande-Vista: cedros-deodara, douglas, casuarinas, gomíferos, eucaliptos, dragoeiros, hibiscos e outras essências. Os colonos avançaram lentamente ao longo da estrada que trilhavam à medida que caminhavam e que mais tarde se conectaria com a do córrego Vermelho, segundo a previsão do engenheiro.

Durante as primeiras horas da excursão, voltaram a ver macacos que pareciam demonstrar grande espanto ao avistarem aqueles homens cuja aparência era nova para eles. Avistaram também javalis, cotias, cangurus e outros roedores, além de dois ou três coalas.

Às nove e meia, a estrada que seguia na direção sudoeste foi

subitamente bloqueada por um desconhecido curso d'água de nove ou dez metros de largura, cujo curso rápido, decorrente da inclinação de seu leito e entrecortado por numerosas rochas, seguia emitindo ruidosos estrondos. O riacho era profundo e límpido, mas absolutamente inavegável.

– Estamos encurralados! – exclamou Nab.

– Não – respondeu Harbert –, é apenas um riacho e podemos atravessá-lo nadando.

– Mas para quê? – respondeu Cyrus Smith. – É óbvio que este riacho corre para o mar. Vamos seguir pela margem esquerda e ficarei surpreso se o curso não nos levar diretamente até a costa. Vamos!

– Um momento – disse o repórter. – E o nome deste córrego, meus amigos? Não deixemos nossa geografia incompleta.

– Certo! – disse Pencroff.

– Dê-lhe um nome, meu jovem – disse o engenheiro, dirigindo-se ao rapaz.

– Não é melhor esperar até o conhecermos por completo?

– Pode ser – respondeu Cyrus Smith. – Então, vamos continuar.

– Uma pergunta! Se a caça está proibida, a pesca é permitida, suponho.

– Não temos tempo a perder – respondeu o engenheiro.

– Oh! cinco minutos! Só peço cinco minutos a favor do nosso almoço!

E Pencroff, deitando na margem, mergulhou os braços na água corrente e logo fez saltar dúzias de lagostins que pululavam entre as rochas.

– Isso vai ser bom! – festejou Nab, indo acudir o marujo.

– Quando eu digo que, à exceção do tabaco, há tudo nesta ilha! – murmurou Pencroff com um suspiro.

Eles encheram um saco com esses crustáceos e prosseguiram com a caminhada.

Ao seguir pela margem do novo curso d'água, os colonos caminhavam com mais facilidade e rapidez. Essas margens, aliás, não tinham qualquer marca humana. Não foi nessa parte do Extremo Oeste que os pecaris receberam o grão de chumbo que quase custou o maxilar a Pencroff.

No entanto, considerando a rápida corrente que corria para o mar, Cyrus Smith começou a supor que eles estavam muito mais longe da

costa oeste do que supunham. O engenheiro ficou muito surpreso e consultou diversas vezes sua bússola a fim de se assegurar de que nenhuma curva do rio os levasse para o interior do Extremo Oeste.

Às dez e meia, para grande surpresa de Cyrus Smith, Harbert, que tinha ido um pouco mais longe, de repente parou e exclamou:

– O mar!

Alguns instantes depois, os colonos pararam na borda da floresta e viram a costa ocidental da ilha se estender diante dos seus olhos.

Eles estavam agora na chanfradura de uma pequena calheta sem importância, que não poderia abrigar nem dois ou três barcos de pesca e que servia como gargalo para o novo riacho; mas, curiosamente, suas águas, em vez de seguirem para o mar por uma embocadura de suave inclinação, caíam de uma altura de mais de doze metros. Assim, deram a esse curso d'água o nome de rio da Cachoeira.

Era pela península Serpentina que a exploração devia continuar, pois esta parte da costa oferecia refúgios que a outra, árida e selvagem, obviamente seria recusada por quaisquer náufragos.

O tempo estava aberto e bonito, e do topo de uma falésia, sobre a qual Nab e Pencroff preparavam o almoço, seu olhar estava distante. O horizonte estava perfeitamente nítido, e não havia nenhuma vela ao mar. Mas o engenheiro não se daria por satisfeito a esse respeito antes de ter explorado a costa até a extremidade da península Serpentina.

O almoço foi preparado rapidamente, e às onze e meia Cyrus Smith fez sinal para partirem. Em vez de seguirem pela orla de uma falésia, os colonos tiveram de seguir sob os dosséis das árvores, de modo a acompanhar o litoral.

A distância entre a foz do rio da Cachoeira e o promontório do Réptil era de cerca de vinte quilômetros. Em quatro horas, sobre uma areia fácil de caminhar, e sem pressa, os colonos poderiam atravessar essa distância, mas levaram o dobro do tempo, pois precisavam contornar árvores, cortar sarças, romper cipós e os múltiplos desvios prolongavam singularmente o trajeto.

Além disso, não havia nada que indicasse um recente naufrágio pela costa. É verdade, como Gédéon Spilett observou, que o mar poderia ter arrastado tudo consigo, e que não era possível concluir, pelo fato de nenhum vestígio ter sido encontrado, que um navio não tinha sido lançado na costa naquela parte da ilha Lincoln.

Já eram cinco horas, e a extremidade da península Serpentina

ainda estava a três quilômetros do lugar ocupado pelos colonos. Era óbvio que depois de ter alcançado o promontório do Réptil, Cyrus Smith e seus companheiros não conseguiriam retornar ao acampamento antes do pôr do sol. Daí a necessidade de passar a noite no próprio promontório.

Por volta das sete da noite, os colonos, extenuados, chegaram ao promontório do Réptil. Ali terminava a floresta ribeirinha da península, e o litoral retomava o aspecto usual de uma costa, com rochas, recifes e praias. A noite se aproximava, e a exploração teve que ser adiada para o dia seguinte.

Pencroff e Harbert procuraram um lugar adequado para montar um acampamento. As últimas árvores da floresta do Extremo Oeste acabavam naquele ponto.

Harbert e o marujo não tiveram que procurar por muito tempo por um lugar adequado para passar a noite. As rochas da costa tinham cavidades que lhes permitiriam dormir longe das intempéries. Mas quando eles estavam prestes a entrar numa dessas escavações, foram parados por fortes rugidos.

– Para trás! – exclamou Pencroff. – Não temos nada a não ser chumbo em nossas armas, e animais que rugem dessa forma o temeriam tanto quanto a um grão de sal!

E o marujo, agarrando Harbert pelo braço, arrastou-o para longe das rochas quando um animal magnífico apareceu na entrada da caverna.

Era um jaguar que media mais de um metro e meio da ponta da cabeça até a ponta da cauda. Harbert reconheceu o feroz rival do tigre, muito mais perigoso do que o puma, que é apenas o rival do lobo!

O jaguar avançou, olhou a sua volta com os pelos eriçados, olhar em chamas, como se não fosse a primeira vez que sentia a presença humana.

Nesse momento, o repórter contornava as rochas, e Harbert, imaginando que ele ainda não tinha visto o jaguar, ia correr até ele, mas Gédéon Spilett acenou com a mão e continuou a caminhar. Aquele não era o primeiro tigre que ele enfrentava, e, avançando dez passos na direção do animal, permaneceu imóvel sem que qualquer um de seus músculos tremesse.

O jaguar, contraído, saltou sobre o caçador, mas no meio do salto,

uma bala o atingiu entre os olhos e ele caiu morto.

Harbert e Pencroff correram na direção do animal. Nab e Cyrus Smith também, e todos permaneceram alguns momentos a contemplar o animal, cuja pele magnífica enfeitaria o salão principal da Granite House.

– E agora – disse Gédéon Spilett –, uma vez que este jaguar deixou seu covil, não vejo razão para não ocupá-lo esta noite.

– Mas pode haver outros! – disse Pencroff.

– Basta acender uma fogueira na entrada da caverna – disse o repórter – e eles não vão se aventurar a atravessar o limiar.

– Para a casa do jaguar, então! – respondeu o marujo, puxando o cadáver do animal atrás dele.

Os colonos foram para o covil abandonado, e lá, enquanto Nab pelava o jaguar, seus companheiros empilhavam no limiar uma grande quantidade de madeira seca, que a floresta fornecia em abundância.

Isso feito, eles se estabeleceram na caverna, cuja areia estava coberta com ossos; as armas foram carregadas, caso fosse necessário se defender de um ataque repentino. Quando chegou o momento de descanso, atearam fogo na madeira empilhada na entrada da caverna.

Imediatamente, um verdadeiro estralar de fogos irrompeu no ar! Somente esse crepitar já seria suficiente para espantar até as bestas mais audaciosas!

Capítulo 5

Cyrus Smith e seus companheiros dormiram como inocentes marmotas na caverna que o jaguar tinha deixado tão gentilmente à disposição deles.

Ao nascer do sol, todos foram até a margem e seus olhos se dirigiam para o horizonte, visível em dois terços de sua circunferência. Uma última vez, o engenheiro pôde ver que nenhuma vela ou carcaça de navio apareceu no mar, e o vasto horizonte não revelava pontos suspeitos.

Restava então explorar a costa sul da ilha. Será que eles iniciariam imediatamente essa exploração e dedicariam o dia 2 de novembro a ela?

Isso não fazia parte do projeto original. Quando a canoa foi deixada perto das fontes da Misericórdia, o acordo era que, depois de observar a costa oeste, eles voltariam para buscá-la e regressariam à Granite House pela rota da Misericórdia.

Foi Gédéon Spilett quem propôs continuar a exploração e perguntou quão longe o cabo da Garra poderia estar da extremidade da península.

– A cerca de cinquenta quilômetros – respondeu o engenheiro –, se levarmos em conta as curvaturas da costa.

– Cinquenta quilômetros! – exclamou Gédéon Spilett. – Vai ser um longo dia de caminhada. Acho que devemos voltar para a Granite

House seguindo pela costa sul.

– Mas – observou Harbert –, do cabo da Garra até a Granite House, ainda temos ao menos quinze quilômetros para percorrer.

– Vamos considerar uns sessenta e cinco quilômetros no total – respondeu o repórter. – Pelo menos poderemos observar a costa desconhecida, e não teremos de começar a explorar outra vez.

– É verdade – concordou Pencroff. – Mas e a canoa?

– A canoa foi deixada sozinha por um dia nas fontes da Misericórdia – respondeu Gédéon Spilett – e pode muito bem ficar lá por dois dias!

– Mas... – disse Nab.

Nab tinha algo a dizer, mas abriu a boca para falar e não falou.

– O que você quer acrescentar, Nab? – perguntou o engenheiro.

– Se voltarmos pela costa até o cabo da Garra – respondeu Nab –, depois de passar esse cabo, ficaremos encurralados...

– Pela Misericórdia, sim! – respondeu Harbert. – E não teremos uma ponte ou um barco para atravessá-la!

– Bem, senhor Cyrus – respondeu Pencroff –, com alguns troncos flutuantes, não teremos dificuldades para atravessar esse rio!

– Ainda assim – disse Gédéon Spilett –, será útil construir uma ponte se quisermos ter acesso fácil ao Extremo Oeste!

– Uma ponte! – exclamou Pencroff! – Mas o senhor Smith é engenheiro e fará uma ponte quando quisermos uma! Quanto a transportá-los esta noite para o outro lado da Misericórdia sem molhar suas roupas, eu cuido disso. Vamos!

A proposta do repórter, fortemente apoiada pelo marujo, obteve aprovação geral, porque todos queriam acabar com suas dúvidas, e se chegassem ao cabo da Garra, a exploração estaria completa.

Às seis da manhã, o pequeno grupo partiu. A partir da extremidade do promontório, a costa se arredondava em uma distância de oito quilômetros, que foram rapidamente atravessados sem que as investigações mais cuidadosas encontrassem qualquer vestígio de um aportamento, recente ou antigo.

Os colonos chegaram ao ângulo onde a curvatura terminava para seguir a direção nordeste, formando a baía de Washington e puderam ver toda a extensão da costa sul da ilha.

– Um navio que chegasse até aqui – disse Pencroff – estaria inevitavelmente perdido. Bancos de areia que se estendem pela costa,

e mais longe, escolhos! Paragem inóspita!

– Mas pelo menos restaria algo desse navio – disse o repórter.

– Haveria pedaços de madeira nos recifes e nada na areia – respondeu o marujo.

– Por quê?

– Porque essas areias, ainda mais perigosas que as rochas, engolem tudo o que flui para elas, e alguns dias são suficientes para que o casco de um navio de várias centenas de toneladas desapareça completamente!

– Então – perguntou o engenheiro –, se um navio se perdesse nesses bancos de areia, não seria estranho não haver nenhum indício dele agora?

– Não, senhor Smith, com a ajuda do tempo ou da tempestade.

– Vamos continuar nossa busca – respondeu Cyrus Smith.

À uma da tarde, os colonos chegaram ao fundo da baía de Washington e nessa altura já tinham atravessado uma distância de pouco mais de trinta quilômetros. Pararam para almoçar. As suaves ondulações do mar, quebradas nos topos das rochas, foram vistas desenvolvendo-se em franjas longas e espumosas.

Como resultado, ficaria mais difícil caminhar à medida que incontáveis deslizamentos de rochas bloqueavam a costa.

Após meia hora de descanso, os colonos partiram novamente, e seus olhos não deixaram nenhum ponto dos recifes e da praia sem observação. Pencroff e Nab se aventuravam no meio dos escolhos sempre que um objeto atraía seus olhares, mas nada de destroços. E, ainda assim, um objeto de alguma importância, como o casco de um navio, seria visível, ou seus detritos teriam sido levados para a costa, como tinha acontecido com a caixa encontrada a menos de trinta quilômetros dali. Mas não havia nada.

Por volta das três horas, Cyrus Smith e seus companheiros chegaram a uma estreita calheta fechada. Ela formava um porto natural, invisível a partir do mar, em que terminava uma passagem estreita que os escolhos distribuíam entre si. Gédéon Spilett propôs aos companheiros que parassem ali.

O lugar onde pararam estava a quinze ou dezesseis metros acima do nível do mar. O raio de visão era, portanto, bastante amplo, e, passando sobre as últimas rochas do cabo, perdia-se até a baía da União. Mas nem a ilhota, nem o planalto de Grande-Vista estavam

visíveis, nem poderiam estar naquela época.

A luneta passeou por toda a parte da costa ainda por explorar, com o mesmo cuidado desde a costa até os recifes, e nenhum destroço surgiu no campo do instrumento.

– Muito bem – disse Gédéon Spilett –, sendo assim, vamos olhar o lado positivo e nos consolar pensando que ninguém virá disputar a posse da ilha Lincoln conosco!

– Mas e aquele grão de chumbo? – observou Harbert. – Suponho que não seja imaginário!

– Com mil diabos, não! – fez Pencroff, pensando no maxilar.

– Então, a que conclusão chegamos? – perguntou o repórter.

– À seguinte – respondeu o engenheiro – : há três meses, no máximo, um navio, voluntariamente ou não, desembarcou...

– O quê!? Você admite, Cyrus, que ele afundou sem deixar rastro? – interrogou o repórter.

– Não, meu caro Spilett, mas repare que, embora tenhamos certeza de que um ser humano pôs os pés nesta ilha, é certo que já a tenha deixado.

– Então, se eu compreendi bem, senhor Cyrus – disse Harbert –, o navio já teria partido?

– Evidentemente.

– E perdemos a oportunidade de sermos repatriados? – considerou Nab.

– Receio que sim.

– Pois bem! Já que a oportunidade está perdida, sigamos – disse Pencroff, que já estava com saudade da Granite House.

Mas ele tinha acabado de se levantar quando Top saiu do bosque segurando na boca um farrapo manchado de lama.

Nab arrancou o farrapo da boca do cão. Era um pedaço de lona muito resistente.

Top latia, e por suas idas e vindas, parecia convidar seu mestre a segui-lo até a floresta.

– Há algo ali que poderá explicar meu grão de chumbo! – exclamou Pencroff.

– Um náufrago! – respondeu Harbert.

– Ferido, talvez! – considerou Nab.

– Ou morto! – respondeu o repórter.

E todos empunharam suas armas e correram atrás das pegadas do

ção, entre os grandes pinheiros que formavam a primeira camada da floresta.

Eles avançaram bastante no interior do bosque, mas não encontraram nenhuma pegada. Mas Top continuava indo e vindo, não como um cão que procura ao acaso, mas como um ser que segue uma ideia.

Depois de sete ou oito minutos de caminhada, Top parou. Os colonos chegaram a uma espécie de clareira rodeada de árvores altas, olharam em volta e não viram nada, nem sob as sarças, nem entre os troncos das árvores.

– O que é que há, Top? – disse Cyrus Smith.

Top ladrou com mais força, pulando aos pés de um pinheiro gigante. De repente, Pencroff exclamou:

– Ah, muito bem! Perfeito!

– O que é? – perguntou Gédéon Spilett.

– Estamos procurando um naufrágio na terra ou no mar!

– E então?

– Então, é no ar que ele se encontra!

E o marujo apontou para um grande trapo esbranquiçado, pendurado no topo do pinheiro, igual ao da amostra que Top havia encontrado no chão.

– Mas isso não é um destroço! – exclamou Gédéon Spilett. – É o que resta do nosso balão, que caiu em cima daquela árvore!

Pencroff soltou um belo “hurra”, completando:

– Eis uma bela lona! Temos tecido suficiente para fazermos roupas durante anos! Não é, senhor Spilett? O que acha de uma ilha onde as camisas crescem em árvores?

Era de fato uma feliz circunstância para os colonos da ilha Lincoln que o balão, depois de seu último salto no ar, tivesse aterrissado na ilha e que eles tivessem a chance de reencontrá-lo. Ou eles manteriam o envelope sob essa forma, se quisessem tentar uma nova fuga pelos ares, ou usariam vantajosamente esses metros de tecido de algodão de boa qualidade quando ele ficasse livre de seu verniz.

Mas era necessário remover o envelope de cima da árvore em que estava pendurado e colocá-lo em um lugar seguro, o que não era tarefa simples. Nab, Harbert e o marujo subiram no topo da árvore e tiveram que ter muita habilidade para soltar o enorme e murcho balão. Era uma fortuna que caía do céu.

– Se um dia decidirmos sair da ilha – disse o marujo –, não será em um balão, não é mesmo? Esses navios aéreos não vão para onde queremos e sabemos bem disso! Se vocês acreditarem em mim, construiremos um bom barco de cerca de vinte toneladas, e com essa lona eu vou fazer um mastro e uma vela triangular. Quanto ao resto, será usado para nos vestirmos!

– Enquanto isso, precisamos manter tudo isso seguro – disse Nab.

Na verdade, não se podia pensar em transportar para a Granite House tamanha carga de lona e cordas, cujo peso era considerável, e, enquanto se aguardava um veículo adequado para transportá-las, era importante não deixar essas riquezas por muito tempo à mercê de um furacão. Os colonos combinaram seus esforços e conseguiram arrastar tudo para a costa, onde descobriram uma cavidade rochosa bastante grande, que nem o vento, nem a chuva, nem o mar poderiam visitar, graças à sua orientação.

Às seis da tarde, tudo foi armazenado e depois de batizarem a pequena chanfradura que formava o riacho com pertinente nome de “porto Balão”, retomaram o caminho para o cabo da Garra.

A noite se aproximava e o céu já estava escuro quando os colonos chegaram à ponta do Destroço, onde tinham descoberto a preciosa caixa.

Seis quilômetros separavam a ponta do Destroço da Granite House, e eles foram rapidamente atravessados. Passava da meia-noite quando, depois de seguir a costa até a foz da Misericórdia, os colonos chegaram na primeira curva formada pelo rio.

Era preciso admitir que eles estavam exaustos. O percurso tinha sido longo, e o incidente do balão não lhes permitiu descansar pernas e braços. Estavam ansiosos para voltar à Granite House para jantar e dormir, e se uma ponte tivesse sido construída, estariam em casa em quinze minutos.

Harbert ia e vinha sem se distanciar muito. De repente, o jovem rapaz, que tinha subido o rio, voltou precipitadamente, e, mostrando a Misericórdia rio acima:

– O que é aquilo à deriva? – exclamou.

Pencroff viu um objeto em movimento que aparecia confusamente entre as sombras.

– Uma canoa! – ele disse.

Todos se aproximaram e viram, com surpresa, um barco seguindo o

curso d’água. O barco ainda estava à deriva, a apenas dez passos de distância, quando o marujo disse:

– Mas é a nossa canoa! A amarra arrebentou e ela está seguindo a correnteza! Temos de admitir que ela vem a calhar!

– Nossa canoa?... – murmurou o engenheiro. Era de fato a canoa, cujo ancoradouro havia se quebrado e que voltava das fontes da Misericórdia! Era importante alcançá-la ao passar, antes que fosse arrastada pela corrente do rio, e foi o que Nab e Pencroff fizeram com o auxílio de uma vara comprida.

O barco acostou na margem. O engenheiro embarcou primeiro, agarrou o ancoradouro e certificou-se, ao toque, de que ele tinha realmente rompido pela fricção com as rochas.

– Isso é o que podemos chamar de circunstância... – disse o repórter em voz baixa.

– Estranho! – respondeu Cyrus Smith.

– Estranho ou não, ela veio em bom momento!

Harbert, o repórter, Nab e Pencroff embarcaram em seguida. Eles não tiveram dúvida de que a amarra estava gasta; mas o mais surpreendente foi a canoa ter chegado no exato momento em que os colonos estavam lá para pegá-la, pois quinze minutos depois, ela teria se perdido no mar.

Com algumas remadas, os colonos chegaram à embocadura da Misericórdia. A canoa foi arrastada pela costa até as Chaminés, e todos seguiram para a escada da Granite House.

Mas, naquele momento, Top ladrou furiosamente, e Nab, que estava prestes a pisar no primeiro degrau, gritou...

Não havia mais escada.

Capítulo 6

Cyrus Smith estancou sem dizer uma palavra. Seus companheiros procuraram no escuro, tanto nas paredes da muralha, caso o vento tivesse deslocado a escada, como no chão, caso ela tivesse se soltado, mas a escada tinha desaparecido.

– Se for uma piada – exclamou Pencroff –, ela é de péssimo gosto! Chegar em casa e não mais encontrar as escadas que o levam até seu quarto não faz as pessoas cansadas rirem! Estou começando a achar que coisas estranhas acontecem na ilha Lincoln!

– Estranhas? – disse Gédéon Spilett. – Nada é mais natural. Alguém veio quando estávamos fora, tomou posse da casa e removeu a escada!

– Alguém! – fez o marujo. – Mas quem pode ser?

– O caçador do grão de chumbo – respondeu o repórter. – De que isso serviria, a não ser para explicar nossa desventura?

Então, com a voz estrondosa, o marujo bradou um "Ô de casa!" tão prolongado que os ecos repercutiram com força.

Os colonos apuraram os ouvidos e pensaram ter escutado uma espécie de risada sair da Granite House. Mas nenhuma voz respondeu ao grito de Pencroff, que repetiu seu vigoroso apelo.

Havia ali algo que surpreenderia até os homens mais indiferentes do mundo.

Esquecendo-se da fadiga e dominados pela singularidade do evento, chegaram ao pé da Granite House sem saber o que pensar ou fazer e

multiplicando todas as hipóteses, uma mais inadmissível que a outra.

– Meus amigos – disse Cyrus Smith –, só nos resta uma coisa a fazer, esperar o dia amanhecer para poder agir de acordo com as circunstâncias. Mas vamos esperar nas Chaminés. Lá estaremos seguros, e se não pudermos jantar, pelo menos poderemos dormir.

– Mas quem será o desavergonhado que nos enganou? – perguntou Pencroff outra vez, inconformado com o ocorrido.

Seja quem fosse o “desavergonhado”, a única coisa a fazer era voltar às Chaminés e esperar o dia amanhecer. No entanto, Top foi ordenado a permanecer sob as janelas da Granite House.

Dizer que, apesar do cansaço, eles dormiram bem na areia das Chaminés seria faltar com a verdade.

A Granite House era mais do que a casa deles, era também o armazém. Lá havia todo o equipamento da colônia. Se tudo tivesse sido roubado, os colonos teriam de recomeçar sua morada e refazer armas e ferramentas. Então, cedendo à ansiedade, a cada instante um deles saía para ver se Top estava vigiando bem. Apenas Cyrus Smith esperava com sua paciência habitual, embora sua tenaz razão estivesse exasperada por estar diante de um fato absolutamente inexplicável, e ele se indignava com a ideia de que ao seu redor algo exercia uma influência que não sabia nomear.

– É uma piada que fizeram conosco! – disse Pencroff. – E eu não gosto de piadas e pobre do engraçadinho se ele cair em minhas mãos!

Assim que a primeira luz do dia surgiu no leste, os colonos, devidamente armados, foram até a costa, na beira dos recifes. A Granite House, atingida diretamente pelo sol nascente, estava prestes a ser iluminada pelas luzes da alvorada, e logo as janelas, com persianas fechadas, surgiram através das cortinas de folhagem.

Daquele lado estava tudo em ordem, mas um grito escapou da garganta dos colonos quando viram que a porta, que tinham fechado antes de sua partida, estava totalmente aberta.

Já não havia dúvidas de que alguém tinha invadido a Granite House.

A escada superior, geralmente estendida ao sopé da porta, estava em seu lugar, mas a escada inferior tinha sido removida e levantada até o limiar.

Pencroff voltou a chamar. Silêncio.

– Patifes! – fez o marujo. – Dormem tranquilamente como se

estivessem em casa!

O dia amanheceu por completo e a fachada da Granite House foi iluminada pelos raios do sol. Mas dentro e fora, tudo estava calmo e silencioso.

Harbert teve a ideia de amarrar uma corda em uma flecha e atirar essa flecha para que ela passasse entre as primeiras barras da escada, que estavam penduradas no limiar da porta. A corda poderia puxar a escada até o chão e restabelecer a comunicação com a Granite House.

Felizmente, arcos e flechas tinham sido guardados em um corredor das Chaminés, onde havia também cerca de quarenta metros de corda de hibisco. Pencroff desenrolou a corda e a amarrou a uma flecha bem empenada. Em seguida, Harbert, depois de colocar a flecha em seu arco, mirou-a com extremo cuidado na ponta pendente da escada.

O arco relaxou, a flecha assobiou arrastando a corda e passou entre os dois últimos degraus. A operação foi bem-sucedida.

Harbert agarrou imediatamente a ponta da corda, mas quando deu um tranco para derrubar a escada, um braço passou entre a parede e a porta, agarrou-a e levou-a de volta para a Granite House.

– Mas que patife! – fez o marujo. – Se uma bala pode deixar você feliz, não vai esperar muito!

– Mas quem é? – perguntou Nab.

– Quem? Você não o reconheceu?

– Não.

– Mas é um macaco!

E, nesse momento, como se para dar razão ao marujo, três ou quatro quadrúmanos apareceram nas janelas e saudaram os verdadeiros donos do lugar com mil contorções e caretas.

– Eu sabia que era uma piada! – ralhou Pencroff. – Mas aí vem um dos engraçadinhos que vai pagar pelos outros!

O marujo empunhou sua arma, mirou em um dos macacos e disparou. Todos desapareceram, exceto um deles, que, mortalmente atingido, caiu sobre a areia. Harbert afirmou que era um orangotango, e sabemos que o rapaz conhece bem a zoologia.

– Que magnífico animal! – exclamou Nab.

– Pode chamar de magnífico! – respondeu Pencroff – Mas ainda não vejo como podemos entrar em casa!

Pencroff estava furioso. A situação tinha certo lado cômico, que ele, particularmente, não achava nada engraçado.

– Vamos nos esconder – disse o engenheiro. – Talvez os macacos pensem que fomos embora e reapareçam. Mas Spilett e Harbert devem se esconder atrás das rochas e disparar em tudo que aparecer.

As ordens do engenheiro foram obedecidas, e enquanto o repórter e o jovem rapaz se preparavam fora da vista dos macacos, Nab, Pencroff, e Cyrus Smith subiram o planalto e foram até a floresta para caçar algum animal, pois a hora do almoço se aproximava e não havia mais provisão.

Duas horas depois, a situação ainda não tinha mudado. Os quadrúmanos já não davam qualquer sinal de existência e era possível acreditar que tinham desaparecido.

– Decididamente, é muito estúpido – disse o repórter –, e não há qualquer motivo que os faça desistir!

– Temos de tirar aqueles bandidos de lá! – exclamou Pencroff. – Nós vamos vencê-los, ainda que sejam uns vinte, mas, para isso, temos de combatê-los de frente! Ah, não existe uma maneira de chegar até eles?

– Existe – respondeu o engenheiro, que acabava de ter uma ideia.

– E qual é?

– Vamos tentar chegar à Granite House através do antigo escoadouro do lago – respondeu o engenheiro.

– Ah! Com milhares de diabos! – fez o marujo. – E eu não pensei nisso!

A abertura do escoadouro estava fechada por uma parede de pedras cimentadas, que seria necessário destruir, mas elas a reconstruiriam depois.

Já passava do meio-dia quando os colonos, bem armados e munidos de picaretas e enxadas, deixaram as Chaminés, passaram por baixo das janelas da Granite House, depois de ordenarem que Top permanecesse em seu posto, e começaram a subir a margem esquerda da Misericórdia, a fim de alcançar o planalto da Grande-Vista.

Mas eles não tinham andado nem cinquenta passos nessa direção e começaram a ouvir gritos furiosos que soavam como um pedido de socorro. Todos desceram o rio em grande velocidade. Ao se aproximarem, viram que a situação havia mudado.

De fato, os macacos, assustados por alguma causa desconhecida, tentavam fugir. Logo, cinco ou seis estavam na mira dos colonos, que dispararam à vontade. Alguns deles, feridos ou mortos, caíram dentro

dos quartos soltando gritos agudos. Outros correram para fora e se machucaram na queda, e, pouco tempo depois, era possível supor que não havia mais nenhum quadrúmano na Granite House.

– Hurra! – Pencroff gritou. – Hurra! Hurra!

– Não é para tantos hurras! – fez Gédéon Spilett.

– Por quê? Estão todos mortos – respondeu o marujo.

– Sim, mas isso não nos permite entrar em casa.

– Vamos para o escoadouro! – disse Pencroff.

– Sim – disse o engenheiro. – No entanto, seria melhor...

Nesse momento, e como resposta à observação de Cyrus Smith, a escada começou a deslizar pelo parapeito da porta, desdobrou-se e caiu no chão.

– Ah! Com mil cachimbos! Isso é fantástico! – exclamou o marujo, olhando para Cyrus Smith.

– Muito bom! – o engenheiro disse baixinho, que foi o primeiro a pisar na escada.

– Tenha cuidado, senhor Cyrus! – considerou Pencroff. – Ainda pode haver algum desses saguis...

Seus companheiros o seguiram, e em um minuto chegaram à porta. Procuraram por todos os lados. Ninguém nos quartos, nem na dispensa.

– Mas e a escada? – fez o marujo. – Quem a mandou de volta?

Então um grito foi ouvido, e um grande macaco, que tinha se refugiado no corredor, correu para a sala, seguido por Nab.

– Ah! o bandido! – exclamou Pencroff.

E com um machado na mão, ele estava prestes a partir a cabeça do animal quando Cyrus Smith o impediu:

– Poupe-o, Pencroff.

– Quer que eu tenha piedade desse trigueiro?

– Sim! Foi ele quem nos atirou a escada!

E o engenheiro disse isso em um tom de voz tão singular que era difícil saber se ele estava falando sério ou não.

Depois de tentar se defender valentemente, o macaco foi derrubado e amarrado.

– Ufa! – exclamou Pencroff. – E o que fazemos dele agora?

– Um criado! – respondeu Harbert.

E falando dessa maneira, o rapaz não estava de fato brincando, pois sabia dos benefícios que podiam ser tirados dessa raça inteligente dos

quadrúmanos.

Os colonos se aproximaram do macaco e o observaram. Era um orangotango e não tinha nem a ferocidade do babuíno, nem a imprudência do macaco. Adotados nas casas, eles podem servir à mesa, limpar os quartos, cuidar das roupas, encerar os sapatos, manusear habilmente a faca, a colher e o garfo e até beber vinho...

O que estava amarrado no salão da Granite House era um grande animal, com um metro e oitenta de altura, um verdadeiro protótipo de antropomorfos. Seus olhos, um pouco menores que os humanos, brilhavam intensamente e ele tinha uma pequena barba encaracolada de cor avelã.

– Um belo rapagão! – disse Pencroff. – Se ao menos falássemos sua língua, poderíamos conversar!

– Então é sério, meu caro mestre? – perguntou Nab. – Vamos mantê-lo como doméstico?

– Sim, Nab – respondeu o engenheiro com um sorriso.

– E espero que ele seja um excelente serviçal – acrescentou Harbert. – Ele parece jovem, será fácil educá-lo, e não seremos obrigados a usar a força para subjugá-lo. Ele se apega a mestres que são bons para ele.

– E seremos – respondeu Pencroff, que tinha esquecido todo o seu rancor contra os “patifes”. Então, aproximando-se do orangotango: – Então, meu rapaz, como está indo?

O orangotango respondeu com um pequeno grunhido que não indicava muito mau humor.

– Então você quer fazer parte da colônia? Vai servir ao senhor Cyrus Smith?

Novo grunhido de aprovação do macaco.

Foi assim que a colônia ganhou um novo membro que deveria prestar mais de um serviço. Quanto ao seu nome, o marujo pediu que, em memória de outro macaco que havia conhecido, ele fosse chamado de Júpiter, e Jup por abreviação.

E assim, sem mais demoras, mestre Jup foi instalado na Granite House.

Capítulo 7

Os colonos haviam recuperado sua residência sem ter que apelar para o antigo escoadouro, livrando-se dos trabalhos de alvenaria. Foi, de fato, uma sorte que, no momento exato em que eles estavam indo fazer esse trabalho, o bando de macacos tivesse sido tomado pelo terror, tão repentino quanto inexplicável, que os expulsou da Granite House.

Durante as últimas horas daquele dia, os cadáveres dos macacos foram levados para a floresta, onde foram enterrados; então, os colonos se esforçaram para organizar a desordem causada pelos intrusos. Nab reacendeu seu forno e as reservas forneceram uma refeição substancial de que todos desfrutaram.

Jup não foi esquecido e comeu amêndoas de pinho e raízes de rizoma com muito apetite. Pencroff soltou-lhe os braços, mas achou apropriado manter as pernas presas até ter certeza de sua resignação.

Cyrus Smith e seus companheiros, sentados em volta da mesa, discutiram sobre alguns projetos que tinham urgência.

Os mais importantes eram a ponte sobre a Misericórdia, que conectaria a parte sul da ilha com a Granite House, e a fundação de um curral destinado a abrigar carneiros e outros animais de lã que fossem capturados no futuro.

Quanto ao curral, a intenção de Cyrus Smith era que ele fosse feito nas próprias fontes do córrego Vermelho, onde os ruminantes

encontrariam pastagens que lhes forneceriam alimentos frescos e abundantes. A estrada entre o planalto da Grande-Vista e essas fontes já estava parcialmente pavimentada, e com uma carroça mais bem condicionada que a primeira, o carreto ficaria mais fácil, especialmente se capturassem um animal de tração.

No dia seguinte, 3 de novembro, as obras foram iniciadas pela construção da ponte, e toda mão de obra foi necessária para a execução desse trabalho. Serras, machados, tesouras e martelos foram carregados sobre os ombros dos colonos, que, agora carpinteiros, desceram até a praia. Ao chegarem, Pencroff fez esta observação:

– E se, enquanto estivermos fora, o mestre Jup tiver vontade de remover a escada que ele tão gentilmente nos devolveu ontem?

– Vamos prendê-la pela extremidade inferior – respondeu Cyrus Smith.

Depois, os colonos subiram pela margem esquerda da Misericórdia e logo chegaram à curva formada pelo rio. Lá, pararam e avaliaram se a ponte poderia ser construída no local que pareceu adequado.

Cyrus Smith dividiu com os companheiros um projeto que era simples de realizar e vantajoso. O projeto consistia em isolar completamente o planalto da Grande-Vista, a fim de protegê-lo de qualquer ataque de quadrúpedes ou quadrúmanos. Dessa forma, a Granite House, as Chaminés, o curral e toda a parte superior do planalto, destinada à semeadura, ficariam protegidos das depredações dos animais.

– Assim – acrescentou o engenheiro –, o planalto da Grande-Vista será uma verdadeira ilha, cercada de água por todos os lados, e irá se comunicar com o restante da ilha apenas pela ponte que vamos construir até a Misericórdia, os dois pontilhões já estabelecidos a montante e a jusante das quedas, juntamente aos outros dois que serão construídos, um sobre o leito que proponho cavar na margem esquerda da Misericórdia.

O projeto foi aprovado por unanimidade, e Pencroff, brandindo o machado de carpinteiro, exclamou:

– Então vamos à ponte!

Era o trabalho mais urgente. A ponte, fixada na parte que se apoiava na margem direita da Misericórdia, deveria ser móvel na parte que se ligaria à margem esquerda, para que pudesse ser levantada por meio de contrapesos, como algumas pontes de eclusa.

A construção da ponte de Misericórdia durou três semanas, muito seriamente ocupadas. Eles almoçavam no local onde o trabalho estava sendo feito e só voltavam à Granite House para jantar.

Durante esse período, puderam ver que mestre Jup se habituou e se familiarizou facilmente com seus novos mestres, a quem ele sempre olhava com extrema curiosidade. No entanto, como medida de precaução, Pencroff ainda não lhe permitia a completa liberdade de movimento, preferindo esperar que os limites do planalto ficassem intransitáveis como resultado das obras planejadas.

Em 20 de novembro, a ponte foi concluída. A parte móvel, equilibrada por contrapesos, inclinava facilmente, e não era necessário grande esforço para levantá-la.

Logo eles foram buscar o envelope do aerostato, pois estavam ansiosos para protegê-lo; mas, para transportá-lo, era necessário levar uma carroça até o porto Balão, e, consequentemente, abrir uma estrada em meio aos espessos maciços do Extremo Oeste. Nab e Pencroff primeiro fizeram um reconhecimento até o porto e como constataram que o "estoque de lona" não sofrera qualquer degradação na caverna onde estava armazenado, decidiram que os trabalhos no planalto da Grande-Vista continuariam sem interrupção.

– Isso nos permitirá construir nosso galinheiro em melhores condições, uma vez que não precisaremos temer a visita de raposas ou a invasão de outras bestas nocivas – observou Pencroff.

Na mesma época, o primeiro campo de trigo, semeado com apenas um grão, tinha florescido admiravelmente, graças aos cuidados de Pencroff. Ele tinha produzido as dez espigas prometidas pelo engenheiro e cada espiga produzia oitenta grãos, então a colônia produzia ao menos oitocentos grãos a cada seis meses, o que lhes permitia uma dupla colheita a cada ano.

Em 21 de novembro, Cyrus Smith desenhou o fosso que deveria fechar o planalto a oeste, do ângulo sul do lago Grant até a curva da Misericórdia. Em menos de quinze dias, uma vala foi escavada no solo duro do planalto. Pelos mesmos meios, uma nova fissura foi aberta na borda rochosa do lago, e as águas correram para o novo leito, formando um pequeno riacho que foi chamado de "córrego Glicerina", que se tornou um afluente da Misericórdia. Como o engenheiro havia previsto, o nível do lago caiu.

Na primeira quinzena de dezembro, as obras foram definitivamente

concluídas, e o planalto da Grande-Vista, uma espécie de pentágono irregular com um perímetro de cerca de seis quilômetros, rodeado por uma cintura líquida, estava absolutamente protegido de qualquer ataque.

Durante o mês de dezembro, o calor foi intenso. Os colonos, no entanto, não queriam suspender a execução de seus planos, e como era urgente montar o galinheiro, os trabalhos prosseguiram.

Uma vez que o planalto estava completamente fechado, mestre Jup tinha sido libertado. Ele não abandonava seus mestres nem manifestava qualquer desejo de fugir. Era um animal surpreendentemente ágil. Quando se tratava de subir a escada da Granite House, ninguém era páreo para ele, que já estava encarregado de fazer alguns trabalhos, como transportar cargas de madeira e carregar as pedras extraídas do leito do riacho.

O galinheiro ocupou uma área de cento e sessenta metros quadrados à margem sudeste do lago. Ele foi cercado por uma paliçada e vários abrigos foram construídos para os animais que o habitariam.

Finalmente, havia chegado o momento de usar o envelope do balão para a confecção das roupas, pois mantê-lo da forma que estava e aventurar-se em um balão de ar quente para deixar a ilha navegando sobre um mar, por assim dizer, sem limites, seria admissível apenas para as pessoas que não tivessem mais qualquer esperança de viver, e Cyrus Smith, espírito prático, não considerava essa possibilidade.

Era preciso transportar o envelope para a Granite House, e os colonos trataram de transformar a pesada carroça em algo fácil e leve de manusear. Mas, se o veículo existia, faltava criar o motor! Não existiria na ilha algum ruminante que pudesse substituir cavalo, burro ou boi? Essa era a questão.

– Na verdade – disse Pencroff –, um animal de tração nos seria muito útil enquanto esperamos o senhor Cyrus construir uma carroça a vapor.

A Providência não fez Pencroff esperar por muito tempo até completar seu desejo.

No dia 23 de dezembro, ouviram Nab gritar e Top ladrar, um mais forte que o outro. Os colonos, ocupados nas Chaminés, correram imediatamente, temendo algum infeliz incidente.

Dois animais grandes e bonitos vagavam descuidadamente pelo

planalto cujos pontilhões não tinham sido fechados. Pareciam dois cavalos, ou pelo menos dois burros. Eles olhavam os colonos com um olhar desconfiado de quem ainda não os reconhecia como seus donos.

– São onagros! – Harbert exclamou.

– E por que não são burros? – perguntou Nab.

– Porque não têm orelhas compridas e suas formas são mais graciosas!

– Burros ou cavalos – respondeu Pencroff –, são "motores", como diria o senhor Smith, e, como tal, devemos capturá-los!

O marujo deslizou no meio das plantas, sem assustar os dois animais, caminhou até o pontilhão do córrego Glicerina, chacoalhou-o e os onagros foram capturados.

Eles os dominariam pela força e os submeteriam à domesticação forçada? Não. Foi decidido que, durante alguns dias, eles seriam autorizados a entrar e sair livremente do planalto, onde a relva era abundante, e o engenheiro projetou a construção de uma cavalariça perto do galinheiro, onde os onagros encontrariam um bom leito e um bom refúgio à noite.

Enquanto isso, foram confeccionados arreios de fibra vegetal, e alguns dias após a captura dos onagros, não somente a carroça estava pronta para ser atrelada, mas uma estrada retilínea, ou melhor, uma clareira, tinha sido aberta na floresta do Extremo Oeste, da curva da Misericórdia até o porto Balão. A carroça poderia, portanto, ser conduzida por lá, e no fim de dezembro os onagros foram experimentados pela primeira vez.

Nesse dia, toda a colônia, exceto Pencroff, que andava à frente do gado, entrou na carroça e pegou a estrada para porto Balão. Eles foram intensamente sacudidos pela estrada recém-construída; mas o veículo chegou em segurança, e no mesmo dia o envelope e os vários acessórios do balão foram transportados.

Às oito da noite, depois de atravessar a ponte da Misericórdia, a carroça desceu pela margem esquerda do rio e parou na praia. Os onagros foram desamarrados e levados de volta à cavalariça, e Pencroff, antes de se recolher, deu um suspiro de satisfação que ecoou por toda a Granite House.

Capítulo 8

A primeira semana de janeiro foi dedicada à confecção das roupas necessárias à colônia. As agulhas encontradas na caixa atuaram entre os vigorosos dedos que, apesar de pouco delicados, costuravam com firmeza.

Não faltou linha, graças à ideia que Cyrus Smith teve de reaproveitar a que tinha sido usada para costurar as tiras do balão. Algumas dúzias de camisas e meias feitas de pano costurado foram preparadas. Que prazer os colonos tiveram ao finalmente vestir um linho branco e se deitar entre lençóis que deixaram as camas da Granite House muito confortáveis.

Foi também nessa época que fizeram sapatos de pele de foca, largos e compridos, que nunca incomodavam os pés dos andarilhos!

Com a chegada do ano de 1866, o calor aumentou, mas a caça sob os bosques não cessou, e Gédéon Spilett e Harbert eram atiradores bons demais para perder um só tiro.

Cyrus Smith sempre recomendava que eles poupassem as munições, e providenciou a substituição da pólvora e do chumbo que haviam sido encontrados no caixa, que pretendia reservar para o futuro, por um produto feito à base de piroxila. Os caçadores da ilha logo tiveram à disposição uma substância perfeitamente preparada e que deu excelentes resultados.

Na época, os colonos limparam um hectare do planalto de Grande-

Vista, e o resto foi mantido como prado para a manutenção dos onagros. Fizeram excursões nas florestas do Jacamar e no Extremo Oeste, colheram plantas selvagens, espinafres, agriões e rábanos, que um cultivo inteligente iria logo modificar e que temperariam a dieta nitrogenada a que os colonos da ilha Lincoln eram submetidos até então. Cada excursão era, ao mesmo tempo, um meio de melhorar as estradas, cujo piso se assentava gradualmente sob as rodas da carroça.

Nessa época, também caçaram tartarugas marinhas que frequentavam as praias do cabo da Mandíbula. A praia estava coberta de intumescências contendo ovos perfeitamente esféricos, com uma casca branca e dura, e cuja albumina tem a propriedade de não coagular como a dos ovos das aves. O sol era responsável por eclodi-los, e havia uma boa quantidade deles, uma vez que cada tartaruga pode botar até duzentos e cinquenta ovos por ano.

– Um verdadeiro campo de ovos – observou Gédéon Spilett –, basta apenas colhê-los.

Mas eles não se contentaram apenas com os produtos, os produtores também foram caçados, e uma dúzia desses quelônios foi levada à Granite House. O caldo de tartaruga, cheio de ervas aromáticas e adornado com alguns crucíferos, resultava em elogios muito merecidos a Nab, o cozinheiro.

Foi também nessa época que o inteligente Jup foi promovido à função de criado. Vestiram-no com um fraque, um par de calças curtas de linho branco, e um avental com bolsos. O hábil orangotango tinha sido muito bem estilizado por Nab.

É possível imaginar a satisfação que mestre Jup manifestava em relação aos convivas da Granite House, quando, com a toalha no braço, ele vinha lhes servir. Ele realizava o serviço com perfeita destreza, trocando a louça, trazendo os pratos, servindo a bebida, tudo com uma seriedade que entretinha os colonos e entusiasmava Pencroff.

– Jup, a sopa!

– Jup, uma fatia de cotia!

– Jup, um prato!

– Bravo, Jup!

Era isso que se ouvia o tempo todo, e Jup, sem se deixar desconcentrar, respondia a tudo, observava tudo, e abanava sua cabeça inteligente a qualquer pedido que lhe fizessem.

O orangotango estava totalmente adaptado à Granite House e acompanhava seus mestres na floresta com frequência, sem manifestar qualquer desejo de escapar.

No fim de janeiro, os colonos empreenderam grandes obras na parte central da ilha. Foi decidido que, das fontes do córrego Vermelho até o sopé do monte Franklin, seria construído um curral destinado aos ruminantes, cuja presença era fundamental na Granite House, particularmente dos carneiros monteses, destinados a fornecer lã para a confecção das roupas de inverno.

Todas as manhãs, a colônia, geralmente representada apenas por Cyrus Smith, Harbert, e Pencroff, seguia até a fonte do córrego, e os onagros faziam o trajeto de oito quilômetros sob a cúpula verdejante, pelo caminho recém-traçado que ganhou o nome de estrada do Curral.

Lá eles escolheram um vasto campo no reverso do cume sul da montanha. Era um prado feito de bosques, situado no pé do contraforte que fechava um de seus lados. Um pequeno rio, nascido em suas encostas, ia se perder no córrego Vermelho. A relva era fresca, e as árvores que cresciam aqui e ali permitiam que o ar circulasse livremente pela superfície. Bastava cercar a referida pradaria com uma paliçada disposta circularmente, apoiando-a em cada extremidade do sopé e alta o suficiente para que os animais, mesmo os mais ágeis, não pudessem atravessá-la. Esse recinto poderia conter uma centena de animais com chifres, carneiros monteses ou cabras selvagens e os pequenos que deles nasceriam.

O perímetro do curral foi traçado pelo engenheiro, e as árvores necessárias para a construção da paliçada foram derrubadas. Na frente da paliçada, uma entrada bastante ampla foi construída e fechada por uma porta dupla feita de tábuas fortes, que deveriam ser fixadas por barras externas.

A construção do curral demorou cerca de três semanas, pois, além da paliçada, Cyrus Smith ergueu vastos hangares sob os quais os ruminantes poderiam se refugiar.

Quando o curral ficou pronto, passaram ao cerco do sopé do monte Franklin, no meio das pastagens frequentadas pelos ruminantes. Essa operação ocorreu no dia 7 de fevereiro. Os dois onagros, já bem treinados e montados por Gédéon Spilett e Harbert, prestaram grandes serviços.

Cerca de trinta ruminantes e uma dezena de cabras selvagens,

gradualmente conduzidas até o curral, cuja porta aberta parecia oferecer uma saída, foram capturadas. A maioria dos monteses eram fêmeas, algumas das quais logo iriam dar à luz, então era certo que o rebanho prosperaria. Naquela noite, os caçadores voltaram exaustos à Granite House.

Durante o mês de fevereiro não houve qualquer incidente significativo. As atividades cotidianas seguiram metodicamente, e, ao mesmo tempo que as estradas do curral e do porto Balão era melhoradas, uma terceira começou a ser construída, partindo do cercado até a costa ocidental.

Antes da estação fria reaparecer, os cuidados mais diligentes foram consagrados ao cultivo das plantas selvagens que tinham sido transplantadas da floresta para o planalto da Grande-Vista. Harbert não voltava de uma excursão sem trazer alguns vegetais úteis. A horta, agora bem-cuidada regada e protegida dos pássaros, estava dividida em pequenos quadrados, onde cresciam alface, batata violeta, azeda, rábano e outras crucíferas. A terra do planalto era prodigiosamente fértil e esperava-se que as colheitas fossem abundantes.

Também não faltavam bebidas variadas. Ao chá de oswego, fornecido pelas monardas dídimas, e ao licor fermentado extraído das raízes do dragoeiro, Cyrus Smith adicionou uma verdadeira cerveja, que produziu com os brotos da “abies nigra”, que, depois de fervidos e fermentados, resultaram na agradável e particularmente higiênica bebida que os anglo-americanos chamam de “cerveja da primavera”.

Tudo ia bem, graças à atividade desses homens corajosos e inteligentes. A Providência fazia muito por eles, sem dúvida; mas, fiéis ao grande preceito, eles primeiro se ajudavam, depois o céu vinha ajudá-los.

Após os dias quentes de verão, à noite, quando o trabalho estava feito, e a brisa do mar soprava, eles gostavam de se sentar na beira do planalto da Grande-Vista, em uma espécie de varanda coberta com plantas trepadeiras que Nab tinha cultivado pessoalmente. Lá eles conversavam, faziam planos, e o bom humor do marujo encantava aquele pequeno universo no qual reinava a mais perfeita harmonia.

Também falavam de seu país, da querida e grande América. Em que pé estaria a Guerra de Secessão? Obviamente ela não se estenderia muito! Richmond sem dúvida tinha caído nas mãos do general Grant! A tomada da capital dos confederados deve ter sido o último ato dessa

luta funesta! Agora o norte havia triunfado de forma justa. Ah, como um jornal seria bem-vindo aos exilados da ilha Lincoln! Passaram onze meses desde que toda a comunicação entre eles e o resto dos humanos tinha sido interrompida, e em pouco tempo, no dia 24 de março, seria o aniversário de quando o balão os atirou naquela terra desconhecida! Desde então, eles eram apenas náufragos e nem ao menos sabiam se poderiam defender sua miserável vida contra os elementos! E agora, graças à sabedoria de seu líder e à própria inteligência de cada um, eram verdadeiros colonos, munidos de armas, ferramentas e instrumentos, e haviam sido capazes de transformar em seu benefício, animais, plantas e minerais da ilha, isto é, os três reinos da natureza!

Cyrus Smith muitas vezes ficava em silêncio e ouvia seus companheiros mais frequentemente do que falava. Às vezes ele sorria com alguma reflexão de Harbert, ou com uma piada de Pencroff, mas sempre e em todos os lugares, ele pensava nesses fatos inexplicáveis, nesse estranho enigma cujo segredo ainda lhe escapava!

Capítulo 9

O tempo mudou durante a primeira semana de março. Havia uma lua cheia no início do mês, e o calor estava excessivo. Era possível sentir a atmosfera impregnada de eletricidade, e um período tempestuoso mais ou menos longo era temível.

No dia 2, uma violenta tempestade chegou. O vento soprava do leste e o granizo atacava diretamente a fachada da Granite House. As portas e janelas foram hermeticamente seladas, caso contrário, tudo teria sido inundado.

Quando Pencroff viu as pedras de granizo caírem, não conseguiu pensar em outra coisa: seu campo de trigo corria sério perigo. Imediatamente, ele correu até lá, onde as espigas já deixavam à mostra sua pequena cabeça verde, e conseguiu proteger a colheita com uma grossa tela. Ele foi apedrejado no lugar delas, mas não se queixou.

Durante oito dias o temporal caiu continuamente. O céu estava riscado de relâmpagos, e raios atingiam diversas árvores da ilha, incluindo um enorme pinheiro que se erguia perto do lago, na orla da floresta. Duas ou três vezes também, a praia foi atingida pelo fluido elétrico, que fundiu e vitrificou a areia. Ao encontrar estes fulgurites, o engenheiro foi levado a acreditar que seria possível preencher as janelas com vidros grossos e sólidos, que poderiam desafiar o vento, a chuva e o granizo.

Os colonos aproveitaram o mau tempo para trabalhar dentro da Granite House, cuja organização era aperfeiçoada e complementada diariamente. O engenheiro construiu um torno, que lhe permitiu produzir alguns utensílios de banheiro ou cozinha, especialmente botões, cuja ausência era muito sentida, e foi criada uma prateleira para as armas.

Mestre Jup não tinha sido esquecido e ocupava um quarto à parte, perto da dispensa, espécie de cabine mobiliada com uma cama confortável.

– Não temos do que reclamar desse corajoso Jup – repetia Pencroff –, nunca uma resposta insolente. Que criado!

A saúde dos membros da colônia, bípedes ou bímanos, quadrúmanos ou quadrúpedes, não deixava nada a desejar. Com a vida ao ar livre, no solo saudável, sob a zona temperada, trabalhando com a cabeça e com as mãos, eles não podiam acreditar que qualquer doença um dia os atingiria.

Todos estavam de fato muito saudáveis. Harbert já tinha crescido cinco centímetros durante um ano e seu rosto tomava forma e se tornava mais masculino. Além disso, ele aproveitava todas as oportunidades de aprender com as tarefas manuais, lia os poucos livros encontrados na caixa, e, após as aulas práticas que emergiram da própria necessidade de sua posição, encontrava no engenheiro, para as ciências, e no repórter, para as línguas, os professores que se dispunham a complementar sua educação.

A tempestade parou por volta de 9 de março, mas o céu permaneceu nublado durante todo o último mês do verão.

Por volta dessa época, o onagro fêmea deu à luz um filhote que pertencia ao mesmo sexo que sua mãe e que veio a calhar. No curral, sob as mesmas circunstâncias, houve um aumento no rebanho de carneiros, e vários cordeiros já baliam nos hangares, para grande alegria de Nab e Harbert, que tinham cada um o seu favorito entre os recém-nascidos.

Também tentaram domesticar os pecaris e foram bem-sucedidos. Um estábulo foi construído perto do galinheiro e logo surgiram vários filhotes em processo de civilização, ou seja, engordando sob os cuidados de Nab.

Um dia desse mês de março, Pencroff, conversando com o engenheiro, lembrou Cyrus Smith de uma promessa que ele ainda não

tivera tempo de cumprir.

– O senhor falou de um dispositivo que substituiria as longas escadas da Granite House, senhor Cyrus. O senhor não pretende construí-lo?

– Você fala de um tipo de elevador? – perguntou Cyrus Smith.

– Chamemos de elevador. O nome não importa, desde que nos leve à casa sem fadiga.

– É simples fazê-lo, Pencroff, mas será útil?

– Certamente, senhor Cyrus. Depois de produzirmos o necessário, pensemos no conforto. Para as pessoas, será apenas um luxo; mas para as coisas, é essencial! Não é fácil subir uma escada quando estamos muito carregados!

– Bem, Pencroff, vou tentar satisfazê-lo.

– Mas o senhor não tem um motor à disposição.

– Nós faremos um.

– Um motor a vapor?

– Não, a água.

De fato, para manobrar o dispositivo, havia uma força natural à disposição do engenheiro, que ele podia usar sem grande dificuldade. Para isso, bastava aumentar o fluxo do pequeno desvio feito no lago que fornecia água para a Granite House.

Em 17 de março, o elevador funcionou pela primeira vez. A partir desse dia, todos os fardos, madeira, carvão, provisões e até os colonos foram erguidos por aquele sistema simples, que substituiu a escada primitiva de que ninguém deu falta. Top ficou satisfeito com a melhoria, pois não tinha a habilidade do mestre Jup para subir a escada, e muitas vezes ele subia nas costas de Nab, ou mesmo nas do orangotango para chegar à Granite House.

Nessa época, Cyrus Smith também tentou fazer vidro, e teve que adaptar o velho forno de cerâmica para essa nova função. Depois de várias tentativas fracassadas, ele conseguiu montar um ateliê de vidraçaria, que Gédéon Spilett e Harbert, os ajudantes naturais do engenheiro, não abandonaram por alguns dias.

Depois que o primeiro vidro foi fabricado, bastava repetir a operação cinquenta vezes para obter cinquenta janelas. Assim, as janelas da Granite House logo foram revestidas com placas diáfanas suficientemente transparentes.

Os utensílios como copos e garrafas, foram fabricados como pura

brincadeira. Além disso, eles eram aceitos da forma como se moldavam na ponta do bastão.

Durante uma das excursões feitas naquela época, descobriram uma nova árvore cujos produtos aumentaram ainda mais os recursos alimentares da colônia. Enquanto caçavam, Cyrus Smith e Harbert se aventuraram na floresta do Extremo Oeste, e, como sempre, o jovem fez mil perguntas ao engenheiro, que as respondeu de bom grado. Mas a caça exige tanto quanto qualquer outra atividade, e quando não se coloca zelo nisso, há muitas razões para não ter sucesso. O dia já avançava e os dois caçadores pensavam ter feito uma excursão inútil quando Harbert parou e deu um grito de alegria:

– Ah! Senhor Cyrus, está vendo esta árvore?

E ele apontava um tronco simples, revestido em uma casca escamosa, com folhas zebradas de pequenos veios paralelas.

– Que árvore é essa que se parece com uma pequena palmeira?

– É uma cica, cujo retrato está no nosso dicionário de história natural!

– Mas não vejo nenhum fruto nesse arbusto?

– Não, senhor Cyrus, mas seu tronco contém uma farinha que a natureza nos fornece já moída.

– Então esta é a árvore-do-pão?

– Sim! A árvore-do-pão.

– Bem, meu jovem, essa é uma descoberta preciosa enquanto esperamos pela colheita do trigo. Mãos à obra, e que os céus permitam que você não esteja enganado!

Harbert não estava enganado. Ele quebrou a haste de uma cica, composta de um tecido glandular e que continha certa quantidade de medula farinácea, atravessada por feixes lenhosos, separados por anéis da mesma substância, concentricamente dispostos. A esse amido, misturava-se um sumo mucilaginoso de sabor desagradável, mas que seria fácil de separar por pressão. Essa substância celular formava uma farinha de alta qualidade, extremamente nutritiva, e cuja exportação era proibida pelas leis japonesas antigamente.

Depois de estudarem cuidadosamente a parte do Extremo Oeste onde cresciam os cicas, eles anotaram alguns pontos de referência e retornaram à Granite House, onde relataram a descoberta.

No dia seguinte, os colonos partiram para a colheita e regressaram à Granite House com uma grande quantidade de cicas. O engenheiro

montou uma prensa para extrair o suco mucilaginoso misturado ao amido e obteve uma quantidade de farinha que, nas mãos de Nab, transformou-se em bolos. Ainda não era o pão de trigo verdadeiro, mas era quase.

Os onagros, as cabras e os carneiros do curral forneciam diariamente todo o leite necessário à colônia. Então a carroça, ou melhor, a espécie de carriola leve que a havia substituído, fazia frequentes viagens ao curral.

Tudo prosperava, tanto no curral como na Granite House, e os colonos não tinham do que reclamar, a não ser o fato de estarem longe de sua terra natal. Eles estavam tão adaptados à nova vida e tão acostumados à ilha que não se arrependiam de ter deixado sua terra hospitaleira!

Porém, o amor pelo país está tão enraizado no coração do homem que se algum navio surgisse inesperadamente no horizonte da ilha, os colonos lhe fariam sinal, o atrairiam e abandonariam a ilha! Enquanto isso não acontecia, eles viviam felizes aquela existência, e tinham mais medo do que desejo de que qualquer acontecimento viesse perturbá-los.

A ilha Lincoln, na qual os colonos já viviam há mais de um ano, era sempre o assunto de suas conversas, e um dia, um deles fez uma observação que teria mais tarde sérias consequências.

– Meu caro Cyrus, desde que dispõe do sextante encontrado na caixa, o senhor voltou a calcular a posição da nossa ilha? – perguntou Gédéon Spilett.

– Não.

– Mas talvez fosse apropriado fazê-lo, com esse instrumento que é mais preciso do que aquele que usou.

– Para quê? – perguntou Pencroff. – A ilha está onde está!

– Sem dúvida, mas pode ser que a imprecisão do aparelho tenha afetado a justeza das observações, e, como é fácil verificar sua exatidão...

– Você está certo, meu caro Spilett – respondeu o engenheiro –, e eu deveria ter feito isso mais cedo. No entanto, se cometi algum erro, ele não deve exceder cinco graus em longitude ou latitude.

– Ah! quem sabe? – considerou o repórter. – E se estamos muito mais perto de uma terra habitada do que pensamos?

– Nós saberemos amanhã – respondeu Cyrus Smith.

– Ora! O senhor Cyrus é demasiado bom observador para ter cometido um erro, e se não se mexeu, a ilha está exatamente onde ele a deixou! – disse Pencroff.

No dia seguinte, com o auxílio do sextante, o engenheiro fez as observações necessárias para verificar as coordenadas que já tinha obtido. A primeira observação tinha indicado a seguinte localização da ilha Lincoln: longitude oeste: entre 150° e 155°; latitude sul: entre 30° e 35°.

A segunda deu exatamente: longitude oeste: 150° 30'; latitude sul: 34° 57'.

Assim, apesar da imperfeição de seu instrumento, Cyrus Smith havia calculado tão habilmente que seu erro não excedia nem cinco graus.

– Agora – disse Gédéon Spilett –, como além de um sextante também temos um atlas, vejamos a posição exata que a ilha Lincoln ocupa no Pacífico.

Harbert foi buscar o atlas. O mapa do Pacífico foi aberto, e o engenheiro, com a bússola na mão, apressou-se em determinar a localização. De repente, a bússola parou em sua mão, e ele disse:

– Mas já existe uma ilha nesta parte do Pacífico!

– Uma ilha? – exclamou Pencroff.

– A nossa, sem dúvida? – respondeu Gédéon Spilett.

– Não – respondeu Cyrus Smith. – A ilha está localizada a 153° de longitude e 37° 11' de latitude, dois graus e meio a oeste e dois graus a sul da ilha Lincoln.

– E que ilha é essa? – interrogou Harbert.

– A ilha Tabor.

– Uma ilha importante?

– Não, uma ilhota perdida no Pacífico, que talvez nunca tenha sido visitada!

– Bem, vamos visitá-la – disse Pencroff.

– Nós?

– Sim, senhor Cyrus. Vamos construir um barco coberto e eu me encarrego de conduzi-lo. A que distância estamos da ilha Tabor?

– Cerca de duzentos e cinquenta quilômetros a nordeste – respondeu Cyrus Smith.

– Duzentos e cinquenta quilômetros! Precisaremos de quarenta e oito horas e de um bom vento para chegar!

– Mas para quê? – perguntou o repórter.

– Não sabemos. Vamos ver!

E com essa resposta, foi decidido que construiriam um barco que pudesse navegar perto do mês de outubro, quando o tempo voltaria a ficar bom, favorecendo a navegação.

Capítulo 10

Quando Pencroff colocava uma ideia na cabeça, nada nem ninguém o fazia abandoná-la. Ele queria visitar a ilha Tabor, e uma vez que um barco de certo tamanho era necessário para essa travessia, era necessário construí-lo.

Eis o plano acordado entre o engenheiro e o marujo.

O navio teria dez metros de quilha e três metros de vau, e não deveria submergir por mais de dois metros, calado de água suficiente para não deixá-lo à deriva. Ele seria revestido em todo o seu comprimento, perfurado por duas escotilhas que dariam acesso a dois quartos separados por uma divisória, e armado com *sloop*, brigantina, traquete, varredoura, beque, foque e vela de fácil manobra, em caso de rajadas de vento, e fácil de posicionar a favor do vento. O casco seria construído de bordos livres, ou seja, eles não ficariam sobrepostos. Já o cavername seria aplicado “a quente” após o ajuste dos bordos, que seriam montados sobre traves horizontais.

Decidiram que a árvore usada seria o pinheiro, cuja madeira era mais fácil de “trabalhar” e que suporta tão bem a imersão na água quanto o olmo.

Também combinaram que, uma vez que o retorno da estação quente não ocorreria nos próximos seis meses, Cyrus Smith e Pencroff trabalhariam sozinhos no barco. Gédéon Spilett e Harbert deveriam continuar caçando, e nem Nab, nem mestre Jup abandonariam o

trabalho doméstico que lhes foi designado.

Assim que as árvores foram escolhidas, eles as derrubaram, cortaram e serraram em pranchas, como fariam serralheiros experientes. Oito dias depois, na escavação que existia entre as Chaminés e a muralha, prepararam um canteiro, e uma quilha de dez metros de comprimento, equipada com uma popa e uma proa na frente, estendia-se sobre a areia.

Pencroff estava pronto para realizar seu novo empreendimento e não queria abandoná-lo nem por um momento.

Apenas a segunda colheita de trigo, que ocorreu em 15 de abril, teve o privilégio de tirá-lo do seu local de trabalho por um dia. Ela foi tão bem-sucedida quanto a primeira e forneceu a proporção de grãos anunciada com antecedência.

– Cinco alqueires, senhor Cyrus!

– Cinco alqueires – respondeu o engenheiro – e a cento e trinta mil grãos por alqueire, ou seja, seiscentos e cinquenta mil grãos.

– Pois bem! Vamos semear tudo desta vez!

– Sim, Pencroff, e, se a próxima colheita produzir uma quantidade proporcional, teremos quatro mil alqueires.

– E comeremos pão?

– Comeremos pão.

– Mas teremos de construir um moinho!

– Construiremos um moinho.

O terceiro campo de trigo era, portanto, muito maior do que os dois primeiros, e a terra, preparada com extremo cuidado, recebeu as preciosas sementes. Quando essa atividade terminou, Pencroff voltou ao trabalho.

Enquanto isso, Gédéon Spilett e Harbert caçavam nas proximidades e se aventuraram pelas regiões ainda desconhecidas do Extremo Oeste. Três grandes herbívoros foram mortos na última metade de abril. Eram kulas, que os colonos já tinham avistado ao norte do lago e que se deixavam matar facilmente entre os ramos das árvores onde procuravam refúgio.

Uma descoberta valiosa, de outro ponto de vista, também foi feita por Gédéon Spilett durante uma dessas excursões.

Era 30 de abril. Os dois caçadores tinham avançado no sudoeste do Extremo Oeste quando o repórter, precedendo Harbert, chegou em uma espécie de clareira onde as árvores deixavam penetrar alguns

raios.

Gédéon Spilett ficou surpreso com o cheiro de algumas plantas de caules retos, cilíndricos e ramificados. Ele puxou um ou dois desses caules e se voltou para o rapaz, perguntando:

– Sabe o que é isso, Harbert?

– Onde encontrou essa planta, senhor Spilett?

– Ali, numa clareira, onde ela cresce abundantemente.

– Pois bem, senhor Spilett, esse é um achado que lhe garantirá toda a gratidão de Pencroff!

– Então é tabaco?

– Sim. Ainda que não seja de primeira qualidade, é tabaco!

– Ah, aquele corajoso Pencroff vai ficar muito feliz! Mas ele não vai fumar tudo! E vai deixar um pouco para nós!

– Tenho uma ideia, senhor Spilett. Não vamos dizer nada a Pencroff, vamos aproveitar o tempo de preparar as folhas, e, um belo dia, nós o presentearemos com um charuto bem gordo!

– Combinado, Harbert, e nesse dia, nosso digno companheiro não desejará mais nada deste mundo!

O repórter e o jovem rapaz fizeram uma boa provisão da preciosa planta e voltaram à Granite House, onde a guardaram "clandestinamente", como se Pencroff fosse o mais severo dos oficiais da alfândega.

Cyrus Smith e Nab foram informados do segredo, e o marujo não suspeitou de nada durante todo o tempo necessário para secar, triturar e torrar as folhas sobre pedras quentes. O processo levou dois meses.

Mais uma vez, o trabalho favorito de Pencroff foi interrompido por uma pesca da qual todos os colonos tiveram de participar.

Nos últimos dias, um enorme animal tinha sido observado nadando nas águas da ilha Lincoln, a três ou quatro quilômetros de distância. Era uma baleia enorme, pertencente à espécie conhecida como "baleia do Cabo".

– Que sorte seria capturá-la! – fez o marujo. – Ah, se tivéssemos um barco apropriado e um arpão em boas condições, eu diria "vamos até a besta, porque vale a pena capturá-la"!

– Ah! Pencroff – disse Gédéon Spilett –, eu adoraria vê-lo manipular o arpão. Isso deve ser curioso!

– Curioso, mas perigoso – disse o engenheiro – ; mas como não temos meios para atacar este animal, é inútil perdermos tempo com

ele.

– Estou surpreso em ver uma baleia sob esta latitude relativamente alta – disse o repórter.

– Por que, senhor Spilett? – perguntou Harbert. – Estamos na parte do Pacífico que os pescadores ingleses e americanos chamam de “Campo das baleias”, e é aqui, entre a Nova Zelândia e a América do Sul, que as baleias do hemisfério sul são encontradas em maior número.

– Nada é mais verdadeiro – respondeu Pencroff. – O que me surpreende é que não tenhamos visto mais. Mas, como não podemos nos aproximar delas, pouco importa!

Pencroff voltou ao trabalho, não sem um suspiro de pesar, pois dentro de todo marujo há um pescador, e se o prazer da pesca é proporcional ao tamanho do animal, pode-se julgar o que um baleeiro sente na presença de uma baleia!

Acontece que a tal baleia parecia não querer abandonar as águas da ilha. Então, ou das janelas da Granite House, ou do planalto da Grande-Vista, Harbert e Gédéon Spilett, quando não estavam caçando, Nab, enquanto vigiava seus fornos, pegavam a luneta e observavam os movimentos do animal. Às vezes ela chegava tão perto da ilhota que era possível vê-la por completo.

Também era possível vê-la expelir, por seus espiráculos, uma grande nuvem de vapor – ou de água, porque por mais estranho que pareça, naturalistas e baleeiros ainda não chegaram em um acordo quanto a isso.

Os colonos estavam preocupados com a presença desse mamífero marinho. Isso angustiava sobretudo Pencroff, que se distraía durante o trabalho.

Mas o que os colonos não puderam fazer, o acaso fez por eles, e no dia 3 de maio, os gritos de Nab, apoiado à janela da cozinha, anunciaram que a baleia estava encalhada na costa da ilha.

Harbert e Gédéon Spilett, que estavam prestes a sair para caçar, abandonaram suas armas, Pencroff atirou seu machado, Cyrus Smith e Nab se juntaram a seus companheiros, e todos correram para o local do encalhe, que tinha ocorrido na praia da ponta do Destroço. Por conseguinte, era provável que o cetáceo não conseguisse se soltar facilmente. Eles correram com picaretas afiadas e cravadas de espinhos, e em menos de vinte minutos estavam perto o enorme

animal sobre o qual já fervilhava um mundo de pássaros.

– Que monstro! – exclamou Nab.

E a expressão estava correta, pois era uma baleia austral de vinte e quatro metros de comprimento, que não devia pesar menos de sessenta toneladas!

No entanto, o monstro, encalhado, não se movia nem tentava voltar a flutuar enquanto o mar ainda estava alto. Os colonos logo tiveram uma explicação para essa imobilidade, quando, na maré baixa, circularam o animal.

Ela estava morta, e um arpão saía de seu flanco esquerdo.

– Então há baleeiros por perto? – disse Gédéon Spilett.

– Por quê? – perguntou o marujo.

– Porque o arpão ainda está aí...

– Ah! senhor Spilett, mas isso não prova nada – respondeu Pencroff. – Vi baleias percorrerem milhares de quilômetros com um arpão no flanco, e não seria surpresa ela ter sido atingida ao norte do Atlântico e morrer no Pacífico!

– Entretanto... – disse Gédéon Spilett, que não estava satisfeito com o raciocínio de Pencroff.

– É perfeitamente possível – respondeu Cyrus Smith –, mas vamos examinar esse arpão. Talvez, seguindo um costume bastante comum, os baleeiros tenham gravado nele o nome do seu navio?

De fato, quando Pencroff arrancou o arpão dos flancos do animal, encontrou esta inscrição:

Maria-Stella

Vineyard.

– Um navio de Vineyard! Um navio do meu país! – exclamou. – O *Maria-Stella!* Um belo baleeiro de Vineyard[6]! – E, agitando o arpão, ele repetia emocionado o nome que lhe era caro ao coração, o nome do seu país natal!

Mas, uma vez que não se podia esperar que o *Maria-Stella* viesse reclamar o animal arpoado, decidiram proceder com o esquartejamento antes da decomposição do animal. Pencroff já havia servido em um navio baleeiro e foi capaz de conduzir metodicamente a operação de esquartejamento.

Quando a operação foi concluída, os trabalhos diários da Granite House foram retomados. No entanto, antes de retornar ao local de construção, Cyrus Smith teve a ideia de fabricar utensílios que

despertaram a curiosidade de seus companheiros. Ele pegou uma dúzia de barbatanas de baleia e cortou-as em seis partes iguais, afiando suas extremidades.

– E isso, senhor Cyrus – perguntou Harbert quando a operação foi concluída –, para que serve?

– Para matar lobos, raposas e até jaguares.

– Agora?

– Não, no inverno, quando tivermos gelo à disposição.

– Não entendi...

– Você vai entender, meu jovem – respondeu o engenheiro. – Este utensílio é frequentemente usado por caçadores aleutas da América russa. Quando essas barbatanas esfriarem, vou curvá-las e regá-las até que estejam completamente cobertas com uma camada de gelo que manterá sua curvatura, e as semearei na neve, tendo-as previamente escondido sob uma camada de gordura. Se algum animal esfomeado engolir uma dessas iscas, o calor do seu estômago derreterá o gelo, e a barbatana, ao desdobrar, o perfurará com suas pontas afiadas.

– Isso é muito engenhoso! – disse Pencroff.

– Isso é mais valioso que as armadilhas! – acrescentou Nab.

– Aguardemos o inverno, então!

Enquanto isso, a construção do barco avançava, e no fim do mês metade já estava pronta. Pencroff trabalhava com muito zelo e exigia de sua natureza robusta para resistir ao cansaço; mas seus companheiros preparavam secretamente uma recompensa para tanto esforço, e no dia 31 de maio ele receberia uma das maiores alegrias de sua vida.

Naquele dia, quando estava prestes a sair da mesa do jantar, Pencroff sentiu uma mão tocar seu ombro. Era a mão de Gédéon Spilett, que lhe disse:

– Um momento, mestre Pencroff, não se vai embora assim! Esqueceu a sobremesa?

– Obrigado, senhor Spilett, mas vou voltar ao trabalho.

– Um gole de café então?

– Também não.

– E um cachimbo?

Pencroff se levantou de repente e seu rosto empalideceu quando viu o repórter estender um cachimbo e Harbert lhe oferecer uma brasa ardente.

O marujo tentou articular alguma palavra sem conseguir; mas, ao pegar o cachimbo, levou-o diretamente aos lábios; em seguida, acendeu-o e tragou cinco a seis vezes seguidas.

– Tabaco de verdade! – ele disse.

– Sim, Pencroff – respondeu Cyrus Smith –, e um excelente tabaco!

– Oh! divina Providência! Não falta nada na nossa ilha!

E Pencroff fumava, fumava, fumava!

– E quem fez essa descoberta? Você, Harbert?

– Não, Pencroff, foi o senhor Spilett.

– Senhor Spilett! – exclamou o marujo, abraçando o repórter.

– Ufa, Pencroff! – respondeu Gédéon Spilett, recuperando a respiração entrecortada por alguns instantes. – Compartilhe essa gratidão com Harbert, que reconheceu essa planta, com Cyrus, que a preparou, e com Nab, que sofreu para guardar segredo!

– Bem, meus amigos, um dia eu os recompensarei por isso! – respondeu o marujo. – Agora é para sempre!

---

6 Porto do Estado de Nova Iorque. (N.T.)

Capítulo 11

O inverno estava chegando com o mês de junho, e a grande ocupação foi a confecção de roupas quentes e sólidas.

Os carneiros do curral tinham sido despidos de sua lã, e essa preciosa matéria têxtil precisava ser transformada em tecido.

Cyrus Smith, não tendo à disposição máquinas de cardar, pentear, alisar, esticar, retorcer e fiar a lã, nem tear para tecê-la, teve de fazer de uma forma mais simples, a fim de economizar fiação e tecelagem. Ele propôs simplesmente usar a propriedade dos filamentos de lã que, quando pressionados em todos os sentidos, se entrelaçam e se fundem, por entrecruzamento, formando o tecido chamado de feltro.

Os colonos, portanto, tinham cobertores grossos e roupas boas e puderam ver sem medo a chegada do inverno de 1866-1867. O frio extremo começou a se fazer sentir em 20 de junho, e, para seu grande pesar, Pencroff teve que suspender a construção do barco, que teria que ser concluída na próxima primavera.

A ideia fixa do marujo era fazer uma viagem de reconhecimento à ilha Tabor, embora Cyrus Smith não aprovasse essa viagem por mera curiosidade, pois obviamente não havia possibilidade de encontrar ajuda naquele rochedo deserto e semiárido.

Cyrus Smith falava muito sobre este projeto com Pencroff e encontrava no marujo uma estranha teimosia em querer realizar essa jornada da qual talvez o próprio marujo não se desse conta.

– Senhor Cyrus, voltaremos a falar dessa viagem quando chegar a hora. Eu imagino que quando vir nosso barco bem equipado e guarnecido, quando observar como ele se comporta no mar, quando circum-navegarmos nossa ilha, eu afirmo que o senhor não hesitará em me deixar partir! Não posso negar que seu barco será uma obra-prima!

– Ao menos diga: nosso barco, Pencroff!

A primeira neve caiu no fim de junho. O curral foi previamente abastecido com suprimentos e já não precisava de visitas diárias, mas foi decidido que não deixariam passar uma semana sem ir lá.

As armadilhas foram novamente estendidas, e o equipamento fabricado por Cyrus Smith foi testado. As barbatanas curvadas, presas dentro de uma caixa de gelo e cobertas com uma camada espessa de gordura, foram colocadas na borda da floresta, onde os animais comumente passam para chegar ao lago.

Para grande satisfação do engenheiro, essa invenção foi um sucesso. Uma dúzia de raposas, alguns javalis selvagens e até um jaguar foram encontrados com os estômagos perfurados pelas barbatanas esticadas.

Na ocasião, aconteceu um experimento importante de ser relatado, pois foi a primeira tentativa dos colonos de se comunicar com seus semelhantes.

Gédéon Spilett já tinha pensado em lançar no mar um bilhete fechado em uma garrafa, que as correntes talvez levassem para uma costa habitada, ou em confiá-lo aos pombos.

Em 30 de junho, um albatroz, ligeiramente ferido na perna por um tiro de Harbert, foi capturado. Era uma magnífica ave da família desses grandes voadores que podem atravessar mares tão largos como o Pacífico.

Harbert teria gostado de guardar esse magnífico pássaro, cuja ferida cicatrizou rapidamente e que ele pretendia domesticar, mas Gédéon Spilett explicou que não podia negligenciar a oportunidade de tentar se corresponder por esse mensageiro com as terras do Pacífico, e Harbert teve de se render, pois, se o albatroz vinha de uma região habitada, ele retornaria a ela.

Gédéon Spilett escreveu então uma breve nota que foi colocada em um saco de tecido Panamá, com um pedido à vista para que quem o encontrasse o enviasse para o escritório do *New York Herald*. O

pequeno saco foi amarrado no pescoço do albatroz, e não em sua perna, pois essas aves estão acostumadas a repousar sobre a superfície do mar; em seguida, a liberdade lhe foi restaurada, e não foi sem alguma emoção que os colonos o viram desaparecer entre as brumas distantes do oeste.

– Aonde ele vai? – perguntou Pencroff.

– Para a Nova Zelândia – respondeu Harbert.

– Boa viagem! – gritou o marujo, que não acreditava muito nesse método de correspondência.

Durante o mês de julho o frio foi intenso, mas nem a madeira nem o carvão foram poupados. Cyrus Smith tinha construído uma segunda Chaminé no grande salão, e era lá que eles passavam as longas noites de inverno.

Foi um verdadeiro prazer para os colonos ouvir, da sala iluminada com velas, bem aquecida com carvão, depois de um jantar reconfortante, o café de sabugueiro esfumaçando no copo, os cachimbos exalando uma fumaça cheirosa, a tempestade rugir lá fora! Eles falavam sempre de seu país, dos amigos que haviam deixado para trás, da grandeza da república norte-americana, cuja influência só crescia, e Cyrus Smith, que estava estreitamente envolvido nos assuntos da União, atraía o interesse dos ouvintes com suas histórias, opiniões e análises.

A conversa seguia, até que os latidos de Top, que começava a girar em torno do buraco no poço, que se abria no final do corredor interno, os interrompeu.

– Por que Top está latindo de novo desse jeito? – perguntou Pencroff.

– E por que Jup está rosnando dessa forma? – acrescentou Harbert.

Com efeito, o orangotango, juntando-se ao cão, dava sinais de inquietação, e os dois animais pareciam mais ansiosos do que irritados.

– É óbvio – disse Gédéon Spilett – que esse poço está em comunicação direta com o mar, e que algum animal marinho vem de vez em quando respirar no fundo.

– É óbvio – respondeu o marujo. – Vamos, silêncio, Top, e você, Jup, para o quarto!

O macaco e o cão se calaram. Jup voltou para a cama, mas Top permaneceu no salão e continuou a emitir pequenos rosnados durante

a noite.

Durante o resto de julho, houve dias alternados de chuva e frio. A temperatura não caiu tanto quanto durante o inverno anterior. Mas se esse inverno foi menos frio, foi mais perturbado por tempestades e vendavais. Ainda houve ataques violentos vindos do mar, que atingiram as Chaminés mais de uma vez. Era como se um maremoto levantasse as ondas monstruosas e as atirasse contra a muralha da Granite House.

Os colonos, apoiados em suas janelas, observavam as enormes massas de água quebrando diante de seus olhos e só podiam admirar o magnífico espetáculo da fúria do oceano.

Na primeira semana de agosto, as rajadas começaram a diminuir e a atmosfera voltou a uma calma que parecia ter se perdido para sempre. Com a calma, a temperatura caiu e o frio se intensificou, chegando a 22º negativos.

Em 3 de agosto, uma excursão foi feita para o sudeste da ilha, em direção ao pântano de Tadornas. Os caçadores foram atraídos pelas presas aquáticas, que estabeleceram seus aposentos de inverno naquela região, e foi decidido que dedicariam um dia a uma expedição de caça a essas aves.

Não só Gédéon Spilett e Harbert, mas também Pencroff e Nab participaram da expedição. Apenas Cyrus Smith, alegando algum trabalho, não se juntou a eles e permaneceu na Granite House.

Os caçadores tomaram a estrada para porto Balão para chegar ao pântano, depois de prometer que estariam de volta à noite. Top e Jup foram com eles. Assim que atravessaram a ponte da Misericórdia, o engenheiro a levantou e voltou com a ideia de realizar um projeto que ele queria fazer sozinho.

O projeto consistia em explorar minuciosamente o poço interno, cujo orifício se abria no salão da Granite House, e que se conectava com o mar, uma vez que no passado serviu como uma passagem para as águas do lago.

Por que Top dava voltas em torno dele com tamanha frequência? Por que soltava latidos tão estranhos quando certa inquietude o atraía de volta ao poço? Por que Jup se juntava a Top em uma espécie de ansiedade compartilhada? O poço tinha alguma ramificação além da comunicação vertical com o mar? Ele se ramificava para outras partes da ilha? É o que Cyrus Smith queria saber, e, saber disso sozinho em

primeiro lugar.

Era fácil descer até o fundo do poço com a escada de corda que não tinha sido usada desde a instalação do elevador. O engenheiro arrastou a escada até o buraco e a desenrolou, depois de prender firmemente a extremidade superior.

A parede era sólida em quase todas as partes, mas algumas saliências da rocha surgiam em certos lugares, e por meio delas teria sido realmente possível a um ser ágil ascender até o buraco do poço.

Esta foi a observação feita pelo engenheiro; mas ao passear com sua lanterna por essas saliências, não encontrou nenhuma marca ou fissura que pudesse indicar que elas tinham sido usadas para uma escalada.

Cyrus Smith desceu mais fundo, iluminando todos os pontos da parede, mas não encontrou nada de suspeito.

Quando chegou aos últimos degraus, sentiu a superfície da água, perfeitamente calma. A muralha, que Cyrus Smith golpeou com o cabo do cutelo, era completamente sólida: um granito compacto através do qual nenhum ser vivo conseguiria abrir um caminho.

Ao completar sua exploração, Cyrus Smith subiu, removeu a escada, cobriu o buraco do poço, e voltou pensativo ao salão principal da Granite House, pensando: “Eu não vi nada, mas há alguma coisa!”.

Capítulo 12

Naquela mesma noite, os caçadores fizeram uma boa caçada e retornaram carregados de toda a caça que podia ser transportada por quatro homens. Top tinha um feixe de patos selvagens em volta do pescoço e Jup, de narcejas em volta do corpo.

– Isso, meu mestre – exclamou Nab –, é um jeito eficiente de ocuparmos nosso tempo! Conservas, patês, teremos uma saborosa reserva! Mas preciso da ajuda de alguém. Conto com você, Pencroff?

– Não, Nab – respondeu o marujo. – O barco está à minha espera, você vai ter que se virar sem mim.

– E o senhor, Harbert?

– Amanhã tenho que ir ao curral, Nab.

– Então o senhor me ajudará, senhor Spilett?

– Posso lhe fazer companhia, Nab, mas aviso que se me revelar as receitas, eu as publicarei.

– À vontade, senhor Spilett, à vontade!

E foi assim que Gédéon Spilett se tornou assistente de Nab e se instalou em seu laboratório culinário. Mas antes, o engenheiro contou-lhe o resultado da exploração que tinha feito no dia anterior, e, a esse respeito, o repórter compartilhou a opinião de Cyrus Smith de que, embora ele não tivesse encontrado nada, havia ali um mistério a desvendar!

Durante essa semana, Pencroff, assistido por Harbert, trabalhou tão

intensamente que as velas do barco ficaram prontas. Cyrus Smith fabricou as roldanas necessárias à guindagem e toda a aparelhagem ficou pronta antes do barco. Pencroff até hasteou uma bandeira azul, vermelha e branca, cujas cores tinham sido fornecidas por plantas da ilha. No entanto, às trinta e sete estrelas que representam os trinta e sete estados da União e que brilham nas bandeiras americanas, o marinheiro adicionou uma trigésima oitava, a estrela do "Estado de Lincoln", porque já considerava sua ilha anexada à grande república.

Enquanto isso, o pavilhão foi exibido na janela central da Granite House, e os colonos o saudaram com três "hurras".

No mês de setembro, o inverno terminou, e as obras foram retomadas.

A construção do barco avançou rapidamente. A borda já estava pronta, e ele foi envelopado internamente, de modo a conectar todas as partes do casco, com cavernames distendidos pelo vapor de água, que se adequavam a todos os requisitos do gabarito.

A escoa e o convés da embarcação foram concluídos em 15 de setembro. O desenho era muito simples. Na primeira semana de outubro estava tudo pronto, e foi acordado que fariam um teste nas proximidades da ilha, a fim de ver como o barco se comportava no mar e em que medida era confiável.

O tempo destinado ao trabalho não tinha sido negligenciado. O curral foi realocado, porque o rebanho de carneiros e cabras teve uma série de filhotes que precisavam ser alojados e alimentados. Os colonos não tinham deixado de visitar as criações de ostras, nem a reserva natural, nem os depósitos de carvão e ferro, ou algumas partes até então inexploradas das florestas do Extremo Oeste, que tinham muitos animais de caça.

No dia 10 de outubro, o navio foi lançado ao mar. Pencroff estava radiante. A operação funcionou perfeitamente. O barco foi empurrado sobre rolos até a orla, foi puxado pela maré cheia e flutuou sob os aplausos dos colonos, e especialmente de Pencroff, que não demonstrou qualquer modéstia na ocasião. O posto de capitão foi-lhe concedido sob aprovação de todos.

Para satisfazer o capitão Pencroff, foi necessário primeiro dar um nome ao barco, e, depois de várias propostas longamente discutidas, a escolha foi *Bonadventure*, que era o nome de batismo do honesto marujo.

Assim que o *Bonadventure* foi içado pela maré, foi possível ver que ele se mantinha perfeitamente sobre a linha d'água e que navegaria sob qualquer condição. Além disso, o teste ia ser feito no mesmo dia, em uma excursão pela costa.

– Embarquem! – gritou o capitão Pencroff.

Mas era preciso almoçar antes de sair, e pareceu pertinente levar provisões a bordo, caso a excursão se estendesse até a noite.

Cyrus Smith também estava ansioso para testar o barco, cujo desenho tinha sido projetado por ele, embora, a conselho do marujo, muitas vezes tivesse modificado algumas partes; mas ele não tinha a mesma confiança que Pencroff na embarcação, e como este não falava mais da viagem à ilha Tabor, Cyrus Smith acreditava que o marujo tinha renunciado a ela.

Às dez e meia, estavam todos a bordo, inclusive Jup e Top, e o *Bonadventure*, liderado por Pencroff, partiu em sua navegação.

Depois de ultrapassar a ponta do Destroço e o cabo da Garra, Pencroff teve que prolongar a costa sul da ilha, e, depois de percorrer algumas margens, observou que o *Bonadventure* podia chegar a cerca de cinco quartos do vento, e que ele se sustentava satisfatoriamente contra a deriva.

Os passageiros do *Bonadventure* estavam encantados. Eles tinham um barco, que, se necessário, poderia lhes render bons serviços, e com o bom tempo e a brisa leve, o passeio era muito charmoso.

A ilha surgiu em toda sua extensão e sob um novo aspecto, com o panorama de sua costa, do cabo da Garra até o promontório do Réptil, com as florestas em primeiro plano.

– Como é bonito! – exclamou Harbert.

– Sim, nossa ilha é bonita e boa – respondeu Pencroff. – Eu a amo como amei minha pobre mãe! Ela nos recebeu, completamente pobres, e o que falta a essas cinco crianças que lhe caíram do céu?

– Nada! – respondeu Nab. – Nada, capitão!

Enquanto isso, Gédéon Spilett, apoiado no pé do mastro, desenhava o panorama que se mostrava diante de seus olhos.

Cyrus Smith olhava em silêncio.

– E então, senhor Cyrus – perguntou Pencroff –, o que o senhor acha do nosso barco?

– Ele parece se comportar bem.

– Ora! E o senhor acredita que ele pode fazer uma viagem de que

distância?

– Que viagem, Pencroff?

– Até a ilha Tabor, por exemplo?

– Meu amigo, eu acho que, em um caso premente, não se deve hesitar em confiar no *Bonadventure*, mesmo para uma travessia mais longa; mas, como você sabe, eu não gostaria de vê-lo partir para a ilha Tabor, já que nada o obriga a ir até lá.

O teimoso marujo não respondeu e desistiu da conversa, determinado a retomá-la em outro momento. Mas ele não fazia ideia de que um incidente viria em seu auxílio e transformaria em ação de humanidade o que até então era apenas um capricho.

Depois de se manter em alto-mar, o *Bonadventure* tinha acabado de se aproximar da costa, dirigindo-se para porto Balão.

Eles estavam a apenas oitocentos metros da costa, e a velocidade do *Bonadventure* era moderada, porque a brisa, em parte parada pelo terreno elevado, mal inflava suas velas, e o mar, unido como o gelo, ondulava apenas com o sopro dos ventos que passavam seguindo seus caprichos.

Harbert se mantinha na frente, a fim de indicar o caminho a seguir pelas passagens, e de repente gritou:

– Orce, Pencroff, orce.

– O que aconteceu? – respondeu o marujo, levantando-se. – É uma rocha?

– Não... espere – disse Harbert –, não consigo ver direito... continue orçando... chegue mais perto...

E, dizendo isso, Harbert, deitado ao longo da borda, mergulhou rapidamente o braço na água e se levantou dizendo:

– Uma garrafa!

Ele segurava uma garrafa fechada, que tinha acabado de pegar a alguns metros da costa.

Cyrus Smith pegou a garrafa. Sem dizer uma palavra, ele sacou a rolha e puxou um papel úmido onde estavam escritas estas palavras:

Naufrágio... ilha Tabor: 153° O. long. – 37° 11 lat. S.

Capítulo 13

– Um náufrago! – exclamou Pencroff. – Abandonado a algumas centenas de quilômetros, na ilha Tabor! Ah, senhor Cyrus, o senhor não irá mais se opor ao meu plano de viagem!

– Não, Pencroff – respondeu Cyrus Smith –, e você vai partir amanhã.

O engenheiro segurava o papel que tinha retirado da garrafa. Ele refletiu por alguns instantes, depois retomou a palavra:

– Com este documento, meus amigos, e considerando a forma como ele foi concebido, podemos concluir, em primeiro lugar, que o náufrago da ilha Tabor é um homem com avançados conhecimentos náuticos, pois ele dá as coordenadas de latitude e longitude da ilha, que correspondem às que encontramos, e com um minuto de aproximação; segundo, que ele é americano ou inglês, uma vez que o documento está escrito em inglês.

– Isso é perfeitamente lógico – respondeu Gédéon Spilett –, e a presença desse náufrago explica a chegada da caixa às margens da ilha. Houve um naufrágio, uma vez que há um náufrago que, seja quem for, tem sorte de Pencroff ter tido a ideia de construir este barco e testá-lo hoje mesmo, porque, com um dia de atraso, a garrafa poderia ter se quebrado nos recifes.

– Isso não parece estranho? – perguntou Cyrus Smith a Pencroff.

– Parece-me um feliz acaso. O senhor vê algo de extraordinário

nisso? Essa garrafa tinha de ir para algum lugar, por que não aqui?

– Você pode estar certo, Pencroff – respondeu o engenheiro –, e ainda assim...

– Mas – observou Harbert –, não há provas de que esta garrafa já não esteja flutuando no mar há muito tempo?

– Nenhuma prova – respondeu Gédéon Spilett –, mas o documento parece ter sido escrito recentemente. O que pensa, Cyrus?

– É difícil saber, mas nós descobriremos! – respondeu Cyrus Smith.

Todos pensavam no náufrago da ilha Tabor. Ainda havia tempo de salvá-lo? Grande acontecimento na vida dos colonos! Eles mesmos eram apenas náufragos, mas temiam que o outro não tivesse sido tão favorecido quanto eles, e o dever deles era correr para enfrentar o infortúnio.

O cabo da Garra foi contornado, e o *Bonadventure* chegou por volta das quatro horas na foz da Misericórdia.

Na mesma noite, os detalhes da nova expedição foram combinados. Pareceu apropriado que Pencroff e Harbert, que sabiam como operar um barco, viajassem sozinhos. Partindo no dia seguinte, 11 de outubro, eles poderiam chegar no dia 13. Um dia na ilha, três ou quatro dias para regressar, então era possível considerar que eles estariam de volta à ilha Lincoln no dia 17.

Gédéon Spilett, que não se esquecia de sua profissão como repórter do *New York Herald*, declarou que faria o percurso a nado para não perder tal oportunidade, e foi então autorizado a participar da viagem.

No dia seguinte, às cinco da manhã, as despedidas foram feitas, não sem certa emoção de ambos os lados, e Pencroff, abanando suas velas, seguiu na direção do cabo da Garra, que teve que atravessar a fim de seguir pela rota sudoeste.

O *Bonadventure* já estava a uns quatrocentos metros da costa quando seus passageiros viram nas alturas da Granite House dois homens acenando com um adeus. Eram Cyrus Smith e Nab.

– Os nossos amigos! Eis nossa primeira separação em quinze meses! – disse Gédéon Spilett.

Durante as primeiras horas do dia, o *Bonadventure* permaneceu visível na costa sul da ilha Lincoln, que logo aparecia apenas na forma de uma cesta verde, da qual emergia o monte Franklin. Três horas depois, toda a ilha Lincoln tinha desaparecido no horizonte.

À noite, a lua crescente, que chegaria a seu primeiro quarto apenas

no dia 16, surgiu no crepúsculo solar e logo desapareceu.

Pencroff, por prudência, recolheu o tope da vela, não querendo se expor a alguma ventania excessiva com a lona no topo do mastro. O repórter dormiu parte da noite. Pencroff e Harbert se revezavam a cada duas horas no leme.

A noite correu bem, e o 12 de outubro transcorreu nas mesmas condições. A direção sudoeste foi estritamente mantida durante todo o dia, e se o *Bonadventure* não fosse atingido por alguma corrente desconhecida, chegaria diretamente à ilha Tabor.

O mar em que o barco navegava naquele momento estava absolutamente deserto. Às vezes, algum grande pássaro, como um albatroz ou uma fragata, passava dentro do alcance das armas.

Gédéon Spilett, Harbert e Pencroff não dormiram durante a noite de 12 a 13 de outubro. À espera do dia seguinte, eles não conseguiam conter uma forte emoção. Havia tantas incertezas naquela empreitada! Estavam perto da ilha Tabor? A ilha ainda era habitada pelo náufrago a quem iam salvar? Essas questões, que provavelmente seriam respondidas no dia seguinte, mantinham-nos despertos, e às primeiras luzes do amanhecer, eles fixaram sucessivamente seus olhares em todos os pontos do horizonte a oeste.

– Terra! – gritou Pencroff por volta das seis da manhã.

Que se consiga imaginar a alegria da pequena tripulação do *Bonadventure*! Em poucas horas ele estaria na costa da ilha!

A ilha Tabor, uma espécie de costa baixa, mal emergindo das ondas, não estava a mais de vinte e cinco quilômetros de distância.

– É apenas uma ilhota, menor do que a ilha Lincoln – observou Harbert.

Às onze da manhã, o *Bonadventure* estava apenas a três quilômetros de distância, e Pencroff, procurando um local para atracar, navegava com extrema cautela pelas águas desconhecidas.

Surpreendentemente, não havia qualquer fumaça ou sinal que indicasse que a ilhota era habitada. No entanto, o documento era claro: havia um náufrago, e ele devia estar à espreita! Gédéon Spilett percorria toda a costa com sua luneta, sem encontrar nada.

Finalmente, por volta do meio-dia, o *Bonadventure* atingiu uma praia de areia com sua proa. A âncora foi jogada, as velas recolhidas e a tripulação do pequeno barco desceu em terra firme.

O barco estava seguramente ancorado, de modo que o refluxo do

mar não poderia levá-lo embora; então Pencroff e seus dois companheiros, devidamente armados, subiram pela margem até chegar a uma espécie de cone, a uns oitocentos metros dali.

– Do topo desta colina – disse Gédéon Spilett –, provavelmente poderemos fazer um reconhecimento superficial da ilhota que facilitará nossa pesquisa.

Enquanto conversavam, os exploradores caminhavam ao longo da orla de uma pradaria que terminava ao pé do cone.

Tendo chegado ao pé do cone, Pencroff, Harbert e Gédéon Spilett escalaram-no rapidamente e seus olhos percorreram os vários pontos do horizonte.

Eles estavam de fato em uma ilhota de menos de dez quilômetros de circunferência, cujo perímetro, salpicado de poucos cabos e promontórios e com poucas enseadas e calhetas, tinha uma forma oval alongada. Em toda a volta, o mar, absolutamente deserto. Não havia qualquer terra ou vela à vista!

Essa ilhota, arborizada em toda a superfície, não oferecia a mesma diversidade da ilha Lincoln. Aqui era uma massa uniforme de vegetação, dominada por duas ou três colinas pouco altas.

– A propriedade é pequena – disse Harbert.

– Sim – respondeu Pencroff –, seria pequena demais para nós!

– Além disso – respondeu o repórter –, ela parece desabitada.

– De fato – concordou Harbert –, nada revela a presença do homem.

– Vamos descer e procurar – sugeriu Pencroff.

Os três voltaram para a costa onde haviam deixado o *Bonadventure*. Eles decidiram dar a volta na ilhota a pé antes de se aventurarem em seu interior, para que nenhum ponto escapasse às suas investigações.

Os exploradores desceram para o sul, afugentando bandos de aves aquáticas e focas que se atiravam no mar assim que os avistavam.

– Essas bestas não estão vendo homens pela primeira vez – observou o repórter. – Elas nos temem porque nos reconhecem.

Não havia traços de habitação ou pegadas humanas em todo o perímetro da ilhota, que foi contornada em quatro horas de caminhada. Era preciso acreditar que a ilha Tabor não era habitada ou já não o era mais. Talvez o bilhete tivesse meses ou anos, e era possível, no caso, que o náufrago tivesse sido repatriado, ou morrido de pobreza.

Pencroff, Gédéon Spilett e Harbert, criando hipóteses plausíveis, comeram rapidamente a bordo do *Bonadventure*, a fim de retomar a excursão. Isso foi feito às cinco da tarde, quando eles se aventuraram pelo bosque.

Cabras e porcos fugiam com a aproximação deles. Provavelmente algum baleeiro os tinha desembarcado na ilha, onde eles se multiplicaram. Harbert prometeu capturar um ou dois deles vivos, para levá-los à ilha Lincoln.

Não havia dúvida de que em algum momento a ilhota tinha sido visitada pelo homem. Isso se tornou mais evidente quando, no meio da floresta, surgiram caminhos desenhados, troncos de árvores cortados com machado, e marcas de trabalho humano por toda parte; mas as árvores, apodrecidas, tinham sido derrubadas há anos, os entalhes de machado estavam cobertos de musgos, e a grama crescia em trilhas difíceis de percorrer.

– Mas – observou Gédéon Spilett –, isso prova não só que homens desembarcaram nesta ilhota, mas que viveram nela por algum tempo. Quem eram esses homens? Quantos eram? Quantos ainda restam?

– O documento fala de apenas um náufrago – disse Harbert.

– Bem, se ainda está na ilha – disse Pencroff –, vamos encontrá-lo!

O marujo e seus companheiros seguiram pela estrada que cortava diagonalmente a ilhota e chegaram ao riacho que corria em direção ao mar.

Em alguns lugares, no meio das clareiras, era visível que a terra tinha sido cultivada com plantas comestíveis. Qual foi a alegria de Harbert ao reconhecer batatas, chicórias, cenouras, couves, nabos, das quais ele só precisava colher a semente para enriquecer o solo da ilha Lincoln!

– Ah, sim! – concordou Pencroff. – Isso vai agradar Nab, e a nós também. Se porventura não encontrarmos o náufrago, ao menos nossa jornada não terá sido inútil, e Deus nos terá recompensado!

– Sem dúvida – respondeu o jornalista – ; mas, a julgar o estado destas plantações, devemos temer que a ilhota não esteja habitada há muito tempo.

– De fato – respondeu Harbert –, ninguém negligenciaria uma cultura tão importante!

– Sim! – concordou Pencroff – Dá para supor que o náufrago partiu.

– Então temos de admitir que o documento é antigo, e que a

garrafa só chegou à ilha Lincoln depois de flutuar no mar durante muito tempo?

– Por que não? – perguntou Pencroff. – Mas está anoitecendo, acho melhor suspendermos nossa busca.

– Vamos voltar a bordo e amanhã recomeçamos – disse o repórter.

Era o mais sensato a fazer, e o conselho seria seguido, quando Harbert, mostrando uma massa confusa entre as árvores, gritou:

– Uma casa!

Os três foram até a habitação indicada. Sob o crepúsculo, era possível ver que ela tinha sido construída com tábuas cobertas com uma espessa lona.

A porta, semicerrada, foi empurrada por Pencroff, que logo entrou...

A casa estava vazia!

Capítulo 14

Pencroff, Harbert e Gédéon Spilett permaneceram em completo silêncio na escuridão.

Pencroff chamou em voz alta. Não houve resposta. Então o marujo riscou o isqueiro e acendeu um graveto. A luz iluminou fugazmente uma pequena sala, que parecia abandonada. No fundo, uma grosseira Chaminé com algumas cinzas frias sob uma mistura de madeira seca.

Eles viram uma cama em desordem, cujas cobertas, úmidas e amareladas, provavam que ela já não estava mais em uso há um bom tempo. Em um canto da Chaminé, duas chaleiras cobertas de ferrugem e um pote caído, um guarda-roupas com vestes de marinheiro um pouco emboloradas e muitos objetos no mesmo estado.

– Não há ninguém – disse o repórter.

– Ninguém! – concordou Pencroff.

– Esta sala já não é habitada há muito tempo – considerou Harbert.

– Senhor Spilett – disse Pencroff –, em vez de voltar a bordo, acho que é melhor passarmos a noite aqui.

– Tem razão, Pencroff, e se o dono voltar, talvez não se queixe por nos encontrar aqui!

– Ele não vai voltar, pode ter certeza! – disse o marujo, acenando negativamente com a cabeça.

– O senhor acha que ele deixou a ilha? – perguntou o repórter.

– Se ele tivesse deixado a ilha, teria levado suas armas e

ferramentas. Não, ele não deixou a ilha! Se tivesse escapado numa canoa feita por ele, não teria abandonado esses objetos de primeira necessidade. Ele está na ilha!

– Vivo? – perguntou Harbert.

– Vivo ou morto. Mas se está morto, suponho que não enterrou a si mesmo, e encontraremos pelo menos seus restos mortais!

Os três colonos acordaram que passariam a noite na casa abandonada, que uma provisão de madeira manteria suficientemente aquecida.

Como aquela noite pareceu longa! Somente Harbert tinha dormido por duas horas, pois, na sua idade, dormir era uma necessidade. Os três estavam ansiosos para retomar a exploração do dia anterior e vasculhar os cantos mais secretos da ilha!

Amanheceu. Pencroff e seus companheiros começaram imediatamente a examinar a habitação. Ela tinha sido construída em um local privilegiado, na parte de trás de uma pequena colina, ao abrigo de cinco ou seis magníficos gomíferos.

A habitação tinha sido construída com tábuas que vinham do casco ou convés de um navio. Era, portanto, provável que um navio desamparado tivesse sido lançado na costa daquela ilha, que pelo menos um homem da tripulação tivesse se salvado, e que, com os escombros do navio e as ferramentas de que dispunha, ele tivesse construído a casa.

Gédéon Spilett, tendo dado a volta na habitação, viu sobre uma tábua estas letras já meio apagadas:

B R T A N A

– *Britannia*! – exclamou Pencroff, a quem o repórter tinha chamado. – É um nome comum de navios, eu não saberia dizer se é inglês ou americano!

– Pouco importa, Pencroff!

– Pouco importa, de fato, e, se estiver vivo, salvaremos o tripulante dessa embarcação, venha ele de onde vier! Mas antes de retomarmos nossa exploração, voltemos ao *Bonadventure*!

Uma ansiedade dominava Pencroff em relação à embarcação. Se a ilhota fosse habitada e alguns habitantes tomassem posse...

Então eles seguiram em direção à embarcação, enquanto

vasculhavam com os olhos a floresta e os bosques onde cabras e porcos fugiam às centenas.

Vinte minutos depois de deixar a habitação, Pencroff e seus companheiros viram o *Bonadventure*, seguro por sua âncora, que se afundava na areia. Pencroff não conseguiu conter um suspiro de satisfação.

Eles subiram a bordo e almoçaram de modo a ter que jantar apenas bem tarde; depois a exploração foi retomada e conduzida com minuciosa atenção.

Era muito provável que o único residente da ilhota tivesse sucumbido. Então era na verdade um homem morto, e não vivo, que Pencroff e seus companheiros tentavam encontrar! Mas foi em vão que durante metade do dia eles procuraram pelos maciços arbóreos que cobriam a ilhota.

– Partiremos amanhã logo cedo – disse Pencroff aos companheiros.

– Acho que podemos, sem escrúpulos – acrescentou Harbert –, levar os utensílios que pertenciam ao náufrago.

– Concordo – respondeu Gédéon Spilett –, e essas armas e ferramentas irão completar o equipamento da Granite House.

– Mas não esqueçamos de capturar um ou dois casais de porcos que não existem na ilha Lincoln – disse Pencroff.

– Nem de colher as sementes que nos fornecerão todos os vegetais do antigo e do novo continente – acrescentou Harbert.

– Talvez fosse apropriado ficar mais um dia na ilha Tabor, a fim de podermos recolher tudo o que pode nos ser útil – observou o repórter.

– Não, senhor Spilett – respondeu Pencroff –, peço que partamos amanhã bem cedo. O vento parece tender a virar para o oeste e contaremos com ele para partir.

– Então não vamos perder tempo! – disse Harbert se levantando.

– Não vamos perder tempo – respondeu Pencroff. – Você, Harbert, fica responsável por recolher as sementes, que conhece melhor do que nós. Enquanto isso, o senhor Spilett e eu vamos caçar porcos!

Harbert tomou o caminho que o levaria de volta para a parte cultivada da ilhota, enquanto o marujo e o repórter seguiram para a floresta.

Após meia hora de perseguições, os caçadores conseguiram capturar um casal que tinha se refugiado em um bosque, quando ouviram gritos centenas de passos ao norte da ilhota. Os gritos se

misturavam com urros que não tinham nada de humano.

Pencroff e Gédéon Spilett se levantaram, e os porcos aproveitaram o movimento para escapar.

– É a voz de Harbert! – observou o repórter.

– Vamos depressa!

Os dois saíram em disparada na direção do lugar de onde vinham os gritos. E fizeram bem em se apressar, porque, após uma curva da trilha, perto de uma clareira, viram o rapaz derrubado por um ser selvagem, um macaco gigante que estava prestes a atacá-lo.

Em poucos segundos, Pencroff e Gédéon Spilett derrubaram o monstro, tiraram Harbert de perto dele, depois o amarram com bastante firmeza. O marujo possuía uma força hercúlea e o repórter era também muito robusto.

– Você se machucou, Harbert? – perguntou Gédéon Spilett.

– Não!

– Ah! Se aquele macaco tivesse machucado você! – esbravejou Pencroff.

– Mas não é um macaco! – respondeu Harbert.

Ao ouvir essas palavras, Pencroff e Gédéon Spilett olharam para o ser singular deitado no chão.

De fato, não era um macaco! Era uma criatura humana, um homem! Um selvagem, na mais terrível acepção da palavra!

Cabelos arrepiados, barba comprida, corpo seminu, exceto por um trapo que lhe cobria parcialmente o ventre, olhar feroz, mãos enormes, unhas excessivamente longas, pele escura e manchada, pés endurecidos como se feitos de casco.

– Tem certeza de que isso é um homem, ou já foi um? – perguntou Pencroff ao repórter.

– Ai de mim! Não há dúvidas.

– Então é o náufrago? – observou Harbert.

– Sim – respondeu Gédéon Spilett –, mas o infeliz já não é humano!

O repórter tinha razão. Era óbvio que, se o náufrago alguma vez tivesse sido um ser civilizado, o isolamento o tornara um selvagem, e pior, talvez, um verdadeiro homem da floresta. Ele emitia sons roucos com a garganta, entre os dentes que tinham a acuidade dos dentes dos carnívoros, feitos para triturar apenas carne crua.

Gédéon Spilett falou com ele, que parecia não entender, nem mesmo ouvir. No entanto, olhando nos seus olhos, o repórter

acreditou perceber que ele não havia perdido totalmente a razão.

O prisioneiro não se debatia, nem tentou quebrar as amarras. Depois de considerar o miserável com extremo cuidado:

– O que quer que ele seja, que tenha sido e que possa se tornar, é nosso dever levá-lo conosco para a ilha Lincoln! – disse Gédéon Spilett.

– Sim – concordou Harbert –, e pode ser possível, com cuidado, despertar nele algum vislumbre de inteligência!

– A alma não morre – disse o repórter –, e seria uma grande satisfação salvar esta criatura de Deus da brutalidade!

Pencroff abanou a cabeça com um ar de dúvida.

– Precisamos ao menos tentar – respondeu o repórter –, e a humanidade nos obriga a fazê-lo.

Era, de fato, seu dever como seres civilizados e cristãos. Os três compreendiam isso e sabiam que Cyrus Smith aprovaria a atitude.

– Vamos mantê-lo amarrado? – perguntou o marujo.

– Será que ele consegue andar se desamarrarmos seus pés? – observou Harbert.

– Vamos testar – respondeu Pencroff.

As cordas que amarravam os pés do prisioneiro foram cortadas, mas seus braços permaneceram presos. Ele se levantou sozinho e não manifestou qualquer desejo de fugir.

Seguindo o conselho do repórter, o homem foi levado até sua casa. Talvez a visão dos objetos que lhe pertenciam causasse alguma reação!

Mas o prisioneiro não reconheceu nada, e parecia que tinha perdido a consciência sobre todas as coisas!

Não havia mais nada a fazer, a não ser levá-lo a bordo do *Bonadventure*, o que foi feito, e lá ele permaneceu sob custódia de Pencroff.

Harbert e Gédéon Spilett retornaram à ilhota para completar suas provisões e algumas horas mais tarde retornaram à costa trazendo utensílios, armas, sementes, algumas caças e dois pares de porcos. Embarcaram tudo, e o *Bonadventure* foi preparado para levantar âncora assim que a maré da manhã seguinte subisse.

Pencroff ofereceu algo para o prisioneiro comer, mas ele rejeitou a carne cozida que, sem dúvida, já não lhe servia mais. O marujo então mostrou um dos patos que Harbert havia matado, e o homem se atirou sobre ele com avidez e o devorou.

– Vocês acham que ele vai se recuperar? – perguntou Pencroff.

– Talvez – respondeu o repórter. – Não é impossível que nossos cuidados surtam efeito, porque foi o isolamento que o deixou assim, e agora ele não está mais sozinho!

– Sem dúvida, já faz muito tempo que esse pobre homem está nesse estado! – observou Harbert. – Já reparou, senhor Spilett, na profundidade dos olhos dele debaixo da arcada?

– Sim, Harbert, mas eu acrescentaria que eles são mais humanos do que se pode acreditar olhando apenas sua aparência física.

A noite passou, e não era possível saber se o prisioneiro dormiu ou não, mas em todo caso, embora tivesse sido solto, não se moveu.

Na manhã seguinte, 15 de outubro, ocorreu a mudança climática prevista por Pencroff. Às cinco da manhã, a âncora foi içada. Pencroff ajustou a rizadura da vela e dirigiu o timão para leste-nordeste, de modo a navegar em direção à ilha Lincoln.

Não houve incidentes no primeiro dia da viagem. O prisioneiro permaneceu calmo na cabine da frente e como tinha sido marinheiro, parecia que as agitações do mar produziam sobre ele uma espécie de reação salutar.

No dia seguinte, 16 de outubro, o vento estava muito mais frio, indo mais para o norte, e, consequentemente, em uma direção menos favorável à navegação do *Bonadventure*, que saltava sobre as ondas. Pencroff foi obrigado a se manter mais perto da direção, e, sem dizer uma palavra, começava a se preocupar com o estado do mar, que quebrantava violentamente na proa do barco.

Na manhã do dia 17, quarenta e oito horas já tinham transcorrido desde a partida do *Bonadventure*, e não havia indicação de que já estivesse nas proximidades da ilha.

Vinte e quatro horas depois, não havia terra à vista. O vento estava forte e o mar, péssimo. No dia 18, o *Bonadventure* foi completamente encoberto por uma onda, e se os passageiros não tivessem tomado a precaução de se segurar no convés, teriam sido arrastados por ela.

Na ocasião, os colonos receberam uma inesperada ajuda do prisioneiro, que saltou para a escotilha, como se o instinto de marinheiro o chamasse, e quebrou os baluartes com um vigoroso golpe na alavanca, a fim de escoar o mais rápido possível a água que encheu o convés. Pencroff, Gédéon Spilett e Harbert, absolutamente atordoados, deixaram-no agir.

Aquela noite estava tenebrosa e fria. Por volta das onze horas, no entanto, o vento acalmou, as ondulações diminuíram, e o *Bonadventure* ganhou velocidade.

Nem Pencroff, nem Gédéon Spilett, nem Harbert pensaram em dormir. Eles vigiavam tudo com extremo cuidado, pois ou a ilha Lincoln não estava longe, e seria possível avistá-la ao nascer do dia, ou o *Bonadventure*, levado pelas correntes, tinha derivado ao vento e seria quase impossível corrigir sua direção.

Pencroff não se desesperava, pois tinha a alma blindada, e, sentado ao leme, procurava obstinadamente dissipar a espessa sombra que o envolvia. Por volta das duas da manhã, ele sobressaltou:

– Fogo! Fogo! – exclamou.

Uma luz brilhante apareceu trinta quilômetros a nordeste. A ilha Lincoln estava lá, e a luz, obviamente providenciada por Cyrus Smith, mostrava o caminho a seguir.

Pencroff, que se dirigia demasiado para o norte, alterou a direção e colocou o timão na direção do fogo que brilhava sobre o horizonte como uma estrela de primeira grandeza.

Capítulo 15

Às sete da manhã do dia 20 de outubro, depois de quatro dias de viagem, o *Bonadventure* atracou na foz da Misericórdia.

Cyrus Smith e Nab, muito preocupados com o mau tempo e com a ausência prolongada de seus companheiros, tinham subido ao planalto da Grande-Vista e finalmente avistaram o barco que tanto demorava a voltar!

A primeira ideia do engenheiro, ao contar as pessoas que ele podia ver no convés do *Bonadventure*, foi que Pencroff não tinha encontrado o náufrago da ilha Tabor, ou que o infeliz homem tinha se recusado a deixar a ilha e trocar sua prisão por outra.

E, de fato, Pencroff, Gédéon Spilett e Harbert estavam sozinhos no convés do *Bonadventure*.

Quando o barco atracou, o engenheiro e Nab esperavam por ele na costa, e antes que os passageiros pisassem na areia, Cyrus Smith disse:

– Estávamos muito preocupados com a demora de vocês, meus amigos! Aconteceu algo ruim?

– Não – respondeu Gédéon Spilett –, ao contrário, tudo correu perfeitamente bem. Vamos contar tudo.

– No entanto – retomou o engenheiro –, vocês falharam na busca, uma vez que continuam sendo apenas três?

– Desculpe, senhor Cyrus – respondeu o marujo –, mas nós somos quatro!

– Vocês encontraram o náufrago?

– Sim.

– E o trouxeram com vocês?

– Sim.

– Vivo?

– Sim.

– Onde ele está? Quem é?

– É – respondeu o repórter –, ou melhor, era um homem! É tudo o que podemos dizer!

Eles então contaram sobre as condições em que a busca tinha sido realizada, que a única habitação da ilhota estava há muito tempo abandonada, e como, finalmente, haviam capturado o náufrago que parecia já não pertencer à raça humana.

– E chegamos ao ponto – acrescentou Pencroff – em que não sei se fizemos a coisa certa ao trazê-lo.

– Vocês com certeza fizeram a coisa certa, Pencroff! – respondeu o engenheiro.

– Mas esse infeliz não tem mais razão!

– Agora é possível – respondeu Cyrus Smith – ; mas apenas alguns meses atrás esse infeliz era um homem como você e eu. E quem sabe o que seria de nós, depois de uma longa solidão nesta ilha?

– Mas, senhor Cyrus – perguntou Harbert –, o que o leva a acreditar que a brutalidade desse infeliz homem tem apenas alguns meses?

– Porque o documento que encontramos foi escrito recentemente – respondeu o engenheiro –, e o náufrago foi capaz de escrevê-lo sozinho.

– A menos que ele tenha sido escrito por algum companheiro seu, que morreu depois disso – observou Gédéon Spilett.

– Isso é impossível, meu caro Spilett.

– Por quê? – perguntou o repórter.

– Porque o documento deveria falar de dois náufragos, mas ele fala de apenas um.

Harbert contou em poucas palavras sobre a espécie de ressurreição temporária que tinha acontecido na mente do prisioneiro, quando, por um instante, ele se tornou novamente um marinheiro no auge da tempestade.

– Bem, Harbert – respondeu o engenheiro –, você está certo em dar grande importância a esse fato. Este infeliz não deve ser incurável, e

aqui ele encontrará seus semelhantes, e como ainda tem uma alma, nós vamos salvá-la!

O náufrago da ilha Tabor foi então retirado da cabine que ocupava na dianteira do *Bonadventure*, e, uma vez colocado em sobre a areia, manifestou imediatamente a vontade de fugir.

Mas Cyrus Smith, aproximando-se, colocou a mão em seu ombro com um gesto cheio de autoridade e olhou para o homem com infinita gentileza. O infeliz, sofrendo uma espécie de dominação instantânea, foi aos poucos se acalmando e ele não ofereceu mais nenhuma resistência.

Cyrus Smith o observou atentamente. A julgar pela aparência, aquele ser já não tinha nada de humano, e ainda assim Cyrus Smith captou em seu olhar um vislumbre esquivo de inteligência.

Foi decidido que o desconhecido – como seus novos companheiros passaram a chamá-lo – permaneceria em um dos quartos da Granite House, de onde não poderia escapar. Ele se deixou conduzir sem qualquer resistência, e, com os cuidados que receberia, talvez um dia se tornasse mais um companheiro dos colonos da ilha Lincoln.

Durante o almoço preparado por Nab, Cyrus Smith foi informado em detalhes sobre os incidentes que marcaram a viagem de exploração à pequena ilha.

– Mas, a propósito – disse Gédéon Spilett, dirigindo-se a Harbert –, você não nos contou como encontrou esse selvagem; e nós não sabemos nada, a não ser que ele o teria estrangulado se não tivéssemos chegado a tempo de salvá-lo!

– Confesso que ficarei muito envergonhado em contar o que aconteceu. Eu estava ocupado colhendo plantas quando ouvi um som parecido com o de uma avalanche caindo de uma árvore alta. Mal tive tempo de me virar e o infeliz, que provavelmente estava aninhado na árvore, atacou-me em menos tempo do que estou gastando para contar o ocorrido, e sem o senhor Spilett e Pencroff...

– Meu filho! – disse Cyrus Smith – Você correu um verdadeiro perigo, mas talvez, sem ele, esse pobre ser tivesse se esquivado de suas buscas, e nós não teríamos um companheiro a mais.

– Então, Cyrus, você espera fazer dele um homem? – perguntou o repórter.

– Sim.

Após o almoço, Cyrus Smith e seus companheiros deixaram a

Granite House e voltaram para a praia. Eles descarregaram o *Bonadventure*, e o engenheiro, tendo examinado as armas e os instrumentos, não encontrou nada que pudesse ajudá-lo a descobrir a identidade do desconhecido. Quando a descarga do barco foi concluída:

– Senhor Cyrus – disse Pencroff –, acho que seria prudente colocar nosso *Bonadventure* em um lugar seguro.

– Ele não está seguro na foz da Misericórdia?

– Não, senhor Cyrus. Metade do tempo ele está enterrado na areia, e isso o desgasta.

– Não podemos mantê-lo flutuando no próprio rio?

– Sem dúvida poderíamos, senhor Cyrus, mas a foz não tem nenhum abrigo, e acredito que o *Bonadventure* sofreria muito com as rajadas de vento leste e com os golpes marítimos.

– Onde você quer colocá-lo, Pencroff?

– No porto Balão.

– Mas ele não fica um pouco longe?

– Ora, ele não fica a mais de cinco quilômetros da Granite House, e temos um bom caminho direto para chegar lá!

– Faça isso, Pencroff, conduza o *Bonadventure* até lá. Quando tivermos tempo, construiremos um pequeno porto para ele.

– Ótimo! Um porto com um farol, um cais e uma doca!

Então Harbert e o marujo embarcaram de volta no *Bonadventure*, içaram a âncora e a vela, e duas horas depois, ele repousava nas águas tranquilas do porto Balão.

No início, acostumado ao ar livre, à liberdade ilimitada de que desfrutava na ilha Tabor, o desconhecido tinha acessos de fúria e temia-se que ele se jogasse na costa por uma das janelas da Granite House. Mas aos poucos ele se acalmou e foi possível deixá-lo livre para se movimentar.

Então, havia motivos para terem esperança. Já esquecendo seus instintos carnívoros, o desconhecido aceitava uma alimentação menos bestial do que aquela que tinha na ilhota, e a carne cozida já não produzia nele o sentimento de repulsa que havia manifestado a bordo do *Bonadventure*.

Cyrus Smith aproveitou um momento em que ele estava dormindo e cortou seu cabelo e sua barba, que lhe davam uma aparência muito selvagem. Ele também o vestiu de modo mais conveniente, depois de

tê-lo livrado da tira de pano que o cobria.

Todos os dias, Cyrus Smith impunha a si próprio a tarefa de passar algumas horas na companhia dele. O engenheiro também tinha o cuidado de falar em voz alta, de modo a penetrar, através dos órgãos da audição e da visão, nas profundezas daquela inteligência adormecida. Às vezes, um de seus companheiros se juntava a ele. Falavam de assuntos relacionados à marinha, que deviam interessar bastante um marinheiro. Por vezes, o desconhecido prestava uma vaga atenção ao que se dizia, e os colonos logo concluíram que ele os entendia em parte.

Os colonos acompanhavam com sincera emoção todas as fases da cura empreendida por Cyrus Smith. Eles também o ajudaram naquela tarefa humanitária, e todos, exceto talvez o incrédulo Pencroff, começaram a compartilhar da mesma esperança e da mesma fé.

Cyrus Smith resolveu testar o desconhecido, levando-o para outro lugar, diante daquele oceano que seus olhos costumavam contemplar.

– Mas – disse Gédéon Spilett –, podemos esperar que quando ele for libertado não vai tentar escapar?

– É uma experiência a ser feita – respondeu o engenheiro.

– Vamos tentar – disse Gédéon Spilett.

Era dia 30 de outubro. Estava quente e o sol brilhava sobre a ilha. Cyrus Smith e Pencroff foram para a sala ocupada pelo desconhecido que encontraram deitado junto à janela, olhando para o céu.

– Venha, meu amigo – disse o engenheiro.

O desconhecido se levantou imediatamente. Seu olhar se fixou em Cyrus Smith e ele o seguiu, enquanto o marujo caminhava atrás dele, pouco confiante nos resultados da experiência.

Quando chegaram na areia, os colonos se afastaram do desconhecido para lhe dar alguma liberdade.

Ele deu alguns passos em direção ao mar e seu olhar brilhou com extrema animação, mas ele não tentou escapar.

– Ainda é apenas o mar – observou Gédéon Spilett –, e é possível que ele não o inspire a fugir!

– Sim – respondeu Cyrus Smith –, devemos levá-lo ao planalto, na borda da floresta. Então a experiência será mais conclusiva.

Então eles o levaram para a foz da Misericórdia, e, subindo pela margem esquerda do rio, chegaram ao planalto da Grande-Vista.

O estranho parecia sorver de modo inebriante o perfume

penetrante que impregnava a atmosfera e um longo suspiro escapou de seu peito!

Os colonos ficaram para trás, prontos para segurá-lo se ele fizesse algum movimento para escapar!

E de fato, a pobre criatura estava prestes a saltar sobre o riacho que o separava da floresta, e suas pernas se dobraram por um momento, como uma mola. Mas quase imediatamente ele recuou, vacilou um pouco, e uma grande lágrima escorreu de seus olhos!

– Ah! – exclamou Cyrus Smith. – Agora você é um homem novamente, pois está chorando!

Capítulo 16

Sim! O pobre homem chorou! Alguma lembrança, sem dúvida, tinha atravessado sua mente, e, de acordo com a expressão de Cyrus Smith, as lágrimas o tornaram homem novamente.

Os colonos deixaram-no por algum tempo no planalto e se distanciaram para que ele se sentisse livre; mas ele não pensou em tirar vantagem dessa liberdade, e Cyrus Smith logo decidiu levá-lo de volta à Granite House.

Dois dias depois dessa cena, o desconhecido parecia querer se envolver aos poucos com as atividades comuns. Era óbvio que ele ouvia, que entendia, mas era ainda mais evidente que tinha uma estranha obstinação em não falar com os colonos, pois, uma noite, Pencroff colou o ouvido à porta do seu quarto e ouviu estas palavras escaparem de seus lábios:

– Não! Aqui! Eu! Nunca!

O desconhecido tinha começado a usar os instrumentos de cultivo e trabalhava na horta. Quando parava, o que acontecia com frequência, ele permanecia introspectivo. Será que era o remorso que o entristecia tanto? Era possível, e Gédéon Spilett fez um dia esta observação:

– Se ele não fala, é porque deve ter coisas muito graves a dizer!

Poucos dias depois, em 3 de novembro, o desconhecido, trabalhando no planalto, parou depois de deixar cair sua pá no chão, e Cyrus Smith, que o observava a certa distância, viu novamente

lágrimas caírem de seus olhos. Uma espécie de compaixão o fez ir até ele, e ele tocou seu braço ligeiramente.

– Meu amigo?

Os olhos do desconhecido tentaram evitá-lo, e quando Cyrus Smith tentou tocar sua mão, ele rapidamente recuou.

– Meu amigo, olhe para mim, por favor!

O desconhecido olhou para o engenheiro e parecia hipnotizado, como um homem magnetizado sob o poder de seu magnetizador. Palavras tentaram escapar-lhe dos lábios. Ele não conseguia mais se conter! Finalmente, ele cruzou os braços e perguntou, baixinho:

– Quem são vocês?

– Náufragos, exatamente como você. Nós o trouxemos até aqui para ficar entre seus semelhantes.

– Meus semelhantes! Eles não existem!

– Você está entre amigos...

– Amigos! Meus! – ele exclamou, escondendo a cabeça entre as mãos. – Não... nunca! Deixem-me em paz!

Então ele fugiu para o lado do planalto que dava para o mar e lá permaneceu imóvel por um longo tempo.

Cyrus Smith se juntou aos seus companheiros e contou-lhes o que tinha acabado de acontecer.

Durante duas horas, o desconhecido permaneceu sozinho na praia, sob a influência de lembranças que construíram seu passado – funesto, certamente – e os colonos procuraram não perturbar seu isolamento.

No entanto, após duas horas, ele parecia ter tomado uma decisão, e foi procurar Cyrus Smith. Seus olhos estavam vermelhos das lágrimas que havia derramado, mas já não chorava.

– Senhor – disse ele a Cyrus Smith –, o senhor e seus companheiros são todos ingleses?

– Não, nós somos americanos.

– Ah! – fez o desconhecido, e depois murmurou estas palavras: – Melhor assim!

– E você, meu amigo?

– Inglês.

E, como se essas poucas palavras fossem difíceis de dizer, ele se distanciou pela praia num estado de extrema agitação.

Então, passando perto de Harbert, ele parou, e, com a voz entrecortada, perguntou:

– Que mês?

– Dezembro.

– Que ano?

– 1866.

– Doze anos! Doze anos! – exclamou. E em seguida partiu.

Harbert relatou aos colonos as perguntas e as respostas que lhe tinham sido ditas.

– Estou tentado a acreditar – disse Pencroff – que esse homem não chegou à ilha Tabor por um naufrágio, mas que foi abandonado lá por conta de algum crime.

– Meus amigos – disse Cyrus Smith –, não vamos lidar com essa questão até sabermos em que acreditar. E não vamos pressioná-lo a contar sua história! Além disso, só ele pode nos dizer se mantém, mais do que a esperança, a certeza de ser repatriado um dia, mas duvido!

– E por quê? – perguntou o repórter.

– Porque, se ele tivesse certeza de ser resgatado em algum momento, teria esperado por sua libertação e não teria lançado a garrafa ao mar!

– Mas – observou o marujo – há uma coisa que não consigo entender.

– Qual?

– Se esse homem foi abandonado na ilha Tabor há doze anos, podemos presumir que ele já estava nesse estado de selvajaria em que o encontramos há vários anos!

– Isso é provável – respondeu Cyrus Smith.

– Portanto, já tem muitos anos que ele escreveu esse bilhete!

– Provavelmente. Mas o documento parecia ter sido escrito recentemente!

– Além disso, como admitir que a garrafa que continha o bilhete levou vários anos para vir da ilha Tabor até a ilha Lincoln?

– Não é absolutamente impossível – respondeu o repórter. – Ela não poderia estar na ilha já há muito tempo?

– Não – respondeu Pencroff –, porque ela ainda flutuava. E ela poderia ter sido capturada pelo mar, pois há todas aquelas rochas na costa sul, e ela teria inevitavelmente quebrado lá!

– De fato – respondeu Cyrus Smith, que permaneceu pensativo.

– Também – acrescentou o marujo –, se o bilhete estivesse fechado na garrafa por vários anos, teria sido danificado pela umidade. Mas

ele estava em perfeito estado de conservação.

Nos dias que se seguiram, o desconhecido não disse uma palavra e não saiu do planalto uma só vez.

Mas chegou finalmente o momento em que, inevitavelmente, e como se sua consciência o obrigasse, terríveis confissões lhe escaparam.

No dia 10 de novembro, perto das oito da noite, quando a escuridão começava a se instalar, ele apareceu inesperadamente diante dos colonos reunidos na varanda.

Cyrus Smith e seus companheiros ficaram chocados quando viram que, sob a influência de uma emoção terrível, seus dentes rangiam como os de alguém febril.

– Por que estou aqui? Com que direito me arrancaram da minha ilhota? Pode haver uma ligação entre nós? Sabem quem eu sou? O que fiz... Porque eu estava lá... sozinho? E quem disse que não fui abandonado lá? Condenado a morrer lá? Conhecem meu passado?

Os colonos ouviam o miserável homem sem interrupção, e as confissões pareciam escapar espontaneamente de seus lábios. Cyrus Smith tentou acalmá-lo, aproximando-se dele, mas ele recuou.

– Não! Não! Só uma pergunta... estou livre?

– Você está livre – respondeu o engenheiro.

– Então, adeus! – E fugiu como um louco.

Nab, Pencroff e Harbert correram na direção do bosque, mas voltaram sozinhos.

– Deixem-no tranquilo! – observou Cyrus Smith.

– Ele nunca mais vai voltar... – lamentou Pencroff.

– Ele voltará – respondeu o engenheiro.

E, desde então, passaram-se muitos dias; mas Cyrus Smith persistiu na inabalável ideia de que o infeliz voltaria mais cedo ou mais tarde.

Enquanto isso, os trabalhos continuaram, tanto no planalto da Grande-Vista como no curral. É claro que as sementes recolhidas por Harbert na ilha Tabor foram cuidadosamente semeadas. O planalto então formava uma vasta horta, bem projetada, bem-cuidada e que não deixava os braços dos colonos ociosos.

Em 15 de novembro, realizaram a terceira colheita, e a última quinzena de novembro foi dedicada à panificação.

Eles tinham o grão, mas não a farinha, e a instalação de um moinho era necessária. Após discutirem, decidiram fazer um moinho de vento

simples nas alturas do planalto da Grande-Vista.

Cyrus Smith desenhou os planos, e a localização escolhida foi um pouco à direita do galinheiro, perto da margem do lago.

Todos trabalharam na construção do moinho que ficou pronto no dia 1.º de dezembro.

Como sempre, Pencroff ficou encantado com seu trabalho e não tinha dúvidas de que o aparelho era perfeito.

– Um bom vento – disse ele –, e vamos moer nossa primeira colheita!

Não havia razão para adiar a inauguração do moinho, pois os colonos estavam ansiosos para provar o primeiro pedaço de pão da ilha Lincoln. Naquele dia, portanto, dois ou três alqueires de trigo foram moídos, e no dia seguinte, no almoço, um magnífico pão, talvez um pouco massudo, embora fermentado com levedo de cerveja, surgiu à mesa da Granite House. Cada um deu sua bela mordida, e pode-se imaginar com que prazer o fizeram!

Durante esse período, o desconhecido não reapareceu. Várias vezes, Gédéon Spilett e Harbert caminharam pela floresta nas proximidades da Granite House sem encontrar qualquer vestígio dele. No entanto, Cyrus Smith, por alguma espécie de pressentimento, insistia que ele voltaria.

– Sim, vai voltar! – ele repetia com uma confiança que seus companheiros não conseguiam compartilhar. – Quando o infeliz homem estava na ilha Tabor, ele sabia que estava sozinho! Aqui, sabe que seus semelhantes estão à sua espera! Uma vez que mencionou sua vida passada, esse pobre arrependido vai voltar e dizer tudo, e nesse dia ele será nosso!

No dia 3 de dezembro, Harbert deixou o planalto da Grande-Vista e foi pescar na margem sul do lago. Ele estava desarmado e até então nunca tinha precisado tomar qualquer precaução, pois os animais perigosos não apareciam naquela parte da ilha.

Enquanto isso, Pencroff e Nab estavam trabalhando no galinheiro, e Cyrus Smith e o repórter estavam ocupados nas Chaminés fabricando soda, pois o sabão tinha acabado. De repente, gritos ecoaram:

– Socorro! Socorro!

Cyrus Smith e o repórter, muito longe, não ouviram esses gritos. Pencroff e Nab correram apressadamente para o lago. Mas antes deles, o desconhecido, de cuja presença naquele lugar ninguém suspeitava,

atravessou o córrego Glicerina, que separava o planalto da floresta, e saltou para a margem oposta.

Harbert estava de frente para um formidável jaguar. Pego de surpresa, ele se encontrava em pé diante de uma árvore, enquanto o animal, recuado, estava prestes a atacar. Mas o desconhecido, armado apenas com uma faca, precipitou-se sobre a temível besta, que se virou contra o novo adversário.

A luta foi curta. O homem tinha uma força e uma habilidade imensas. Ele agarrou o jaguar pelo pescoço, com a mão poderosa como uma tesoura, sem se preocupar se as garras da besta penetravam em sua carne, e com a outra, furou-lhe o coração com a faca. O jaguar caiu. O estranho empurrou o animal com o pé e estava prestes a fugir quando os colonos chegaram ao cenário da luta. Harbert o agarrou e, gritou:

– Não! Não! Você não vai fugir!

Cyrus Smith foi ter com o desconhecido, cujas sobrancelhas franziram com sua aproximação.

– Meu amigo – disse Cyrus Smith –, acabamos de contrair uma dívida de gratidão com você. Para salvar nosso garoto, você arriscou a própria vida!

– A minha vida! O que ela vale? Menos que nada!

– Você está ferido?

– Não importa.

– Dê-me sua mão?

E como Harbert tentou pegar aquela mão que tinha acabado de salvá-lo, o estranho cruzou os braços, seu peito inflou, seu olhar obscureceu, e ele parecia querer fugir; mas, fazendo um esforço violento, e em um tom brusco:

– Quem são vocês? E o que pretendem ser para mim?

Era a história dos colonos que ele queria ouvir, e pela primeira vez. Em poucas palavras, Cyrus Smith contou tudo o que tinha acontecido desde a saída de Richmond, como eles tinham escapado e que recursos tinham agora à disposição. O homem escutou com extrema atenção.

Em seguida, o engenheiro disse quem todos eles eram, Gédéon Spilett, Harbert, Pencroff, Nab, ele, e acrescentou que a maior alegria que eles tinham sentido desde sua chegada na ilha Lincoln foi o retorno da ilhota, quando podiam contar com mais um companheiro.

Com essas palavras, o desconhecido corou, baixou a cabeça contra

o peito, e um sentimento de confusão se desenhou nele.

– E agora que você nos conhece – acrescentou Cyrus Smith –, aceita caminhar de mãos dadas conosco?

– Não – ele respondeu em um tom quase inaudível. – Não! Vocês são pessoas honestas! E eu...!

Capítulo 17

Estas últimas palavras justificaram os pressentimentos dos colonos. Havia na vida do infeliz homem algum passado doloroso, talvez expiado aos olhos dos homens, mas do qual sua própria consciência ainda não o havia absolvido. No entanto, desde aquele dia não abandonou mais a Granite House.

Por alguns dias, a vida em conjunto continuou sendo o que sempre foi. Cyrus Smith e Gédéon Spilett trabalhavam juntos, ora como químicos, ora como físicos. O repórter só deixava o engenheiro para caçar com Harbert, pois não seria prudente deixar o jovem percorrer sozinho a floresta e era preciso ser cuidadoso. Quanto a Nab e Pencroff, tinham bastante trabalho fosse nos estábulos, no galinheiro, no curral ou na Granite House.

O desconhecido trabalhava sozinho e havia retomado sua existência habitual, não comparecendo às refeições, dormindo sob as árvores do planalto e jamais se misturando aos demais companheiros. Parecia realmente que a sociedade daqueles que o salvaram lhe era insuportável!

Mas o dia da confissão estava próximo. Em 10 de dezembro, Cyrus Smith viu o desconhecido se aproximar e, com uma voz calma e em um tom humilde, dizer:

– Senhor, tenho um pedido a fazer.

– Faça, mas primeiro deixe-me fazer uma pergunta.

Ao ouvir essa frase, o desconhecido corou e quase se retirou. Cyrus Smith compreendeu o que passava pela mente do homem culpado, que sem dúvida temia que o engenheiro lhe perguntasse sobre seu passado! Cyrus Smith segurou-o pela mão:

– Camarada, não somos só seus companheiros, somos também seus amigos. Eu só queria dizer isso, agora sou todo ouvido.

O desconhecido passou a mão nos olhos. Ele foi tomado por uma espécie de tremor e permaneceu alguns instantes sem conseguir articular uma palavra.

– Senhor, vim pedir que me conceda uma graça.

– Qual?

– Vocês têm, a sete ou oito quilômetros daqui, no sopé da montanha, um curral para seus animais domésticos. Esses animais precisam de cuidados. O senhor me permite viver lá com eles?

Cyrus Smith olhou para o infeliz homem por alguns momentos com um sentimento de profunda compaixão. Depois, disse:

– Meu amigo, o curral tem estábulos adequados apenas aos animais...

– Será suficiente para mim, senhor.

– Bem, nós não iremos contrariá-lo em nada. Quer viver no curral, que assim seja. Você será sempre bem-vindo na Granite House. Mas cuidaremos dos preparativos necessários para que você se instale de modo conveniente lá.

– Seja como for, lá estarei confortável.

– Meu amigo – respondeu Cyrus Smith, que insistia nesse tratamento cordial –, deixe-nos decidir o que devemos fazer a esse respeito!

– Obrigado, senhor – respondeu o desconhecido, retirando-se.

O engenheiro logo informou seus companheiros sobre a proposta que lhe havia sido feita, e decidiram construir uma casa no curral do modo mais confortável possível.

Em menos de uma semana, fizeram uma casa para o anfitrião. Ela tinha sido construída a cerca de seis metros de distância dos estábulos, e de lá seria fácil manter um olho sobre o rebanho de carneiros que já tinha mais de oitenta cabeças.

O desconhecido não tinha ido ver sua nova casa, e deixou os colonos trabalharem sem ele enquanto ficava no planalto, sem dúvida desejando finalizar sua atividade. E, graças a ele, toda a terra foi arada

e ficou pronta para ser semeada assim que o tempo melhorasse.

As instalações do curral foram concluídas em 20 de dezembro. O engenheiro anunciou ao desconhecido que sua casa estava pronta para recebê-lo, e ele respondeu que dormiria lá naquela noite.

Eram então oito horas. Não querendo incomodá-lo, impondo-lhe, com sua presença, um adeus que lhe seria custoso, eles o deixaram sozinho e retornaram à Granite House.

Eles conversavam no grande salão por algum tempo quando ouviram leves batidas na porta. Quase imediatamente, o desconhecido entrou, e sem qualquer outro preâmbulo:

– Senhores, antes de vos deixar, é importante que conheçam minha história. Ei-la.

Essas palavras simples e inesperadas impressionaram os colonos. O engenheiro se levantou.

– Não lhe pedimos nada, meu amigo. É seu direito se calar...

– É meu dever falar.

– Sente-se então.

– Vou ficar de pé.

– Estamos prontos para ouvi-lo.

O estranho estava num canto da sala, um pouco protegido pela escuridão. E foi ali que, em voz baixa, ele fez o seguinte relato, sem ser interrompido:

“No dia 20 de dezembro de 1854, um iate recreativo a vapor, o *Duncan*, pertencente ao lorde escocês Glenarvan, ancorou no cabo Bernouilli, na costa oeste da Austrália. A bordo desse iate estavam o lorde Glenarvan, sua esposa, um major do exército inglês, um geógrafo francês, uma menina e um menino, ambos filhos do capitão Grant, cujo navio *Britannia* tinha afundado um ano antes, com toda a tripulação. O *Duncan* era comandado pelo capitão John Mangles e contava com uma tripulação de quinze homens.

“Seis meses antes, uma garrafa contendo um bilhete foi encontrada no mar da Irlanda e recolhida pelo *Duncan*. O documento dizia que ainda havia três sobreviventes do naufrágio do *Britannia*: o capitão Grant e dois de seus homens, haviam encontrado refúgio em uma terra cuja latitude estava indicada no bilhete. Mas a longitude havia sido apagada pela água do mar.

“A latitude era 37° 11’ sul. Então, como a longitude era desconhecida, se seguissem o trigésimo sétimo paralelo através de

continentes e mares, era certo que chegariam à terra habitada pelo capitão Grant e seus companheiros.

"Como o almirantado inglês hesitou em realizar a busca, lorde Glenarvan resolveu fazer todos os esforços para encontrar o capitão. Mary e Robert Grant foram colocados em contato com ele. O *Duncan* foi equipado para uma longa viagem da qual a família do lorde e os filhos do capitão desejavam participar, e deixando Glasgow, seguiram para o Atlântico, cruzaram o Estreito de Magalhães e navegaram pelo Pacífico até a Patagônia, onde, de acordo com uma primeira interpretação do bilhete, podia-se supor que o capitão Grant tinha sido aprisionado por nativos.

"O *Duncan* desembarcou seus passageiros na costa oeste da Patagônia e partiu para buscá-los na costa oriental, no cabo Corrientes.

"Lorde Glenarvan cruzou a Patagônia seguindo o paralelo 37, e, não encontrando nenhum vestígio do capitão, seguiu navegando pelo oceano.

"O *Duncan* chegou ao cabo Bernoulli, na costa australiana no dia 20 de dezembro de 1854.

"A intenção de lorde Glenarvan era atravessar a Austrália como havia atravessado a América, então desembarcou. A poucos quilômetros da costa, encontrou uma fazenda de propriedade de um irlandês, que ofereceu abrigo aos viajantes. Lorde Glenarvan contou ao irlandês as razões que o levaram até lá, e perguntou-lhe se sabia que um navio inglês de três mastros, o *Britannia*, tinha se perdido na costa oeste da Austrália há menos de dois anos.

"O irlandês nunca tinha ouvido falar do naufrágio; mas, para grande surpresa dos assistentes, um dos servos do irlandês interveio:

"– Meu senhor, louvado seja Deus. Se o capitão Grant ainda está vivo, está vivo em solo australiano.

"– Quem é o senhor? – perguntou lorde Glenarvan.

"– Um escocês como o senhor, meu senhor, e um dos companheiros do capitão Grant, um náufrago do *Britannia*.

"O nome daquele homem era Ayrton, o contramestre do *Britannia*, como seus documentos atestavam. Mas, separado do capitão Grant quando o navio se chocou contra os recifes, ele acreditava até então que seu capitão tinha morrido com toda a tripulação, e que ele era o único sobrevivente".

“– Porém – acrescentou –, não foi na costa oeste, mas na costa leste da Austrália que o *Britannia* se perdeu, e se o capitão Grant ainda está vivo, ele é prisioneiro dos nativos australianos, na costa oposta.

“Ao falar, esse homem tinha a voz clara e o olhar seguro, e suas palavras não podiam ser postas em dúvida. Lorde Glenarvan acreditou na lealdade daquele homem e resolveu atravessar a Austrália seguindo o paralelo 37. O lorde, sua esposa, os dois filhos, o major, o francês, o capitão Mangles e alguns marinheiros compunham o pequeno grupo sob a liderança de Ayrton, enquanto o *Duncan*, sob as ordens do imediato, Tom Austin, seguiria para Melbourne, onde esperaria por instruções.

“Eles partiram em 23 de dezembro de 1854.

“Está na hora de dizer que Ayrton era um traidor. Ele era, de fato, o contramestre do *Britannia*; mas, depois de discutir com seu capitão, ele incitou a tripulação a se revoltar e tomar o navio, e o capitão Grant o fez desembarcar na costa oeste da Austrália no dia 8 de abril de 1852, e partiu deixando-o para trás – o que era absolutamente justo.

“Portanto, o miserável homem não sabia nada sobre o naufrágio do *Britannia*. Ele tinha acabado de descobrir isso com o relato de Glenarvan! Desde que foi abandonado, ele tinha se tornado, sob o nome de Ben Joyce, o líder dos fugitivos, e se afirmou que o naufrágio havia ocorrido na costa leste, se incitou o lorde Glenarvan a seguir nessa direção, era porque esperava separar o lorde de seu navio, sequestrar o *Duncan* e transformá-lo em um navio pirata do Pacífico.

“A expedição partiu e seguiu por terras australianas. Naturalmente ela foi malsucedida, já que Ayrton ou Ben Joyce, como queiram chamá-lo, a conduzia, ora precedido, ora seguido por seu bando de condenados, que tinham sido avisados do golpe.

“Enquanto isso, o *Duncan* tinha sido levado a Melbourne para ser reparado. Portanto, era necessário levar lorde Glenarvan a ordenar que o iate deixasse Melbourne para seguir até a costa leste da Austrália, onde seria fácil sequestrá-lo. Depois de liderar a expedição em meio a vastas florestas sem recursos, Ayrton obteve uma carta que levou ao imediato do *Duncan*. A carta instruía o iate a prosseguir imediatamente para a costa leste, na baía Twofold, a poucos dias do local onde a expedição tinha parado. Foi lá que Ayrton marcou um encontro com seus cúmplices.

“Quando a carta estava prestes a ser entregue, o traidor foi

descoberto e teve que fugir. Mas ele precisava, a qualquer custo, conseguir a carta que o *Duncan* lhe entregaria. Ayrton conseguiu pegá-la, e dois dias depois chegou a Melbourne.

"Ao chegar em Melbourne, Ayrton entregou a carta ao imediato, Tom Austin, que partiu assim que tomou conhecimento do assunto; mas imaginem a decepção e ira de Ayrton quando, no dia seguinte, ele soube que o imediato conduzia o navio, não na costa leste da Austrália, mas na costa leste da Nova Zelândia. Quando quis intervir, Austin lhe mostrou a carta! E, por um erro providencial do geógrafo francês que a havia escrito, a costa leste da Nova Zelândia tinha sido indicada como destino.

"Todos os planos de Ayrton foram por água abaixo! Ele quis se rebelar. Mas o prenderam. Ele foi, então, levado para a costa da Nova Zelândia, não sabendo mais o que aconteceria com seus cúmplices, nem com lorde Glenarvan.

"O *Duncan* seguiu atravessando a costa até 3 de março. Naquele dia, Ayrton ouviu explosões. Eram as caronadas do *Duncan* que disparavam, e logo lorde Glenarvan e sua tripulação chegaram a bordo.

"Eis o que aconteceu: depois de muito cansaço e inúmeros perigos, lorde Glenarvan completou sua viagem e chegou à costa leste da Austrália, na baía de Twofold. Nada do *Duncan*! Ele telegrafou para Melbourne e lhe responderam: 'O *Duncan* partiu dia 18 para um destino desconhecido'.

"Lorde Glenarvan só podia pensar uma coisa: que o iate tinha caído nas mãos de Ben Joyce e sido transformado em um navio pirata!

"Mas lorde Glenarvan não quis desistir do caso. Era um homem destemido e generoso. Ele embarcou em um navio mercante e seguiu para a costa oeste da Nova Zelândia, cruzou-a seguindo o paralelo 37, mas não encontrou qualquer vestígio do capitão Grant; no entanto, na outra costa, para sua grande surpresa, e por vontade do céu, encontrou o *Duncan*, sob o comando do imediato, que esperava por ele há cinco semanas!

"Era dia 3 de março de 1855. Então lorde Glenarvan subiu a bordo do *Duncan*, mas Ayrton também estava lá. Ele apareceu diante do lorde, que tentou extrair do bandido tudo o que ele podia saber sobre o capitão. Ayrton, em troca do que tinha a dizer, propôs que fosse abandonado em uma das ilhas do Pacífico. O lorde, determinado a

saber tudo sobre o capitão Grant, concordou.

"Ayrton então contou sua vida inteira, e foi constatado que ele não sabia nada desde o dia em que o capitão Grant o expulsou na costa australiana.

"Mesmo assim, lorde Glenarvan manteve sua palavra. O *Duncan* seguiu viagem e chegou à ilha Tabor. Foi lá que Ayrton foi deixado, e foi também lá que, por milagre, o capitão Grant e seus dois homens foram encontrados, precisamente no paralelo 37. O condenado ia substituí-los na ilhota deserta, e quando deixou o iate, foram estas as palavras do lorde Glenarvan:

"– Aqui, Ayrton, você ficará longe de toda a terra e sem qualquer comunicação possível com seus semelhantes. Você estará sozinho, sob o olhar de um Deus que lê as profundezas dos corações, mas não estará perdido, nem será ignorado como o capitão Grant foi. Por mais indigno que seja para a memória dos homens, os homens se lembrarão de você. Sei onde está, Ayrton, e sei onde encontrá-lo. Jamais o esquecerei!

"E o *Duncan*, velejando, logo desapareceu. Era 18 de março de 1855[7].

"Senhores, Ayrton se arrependeu, envergonhou-se de seus crimes e é muito infeliz! Ele pensou que se os homens viessem buscá-lo um dia naquela ilhota, ele teria que ser digno de voltar a viver entre eles! Como sofreu, o miserável!

"Por dois ou três anos foi assim, mas Ayrton, abatido pelo isolamento, sempre vigiando se algum navio apareceria no horizonte da ilha e se perguntando se o tempo de expiação já havia terminado, sofria como nunca havia sofrido antes! Ah, como é difícil essa solidão para uma alma consumida pelo remorso!

"Mas, sem dúvida, o céu não achava que o infeliz tinha sido suficientemente castigado, pois ele sentia que aos poucos se transformava em um selvagem, o embrutecimento o dominava! Ele não sabe dizer se foi depois de dois ou quatro anos de abandono, mas finalmente, ele se transformou no miserável que vocês encontraram!

"– Não preciso dizer, senhores, que Ayrton, ou Ben Joyce, e eu somos a mesma pessoa!"

Cyrus Smith e seus companheiros se levantaram ao final do relato. É difícil dizer como ficaram comovidos com tanta miséria, dor e desespero!

– Ayrton – disse Cyrus Smith –, você foi um grande criminoso, mas o céu certamente deve achar que já expiou seus crimes! Ele provou isso ao trazê-lo para perto de seus semelhantes. Você está perdoado! E agora, será nosso companheiro?

Ayrton recuou.

– Aqui está minha mão! – disse o engenheiro.

Ayrton se precipitou para a mão de Cyrus Smith, e grossas lágrimas escorreram de seus olhos.

– Você quer viver conosco?

– Senhor Smith, dê-me um pouco mais de tempo, deixe-me sozinho na casa do curral!

– Como quiser, Ayrton.

Ayrton estava prestes a se retirar quando o engenheiro lhe fez uma última pergunta:

– Só mais uma coisa. Se o seu objetivo era viver isolado, por que lançou ao mar o bilhete que nos deu uma pista sobre sua localização?

– Um bilhete? – respondeu Ayrton, que parecia não saber do que o engenheiro estava falando.

– Sim, aquele bilhete dentro da garrafa que encontramos e que dava a localização exata da ilha Tabor!

Ayrton pôs a mão na testa. Então, depois de refletir:

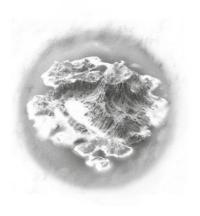
– Eu nunca atirei um bilhete ao mar! – ele respondeu.

– Nunca? – exclamou Pencroff.

– Nunca!

E Ayrton os saudou e saiu pela porta.

---

[7] Os acontecimentos que acabam de ser relatados foram retirados de um livro que se intitula *Os filhos do capitão Grant*. (N.T.)

Capítulo 18

– Pobre homem! – disse Harbert, que correu até a porta e voltou, depois de ver Ayrton deslizar pela corda do elevador e desaparecer na escuridão.

– Ele vai voltar – disse Cyrus Smith.

– Ah, senhor Cyrus – exclamou Pencroff –, o que significa isso? Como assim! Se não foi Ayrton quem atirou a garrafa no mar? Quem foi então?

Com certeza, se existia uma pergunta a ser feita, era essa!

– Foi ele – respondeu Nab –, mas o infeliz já estava meio louco.

– Só pode ser isso, meus amigos – respondeu Cyrus Smith –, e eu entendo agora que Ayrton pudesse indicar a localização exata da ilha Tabor, uma vez que já conhecia os eventos que precederam o seu abandono.

– Mas se ele ainda não era um homem bruto quando redigiu o bilhete, e se lançou a garrafa no mar há sete ou oito anos, como o papel não foi danificado pela umidade? – indagou Pencroff.

– Isso prova que Ayrton foi privado de inteligência há menos tempo do que ele acredita – respondeu Cyrus Smith.

– Mas Ayrton disse a verdade? – perguntou o marujo.

– Sim – respondeu o repórter –, a história que ele contou é verdadeira em todos os sentidos. Lembro-me que os jornais noticiaram a tentativa feita pelo lorde Glenarvan e o resultado que ele alcançou.

– Ayrton disse a verdade – confirmou Cyrus Smith –, não duvide disso, Pencroff, pois ela lhe é suficientemente cruel!

No dia seguinte, 21 de dezembro, os colonos desceram até a praia, subiram o planalto, mas não encontraram Ayrton, que tinha ido para sua casa do curral durante a noite, e acharam melhor não incomodá-lo com sua presença. O tempo faria o que os encorajamentos não puderam fazer.

Naquele dia, os mesmos trabalhos reuniram Cyrus Smith e o repórter no ateliê das Chaminés.

– Sabe, meu caro Cyrus – disse Gédéon Spilett –, a explicação que você deu ontem sobre a garrafa não me satisfez! Como podemos admitir que aquele infeliz homem escreveu o bilhete e atirou a garrafa ao mar, sem guardar qualquer memória disso?

– Então não foi ele quem atirou, meu caro Spilett.

– Então o senhor acredita...

– Não acredito em nada, não sei de nada! Eu simplesmente coloco esse incidente entre aqueles que ainda não sei explicar!

– Nunca desvendaremos esses enigmas?

– Sim! Quando tivermos explorado todas as entranhas desta ilha!

– Talvez o acaso nos dê a chave desse mistério!

– O acaso, Spilett! Não acredito no acaso, tampouco nos mistérios deste mundo. Há uma causa para tudo o que acontece de inexplicável aqui, e eu vou desvendá-la.

O ano de 1867 chegou. Os trabalhos de verão foram realizados assiduamente. Harbert e Gédéon Spilett, tendo ido para os lados do curral, puderam ver que Ayrton tinha tomado posse da casa construída para ele. Ele cuidava dos rebanhos que lhe foram confiados, e poupava seus companheiros da fadiga de ir a cada dois ou três dias visitar o curral. No entanto, para não deixar Ayrton isolado por muito tempo, os colonos visitavam-no muitas vezes.

Também não era segredo que essa parte da ilha estava sujeita a vigilância, e Ayrton, se algum incidente ocorresse, não deixaria de informar os habitantes da Granite House.

Mas também era possível que o incidente fosse repentino e tivesse de ser prontamente informado ao engenheiro. Além de todos os fatos relacionados com o mistério da ilha Lincoln, muitos outros poderiam acontecer, que demandassem uma intervenção rápida dos colonos, como o aparecimento de um navio que passasse pela costa ocidental,

um náufrago pela costa oeste, a possível chegada de piratas, etc. Assim, Cyrus Smith resolveu colocar o curral em comunicação direta com a Granite House.

No dia 10 de janeiro, ele relatou o projeto a seus companheiros.

– Ora! Como vai fazer isso, senhor Cyrus? – perguntou Pencroff. – Por acaso, o senhor considera criar um telégrafo?

– Precisamente.

– Elétrico? – perguntou Harbert.

– Elétrico – respondeu Cyrus Smith. – Temos todos os elementos para fazer uma pilha. O mais difícil será esticar os fios, mas com uma fieira, acho que conseguiremos fazê-lo.

– Bem, depois disso – respondeu o marujo –, não me surpreenderá se um dia estivermos correndo sobre trilhos!

Então eles se puseram a trabalhar. Tudo ficou pronto no dia 12 de fevereiro e Cyrus Smith lançou a corrente pelo fio, perguntou se estava tudo bem no curral e instantes depois recebeu uma resposta afirmativa de Ayrton.

Este método de comunicação tinha duas grandes vantagens, em primeiro lugar, permitia assegurar a presença de Ayrton no curral e, em segundo lugar, não o deixava completamente isolado. Além disso, Cyrus Smith nunca deixava passar uma semana sem ir vê-lo, e Ayrton vinha de vez em quando à Granite House, onde era sempre bem recebido.

As plantas que trouxeram da ilha Tabor tinham sido perfeitamente bem-sucedidas. O planalto da Grande-Vista tinha um belo aspecto.

A temperatura ficava muito quente durante o dia, mas à noite as brisas do mar temperavam os ardores da atmosfera e traziam noites frias aos habitantes da Granite House. No entanto, houve algumas tempestades que caíram com uma força extraordinária.

Nessa época, a pequena colônia estava extremamente próspera. Os anfitriões do curral proliferavam, e a capacidade estava no limite, tornando urgente reduzir sua população a um número mais moderado.

Várias pesquisas foram realizadas, nessa mesma época, nas profundezas das florestas do Extremo Oeste. Os exploradores podiam se aventurar sem temer as temperaturas excessivas, pois os raios solares mal penetravam pelas ramagens espessas que se enredavam sobre suas cabeças.

O engenheiro participou algumas vezes e expedições feitas nas

partes desconhecidas da ilha que ele observava com grande atenção. Eram outros vestígios, que não os dos animais, que ele procurava nas partes mais densas dos vastos bosques, mas não encontrou nada de suspeito.

Foi nessa época que Gédéon Spilett, assistido por Harbert, registrou as partes mais pitorescas da ilha com a câmera que tinha sido encontrada na caixa e que ainda não tinha sido usada.

O repórter e seu assistente obtiveram belos registros de paisagens, como o conjunto de toda a ilha, e não se esqueceram de fazer o retrato de todos os seus habitantes, sem exceção.

Pencroff ficou encantado ao ver sua imagem fielmente reproduzida, adornando as paredes da Granite House, e parava com frequência em frente a essa exposição, como faria diante das mais ricas vitrines da Broadway.

O forte calor do verão terminou com o mês de março, que não foi tão bonito quanto se esperava. Talvez anunciasse um inverno precoce e rigoroso.

Alguns dias depois, em 26 de março, completou dois anos que os náufragos tinham sido lançados na ilha Lincoln!

Capítulo 19

Dois anos já! E por dois anos os colonos não tiveram nenhuma comunicação com seus semelhantes! Eles não tinham notícias do mundo civilizado, perdidos na ilha como se estivessem em um pequeno asteroide do mundo solar!

A imagem da pátria estava sempre presente em suas lembranças, essa pátria, dilacerada pela guerra civil quando a deixaram! Era uma grande tristeza para eles e muitas vezes falavam sobre o assunto, mas sem nunca duvidar que a causa do Norte havia triunfado pela honra da Confederação americana.

Durante os dois anos, nenhum navio passou à vista da ilha. Era evidente que a ilha Lincoln estava fora da rota das navegações e que provavelmente ela ainda era desconhecida.

No entanto, existia uma chance de salvação, e essa chance foi bastante discutida pelos colonos, reunidos no salão da Granite House, na primeira semana de abril.

– Decididamente, temos apenas uma maneira deixar a ilha Lincoln – disse Gédéon Spilett –, que é construir um navio grande o suficiente para se manter no mar por algumas centenas de quilômetros.

– E podemos ir a Pomotou – acrescentou Harbert –, uma vez que fomos à ilha Tabor!

– Eu não discordo – respondeu Pencroff, que tinha autoridade nos assuntos marítimos –, embora não seja a mesma coisa navegar para

perto e para longe!

– Se fosse possível, você se arriscaria nessa aventura, Pencroff? – perguntou o repórter.

– Eu arriscaria qualquer coisa, senhor Spilett – respondeu o marujo –, pois não sou homem de recuar!

– Lembrem-se que temos mais um marinheiro entre nós – disse Nab.

– Quem? – perguntou Pencroff.

– Ayrton.

– É verdade – respondeu Harbert.

– Se ele concordar em vir! – observou Pencroff.

– Ora! – disse o repórter. – Vocês acham que se o iate de lorde Glenarvan tivesse chegado à ilha Tabor enquanto ele ainda vivia lá, Ayrton teria se recusado a partir?

– Mas a questão não é essa. A questão é se devemos contar com o regresso do navio escocês como uma das nossas possibilidades de resgate. Lorde Glenarvan prometeu a Ayrton que voltaria para buscá-lo na ilha Tabor quando julgasse que ele já tinha pagado por seus crimes, e eu acho que ele vai voltar – considerou Cyrus Smith.

– Sim – disse o repórter –, e eu acrescentaria que ele voltará em breve, pois já passaram doze anos desde que Ayrton foi abandonado!

– Ah! – respondeu Pencroff – eu concordo que o lorde vai voltar e em breve. Mas ele vai aportar na ilha Tabor, não na ilha Lincoln.

– Por isso, meus amigos – continuou o engenheiro –, devemos tomar as precauções necessárias para garantir que a nossa presença e a de Ayrton na ilha Lincoln cheguem à ilha Tabor.

– É claro – respondeu o repórter –, e o mais fácil é colocar na casa do capitão Grant e de Ayrton um bilhete indicando a localização da nossa ilha, de modo que lorde Glenarvan ou sua tripulação possam encontrá-lo facilmente.

– E se o iate escocês retornar nesse meio-tempo? – disse Pencroff.

– Não é provável – respondeu o engenheiro –, porque lorde Glenarvan não escolheria o inverno para se aventurar por mares distantes. Ou ele já voltou para a ilha Tabor desde que Ayrton está conosco e já foi embora, ou só voltará mais tarde, e teremos tempo, nos primeiros dias de outubro, de ir à ilha Tabor e deixar um aviso.

Com essa decisão em mente, não se falou mais em construir um navio grande o suficiente para se aventurar e seguiram apenas com os

trabalhos habituais para um terceiro inverno na Granite House.

Também foi decidido que fariam uma viagem em torno da ilha, pois o reconhecimento da costa ainda não estava terminado.

O projeto dessa excursão foi apresentado por Pencroff e Cyrus Smith deu total apoio, pois queria ver com os próprios olhos essa parte da propriedade.

O tempo estava instável, mas o barômetro não oscilava por movimentos bruscos e podia-se contar com um tempo manobrável. Durante a primeira semana de abril, depois de uma acentuada queda no barômetro, a retomada de sua subida foi sinalizada por um forte vendaval que durou cinco ou seis dias.

A partida da excursão foi marcada para 16 de abril, e o *Bonadventure*, ancorado no porto Balão, foi abastecido com suprimentos para uma viagem que poderia durar um bom tempo.

Cyrus Smith avisou Ayrton sobre a expedição e convidou-o a participar, mas ele preferiu ficar, e foi decidido que ele permaneceria na Granite House durante a ausência de seus companheiros, acompanhado de Jup.

Na manhã do dia 16, os colonos embarcaram acompanhados por Top. O vento soprava do sudoeste e o *Bonadventure* teve de manobrar ao deixar porto Balão, a fim de chegar ao promontório do Réptil.

Foi preciso um dia inteiro para chegar ao promontório, pois o barco, ao deixar o porto, ficou apenas duas horas a jusante e seis horas de maré alta, difícil de superar. Cyrus Smith sugeriu ancorar a algumas centenas de metros da costa, a fim de rever essa parte na manhã seguinte.

No dia 17 de abril, Pencroff aparelhou ao amanhecer, e, a todo pano e vento de estibordo, conseguiu navegar paralelo à costa ocidental. Gédéon Spilett fez fotos panorâmicas do belo litoral.

Ao meio-dia, o *Bonadventure* chegou à foz do rio da Cachoeira. As árvores também reapareceram, mas mais esparsas, e, cinco quilômetros mais adiante, elas formavam apenas arvoredos isolados entre os contrafortes ocidentais do monte, cujo árido espinhaço se estendia até o litoral.

Que contraste entre as partes sul e norte dessa costa! Esta era tão arborizada e verde como a outra era árida e selvagem!

Cyrus Smith e seus companheiros olhavam com um sentimento de surpresa. Mas, se eles permaneciam em silêncio, Top não hesitava em

lançar latidos que ecoavam na muralha basáltica. O engenheiro observou que havia algo estranho naqueles latidos, iguais aos do orifício da Granite House.

– Vamos atracar – disse ele.

E o *Bonadventure* chegou o mais perto possível dos rochedos do litoral. Talvez houvesse lá alguma caverna a explorar? Cyrus Smith não viu nada, nem caverna, nem anfractuosidade que pudesse servir de abrigo a qualquer ser, pois o pé das rochas era banhado pelas águas. Logo os latidos de Top cessaram, e o barco retomou sua distância da costa.

Na parte noroeste da ilha, a costa era plana e arenosa novamente. Algumas árvores raras se perfilavam sobre uma terra pantanosa, que os colonos já haviam encontrado.

À noite, o *Bonadventure* atracou em um pequeno recôncavo do litoral, ao norte da ilha, perto de terra, pois as águas eram profundas ali.

Às oito da manhã, o *Bonadventure* aparelhou e navegou até o cabo da Mandíbula-Norte, pois tinha o vento em popa e a brisa tendia a arrefecer.

Os cirros se espalhavam pelo zênite e não mediam menos de um quilômetro de altura. Eram como pedaços leves de lã, cuja presença normalmente prenunciava alguma mudança repentina dos elementos.

– Bem – disse Cyrus Smith –, vamos carregar tudo o que pudermos e procurar refúgio no Golfo do Tubarão. Acho que o *Bonadventure* permanecerá em segurança.

– Perfeitamente – respondeu Pencroff – e, além disso, a costa norte é formada apenas por dunas pouco interessantes.

– Eu não me importaria – acrescentou o engenheiro – em passar o dia de amanhã nesta baía, que merece ser explorada com cuidado.

– Acho que seremos forçados a fazê-lo, gostemos ou não – respondeu Pencroff –, porque o tempo está fechando!

– Em todo caso, temos vento favorável para chegar ao cabo da Mandíbula – observou o repórter.

– Pencroff – disse Cyrus Smith –, faça o que for melhor, nós responderemos a você.

– Fique tranquilo, senhor Cyrus – respondeu o marujo –, eu não vou me expor sem necessidade! Em duas horas e meia estaremos do outro lado do cabo. Infelizmente, a maré vai reverter nesse momento e a

vazante vai refluir do golfo. Temo, portanto, que seja difícil entrar, tendo vento e mar contra nós.

– Especialmente porque estamos na lua cheia – observou Harbert –, e essas marés de abril são muito fortes.

– Bem, Pencroff – perguntou Cyrus Smith –, você não consegue ancorar na ponta do cabo?

– Ancorar perto de terra, com mau tempo em perspectiva! – fez o marujo. – Seria como se lançar voluntariamente contra o litoral!

– Então, o que você faria?

– Eu tentaria nos manter em mar aberto até a maré cheia, isto é, até sete horas da noite, e se ainda estiver um claro, entrar no golfo; caso contrário bordejaremos durante toda a noite e entraremos ao amanhecer.

– Como eu disse, Pencroff, confiamos em você – disse Cyrus Smith.

– Ah – disse Pencroff – se houvesse apenas um farol nesta costa, seria mais conveniente para os navegadores!

– Sim – respondeu Harbert –, e desta vez não teremos um engenheiro complacente que acenderá um fogo para nos guiar ao porto!

– A propósito, meu caro Cyrus – disse Gédéon Spilett –, nós nunca lhe agradecemos; mas sem esse fogo, jamais teríamos conseguido...

– Fogo? – perguntou Cyrus Smith, surpreso com as palavras ditas pelo repórter.

– Queremos dizer, senhor Cyrus – respondeu Pencroff –, que estávamos perdidos a bordo do *Bonadventure* durante as últimas horas antes do nosso retorno e teríamos passado reto da ilha sem a precaução que tomou de acender uma fogueira na noite do dia 19 ao dia 20 de outubro.

– Sim, sim! Foi uma ideia feliz que tive! – respondeu o engenheiro. E alguns momentos depois, sozinho na dianteira do barco com o repórter, o engenheiro disse em seu ouvido: – Se há uma coisa certa neste mundo, Spilett, é que eu nunca acendi um fogo na noite de 19 a 20 de outubro, em nenhuma parte da ilha!

Capítulo 20

As coisas aconteceram como Pencroff tinha previsto. O vento refrescou e, com uma boa brisa, passou à condição de vendaval. Eram cerca de seis horas quando o *Bonadventure* chegou do outro lado do golfo, nesse momento começaram a sentir a vazante e foi impossível entrar no golfo. Era, portanto, necessário manter-se à deriva, pois ainda que quisesse fazê-lo, Pencroff sequer conseguiria chegar à foz da Misericórdia.

Durante essa noite, Cyrus Smith e Gédéon Spilett não tiveram a oportunidade de conversar, mas a sentença pronunciada ao ouvido do repórter pelo engenheiro precisava ser mais uma vez discutida a fim de buscar compreender essa misteriosa influência que parecia reinar na ilha Lincoln.

Gédéon Spilett prometeu voltar a esse incidente assim que o *Bonadventure* regressasse e convencer Cyrus Smith a informar seus companheiros sobre esses estranhos fatos. Talvez eles decidissem, juntos, fazer uma investigação completa de todas as partes da ilha Lincoln.

Quando as primeiras luzes da aurora se desenharam no horizonte oriental, o vento, que havia se acalmado ligeiramente, virou dois quartos e permitiu a Pencroff mirar mais facilmente a entrada estreita do golfo. Perto das sete da manhã, o *Bonadventure* entrou prudentemente na passagem e se aventurou por suas águas, cercadas

por uma curiosa moldura de lavas.

– Eis um pedaço de mar que daria um belo ancoradouro, onde as frotas poderiam manobrar à vontade! – disse Pencroff.

– Estamos na goela do tubarão – disse Nab, aludindo à forma do golfo.

– Mas as águas são profundas? – perguntou o engenheiro. – O que é suficiente para a quilha do *Bonadventure* pode não ser para a dos navios de guerra.

– Fácil saber – respondeu Pencroff.

O marujo atirou uma corda comprida ao fundo, que serviu de sonda, e à qual ele amarrou um bloco de ferro. A linha media cerca de cinquenta braças e se desenrolou inteira sem alcançar o fundo.

– Vejam – disse Pencroff –, nossos navios não vão encalhar aqui!

Uma vez que, decididamente, não havia nada para fazer naquele golfo, conduziu o barco pelo gargalo e saiu por volta das duas horas da tarde.

Perto das quatro horas, Pencroff entrou no canal que os separava da costa, e às cinco horas a âncora do *Bonadventure* mordiscou a areia do fundo da foz da Misericórdia.

Havia três dias que os colonos tinham deixado sua casa. Ayrton esperava por eles na praia, e mestre Jup veio alegremente recebê-los.

A exploração das costas da ilha estava completa, e nenhum vestígio suspeito foi encontrado.

Gédéon Spilett discutiu com o engenheiro, e foi acordado que eles chamariam a atenção de seus companheiros para o caráter estranho de certos incidentes que tinham ocorrido na ilha.

Alguns dias depois, em 25 de abril, quando todos os colonos estavam reunidos no planalto da Grande-Vista, Cyrus Smith disse:

– Meus amigos, acho que devo chamar sua atenção para certos fatos que aconteceram na ilha e que são, de certa forma, sobrenaturais...

– Sobrenaturais! – exclamou o marujo baforando seu tabaco. – Será que nossa ilha é sobrenatural?

– Não, Pencroff, mas misteriosa – respondeu o engenheiro –, a menos que possam explicar o que Spilett e eu ainda não conseguimos entender.

– Fale, senhor Cyrus – respondeu o marujo.

– Pois bem! Vocês conseguem compreender como poderia ser

possível que depois de cair no mar, eu tenha sido encontrado a uns quatrocentos metros no interior da ilha e isso sem que eu estivesse ciente desse deslocamento? Ou como Top descobriu o abrigo de vocês, a oito quilômetros da caverna onde eu estava, e como um tempo depois, nosso cão foi lançado para fora das águas do lago depois de lutar com os dugongos? Vocês compreendem, meus amigos, como esse grão de chumbo foi parar no corpo do jovem pecari, como aquela caixa foi lançada na costa sem que houvesse qualquer vestígio de naufrágio, como a garrafa com o bilhete chegou de modo tão conveniente durante nossa primeira excursão no mar, como nossa canoa, depois de romper sua amarração, veio pela corrente da Misericórdia nos encontrar quando precisávamos, como, após a invasão dos macacos, a escada foi enviada de volta das alturas da Granite House e, finalmente, o bilhete que Ayrton afirma que nunca escreveu caiu em nossas mãos?

Cyrus Smith tinha acabado de enumerar, sem esquecer nenhum, os fatos estranhos que tinham acontecido na ilha. Harbert, Pencroff e Nab se entreolharam sem saber o que dizer.

– O senhor tem razão, senhor Cyrus – disse Pencroff –, são coisas difíceis de explicar!

– Bem, meus amigos – continuou o engenheiro –, um último fato veio se somar a esses e é tão incompreensível quanto os outros!

– Qual, senhor Cyrus? – perguntou avidamente Harbert.

– Quando vocês voltaram da ilha Tabor, disseram que viram um fogo na ilha Lincoln?

– Certamente – respondeu o marujo.

– E vocês têm certeza de ter visto esse fogo?

– Da mesma forma que o vejo agora.

– Você também, Harbert?

– Ah! senhor Cyrus, aquele fogo brilhava como uma estrela de primeira magnitude!

– Bem, meus amigos – respondeu Cyrus Smith –, na noite do dia 19 ao dia 20 de outubro, nem Nab nem eu acendemos uma fogueira na costa.

– Vocês não...? – disse Pencroff, absolutamente espantado, e não conseguiu sequer terminar a frase.

– Nós não saímos da Granite House e se um fogo apareceu na costa, foi aceso por outra mão que não a nossa!

Pencroff, Harbert e Nab ficaram atordoados. Não havia nenhuma ilusão, foi um fogo que eles avistaram na noite do dia 19 a 20 de outubro.

Sim. Tinham que concordar que existia um mistério. Uma influência inexplicável, obviamente favorável aos colonos, mas de uma curiosidade desesperadora, tomava conta da ilha Lincoln. Havia então algum ser escondido em seus recônditos?

Os dias feios chegaram com o mês de maio. Aparentemente, o inverno seria rigoroso e precoce. Por isso, os trabalhos de inverno foram realizados sem demora.

Ayrton recebeu roupas confortáveis. Cyrus Smith o convidou a passar a temporada fria na Granite House, onde ele estaria bem alojado, e Ayrton prometeu fazê-lo assim que concluísse as últimas obras do curral, o que aconteceu em meados de abril. A partir desse momento, ele compartilhou da vida em comunidade e se mostrou prestativo em todas as ocasiões; mas, sempre humilde e triste, não compartilhava dos prazeres de seus companheiros.

Os quatro rigorosos meses de inverno passaram em meio a muitos trabalhos. Durante esse inverno, não houve mais incidentes inexplicáveis. Nada de estranho aconteceu, embora Pencroff e Nab estivessem à procura dos fatos mais insignificantes que pudessem estar ligados a uma causa misteriosa. Mas um acontecimento da maior gravidade, cujas consequências poderiam ser fatais, desviou temporariamente Cyrus Smith e seus companheiros dos seus planos.

Recorde-se que Gédéon Spilett e Harbert registraram, em várias ocasiões, as paisagens da ilha Lincoln em fotografias.

No dia 17 do mês de outubro, por volta das três da tarde, Harbert, seduzido pela pureza do céu, pensou em registrar toda a baía da União que estava de frente para o planalto da Grande-Vista, do cabo da Mandíbula até o cabo da Garra.

A objetiva tinha sido colocada em uma das janelas do salão da Granite House e conseguia alcançar a praia e a baía. Harbert procedeu como de costume, e, tendo obtido o registro, foi pendurá-la com as substâncias que estavam guardadas em um lugar obscuro da Granite House.

Voltando à plena luz, e examinando bem, Harbert viu em sua fotografia um pequeno ponto, quase imperceptível, que manchava o horizonte do mar. Ele tentou fazê-lo desaparecer com sucessivas

lavagens, mas não conseguiu.

"É um defeito no vidro", ele pensou.

E então ele teve a curiosidade de examinar esse defeito com uma lente forte que desenroscou de um dos binóculos. Mas ao olhar, soltou um grito e quase derrubou a fotografia.

Então correu depressa até a sala onde estava Cyrus Smith, e entregou a fotografia e a lente para o engenheiro, apontando para o pequeno ponto.

Após examinar o ponto, ele pegou sua luneta e correu para a janela. A luneta percorreu o horizonte lentamente e parou no ponto suspeito, e Cyrus Smith, baixando-a, disse apenas esta palavra: "Navio"!

De fato, havia um navio no horizonte da ilha Lincoln!

TERCEIRA PARTE

O SEGREDO DA ILHA

Capítulo 1

Há dois anos e meio, os náufragos do balão tinham sido lançados na ilha Lincoln e até então nenhuma comunicação tinha sido estabelecida entre eles e seus semelhantes. Uma vez, o repórter tentou entrar em contato com o mundo habitado, confiando a um pássaro um bilhete que continha o segredo de sua situação, mas essa era uma chance com que era impossível contar seriamente. Somente Ayrton, e nas circunstâncias que conhecemos, tinha vindo se juntar aos membros da pequena colônia. E eis que naquele 17 de outubro outros homens apareceram inesperadamente à vista da ilha, naquele mar sempre deserto!

Cyrus Smith e Harbert chamaram imediatamente Gédéon Spilett, Pencroff e Nab ao salão principal da Granite House e os alertaram sobre o ocorrido. Pencroff agarrou a luneta, percorreu rapidamente o horizonte, e, parando no ponto indicado:

– Com mil diabos! É um navio! – ele disse com um tom de voz que não denotava nenhuma satisfação extraordinária.

– Ele está vindo em nossa direção? – perguntou Gédéon Spilett.

– É impossível afirmar alguma coisa ainda – respondeu Pencroff –, porque apenas sua mastreação aparece acima do horizonte!

– O que devemos fazer? – perguntou Harbert.

– Esperar – respondeu Cyrus Smith.

Por um longo tempo, os colonos permaneceram em silêncio,

entregues a todos os pensamentos, emoções, medos e esperança que o incidente podia suscitar. Eles não tinham meios de relatar sua presença. Uma bandeira não seria notada; um som não seria ouvido; um fogo não seria visto.

Mas por que aquele navio aportaria ali? Seria uma mera coincidência que o impulsionava naquela parte do Pacífico, onde os mapas não mencionavam a existência de nenhuma terra, exceto a ilha Tabor que, aliás, estava fora das rotas geralmente seguidas pelos longos correios dos arquipélagos da Polinésia, Nova Zelândia e da costa americana?

– Aquele não é o *Duncan*? – interrogou Harbert.

Ora, a ilhota não estava tão longe da ilha Lincoln para que um navio, em seu caminho para uma, não pudesse avistar a outra.

– Devemos avisar Ayrton – disse Gédéon Spilett – e trazê-lo imediatamente. Só ele pode dizer se aquele é o *Duncan*.

Todos concordaram, e o repórter foi até o telégrafo que os colocava em comunicação com o curral e enviou este telegrama:

“Venha depressa”. Momentos depois, receberam a resposta.

“Estou indo”.

– Bem – disse Pencroff –, suponhamos que esse navio ancore aqui, a poucos metros da nossa ilha. O que devemos fazer?

– O que faremos, meus amigos, é o seguinte: nos comunicaremos com o navio, embarcaremos nele e deixaremos nossa ilha, tendo tomado posse dela em nome dos estados da União. Então retornaremos a ela com todos que nos acompanharem para colonizá-la definitivamente e fornecer à república americana uma estação útil nesta parte do Oceano Pacífico!

Uma hora depois de ter sido convocado, Ayrton chegou à Granite House. Ele adentrou o grande salão dizendo:

– Às suas ordens, senhores.

Cyrus Smith estendeu-lhe a mão, como estava acostumado a fazer, e guiando-o até a janela:

– Ayrton, pedimos que você viesse por uma razão séria. Há um navio perto da ilha.

Ayrton primeiro empalideceu ligeiramente e seus olhos embaçaram por um momento. Então, inclinando-se para fora da janela, ele percorreu o horizonte, mas não viu nada.

– Use esta luneta – disse Gédéon Spilett – e olhe bem, Ayrton, pois

é possível que esse navio seja o *Duncan*.

– O *Duncan*! – balbuciou Ayrton. – Já!

Esta última palavra escapou involuntariamente dos lábios de Ayrton. Doze anos abandonado em uma ilha deserta não lhe pareciam expiação suficiente?

– Não pode ser o *Duncan* – ele disse.

– Olhe bem, Ayrton – disse o engenheiro –, porque é importante que saibamos de antemão o que esperar.

Ayrton apontou a luneta na direção indicada. Depois, disse:

– É de fato um navio, mas não acho que seja o *Duncan*.

– Por que não? – perguntou Gédéon Spilett.

– Porque o *Duncan* é um iate a vapor, não vejo nenhum sinal de fumaça, nem por cima, nem próximo desse navio.

Dito isso, Ayrton foi se sentar em um canto do salão e permaneceu em silêncio.

Os colonos estavam em um estado de espírito que não lhes permitia retomar o trabalho. Gédéon Spilett e Pencroff estavam singularmente nervosos, indo e vindo, incapazes de ficar parados. Harbert estava sobretudo curioso. Apenas Nab mantinha sua calma habitual. Seu país não era onde estava seu mestre? Quanto ao engenheiro, ele permaneceu absorto em seus pensamentos, e, no fundo, ele temia mais do que desejava a chegada do navio.

Enquanto isso, o navio tinha chegado um pouco mais perto da ilha. Com a ajuda da luneta, tinha sido possível reconhecer que era um longo curso. Era, portanto, razoável acreditar que as apreensões do engenheiro não se justificavam, e que a presença daquele navio nas águas da ilha Lincoln não constituía perigo.

Mas se ele continuasse na mesma velocidade, logo desapareceria atrás do cabo da Garra, pois estava a sudoeste e para observá-lo seria necessário então chegar às alturas da baía de Washington, perto de porto Balão.

– O que faremos quando anoitecer? – perguntou Gédéon Spilett. – Vamos acender uma fogueira para assinalar nossa presença na costa?

Era uma questão séria e eles decidiram fazê-lo. Durante a noite, o navio podia desaparecer para sempre, e se desaparecesse, algum outro surgiria nas águas da ilha Lincoln?

Foi, portanto, decidido que Nab e Pencroff iriam até porto Balão e acenderiam uma grande fogueira cujo brilho atrairia a atenção da

tripulação do brigue.

Mas assim que Nab e o marujo se prepararam para sair da Granite House, o navio mudou seu curso e fluiu livremente em direção à baía da União.

Nab e Pencroff suspenderam sua partida, e a luneta foi dada a Ayrton para que ele pudesse reconhecer definitivamente se aquele navio era ou não o *Duncan*. O iate escocês também dispunha de um brigue. A verificação foi fácil e Ayrton logo deixou cair sua luneta dizendo:

– Não é o *Duncan*!

– No entanto –, acrescentou o marujo –, uma bandeira flameja em seu mastro, mas não consigo distinguir suas cores.

O dia começava a se por, e o vento do mar também diminuía. O pavilhão do brigue, menos esticado, enrolou-se nas driças e tornou cada vez mais difícil sua observação.

– Não é uma bandeira americana – dizia Pencroff –, nem inglesa, cujo vermelho seria facilmente visto, nem são as cores francesas ou alemãs, nem a bandeira branca da Rússia, nem...

Nesse momento, uma brisa estendeu a bandeira desconhecida. Ayrton, agarrando a luneta que o marujo tinha abandonado, fixou seus olhos e disse em voz baixa:

– Uma bandeira preta!

A partir de então era possível considerar aquele um navio suspeito.

O engenheiro estava certo nos palpites? Era um navio pirata? O que ele procurava nos arredores da ilha Lincoln?

Essas ideias surgiram instintivamente na mente dos colonos. Além disso, não havia dúvidas quanto ao significado ligado à cor da bandeira. Eram corsários do mar!

– Meus amigos – disse Cyrus Smith –, será que esse navio quer apenas observar a costa da ilha? Talvez sua tripulação não desembarque? De qualquer forma, temos de fazer tudo o que pudermos para esconder nossa presença. O moinho construído no planalto da Grande-Vista é facilmente reconhecível. Ayrton e Nab corram para desmontá-lo rapidamente. Escondamos também as janelas da Granite House. Apaguem todos os fogos. Que nada traia a presença humana nesta ilha!

– E o nosso barco? – observou Harbert.

– Ele está abrigado no porto Balão, e desafio aqueles crápulas a

encontrarem-no lá! – respondeu Pencroff.

Nab e Ayrton subiram ao planalto e tomaram as medidas necessárias para garantir que qualquer evidência da habitação fosse dissimulada.

Quando todas as precauções foram tomadas:

– Meus amigos – disse Cyrus Smith, e era possível sentir em sua voz que ele estava emocionado –, se esses desgraçados quiserem tomar a ilha Lincoln, nós vamos defendê-la, não vamos?

– Sim, Cyrus – respondeu o repórter –, e se necessário, morreremos em sua defesa!

O engenheiro estendeu a mão aos seus companheiros que a pressionaram com efusão.

Apenas Ayrton, que tinha permanecido em seu canto, não se juntou aos colonos. Talvez ainda se sentisse indigno!

– E você, Ayrton, o que faria? – perguntou Cyrus Smith.

– Meu dever – respondeu Ayrton.

Eram sete e meia. O sol tinha desaparecido há cerca de vinte minutos atrás da Granite House. Enquanto isso, o brigue avançada na direção da baía da União.

Cyrus Smith via com profunda ansiedade o navio suspeito que arvorava a bandeira negra. No entanto, ele e seus companheiros estavam determinados a resistir até o último momento. Aqueles piratas eram numerosos e melhor armados do que os colonos? É isso que seria importante saber! Mas como chegar até eles?

O vento tinha diminuído completamente ao anoitecer. Não se via nada do navio, todas as suas luzes estavam apagadas, e, se ainda estivesse à vista da ilha, ninguém poderia sequer saber o lugar que ocupava.

– Talvez esse maldito navio navegue durante a noite e não o encontraremos mais ao amanhecer? – observou Pencroff.

Como resposta à observação do marujo, uma luz cintilou no mar, e um tiro de canhão ressoou.

O navio ainda estava lá e havia uma artilharia a bordo. Passaram seis segundos entre a luz e o tiro. Portanto, o brigue estava a cerca de dois quilômetros da costa. Ao mesmo tempo, ouviu-se um som de correntes descendo pelos escovéns.

O navio tinha acabado de atracar à vista da Granite House!

Capítulo 2

Já não havia dúvidas sobre as intenções dos piratas. Eles tinham ancorado a uma curta distância da ilha e era óbvio que no dia seguinte, com suas canoas, planejavam chegar à praia!

Cyrus Smith e seus companheiros estavam prontos para agir, mas, por mais determinados que fossem, precisavam ser muito prudentes. Talvez a presença deles ainda pudesse ser dissimulada, caso os piratas desembarcassem na costa sem subirem para o interior da ilha.

– Estamos em uma situação inexpugnável aqui – observou Cyrus Smith. – O inimigo não conseguirá descobrir a abertura do escoadouro, agora que ele está escondido sob os juncos e as gramíneas, e, portanto, será impossível ele chegar à Granite House.

– Senhor Smith – disse Ayrton, enquanto caminhava em direção ao engenheiro –, o senhor me concederia uma permissão?

– Qual, meu amigo?

– Ir até o navio para descobrir o tamanho da tripulação.

– Mas, Ayrton... – respondeu o engenheiro, hesitante – você vai arriscar sua vida!

– Você iria com a piroga até o navio? – perguntou Gédéon Spilett.

– Não, senhor, a nado.

– Mas o senhor sabe que o brigue está a mais de dois quilômetros da costa? – observou Harbert.

– Sou um bom nadador, senhor Harbert. Peço isso como um favor.

Talvez seja uma maneira de me fazer perdoar por mim mesmo!

– Vá, Ayrton – respondeu o engenheiro, que sentiu que uma recusa deixaria o ex-condenado profundamente triste, e ele já era um homem honesto de novo.

– Eu o acompanho – disse Pencroff.

– Está desconfiando de mim!? – respondeu rispidamente Ayrton.

– Na verdade – respondeu o marujo –, eu proponho acompanhar Ayrton somente até a ilhota. Pode ser, embora improvável, que um desses patifes tenha desembarcado.

Detalhes acertados, Ayrton fez seus preparativos para a partida. O seu plano era ousado, mas podia ter sucesso graças à escuridão da noite. Uma vez no navio, Ayrton, poderia calcular quantos eram e talvez descobrir as intenções dos condenados.

Ayrton e Pencroff, seguidos pelos companheiros, desceram à costa. Um cobertor foi atirado sobre os ombros de Ayrton, e os colonos vieram apertar-lhe a mão.

Seguido por Pencroff, ele atravessou rapidamente a pequena ilha e, sem hesitar, se jogou no mar e nadou calmamente na direção do navio de onde saíam algumas luzes, recentemente acesas, indicando sua localização exata.

Pencroff se refugiou em uma fenda da costa e esperou pelo retorno de seu companheiro.

Ayrton nadou com braçadas vigorosas e deslizou dentro d'água sem produzir a menor ondulação. Meia hora depois, sem ser visto ou ouvido, chegou ao navio e, subindo pelas correntes, conseguiu chegar no púlpito da proa.

Ninguém dormia a bordo do brigue. Pelo contrário. Eles falavam, cantavam, riam. E estas foram as palavras ouvidas, acompanhadas de palavrões, que atingiam principalmente Ayrton:

– Uma boa aquisição esse nosso brigue!

– O *Speedy*[8] navega bem! Faz jus ao nome!

– Um viva ao seu comandante!

– Um viva a Bob Harvey!

Logo entenderemos o que Ayrton sentiu ao ouvir esse fragmento de conversa, quando soubermos que ele tinha acabado de reconhecer em Bob Harvey um de seus ex-companheiros da Austrália, que tinha dado continuidade a seus projetos criminosos.

Os condenados falavam em voz alta, e Ayrton conseguiu ouvir o

seguinte: a atual tripulação do *Speedy* era composta apenas de prisioneiros ingleses que escaparam de Norfolk, uma ilha que se tornou a sede de uma instituição onde estão alojados os condenados mais intratáveis das penitenciárias inglesas. Às vezes, apesar da vigilância excessiva a que estão sujeitos, vários conseguem escapar, sequestrando navios que depois conduzem pelos arquipélagos polinésios.

Assim fizeram Bob Harvey e seus companheiros. Assim Ayrton quis fazer no passado.

Como a conversa continuou no meio dos gritos e das libações, Ayrton descobriu que o acaso tinha trazido o *Speedy* para as águas da ilha Lincoln. Bob Harvey nunca tinha posto os pés na ilha antes, mas, encontrando em seu caminho aquela terra desconhecida que nenhum mapa indicava, planejou de visitá-la, e, se lhe conviesse, faria dela seu porto de base.

A propriedade dos colonos estava então terrivelmente ameaçada. Evidentemente, a vida dos colonos também não seria respeitada, e o primeiro cuidado de Bob Harvey e de seus cúmplices seria matá-los sem piedade.

Ayrton resolveu descobrir a todo custo qual era o armamento do brigue e o número de homens que o ocupavam, e não hesitou em se arriscar sobre o convés do *Speedy*, que os faróis apagados deixaram em uma profunda escuridão.

Ele constatou que o *Speedy* estava armado com quatro canhões que atiravam balas de quatro a cinco quilos. Verificou também, tocando-os, que os canhões eram carregados pela culatra. Enquanto Ayrton ouvia os homens falarem, supôs haver cerca de cinquenta deles a bordo.

Agora ele precisava voltar e relatar aos seus companheiros a missão que havia empreendido. Mas para o homem que queria fazer mais do que o seu dever, surgiu um pensamento heroico. Ele sacrificaria sua vida, mas salvaria a ilha e os colonos. Então ele teve o irresistível desejo de explodir o brigue com tudo o que ele carregava consigo. Ayrton morreria na explosão, mas cumpriria o seu dever.

Não devia faltar pólvora em um navio como aquele, e uma só faísca seria suficiente para destruir tudo em um instante.

Ayrton pegou um revólver e se certificou de que estava carregado e destravado. Então rastejou para a popa, de modo a chegar ao

tombadilho do brigue, onde devia estar o paiol.

Finalmente, ele chegou à divisória que fechava o compartimento da popa e encontrou a porta que deveria dar no compartimento de carga. Disposto a forçá-la, começou a trabalhar. Era uma tarefa difícil de realizar sem fazer barulho, porque precisava quebrar um cadeado. Mas a fechadura saltou e a porta foi aberta sob sua mão forte. Nesse momento, um braço pousou em seu ombro.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou com uma voz rude um homem alto, que iluminou a figura de Ayrton com uma lanterna.

Ayrton caiu para trás. Sob um rápido flash da lanterna, reconheceu seu ex-cúmplice, Bob Harvey, que devia achar que Ayrton já estava morto há muito tempo.

Ayrton repeliu vigorosamente o líder dos condenados e tentou saltar para dentro do paiol. Um tiro no meio daqueles barris de pólvora e tudo estaria acabado...!

– Socorro, rapazes! – gritou Bob Harvey.

Dois ou três piratas despertaram com o chamado, levantaram-se e, pulando sobre Ayrton, tentaram derrubá-lo, mas Ayrton conseguiu se livrar. Dois tiros foram disparados com seu revólver e dois condenados caíram; mas uma facada que ele não conseguiu impedir a tempo o golpeou no ombro.

Ayrton percebeu que não podia mais realizar seu projeto. Bob Harvey tinha fechado a porta do paiol, e um movimento no convés indicava um despertar geral dos piratas. Ele tinha que se salvar para lutar ao lado de Cyrus Smith. Ele só poderia fugir!

Ainda lhe restavam quatro tiros. Dois foram disparados, e um deles, dirigido a Bob Harvey, não o atingiu, pelo menos não gravemente, e, aproveitando-se de um breve recuo de seus adversários, ele correu para a escada da escotilha a fim de chegar no convés do brigue. Ao passar pelo farol, quebrou-o com uma coronhada, e uma escuridão profunda se fez, favorecendo sua fuga.

Dois ou três piratas, acordados pelo barulho, desciam pela escada naquele exato momento. Um quinto tiro do revólver de Ayrton derrubou um pelas escadas, e os outros desapareceram sem entender o que estava acontecendo. Ayrton, em dois saltos, chegou ao convés do brigue, atravessou o parapeito e se jogou ao mar. Ele não tinha nadado nem dez metros e as balas começaram a estalar ao seu redor como granizo.

Qual não deve ter sido a tensão de Pencroff, escondido sob uma rocha da ilhota, e a de Cyrus Smith, do repórter, de Harbert, de Nab, refugiados nas Chaminés, quando ouviram as detonações rebentarem a bordo do brigue. Eles partiram para a praia, e, empunhando suas armas, prepararam-se para revidar qualquer agressão.

Para eles, não havia dúvida! Ayrton, surpreendido pelos piratas, tinha sido massacrado, e talvez aqueles desgraçados aproveitassem a noite para ir até a ilha! Meia hora se passou no meio de transes mortais. No entanto, as detonações tinham parado, e nem Ayrton nem Pencroff apareceram. A ilhota tinha sido invadida? Não seria preciso salvar Ayrton e Pencroff?

Finalmente, por volta da meia-noite e meia, uma canoa com dois homens chegou na praia. Eram Ayrton, ligeiramente ferido no ombro, e Pencroff, sãos e salvos, que os amigos receberam de braços abertos.

Imediatamente, todos se refugiaram nas Chaminés. Lá Ayrton relatou o que tinha acontecido e não escondeu seu plano de tentar explodir o brigue.

Os piratas estavam acordados, sabiam que a ilha Lincoln era habitada e certamente chegariam, numerosos e bem armados!

– Ora! saberemos morrer! – observou o repórter.

– Vamos entrar e vigiar – respondeu o engenheiro.

– Temos chance de nos safarmos, senhor Cyrus? – perguntou o marujo.

– Sim, Pencroff.

– Hum! Seis contra cinquenta!

– Sim, seis! Sem contar…

– Quem? – perguntou Pencroff.

Cyrus não respondeu, mas apontou para o céu com a mão.

---

8 Palavra inglesa que significa *veloz.* (N.T.)

Capítulo 3

A noite passou sem incidentes. Os colonos estavam em alerta e não tinham abandonado o posto das Chaminés. Os piratas, por outro lado, não pareciam ter feito qualquer tentativa de desembarcar. A rigor, era possível pensar que ele tinha içado a âncora, pensando que estava lidando com uma situação de grande perigo e se afastado daquelas paragens.

Mas não foi o caso, e quando começou a amanhecer, os colonos entreviram uma massa confusa em meio às brumas. Era o *Speedy*.

– Meus amigos – disse o engenheiro –, eis as disposições que me parece conveniente tomar antes que esse nevoeiro se dissipe por completo. Ele nos esconde dos piratas, e podemos agir sem atrair a atenção deles. O mais importante é que os condenados acreditem que os habitantes desta ilha são numerosos e capazes de combatê-los. Proponho que nos dividamos em três grupos, o primeiro nas próprias Chaminés, o segundo na foz da Misericórdia e o terceiro na ilhota, a fim de evitar qualquer tentativa de desembarque. Temos duas espingardas e quatro fuzis conosco. Cada um de nós estará armado, e como estamos abastecidos de pólvora e balas, não pouparemos tiros. E, como não vamos disparar das janelas da Granite House, os piratas não terão a ideia de enviar projéteis que poderiam causar danos irreparáveis. Cada um de nós tem oito ou dez inimigos para matar, e precisamos matá-los!

Cyrus Smith havia exposto claramente a situação, falando com a voz calma e assim os postos foram organizados.

Cyrus Smith e Harbert ficaram escondidos nas Chaminés e de lá vigiavam toda a praia aos pés da Granite House.

Gédéon Spilett e Nab foram se refugiar no meio das rochas na foz da Misericórdia, a fim de evitar a passagem de qualquer canoa para a margem oposta.

Ayrton e Pencroff empurraram a canoa para a água e atravessaram o canal para ocupar dois postos separados na ilhota. Assim, tiros disparados de quatro pontos diferentes fariam os condenados pensar que a ilha era suficientemente povoada e severamente defendida.

Nenhum deles podia ser visto, pois eles próprios mal distinguiam o brigue em meio ao nevoeiro. Eram seis e meia da manhã.

Logo, a névoa se dissipou nas camadas superiores do ar, e a ponta dos mastros do brigue emergiu dos vapores.

O *Speedy* apareceu por inteiro, duplamente ancorado, timão voltado para norte e apontando à ilha sua popa a estibordo, a menos de dois quilômetros da costa.

O *Speedy* permanecia em silêncio. Era possível ver cerca de trinta piratas caminhando pelo convés, observando a ilha com atenção.

Certamente, Bob Harvey e sua equipe mal se deram conta do que tinha acontecido durante a noite a bordo do brigue.

Às oito horas, os colonos observaram algum movimento a bordo do *Speedy*. Uma canoa foi lançada ao mar com sete homens armados com fuzis prontos para disparar. O objetivo deles era fazer um reconhecimento inicial, mas não desembarcar, porque no caso eles teriam vindo em maior número.

Pencroff e Ayrton, escondidos cada um em uma fenda estreita do rochedo, viram o barco se aproximar e esperaram até que estivesse ao seu alcance.

A canoa navegava com extrema cautela e era possível ver que um dos condenados, posicionado na dianteira, segurava uma linha de sonda e procurava reconhecer o canal cavado pela corrente da Misericórdia. Isto indicava a intenção de Bob Harvey de aproximar seu brigue da costa o máximo que pudesse.

Dois tiros foram disparados. O timoneiro e o homem da sonda caíram sentados na canoa. As balas de Ayrton e de Pencroff atingiram os dois no mesmo instante.

Quase de imediato, uma violenta explosão foi ouvida, e um jato brilhante de vapor saiu dos flancos do brigue. Um tiro de canhão, atingindo o topo das rochas que abrigavam Ayrton e Pencroff, a fez voar pelos ares em estilhaços, mas os dois não foram atingidos.

O timoneiro foi imediatamente substituído por um de seus camaradas, e os remos mergulharam avidamente na água, seguindo em direção à foz da Misericórdia.

Pencroff e Ayrton, embora tivessem percebido que estavam em perigo, não deixaram seu posto, ou porque ainda não tinham a intenção de se mostrar aos assaltantes e se expor aos canhões do *Speedy*, ou porque contavam com Nab e Gédéon Spilett, vigiando a foz do rio, e com Cyrus Smith e Harbert à espreita nas rochas das Chaminés.

Vinte minutos depois dos primeiros tiros, a canoa estava diante da Misericórdia. Duas balas os saudaram e acertaram mais dois homens do barco. Nab e Spilett não falharam.

O brigue enviou uma segunda bala na direção do local que foi denunciado pela fumaça das armas de fogo, mas só esfolou algumas rochas.

Nesse momento, apenas três homens vivos permaneciam na canoa, que seguiu para o canal e passou diante de Cyrus Smith e Harbert que, não julgando que ela estava em sua mira, permaneceram em silêncio. Contornando a ponta norte da ilhota com os dois remos que restavam, a canoa seguiu de volta para o brigue.

Nota-se que as disposições organizadas pelo engenheiro foram vantajosas. Os piratas podiam acreditar que estavam lidando com adversários numerosos e fortemente armados, que dificilmente seriam vencidos.

Gritos terríveis foram ouvidos quando eles subiram a bordo do *Speedy* com os feridos, e três ou quatro tiros de canhão foram disparados, sem qualquer resultado.

Mas então doze outros condenados, dominados pela raiva, desceram à embarcação. Uma segunda canoa foi lançada no mar com oito homens, e enquanto a primeira seguiu direto para a ilhota, a segunda manobrou para forçar a entrada na Misericórdia.

A situação estava obviamente se tornando muito perigosa para Pencroff e Ayrton, e eles perceberam que precisavam regressar à ilha, mas esperaram que a primeira canoa estivesse ao alcance, e duas

balas, habilmente direcionadas, foram novamente levar desordem à tripulação. Depois se juntaram a Cyrus Smith e Harbert, e a ilhota foi invadida e os piratas do primeiro barco a percorreram em todas as direções.

Quase ao mesmo tempo, novas explosões foram ouvidas no posto da Misericórdia, do qual a segunda canoa se aproximou. Dois dos oito homens que a ocupavam foram mortalmente atingidos por Gédéon Spilett e Nab, e o próprio barco, irresistivelmente levado pelos recifes, bateu na foz da Misericórdia. Mas os seis sobreviventes, protegendo as armas do contato com a água, conseguiram chegar à margem direita do rio.

A situação atual, portanto, era a seguinte: na ilhota, havia doze condenados, vários dos quais feridos, mas ainda com uma canoa à disposição; na ilha, seis homens haviam desembarcado, mas eram incapazes de chegar à Granite House porque não podiam atravessar o rio, cujas pontes estavam levantadas.

– Estamos indo bem! – disse Pencroff correndo para as Chaminés. – Eles não vão conseguir atravessar o canal – disse o marujo. – As espingardas do Ayrton e do senhor Spilett estão lá para impedi-los.

– Sem dúvida – respondeu Harbert –, mas o que nossas espingardas podem fazer contra os canhões do brigue?

– Ah! Acho que o brigue ainda não está no canal! – observou Pencroff.

– E se ele vier? – interrogou Cyrus Smith.

– É impossível, porque ele pode encalhar e se perder!

– É possível – respondeu Ayrton. – Os condenados podem aproveitar a maré cheia para entrar no canal, mesmo que encalhem quando ela baixar, e depois, sob o fogo de seus canhões, nossos postos não conseguirão resistir.

– Pelos mil diabos do inferno! – vociferou Pencroff. – Parece, de fato, que os patifes estão se preparando para içar âncora!

– Talvez sejamos forçados a nos refugiarmos na Granite House? – observou Harbert.

– Vamos esperar! – respondeu Cyrus Smith.

– Mas e Nab e o senhor Spilett? – perguntou Pencroff.

– Eles se juntarão a nós em tempo hábil. Mantenha-se alerta, Ayrton. É a sua espingarda e a do Spilett que precisam agir agora.

O *Speedy* realmente começou a manobrar e expressar a intenção de

se aproximar da ilhota. Mas quanto à entrada no canal, Pencroff, contrário à opinião de Ayrton, não queria admitir que ele ousaria tentar.

Enquanto isso, os piratas que ocupavam a ilhota começaram a ganhar a costa oposta e só se separaram da terra pelo canal.

As espingardas de Ayrton e Gédéon Spilett dispararam e atingiram dois dos condenados que caíram de costas.

Foi uma debandada geral. Os outros dez nem sequer perderam tempo ajudando seus companheiros feridos ou mortos e fugiram.

– Menos oito! – comemorou Pencroff. – De fato, parece que o senhor Spilett e Ayrton estão trabalhando juntos!

– Senhores – respondeu Ayrton, recarregando sua espingarda –, isso vai ficar ainda mais sério. O brigue está zarpando!

Com efeito, o *Speedy* resgatou sua âncora e começou a derivar em direção à terra.

Dos dois postos, da Misericórdia e das Chaminés, era possível vê-lo manobrar sem dar qualquer sinal de vida, mas não sem certa emoção.

Cyrus Smith se perguntava o que era possível fazer. Em pouco tempo, ele seria chamado a tomar uma decisão. Mas qual? Enclausurar-se na Granite House, ficar sitiado nela por semanas, até meses, já que havia muita comida lá? Sim! Mas e depois? Os piratas controlariam a ilha, a devastariam à vontade, e com o tempo derrotariam os prisioneiros da Granite House.

O brigue tinha se aproximado da ilhota, e foi possível perceber que ele procurava chegar à extremidade inferior.

A rota anteriormente seguida pelos barcos tinha lhe permitido encontrar o canal e ele ousou adentrar. Seu plano era muito compreensível: ele queria amarrar de través diante das Chaminés e, a partir daí, responder com projéteis e balas de canhão aos tiros que tinham dizimado sua tripulação.

O *Speedy* chegou rapidamente à ponta da ilhota; ele a contornou com facilidade; a brigantina foi aberta e o brigue foi posicionado a barlavento diante da Misericórdia.

– Bandidos! Eles estão vindo! – vociferou Pencroff.

Nesse momento, Nab e Gédéon Spilett se juntaram a Cyrus Smith, Ayrton, ao marujo e a Harbert.

O repórter e seu companheiro tinham considerado apropriado abandonar o posto da Misericórdia, a partir do qual não podiam fazer

nada contra o navio e agiram sabiamente.

– Spilett! Nab! – o engenheiro exclamou. – Vocês não estão feridos?

– Não! Apenas alguns hematomas causados por estilhaços – respondeu o repórter. – Mas aquele maldito brigue está indo para o canal!

– Sim! – respondeu Pencroff. – E dentro de dez minutos ele estará na frente da Granite House!

– Você tem um plano, Cyrus? – perguntou o repórter.

– Temos de nos refugiar na Granite House enquanto é tempo e enquanto os condenados ainda não nos podem ver.

– Vamos então e depressa! – observou o repórter.

– Não quer que eu e Ayrton fiquemos aqui, senhor Cyrus? – perguntou o marujo.

– Não. Não nos separemos! – respondeu o engenheiro.

Não havia um segundo a perder. Os colonos deixaram as Chaminés. Um pequeno retorno da cortina impedia que os vissem do brigue, mas duas ou três detonações indicaram que o *Speedy* estava próximo.

Em pouco tempo, eles correram para o elevador, subiram até a porta da Granite House, onde Top e Jup estavam confinados desde o dia anterior, e chegaram à sala principal.

Já era tempo. Através dos ramos, viram o *Speedy*, rodeado de fumaça, seguir para o canal. Eles tiveram até que se abaixar, pois as descargas eram incessantes, e as balas dos quatro canhões atingiam cegamente tanto o posto da Misericórdia, que não estava mais ocupado, quanto as Chaminés.

No entanto, esperava-se que a Granite House fosse poupada, graças à precaução que Cyrus Smith tinha tomado de esconder as janelas, quando uma bala, passando rente à porta, penetrou no corredor.

– Maldição! Fomos descobertos? – interrogou Pencroff.

Talvez os colonos não tivessem sido vistos, mas era certo que Bob Harvey julgou pertinente lançar um projétil através da folhagem suspeita que mascarava aquela parte da muralha.

A situação era desesperadora. O esconderijo havia sido descoberto e os colonos não podiam resistir os projéteis. Tudo o que lhes restava fazer era se refugiar no corredor superior da Granite House e abandonar a casa à devastação. De repente, ouviram um forte barulho seguido por gritos assustadores!

Cyrus Smith e seus companheiros correram para uma das janelas.

O brigue, erguido por uma espécie de tromba-d’água, tinha acabado de se partir em dois, e em menos de dez segundos foi engolido com toda sua criminosa tripulação!

Capítulo 4

– Eles explodiram! – exclamou Harbert.

– Sim! Explodiram como se Ayrton tivesse colocado fogo na pólvora! – Pencroff respondeu correndo para o elevador, ao mesmo tempo que Nab e o jovem rapaz.

– Mas o que aconteceu? – perguntou Gédéon Spilett, ainda espantado com o resultado inesperado.

– Ah! Desta vez, saberemos! – respondeu o engenheiro.

– O que vamos saber?

– Depois! Venha, Spilett. O importante é que os piratas foram exterminados!

E Cyrus Smith, puxando o repórter e Ayrton, juntou-se a Pencroff, Nab e Harbert na praia.

Não se via mais nada do brigue, nem sequer seu mastro. Depois de ser levantado pela tromba-d'água, ele deitou de lado e afundou nessa posição, provavelmente como resultado de alguma enorme fissura.

Alguns destroços flutuavam na superfície do mar, mas não havia detritos à deriva, nem tábuas do convés, nem bordagens do casco, o que tornava inexplicável o afundamento repentino do *Speedy*.

Eles não podiam deixar à maré tempo suficiente para que carregasse consigo suas riquezas, e Ayrton e Pencroff subiram na canoa com a intenção de amarrar todos os destroços, quer na costa da ilha, quer no litoral da ilhota. Mas quando estavam prestes a

embarcar, um pensamento de Gédéon Spilett os impediu.

– E os seis condenados que desembarcaram na margem direita da Misericórdia?

Com efeito, não podiam esquecer que seis homens, cuja canoa tinha se partido contra as rochas, tinham conseguido chegar à ponta dos Destroços.

– Mais tarde, cuidaremos deles – disse Cyrus Smith. – Eles ainda podem ser perigosos, porque estão armados, mas como seremos seis contra seis, as chances são iguais. Vamos depressa.

Ayrton e Pencroff embarcaram na canoa e remaram vigorosamente em direção aos destroços. Eles tiveram tempo de amarrar os mastros e os demais destroços com cordas, cujas extremidades foram presas na praia da Granite House. Depois a canoa recuperou tudo o que flutuava, gaiolas, barris e caixas, que foram imediatamente transportados para as Chaminés.

Alguns cadáveres também flutuavam, e Ayrton reconheceu Bob Harvey. Com a voz embargada, disse:

– O que eu fui um dia, Pencroff!

– Mas já não é mais, bravo Ayrton!

Durante duas horas, Cyrus Smith e seus companheiros ficaram envolvidos em rebocar as alavancas até a areia e desenvergá-las, e em colocar as velas para secar. Eles falavam pouco, mas tantos pensamentos lhes passavam pela cabeça! Um navio é, de fato, como um pequeno mundo completo, e o material da colônia ia crescer com muitos objetos úteis.

"Além disso", Pencroff pensou, "por que não salvar aquele brigue? Se ele tem apenas uma fissura, pode ser tapada, e um navio de trezentas a quatrocentas toneladas é um transatlântico perto do nosso *Bonadventure!* E podemos ir longe com ele! E aonde quisermos! Senhor Cyrus, Ayrton e eu precisamos avaliar o caso! Vale a pena!"

De fato, se o brigue ainda estivesse apto para a navegação, as chances de repatriamento dos colonos da ilha Lincoln aumentariam.

Quando os destroços foram deixados em segurança na costa, Cyrus Smith e seus companheiros tiraram alguns minutos para almoçar. Eles comeram nas Chaminés, e, como se pode imaginar, só se falou do evento inesperado que milagrosamente salvou a colônia.

– É preciso admitir que aqueles patifes explodiram no momento exato! – observou Pencroff.

– E você imagina, Pencroff – perguntou o repórter –, como aquilo aconteceu e quem pode ter provocado a explosão do brigue?

– Ah! senhor Spilett, é muito simples – respondeu Pencroff. – Os condenados não são marinheiros! É certo que o paiol do brigue estava aberto, uma vez que fomos incansavelmente alvejados, e bastava um único imprudente para fazer a máquina saltar pelos ares!

– Senhor Cyrus – disse Harbert –, o que me surpreende é que a explosão não produziu tantos efeitos.

– A mim também, Harbert, mas quando visitarmos o casco do brigue, sem dúvida encontraremos a explicação para esse fato.

– Ah! senhor Cyrus – disse Pencroff –, o senhor acredita que o *Speedy* simplesmente afundou como um navio que se choca contra um escolho?

– Por que não, se há rochas no canal? – observou Nab.

– Ora, Nab! – respondeu Pencroff. – Você não abriu os olhos no momento certo. Um instante antes de afundar, o brigue foi erguido por uma onda enorme e caiu a bombordo. Se ele só tivesse se chocado, teria descido calmamente, como um navio quando afunda.

– É que não era um navio comum! – respondeu Nab.

– Veremos, Pencroff – disse o engenheiro.

– Aposto minha vida que não há rochas no canal – disse o marujo. – Vejamos, senhor Cyrus, o senhor está querendo dizer que há algo de sobrenatural nesse acontecimento?

Cyrus Smith não respondeu.

– Em todo caso – disse Gédéon Spilett –, choque ou explosão, você deve concordar, Pencroff, que isso aconteceu na hora certa!

– Sim, sim! – respondeu o marujo. – Mas a questão não é essa. Pergunto ao senhor Smith se ele vê algo sobrenatural em tudo isso.

– Prefiro não comentar, Pencroff – disse o engenheiro. – É tudo o que posso responder.

Perto da uma e meia da tarde, os colonos embarcaram na canoa e foram até o local do acidente. O casco do *Speedy* começava a surgir sobre a água. Ele tinha sido verdadeiramente virado por uma inexplicável e assustadora ação subaquática, que se manifestou sob o deslocamento de uma enorme tromba-d'água.

– Com mil diabos! – exclamou Pencroff. – Aí está um navio difícil de ser recuperado!

– Eu diria impossível – disse Ayrton.

– De todo modo – observou Gédéon Spilett –, se houve uma explosão, ela produziu efeitos singulares, pois perfurou o casco do navio em suas partes inferiores em vez de explodir o convés! Estas aberturas largas parecem fruto mais do choque de um escolho do que da explosão de um paiol!

– Não há escolho no canal! – repetiu o marujo. – Admito tudo o que quiserem, exceto o choque com uma rocha!

– Vamos tentar entrar no brigue – sugeriu o engenheiro. – Talvez consigamos descobrir a causa dessa destruição.

Cyrus Smith e seus companheiros, com um machado na mão, avançaram pelo convés rachado. O que os colonos puderam primeiro constatar é que o brigue possuía uma carga muito variada de artigos de todos os tipos, utensílios, bens manufaturados e ferramentas, como é costume haver nos navios que fazem a grande cabotagem da Polinésia.

No entanto – e Cyrus Smith observou isso com uma silenciosa surpresa –, não só o casco do brigue sofreu enormemente com o choque que causou a catástrofe, mas a organização também estava devastada, especialmente na dianteira.

Os colonos, em seguida, foram até a traseira do brigue, na área em que outrora ficava o tombadilho. Era lá que, de acordo com a indicação de Ayrton, seria necessário procurar pelo paiol. Cyrus Smith pensava que ele não tinha explodido, que era possível que alguns barris pudessem ser salvos, e que a pólvora, geralmente armazenada em invólucros de metal, não teria sofrido com o contato da água.

Foi, de fato, o que aconteceu. Foram encontrados cerca de vinte barris cujo interior era forrado de cobre. Pencroff se convenceu com os próprios olhos de que a destruição do *Speedy* não podia ser atribuída a uma explosão.

Muitas horas se passaram nessas buscas, e o fluxo estava começando a ser sentido. O trabalho de resgate teve de ser suspenso.

Era possível esperar pela próxima vazante antes de retomar as operações. Mas o navio em si estava mesmo desenganado.

Eles comeram com um grande apetite. No entanto, não podiam esquecer que seis sobreviventes da tripulação do *Speedy* tinham pisado na ilha, e que era necessário se defender deles. Embora a ponte da Misericórdia e os pontilhões tivessem sido levantados, os condenados não se preocupariam com um rio ou córrego, e, movidos pelo

desespero, poderiam ser muito perigosos.

A noite passou sem que os condenados tentassem qualquer ataque. Mestre Jup e Top, de guarda aos pés da Granite House, os teriam denunciado rapidamente.

Os três dias seguintes, 19, 20 e 21 de outubro, foram usados para salvar tudo de valor ou útil. Na maré baixa, esvaziavam o porão. Na alta, guardavam os objetos salvos. Grande parte do revestimento de cobre poderia ser removido do casco, que afundava mais a cada dia. Mas antes que as areias engolissem os objetos pesados que tinham descido para o fundo, Ayrton e Pencroff, tendo várias vezes mergulhado até o leito do canal, encontraram as correntes e âncoras do brigue, os pedaços de ferro de seu lastro e até os quatro canhões, que, aliviados dos barris vazios, puderam ser levados para a terra firme.

Na noite de 23 para 24, o casco do brigue foi completamente desmantelado e uma parte dos destroços encalhou na costa.

Embora Cyrus Smith tenha vasculhado completamente os armários do tombadilho, não encontrou nenhum vestígio de papéis a bordo. Os piratas tinham obviamente destruído tudo o que dizia respeito ao capitão ou ao proprietário do *Speedy*, e como o nome do seu porto de origem não estava gravado no quadro da proa, não era possível saber sua nacionalidade.

Oito dias após o desastre, nada mais foi visto do navio, nem mesmo na maré baixa. No entanto, o mistério que escondia sua estranha destruição nunca teria sido esclarecido se, em 30 de novembro, Nab, andando na costa, não tivesse encontrado um pedaço de um cilindro de ferro grosso, que tinha traços de explosão.

Nab levou esse pedaço de metal a seu mestre, que estava trabalhando com seus companheiros na oficina das Chaminés. Cyrus Smith examinou cuidadosamente o cilindro.

– Meus amigos – ele disse –, vocês se lembram que, antes de afundar, o brigue subiu ao topo de uma verdadeira tromba-d’água?

– Sim, senhor Cyrus! – respondeu Harbert.

– E querem saber o que causou o turbilhão? Foi isso – disse o engenheiro, mostrando o tubo quebrado.

– Isso? – disse Pencroff.

– Sim! Este cilindro é tudo o que resta de um torpedo!

– Um torpedo! – os companheiros do engenheiro exclamaram.

– E quem pôs o torpedo lá? – perguntou Pencroff, que não queria se render.

– Só o que posso dizer é que não fui eu! – respondeu Cyrus Smith. – Mas ele estava lá, e vocês puderam testemunhar a intensidade de sua potência!

Capítulo 5

Tudo estava explicado pela explosão submarina do torpedo. Cyrus Smith, que durante a Guerra da União teve a oportunidade de experimentar esses terríveis dispositivos de destruição, não podia estar enganado.

Sim! estava tudo explicado. Tudo... exceto a presença daquele torpedo nas águas do canal!

– Meus amigos – retomou Cyrus Smith –, não podemos mais duvidar da presença de um ser misterioso, um náufrago como nós talvez, abandonado em nossa ilha e digo isso para que Ayrton possa saber o que aconteceu de estranho nesses dois anos. Ayrton deve ser tão grato como nós, pois se foi o desconhecido que me salvou das ondas depois da queda do balão, foi obviamente ele quem escreveu o documento, que colocou a garrafa no caminho para o canal e que nos fez conhecer a situação do nosso companheiro. Eu gostaria de acrescentar que aquela caixa, tão bem equipada com tudo o que nos faltava, foi ele quem a levou e encalhou na ponta dos Destroços; que a fogueira acesa nas alturas da ilha e que lhes permitiu aportar, foi ele quem acendeu; que o grão de chumbo encontrado no corpo do pecari, foi ele quem atirou; que o torpedo que destruiu o brigue, foi ele quem o imergiu no canal; enfim, temos uma dívida, e espero que possamos pagá-la um dia.

– Tem razão em dizer isso, meu caro Cyrus – respondeu Gédéon

Spilett. – Sim, há um ser, quase onipotente, escondido em alguma parte da ilha, cuja influência tem sido singularmente útil à nossa colônia.

– Sim – respondeu Cyrus Smith –, se a intervenção de um ser humano não está mais em dúvida, concordo que ele tem à disposição meios de ação diferentes daqueles de que a humanidade dispõe. Então a questão é a seguinte: temos que respeitar o incógnito desse ser generoso ou temos que fazer tudo para chegar até ele? Qual é a opinião de vocês sobre isso?

– A minha opinião – respondeu Pencroff – é que seja quem for, ele é um bom homem e tem a minha estima!

– Concordo – continuou Cyrus Smith –, mas isso não é uma resposta, Pencroff.

– Meu mestre – disse Nab –, eu penso que podemos procurar o tempo que quisermos pelo cavalheiro em questão, mas só vamos encontrá-lo quando ele quiser.

– Isso faz muito sentido, Nab – respondeu Pencroff.

– Eu concordo com Nab – respondeu Gédéon Spilett –, mas isso não é razão para não tentarmos. Quer encontremos esse ser misterioso ou não, pelo menos teremos cumprido nosso dever para com ele.

– E você, meu filho, quero que me dê sua opinião – disse o engenheiro, voltando-se para Harbert.

– Ah, eu gostaria de poder agradecer aquele que o salvou primeiro e que depois nos salvou!

– Está querendo demais, meu garoto – brincou Pencroff –, e eu também, e todos nós! Eu acho que ele deve ser bonito, alto, forte, com uma bela barba, cabelos como raios e que deve dormir sobre as nuvens, com uma grande bola na mão!

– Ei, Pencroff – respondeu Gédéon Spilett –, é o retrato de Deus que você está descrevendo!

– Possivelmente, senhor Spilett – respondeu o marujo –, mas é assim que eu o imagino!

– E você, Ayrton? – perguntou o engenheiro.

– Senhor Smith – respondeu Ayrton –, não posso opinar sobre o assunto, mas quando quiser me envolver em suas buscas, estarei pronto para segui-lo.

– Eu agradeço, Ayrton – continuou Cyrus Smith –, mas gostaria de uma resposta mais direta à pergunta que lhe fiz. Você é nosso

companheiro, já se dedicou muitas vezes a nós, e, como todos nós aqui, deve ser consultado quando se trata de tomar alguma decisão importante. Então, fale.

– Senhor Smith – respondeu Ayrton –, acho que devemos fazer tudo o que pudermos para encontrar o desconhecido benfeitor. Como o senhor disse, eu também tenho uma dívida de gratidão com ele e nunca a esquecerei!

– Então está decidido – disse Cyrus Smith. – Vamos começar a busca o mais rápido possível. Não deixaremos uma só parte da ilha inexplorada, e que esse amigo desconhecido nos perdoe pela nossa intenção!

Durante alguns dias, os colonos ficaram ativamente envolvidos no trabalho de fenação e colheita. Antes de realizar o plano de explorar as partes ainda inexploradas da ilha, eles queriam que todo o trabalho indispensável fosse concluído.

– A propósito – disse o marujo certa manhã –, e os seis patifes escondidos na ilha, o que devemos fazer com eles? São verdadeiros jaguares, e acho que não devemos hesitar em tratá-los como tal? O que você acha, Ayrton? – disse Pencroff, voltando-se para seu companheiro.

Ayrton primeiro hesitou em responder, e Cyrus Smith lamentou que Pencroff lhe tivesse feito essa pergunta levianamente. Depois ficou muito comovido quando Ayrton respondeu com voz humilde:

– Fui um desses jaguares, senhor Pencroff, e não tenho o direito de opinar...

E ele se afastou lentamente do grupo. Pencroff entendeu.

– Que maldita besta eu sou! – ele exclamou. – Pobre Ayrton! Ele tem o direito de falar tanto quanto qualquer outro! Mas voltemos ao assunto. Penso que esses bandidos não merecem misericórdia e que temos de livrar a ilha deles o mais depressa possível.

– É essa a sua opinião, Pencroff? – perguntou o engenheiro.

– Absolutamente.

– E antes de os perseguirmos impiedosamente, você não prefere esperar que eles ajam de modo hostil contra nós?

– Mas o que eles fizeram não foi suficiente?

– Eles podem voltar com outros sentimentos! – disse Cyrus Smith. – E talvez arrependidos...

– Arrependidos, eles!

Pencroff olhou seus companheiros, um a um. Nunca pensou que sua proposta daria origem a qualquer hesitação. Sua natureza dura não lhe permitia tolerar os patifes que tinham desembarcado na ilha. Ele os via como animais selvagens a serem destruídos sem hesitação e sem remorso.

– Vejam! – ele observou. – Estão todos contra mim! Querem ser generosos com aqueles patifes! Que assim seja. Que não nos arrependamos!

– Que perigo correremos se permanecermos atentos? – disse Harbert.

– Eles são seis e estão bem armados. Que cada um deles se esconda num canto e mate um de nós, em breve serão mestres da colônia! – considerou o repórter.

– Por que ainda não o fizeram? – respondeu Harbert. – Provavelmente porque não é do interesse deles fazê-lo. Além disso, também somos seis.

– Ora! Muito bem! – respondeu Pencroff, que nenhuma lógica poderia convencer. – Deixemos esses bons homens com suas ocupações e não nos preocupemos mais com eles!

– Vamos, Pencroff – disse Nab –, não seja tão intransigente. Se um desses pobres desgraçados estivesse aqui mesmo, na sua frente, ao alcance da sua arma, ainda assim você não atiraria...

– Atiraria nele como se fosse um cão raivoso, Nab – respondeu Pencroff friamente.

– Pencroff – disse o engenheiro –, você mostrou muitas vezes grande deferência à minha opinião. Nestas circunstâncias, você aceita se reportar a mim novamente?

– Farei o que quiser, senhor Smith – respondeu o marujo, que não estava nem um pouco convencido.

– Bem, vamos esperar e atacar apenas se formos atacados.

Essa foi a decisão tomada em relação aos piratas, embora Pencroff não tivesse um bom pressentimento sobre ela. A ilha era grande e fértil, e se algum senso de honestidade tivesse permanecido em suas almas, talvez esses desgraçados pudessem selar a paz.

No presente, os colonos estavam em maior número contra Pencroff. Teriam eles razão no futuro? É o que veremos.

Capítulo 6

A grande preocupação dos colonos era realizar a completa exploração da ilha, que tinha dois propósitos: descobrir o misterioso ser cuja existência não era mais discutível e saber o que tinha sido feito dos piratas.

Cyrus Smith desejava partir sem demora, mas, uma vez que a expedição duraria vários dias, parecia conveniente carregar a carroça com objetos de acampamentos e utensílios que facilitariam a organização das paradas.

Antes da partida, combinaram de finalizar os trabalhos no planalto da Grande-Vista. Também era necessário que Ayrton retornasse ao curral, onde animais domésticos reclamavam seus cuidados. Foi, portanto, decidido que ele passaria dois dias lá e não voltaria à Granite House até que tivesse abastecido os estábulos.

Quando estava prestes a sair, Cyrus Smith perguntou se ele queria que um dos colonos o acompanhasse.

Ayrton respondeu que era inútil, que ele seria suficiente para a tarefa, e que, além disso, não temia nada. Se algum incidente ocorresse no curral ou nos arredores, ele notificaria imediatamente os colonos com um telegrama.

Ayrton partiu no dia 9 de novembro de madrugada, levando a carroça consigo, e duas horas depois um telegrama anunciava que tudo estava em ordem no curral.

Durante esses dois dias, Cyrus Smith teve o cuidado de realizar um projeto que colocaria a Granite House definitivamente a salvo de qualquer surpresa: esconder completamente a abertura superior do velho escoadouro, que já estava meio escondida sob gramas e plantas, no ângulo sul do lago Grant.

A ideia era construir uma barragem nas duas aberturas feitas no lago, pelas quais o córrego Glicerina e o córrego da Cachoeira se alimentavam. Esse trabalho foi rapidamente concluído, e Pencroff, Gédéon Spilett e Harbert encontraram tempo para construir uma ponte para o porto Balão. O marujo estava ansioso para saber se a pequena enseada no fundo da qual o *Bonadventure* estava encalhado tinha sido visitada pelos condenados.

Os três colonos partiram na tarde de 10 de novembro, bem armados. Nab os acompanhou até a curva da Misericórdia e depois da passagem deles levantou a ponte. Foi acordado que um tiro de fuzil anunciaria o retorno dos colonos, e que Nab então retornaria para restabelecer a comunicação entre as duas margens do rio.

A pequena tropa seguiu pela estrada do porto em direção à costa sul da ilha. Eles levaram duas horas para percorrê-la, pois procuraram por toda a orla da estrada, tanto do lado da floresta como do lado do pântano das Tadornas, mas não encontraram nenhum vestígio dos fugitivos.

Pencroff chegou ao porto Balão e viu com extrema satisfação o *Bonadventure* calmamente ancorado na estreita âncora.

– Temos que concordar que os patifes ainda não estiveram aqui – disse Pencroff. – A grama comprida é mais adequada aos répteis, e é obviamente no Extremo Oeste selvagem que se pode encontrá-los.

– E isso é muito bom, pois se eles tivessem encontrado o *Bonadventure* – acrescentou Harbert –, eles o teriam apreendido para fugir, o que nos impediria de voltar à ilha Tabor em breve.

– E é importante levar um bilhete lá que informe a localização da ilha Lincoln e a nova residência de Ayrton, caso o iate escocês venha buscá-lo.

– Pois bem, o *Bonadventure* ainda está aqui, senhor Spilett! – disse o marujo. – Ele e sua tripulação estão prontos para partir ao primeiro sinal!

– Acho, Pencroff, que isso será feito assim que nossa expedição pela ilha estiver concluída. É possível que esse estranho, se o

encontrarmos, saiba muito sobre a ilha Lincoln e a ilha Tabor.

– Com mil diabos! Quem pode ser essa pessoa? Ele nos conhece, mas nós não o conhecemos! Se é apenas um náufrago, por que se esconde? Somos boas pessoas, acredito, e a sociedade das boas pessoas não é desagradável para ninguém!

Conversando assim, Pencroff, Harbert e Gédéon Spilett embarcaram no *Bonadventure* e caminharam por seu convés. De repente, o marujo, tendo examinado a abita na qual estava amarrado o cabo da âncora:

– Ah! vejam isso!

– O que foi, Pencroff? – perguntou o repórter.

– Não fui eu quem fez este nó!

E Pencroff mostrou uma corda que amarrava o cabo à própria abita para evitar que ela escorregasse.

– Como, não foi você? – perguntou Gédéon Spilett.

– Não! Juro por Deus. Isto é um nó plano, e estou habituado a fazer dois nós simples[9].

– Talvez você tenha se enganado, Pencroff.

– Tenho o hábito de fazer isso, e as mãos não se enganam!

– Será que os condenados subiram a bordo? – interrogou Harbert.

– Não sei de nada, mas o certo é que a âncora do *Bonadventure* foi içada e baixada novamente! Repito, alguém usou nossa embarcação!

– Mas se os condenados o tivessem usado, ou o teriam saqueado, ou teriam fugido...

– Fugido! Para onde? Para a ilha Tabor? – questionou Pencroff. – O senhor acha que eles se aventurariam neste pequeno barco?

– Seria necessário admitir que eles conhecem bem a ilhota – respondeu o repórter.

– Seja como for, por mais que eu seja o verdadeiro Bonadventure Pencroff, de Vineyard, nosso *Bonadventure* navegou sem nós!

O marujo estava tão convicto que nem Gédéon Spilett nem Harbert podiam contestar sua declaração. Para o marujo, não havia dúvida de que a âncora tinha sido levantada e depois devolvida ao fundo. Mas por que, se o barco não tinha sido empregado em nenhuma expedição?

– Pencroff – disse Harbert –, talvez seja prudente levar o *Bonadventure* de volta para a frente da Granite House!

– Sim e não, ou melhor, não. A foz da Misericórdia é um lugar ruim para um barco, e o mar lá é duro.

– Mas e se o arrastarmos até a areia, aos pés das Chaminés?

– Talvez. Em todo o caso, uma vez que deixaremos a Granite House para realizar uma expedição longa, acredito que o *Bonadventure* ficará mais seguro aqui.

– Concordo – disse o repórter. – Pelo menos, em caso de mau tempo, ele não ficará exposto como estaria na foz da Misericórdia.

Pencroff, Harbert e Gédéon Spilett voltaram para Granite House e relataram ao engenheiro o que tinha acontecido, e ele aprovou suas disposições para o presente e para o futuro. Ele inclusive prometeu ao marujo estudar a parte do canal situada entre a ilhota e a costa, para ver se seria possível construir um porto artificial por meio de barragens. Dessa forma, o *Bonadventure* estaria sempre ao alcance, sob os olhos dos colonos e, se necessário, fechado a sete chaves.

Naquela noite, um telegrama foi enviado a Ayrton para pedir-lhe para trazer do curral duas cabras que Nab queria aclimatar nos prados do planalto. Singularmente, Ayrton não confirmou o recebimento do pedido, como costumava fazer. Isso surpreendeu o engenheiro, mas poderia ser que Ayrton não estivesse no curral no momento, ou que estivesse no caminho de volta para a Granite House.

Os colonos esperaram Ayrton aparecer nas alturas da Grande-Vista. Nab e Harbert vigiaram também as proximidades da ponte, de modo a baixá-la assim que seu companheiro aparecesse. Mas, até as dez da noite, Ayrton não apareceu. Eles acharam melhor enviar um novo telegrama, solicitando uma resposta imediata. A campainha da Granite House permaneceu em silêncio.

O que teria acontecido? Ayrton não estava mais no curral ou, se ainda estava lá, tinha perdido a liberdade de movimentos por alguma razão? Deveriam ir ao curral naquela noite escura? Eles conversaram a respeito.

– Mas será que o telégrafo não está com algum problema e parou de funcionar? – perguntou Harbert.

– É possível – disse o repórter.

– Vamos esperar até amanhã – respondeu Cyrus Smith. – Talvez Ayrton não tenha recebido nossa mensagem, ou nós não tenhamos recebido a dele.

Eles decidiram esperar, e, compreensivelmente, com certa ansiedade. Assim que raiou a primeira luz do dia 11 de novembro, Cyrus Smith acionou novamente a corrente elétrica através do fio e

não recebeu resposta. Tentou uma segunda vez: nada.

– Vamos para o curral! – ele ordenou.

– E bem armados! – acrescentou Pencroff.

Decidiram também que a Granite House não ficaria sozinha e que Nab permaneceria lá. Depois de acompanhar o grupo até o córrego da Glicerina, ele ergueria a ponte, e, espreitando atrás de uma árvore, vigiaria o retorno ou do grupo ou de Ayrton.

Caso os piratas viessem e tentassem atravessar a passagem, ele tentaria pará-los com tiros de fuzil, e, depois, se refugiaria na Granite House.

Cyrus Smith, Gédéon Spilett, Harbert e Pencroff iriam diretamente para o curral, e se não encontrassem Ayrton lá, procurariam no bosque ao redor.

Depois de passar pelo planalto da Grande-Vista, os colonos seguiram imediatamente a estrada para o curral. Eles carregavam os fuzis nas mãos, prontos para disparar sob qualquer manifestação hostil.

Os colonos caminhavam rápida e silenciosamente. Top os precedia, ora correndo pela estrada, ora pegando alguma presa sob o bosque, mas sempre mudo e não parecendo perceber nada de incomum.

Ao mesmo tempo que a estrada, Cyrus Smith e seus companheiros seguiram o fio telegráfico que ligava o curral à Granite House. Depois de caminharem cerca de três quilômetros, ainda não tinham notado qualquer problema de continuidade. A partir desse ponto, no entanto, o engenheiro observou que a tensão parecia ser menos completa, e finalmente, chegando ao poste n.º 74, Harbert, que estava na frente dele, parou gritando:

– O fio está partido!

Seus companheiros apertaram o passo e chegaram ao lugar onde o rapaz havia parado. Ali, o poste caído atravessava a estrada. A descontinuidade do fio foi assim constatada, e era evidente que os despachos da Granite House não tinham sido recebidos no curral, nem os do curral na Granite House.

– Não foi o vento que derrubou esse poste – observou Pencroff.

– Não – respondeu Gédéon Spilett. – A terra foi escavada em seu pé, e ele foi arrancado por uma mão humana.

– Para o curral! Para o curral! – ordenou o marujo.

Sem dúvida, Ayrton poderia ter enviado um telegrama que não

chegou, mas esta não era a principal razão que preocupava seus companheiros, mas o fato de Ayrton ainda não ter reaparecido.

Os colonos corriam abalados pela emoção. Tinham-se afeiçoado de verdade ao novo companheiro. Será que o encontrariam atingido pelas mãos daqueles de quem foi chefe?

Logo eles moderaram os passos, de modo a não ficar sem fôlego quando a luta pudesse ser necessária. Os fuzis já estavam a postos. Cada um vigiava um lado da floresta. Top emitiu alguns pequenos ruídos que não pareciam bom agouro.

Finalmente, a muralha paliçada surgiu através das árvores. Não havia sinais de danos. A porta estava trancada, como de costume. Um profundo silêncio reinava no curral. Nem o balir habitual dos carneiros, nem a voz de Ayrton foram ouvidos.

– Vamos entrar! – disse Cyrus Smith.

E o engenheiro avançou, enquanto seus companheiros, vigiando a vinte passos dele, estavam prontos para disparar.

Cyrus Smith levantou o trinco interno da porta e estava prestes a empurrá-la quando Top ladrou violentamente. Uma detonação ressoou sobre a paliçada e um grito de dor respondeu a ela.

Harbert, atingido por uma bala, estava caído ao chão!

---

9 Tipo de nó familiar aos marinheiros e que tem a vantagem de sempre ser firme. (N.T.)

Capítulo 7

Ao grito de Harbert, Pencroff largou a arma e correu em sua direção.

– Eles o mataram! O meu filho! Eles o mataram!

Cyrus Smith e Gédéon Spilett correram para Harbert. O repórter ouviu o coração.

– Ele está vivo, mas temos que levá-lo daqui.

– Para a Granite House? É impossível! – respondeu o engenheiro.

– Para o curral, então! – exclamou Pencroff.

– Um momento – disse Cyrus Smith.

Ele correu para a esquerda para dar a volta na muralha. Lá, viu-se diante de um condenado que, apontando a arma para sua cabeça, atravessou seu chapéu com uma bala. Alguns segundos depois, mesmo antes de ter tido tempo de disparar o segundo tiro, o homem caiu, atingido no coração pelo punhal de Cyrus Smith.

Enquanto isso, Gédéon Spilett e o marujo subiram pela paliçada, atravessaram-na e penetraram no recinto. Eles arrancaram as escoras que fechavam a porta por dentro, entraram na casa vazia e logo o pobre Harbert descansava sobre o leito de Ayrton.

Eles fizeram tudo o que estava ao seu alcance para lutar contra a morte da pobre criança que agonizava. Gédéon Spilett tinha alguma prática em medicina de primeiros socorros. Ele sabia um pouco de tudo, e em muitas circunstâncias já tinha curado feridas produzidas

por facas ou armas de fogo. Com a ajuda de Cyrus Smith, ele procedeu com os cuidados que o estado do jovem demandava.

Harbert estava pálido e seu pulso tão fraco que Gédéon Spilett o sentia bater em intervalos longos, como se estivesse prestes a parar.

O peito de Harbert foi desnudado e o sangue estancado com pedaços de pano. A ferida contundida apareceu. Havia um buraco oval no peito, entre a terceira e a quarta costelas. Foi onde a bala o atingiu.

Cyrus Smith e Gédéon Spilett, em seguida, viraram a pobre criança, que deixou escapar um gemido tão fraco que era possível pensar que tinha sido seu último suspiro.

Outro ferimento sangrava nas costas de Harbert, e a bala que o atingiu escapou imediatamente.

– Deus seja louvado! – disse o repórter. – A bala não ficou no corpo e não teremos que extraí-la.

– Mas e o coração? – perguntou Cyrus Smith.

– O coração não foi atingido, senão Harbert estaria morto!

– Morto! – gritou Pencroff, soltando um grito de desespero.

O marujo ouviu apenas as últimas palavras ditas pelo repórter.

– Não, Pencroff – respondeu Cyrus Smith –, não! Ele não está morto. O pulso ainda está batendo!

Gédéon Spilett tentava consultar sua memória e proceder metodicamente. De acordo com sua observação, não havia dúvida de que a bala tinha entrado pela frente e saído por trás. Mas que estragos essa bala causou em sua trajetória? Que órgãos essenciais tinham sido afetados?

O mais importante era fazer um curativo em ambas as feridas, sem demora. A hemorragia tinha sido abundante, e Harbert já estava enfraquecido pela perda de sangue. Harbert foi virado sobre o lado esquerdo e mantido nessa posição.

– Ele não deve se mexer – orientou Gédéon Spilett. – Está na posição mais favorável para que as feridas das costas e peito possam purgar confortavelmente, e o descanso absoluto é necessário.

Gédéon Spilett tinha examinado novamente a criança ferida com extremo cuidado. Harbert continuava tão assustadoramente pálido que o repórter se sentiu perturbado.

O repórter explicou a Cyrus Smith que ele achava necessário, em primeiro lugar, estancar a hemorragia, mas não fechar as duas feridas, nem provocar sua cicatrização imediata, porque havia uma perfuração

interna e não podiam deixar a supuração se acumular no peito.

Cyrus Smith aprovou completamente essa indicação, e decidiram que as duas feridas seriam curadas sem tentar fechá-las.

O marujo havia acendido uma fogueira na Chaminé da habitação, que dispunha de todo o necessário para viver. Açúcar de bordo e plantas medicinais – que o menino tinha colhido nas margens do lago Grant – permitiram a preparação de alguns chás refrescantes de ervas, e eles o fizeram tomar sem que percebesse. Sua febre estava extremamente alta, e o dia e a noite passaram assim, sem que ele recuperasse a consciência. A vida de Harbert estava por um fio, e esse fio podia se romper a qualquer momento.

No dia seguinte, 12 de novembro, Cyrus Smith e seus companheiros recuperaram alguma esperança. Harbert tinha regressado do seu longo estupor. Pencroff sentia o coração esvaziar lentamente. Era como uma mãe na cabeceira da cama do filho.

– Diga-me outra vez o que o senhor tem esperança, senhor Spilett! – disse Pencroff. – Diga-me outra vez que vai salvar Harbert!

– Sim, vamos salvá-lo! – respondeu o repórter. – A ferida é grave, e talvez a bala tenha perfurado o pulmão, mas essa perfuração não é fatal.

– Que Deus lhe ouça! – rogou Pencroff.

Como se pode imaginar, os colonos estavam há vinte e quatro horas no curral e não tinham outro pensamento a não ser curar Harbert. Mas, naquele dia, enquanto Pencroff velava a cama do doente, Cyrus Smith e o repórter discutiram sobre o que devia ser feito.

Não havia nenhum sinal de Ayrton. Será que o infeliz tinha sido levado por seus ex-cúmplices? Teria ele sido surpreendido por eles no curral? Ou teria lutado e sucumbido? Gédéon Spilett, enquanto escalava a muralha paliçada, tinha visto perfeitamente um dos condenados fugir através do sopé sul do monte Franklin, para onde Top tinha corrido.

– Será necessário explorar toda a floresta e livrar a ilha desses desgraçados. Os pressentimentos de Pencroff não estavam enganados quando ele quis caçá-los como animais selvagens. Isso nos teria poupado muitos infortúnios! Mas agora somos forçados a esperar algum tempo e permanecer no curral até que seja seguro transportar Harbert para a Granite House.

– Mas e Nab? – perguntou o repórter.

– Nab está em segurança.

– E se, preocupado com a nossa ausência, ele se aventurar até aqui?

– Ele não pode vir! Ele seria assassinado no caminho!

– É muito provável que ele tente se juntar a nós!

– Ah! se o telégrafo ainda funcionasse, poderíamos avisá-lo! Mas agora é impossível! E não podemos deixar Pencroff e Harbert sozinhos aqui! Vou sozinho à Granite House.

– Não, Cyrus, você não deve se expor! Aqueles miseráveis estão obviamente vigiando o curral, e se você partir, em breve teremos de nos arrepender de duas desgraças em vez de uma!

– Mas e Nab? Ele não tem notícias nossas há vinte e quatro horas! Ele vai querer vir!

Enquanto o engenheiro refletia sobre o que fazer, seus olhos se voltaram para Top, que, indo e vindo, parecia dizer: "Eu não estou aqui, por acaso?".

– Top!

O animal saltou ao chamamento do seu mestre.

– Sim, Top conseguirá passar por onde não conseguiríamos! Ele vai levar notícias para a Granite House, e nos trazer notícias de lá!

Gédéon Spilett rasgou rapidamente uma página do seu caderno e escreveu estas linhas:

"Harbert ferido. Estamos no curral. Fique de guarda. Não saia da *Granite House.* Os condenados por acaso apareceram nas redondezas? Mande resposta por Top."

O bilhete continha tudo o que Nab precisava saber e, ao mesmo tempo, perguntava tudo o que os colonos queriam descobrir. Ele foi dobrado e preso à coleira de Top de forma aparente.

– Top, meu garoto! – disse o engenheiro. – Nab, Top! Nab! Vai!

Top pulou ao ouvir essas palavras. Ele compreendia, adivinhava o que queriam dele. A rota do curral lhe era familiar. Ele poderia cruzá-la em menos de meia hora, correndo pela grama ou sob os bosques.

O engenheiro foi até a porta do curral e empurrou um dos batentes. Top correu para fora e desapareceu quase imediatamente.

– Que horas são? – perguntou Gédéon Spilett.

– Dez horas.

– Ele pode estar de volta daqui a uma hora. Vamos ficar de olho.

Os colonos esperaram ansiosos pelo regresso de Top. Pouco antes das onze horas, Cyrus Smith e o repórter, com a espingarda na mão,

estavam atrás da porta, prontos para abri-la ao primeiro latido de seu cão. Ambos estavam lá, há cerca de dez minutos, quando um estrondo soou e foi imediatamente seguido por latidos.

– Top, Top! – gritou o engenheiro, segurando a cabeça do cão.

Um bilhete estava preso ao seu pescoço, e Cyrus Smith leu estas palavras, escritas com a letra grande de Nab:

"Não há piratas nas proximidades da Granite House. Não sairei daqui. Pobre Harbert!"

Capítulo 8

Então os condenados ainda estavam lá, observando o curral, e determinados a matar os colonos um após o outro! Tudo o que lhes restava fazer era tratá-los como animais selvagens.

Cyrus Smith se organizou de modo a viver no curral, cujos suprimentos poderiam durar muito tempo. A casa de Ayrton tinha sido provida de tudo o que era necessário para viver, e os condenados, assustados com a chegada dos colonos, não tiveram tempo de pilhá-la.

Agora, os condenados – reduzidos a cinco, é verdade, mas bem armados –, circulavam pela floresta, e aventurar-se lá era se expor aos seus ataques, sem haver qualquer possibilidade de impedi-los ou revidar.

– Esperar! – repetia Cyrus Smith. – Quando Harbert estiver curado, poderemos organizar uma revista geral na ilha e nos livrar daqueles condenados. Essa será, ao mesmo tempo, nossa grande expedição...

– Que será também a busca pelo nosso misterioso protetor – adicionou Gédéon Spilett. – É preciso admitir, meu caro Cyrus, que desta vez a proteção dele falhou, e no exato momento em que ela era mais necessária para nós!

– Quem sabe?

– O que você quer dizer?

– Que não estamos no fim dos nossos problemas, meu caro Spilett e que a poderosa intervenção talvez ainda tenha a oportunidade de se

exercitar. Mas a vida de Harbert está acima de tudo.

Esta era a preocupação mais dolorosa dos colonos. Alguns dias se passaram, e a saúde do pobre rapaz felizmente não piorou. Graças aos cuidados incessantes de que estava cercado, Harbert voltou à vida e sua febre diminuiu. Ele foi, além disso, submetido a uma dieta severa, e, portanto, sua fraqueza era extrema; mas não lhe faltaram chás de ervas, e o repouso absoluto lhe fez muito bem.

O repórter tomava extremo cuidado com os curativos, sabendo o quão importante era essa etapa, e repetiu para seus companheiros o que a maioria dos médicos prontamente admite: talvez seja mais raro ver um curativo bem feito do que uma cirurgia bem feita.

Dez dias depois, em 22 de novembro, Harbert estava visivelmente melhor. Ele conversava um pouco, e perguntou sobre Ayrton, mas o marujo, não querendo afligi-lo, contentou-se em responder que Ayrton havia se juntado a Nab para defender a Granite House.

Finalmente, as coisas pareciam ter melhorado, e, enquanto não surgissem complicações, a cura de Harbert poderia ser considerada como assegurada.

Como em tantas outras situações, os colonos tinham apelado à lógica do senso comum que os tinha servido tantas vezes, e novamente, graças a seus conhecimentos gerais, eles tinham conseguido! Mas não chegaria o momento em que toda a ciência deles seria posta à prova? Eles estavam sozinhos na ilha. Ora, os homens se complementam pelo convívio em sociedade e são necessários uns aos outros. Cyrus Smith sabia bem disso, e às vezes se perguntava se não surgiria alguma circunstância que eles seriam incapazes de superar!

Há mais de dois anos e meio eles tinham fugido de Richmond, e pode-se dizer que tudo estava indo bem. Além disso, em certas circunstâncias, uma influência inexplicável tinha vindo em seu auxílio! Mas tudo não duraria para sempre, e Cyrus Smith pensava ter compreendido que a sorte estava se virando contra eles.

Será que os últimos acontecimentos eram os primeiros golpes que o infortúnio endereçava aos colonos? Era isso que Cyrus Smith se perguntava e repetia constantemente ao repórter!

Mas que não imaginemos que Cyrus Smith e seu companheiro, por falarem dessas coisas, fossem pessoas de se desesperar! Longe disso. Eles enfrentavam a situação cara a cara, analisavam as chances, preparavam-se para qualquer acontecimento, permaneciam firmes

diante do futuro, e se a adversidade acaso os atingisse, encontraria neles homens prontos para combatê-la.

Capítulo 9

A convalescença do jovem paciente evoluía e a única coisa desejável agora era que sua condição lhe permitisse ser levado de volta à Granite House. Lá, no meio da massa inexpugnável e inacessível, eles não teriam nada a temer, e qualquer tentativa contra eles certamente fracassaria.

Apesar de não terem notícias de Nab, não se inquietavam por ele. Como estava bem entrincheirado nas profundezas da Granite House, ele não se deixaria atacar.

A questão de saber como, nas condições atuais, iriam agir contra condenados, foi tratada exaustivamente no dia 29 de novembro entre Cyrus Smith, Gédéon Spilett e Pencroff, num momento em que Harbert, adormecido, não podia ouvi-los.

– Meus amigos – disse o repórter –, acredito, como vocês, que se aventurar pela estrada do curral seria enfrentar o risco de receber um tiro de fuzil sem consegui revidar. Mas não acham que deveríamos caçar aqueles miseráveis?

– É só nisso que eu penso – respondeu Pencroff. – Suponho que não temos medo de uma bala e, de minha parte, se o senhor Cyrus autorizar, estou pronto para me embrenhar na floresta! Um homem vale outro!

– Mas acaso vale cinco? – perguntou o engenheiro.

– Posso me juntar a Pencroff – respondeu o repórter –, e ambos,

bem armados, acompanhados por Top...

– Meus caros, vamos raciocinar friamente. Se os condenados estivessem em um lugar da ilha conhecido por nós, e se fosse apenas questão de encontrá-los, eu entenderia um ataque direto. Mas não há razão para recear que eles tenham certeza de disparar o primeiro tiro?

– Ora, senhor Cyrus – discordou Pencroff –, uma bala nem sempre atinge seu destinatário!

– A que acertou Harbert não se desviou, Pencroff. Além disso, se vocês dois deixarem o curral, terei que defendê-lo sozinho.

– Tem razão, senhor Cyrus – respondeu Pencroff, cujo peito estava estufado de raiva –, e eles farão qualquer coisa para recuperar o curral, que sabem que é bem abastecido! Ah, se estivéssemos na Granite House!

– Se ao menos Ayrton ainda estivesse conosco! – considerou Gédéon Spilett. – Pobre homem! Seu retorno à vida social foi de curta duração!

– Em quanto tempo, meu caro Spilett, você acha que Harbert pode ser transportado para a Granite House? – perguntou o engenheiro.

– É difícil dizer, Cyrus, porque a imprudência pode ter consequências desastrosas. Mas sua convalescença está progredindo, e se dentro de oito dias as forças dele tiverem normalizado, veremos!

Isso adiava o retorno à Granite House para o início de dezembro. Uma ou duas vezes, o repórter se aventurou na estrada e contornou a muralha paliçada. Top o acompanhou, e Gédéon Spilett, com a espingarda armada, estava pronto para qualquer eventualidade.

O cão o advertiria de qualquer perigo, e como Top não ladrou, era possível concluir que não havia nada a temer no momento, e que os condenados estavam ocupados em outra parte da ilha.

No entanto, em sua segunda saída, no dia 27 de novembro, Gédéon Spilett notou que Top cheirava algo que parecia suspeito.

O repórter seguiu Top, excitou-o com a voz, mantendo-se à espreita com a espingarda a postos. Não era provável que Top sentisse a presença de um homem, pois, nesse caso, ele o teria anunciado por um latido fraco e uma espécie de raiva silenciosa. De repente o cão correu em direção a um mato espesso e puxou uma peça de roupa lacerada, que Gédéon Spilett levou imediatamente ao curral.

Lá, os colonos a examinaram e reconheceram que era um pedaço do casaco de Ayrton, feito na oficina da Granite House.

– Há, parece-me, uma conclusão a tirar desse fato – disse Pencroff.

– Qual? – perguntou o repórter.

– Ayrton não foi morto no curral! Ele foi arrastado vivo porque resistiu! Ou talvez ele ainda esteja vivo!

– Talvez – respondeu o engenheiro, que ficou pensativo.

Havia uma esperança em que os companheiros de Ayrton poderiam se apegar. Mas se os condenados não o tivessem matado, se o tivessem levado vivo para outra parte da ilha, não seria possível acreditar que ele ainda era prisioneiro deles?

Este incidente foi, portanto, interpretado favoravelmente e não parecia mais impossível encontrar Ayrton. Ao mesmo tempo, se fosse apenas prisioneiro, Ayrton certamente faria qualquer coisa para escapar das mãos daqueles bandidos e seria um poderoso auxiliar para os colonos!

– Em todo caso – observou Gédéon Spilett –, se Ayrton conseguir escapar, ele vai direto para Granite House, pois não sabe da tentativa de assassinato de Harbert e não pode imaginar que estamos presos no curral.

– Ah! Quem dera ele estivesse na Granite House! – disse Pencroff. – E que nós pudéssemos ir também! Porque, se os patifes não podem fazer nada contra nossa casa, eles podem destruir o planalto, nossas plantações, o galinheiro!

É importante dizer que Harbert estava mais ansioso do que todos para retornar à Granite House, pois sabia como a presença dos colonos era necessária lá. Várias vezes ele pressionou Gédéon Spilett, mas este, com razão, temendo que as feridas de Harbert, mal curadas, reabrissem no caminho, não autorizou sua partida.

No entanto, ocorreu um incidente que fez que Cyrus Smith e seus dois amigos cedessem aos desejos do rapaz, e Deus sabe a dor e o remorso que essa determinação lhes causaria!

Era 29 de novembro, sete da manhã. Os três colonos conversavam no quarto de Harbert quando ouviram o latido de Top. Cyrus Smith, Pencroff e Gédéon Spilett empunharam suas armas e saíram de casa.

Top, tendo corrido ao pé da muralha paliçada, saltitava e ladrava, mas era de alegria, não de raiva.

– Está chegando alguém!

– Sim!

– E não é um inimigo!

Assim que estas palavras foram trocadas entre o engenheiro e seus dois companheiros, um corpo saltou sobre a paliçada e caiu no chão do curral.

Era Jup, que Top recebeu como um verdadeiro amigo!

– Jup! – exclamou Pencroff.

– Foi Nab quem o enviou! – observou o repórter.

– Então – respondeu o engenheiro –, ele deve ter trazido algum bilhete.

Pencroff se aproximou do orangotango. Se Nab tivesse algum fato importante para reportar a seu mestre, não poderia empregar um mensageiro mais seguro e mais rápido, que passaria por onde nem os colonos nem Top seriam capazes de passar.

Cyrus Smith não estava enganado. No pescoço de Jup estava amarrado um pequeno saco, e dentro havia um bilhete com a caligrafia de Nab. Que se julgue o desespero de Cyrus Smith e seus companheiros, quando lerem estas palavras:

“Sexta-feira, seis da manhã.
Planalto invadido por condenados!
Nab.”

Eles se olharam sem dizer uma palavra e entraram em casa. O que deviam fazer?

Harbert, vendo o engenheiro, o repórter e Pencroff entrarem, entendeu que a situação tinha piorado, e quando viu Jup, não mais duvidou de que um infortúnio ameaçava a Granite House.

– Senhor Cyrus – disse ele –, eu quero partir. Eu aguento a estrada!

Gédéon Spilett se aproximou de Harbert. Então, depois de avaliá-lo:

– Vamos partir!

Logo decidiram se Harbert seria transportado em uma maca ou na carroça que Ayrton tinha levado para o curral. A maca teria movimentos mais suaves para o ferido, mas precisaria de dois carregadores, ou seja, duas armas a menos para a defesa, se um ataque ocorresse no caminho.

A carroça foi trazida. Pencroff atrelou o onagro.

– As armas estão prontas? – perguntou Cyrus Smith.

Estavam. O engenheiro e Pencroff, cada um armado com um fuzil, e Gédéon Spilett, segurando sua espingarda, estavam prontos para

partir.

– Você está bem, Harbert? – perguntou o engenheiro.

– Ah! senhor Cyrus, fique tranquilo, eu não vou morrer no caminho!

O engenheiro sentiu o coração apertar dolorosamente. Ele hesitou, mas não partir desesperaria Harbert, talvez até o matasse.

– Vamos! – ele ordenou.

A porta do curral foi aberta. Jup e Top foram na frente. A carroça partiu.

Claro que teria sido melhor tomar uma estrada diferente daquela que ia diretamente do curral para a Granite House, mas a carroça teria dificuldade para seguir sob o bosque. Era, portanto, necessário seguir pelo caminho que devia ser conhecido pelos condenados.

O bilhete de Nab tinha sido escrito e enviado assim que os condenados apareceram. O ágil orangotango tinha levado apenas quarenta e cinco minutos para atravessar os oito quilômetros que o separavam da Granite House. Então, se um tiro fosse disparado, isso aconteceria nas proximidades da Granite House.

Mas os colonos estavam alertas. Top e Jup, este armado com seu bastão, ora caminhando na frente, ora verificando os bosques em torno da estrada, não sinalizavam nenhum perigo.

A estrada estava deserta, assim como toda a parte do bosque do Jacamar que se estendia entre a Misericórdia e o lago.

Eles se aproximaram do planalto. Mais dois quilômetros e poderiam ver o pontilhão do córrego da Glicerina. Cyrus Smith não tinha dúvidas de que o pontilhão estaria em seu lugar, ou porque os condenados tinham entrado por ele, ou porque, tendo passado por um dos rios que fechavam a muralha, eles tinham tomado a precaução de abaixá-lo, a fim de garantir um retiro. Nesse momento, Pencroff parou o onagro e com uma voz terrível:

– Ah, miseráveis! – exclamou.

E apontou com a mão uma fumaça espessa rodopiando sobre o moinho, os estábulos e os depósitos do curral.

Um homem se debatia no meio da fumaça. Era Nab. Seus companheiros gritaram. Ele os ouviu e correu em direção a eles...

Os condenados tinham deixado o planalto há cerca de meia hora, depois de tê-lo devastado!

– E o senhor Harbert? – interrogou Nab.

Gédéon Spilett voltou para a carroça.
Harbert estava desacordado!

Capítulo 10

Os condenados, os perigos que ameaçavam a Granite House, as ruínas em que o planalto tinha se transformado, nada mais importava. O estado de Harbert era a única preocupação.

Dez minutos depois, Cyrus Smith, Gédéon Spilett e Pencroff estavam no sopé da muralha, deixando para Nab a função de levar a carroça de volta ao planalto da Grande-Vista.

O elevador foi acionado, e logo Harbert estava deitado em seu leito na Granite House. Os cuidados que recebeu trouxeram-no de volta à vida. Gédéon Spilett examinou suas feridas. Ele temia que elas tivessem reaberto, estando imperfeitamente curadas, mas não era o caso. Por que o estado de Harbert havia piorado?

O rapaz foi tomado por uma espécie de sono febril, e o repórter e Pencroff permaneceram junto à sua cama.

Enquanto isso, Cyrus Smith informou Nab sobre o que tinha acontecido no curral, e Nab contou a seu mestre sobre os eventos do planalto.

Na noite anterior, os condenados apareceram na borda da floresta, próximos ao córrego da Glicerina. Nab vigiava perto do galinheiro e não hesitou em disparar sobre um dos piratas, que ia atravessar o riacho; mas, na noite obscura, não pôde saber se o miserável havia sido atingido. Isso também não foi suficiente para expulsar o bando, e Nab voltou para a Granite House, onde ao menos estaria seguro.

Cyrus Smith e seus companheiros tinham partido em 11 de novembro, e já era dia 29: Ayrton desaparecido, Harbert gravemente ferido, o engenheiro, o repórter e o marujo presos no curral!

O que fazer? O pobre Nab se perguntava. As construções, as plantações, tudo estava à mercê dos piratas! Não era apropriado deixar Cyrus Smith julgar o que fazer e avisá-lo do perigo que o ameaçava?

Nab teve a ideia de confiar um bilhete a Jup. Ele conhecia a extrema inteligência do orangotango, tantas vezes posta à prova.

– Você fez bem, Nab – respondeu Cyrus Smith –, mas talvez tivesse feito melhor ainda não nos avisando!

Ao dizer isso, Cyrus Smith pensava em Harbert, cujo transporte parecia ter comprometido seriamente a convalescença.

Nab concluiu sua história. Os condenados não tinham mais aparecido. Sem saber quantas pessoas viviam na ilha, eles poderiam presumir que a Granite House era defendida por uma grande tropa. Eles se entregaram ao instinto de depredação, saqueando, queimando e se retiraram apenas meia hora antes da chegada dos colonos.

Nab saiu de seu esconderijo e foi até o planalto, correndo o risco de ser baleado e tentou inutilmente apagar o fogo que queimava o armazém do galinheiro quando viu a carroça surgir no bosque.

Esses tinham sido os graves acontecimentos. Gédéon Spilett permaneceu na Granite House perto de Harbert e de Pencroff, enquanto Cyrus Smith, acompanhado por Nab, foi avaliar a dimensão do desastre! Eles foram até a Misericórdia e subiram pela margem esquerda, sem encontrar qualquer vestígio da passagem dos condenados.

Eis o que se poderia admitir: ou os condenados sabiam do retorno dos colonos para a Granite House, pois os haviam visto passar pela estrada do curral; ou, após a devastação do planalto, eles tinham se embrenhado no bosque do Jacamar e ignoravam esse retorno.

Portanto, seria possível pegá-los; mas qualquer tentativa de livrar a ilha deles estava subordinada à situação de Harbert.

A figura de Cyrus Smith, mais pálida do que o habitual, indicava uma raiva interior que ele não conseguia conter, mas não falava uma palavra.

Os dias que se seguiram foram os mais tristes dos colonos até então na ilha! A fraqueza de Harbert se intensificava e alguns sintomas de

delírio se manifestavam. Parecia que uma doença mais grave, consequência da profunda desordem fisiológica que ele sofreu, o ameaçava, e Gédéon Spilett pressentia que seria impotente para combater tamanho agravamento dessa condição!

A febre ainda não era muito alta, mas parecia querer se estabelecer por acessos regulares.

Era 6 de dezembro. Gédéon Spilett não deixava Harbert, que agora sofria de uma febre intermitente e a única certeza era que essa febre tinha que ser cortada a todo custo antes que se agravasse.

– Para parar essa febre – disse Gédéon Spilett a Cyrus Smith –, precisamos de um febrífugo.

– Um febrífugo! Não temos nem quinina nem sulfato de quinina!

Naquela noite, Harbert teve alguns delírios, mas a febre não voltou. Nem no dia seguinte.

Pencroff retomou alguma esperança. Gédéon Spilett nada dizia. Poderia ser que as intermitências não fossem diárias, mas que a febre voltasse no dia seguinte. Outro sintoma assustou o repórter: o fígado de Harbert estava começando a congestionar e logo um delírio mais intenso mostrou que seu cérebro também estava sendo afetado.

Gédéon Spilett ficou chocado com a nova complicação. Ele chamou o engenheiro num canto.

– É uma febre perniciosa!

– Uma febre perniciosa! Está enganado, Spilett. A febre perniciosa não ocorre espontaneamente. Deve-se ter tido o germe!

– Não estou enganado. Harbert deve ter contraído esse germe nos pântanos da ilha, e isso é suficiente. Ele já teve um primeiro acesso. Se ocorrer um segundo e não conseguirmos impedir o terceiro... ele está perdido! Um terceiro acesso de febre perniciosa, quando não é cortado com quinina, é sempre fatal!

Na metade do dia, ocorreu o segundo acesso. A crise foi terrível. Harbert se sentia perdido! Ele estendia os braços para os colonos! Ele não queria morrer! A cena era devastadora. Foi preciso afastar Pencroff.

O acesso durou cinco horas. Foi uma noite terrível. Harbert delirava, depois caía de novo em uma profunda prostração que o aniquilava completamente. Várias vezes Gédéon Spilett pensou que o pobre rapaz estava morto!

No dia 8 de dezembro, aconteceu uma sucessão de fraquezas. As

mãos de Harbert se agarravam aos lençóis.

– Se até amanhã de manhã não lhe dermos um febrífugo energético, Harbert estará morto!

A noite chegou – a última noite, sem dúvida, daquela criança corajosa que todos amavam como a um filho! O único remédio que existia contra a terrível febre perniciosa não existia na ilha Lincoln!

Durante a noite do dia 8 ao dia 9, Harbert foi tomado por um intenso delírio. Viveria até o dia seguinte, até o terceiro acesso que estava destinado a levá-lo para sempre? Já não era provável. Suas forças estavam esgotadas.

Por volta das três da manhã, Harbert deu um grito assustador e parecia se contorcer numa convulsão intensa. Nab, que estava perto dele, assustado, correu para o quarto ao lado, onde seus companheiros estavam descansando!

Nesse momento, Top começou a ladrar de forma estranha...

Todos correram imediatamente até o quarto e conseguiram segurar a criança moribunda, que queria se jogar para fora da cama, enquanto Gédéon Spilett, tomando seu braço, sentiu sua pulsação aumentar pouco a pouco.

Um raio atingiu a mesa que ficava ao lado da cama. De repente, Pencroff deu um grito, apontando para um objeto colocado sobre a mesa...

Era uma caixinha oblonga, em cuja tampa estavam escritas estas palavras: *Sulfato de quinina*.

Capítulo 11

Gédéon Spilett abriu a caixa. Ela continha cerca de duzentos grãos de um pó branco. Ele levou as partículas até os lábios. Sim, era o precioso alcaloide da quinquina, o antiperiódico por excelência. Era preciso administrar esse pó a Harbert sem hesitação. Como ele havia chegado ali, discutiriam mais tarde.

– Café – pediu Gédéon Spilett.

Momentos depois, Nab trouxe uma chávena de infusão morna. Gédéon Spilett colocou cerca de dez grãos do pó na chávena e Harbert bebeu a mistura.

Ainda estava em tempo, pois o terceiro surto de febre perniciosa não tinha ocorrido! E, acrescente-se, ele não aconteceria!

Após algumas horas, Harbert descansou mais pacificamente. Os colonos puderam então conversar sobre o incidente. Como o desconhecido tinha conseguido entrar na Granite House durante a noite? Era absolutamente inexplicável. E a maneira como o "gênio da ilha" procedeu não foi menos estranha do que o gênio em si.

Durante esse dia, e de três em três horas, o sulfato de quinina foi administrado em Harbert.

Já no dia seguinte, ele sentiu uma ligeira melhora. Enfim, uma imensa esperança voltou ao coração de todos.

Essa esperança não foi em vão. Em 20 de dezembro, Harbert começou a se recuperar. Ele ainda estava debilitado, mas nenhum

acesso havia retornado.

Pencroff era como um homem que puxaram do fundo de um abismo. Ele tinha acessos de alegria que beiravam o delírio. Após o tempo do terceiro ataque ter passado, ele abraçou o repórter até quase sufocá-lo. Desde então, ele só o chamava de doutor Spilett. Restava encontrar o verdadeiro médico.

– Vamos encontrá-lo! – repetia o marujo.

O mês de dezembro chegou ao fim, e com ele o ano 1867, quando os colonos da ilha Lincoln foram tão severamente testados. Eles entraram no ano de 1868 com um tempo magnífico, uma temperatura tropical que a brisa do mar vinha alegremente refrescar. Harbert renascia, e de sua cama, colocada perto de uma das janelas da Granite House, respirava o ar salubre, carregado de emanações salinas que lhe restauravam a saúde.

Ao longo desse período, os condenados não tinham aparecido uma única vez nas proximidades da Granite House, nem os colonos tiveram qualquer notícia de Ayrton.

Harbert estava cada vez melhor. A congestão do fígado tinha desaparecido e as feridas podiam ser consideradas curadas. As forças lhe retornavam a olhos vistos, tão vigorosa era sua constituição. Ele tinha então 18 anos. No fim do mês, já caminhava pelo planalto da Grande-Vista e pela praia.

Cyrus Smith pensou que poderia fixar o dia da partida para caçar os condenados para 15 de fevereiro. As noites, muito claras nessa época do ano, seriam propícias à busca que fariam em toda a ilha.

Da ilha Lincoln, os colonos conheciam toda a costa leste, desde o cabo da Garra até os cabos das Mandíbulas, os vastos pântanos das Tadornas, os arredores do lago Grant, o bosque do Jacamar, os cursos da Misericórdia e do córrego Vermelho, e os sopés do monte Franklin, entre os quais estava o curral.

Mas eles ainda não tinham visitado nenhuma parte das grandes porções arborizadas que cobriam a península Serpentina, toda a porção direita da Misericórdia, a margem esquerda do rio da Cachoeira e o emaranhado de contrafortes e contravales que sustentam três quartos da base do monte Franklin.

Decidiu-se, portanto, que a expedição atravessaria o Extremo Oeste, de modo a abranger toda a parte à direita da Misericórdia.

A carroça estava em perfeitas condições. Os onagros, bem

descansados, poderiam arrastar a carroça por uma boa extensão. Não se deve esquecer que os condenados estavam talvez na floresta, e que no meio delas, um tiro seria rapidamente disparado e recebido. Daí a necessidade de a pequena tropa permanecer compacta e não se dividir sob nenhuma circunstância.

Também foi decidido que ninguém ficaria na Granite House. Inclusive Top e Jup fariam parte da expedição. A casa, inacessível, podia se manter sozinha.

O domingo 14 de fevereiro, véspera da partida, foi consagrado em sua totalidade para descansar e santificado pela ação de graças que os colonos dirigiram ao Criador.

No dia da partida, o tempo estava magnífico.

A carroça estava à espera na costa, em frente às Chaminés. O repórter exigiu que Harbert tomasse seu lugar nela, pelo menos nas primeiras horas da viagem, e o menino teve que se submeter às prescrições do médico.

A carroça primeiro contornou o ângulo da foz; em seguida, atravessou a ponte que dava na estrada para o porto Balão, e os exploradores começaram a penetrar sob a cobertura dos bosques que formam a região do Extremo Oeste.

O mundo das aves habituais na ilha estava lá e isso lembrou os colonos das primeiras excursões que tinham feito após sua chegada.

– No entanto – observou Cyrus Smith –, percebi que esses animais estão mais temerosos do que antes. Estes bosques foram recentemente percorridos pelos condenados, cujos vestígios certamente nós encontraremos.

Na noite desse primeiro dia, os colonos acamparam a cerca de quinze quilômetros da Granite House, na beira de um pequeno afluente da Misericórdia, cuja existência eles ignoravam e que devia se conectar ao sistema hidrográfico a que esse solo devia sua fertilidade.

A vigilância foi severamente organizada. Dois dos colonos vigiariam juntos, e de duas em duas horas revezariam com seus companheiros. Como, apesar de suas queixas, Harbert foi dispensado do dever, Pencroff e Gédéon Spilett, de um lado, e o engenheiro e Nab, do outro, ficaram em guarda ao redor do acampamento.

No dia seguinte, 16 de fevereiro, a caminhada, mais lenta do que árdua, foi retomada através da floresta. Harbert descobriu novas essências cuja presença ainda não havia sido identificada na ilha,

como samambaias arborescentes com palmas caídas, alfarrobeiras que os onagros avidamente devoraram. Os colonos também encontraram magníficos kauris, árvores-rainhas da Nova Zelândia, tão famosas como os cedros do Líbano.

Quanto aos vestígios deixados pelos condenados na floresta, encontraram mais alguns. Perto de um fogo que parecia ter sido recentemente extinto, os colonos notaram pegadas que foram observadas com extremo cuidado. Medindo-as uma após a outra, de acordo com o seu comprimento e largura, foi possível identificar marcas de pés de cinco homens. Os cinco condenados acamparam ali, obviamente; mas não conseguiram identificar uma sexta pegada, que neste caso teria sido a dos pés de Ayrton.

– Ayrton não estava com eles! – observou Harbert.

– Não – respondeu Pencroff –, e se ele não estava com eles, é porque esses desgraçados já o mataram! Mas esses patifes não têm um covil onde possamos caçá-los como tigres! Sabe, senhor Cyrus, que bala que coloquei no meu fuzil?

– Não, Pencroff!

– A bala que atravessou o peito de Harbert e prometo que ela atingirá seu alvo!

Mas essas represálias legítimas não podiam trazer Ayrton de volta à vida, e o exame das pegadas deixadas no chão, concluiu, infelizmente, que não havia esperança de voltar a vê-lo!

No dia seguinte, chegaram à extremidade da península, e a floresta foi atravessava em toda a sua extensão; mas não havia nenhuma evidência sobre o retiro onde os condenados tinham se refugiado, nem do, não menos secreto, que dava refúgio ao misterioso desconhecido.

Capítulo 12

O dia 18 de fevereiro foi dedicado à exploração de toda a parte arborizada que formava a costa do promontório do Réptil até o rio da Cachoeira. Os colonos puderam procurar pela floresta que se situava entre as duas margens da península Serpentina.

Na costa ocidental, não encontraram mais nenhum vestígio, por mais cuidadosa que tivesse sido a busca.

– Isso não me surpreende – disse Cyrus Smith aos seus companheiros. – Os condenados entraram na ilha pelo entorno da ponta dos Destroços, imediatamente seguiram para as florestas do Extremo Oeste e depois de atravessar o pântano das Tadornas. Seguiram mais ou menos o caminho que fizemos ao sair da Granite House, que explica os vestígios que encontramos no bosque. Mas quando chegaram à costa, eles entenderam que não encontrariam nenhum retiro adequado ali, e foi então que, subindo para o norte, descobriram o curral.

– Para onde eles podem ter voltado – disse Pencroff.

– Eu acho que não – respondeu o engenheiro. – O curral é para eles apenas um lugar de abastecimento, não um acampamento permanente.

– Então, senhor Cyrus, vamos ao curral! – exclamou Pencroff. – Temos de acabar com isso e até agora só perdemos tempo!

– Não, meu amigo. Você esquece que era do nosso interesse saber

se as florestas do Extremo Oeste continham moradias. Nossa exploração tem um duplo objetivo, Pencroff. Se, por um lado, temos de punir o crime, por outro, temos um ato de reconhecimento a cumprir!

– Isso é bem verdade, senhor Cyrus. Creio, no entanto, que só encontraremos esse cavalheiro se ele o quiser!

E, de fato, Pencroff apenas expressou a opinião de todos. Era provável que o retiro do desconhecido não fosse menos misterioso do que ele próprio!

No dia seguinte, 19 de fevereiro, os colonos saíram da costa e ascenderam o curso do rio pela margem esquerda, a dez quilômetros do monte Franklin.

O plano era observar minuciosamente todo o vale cujo talvegue formava o leito do rio e chegar às proximidades do curral. Se o curral estivesse ocupado, eles o livrariam à força, se não estivesse, eles se estabeleceriam lá e fariam dele o centro de operações, com o objetivo de explorar o monte Franklin.

Top e Jup caminhavam como escoteiros, rivalizando em inteligência e habilidade, mas não havia indicação de que as margens do rio tinham sido frequentadas recentemente.

Por volta das cinco da tarde, a carroça parou a cerca de seiscentos passos da muralha paliçada. Era necessário ir até o curral para saber se ele estava ocupado. Mas ir até lá abertamente, em pleno dia, quando os condenados poderiam estar emboscados, era se expor a receber um golpe maléfico. Era melhor esperar até que a noite chegasse.

Mas Gédéon Spilett queria visitar logo as proximidades do curral, e Pencroff, no limite de sua paciência, ofereceu-se para acompanhá-lo.

– Não, meus amigos – respondeu o engenheiro. – Esperem anoitecer. Não vou deixar que vocês se exponham em plena luz do dia.

Os colonos permaneceram perto da carroça e observaram cuidadosamente as partes circundantes da floresta.

Três horas se passaram assim. O vento tinha diminuído, e o silêncio absoluto reinava sob as grandes árvores. Top, deitado no chão com a cabeça sobre as patas, não dava sinais de preocupação.

Às oito horas, a noite parecia avançada o suficiente para que o reconhecimento pudesse ser realizado em boas condições. Gédéon

Spilett se declarou pronto para partir na companhia de Pencroff. Cyrus Smith consentiu.

– Não entrem imprudentemente. Vocês não precisam tomar posse do curral, apenas descobrir se ele está ocupado.

– Entendido, senhor Cyrus – respondeu Pencroff. E ambos partiram.

Sob as árvores, certa escuridão deixava os objetos invisíveis para além de um raio de nove ou dez metros. O repórter e Pencroff, parando a qualquer barulho suspeito, avançavam com o máximo cuidado.

Cinco minutos depois de deixar a carroça, eles chegaram à borda do bosque, em frente à clareira no fundo da qual estava a muralha paliçada.

Pararam. A trinta passos de distância estava a porta do curral que parecia fechada. Gédéon Spilett e o marujo não eram homens de recuar, mas sabiam que uma imprudência da parte deles recairia também sobre seus companheiros. Se morressem, o que seria de Cyrus Smith, Nab e Harbert?

Pencroff, empolgado por se sentir tão perto do curral, onde supunha que os condenados estavam refugiados, ia seguir em frente quando o repórter o segurou com uma mão vigorosa.

– Em alguns instantes ficaremos no breu completo – murmurou –, e esse será o momento de agir.

Pencroff, convulsivamente agarrado à coronha de seu fuzil, manteve-se quieto e esperou enquanto praguejava.

Logo a última luz do crepúsculo desapareceu por completo. Esse era o momento.

O curral parecia completamente abandonado. No entanto, se os condenados estavam lá, certamente um deles estaria a postos, de modo a evitar qualquer surpresa.

Gédéon Spilett apertou a mão de seu companheiro, e ambos rastejaram em direção ao curral, com as armas prontas para disparar, e chegaram à entrada da muralha.

Pencroff tentou empurrar a porta, que, como supunham, estava fechada. No entanto, o marujo pôde constatar que as barras exteriores não tinham sido recolocadas.

Portanto, era possível concluir que os condenados ocupavam o curral naquele momento e que tinham trancado a porta.

Não havia qualquer barulho do lado de dentro da muralha. Os

carneiros e as cabras, sem dúvida dormindo em seus estábulos, não perturbavam a calma da noite.

O repórter e o marujo, não ouvindo nada, se perguntaram se deveriam subir a paliçada e entrar no curral, o que contrariava as instruções de Cyrus Smith.

É verdade que a operação podia ter êxito, mas também podia fracassar. O repórter achava razoável esperar até que os colonos estivessem todos reunidos para tentar entrar no curral.

Pencroff provavelmente partilhava dessa opinião, pois não teve dificuldade em seguir o repórter quando ele voltou ao bosque.

Poucos minutos depois, o engenheiro foi informado da situação e concluiu:

– Bem, agora tenho razões para acreditar que os condenados não estão no curral.

– Saberemos – respondeu Pencroff – quando nós tivermos escalado a muralha.

– Ao curral, meus amigos! – disse Cyrus Smith.

– Deixamos a carroça no bosque? – perguntou Nab.

– Não – respondeu o engenheiro –, é nosso furgão de munição e provisões, e, se necessário, servirá como entrincheiramento.

– Então vamos! – disse Gédéon Spilett.

A carroça saiu do bosque e começou a rolar calmamente em direção à paliçada. A escuridão era profunda e o silêncio tão completo como quando Pencroff e o repórter tinham rastejado pelo chão.

Os colonos estavam preparados para disparar. Jup, por ordem de Pencroff, mantinha-se atrás. Nab puxava Top pela coleira para que ele não avançasse.

A clareira logo apareceu. Estava deserta. Sem hesitar, a pequena tropa seguiu para a muralha. Num curto espaço de tempo, a zona perigosa foi atravessada. Nenhum tiro foi disparado. O engenheiro, o repórter, Harbert e Pencroff foram até a porta para ver se estava trancada por dentro. Uma das portas estava aberta!

– Mas o que vocês disseram? – perguntou o engenheiro, voltando-se para o marujo e Gédéon Spilett.

Ambos ficaram atordoados.

– Juro por Deus – disse Pencroff – que essa porta estava fechada mais cedo!

Os colonos hesitaram. Então os condenados estavam no curral

quando Pencroff e o repórter fizeram a vistoria? Eles ainda estavam lá, ou um deles tinha acabado de sair?

Nesse momento, Harbert, que tinha avançado alguns passos na direção da muralha, recuou rapidamente e agarrou a mão de Cyrus Smith.

– O que há? – perguntou o engenheiro.

– Uma luz!

– Na casa?

– Sim!

Os cinco caminharam em direção à porta, e, de fato, viram uma luz fraca tremendo pela janela.

Os colonos entraram no recinto com a arma pronta para disparar. A carroça foi deixada do lado fora, sob os cuidados de Jup e Top, que foram amarrados nela.

Cyrus Smith, Pencroff e Gédéon Spilett de um lado, Harbert e Nab do outro lado, prolongaram a paliçada e observaram essa parte do curral que estava absolutamente escura e deserta. Em pouco tempo eles estavam na frente da porta fechada.

Cyrus Smith fez um sinal com a mão para os companheiros não se mexerem e se aproximou da janela vagamente iluminada pela luz interior.

Seu olhar mergulhou na única peça que formava o térreo da casa.

Sobre a mesa, uma lanterna acesa. Perto da mesa, a cama que Ayrton usava antigamente, e sobre a cama, o corpo de um homem repousava.

De repente, Cyrus Smith recuou e com uma voz abafada:

– Ayrton!

Imediatamente a porta foi arrombada em vez de aberta, e os colonos correram para o quarto.

Ayrton parecia estar dormindo. Seu rosto mostrava que ele tinha sofrido por muito tempo e cruelmente. Cyrus Smith se inclinou sobre ele:

– Ayrton! – gritou, agarrando o braço do homem que ele encontrou em circunstâncias tão inesperadas.

Com esse chamado, Ayrton abriu os olhos e olhou Cyrus Smith no rosto e depois os outros:

– Vocês!

– Ayrton! Ayrton! – repetia Cyrus Smith.

– Onde estou?

– Na casa do curral!

– Sozinho?

– Sim!

– Mas eles vão voltar! Protejam-se! Protejam-se! – E caiu exausto.

– Spilett – disse o engenheiro –, podemos ser atacados a qualquer momento. Tragam a carroça para o curral, tranquem a porta e voltem pra cá.

Não havia um segundo a perder. O repórter e seus dois companheiros atravessaram o curral e voltaram à porta da paliçada, atrás da qual se podia ouvir Top rosnar intensamente.

O engenheiro, deixando Ayrton por um momento, saiu de casa pronto para disparar. Harbert estava ao seu lado. Ambos vigiavam a crista do contraforte que dominava o curral. Se os condenados estivessem escondidos lá, podiam atingir os colonos um após o outro.

Nesse momento, a lua apareceu no leste, acima da cortina negra da floresta, e uma camada branca de luz se espalhou do lado de dentro da muralha. Do lado da montanha, a casa e parte da paliçada se destacavam em branco. Do lado oposto, em direção à porta, o recinto permaneceu escuro.

Então Top rompeu violentamente sua coleira e começou a latir furiosamente, correndo para o fundo do curral, à direita da casa.

– Atenção, meus amigos, preparem as armas! – ordenou Cyrus Smith.

Os colonos empunharam suas armas e aguardavam o momento de disparar. Top continuava latindo, e Jup começou a emitir gritos agudos.

Os colonos os seguiram e chegaram à beira do pequeno riacho, sombreado por grandes árvores. Ali, em plena luz, viram cinco corpos estendidos na margem!

Eram os condenados que, quatro meses antes, tinham desembarcado na ilha Lincoln!

Capítulo 13

O que aconteceu? Quem matou os condenados? Ayrton? Não, porque, um momento antes, ele temia o regresso deles!

Ayrton estava sob a influência de um sono profundo do qual não era possível resgatá-lo.

Os colonos, tomados de mil pensamentos confusos, esperaram toda a noite sem sair da casa e sem retornar ao lugar onde estavam os corpos dos condenados. Quanto às circunstâncias em que tinham morrido, era provável que Ayrton não soubesse nada. Mas pelo menos ele poderia contar os fatos que precederam a terrível execução.

Na manhã seguinte, Ayrton saiu do torpor e seus companheiros lhe mostraram toda a alegria que sentiram ao vê-lo novamente, vivo, após cento e quatro dias de separação. Ayrton contou em poucas palavras o que tinha acontecido, ou pelo menos o que sabia.

No dia seguinte à sua chegada ao curral, em 10 de novembro, ele foi surpreendido pelos condenados, que tinham escalado a muralha. Eles o amarraram e amordaçaram e ele foi levado para uma caverna escura no sopé do monte Franklin, onde os condenados estavam refugiados.

Tinham decidido matá-lo no dia seguinte, quando um dos condenados o reconheceu e o chamou por seu nome da Austrália. Aqueles desgraçados queriam matar Ayrton, mas respeitavam Ben Joyce!

Desde então, Ayrton foi atormentado pelas obsessões dos seus ex-cúmplices que desejavam trazê-lo de volta para o bando e contavam com ele para dominar a Granite House e se tornar o mestre da ilha, depois de assassinar os colonos!

Ayrton resistiu. O ex-condenado, arrependido e perdoado, estava mais disposto a morrer do que trair seus companheiros.

Mas os condenados tinham descoberto o curral pouco depois de sua chegada à ilha, e desde então tinham vivido de suas reservas, mas não viviam nele. Em 11 de novembro, dois dos bandidos, inesperadamente surpreendidos pela chegada dos colonos, dispararam sobre Harbert, e um deles voltou se gabando de ter matado um dos habitantes da ilha. Seu companheiro, como sabemos, tinha caído sob o punhal de Cyrus Smith.

Pode-se imaginar a ansiedade e o desespero de Ayrton quando ouviu a notícia da morte de Harbert! Restavam apenas quatro colonos e, por assim dizer, à mercê dos condenados!

Os maus-tratos a Ayrton redobraram. Suas mãos e seus pés ainda tinham a marca sangrenta das amarras que o prendiam dia e noite.

Foi assim até a terceira semana de fevereiro. O infeliz, enfraquecido, caiu numa profunda prostração que já não lhe permitia ver ou ouvir. Então, a partir daquele momento, ou seja, durante dois dias, ele nem sequer podia dizer o que tinha acontecido.

– Mas, senhor Smith, se eu estava preso na caverna, como é possível que eu esteja no curral?

– Como é que os condenados estão lá fora? Estão mortos? – respondeu o engenheiro.

– Mortos! – gritou Ayrton, que, mesmo fraco, se ergueu um pouco.

Ele se levantou com certa dificuldade, e todos seguiram em direção ao pequeno riacho.

Na margem do riacho, estavam os cinco cadáveres dos condenados!

Ayrton ficou horrorizado. Cyrus Smith e seus companheiros olharam para ele sem falar uma palavra.

A um sinal do engenheiro, Nab e Pencroff visitaram os corpos e, depois de um exame cuidadoso, Pencroff viu na testa de um deles, no peito do outro, nas costas do outro e no ombro do seguinte, uma pequena mancha vermelha cuja origem era impossível reconhecer.

– Foi aí que foram atingidos! – observou Cyrus Smith.

– Mas com que arma? – interrogou o repórter.

– Uma arma fulminante cujo segredo desconhecemos!

– E quem os fulminou? – perguntou Pencroff.

– O justiceiro da ilha – respondeu Cyrus Smith –, aquele que trouxe Ayrton, e cuja influência mais uma vez se manifestou, aquele que faz por nós tudo o que não podemos fazer sozinhos, e que, depois de fazê-lo, foge de nós.

– Vamos procurá-lo! – exclamou Pencroff.

– Sim, vamos procurá-lo – concordou Cyrus Smith –, mas o ser superior que faz tais maravilhas só será encontrado se nos chamar até ele!

Essa proteção invisível irritava e comovia o engenheiro ao mesmo tempo.

– Vamos procurá-lo – disse ele –, e que Deus permita que um dia possamos provar a esse arrogante protetor que ele não está lidando com ingratos!

Desde esse dia, a busca foi a única preocupação dos habitantes da ilha Lincoln. Tudo os levava a querer descobrir a palavra desse enigma, que só podia ser o nome de um homem dotado de um poder que era verdadeiramente inexplicável e de alguma forma sobre-humano.

Nab e Pencroff levaram os corpos dos condenados para a floresta, a alguma distância do curral, e enterraram-nos profundamente.

Ayrton foi então informado dos eventos que tinham ocorrido durante seu sequestro.

– E agora – disse Cyrus Smith no final de seu relato – temos um dever a cumprir. Metade da nossa tarefa está concluída, mas se os condenados não são mais temidos, não é nosso o mérito de voltarmos a ser os mestres da ilha.

– Pois bem! – respondeu Gédéon Spilett. – Vamos vasculhar todo o labirinto dos sopés do monte Franklin! Não deixaremos uma escavação, nenhum buraco inexplorado! Ah, se alguma vez um repórter se viu na presença de um mistério, esse repórter é este que vos fala, meus amigos!

– E só regressaremos à Granite House quando encontrarmos nosso benfeitor – respondeu Harbert.

– Vamos ficar no curral? – perguntou Pencroff.

– Vamos – respondeu Cyrus Smith –, pois as provisões são abundantes, e aqui estamos no centro do nosso cerco de investigações.

Além disso, se necessário, a carroça pode chegar rapidamente à Granite House.

– Bem – respondeu o marujo. – Só uma observação.

– Qual?

– A boa estação está avançada, e não devemos esquecer que temos uma travessia a fazer.

– Uma travessia? – interrogou Gédéon Spilett.

– Sim! até a ilha Tabor – respondeu Pencroff. – É necessário levar um aviso que indica a posição da nossa ilha, onde Ayrton está atualmente, no caso de o iate escocês retornar para levá-lo de volta. Quem sabe se já não é tarde demais?

– Mas, Pencroff – disse Ayrton –, como você pretende fazer essa travessia?

– Com o *Bonadventure*!

– O *Bonadventure*! – exclamou Ayrton. – Ele não existe mais.

– Meu *Bonadventure* não existe mais!? – berrou Pencroff.

– Não! – respondeu Ayrton. – Os condenados o descobriram em seu pequeno porto, há apenas oito dias, foram para o mar e...

– E? – disse Pencroff com o coração disparado.

– E sem Bob Harvey para manobrar, encalharam nas rochas, e o barco ficou completamente partido!

– Ah! Miseráveis! Bandidos! Patifes infames!

– Pencroff – disse Harbert, pegando a mão do marujo –, construiremos outro *Bonadventure*, um bem maior!

– Mas vocês sabem que leva pelo menos cinco a seis meses para construir um barco de trinta a quarenta toneladas?

– Levaremos o tempo que for necessário – respondeu o repórter – e vamos realizar ainda este ano a travessia para a ilha Tabor.

– Pencroff – disse o engenheiro –, temos que nos resignar e espero que esse atraso não nos seja prejudicial.

– Ah, meu *Bonadventure*! Meu pobre *Bonadventure*! – lamentou Pencroff.

A destruição do *Bonadventure* foi um fato lamentável para os colonos, e eles combinaram que a perda seria reparada o mais rápido possível. Com isso em mente, procederam com a exploração das partes mais secretas da ilha até concluí-la.

As buscas começaram no mesmo dia, 19 de fevereiro e duraram uma semana inteira. Os colonos visitaram pela primeira vez todo o

vale que se abria ao sul do vulcão e coletava a nascente do rio da Cachoeira. Foi lá que Ayrton lhes mostrou a caverna onde os condenados se refugiaram e na qual ele tinha ficado preso até ser transportado para o curral. A caverna estava no mesmo estado em que Ayrton a havia deixado.

A parte norte do monte Franklin era composta somente de dois vales. Os colonos visitaram túneis escuros que datavam do período plutoniano e que se afundavam no maciço do monte. Eles vasculharam as menores escavações e sondaram as menores funduras. Por toda parte, silêncio e escuridão. Tudo estava exatamente como o vulcão havia projetado sobre as águas no momento da emersão da ilha.

No entanto, Cyrus Smith foi obrigado a admitir que não havia ali um silêncio absoluto. Chegando ao fundo de uma das cavidades sombrias, ele ficou surpreso ao ouvir ruídos surdos cujo som aumentava em intensidade.

Gédéon Spilett, que o acompanhava, também ouviu os murmúrios distantes, que indicavam um renascimento dos fogos subterrâneos.

– Então o vulcão não está extinto? – observou o repórter.

– É possível que, desde nossa exploração da cratera, algum trabalho tenha sido feito nas camadas inferiores. Qualquer vulcão considerado extinto pode voltar à atividade.

– Mas se uma erupção do monte Franklin estiver em curso, não há perigo para a ilha Lincoln?

– Acredito que não. A cratera, que é a válvula de segurança, existe, e o excesso de vapores e lavas escapará, como aconteceu no passado, através de sua saída habitual.

– A menos que essas lavas abram uma nova passagem na direção das partes férteis da ilha!

– Por que, meu caro Spilett, elas não seguiriam o curso que lhes é naturalmente traçado?

– Ah, os vulcões são inconstantes!

– Perceba que a inclinação do maciço do monte Franklin favorece o derramamento das matérias na direção dos vales que estamos explorando atualmente. Um terremoto teria que mudar o centro de gravidade da montanha para que essa efusão mudasse.

– Mas um terremoto deve ser sempre temido.

– Sempre, especialmente quando as forças subterrâneas começam a acordar e as entranhas do globo são suscetíveis de serem obstruídas

após um longo descanso. Além disso, meu caro Spilett, uma erupção seria um fato grave para nós, e seria melhor que esse vulcão não tivesse o desejo de acordar! Mas não podemos evitar, não é mesmo?

– Ainda não vimos na cabeça do monte qualquer fumaça que indique que alguma erupção se aproxima.

– Não, nenhum vapor escapa da cratera, cujo cume observei ontem mesmo. Mas é possível que, na parte inferior da Chaminé, o tempo tenha acumulado pedras, cinzas, lavas endurecidas, e que a válvula de que eu falava esteja momentaneamente sobrecarregada. Mas, no primeiro esforço sério, todos os obstáculos desaparecerão, e você pode estar certo, meu caro Spilett, que nem a ilha, que é a caldeira, nem o vulcão, que é a Chaminé, irá rebentar sob a pressão dos gases. No entanto, repito, seria melhor se não houvesse erupção.

– Mas não estamos enganados. Ouvimos barulhos surdos murmurarem nas entranhas do vulcão!

– De fato – respondeu o engenheiro, que ouviu com extrema atenção –, não há como estarmos enganados. Trata-se de uma reação cuja importância e o resultado não podemos avaliar.

Cyrus Smith e Gédéon Spilett saíram e encontraram seus companheiros, a quem contaram o estado das coisas.

– Ah, muito bem! – exclamou Pencroff. – Esse vulcão quer aprontar das suas! Que ele se atreva! Ele vai encontrar seu mestre!

– Quem? – perguntou Nab.

– O nosso gênio, Nab, que amordaçará a cratera se o vulcão se atrever a abri-la!

Como podemos ver, a confiança do marujo no deus da sua ilha era absoluta, e, é claro, o poder do oculto que tinha se manifestado até aqui por tantas ações inexplicáveis parecia ilimitado.

De 19 a 25 de fevereiro, o círculo de investigações se estendeu por toda a região norte da ilha Lincoln, onde os mais secretos redutos foram explorados. E foram além: visitaram o abismo, ainda extinto, nas profundezas em que os murmúrios eram distintamente ouvidos. No entanto, nenhuma fumaça, nenhum vapor, nenhum aquecimento da parede indicavam uma erupção iminente. Mas os colonos não encontraram vestígios do que procuravam.

As investigações foram então direcionadas para toda a região das dunas. Eles visitaram cuidadosamente as altas muralhas de lava do Golfo do Tubarão. Ninguém! Nada!

Essas duas palavras resumem o desgaste, a fadiga, a obstinação que não produziu nenhum resultado, e havia uma espécie de raiva na decepção de Cyrus Smith e de seus companheiros.

Era, portanto, necessário considerar o retorno, uma vez que essa busca não poderia continuar indefinidamente. As hipóteses mais loucas assombravam a imaginação dos colonos. Pencroff e Nab, em particular, deixaram de se contentar com o estranho e foram levados para o mundo sobrenatural.

Em 25 de fevereiro, retornaram à Granite House. Um mês depois, no vigésimo quinto dia de março, eles saudaram o terceiro aniversário de sua chegada à ilha Lincoln!

Capítulo 14

Três anos se passaram desde que os prisioneiros tinham fugido de Richmond e muitas vezes durante esses três anos eles falaram do país, sempre presente em seu pensamento!

Não tinham dúvidas de que a Guerra Civil tinha acabado, e parecia impossível que a justa causa do Norte não tivesse ganhado. Mas quais teriam sido os incidentes daquela guerra terrível? Quanto sangue lhe custou? Que amigos sucumbiram na luta? Era disso que falavam muitas vezes, sem saber ao certo o dia em que lhes seria dada a oportunidade de voltar a ver o seu país. Voltar, mesmo que apenas por alguns dias, para renovar o vínculo social com o mundo habitado, e, em seguida, passar mais tempo, talvez o melhor, de sua existência na colônia que eles tinham fundado e que estaria então sob a jurisdição da metrópole, era um sonho irrealizável?

Mas esse sonho só poderia ser realizado de duas maneiras: ou um navio apareceria algum dia nas águas da ilha Lincoln, ou os próprios colonos construiriam um navio forte o suficiente para enfrentar o mar até a terra mais próxima.

– A não ser – disse Pencroff –, que nosso gênio possa no fornecer os meios de nos levar de volta para casa!

Mas Cyrus Smith aconselhou-os a voltar à realidade, e isso tratava da construção urgente de um navio, uma vez que era necessário depositar o mais rapidamente possível na ilha Tabor um bilhete que

indicasse a nova residência de Ayrton.

O *Bonadventure* já não mais existia, e seriam necessários pelo menos seis meses para a construção de um novo navio. Mas o inverno se aproximava, e a viagem não poderia acontecer antes da próxima primavera.

O engenheiro estava falando sobre essas coisas com Pencroff.

– E quantos meses levaria para construir um navio de aproximadamente trezentas toneladas? – perguntou Cyrus Smith.

– Sete ou oito meses pelo menos. Mas não podemos esquecer que o inverno está chegando e que, no frio extremo, é difícil trabalhar a madeira. Portanto, contamos com algumas semanas de folga, e se nosso navio estiver pronto para o próximo mês de novembro, podemos nos dar por satisfeitos.

– Bem, será precisamente a época favorável para empreender uma travessia de qualquer importância, seja para a ilha Tabor ou para uma terra mais distante.

– Sim, senhor Cyrus. Então faça o projeto, seus operários estão prontos, e imagino que Ayrton também possa nos ajudar.

Cyrus Smith criou então o projeto para o navio e determinou o seu tamanho. Durante esse tempo, seus companheiros trabalharam no corte e transporte das árvores que serviriam para fazer as cintas, o cavername e o costado. Foi a floresta do Extremo Oeste que forneceu as melhores espécies de carvalho e olmeiros.

Era importante que as madeiras fossem prontamente cortadas e abertas, pois não podiam ser usadas ainda verdes e era necessário tempo para endurecê-las.

O mês de abril foi muito bonito. Ao mesmo tempo, as obras da terra foram ativamente realizadas, e logo todos os vestígios de devastação desapareceram do planalto da Grande-Vista. Cada um dos colonos fazia sua parte da obra, e seus braços nunca estavam ociosos. Além disso, que bela saúde a daqueles trabalhadores e que belo humor eles tinham para animar as noites da Granite House, elaborando mil projetos para o futuro!

Ayrton partilhava absolutamente a existência comum e já não pensava mais em viver no curral. No entanto, ele permanecia triste, pouco comunicativo e juntava-se mais aos trabalhos do que aos prazeres de seus companheiros.

Dentre os trabalhos realizados, o fio telegráfico que ligava o curral

à Granite House tinha sido consertado e funcionava quando um dos colonos estava no curral e achava necessário passar a noite lá. A ilha estava segura agora, e não temiam nenhuma agressão – pelo menos vinda dos homens.

Uma noite, o engenheiro contou a seus amigos sobre o projeto que ele havia criado para fortificar o curral. Parecia-lhe prudente levantar a muralha paliçada e protegê-la com uma espécie de fortaleza onde, se necessário, os colonos poderiam enfrentar uma força inimiga. A Granite House podia ser considerada inacessível graças à sua localização, mas o curral seria sempre alvo dos piratas, e se os colonos fossem obrigados a se refugiar nele, precisariam ser capazes de resistir sem desvantagem.

Pencroff e Ayrton, os dois construtores mais zelosos do novo navio, continuaram o seu trabalho enquanto puderam. Eles não eram homens de se incomodar com o vento que emaranhava seus cabelos, com a chuva que lhes atravessava os ossos, e um golpe de martelo é tão bom em um mau tempo como em um bom tempo. Mas quando o período úmido foi seguido por um frio muito severo, a madeira, cujas fibras adquiriram a dureza do ferro, tornou-se extremamente difícil de trabalhar, e em 10 de junho a construção do barco teve de ser definitivamente abandonada.

Um dia, Cyrus Smith explicava aos companheiros sobre as diferenças de temperatura que existiam entre as latitudes mais distantes, e também acrescentou:

– Já se observou, inclusive, que, em latitudes iguais, as ilhas e as regiões costeiras não são atingidas pelo frio com a mesma intensidade como os países mediterrâneos. As ilhas estão, portanto, na melhor posição para se beneficiar dessa restituição.

– Mas então, senhor Cyrus – perguntou Harbert –, por que a ilha Lincoln parece escapar dessa lei comum?

– É difícil de explicar. No entanto, eu estaria disposto a admitir que essa singularidade se deve à situação da ilha no hemisfério sul, que, como você sabe, é mais fria do que a do hemisfério norte.

– De fato – disse Harbert –, os blocos de gelo se encontram em latitudes mais baixas no sul do que no norte do Pacífico.

– Isso é verdade – respondeu Pencroff –, e quando eu era baleeiro, vi icebergs por todo o cabo Horn.

– Talvez possamos explicar então – disse Gédéon Spilett – os

severos frios que atingem a ilha Lincoln pela presença de gelos ou banquisas em uma distância relativamente próxima.

– Sua opinião é muito lógica, de fato, meu caro Spilett – respondeu Cyrus Smith –, e é obviamente à proximidade de banquisas que devemos nossos invernos rigorosos. Gostaria também de salientar que uma causa física torna o hemisfério sul mais frio do que o hemisfério norte. Uma vez que o sol está mais próximo deste hemisfério durante o verão, fica necessariamente mais distante dele durante o inverno. Isso explica o excesso de temperatura nos dois sentidos, e, se achamos os invernos muito frios na ilha Lincoln, não esqueçamos que os verões também são muito quentes.

– Mas por que, senhor Smith – perguntou Pencroff, franzindo a sobrancelha –, nosso hemisfério está tão mal dividido? Isso não é justo!

– Amigo Pencroff – respondeu o engenheiro, rindo –, seja justo ou injusto, é preciso suportar a situação. Não há o que fazer quanto a isso, e os homens, Pencroff, por mais inteligentes que sejam, nunca serão capazes de mudar nada da ordem cosmográfica estabelecida por Deus.

– E ainda assim – acrescentou Pencroff, que mostrou certa dificuldade em se resignar –, o mundo é muito sábio! Que grande livro, senhor Cyrus, faríamos com tudo o que sabemos!

– E que livro ainda maior faríamos com tudo o que não sabemos – respondeu Cyrus Smith.

Por uma razão ou outra, o mês de junho trouxe de volta o frio com sua violência habitual, e os colonos ficaram confinados na Granite House.

Essa clausura parecia difícil para todos, e talvez mais particularmente para Gédéon Spilett.

– Sabe – ele disse um dia para Nab –, eu lhe daria com escritura todas as heranças que um dia devo receber, se você fosse gentil o bastante para ir a qualquer lugar assinar um jornal para mim! Decididamente, o que mais falta para minha felicidade é saber todas as manhãs o que aconteceu no dia anterior, em outro lugar que não aqui!

Nab começou a rir.

– Quanto a mim – respondeu ele –, o que me ocupa é o trabalho diário!

A verdade é que, dentro ou fora, não faltava trabalho. A colônia da ilha Lincoln estava então em seu ponto mais alto de prosperidade, resultado de três anos de trabalho duro.

Assim se passaram os meses de inverno, junho, julho e agosto. Eles foram muito rigorosos, e a média das observações termométricas chegou a 13º negativos.

Homens e animais estavam bem. Mestre Jup se revelava um pouco friorento, é preciso admitir. Talvez fosse o seu único defeito, e foi necessário fazer um roupão bem felpudo para ele. Mas que doméstico! Hábil, zeloso, incansável, discreto, pouco falante e alguém poderia justificadamente oferecê-lo como modelo para os seus irmãos bípedes do Velho e do Novo Mundo!

– Mas – disse Pencroff –, quando você tem quatro mãos ao seu serviço, o mínimo que você faz é o seu trabalho corretamente!

E, de fato, o inteligente quadrúmano o fazia muito bem!

Durante os sete meses desde a última busca pela montanha e durante o mês de setembro, que trouxe de volta os belos dias, não houve nenhum sinal do gênio da ilha. Sua ação não se manifestou em nenhuma circunstância. É verdade que teria sido inútil, pois não ocorreu nenhum incidente que pudesse pôr os colonos a alguma prova dolorosa.

Cyrus Smith observou, inclusive, que se, por acaso, as comunicações entre o desconhecido e os anfitriões da Granite House nunca se tinham estabelecido através do maciço de granito, e se o instinto de Top tinha, por assim dizer, sentido sua presença, isso já não aconteceu mais durante esse período. Os rosnados do cão tinham cessado por completo, bem como a inquietação do orangotango. Os dois amigos já não circundavam o buraco do poço interior, nem ladravam ou gemiam daquela maneira singular que tinha deixado o engenheiro alerta desde o início. Mas será que ele admitia que tudo havia sido dito sobre o enigma e que nunca mais teria como retribuir? Poderia ele afirmar que alguma conjuntura não voltaria a acontecer, trazendo de volta à cena o misterioso personagem? Quem sabe o que o futuro lhes reservava?

Finalmente, o inverno terminou; mas um fato cujas consequências poderiam ser graves ocorreu precisamente nos primeiros dias que marcaram o retorno da primavera.

Em 7 de setembro, Cyrus Smith, tendo observado o topo do monte

Franklin, viu uma fumaça se contorcendo acima da cratera, cujos primeiros vapores eram lançados no ar.

Capítulo 15

Os colonos, advertidos pelo engenheiro, suspenderam seu trabalho e observavam em silêncio o topo do monte Franklin.

O vulcão tinha acordado, e os vapores perfuravam a camada mineral empilhada no fundo da cratera. Mas os incêndios subterrâneos causariam alguma erupção violenta? Essa era uma eventualidade que não podia ser prevista.

No entanto, mesmo admitindo a hipótese de uma erupção, era provável que a ilha Lincoln não sofresse por completo. Os derramamentos de materiais vulcânicos nem sempre são desastrosos. A ilha já tinha sido submetida a esse teste, como evidenciavam os fluxos de lava que listravam as encostas do norte da montanha. Além disso, a forma da cratera, o gotejamento em sua borda superior, deviam projetar a matéria vomitada para o lado oposto das porções férteis da ilha.

Mas o passado não implicava necessariamente o futuro. Muitas vezes, no topo dos vulcões, crateras antigas se fecham e novas se abrem. Basta um terremoto para que a disposição interna da montanha seja alterada e novos caminhos sejam pavimentados com lavas incandescentes.

Cyrus Smith explicou essas coisas aos seus companheiros e fez-lhes saber dos prós e dos contras.

Afinal, não havia nada que pudessem fazer. A Granite House, a

menos que um terremoto abalasse o chão, não parecia estar ameaçada. Mas o curral teria tudo a temer se alguma nova cratera abrisse nas paredes do sul do monte Franklin.

A partir desse dia, os vapores continuaram a adornar o topo da montanha e foi até possível perceber que eles aumentavam em altura e em espessura, sem que qualquer chama se misturasse com suas espessas volutas.

Os trabalhos de construção, que seguiam bem, tiveram que ser interrompidos por uma semana para dar lugar aos da colheita, da fenação e do armazenamento das colheitas que abundavam no planalto da Grande-Vista. Uma vez concluído esse trabalho, cada momento foi dedicado à conclusão da escuna.

Quando anoitecia, os trabalhadores estavam genuinamente exaustos. Às vezes, porém, a conversa, quando se tratava de algo interessante, atrasava um pouco o momento de dormir. Os colonos falavam sobre o futuro e sobre a mudança que causaria em sua situação a viagem de escuna para a terra mais próxima. Mas no meio desses projetos ainda predominava o pensamento de um retorno posterior à ilha Lincoln. Pencroff e Nab esperavam viver ali até o fim de seus dias.

– Harbert – dizia o marujo –, você nunca abandonará a ilha Lincoln?

– Nunca, Pencroff, especialmente se você também decidir ficar!

– Está decidido, meu rapaz, estarei à sua espera! Você pode trazer sua mulher e seus filhos, e eu vou tornar os seus filhos corajosos!

– Combinado – respondia Harbert, rindo e corando ao mesmo tempo.

– E o senhor, senhor Cyrus – retomava Pencroff, entusiasmado –, será sempre o governador da ilha! Ah, quantas pessoas ela poderia alimentar? Dez mil, pelo menos!

Conversavam sobre o futuro, deixavam Pencroff divagar, e de ideia em ideia, o repórter acabaria por fundar um jornal, o *New Lincoln Herald!*

Assim funciona o coração do homem. A necessidade de fazer um trabalho que dure, que sobreviva a ele, é o sinal da sua superioridade sobre tudo o que vive na Terra.

Ayrton, silencioso, pensava que gostaria de rever lorde Glenarvan e se apresentar a todos, reabilitado.

Na noite do dia 15 de outubro, a conversa seguia na direção dessas hipóteses e foi prolongada mais do que o habitual. Eram nove horas. Bocejos longos, mal dissimulados, anunciavam a hora do descanso, e Pencroff tinha acabado de ir para a cama quando a campainha elétrica, situada na sala, de repente soou.

Estavam todos lá, Cyrus Smith, Gédéon Spilett, Harbert, Ayrton, Pencroff, Nab. Então não havia nenhum dos colonos no curral.

Cyrus Smith se levantou. Seus companheiros se entreolharam, pensando que tinham ouvido mal.

– O que significa isso! – exclamou Nab. – É o diabo que está chamando?

– O tempo está tempestuoso – observou Harbert. – Não pode ser a influência da eletricidade que...

Harbert não terminou sua frase. O engenheiro, para quem todos olhavam, balançou a cabeça negativamente.

– Vamos esperar – disse Gédéon Spilett. – Se for um sinal, quem quer que o tenha feito, irá repeti-lo.

– Mas quem você quer que seja? – perguntou Nab.

– Ora – respondeu Pencroff –, aquele que... A frase do marujo foi cortada por um novo tremor do sino. Cyrus Smith foi em direção ao aparelho e jogando a corrente através do fio, enviou esta pergunta ao curral:

– O que você quer?

Alguns momentos depois, a agulha, movendo-se no mostrador alfabético, deu esta resposta aos hóspedes da Granite House: “Venham depressa ao curral”.

– Finalmente! – exclamou Cyrus Smith.

Sim! Finalmente o mistério seria revelado! Diante desse imenso interesse que os empurraria para o curral, todo o cansaço dos colonos tinha desaparecido. Sem dizer uma palavra, em poucos momentos eles saíram da Granite House e chegaram à praia. Só Jup e Top ficaram. Era possível ir sem eles.

A noite estava escura. Como Harbert havia observado, nuvens pesadas formavam uma abóbada baixa e pesada, o que impedia qualquer radiação estelar.

Era provável que, algumas horas mais tarde, raios e trovões atingiriam a ilha. A noite estava ameaçadora.

Mas a escuridão, por mais profunda que fosse, não podia parar as

pessoas acostumadas com a estrada curral.

Eles caminhavam depressa, tomados de uma intensa emoção. Para eles, não havia dúvida de que finalmente conheceriam a tão procurada palavra do enigma, o nome do ser misterioso profundamente enraizado na vida deles, tão generoso em sua influência, tão poderoso em sua ação!

O silêncio durante os primeiros quinze minutos de marcha foi interrompido por esta observação de Pencroff:

– Devíamos ter trazido uma lanterna.

E por esta resposta do engenheiro:

– Vamos encontrar uma no curral.

Grandes clarões esbranquiçados de relâmpagos se desenhavam sobre a ilha e tingiam de preto os cortes das folhagens. A tempestade estava prestes a rebentar. Rumores distantes eram ouvidos nas profundezas do céu. A atmosfera estava sufocante.

Parecia que os colonos estavam sendo empurrados para a frente por alguma força irresistível.

Em um instante, o curral foi cruzado e Cyrus Smith chegou diante da habitação. Era possível que a casa estivesse ocupada pelo desconhecido, já que era da própria casa que o telegrama tinha saído. No entanto, não havia luz na janela.

O engenheiro bateu à porta. Silêncio.

Cyrus Smith abriu a porta, e os colonos entraram na sala, que estava profundamente escura.

Nab acendeu um isqueiro e, um instante depois, uma lanterna foi acesa e percorreu cada canto da sala.

Não havia ninguém. Tudo estava como eles haviam deixado.

– Fomos enganados por uma ilusão? – sussurrou Cyrus Smith.

Não! Não era possível! O telegrama dizia claramente: “Venham depressa ao curral”.

Eles se aproximaram da mesa que foi especialmente construída para o telégrafo. Estava tudo em seu devido lugar, a bateria e a caixa que a continha, bem como o receptor e o transmissor.

– Quem veio aqui pela última vez? – perguntou o engenheiro.

– Eu, senhor Smith – respondeu Ayrton.

– E isso foi...?

– Há quatro dias.

– Um bilhete! – fez Harbert, mostrando um papel sobre a mesa.

Nesse papel estavam escritas estas palavras, em inglês: “Sigam o novo fio”.

– Vamos! – gritou Cyrus Smith, que entendeu que a mensagem não tinha partido do curral, mas do misterioso retiro que um fio adicional, ligado ao antigo, levava diretamente até a Granite House.

Nab pegou a lanterna acesa, e todos deixaram o curral.

A tempestade caía com extrema violência. O intervalo entre cada raio e cada trovão diminuiu significativamente. O brilho intermitente das luzes iluminava o topo do vulcão, que estava cheio de vapores.

Não havia nenhuma comunicação telegráfica em toda a parte do curral que separava a casa da muralha paliçada. Mas, ao passar pela porta, o engenheiro viu no clarão do relâmpago que um novo fio estava caindo do isolante até o chão.

– Aqui está ele! – disse.

O fio se arrastava pelo chão, mas estava envolto por uma substância isolante por toda sua extensão, como se faz com um cabo submarino, o que assegurava a livre transmissão das correntes. Por sua direção, ele parecia adentrar pelos bosques e sopés do sul da montanha e seguia para oeste.

– Vamos segui-lo! – disse Cyrus Smith.

E, ora à luz da lanterna, ora pelos raios, os colonos seguiram o caminho traçado pelo fio.

Os trovões eram contínuos, e sua violência tal que nenhuma palavra poderia ser ouvida. Mas não se tratava de falar, e sim de seguir em frente.

Cyrus Smith e seus homens escalaram pela primeira vez o contraforte entre o vale do curral e o do rio da Cachoeira, que atravessaram em sua parte mais estreita. O fio, ora esticado sobre os ramos inferiores das árvores, ora estendido pelo chão, os guiava.

Foi necessário subir os contrafortes do sudoeste e descer novamente no planalto árido que acabava na muralha de basaltos, tão estranhamente amontoados. De tempos em tempos, um ou outro colono se abaixava, tateava o fio com a mão e corrigia a direção, se necessário. Mas não havia mais nenhuma dúvida de que o fio corria diretamente para o mar.

O céu ardia em fogo. Um relâmpago não esperava pelo outro. Muitos atingiam o topo do vulcão e se precipitavam na cratera, no meio da espessa fumaça.

Um pouco antes das onze, os colonos chegaram à orla que dominava o oceano a oeste. Cyrus Smith calculou que ele e seus companheiros tinham caminhado por dois quilômetros e meio desde o curral.

Nesse ponto, o fio entrava no meio das rochas, seguindo a inclinação bastante íngreme de um barranco estreito e cuidadosamente traçado.

Os colonos adentraram, correndo o risco de provocar algum colapso das rochas desequilibradas e serem atirados ao mar. A descida era muito perigosa, mas eles não se importavam, já não se controlavam mais, e uma atração irresistível os levava a esse ponto misterioso.

Então eles desceram quase inconscientemente o barranco, que, mesmo à luz do dia, seria quase intransponível. As pedras rolavam e brilhavam como chamas quando atravessavam as zonas de luz. Cyrus Smith estava na liderança e Ayrton fechava o grupo.

Finalmente, o fio, formando um ângulo brusco, tocava as rochas do litoral. Os colonos tinham atingido o limite inferior da muralha basáltica.

Lá se desenvolvia uma estreita espalda que corria horizontalmente e paralelamente ao mar. O fio seguia por ela e os colonos a acompanharam. Eles não tinham caminhado nem cem passos, e a espalda, inclinando-se moderadamente, chegava ao mesmo nível das ondas. O engenheiro pegou o fio e viu que ele afundava no mar.

Seus companheiros, parados perto dele, estavam espantados. Um grito de decepção, quase de desespero, escapou deles! Seria necessário se precipitar sob as águas e procurar por alguma caverna submarina? No estado de superexcitação moral e física em que estavam, não teriam hesitado em fazê-lo, mas uma reflexão do engenheiro os impediu.

Cyrus Smith conduziu seus companheiros sob uma anfractuosidade de rochas, e lá, disse:

– Vamos esperar. A maré está alta. Na maré baixa, o caminho estará aberto.

– Mas quem o faz acreditar...? – fez Pencroff.

– Ele não nos teria chamado se não existissem meios suficientes para chegar até ele!

Cyrus Smith tinha falado com tal convicção que nenhuma objeção foi levantada. Sua observação, a propósito, era lógica. Era preciso

admitir que uma abertura, praticável na maré baixa, se abria ao pé da muralha.

Era necessário esperar algumas horas. Os colonos então permaneceram silenciosamente escondidos sob uma espécie de pórtico profundo escavado na rocha. A chuva começou a cair, e logo as nuvens se condensaram se transformando em torrentes, rasgadas por relâmpagos.

A emoção dos colonos era extrema. Milhares de pensamentos estranhos, sobrenaturais, passavam pela mente deles e evocavam uma grande e sobre-humana aparição que seria a única a responder à ideia que eles faziam do gênio misterioso da ilha.

À meia-noite, Cyrus Smith, carregando a lanterna, desceu ao nível da praia para observar o arranjo das rochas. O engenheiro tinha razão. A curvatura de uma vasta escavação começava a se desenhar sobre a água. Ali, o fio, deitado em ângulo reto, penetrava na escavação aberta.

Cyrus Smith se aproximou de seus companheiros e disse:

– Dentro de uma hora, a abertura estará penetrável.

– Então ela existe? – perguntou Pencroff.

– Vocês duvidavam disso? – questionou Cyrus Smith.

– Mas essa caverna deve estar cheia de água até certa altura – observou Harbert.

– Ou essa caverna seca completamente – respondeu Cyrus Smith –, e nesse caso vamos atravessá-la a pé, ou ela não vai secar, e algum meio de transporte será posto à nossa disposição.

Passou uma hora. Todos desceram sob a chuva até o nível do mar. A maré tinha diminuído cinco metros.

Inclinando-se, o engenheiro viu um objeto negro flutuando na superfície do mar e o puxou para si.

Era uma canoa, amarrada por uma corda a uma saliência interna da parede. A canoa era feita de metal parafusado. Dois remos estavam no fundo, sob os bancos.

– Vamos embarcar – disse Cyrus Smith.

Nab e Ayrton assumiram os remos, Pencroff, o leme. Cyrus Smith ficou na frente, com a lanterna sobre a proa, iluminando o caminho.

O arco, muito baixo, sob o qual a canoa passou primeiro, levantou-se de repente; mas a escuridão era demasiado profunda e a luz da lanterna insuficiente para que se pudesse reconhecer a extensão,

largura, altura e profundidade da caverna. No meio da substrução basáltica, reinava o silêncio. Nenhum som exterior penetrava nela e os clarões do relâmpago não conseguiam adentrar em suas paredes grossas.

Em certas partes do globo, existem cavernas enormes como essa, uma espécie de cripta natural que remonta à era geológica. Algumas são invadidas por águas marinhas, outras contêm lagos inteiros em seu interior.

Quanto a essa caverna que os colonos estavam explorando, será que se estendia até o centro da ilha? Durante quinze minutos, a canoa avançava fazendo desvios que o engenheiro apontava para Pencroff quando ele ordenou:

– Mais à direita!

A embarcação, mudando de direção, imediatamente se aproximou da parede direita. O engenheiro queria saber se o fio ainda se estendia ao longo da parede. O fio estava lá, pregado nas saliências da rocha.

– Avante! – repetiu Cyrus Smith.

A canoa continuou por mais quinze minutos, e desde a abertura da caverna, devia ter atravessado uma distância de oitocentos metros quando a voz de Cyrus Smith foi ouvida novamente.

– Parem!

A canoa parou e os colonos viram uma luz brilhante iluminando a enorme cripta, tão profundamente escavada nas entranhas da ilha.

A uma altura de trinta metros, havia uma abóbada arredondada sobre barris de basalto que pareciam ter sido derretidos no mesmo molde. Os pedaços de basalto, encaixados uns nos outros, mediam de doze a quinze metros de altura, e a água, calma apesar das agitações do exterior, vinha banhar suas bases. O brilho da lanterna, direcionado pelo engenheiro, iluminava cada aresta prismática, penetrava nas paredes como se fossem diáfanas e transformava em cabochões brilhantes as menores saliências daquela substrução.

Como resultado de um fenômeno de reflexão, a água reproduzia os vários brilhos em sua superfície, de modo que a canoa parecia flutuar entre duas zonas cintilantes.

Não havia dúvidas sobre a natureza da irradiação projetada pelo centro luminoso, cujos raios, claros e retilíneos, quebravam-se em diferentes ângulos, em todas as nervuras da cripta. Essa luz provinha de uma fonte elétrica e sua cor branca denunciava sua origem. Era o

sol da caverna, e a preenchia por completo.

Sob um sinal de Cyrus Smith, os remos caíram fazendo jorrar uma verdadeira chuva de carbúnculos, e a canoa seguiu em direção à luz, que estava a menos de cem metros de distância.

Para além do centro ofuscante, havia uma enorme parede basáltica que fechava todas as saídas daquele lado. A caverna tinha ficado mais larga e o mar formava um pequeno lago. Mas a abóbada, as paredes laterais, a parede da cabeceira, todos esses prismas, cilindros e cones eram banhados pelo fluido elétrico, de modo que o brilho lhes parecia próprio, e era possível dizer que essas pedras, facetadas como diamantes de grande valor, transpiravam a luz!

No centro do lago, um longo objeto fusiforme flutuava na superfície da água, silencioso e imóvel. A luz brilhante saía de seus flancos. Esse objeto, semelhante ao corpo de um enorme cetáceo, tinha cerca de oitenta metros de comprimento e estava três ou quatro metros acima do nível do mar.

Na frente da canoa, Cyrus Smith se levantou. Ele observava, dominado por uma violenta agitação. Então, de repente, agarrando o braço do repórter:

– Mas é ele! Só pode ser ele! – exclamou.

Então ele caiu sentado em seu banco, murmurando um nome que Gédéon Spilett foi o único a ouvir.

Sem dúvida o repórter conhecia esse nome, pois isso lhe surtiu um efeito maravilhoso, e ele respondeu com uma voz surda:

– Ele! Um homem fora da lei!

Por ordem do engenheiro, a canoa se aproximou do objeto flutuante.

Cyrus Smith e seus companheiros subiram na plataforma. Havia um capô aberto. Todos entraram pela abertura. No final da escada havia um corredor interno, eletricamente iluminado, e no final desse corredor, uma porta que Cyrus Smith abriu.

Uma sala ricamente decorada, que os colonos atravessaram, se ligava a uma biblioteca na qual um teto luminoso derramava uma torrente de luz.

No fundo dessa biblioteca, uma porta larga, também fechada, foi aberta pelo engenheiro.

Um vasto salão, uma espécie de museu onde estavam empilhados, junto de todos os tesouros da natureza mineral, obras de arte,

maravilhas da indústria, surgiu diante dos olhos dos colonos, que acreditaram ter sido febrilmente transportados para o mundo dos sonhos.

Deitado numa rica poltrona, eles viram um homem que não parecia notar sua presença. Então Cyrus Smith levantou a voz, e, para surpresa de seus companheiros, pronunciou estas palavras:

– Capitão Nemo, o senhor nos chamou? Aqui estamos.

Capítulo 16

Ao ouvir essas palavras, o homem se levantou e seu rosto apareceu em plena luz: cabeça magnífica, grande fronte, olhar confiante, barba branca, cabelo abundante e jogado para trás.

O homem apoiou a mão no braço da poltrona de onde tinha acabado de se levantar. Seu olhar estava calmo. Era possível perceber que uma doença lenta o minava, mas sua voz ainda parecia forte quando ele disse em inglês, e em um tom de extrema surpresa:

– Não tenho nome, senhor.

– Eu o conheço! – respondeu Cyrus Smith.

O capitão Nemo fixou o engenheiro, como se quisesse fulminá-lo.

– Pouco importa, eu vou morrer!

Cyrus Smith se aproximou do capitão Nemo e Gédéon Spilett pegou sua mão, que estava queimando. Ayrton, Pencroff, Harbert e Nab ficaram respeitosamente afastados em um canto da magnífica sala.

Nesse momento, o capitão Nemo retirou sua mão e fez sinal ao engenheiro e ao repórter para se sentar.

Todos olhavam para ele com verdadeira emoção. Então lá estava ele, aquele a quem chamavam “gênio da ilha”, o poderoso ser cuja intervenção em tantas circunstâncias tinha sido tão eficaz, o benfeitor a quem eles deviam tanta gratidão! Onde Pencroff e Nab pensavam que encontrariam praticamente um deus, havia apenas um homem, e ele estava prestes a morrer!

Mas como é que Cyrus Smith conhecia o capitão Nemo? Por que ele se levantou tão repentinamente ao ouvir seu nome?

– Sabe o nome que carreguei comigo, senhor? – perguntou.

– Eu sei – respondeu Cyrus Smith –, como sei também o nome deste admirável aparato submarino...

– O *Nautilus?* – disse o capitão com um sorriso discreto.

– O *Nautilus*.

– Mas o senhor sabe... quem eu sou?

– Sei.

– Passaram-se trinta anos desde que tive a última comunicação com o mundo habitado, trinta anos que vivo nas profundezas do mar, onde encontrei a independência! Quem poderia ter traído o meu segredo?

– Um homem que nunca se comprometeu com o senhor, capitão Nemo, e que, portanto, não pode ser acusado de traição.

– Aquele francês que o acaso me atirou a bordo há dezesseis anos?

– Ele mesmo.

– Então eles não pereceram no Maelstrom, para onde o *Nautilus* foi levado?

– Não. E apareceu, sob o título de *Vinte mil léguas submarinas*, uma obra que contém a sua história.

– A minha história de apenas alguns meses, senhor!

– É verdade, mas alguns meses dessa estranha vida foram suficientes para conhecê-lo...

– Como um grande culpado, sem dúvida? – o capitão Nemo respondeu, deixando entrever um sorriso arrogante em seus lábios. – Sim, um rebelde, talvez banido da humanidade!

O engenheiro não respondeu.

– Então, meu senhor?

– Eu não tenho nenhuma razão para julgar o capitão, pelo menos no que diz respeito à sua vida passada. Eu ignoro os motivos desta estranha existência e não posso julgar o efeito sem saber das causas. O que eu sei é que uma benfazeja mão tem se estendido sobre nós desde a nossa chegada à ilha Lincoln, e que todos nós devemos nossa vida a um ser bom, generoso e poderoso e que esse ser é o senhor, capitão Nemo!

– Sou eu.

O engenheiro e o repórter se levantaram. Seus companheiros se aproximaram, e a gratidão que transbordava do coração deles ia ser

expressa em gestos, em palavras, mas o capitão Nemo os impediu com um sinal e com uma voz mais comovida do que ele gostaria:

– Só depois de me ouvirem.[10]

E o capitão contou toda sua vida em frases claras e apressadas.

A história foi breve e ainda assim ele teve que concentrar sua energia restante para contá-la até o fim. Era óbvio que ele estava lutando contra uma intensa fraqueza. Por diversas vezes, Cyrus Smith pediu-lhe que descansasse um pouco, mas ele abanava a cabeça como um homem a quem o dia seguinte já não pertence, e quando o repórter lhe ofereceu cuidados:

– Eles são inúteis, minhas horas estão contadas.

O capitão Nemo era um indiano, o príncipe Dakkar, filho de um rajá do território então independente de Bundelkhand e sobrinho do herói da Índia, Tipu Sahib. Aos dez anos de idade, seu pai o enviou para a Europa, para receber uma educação completa, e com a intenção secreta de que um dia ele pudesse lutar, com armas iguais, com aqueles que considerava serem os opressores de seu país.

Até os trinta anos de idade, o príncipe Dakkar foi educado sobre todas as coisas, e nas ciências, nas letras, nas artes, avançou muito.

O príncipe viajou por toda a Europa, mas as seduções do mundo nunca o atraíram. Jovem e bonito, ele permaneceu sério, sombrio, devorado pela sede de aprender, tendo um ressentimento implacável no coração.

Ele odiava. Odiava o único país em que nunca quis pisar, a única nação onde se recusava a ir: a Inglaterra, tanto mais que em mais de um ponto a admirava.

Esse indiano carregava consigo todo o ódio do vencido contra o vencedor. O invasor não conseguiu encontrar graça no invadido. Filho de um soberano cuja servidão o Reino Unido só poderia assegurar nominalmente, esse príncipe, da família de Tipu Sahib, criado com ideias de reivindicação e vingança, tendo o inelutável amor por seu poético país preso em correntes inglesas, nunca quis pôr os pés na terra por ele amaldiçoada e à qual a Índia devia sua escravização.

Dakkar tornou-se um artista a quem as maravilhas da arte impressionaram nobremente, um estudioso a quem nada das ciências superiores era estranho, um estadista formado pelas cortes europeias. Aos olhos daqueles que o observavam de forma incompleta, ele passava por um desses cosmopolitas curiosos por aprender, mas

desdenhosos ao agir.

Ele não era nada disso. Esse artista e estudioso tinha permanecido indiano de coração, pelo desejo de vingança e pela esperança que alimentava de um dia poder reivindicar os direitos de seu país, expulsar o estrangeiro e ter de volta sua independência.

O príncipe Dakkar regressou a Bundelkhand em 1849 e se casou com uma nobre indiana cujo coração sangrava como o dele pelos infortúnios de sua pátria. Ele teve dois filhos que amava muito. Mas a felicidade doméstica não podia fazê-lo esquecer a escravidão da Índia, e uma oportunidade se apresentou.

O jugo inglês talvez tivesse pesado muito sobre as populações hindus. O príncipe Dakkar pediu emprestada a voz dos descontentes e incutiu neles todo seu ódio pelo estrangeiro.

Em 1857, a grande revolta dos sipaios eclodiu e o príncipe Dakkar era sua alma. Ele organizou a grande rebelião e colocou talentos e riquezas a serviço da causa. Foi para a linha de frente, arriscou a vida como o mais humilde dos heróis ressuscitado para libertar o seu país, foi ferido em combates e não encontrou a morte quando os últimos soldados da independência caíram sob balas inglesas.

O nome do príncipe Dakkar se tornou ilustre. Sua cabeça foi colocada a prêmio, e se ele não encontrou um traidor para entregá-la, seus pais, sua esposa e seus filhos pagaram por ele antes que pudesse saber dos perigos que eles estavam correndo por sua causa.

O direito, mais uma vez, tinha perdido para a força. Os sipaios foram derrotados, e a terra dos antigos rajás voltou ao domínio ainda mais vigilante da Inglaterra.

O príncipe Dakkar regressou às montanhas Bundelkhand. Ali, sozinho a partir de então, tomado por um imenso desgosto contra tudo o que era humano, tendo ódio e horror do mundo civilizado, querendo fugir para sempre, ele se deu conta da tragédia de sua fortuna, reuniu cerca de vinte de seus companheiros mais fiéis, e, um dia, todos desapareceram.

Aonde foi então o príncipe Dakkar para procurar a independência que a terra habitada lhe negou? Para debaixo d’água, nas profundezas dos mares, onde ninguém poderia segui-lo.

O guerreiro foi substituído pelo cientista. Ele usou uma ilha deserta do Pacífico para montar seus estaleiros, e lá um barco submarino foi construído segundo suas projeções. A eletricidade, cuja imensurável

força mecânica ele tinha conseguido usar, por meios que serão conhecidos um dia, e que ele extraía de fontes inesgotáveis, foi usada para todas as necessidades de seu aparato flutuante. O mar, com seus infinitos tesouros, suas miríades de peixes, suas colheitas de algas e sargaços, seus enormes mamíferos, e não apenas tudo o que a natureza produzia, mas também tudo o que os homens tinham perdido nela, eram suficientes para as necessidades do príncipe e de sua tripulação – e essa foi a realização de um de seus maiores desejos, pois ele não queria ter mais qualquer comunicação com a terra. Ele chamou seu submarino de *Nautilus*, e a si mesmo de capitão Nemo, e desapareceu sob os mares.

Durante um longo tempo, ele não teve nenhuma comunicação com seus companheiros quando, na noite de 6 de novembro de 1866, três homens foram lançados a bordo de sua embarcação. Eram um professor de francês, seu criado e um pescador canadense. Esses três homens tinham sido atirados no mar em um confronto que ocorreu entre o *Nautilus* e a fragata *Abraham Lincoln*, dos Estados Unidos, que o estava caçando.

O capitão Nemo soube pelo professor que o *Nautilus*, ora confundido com um mamífero gigante da família dos cetáceos, ora com um objeto submarino que continha uma tripulação de piratas, estava sendo perseguido por todos os mares.

O capitão podia ter devolvido ao oceano aqueles três homens, mas não o fez e os manteve presos por sete meses, quando eles puderam contemplar todas as maravilhas de uma viagem que seguiu por vinte mil léguas sob os mares.

Em 22 de junho de 1867, esses três homens conseguiram escapar, tendo tomado uma das canoas do *Nautilus*. Mas como naquele momento o *Nautilus* foi arrastado para a costa da Noruega, nos turbilhões do Maelstrom, o capitão acreditava que os fugitivos tinham encontrado a morte no fundo do abismo. Ele ignorava que o francês e seus dois companheiros tinham sido miraculosamente rejeitados para a costa, que os pescadores das ilhas Lofoten os haviam acolhido, e que o professor, em seu retorno à França, tinha publicado a obra na qual os sete meses dessa estranha e aventureira navegação do *Nautilus* foram contados e entregues à curiosidade pública.

Durante muito tempo ainda, o capitão Nemo continuou a viver assim, navegando pelos mares. Mas, pouco a pouco, seus

companheiros morreram e foram descansar em seu cemitério de corais no fundo do Pacífico.

O capitão Nemo tinha então sessenta anos. Quando ficou sozinho, conseguiu levar o *Nautilus* de volta para um dos portos submarinos. Um desses portos foi escavado sob a ilha Lincoln e era ela quem abrigava o *Nautilus* neste momento.

Durante seis anos o capitão esteve lá, esperando pela morte, quando o acaso o fez testemunhar a queda do balão que carregava os prisioneiros dos sulistas. Vestindo seu escafandro, ele passeava sob a água, a poucos metros da costa da ilha, quando o engenheiro foi jogado no mar. Um impulso generoso fez o capitão agir... e ele salvou Cyrus Smith.

Em um primeiro momento, ele quis fugir dos cinco náufragos, mas seu porto de refúgio estava fechado, e, como resultado da elevação do basalto que tinha ocorrido sob influência das ações vulcânicas, ele não podia mais atravessar a entrada da cripta. Onde havia ainda água suficiente para um barco leve passar, não havia o suficiente para o *Nautilus*, que tinha um calado relativamente grande.

O capitão Nemo permaneceu então observando esses homens atirados sem recursos em uma ilha deserta. Pouco a pouco, quando viu que eram honestos, enérgicos, ligados uns aos outros por uma amizade fraterna, interessou-se por seus esforços. Por meio do escafandro, foi fácil chegar ao fundo do poço interno da Granite House, e, subindo pelas saliências das rochas até o orifício superior, ele ouvia os colonos falar do passado e estudar o presente e o futuro. Ele descobriu com eles sobre o imenso esforço da América contra a própria América para abolir a escravidão. Sim! Aqueles eram homens dignos de reconciliar o capitão Nemo com a humanidade!

O capitão Nemo salvou Cyrus Smith, levou o cão até as Chaminés, jogou Top acima das águas do lago, encalhou na ponta dos Destroços a caixa contendo objetos úteis para os colonos, enviou a canoa de volta para a corrente da Misericórdia, jogou a corda do alto da Granite House durante o ataque dos macacos, tornou conhecida a presença de Ayrton na ilha Tabor por meio do bilhete na garrafa, fez explodir o brigue com um torpedo colocado no fundo do canal, salvou Harbert da morte entregando o sulfato de quinina e atingiu os condenados com as balas elétricas cujo segredo ele detinha. Assim, tantos incidentes que pareciam sobrenaturais, foram explicados, atestando a generosidade e

o poder do capitão.

Mas o grande misantropo tinha sede de bondade. Ele ainda tinha conselhos úteis para dar a seus protegidos e, sentindo pelas batidas do coração que a morte se aproximava, convocou os colonos da Granite House por meio de um fio que ligava o curral ao *Nautilus*, que estava equipado com um aparelho alfabético. Talvez não o tivesse feito se soubesse que Cyrus Smith sabia o suficiente de sua história para saudá-lo pelo nome de Nemo.

O capitão tinha terminado o relato da sua vida e Cyrus Smith tomou a palavra. Ele lembrou dos incidentes que tinham exercido uma influência salutar sobre a colônia, e, em nome de seus companheiros, e também em seu próprio, agradeceu o ser generoso a quem eles deviam tanto.

Mas o capitão Nemo não pensava em cobrar pelos serviços que tinha prestado. Um último pensamento agitava sua mente, e antes de apertar a mão que o engenheiro lhe estendia:

– Agora que conhece a minha vida, senhor, julgue-a.

Ao falar assim, o capitão estava evidentemente aludindo a um incidente grave do qual os três estranhos a bordo tinham sido testemunhas, e o professor francês certamente tinha contado em seu livro, que deve ter tido uma terrível repercussão.

Alguns dias antes da fuga do professor e dos seus dois companheiros, o *Nautilus*, perseguido por uma fragata no norte do Atlântico, correu como um carneiro sobre ela e a afundou impiedosamente. Cyrus Smith compreendeu a alusão e permaneceu sem resposta.

– Era uma fragata inglesa, senhor – exclamou o capitão Nemo, que por um momento se tornou o príncipe Dakkar –, uma fragata inglesa, o senhor entende! Ela estava me atacando! Eu estava confinado em uma baía estreita e rasa! Eu precisava passar e... passei!

Então, com uma voz mais calma:

– Eu estava no direito de fazê-lo. Fiz todo o bem que pude e todo o mal que precisei fazer. Nem toda justiça está no perdão!

Alguns momentos de silêncio se seguiram a essa resposta, e o capitão Nemo pronunciou esta sentença novamente:

– O que pensam de mim, cavalheiros?

Cyrus Smith respondeu com uma voz grave:

– Capitão, o seu erro foi acreditar que era possível ressuscitar o

passado, e lutou contra o progresso necessário. Foi um desses erros que alguns admiram, outros culpam, mas dos quais só Deus é juiz e que a razão humana deve absolver. Aquele que está errado em uma intenção que acredita ser boa pode ser combatido, mas não deixa de ser estimado. Seu erro é daqueles que não excluem a admiração, e seu nome não tem nada a temer dos julgamentos da história. Ela ama as loucuras heroicas, ao mesmo tempo que condena os resultados que elas trazem.

O peito do capitão Nemo se ergueu e sua mão se estendeu para o céu.

– Eu estava errado, ou certo? – ele murmurou.

Cyrus Smith continuou:

– Todas as grandes ações voltam para Deus, e elas vêm dele! Capitão Nemo, as pessoas honestas que estão aqui, as que o senhor socorreu, vão lamentar sua perda para sempre!

Harbert se aproximou do capitão, se ajoelhou, pegou a sua mão e a beijou.

Uma lágrima escorreu dos olhos do moribundo.

– Meu filho – disse ele –, seja abençoado!

---

10 A história do capitão Nemo foi, de fato, publicada sob o título de *Vinte mil léguas submarinas*. (N.T.)

Capítulo 17

O dia tinha amanhecido. Nenhum raio de luz penetrava na cripta profunda, mas a luz artificial que escapava em longos feixes através das paredes do *Nautilus* não tinha enfraquecido, e a água ainda brilhava em torno do aparelho flutuante.

O capitão Nemo, caído na poltrona, sofria de uma intensa fadiga. Não era possível cogitar transportá-lo para a Granite House, pois ele manifestava sua vontade de permanecer no meio daquelas maravilhas do *Nautilus* e esperar lá por uma morte que não tardaria. Toda sua vida estava concentrada no coração e na cabeça.

O engenheiro e o repórter tinham-se consultado em voz baixa. Havia algum cuidado a dar ao moribundo? Podemos, se não salvá-lo, prolongar sua vida por alguns dias? Ele mesmo havia dito que não havia cura e que esperava calmamente pela morte que ele não temia.

– Não podemos fazer nada – disse Gédéon Spilett.

– Mas de que é que ele está morrendo? – perguntou Pencroff.

– Ele está se apagando – respondeu o repórter.

– Mas se o levássemos ao ar livre, será que ele não se reanimaria?

– Não, Pencroff – respondeu o engenheiro –, não há nada a fazer! Além disso, o capitão Nemo não concordaria em deixar sua embarcação. Ele vive no *Nautilus* há 30 anos e é no *Nautilus* que ele quer morrer.

Sem dúvida, o capitão Nemo ouviu a resposta de Cyrus Smith, pois

ele disse com uma voz fraca, mas ainda inteligível:

– Tem razão, senhor. Eu devo e quero morrer aqui. Mas tenho um pedido a fazer.

Podia-se ver o olhar do moribundo percorrer todas as maravilhas daquela sala de estar. Ele olhou, uma a uma as pinturas penduradas na esplêndida tapeçaria das paredes, as obras-primas de mestres italianos, flamencos, franceses e espanhóis, as reduções de mármore e de bronze expostas em seus pedestais, o magnífico órgão encostado à divisória do fundo, depois para as vitrines organizadas em torno de uma pia central, em que prosperavam os mais admiráveis produtos do mar, e, finalmente, seus olhos pararam neste lema inscrito na frente do museu, o lema do *Nautilus*:

Mobilis in mobile.

Cyrus Smith respeitou o silêncio do capitão Nemo e esperou que ele voltasse a falar.

Após alguns minutos, durante os quais viu toda sua vida passar diante de seus olhos, o capitão Nemo se voltou para os colonos e disse:

– Vocês acham, cavalheiros, que me devem alguma gratidão?

– Capitão, daríamos nossa vida para prolongar a sua!

– Bem! Prometam que farão minhas últimas vontades e eu serei pago por tudo o que fiz por vocês.

– Nós prometemos – respondeu Cyrus Smith.

E com essa promessa ele comprometia a si mesmo e a todos os seus companheiros.

– Senhores, amanhã estarei morto. Ele fez um sinal a Harbert, que fez menção de protestar. – Amanhã estarei morto, e não desejo outro túmulo senão o *Nautilus*. É o meu caixão! Todos os meus amigos descansam no fundo do mar, eu também quero descansar nele.

“Ouçam-me atentamente, cavalheiros. O *Nautilus* está preso nesta caverna cuja entrada foi escavada. Mas se ele não pode sair da prisão, pode ao menos afundar no abismo que ela cobre e guardar meus restos mortais.

“Amanhã, depois da minha morte, senhor Smith, o senhor e seus companheiros vão deixar o *Nautilus*, pois todas as riquezas que estão nele devem desaparecer junto comigo. Apenas uma memória do príncipe Dakkar, cuja história conhecem agora, lhes restará. Aquele

cofre ali... que contém vários milhões de diamantes, a maioria memórias da época em que fui pai e marido, eu quase acreditei na felicidade, e uma coleção de pérolas coletadas por meus amigos e por mim no fundo do mar. Com esse tesouro, vocês poderão fazer coisas boas algum dia. Nas mãos de pessoas como os senhores, o dinheiro não será um perigo. E de lá de cima eu estarei ligado às suas obras e não temerei por elas!

"Amanhã, vocês pegarão este cofre, deixarão esta sala, cuja porta deve ser fechada; então, deverão subir até o convés do *Nautilus* e fechar o capô com seus parafusos."

– Nós o faremos, capitão – respondeu Cyrus Smith.

– Depois embarcarão na canoa que os trouxe até aqui. Mas, antes de abandonar o *Nautilus*, vão até o fundo e abram duas grandes torneiras que estão na linha de flutuação. A água entrará nos reservatórios e o *Nautilus* afundará pouco a pouco sob as águas, para descansar no fundo do abismo.

Nem Cyrus Smith nem seus companheiros pensaram ser necessário fazer qualquer observação ao capitão Nemo. Eram suas últimas vontades que ele lhes transmitia, e eles só tinham que cumpri-las.

– Tenho a sua promessa, cavalheiros? – insistiu o capitão Nemo.

– O senhor a tem, capitão – respondeu o engenheiro.

O capitão fez um sinal de agradecimento e pediu aos colonos que o deixassem em paz por algumas horas. Gédéon Spilett insistiu em ficar perto dele, no caso de uma crise acontecer, mas o moribundo recusou, dizendo:

– Viverei até amanhã, meu senhor!

Os colonos subiram à plataforma, que estava a uns dois metros e meio acima da água.

Cyrus Smith e seus companheiros permaneceram em silêncio no início, muito impressionados com o que tinham acabado de ver e ouvir, e o coração deles estava apertado ao pensar que aquele cujo braço os tinha ajudado tantas vezes, o protetor que eles conheceram por apenas algumas horas, estava na véspera da morte!

– Eis um verdadeiro homem! – disse Pencroff. – Não é inacreditável que ele tenha vivido no fundo do oceano?! E quando penso que talvez ele não tenha encontrado mais tranquilidade ali do que em qualquer outro lugar!

– O *Nautilus* talvez pudesse nos servir para deixar a ilha Lincoln e

chegar em alguma terra habitada – observou Ayrton.

– Com mil diabos! – protestou Pencroff. – Eu é que não me atrevo a conduzir um barco assim. Correr sobre os mares, ótimo! Mas sob os mares, não!

– Meus amigos – disse o engenheiro –, é inútil, pelo menos em relação ao *Nautilus*, discutir essa questão. O *Nautilus* não é nosso e não temos o direito de usá-lo. Além do fato de que ele não pode mais sair da caverna, cuja entrada está fechada por uma elevação das rochas basálticas, o capitão Nemo quer que ele afunde consigo depois de sua morte. A sua vontade é legítima e vamos cumpri-la.

Depois de uma conversa que continuou por algum tempo, eles voltaram para o interior do *Nautilus*.

O capitão Nemo tinha saído daquela prostração que o afligia e seus olhos tinham recuperado o brilho. Dava para ver um sorriso desenhado em seus lábios. Os colonos se aproximaram dele.

– Cavalheiros, vocês são homens corajosos, honestos e bons. Todos vocês se dedicaram sem reservas à obra comum. Eu os observei muitas vezes. Eu os amei, eu os amo! A sua mão, senhor Smith!

Cyrus Smith estendeu a mão ao capitão, que a apertou afetuosamente.

– Isto é bom! – ele confessou. Em seguida, retomou: – Mas chega de falar de mim! Quero falar sobre vocês e sobre a ilha Lincoln, onde se refugiaram. Vocês pretendem abandoná-la?

– Para depois regressar, capitão! – respondeu Pencroff.

– Regressar? De fato, Pencroff – disse o capitão com um sorriso –, sei o quanto ama esta ilha. Ela foi modificada pelos cuidados de vocês, então ela realmente lhes pertence!

– Nosso plano, capitão – disse Cyrus Smith –, seria entregá-la aos Estados Unidos e fundar para nossa marinha um local de repouso situado nesta parte do Pacífico.

– Estão pensando no seu país, cavalheiros. Trabalham para sua prosperidade e glória. Os senhores têm razão. É à pátria que devemos regressar! É nela que devemos morrer! E eu vou morrer longe de tudo o que amei!

– O senhor teria um último pedido a fazer? Alguma lembrança para entregar aos amigos que possa ter deixado nas montanhas da Índia?

– Não, senhor Smith. Não tenho mais amigos! Sou o último da minha espécie... Mas voltemos aos senhores. A solidão, o isolamento

são coisas tristes, acima das forças humanas... Vou morrer por pensar que era possível viver sozinho... Vocês precisam fazer tudo o que puderem para sair da ilha Lincoln e rever a terra onde nasceram. Sei que aqueles miseráveis destruíram o barco que vocês fizeram...

– Estamos construindo um navio grande o suficiente para nos levar para as terras mais próximas – disse Gédéon Spilett – ; mas se conseguirmos deixá-la mais cedo ou mais tarde, retornaremos à ilha Lincoln. Demasiadas memórias nos ligam a ela para que possamos esquecê-la!

– Foi aqui que conhecemos o capitão Nemo – disse Cyrus Smith.

– Só aqui encontraremos sua lembrança completa! – acrescentou Harbert.

– E é aqui que descansarei o sono eterno, se... – respondeu o capitão. Ele hesitou, e em vez de terminar sua frase, ele simplesmente disse: – Senhor Smith, eu gostaria de falar com o senhor... Em particular!

Os companheiros do engenheiro, respeitando o desejo do moribundo, retiraram-se.

Cyrus Smith permaneceu apenas alguns minutos trancado com o capitão Nemo, e logo chamou seus amigos, mas não lhes disse nada sobre as coisas secretas que o capitão lhe confiou.

O dia acabou sem qualquer mudança. Os colonos não deixaram o *Nautilus* em nenhum momento.

O capitão Nemo não sofria, mas estava se apagando. Sua nobre figura, pálida pela aproximação da morte, estava calma. Uma ou duas vezes ele falou com os colonos ao seu lado e sorriu para eles com aquele último sorriso que permanece mesmo depois da morte.

Então, pouco depois da meia-noite, o capitão Nemo fez um movimento supremo e conseguiu cruzar os braços sobre o peito, como se quisesse morrer nessa posição.

À uma da manhã, toda a vida se refugiara no seu olhar. Um último fogo brilhou sob as pupilas de onde tantas chamas haviam jorrado no passado. Em seguida, murmurando estas palavras: “Deus e pátria!”, ele expirou suavemente.

Cyrus Smith se curvou e fechou os olhos do antigo príncipe Dakkar, que já não era mais sequer o capitão Nemo.

Harbert e Pencroff choraram. Ayrton limpou uma lágrima furtiva. Nab se ajoelhou ao lado do repórter, transformado em estátua.

Cyrus Smith, levantando a mão acima da cabeça do morto, disse:

– Que Deus tenha piedade da sua alma! – E voltando-se para seus amigos, acrescentou: – Oremos por aquele que acabamos de perder!

Algumas horas depois, os colonos cumpriram a promessa feita ao capitão e realizaram seu último desejo.

Eles deixaram o *Nautilus* depois de terem levado a única memória que seu benfeitor havia legado a eles, a caixa que continha uma centena de fortunas.

A maravilhosa sala de estar, sempre inundada de luz, tinha sido fechada cuidadosamente. A porta de metal do capô foi então parafusada de modo que nenhuma gota de água entrasse nos quartos do *Nautilus*.

Em seguida, os colonos foram para a canoa ancorada ao lado do barco submarino.

A canoa foi levada para a parte de trás. Lá, na linha de água, havia duas grandes válvulas em comunicação com os tanques usados para determinar a imersão do aparelho.

As torneiras foram abertas, os reservatórios se encheram e o *Nautilus*, afundando pouco a pouco, desapareceu sob a camada líquida.

Mas os colonos ainda puderam segui-lo através das camadas profundas. Sua luz potente iluminava as águas transparentes, enquanto a cripta se tornou obscura. Então o vasto derramamento de emanações elétricas finalmente desapareceu, e logo o *Nautilus*, que tinha se transformado no caixão do capitão Nemo, descansou no fundo do mar.

Capítulo 18

Ao amanhecer, os colonos haviam silenciosamente retornado para a entrada da caverna, à qual deram o nome de “cripta Dakkar”, em memória do capitão Nemo.

A tempestade tinha parado à noite. Os últimos raios desapareciam a oeste. Não chovia mais, mas o céu ainda estava cheio de nuvens.

Cyrus Smith e seus companheiros seguiram pela estrada do curral. No caminho, Nab e Harbert tiveram o cuidado de soltar o fio que tinha sido esticado pelo capitão entre o curral e a cripta e que poderia ser usado mais tarde.

Os colonos conversavam um pouco enquanto caminhavam. Os vários incidentes daquela noite de 15 a 16 de outubro os impressionaram enormemente. Aquele desconhecido, cuja influência os protegeu tão eficazmente, o homem que a imaginação deles tinha transformado em um gênio, o capitão Nemo, já não existia mais. Ele e o seu *Nautilus* foram enterrados nas profundezas de um abismo. Todos sentiam que estavam mais isolados do que antes. Eles estavam, por assim dizer, acostumados a confiar nessa poderosa intervenção que agora lhes faltava, e Gédéon Spilett e Cyrus Smith não escaparam dessa sensação.

Por volta das nove da manhã, os colonos chegaram à Granite House.

Foi acordado que a construção do navio seria acelerada, e Cyrus

Smith dedicou ainda mais seu tempo e seus cuidados ao projeto. Ninguém sabia o que o futuro reservava. Se quando o navio ficasse pronto, os colonos ainda não tivessem decidido deixar a ilha Lincoln para chegar a um arquipélago polinésio do Pacífico ou às costas da Nova Zelândia, pelo menos eles conseguiriam chegar o mais rápido possível na ilha Tabor para deixar o bilhete sobre a localização de Ayrton. Era uma precaução indispensável a tomar caso o iate escocês reaparecesse por aqueles mares e nada podia ser negligenciado a esse respeito.

A nova embarcação precisava ficar pronta em cinco meses, ou seja, no início de março, se quisessem visitar a ilha Tabor antes que os ventos equinócios tornassem a travessia impraticável.

O final do ano de 1868 chegou em meio a esse importante trabalho, quase excluindo todos os outros. No entanto, as reservas da Granite House precisavam ser mantidas para o inverno seguinte e o bravo marujo não ficava feliz quando os trabalhadores desapareciam da oficina. Nessas ocasiões, resmungando, ele fazia – por raiva – o trabalho de seis homens.

Toda a temporada de verão foi ruim. Durante alguns dias, o calor foi esmagador e a atmosfera, saturada de eletricidade, foi descarregada por tempestades violentas que perturbaram profundamente as camadas de ar. Era raro não ouvir trovões a distância. Era como um murmúrio surdo, mas permanente, como ocorre nas regiões equatoriais do globo.

Em 1.º de janeiro de 1869, houve uma tempestade violenta, e diversos relâmpagos caíram sobre a ilha. Será que esse temporal tinha alguma relação com os fenômenos que ocorriam nas entranhas da Terra? Existia alguma conexão entre os problemas do ar e os problemas das partes interiores do globo? Cyrus Smith foi levado a acreditar que sim, pois o desenvolvimento dessas tempestades marcou um aumento dos sintomas vulcânicos.

Foi em 3 de janeiro que Harbert, tendo ascendido de madrugada ao planalto da Grande-Vista para selar um dos onagros, viu um enorme penacho se formar no topo do vulcão. Ele imediatamente preveniu os colonos, que logo foram observar o cume do monte Franklin.

– Ora! – exclamou Pencroff. – Desta vez não são vapores! Parece que o gigante já não se contenta mais em só respirar e começou a fumar!

Essa imagem usada pelo marujo traduzia perfeitamente a modificação que tinha ocorrido na boca do vulcão. Já fazia três meses que a cratera emitia vapores mais ou menos intensos, provenientes de uma ebulição interna das matérias minerais. Dessa vez os vapores tinham sido sucedidos por uma fumaça espessa, subindo na forma de uma coluna acinzentada com quase cem metros de largura na base e que florescia como um imenso cogumelo em uma altura de mais de duzentos metros acima do topo da montanha.

– O fogo está na Chaminé – disse Gédéon Spilett.

– E não vamos conseguir apagá-lo! – respondeu Harbert.

– Os vulcões também deveriam ser limpos – comentou Nab, que parecia falar muito seriamente.

– Bem, Nab – fez Pencroff. – Por acaso você se encarregaria de fazer essa limpeza? – E soltou uma gargalhada.

Cyrus Smith observava com atenção a fumaça grossa projetada pelo monte Franklin e tinha também os ouvidos atentos, como se quisesse captar algum murmúrio distante. Então, aproximando-se de seus companheiros, de quem tinha se distanciado um pouco:

– De fato, meus amigos, uma mudança importante ocorreu, e não devemos ignorar isso. As matérias vulcânicas não estão apenas em estado de ebulição, eles pegaram fogo, e com certeza seremos ameaçados por uma erupção em breve!

– Bem, senhor Cyrus, veremos a erupção e se ela for bem-sucedida, vamos aplaudi-la! Não creio que isso seja motivo de preocupação! – exclamou Pencroff.

– Não, Pencroff – respondeu Cyrus Smith –, pois a antiga estrada da lava ainda está aberta, e, graças à sua disposição, a cratera até então as derramou para o norte. E ainda assim...

– E ainda assim, uma vez que não há nenhum benefício a ser ganho com uma erupção, seria melhor se não acontecesse – disse o repórter.

– Quem sabe? – respondeu o marujo. – Pode haver algum material útil e valioso que esse vulcão vomitará alegremente, e nós faremos bom uso dele!

Cyrus Smith sacudiu a cabeça como um homem que não esperava nada de bom do fenômeno cujo desenvolvimento era tão repentino. Se as lavas, por causa da orientação da cratera, não ameaçavam diretamente as partes arborizadas e cultivadas da ilha, outras complicações poderiam surgir. Não é incomum que as erupções sejam

acompanhadas por terremotos, e uma ilha da natureza da ilha Lincoln, composta de materiais tão diversos, basalto de um lado, granito do outro, lava ao norte, solo macio ao sul, e que, consequentemente, não podiam se ligar solidamente, corriam o risco de se desintegrar.

– Parece – disse Ayrton, que tinha se deitado e colado o ouvido no chão – o som de rolamentos surdos, como uma espécie de carruagem carregada de barras de ferro.

Os colonos ouviram com atenção e puderam ver que Ayrton não estava enganado. Os rolamentos às vezes se misturavam com rugidos subterrâneos que formavam uma espécie de *rinforzando* e diminuíam pouco a pouco, como se uma brisa violenta tivesse passado pelas profundezas do globo.

– Ora! – disse Pencroff. – Então não vamos voltar ao trabalho? Que o monte Franklin fume, grite, gema, vomite fogo e chamas à vontade, isso não é razão para não fazermos nada! Vamos, hoje é necessário que todos ponham a mão na massa! Quero nosso novo *Bonadventure* pronto em menos de dois meses flutuando nas águas do porto Balão!

Todos trabalharam assiduamente durante o dia 3 de janeiro, sem se preocupar com o vulcão, que, aliás, não podia ser visto da praia da Granite House. Mas uma ou duas vezes, grandes sombras, velando o sol, indicaram que uma nuvem de fumaça espessa passava entre seu disco e a ilha. Cyrus Smith e Gédéon Spilett notaram essas sombras passageiras e em várias ocasiões falaram do progresso que o fenômeno vulcânico claramente realizava, mas o trabalho não foi interrompido. Além disso, era de grande interesse, de todos os pontos de vista, que o navio fosse concluído o mais depressa possível. Quem sabe se ele não seria seu único refúgio?

À noite, após o jantar, Cyrus Smith, Gédéon Spilett e Harbert subiram até o planalto da Grande-Vista.

– A cratera está em chamas! – exclamou Harbert, que, mais veloz do que seus companheiros, tinha chegado primeiro ao planalto.

O monte Franklin, a cerca de seis milhas de distância, parecia uma tocha gigantesca no topo da qual estavam algumas chamas fuliginosas. Tanta fumaça, escórias e cinzas estavam misturadas que seu brilho, ofuscado, já não penetrava na escuridão da noite.

– O progresso está rápido! – observou o engenheiro.

– Isso não é surpreendente – respondeu o repórter. – O despertar do vulcão já dura algum tempo. Você lembra, Cyrus, que os primeiros

vapores apareceram na época em que vasculhamos os sopés da montanha para descobrir o esconderijo do capitão Nemo? Se não me engano, foi por volta de 15 de outubro. Os incêndios subterrâneos estão, portanto, fumegando há dez semanas e não é surpreendente que estejam agora se desenvolvendo com essa violência!

– Vocês estão sentindo vibrações no chão? – perguntou Cyrus Smith.

– De fato – respondeu Gédéon Spilett –, mas daí a isso ser considerado um terremoto...

– Não estou dizendo que estamos ameaçados por um terremoto – respondeu Cyrus Smith –, e que Deus nos livre disso! Essas vibrações são efeito da efervescência do fogo central. A crosta da terra é como a parede de uma caldeira, e vocês sabem que a parede de uma caldeira, sob a pressão do gás, vibra como uma placa sonora. É esse efeito que ocorre neste momento.

– Os magníficos feixes de fogo! – exclamou Harbert.

Naquele momento, jorrava da cratera uma espécie de feixe de fogos de artifício cujos vapores não tinham diminuído o brilho.

Depois de uma hora, Cyrus Smith, o repórter e o garoto voltaram para a Granite House. O engenheiro ficou pensativo, até preocupado, a ponto de Gédéon Spilett pensar em lhe perguntar se ele sentia algum perigo iminente, cuja erupção seria a causa direta ou indireta.

– Sim e não – respondeu Cyrus Smith.

– No entanto – continuou o repórter –, o maior infortúnio que poderia acontecer conosco não seria um terremoto que perturbasse a ilha? Não creio que seja preciso temer isso, uma vez que os vapores e as lavas encontram uma passagem livre para se espalhar.

– Eu não temo um terremoto no sentido usual que se dá às convulsões do solo causadas pela expansão dos vapores subterrâneos, mas outras causas podem causar grandes desastres.

– Quais, meu caro Cyrus?

– Não tenho certeza... preciso ver... visitar a montanha... Dentro de alguns dias, terei certeza disso.

Três dias se passaram: 4, 5 e 6 de janeiro. Os trabalhos na construção do barco continuaram. O monte Franklin foi então coberto por uma nuvem escura de aparência sinistra e junto com as chamas ele cuspia rochas incandescentes, algumas das quais caíam de volta na cratera. Isso fez Pencroff, que só queria considerar o fenômeno pelo

lado divertido, dizer:

– Vejam! O gigante jogando bilboquê! O gigante malabarista!

E de fato, o vômito caía de volta no abismo e não parecia que as lavas, infladas pela pressão interna, conseguissem subir até o orifício da cratera. Pelo menos o gotejamento do nordeste não derramava nenhuma torrente sobre a encosta norte da montanha.

No entanto, por mais acelerada que a construção estivesse, outros cuidados exigiam a presença dos colonos em outras partes da ilha. Foi então acordado que Ayrton iria cuidar do curral no dia seguinte, 7 de janeiro, e como ele poderia fazer este trabalho sozinho, Pencroff e os outros ficaram surpresos quando ouviram o engenheiro dizer a Ayrton:

– Já que o senhor vai ao curral amanhã, eu o acompanho.

– Ah, senhor Cyrus! Nossos dias de trabalho estão contados! – protestou o marujo. – Se o senhor sair, serão quatro braços a menos!

– Estaremos de volta no dia seguinte – respondeu Cyrus Smith, – mas eu preciso ir ao curral... Quero saber onde está a erupção.

– A erupção! A erupção! – respondeu Pencroff com um ar não muito satisfeito. – É algo importante a tal erupção, mas isso não me preocupa!

Apesar do protesto do marujo, a exploração planejada pelo engenheiro foi mantida para o dia seguinte.

Ao nascer do dia, Cyrus Smith e Ayrton subiram na carroça atrelada aos dois onagros e seguiram para o curral a toda velocidade.

Sobre a floresta passavam nuvens pesadas para as quais a cratera do monte Franklin fornecia incessantemente matérias fuliginosas. Essas nuvens, que rolavam pesadamente na atmosfera, eram obviamente compostas por substâncias heterogêneas. Escórias em forma de poeira, como pozolana pulverizada e cinzas tão finas como a mais fina fécula, mantinham-se suspensas no meio de suas grossas volutas.

Cyrus Smith e Ayrton tinham acabado de chegar ao curral quando uma espécie de neve negra, semelhante a pólvora, caiu e alterou instantaneamente a aparência do solo.

– Isso é curioso, senhor Smith – disse Ayrton.

– Isso é perigoso. Essa pozolana, essas pedras pulverizadas, demonstram quão profunda é a desordem nas camadas mais baixas do vulcão.

– Mas não há nada que possamos fazer?

– Nada, exceto acompanhar o progresso do fenômeno. Cuide das atividades do curral, Ayrton. Enquanto isso, vou além das fontes do córrego Vermelho para examinar a situação do monte na sua encosta norte. Depois...

– Depois... senhor Smith?

– Depois visitaremos a cripta Dakkar. Voltarei para encontrá-lo em duas horas.

Ayrton entrou no corredor do curral e, enquanto aguardava o retorno do engenheiro, cuidou dos carneiros e das cabras que pareciam sentir certo mal-estar diante dos primeiros sintomas da erupção.

Enquanto isso, Cyrus Smith aventurou-se no cume dos contrafortes do leste, contornou o córrego Vermelho e chegou ao local onde seus companheiros e ele haviam descoberto uma fonte sulfurosa durante a primeira exploração.

As coisas tinham mudado! Em vez de uma única coluna de fumaça, ele contou treze que escorriam pelo chão, como se tivessem sido violentamente empurradas por algum pistão. Era evidente que a crosta terrestre sofria uma tremenda pressão nesse ponto do mundo. Cyrus Smith sentiu o tremor dos tufos vulcânicos que semeavam a planície e que não eram nada além de cinzas pulverulentas que o tempo tinha transformado em blocos duros, mas ainda não viu nenhum vestígio de lava nova.

Ao norte do monte Franklin, redemoinhos de fumaça e chamas escapavam da cratera, um granizo de escórias caía no chão, mas nenhum derramamento de lava ocorria pela garganta da cratera, o que provava que o nível de matérias vulcânicas ainda não tinha atingido o orifício superior da Chaminé central.

"Eu preferia que isso estivesse acontecendo!", pensou Cyrus Smith. "Pelo menos eu teria certeza de que as lavas estavam seguindo pelo caminho habitual. Quem sabe se elas não vão escorrer por uma nova saída? Mas não é aí que está o perigo! O capitão Nemo pressentiu corretamente! Não, o perigo não está aí!"

Cyrus Smith avançou para o enorme aterro cujo prolongamento enquadrava o estreito Golfo do Tubarão. Ele pôde examinar suficientemente desse lado as antigas ranhuras das lavas. Não havia dúvida de que a última erupção era de um tempo muito distante.

Às nove da manhã, ele estava de volta ao curral. Ayrton à sua

espera.

– Os animais estão cuidados, senhor Smith.

– Muito bem, Ayrton.

– Eles parecem inquietos, senhor Smith.

– Sim, o instinto fala com eles, e o instinto não engana.

– Quando o senhor quiser...

– Pegue uma lanterna e um isqueiro, Ayrton, e vamos embora.

Ayrton fez o que lhe foi recomendado. Ambos caminhavam sobre um chão coberto de matéria pulverulenta que tinha caído da nuvem. Nenhum quadrúpede apareceu no bosque. Até mesmo os pássaros tinham fugido. Às vezes, uma brisa passava e levantava a camada de cinzas, e os dois colonos, presos em um turbilhão opaco, não conseguiam mais se ver. Eles tiveram o cuidado de proteger os olhos e a boca com um lenço, pois corriam o risco de ficarem cegos e sufocados. A cada cem passos, tinham de parar e recuperar o fôlego. Eram mais de dez horas quando alcançaram a crista do enorme monte de rochas basálticas que formavam a costa noroeste da ilha.

Ayrton e Cyrus Smith começaram a descer a costa íngreme. Em plena luz do dia, a descida era menos perigosa, e, além disso, a camada de cinzas que cobria as rochas polidas mantinha o pé mais firme em suas superfícies inclinadas.

Embora a maré estivesse baixa no momento, nenhuma praia estava visível, e as ondas, sujas de poeira vulcânica, vinham diretamente bater nos basaltos costeiros.

Cyrus Smith e Ayrton encontraram a abertura da cripta Dakkar sem dificuldade e pararam sob a última rocha, que formava o nível inferior do parapeito.

– Será que a canoa de ferro está aqui? – perguntou o engenheiro.

– Ali está ela, senhor Smith – respondeu Ayrton, puxando para si a pequena embarcação que estava abrigada sob a curvatura do arco.

– Vamos embarcar, Ayrton.

Uma ligeira ondulação os levou mais fundo sob o arco baixo da cripta, e lá Ayrton acendeu a lanterna. Então ele tomou os dois remos, e a lanterna foi colocada na proa da canoa, de modo a projetar seus raios para a frente, e Cyrus Smith assumiu o leme e seguiu na direção da escuridão da cripta.

O *Nautilus* já não estava mais lá para iluminar a caverna escura. Talvez a radiação elétrica, sempre alimentada por seu poderoso farol,

ainda se propagasse nas profundezas das águas, mas nenhuma faísca saía do abismo onde repousava o capitão Nemo.

A luz da lanterna permitia que o engenheiro avançasse seguindo a parede direita da cripta. Um silêncio sepulcral reinava sob a abóbada, pelo menos em sua porção anterior, pois logo Cyrus Smith ouviu distintamente o barulho das entranhas da montanha.

– É o vulcão – disse ele.

Logo, com esse barulho, as combinações químicas foram traídas por um cheiro forte, e vapores sulfurosos penetraram pela garganta do engenheiro e de seu companheiro.

– Era isso que o capitão Nemo temia! – murmurou Cyrus Smith, cuja figura empalideceu ligeiramente. – Temos de ir até ao fim.

– Vamos!

Vinte e cinco minutos depois de passar a abertura, a canoa chegou à parede terminal e parou. Cyrus Smith passeou a lanterna pelas várias partes da parede que separava a cripta da Chaminé central do vulcão. Quão espessa era essa parede? Tinha cem metros, ou dez? Não era possível saber. Mas os ruídos subterrâneos eram demasiado perceptíveis para serem muito espessas.

Em uma altura maior na parede basáltica, através de fendas pouco visíveis e de prismas mal unidos, uma fumaça ocre transpirava infectando a atmosfera da caverna. Fraturas arranhavam a parede e algumas, mais claramente desenhadas, desciam a apenas noventa centímetros das águas da cripta.

Cyrus Smith ficou um tempo pensativo. Depois murmurou estas palavras outra vez:

– Sim, o capitão tinha razão! Aqui está o perigo e terrível!

Ayrton não disse nada, mas, a um sinal de Cyrus Smith, ele retomou seus remos, e, meia hora depois, eles saíam da cripta Dakkar.

Capítulo 19

Na manhã seguinte, 8 de janeiro, depois de um dia e uma noite passados no curral, Cyrus Smith e Ayrton retornaram à Granite House.

Imediatamente o engenheiro reuniu os companheiros e lhes disse que a ilha Lincoln estava em grande perigo e que nenhum poder humano poderia evitá-lo.

– Meus amigos – disse ele, e sua voz transparecia uma emoção profunda –, a ilha Lincoln não deve durar tanto quanto o próprio globo. Ela está destinada à destruição em um futuro mais ou menos próximo, cuja causa está nela e da qual ninguém poderá salvá-la!

Os colonos se entreolharam e olharam para o engenheiro. Eles não conseguiam entender.

– Explique, Cyrus! – pediu Gédéon Spilett.

– Eu vou explicar – respondeu Cyrus Smith –, ou melhor, vou contar a vocês a explicação que, durante os nossos poucos minutos de conversa secreta, o capitão Nemo me deu.

– O capitão Nemo! – os colonos exclamaram.

– Sim, foi o último favor que ele quis fazer antes de morrer!

– O último favor! – exclamou Pencroff. – Mesmo morto ainda vai nos ajudar!

– Mas o que lhe disse o capitão Nemo? – perguntou o repórter.

– Vou lhes contar, meus amigos. A ilha Lincoln não está nas mesmas condições que as outras ilhas do Pacífico e uma disposição

particular que o capitão Nemo me explicou deve eventualmente levar ao deslocamento de sua estrutura submarina.

– Um deslocamento! Da ilha Lincoln! Ora, vamos! – exclamou Pencroff que, apesar de todo o respeito que tinha por Cyrus Smith, não pôde deixar de tripudiar.

– Ouça-me, Pencroff. Isso foi o que o capitão Nemo constatou, e que eu confirmei ontem durante a exploração da cripta Dakkar. A cripta se estende por baixo da ilha até o vulcão e só está separada da Chaminé central pela parede que encerra sua cabeceira. Essa parede é cravada por fissuras que já permitem a passagem dos gases sulfurosos desenvolvidos no interior do vulcão.

– E então? – perguntou Pencroff, cuja testa estava franzida.

– Então essas fraturas estão crescendo sob a pressão interna, a parede de basalto está se abrindo e em um tempo mais ou menos curto dará passagem às águas do mar de que a caverna está cheia.

– Ora! – respondeu Pencroff, que tentou brincar novamente. – O mar vai apagar o vulcão e tudo estará acabado!

– Sim, tudo estará acabado! No dia em que o mar se precipitar pela parede e penetrar através da Chaminé central para as entranhas da ilha, onde os materiais eruptivos estão borbulhando, nesse dia, Pencroff, a ilha Lincoln vai saltar como faria a Sicília se o Mediterrâneo se precipitasse no Etna!

Os colonos não responderam a essa frase tão afirmativa do engenheiro. Eles compreenderam o perigo que os ameaçava.

Deve-se dizer, aliás, que Cyrus Smith em nada exagerou. Muitas pessoas já tiveram a ideia de que talvez pudessem extinguir os vulcões, que geralmente se erguem às margens do mar ou dos lagos, abrindo passagem para as águas. Mas elas não sabiam que se fizessem isso arriscariam explodir uma parte do globo. A água, precipitando-se em um ambiente fechado cuja temperatura pode ser estimada em milhares de graus, vaporizaria com uma energia tão repentina que nenhuma tampa poderia resistir.

Não havia, portanto, qualquer dúvida de que a ilha, ameaçada por um terrível e iminente deslocamento, só duraria enquanto as muralhas da cripta de Dakkar resistissem. Não seria uma questão de meses ou semanas, mas uma questão de dias, horas talvez!

O primeiro sentimento dos colonos foi uma dor profunda! Eles não pensaram no perigo que os ameaçava diretamente, mas na destruição

da ilha que haviam fecundado, que amavam e que queriam ver florescer ainda mais! Tanto sacrifício em vão!

Pencroff não conseguiu conter uma grande lágrima que escorreu por seu rosto e que ele não procurou esconder.

A conversa continuou por algum tempo. As chances que restavam aos colonos foram discutidas; mas, para resumir, chegaram à conclusão de que não tinham nenhum minuto a perder, que a construção e a aparelhagem do navio tinham que ser aceleradas, e que agora essa era a única chance de salvação dos habitantes da ilha Lincoln!

Todos os braços eram, portanto, necessários. Os trabalhos foram retomados com fervor. Em 23 de janeiro, o navio estava metade contornado. Até então, nenhuma mudança tinha ocorrido no topo do vulcão. Mas durante a noite de 23 para 24, sob a pressão da lava, que chegou ao nível do primeiro andar do vulcão, este ficou sem o cone que formava seu chapéu. Houve um barulho terrível. Os colonos acharam que a ilha estava se movendo e saíram da Granite House. Eram cerca de duas horas da manhã.

O céu ardia em fogo. O cone superior tinha sido lançado na ilha, cujo chão tremeu. Felizmente, o cone se inclinou para o norte e caiu sobre a planície de areia entre o vulcão e o mar. A cratera, então largamente aberta, projetava em direção ao céu uma luz tão intensa que, pelo simples efeito da reverberação, a atmosfera parecia incandescente. Ao mesmo tempo, uma torrente de lavas, inflando até o novo topo, se derramava em grandes cascatas, como a água que escapa de uma banheira cheia de água, e mil serpentes de fogo rastejavam nas encostas do vulcão.

– O curral! O curral! – gritou Ayrton.

Foi, de fato, em direção ao curral que as lavas escorreram, como resultado da orientação da nova cratera, e, consequentemente, eram as partes férteis da ilha, que estavam ameaçadas de destruição imediata.

Todos tinham um só pensamento: correr para o curral e libertar os animais.

Às três da manhã, eles chegaram ao curral. Os terríveis uivos foram suficientes para indicar o pânico dos carneiros e das cabras. Uma torrente de materiais incandescentes caía do sopé sobre a pradaria e corroía esse lado da paliçada. A porta foi aberta bruscamente por

Ayrton, e os animais, assustados, escaparam em todas as direções.

Uma hora depois, a lava fervente encheu o curral, volatilizou a água do pequeno rio que passava por ele, incendiou a habitação, que ardeu como palha, e devorou todo o recinto. Os colonos queriam lutar contra a invasão, tentaram, mas inutilmente, porque o homem está desarmado diante desses grandes cataclismos.

O dia 24 de janeiro amanheceu. Cyrus Smith e seus companheiros, antes de retornar à Granite House, quiseram observar a direção definitiva do dilúvio de lavas. O declive geral do solo descia do monte Franklin para a costa leste, e era temeroso que, apesar das matas espessas do Jacamar, a torrente se espalhasse pelo planalto da Grande-Vista.

– O lago vai nos dar cobertura – disse Gédéon Spilett.

– Espero que sim! – respondeu Cyrus Smith, e não disse mais nada.

Os colonos tentaram chegar à planície na qual o cone superior do monte Franklin havia caído, mas as lavas bloquearam o caminho. O vulcão, descoroado, estava irreconhecível. Uma espécie de ardósia o completava e substituía a antiga cratera. Acima dessa nova cratera, uma nuvem de fumaça e cinza se misturava com os vapores do céu, acumulados sobre a ilha. Grandes raios caíram e foram confundidos com os estrondos da montanha.

Por volta das sete da manhã, a posição já não era sustentável para os colonos, que se refugiaram na borda da floresta do Jacamar. Não só os projéteis começaram a chover em torno deles, mas a lava, transbordando do leito do córrego Vermelho, ameaçava obstruir a estrada para o curral.

Os colonos tinham retomado o caminho para o curral e caminhavam devagar, a contragosto. Enquanto isso, a corrente principal do vale do córrego Vermelho se tornava mais ameaçadora.

Os colonos pararam perto do lago, a oitocentos metros da foz do córrego Vermelho. Eles precisavam decidir sobre uma questão de vida ou morte.

Cyrus Smith, acostumado a enfrentar situações graves, e sabendo que estava falando com homens capazes de ouvir a verdade, disse:

– Existem duas possibilidades: ou o lago vai parar essa corrente, e parte da ilha será preservada da devastação completa, ou a corrente vai invadir as florestas do Extremo Oeste e nenhuma árvore ou planta restará na superfície do solo. Não teremos outra perspectiva sobre

estas rochas nuas senão uma morte que a explosão da ilha não tardará a nos dar!

– Então – disse Pencroff, cruzando os braços e golpeando o chão com o pé –, não há necessidade de trabalhar no barco, certo?

– Pencroff – disse Cyrus Smith –, é preciso cumprir o seu dever até o fim!

Nesse momento, o rio de lavas, seguindo seu caminho através das belas árvores que devorava, chegou à beira do lago. Ali havia certa elevação do solo que, se fosse mais considerável, poderia conter a torrente.

– Ao trabalho! – exclamou Cyrus Smith.

O pedido do engenheiro foi imediatamente cumprido. Essa torrente precisava ser contida, e, assim, forçada a fluir para o lago.

Os colonos correram para o estaleiro, pegaram pás, picaretas, machados, e lá conseguiram, em poucas horas, levantar um dique de um metro de altura por algumas centenas de metros de comprimento.

Já não era sem tempo. O material liquefeito quase imediatamente atingiu a parte inferior do parapeito. O rio inflou como se estivesse em plena enchente e ameaçava superar o único obstáculo que poderia impedi-lo de invadir todo o Extremo Oeste. Mas o dique conseguiu contê-lo, e depois de um minuto de hesitação, ele correu para o lago Grant por uma queda de seis metros de altura.

Os colonos, ofegantes, sem fazer um gesto, sem dizer uma palavra, observaram essa luta dos dois elementos.

Que espetáculo aquele combate entre água e fogo! Que pena poderia descrever esta cena de um horror maravilhoso, e que pincel poderia pintá-la? A água assoviava ao evaporar em contato com a lava incandescente. Os vapores lançados no ar rodopiavam a uma altura incomensurável, como se as válvulas de uma caldeira enorme tivessem sido abertas de repente.

As primeiras lavas que caíram no lago se solidificaram imediatamente e se acumularam para logo emergir. Onde antes havia águas calmas, surgiu um enorme monte de pedras fumegantes, como se a elevação do solo tivesse feito surgir milhares de escolhos. Imagine que essas águas, encrespadas durante um furacão, foram depois repentinamente solidificadas por um frio de 20º, e teremos o aspecto do lago, três horas após a irresistível torrente irromper. Dessa vez, a água seria derrotada pelo fogo.

No entanto, foi uma sorte para os colonos que o derramamento de lava tenha se dirigido para o lago Grant. Eles tinham alguns dias de descanso pela frente. O planalto da Grande-Vista, a Granite House e o local de construção estavam temporariamente preservados. Esses poucos dias precisavam ser empregados para terminar o contorno do navio e para vedá-lo cuidadosamente. Depois ele seria lançado ao mar e os colonos se refugiariam nele, podendo aparelhá-lo quando repousasse em seu elemento.

De 25 a 30 de janeiro, os colonos se dedicaram ao navio com a mão de obra de vinte homens. Mal começavam a descansar e o brilho das labaredas expelidas pela cratera os chamava a continuar trabalhando noite e dia.

A segunda corrente de lava, que havia seguido pelo vale do rio da Cachoeira – um vale largo, cujos terrenos se deprimiam em ambos os lados do riacho – não encontraria quaisquer obstáculos.

Os animais, assustados, jaguares, javalis, capirabas, kulas, bichos de pelo e de pena, se refugiaram ao lado da Misericórdia e no pântano das Tadornas, depois da estrada do porto Balão. Mas os colonos estavam demasiado ocupados com o trabalho para prestar atenção até ao mais temível deles. Além disso, tinham abandonado a Granite House e nem sequer procuraram abrigo nas Chaminés. Eles acamparam debaixo de uma tenda perto da foz da Misericórdia.

Todos os dias, Cyrus Smith e Gédéon Spilett subiam ao planalto da Grande-Vista. Às vezes Harbert os acompanhava, nunca Pencroff, que não queria ver a nova aparência da ilha, tão profundamente devastada!

Era de fato um espetáculo desolador. Toda a parte arborizada da ilha estava agora nua. Um único ramo de árvores verdes se mantinha na extremidade da península Serpentina. Que espetáculo doloroso, que visão terrível, e que pesar para os colonos, que, de uma terra fértil, coberta por florestas, regada por rios, enriquecida com colheitas, foram transportados num instante para uma rocha devastada sobre a qual, sem as suas reservas, nem sequer conseguiriam viver!

– É de partir o coração! – disse um dia Gédéon Spilett.

– Sim, Spilett – respondeu o engenheiro. – Que o céu nos dê tempo para completar este navio que agora é nosso único refúgio!

– Você não acha, Cyrus, que o vulcão parece querer se acalmar? Ele ainda vomita lavas, mas menos abundantemente!

– Não importa. O fogo ainda arde nas entranhas da montanha, e o mar pode se precipitar dentro dela a qualquer momento. Estamos na situação de passageiros cujo navio está sendo consumido por um incêndio que não podem extinguir, e que sabem que, mais cedo ou mais tarde, chegará à pólvora! Venha, Spilett, venha, não percamos um minuto sequer!

Por mais oito dias, ou seja, até 7 de fevereiro, a lava continuou a se espalhar, mas a erupção permaneceu dentro dos limites indicados. Cyrus Smith temia acima de tudo que a matéria liquefeita se espalhasse sobre a praia, e nesse caso o local de construção do navio não seria poupado. Naquele momento, os colonos sentiram vibrações na estrutura da ilha, o que lhes causou grande preocupação.

Era dia 20 de fevereiro. Ainda faltava um mês para o navio ficar pronto para navegar. A ilha aguentaria até lá? A intenção de Pencroff e de Cyrus Smith era lançar o navio assim que o casco estivesse suficientemente vedado. O convés, as roldanas, a estrutura interior e o aparelhamento seriam terminados depois, mas o importante era que os colonos tivessem um refúgio seguro fora da ilha. Talvez até fosse aconselhável levar o navio ao porto Balão, isto é, o mais longe possível do centro eruptivo, porque na foz da Misericórdia, entre a ilhota e a muralha de granito, ele corria o risco de ser esmagado em caso de ruptura. Todos os esforços dos trabalhadores foram, portanto, orientados para a conclusão do casco.

O dia 3 de março chegou e os colonos consideraram que o lançamento estaria pronto em cerca de dez dias.

A esperança voltou ao coração dos colonos, que foram duramente desafiados durante esse quarto ano da sua estadia na ilha Lincoln! O próprio Pencroff parecia sair um pouco da taciturnidade sombria em que tinha mergulhado por conta da ruína e da devastação de sua propriedade. Ele só pensava nesse navio no qual todas as suas esperanças estavam focadas.

– Vamos terminá-lo, senhor Cyrus, e está na hora, pois a estação está chegando ao fim e em breve estaremos em pleno equinócio. Se for preciso, vamos passar o inverno na ilha Tabor!

– Vamos trabalhar depressa! – respondia sempre o engenheiro.

E eles trabalhavam sem perder um minuto.

– Meu mestre – perguntou Nab alguns dias depois –, se o capitão Nemo ainda estivesse vivo, o senhor acha que tudo isso teria

acontecido?

– Sim, Nab – respondeu Cyrus Smith.

– Pois eu não acredito nisso! – sussurrou Pencroff ao ouvido de Nab.

– Nem eu! – respondeu seriamente Nab.

Durante a primeira semana de março, o monte Franklin voltou a ficar ameaçador. Milhares de fios de vidro, feitos de lava fluida, caíram como chuva sobre a terra. A corrente, seguindo a costa sudoeste do lago Grant, passou pelo córrego da Glicerina e invadiu o planalto da Grande-Vista. Esse último golpe desferido ao trabalho dos colonos foi terrível. Do moinho, das construções do galinheiro e dos estábulos, nada restava. Top e Jup deram sinais de muito medo, e seus instintos os avisaram que uma catástrofe era iminente. Muitos dos animais da ilha pereceram durante a primeira erupção. O nefasto horror do espetáculo desafia qualquer tentativa de descrição.

Os colonos ficaram confinados em seu último refúgio e, embora as costuras superiores do navio ainda não tivessem sido calafetadas, eles resolveram lançá-lo ao mar!

Na noite do dia 8 para o dia 9, uma enorme coluna de vapores, escapando da cratera, subiu em meio a terríveis detonações com quase mil metros de altura. Uma explosão, ouvida a cento e sessenta quilômetros de distância, abalou as camadas do ar. Pedaços de montanhas caíram de volta ao Pacífico e em poucos minutos o oceano cobriu o lugar onde a ilha Lincoln tinha existido.

Capítulo 20

Uma rocha isolada, de nove metros de comprimento e cinco de largura, emergindo três metros apenas, era o único ponto sólido que as ondas do Pacífico não tinham invadido.

Foi tudo o que restou do maciço da Granite House! A muralha tinha sido arruinada, deslocada e algumas das rochas do grande salão tinham se empilhado, formando esse ponto culminante. Tudo havia desaparecido no abismo em torno dele. Da ilha Lincoln, só se via essa rocha estreita que foi então usada como refúgio pelos seis colonos e seu cão Top. O pobre Jup tinha, infelizmente, encontrado a morte em alguma fenda do solo!

Se Cyrus Smith, Gédéon Spilett, Harbert, Pencroff, Nab e Ayrton tinham sobrevivido, foi porque, reunidos então sob sua tenda, foram lançados no mar no momento em que os destroços da ilha choviam por todos os lados.

Quando voltaram à superfície, não viram nada além de uma rocha na direção da qual nadaram e conseguiram se abrigar sobre ela.

Foi nessa rocha que eles viveram durante nove dias! Algumas provisões retiradas do depósito da Granite House antes do desastre, um pouco de água doce que a chuva tinha derramado num buraco de rocha, era tudo o que os infelizes tinham. A sua última esperança, o seu navio, estava quebrado. Não havia fogo nem meios de fazer um. Eles estavam destinados a perecer!

Naquele dia, 18 de março, restavam-lhes apenas dois dias de conservas, embora tivessem comido somente o estritamente necessário. Toda sua ciência e inteligência não podiam fazer nada nessa situação. Eles estavam nas mãos de Deus.

Cyrus Smith estava calmo. Gédéon Spilett, mais nervoso, e Pencroff, cego de raiva, iam e vinha sobre a rocha. Harbert não deixava o engenheiro e olhava para ele como se lhe pedisse a ajuda que ele não podia oferecer. Nab e Ayrton resignaram-se ao seu destino.

– Ah! Miséria! – dizia Pencroff. – Se ao menos tivéssemos uma casca de noz para nos levar à ilha Tabor! Mas nada, nada!

– O capitão Nemo fez bem em morrer! – disse Nab uma vez.

Durante os cinco dias seguintes, Cyrus Smith e seus infelizes companheiros viveram com extrema parcimônia, comendo apenas o que era necessário para evitar sucumbir à fome. Harbert e Nab começaram a mostrar alguns sinais de delírio.

Nessa situação, poderiam manter até mesmo uma sombra de esperança? Não! Qual era a única chance deles? Que um navio passasse à vista do recife? Mas eles sabiam, por experiência própria, que os navios nunca visitavam essa parte do Pacífico! Poderiam contar com o fato de, por uma coincidência verdadeiramente providencial, o iate escocês vir precisamente nesse momento procurar por Ayrton na ilha Tabor? Isso era improvável, e, de fato, ainda que se admitisse sua vinda, uma vez que os colonos não tinham conseguido levar até lá um bilhete indicando a mudança da localização de Ayrton, o comandante do iate, depois de procurar na ilhota, sem resultado, retornaria ao mar e seguiria para as baixas latitudes.

Eles estavam deitados naquela rocha, inanimados, quase inconscientes do que estava acontecendo ao redor. Ayrton, em um esforço supremo, levantou a cabeça e lançou um olhar desesperado para o mar deserto!

Mas eis que na manhã de 24 de março os braços de Ayrton se estenderam na direção de um ponto no espaço. Ele se levantou, primeiro se ajoelhando, depois em pé, e sua mão parecia fazer um sinal.

Um navio estava à vista da ilha e não navegava por aventura! O recife era o destino para o qual ele navegava em linha reta, forçando seu vapor, e os infelizes homens já o teriam visto há horas se ainda

tivessem força para observar o horizonte!

– O *Duncan!* – murmurou Ayrton e caiu sem forças.

Quando Cyrus Smith e seus companheiros recobraram a consciência, graças aos cuidados que receberam, eles estavam na cabine de um *steamer*, sem entender como tinham escapado da morte.

Uma palavra de Ayrton foi suficiente para explicar tudo.

– O *Duncan*! – ele murmurou.

– O *Duncan!* – respondeu Cyrus Smith. – E erguendo os braços para o céu, gritou: – Ah! Deus todo-poderoso! Então o Senhor quis que fôssemos salvos!

Era o *Duncan*, de fato, o iate de lorde Glenarvan, então comandado por Robert, filho do capitão Grant, que tinha sido enviado para a ilha Tabor para buscar Ayrton e levá-lo de volta após doze anos de expiação. Os colonos estavam salvos e a caminho de casa!

– Capitão Robert – perguntou Cyrus Smith –, quem poderia ter-lhe dado a ideia, depois de deixar a ilha Tabor, onde não teria mais encontrado Ayrton, de seguir cento e sessenta quilômetros a nordeste?

– Senhor Smith – respondeu Robert Grant – foi para buscar, não só Ayrton, mas também o senhor e seus companheiros, que vim!

– Meus companheiros e eu?

– Sem dúvida! Na ilha Lincoln!

– Ilha Lincoln! – exclamaram ao mesmo tempo Gédéon Spilett, Harbert, Nab e Pencroff com enorme espanto.

– Como o senhor conhece a ilha Lincoln – perguntou Cyrus Smith –, uma vez que essa ilha nem sequer está indicada nos mapas?

– Descobri através do bilhete que os senhores deixaram na ilha Tabor – respondeu Robert Grant.

– Um bilhete? – perguntou Gédéon Spilett.

– Sim, aqui está ele – respondeu Robert Grant, apresentando um documento que indicava em longitude e latitude a posição da ilha Lincoln, “a residência atual de Ayrton e de cinco colonos americanos”.

– O capitão Nemo! – disse Cyrus Smith, depois de ler o bilhete e constatar que tinha sido escrito pela mesma mão que escreveu o bilhete encontrado no curral!

– Ah! – disse Pencroff. – Então foi ele quem tomou o *Bonadventure* e se aventurou, sozinho, na ilha Tabor!

– Para deixar este bilhete! – respondeu Harbert.

– Eu tinha toda a razão em dizer que mesmo após a sua morte, o

capitão nos faria um último favor! – exclamou o marujo.

– Meus amigos – disse Cyrus Smith com uma voz profundamente comovida –, que o Deus de todas as misericórdias receba a alma do capitão Nemo, nosso salvador!

Ao ouvirem essa última frase de Cyrus Smith, os colonos se descobriram e murmuraram o nome do capitão. Nesse momento, Ayrton, aproximando-se do engenheiro, perguntou:

– Onde ponho este cofre?

Era o cofre que Ayrton tinha salvado arriscando sua vida quando a ilha estava afundando e que ele agora entregava orgulhoso ao engenheiro.

– Ayrton! Ayrton! – disse Cyrus Smith com profunda emoção. Em seguida, dirigindo-se a Robert Grant: – Senhor – acrescentou –, onde vocês deixaram um homem culpado, encontram agora um homem a quem a expiação fez honesto novamente, e de quem eu tenho orgulho de cerrar a mão!

Robert Grant foi informado da estranha história do capitão Nemo e dos colonos da ilha Lincoln.

Quinze dias depois, os colonos desembarcaram na América e encontraram sua pátria pacificada depois da terrível guerra que conquistou o triunfo da justiça e do direito.

Das riquezas do cofre legado pelo capitão Nemo aos colonos da ilha Lincoln, a maior parte foi usada para adquirir uma grande propriedade no estado de Iowa. Apenas uma pérola, a mais bela, foi desviada do tesouro e enviada a Lady Glenarvan, em nome dos náufragos repatriados pelo *Duncan*.

Naquela propriedade, os colonos convocaram ao trabalho, ou seja, à fortuna e à felicidade, todos a quem esperavam oferecer a hospitalidade da ilha Lincoln. Fundaram uma vasta colônia à qual deram o nome da ilha desaparecida nas profundezas do Pacífico. Havia um rio chamado Misericórdia, uma montanha chamada Franklin, um pequeno lago chamado Grant e florestas que se tornaram as do Extremo Oeste. Era como uma ilha em terra firme.

Lá, sob a inteligente mão do engenheiro e de seus companheiros, tudo prosperou. Todos os ex-colonos da ilha Lincoln estavam lá, porque eles tinham jurado viver sempre juntos: Nab onde seu mestre estava, Ayrton pronto a se sacrificar caso fosse necessário, Pencroff, mais fazendeiro do que já tinha sido marujo, Harbert, cujos estudos

foram concluídos sob a tutoria de Cyrus Smith, e o próprio Gédéon Spilett, que fundou o *New Lincoln Herald*, transformado no mais bem informado jornal no mundo.

Lá, finalmente, viveram todos felizes, unidos no presente como tinham sido no passado. Mas eles jamais esqueceriam essa ilha em que chegaram pobres e nus, essa ilha, que, por quatro anos, tinha suprido suas necessidades e de que não restou nada além de um pedaço de granito carregado pelas ondas do Pacífico, o túmulo do capitão Nemo!

A ILHA MISTERIOSA

TEXTO ADAPTADO

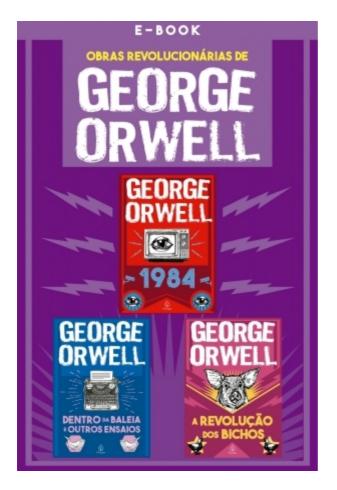
HENRIK IBSEN
UM INIMIGO DO POVO
Principis

A ODISSEIA
TEXTO INTEGRAL
HOMERO
Principis

Minha VIDA,
minha OBRA
HENRY
FORD
Principis

Compre agora e leia

O Morro dos Ventos Uivantes
Emily Brontë
Principis

Compre agora e leia

E-BOOK
OBRAS REVOLUCIONÁRIAS DE
GEORGE ORWELL
GEORGE ORWELL
1984
GEORGE ORWELL
DENTRO DA BALEIA E OUTROS ENSAIOS
GEORGE ORWELL
A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

Compre agora e leia